This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

B 1,028,157

DE ESTREMOZ
EX-LIBRIS RAFAEL MARIA RUDIO

REVISTA POPULAR

SEMANARIO

DE

LITTERATURA, SCIENCIA E INDUSTRIA

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO DE

Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.

VOLUME QUINTO.

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA REVISTA POPULAR

1852

AP
65
.R495
V.5

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

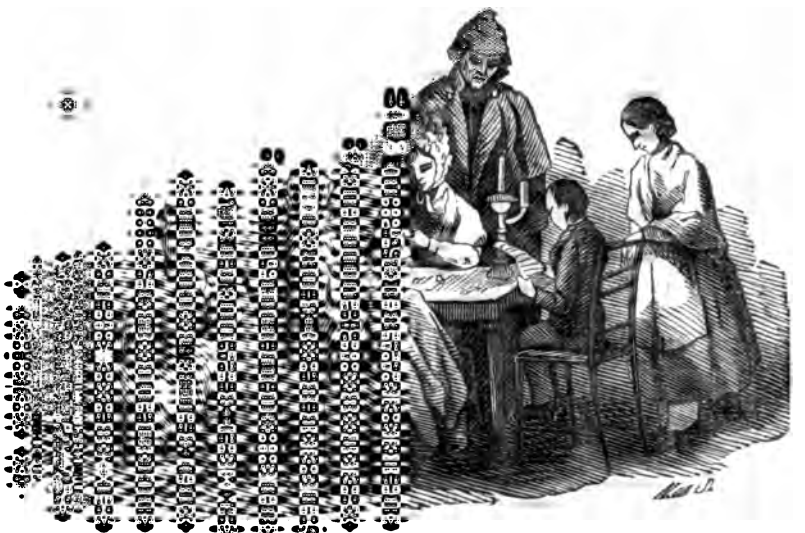
A. B. C. — pag. 2
Abbas, Pachá-Vice-rei do Egypto — pag. 201
Abolição das fogueiras das viuvas na India — pag. 22
Academia de poesia comtemporanea — pag. 351
Academia de improvisação do sr. Bindocci — pag. 381
Acon — pag. 361
Agua, exercicio e dieta — pag. 23
Algodão e sua industria — pag. 163
Algumas palavras sobre a questão pecuaria a proposito da proxima exposição de gados — pag. 33, 42, 50 57, 65, 74
Anaïde Castellan — pag. 350
Analyse das agoas pluviaes pag. 132
Anecdota — pag. 231
Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China — pag. 378
Arabe do deserto (o) — pag. 81.
Alvite de grande interesse para a agricultura — pag. 321, 347, 355
Bab-el-Hadin — porta do norte da cidade de Tebessa — pag. 185
Balmoral — palacio da rainha Victoria — pag. 161
Bibliographia — Murmurios — por A. Lima — pag. 150
Bibliographia Ecclesiastica — Barcellona — 1848 a 1852 — pag. 295
Blainville — pag. 225
Boa maneira de lograr credulos pag. — 16
Brincadeiras d'entrudo (as) — pag. 63
Cá e lá más fadas ha — pag. 31
Cafés em Roma — pag. 62
California — pag. 94
Caminhos de ferro — pag. 329
Caminhos de ferro na Inglaterra — pag. 12
Camisa do homem feliz (a) — pag. 287
Carnaval — pag. 49.
Castello de Montesquieu — pag. 129
Castigo merecido — pag. 295.
Catalogo das plantas do horto Botanico da Escóla Medico Cirurgica de Lisboa, pelos Srs. Dres. Bernardino Antonio Gomes. e Beirão — pag. 91, 100
Caudelarias — pag. 178, 196, 218, 233, 242, 250, 266, 297, 306, 337, 362
Cavallo sem pellos — pag. 22.
Casamento desfeito — pag. 344
Cezarina, — pag. 108, 116, 124, 133, 139, 148, 157, 164, 171, 182
Chateaubriand — pag. 273
Chim na exposição (o) — pag 6, 13, 20
Chocolate (do) sua origem — pag. 51
Cogoleto, logar em que se supõe nasceu Christovão Colombo — pag. 241
Collegio do Portico — pag. 208.
Combate de aves por odio internacional — pag. 79.
Como acabou um artista — pag. 22
Composição para um café artificial — pag. 52
Congresso de paz — pag. 78
Consumo de carne em Londres — pag. 62
Corôa d'espinhos — pag. 101
Correspondencias — pag. 4.
Corta raizes — pag. 56
Creação da mulher (a) — pag. 286
Cura de um poeta — pag. 255.
Desespero que póde dar um attaque apopletico — pag. 55.
Desterroador — pag. 72
Dombasle — pag. 249
Duas divisas (as) — pag. 239, 246, 252
Econome — pag. 85
Edificio destinado para fabrica de fiação de linha no sitio dos Rodiados — pag. 105
Edital assignado com o nome de Philadelphia — pag. 365.
Egreja da Collegiada de Guimarães (a) — pag. 33, 41.
Egreja de Santa Maria de Bethleem — pag. 89
Emprego do Peixe para estrumar as terras (do) — pag. 93
Empreza de navegação a vapôr — pag. 154
Ensino gratuito no collegio do Portico (o) — pag. 255
Entre Hespanha e França a ponte de Behobia — pag. 337
Escóla Central das artes e manufacturas em Paris — pag. 377
Estudos sobre Cabo Verde — pag. 70, 169, 181, 226, 274, 281, 339, 345, 364, 371
Exauturação do regicida Merino — pag. 46
Exhumação d'uma mumia — pag. 71
Expediente — pag. 40
Expediente engenhoso — pag. 248
Exposição agricola — pag. 3, 10, 18, 26, 82, 89, 97, 106, 131 138, 145
Exposição de gados em Belem — pag. 185, 194, 202, 210,
Exposição philantropica — pag. 11
Extincção dos incendios pelo vapôr da agoa — pag. 93
Estratagema d'um advogado — pag. 197
Feitiço contra o feiticeiro (o) — pag. 151
Fertilidade comparativa entre o antigo e novo mundo — pag. 184
Filha da rainha (a) — pag. 269 277, 284, 293, 300
Fonte de cana na Palestina (a) — pag. 233
Fragmentos do relatorio de Kinfáo-li-tsa sobre a exposição dos barbaros — pag. 7.
Gallinha de Honorio (a) — pag. 240
General Hurquiza (o) — pag. 137
Gigante dos Alpes (o) — pag. 217
Guerra aos botequins — pag. 319
Gutta-percha (a) — pag. 355
Ildegonda — pag. 20
Impertinencia bem punida — pag. 302
Insignias militares em 1719 — pag. 175 — 183
Instrumentos de Sax — pag. 382.
Ir por lã e vir tosquiado — pag. 248
Irún — pag. 313
Juizo imparcial sobre a Prophecia — pag. 303
Justiça — pag. 271
Justiça Turca (a) e a Justiça Franceza — pag. 37
Kreuznach — pag. 65
Lavadeiras Escocezas — pag. 9
Lava raizes — pag. 61
Le retour — pag. 374
Linha de vapores entre Portugal e o Brazil — pag. 290
Londres — o museu britanico — pag. 353
Londres — o Tunnel — pag. 345
Luz, ar, e agua — pag. 52
Mais uma applicação das cordas de rebeca — pag. 52
Malibran preta (a) — pag. 265
Maquina de atorçoar grão — pag. 56
Mares da India — pag. 23
Marinha franceza, e marinha ingleza — pag. 45

Marinha macaense — pag. 330
Marmore facticio fabricado em Lyão — pag. 55
Meio de destruir as sanguesugas que infestam os bebedouros dos animaes — pag. 235
Melhoramentos municipaes — pag. 36
Merino — pag. 73
Minnha primeira viagem (a) — pag. 135
Modas — pag. 31, 64, 96, 135, 144
Molestia das uvas — pag. 298
Mr. Luiz Benjamin Francœur — pag. 153
Mr. de Talleyrand — pag. 335
Morte — pag. 159
Morte de Priessuitz — pag. 23
Morte preventiva — pag. — 16
Mulheres medicos — pag. 62
Mulheres podem fallar sem lingoa (as) — pag. 271
Navegação portugueza a vapôr para o Brazil — pag. 314
Necrologio — pag. 87, 112
Noticias diversas — pag. 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64, 72, 80. 88. 96, 103, 112, 119, 128, 136, 144, 151, 160, 168, 176, 184, 192, 200, 208. 216, 223, 232, 240, 248, 256, 264, 272, 279, 287, 295, 303, 311, 320, 328, 335, 344, 352, 360, 368, 375, 384
Noticia historica dos sapatos e das botas — pag. 44
Nova expedição, em busca de sir Jonh Francklin — pag. 143
Novo achado para a archeologia — pag. 92
Offerta do Presidente da republica Franceza a Lord Crainville — pag. 87
O que fez um marido para que sua mulher o amasse — pag. 28
Orçamento da Turquia — pag. 334
Origem da descoberta das pedras lythographicas da serra d'Arrabida — 356
Origem das folhas para escrever, dos livros e dos papeis de escripta e de impressão — pag. 123
Origem do mosaico — pag. 35
Origem e progresso da jaezação dos instrumentos de limpeza e das alfaias de estrebaria — pag. 59, 83, 113
Ostras (as) — pag. 228
Pagamento de uma divida (o) — pag. 111
Partida (a) — pag. 326
Pauperismo — pag. 127
Pedro Simão Laplace — 193
Perda d'um amigo (a) — pag. 150
Pescador (o) — pag. 37
Poder dos Poetas — pag. 272
Poeta (o) ao Cysne do Vouga — pag. 294
Ponte sobre o Téjo, no caminho de ferro de Madrid a Aranjuez — pag. 305
Porto de Passages — pag. 281
Praça de S. João da Luz — pag. 329
Preceitos para a avaliação dos cavallos, pag. 36 — 44
Primeira dita e ultimo recurso — pag. 84
Primeiras noções de physica — pag. 201
Principios geraes de um bom systema de credito — pag. 292
Processo empregado no meio dia da França para imitar o nosso vinho da madeira (do) — pag. 39
Processo para preparar as pelles sem necessidade de cortil-as — pag. 86
Processo para tirar o ranço á manteiga — pag. 28
Productos dados pelo cadaver de um cão — pag. 63
Projecto para a fundação de um Instituto Agromico Lusitano — pag. 231
Quadro de familia na vida domestica, em estação invernosa — pag. 1
Reforma do Correio — pag. 5
Reforma ou revolução religiosa do seculo XVI — pag. 114, 121, 130, 147, 162, 171, 177
Resposta a tempo — pag. 367
Revista do anno de 1851 (a) — pag. 20
Rocha de Biarritz — pag. 321
Ruinas — pag. 17
Ruinas do Castello de Tantallan em Edimburgo — pag. 169
Sagacidade de um Peruviano — pag. 279
Santo Ignacio de Loyola — pag. 297
S. Sebastião — pag. 289
Saudação do peregrino a Nazareth do alto da Barquinha — pag. 257
Sceptro e punhal — pag. 317, 323, 333, 341, 349, 356, 366, 372, 378
Segredo gurdado sem ameaça de pimenta — pag. 302
Seu a seu dono (o) — pag. 176
Sexo duvidoso — pag. 23
Sic arts deluditur arte — pag. 301
Signaes para reconhecer a gravidez das principaes femeas domesticas — pag. 244, 260
Sociedade Israelita — pag. 79
Sociedade protectora dos animaes — pag. 187, 211
Soldados lanceiros que aprendem a lêr pelo methodo da leitura repentina — pag. 316
Statistica theatral — pag. 374
Syllabario compositor — pag. 39
Talismans (os) — pag. 206, 221
Tanto tens quanto vales — pag. 319
Templo de S. Domingos de Palenké — pag. 57
Terramoto de Lisboa — pag. 251, 259
Terramoto de 16 d'abril de 1852 na ilha de S. Miguel — pag. 141
Testamento de um musico ambulante — pag. 302
Theatros — pag. 7, 47
Theatro de D. Fernando — pag. 103.
Theatro do Gymnasio — pag. 360
Theatro de S. Carlos — pag. 24, 31, 72, 80, 88, 95, 103, 119, 127, 135, 143, 151, 159, 167, 301, 310, 327, 335, 344, 359, 368, 382
Tivoli (Heinse) — pag. 369
Torre de Ragés na Persia (a) pag. — 177
Tres Parcas de Miguel Angelo — pag. 209
Tumulo de Zacharias (o) — pag. 97
Tutelar (a) — pag. 99
Um adulador castigado — pag. 248
Um author recompensado como muitos com um privilegio de mendigo — pag. 240
Um caçador de coelhos — pag. 327
Um desvio d'educação — pag. 60
Um grande massador — pag. 352
Um homem de juizo — pag. 175
Um homem indispensavel — pag. 67, 76
Uma errata — pag. 264
Uma estrella — pag. 15
Uma aposta original — pag. 215.
Uma lição — pag. 223
Uma mulher sem lingua — pag. 286
Uma nobre vingança 213, 229, 236, 245, 262, 267, 276 383, 308
Uma ordem bem dada — pag. 176
Uma Saloia ao Domingo — pag. 25
Utilidade da urtiga ordinaria — pag. 93.
Valor bem avaliado (o) — pag. 375
Valor de uma pedra falsa (o) — pag. 53
Velhos retratos (os) — pag. 188
Verdade (a) — pag. 167
Versos a um gato — pag. 271
Versos recitados aos alumnos gratuitos no Collegio do Portico — pag. 278
Viagem de uma libra d'Algodão na Inglaterra — pag. 79
Vida (a) — pag. 166
Vozes dos animaes (as) — pag. 21

[illegible] POPULAR

[illegible] — LEITURA PARA TODOS.

[illegible] QUINTO.



[illegible] da estampa.

saraus, menos diversões ruidosas; porém mais fartura, mais virtude, melhor fé, e menos precisão de encobrir a miseria. Não pareciam então longas as noites de inverno, porque o trabalho, e practicas innocentes, as tornavam breves; e uma familia, como a que pintâmos, provida de abafos, e conchegos contra o frio, saboreava o prazer de sentir lá fóra o inverno, sem se atrever [illegible] levar [illegible] lhe [illegible] asa. [illegible]

do da tormenta bemdiz-se o Creador, pelos commodos, que nos faculta.

No inverno tornam-se as relações mais intimas; travam-se, e renovam-se amisades; e até se estreitam os laços do amor conjugal, o mais dôce de todos os amores, e aquelle só, que a egreja abençôa.

Tornemos á estampa.

Em quanto o bom do pae se regosija com a vista dos filhos, pedaços de sua alma; em quanto uns trabalham, e outros folgam, que faz a filha mais velha, que já conta alguns lustros, e que ajuda sua mãe nas lidas caseiras?

Está desempenhando a mais pia de todas as tarefas: está trabalhando para os enteados da fortuna. No meio das commodidades que os seus haveres lhe facilitam, não se deslembra do pobre, que está tiritando, na sua choupaninha rota e desagasalhada, onde a fome, e a tristeza o perseguem; e querendo ella, como bondosa que é, mitigar a sorte dos infelizes, coopera para uma festa, instituida por damas, e de que hão-de provir grandes confortos, para os necessitados; está fazendo obras de agulha para a Exposição Philantropica, para esta realisação de um pensamento, que os anjos celestes inspiraram aos anjos da terra; por que a Exposição é um campo, em que se colhem esmolas, e as esmolas se convertem no Céo em rosas, como já se converteram na terra, pelas mãos da sancta rainha Isabel.

Pedro Diniz.

A B C.

Um homem, dos de maior e melhor sciencia, Bernardin de St. Pierre, fez o elogio da ignorancia. A ignorancia dos successos futuros é sem duvida um grande desconto no rol das penas quotidianas; a ignorancia de muita coisa passada permitte-nos vêr no mundo antigo esplendidas grandiosidades, com cujas miragens nos deliciâmos, e de cujos vultos phantasticos compomos exemplares eternos, para fecunda emulação; a ignorancia do pensamento e sentimentos intimos dos que nos cercam, torna possivel entre todos a convivencia, que aliás fôra substituida pelos odios, pelas vinganças, por uma guerra passiva e activa, perpetua e universal; emfim, o ideal, a alma da poesia, esse verniz multicor e cambiante, que lustra e aformosenta mais ou menos as idéas e a lingoagem, os affectos e as acções, até dos individuos menos poetas, o ideal, desappareceria na hora em que a naturesa deixasse arrancar de todo os véos mysteriosos, que a envolvem, e que os esforços do genero humano apenas conseguem rasgar, ou romper n'uma ou n'outra parte.

Entretanto, se a Providencia parece haver maternalmente destinado o homem a muita ignorancia, é certo que ella mesma lhe deu attracção natural para a luz, cubiça instinctiva de descobrir, sedes insaciaveis de saber. Entrados ao mundo, tudo perguntâmos aos que já achâmos nelle; depois, quando julgâmos ter exhaurido a sciencia experimental, tradicional, confusa, contraditoria, escacissima, do vulgo dos espiritos, recorremos ao que se nos aponta como oraculos e pontifices, aos livros, aos mestres; interrogâmol-os sobre todos os pontos, com fé, com devoção, com fanatismo, preparados para esta religião das obras de Deus, como bons neophytos, pela docilidade, pela humildade, pelo silencio, pela abstinencia das mundanidades, pelo sacrificio dos prazeres profanos, victimas essas que engrinaldâmos para o holocausto com as mais bellas e accesas flores da nossa quadra juvenil! Mas do tabernaculo, perante o qual nós palpitâmos de joelhos, apenas resumbram alguns raios de luz, mais para irritar, que para satisfazer as nossas cubiças; as respostas do oraculo augmentam as nossas perplexidades; e á maior parte das nossas supplicas, responde o silencio mais profundo. Os genios predestinados, os talentos de eleição, comprehendendo que a maior parte da verdade jaz ainda encoberta, e que nesta obra de escavação infinita, ha tarefa para todos os homens, para todos os povos, e para todos os tempos, em vez de se limitarem em consultar os ministros da grande Isis, ousam ir, como elles e com elles, consultal-a a ella propria. É assim que o numero dos exploradores da natureza cresce de dia para dia, e, graças aos seus esforços, de anno para anno se augmenta o incompletavel thesouro do saber humano. Aqui se dilatam as conquistas, por esses céos afóra, pelos dominios do infinitamente grande; alli, as conquistas, ainda mais uteis, e não menos difficeis, pelos corpos do nosso globo adentro, até ás fronteiras do infinitamente pequeno; uns, entrevêem ou sonham a distribuição hierarchica, o systhema social de mutuas relações e dependencias, que de tantos pequenos mundos, como o homem, o insecto, o baubabe, o bisso, a montanha, o grão de areia, faz um planeta, e deste com outros e o sol, uma familia, e das familias de astros entre si um systhema desconhecido. Quaes escrutam a alma nas suas diversas regiões; quaes, o coração nos seus abysmos; estes as relações do homem com o creador, e do natural com o sobrenatural; aquelles, as do cidadão com a cidade; aquel'outros, as das nações com as nações; depois, cada nova acquisição de verdade vae produzir uma arte nova, modificar uma já existente, e por essa influir em todas, crear outros costumes, outros gostos, outras necessidades, outro ser; introduzir um canto inesperado no poema das metamorphoses, que principiou com o mundo, e que só com o mundo ha de acabar.

Se o Creador reservou para si o segredo da Natureza, de que nos fez uso-fructuarios, permittiu não obstante, que delle fossemos descobrindo tudo quanto nos podesse convir; e com a propensão que a todos impetuosamente nos leva a devassar o desconhecido, tacitamente nos impoz, não só o direito, senão o dever de procurarmos a sciencia. Aos espiritos primogenitos, aos morga-

dos da intelligencia, aos homens como que illuminados por um raio de cima, pertence a gloria de descobrir. Por esses genios, como por Moysés, se communicam, de algum modo, as creaturas com o Creador. Aos escriptores, que fallam com as turbas, ás quaes aquelles prophetas mal se poderiam dirigir directamente, pois empregam lingoagem que ellas não entendem, aos escriptores, arautos da civilisação e do progresso, pertence o suave e glorioso encargo de distribuir de continuo os conhecimentos recrescentes, pelas pobres almas sem numero, a quem o trabalho ou a preguiça, a opulencia ou a miseria, o tumulto dos grandes povoados, ou a embuscada solidão das serras e casaes, veda irem receber da primeira mão, e inteiras, as noticias, que directa ou reflexamente a todos interessam.

A *Revista Popular* comprehende, ama, e forceja por cumprir o officio, que o seu nome lhe está impondo; no seu programma se vê o como é sua intenção repartir com o povo, que se não póde ir assentar ao lauto festim da sciencia, tudo quanto por lá vir de mais succolento e appetitoso. Qual será o escriptor de alma e coração, que não sympathise com tão benefico empenho? Convidados á honra de ministrar em tal mesa, acceitámos com alacridade; e por tão publica escriptura, como esta é, nos obrigâmos a coadjuvar, quando e quanto nossas outras obrigações nol-o permittirem, os zelosos redactores da *Revista Popular*, no seu proposito de disseminar os conhecimentos prestadios. Nesse multiplice lavor uma só parte queremos para nós; os sabios, que vão tomar das futuras colheitas de cada sciencia, o que mais importante lhes parecer; nós, havemos de nos limitar em trabalho menos attractivo e glorioso, sim, mas sem o qual esses presentes ricos não podem ser recebidos, ou recebidos, não podem ser aproveitados: fallâmos do primeiro desbravar dos espiritos, fallâmos da instrucção primaria, fallâmos do humilissimo, do preciosissimo ler e escrever. E realmente, de que poderá servir a sciencia, e toda a sciencia imaginavel, a um povo, cuja quasi totalidade, carecente dos primeiros rudimentos litterarios, não a póde receber, nem sequer a sabe desejar? De annos a esta parte absorvidos neste pensamento unico, referindo a elle todos os nossos trabalhos de dia, de noite todas as nossas cogitações e todos os nossos sonhos, já se nos não ha de haver a vangloria, se dissermos chammente que nos sentimos habilitados para fallar de consciencia em taes materias; as nossas doctrinas assumiram a sua força da experiencia; não são já só os raciocinios, são os factos, numerosos, publicos, incontestaveis, que as abonam. Queremos-lhes, por que são boas e humanas, queremos-lhes, porque nos custaram martyrios; queremos-lhes porque as completámos na pratica; tendo por collaboradores, sem elles o saberem, os proprios rapazinhos descalços, e seminus, a quem ensinavamos, cardumes dos quaes sabem lêr, e, o que mais é, não detestam o lêr, senão que o preferem a todos os passatempos; queremos-lhes, até por lhes não quererem, e as perseguirem, os eunúcos da republica litteraria, os demonios incubos da civilisação, os inimigos do dia de Deus, cuja aurora neste seculo vem rompendo de todas as partes do horisonte ao mesmo tempo; queremos sim, e queremos infinitamente ao ensino rapido, aprazivel, e perfeito; por elle nos havemos de sacrificar até ao fim, na imprensa, e na escóla, na suasoria e no trabalho, por nós, pelos amigos, pelos conhecidos, pelos desconhecidos. Em quanto a terra nos não encher a bocca, havemos de invocar para a instrucção dos filhos da plebe, para a dos burguezes, para a dos nobres, para a dos criados de servir, para a dos operarios, para a dos soldados, para a dos marinheiros, para a dos presos, para a dos infermos nos hospitaes, para a de todos, o juizo, e o amor dos paes e mães, dos donos, e directores de officinas, das auctoridades administrativas, dos prelados e parochos, dos commandantes de mar e terra, dos ricos e influentes, dos sabios, dos litteratos, dos jornalistas, do corpo legislativo, e do governo. Todos temos que trabalhar em obra cujos effeitos prosperrimos são para todos, e fará Deus que nos não vejamos sós, nem sejâmos poucos, neste descobrimento do verdadeiro mundo novo.

A. F. de Castilho.

Exposição agricola.

Chegou em fim a vez de vêrmos aberta em Portugal uma exposição agricola.

Depois das exposições da industria e das bellas-artes, era justo que a agricultura, esta arte mãe de todas, não ficasse desherdada do direito á publicidade.

Ha factos que por si mesmos se avaliam. Este afigura-se-nos tão significativo e fecundo de esperançosos resultados, que seja qual fôr a fórma mais ou menos pomposa, como haja correspondido á espectativa, não receiâmos em o conceituar de um passo mais vencido no caminho da civilisação, de mais um signal de vida, de mais um direito a sermos contados na lista dos povos, que commungam no credo da felicidade humana, pelo fomento da commodidade material.

Assim como muitos, nós fômos á exposição agricola impellidos menos pela esperança de admirar as amostras da nossa producção agricola, do que para vermos consagrar debaixo daquellas abobadas, um facto transcendentissimo, que póde vir a ser, e temos fé que será, precedente de uma futura redempção economica.

Posto que a exposição, para primeira tentativa, excedesse, quanto ao numero e riqueza dos productos, as esperanças de muitos, ninguem comtudo, conhecedor das cousas da nação, foi alli para avaliar, para adquirir o metro verdadeiro, do estado da nossa agricultura.

Foi-se alli para saudar aquelle principio, para o festejar, como se festeja o lançamento da pedra

angular do edificio que depois se espera vêr crescer e concluir.

Nem foi outro certamente o designio, inicial pelo menos, do sr. Ayres de Sá Nogueira.

Só quem não comprehende, ou não provou ainda, a inercia que necessita vencer qualquer boa idéa, nesta nossa terra, para ir ávante, é que poderá pensar de outra sorte.

Lembremo-nos que a iniciativa partiu de um só individuo; que os nossos lavradores, parte por somenos consideração ao objecto, parte pelas difficuldades dos transportes, todos por falta de um centro agricola, que os reunisse no interesse commum, tanto para este como para outros actos, não accederam tanto quanto podiam ao convite de s. ex.ª, que emfim o governo, ainda que deu n'alguma cousa o seu apoio, não perfilhou abertamente a idéa, nem a fez convenientemente fructificar, com os elementos officiaes de que vantajosamente podia dispôr neste caso.

Longe entretanto de nós a intenção de increpar o governo; já fez bastante em não se oppôr, e fez muito no pouco que fez, tão habituados estâmos a vêr baldadas as tentativas deste genero.

Louvamol-o, ao contrario, para que elle consolide e dê permanencia official a esta tão modesta quão util festividade nacional; louvamol-o para que, com maior direito e franqueza, possamos tributar ao cidadão benemerito, os encomios e o galardão que lhe resultam de tão assignalado serviço. O nome do sr. Ayres de Sá Nogueira pertence já agora aos fastos da agricultura portugueza, como os *Matheus Dombasle*, os *Olivier* des *Serres*, os *Gilbert*, etc., á agricultura franceza.

A inauguração da exposição esteve muito concorrida e mais o estaria a não ser o máu tempo. — Viam-se alli individuos de todas as classes; os matizes politicos confundiam-se á porfia como para imitar a mistura variegada das especies expostas.

Ainda bem que os partidos começam a comprehender, e a demonstrar, essa nobre grandeza de alma e amor patrio, unindo-se em volta das grandes idéas, congregando-se para os interesses vitaes, e deixando, para desenfado e exercicio hygienico do orgão vocal, as questiunculas de rivalidade e despeito, ninharias estereis e insulsas, que por ahi se chamam irrisoriamente a alta politica, e que se parecem tanto com ella como a côrte carvoeira do imperador *Soulouque* com a de Versailles de Luiz XIV ou de Napoleão.

Suas Magestades e Altezas, a Serenissima sr.ª infanta D. Isabel Maria, sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, dignaram com a sua presença de abrilhantar mais a solemnidade da exposição. Esteve tambem presente a maior parte do ministerio. Uma forte girandola annunciou a entrada de Suas Magestades, e neste momento foram corridas as cortinas, que occultavam o retrato do nosso rei D. Diniz, por antonomasia o *Lavrador*, tocando-se em seguida o hymno do lavrador, expressamente composto para este dia. — Figurou-se-nos então que entre aquella regia sombra e a realeza viva, que entrava, se trocavam mysteriosamente mudos signaes de jubilo e congratulação: é que nós temos a felicidade de possuir outra vez no throno quem symbolise tambem a real protecção da agricultura; quem irmane com aquelle monarcha, senão no poder, ao menos no gosto, no sentimento, e nas convicções do bem publico; é que se um cidadão incançavel no zêlo patrio tinha posto por obra uma concepção grandiosa, tinha tambem havido um rei patriota, que a soubera comprehender, que partilhára do mesmo enthusiasmo, e se lhe associára para a execução, prestando o seu poderoso auxilio.

Consta-nos que Sua Magestade El-rei lembrára a não menos vantajosa exposição pecuaria, manifestando os maiores desejos de que quanto antes fosse realisada. Dizem-nos que se realisará em maio.

Eis-aqui como o edificio cresce; o governo deve deixar o simples papel de expectador e entrar de coração, como architecto, nesta obra de regeneração verdadeira; não lhe faltam para isso os planos nem o bom conselho.

Lapa.

Correspondencia.

Um dos nossos correspondentes de provincia dirigiu-nos uma carta de que extraímos os seguintes periodos:

Como a exposição agricola está aberta, e eu não posso daqui remetter trigo, e mais algum objecto á dita exposição; permitta-me V. que o entretenha com o seguinte, que julgo necessario ao lavrador. — Pode-se imaginar um lagar de azeite, que tenha um moinho sem partir o caroço? Lembra-me o seguinte: uma casa com a figura d'um parallelogramo, do comprimento de 25 pés, e 18 de largura; formar-se-hão 4 forquilhas de ferro, de grossura conveniente para poderem com o pêso de 2 cylindros dentados, parallelos, e eguaes; sendo o eixo meia vara excedente da forquilha, onde tenha um carrete, ou lanterna, que será movida por uma roda horizontal, cujos dentes terão a dimensão de 30 linhas, ou 2 pollegadas e meia de dente a dente; esta roda será movida por um animal domestico. Ora, sobre os cylindros, e em altura conveniente, estará suspensa, em 2 vergalhões de ferro, uma tolda (similhante ás que se usam, de madeira, nos moinhos de farinha) para deixar caír a azeitona, a qual deverá ter um pedaço de azinho curvo, quanto seja necessario para ir caír sobre a lanterna, e poder, pela sacudidura, caír a precisa quantidade de azeitona, que possa ser triturada pelos cylindros. A abertura inferior da tolda, será relativa ao tamanho dos cylindros; como por exemplo: sendo os cylindros de 3 pés de comprimento, e 4 de circumferencia, a abertura não poderá ter, talvez, mais de 4 pollegadas quadradas. Por baixo dos cylindros haverá uma sepecie de reservatorio parallelogramico, e de dimensões taes, que não se desperdice massa alguma. Parece-me que o

quadrado de 18 pés é sufficiente para o passeio do animal. A casa, como já disse, além das dimensões necessarias, deve ter luz para que só de noite se gaste azeite. As prensas são mais vantajosas ao lavrador, ou proprietario da azeitona, com quanto o não sejam para os donos dos lagares. A questão toda está em descobrir um methodo de prensas, que sejam mais commodas em quanto á mão de obra, e á solidez necessaria para que sejam duradouras.

Pelo que imagino é uma revolução que se ía fazer nas fabricas do azeite, acabando com o systema actual: o moinho, com uma ou tres galgas; a vara com o seu poiso; e as immensas ceiras, a que chamam *capachas*, immensas pelo numero e pelas dimensões (ha lagar com oito ou nove debaixo da vara) donde os camponeos levam bagaço, e extráem azeite, que o lavrador podia lucrar, se o fabríco fosse como deveria ser.

Estas rusticas palavras poderão, talvez, despertar o talento de alguns lavradores, que unam a sciencia á propriedade, ao gosto, e ao bem estar dos pequenos e ignorantes lavradores, como eu, que desejo não só a minha utilidade, mas tambem a do maior numero; pois que vem buscar do lagar 10, e ás vezes mais cargas de muares de azeitona — quanto pódem levar — e o maximo do azeite que nos mandam são 20, até 25 alqueires, medida de Lisboa! O pobre lavrador paga o seguinte, que tudo se desconta da moedura: de cada 6, ao dono 1 — ao almocreve 500 réis de cada moedura, e 20 réis mais por cada alqueire, quer se venda no lagar, ou o leve a sua casa; ao mestre do lagar 120; e o dono fica com o bagaço, em que faz mui bom dinheiro; e ainda ha lagares, em que o lavrador paga o aluguer do pote, quando o azeite alli se demora alguns dias.

Ha o costume nos lagares de se gastar do azeite, que está a fabricar-se, para todas as grandes luzes, que estão accesas de dia, e noite; as torcidas são mais grossas do que um dedo de homem; os lagares, como já disse, são geralmente escuros; e até os trabalhadores fazem o seu comer com o azeite que fabricam! Em ultimo resultado; se a moedura rende 36, tem o lavrador, pouco mais ou menos, 17 alqueires.

Reforma do correio.

Em quanto não apparecem os trabalhos da commissão, que o governo nomeou para a reforma dos correios do reino, convem indicar alguns melhoramentos, que o serviço reclama, e submetter as propostas á consideração dos que interessam na reforma.

Escrevendo sobre este assumpto, a pagina 407 do 4.° volume deste jornal, lembrei algumas modificações, no serviço do correio de Lisboa, que me pareceram convenientes para facilitar a correspondencia. Podem reduzir-se a duas as modicações indicadas: diminuição de porte, e abbreviação do expediente. Um grande numero de caixas, uso *facultativo* das estampilhas ou sêllos de franquía, distribuições frequentes de cartas pelas casas, e porte diminuto, eis aqui a meu vêr os meios de facilitar a correspondencia, sem prejudicar o thesouro.

Que o numero de cartas augmenta, com a reducção do porte, é verdade para mim demonstrada. Quando em Londres no anno de 1839 se decretou a reducção do porte de dois *pence* a um *penny*, o numero de cartas duplicou. Desde que a reforma geral dos correios, em 1840, reduziu os portes de toda a correspondencia do Reino-Unido, a correspondencia cresceu por tal modo que, no sexto anno depois de promulgada a reforma, já se reconhecia o augmento consideravel de 224.000:000 de cartas!

Em 1848 de um ponto a outro do territorio francez circularam 97.710:000 cartas. Em 1849 promulgou-se a reforma, e o resultado foi um augmento de 38.740:000 de cartas!

Depois de reconhecidos estes factos, nenhum reformador deve recuar diante do receio de uma reducção temporaria nos rendimentos do correio. A prudencia, porém, aconselha que se faça um ensaio, e que se proceda por melhoramentos successivos.

A reforma postal, entre nós, está ligada com a questão das estradas. Sem communicações faceis, sem actividade, sem vida, na agricultura, na industria, no commercio, a correspondencia não póde, pelo seu augmento, dar ao cofre o que elle perde pela reducção dos portes.

Seria, portanto, se me não engano, um grande serviço, principiar a reforma pela organisação do correio na capital, reduzindo o porte, e continual-a depois nas provincias, a pouco e pouco, facilitando desde já o expediente, e deixando a reducção do porte das cartas, para a épocha em que dessa reducção se podem esperar consequencias felizes.

A reducção do porte dos impressos, é um dos melhoramentos que se podem fazer já, com grande vantagem para o correio. A lei que isemptou do porte os jornaes litterarios, foi para elles uma lei benefica; mas os impressos de outra ordem são muitos, e a lei, não os favorecendo, fez mal ao correio, que delles poderia tirar, e não tira, aproveitaveis interesses. O porte geral de 10 rs., por folha impressa, traria ás malas do correio todas as folhas impressas, que transportam hoje estafetes e almocreves para as diversas terras do reino. O estabelecimento de um porte, por pêso, e modico, para as broxuras, augmentaria tambem consideravelmente os rendimentos do correio.

Não seriam só as publicações portuguezas, já hoje numerosas. Não seriam só os annuncios, e prospectos, com franquía obrigada. Seriam, além delles, as folhas hespanholas, que recebemos hoje, com demora, pela alfandega de Elvas, e que receberiamos mais depressa, e em maior numero, se nos obrigassem sómente a pagar por cada uma o porte de 10 rs. Tomando por modêlo a refor-

ma franceza, decretada em 1849, e tendo em vista o augmento de receita, superior a um milhão e quinhentos mil francos, que ella produziu, em um só anno, pela reducção dos portes, não receio enganar-me affirmando que a diminuição da receita, proveniente da reducção do porte das cartas de Lisboa, seria compensada pelo producto das folhas impressas.

Fradesso da Silveira.

O Chim na Exposição.

I.

O mandarim *Hing-she*, isto é, o *homem engenhoso*, intendente das artes e officios, mandou chamar á sua presença a *Kiu-fáo-li-tsa*, que significa *homem habilidoso de mãos*, e lhe fallou assim:

—Chegou-me aos ouvidos, que os povos do Occidente formaram o projecto de reunir os productos de sua industria, n'um ponto de uma cidade, apenas tão povoada como um bairro de Pekin, mas que é não obstante a maior desse cantinho da terra, menor que uma provincia do Imperio da Luz, e que se chama Europa.

Vão reunir os productos industriaes, para os compararem, e darem a primazía aos que melhores forem.

Quero saber que idéa hei de formar da industria dos barbaros, e por isso te nomeei, *Kiu-fáo-li-tsa*, pela fama que tens de *habilidoso de mãos*, para me dares noticia da exposição de Londres.

Está prompta uma embarcação; parte, e quanto antes me dá conta do que houveres visto.

II.

Kiu-fáo-li-tsa era o primeiro fabricante de biombos da côrte imperial. Desde a primeira dynastia tartara, seus avós, de paes a filhos, pintavam os dragões, as barcas, os cavallos, e os macacos, que adornam as paredes de papel dobradiças, que resguardam as cabeças imperiaes do vento coado. Era homem de cincoenta e tantos annos, muito corrente em philosophia, auctor de um Commentario de Confucius, e muito aferrado aos usos, costumes, e religião de seus maiores.

—Que nos importa isso! pensou lá comsigo *Kiu-fáo-li-tsa*; ha muito conhecemos a impericia desses barbaros; cinco ou seis mil annos primeiro do que elles, inventámos nós

A imprensa,
A polvora de algodão,
A bussola,
A pintura a oleo,
Os poços artesianos,
Os carrís de ferro,

—Os nossos avós, continuou *Kiu-fáo-li-tsa*, encaminhando-se para casa, os nossos avós, vestiram-se de sêda e de lã, centenares e centenares de annos antes dos barbaros usarem as suas samarras de pelle de cabra e de carneiro.

É preciso confessar que o sublime *Hing-she* teve uma idéa bem esquipatica, quando se lembrou de me mandar á Europa.

Aqui me vejo eu na precisão de deixar a minha casinha de campo, e as minhas duas esposinhas, uma das quaes é morena como a lua, e a outra loira como o sol, para cruzar os mares, e ir sepultar-me nessas cidades européas, onde as mulheres têem pés como os dos homens;

Onde os homens bebem uma bebida grossa, e enjoativa, a que chamam cerveja;

Onde se me vae estragar o estomago com as comidas européas.

Adeus, ninhos de andorinhas,
Adeus, olhos de papagaio,
Adeus, barbatanas de tubarão,
Adeus, fritadas de lagartas,
Adeus, costeletas de cão,

Tenho vontade de me lançar aos pés do sublime *Hing-she*, e pedir-lhe que incumba a outrem esta missão.

Alto lá, que o sublime *Hing-she*, é capaz de me mandar metter na gaiola, se me eu mostrar descontente. Obedeçamos.

O *homem habilidoso de mãos* recebeu as ordens superiores com aquella humildade com que deve recebel-as o bom cidadão. Foi para casa, fez os seus fardos, abraçou as suas mulheres, e metteu-se a bordo do navio.

Dominado pelo espirito de commercio commum a todos os seus compatriotas, *Kiu-fáo-li-tsa* não se esqueceu de fazer um fardinho, composto de biombos, de leques, e de lanternas, que esperava de vender por bom preço, depois de terem figurado na exposição.

III.

Não nos occupemos com a viagem de *Kiu-fáo-li-tsa*. Foi, como todas, misturada de bonanças e tempestades; estas prevaleceram; mas de que servira a um homem o ser fabricante de biombos, e philosopho, se não soubesse supportar os vaivens da vida!

Ao cabo de tres mezes, e tantos dias, *Kiu-fáo-li-tsa* desembarcava em Londres, e tomava o caminho do palacio de cristal, acompanhado por dois moços, que lhe levavam os biombos, os leques, e as lanternas.

O senhor Sallandrouze, e outros commissarios da exposição, o receberam, como merecia que o recebessem um homem de tão longe vindo, para misturar as suas lanternas na grande festa da industria das nações (taes foram as palavras do commissario inglez no seu *speech*, que todos os jornaes de Londres transcreveram); deram-lhe um excellente logar para dar ao manifesto os seus leques, e apresentaram-no á rainha, e ao principe Alberto. O proprio lord Wellington lhe fez a honra de o cumprimentar.

IV.

O *homem habilidoso de mãos* não ficou deslumbrado com aquelle acolhimento.

Era uma alma tranquilla, e que se não seduzia facilmente; era sobretudo dotado de excessiva modestia, como o deu a conhecer quando se esquivou a assistir ao grande festim do Symposium, e quando regeitou o convite de M. Soyer, dizendo que não era digno de se apresentar entre os luminares da intelligencia humana de todos os paizes.

Foi isto por certo um excesso de modestia, pois não havia no Symposium um só convidado, que se podesse gabar de ter commentado Confucius.

Kiu-fáo-li-tsa cingiu-se á missão, de que tinha sido encarregado. Observou a exposição por todos os lados; examinou os productos de todos os paizes da Europa; de tudo fez assento em umas notas, que serviram ao depois para a redacção do seguinte artigo, que appareceu n'um periodico de Pekin, e que foi traduzido por um sugeito muito versado no idioma da china.

V.

Fragmentos do relatorio de *Kiu-fáo-li-tsa*, fabricante-mór de biombos, no Imperio Celeste, apresentado ao mandarim *Hing-she*, isto é, o *homem engenhoso*, intendente das artes e officios,

sobre

A exposição dos barbaros

em

LONDRES.

— Excellencia:

Estes homens de cabello loiro, são doidos varridos.

Sabeis qual é o objecto que mais admiram na sua exposição? nunca o adevinhareis.

É um diamante.

Dão-lhe o nome de *montanha luminosa*, porque esta pedra tem um brilho, que não é nada ao pé da mais pequena das minhas lanternas.

A gente apinha-se á roda do diamante. Fizeram-lhe uma especie de altar, mesmo no meio da exposição, e é alli adorado por todos os fieis.

Tomára eu saber que relação tem um diamante com a industria.

Desde o principio do mundo se filtraram duas pingas de agua pelas rochas das montanhas Azues.

Uma das gotas enfadava-se de atravessar a dura rocha, para caír n'um terreno areento; e um dia pegou em si, e foi-se queixar a Bouddha.

— Em que te posso fazer bem? perguntou o deus.

— Pódes transformar-me em rio, lhe respondeu a gota de agua. Ardo em desejos de me estender pelos campos, decorrer por entre as abundosas searas, de saltar do alto das cascatas, passar por baixo de pontes gigantescas, e de açoitar as praias, levantando escarceos até ás nuvens...

— És ambiciosa... E tu, accrescentou Bouddha, fallando á outra gota, e tu que pedes?

— Nada. Dessedento a formiga, refresco o musgo; estou contente.

— Tens bastante paciencia...

Far-se-ha como uma e outra quereis, acudio Bouddha.

Abrindo as paredes da rocha á gota impaciente, deixou-a caír de saliencia em saliencia, até um deposito, onde se ouvia o murmurio das aguas, n'uma concavidade do tamanho da palma da mão. A gota viu que se ía afogar; tornou a soccorrer-se a Bouddha.

— Deus, disse ella, Deus Omnipotente! Vou caír n'uma cóva, onde morrerei antes de me tornar em rio.

— Os rios são compostos de muitos milhões de gotas de agua, lhe respondeu Bouddha; o castigo que os ambiciosos merecem, é perderem-se no rio da proprio ambição.

Bouddha foi no mesmo instante para o cume do Himalaya.

A outra gota de agua ía sempre resumando da pedra, para dessedentar a formiga, e refrescar o musgo.

Bouddha olhou para ella com enternecimento.

— Tiveste paciencia, lhe disse, gotinha de agua olvidada e perdida; quero dar-te o premio que á paciencia cabe. E transformou-a em diamante.

Ora eis-aqui está a origem do diamante. Não vejo pois o motivo por que a *montanha luminosa* apparece na exposição.

Continúa.

Theatro de D. Maria 2.ª

Subiram novamente á scena o *Operario*, drama em 5 actos, e o *Acampamento*, comedia em um acto, com peças de musica. O drama agradou muito. A musica do *Acampamento* é bonita, e melhor effeito produziria, se fosse executada por outras vozes.

Theatro de S. Carlos.

O anno de 1851 terminou lugubremente no nosso theatro italiano. *Lucrecia Borgia*, representada em 31 de dezembro, fez completo *fiasco*.

Á excepção da cavatina de *Affonso* — *Vieni, la mia vendetta* — todas as outras peças receberam provas, mais ou menos fortes, de geral desaprovação.

A sr.ª Catharina Persolli *(Orsini)*, em vez de cantar, resmungou e desafinou quasi constantemente.

O sr. Musich, é um artista, cuja reputação assenta sobre os seus triumphos passados; mas para o desempenho da parte de *Gennaro*, não bastam gloriosas recordações.

O sr. Goré *(Affonso)*, foi menos infeliz de que os seus companheiros; mas em boa paz lhe aconselhâmos que trate de dar mais colorido ao seu canto, e de accentuar menos defeituosamente. Em quanto á acção, o sr. Goré foi tão apathico, tão falto de energia, que o duque de Ferrara, com os braços pendentes e a cabeça constantemente inclinada sobre o peito, por vezes nos pareceu acommettido por um formal ataque de apoplexia.

Muito de proposito reservâmos fallar em ultimo

logar da sr.ª Arrigotti *(Lucrecia)* porque desejâmos fazel-o mais explicitamente do que temos feito até hoje. A sr.ª Arrigotti, foi (a todos os respeitos) a Lucrecia menos habil que temos visto em S. Carlos. Como actriz, não comprehendeu, ou não soube interpretrar, o caracter da vingativa duqueza de Ferrara. — Como cantora, além da infelicidade de faltar mais vezes á afinação nesta opera, do que nas outras em que tem figurado, proseguiu no seu favorito e depravado systema de fantasiar fóra de proposito, e de fazer escalas chromaticas, agilidades não só imperfeitas, mas totalmente alheias e disparatadas do caracter da musica que lhe cumpria executar.

Entre os sacrilegios musicaes commettidos pela sr.ª Arrigotti, não podemos resistir ao desejo de citar a *cadencia*, ou para melhor dizer, amontoado de *kikirikis*, que executou no duetto com *Gennaro*, quando a seus pés se prostrou angustiada e supplicante.

A sr.ª Arrigotti recebeu ruidosos signaes de desapprovação, especialmente no rondó final, que executou detestavelmente. Quizeramos que a manifestação de desgosto fosse antes expressada por um silencio absoluto, mas que nem por isso deixaria de ser significativo; entretanto é forçoso confessar que, se o publico se mostrou desta vez menos benevolo e caritativo com a cantora, nunca se mostrou, a seu respeito, tão justo e intelligente.

Temos elogiado a sr.ª Arrigotti, sempre que conscienciosamente havemos entendido que o merece; mas hoje não podemos deixar de ser severos para com ella, não só porque, menos conscia das suas proprias forças, foi a causa primaria de se expôr a bellissima producção de Donizetti a um solemne *fiasco;* mas porque das suas mal fundadas *pretenções* resultou prejuiso aos seus collegas, ao publico, e tambem á empresa, que a esta hora já deve ter conhecido quanto se enganou em suppôr na sr.ª Arrigotti uma capacidade, que está bem longe de possuir.

Quando dos principaes artistas se tem a narrar tão triste historia, não se póde fallar das partes secundarias. — A *Lucrecia* dorme o somno dos finados! — Seja-lhe a terra leve.

Ensaia-se a opera — *I Falsi monetari* — do *maestro* Lauro Rossi, que será desempenhada pelas sr.ªs Arrigotti, Sannazzari, e pelos srs. Guglielmini, Bonafos, e Mancusi.

Esperam-se de París, ou Madrid, um primeiro tenor e uma comprimaria, que a empresa mandou escripturar a toda a pressa afim de poder melhor proseguir com os espectaculos.

Noticias Diversas.

Concerto Philarmonico. — Sabemos que no concerto que deverá ter logar na Assembléa Philarmonica na noite de 31 do corrente, se executarão quatro peças de musica inteiramente novas para Lisboa.

1.º Symphonia da opera *Semiramis*, arranjada para 8 pianos a 4 mãos, pelo celebre pianista Czerny; executada por 8 senhoras e 8 homens.

2.º Hymno da Philarmonica, original do nosso bem conhecido compositor o sr. Pinto.

3.º Fantazia de grande orchestra dedicada á memoria do ex-rei de Sardenha, Carlos Alberto, por Saverio Mercadante.

4.º O *Rataplan*, côro original de Donizetti.

Caminhos de ferro — O governo hespanhol apresentou, n'uma das ultimas sessões das côrtes, um projecto de lei, para a construcção de um systema de caminhos de ferro, partindo de Madrid como centro, e desenvolvendo-se em linhas da 1.ª classe, e em ramaes, até ás fronteiras de França e Portugal, e até ao Occeano.

Curiosissimos desastres nos caminhos de ferro. — N'um caminho de ferro de França, de Nancy a Metz, succederam os seguintes desastres, desde o 1.º de julho até 31 de dezembro de 1850. As locomotivas esmagaram 46 lebres, 8 cães, e um cavallo, e os fios do telegrapho electrico destruiram grande quantidade de caça: 30 patos bravos, 25 galinholas, 76 narcejas, 40 perdizes, e mais de 400 cotovias, foram victimas em seus vôos innocentes, ferindo-se nos fios do telegrapho, e cahindo na estrada com as azas cortadas, ou a cabeça esmagada. Muitas aves, empoleiradas sobre os fios, foram surprehendidas pela passagem de despachos telegraphicos, e fulminadas pela electricidade. A situação topographica deste caminho de ferro, que segue um valle muito pittoresco e muito abundante em caça, torna estes factos mais frequentes do que n'outras partes.

Estatistica do suicidio. — N'um periodo de 12 annos, de janeiro de 1835 a dezembro de 1846, houve em França 33:032 suicidios, devendo attribuir-se 2:623 a varios desgostos domesticos; 1:853 a miseria; 1:697 a dividas e complicações de negocios; 1:360 a embriaguez e embrutecimento; 1:057 a aborrecimento da vida; 983 a contrariedades do amor; 244 a revezes de fortuna; 148 a ciumes entre amantes, e entre cazados; 37 a desgosto pelo estado conjugal, e 13 para evitar o recrutamento.

Ensaios de culturas. — Das sementes, que no anno passado o sr. Ayres de Sá Nogueira tão generosamente distribuiu pelos lavradores, diz o *Observador* que algumas foram ensaiadas nos suburbios de Coimbra.

Nasceram e crearam-se bem: algum arroz de sequeiro, linho da Russia, e canhamo de Bolonha. Do primeiro pouca semente germinou, perdendo-se na terra a maior parte; mas os grãos que nasceram, produziram bem. Os segundos adquiriram muito vigor, mas não chegaram ao desenvolvimento que era de esperar.

De outras sementes de arvores florestaes, como as de carvalho de bordo, pinheiro de Riga, etc., não se obteve resultado algum, apesar de se seguirem á risca na sementeira todas as instrucções recommendadas.

escocesas.

rem a roupa com os pés, em vez de darem com ella n'uma pedra: lavam a roupa como se estivessem n'um lagar de vinho. Que similhança póde haver, entre estas duas substancias? Similhança nenhuma; ha pelo contrario inimisade. Quando o vinho turbou a rasão a Noé, este patriarcha teve logo tentações de largar as roupas, e ficou assim exposto aos motejos de seu filho Chão. Quantas vezes, por outras especies de ebriedade, não ficâmos em absoluta desnudez moral, e expostos aos latidos de todos os cães! As lava-

branca. Em 1809, Plaisant de Valenciennes, inventou outro processo de lavagem, por meio de substancias animaes. Finalmente, em 1820, Cadet de Bau, inventou o modo de lavar a roupa, com batatas.

Já se vê que as lavadeiras não são tão humildes, que os sabios as despresem; mas de que se occupam elles? é da roupa, ou de quem a lava? Esta charada advinhal-a-hão os leitores, como melhor lhes parecer. O que é certo é que as nossas lavadeiras, tangendo os seus burrinhos, e armadas de botas grosseiras, não têem tanta graça como as lavadeiras escocezas, de pés nús, lavando a roupa de corpinho direito, e ficando-lhes o pulso livre, para ao mesmo tempo tocarem castanholas. Que linda cousa não fôra vêr um tanque de lavadeiras, transformado em sala de dança, e em vez de ouvir as pancadas da roupa açoitando a pedra, escutar cantigas de muito folgar!

Se quizermos presencear tudo isto, havemos de ir á Escocia, que é um paiz ridente, cheio de tradicções de guerra e de amor.

A Escocia, está separada da Inglaterra pelo golfo de Sokway, o Sark, e parte dos montes Cheviots. Existem neste paiz antigualhas de todas as eras, taes como os edificios subterraneos, construidos pelos Picti, o muro romano, que servia de impedir as incursões destes barbaros, e os palacios afortalesados, que denunciam o dominio saxonio, e que tantas vezes foram conquistados e reconquistados, no tempo em que as guerras civís, e as contendas religiosas, dividiam os animos.

As tradicções historicas mais antigas dizem que a Escocia foi tomada por Agricola, sogro de Tacito, no tempo de Domiciano. Aquelles povos costumavam então pintar-se, como os selvagens americanos, e d'ahi lhes veio o nome de *Picti*, homens pintados.

Depois, foram uns povos da Irlanda chamados Scots, para o condado de Argyle, apossaram-se da Caledonia, e pozeram-lhe o nome de *Scotland*, terra dos Scots. Caledonia significa montanhas de Galles, ou dos Celtas, porque *dun* é montanha em lingua celtica.

Foi em 1296 que Eduardo I subjeitou os escocezes, e lhes tirou aquella celebre pedra, chamada *Inisfail*, em cima da qual se coroavam os reis.

Dois annos depois tentou o famoso Wallace resgatar a patria do senhorio inglez; mas foi atraiçoado pelos seus partidarios, e morreu no patibulo.

Ao cabo de seis tentativas mallogradas, accompanhadas de rasgos de valor inauditos, conseguiu Roberto Bruce tornar a sua patria independente, e ser acclamado rei. A Escocia ainda conta as estupendas proesas de Douglas o Negro, companheiro d'armas deste rei.

Nos tres seculos seguintes não apresenta a historia escoceza senão o quadro das guerras, mantidas contra a Inglaterra, até que as duas coroas se juntaram na cabeça do filho de Maria Stuart. Não ha ninguem dado a letras, que desconheça a historia desta formosa e infeliz rainha, e da guerra impia que lhe fez sua irmã Isabel.

Na aldêa de Eduam, não longe de Relto, nasceu Thompton, o mavioso cantor das estações; e Demse, onde se fazem as tres principaes feiras da Escocia, foi patria do theologo João Duns. Em Kirkaldy, nasceu Adão Smith, Burns tambem nasceu na Escocia; Burns, o poeta classico, amante de Clarinda, tambem poeta, e que se queixava da molestia, que muita gente boa padece, quando escrevia estes versos:

Talk not of love, it gives me pain,
For love has been my foe;
He bound me with an iron cabin,
And sunk me deep in woe.

P. D.

Exposição agricola.

Productos para sustento do gado.

Nesta secção da Exposição Agricola Portugueza, apenas vimos e notámos alguns bagaços, uns poucos de fenos e raizes de beterrabas; — deparando com o painço e tupinambur, n'outra parte expostos, quando aqui, se nos figura ser o logar mais proprio á sua exhibição.

Esta só simples indicação que fazemos, bem deixa vêr, quão mesquinha e pouco variada foi a Exposição nestes productos, dando isto logar a suppôr ou a inferir-se, que não são os gados o que prende mais a attenção de nossos lavradores, visto que pouco curam dos meios de os sustentar.

Não devemos tirar talvez conclusão tão desabrida, porque ella não procede, nem colhe, se se ponderar que productos havia, ahi expostos, communs ao sustento do gado e do homem, mas que só pelo lado deste figuravam: — a cevada, o milho, as favas, lentilhas, a alfarroba, a castanha, as abobaras, nabos, batatas, etc.; estavam neste caso.

Cabem até bem merecidos louvores ao sr. Ayres de Sá, pelo desejo que sempre manifestou, nos convites, que pela imprensa dirigiu aos lavradores, de que na primeira Exposição Agricola Portugueza, esta parte não fosse menos contemplada do que as outras. S. Ex.ª bem conhece, que, pelo menos, na Europa mais populosa, uma agricultura sem forragens, e forragens cultivadas, sobre sêr um palmar anachronismo, pois que a atira ao tempo, em que o *pousio* era tudo, é uma calamidade até, porque então ella é sem gados, e por isso sem bons agentes de trabalho, como sem bons, e copiosos extrumes; e por consequencia enfesada e pobre em seus proventos, mormente nos de *cereaes* e *carnes*, que formam, como sabido é, as mais uteis e principaes subsistencias do homem.

Attendendo, pois, á importancia que concedemos a esta secção, deve relevar-se-nos, que de seu objecto dêmos noticia mais circumstanciada,

permittindo-se-nos mesmo algumas considerações, attinentes a significar o valor, e muito partido que delle póde colher a economia rural portugueza.

I.

Bagaços.

Só notámos na Exposição amostras de cinco especies de bagaços, que eram: o de linhaça, grainha, e purgueira em fórma de adôbos, e ahi exhibidas pela viuva Burnet e filhos, e o de amendoim ou mendobim, apresentados pelo sr. Ayres de Sá, e tambem pelo sr. Leal, em estado pulvorulento ou farinhoso; e duas amostras de bagaços de azeitona, uma obtida, segundo ahi se lê, por antigo lagar, outra por mais moderno e mais perfeito.

A Exposição dos bagaços foi feita, ao que pensâmos, com o louvavel intento de indicar aos nossos lavradores, o partido immenso que delles podem haver, como *extrumes*, e como *alimento* para os gados, sendo tambem, um de muitos exemplos, como, de nonadas e rebotalhos, vis na apparencia, se póde obter grande proveito, e riqueza.

Como estrumes, os ha acreditado, não só a pratica agricola ingleza, franceza e belga, que de ha muito, como taes, usa todos os que por baratos, ou por menos convenientes á alimentação dos gados, dão segurança e vantagens nesse emprego, senão tambem as analyses dos chimicos, as quaes, mostrando-nos por um lado, a existencia de principios azotados (albumina caseina), conversiveis em productos amoniacaes que as plantas absorvem, e são utilissimos á sua vegetação; e por outra parte, a presença de phosphatos terrosos, cuja importancia na dita vegetação não é somenos, têem assim satisfatoriamente esclarecido e explicado a sua conveniencia nesta applicação.

Pela quantidade de azote, e phosphatos é que os chimicos hoje medem e avaliam o poder fertelizante dos estrumes. Os bagaços, que não são dos mais proprios, e faltos desses principios, são por isso, quando não excellentes, menos máus estrumes, maximé para as terras onde tenha havido forte exhaustão de taes principios, por culturas pauperisantes, como entre outras, a dos cereaes repetidos e a de linho, etc.

O poder fertilisante dos bagaços, pela pratica, o observou Dombasle, não é aturado; dura pouco mais de um anno, mas nesse tempo é prodigioso e notabilissimo.

São mais prestantes estrumes, os bagaços, em terras calcareas, ou argilo-calcareas, do que nas argilosas, provando em todas melhor, e mormente nestas ultimas, quando se empreguem misturados com cal; Schwerz recommenda uma porção de cal para seis de bagaço. A razão disto é — diz Soubeiran — porque a cal fórma com a albumina um composto insoluvel, que se putrefaz paulatinamente, produzindo-se pouco a pouco o amoniaco, que assim as plantas totalmente absorvem e aproveitam, o que não succede fóra deste caso, em que a albumina então por soluvel, é levada pelas chuvas, e rapidamente se decompõe, perdendo-se por isso grande cópia de principios amonicaes produzidos.

Dos bagaços expostos, o de *purgueira*, é o que ahi vêmos expressamente designado como estrume, e nesta qualidade, nos assegura o seu expositor, grande pedido, se faz delle na sua fabrica, por parte de inglezes e francezes, que o exportam para seu consumo. Bonafous olha este bagaço como muito activo. Póde ser não seja somenos do bagaço de colza, o qual em França como em Inglaterra, é o mais empregado, por ser tambem um dos mais baratos, e ahi se lança á terra, na porção de sete a doze quintaes por geira, quantidade em que, ao dizer de Soubeiran, se podem empregar outros mais bagaços de sementes oleosas, como o de linho, canhamo, papoula, e provavelmente tambem o de *purgueira*, de que tractâmos. O facto de sua exportação, é de certo uma prova, senão mesmo uma segura garantia de que elle não é, nem menos efficaz, nem menos economico e vantajoso, emfim, de que os outros bagaços, que os estrangeiros empregam, e que por conseguinte póde ser para nós, como para elles já é, um beneficio de que importa aproveitar-nos. Vendendo-se este bagaço, como nos consta, a 500 rs. o quintal; com 3:000 rs. uma geira de terra mais poupada, ou com 6:000 rs. outra mais cançada, se constituiria feracissima para um anno. É o que é preciso, pois, ensaiar-se entre nós, para, verificando-se isso, tirar a nossa agricultura partido de tal bagaço, nos logares, que já não vão sendo poucos, onde os estrumes ordinarios saiam comparativamente por mais valor.

Na fórma de adôbos, ou de tijôlos imprensados e bem seccos, é que este bagaço, o de linhaça, colza, e todos os das sementes oleosas, apparecem de ordinario no commercio, porque é assim que elles sáem da imprensa, onde se expreme, em saccos de clina, a semente que os produz. Para o caso de emprego, é preciso reduzil-o a pó, ou diluil-o n'agua, que, ou se espalha alguns dias antes por sobre a terra barbechada e afeiçoada á sementeira, cobrindo-o quando esta se pratica, ou então, como outros usam, se apolvilha com elle, a seara quando começa a verdejar.

(Continúa.)

S. B. Lima.

A Exposição Philantropica.

Mais facil é voar um camello, diz a Escriptura, do que salvar-se um rico avarento. A avareza é um dos peccados de morte; mas não é só por este motivo, que o rico avarento se não salva; é porque a riqueza endurece o coração, e o fecha á caridade. O avarento, não fazendo cabedal algum dos thesouros celestes, só cura dos the-

souros da terra; quanto mais possue, tanto mais deseja possuir; e se, por engano, dá uma esmola, arrepende-se sete vezes. Dizemos — por engano — porque os avarentos muitas vezes se enganam, julgando enganar o mundo; muitas vezes dão esmolas, para grangearem fama de virtuosos; e deste modo se enganam a si mesmos, porque a fama e applausos mundanos são fumo, e não é com apparente virtude que se conquista o reino Eterno. Por isso, mais depressa voaria um camello aos ares, que um rico avarento ao Céo.

Injustos são aquelles, que asseveram, que Deus não repartiu com egualdade os bens terrestes: todos têem eguaes posses; o que os ricos têem em fazenda, têem-no os pobres em virtude; e ás vezes, quando a fazenda daquelles passa para estes, a virtude destes passaa para aquelles; e assim mantém o equilibrio. Mas estes casos são raros, porque os ricos nem sempre se tornam virtuosos esmolando, porque nem sempre esmolam só por bemfazer; por tanto, quando vêmos um rico ter em pouca monta os seus haveres, e não fazer uso delles senão para acudir aos necessitados, grande materia temos de admiração, e podemos saír á rua, exclamando, com Archimedes: *achei, achei.*

Muitas vezes, as posses do homem caridoso não lhe bastam para dar largas á generosidade do seu coração; e neste caso é licito adoperar um meio innocentemente artificioso, para fazer um bem proporcionado a recursos, mil vezes maiores, que os de que se póde dispôr.

Assim o intendeu o honrado Franklin, quando emprestrou dez moedas a um amigo indigente, não para que lh'as restituisse, mas para que as emprestasse tambem a outro amigo collocado nas mesmas circumstancias, e este houvesse de fazer outro tanto, impondo eguaes condições, e assim por diante. Por este modo podia o bom Franklin, só com uma esmola, remedear os apuros de centenares de familias, ao mesmo tempo que buscava imitar a Christo no milagre dos pães. Assim o intenderam tambem as senhoras, que instituiram a Exposição Philantropica, quando inventaram este meio para, com pouco dispendio, fazerem um bem immenso aos pobres, seus afilhados; e não só practicaram um acto de beneficencia, senão que deram logar a que muitos conjunctamente o practicassem; porque levantaram um edificio, a que todos podiam concorrer com materiaes. A honra, porém, quasi inteira cabe a quem traçou o risco, assim como a gloria da grande Pyramide só pertence a Créops, não obstante haver nella trabalhado a terça parte dos habitantes do Egypto.

As senhoras, que instituiram a Exposição Philantropica, são todas ricas e nobres; e são estas as circumstancias, que tornam os seus actos ainda mais meritorios. A riqueza, o nascimento, a posição, os respeitos e acatamentos do mundo, são inimigos da virtude; e a virtude, que permanece inabalavel no meio dos seus inimigos, é virtude forte, é dobrada virtude.

Vejâmos agora como se levou a effeito a Exposição Philantropica, cuja execução foi symbolica, e cheia de conceitos. Não faltavam logares galhardos e espaçosos, onde ella se désse em publico; não faltava quem franqueasse palacios, para tão religiosa festa; porém as damas, que a haviam fundado, não a quizeram celebrar senão em um Arsenal; porque as casas de beneficencia são arsenaes, em que se forjam armas contra a miseria.

E como a Exposição, pondo os ricos em contacto com os pobres, ía fazer lembrar as desegualdades da vida, escolheram, para theatro de tão angelica scena, uma casa onde estava um navio; porque o navio, ora desapparecendo nos abysmos, ora levantando-se sobre os escarcéos, representa a vida, com os seus baldões, e as suas tristes incertezas.

E como a Exposição promovia a caridade, que é um dos caminhos, que levam ao Céo, onde só dá ingresso o passaporte da virtude, escolheram, para theatro de tão caridosa scena, uma casa onde estava um navio; porque o navio symbolisa as virtudes theologaes; nas cruzes das vergas com os mastros, tem a Fé; na ancora, a Esperança; e no leme, a Caridade; porque o leme dirige o navio em seu rumo, como a Caridade dirige os nossos passos, no caminho da celeste Jerusalem.

P D.

Caminhos de ferro na Inglaterra.

Não sei se me engano; mas as privações, que soffremos, parecem-me, em grande parte, provenientes da nossa preguiça. Esperamos tudo do governo; queremos que elle dê forças á industria e vida ao commercio; pedimos-lhe auxilios, que devêramos dar-lhe; e em quanto os outros povos se adiantam, o povo portuguez espera alguma soberana resolução, que o mande caminhar.

Quando lord Chattam dirigia os negocios da Inglaterra, o povo britannico não esperava o termo da guerra dos sete annos, para começar esse trabalho a que deve o seu poder colossal. Lord Chattam sabía que o verdadeiro *guarda-quedas* de um governo é a lealdade e o credito; e conhecia as vantagens da união entre a força individual e a força publica, entre o interesse particular e o interesse geral. Em quanto o ministro, sempre fiel aos seus contractos com os particulares, estabelecia o credito como base de todo o progresso; os particulares, á sombra do credito, abriam canaes e faziam estradas. Em quanto o governo procurava tornar propicia ao paiz a diplomacia das côrtes, os particulares promoviam esses melhoramentos grandiosos, que o mundo inteiro admira. O canal de Manchester foi obra de um particular. As familias mais nobres e opulentas da Inglaterra mandaram executar por sua conta immensos trabalhos de utilidade geral. Quando a fortuna de um só não chegava para a execução de um canal, ou de uma estrada, uniam-

se os capitaes de muitos, constituiam-se companhias, e sociedades, ligavam-se Whigs, e Torys, e esqueciam-se as discordias politicas, para cuidar no que era util a todos. Em 1756, a Inglaterra não possuia uma só linha de navegação artificial; no principio deste seculo o interesse dos particulares, e o movimento geral da industria e do commercio, tinham já produzido um systema de canaes, cujo desenvolvimento orçava por cêrca de mil leguas.

Um sabio estrangeiro, examinando os melhoramentos materiaes creados na Gram-Bretanha, em um periodo de sessenta annos, contado da guerra dos sete, para facilitar as communicações, para conduzir as aguas, e o gaz, para augmentar emfim as commodidades da vida, e a opulencia do paiz, avaliou esses melhoramentos em mais de 900 milhões de crusados.

Estes grandiosos monumentos executados em poucos annos; este progresso espantoso realisado pelos esforços de um povo, e pelo credito de um governo illustrado, animam, dão coragem, alimentam a esperança. Digam o que quizerem os scepticos, se os ha, n'este paiz, ou os que fingem sêl-o, porque são preguiçosos; digam embora que o mal do paiz é incuravel—não o diremos nós, porque temos fé; não o diremos porque bem perto de nós ha um povo irmão, que passou por dolorosas crises, e que finalmente entrou no caminho, em que tambem nós entraremos, se nos ajudar a providencia.

Quando se trata de progresso, ha sempre quem duvide. Em 1844, ha oito annos apenas, o engenheiro Stephenson assegurava que se percorreriam *quinze milhas* por hora, nos caminhos de ferro. A Inglaterra está habituada ás maravilhas da sciencia, e da industria — não a espanta o progresso; todavia não faltou quem escarnecesse, e publicamente, das palavras de Stephenson. Hoje o que elle disse está realisado, e não só realisado senão excedido; a media do caminho que se póde percorrer nas vias ferreas, é de *vinte e quatro milhas*, oito leguas, por hora! O mesmo Stephenson, refere um jornal francez, foi escarnecido por dizer que duplicaria o numero dos viajantes, quando se achassem estabelecidos os caminhos de ferro. Pouco tempo depois, o numero dos viajantes não era só duplo, era *cem vezes* superior ao numero dos que viajavam anteriormente nos *stage-coaches*.

Do relatorio dos commissarios inglezes daremos aqui alguns extractos, objecto principal deste artigo, de que nos desviámos insensivelmente.

O numero dos viajantes, em 1849, foi de *sessenta e tres milhões e oitocentos mil*, o dobro da população dos tres reinos.

No fim de 1849 havia na Gram-Bretanha *mil oitocentos e sessenta e seis legoas* de caminhos de ferro. Quando estiverem completas as obras, que o parlamento approvou, o que não tardará muito, a Gram-Bretanha terá *quatro mil leguas* de vias ferreas. Percorre-se uma legua por pouco mais de *cincoenta réis*. Os accidentes funestos, no anno de 1849, occasionaram apenas *vinte e uma* mortes, o que não é prodigioso, visto que o espaço percorrido pela massa dos viajantes excede *oitocentos quarenta e cinco* milhões de milhas, isto é, *nove* vezes a distancia da terra ao sol!

As 1865 leguas, construidas até 1849, importaram em centenares de milhões de libras sterlinas. É uma verba espantosa; todavia, feitas as deducções necessarias no rendimento, acha-se que este enorme capital produziu um juro de tres e meio por cento.

A estes apontamentos, que hoje offerecemos aos leitores da *Revista*, addicionaremos outros, de não menor interesse, que por certo serão bem recebidos.

F. da S.

O Chim na Exposição.

VI.

O segundo objecto, que attráe a attenção e admiração dos barbaros, é um destes instrumentos musicos, chamados orgãos.

Vossa excellencia não faz idéa do prazer, que estes homens do occidente experimentam, quando ouvem o orgão. Quando se abre a Exposição, começa elle a tocar, e não acaba senão quando se fecha a porta.

Se os europêus fizessem uso do orgão para metter mêdo ao sol, e fazer com que elle nos não escondesse a lua, ainda, ainda; porém estão tão atrazados em astromonia, como em tudo, que se não querem capacitar de que a musica evita os eclipses.

Uma vez que o orgão é objecto de industria, posso comparal-o com o nosso *tam-tam:* mas o *tam-tam* é mais harmonioso, e faz ainda mais bulha.

Ora ahi vae um facto, que demonstra bem a logica desta gente, que se tem na conta de civilisada.

Todos os europêus, sem excepção, aborrecem soberanamente um instrumento musico, a que chamam *piano*.

Nenhum sabio foi capaz de me dizer a etymologia desta palavra.

O piano é um tormento, que todos amaldiçoam.

Não ha muito tempo que um inglez abastado se matou, com um tiro de pistola. Acharam-lhe em cima da mesa um bilhete, que tinha escripto de seu proprio punho, e rezava assim:

Não tornem a ninguem a culpa da minha morte.

Não tenho *spleen*.

Não comprei papeis do estado.

Não compuz tragedias.

Fui enganado por uma dama, a quem amava extremosamente; a sua traição me tirou a vida; mas eu perdôo-lhe.

Hontem, entrando em casa della, sem bater á porta, achei-a conversando com o piano.

A perjura estava tocando uma aria.

Tinha-me jurado que não sabia tocar piano. Uma harpa ainda eu tolerava; mas o piano, isso nunca.

O piano é um veneno lento, que mata os maridos. O piano persegue a gente em toda a parte; vou esconder-me no tumulo, para fugir delle.

Esta morte a ninguem espantou.

Disseram-me que os pianos vão já apparecendo nas estadisticas, como uma das principaes causas do suicidio.

Pois comtudo isso, acham-se na Exposição perto de quinhentos pianos, de differentes modêlos. Todos os dias se inventam instrumentos desta especie. Ha peritos, que recebem cincoenta francos para avaliarem estas diversas maneiras de matar. E os inventores ainda em cima hão-de ter recompensa.

VII.

Como não têem logica, estes homens occidentaes, não sabem nada o que seja synthese.

Eis-aqui a prova.

Uma parte da Exposição é toda destinada para os phosphoros.

Apparecem de todos os feitios. Não vol-os posso descrever. Depois das estrellas do Céo, e das areias do mar, são os phosphoros as cousas mais numerosas que ha.

Pois, de todos os povos que expozeram phosphoros, nem um só foi capaz de fazer um fusil.

Modêlos não faltam, mas nenhum satisfaz.

VIII.

Já que fallámos dos phosphoros, e do fusil, não quero passar em claro pelo charuto, que é causa e objecto dos phosphoros.

O charuto figura na Exposição, como producto da industria.

O charuto é um pequeno cylindro de tabaco enrolado, que os europêus costumam fumar em maior, ou menor quantidade.

Preparado assim, o tabaco apresenta uma infinidade de inconvenientes, cujos principaes são os seguintes:

Torna os dentes negros.

Esfóla as gengivas.

Corrompe o halito.

Põe máu cheiro no fato.

Antes de se costumarem ao charuto, todos sentem enjôos de estomago, que apresentam symptomas de envenenamento.

O charuto tem acção no cerebro. Torna a intelligencia preguiçosa. Os sabios, de quem todos fallam, mas que ninguem escuta, attribuem a degeneração physica das raças occidentaes, ao uso do tabaco de rôlo.

Ha neste paiz immensa gente, que se não contenta com fumar o tabaco.

Pessoas ha que o mastigam.

Outras o sorvem pelo nariz.

E apesar de tudo, nos censuram, porque engolimos algumas fumaças de opio, purificado pelo fogo.

IX.

Um paiz insignificante, e que apenas tem os seus trinta milhões de habitantes, a França, mandou para a Exposição fazendas para vestir mulheres. Parece que a cassa e a tragedia são as especialidades deste povo, que é tido pelo mais futil do universo.

Pedi muitas vezes que me explicassem o mechanismo da tragedia, mas já não o quero saber. Quanto aos tecidos é outra cousa: os francezes desvanecem-se destas producções da sua industria, mas a dizer a verdade, não sei em que basêam o seu desvanecimento.

Entendo que se faça uso da cassa nos paizes, em que reina um clima benigno, verbi-gratia, no sul do imperio celeste; porém nas tres quartas partes da Europa faz quasi sempre frio. As mulheres vêem-se na necessidade de cobrirem a cassa com lã, ou pelles. Logo para que se servem della?

O que os francezes mais estimam, são os desenhos com que pintam as suas fazendas. Riem-se dos meus leques, e dos meus biombos; e pensam que sabem imitar melhor a natureza.

Grande lança mettem em Africa! A arte não serve para imitar. Não se consegue nunca aformosear a natureza; é preciso por tanto afeial-a. De que servem rosas pintadas, quando ha tantas rosas naturaes; de que servem homens e cavallos desenhados, quando a toda a hora se vêem os modêlos? Os olhos não gostam do que é verdadeiro. Se queremos pintar creaturas humanas, brutos, passaros, flôres, devemos apresental-os com figuras extravagantes. O espirito humano gosta de caricaturas. A arte consiste no impossivel, e no phantastico. Os melhores operarios de Lyão não são capazes de representar a menor chimera. Como não tratam senão do que é real, a imaginação se lhes ossifica; copiam, mas não inventam.

Tanto isto assim é que os proprios francezes, ao menos os que são ricos, e sabem dar valor ao que é bom, não fazem caso das fazendas, que os seus fabricam, e dão rios de dinheiro por aquellas, que nós inventâmos. Sacrificam á precisão do maravilhoso, que nas cousas mais triviaes da vida, atormenta o coração. Até na mesa do chá gosta o homem de achar chimeras.

X.

Noutro paiz pequenissimo, chamado Allemanha, formou-se uma sociedade de homens caridosos, e de bons propositos, que procuram impedir que as nações façam guerra umas a outras. Chama-se esta reunião o Congresso da paz.

A Exposição veio substituir o congresso da paz. É este, dizem as pessoas caritativas, o mais certo meio de acabar com a guerra e os seus estragos.

No palacio de crystal acham-se mais de trezentos modêlos de espingardas, cujo principal merecimento consiste em matar com mais rapidez e certeza.

Muitos membros do Congresso da paz fazem parte do jury da Exposição. Na sua qualidade de commissarios, hão-de ser obrigados a classificar, segundo a superioridade respectiva, estes instrumentos de guerra aperfeiçoados; hão-de-os enumerar entre as invenções uteis.

Mais outro exemplo da logica destes homens occidentaes.

XI.

Parece que os homens não têem aqui outro intento, senão diminuir o tempo e o espaço. Inventaram o vapor. Machinas para imprimir, n'um instante, centenares de jornaes. Machinas para andar, em poucas horas, centenares de leguas.

Machinas para fabricar centenares de coisas, de uma vez.

Navios, carruagens, officinas, tudo anda por vapor.

Andar depressa é o meio de viver pouco.

A sapiencia dos nossos antepassados repelliu sempre estes meios de imaginaria perfeição, que elles conheceram muito antes que os barbaros os conhecessem.

Multiplicar o movimento, não é multiplicar a vida.

Um sabio desta terra, e que é tido por demente, lastimava um dia, como eu, esta abusão da rapidez, que deita a perder os homens. Dizia-me elle:

Já se não anda, vôa-se.

Já se não lê um livro; dá-se-lhe uma vista de olhos.

Já se não dorme, descança-se.

Já se não janta, come-se.

Já ninguem passeia, vae.

Já se não escuta, ouve-se.

Já se não conversa, falla-se.

Supprime-se tudo quanto exige um poucochinho de sentimento, e de reflexão, tudo quanto leva tempo: em summa, trabalho e prazer, caminham com a maior velocidade.

Continúa.

A una Estrella.

Chispa de luz que figa en lo infinito
Absorbes mi asombrado pensamiento,
Tu origen, tu existencia, tu elemento
Menos alcanzo cuanto mas medito.

Si eres ardiente, inamovible hoguera,
¿Dónde el centro descansa de tu lumbre?
Si eres globo de luz, ¿cómo en la cumbre
No giras tú de la insondable esfera?

¿Por qué la tierra sin descanso rueda?
¿Por qué la luna el globo magestoso
Mueve, mientras tu carro misterióso
Inmóvil, fijo en el espacio queda?

¿Es que mi vista de mortal no alcanza
A percibir desde su oscuro asiento
Allá en la altura suma el movimiento
De tu carroza que en lo inmenso avanza?

¡Ah, si! que por espíritu movida
La creacion sin descanso se sostiene,
Y todo en la creacion marcado tiene
Forma y destino, movimiento y vida.

Tú giras, si; tus alas soberanas
Sulcan el mundo y sus confines tocan.
Mas ¿cómo en tu carrera no se chocan
Tus millares sin número de hermanas?

Mas allá de su límite prescrito
Sediento avanza, audaz el pensamiento,
Y tu origen, tu vida, tu elemento
Menos alcanzo cuanto mas medito.

D. Carolina Coronado.

A uma Estrella.

Ignea faisca prêsa no infinito,
Tu que assombras meu debil pensamento,
Tua origem, teu sêr, teu elemento
Menos attinjo quanto mais medito.

Se és immovel fogueira abrasadora,
Qual é teu vasto centro luminoso?
Se és um globo de luz, porque fogoso
Teu curso o infindo espaço não devora?

A terra porque gira sem descanso?
Porque gira da lua o globo immenso?
Tu porque involta n'um misterio denso
Deixas teu carro em perennal remanso?

São meus olhos mortaes que não alcançam
Nos abysmos do vasto firmamento,
Lá na immensa altura, o movimento
Dos planetas que resfulgindo avançam?

Ah! sim, que pelo Eterno conduzida
Sem descançar a criação caminha,
E na terra ao nascer tudo adivinha,
Fórma e destino, movimento e vida.

Giras, giras tambem; co'as azas bellas
Sulcas o mundo, e a natureza inteira,
Mas nessa infinita e ideal carreira
Porque não tocas n'outras mil estrellas?

Ah! das raias que Deus lhe tem prescripto
Já exorbita audaz meu pensamento,
E teu sêr, tua vida, e elemento
Menos attinjo quanto mais medito.

* *

Boa maneira de lograr os credulos.

Uma senhora, tendo perdido um annel de diamantes de consideravel preço, suspeitou que lh'o havia roubado a sua criada grave. Accusou-a do furto, mas a rapariga negou-o firmemente. Esta, comtudo, ficou em grande sobresalto, porque sabia que sua ama dava grande credito ás advinhações de um visinho, que gosava da reputação de oraculo. Percebendo a rapariga que a senhora tencionava ir consultal-o sobre o caso, resolveu antes de tudo pol-o de prevenção. — Foi com effeito a casa do visinho, narrou-lhe o succedido, confessou-lhe ter furtado o annel, ainda que com o unico intuito de se servir delle como enfeite, manifestou-lhe a sua irresolução sobre como havia de haver-se, e o temor de ser despedida, caso a senhora viesse a certificar-se das suas suspeitas, e accrescentou:

— Eu sei que ella tenciona vir ámanhã procurar-vos, dizei-me o que devo fazer.

O nosso advinho, depois de curta reflexão, perguntou-lhe:

— Ha lá em casa aves de criação, patos, por exemplo?

— Sim, respondeu ella, muitas.

— Entre ellas ha alguma mais notavel por suas diabruras?

— Sim, temos um grande côrvo muito máu.

— Bem, então ide para casa, embrulhae o annel n'um pedaço de pão, dai-lh'o a comer, e deixae o resto por minha conta; porém se estimaes a vossa reputação, não badaleis sobre isto a ninguem.

A rapariga seguiu á risca estas instrucções.

Na manhã do dia seguinte, a ama entrou em casa do feiticeiro, expôz-lhe o negocio, e as suspeitas que tinha da sua criada. Elle pediu-lhe que esperasse um pouco, e depois de haver consultado muitos livros e feito varios calculos, disse-lhe, que lhe parecia que a criada estava innocente, que o annel tinha sido engulido por algum animal negro, ave ou cão pertencente á casa.

A idéa do corvo occorreu immediatamente á senhora, retira-se promettendo ao advinho um rico presente, se por suas informações recuperasse o ann..

Volta a casa, dá ordem para que matem e abram o pobre Ralpho, acha-se-lhe o annel. A rapariga recebe elogios e um bello presente para lavar a mancha da sua reputação; o advinho é liberalmente remunerado, e adquiriu tal nomeada, que juntou grande fortuna á custa dos crédulos.

A verdade do caso só foi descoberta alguns annos depois, quando a criada, tendo casado muito bem, não receiou communicar todas as circumstancias á sua antiga ama.

Morte preventiva.

Appareceu o mez passado na estrada de Versailles a Sceaux um homem bem vestido, enforcado em uma arvore, tendo na algibeira a seguinte carta:

« Aquelles que descobrirem o meu cadaver, baloiçando-se ao grado dos ventos, como outr'ora os que eram pendurados na forca de Montfaucon, hão-de sem duvida experimentar terror e piedade. ' Mais um desgraçado victima da miseria ou do desgosto! ' dirão elles. E enganar-se-hão. Eu tenho sido sempre perfeitamente feliz. Presinto que com a edade, virão as enfermidades, e é para evitar a mais pequena dôr, o mais pequeno desgosto, que me decido a terminar a vida. Isto poderá parecer absurdo, mas entendo, que quem tem vivido bem por mais de 60 annos, tem vivido bastante. Não tenho familia. Não habitava em París. Julgo pois que será impossivel saber-se quem eu sou. E demais, tomei para isso todas as precauções; e se se tem algum respeito pela ultima vontade de um moribundo, peço que se não faça nenhuma indagação a este respeito.

« Deixei o meu domicilio, depois de ter vendido tudo, annunciando que ía partir para o estrangeiro. Apurada a minha fortuna em bilhetes do banco, devia hontem ser entregue a um honrado pae de familia, que fica feliz com ella, Arranjei tudo de modo que elle ignore de donde lhe vem. Não tendo mais nada que fazer neste mundo, vou deixal-o. Adeos!...

Assignado: — *Um original.* »

Noticias diversas.

Grande concerto philantropico. — Terá logar, segundo nos consta, no principio da quaresma, na sala do risco do arsenal da marinha, e calcula-se que aproximadamente, tomarão parte nelle trezentos executantes cantores e instrumentistas.

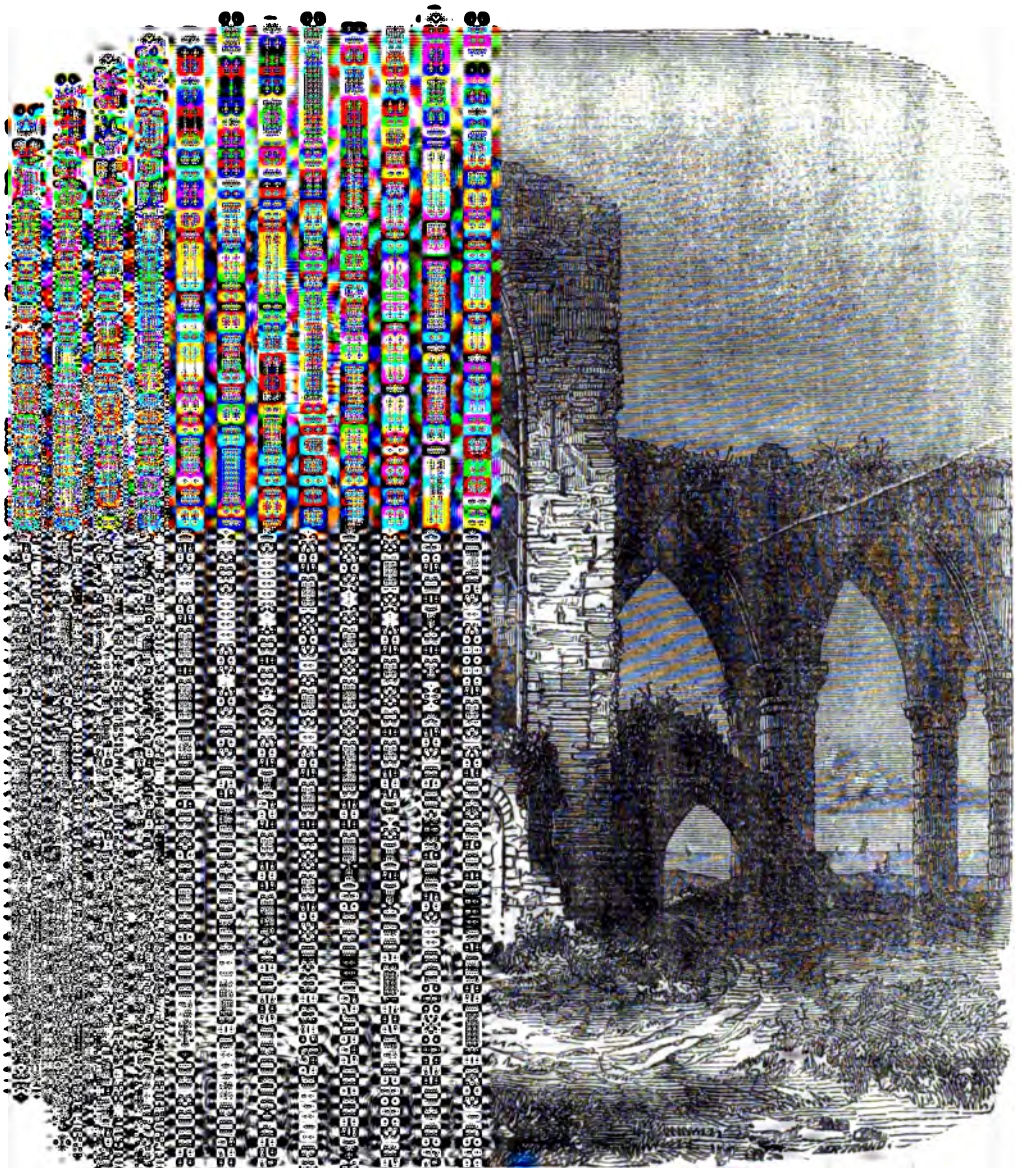
A commissão que se acha encarregada de tratar do dito concerto, compõe-se dos srs. conde do Farrobo, Frank Quintella, D. Carlos da Cunha Menezes, Saint-Martin, Schira, Pinto, Caetano Jordani, José Maria Christiano, João Alberto, Coppola e Migoni.

Os dois ultimos e o sr. Manoel Innocencio dos Santos, serão os directores do concerto.

Executar-se-hão seis symphonias: a de *Guilherme Tell*, *Gazza Ladra*, *Muda de Portici*, *Freischcotz*, uma de fr. José Marques, e outra do sr. Santos Pinto.

As peças de canto serão: o côro religioso de Neukomm, o da *Campana* — de Donizetti, o de caçadores de Weber, o do mercado — da *Muda de Portici*, o do 1.° acto do *Guilherme Tell*, e a *Preghiera* de *Moysés*.

Nova dama. — Espera-se a todos os momentos, que chegue de Madrid a dama *comprimaria*, que alli foi escripturada por ordem da empresa de S. Carlos. Consta-nos que é discipula do conservatorio daquella cidade, e que vem estrear a Lisboa a sua carreira artistica.



[illegible] não? [illegible] em [illegible] ver [illegible] o [illegible] que [illegible] a [illegible] as [illegible]s. Quando [illegible] ellas [illegible] vicas [illegible] eram, [illegible] am [illegible] ria [illegible] que [illegible] iam [illegible] tornar [illegible] se [illegible] em [illegible] as: [illegible] isso [illegible] sem [illegible] que [illegible] ran [illegible] s se [illegible] as [illegible]s. [illegible] ne [illegible] amp [illegible] ecce [illegible] assim [illegible] ma [illegible] rand [illegible] s [illegible] nos [illegible] s [illegible] s [illegible] pe [illegible] antes [illegible] e [illegible] emos [illegible] uam [illegible] n'um [illegible] mis [illegible] em [illegible] os [illegible] 2 [illegible] sas [illegible] ças [illegible] pe [illegible] in [illegible] ecê [illegible] para [illegible] r- [illegible] tua [illegible] len [illegible] ça [illegible] s [illegible] uis [illegible] que [illegible] arcu [illegible] - [illegible] As [illegible] ade [illegible] do [illegible] ério [illegible] nuo [illegible] m [illegible] s [illegible] s [illegible] mori [illegible] s [illegible] s [illegible] s [illegible] s [illegible] s [illegible] pa [illegible] ron [illegible] os [illegible] xos [illegible] Em [illegible] os [illegible] de [illegible] D [illegible] gra [illegible] ver [illegible] Ze [illegible] a, [illegible] n ve [illegible] de [illegible] gra [illegible] ovo [illegible] aem [illegible] enc [illegible] r- [illegible] 852 [illegible] Nº 2 [illegible]

nos as hyennas, os chacaes, as serpentes, e mil animaes peçonhentos: mas nem sempre estas sevandijas se apossam das ruinas das nações; ás vezes, ainda uma nação está em pé, e já della tomaram posse as sevandijas.

« Duas especies ha de ruinas, diz Chateaubriand: uma, filha do tempo; outra, filha dos homens. As primeiras nada têem de ingrato, porque a natureza opera junctamente com os annos.

Quando os annos fazem caliça, a natureza n'ella semeia flores; quando racham a pedra de um tumulo, ella ahi vae pôr um ninho de pombos; sempre cuidadosa de reproduzir, a natureza enfeita a morte com as mais suaves illusões da vida. As segundas, são mais devastações, que ruinas; só apresentam a imagem do nada, sem um poder reformador. Filhas, não dos annos, senão da desgraça, parecem cabellos brancos em fronte juvenil. As destruições dos homens, são mais violentas, e mais completas, que as dos seculos. Quando Deus, por motivos que nos são ignotos, quer apressar as ruinas do mundo, manda ao tempo, que preste a fouce ao homem; e o tempo vê, com espanto, que o homem arrasa n'um bater de olhos, o que elle não arrasára senão com o andar dos seculos. »

Depois de ter fallado Chateaubriand, não nos é dado mais fallar.

P. D.

Exposição agricola.

Já dissemos n'um artigo anterior deste jornal, que a nossa exposição agricola não foi mais que o ensaio de um pensamento feliz que o tempo ha-de fazer desenvolver e fructificar.

Como ensaio, tudo quanto se diga que não seja em seu favor e para animar tão proficua instituição, é fazer alarde de um máu gosto de critica é assassinar nas mantilhas da infancia a criança que podia vir a ser um Hercules, mas que muito cedo se poz em lucta com Antéo.

Faltam alli productos, que certamente occupariam logar distinctissimo, e dos exhibidos qualidade ficou talvez por lá, que muito mais maravilharia os espectadores; mas isto é naturalissimo na primeira vez de todas as exposições, e para as circumstancias que antecederam esta, inevitavel.

Estas circumstancias de todos são conhecidas. A principal, se nos não enganamos, é a falta da vida de relação na classe agricultôra; não ha nella partilha e reciproca communicação das luzes individuaes; não existe um centro de emissão destas luzes e ao mesmo tempo de convergencia aos exforços que porventura alguem faz para as achar.

Este estado de insociabilidade profissional, este individualismo artistico, em que vegeta a classe não só não instiga ás averiguações, senão que não deixa dar ás cousas o valor merecido; o habito de vêr só, cança e gasta a attenção, derramando sobre os objectos, que a todo o instante nos impressionam, a frieza da maior vulgaridade.

Ao ouvir fallar da exposição agricola, a quantos lavradores não occorreria o desejo de remetter alguma cousa, que fizesse conhecido o seu nome e galardoasse as suas fadigas? Mas que, a idéa, modesta de mais, da humildade da sua producção, associada a outra de que a exposição se consagrava apenas ás raridades, aos fenomenos estupendos da fecundidade da terra, extinguiu-lhes aquelle sentimento, a que um brado do instincto deu por momentos a base da possibilidade do justo e do merito.

Uma exposição nacional, de qualquer trabalho que seja, não é instituida unicamente para admiração e louvor do bom; a exhibição publica dos productos da terra e dos agentes mechanicos da sua productividade, interessa individual e collectivamente, quasi tanto pelo bom, como pelo máu. Porque, se por via della o consumidor vae reconhecer o que mais apropriadamente satisfaz suas necessidades e gostos pelo menor valor em tróca; se o productor apprende a julgar a sua obra, o seu valor, os aperfeiçoamentos de que é susceptivel, a concorrencia que tem a recear, o equilibrio que deve manter entre a procura e o preço etc.; o governo descobre e resume, com relação ao todo da nação, as necessidades geraes da producção, as causas, os meios de as supprir, n'uma palavra patenteam-se-lhe alli n'uma syntese, rigorosa e facil os pontos, onde deve acudir com a sua intervenção, as forças para fazer jogar em harmonia os instrumentos de toda a machina economica, os dados em fim que tem ao seu dispôr para resolver o problema base, o primordial, da felicidade de um povo, o da sua subsistencia e bem estar.

Nas futuras exposições agricolas, é de esperar que o governo, as sociedades agricolas que existirem, e uma commissão *ad hoc*, na falta por em quanto de um conselho central de agricultura, façam por diversos modos concorrer de todos os districtos e possessões, collecções completas de todos os nossos productos, alfaias e machinas, quer em objecto, quer em modêlo ou desenho. — Nada se deve omittir ou excluir. O paiz está chegado a uma nova era de vida, de vida pela producção; mas antes de tudo precisa conhecer-se e dar um grande balanço aos elementos com que conta para entrar certeiro e ousado na nova trilha de prosperidade. Não limitemos o fim da exposição agricola ao goso esteril de uma festividade, de um entretenimento, isso é a fórma apenas. A idéa não está no extasis contemplativo diante de uma camelia almiscarada, do nabo monstro, ou da arma regicida do Annibal do Gymnasio. — Exultemos de gaudio com as delicias do nosso sólo, embora; mas provemos igualmente o fel da nossa pobresa, e do nosso atrazo. Este póde ainda de nós fazer um povo activo, trabalhador e industrioso; aquellas prolongam o nosso adormecimento, e forjam uma illusão fatal, mentirosa, ácêrca do inesgotavel patrimonio que temos na naturesa.

Lapa.

Productos para sustento do gado.

I.

Bagaços.

(Continuação.)

Como alimento para os gados, é que os bagaços são altamente importantes á economia rural. É facil conceber seu valor neste emprego, quando se considere:

Que os bagaços possuem uma notavel porção de *materia azotada* (toda ou quasi toda quanta existia nas substancias donde procederam), a qual tendo dezeseis por cem de azote, o que representa quarenta e dois por cem de carne, é por isso apropriadissima á nutrição desta parte do corpo.

Que os bagaços, apezar de bem espremidos, conservam sempre *restos de oleo*, seis a dez por cem, o qual servindo á calorificação animal, pela combustão physiologica dos principios carbonados que tem, póde tambem assimilhar-se em gordura dos animaes, prestando-se assim á engórda destes.

Que os bagaços, emfim, têem phosphatos terrosos, que servem para crescimento e nutrição dos ossos, e outras partes, mais ou menos duras do corpo.

Esta composição assegura, pois, nos bagaços, não só as condições physiologicas do bom alimento, senão que até indica como prestadios elles podem ser á ceva dos animaes, e á producção de um leite bem natoso.

A pratica tem isto confirmado; mas não menos tem ensinado, que devemos abster os animaes de seu diuturno e quasi exclusivo emprego; porque a carne que criam, tem sabor ingrato; a gordura é oleosa e insipida; o leite, se bem que abundoso, não é de melhor gosto, e dá manteiga muito fluida.

Por isso, é preciso, afim de evitar ou attenuar bastante estes inconvenientes, associar os bagaços, em proporções limitadas, a outros alimentos, e até mesmo cessar de todo com elles nos ultimos momentos da ceva.

A principio os animaes estranham e não pegam bem nesta comida, mas depois, são tão golosos, tão arganeiros por ella, que muitos se tornam litteralmente *bagaceiros*.

Podem dar-se os bagaços no estado pulverulento, é até a forma que o gado ovelhum prefere; mas a melhor maneira de pensar os animaes com elles, é de os diluir em agua tepida, misturados á baganha, grança e moinha; á palha, fêno e grãos bem esmiuçados e atorçoados; ás couves, beterrabas, nabos, semeas, etc.; fazendo-os ahi ensopar e abeberar o melhor possivel. Obtem-se assim especies de *empapadas*, *temperilhos alimentares*, *gratissimos* ao padar dos gados; *muito sadios* pela variedade das substancias que os compõem, e mormente se adubados com algumas pitadas de sal; e *economicos* quasi sempre, por poder aproveitar-se nelles, forragens de inferior qualidade, que, com esta mistura, sobremodo se melhoram.

Os bagaços prestadios ao sustento dos gados, exhibidos na Exposição, eram só, o de linhaça, mendoby, grainha e azeitona.

O *bagaço de linhaça*, em fórma de adôbo, pertencia á viuva Burnay & filhos. É, dos que sua fabrica produz, o que tem maior exportação, principalmente para Inglaterra. Segundo nos consta não correram ainda muitos dias, depois que os inglezes quasi limparam a fabrica do que havia deste bagaço.

Não admira; porque a Inglaterra é o paiz classico da cria e ceva dos gados, e porque o inglez é o individuo mais carnivoro que se conhece na especie humana civilisada. Tomára elle vêr de sua terra brotar os gados, como della brotam uberrimos os pastos que os sustentam.

A poder de vontade, capital e sciencia, o inglez tem conseguido — se não isso que é um impossivel — ao menos criar raças taes para açougue, que é vêr ahi bois, carneiros, etc., já feitos, encorpados, gordos e prestando excellente carne, na idade em que os nossos são pouco mais de bezerros e cordeiros, etc.

Em face deste proceder é de certo phenomeno bem singular e estranhavel, a existencia da sociedade *phytophaga* de Londres. Não duvidamos comtudo apostar que fariamos caír em tentação, se não em peccado, esses puritanos do regimen pythagorico, obrigando sua reunião ante um provocador e appetitoso *roastbeef*.

Produzir, pois, a maior somma de carne possivel, tendencia é das mais caracteristicas da agricultura ingleza. Quando as forragens copiosissimas que cultivam, quando os residuos de immensas fabricas de cerveja, oleos, etc., não bastam, lá estão então os mercados estrangeiros, onde se provém do que lhes falta, lá vae então o bagaço de *linhaça* que produzimos.

Este bagaço é, com effeito, um dos mais nutritivos, um dos mais cevatrizes e lactiferos que se conhecem. Seu valor altriz, é duplo do bom feno dos prados naturaes. Bouscaren dá como sufficiente só 13 arrateis deste bagaço por cabeça, em ração quotidiana do armentio. Como porém esteja provado, que melhor é dar os bagaços em mistura a outras forragens, que não sós; por isso é que no norte de França empregam a dóse de um arratel para os cavallos e bois de trabalho, e quatro onças para os carneiros, subindo mais estas dóses para os animaes a sachinar e para as vaccas e cabras em lactação.

Diz-se que de todos os bagaços é este o melhor para amojar as leiteiras. Por isso, muito conviria talvez, aos vaqueiros, que em Lisboa têem a balda e máu costume de puxar o leite ás vaccas com a semea salgadissima, a qual obriga a beber muita agoa, dando um leite, se bem que quantioso, dessorado e salgado, — conviria repetimos, que, em proveito de melhor e não menos abundoso leite, ás abeberagens que lhes fazem, juntassem quando mais não fosse, um a dois arra-

teis deste bagaço, o que importa em 15 a 20 réis, vendendo-se, como agora se vende, a 500 réis a arroba.

Os nossos vaqueiros têem ainda nesta substancia, um meio azado, e muito economico, de sustentar e desmamar mesmo os vitellos, substituindo com ella grande parte do leite e farinha etc., que nisso empregam.

E tambem me parece, que os *marchantes*, se houvessem bons estabulos de deposito cêrca da capital, — no uso de alguns que poucos arrateis deste bagaço de mistura a outras forragens, teriam um meio de conservar em bom estado de carnes, as rêzes que votam ao consummo; as quaes muitas vezes anafadas e nédias como soêm vir das provincias, chegam ao matadouro, — senão astrosas e gafinhas — só fartas em badana.

Continúa.

S. B. Lima.

A Revista do anno de 1851.

Este mallogrado Portugal, onde os talentos têem nascido espontaneos, sem cultor que os vigie, sem mão sollicita que os limpe dos abrolhos, ou arranque os lychens parasitas que ameaçam afogal-os; — esta nossa terra, como nobre e generosa que é, nem descorçôa com os máus tractos, nem se amesquinha com as injustiças; e vae brotando sempre donosos fructos, que, se fossem bem cuidados, fariam inveja aos vergéis de mais preço. — Saltam aos olhos estas observações, e desgraçadamente; porque os factos as abonam continuamente, e ainda mais uma vez as repetimos nós, ha dias, no *Gymnasio*, ao representar-se a *Revista do Anno*.

Producção de um actor daquelle theatro, o sr. Braz Martins, esta comedia de circumstancia revela no seu auctor um bello talento, e póde considerar-se no seu genero uma obra de incontestavel merito. Não encontrareis enredo, ou lances comicos; mas, em desconto, nem uma só palavra será deslocada, ou ociosa; e a crítica fina e delicada de todas essas pequenas e grandes miserias do anno de 1851 interessa, diverte, e não offende nem a mais meticulosa susceptibilidade.

Não lisongeamos; e para mostrar ao sr. Braz Martins — já conhecido por outras producções applaudidas — que não fazemos elogios estrémes, os quaes, grande numero de vezes, têem valor negativo, lhe dizemos francamente, que na sua Revista ha caracteres apenas esboçados, e outros mal desenvolvidos; quando aliás poderiam augmentar o interesse da acção, e dar mais relevo a certas situações e phrases, que por ventura se tornam frouxas ou escuras. Citaremos os papeis de *D. Bernarda*, e do *Paiz*. O primeiro especialmente não caminha, arrasta-se; quando o movimento é a sua natureza, quando se espera, que ella faça na comedia o activo e importante papel, que desgraçadamente tem desempenhado nesta terra. Além disto *D. Bernarda* apresenta-se-nos, como uma matrona severa, rabugenta, e triste; para o que talvez concorresse a sr.ª Joaquina, que se encarregou desta parte; e neste genero de composições a seriedade, quando não é affectada e intencional, mata o effeito.

O *Paiz* tambem o achamos demasiadamente serio. Neste tempo de rara felicidade, em que as graças têem andado por ahi ás rebatinhas, e o seu cofre, vezes não raras, ha sido vazado no lodo das ruas, era mais logico um *Paiz* que representasse a sua mais importante classe. — Um *Paiz* barão e agiota, cosido de ouropéis e de fofice. Iam-lhe melhor as commendas, do que as quinas.

Entretanto do ponto de partida, que o auctor tomou, e considerando-o como elle o concebeu, é de toda a justiça dizer que o papel de *Paiz* está bem escripto, e que nos pareceu excellente o trecho poetico em que tão elevados e generosos sentimentos apresenta.

O auctor da Revista, pelo seu talento, deve ser superior a um desarrasoado e mesquinho amor proprio, para se doer com a nossa crítica, que póde não ser a mais illustrada, mas é sempre conscienciosa e benevola.

A *Revista* nada perderá com ella, antes ha de lucrar pela consideração de ter merecido uma analyse sincera, e um artigo que não é de chapa. A obra do sr. Braz Martins ha de viver, e fazemos votos porque continue a abrilhantar a sua nobre profissão de actor com a de poeta dramatico, para que mostra tão decidida vocação.

A. de L.

O Chim na Exposição.

XII.

Não faltam na Exposição cabelleiras.

Os povos deste paiz tornam-se calvos em curta idade; procuram então supprir o cabello fugitivo, e como toda a sua mania é crêr que se imite a natureza, inventaram o chinó.

Quando um europeu se acha calvo, põe chinó; mentira no caso.

Se lhe caíram os dentes, põe-os postiços; mentira no caso.

As mulheres magras estufam-se com algodão; pêta no caso.

Em vez de quererem imitar a natureza, não fôra melhor que os europeus procurassem a causa das cousas, e fizessem por conservar o cabello, pondo na cabeça uma carapuça mais commoda que os ridiculos chapeus redondos, e abstendo-se de mil pomadas, que deterioram o tecido capillar?

Não fôra melhor que conservassem os dentes, privando-se de fumar, e de mastigar tabaco?

Quanto á magreza das mulheres é facil dar-lhe remedio, por meio de alimentos mais nutrientes. Ha, na Europa, o singular delirio de crêr, que as mulheres não devem comer.

Comam ellas quatro vezes ao dia, e não terão necessidade do algodão.

Tive uma vez, com um europeu, uma conversa, bem singular.

— Meu senhor, disse-me elle, não me dirá o para que lhe serve essa cáuda, que lhe nasce no alto da cabeça?

Respondi cortezmente a este seccante:

— A experiencia fez vêr aos nossos maiores, que o homem não desfructa por muito tempo as vantagens exteriores, que a natureza lhe doou; os desvelos que estas vantagens exigem tornam de mais a mais o homem molle, e efeminado. Uma vez que os cabellos nos hão-de deixar, deixemol-os nós primeiro. Eis-aqui a rasão, porque rapamos as cabeças, ficando só uma trança, por onde nos agarre o anjo da morte, quando nos arrebatar ao ceu.

O barbaro poz-se a rir; e quando se despediu de mim, entrou n'uma loja de cabelleireiro, para encommendar um chinó.

XIII.

De quanto vi na Exposição, só uma coisa me encantou devéras.

Vi umas caixinhas tão bonitas, e cheias de uns fructos tão appetitosos, que eram capazes de tentar o proprio deus Boudhá.

Não me pude conter; metti a mão, tirei, levei á bocca. Oh! que deliciosa coisa!

Dirigi-me a um sabio de cabellos loiros:

— Que é isto? disse eu.

São ameixas doces, disse elle.

Quem as faz? disse eu.

As damas, disse elle.

Que se intende por damas? disse eu.

São arvores, que dão assucar, disse elle.

E onde se dão essas arvores? disse eu.

Em Portugal, disse elle.

De tudo isto lavrei auto n'umas folhinhas de madreperola, em que escrevia lembranças.

Perguntei-lhe depois onde ficava o paiz afortunado, onde nasciam coisinhas tão boas. Isso não é nada, respondeu-me elle; se um dia por lá passar, amigo chim, então verá o bom e o bonito!

XIV.

Por falta de espaço, não transcrevemos mais. Eis-aqui porém o resumo do relatorio do *homem habilidoso de mãos:*

— Quem se apressa faz mal. Só se aperfeiçoa, o que não vale a pena de aperfeiçoar-se. Os barbaros são barbaros.

Tal foi o juizo, que fez sobre a Exposição de Londres, *Kiu-fáo-li-tsa*, fabricante de biombos, e commentador de Confucius.

Não nos cabe analysar as suas conclusões.

O que podemos affirmar é que, chegado que foi á patria, poz-se a pintar monstros, macacos, e diabos verdes, como os pintára o avô de seu avô, e como os ha-de pintar seu filho.

O mandarim, intendente das artes e officios, outorgou uma grande recompensa a *Kiu-fáo-li-tsa;* deu-lhe licença para usar de um botão de cristal.

O homem *habilidoso de mãos* achou que as duas mulheres lhe tinham sido fieis.

Antes de partir de Londres, tinha vendido, por bom dinheiro, todos os biombos, leques, e lanternas, ao presidente da sociedade, encarregada de proteger a industria.

As vozes dos animaes.

Palram pêga e papagaio;
E *cacareja* a gallinha;
Os ternos pombos *arrulham;*
Geme a ròla innocentinha.

Muge a vacca; *berra* o touro;
Grasna a rãa; *ruge* o leão;
O gato *mia; uiva* o lobo;
Tambem *uiva* e *ladra* o cão.

Relincha o nobre cavallo;
Os elephantes dão *urros;*
A timida ovelha *bala;*
Zurrar é proprio dos burros.

Regouga a sagaz raposa,
(Brutinho muito matreiro;)
Nos ramos *cantam* as aves;
Mas *pia* o mocho agoureiro.

Sabem as aves ligeiras
O canto seu variar;
Fazem *gorgeios* ás vezes,
Ás vezes põem-se a *chilrar.*

O pardal damninho aos campos
Não aprendeu a cantar;
Como os ratos, e as doninhas,
Apenas sabe *chiar.*

O negro corvo *crocita;*
Zune o mosquito enfadonho;
A serpente no deserto
Solta *assobio* medonho.

Chia a lebre; *garsna* o pato;
Ouvem-se os porcos *grunhir;*
Libando o succo das flôres,
Costuma a abelha *zumbir.*

Bramam os tigres, as onças,
Pia, pia, o pintainho;
Cucurica e *canta* o gallo;
Late e *gane* o cachorrinho.

A vitellinha dá *berros,*
O cordeirinho *balidos;*
O macaquinho dá *guinchos,*
A criancinha *vagidos.*

A *falla* foi dada ao homem,
Rei dos outros animaes:

Nos versos lidos acima,
Se encontram, em pobre rima,
As vozes dos principaes.

P. D.

Cavallo sem pêllos.

(Equus caballus piliscarens).

Este solipede, que um celebre professor da Prussia, M. Naumann, medico veterinario militar, classifica, no seu Manual de *Zootechnia*, entre a raça islandeza e a zebra, parece ser antes uma nova variedade do cavallo domestico transportada pelos europeus para a Africa, sob a zona torrida. Este cavallo é de corpolencia mediocre, privado de crineira, assim como de crinas na cauda. A sua pelle, perfeitamente liza e lustrosa, é de um pardo acinzentado escuro.

A sua cabeça lembra a do cavallo arabe: testa larga, olho grande e vivo, á flôr do rosto, ganacha um pouco volumosa; differe delle porque a parte inferior da cabeça termina em ponta, o que lhe dá uma configuração *conica*.

As orelhas, ainda que finas e pequenas, são defeituosas, porque se acham postas muito abaixo, sem todavia serem pendentes. O pescoço, bastante comprido, bem conformado, tem a *degoladura*, frequente nos cavallos orientaes. A união da cabeça com o pescoço é menos elegante que no cavallo arabe. O chamado bordo crineiral tem um numero consideravel de rugas. A cernelha é alta e bem conformada, porém o dorso é muito ensellado. Os rins são baixos e alongados, a garupa é descahida, a cauda preza muito abaixo. O peitoral é bastante largo. As espaduas e ante-braços tem uma posição admiravel e estão bem dispostos; seus musculos são robustos e espessos; a pelle destas régiões é fina, e as veias superficiaes muito apparentes. O casco, mais redondo que alongado, luzidio, não deixa nada a desejar. O *cavallo sem pellos* apresenta uma particularidade que vale bem a pena de ser registada, por isso que ainda se não observou em nenhum outro monodactilo: *vem a ser que as suas extremidades, a partir do joelho para baixo, no membro anterior, e do curvilhão, no posterior, estão constantemente frias.* A escóla real veterinaria de Berlin possuio um destes animaes raros, cuja existencia ainda é ignorada por muitos sabios, sem exceptuar deste numero os naturalistas. M. o conde de Lindenan, primeiro picador de Frederico Guilherme III, rei da Prussia, comprou um cavallo desta variedade a M. Alpi, emigrado francez, antigo director do musêo de Versailles no tempo de Luiz XVI, o qual por desfavor da fortuna viu-se reduzido a percorrer as praças publicas de Allemanha com o seu musêo. Segundo os esclarecimentos dados por M. Alpi, o cavallo em questão tinha sido comprado por elle, a um official do exercito austriaco, que o havia trazido de Belgrade. M. Walter, professor de anatomia na escóla de Berlin, foi encarregado de saber se este cavallo extraordinario tinha effectivamente *nascido sem pêllos*, e o seu relatorio prova que a epiderme deste cavallo differia essencialmente da dos cavallos ordinarios, e que na realidade o individuo de que a escóla tinha feito acquisição pertencia sem duvida a uma variedade inteiramente distincta. O principe de Repnin, que viu este mesmo cavallo em Berlin, em 1798, confirmou a opinião do anatomista Walter. Elle disse ter visto, na Crimea, uma especie de cavallos analogos, que comparava, quanto á pelle, aos *cães turcos*, igualmente privados de pêllos.

Abolição das fogueiras das viuvas na India.

Por mais de dois mil annos se observou na India como preceito de religião, posto que barbaro e absurdo, o costume de queimar na mesma pyra funérea o cadaver do marido com a mulher, mulheres ou concubinas que voluntariamente se votavam a este sacrificio. Por maiores e instantes que tenham sido os esforços e a diplomacia dos inglezes em desterrar tão supersticiosa e inhumana pratica, não o tem podido conseguir senão nas possessões do seu dominio, ou nas a que tem estendido parte da sua auctoridade. Nos estados livres tinham até aqui achado sempre a mais forte opposição da parte dos principes, do clero, ou das pessoas influentes, todos mais ou menos interessados na conservação de similhante superstição.

O tenente coronel Ludlow, presidente do conselho da regencia do reino de Jaypour, na menoridade do herdeiro da coroa, resolveu tirar partido da sua alta posição para acabar de uma vez com tão horrivel sacrificio.

A habilidade e preseverança com que este philantropico empenho foi negociado com os principaes daquelle paiz fazem a maior honra a Ludlow.

O conselho da regencia de Jaypour decretou finalmente a 23 de agosto de 1846, que seriam applicadas a todas as pessoas que contribuissem para estes sacrificios, como auctores, ou cumplices, as penas impostas pela lei ao homicidio. — Os diversos estados livres, que tão contumazes se haviam mostrado, não resistiram ao exemplo, e tem successivamente abolido este uso, comminando-lhe eguaes penas.

Como acabou um artista.

Em uma agua-furtada, na rua de S. Martinho, (París), morava um velho, a quem os visinhos ouviam ás vezes tocar rabeca. Vivia só, pobrissimamente, e fugia de se encontrar com a visinhança. Uma vez entraram a sentir-se na escada exhalações infectas, cuja causa não era sabida; por fim, conheceram, que provinham da casa do velho. Chama-se o commissario de policia, arromba-se a porta, e acha-se o cadaver do velho estendido na enxerga, e já tão corrupto, que o

medico incumbido de o examinar declarou, que a morte já tinha mais de vinte dias. Ao pé da cabeceira estava uma carta, que rezava assim:

« N'outro tempo tive habilidade; fui um dos primeiros rabequistas dos melhores theatros. Ainda me lembro daquellas deliciosas noites da opera-comica, quando se não fazia estrondo como agora, mas sim uma doce harmonia, que fallava ao coração. Ganhei muito dinheiro, e vivi como artista... folgadamente. Por isso vou morrer como artista... na penuria. A quem lêr a carta do artista velho, sirva isto de lição.

« Não me faltava a commiseração de meus collegas, mas eu era muito soberbo; envergonhava-me de chegar ao pé daquelles, que me haviam conhecido em tempos felizes. Estava esperançado na misericordia de Deus; esperava ganhar alguma cousa na loteria das barras de ouro. Só um numero tinha podido comprar; era o 4,947:989. Se houvesse ganho o premio mais pequeno, isso mesmo me bastaria para viver descançado o resto da vida; mas, uma vez que Deus mandou o contrario, morro com resignação.

« Peçam a Deus pelo musico velho. »

Agua, exercicio, e dieta.

O celebre medico Dumolin, que vivia no tempo de Luiz XIV, estando para morrer, e rodeado dos mais distinctos medicos de Paris, que lhe testemunhavam a sua dôr pelo estado em que o viam:

— Meus senhores, disse elle, não lamenteis a minha morte, porque deixo em meu logar tres grandes medicos.

Instado para designar quaes eram estes medicos, em cujo numero cada um dos assistentes pensava ser incluido, elle respondeu immediatamente e com grande descontentamento de todos:

— Estes medicos são: a agua, o exercicio e a dieta.

Sexo duvidoso.

Da *Gazette des hospitaux* extrahimos o seguinte curioso facto.

Com o nome de *Angelica Courtois*, foi baptisado um recem-nascido, sem se saber ao certo qual era o seu verdadeiro sexo. O genero do nome impoz á criança a condicção do traje feminino, com o qual andou, não sem grande desgosto e repugnancia, até á idade de dezoito annos.

Nesta época, persuadindo-se de todo que taes vestidos lhe eram mal cabidos, foi-se a pedir a um medico celebre uma verificação.

Este, reconhecendo na pessoa todos os caracteres da virilidade, e que as duvidas offerecidas sobre a classificação do seu sexo procediam de um vicio de conformação, conhecido em medicina pelo nome de *hypospadias*, passou-lhe um attestado em fórma, segundo o qual, a promovia de mulher apparente a homem real. — A ambigua creatura não quer saber mais nada, a alacridade da sua metamorphose quasi lhe tolda o sizo, para logo escorcha e arroja de si as saias que a incommodavam, e enverga ufana as insignias de homem de facto. Este homem, com sabor de mulher, falleceu ha pouco com trinta e oito annos de edade, e foi então que pela anatomia se apreciou perfeitamente a extravagancia de conformação com que a natureza quiz fazer delle uma especie de paria na ordem natural dos sexos.

Mares da India.

A correspondencia de Singapor, recebida pela malla da India, narra um drama maritimo, que se passou a 5 de outubro, na fragata *Fawn*, que seguia viagem para Calcutta, pelo estreito de Malaca.

Quando este navio, vindo da China, arribou a Singapor, a 3 de setembro, grande parte da tripulação, composta de bengalenses, a abandonou por causa do rigor com que era tractada pelo capitão, e officiaes inferiores; e quando houve de seguir para Calcutta, foi preciso metter marujos malaios, gentinha terrivel, que não soffre os castigos, a que os bengalenses se submettem sem abrir bocca. Seis dias depois da partida, foi o contramestre severamente castigado com açoutes de corda, por ter commettido um erro leve. O resultado disto foi um acto de vingança atroz. Houve um levantamento: capitão, officiaes inferiores, e passageiros, morreram a machado. A mulher do capitão, e uma passageira que levava uma criancinha, foram mettidas na lancha, que se voltou com ellas: a passageira veio ao decima d'agua, com a criança nos braços. Um dos marinheiros lançou-lhe um remo, para a senhora se agarrar, e por este acto levou muita pancada do contramestre.

Quando anoiteceu, vendo os do motim, que toda a tripulação lhes era fiel, deram com o navio na areia, a 45 milhas de Penang: dezenove homens foram a nado para terra; e quatorze, que formavam o resto da tripulação, metteram-se na chalupa, e foram lançar ferro defronte de Passier-Panjang. Foi alli que dois bengalenses, em quanto a companha dormia, se passaram para terra, e deram parte de tudo ás auctoridades. Com tal actividade andou a policia nas suas pesquisas, que ao cabo de poucos dias, quasi todos os criminosos estavam presos. Em meado de novembro havia de se instaurar o processo, no tribunal criminal de Penang, para serem julgados os perpetradores de tão horrorosa matança.

Morte de Priessnitz.

Acaba de morrer em Gœffenberg o celebre Priessnitz, o apostolo mais fervoroso da Hydrothérapia. Dotado de grande sagacidade e finura de instincto, e sobre tudo de uma avareza insaciavel, resolveu pela medicina, esta patria nata de

toda a especie de charlatão, adquirir uma fortuna independente. Depois de ter exercido, sem habilitações e tambem sem grande fructo, a medicina veterinaria, fez-se acreditar possuidor de uma panacéa universal, de um remedio infallivel para todo o doente o mais desenganado dos medicos; este remedio era a agua fria. O padecimento é portador da fé; o doente está sempre prompto a crêr, que ha ainda um remedio que o póde salvar; por isso este novo doutor Sangrado, esta quinta essencia dos barões de Catania, viu-se em breve acodido de uma multidão, já com passaporte para melhor vida, que á nova da apparição de um anjo salvador accorria de todas as partes a esmolar o balsamo consolador. Então, seguro do triumpho, a sua industria tomou as fórmas colossaes, que a cobiçosa phantasia lhe havia traçado. Fundou um hospital, attrahiu logistas, vendilhões e industriaes de todo o genero, construiram-se edificios, aformoseou-se a terra; Gœffenberg, pôvito esquecido e deserto, experimentou uma completa transformação. Estes melhoramentos, e a felicidade do povo, são na verdade um glorioso monumento á memoria deste homem, não obstante a avidez sordida de ouro que os promoveu. Póde bem desculpar-se-lhe a intenção, attento o beneficio geral que causou. O que é porém questionavel, é se o numero dos despachados deste mundo, se dão da mesma maneira satisfeitos. Priessnitz grangeou uma nomeada, quasi universal, e diz-se que chegára a ajuntar quatro milhões de francos.

Theatro de S. Carlos.

A opera — *I Falsi monetari* — musica de Lauro Rossi, poesia de Jacobo Ferretti, foi á scena pela primeira vez em 19 do corrente.

O enredo, que não descrevemos por falta de espaço, é engraçado e foi extrahido de uma antiga farça italiana — *A casa deshabitada*. A musica, exceptuando alguns trechos, como por exemplo — *o tres por quatro*, do côro do mercado, que é bem cantado, fazendo effeito o *stacato*; — o duetto de *Sinforosa* e *Eutichio*, muito bem desempenhado pela sr.ª Sannazzari e Bonafos; e o terceto de *Sinforosa, Eutichio* e *Annetta* no 3.° acto; é geralmente mediocre, e, em alguns pontos, fóra de caracter, como acontece no côro de introducção do 1.° acto, onde se procura debalde saber, qual foi o pensamento esthetico, que presidio á factura daquella peça tão marcial e recheada de toque de tambor.

A sr.ª Arrigotti recusou a parte da velha *Sinforosa* para fazer a da gentil *Annetta*; e declarou, que por obsequio á empresa *e ao publico!*... se encarregava deste papel, escripto para *meio soprano*. Obsequio ou não, o certo é, que nós ficámos sabendo, que a differença de um *meio soprano* a um *suprano sfogato* remedeia-se transportando a musica meio ponto acima, pois foi o que a sr.ª Arrigotti fez unicamente á sua *canção* do 2.° acto.

A sr.ª Sannazzari, apesar de ter que desempenhar um papel em que se exige mais arte do que sentimento, mais experiencia do que inspiração, não obstante a instrumentação da sua parte ser pouco favoravel aos seus recursos vocaes, houve-se brilhantemente, e sahiu muito airosa desta nova prova.

O sr. Bonafos foi um *Eutichio* assaz digno de elogio, especialmente na sua aria do 3.° acto.

O sr. Mancusi *(D. Isidoro)* tem um papel pouco importante, e desempenhou-o bem.

O sr. Guglielmini *(D. Raymundo)* portou-se discretamente.

Os córos desafinaram bastante, no trecho que cantam dentro, na aria de *Eutichio*.

O vestuario é, em geral, incoherente e falto de analogia.

Sentimos dizêl-o; mas — *I Falsi monetari* — promettem pouca duração em S. Carlos; e a que tiverem, devel-a-hão unicamente *á sr.ª Sannazzari* e ao sr. Bonafos.

Chegou de Madrid a *comprimaria* que se esperava, e começaram já os ensaios da *Ildegonda*.

Noticias diversas.

Companhia franceza. — Os societarios do theatro de D. Fernando fizeram contracto com Mr. Bertrand, director da companhia franceza do theatro da Cruz, em Madrid. As representações hão de começar no dia 15 de março, e acabar a 16 de junho.

Correspondencia para o Brasil por via dos paquetes. — O paquete inglez, que sahiu para o Brasil em dezembro de 1851, levou *duas mil e setenta e sete* cartas, e *noventa e nove* massos de jornaes. Porte das cartas 421$440 réis. Porte dos jornaes: 39$050 réis.

Periodicos hespanhoes. — No escriptorio do *Centro Commercial*, rua larga de S. Roque n.° 90, recebem-se assignaturas para a *Illustração hespanhola*, para o *Semanario Pittoresco*, e para outros jornaes de Madrid.

A *Revista Popular* tem duas edições, uma superior e outra ordinaria. Na parte litteraria as edições são identicas. A superior excede a outra pela nitidez da impressão, pela qualidade do papel, e porque todos os mezes, com um dos numeros, se distribue aos assignantes um figurino de modas.

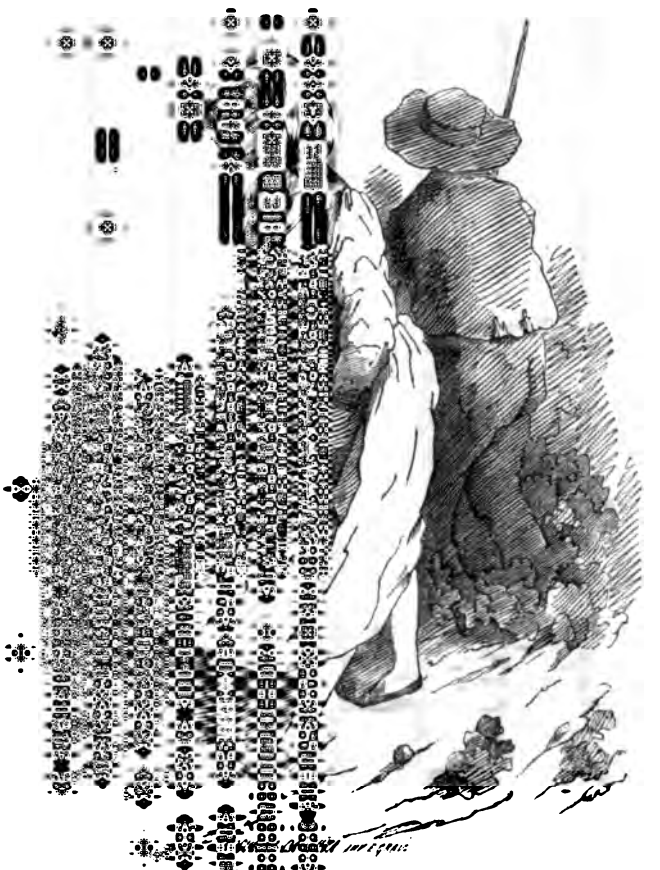
PREÇOS.

Edição superior com figurinos	48 numeros	1:800	....	24 numeros	960
Edição superior sem figurinos	48 numeros	1:440	....	24 numeros	800
Edição ordinarina	48 numeros	960	....	24 numeros	480

Domingo.

Deus descançou, ao cabo de seis dias. Quando outro motivo não houvesse para se sanctificar o septimo dia, bastava o commemorar-se o descanço do Senhor.

A egreja distingue tres classes de obras — a que chama *liberaes, servis* e *communs*. Liberaes são as do dominio do entendimento, taes como lêr, estudar, e outros exercicios, em que só to-



[illegible], ao domingo.

[illegible]

uma grande navegação em dia muito santo, em dia de Anno Bom; e Deus, que transtorna os feios propositos dos homens, mandou o contrario.

Mas são os que têem mais necessidade, os que trabalham ao domingo? Não, por certo. As officinas onde o pobre ganha parco salario, fecham-se; e ficam abertas as lojas, e principalmente as de sapateiros e modistas, tudo gente que cose, isto é, que faz as obras da segunda classe, que acima apontámos.

Os sapateiros, pela maior parte, guardam a segunda feira; parece que nisto fazem acinte; e as casas de modas levam tão longe o despreso pelos preceitos religiosos, que vão postar-se mesmo defronte das egrejas (como acontece aos Martyres), de porta escancarada.

Não fazem isto de certo por necessidade, pois se estivessem estas casas fechadas nos dias santos, quem houvesse de comprar, compraria nos outros dias, e não succederia saírem as senhoras do templo de Deus, para logo entrarem no templo da vaidade. Afóra as boticas, e lojas de viveres, onde é preciso recorrer, por accidentes imprevistos, todas as lojas se deviam fechar nos dias sanctificados. As lojas abertas só dão escandalo a quem sáe á rua, e por ellas passa; mas ha officios, que entendem com o cidadão religioso, que está em sua casa guardando o domingo; e estes são os officios de estrondo, taes como os dos ferreiros, caldeireiros, tanoeiros, que estão com as suas marteladas, lembrando o trabalho, a quem se quer entregar ao descanço licito, ao descanço, que a egreja approva.

O preceito de guardar o domingo é bom ou máu? Se é máu, seja abolido; se é bom, cumpra-se e faça-se cumprir. Que fazem as auctoridades, a quem importa vigiar por isto? Que faziam os Apostolos, a quem Jesu Christo pedia que orassem e vigiassem com elle? Dormiam. Parece que o dormir é molestia dos que se chamam amigos de Christo. Deixemos a cidade, onde o amor a Deus é tibio, e vamos ao campo. Que differença entre uma dama enfaixada em sêdas, e uma saloia encadernada em chita! Que differença na maneira de guardar os preceitos santos. Vêde uma saloia ao domingo. Põe á parte todas as suas lidas, e passa o dia em folguedos innocentes. Depois de ouvir missa, com aquella seriedade e devoção, que nem sempre na cidade se encontra, váe dançar com as companheiras á sombra de arvores frondentes. Esquece-se de tudo, menos de que é dia santo, e póde entregar-se a uma alegria moderada e simples. Outras vezes, cantando ao desafio com o predilecto do seu coração, improvisa cantigas em versos tão bem medidos, que levam a palma a muitos que por ahi se imprimem.

Nas danças do adro, ou debaixo dos castanheiros, reina a maior decencia. Tocam-se as mãos calejadas sem idéa peccaminosa, como não succede muitas vezes nos nossos bailes. A saloia, quando ama, é timida e vergonhosa; pelo menor dito se faz vermelha; e o saloio, quando diz finezas, está sempre cabisbaixo, escrevendo no chão com o varapáu; e cada vez que abrem a bôcca é para deixar saír torrentes de poesia. O amor casto lhes inspira a poesia, e a poesia lhe amênisa os costumes; por isso os rusticos guardam melhor as festas, que os urbanos; parece que até os irracionaes os imitam. O boi, diz um celebre auctor, o boi não póde trabalhar nove dias a fio; no fim do sexto, parece, com mugidos, pedir as horas pelo Creador marcadas, para descanço geral da creatura. Os antigos camponezes diziam: — os nossos bois conhecem o domingo, e não querem trabalhar nesse dia.

É que em muitos casos, os brutos parecem ter mais raciocinio que os homens.

P. D.

Exposição agricola.

I.

Bagaços.

(Continuação.)

O bagaço de mendoby provêm das sementes de uma especie leguminosa (arachis hypogea L), que dando-se muito na Africa e no Brasil, não estranha no nosso paiz, no qual ainda que ha bastantes annos conhecida, só nestes ultimos se lhe tem concedido a importancia que merece, e isto em parte devido aos patrioticos desvelos do sr. Giraldo José Cunha, secundados pelos incansaveis esforços do sr. Ayres de Sá. A sua producção é prodigiosa. Assevera-nos S. Ex.ª que póde chegar a mais de 100 sementes, e cousa de um alqueire destas, fundir tres a quatro canadas de um azeite, que, se pouco prestadio é a nossos usos cibarios, é comtudo prestantissimo nos demais empregos a que se votam os azeites communs. O bagaço que fica, esse, de um aspecto agradavel, e de gosto não mui desenxabido, reduzido a farinha, serve na Africa — diz-se — para fazer bolos, de que os indigenas ou naturaes ahi se sustentam; e cá, entre nós, póde ter então emprego para o *sustento dos gados;* e tambem é com esta indicação que elle apparece na exposição.

Com quanto não tenhamos conhecimento de factos que próvem o valor nutritivo deste bagaço, afigura-se-nos comtudo, que, se não fôr mais, não será muito somenos do de linhaça; e por isso será possivel talvez empregal-o em todos os casos, onde este é usado.

O bagaço de grainha appareceu na exposição, mais para mostrar como da grainha se póde extrahir azeite, que não para significar que effectivamente se faça em grande essa extracção na fabrica de Alcantara. Foi ahi um ensaio, que, segundo nos consta, não promettendo grandes vantagens, teve de limitar-se ao que foi, — a ensaio só. Todavia, caso alguem produza este bagaço, saiba então, que não é de todo improprio ao sustento dos gados. Bouscaren dava-o ás suas vac-

cas, só por si, na quantidade de 14 arrateis; mas em geral seus effeitos são ainda pouco conhecidos. Não tanto diremos da *grainha* em si, que nutre, ceva bem, peculiarmente os porcos; e que, misturada ao *folhêlho*, póde supprir a ração de grão aos cavallos e bois de trabalho, especialmente no inverno; pois os principios alcoalicos que no folhêlho existem, os aquecem e estimulam convenientemente. E ao dizer de Turk, esta mistura é até um excellente perservativo para a *amarilha* do gado ovelhum.

Calcule-se, pela grande cultura de vinhas, o immenso bagaço de uvas que possuimos, e veja-se como nelle — se melhor aproveitado fosse, que não deitado ás ruas onde enxurradas o somem — se haveria um bom supprimento, no caso de escacez ou carestia de outras forragens, como a que tem occorrido nesta quadra, valendo, como val tal bagaço *em bruto*, (grainha, folhêlho e engaço) 300 arrateis, 100 de bom feno; ou então se *desengaçado* 100 arrateis, 300 de feno. *

Bagaço de azeitona. Este não é de semente oleosa, mas sim de fructo. Na exposição appareceram duas amostras delle, uma obtida, segundo ahi se diz, em antigo lagar, outra em moderno.

Serviam essas amostras para indicar como do antigo lagar se não alcança tão perfeita extracção de azeite, e como do moderno é ella mais completa; visto dar aquelle, bagaços menos esmiuçados, de mais cheiro e unctuosos, do que este; e por conseguinte provar isto — que o tal moderno lagar é de melhor engenho e perfeição.

Considerando porém estas amostras pelo lado do sustento dos gados, facil é de inferir que, a que indica mais perfeita extracção de azeite, indica simultaneamente menos substancia nutritiva, e portanto que o bagaço de antigo lagar é mais substancioso que o do moderno.

Para o gado suino é que o bagaço de azeitona se emprega; e a titulo de simples sustento, como para puxar á ceva, é elle, o bagaço, constante em todos os temperilhos, ahi para as provincias onde avulta a cultura da oliveira. O toucinho porém que produz, jámais tem a firmesa, a consistencia e agradavel sabor do que é criado nos montados; cozido reduz-se a pouco, e isto porque é muito oleoso, e então se derrete e desfaz mais. Apesar deste inconveniente, nem por isso deixa tal bagaço de ser um grande recurso para o sustento e engorda a caseira dos porcos, attendendo ao muito que estes animaes o appreciam, e geralmente a seu preço pouco subido, que agora é, nos lagares dos suburbios de Lisboa, a 140 réis o cêsto (cousa de 4 alqueires); se bem que possa mais tarde chegar, como no Riba-Tejo o temos observado, a 100 réis o alqueire.

Este anno, que fraca foi a safra dos montados, nos consta que, para haver algumas varas de bons cevões, mais de um lavrador teve de recorrer ao uso das favas e milho ou cevada, (optimos alimentos para este fim, e que não põem menos, senão mais, de uma arroba de pêso por duas fangas em mistura egual) associando-lhe com muita vantagem o bagaço de que tratâmos.

Taes foram pois os bagaços que na Exposição appareceram, indicados para o sustento dos gados. O de purgueira não serve para isto, só é bom para estrume, como dito foi já. Vimos porém n'um logar da Exposição o azeite de semente de nabos, apresentado por Burnay, mas não o seu bagaço. Se tal bagaço houver, bom é saber que, ao gado lanar é que melhor convêm, dizendo-se mesmo que o perserva da amarilha que sóe tanto atacal-o e tantas victimas fazer.

Tambem vimos o *malte* — que é a cevada germinada e assim propria ao fabrico da cerveja — e vendo-o, lembrou-nos o pé ou fundagem que deixa nesta fabricação, e que se chama *sêmea ou massa de cerveja*, o qual embora não seja propriamente um bagaço, é comtudo como este um *residuo*, e como elle tambem de grande valia no penso dos gados. Um arratel equivale a outro de bom feno dos prados naturaes.

Nas cidades populosas, em que o leite tem venda facil, e que possuem fabricos de cerveja, têem os vaqueiros no residuo do malte, um penso que sobreser economico, é altamente conveniente a amojar ou puxar leite ás vaccas e cabras, leite que se não é de superior qualidade, tambem não é dos peiores em gosto. Ha cerca de Londres vaccarias de 400 a 500 vaccas onde esta substancia fórma a base do sustento, e atulha-se ahi grandes provisões della para a ter em todos os tempos.

Em Lisboa conhecemos vaqueiros que tambem a usam e bem dizem tal proceder. Porém o que uma grande parte delles empregam e com vantagem, sobretudo agora de inverno, é a *fundagem ou bórra liquiscente* que se solta dos alambiques em que se tem destilado a *aguardente dos cerçaes* (genebra). Este *residuo* é, senão mais, nunca menos nutritivo que o da cerveja, e barato bastante, vendendo-se, como se vende, pouco mais ou menos, a 20 réis o almude.

Visinhos, como estâmos, da unica fabrica que em Lisboa ha deste genero, hemos notado uma cousa, e é — comprar o dono della por um vil preço rêzes a caír de laseira, vêl-as entrar assim na fabrica, e depois de lá sairem a fender de gordos, valendo então bom dinheiro, isto não tendo, como sabemos, outro sustento que não seja principalmente esse residuo.

Aqui terminâmos as considerações que tivemos por conveniente produzir ácerca dos bagaços; e summarias como foram, mostraram comtudo, como, em cousas que são fezes, restos, nonadas ao que parecem, muito valor póde colhêr a economia rural.

Portanto julgâmos que, louvores merecem, e bem cabidos, as pessoas que, conhecedoras do valor e importancia dos bagaços na agricultura, e mais por isso, que por espirito de chatinar,

* Vêde o artigo que a este respeito escrevemos na *Revista Universal* vol. 7, pag. 363.

vieram com elles á publicidade da primeira Exposição agricola portugueza.

S. B. Lima.

Processo para tirar o ranço á manteiga.

A causa porque a manteiga cria ranço provêm de uma quantidade maior ou menor de caseina que sempre lhe fica mixturada, a qual em presença do ar se converte em fermento e origina o acido butyrico. — A simples lavagem com agua fria não póde tirar á manteiga este gosto desagradavel, porque ella não molha a manteiga nem dissolve a caseina; mas uma solução alcalina dissolve esta, e se já existe formado o acido, satura-o.

Querendo pois restituir á manteiga rançosa as suas primitivas qualidades, basta laval-a bem em uma solução alcalina, o leite ou agua de cal, por exemplo, e depois em agua limpa. — Recommenda-se mesmo a mixtura desta solução, ou de qualquer lexivia alcalina, com a nata dentro do engenho, escorrendo-a com o sôro, logo que a manteiga principia a amaçarocar, e lavando esta depois em bastantes aguas. Por este meio priva-se a manteiga de quasi toda a caseina e conserva-se assim muito mais tempo sem rançar.

O que fez um marido para que sua mulher o amasse.

I.

Não ha nada tão aterrador como as novellas dos tribunaes, escriptas pelos criminosos com um instrumento contundente, ou assignadas com veneno por uma mulher, cujos amores foram mallogrados. Ahi vae uma, a qual faltaram bem poucas formalidades para apparecer sob a rubrica *tribunaes*, em vez de ser dada como folhetim. Foi contada por um camponez da Marche, nas ultimas ferias.

Não havia em toda a provincia, disse elle, quem fizesse melhor a pontaria que o tio Talon. O estrondo da sua espingarda conhecia-se n'um raio de dez leguas; e era fama que nunca a tinha disparado debalde.

O tio Talon vivia n'uma especie de matta, ao pé da aldêa de Veldez, onde tinha construido um casebre, a que chamava pousada, para enganar a justiça, que pela sua parte não tinha muita vontade de se intrometter com quem atirava com mão tão certa. O caçador, já velho, nunca ía bater matto, sem levar comsigo o cão e a filha.

O cão era feiissimo e sujo; mas tinha muito instincto, e chamava-se *Gendarme*. A filha chamada Joanna, era de boa estatura, forte, vermelha; tinha dezesete annos, olhos pretos, e formosos cabellos com que fazia uma trança, que andava sempre caída pelo pescoço. Era uma guapa moça, como lhe chamavam os camponezes das cercanias, e a mais airosa das que dançavam ao domingo debaixo dos castanheiros. Entre o caçador e a filha não havia outros laços, afóra os do parentesco. Protecção por uma parte, respeito pela outra. Quanto a amisade e carinho, eram coisas que não conheciam. A obrigação de Joanna a pouco se reduzia. Andava de pé descalço com o vestido enrolado e atado atraz; levava a rêde de caça do pae, e de vez em quando balouçava-se nos ramos das arvores, que encontrava. Depois de muito bater matto, e correr atraz das lebres, chegou um dia em que Joanna quiz tambem polvora e espingarda. A primeira batarda que matou foi para ella uma festa. Foi continuando assim, e chegou a ter a mão tão certa como seu pae.

Estas duas entidades de natureza primitiva e quasi selvatica, íam á caça, como iriam á guerra. Nunca se turbavam; andavam ás vezes leguas e leguas, hombro com hombro, sem dizerem palavra. Nunca seus pensamentos se encontravam se não quando, ao mesmo tempo, chamavam a *Gendarme*.

Mas ao passo que Joanna dava caça aos pobres cidadãos do ar, o amor lhe dava caça ao coração. Mais de uma vez lhe aconteceu deixar fugir uma ave de entre as searas, e parar, pensativa, a contemplar as velas do moinho, onde morava um garboso mocetão de vinte annos de edade, que tinha os mais lindos cabellos louros e enfarinhados, que possam achar-se dentro de um barrete de lã. Mais de uma vez lhe aconteceu a Joanna entrar em casa á noitinha, sem caça e pensativa.

É de saber que o tio Talon deu logo por esta mudança. Um dia, havendo Joanna deixado fugir uma cotovia, soltou elle uma jura terrivel e poz-se a assobiar por entre dentes, como costumava fazer quando tinha coisa que lhe désse cuidado. Joanna ía ao pé delle com a cabeça baixa.

Passados algnns momentos, voltou-se elle subito para ella, e disse-lhe com desabrimento:

— É verdade, Joanna, faço tenção de te casar.

— A mim, pae?

— Pedro Lachaux pediu-te em casamento. Eu disse-lhe que sim.

A rapariga, que a principio tinha córado, ergueu a cabeça admirada; e com um sorriso, que mostrava indifferença, respondeu:

— Não gósto de Pedro Lachaux.

— Embora! Gósto eu delle.

Joánna olhou para o pae, a vêr se fallava a serio.

— Não me quero casar, disse a rapariga com animo quieto.

O pae já lhe não dava ouvidos. Acabava de largar o cão a uma excellente lebre, contra a qual já armava o gatilho. Depois de ter disparado, volveu a atar assim o fio ao discurso.

— Pedro Lachaux ha de cá vir ámanhã. Ha tres annos que lhe estás promettida: e antes de oito dias serás sua mulher.

Isto não tinha replica. Joanna guardou para si as reflexões, que fazia.

II.

O caso é que Pedro Lachaux era uma grande vantagem para a filha de um individuo a quem pouco faltava para ser salteador. Lachaux tinha militado nas guerras de Africa, e contavam-se delle muitas proesas, que annunciavam força e valor. Era sobre tudo muito teimoso, e por isso parecia natural da Bretanha, paiz onde os homens se temperam no oceano, e se põem a seccar á sombra dos carvalhos.

Era esquivo, e fallava poucas vezes; mas quando fallava, fallava bem. Depois de ter servido pelo espaço de sete annos tornou para a sua terra, com o posto de sargento mór; e actualmente vivia do rendimento de uma herdade, que sua mãe lhe legára. Nas feições energicas, mas serenas, se lhe via a arrogancia do soldado e do camponez.

No dia immediato, pela manhã, chegou Pedro Lachaux á estalagem de Veldez, como o havia annunciado o tio Talon.

Ouviu, sem pestanejar, as razões da rapariga, e a certeza que ella lhe deu, de que já tinha preso o coração. Depois della fallar, Pedro, pegou-lhe nas mãos, e apertando-as muito, lhe respondeu:

— Es uma rapariga de bem. Deus seja louvado!

Depois voltou-lhe as costas.

— Quando ha de ser o casorio? disse o velho que passava então por alli.

— No fim do oitavario, respondeu Pedro.

— Que dizeis? perguntou Joanna.

— Digo que daqui a oito dias havemos de estar casados.

— Comtudo sabeis mui bem que vos não tenho amor.

— Bem o sei.

— Não ignoraes que amo a Basilio.

— Ora adeus! Isso ha de passar.

— É preciso ter paciencia.

Ao ouvir estas palavras, que davam mostras de um proposito firme, ficou Joanna convencida de que lhe não restavam esperanças. O que sentia pelo sargento já não era desamor, era o odio que pela vez primeira lhe entrava no coração, obrigado a ceder á vontade de dois homens.

Á noite foi contar tudo a Basilio, que não teve animo para a consolar. Assentados ambos sobre a relva do prado, repetiram, em presença do céo, os protestos de eternamente se amarem. Nas aldêas ha tafues, assim como os ha nas cidades; Basilio estava neste caso. Uma roupeta azul e tamancos de pinho, davam-lhe mais chiste, que uma casaca preta e çapatos de polimento. Não buscaremos explicar o como Joanna se afeiçoou áquella estatua enfarinhada; foi de certo pelo mesmo motivo por que as mulheres mais guapas gostam sempre mais dos tolos. Verdade é que não lhe tinha dado nada mais que o coração; mas este nada já era muito. Basilio estava com mêdo do amor que tinha accendido; amor, que era nelle uma faisca, e nella um incendio; e era tão cobarde, que procurava meio de acabar com isto. Joanna não lhe conhecia os sentimentos; mas quando levantou a cabeça, que tivera encostada ao hombro do amante, este lhe vio na cara o quer que foi que o assustou.

Depois deste coloquio, mostrou-se Joanna conformada. O pae tratava dos preparativos para o noivado, e nesta nova occupação parecia animado pelo viço da mocidade.

Na vespera do dia do casamento, foi elle á cidade, e deixou a filha só em casa. Fazia bom tempo: o sol já ía alto.

Estava Joanna pensativa, com o pé sobre um banquinho, a limpar uma espingarda, eis senão quando ouve bater á porta.

Era Pedro Lachaux.

Entrou, desbarretou-se com civilidade, perguntou pelo tio Talon, e em quanto por elle esperava, foi assentar-se a fumar ao pé da janella.

Joanna estava no mesmo sitio. Era aquelle um painel, que esfriava o coração. Lá por fóra o céo muito sereno, as arvores a ramalharem, a herva crescida e molhada, e os passaros a esvoaçarem alli pertinho. Pedro, absorto n'um extasi profundo, contemplava tudo isso, e contemplava tambem a sua noiva por entre a nuvem de fumo que o cercava. Joanna impacientou-se de o vêr tão socegado. Deixou o que estava fazendo, e olhando para elle com olhos tristes, lhe disse:

— Sempre fazeis tenção de casar comigo?

— Pergunta-me antes se faço tenção de morrer, respondeu Pedro. Só tres pessoas tenho amado neste mundo: são ellas, minha mãe, a França e tu.

— Mas eu já vos disse que vos não posso amar.

— Has de mudar.

Joanna estremeceu, e pôz-se a passear pelo aposento.

Depois parou, e chegou-se outra vez a Pedro, que não descontinuava de fumar.

— Tomae bem sentido no que vos ora digo. Pela minha honra vos juro, que, se comigo casardes, vos matarei.

— Bem está, disse Pedro com serenidade, heide ser teu marido.

III.

Havia uma semana que Pedro Lachaux e Joanna eram casados. A rapariga andava sempre triste, sem ter nada que a consolasse; muitas vezes passava horas esquecidas á janella, scismando, descorada, curtindo funda magoa. Nestas occasiões tinha Pedro o bom senso de se affastar della sem dizer palavra, sem proferir um queixume.

Em uma sexta feira avisou-a elle de que ía á aldêa de Chauny, donde havia de tornar já de noite. Joanna respondeu com a cabeça, e o sargento mór abalou abafando um suspiro.

Neste dia pae e filha foram juntos á caça; havia tres semanas que tal não faziam, e o bom ho-

mem não estava contente. Joanna tinha enrolado o vestido, e corria por cima das pedras, como se fôra pela relva; nunca ninguem a víra tão animada; nem fizera nunca pontarias tão certeiras. O velho chorava de contente.

Quando se anda á caça, passa o tempo veloz; e foi preciso que o sol se escondesse para acabar aquelle ardor marcial. N'uma encrusilhada separou-se o pae da filha, para ír cada qual seu caminho. Joanna tornava para o domicilio conjugal.

Caminhava por um atalho ingreme, á beira da estrada, e escondido pelos castanheiros. As sombras da tristeza desciam ao coração da rapariga, como as sombras da noite desciam dos montes. De vez em quando parava para tomar folego, e lançava ao redor de si um olhado inquieto.

De repente parou.

Ia passando pela estrada um homem, a cantar uma cançoneta militar.

Joanna ajoelhou entre duas arvores, e poz a espingarda á cara. Tremia-lhe o braço.

— É um assassinio! dizia a consciencia; é um juramento, respondia o orgulho.

Ouviu-se um tiro. Pedro Lachaux caíu no chão sem dar um ai.

— Acertou! disse elle; sei donde o tiro vem.

Joanna ficou por algum tempo oppressa com o peso do crime que acabava de perpetrar; mas tornou logo a cobrar animo, atirou com a arma para o meio da sepultura, e correu ao moinho de Veldez.

— Basilio, Basilio, exclamou ella, batendo murros na porta.

Qual Basilio! Havia tres dias, que tinha tomado as de Villa Diogo.

Á noite estava Joanna a chorar, á cabeceira do marido, que alguns camponezes tinham levado a casa n'uma padiola. A ferida era perigosa, mas não mortal.

Joanna estava immovel, sem dizer palavra, vigiando o enfermo; indo a abrir-lhe a camisa para arejar o peito achou-lhe um papel lacrado, e dirigido á auctoridade civil. Abriu e leu: — Não accusem a ninguem de me ter assassinado; sou eu que ponho fim aos meus dias.

Joanna chorou; chegou-se ao marido, e beijou-o na testa.

Ao cabo de quinze dias estava Pedro bom. Joanna tinha dado mostras de um affecto não vulgar; nunca se arredara de ao pé do marido, e passara quinze noites sem pregar olho.

Pedro tem hoje uma perna quebrada, mas a mulher quer-lhe muito. Por isso lhe diz elle ás vezes: bem sabia eu que por fim me havias de ter amor.

Vejam o que faz ás vezes um tiro, quando é dado a tempo, e por mulher que tem mão certa. Mas não sirva este exemplo, para que as mulheres, casadas contra sua vontade, tractem os maridos como se fossem cotovias, ou patos bravos

Ildegonda.

Drama lyrico em dois actos de Themistocles Solera, musica de Emilio Arrieta.

Personagens.	Actores.
Rolando Gualderano, pae de	Sr. Mancusi.
Ildegonda	Sr.ª Sannazzari.
Rizzardo Mozzafiore, amante de *Ildegonda*	Sr. Musich.
Ermenegildo Falsabiglia, promettido esposo de *Ildegonda*	Sr. Bruni.
Rogiero Gualderano, filho de *Rolando*	Sr Celestino.
Idelbene, aia de *Ildegonda*	Sr.ª Mariella Marco.

A acção passa-se em Milão, na epocha das Cruzadas.

A scena começa em um dos aposentos do palacio de *Rolando*. Grande numero de cavalleiros e damas entoam um canto á formosa *Ildegonda*, a qual deve brevemente desposar-se. Mas *Ildegonda* está triste, pensativa, lacrimosa. *Falsabiglia*, o esposo que o pae lhe destinou sem consultar o seu coração, dirige-lhe, mas debalde, expressões de ternura e de conforto. O pae e o irmão de *Ildegonda*, descobrem que ella nutre no peito dôce affecto por um homem do povo. A isto seguem-se ameaças de maldição se ella não consentir no projectado hymeneo.

Falsabiglia sente crescer a sua sympathia para com *Ildegonda*, por que julga que as suas lagrimas são um tributo de saudade á memoria da defuncta mãe.

Os convidados passam ás salas immediatas; o pae e o filho ficam sós. Alguns homens armados, ao serviço de *Rolando*, trazem um papel, do qual se deprehende que *Rizzardo*, o amante de *Ildegonda*, se achará, dentro em pouco, no jardim do palacio. *Rolando*, ardendo em raiva, jura a morte do seductor, ao qual julga vil, porque em suas veias não corre sangue azul.

Depois da terrivel imprecação de *Rolando*, a scena muda e apparece um jardim. A lua reflecte o seu palido clarão sobre parte do palacio de *Rolando*. Por detraz de um pequeno muro descobre-se a egreja do retiro, illuminada. Sente-se o toque da sineta, que chama para a oração da noite.

Ouve-se um cantico de donzellas; são as virgens do retiro, que rendem graças ao Altissimo pela paz que lhes permitte gosar longe do turbilhão do mundo.

Apparece *Ildegonda* e *Idelbene*. Estão tristes. *Ildegonda* chora o seu destino, e lamenta o quererem prival-a de um amor, que sua mãe, quando viva, tinha abençoado. A filha de Rolando *prefere a morte a extinguir uma chamma, que a mãe e o Senhor abençoaram.*

Idelbene pretende consolal-a; mas de que valem as consolações alheias quando o coração está profundamente ulcerado?

De repente ouve-se um canto. É *Rizzardo*, que sabendo estar *Ildegonda* promettida a outro, re-

solveu partir para a Terra Santa, e quer primeiro despedir-se da senhora dos seus pensamentos.

Rizzardo e *Ildegonda* estão sós. « *Ou de Rizzardo, ou morta!* — diz *Ildegonda.*

Ouvem-se no palacio sons festivos; as danças estão para começar. *Rizzardo* é obrigado a fugir com receio de ser descoberto; mas na fuga, *Rogiero* e mais dois individuos o assaltam. *Rizzardo* fere mortalmente *Rogiero*. *Ildegonda* ouvindo o choque das armas, acode aterrada, e vendo o ferido solta um grito: — *meu irmão!*

Vem gente do palacio. *Rizzardo* é preso; scena geral; e termina o 1.° acto.

A primeira scena do 2.° acto passa-se no vestibulo do palacio de *Gualderano;* os cavalleiros juram vingança contra *Rizzardo.*

Na scena segunda apparece *Ildegonda* prisioneira n'um logar subterraneo. Medonha tempestade; troveja e fazem relampagos. — *Ildegonda* cheia de pavor ajoelha e ora. Dentro em pouco tudo é silencio. A infeliz donzella está como isolada no mundo; mas quando menos o pensa, sente passos. É *Rizzardo*, que tendo podido escapar-se, entra no subterraneo por uma porta secreta. *Ildegonda* delira, julga vêr a sombra do amante; porque o pae lhe tinha dito que *Rizzardo* fôra condemnado ao fogo.

Rizzardo quer levar *Ildegonda* comsigo; mas são surprehendidos pelo pae della e por varios cavalleiros, que ameaçam *Rizzardo* de o fazer subir ao cadafalso.

Rizzardo está prisioneiro. Julga que em breve será morto, e que *Ildegonda* virá chorar sobre o seu tumulo.

Alguns homens armados entram alegres na prisão, e annunciam a *Rizzardo*, que *Rolando* acaba de o salvar, pois que movido pelos rogos da filha moribunda, impetrára do conselho o seu perdão e o alcançára. *Rizzardo* sáe da prisão para correr ao logar em que está *Ildegonda.*

N'um aposento do retiro, *Ildegonda* cercada de donzellas acha-se entregue ao mais cruel delirio. As violentas commoções que profundamente têem dilacerado o seu coração, transtornaram-lhe o juizo: a infeliz está proxima a vêr abrirem-se-lhe as portas da eternidade.

Rizzardo e *Rolando* lançam-se nos braços da moribunda. O pae apenas tem tempo para abençoar os dois amantes. *Ildegonda* d'ahi a pouco expira, na presença do homem a quem sacrificou a sua vida, e de *Rolando* que, ralado pelo remorso, tudo sacrificaria para que sua filha vivesse e fosse venturosa.

Cá e lá más fadas ha.

No anno passado appareceram novos, em França, 144 jornaes propostos a tractar todas as especies de assumptos. — 19 deviam ser quotidianos; 5 deveriam saír de dois em dois dias; 3 de tres em tres dias; 1 todos os seis dias; 15 todos os oito dias; 10 de quinze em quinze dias; 53 mensalmente; 1 semestre; 1 trimestre; 36 em epochas indeterminadas. — Quasi todos estão mortos!

Theatro de S. Carlos.

O baile jocoso — *As quatro nações* — representado em 28 de janeiro, e composto, ou talvez, mais propriamente fallando, reproduzido pelo sr. Valentim Cappon, não é mais do que um aggregado de tres ou quatro lances comicos já muito vistos, e que por certo não levará o nome do seu auctor, nem a meio caminho da immortalidade.

A boa estrella das artistas salêou porém do naufragio a mediocrissima composição corcographica. A sr.ª Romilda tocaram os maiores applausos, pela graça e desenvoltura com que representou o papel do pretencioso francez *Robert*. Foram tambem applaudidas, a sr. Cagnoli, no passo em caracter hespanhol; as sr.ªs Devecchi e Poletti, no passo a dois; e o interessante official polaco (a sr.ª Sophia Costanza) na polka do 4.° acto com a sr.ª Cappon.

Se não estâmos mal informados, acham-se destruidas todas as idéas da vinda de um tenor de París.

As attenções da empresa voltaram-se agora para Barcellona, onde está o tenor Baldanza. Temos fortes rasões para acreditar, que brevemente veremos de novo o dito artista em S. Carlos...

Modas.

Quando um jornal destes falla de modas, a verdadeira noticia é a estampa, que a acompanha; por isso a ella nos referimos, addicionando-lhe algumas reflexões. Dois vestuarios, ou antes tres, mostra a estampa. Vestuario de passeio, de bailes e de creança. No de passeio vemos o corpo do vestido fechado até ao pescoço, ou affogado como vulgarmente se diz: isto é só para corpos bem feitos, porque deixa ver muito a fórma. O chapeo póde ser de diversas fazendas: veludo, setim, seda de cordão, franzido, ou fazendo canastra, com fitas de veludo, e outras de setim. No vestuario de baile temos um vestido de seda, com tres folhos, formando dentes quadrados: cada um é guarnecido de uma fitinha de setim franzida; e por cima de cada folho, um outro de renda de Inglaterra. O corpo do vestido tem as mangas guarnecidas de renda em cima de um franzido de fita, e um laço de pontas em cada hombro. Na cabeça, flores, passadas por traz de faxas de cabello muito altas.

A menina tem uma capinha de merinó, do feitio de sobretudo, com mangas largas, e franzidas na parte superior, o que as torna mais amplas, e mais commodas de trazer; tem vestido um poucochinho comprido, e só apparece por baixo delle a guarnição bordada das calças; tem polainas pretas,

ou azues; e na cabeça um chapeo de setim enfeitado com fitas.

Vamos agora indicar o que os francezes aconselham nos seus ultimos jornaes. Para baile os folhos, como acima dissemos — vestido de gase de riscas cramesi e côr de oiro — peitilhos bordados a vidrilhos brancos — tres ou quatro folhos de renda preta — e o mais gracioso é terem o folho fingido e bordado a trancinha de seda etc., grinaldas, não á roda da cabeça á laia de corôa, mas atraz das pastas de cabello, que neste anno se usam maiores, sem que o tamanho seja exagerado — pluminhas brancas, misturadas com uvas, e bagas de oiro; mas misturadas com graça, e parcimonia, para se não tornar o penteado uma California ambulante — argolinhas de vidrilhos brancos. Os vidrilhos estão muito em voga; em todos os penteados são bem cabidos. Em que todos os jornaes concordam é em recommendar para a cabeça as pastas altas, ou inchadas (bandeaux bouffants) atraz das quaes se occultam as flores; são uma especie de jardins pensis, em que os amores perfeitos não faltam.

O inverno vae frio e rigoroso. Fazem-se capas para lhe resistir; capas de veludo, de setim, de panno de senhora; romeiras de pelles escuras, marthas, e brancas com salpicos pretos; a petit-gris já se não usa senão para forros, e guarnições; e o arminho, que foi pelle tão fidalga, parece que perdeu a voga. Para beija-mão, para a sahida dos bailes de etiqueta, capas de casimira branca, com pequeno capuz, e debruadas de setim côr de rosa. Os chapeos vão padecer uma grande mudança; já se fazem mais unidos ao rosto, e com as abas menos abertas. O penteado á Maria Stuart, torna medonhas algumas caras. Tem-se visto alguns coletes, principalmente em crianças.

Aos homens pouco ha que dizer; o vestuario é quasi sempre o mesmo, com leves alterações. Casacas de cintura curta, e abas pequenas; calça estreita, bota de polimento; e para abafo o paletot á ingleza, ou o *ponche*, especie de capa curta, com umas cousas que parecem mangas, e por diante uma abotoadura de sobre-tudo — chapeo com abas reviradas, bigode, o competente charuto, e umas lunetas de montar no nariz, similhantes ás cangalhas dos antigos sapateiros de escada.

Noticias Diversas.

Cinco domingos em um mez. — No proximo fevereiro teremos cinco domingos, singularidade que só tornará a repetir-se d'aqui a 28 annos, isto é, em 1880. Depois disto, deverão passar 40 annos primeiro que torne a acontecer; o que terá logar em 1920, visto que o anno de 1900 não será bissexto, em consequencia do dia que se supprime no fim de cada seculo.

Eclipses do sol. — Segundo os calculos da sciencia *(diz Il Pirata)* os eclipses do sol na segunda metade do seculo XIX são os seguintes:

1851 — 28 de julho (já succedido)
1852 — 15 de março
1860 — 18 de julho
1861 — 31 de dezembro
1863 — 17 de maio
1865 — 19 de outubro
1867 — 6 de março
1869 — 23 de fevereiro
1870 — 22 de dezembro
1873 — 26 de maio
1874 — 10 de outubro
1875 — 29 de dezembro
1879 — 19 de julho
1880 — 30 de dezembro
1882 — 17 de maio
1887 — 19 de agosto
1890 — 17 de junho
1891 — 6 de junho
1896 — 9 de agosto
1899 — 8 de junho
1900 — 28 de maio.

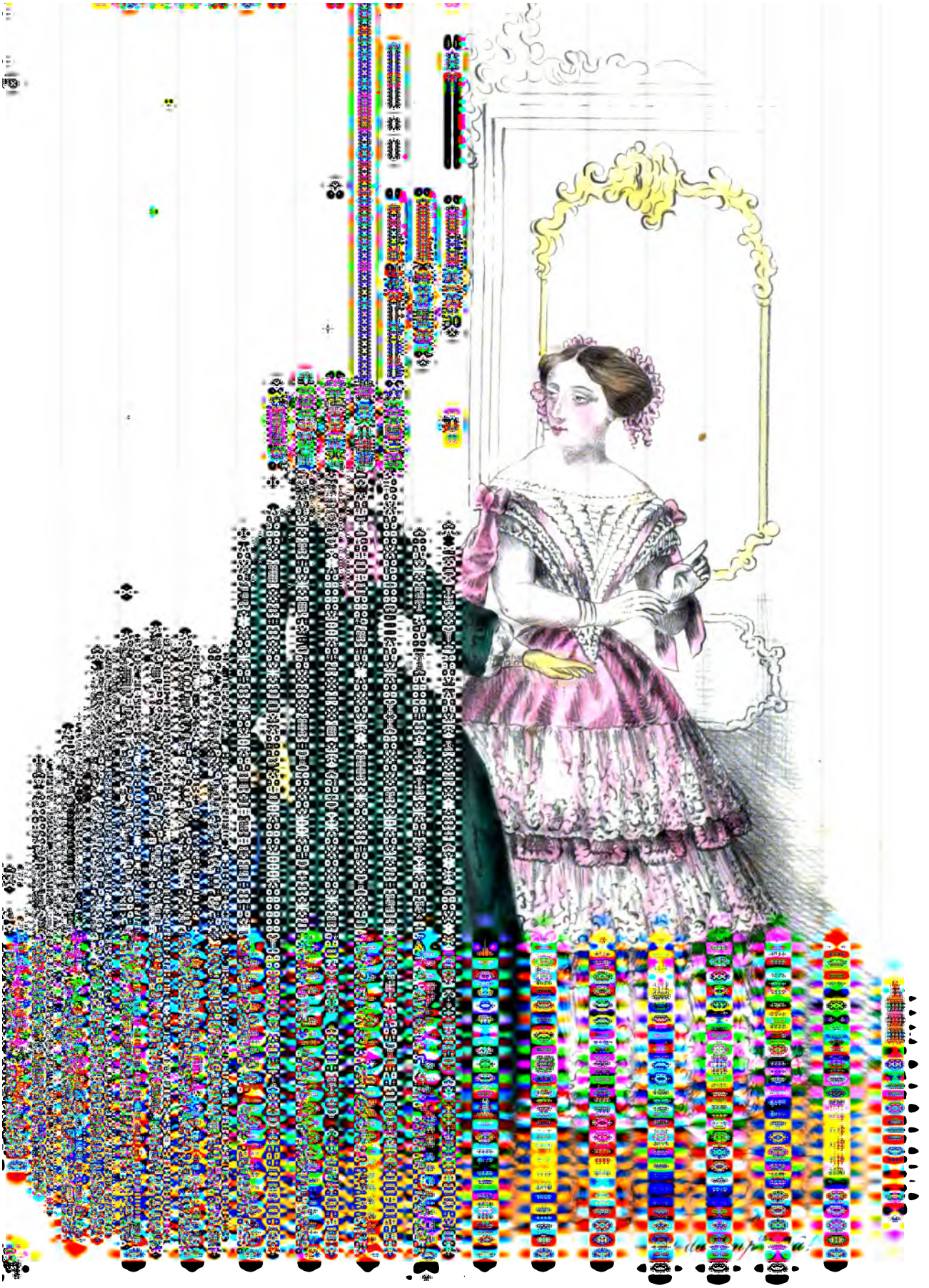
Theatros em Paris. — A 15 de Dezembro proximo passado, achavam-se abertos naquella capital vinte theatros, podendo accommodar, ao todo, 29,049 espectadores. O maior, que é o de *L'Opéra* tem logares para 1,700 espectadores; e o menor, o de — *Petits-Lazari* accommoda 600.

Gaetano Fiori. — Este excellente baritono, cujo merito tivemos occasião de apreciar em varias operas, e, com especialidade, no *Macbeth*, *Masnadieri* e *Dois Foscari*, acha-se actualmente no grande theatro da *Scala* em Milão, onde tem sabido grangear a estima publica, no desempenho da parte de *Miller* da opera *Luiza Miller de Verdi*.

Lauro Rossi está estrevendo expressamente para Fiori, para a Gruitz para o tenor Malvezzi uma nova opera intitulada — *Le Sabine*.

Procedimento louvavel. — O sr. Corentin foi encarregado por S. M. El-Rei de reproduzir, por meio do *daguerreotypo*, a vista interior da *exposição agricola*. Eram grandes as difficuldades, que provinham do tempo e da localidade, mas a rara habilidade do sr. Corentin venceu-as todas. Acabado o seu trabalho, este artista benemerito recusou delicadamente a recompensa que S. M. lhe offerecia, e entregou as chapas como prova de gratidão pela hospitalidade, que tem recebido dos portuguezes, e como serviço e auxilio a uma empresa nascente, que deve uma parte consideravel da sua prosperidade á protecção da Rainha e d'El-rei.

Recebemos do Sr, *Consul da Russia*, e publicaremos, em o seguinte numero, um artigo sobre *melhoramentos municipaes*.



Um acontecimento imprevisto nos obriga a retirar a estampa, que devia preceder a bella poesia do sr. José Freire de Serpa. Publical-a-hemos na primeira occasião.

A egreja da collegiada de Guimarães.

Aquelle é o templo vetusto
Do berço da monarchia.
Arrebicaram-no loucos
Co'a moderna louçania;
E alli jaz abandonado
Do escarneo á rebeldia.

Aquelle é o templo vetusto
De Guimarães, a Real.
Que é das soberbas abobedas
Dessa quasi cathedral?
Que é das arcadas austeras?
Que é da gothica spiral?

Que é dos letreiros fanados
Das sepulturas d'outr'ora?
Que é dos ossos desses homens
Mais valentes que os de agora?
Que é da era, que é do musgo,
Que a velha fronte decora?

Que é da lage de granito,
Onde Henrique ajoelhava?
E o tosco geneflexorio,
Onde a Rainha rezava?
Que é do portico soberbo,
Pelo qual Affonso entrava?

Despojaram-te de tudo,
Nobre flor de Portugal;
O teu zimborio cubriram
Com liso tecto de cal;
Quebraram teus capiteis
Sob o martello fatal.

Os teus muros de granito
São ora estuque e verniz,
Fragil pinho cobre ás aras
A antiga, nobre cerviz;
Cuspiram mil desacatos
Na tua fronte infeliz.

A bella ogiva d'outr'ora,
Cobre-a prosaica vidraça;
Ricos relevos de pedra,
Cobre-os relevo de massa;
O vermelhão e o verdete
Com tuas naves se abraça.

E essa nobre architectura,
Que nos exalta, enfeitiça,
As inscripções, os ornatos,
A cruz da eterna justiça,
Mausoleus, arcadas, torres,
Cobre-as a parva caliça.

Nem a pia sacrosanta,
Nem a pia baptismal,
Onde christão se fizera
Affonso de Portugal,
Oh! nem essa exceptuaram
De profanação egual.

Ao cimo da nave grande,
Do mór altar aos dous lados,
Os velhos padres rezavam,
Á fria pedra encostados;
—Hoje em espaldas de sêda,
E tapetes variegados.

Por toda a parte os filetes,
A escaiola luzidia,
A taboleta pintada,
A architectura do dia,
Linha recta em toda a parte,
Em toda a parte a esquadria.

Nas outras eras ao menos,
Quando alguem te profanou,
Em florões de rija pedra
A sua historia traçou;
Que falle inda a *renascença*,
Que ahi gravada ficou.

E esses corucheus que o digam,
E as estatuas do frontal.
Mas escrever sua historia
Em arrebique de cal,
Só vós, ó parvos, que vêdes
O que a vossa historia val,

Fizestes bem;—profanastes
O de que indignos sois vós;
Sobre essas lages antigas
Vossa presença era atroz;
Temestes que dos sepulcros
Se erguessem vossos avós:

E esses Egas e Coelhos,
E esses guerreiros d'Ourique,
E essas columnas de pedra
De Tareja e D. Henrique,
Cobriste-las c'o sudario
De envernizado arrebique.

Fizestes bem: se a vergonha
Vos havia de córar,
É melhor nedios, risonhos
Neste salão passear,
Fazer pintada taberna
Desse templo e desse altar.

Porém ai! que apoz os annos
Inda outros annos virão;
Esses frageis adereços
Breve se esbroam no chão;
E alfim do olvido os desprezos
Vossas cinzas varrerão.

E essas muralhas vetustas,
Hoje embora besuntadas,
D'arlequins despida a capa,
Hão de ficar levantadas;
Essas pedras, de que heis pêjo,
Serão do tempo acatadas.

Esses muros são a historia
Gravada na pênha dura
Das nossas velhas grandezas,
Da nossa antiga estatura.
Não é para villões d'hoje
Falsar tão rija armadura.

Ha de um dia o viandante,
Que nestes campos passar,
O esqueleto dos Affonsos
Ainda em pé admirar.
—O vosso ouropel, gozai-o;
Que nem sombra ha de ficar.

J. F. de Serpa Pimentel.

Algumas linhas sobre a questão pecuaria, a proposito da proxima Exposição de gados.

A questão que nos propômos tratar na sua generalidade, a questão ganadeira, difficilmente se póde desprender da questão agricola; ha entre ambas aquelle mesmo encadeamento e affinidade que na pratica rustica se traduzem no indissoluvel consorcio das duas producções da terra. Os gados são mais que o remate de um dado processo da productividade do solo; mais que um collector de fadigas e capital que se confiaram a essa productividade; elles não gozam, como os

outros generos, da independencia de origem e de fabrico, em virtude da qual possam escacear ou abundar debaixo de circumstancias privativas indifferentes á génese dos vegetaes. Sob o duplo fim dos amanhos e dos adubos, em que por agora os considerâmos, são os gados os primeiros instrumentos da fertilidade, e como sem esta condição da terra, elles tambem não prosperam, é fóra de duvida que elles são um genero agricola solidario, valendo por si e pelos outros, o unico que resume os dois attributos de producto e de productor, de fim e de meio. — Esta correlação, se na presença de certos factos excepcionaes póde parecer um pouco forçada, jámais comtudo póde ser desmentida. É da experiencia em todos os tempos e logares, que um terreno sáfaro é pobre em pão, e pobre em carne; é da experiencia moderna, que o melhor paiz em gados é o mais superior em cultura. O que outr'ora pareceria um paradoxo muito original, é hoje uma verdade da mais simples intuição. Desterrado o exclusivo dos rebanhos, realisadas as previsões da sciencia, quanto á commum e promiscua sustentação do homem e dos gados pela mesma acção creadora da terra, aquella verdade desassombrada dos obstaculos que lhe oppunham menos talvez a ignorancia, do que as condições sociaes das primeiras gerações, devia um dia de brilhar em todo o seu esplendor, e exercer no destino dos povos futuros a mais salutar influencia, facilitando a resolução do importante problema da pacificação e perfectibilidade da nossa especie.

Privados da solida e experimental instrucção nos novos processos agricolas, custa-nos a comprehender as maravilhas lá de fóra, e a darmos o adeus da despedida aos patriarchaes costumes, para ir commungar a doutrina de extranhos. Este affêrro não tem comtudo nada de caprichoso, ou pueril; é racional, porque elle vem suggerido com a duvida de serem ou não taes os beneficios que se contam; e nada mais natural que o duvidar delles, quando nem possuimos a sciencia indispensavel para os prever, ou os factos repetidos e visinhos que nol-os offereçam á observação. A simples tradição, como está sendo quasi toda a nossa instrucção, póde quanto muito excitar a curiosidade, mesmo a admiração, mas não póde ganhar a confiança da maioria dos nossos agricultores, porque os não convence a ponto de lhes inspirar a sufficiente coragem de largar, sem receio de insuccesso, suas uteis praticas, com quanto velhas. Respeitemo-lhes a sua resistencia que revela um instincto cauteloso e prudente, e reservemo-lhes a accusação de obstinados para só quando, convenientemente preparados com os principios e animados com fructiferos exemplos, lhes possamos apregoar as reformas n'um verbo que entendam, e jurar a felicidade dos inventos sobre a sua propria fé e consciencia. Até então cumpre á imprensa não entibiar no zêlo que a inspira de propagar toda a sorte de conhecimentos, nomeadamente os que pertencem a qualquer dos ramos da agricultura, tratando egualmente as questões as mais elevadas desta, porque aquelles, achando écco nos nossos poucos agrónomos, podem resolvel-os a que os ponham em pratica, e se communique o exemplo; e estas porque emfim um dia terão a felicidade de ser escutadas por um governo votado ao fomento dos interesses economicos, que terá a vantagem de dispensar muito estudo e investigação, bastando-lhe seguir affoito muitas das suas indicações.

Mas voltemos ao nosso objecto.

A ganaderia resente-se entre nós grandemente da vida pastoril dos antigos tempos. Existe ainda a convicção de que a cultura das terras e os rebanhos de gado se excluem mutuamente; e similhante sentir é uma consequencia necessaria dos nossos rotineiros methodos, porque em verdade o descanço temporario das terras e o apascento representado quasi exclusivamente pela vegetação espontanea conduzem a esta incompatibilidade.

O que os povos pastores fizeram pela força da necessidade, nós hoje o reproduzimos por vezo irreflectido; áquelles povos, que o receio da expoliação, o constante sobresalto e a emigração traziam em estado errante, era impossivel poderem fixar guarida, immobilisar a propriedade, ou cuidar socegados das lides trabalhosas e prolongadas da cultura. Dando-se ás creações e pastoreando grandes rebanhos, elles buscavam uma subsistencia que, por se reproduzir de si mesma, e ser transportavel, era a unica que menos precaria e mais concordante se offerecia com suas circumstancias. Esta separação entre os gados e a cultura originada, como se vê, da natureza da organisação social nos tempos primitivos, achou por outra parte toda a facilidade em se manter e propagar, na menor população de então, e vastidão das terras que successivamente aproveitadas na pastura, não deixariam nunca sentir a falta de sustento, e por consequencia a necessidade de o arranjar artificialmente por meio da cultura. Quando mais tarde o correr da civilisação constituiu e fixou definitivamente as nações, e fez respeitar o direito da propriedade e o inter-nacional, não se viu ainda outro methodo de apascentar o gado; a differença agora era que, em vez de se dispor de quasi toda a terra em proveito do gado, cedia-se-lhe permanentemente aquella porção que sobrava das necessidades da agricultura, ou a dedicada a este ultimo uso nos intervallos do repouso.

A primeira consequencia que deveria seguir-se deste systema era a de se deduzir o numero e a força dos rebanhos, com se lhes cercear a subsistencia; a segunda foi a introducção de maior variedade na alimentação do homem; a terceira foi declarar-se o antagonismo entre as duas producções animal e vegetal, porque é evidente pela maneira exclusiva que a qualquer dellas se sujeitava a terra, que uma não podia crescer, nem medrar, senão acanhando-se a outra.

Nos paizes pouco populosos, ou naquelles que possuiam ricas conquistas, o effeito daquelle an-

tagonismo foi apenas perceptivel, porque a penuria de uma das producções da menos attendida, era n'uns illudida pela necessidade menos forte, n'outros facilmente soccorrida com os proventos coloniaes. Mas tanto nos primeiros como nos segundos o desbarate dos capitaes agricolas não podia ser maior, nem maior o risco, nem nada mais miseravel que a condição do agricultor, quer o antagonismo, de que fallâmos, se revelasse por uma tendencia excessivamente ganadeira debaixo das condições da primitiva vida pastoril, quer o fosse por uma desmedida extensão de cearas improductivas. A pobreza da agricultura, em quanto trazendo desligadas as duas especies da producção, não tem sido certamente em todos os tempos a rasão menos imperiosa da repugnancia e até aversão com que della se affastavam as classes abastadas, e muitissimos braços das mesmas classes pobres; pelo que nos diz respeito bem sabemos qual era a servidão imposta pela força a estes ultimos, para que os trabalhos da colheita nas provincias menos povoadas não soffressem delongas, não sendo menos o rigor e o onus que pesavam em virtude da lei das *sesmarias* sobre os ricos e grandes lavradores.

(Continúa.)

Lapa.

Origem do Mosaico.

O mosaico, diz M. Alexandre Lenoir, considerado como genero de pintura, applicavel á decoração, deveu o seu nascimento á mesma pintura, de que é imitação. A maior parte dos pintores, architectos e mosaistas gregos empregaram-n'o nos edificios publicos e nas casas particulares. Compõe-se de pequenos cubos de vidro ou de esmalte, de pedra, de marmore, e de outras materias inalteraveis de differentes côres. Esta arte, cultivada com esmero, aperfeiçoou-se tanto, que os artistas gregos mais celebres chegaram a produzir por este modo quadros magnificos. Plinio falla d'um certo Sosus de Pergamo, que primava na arte de fabricar mosaicos. Tambem nos diz que foi no tempo de Sylla que se fez em Preneste (hoje Palestina) o bello mosaico conhecido por este nome. Comtudo a sua definitiva execução só se levou a effeito no tempo de Adriano, e diz-se que representa a chegada de Alexandre ao Egypto. Em 1703, descobriram-se em Pompeia bellos mosaicos, feitos por Dioscorides.

Occuparam-se muito de mosaicos no Baixo-Imperio e na idade media; Constantino fez decorar com elle a egreja de Sancta-Sophia; depois serviu tambem de ornamento ás egrejas christãs; os retabulos dos altares, os zimborios, as cupulas e os porticos exteriores foram decorados de mosaicos representando os mysterios da religião, e as diversas passagens do antigo e novo Testamento; o ouro brilhava alli em grande copia, tinha-se descoberto então o meio de fixar uma folha de oiro sobre os cubos de vidro. Os pavimentos, igualmente ornados, figuravam os mais bellos tapetes do Oriente e os mais ricos desenhos arabes, que, segundo se crê, deram as primeiras ideas deste genero. As egrejas mais antigas de Roma e da Italia encerram mosaicos da maior bellesa e de todas as epochas, desde o principio do christianismo.

O mosaico tambem esteve muito em voga na França. Fortunato, de Poitiers, falla nas suas poesias dos mosaicos que representavam a vida de Sancto Hilario, de S. Martinho, e de S. Fereol, que Felis, bispo de Nantes, mandou fazer na sua egreja consagrada a S. Pedro e a S. Paulo; Gregorio de Tours faz o elogio da magnificencia dos altares de mosaico que ornam a egreja de Clermont, edificada no meado do quinto seculo.

No decimo primeiro seculo, o abbade Suger fez construir em mosaico o pavimento circular do sanctuario da egreja de S. Diniz; alguns fragmentos deste pavimento poderam salvar-se em 1793, quando teve logar a devastação deste edificio. O seu trabalho é grosseiro, o que prova que nesta epocha eram muito poucos os bons mosaistas. Admiram-se com rasão os bellos mosaicos da egreja d'Arnay, departamento de Allier, e os de S. Ireneu, em Lyão. Tambem existiam excellentes mosaicos na abbadia de S. Remygio, em Reims. O emprego do mosaico cessou de repente em França. Em Roma, no ultimo seculo, este genero de decoração apurou-se bastante. Occuparam-se delle muitos artistas, e os papas fizeram despezas consideraveis para animar os mosaistas que produziram obras maravilhosas. Fizeram executar, com a grandeza dos originaes, os melhores quadros de Raphael, que existiam no Vaticano, e os collocaram na egreja de S. Pedro, de que são o mais precioso ornamento. Juntou-se-lhes, nestes ultimos annos, a repetição em mosaico do celebre quadro de Guerchin, Santa Petronilha. A grandeza desta composição e o vigor do colorido, perfeitamente imitados, produzem um admiravel effeito: a arte não podia fazer mais. Deixa-se aqui vêr bem o immenso progresso feito n'um genero que foi imitado dos gregos.

O governo francez, com a visivel intenção de rivalisar com Roma neste genero de pintura, formou em Paris, no ministerio de Chaptal, uma escóla de mosaico para jovens surdos-mudos. A direcção desta pequena academia phylantropica foi confiada a M. Belloni, artista romano. Em pouco tempo, estes infelizes mancebos, encaminhados com habilidade, fabricaram mosaicos para os enfeites do bello sexo, que podem pôr-se em parallelo com os que provém das fabricas italianas. Exactamente no momento em que começava a triumphar das difficuldades que sempre apresenta a execução de grandes obras, esta escóla de Belloni foi extinguida; o governo tinha mudado de chefe. Mais tarde, esta instituição foi

restabelecida, tomando então o titulo de manufactura real. Seus trabalhos, sob a direcção do seu fundador, são ainda hoje dignos do mais subido interesse. Para bem appreciar o talento de M. Belloni, é preciso vêr o pavimeuto que elle fez no museu do Louvre (sala das flores), junto da estatua antiga e collossal de Melpomene.

Melhoramentos municipaes.

O sr. consul da Russia teve a bondade de nos apresentar os apontamentos de um projecto seu, para melhoramento do passeio de S. Pedro d'Alcantara. Transcrevemos, em seguida, os apontamentos, que s. ex.ª nos confiou, e recommendâmos á camara municipal este pensamento, que nos parece digno de ser meditado e discutido agora, na occasião em que se dá o primeiro passo para aformosear o passeio, demolindo as barracas, que privavam o publico de uma parte consideravel do bello panorama, que d'aquellas alturas se goza.

« Este sitio é sem duvida o mais pittoresco, mais central, e mais arejado de Lisboa.

« Todos os estrangeiros, chegando á capital do reino, procuram ver este bello panorama natural. — Encontravam alli um quartel de soldados, um chafariz, rodeado de gallegos nogentos, e uma cloaca — bem fez a camara municipal, ordenando a demolição.

« Mas para dar vida a este sitio, e interesse á camara e aos emprehendedores, seria necessario construir com as pedras da demolisação, um *pavilhão* de bonita architectura, tendo um andar com arcadas em roda, e com portas envidraçadas; e por cima um terrasso de asfalte, d'onde se veja os arrabaldes de Lisboa, e uma grande parte da cidade.

« Este pavilhão, allugado ao Marrare, Matta, Osti, de noite illuminado por gaz, com musica fóra (como o boulevard des Italiens ou os *Champs-Elisées* de Paris) chamaria de dia e de noite, por baixo das arvores, dos alamos frondosos, ainda hoje verdes, toda a gente da cidade, a toda a hora, uns para passear, outros para vêr, outros para ouvir, e outros emfim para beber, comer, e jogar o bilhar.

« O passeio está menos mal illuminado; comtudo vê-se, durante o verão, abandonado, deserto, ás dez horas da noite; e se não se fizer no fundo o tal pavilhão, a parte mais arredada da passagem tornar-se-ha um covil perigoso.

« Os passeantes, que vem dos bairros mais altos da cidade, de Buenos Ayres, do Rato, etc., se querem tomar neve, cerveja, chá, ou comer um pastel ou um biffe, são obrigados a descer até o Rocio, Caes do Sodré, ou Chiado. Se tudo isto encontrassem em S. Pedro d'Alcantara, la ficariam, e gozariam de fresco, durante o verão, até ás horas adiantadas da noite.

« De quando em quando, fechando o passeio, annunciando *Concerto*, se poderia fazer *beneficios para os pobres*, sem gastar muito dinheiro, pagando cada pessoa á entrada, 40 réis.

« Se a camara tiver boa vontade de levar a effeito este melhoramento, o publico de Lisboa poderá gozar delle no verão de 1852. »

C. R.

Preceitos para a avaliação dos cavallos.

É tão notoria, sobranceira e absurda a arbitrariedade que entre nós preside á fixação do valor commercial dos cavallos, e tão frequentes e escandalosas as burlas de que são victimas e a que estão expostas as pessoas inexperientes e estranhas ao tracto destes animaes, quando se propõem a realisar alguma compra, ou mesmo já depois desta feita, que nos lembrámos de apresentar algumas considerações que directamente respeitam a este objecto.

Não se pense que temos a louca e ridicula presumpção de querer regular de um modo definitivo uma coisa que é de sua natureza essencialmente variavel, nimiamente fluctuante; desejâmos só fazer conhecidas as principaes condições que costumam tomar-se para base nas compras e vendas do gado cavallar, quando estas se convencionam com cavalheirismo e boa fé.

Tem-se estabelecido, para os cavallos, um *valor real*, e um *valor estimativo*, segundo a edade que contam. Na opinião de *Mathieu de Dombasle*, que é decerto juiz muito competente nesta materia, as fórmas exteriores que dão ao cavallo maior *valor real*, são, em primeiro logar, as que indicam uma conformação interna propria a assegurar a regularidade das funcções vitaes, e depois as que, para cada genero de trabalho, melhor favorecem ou facilitam a acção da força muscular e o desenvolvimento das qualidades que se exige tenha o animal. Assim, para a andadura do passo, do trote e do galope, para os serviços em que o cavallo tem de conduzir, ou um fardo mais ou menos pesado, ou a puxar vehiculos leves ou consideravelmente carregados, a conformação das diversas partes do corpo deve ser muito differente.

Não é para esta noticia, que tem de circumscrever-se a pequenos limites a tarefa de designar as configurações das partes externas do corpo do cavallo mais adequadas, ou que mais convêm a tal ou tal destino, e as que respondem pela integridade e harmonia dos actos da vida; trabalho é esse que só póde ser completamente satisfeito e tratado em dois artigos, pelo menos, de bastante extensão.

No cavallo, assim como nos outros seres domesticos, o *valor estimativo* depende antes de predicados moraes, do que de condições physicas, e não poucas vezes de exaggeradas predilecções ou de caprichos singulares; a esta ultima circumstancia é que deve attribuir-se, ou por ella explicar-se o facto de um *quidam* pedir por um

cavallo, por exemplo, 60 moedas — quando por uma justa, rasoavel e conscienciosa avaliação se sabe que não vale nem a terça parte daquella quantia, isto é, 20 moedas, e, o que é mais notavel ainda, estando o proprio vendedor intimamente convencido da exorbitancia e do nenhum fundamento da somma por elle pedida.

Continúa.

J. M. Teixeira.

O pescador.

O ser pescador é o mesmo que ser pobre; por que os mais pobres neste mundo são sempre os que mais lidam; e o pescador anda sempre n'uma lida bem dura, qual a de luctar com um elemento enfurecido, para lhe arrancar do seio os peixes, que se não domesticam, e que morrem logo que cáem em mãos dos homens; tanta é a aversão, que lhes têem. Mas se a vida do pescador é atribulada, o seu mister é nobre, por que Jesu Christo o honrou; entre pescadores elegeu Apostolos, e quando se remontou ao Céo, nomeou a um pescador seu vigario. O pescador dá-nos peixes, e os peixes, diz Vieira, ajudam a ír ao Céo. Seja o mesmo Vieira quem o prove:

— « Vós (peixes) sois os que sustentaes as cartuxas e os Buçacos — diz o grande prégador — e todas as santas familias, que professam mais rigorosa austeridade; vós os que a todos os verdadeiros christãos ajudaes a levar a penitencia das quaresmas; vós aquelles com que o mesmo Christo festejou a sua paschoa, as duas vezes que comeu com seus discipulos depois de resuscitado; vós gloriaes-vos de ser companheiros do jejum e da abstinencia dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco e simpathia com a virtude, que prohibindo Deus no jejum a peor e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. Um só logar vos deram os astrologos entre os signos celestes; mas os que só de vós se mantem na terra, são os que têem mais seguros os logares do Céo. Deitou-vos Deus a benção que crescesseis e multiplicasseis; e para que o Senhor vos confirme essa benção, lembrae-vos de não faltar aos pobres com o seu remedio. Entendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos augmentos. Tomae o exemplo nas irmãs sardinhas. Por que cuidaes que as multiplica o Creador em numero tão innumeravel? Porque são sustento de pobres. »

P. D.

A justiça turca e a justiça franceza.

Haverá vinte e seis annos, pouco mais ou menos, uma forte rajada de vento fez arribar ao porto de Tunis um navio marselhez, que levava de Gibraltar uma carga de barretes de algodão.

Naquella época, pagava-se um direito de entrada no porto de Tunis, e este direito, abandonado ao capricho do *raja-marsa*, isto é, do capitão do porto, era muito arbitrario.

O capitão do navio marselhez achou-se naturalmente obrigado ao dito tributo; e o *raja-marsa* tambem naturalmente o fixou em uma somma exorbitante.

O negociante marselhez tentou eximir-se a uma tal prepotencia; mas tudo foi inutil, porque se achava debaixo da pata do leão. Sómente, depois de ter pago a quantia exigida, entrou em Tunis e correu a lançar-se aos pés do bey.

O bey ouviu a queixa do francez. Depois, tendo-se certificado que a somma indicada era exacta, disse-lhe:

— Queres que te faça justiça á turca ou á franceza?

O marselhez reflectiu algum tempo, e com uma confiança que fazia honra á legislação da sua terra natal, respondeu:

— Á franceza.

— Está bem, disse o bey: volta para o teu navio, e espera.

O mercador beijou as chinellas de sua alteza, voltou para bordo e esperou.

restabelecida, tomando então o titulo de manufactura real. Seus trabalhos, sob a direcção do seu fundador, são ainda hoje dignos do mais subido interesse. Para bem appreciar o talento de M. Belloni, é preciso vêr o pavimento que elle fez no museu do Louvre (sala das flores), junto da estatua antiga e collossal de Melpomene.

Melhoramentos municipaes.

O sr. consul da Russia teve a bondade de nos apresentar os apontamentos de um projecto seu, para melhoramento do passeio de S. Pedro d'Alcantara. Transcrevemos, em seguida, os apontamentos, que s. ex.ª nos confiou, e recommendâmos á camara municipal este pensamento, que nos parece digno de ser meditado e discutido agora, na occasião em que se dá o primeiro passo para aformosear o passeio, demolindo as barracas, que privavam o publico de uma parte consideravel do bello panorama, que d'aquellas alturas se goza.

« Este sitio é sem duvida o mais pittoresco, mais central, e mais arejado de Lisboa.

« Todos os estrangeiros, chegando á capital do reino, procuram ver este bello panorama natural. — Encontravam alli um quartel de soldados, um chafariz, rodeado de gallegos nogentos, e uma cloaca — bem fez a camara municipal, ordenando a demolição.

« Mas para dar vida a este sitio, e interesse á camara e aos emprehendedores, seria necessario construir com as pedras da demolisação, um *pavilhão* de bonita architectura, tendo um andar com arcadas em roda, e com portas envidraçadas; e por cima um terrasso de asfalte, d'onde se veja os arrabaldes de Lisboa, e uma grande parte da cidade.

« Este pavilhão, allugado ao Marrare, Matta, Osti, de noite illuminado por gaz, com musica fóra (como o boulevard des Italiens ou os *Champs-Elisées* de Paris) chamaria de dia e de noite, por baixo das arvores, dos alamos frondosos, ainda hoje verdes, toda a gente da cidade, a toda a hora, uns para passear, outros para vêr, outros para ouvir, e outros emfim para beber, comer, e jogar o bilhar.

« O passeio está menos mal illuminado; comtudo vê-se, durante o verão, abandonado, deserto, ás dez horas da noite; e se não se fizer no fundo o tal pavilhão, a parte mais arredada da passagem tornar-se-ha um covil perigoso.

« Os passeantes, que vem dos bairros mais altos da cidade, de Buenos Ayres, do Rato, etc., se querem tomar neve, cerveja, chá, ou comer um pastel ou um biffe, são obrigados a descer até o Rocio, Caes do Sodré, ou Chiado. Se tudo isto encontrassem em S. Pedro d'Alcantara, la ficariam, e gozariam de fresco, durante o verão, até ás horas adiantadas da noite.

« De quando em quando, fechando o passeio, annunciando *Concerto*, se poderia fazer *beneficios para os pobres*, sem gastar muito dinheiro, pagando cada pessoa á entrada, 40 réis.

« Se a camara tiver boa vontade de levar a effeito este melhoramento, o publico de Lisboa poderá gozar delle no verão de 1852. »

C. R.

Preceitos para a avaliação dos cavallos.

É tão notoria, sobranceira e absurda a arbitrariedade que entre nós preside á fixação do valor commercial dos cavallos, e tão frequentes e escandalosas as burlas de que são victimas e a que estão expostas as pessoas inexperientes e estranhas ao tracto destes animaes, quando se propõem a realisar alguma compra, ou mesmo já depois desta feita, que nos lembrámos de apresentar algumas considerações que directamente respeitam a este objecto.

Não se pense que temos a louca e ridicula presumpção de querer regular de um modo definitivo uma coisa que é de sua natureza essencialmente variavel, nimiamente fluctuante; desejâmos só fazer conhecidas as principaes condições que costumam tomar-se para base nas compras e vendas do gado cavallar, quando estas se convencionam com cavalheirismo e boa fé.

Tem-se estabelecido, para os cavallos, um *valor real*, e um *valor estimativo*, segundo a edade que contam. Na opinião de *Mathieu de Dombasle*, que é decerto juiz muito competente nesta materia, as fórmas exteriores que dão ao cavallo maior *valor real*, são, em primeiro logar, as que indicam uma conformação interna propria a assegurar a regularidade das funcções vitaes, e depois as que, para cada genero de trabalho, melhor favorecem ou facilitam a acção da força muscular e o desenvolvimento das qualidades que se exige tenha o animal. Assim, para a andadura do passo, do trote e do galope, para os serviços em que o cavallo tem de conduzir, ou um fardo mais ou menos pesado, ou a puxar vehiculos leves ou consideravelmente carregados, a conformação das diversas partes do corpo deve ser muito differente.

Não é para esta noticia, que tem de circumscrever-se a pequenos limites a tarefa de designar as configurações das partes externas do corpo do cavallo mais adequadas, ou que mais convêm a tal ou tal destino, e as que respondem pela integridade e harmonia dos actos da vida; trabalho é esse que só póde ser completamente satisfeito e tratado em dois artigos, pelo menos, de bastante extensão.

No cavallo, assim como nos outros seres domesticos, o *valor estimativo* depende antes de predicados moraes, do que de condições physicas, e não poucas vezes de exaggeradas predilecções ou de caprichos singulares; a esta ultima circumstancia é que deve attribuir-se, ou por ella explicar-se o facto de um *quidam* pedir por um

mente convencido da exorbitancia e do nenhum fundamento da somma por elle pedida.

Continúa.

J. M. Teixeira.

[illegible]escador.

vós aquelles com que o mesmo Christo festejou a sua paschoa, as duas vezes que comeu com seus discipulos depois de resuscitado; vós gloriaes-vos de ser companheiros do jejum e da abstinencia dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco e simpathia com a virtude, que prohibindo Deus no jejum a peor e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. Um só logar vos deram os astrologos entre os signos celestes; mas os que só de vós se mantem na terra, são os que têem mais seguros os logares do Céo. Deitou-vos Deus a benção que crescesseis e multiplicasseis; e para que o Senhor vos confirme essa benção, lembrae-vos de não faltar aos pobres com o seu remedio. Entendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos augmentos. Tomae o exemplo nas irmãs sardinhas. Por que cuidaes que as multiplica o Creador em numero tão innumeravel? Porque são sustento de pobres. »

P. D.

[illegible] a justiça franceza.

[illegible]

No fim de tres mezes, parecendo-lhe já muito longa a espera, foi a terra, e aguardou o bey em sitio por onde elle devia passar.

O bey passou, e o mercador lançou-se-lhe aos pés dizendo:

— Alteza, tu esqueceste-te de mim.

— Não, decerto, respondeu o bey, tu és o mercador francez que veio queixar-se do *raja-marsa?*

— E ao qual prometteste justiça.

— Sim; mas justiça á franceza.

— Sem duvida.

— Pois bem; então de que te queixas?

— De esperar inutilmente ha tres mezes esta justiça.

— Escuta, disse o bey; já são passados tres annos depois que o teu consul me faltou ao respeito; tres annos ha que me queixei ao teu rei, pedindo-lhe justiça, e ha tres annos que a estou esperando: volta pois daqui a tres annos, e veremos.

— Com mil demonios! disse o mercador, que começava a perceber o caso, e não haverá meio de abreviar a dilação?

— Tu pediste justiça á franceza.

— Mas se tivesse pedido justiça á turca?

— Então era outra coisa; e justiça te seria feita immediatamente.

— Estarei ainda a tempo de me desdizer?

— Para obrar bem é sempre tempo.

— Então justiça á turca, alteza, justiça á turca.

— Pois bem, segue-me.

O mercador beijou as chinellas do bey, e foi atraz delle.

O bey entrou no seu palacio seguido pelo mercador.

— Que somma exigiu de ti o *raja-marsa?*

— Mil e quinhentos francos.

— E achas que tal quantia é exorbitante?

— Alteza, é essa a minha humilde opinião.

— Em quanto avalias a exorbitancia?

— Em dois terços, pelo menos.

— É justo; aqui tens mil francos.

— Alteza, exclamou o mercador, vós sois a balança da justiça divina.

E beijou as chinellas do bey.

Depois preparava-se para saír.

— Não tens mais nada que me pedir? disse o bey detendo-o.

— Teria uma petição, alteza, mas não me atrevo...

— Falla sem receio.

— Creio, que se me deveria dar uma indemnisação, pelo tempo que perdi a esperar a memoravel sentença que de ti emanou.

É justo.

— Tanto mais, continuou o mercador animado pela approvação do bey, tanto mais, que eu era esperado em Gibraltar no principio do inverno, e estamos já no fim delle, tendo passado o tempo favoravel para negociar a minha carregação.

— E de que é ella composta?

— De barretes de algodão, alteza.

— O que quer dizer um barrete de algodão?

O mercador tirou então da algibeira uma amostra da sua fazenda e apresentou-a ao bey.

— Para que serve este traste?

— Para cubrir a cabeça, respondeu o mercador.

E fazendo seguir o exemplo ao preceito, poz na cabeça o barrete de algodão.

— É muito feio, disse o bey.

— Mas é muito commodo, respondeu o mercador.

— E tu dizes, que a demora que tive em fazer-te justiça, te prejudica?

— Prejudica-me pelo menos em dez mil francos, alteza.

— Espera.

O bey chamou o seu secretario, o qual entrou immediatamente, cruzando as mãos sobre o peito e inclinando-se até ao chão.

— Assenta-te e escreve, disse o bey.

O secretario obedeceu.

O bey dictou algumas linhas, das quaes o mercador nada percebeu, porque eram em arabe.

Depois, quando o secretario acabou de escrever:

— Está bem, lhe disse o bey; vae fazer proclamar este *amra* (decreto) pela cidade.

O secretario encruzou as mãos sobre o peito, inclinou-se até ao chão e saíu.

— Peço desculpa, alteza, disse o mercador.

— Que mais queres?

— Poderei, sem indiscrição, perguntar a vossa alteza o conteudo deste decreto?

— Perfeitamente: é uma ordem a todos os hebreus de Tunis para que, dentro de vinte quatro horas, cubram a cabeça com um barrete de algodão, sob pena de serem degollados, se assim o não fizerem.

— Oh! com a fortuna! exclamou o mercador, agora percebo.

— Então, se percebes, volta para o teu navio, e trata de tirar o melhor proveito que puderes da tua fazenda; porque dentro em pouco te apparecerão compradores.

O mercador lançou-se aos pés do bey, beijou-lhe as chinellas, e voltou para bordo.

Entretanto publicava-se, ao som de clarins, em todos os bairros de Tunis o seguinte decreto:

« Louvor a Deus, o unico, de quem dependem todas as coisas.

« Por ordem do escravo de Deus glorificado, daquelle que implora o seu perdão e a sua absolvição.

« O *mouchir* Sidi-Hussein-Bacha, bey de Tunis.

« Prohibe-se a todo o hebreu, israelita ou nazareno, de apparecer nos bairros de Tunis sem ter a sua cabeça infiel e maldita coberta com um barrete de algodão.

« E isto sob pena de lhe ser cortada a cabeça.

« Concede-se apenas o praso de vinte e quatro horas a esta gente de má origem, para se provêr dos referidos barretes.

« Esta ordem deve ser exactamente cumprida.

« Escripta com a data de 20 de abril do anno 1243 da *Egira*.

Assignado — *Sidi-Hussein.*

É facil de adivinhar o effeito que um tal decreto produziu na cidade de Tunis. Os vinte e cinco mil hebreus que habitam em Tunis olhavam espantados uns para os outros, perguntando entre si o que era esta oitava praga que feria o povo de Deus.

Foram interrogados os mais sabios *rabbinos;* mas nenhum delles podia fazer uma idéa exacta do que fosse um barrete de algodão.

Finalmente, um hebreu livornez lembrou-se de ter ouvido dizer, que um navio tinha entrado no porto, havia tres mezes, com uma carga dos taes barretes.

Fizeram-se logo as mais activas pesquisas; e sabendo-se que o navio estava ainda no ancoradoiro, correram todos ás barcas, a fim de se dirigirem á embarcação do mercador marselhez, o qual se achava sobre o tombadilho esperando a chegada dos novos freguezes.

Em menos de dez minutos, mais de trezentos bateis cercaram o navio.

— Barretes de algodão! queremos barretes de algodão!

O mercador fez um acêno com a mão; entenderam que elle pedia silencio, e todos se calaram.

— Quereis barretes de algodão?

— Sim, sim, sim! foi a resposta que se ouviu de todos os lados.

— Muito bem, disse o mercador; mas vós sabeis, senhores, que o barrete de algodão é um objecto muito procurado neste momento. Recebi noticias da Europa, que me annunciam ter encarecido muito esta fazenda.

— Estamos promptos a fazer quaesquer sacrificios, responderam milhares de vozes.

— Escutae, disse o mercador, eu sou homem honrado.

Os hebreus estremeceram. Era assim que elles começavam sempre os seus discursos, quando se preparavam para depennar um christão.

— Não me aproveitarei das circumstancias para vos roubar.

Os hebreus empallideceram.

— Os barretes de algodão, uns por outros, custaram-me quarenta soldos.

— Vamos lá! não são muito caros, disseram em voz baixa os hebreus.

— Contentar-me-hei de ganhar cento por cento, continuou o mercador.

— *Hosanna*! exclamaram os hebreus.

— Quatro francos por cada um dos barretes de algodão.

Doze mil braços se estenderam.

— Ordem, ordem, disse o mercador: entrae pela prôa, e saí pela pôpa.

Cada hebreu atravessou a coberta, recebeu um barrete de algodão, e pagou quatro francos.

O mercador embolsou quarenta e oito mil francos, dos quaes trinta e seis mil eram puro ganho.

Os doze mil hebreus regressaram a Tunis, enriquecidos com um barrete de algodão, e com quatro francos de menos nas algibeiras.

No dia seguinte o mercador apresentou-se ao bey.

— Ah! és tu? disse o bey.

O mercador prostrou-se aos pés do bey e beijou-lhe as chinellas.

— Então? disse o bey.

— Alteza, venho agradecer-te.

— Estás contente?

— Contentissimo!

— E preferes a justiça turca á justiça franceza?

— Realmente, é forçoso confessar, que não podem comparar-se!

E o mercador prostrou-se por terra para beijar as chinellas do bey; mas este lhe apresentou a mão.

Uma hora depois, o navio marselhez saía a todo o panno do porto de Tunis.

Do processo empregado no meio-dia da França para imitar o nosso vinho da Madeira.

Para um tonel da capacidade de 2 pipas, 3 almudes e 4 canadas, empregam-se:

3 potes e 2 canadas de infusão de cascas de amendoas;
3 canadas de infusão de noz;
Canada e meia de melaço;
Um copo de licor cheio de infusão de alcatrão;
3 potes e 2 canadas de vinho de Tavel;
3 almudes e 4 canadas de boa aguardente velha;
Acaba de encher-se depois o vaso com bom vinho branco sêcco velho.

Este vinho quasi nunca fica feito logo da primeira vez. É preciso, para que tenha logar a perfeita combinação de todas estas materias, ír agitando o liquido á medida que se introduzem gradualmente as infusões acima ditas.

Syllabario-compositor.

A mais grave difficuldade do ensino das primeiras letras era até hoje o de captivar exclusivamente a attenção dos meninos, de lhes concentrar n'um unico objecto as faculdades que tendem a exercer-se por acções separadas. — A necessidade de prevenir os effeitos desta extrema mobilidade suggerio uma infinidade de systemas, mas todos elles insufficientes, não tem feito mais que enganar a criança, sem algum outro resultado apreciavel.

M. Tolosa, dando novas applicações ao emprego dos caracteres moveis da escripta, cujo uso para o ensino da leitura data da mais alta antiguidade, apresenta ao publico um novo systema, que tem o merito de interessar n'uma mesma operação todas as faculdades activas dos meninos,

No anno de 1664 mandou o prior D. Diogo Lobo da Silveira abrir um nicho dentro do templo, do lado da epistola, para guardar a pia, em que Affonso Henriques fôra baptisado pelo arcebispo de Braga S. Giraldo.

Na sachristia ainda se conserva o altar de prata tomado aos castelhanos em Aljubarrota, e o pelote que D. João I levava vestido no dia daquella gloriosa batalha.

A poesia do nosso amigo Serpa, e que a *Revista* publicou no precedente numero, nasceu de um sentimento de indignação causado pela vista da collegiada, em que se vão apagando os vestigios da antiguidade, com o pinho, o estuque, e as pinturas dos reformadores. Quem tem a culpa disto? As camaras municipaes? Não: o povo, que elege para as camaras das grandes povoações individuos, que seriam soffriveis camaristas nas aldêas de Payo Pires, se nas aldêas houvesse municipios.

P. D.

Algumas linhas sobre a questão pecuaria, a proposito da proxima Exposição de gados.

(Continuação.)

Não desconhecemos que a falta, e por consequencia a carestia da mão de obra agricola n'outros tempos tivesse rasões mais directas e evidentes. Uma nação que nasceu e se robusteceu entre o cruzar das espadas e o embate das armaduras, que bebeu da infancia com o genio aventureiro e aguerrido os habitos da conquista, que avassallou riquissimos paizes e foi o interposto colossal de todas as preciosidades do mundo, devêra por instincto e character preferir a espada á charrua; desertar do lar domestico, obscuro, pobre e inglorio, fascinada, cubiçosa de glorias e lucros, e ir, no patrimonio aureo do oriente, desforrar, vingar sua condição de bastardia. Na troca de um viver lidado, mas pacifico, por outro de ambição, rapina e carnagem, na substituição de um prophetico pomposo e deslumbrante, mas eventual e passageiro, ao que mais humilde, porém de outra duração e solidez, nos assegurava a natureza no solo que nos destinára, vemos nós aquellas rasões. Rasões de uma povoação dizimada pela guerra, rareada pelas expedições, emigração e colonisações, distrahida pela fama de seus altos feitos, preoccupada do engôdo insaciavel de oiro, amollecida na opulencia e no ocio, n'uma palavra, só retemperada no ardor das luctas, mas inconstante, irresoluta e branda para o trabalho interno, para esse trabalho de fomento e edificação erguidos nos proprios recursos que o engenho e a força porfiosamente apostados transformam e elaboram hoje de uma maneira pasmosa e indefinida.

Mas agora que já temos dormido bastante sobre nossas passadas grandezas, que já nem nos acalenta a fagueira recordação de nossas prestigiosas proezas, que vamos mudando de indole, de genio e de tendencia, tocados, como não podiamos deixar de ser, da transformação social que se passa actualmente em todos os povos, é força confessar que aquellas rasões já não explicam satisfactoriamente o desvio ainda muito notavel de braços e capitaes da primeira das industrias; quando havia todo o fundamento de pensar a guiarmo-nos pelo exemplo, e pelo conhecimento das nossas circumstancias naturaes, e muitas outras conveniencias, que era ella a que depois de um penoso desengano, unica nos convidava a reconquistar, não a altiva soberania de que tão máu uso fizemos, mas um nome respeitavel e uma posição independente na lista das nações civilisadas.

O desvio, o abandono de que fallâmos existe, é para nós uma crença, na miseria e atraso da propria profissão agricola. Uma profissão sujeita ao risco de mil contingencias e pouco rendosa é por via de regra pouco concorrida e desanimadora. Uma profissão que não é mais do que uma serie de praticas ronceiras bebidas sem criterio, nem reflexão em tradições vagas e fluctuantes, ou quando muito em factos, ou experiencias que se não sabem systimatisar, que se interpretam, e ácerca dos quaes se arrasôa da fórma mais raza e extravagante; uma profissão em que se não revela o poder da arte, em que as occorrencias, os factos especiaes se não geram da intervenção do homem, ou antes dos principios immutaveis da sciencia nascida de uma intelligente e perspicaz observação, mas succedem casual e imprevistamente fazendo correr á propriedade, ao capital, quasi tantas probabilidades de fortuna, quantas as de insuccesso, de perda e ruina; esta profissão, dizemos, jámais póde ter força de attracção bastante, para que em volta della venham gruparse a maior massa, como convinha, dos interesses da nação.

Fadou-nos a natureza para povo especialmente agricola, isto é verdade, que á força de se repetir é uma banalidade callejada; mas de possuirmos as mais bellas condições climatericas e topographicas, temos acaso a obrigação imposta, não se sabe porque divindade preguiçosa, de abnegar da rasão, do engenho, emfim, do bom uso das nossas faculdades em desenredar e estremar dessas bellas condições o que melhor se póde ageitar ás precisões, e o que convêm ser auxiliado pelo artificio?

Não somos dos que, arrebatados pelo maravilhoso dos progressos agricolas, quereriam vêl-os aqui succeder com quasi a presteza e a inconstancia das modas; Deus nos livre de tal furor; mas se estamos condemnados a n'um eterno extasis contemplativo, não viver e não esperar senão dos dons providenciaes, ás vezes adredes falliveis para castigo da inacção; se nos alimenta confiança tão firme no — *laissez faire* — da natureza, que nos consideremos uma excepção privilegiada, com a qual nada tem que fazer o turbilhão que re-

volve, agita e regenera os outros povos, nós então antes quizeramos que este solo fosse bem ingrato e inhospito, este clima bem inclemente, este céo sereno e limpido uma massa impenetravel de neblina algida, que, emfim, este tapete de perenne vegetação pudesse de repente converter-se ou nos gelos eternos que corôam o — *Hymalaia* — ou nas arêas abrasadoras do — *Sahara*. Se a necessidade é mãe da industria, se o soffrimento acrysola e fecunda o engenho, haveria nesta condição mesquinha, nesta infelicidade nata, o primeiro impulso para um futuro engrandecimento, engrandecimento que nos tolhe, que nos veda a exaggerada presumpção do pouco que nos cabe fazer, do pouco que temos a recear estando na posse dos beneficios que a natureza nos dispensou.

Assim que por uma parte um lucro duvidoso e contingente, quando não é um risco provavel, esfria as tendencias e arreda os capitaes das emprezas agricolas, por outra parte a convicção de que somos, quanto é possivel ser em adiantamento e riqueza deste mister, leva a conjecturar que é da natureza, da qualidade delle o ser de fraco interesse, de tal insignificancia que só póde convir aos que de origem, ou de circumstancias especialissimas, se comprazem com os habitos da vida rustica, ou se conformam com o modesto rendimento do seu capital por o não poderem situar melhor.

Esta conjectura explica-nos agora o exulamento a que está reduzida a nossa agricultura, genero de vida que por pacifico e moralisador devia, independentemente de outros motivos, ganhar a sympathia do nosso povo, chamar a si o maior numero, pois que até pela sua similhança com tantos heroes, em que se deu a antithese da espada alliada á charrua, o exterminio á criação, este povo heroico deve sentir, sem duvida, a tranzição para este extremo em virtude de igual predestinação.

Como quer que seja, do ponto de vista em que nos colloca a conjectura de que fallâmos, nós lhe divisâmos toda a extensão da influencia que lhe pertence na decadencia da nossa agricultura; adiantâmos mais; figura-se-nos ella ser o ponto de partida, a chave de muitos vicios, de muitos males que incessantemente conspiram para uma dissolução geral. Eis-aqui como entendemos isto.

Para nós a exuberancia do funccionalismo é menos uma attracção, um engôdo, uma sofreguidão, um delirio para um bem-estar commodo, seguro e pingue, que uma exclusão geral de braços, que uma repulsão de propensões occasionadas na maioria dos misteres uteis pelo seu proprio definhamento, pelo precario e incerto da sorte que elles offerecem em paga aos que se lhes dedicam. O funccionalismo é o effeito de uma acção negativa; o — *incerta sedis* — de todos os destinos; a consequencia da morte de muitas esperanças; do fenecimento de primitivas vocações.

A agiotagem, esse sorvedoiro insaciavel, alimentam-n'o por ventura só os erros da administração, e a perversão das finanças? ou não dependerá tambem, em grande parte, da ociosidade dos capitaes, da sua impossivel applicação a emprezas mais honestas, mais nobres, que se não sabem comprehender, ou que não acham na convergencia e na opportunidade das circumstancias a conveniente garantia? Ao numerario, pois que é o symbolo da propriedade, pois que em virtude disso estabelece o movimento de todos os haveres, provoca e conserva a vida das sociedades, acontece, quando se lhe restringe a area de conflicto, quando se lhe fecham todas as sahidas, o mesmo que ao espirito concentrado, tolhido, privado de toda a relação physica: é que á falta de um livre e judicioso emprego reage sobre si mesmo, e sobre o corpo que o encadêa até ao ponto de se exhaurir.

O que são essas facções, essas lamentaveis guerras civis, senão a prova mais terminante de que o maior numero vacilla descontente na escolha do seu destino? O homem que se conhece feliz na sorte que abraçou, difficilmente a desampara por outra problematica que lhe póde trazer a revolução. Os chefes de uma revolta podem alli andar excitados pela paixão; mas os instrumentos passivos vão lá arrastados pela necessidade, ou pelas enganadoras esperanças, vãs promessas de melhor condição.

A infancia da nossa industria, a languidez do commercio são outros males que como os precedentes vem buscar nascimento na mesma rasão que affugenta da agricultura a concurrencia da maior somma de esforços, porque estas duas grandes divisões do trabalho social não fazem mais que ageitar e diffundiros productos naturaes; não os criam; e onde não ha criação de productos, não póde haver manufacturas, nem permutações.

Se isto é verdade, quanto é grave e transcendente a causa que assignalâmos ao nosso atrazamento cêrca do uso que fazemos do nosso solo, já se póde antever, meditando-se bem no alcance que têem sobre a economia e administração as suas miudas ramificações. É preciso regenerar a agricultura, quasi tanto por necessidade de nivelar os rendimentos com o vulto das precisões, quanto pela de aggregar e trazer a uma via racional elementos preciosissimos que no estado de extravio e desordem em que actuam, ameaçam comprometter a nossa conservação.

Em todo o tempo, que se houvesse tomado para base de fomento nacional a animação e melhoria das culturas, ter-se-ia preparado um bem duradoiro que o futuro saberia agradecer; hoje esta animação é mais que um bem futuro, mais que a segurança do patrimonio para os vindoiros; é uma necessidade instante que se não póde nem illudir, nem procrastinar impunemente, porque é de nós mesmos, desta geração, que já a experimenta, e que póde ser a sua primeira victima.

Partindo da hypothese, a que nos conduziu uma inducção, de que o grande mal da nossa

agricultura é um rendimento muito fraco em proporção com os custos da producção, acompanhado da convicção de que se não póde haver maior — é claro que só por dois meios aquelle mal póde ser atacado: um é a instrucção profissional, cuja acção lenta não promette efficácia senão depois de uma certa generalisação, sendo todavia o meio radical e o mais seguro; o outro, todo experimental, consiste em que por via de culturas novas, bemfeitorisadoras do solo, se faça crescer a sua fertilidade de maneira que com a mesma massa de avanços se augmente e melhore a producção.

Até que ponto os gados podem em qualquer destes meios, ou em ambos, simultaneamente assegurar e facilitar os resultados de uma boa revolução agricola, é o que nos cumpre agora demonstrar.

(Continúa.)

Lapa.

Noticia historica dos sapatos e das botas.

Se se remonta ás mais antigas eras, vê-se que os homens andavam descalços: o uso admittido entre os hebreus de offerecer agua para lavar os pés, leva a crer que isto assim era. Os gregos e os romanos, nos primeiros tempos, praticavam o mesmo; porém, mais tarde, o luxo, a molleza e a affeminação introduziram, em ambos estes povos, o uso do calçado. A materia dos sapatos, entre os antigos, constava de casca de arvores, de junco e de coiro; em quanto á fórma apresenta differenças segundo o genio e os costumes das nações. O calçado fazia-se, em Athenas, com o coiro preparado. A côr uniforme dos sapatos, para os homens, era a preta, as mulheres usavam diversas côres, e ornavam-n'os com oiro, prata, marfim e pedrarias. Em Roma, a materia mais ordinaria dos sapatos era o coiro preto lustrado. Este calçado traziam-n'o os senadores e os magistrados, só com a differença de que estes apresentavam-n'o encarnado nas ceremonias e com a sola muito mais grossa que a dos outros. As mulheres traziam sapatos como os homens, porém umas vezes adornavam-n'os com pregos de oiro, outras com perolas e pedras preciosas. Os romanos mais distinctos calçavam sapatos de coiro vermelho que mandavam vir do reino de Ponto. Estes sapatos chamados *mullei*, tinham, ás vezes, bordaduras de oiro ou prata; porém de ordinario eram de coiro preto, e chegavam até ao meio da perna, o que lhe dava alguma similhança com os borzeguins. Haverá sessenta annos que um tal Polot, sapateiro, em París, descobriu o meio de fazer sapatos á prova de agua, servindo-se para isso de um coiro preparado com uma certa composição de que era base principal o sebo; esta tentativa foi depois repetida com muito successo. Nestes ultimos tempos, MM. Lemaistre e Fauche Borel, de Paris, chegaram a fazer sapatos de uma unica peça e sem nenhuma costura.

Em 1814, M. Lunel, estabeleceu, em Londres, uma manufactura de sapatos por meios mecanicos. As solas e tacões cortam-se com um certo engenho. Uma machina abre tres ordens ou fileiras de buraquinhos e uma outra introduz nestes as taxas. Em 1814, esta manufactura fabricava cem pares de sapatos por dia; este processo foi muito aperfeiçoado nos Estados-Unidos da America.

Os gregos, e os romanos depois destes, tambem traziam especies de botinas ou cothurnos feitos com o coiro de boi, que calçavam sem meias. As botinas de coiro imitadas dos gregos pelos romanos, não tinham a largura das dos parthos, ajustavam-se mais perfeitamente ao pé e á perna. Na vida de S. Ricardo, bispo de Chichester, escripta por um inglez no decimo terceiro seculo, falla-se de botas. Ainda hoje se lê no registo do tribunal de contas, em França, um artigo que consigna quinze dinheiros ao homem que engraixava as botas de sua magestade christianissima, o rei Luiz XI. As botas dos chinezes são de seda preta, ou de coiro, e não sobem acima da barriga da perna. Se são largas, os chinezes servem-se dellas como bolsos, e nellas guardam os seus papeis e o seu leque.

Preceitos para a avaliação dos cavallos.

Continuação.

Valor aproximativo. O valor do cavallo não póde fixar-se de uma maneira invariavel e absoluta, porque está dependente sempre da raça, da edade, do talhe e estatura do corpo, ás vezes da côr, do estado de conservação, da bondade de cada um delles, e da muita ou pouca procura que ha a seu respeito. Eis aqui as noções geraes sobre que os calculos dos compradores e dos vendedores devem basear-se. O preço dos cavallos augmenta na rasão do melhoramento e cuidados de que hão sido objecto, assim como da pureza da raça de que descendem. O cavallo de Alter, apesar da sua reconhecida degeneração, ainda hoje tem aos olhos de toda a gente muito mais merecimento e aprêço do que o cavallo beirão, o andaluz menos do que o arabe etc., por isso que a intelligencia e os dotes organicos destas differentes raças são distinctos em cada uma dellas, e dessa distincção é que nasce a sua desigual prestabilidade para o mais perfeito cumprimento de certos e determinados misteres, estando nisto, e só nisto, a rasão da preferencia e superioridade relativos. O numero maior ou menor de pollegadas, que possa ter em altura o corpo, tambem se admitte como condição de valor, sobretudo quando se faz a compra de cavallos que depois hão de ir remontar a cavallaria do exercito ou emparelhar n'um tiro etc.; afóra estes casos aquella condição despresa-se muitas vezes por não ter dentro de certos limites uma influencia immediata na bondade do animal. Em algumas das nossas feiras de gado tem-se estabelecido por

simples e amigavel convenção, uma especie de tabella ou classificação dos preços feitos com exacta referencia ao numero das pollegadas. A côr, a não ser com o fim unico de alindar ou dar mais brilho e elegancia a um tiro, só a mettem em linha de conta, na apreciação do valor, ou as pessoas persuadidas de que os differentes e variegados aspectos offerecidos pela pellagem traduzem e põem bem transparentes as excellentes e ruins qualidades do animal, ou então as que têem por alguns delles uma inexplicavel sympathia ou gosto particular, que é levado a um ponto tal ás vezes, de se não importarem em dar por um declarado sendeiro uma verba consideravel, com tanto que seja castanho malhado, sôpa de leite, alazão dourado etc., quer dizer, que tenha a côr da sua paixão. Os cavallos de boa constituição, bem nutridos, e cujo trabalho tem sido com intelligencia e acerto proporcionado ás suas forças, podem prestar muito bons serviços desde os cinco até aos vinte e cinco annos, época em que alguns ainda podem ser com vantagem utilisados até aos trinta annos; porém isto não passa de excepções rarissimas, que só servem para nos firmar mais na crença de que o verdadeiro exercicio activo termina, em geral, na edade de vinte e cinco annos. O estado de conservação resulta de uma boa alimentação e de um trabalho moderado, calculados de modo a dar ao cavallo um descanço duplo, ou pelo menos, equivalente á duração do trabalho. A bondade dos cavallos é uma qualidade moral peculiar, que só se revela por suas fórmas exteriores muito obscuramente, e que por consequencia, não é appreciavel senão durante o trabalho. Sobem muito de valor os que são dotados de um similhante attributo. O contrario tem logar para os lerdos, molles e defeituosos, ainda que apresentem fórmas externas mais ou menos perfeitas. Suppondo um cavallo em bom estado de conservação, póde assentar-se, como principio, que este possue o maximo de seu preço intrinseco de cinco a seis annos, e que aos vinte e cinco não tem nenhum valor, ou por outra, que nesta edade o seu valor relativo é muito insignificante. Conforme este principio, um cavallo perdendo pouco mais ou menos dos seis aos quatorze annos um dezenove avos, a oitava parte dos quatorze aos vinte, e dos vinte aos vinte e cinco a quinta parte do seu valor, um bom cavallo bem conservado (os máus, assim como os que são manhosos, ruins ou defeituosos, não podem nunca ter senão um valor relativo) do preço de:

480,000 réis — valerá				240:000 réis — valerá				128:000 réis — valerá			
annos	réis	annos	réis	annos	réis	annos	réis	annos	réis	annos	réis
a 5	480:000	a 15	232:960	a 5	240:000	a 15	121:600	a 5	128:000	a 15	64:960
a 6	480:000	a 16	199:680	a 6	240:000	a 16	104:320	a 6	128:000	a 16	55:680
a 7	453:280	a 17	166:400	a 7	227:360	a 17	87:040	a 7	121:280	a 17	46:400
a 8	426:560	a 18	129:920	a 8	214:720	a 18	69:760	a 8	114:560	a 18	37:120
a 9	399:840	a 19	99:840	a 9	202:080	a 19	52:480	a 9	107:840	a 19	27:840
a 10	373:120	a 20	63:360	a 10	189:440	a 20	35:200	a 10	101:120	a 20	18:560
a 11	346:400	a 21	49:920	a 11	176:800	a 21	28:160	a 11	94:400	a 21	14:880
a 12	319:680	a 22	36:480	a 12	164:160	a 22	21:120	a 12	87:680	a 22	11:200
a 13	292:960	a 23	23:040	a 13	151:520	a 23	14:080	a 13	80:960	a 23	7:520
a 14	266:240	a 24	9:600	a 14	138:880	a 24	7:040	a 14	74:240	a 24	3:840
		a 25	00			a 25	00			a 25	00

Vê-se por tanto que a edade vem a ser a circumstancia mais importante, o principal, seguro e o mais fiel regulador do *valor approximativo* inherente a um cavallo de um dado preço nos diversos periodos da sua existencia; importa tel-o sempre muito em vista quem não desejar ser illudido ou servir de joguete á atrevida e, ás vezes, até, urbana e amavel ciganice.

J. M. Teixeira.

Marinha franceza e marinha ingleza.

No estado actual da Europa, os seguintes apontamentos statisticos hão de ser, por certo, lidos com interesse. A força maritima de duas nações poderosas, póde ser, por ellas, avaliada. Os mappas, que apresentâmos, são extrahidos dos melhores e mais modernos documentos officiaes.

MARINHA FRANCEZA EM 1851.

Navios de véla no mar		*Navios de vapor no mar*	
Naus	25	Naus	2
Fragatas	37	Fragatas	20
Curvetas de 1.ª classe	12	Curvetas de 1.ª classe	5
Ditas de 2.ª	18	Ditas de 2.ª	22
Brigues de 1.ª classe	22	Avisos de 1.ª classe	32
Ditos de 2.ª	22	Ditos de 2.ª	25
Navios ligeiros	43	Mixtos	4
Transportes	32		
	211		110
Em construcção		*Em construcção*	
Naus	20	Corvetas de 1.ª classe	4
Fragatas	19	Dita de 2.ª	1
Corvetas de 1.ª classe	5	Avisos	3
Brigues	4		
	48		8
Total — navios de véla	259	*Total* — vapores	118
Total geral	377		

MARINHA INGLEZA EM 1851.

Naus de véla	88
Fragatas de dita	77
Curvetas de 1.ª classe	26
Ditas de 2.ª d.ª etc.	63
Navios diversos	71
Naus de parafuso	12
Fragatas de dito	7
Outros navios de d.º	26
Fragatas de rodas	13
Outros vapores	110
Total	493

N. B. Nesta conta não entram os navios já fóra do serviço, os condemnados, que estão destinados ou usados para hospitaes, registros, depositos, etc., os quaes sobem até 118 navios de diversas qualidades.

Exautoração do regicida Merino.

Transcrevemos das folhas hespanholas os seguintes pormenores:

No dia 5 ás 2 horas da tarde se verificou a cerimonia da exautoração de D. Martin Merino, com toda a solemnidade e apparato recommendado pelo direito e rito da egreja catholica. N'uma das salas da mesma prisão de Saladero, cujas janellas dão para a entrada da egreja de Santa Barbara, se collocou um estrado em que se armou um altar e se pozeram os objectos necessarios para a cerimonia. Por delegação do sr. arcebispo Diocesano, celebrou o sr. Carcalla, bispo de Malaga, assistido de seus familiares, e dos seis dignatarios ecclesiasticos que manda a rubrica, e que foram os srs. D. Benito Torcelledo, bispo eleito de Astorga, D. Teleno Maceira, bispo eleito de Coria, D. Ramon Duran de Corps, arcediago de Toledo, D. Celestino Mier e Alonso, conego de Toledo, D. José Miguel Sanitz Pardo, capellão-mór de Toledo, e D. Antonio Aguado, Chantre de Cordova, com os mais assistentes inferiores que costumam concorrer aos actos solemnes da egreja, e o tribunal ecclesiastico.

Achando-se o prelado paramentado de pontifical de côr escarlate, com mitra posta e de baculo na mão, sentado de costas para o altar, e cara para o povo, que contemplava a terrivel cerimonia, se apresentou o réo acompanhado do ministro da justiça, e os srs. D. Pedro Nolasco Anrioles e D. Antonio Sanches Milla, juiz e fiscal do processo, que deviam presenciar a exautoração, a fim de se lhes entregar desde logo o desgraçado, que ia vestido com habitos negros talares.

Tiraram então as cordas dos pulsos, e elle principiou a vestir-se com os sagrados ornamentos, como se fôra celebrar; assim vestido, os ecclesiasticos concurrentes apresentaram-n'o ao bispo, a cujos pés ajoelhou, e entregaram-lhe o Calix com vinho e agua, e a Patena com a Ostia. O prelado em seguida arrancou-lhe ambas as coisas das mãos, repetindo-lhe esta tremenda formula, que traduzimos do pontifical romano: — « Tiramos-te o poder de offerecer a Deus o sacrificio e dizer missa tanto pelos vivos como pelos defuntos. » — O prelado passou a raspar-lhe os dedos e mais sitios que na ordenação dos Presbyteros são ungidos com os santos oleos, mostrando assim que a egreja queria tirar daquelles membros a consagração com que os havia honrado, dizendo: — « Por meio desta rasura te arrancâmos o poder de sacrificar, consagrar e benzer, que recebeste com a unção nas mãos e dedos. » E tirando-lhe a casula disse-lhe: — Despojamos-te justamente da caridade figurada nesta vestimenta sacerdotal, porque a perdeste e ao mesmo tempo toda a innocencia. » Quando lhe tirou a estola disse-lhe: — Manchaste a pureza, representada por esta estola, despojâmos-te della, tornando-te inhabil para exerceres qualquer acto sacerdotal. »

Exautorado deste modo do sacerdocio, passou-se á exautoração das mais ordens, e por isso os assistentes o revestiram com os distinctivos de diacono, e entregaram-lhe o livro dos evangelhos; o prelado lh'o tirou das mãos, dizendo: « Tiramos-te o poder de lêr o evangelho da Igreja, porque só pertence a quem é digno! » — Ao despojal-o da dalmatica disse-lhe: « Privamos-te da ordem de levita, porque nella não cumpriste com o

teu ministerio » e ao despoja-lo da estola: « — Arrancamos-te com justiça a candida estola que recebeste para a levares immaculada á presença do Senhor, porque não o fizeste assim, conhecendo o mysterio, nem déste exemplo aos fieis para que te podessem emitar como consagrado a Christo, e te prohibimos todo o officio de diacono.

Depois vestiram-lhe as insignias de subdiacono, e ao tirar-lhas o prelado disse: « Tiramos-te o poder de lêr a Epistola na Igreja, porque te fizeste indigno de tal ministerio. » A dalmatica: « despimos-te a tunica subdiaconal, porque o casto e santo temor de Deus não domina o teu coração e o teu corpo. » O manipulo: « deixa o manipulo, porque não combateste o inimigo por meio das boas obras que designa » e o amito: « porque não castigasse a tua voz, tiramos-te o amito. »

Por esta ordem e com formulas parecidas, se lhe foram tirando todas as mais insignias dos outros quatro gráos menores, até chegar ao de primeira tonsura, que tambem vamos explicar detalhamente, por serem mui notaveis, e por ter occorrido nesse acto uma circumstancia especial. Estava o réo vestido de sutaina e sobrepeliz, e de joelhos aos pés do prelado, o qual quando lhe tirou a sobrepeliz pronunciou estas palavras: « pela authoridade de Deus Omnipotente, Padre, Filho, e Espirito Santo, tiramos-te o habito clerical, e te dispimos do adorno da religião, e te depomos, despojamos e despimos de toda a ordem, beneficio e privilegio clerical; e por seres indigno da profissão ecclesiastica te restituimos com ignominia ao estado e habito secular. »

Em seguida o Bispo pegou n'uma thesoura e cortou-lhe um bocado de cabello, e um barbeiro, que alli estava de proposito continuou a operação rapando-o de modo a não se conhecer a corôa, segundo o recommenda o ritual: a que o réo quiz resistir, e só cedeu por lhe advertir o prelado que era preciso, mas dizendo para o barbeiro, « córte, mas pouco, porque faz frio e não quero constipar-me. » Entretanto o bispo dizia: — « Arrojamos-te da Igreja de Deus como filho ingrato, e rasgamos-te da cabeça a corôa, signal caracteristico do sacerdocio, em consequencia da maldade do teu comportamento.

Em seguida, os sacerdotes que assistiam ao bispo tiram-lhe o resto das vestes clericaes, deixando-o em calças e jaqueta, em cujo estado o entregaram ao juizo do ordinario, e a final o prelado disse-lhes: « Temos o que está presente por despojado e exautorado de toda a ordem e privilegio clerical, e seja recebido no foro secular; — acrescentando « Senhor, nós vos rogamos com todo o affecto de que somos capazes, que por amor de Deus, pelos sentimentos de piedade e misericordia, que não castigueis o culpado com pena de morte ou estrangulação de membros. »

Ao ouvir o réo estas palavras textuaes do cerimonial da egreja, significou de certo com algum gesto a sua incredulidade, porque o sr. bispo de Malaga, que estava muito commovido, principiou a exhortal-o para que não fosse duro de coração; que tinha os momentos contados; que reconhecesse o seu horrendo crime, e que se preparasse para se apresentar no tribunal do Juiz Supremo.

Fez-lhe sentir, cheio de unção, que a caridade se parecia com a justiça, e que ao applicar a justiça não se esquecesse a caridade; que por inaudito, horrendo e exacravel que fosse, como era o delicto, pelo dia, pelo logar, pelas circumstancias, da pessoa, a mais innocente das mulheres, a nossa rainha.... a egreja não podia pedir castigo e só justiça com caridade: por ultimo, enxugando as lagrimas, que lhe corriam dos olhos, dirigiu-se aos concorrentes, dizendo « que se gravissimos eram os delictos dos homens, maior era a misericordia de Deus, porque era infinita; que rogava a todos que pedissem a Deus pelo infeliz sacerdote que acabava de exautorar, interpondo a intervenção de Sua Santissima Mãi, para que lhe abrisse os olhos do coração para que se convertesse, e as portas do céo. »

O veneravel prelado não pôde continuar, e desatou a chorar; porem Merino, sempre insensivel, não respondeu mais do que: — « deixem-me em paz. »

Durante a terrivel cerimonia, que durou mais de uma hora, todos os circumstantes estavam atterrados, só o réo mostrou espantosa serenidade e presença de espirito; e quando por acaso o mestre de cerimonia se enganava, era o primeiro a notar-lh'o.

Quando viu os ornamentos que deviam servir na cerimonia, disse: « este enterro não dá pitança, porque os ornamentos são velhos » e ouvindo os vivas á rainha, que o povo dava na rua, perguntou ao bispo « se tambem era da rubrica estarem as janeilas abertas? » E respondendo-lhe o bispo que não só era da rubrica que o povo o visse, como ella mandava que a cerimonia se executasse n'um tablado muito alto, n'uma praça publica. « Então porque o não fizeram? Não me importa que me vejam. »

Theatro de D. Maria 2.ª

A mulher que engana o marido, é cousa muito antiga cá fóra; mas no theatro é novo, pois só ha poucos dias foi á scena. E' uma comedia-drama em serio e jocoso bem misturado; os papeis foram bem distribuidos e desempenhados, sobretudo o do sr. Theodorico, que dá muita vida a esta comedia pela naturalidade com que se ha, principalmente quando accende o charuto, imitando tão ao natural um accesso de tosse, que o publico rompe sempre em merecidos applausos. A mulher engana o marido para bem; quando elle a julga infiel, está ella sustentando-lhe um filho, cuja existencia elle ignora, e que é fructo das suas passadas loucuras. Esta comedia agrada sobremaneira, porque nella triumpha e se exalta a virtude da mulher, que as mais das vezes parece má, porque as apparencias a accusam.

A Viuva, comedia em 2 actos. E' um entremez, quasi sem enredo, e no genero daquelles antigos, em que se dá bofetão e pontapé. Se não fossem os actores, morria á nascença. Apparece um poeta, em cuja physiognomia e modo de pôr o chapéo, e algumas outras coincidencias, julgámos vêr alguem conhecido; mas estamos certos de que este theatro não é capaz de descer áquella indigna pratica, em outros theatros ensaiada, de pôr em scena characteres conhecidos, nem o Conservatorio tal havia de tolerar.

Theatro de S. Carlos.

Se a sr.ª Sannazzari não nos tivesse dado já tantas provas do seu elevado merecimento, bastaria vêl-a na *Ildegonda*, novo *spartito* ultimamente representado em S. Carlos, para formar o mais justo e sublime conceito das eminentes qualidades artisticas, que a distinguem e lhe garantem uma brilhante carreira.

Torna-se difficil decidir em qual dos trechos da opera é a sr.ª Sannazzari mais admiravel. No duetto do 1.º acto com *Rizzardo* (o sr. Musich), desenvolve toda a expressão de ternura e de heroismo de que póde ser susceptivel um coração puro e verdadeiramente apaixonado. No 2.º acto, quando em lobrego subterraneo se julga abandonada por todos, e lamenta que nem ao menos a sombra do amante, o qual julga morto, venha confortal-a, *Ildegonda* manifesta, com extrema perfeição, o sentimento de angustia que a devora. Na scena final, acreditâmos porém, que a sr.ª Sannazzari não póde ser excedida. É tal a consciencia e naturalidade com que se investe do caracter que representa, que o espectador, por mais frio que seja o seu temperamento, não póde deixar de sympathisar com a sorte da infeliz amante de *Rizzardo*, e de se sentir profundamente commovido. A sr.ª Sannazzari póde jactar-se de ser hoje o alvo das sympathias do publico *dilettanti*, o qual a considera, e com justiça, não só como brilhante astro da companhia lyrica, mas como anjo da guarda da actual empreza de S. Carlos.

A sr.ª Marco *(Idelbene)* veiu encetar em Lisboa a sua carreira artistica. Tem boa voz, e parece-nos possuir disposições, que, sendo convenientemente desenvolvidas pelo estudo e pela pratica, poderão constituil-a uma artista apreciavel.

Se por vezes temos sido severos (ainda que justos) com o sr. Musich *(Rizzardo)*, nesta occasião só temos que dizer maravilhas a seu respeito. A delicada maneira por que canta o duetto com *Ildegonda*, e o *adagio* da aria — *O mia sposa! al duro passo*, tem-lhe grangeado geral approvação. Como actor, o sr. Musich occupa sempre um posto vantajoso.

A parte de *Rolando* foi confiada ao sr. Maneusi, que a desempenha com muita intelligencia. O *andante* da cavatina — *Chi può spegnere il decoro* — é um dos trechos que diz com maior perfeição.

As outras partes secundarias contribuem quanto está ao seu alcance para o bom exito do espectaculo. — Os coros manifestam, ás vezes, alguma incerteza, principalmente quando cantam fóra da scena. — A orchestra, com a costumada pericia. — O scenario faz honra aos pinceis dos srs. Rambois e Cinnatti.

Duas palavras ácerca do *libretto* e da musica.

O *libretto*, cujo assumpto foi extrahido por Themistocles Solera, com algumas alterações, de uma lenda escripta pelo distincto poeta e prosador italiano Tommaso Grossi, tem situações interessantes, e alguns caracteres bem traçados; mas outros pouco desenvolvidos, como o de *Rollando*; ou apenas esboçados, como os de *Rogero* e *Falsabiglia*.

O delineamento, o estylo e a instrumentação da *Ildegonda*, mostram claramente que o *maestro* Arrieta quiz imitar Verdi. Nesta opera ha trechos notaveis pela belleza da sua factura, e porque exprimem fielmente a situação do drama: taes são — o duetto do soprano e tenor no 1.º acto, a scena final e o coro de virgens que a precede. Apesar disto, a *Ildegonda* parece-nos um *spartito* de natureza tal, que só poderá fazer fortuna, quando tiver como protoganista para o seu desempenho, uma atriz de tanto talento e inspiração como a sr.ª Sannazzari.

Ensaia-se a *Parisina!*

¿Teremos outro *fiasco* egual ao da *Lucrecia?*

Noticias Diversas.

Concurso. — *A Inspecção Geral dos Theatros*, pôz a concurso, por espaço de trinta dias, a adjudicação da empresa subsidiada do theatro de S. Carlos.

Citam-se já muitos nomes de pessoas, que aspiram á dita empresa, e que se dispõem a fazer propostas. Veremos quem leva o ramo.

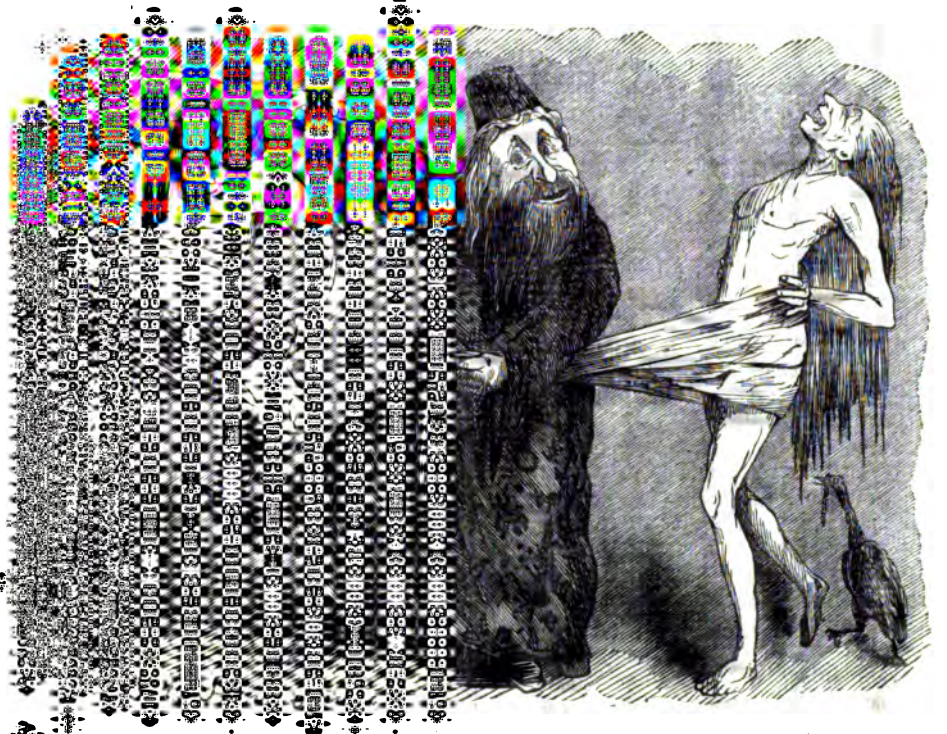
Desastre. — A grande fabrica de Pianos-fortes de Collaod, em Londres, foi quasi totalmente destruida por um incendio. Duzentos instrumentos, pouco mais ou menos, foram devorados pelas chammas. Calcula-se a perda em vinte mil libras sterlinas.

Flautista. — O sr. Joze Maria Ribas, distincto professor de flauta que ainda ha pouco figurou brilhantemente na orchestra do *Theatro da Rainha*, em Londres, acha-se actualmente em Lisboa.

Desejâmos que o sr. Ribas não deixe novamente esta terra, onde conta discipulos e admiradores, sem que nos offereça ensejo de pagarmos devido tributo de admiração ao seu talento.

naval.

saturnaes, etc. As bachanaes celebravam-se em honra de Bacho, deus do vinho, patrono das adegas, e presidente de muitas festas do nosso intrudo. As bachanaes haviam sido instituidas no Egypto com o nome de mysterios de Isis. Homens e mulheres, em quanto a festa durava, andavam pelas ruas, cobertos de pelles de animaes, e com cestos de hervas á cabeça. As lupercaes, instituidas em honra de Pan, celebravam-se no terceiro dia depois dos Idos de fevereiro.



A estampa representa o Intrudo, cuja figura logo dá nas vistas; é gordinho, porque se sustenta de perús, e tem na cabeça o chapéo cuscuzeiro, attributo dos foliões. A mulher desvestida e desgrenhada, que elle leva após si, [illegible]

tos animos; o piar dos mochos desperta idéas de morte; o estridor da lima faz estremecer; mas não ha nada que produza tão singulares effeitos como os sons dos guizos da loucura; o pessimo desses effeitos é fazer saltar; e para isso é peior que a mordedura da tarantula, que o mal de S. Vito, e que a trombeta de Obéron, que fazia com que dançasse toda a côrte de Bagdad. Mas se a loucura tinha vestidos e galas a seu modo, dirão os leitores, como é que se ella aqui apresenta em absoluta desnudez?

Expliquemos. A loucura tem, além d'outras qualidades boas, a de ser serviçal, e de prestar-se ao serviço de quem a quer empregar; do palacio á choça, do sabio ao folhetinista, a loucura serve a todos; servir a todos é servir o publico, é ser empregado publico. Pois então, se a loucura é um empregado publico, o vestil-a é uma anomalia, é tirar-lhe o seu unico attributo, a desnudez. O intrudo representa a antiga loucura, porque ainda traz fatos e guizos; quando agita a varinha magica, todos acodem ao chamamento: das janellas arremeçam-se os projectís; as laranjas, os ovos, a agoa, os pós, os papelinhos, a farinha, a areia, voão, sujam, pisam, aborrecem; abrem-se lojas e lojas, para alugar fatos ridiculamente sarapintados, com que homens, mulheres, crianças, donzellas, casadas, virgens, matronas, fidalgos, plebeos, militares, funccionarios, e até deputados, se transformam como Proteo; os theatros apinham-se de espectadores; os bailes enxameam em concorrentes; as ruas refervem de curiosos; multiplicam-se os saráos, e os rabos de papel; pregam-se opios; mandam-se mimos de fingidos doces; mente-se; dizem-se pulhas; *seringa-se;* e até os rapazes da rua costumam dar, o que já se prohibio, isso *a que vulgarmente chamam gebadas;* e ainda se faz outra cousa nos bailes, como em toda a parte, — namora-se muito, porque, se os olhos observam lindesas, se os ouvidos escutam harmonias, se a bôca saborea manjares, se se respiram aromas, se se apertam mãos estimadas, é injusto, muito injusto, que o coração esteja ocioso.

P. D.

Algumas linhas sobre a questão pecuaria, a proposito da proxima Exposição de gados.

(Continuação.)

Muito de passagem havemos esboçado as desastrosas consequencias a que, no nosso modo de ver, dá margem o estado decadente da agricultura.

Porque o trabalho productor não indemnisa assaz; porque ao mesmo tempo é quasi geral a opinião, de que elle não póde ser mais rendoso e que preenchemos com a necessaria e desejavel mestria a parte do artificio que elle exige, é que essencialmente procede essa grande desoccupação de braços e improductividade de capitaes.

Remontando a esta altura, a questão agricola abrange vastissimo horisonte. — Em suas formidaveis proporções, ella parece subordinar infinitas outras questões, cujo nexo de filiação tem passado quasi desapercebido, que julgadas em si mesmas ostentam invenciveis difficuldades, e as quaes todavia, symptomas como são de um mal mais geral, se prestariam a bem facil solução, se em vez de lançar mão de palliativos, se dispozesse de um grande principio que marchasse direito á séde e á causa do padecimento primitivo.

Esse grande principio não é outro senão o que attrahisse e concentrasse no mister da cultura a maior massa possivel de capital e empenho nacionaes.

Ou significado em outra formula; tudo o que tendesse a engrossar os beneficios, o lucro daquelle genero de vida.

Nesta ultima expressão o principio traduz-se n'um programma systematico, unitario, convergindo todas as suas partes por um ou outro caminho sempre ao mesmo fim.

Nós não vamos desenrolar esse programma já tantas vezes aberto, tão clamorosamente annunciado, tão de fé jurado, mas para logo sempre tão esquecido e despresado. O desengano não nos tocou de todo. O baptismo na nova religião economica não derramou ainda em nós nem todo o horror ao passado, nem o fervor da fé no futuro. A lucta do vezo, das illusões, do tempo e do septicismo dá-se já no ultimo reducto, mas obstinada, cruenta, inconciliavel, como de quem vê alluido o ultimo degráo do throno em que dominára. Não esperemos por este desfecho para obrar, antecipemo-nos.

No terreno já conquistado, edifiquemos. Esta nova fórma de combate accelerará a victoria e fará ganhar tempo.

No programma de que fallâmos inclue-se um elemento efficientissimo, a que não se concede toda a importancia de que é merecedor. Queremos fallar da producção animal.

Ouve-se a cada passo exalçar a utilidade das vias de communicação interior, a barateza dos capitaes, a melhor prestancia das machinas e alfaias ruraes, a instrucção profissional agricola, etc. Mas dos gados só se falla de uma maneira muito secundaria; como de uma das muitas producções que nos convem desenvolver, como, por exemplo, a do vinho, a dos cereaes, ás quaes comtudo, nem o seu valor, nem o seu alcance se podem jámais comparar.

Os que assim pensam nem vêem a totalidade dos males da nossa agricultura, nem comprehendem que para os outros elementos do plano economico mostrarem todo o fructo de que são susceptiveis, carecem de que ao par com a sua realisação vá sendo operada no systema da propria producção uma completa transformação, e que nessa transformação, os gados são a grande alavanca a pôr em jôgo.

A uma justa preferencia dada á producção ani-

mal sobre todas as outras, devem varias nações hoje a sorte prospera da sua agricultura. — Os factos desta prosperidade não são casos excepcionaes, ou menos legitimos da causa que lhes assignalâmos; são demonstrações clarissimas de uma lei que em todos os tempos e logares se ha mais ou menos visivelmente manifestado constante. — Esta lei é a que proporciona a productividade da terra com a sua fertilidade.

Nós nem podêmos isemptar-nos della, nem obter por outros meios os resultados a que a sua observancia conduz.

É pela não havermos comprehendido ou despresado, que o paiz, que podêra ser tres ou mais vezes povoado, nunca chegou a proporcionar a precisa subsistencia á sua pequena população.

Agora mesmo que o arado, mettido a maior extensão de terras, permitte se recolha muito maior massa de cereaes, do que ha meio seculo, não estamos livres de pagar por este genero de primeira necessidade um consideravel tributo ao estrangeiro. Segundo documentos officiaes foi em 1849 a nossa producção em cereaes de — 1,159:098 moios — os quaes apenas chegam para o sustento de dois terços da nossa população, regulando a meio moio por habitante.

Mas ainda mesmo que por maior extensão de terra trazida em amanho de cereal, alcançassemos deste a sufficiente copia para a população e até para exportar, não seriamos nós que veriamos nisso uma riqueza agricola bem entendida, senão miseria que tarde ou cedo nos havia de vir assaltar.

Está provado pela sciencia e confirmado pelos acontecimentos, que uma agricultura extensiva e ao mesmo tempo exclusiva á producção cereal, se nos primeiros tempos póde ostentar de prospera, não tarda em decaír, importando comsigo a fome, a carestia, a esterilidade. Ella compromette o futuro, a trôco de uma abastança occasional e passageira.

Tomemos um exemplo na França. O impulso dado por Sully á agricultura, com quanto não fosse baseado nos mais solidos principios da sciencia, tinha comtudo chegado a fazer da França o celleiro principal da Europa. A Suissa, a Hespanha, a Inglaterra a ella iam buscar consideraveis provisões de trigo; e não obstante um quarto do territorio francez estava coberto de florestas e do resto apenas metade era terra de lavoura e sujeita ao pousio de um anno; a outra metade constava de pastagens para sustento do gado. O engôdo da exportação de um genero então o mais lucrativo, levou a extender a cultura cereal, a principio, aos campos de pastagem menos productivos, depois até aos prados mais ferteis e viçosos.

Durante muitos annos consecutivos estes terrenos, que enthesouravam adubos de seculos fornecidos pelos detritus de muitas vegetações e estrumes dos animaes que nelles pastavam, desfizeram-se em ubertosas colheitas.

Mas no decurso do 18.° seculo, apesar da maior arêa que ía abrangendo a lavoira, á medida que o proprio governo, seduzido por enganadores successos, estimulava, por todos os meios, novos arroteamentos de terras, animando a destruir até as florestas, íam succedendo terriveis fomes e carestias, e a França tornava-se com os quatro quintos de suas terras cultivaveis em amanho de cereal tributaria em trigo da Sicilia, da Barbaria e até da mesma Inglaterra. — Eis aqui um facto bem convincente de decadencia agricola coincidindo e adveniente de uma progressiva extensão de cultura cereal. E não é só a falta de pão, é tambem a falta de gados, e a alta no preço da carne, porque é claro que subtrahindo-se á pastura a terra que amplia a lavoira, cercêa-se o sustento daquelles, e se lhes rarea o numero, numero por outra parte representado no consumo por uma proporção ainda menor, em consequencia do augmento dos trabalhos agricolas fazer passar o gado de trabalhos que se mata mais tarde o gado até alli de talho que se matava a meia edade menos.

(Continúa.)

Lapa.

Do chocolate — sua origem.

Os primeiros navegantes que aportaram á America, foram ahi levados mais pela sêde de oiro, pelo desejo de adquirir riquezas, do que com o louvavel e philantropico empenho de fazerem áquellas vastas e selvaticas regiões o valioso presente da fé christã e dos beneficios da civilisação. Nesta época quasi se não conheciam outros valores além dos que sahiam directamente das minas: a agricultura e o commercio estavam na sua infancia, e a economia politica ainda não existia. Os hespanhoes encontraram metaes preciosos em abundancia, descoberta quasi esteril, pois que estes se depreciam á medida que se multiplicam, e porque nós temos outros meios muito mais activos para engrossar a massa das riquezas. Porém estes climas, onde um sol com todas as gradações possiveis de calor dá á terra uma fecundidade extrema e duradoura, reconheceram-se prosperos para a cultura do assucar e do café; tambem nelles se descobriu a batata, o anil, a baunilha, a quina, o cacáu, etc.; eis-aqui quaes são os verdadeiros e invariaveis thesouros.

Se estas descobertas tiveram logar, apesar dos obstaculos que oppunha á curiosidade uma nação rival, pode-se com razão esperar que ellas se repetirão com o volver dos annos, e que as observações que fizerem os sabios da velha Europa em tantos paizes que ainda restam a explorar, enriquecerão os tres reinos da natureza com um grande numero de substancias que nos devem dar novas sensações, como fêz a baunilha, ou augmentar os nossos recursos alimentares, como o cacáu.

A mistura qu[illegible] amendoa de cacáu moida com o [illegible] dá-se o nome

de chocolate: tal é a definição classica desta preparação. O assucar fórma a sua parte integrante; porque com o cacáu simples, faz-se só uma pasta de cacáu, e não de chocolate. Quando ao assucar, á canella e ao cacáu, se junta o aroma delicioso da baunilha, attinge-se o *nec plus ultra* da perfeição a que póde levar-se este preparado.

É a este pequeno numero de substancias, a que o gôsto e a experiencia têem reduzido os muitos ingredientes que se tinham querido associar ao cacáu, taes como, a pimenta, o pimentão, o aniz, o gengibre e outras, que se hão successivamente ensaiado.

O cacaueiro é indigena da America meridional, dá-se tão bem nas ilhas como no continente; porém hoje sabe-se que as arvores que dão melhor fructo são as que crescem nas margens do Maracaibo, nos valles de Caraccas e na rica e fertil provincia de Sokomusco. A amendoa é mais grossa, o assucar menos acerbo, e o aroma mais pronunciado. Depois que estes paizes se tornaram mais accessiveis, a comparação poude reiterar-se muitas vezes, e os paladares mais exercitados jámais discreparam sobre a incontestavel superioridade do cacáu americano.

As damas hespanholas do Novo-Mundo são tão apaixonadas, presam tanto o chocolate, que, não contentes de o tomarem em casa muitas vezes ao dia, mandam leval-o para a egreja. Esta fina e imperiosa sensualidade mereceu a principio a censura e a reprovação dos bispos; porém estes a final julgaram mais acertado capitular fazendo a vista grossa: e o reverendo padre Escobar, cuja metaphysica era tão subtil quanto a sua moral foi condescendente, declarou formalmente que o chocolate feito em agua não quebrantava o jejum, tornando assim extensivo, a favor de suas penitentes, o antigo adagio: *Liquidum non frangit jejunium.*

A Hespanha importou o chocolate no decimo setimo seculo, e o seu uso tornou-se desde então muito popular, em consequencia do gosto decidido que logo mostraram ter por esta bebida aromatica as damas, e principalmente os frades. Os costumes ainda hoje não mudaram a este respeito; actualmente, em toda a Peninsula, sobre tudo naquelle paiz, apresenta-se o chocolate em todas as occasiões onde é da etiqueta e cortezia offerecer alguns refrescos.

O chocolate passou os Pyreneos com Anna de Austria, filha de Filippe II, e esposa de Luiz XIII.

Os frades hespanhoes fizeram-n'o igualmente conhecido com os presentes que enviaram a seus irmãos de França. Os diversos embaixadores de Hespanha tambem contribuiram não pouco para vulgarisal-o. No principio da regencia o seu uso estava mais generalisado que o do café, porque então tomava-se como um alimento agradavel, em quanto que o café ainda não era tido senão como uma bebida de luxo e de curiosidade.

Sabe-se que Linneu chamava ao cacáu — *cacau theobrama* (bebida dos deuses). Tem-se pretendido por vezes achar a causa desta qualificação emphatica: uns attribuem-n'a a que este sabio gostava muito de chocolate; outros ao desejo que tinha de lisongear o seu confessor; outros emfim á sua galanteria, por ter sido uma rainha a primeira pessoa que havia introduzido o seu uso.

Luz, ar e agua.

Uma véla ordinaria, para arder toda, consome tanto *ar*, quanto precisa, para respirar, no mesmo tempo, uma pessoa em estado de perfeita saude. A mesma coisa é para o gaz, azeite, etc., que dê a mesma proporção de *luz*. Uma hora depois de accesos todos os candieiros de gaz de Londres, tem-se o ar desoxigenado tanto, como se houvessem accrescido á sua população 500:000 pessoas. Durante a combustão do azeite, do cebo, do gaz, etc., fórma-se *agua*. Em tempo frio vemol-a condensada nas vidraças das officinas mal ventiladas. Em 24 horas de luz de gaz em Londres, produz-se mais agua do que a que seria necessaria para o provimento de um navio carregado de emigrados de Londres para Adelaide.

Mais uma applicação das cordas de rebeca.

Viajava em certa occasião o celebre musico inglez, Arne, e para se restaurar entrou n'uma estalagem, onde em consequencia do grande concurso de gente todos os comestiveis se haviam exgotado. A ultima peça de carne acabava justamente naquelle momento de saír do espeto para ser servida a outros viajantes. — Arne achando modo approxima-se do prato sem ser visto, tira a toda a pressa da algibeira uma corda de rebeca, miga-a em mil pedacinhos e os espalha por cima do assado. — Os cavalheiros, á apparição nojenta de uma carne que parecia apolvilhada de bixos, descompõem o criado, e ordenam-lhe que decampe já dalli com similhante borundanga. — Era o mesmo que Arne desejava. Pede ao criado que lhe sirva aquella comida, dizendo-lhe que mesmo assim como estava trataria de a aproveitar. Tendo comido regaladamente deu-se por conhecido, e contando o lôgro rio a bom rir da cara que faziam os cavalheiros ao verem que de uma corda de rebeca tão boas harmonias se podiam tirar para o ouvido, como para o estomago.

Composição para um café artificial.

Favas torradas..... 10 onças.
Cacáu caraca.
Aveia..... ãa 5 onças.
Cevada limpa.
Castanha..... ãa 6 onças.

Canella, Milho,
Hortelã-pimenta, Herva cidreira. ..

Misturem-se e pisem-se n'um gral até se reduzirem bem a pó as cinco primeiras substancias, e faça-se depois o mesmo ás outras quatro.

Junte-se uma pequena quantidade, conforme o gosto, do segundo pó ao primeiro.

O café assim preparado é preferivel, para certos temperamentos, ao café das ilhas, cujo principio irritante é ás vezes bastante nocivo aos peitos fracos e delicados.

O valor de uma pedra falsa.

Quereis saber, meus senhores, porque motivo se acha no melhor logar do meu gabinete este retrato de uma formosa mulher; quereis que vos diga alguma das cousas gratas, que elle me traz á memoria? Preencher-vos-hei os desejos; toda a gente gosta de fallar do que lhe é caro, e a mim foi-me bem cara esta gentil dama. Olhae bem para ella, e permitti que vol-a apresente como minha avó.

Attenção agora:

Corria o anno de 1760, terceiro depois do casamento de meu avô, o marquez Gastão de Maubreuil, com uma donzella da casa de Haut-Bussy. Estava meu avô no seu quarto, quando entrou um criado antigo, Maubin, a dizer que estava alli o ourives Garnon, freguez da casa.

— Manda-o entrar, Maubin, disse meu avô, e não deixes cá vir mais ninguem.

Ia já o creado a sahir, quando o marquez o chamou:

— Maubin, minha mulher ainda não veio para casa, não é verdade?

— Não senhor; a carruagem ha de ir buscal-a ás quatro horas, e pouco mais é agora de meio dia.

— Bem, bem. Olha que ninguem saiba que veio aqui o ourives, e principalmente Suzette, que o ia logo contar a sua ama

Retirou-se Maubin, depois de ter mandado entrar a Garnon, que era freguez de toda a gente da côrte, e sabedor dos actos de generosidade e de loucura, que naquelle tempo se praticavam.

O marquez Gastão era moço e guapo; não lhe faltava talento, e tinha uma esposa, que o amava extremosamente. Apesar disto, ía o marquez nesta occasião commetter um daquelles peccados, que deixam sempre remorsos para a velhice. Havia-se apaixonado por uma aventureira florentina, peregrinamente bella, e a quem tinha ultimamente encontrado muitas vezes em divertimentos a que elle se dava com aferro. Debalde havia empregado desvelos, presentes, e mil testemunhos d'apreço; na vespera daquelle dia em que mandou chamar o ourives, havia elle promettido á florentina um adereço de brilhantes, tão rico, como o que a embaixatriz de Inglaterra tinha levado ao ultimo baile de Versailles.

« Acceito, com mil vontades, respondeu a florentina; porém devo dizer-vos, querido marquez, que vos não posso pertencer nesta terra; já todos conhecem as relações que entre nós existem; parece-me que somos o alvo de todos os olhos; de um instante a outro póde a marqueza vir a sabel-o; estremeço... Buscae um pretexto para vos ausentardes. Eu torno para a minha Italia. Vêde se vos é possivel acompanhar-me. Vinde comigo, e tornar-me-heis a patria mil vezes mais grata; e então, quando me julgar feliz, talvez que seja mais generosa... até então não vos digo que alimenteis esperanças. »

Ouvindo estas palavras, pronunciadas por uma boquinha risonha e mimosa, o marquez respondeu com juramentos de mais amor. Esteve por tudo, e mandou logo dizer a Garnon, que lhe fosse fallar no dia seguinte, ao meio dia.

« Senhor Garnon, disse o marquez com rosto prasenteiro, senhor Garnon, preciso de duas coisas de grande valor; primeiro, um riquissimo adereço de brilhantes, e depois segredo inviolavel.

— Senhor marquez, respondeu o ourives, tenho actualmente com que vos preencha o desejo; quanto á minha discrição, não é esta a vez primeira, que a provaes. Tenho umas joias d'esmalte preto, com lindos lavores; o diamante em cima disto brilha como o sol.

— Bom, bom, isso agrada-me.

— Mas talvez queiraes um diadema?

— Certamente, acudiu o marquez, lembrando-se dos lindos cabellos da florentina.

— Diabo! redarguiu o ourives, não tenho agora um só diadema capaz de se apresentar ao senhor marquez. É verdade que posso mandar já fazer um, como imagino; por fim de contas ficareis satisfeito: hei-de-lhe mandar pôr uma pedra de um quilate extraordinario, exactamente como a do diadema, que fiz para o casamento da senhora marqueza. São tão parecidas, que pensei ao principio que era a mesma, quando m'a foram vender.

— É impossivel! exclamou o marquez.

— É impossivel, continuou Garnon; mas já tenho visto casos similhantes. De mais, estou persuadido de que o brilhante da senhora marqueza é muito superior; e se elle estivesse ahi á mão eu o poria ao pé deste que aqui trago, a ver qual é melhor.

Gastão levantou-se, sem querer ouvir mais. Influido por um certo presentimento, foi-se ao quarto da marqueza, e passados poucos minutos voltou com um rico estojo na mão.

— Vêde, e comparae, disse elle ao ourives.

Garnon abriu o estojo com uma pressa, que fez estremecer o marquez.

— Então, que dizeis?

O ourives estava com o diadema na mão, sem proferir palavra.

— Não respondeis? gritou o marquez, já fóra de si.

— Senhor marquez, disse por fim o ourives, tremendo-lhe a voz, parece-me que o brilhante que vos vendi foi substituido por uma excellente pedra do Rheno, de tão boa qualidade, que é capaz de enganar a todos, menos a mim.

— Mentís, Garnon, mentís; o que dizeis é falso!

— Não quero altercar comvosco, senhor marquez; mas ha quarenta annos que contracto em pedras preciosas, e não é possivel enganar-me tão facilmente.

— Perdoae-me, respondeu o marquez com menos descortesia, e deixae-me agora ficar só; preciso ficar só comigo mesmo.

— E quanto ao adereço, quando quereis que torne para tractar do seu ajuste?

— Voltae quando vos aprouver; adeus, até mais ver.

Apenas sahiu o ourives, começou o marquez a tocar uma campainha com toda a força: Maubin acudiu assustado.

— Maubin, já veiu a marqueza?

— Ainda não, senhor. Tive a honra de dizer ao senhor marquez, que ás quatro horas é que ha de ir a carroagem buscal-a.

— Está bom. Podes ir-te.

Gastão tornou a chamar umas poucas de vezes para perguntar se tinha vindo a marqueza. Maubin dava sempre a mesma resposta, e sahia do quarto assustado de ver tanta inquietação.

Finalmente, poucos minutos depois das quatro, ouviu-se o ruido de uma carruagem, que no pateo entrava. O marquez pegou no estojo, e foi para o quarto da marqueza esperar que chegasse. Oh! nessa occasião nem se quer lhe passava pela idéa a florentina, nem a viagem á Italia, nem o adereço de brilhantes. Isto prova o pouco que elle amava a italiana.

Depois de curta espera, abriu-se a porta do quarto, e appareceu Amanda de Haut-Bussy, marqueza de Maubreuil, resplandecente de mocidade, de graças, e de formosura. Ao ver seu marido em pé, de braços cruzados, descorado, com o sobrolho franzido, Amanda parou admirada.

— Meu amigo — disse ella por fim, chegando-se ao marido, e apertando-lhe a mão.

— Senhora, respondeu o marquez com friesa, explicai-me neste mesmo instante porque motivo haveis mandado arrancar o brilhante, que estava neste diadema, e pôr em seu logar esta pedra de calçada.

Amanda ficou socegada; nem uma ruga se lhe formou no semblante.

— Gastão, disse ella com brandura, pelo modo com que me fallas conheço bem que alguma cousa te afflige. Torna em ti. Esta noite, se quizeres passal-a na minha companhia, te contarei a historia desta... pedra de calçada, como lhe chamas, e depois de me ouvires, sentenciarás. Estás por isto?

— Não; quero tudo saber agora mesmo.

— Assenta-te pois; essa infundada ira merece que tudo te diga no mesmo instante.

A marqueza ordenou então á criada, que se retirasse, e não deixasse entrar ninguem; e voltando-se depois para meu avô fallou assim.

— Ha dois annos me levaste a Artois, onde eu e tu haviamos nascido. Fomos para o palacio de Sarteville, solar de tua familia; e alli, longe do bulicio do mundo, passámos dias felizes. Recebeste uma vez uma carta de Paris; era do cavalheiro de Kervore, teu amigo íntimo, que te pedia, que fosses ter com elle para negocio momentoso, e em que a sua honra se achava compromettida. Acudiste logo a este chamamento, e eu fiquei sosinha em Sarteville. Senti bastante a tua ausencia, e chorei muitas lagrimas; amava-te muito; e ainda não pude corrigir este defeito. Um dia fui dar um passeio mais longo do que costumava, e pela tarde achei-me á entrada de um bosque, aonde nunca tinha ido. Fui caminhando descuidosa, eis senão quando oiço um grito agudo, que procedia de uma choupana isolada, e de mesquinho aspecto. Corro a ver qual era a causa de tão pungente exclamação; entro na choupana. O que nella vi, Gastão, não se póde pintar. Uma mulher peregrinamente formosa estava ao pe de uma enxerga, abraçando uma criança, que acabava de expirar; a um canto estava uma velha cega, soluçando. Este painel partia o coração. Era a dôr no seu auge, acompanhada da mais acerba penuria. Eu ainda não era mãe, e ignorava o quanto podem amar-se estas creaturinhas, que no seio trazemos; mas as angustias daquella pobre mãe, o ardor com que beijava o cadaver do innocente, me traspassaram o coração. Cahi de joelhos, e pedi a Deus, que, se houvesse de me dar um filho, não permittisse que eu fosse testemunha da sua morte. Ainda estava ajoelhada, quando entraram dois homens; o doutor Garnier, e Simão, que eu tinha conhecido pequeno, e que rompeu em invectivas contra o auctor de toda aquella afflicção. Simão amava extremosamente Joanna, mãe da criança morta, e estava para casar com ella, apesar dos preconceitos do mundo. Joanna tinha sido enganada pelo pae da criança, que alli jazia.

— Se eu o conhecesse, exclamava Simão, se eu conhecesse o homem indigno, que abusou da inexperiencia desta pobre rapariga, havia de lhe fazer pagar bem caro a sua infamia. Mãe, acrescentou elle cheio de ira, mãe, diga-me já o nome do malvado; quero cravar-lhe um punhal no coração.

Joanna levantou-se, gritando: minha mãe, minha mãe; mas já era tarde; a velha já tinha pronunciado o nome fatal. Era o do marquez de Maubreuil.

Mal se ouviu este nome, todos se voltaram para mim; e Joanna, conhecendo que eu era a mulher do que a tinha seduzido, lançou-me um olhar cheio de triste indignação.

Uma hora depois desta scena, estava eu no palacio, concertando com o doutor Garnier, sobre o modo de reparar o mal que havias feito; incumbi-o de comprar em nome de Simão uma boa herdade, e de apressar o seu casamento com Joanna. Quando voltei a Paris, quiz mandar o dinheiro preciso para a compra; mas tudo quanto eu possuia se tinha ido em tafularias; lembrei-me então de vender aquelle brilhante do diade-

ma, e eis-aqui a razão porque tenho levado aos bailes uma pedra de calçada.

O marquez estava já de joelhos ao pé de minha avó, e chorava. — Amanda, lhe disse elle, devo-te confessar tudo; hoje mesmo ia eu...

—Não quero saber onde ias, respondeu a marqueza, enxugando as lagrimas ao marido; quero só que me ames, como n'outro tempo me amavas, e como eu ainda hoje te amo. Quero que deixes ficar no meu diadema aquella pedra de calçada, que a meu ver vale o melhor brilhante, porque me lembra a expiação de um peccado, e a ventura de uma familia.

Gastão tinha-se levantado, para se assentar ao pé de minha linda avó. Ouve, meu amigo, lhe disse esta, agora que te vejo sinceramente arrependido, quero confessar-te uma cousa: só hoje conheci quanto uma mulher póde amar o pae do seu filho.

O marquez não cabia em si de contente.

— Pois já nós lá vamos? — exclamou elle.

— Sim, meu amigo; estes enjôos de estomago, estas dôres de cabeça, que ha dias sinto, são evidentes signaes de que o ceo nos quer dar um marquezinho bem bonito.

— Será menina, exclamou Gastão cheio de jubilo, será um anjo, como tu?

— O ceo decidirá, disse a marqueza.

O ceo decidio que fosse menino; e foi Raul de Maubreuil meu pae.

Eis-aqui outra mulher, que enganou o marido, para lhe encobrir as faltas. Já no passado numero fallámos da comedia, que está em scena no theatro de D. Maria 2.ª, e cujo desfecho é mui similhante ao da presente novella. Se bem esquadrinharmos as causas das cousas, havemos de achar, que as mulheres nunca enganam seus maridos, senão com o proposito de os tornarem felizes.

Desespêro que póde dar um attaque apopletico.

No tempo que Voltaire residia na côrte de Frederico o grande, conta-se que chegára a Berlim um inglez, cuja memoria era tão prodigiosa, que bastava ouvir uma só vez qualquer composição para a repetir, por maior que fosse, sem lhe faltar com uma unica palavra.

O rei teve a curiosidade de o experimentar, e com effeito o inglez excedeu tudo quanto se dizia do poder da sua memoria.

Succedeu a este tempo ter Voltaire concluido um poema, e como sollicitasse do monarcha a permissão de lh'o lêr, este, dando-lhe o seu consentimento, resolveu divertir-se ao mesmo tempo á custa do poeta.

Mandou esconder o inglez por detraz de uma cortina e recommendou-lhe que prestasse particular attenção ao que Voltaire allí ía ler.

O poeta entrou, e recitou o seu poema com aquella emphase de quem estava esperançado de obter do rei uma approvação enthusiastica. Mas com grande assombro seu, o monarcha mostrou-se completamente indifferente em todo o tempo que durou a leitura.

Acabada esta, perguntou Voltaire ao rei a sua opinião. Este deu-lhe em resposta, que muito tarde viera no conhecimento de que M. Voltaire se apropriava e publicava como seus trabalhos de outrem; que o que lhe lêra estava neste caso; que por tanto não podia deixar de se sentir profundamente offendido, por intentar mystifical-o com tão indigna trapaça.

O poeta ficou estupefacto, queixou-se de ser tão dolorosamente maltratado, protestando que era incapaz de infamia similhante.

« Muito bem, diz o rei, nós produziremos as « provas do nosso dito. »

E logo, mandando apparecer o inglez, ordenou-lhe que repetisse os versos de que M. Voltaire se dizia o auctor.

O inglez, depois de curta pausa, e com a maior presença de espirito, recitou o poema do principio ao fim, sem se enganar uma unica vez.

« E agora, tornou o rei, recusareis confessar « que é justa a minha accusação?

« Oh meu Deus! exclamou o poeta. Que mal « fiz eu, para me reservardes esta pungente affron- « ta? É impossivel que não ande em tudo isto « magia infernal apostada em roubar-me a minha « reputação, e fazer-me estallar de desespêro. »

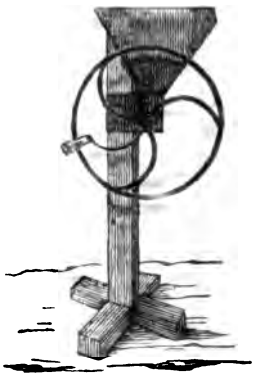
Voltaire estava na verdade n'um furioso accesso de raiva. O rei dava estrepitosas gargalhadas. Até que emfim, saciado da zombaria e condoído do enraivecido poeta, lhe explicou o artificio de que se servíra para o desfructar. — O inglez foi liberalmente recompensado pelo monarcha; mas não quereriamos de certo os mimos que naquelle instante lhe faria Voltaire, se podesse, por tão linda prenda.

Marmore facticio fabricado em Lyão.

1.° Resina loira da America, 1 parte.
2.° Pedra branca de Seyssel, 4 partes.
3.° Sulphato de baryta, 3 partes.

Para marmorear esta composição é preciso juntar-lhe por cada arratel desta materia, 1 onça do principio córante que se quizer incorporar. O marmore assim preparado resiste ao ar livre a 62° de calorico, na agua, á mais forte congelação; emfim, a todas as temperaturas atmosphericas, não se alterando nem com o tempo nem com a humidade. O seu pêso é menor um terço que o do marmore ordinario. Este marmore emprega-se com muita vantagem no lageamento, construcções, mesas, commodas e outros moveis, fogões, retabulos de altares, vasos, columnas, capiteis e ornamentos de toda a sorte; serve igualmente para imitar todas as especies de bronzes para estatuas, etc.

Maquina de atorçoar grão.



A estampa, que apresentâmos, representa uma machina de atorçoar o grão, com que se arraçoe o gado. É de uma construcção analoga á dos ordinarios moinhos de café, e por isso mui simples. Da parte opposta á manivella existe um registo, ou regulador, a fim de graduar a machina, segundo a grandeza do grão, ou attenuação com que elle se pertende britado.

Esta maquina é de muita vantagem para os lavradores. Os animaes nem só comem os grãos de milho, fava, etc. atorçoados, com mais apetite; senão que com mais gosto os mastigam, melhor os digerem, e assim tudo aproveitam: em quanto que, se assim não é, succede frequentes vezes pegarem-lhe a custo, e retraçarem muito, porque os acham rijos e duros, mastigando-os mal, e tão mal, que saem nos escrementos, inteiros, ou em grossos pedaços completamente inalterados e indigestos.

A machina, de que tratâmos, foi exhibida na Exposição agricola, pelo sr. Ayres de Sá Nogueira, e comprada para esse fim, na Belgica, pelo sr. Giraldo José da Cunha.

Consta-nos que, por modêlo desta, já duas outras se fizeram cá, para serem empregadas no Alemtejo. Desejâmos que estes factos se multipliquem, e apontâmos o meio de obter estas machinas, na *nota* que nesta mesma pagina se lê.

[illegible]

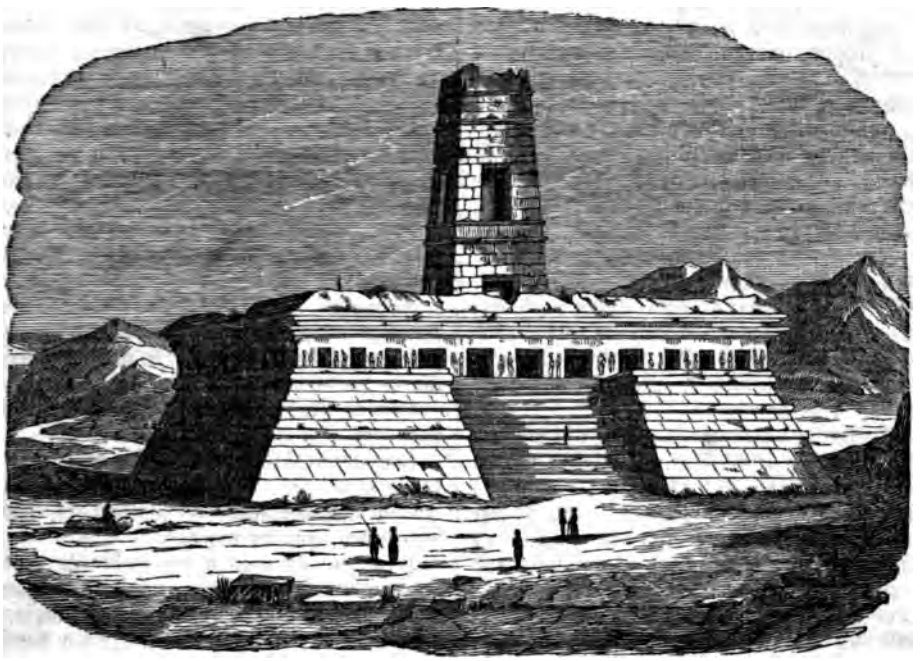
[illegible]

Con[illegible]os, [illegible] ac[illegible]res [illegible] se- [illegible] pa[illegible]lo esfor[illegible] de [illegible]idad[illegible] [illegible]um [illegible]ara [illegible] culo, [illegible]are[illegible] [illegible]m [illegible] o [illegible]dor[illegible]

Esp[illegible]se [illegible] obr[illegible] de [illegible] Lish[illegible] um [illegible]o [illegible]rom[illegible] [illegible]sse [illegible] [illegible]scr[illegible]ado [illegible] a S[illegible] [illegible]os [illegible] [illegible]o *imeir[illegible] nor[illegible]* [illegible] int[illegible]ção [illegible]gum[illegible] [illegible]os [illegible]

Cas[illegible]o Ba[illegible]za [illegible]

A estampa representa o templo magno de S. Domingos de Palenké, aldêa do bispado de Chiapa, a oitenta leguas de Ciudad Real, no Mexico. Este logar é celebre pelas suas antiguidades, cujas ruinas se encontram em Palenké Viéjo, nome que os hespanhoes deram ao sitio de *Culhuacan*, a que Jomard chama Thebas americana. Estas ruinas, por tantos seculos escondidas em densas florestas, foram descobertas e exploradas pelo capitão Antonio del Rio, e D. José Alonso Calderon. A cidade de Culhuacan, situada sobre o Micol, rio affluente do Tuleja, cujas aguas correm na direcção de Tabasco, parece haver occupado seis a sete legoas de circuito; nas suas ruinas se encontram restos de templos, fortificações, tumulos, pyramides, pontes, aqueductos, casas, vasos, idolos, medalhas, instrumentos musicos, estatuas gigantescas; o que tudo annuncia que existio alli a séde de um povo muito abalisado em architectura e sculptura.



Templo de S. Domingos de Palenké.

O grande templo, que a estampa mostra, é o principal monumento de Palenké. Tem vinte metros de altura, e é construido de pedra, cal e arêa. No meio do edificio vê-se uma torre de vinte e cinco metros de altura, e que ainda conserva quatro dos cinco andares, que tinha, separados por meio de grandes cornijas. É elegante a architectura desta torre, feita de pedra, terra e arêa. Por baixo do templo existem espaçosos subterraneos, que ainda não foram explorados.

Algumas linhas sobre a questão pecuaria, a proposito da proxima Exposição de gados.

(Continuação.)

Ponhamos agora o exemplo pratico de um systema agronomico inteiramente inverso. Escolhamos a Inglaterra para objecto delle.

No 17.° seculo a distribuição dos territorios da França e da Inglaterra em pastagens, mattas e terra de lavoura, era a mesma; um terço desta ultima ficava tambem de pousio todos os annos neste ultimo paiz. A quantidade do seu gado era muito fraca, a carne muito cara, fazia enorme importação de materias primas animaes; a industria e o commercio dos objectos, de que são base estas materias, desfalleciam n'uma infancia miseravel, a que debalde se procurava dar vigor com a protecção por um lado aos artefactos, e a prohibição da exportação pelo outro ás materias primas. — Não fallâmos nos cereaes, produzidos então com a maior penuria, e quasi todos importados dos paizes do norte pelo Baltico, e da mesma França.

Desenganados de que a principal razão da improductividade do seu torrão provinha da falta de estrumes, e de que a terra rende na razão di-

recta da prodigalidade com que se aduba, os inglezes deitaram-se a criar quanto gado puderam. Estenderam para esse fim as pastagens, arroteando muita terra de mattagal, entraram mesmo pelas terras de lavoura, deixando para cereal metade apenas daquelles dois terços que até alli se cultivavam. Os quatro quintos da terra amanhada mettida a culturas forrajosas de toda a especie quintuplicaram a massa do sustento para o gado, e proporcionaram enormissima copia de adubos.

Taes processos, que pareciam dever sacrificar a lavoura á criação dos gados, a mudar a producção de um genero ruinoso na de outro, tido na opinião geral, por ruinosissimo, não sómente haviam conservado o preço das antigas colheitas, mas semeando-se menos cereal, havia-se notado, desde o principio da mudança, que mais se colhia. Já no começo do seculo 18.°, a Inglaterra, por meio desta reforma no seu systema agricola, tinha dentro de si achado a massa de cereal preciso para seu abastecimento. E no meado do mesmo seculo já ella exportava em grão a somma de 6:400,000,000 réis por anno. —

A Grãa-Bretanha toda, que não possuia em gado vaccum mais de 4:000,000 de cabeças dando em peso de carne 614:000,000 kilog., via-se nos fins do seculo 18.° com 6:000,000 destas rezes, pesando em carne 2.340:000,000 kilog.: isto é, com metade mais deste gado, pesando cada rez quatro vezes mais.

Os 16:000,000 de rezes lanigeras dando em peso 224:000,000 kilog., haviam no decurso de cem annos passado a 35:000,000, com o peso de 1.400:000,000 kilog.: isto é, tinha dobrado o numero, e o peso de cada rez subido ao sextuplo.

Mais pão, mais carne, subsistencia mais barata: taes foram os fructos immediatos.

Calcular e desenvolver o maravilhoso impulso que esta transformação agricola da Inglaterra imprimiu ao seu commercio e á sua industria, fôra tarefa sobeja para os limites que nos temos imposto. Mas diga-se o que se disser das theorias physiocratas, o rapido e elevado vôo da Inglaterra em todas as formas da sua vida economica não se armou de outro ponto de apoio, senão daquelle fertil e inexgotavel manancial da agricultura.

Desde que foi comprehendida e realisada a tendencia ganadeira, desde que os afolhamentos, as culturas forrajosas preferiram ao antigo systema, começa naquelle paiz uma nova era. Este primitivo tronco de prosperidade vê-se alargar, arborisar-se, projectar uma vasta rede, que vae fecundar, aviventar por toda a parte industrias que agonisavam, e fazer germinar outras que se desconheciam.

Comparem-se agora estes dois exemplos. —

Duas nações partem de um mesmo ponto com diverso regimen economico; uma, depois de uma felicidade que se esvaece, de uma riqueza que se dissipa em fumo, cahe na miseria e na dependencia do estrangeiro pelos artigos de primeira necessidade. A outra priva-se desses gozos momentaneos e illusorios, abraça um grande principio, tem a coragem de cortar por todos os prejuizos, e prosegue ávante na exploração de um veio de riqueza futurado e promettido pela sciencia. Os resultados corôam ao cabo de certo tempo com portentosas maravilhas este seu sacrificio temporario, esta marcha atrevida, mas confiosa, esta pertinacia, em arrancar das entranhas da terra a confirmação de predicções que pareciam visionarias utopias. Escolhâmos entre estes dois exemplos, entre a miseria e a opulencia, a fome e a abastança, o infortunio e a felicidade, o descontentamento e o bem-estar, a decadencia e a prosperidade do povo, de todas as classes, da nação toda.

Procurae por todas as sortes accelerar, multiplicar, estreitar o contacto do productor com o consumidor.

Supprimi uma multidão de intermedios que não tem outro fim, senão o de altear o preço venal dos generos, sem fructo palpavel para o productor, e com manifesto prejuizo do consumidor.

Desaggravai o productor de encargos que o embaraçam.

Libertae-o da usura que lhe suga a ultima gota de sangue.

Concedei-lhe todas as facilidades, franquias e isempções, que as merece.

Dourae-o de todo o esplendôr da protecção.

Ficar-vos-ha de pé sempre esse monstro da esterilidade, a agigantar-se cada vez mais, a baldar toda esta ou similhante cohorte de medidas, tão justas aliás, tão bem calculadas, mas que, filiadas a uma primeira que se menos presou, tornaram-se acéphalas e improficuas.

A esterilidade do nosso sólo é um facto incontestavel, e a causa primeira desta esterilidade existe no exclusivismo do genero esterilisador que se lhe faz constantemente produzir; esta é a raiz do mal; por aqui é que deve tocar primeiro o balsamo da reforma que a agricultura reclama.

Na Inglaterra 100 hectares de cultura (150 geiras proximamente) alimentam 75 rezes vaccuns, na França 18, e entre nós, em que se calcula 10 geiras de charneca para alimentar uma destas rezes, aquella area no tracto em que commummente os nossos gados pastam a terra, apenas poderá sustentar 15 rezes.

Na Inglaterra aquella extensão de terra dá ao mesmo tempo com que sustentar de pão e materias animaes, carne, queijo, leite, manteiga, etc. a 290 habitantes. — No nosso paiz, regulando que cada geira leve 6 alqueires de semeadura de trigo e produza, anno por outro, 6 sementes, só basta em pão a 180 habitantes, a meio moio por habitante. Agora note-se, que á parte as palhas no anno de cultivo, para que aquellas 150 geiras alimentem as 15 rezes vaccuns, precisam, segundo o nosso systema agronomico, converter-se em charneca ou ficar de pousio; ora 15 rezes vaccuns ou 150 rezes meudas, seu equivalente,

chegam apenas para o sustento de 40 habitantes, admittindo que cada rez vaccum pese, termo medio, 10 arrobas, e dando uma quarta de carne por dia, mínimo bem mesquinho, a cada um daquelles individuos.

A Grãa-Bretanha conta 44:100,000 de rezes lanigeras, cada uma das quaes produz um vélo de 4 arrateis, o que faz 176:400,000 arrateis de lãa, que a sbeling o arratel, valem 8:845,000 libras esterlinas. — Esta lãa manufacturada produz — 23:610,000 libras, deixando um lucro 14:166,000 ditas.

O que temos nós cá neste genero que possa comparar-se com esta riqueza? — Em que estado temos a nossa industria lanifera, nós que possuimos seguramente 2 a 3 milhões destas rezes, mas cujos vélos, duas vezes inferiores e duas vezes menos abundantes, valem de 100 a 120 réis, dos quaes, é verdade, exportamos alguns quintaes para as ourêllas dos panos inglezes em troca de mil contos de réis que se vão (1848) nos lanificios e lãas finas importados? Em quanto o inglez absorve na roda do anno 220 arrateis de carne, o francez 60, a massa annual da nossa subsistencia em carne, dividida pela população, apenas daria para cada habitante 23 arrateis ao anno, uma onça por dia.

Graças a grande copia de forragens, a media do peso dos bois é na Inglatterra de 17 arrobas, a media dos nossos é de 10.

Em cada 150 geiras deita-se na Inglaterra 2500 carradas de estrume, producto do respectivo gado que alimentam; em França 200, producto das suas 18 rezes por hectare; em Portugal 111 das 15 rezes criadas ou possiveis de criar nessa extensão: isto é, menos de carrada por geira, em quanto na Inglaterra leva 10 carradas.

Tambem por isso, em quanto lá se colhem 20 ou 22 sementes, nós cá não obtemos senão 5, 6, 8 e 10 nos annos fertilissimos.

Admittindo como verdadeira no nosso paiz a relação de 30 partes cultivadas sobre 100, e que a área do nosso territorio seja de 3000 legoas quadradas, teremos em cultura 900 legoas quadradas. Suppondo que dois terços destas se amanham de cereal, e adoptando o calculo de serem precisos para cultivo de uma legoa quadrada 1600 homens, viremos a empregar annualmente, fazendo conta a 60 dias de trabalho, 67:600,000 jornaes, isto é, mais do triplo que a Inglaterra emprega, que não gasta, em virtude da restricção da sua terra de lavoura, mais de 15:000,000 jornaes, sendo a sua população quasi oito vezes a nossa.

Poderiamos continuar este parallelo, e o contraste cada vez mais frisante chegaria a não admittir termo de comparação.

Não basta só dizer que estamos atrasados. A grandeza do nosso atraso, a mingoa da nossa agricultura só bem se comprehende, quando se desce a uma analyse minuciosa e comparativa da nossa producção, confrontada com a de outros paizes, ou com a que poderiamos ter; porque, se ha quem nos exceda na arte e na sollicitude, em circumstancias naturaes excellentes, ninguem póde disputar-nos a primazia.

Continúa.

Lapa.

Origem e progresso da jaezação, dos instrumentos de limpeza e das alfaias de estrebaria.

Entre as pinturas que ornam muitos templos egypcios, cuja existencia remonta a mais de trinta seculos, vêem-se *arreios* tão bem feitos, que não são em nada inferiores aos que se empregam actualmente. Comtudo, parece que na mais alta antiguidade o jaez, para o tiro, era de uma grande simpleza; consistia n'um peitoral e em uma outra correia que passava sobre o pescoço e sustinha aquelle. Os cavallos eram engatados aos carros por meio de um jugo que lhes assentava sobre o pescoço. Outras pinturas, que reproduzem as expedições de Sesostris, mostram-n'os os asiaticos montados sobre cavallos, e cavallos presos a carros muito bem trabalhados. Gravuras mui antigas representam as tribus que habitavam a Este do mar Caspio, mesmo além do Indus, conduzindo para o Egypto presentes ou tributos. Distingue-se nellas perfeitamente cavallos e calças, o que prova que estas gentes eram não só tão civilisadas como os egypcios, mas ainda que montavam a cavallo. Em ambos estes povos é curioso o vêr que, muitos seculos antes, e ainda no tempo de Dario, como o demonstram os baixos relevos de Chehelminar, as redeas dos cavallos de transporte eram completas, em quanto que as dos de cavallaria não passavam de uma simples cabeçada. Esta differença provêm, sem duvida, de que se reconheceu a necessidade de combinar um forte apparelho para governar dois cavallos, no primeiro caso, em quanto que para dirigir um só, no segundo, era sufficiente um meio muito mais singelo e natural.

Sabe-se que n'uma época já mais recente o cavalleiro numida ainda não usava de redeas, assim como os scithas e os parthos. Hoje mesmo, como diz Burkhardt, vêem-se algumas vezes beduinos a cavallo não se servirem, como no tempo de Cesar, senão de uma simples chibata, ou sómente da voz para guiar o animal. É á origem oriental dos primeiros habitantes da Irlanda, a que o joven irlandez deve quiçá a facilidade que ora tem em cavalgar com tanta destreza e perfeição, sem outro auxilio mais do que uma chibata ou um ramo de arvore, com o qual fustiga levemente o olho direito ou esquerdo da sua cavalgadura, segundo o caminho que pretende seguir. Ainda que o *cabeção* se conheça ha já longo tempo (os romanos davam-lhe o nome de *lupus*), viram-se, nas ultimas guerras, cavalleiros russos das tropas irregulares, servirem-se de um *osso de carneiro*, e adaptal-o á maneira de cabeção. Durante muitos annos, a testeira, formada de uma simples corda ou de uma igual cabeça-

da, serviu conjunctamente como meio de prisão e de governo. Ainda existe o costume de fazer da corda da cabeçada um annel que se passa na bôca do cavallo, e com a restante que fica na mão, bater simplesmente n'uma ou n'outra orelha do animal, conforme a direcção que se lhe quer dar. O uso de pear o cavallo é de invenção arabe; está espalhado em todo o Oriente, excepto na China. Um baixo relevo muito antigo mostra-nos, que os romanos prendiam os cavallos á manjadoira com uma cabeçada, indo depois a corda desta passar por uma roldana, que estava fixada ao tecto, tendo na sua extremidade um pêso que se sustinha facilmente, e que não incommodava nem opprimia em nada o animal *. Tambem alli se vêem almofaças, brussas, luvas, forquilhas, ancinhos, grameiras, vassouras absolutamente similhantes aos utensilios de que nos servimos presentemente. Mas o que sobre tudo admira muito é o vêr-se, neste mesmo baixo relevo, um cavallo involvido n'um caprazão, igual áquelle com que costumâmos hoje cobrir os cavallos finos. O freio, esse nota-se nos desenhos que representam a mais vetusta jaezação dos egypcios, n'alguns quadros etruscos, em moedas da Syria e da Macedonia, e em certos baixos relevos persas; porém a barbella não se vê em parte nenhuma. As frisas do Parthenon representam cavalleiros montados só com o bridão. Este objecto parece ter sido de ferro, e as redeas de um outro metal ou de coiro. Os cavallos não têem sella. Os povos da antiguidade não usavam senão de uma manta, de uma pelle de leão ou de tigre, que punham sobre o dorso do cavallo antes de o montarem. Porém desde que o cavalleiro adoptou para si uma armadura, que tinha de um lado o seu pesado escudo, e do outro sómente uma ou duas lanças, cujo pêso não podia contrabalançar o daquelle, conheceu logo a necessidade de se procurar um ponto de apoio, e para isso imaginou uma especie de almofadinha achatada, bem similhante ás sellas estofadas de que se faz um tão grande uso nos picadeiros, para evitar as quedas e facilitar os exercicios dos picadores. Foi assim que pouco a pouco se chegou ao arção almofadado, sobre o qual se estendiam ricas coberturas, ou bellas pelles de animaes. Os persas combinavam melhor os do que os romanos, pelo menos desde a em que o dominio dos parthos introduziu Asia o uso dos *xaireis*, de um trabalho maneira engenhoso e delicado, e onde Cyr mo se sabe, organisou uma cavallaria re Comtudo, antes da invenção dos estribos, o leiro carecia ainda sobre o cavallo do ap indispensavel. Tambem o cavalleiro da Eu embocetado, para assim dizer, na sua incon da armadura, não podia combater com o ca leiro barbaro, mais ligeiramente equipado do elle, sem se apear, renunciando por esta fó ao verdadeiro caracter da sua arma.

(Continúa.)

* Tem alguma analogia com este modo de prender os cavallos, que usavam os romanos, o que empregam actualmente para o mesmo fim nas reaes cavallariças do pateo das côrtes. Cada cavallo está retido á manjadoira por duas correntes de ferro, que partindo uma de cada lado da cabeçada, vão direitamente passar por dois anneis tambem de ferro, que estão postos na parte inferior do parapeito daquella, sustentando cada uma na sua extremidade um pêso que tem, proximamente, um arratel. Por esta fórma limitam-se melhor os movimentos da cabeça, e favorece-se muito mais o decubito prevenindo os inconvenientes da prisão ordinaria.

Um desvio de educação.

O conto, anedocta ou cousa com isso pareci que vamos relatar, é do distincto e erudito l terato Alphonse Karr. Tão vivo é o quadro q pinta, e não sem mais de um exemplo, entre nó a scêna que representa — que julgâmos na su vulgarisação dar um aviso salutar, um bom con selho aos paes de familia, a quem uma desculpa vel, mas ridicula vaidade, leve a similhante pro ceder.

Observei hontem uma cousa tristemente comica. Foi o caso. Uma familia de pobres cultivadores quiz puxar e elevar a cima de sua classe um de seus membros; fazer homem de lettras, que não de charrua, ou de officio, um de seus filhos; e para isso o pôz n'um collegio a aprender o latim.

Só Deus sabe que sacrificios custou este latim á pobre gente! De quantos vestidos bem forrados se privaram para os conchêgos e agasalhos do inverno, afim de sustentar no collegio esse que deve ser o orgulho e honra da sua casa! Quantas vezes só comeram pão sêcco nas épocas fataes do pagamento das pensões!

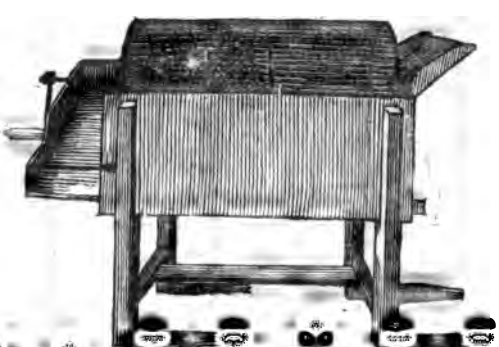
Desta familia ficaram em casa um outro filho, e uma filha. A esta falhou um bom casamento com um mancebo que ella amava, porque seus paes lhe não quizeram dar um pequeno dote que pedia a familia do noivo, ou antes lho não podiam dar, porque todo o dinheiro, quanto apuravam, não era de sobra para fazer face ás despesas do que devia ser um senhor.

O filho, esse, zeloso cultivador, administrava a casa e cuidava da granja; mas muito lhe houvera custado obter alguns livros, que o instruissem nas melhores praticas e progessos da agricultura; valem-lhe até ralhos e questões sem fim os pedidos que a seus paes faz dos necessarios adubos para fertilisar as terras. Nem elle, nem sua irmã têem vestidos serios e domingueiros para os dias festivos. O preço de seu improbo e aturado trabalho é todo enviado á cidade para a educação universitaria do *mano fidalgo*. Mas

paes não o escutam, nem attendem a isto, que chamam parvas reflexões; com a cegueira de querer um sr. letrado, um advogado, um juiz, e quem sabe, se um presidente de algum alto tribunal, lhe não deixa vêr o abysmo immenso de misèria que cavam para si e para os outros seus tão desafortunados, quão bondosos filhos.

No entrementes que seus paes tanto se affligem e se dão a tormentos e sacrificios bem pesados, para achar meios de continuar sua educação, o ingrato mancebo vae a vangloriar-se e gabar-se ao filho do meirinho da terra, especie de janota de aldêa, de que elle tinha procedido com tal esperteza e finura, que houvera feito acreditar a seus paes que já era bacharel em let as, elle que não fizera mais do que gastar o dinheiro das pensões nos melhores divertimentos e prazeres de París. — E como não queria, por modo algum, passar por pobre em presença do collega que comsigo trouxe, para lhe explicar a falta de certos detalhes de luxo na casa de seus paes, fez passar por avarenta a esta pobre gente tão generosa e tão dedicada, quanto infeliz, que por causa delle caminha a passos agigantados para uma ruina já inevitavel, que involve até os interesses e fortuna dos seus outros filhos.

Quanto mais não valêra a esta gente ter ministrado a esse mancebo uma educação mais a proposito com o seu estado? Ganharia com isso, pelo menos, tudo o que tem perdido e perderá na educação superior que projectaram, e que talvêz nunca se realisará.



[illegible]

destino é, como veremos, deitar para fóra as raizes depois de lavadas.

Deita-se agua na tina, e lançam-se as raizes, pela parte opposta á manivela, dentro do cylindro, faz-se girar este da direita para a esquerda, as raizes são batidas na agoa que lhe despega a terra e outras impurezas, e cahindo na espiral, esta as conduz e deita, já lavadas, na calha que está ao lado da manivela. Vê-se pois que entrando por uma parte as raizes sujas, pela outra opposta sáem lavadas, e isto só com dar á manivela.

Quando a agua estiver já bastante turva, póde-se despejar a tina destapando o boraco que em baixo tem para esse fim; e depois lança-se-lhe dentro agua limpa, e continua-se a operação.

É evidentissima a grande economia de tempo e trabalho, que com esta maquina se alcança, mormente se se compara com o que se gasta, lavando, por assim dizer, as raizes á mão dentro de pias, célhas, etc.

Quem tiver o corta-raizes, não deve dispensar esta maquina; e póde até dispôr ambas por tal fórma, que as raizes lavadas passem da calha do lava-raizes immediatamente para a caixa da maquina de as cortar; faz-se assim muito mais trabalho ao mesmo tempo.

Quanto ao seu emprego, entre nós, diremos, o que já tambem dissemos, a respeito do corta-raizes, e é, que não sendo por ora, infelizmente, muito exigido, não póde comtudo deixar de o ser, quando venha a comprehender-se bem o muito que valem as raizes no penso dos gados.

Consumo de carne em Londres.

Londres tem tres grandes mercados de carne para bastecimento de seus milhares de açougues. São estes: Smith-field, Leaden-Holland e Newgate. Nos dois ultimos vendem-se inteiras ou cortadas as rêzes que saíram dos matadoiros; no primeiro só se vendem vivos: é uma especie de feira que se repete duas vezes por semana, á segunda e sexta feira. Em Smith-field o mercado de segunda feira é o mais consideravel, afóra um immenso numero de porcos, vitellas, cordeiros, aves — só de gado vaccum não se calcula ahi vender menos de 3 a 4 mil cabeças, e de carneiros 25 a 30 mil. Este Gragantua de 2 milhões de bôcas leva menos de uma semana (tres a quatro dias) a devorar estas enormes montanhas de carne, as quaes afoga e submerge n'um oceano de cerveja.

Em vista disto, não ha hyperbole em dizer-se que o inglez é hoje o animal mais carnivoro da especie humana civilisada.

Mulheres-medicos.

Não nos lembra quando, nem aonde lêmos, mas é certo que lêmos ter Mahomet-Ali creado no Egypto uma escóla de medicina para mulheres, as quaes seriam os medicos, de confiança e preferencia, a empregar em todos os serralhos. Por isso não nos admirou a noticia que recentemente deu um jornal de medicina, da existencia tambem de similhantes escólas nos Estados-Unidos. Lê-se ahi que ha coisa de tres annos, pouco mais ou menos, se organisou na cidade de Philadelphia um collegio de medicina para o bello sexo, e que tem sido por elle bem frequentado. Assevera terem-se já algumas damas doutorado, e que nesta cidade, como em Boston, estão — habilitadas e auctorisadas — no pleno exercicio das suas funcções medicas. Na capital de Massachussets ha um collegio analogo, que, se bem que em principio ainda, promette comtudo que as doutoras da Nova-Inglaterra não serão somenos das da Pensylvania.

Se vae por este andar, ou se a coisa péga cá para a Europa, o exercicio da medicina deixará em pouco tempo de ser o privilegio exclusivo do homem; e este bem póde já ir procurando nos serviços e misteres femininos alguma compensação a tão atrevida invasão.

Os cafés em Roma.

Na capital do mundo christão, nesse paiz em que tanto tem imperado o systema absoluto, os cafés são como uma especie de respiradouros ou valvulas da opinião, e fazem as vezes dos jornaes e da opposição entre nós: o que se imprimiria em Londres, Madrid ou Lisboa, diz-se alli. A energia e aspereza do sarcasmo dos frequentadores; a censura violenta que naquellas casas se faz á côrte de Roma e aos actos do governo, mesmo por parte dos seus agentes, fazem conhecer claramente o que seria em tal povo a illimitada liberdade de imprensa: «Lembro-me, diz Mr. de Valery, que um dos frequentadores de certo café dizia com graça, que a pobre Italia *era como um pão cortado em fatias com manteiga, das quaes a mais séca eram os estados do Papa.*»

Cada um dos cafés tem o seu caracter particular, e, como se diz de um jornal, a sua côr distinctiva. — O café *Greco* ou da *Barcacia* era, ainda ha poucos annos, onde se reuniam os artistas francezes, italianos e allemães: alli fumava-se, fallava-se alto e francamente das obras recentes e das diversas reputações. O café de *Monte Citorio*, dito de *Bablieni*, era o dos professores e dos sabios. No café da *Fonte de Trevi* reuniam-se os antiquarios; e os proprios camponezes levavam alli as medalhas ou pedaços de tijolo que descobriam no meio dos campos. Nestas diversas reuniões tratava-se quasi sempre, e ainda hoje se trata (segundo nos informam) da chronica do dia; porque os romanos actuaes não são menos curiosos, nem menos novelleiros do que os do tempo de Horacio e de Juvenal.

Anjos.

Na jerarchia dos anjos, douctrina antiga como o mundo, acha o poeta mil quadros. O mister dos mensageiros do Eterno não se limita em levar seus decretos d'uma extremidade do Universo a outra; em serem guardas invisiveis do homem, a quem ás vezes se mostram com bem risonho aspecto; a religião chega a consentir em que a formosa natureza, e os sentimentos virtuosos tenham anjos protectores. Que innumeravel bando de divindades vem então de repente povoar os mundos!

Só o poeta christão é iniciado no segredo destas maravilhas. De globos em globos, de soes em soes, com os Seraphins, e os Thronos, que governam os mundos, a imaginação torna a descer á terra, como um rio, que forma uma cascata magnifica, e despenha ondas douradas ao pôr do sol. Da grandeza das imagens, passa-se então á doçura que ellas teem; nas sombras da floresta encontra-se o imperio do *Anjo da solidão;* no luar vê-se o *Genio dos devaneios d'alma;* escutam-se-lhe os suspiros no murmurio do bosque, e nos queixumes do rouxinol. As rosas da Aurora são os cabellos do *Anjo matutino.*

O *Anjo da noite* descança no meio dos ceos, onde se assimelha á lua adormecida n'uma nuvem; uma faixa d'estrellas lhe venda os olhos; na cabeça e nos pés tem a côr da aurora, e a côr do crepusculo; depois vem o *Anjo do silencio*, e apoz deste o *Anjo do mysterio.* Não façâmos aos poetas a injuria de crer que elles consideram o *Anjo dos Mares*, o *Anjo das Tempestades*, o *Anjo do Tempo*, o *Anjo da Morte*, como genios desagradaveis ás musas.

É o *Anjo dos amores santos*, que dá ás virgens um modo de olhar celeste, e é o *Anjo das harmonias*, que lhes dôa a graça que ellas teem: o homem honrado deve o coração ao *Anjo da virtude*, e os labios ao *Anjo da persuação.* Não é defeso conceder a estes bemfazejos espiritos as insignias dos seus poderes, e dos seus cargos: o *Anjo da amisade*, por exemplo, podia ter uma escarpa maravilhosa, em que apparecessem fundidas, por mão divina, as consolações da alma, as sublimes devoções, as palavras intimas do coração, a innocente alegria, os castos abraços, a religião, o encanto dos tumulos, e a esperança immortal.

Chateaub. Gen. do Chr.

Productos dados pelo cadaver de um cão.

Os romanos castravam e engordavam os cães para depois os comerem; era entre elles muito apreciada esta carne. Actualmente ainda ella é para os differentes povos da Asia, da Africa e da America um excellente manjar.

Os curtidores e os pelleiros fazem, com a pelle do cão, luvas, meias, calções, etc.

Os dentes servem para polir a madeira e os metaes.

Com os intestinos fabricam-se cordas para alguns instrumentos.

O cadaver enterrado é um poderoso estrume, mas serve pouco para este uso.

Já se não empregam hoje os excrementos calcareos dos cães, outr'ora chamados — *album rhasis*, nem a sua gordura.

As brincadeiras de entrudo.

Renovou-se este anno a brincadeira de andarem pelas ruas mais frequentadas gaiatos de casaca, dando coques nos chapéos; mas no Chiado quebraram-se algumas caras, e um dos jograes ficou bem mal tratado. Um velho, a quem tinham dado carolo, pegou n'uma pedra, e com mão tão certa se foi ao seu adversario, que lhe poz o nariz em estado de não servir mais.

Na calçada dos Paulistas ião de noite dois poetas bem conhecidos, eisque de uma tenda sae um moço a divertir-se com elles; o mais joven dos dois quer ensinar o alarve, mas caem sobre elle outros gallegos, e um criado de padeiro, e ferem-no na cabeça com uma acha de lenha.

Consta que morreu uma mulher, por causa de um enorme tacho, que de uma janella lhe atiraram á cabeça.

Alli para as terras do Cabeça estava um sujeito no seu quintal, quando vio no telhado alguns visinhos, que lhe andavam arrancando e quebrando as telhas: o dono da casa, julgando que eram ladrões, foi buscar a espingarda, e desfechou sobre elles; mas como a arma não tinha bala, apenas a buxa sujou a cara a um, o qual, julgando que tinha morrido, ficou tão assustado que perdeu o equilibrio, e veio rolando até á borda, donde se despenhou no pateo; felizmente não deu nas pedras, porque foi cahir sobre um grande monte de esterco e outras immundicies, que o dono da casa alli juntava para engordar a terra do quintal, que dá hortaliça. O mal afortunado visinho, retirou-se do campo da batalha, não ferido, mas no estado mais lastimoso, que possa imaginar-se.

Consta-nos tambem que appareceram no theatro mascaras atrevidissimas, que mostravam para os camarotes as armas com que os touros se defendem, e assim faziam epigrammas infernaes á gente casada.

Será bom que no anno futuro se tomem medidas energicas para proscrever tudo quanto tenda a pisar ou a insultar, e impedir que se atirem ovos sãos, porque além do damno que causam, é immoralissimo vêr quebrar nas paredes, o que podéra servir de alimento a centenares de necessitados, que presenceiam estes actos, e observam que os christãos antes querem atirar com o seu dinheiro ás caras e paredes dos amigos, do que dal-o por esmolla aos pobres de Christo. Os atiradores de ovos são mil vezes peiores que Sata-

naz; este queria vêr convertida a pedra em pão, e dahi resultava um beneficio para os pobres, como dizia o santo arcebispo de Braga; mas estes Satanazes do entrudo, em vez de converterem a pedra em pão, convertem em pedra o alimento dos pobres.

Em Collares foi a auctoridade civil obrigada a saír de noite, para manter a decencia; porque a brincadeira alli consistia em andar com grandes bosinas pelas eminencias a dizer pulhas, e a cortar na vida alheia, declarando, em alto e bom som, todos os podres das familias da villa; pela calada da noite, ouviam-sebem as vozes, e sabia-se a chronica escandalosa de muita gente; isto é peior do que ter casas de vidro, como certo legislador grego aconselhava.

P. D.

Modas.

Senhora. — Mantelete a modo de chale, debruado de penugem de cisne; toucado com bagas de oiro, presas com alfinetes de cabeça de perola.

Homem. — Casaca preta — calça sem presilhas — collete e camisa bordados, punhos voltados sobre a manga da casaca — collarinho dobrado sobre gravata branca muito estreita — meias de seda pretas — sapatos de polimento — chapéo de abas pouco reviradas.

O vestido de passeio não tem padecido alteração; pergunta-se se ha de vir a ser mais curto, mais comprido, mais largo, mais estreito, e ainda se não resolveu este importante problema; esperemos que de París nos digam alguma coisa, e Deus nos livre de augmentar a incerteza, repetindo o que já se falla a este respeito; repetiremos só o que se refere á actualidade.

Para theatro, ou visitas nocturnas, o corpo do vestido aberto, mas pouco; a romeira chamada *berthe*, guarnecida de duas ordens de renda, desce até ao bico do espartilho, nas costas desce tambem até a cintura acabando em ponta; não deve cobrir muito os hombros.

O mantelete vae-se transformando em chale de capuz, como ha annos já vimos; a moda está continuamente voltando ao antigo; o seu movimento é tão rapido, á roda das damas! Já começam a fazer-se alguns chapéos de primavera; mas fazem-se de pregas, e não franzidos, como era antigo costume.

Os jornaes francezes começam a reprovar o cothurno, ou botinha, recommendando o sapato. A dizer a verdade o sapato é muito mais gracioso; faz parecer o pé mais pequeno, e esta circumstancia é attendivel. Demais, o sapato é invenção de Apollo, é um trastinho poetico. Vendo Apollo que Venus se pisava nos seixinhos da praia, e querendo dar-lhe com que resguardar os mimosos alicerces, pôz-se a passear pelo Parnaso, e a bater na testa, não atinando onde havia de ír buscar materiaes para a obra, que tinha concebido: de repente olha para a poesia antiga, e depois volta os olhos para a poesia moderna; naquella encontra Sá, nesta encontra Pato; toma estes dois elementos, e com elles fórma o sapato, invenção mimosa, representante de duas épocas, e duas vezes poetica. Como a poesia forneceu a Venus o sapato, é claro que ficou sem elle, e por isso anda sempre descalça.

Noticias diversas.

Imagens photographicas instantaneas. — Mr. Talbot, a quem a photographia deve uma parte consideravel do seu adiantamento, acaba de publicar um processo, pelo qual consegue reproduzir os corpos em movimento, cousa que se reputava impossivel. O processo reduz-se a preparar a chapa de maneira que adquira uma extrema sensibilidade, determinando depois a impressão da imagem por meio da descarga de uma bateria electrica. A imagem invisivel, que por este modo se fórma, torna-se apparente, mergulhando a chapa em uma solução de protosulfato de ferro, e vertendo por cima della, logo depois, a solução do hypo-sulfito de soda, que faz desvanecer uma especie de véu, que encobre a imagem. As chapas que emprega são de vidro, e devem a sua extraordinaria sensibilidade a uma camada tenue de albumina.

Prohibição de livros em Roma. — Escrevem de Roma á Gazeta d'Augsburgo.

A congregação do index acaba de prohibir os livros seguintes: 1.° Eugenio Sue, *opera omnia quocumque idiomate exarata* (todos os escriptos deste auctor, não importa em que lingua); 2.° Proudhon, *idem*; 3.° *Historia das idéas sociaes*, por F. Vellegardelle; 4.° *A ultima palavra do socialismo*, por um catholico; *Historia da egreja de França baseada em documentos originaes e authenticos*, pelo abbade Guéaté; 6.° Manuale del maestro elementare; Asti, 1850; 7.° *la Buona Novella*, Giornal religiozo; Torino, 1851; anno 1; 8.° *il Magnetismo animale, Saggio scientifico*, por Mr. Tommasi; Torino, 1851; 9.° *Opera omnia Vincentii Gioberti, quocumque idiomata exarata.*

Edificio para a exposição americana. — Trata-se de adoptar o plano para a construcção do edificio, em que deve ter lugar a exposição universal nos Estados Unidos. — O desenho offerecido para este effeito, por J. Paxton, auctor do palacio de cristal, representa um edificio de quasi 600 pés de comprido e 140 e meio de largura, dividido interiormente em tres passeios. — Os principaes vigamentos são de madeira; os tectos são declivados e cobertos com lages de ardosia. Nos angulos elevam-se primorosos torreões, sendo todo o recinto guarnecido de numerosos candelabros.

A reputação europea das aguas mineraes de *Kreuznach* é justificada pelos votos dos melhores chimicos, e dos medicos mais illustres. *Justus Liebig*, fallando destas aguas, diz que não ha outras em Allemanha, cujas virtudes medicinaes sejam mais evidentes, e mais completamente verificadas. M. Kopp, medico allemão; os inglezes Locoék e Clarke; os francezes Andral, Cazenave, Ricord e Lugol; o belga Rieken, e muitos outros, confirmam a asserção do professor illustre, a quem a chimica organica deve a melhor parte do seu progresso nestes ultimos tempos.

Kreuznach.

Distinguem-se as aguas mineraes de *Kreuznach* pela riqueza em *iode* e *bromio*, em *chlorurêtos* e *carbonatos*, e são como taes applicadas no tratamento de diversas doenças. A sua efficacia, reconhecida por milhares de curas de molestias, como a gotta, o rheumatismo e outras, é verdadeiramente espantosa em relação ás escrofulas. Em nenhuma época se reuniram ainda tantas causas, como nesta em que vivemos, para o desenvolvimento das escrofulas; nenhuma podia ser, portanto, mais propicia para se estabelecer a reputação de umas aguas, cujos effeitos são realmente maravilhosos.

Uma testimunha presencial destes effeitos, que se demorou, por algum tempo, em *Kreuznach*, assegura-nos que não ha a menor exaggeração no que dizem os jornaes ácerca desta agua, cuja fama attrahe annualmente milhares de individuos de todos os pontos da Europa.

A estampa de frente da *Revista* representa *Kreuznach*, e foi copiada de um livrinho que tem por titulo — *Observações praticas* sobre as aguas mineraes da *Kreuznach* pelo doutor Prieger.

O sr. Ivanoff de Razewich, que teve a condescendencia de nos confiar o livro, conserva, como recordação de *Kreuznach*, uma *regoa porta-lapis*, producto da industria daquelles sitios, cujo modêlo aproveitámos, e brevemente apresentaremos.

Algumas linhas sobre a questão pecuaria, a proposito da proxima Exposição de gados.

(Continuação.)

O grande mal da nossa agricultura está em produzir pouco, mau e caro; o grande escopo a que se deve guiar é a produzir muito, bom e barato.

Derribem-se todos os obstaculos que directa, ou indirectamente, contribuem para o seu definhamento; mas antes de tudo corte-se o mal pela raiz. Revolucione-se o velho plano agronomico, faminto e dessolador entre nós, obsoleto e desacreditado já em quasi toda a Europa civilisada. O que é ultimo passe a primeiro; o primeiro a ultimo. Emancipem-se os gados, não da servidão, mas da fome que os enfeza, que os mata, que os não deixa multiplicar; alargue-se-lhes o logar na lauta meza da natureza, elles recompensarão com usura este pequeno sacrificio.

Já lá vae o tempo em que se dizia com uma

convicção tão funda que tocava as raias da innocencia: — «paiz de muito gado, paiz de pouca gente.»

Este proverbio, verdadeiro para então, sensato no velho systema, é reconhecidamente falso ante os novos methodos da cultura. Póde-se-lhe contrapôr est'outro, solto por um velho soldado e pratico agronomo (o marechal *Bugeaud*) na tribuna franceza ao perorar um vivo e brilhante discurso sobre subsistencias: «paiz sem gados, paiz escravo da riqueza e da força dos outros.»

A riqueza e a força, os dois elementos da independencia nacional, consubstanciadas nos gados. A instrucção e o exemplo são certamente arietes efficacissimos a deitar por terra as antigas praticas, e em seu logar arvorar as novas. Nós acreditâmos firmemente no seu poder. Mas em questão tão vital e instante, questão, na qual jogam, não já os interesses unicos de uma classe, mas a vida presente e futura de toda uma nação, esperar pelo seu effeito pausado, medido, alterante, é protrahir indefinidamente um estado mais feliz, que estamos em direito e occasião de gozar, e no entanto dar azo a sinistras occorrencias, cuja carreira póde precipitar-se e colhêr-nos de improviso.

Quando um governo chega a compenetrar-se da alta transcendencia de um principio util, vivaz, civilisador, mais do que isto tudo, salvador, que vê na conjunctura das circumstancias, não sómente a opportunidade, mas a necessidade imperiosa e energica a proclamal-o, a exigil-o por obra, não abandona aos cuidados e esforços individuaes a tarefa de o plantar, nem vae por rodeios sem fim inspiral-o primeiro ao paiz, para que elle mesmo, quando bem inspirado e nelle fortalecido, o realise espontaneamente. Isto seria o mesmo que, para salvar um doente do padecimento em que agonisa, se lhe fizesse primeiro aprender o curso da medicina.

Um governo, quando assim se acha, lamenta o seu descuido, o desbarate do seu tempo, mas obra prompto, pondo em campo, na vez da instrucção, outros meios que não só apregoem, mas forcem á observancia desse principio, que mais tarde a sciencia lá virá, quasi ao mesmo tempo da manifestação dos factos, trazer-lhe as adhesões e a absolvição do que nelle houvera parecido de estranho, de absurdo, ou de incongruente. Se não errâmos, é por esta arte que deve ser inaugurada e conduzida a nossa transformação agricola.

Todas as razões concordam em reservar ao governo o debute nesta empreza. A inclinação do leme das culturas para os generos bemfeitorisadores da terra, que collocam o lavrador n'uma dependencia menos absoluta do arbitrio da natureza, que promettem e garantem um maior lucro na actualidade e uma prosperidade futura, indubitavel, pende essencialmente de medidas officiaes directas.

O governo, olhando esta questão atravez o prisma administrativo e politico, seu habitual telescopio, ha de reconhecer que, longe de lhe ser estranho, é talvez a entidade a quem mais interessa a sua resolução. As vantagens do fisco, a barateza das subsistencias, a paz e a ordem publica nella se resumem, grupam e enlaçam, erguendo juntas um brado unisono de invocação á interferencia governativa, directa.

Esta interferencia parece-nos que poderia satisfactoriamente formular-se nas seguintes bases:

Elevação e mais tarde prohibição nos direitos de entrada dos gados estrangeiros e seus productos brutos.

Diminuição e mais tarde suppressão nos direitos de entrada dos cereaes de fóra.

Suppressão dos direitos de consumo dos gados e seus productos.

Concessão de premios aos lavradores que introduzirem as culturas forrajosas, que n'uma determinada área de terreno maior massa de forragens apresentarem e maior numero de cabeças de gado grosso, ou do seu equivalente em gado miudo.

Premios aos lavradores, que em exposição ou concurso publico exhibirem raças nacionaes ou estrangeiras de qualquer especie as mais aperfeiçoadas.

Exempção de direitos de entrada para as raças de aperfeiçoamento.

Suppressão do imposto sobre o gado de toda a especie.

Remontas de cavallaria feitas regularmente dentro de certos periodos, constantemente no paiz.

Depois do que havemos expendido, a utilidade de cada uma destas medidas, já em si mesmas tão perceptiveis, é sobranceira e inquestionavel.

Não escurecemos, comtudo, que particularmente as duas primeiras pela sua energia, pela sua novidade, porque abertamente contendem com as principaes rodas do nosso machinismo economico, vão talvez desafiar escrupulos, e quiçá armar contra o systema de que constituem a parte dominante uma cruzada de sectarios do velho regimen agricola. Embora. Temos a consciencia tranquilla, a convicção firme e assentada de que não aventâmos ahi nenhum paradoxo miseravel, nenhuma excentricidade ridicula que nos faça córar; é quanto nos basta para nem recearmos, nem nos sensibilisar o mau recebimento ou a derrota que possam soffrer as nossas idéas. Taes como são, podem ser de algum proveito: se lh'o não acharem, o tempo se encarregará de lhes fazer justiça.

Nós somos muito partidarios da medicina activa, uma vez que as questões do diagnostico e da indicação, plenamente satisfeitas, dêem ao espirito uma perfeita confiança no resultado.

Pareceu-nos sempre um assassinio, na ordem moral, essa dubiedade timida, essa indecisão imbelle que deixa á mercê do seu curso o padecer, lavrar até ao instante fatal, quando um agente heroico mil vezes a lembrar, a recommendar-se, a propôr-se no animo do medico, podia salvar o paciente.

O aphorismo de que para os grandes males

são justamente os grandes remedios, tem tanta applicação no soffrimento do corpo vivo, quanta no do corpo social. A chaga póde entrar em outra nosographia, o remedio vir de outro arsenal therapeutico; mas os principios ostentar-se-hão n'um e n'outro caso invariaveis e eternos.

Prejuizos de seculos vence-os a marcha progressiva do tempo; e até esta medicina expectante a especie de receituario a que mais docilmente obedecem.

Mas se esses prejuizos arriscam para muito breve a situação de uma nação, então os golpes certeiros de uma administração vigorosa e inspirada da grandeza e responsabilidade da sua missão são preferiveis áquelle meio, sempre moroso e ás vezes fallivel.

Recuar diante da gravidade das circumstancias, vacillar em presença da fortaleza dos meios que então se antolham como unica ancora de salvação, é infundir maior alma no inimigo que ameaça, é, até certo ponto, fornecer-lhe um cumplice que acuberta e defende, sem o saber e querer, a obra maligna da destruição que prepara.

Não sobram os expedientes, tantos quantos lembrarem, para fazer pender a balança agricola para o lado da producção animal. Advirtâmos:

Que ha no paiz negação decidida para este genero, que tem de todos os tempos tido que luctar com quasi uma livre concorrencia estrangeira.

Que até pelas leis do reino foi prohibido exportar-se, e obrigado em proveito exclusivo dos moradores da capital a uma certa taxa no preço.

Que esta tyrannia odiosa, achando por outra parte écco nos direitos mais fortes dos cereaes e no systema da velha agricultura, levou a desconceituar os gados, como genero sem interesse, oneroso, perigoso mesmo para o lavrador, que desde então o não produziu, senão forçado pelas exigencias dos amanhos, ou porque de outra sorte melhor não aproveitaria a charneca, ou o pousio da sua propriedade, ou os baldios da povoação. Que esta crença, com quanto hajam desapparecido parte dos motivos que a geraram, se conserva ainda hoje no mesmo vigor. Que esta crença arraigada, mantida e transmittida fielmente de geração em geração, e corroborada pelos factos máus de um pessimo systema, só poderá ceder e anniquillar-se diante de um meio efficaz, convincente, physico, positivo, o do maior interesse adquirido no genero até agora condemnado.

Não se produz por produzir, produz-se para vender.

Esta maxima, se é verdadeira na industria manufactureira, sobe de ponto em evidencia na agricultura.

Nesta ha uma multidão de ramos a escolher; se um é perseguido, o productor, por calculo, ou instinctivamente, volve o seu capital para outro de maior e mais facil renda.

Não ha por tanto recurso mais presentaneo de chamar-lhe a preferencia para um desses ramos, senão abrir-lhe, alargar-lhe a via de consumo, e isto só succederá, quando não receie, nem veja frustradas as suas esperanças com a concorrencia estrangeira.

Em abono desta doutrina, que aliás é corrente e elementar em economia politica, poderiamos aqui adduzir numerosos factos.

Escolheremos um só.

A Belgica viu até 1816 augmentar prodigiosamente a quantidade do seu gado. Os criadores do paiz attribuem essencialmente isto ao grande consumo offerecido pelos exercitos, que até esta época cruzaram o continente. Daquelle tempo em diante successiva diminuição foi tendo logar, devida ás barreiras estabelecidas em França, *á concorrencia dos criadores da Hollanda* e á reducção do consumo.

Mas figura-se-nos ouvir ahi já gritar, que o augmento nos direitos da entrada dos gados e dos seus productos brutos, é contra a liberdade do commercio, que vae lesar este e a industria, e gerar um novo monopolio.

Entendâmos bem. O que a liberdade do commercio póde ser para nós nas actuaes circumstancias, já ampla e proficientemente tem sido discutido, e já o paiz o julgou na sua prudencia e bom senso.

Primeiro que *Roberto Peel* puzesse em pratica a grande reforma economica da Inglaterra, baptisada nos novos principios da religião dos *Says* e dos *Smiths*, prégada tão popular e ardentemente por *Cobden*, haviam os proteccionistas assegurado a fertilidade do sólo britannico, e collocado a producção em circumstancias de não temer, com a abundancia a mais barata, com a barateza a mais abundante que affluisse aos seus mercados.

Antes que os gados tivessem livre entrada, foram primeiro prohibidos, assim como os cereaes; e se o monopolio destes enfeudava a classe proletaria aos celleiros e avareza da aristocracia territorial, este novo José do Egypto, nos dias calamitosos da fome e escacez; se contra todos os sãos principios da economia agricola se protegia, em proveito exclusivo dos ricos, uma producção por si só lesiva e esterilisadora, a prohibição daquelles não tinha feito senão bem, bem indisputavel e clarissimo, com quanto combatido pelo effeito adverso a que tendia a prohibição dos cereaes. A França, que mais tarde trilhou melhor esta vereda, baixando os direitos dos cereaes estrangeiros, em vez de os prohibir, deveu a isso a maior parte da salvação da sua agricultura.

(Continúa.)

Lapa.

Um homem indispensavel.

Na rua de Richelieu, em Paris, havia uma fabrica de tecidos de algodão, cujos productos não tinham inveja aos de Ricardo Lenoir, e Dufesne & C.ª, tão protegidos pelo primeiro consul. No escriptorio da fabrica de que tratâmos, estava em

pé o dono, um tal Noisel, examinando o livro mestre, cujo *deve e ha de haver* lhe agradava; alli perto estava o caixeiro Lambert, a dormir, com a cabeça em cima de uma conta corrente.

— É justo que descance, disse Noisel, puxando pelo relogio; é meia noite, e este pobre rapaz tem trabalhado desde as 7 horas da manhã.

O mesmo Noisel foi descançar n'uma cadeira de braços. Reinava a paz de Amiens. A França acabava de uma revolução tempestuosa; mal respirava ainda, e recebia aquella paz, que foi breve e enganosa, como annuncio de um futuro mais tranquillo e suave: o commercio revivia, e por toda a parte se dilatavam as suas relações; havia outra vez credito e dinheiro.

Noisel, melhor que ninguem, soube tirar proveito deste raio de sol; com actividade e talentos havia multiplicado os seus haveres, e tinha inventado uma nova machina de fiar, pela qual alcançára um privilegio. Os seus tecidos eram procurados, e vendiam-se por bom preço — dizia-se — o algodão Noisel, para significar a fineza e egualdade do tecido.

Ha neste mundo, para cada homem, uma certa medida de desgraça e de prosperidade, que ninguem póde augmentar ou diminuir. Noisel, assentado na cadeira de braços, e pensando nos seus cabedaes, julgou que não podia ir mais por diante; estava mais rico do que desejava sel-o, e ainda moço, pois apenas contava quarenta e cinco annos; sua esposa tinha trinta e oito, e não mostrava mais de trinta; elle queria-lhe muito, e ella tambem o amava em extremo; seu filho mais velho, Julio, estava para fazer vinte annos; era moço inexperto, mas tinha qualidades, que davam muitas esperanças a seu pae; uma menina de dezesete annos, Agueda, completava a familia Noisel. Eis-aqui não vulgares elementos de ventura, principalmente se considerarmos em que o futuro, mercê de um pae activo e providente, offerecia um aspecto mais risonho que o presente e o passado. Quando reuniu todos os casos felizes, como um negociante reune os algarismos dos seus lucros, Noisel ficou assustado de tanta ventura, e teve medo a morrer; não porque elle temesse a morte, senão por deixar a familia.

— Que havia de ser delles, se eu fechasse o olho — dizia Noisel lá comsigo — que havia de ser de minha pobre mulher, que me estima tanto, e que não póde estimar a mais ninguem? havia de acabar o resto de seus dias n'uma triste viuvez; havia de dizer adeus ao amor, á alegria, e aos vestidos guapos, que agora veste! E meu filho!... pobre moço... mettido no mundo sem o guia, que o póde só encaminhar, em que precipicios não iria caír! E minha filha!... eu bem a conheço; bem sei que não poderia viver sem o pae!... E a minha fabrica, quem a poria em andamento, se esta noite um caso imprevisto me levasse para o outro mundo!?... os meus operarios haviam de morrer á fome... todos estes pobres homens, que vivem de uma industria, de que eu só sou a alma, ficariam sem recursos para suas mulheres e seus filhos! Quem havia de fazer trabalhar os meus teares, se eu faltasse? E o coitado deste Lambert, que dorme tão socegado na sua carteira, que faria?... só eu posso aturar os seus enganos, desculpar os seus erros, e allumiar a sua fechada intelligencia.

O bom do Noisel estava tambem sentindo a falta que fazia aos seus similhantes, quando se abriu devagarinho a porta do escriptorio, e entrou o seu cão predilecto, que se lhe foi deitar aos pés.

— E tu tambem, acrescentou mentalmente, fazendo festas ao cão, tu não poderias viver sem mim, nem ter amisade a outro dono, meu Azor. »

Azor, que estava muito bem tratado, lambia-lhe as mãos, e parecia dizer — é verdade. Noisel levantou então os olhos ao tecto, por não poder levantal-os ao ceu, e disse:

— Meu Deus, mantem-me, prolonga-me a vida, não por mim, senão por todos, que me rodeiam, por estes entes, que eu guio, que enriqueço, que torno felizes! Lembra-te, oh meu Deus, de que o golpe, que sobre mim descarregasses, iria ferir tambem uma familia innocente, centenares de operarios laboriosos, e até o coitado deste animal, obra tambem tua.

Assim fallando, passava as mãos pelas orelhas felpudas de Azor.

— Bem vês, meu Deus, que sou indispensavel, e não posso ser substituido por ninguem.

Depois desta jaculatoria, que lhe inspirou plena confiança na Providencia, levantou-se Noisel e foi acordar o caixeiro.

— Vamos, Lambert, toca a dormir; bastante tens trabalhado hoje, meu rapaz.

Lambert respondeu esfregando os olhos.

— Que?... ha fogo?... ahi vou... ahi vou.

O fabricante e o caixeiro saíram do escriptorio, e foi cada um para a sua alcova.

No dia seguinte, assentou-se Noisel a meza do almoço, com semblante alegre, e boa disposição. A Providencia havia preenchido os seus votos, deixando-o viver; havia reconhecido que elle era indispensavel; todavia, tinha-lhe suscitado um negocio, que lhe podia tirar o socego de espirito. Noisel recebeu de Benarés, a cidade santa do Indostão, uma carta em que lhe diziam que o seu amigo Stevenson, que lhe devia muito dinheiro, estava com uma doença de figado, e que não chegaria a viver ainda mais de um anno. A carta tinha quatro mezes de data, e quando chegou ás mãos de Noisel já não restava a Stevenson mais que oito mezes de vida. Que fazer neste caso?.. Perder uma quantia grande?... isso não era prudente, nem justo; a um pae de familias não lhe assiste o direito de despresar o que lhe devem, e ha de fazer parte da herança de seus filhos. Mandar alguem?... era impossivel. Noisel não tinha documentos, e Stevenson não havia de querer pagar a um terceiro, senão a elle só, que lhe havia de trazer á memoria palavras certas, e os

serviços que lhe prestára. Mas por outro lado Noisel era indispensavel em París, como elle na véspera tinha dito mesmo a Deus. Depois de muito pensar, resolveu-se a partir.

— A morte, dizia elle, é uma ída sem volta; mas não está no mesmo caso uma viagem; quem vae, torna. Trata-se de uma ausencia de anno; é muito, na verdade, mas a força de impulsão que tenho dado á minha familia, e aos meus negocios, bastará para fazer caminhar tudo mais de um anno ... Antes de partir hei de pôr tudo corrente; hei de dizer a minha mulher, e a meus filhos, o que lhes cumprirá fazer todos os mezes, todas as semanas, todos os dias; hei de deixar trabalho para um anno ao caixeiro, e aos mestres das officinas; com as minhas instrucções, hão de haver-se, como se eu estivesse ao pé delles; e quando voltar hei de achar promptos todos os tecidos que eu houver determinado. Bem sei que minha mulher ha de sentir muito a minha falta; mas esta vida é um tecido de penas e glorias.

Noisel era um verdadeiro dono de casa; ouviam o que dizia, como se o dissera um oraculo: por isso a todos convenceu da necessidade que tinha de se ausentar, e partiu-se banhado no pranto da mulher e dos filhos; foi ao Havre, e metteu-se a bordo do *Joven Consul*, que estava para seguir viagem a Calcutta. Era um navio novo, mandado por bons officiaes, e muito veleiro. O começo da viagem foi prospero; andavam não sei quantas milhas por hora, navegando rapidamente para aquelle paiz onde se adoram crocodilos, e onde as mulheres se queimam com os maridos mortos. O mar cançou por fim de estar sereno, soltaram-se os sentos, cresceram as ondas, e o *Joven Consul* perdeu os mastros e o leme, e deu todos os indicios de em breve se submergir.

— Senhor Noisel, disse o capitão ao fabricante de París, parece-me que o *Joven Consul* vae a pique; preparemo-nos, como dizem os marujos, para irmos para os peixinhos.

Noisel levantou os olhos ao ceu; encommendou a Deus, não a sua pessoa, porque não temia a morte, mas toda a sua familia, a quem era indispensavel. No mesmo instante veio um raio pegar fogo ao navio, uma onda lhe levou a borda, e o *Joven Consul* sumiu-se no abysmo, para nunca mais apparecer. Noisel perdeu logo os sentidos; quando tornou em si, achou-se em cima de um mastro, a que elle, por instincto, se agarrava com muita força; levantou a cabeça ao de cima da agua; tudo havia morrido; capitão, officiaes, marinheiros, o navio, tinham-se escondido; só Noisel ficára vivo. Cobrou algum animo, e poz-se a olhar para o horisonte; descortinou ao longe um navio, que tinha escapado á tormenta; desatou o lenço do pescoço, e começou a acenar; viram-no; deitaram ao mar uma lancha, e levaram-no para bordo do navio, que era inglez. Noisel deu graças a Deus, só por causa da familia, a quem era indispensavel.

— Que feliz que eu sou, dizia Noisel, de ter caído em poder de um povo amigo, que me proporcionará os meios de ir a Benarés, e tornar a ver o meu amigo Stevenson, e depois a minha querida familia, que não póde passar sem mim!

Eu sou muito philantropo, — lhe respondeu o capitão inglez com toda a gravidade — e até pertenço á sociedade philantropica de Londres, que me ha de dar uma medalha por vos haver salvado; mas ao mesmo tempo sou inglez, e estou ao serviço de S. M. Britannica; considero-vos um cão francez *by God*, e vos faço prisioneiro.

— Prisioneiro! exclamou Noisel — mas nós estamos em paz!...

— Enganaes-vos; — sois negociante francez, e ides estabelecer relações mercantis com a India: S. M. Britannica não quer isso; a India é dos inglezes. A paz de Amiens quebrou-se, e se o vosso navio não tivesse ído ao fundo com a tormenta, eu o faria ir com a minha artilheria.

A paz de Amiens não estava interrompida senão na phantasia do ministerio inglez; mas os inglezes, na forma do seu costume, começaram as hostilidades antes de se declarar a guerra. O capitão philantropo ordenou que Noisel fosse tratado como marinheiro, e obrigado a trabalhar com a tripulação.

— Deus me protege, disse com os seus botões o desgraçado fabricante, porque me conserva a vida; Deus bem sabe que eu não devo morrer.

O navio inglez chegou a salvamento a Calcutta, cidade estupenda, cheia de pagodes, e cujo jardim botanico é, segundo dizem, um dos melhores do mundo. Noisel não o viu; o capitão, que o havia prendido com tanta lealdade, vendeu-o a um Sike, chefe de uma tribu, que habitava as cercanias de Delhi, a umas cincoenta legoas do Himalaya. O Sike mandou montar a Noisel n'um camello, e levou-o para a sua morada. Noisel não podia fallar senão por acções, porque o Sike apenas fallava o indostanico, linguagem grosseira, misturada de persa e de sanskrit. A tribu compunha-se de salteadores, que viviam de caça e de roubos. O amo de Noisel chamava-se Bessir, e tinha o titulo de rajah; era optimo caçador; matava cada anno cincoenta, ou sessenta tigres, e eis-aqui o emprego do escravo: ía atraz do rajah montado no elephante; quando o tigre não caía logo, e atacava o inimigo pela retaguarda, o mister do parisiense era ser dilacerado pela fera. Cada terra tem seu uso. Noisel assistiu a excellentes caçadas; e quando ja sabia bastante indostanico, para ser entendido, pediu licença para escrever a um amigo, que tinha em Benarés. O Sike deu licença, e Noisel escreveu a Stevenson, pedindo-lhe que o tirasse do estado em que se achava, exposto a toda a hora a ser despedaçado por um tigre, tudo por causa da philantropia de um capitão inglez. Juntou outras cartas a esta, pedindo a Stevenson que as remettesse á familia. Um Sike se encarregou de levar a carta a Benarés; mas como era muito supersticioso, pensou que a carta do escravo era

bom talisman contra os tigres, e foi pôl-a no meio de uma floresta; depois, em vez de ir a Benarés, reuniu-se a uma companhia de ladrões, seus similhantes, e poz-se a caçar por sua conta. O *homem indispensavel* ía continuando no seu officio, e era arranhado de vez em quando pelos tigres, que Bessir feria sempre de morte, por que era habil caçador.

O lotus, planta que fez com que os companheiros de Ulysses se esquecessem da sua querida Ithaca, e que hoje se chama nenuphar, ou golphão, cresce em abundancia na India; mas todo o lotus do imperio do Mogol não era capaz de fazer com que Noisel se esquecesse do que tinha deixado em França: estava amarello como a cidra, e chupado como uma cavaca. Como já fallava toleravelmente a lingua do paiz, deu a entender a Bessir, que estava para morrer, e que melhor lhe era leval-o a Benarés, onde lhe pagaria bom resgate.—Bessir regeitava esta proposta, porque, segundo elle affirmava, o escravo europeu o fazia prosperar; mas vendo por fim que Noisel emmagrecia a olhos vistos, decidiu-se a vendel-o, e levou-o á cidade santa.

—Seja Deus louvado! dizia Noisel—Stevenson me proporcionará ensejo para tornar á França, onde a minha familia está chorando por mim.

Uma penosa idéa o atormentava: Stenvenson não tinha mais de 8 mezes de vida, quando Noisel partíra do Havre, e já então devia estar morto havia muito tempo. A Providencia era sempre propicia a Noisel; apesar dos vaticinios da medicina, Stevenson ainda vivia.

Os dois amigos choraram de contentes. Stevenson, homem respeitavel, e menos philantropo que o capitão inglez, deu ao Sike muito dinheiro para resgatar o seu amigo, e restituiu a este o que lhe devia.

—Que fortuna que ainda estejaes vivo! dizia Noisel—vejo-vos robusto e corado; não padeceis do figado?

—Padeci, mas curei-me, respondeu Stevenson.

—Como assim?

—Curei-me com o Raspail; —tomei muita camphora.

—Uma vez que não haveis morrido, meu caro amigo, disse Noisel, tenho que fazer uma queixa: porque me não haveis tirado do inferno, em que eu estava, porque não respondestes á minha carta?

—Qual carta? não recebi nenhuma.

Era claro que o Sike não tinha dado conta do recado, e que a mulher de Noisel estava sem noticias delle, havia dois annos e meio.

(Continúa.)

Estudos sobre Cabo Verde.

Continuação.

O sal na ilha do Maio, na da Boa Vista, e na do Sal—sua producção e rendimentos para o estado.—Considerações geraes.

No tempo das marezias arroja o mar as suas vagas agitadas para dentro da salina, em dias consecutivos, e como o terreno está já convenientemente preparado com a agua dôce das chuvas anteriores, estes jactos de agua salgada começam a christalisar-se, operação esta que se realisa até fins de abril, em que pela acção do sol e do vento das brisas, se congela de todo: chegando a este estado marca-se dia para a abertura da *salina*, que é como o acto em que toda a população toma posse do producto da mesma salina.

Esta posse fazia-se antigamente por meio de um verdadeiro tumulto, em que havia sempre muita pancadaria, e quasi sempre até derramamento de sangue, sem que a auctoridade podesse cohibir essas desordens, tanto por não ter força com que impozesse respeito aos turbulentos, como talvez tambem por falta de geito; e com especialidade, por falta de disposições policiaes, ordenadas pelo governador geral. Desde a véspera, todos os homens, incluindo os proprios escravos (que eram sempre os mais insolentes por contarem a protecção de seus senhores) íam acampar nas visinhanças da salina, onde passavam a noite guardando-se e vigiando-se mutuamente; cada um destes homens estava armado de uma enchada, instrumento indispensavel para a posse, que se realisava como se vae vêr.

No dia designado, e á hora marcada, ouvia-se o signal para a abertura, e então esta multidão precipitava-se sobre a salina, e apenas a ella chegavam os mais velozes, começavam de abrir com a enchada um rêgo, com a maior extensão que podiam, e que ía terminar onde tinha começado, para marcarem o que ficava sendo sua propriedade. Era nesta occasião que appareciam as desordens; e os mais ageis tomavam um maior quinhão, os mais vigorosos empurravam e expelliam aquelles que o eram menos, e tomavam-lhes o seu quinhão, ou pelo menos uma boa parte delle: nestas pendencias o que tinha mais escravos era quem ficava de melhor partido, visto que era uma questão de força bruta.

Não se fazia ouvir as mais das vezes a voz da auctoridade; não se podia tambem fazer ouvir, ainda que ella tentasse fallar a todos estes homens impellidos pela ambição, e pela raiva; mas o peior ainda é que, pela maior parte, estas desordens ficavam impunes. A auctoridade que não tinha podido prevenil-as, menos podia castigal-as. Era uma scena de anarchia, de verdadeira anarchia esta.

Ainda em 1842 tiveram logar estas desordens. Quando cheguei em junho áquella Provincia, como secretario geral, soube que esse anno tinha sido egual aos de 1840 e de 1841, em que eu quasi as tinha presenciado, como particular.

O sal contido nos limites da demarcação ficava sendo propriedade do que a tinha feito, ou daquelle para quem o tinha sido; e para isto não havia excepção de livres ou escravos, de nacionaes ou estrangeiros: todos tinham egual direito á participação da salina, porque este provinha-lhes do facto material da residencia, e não da quali-

dade de cidadãos. Principio que me pareceu absurdo, porque por um lado era causa permanente das desordens promovidas pelos escravos; favorecia, á custa dos mais indigentes, os mais poderosos, os mais ricos, os senhores dos escravos, que augmentavam os seus haveres com os haveres destes; por outro lado, porque dava tantas garantias ao estrangeiro, que não pagava os mesmos tributos que o nacional, que não estava obrigado aos encargos geraes e municipaes, que pesavam sobre o nacional, como dava a este, que não tinha por isso compensação alguma.

Por este systema, ou antes por esta falta de systema, na abertura da salina, é facil de colligir que uma grande parte, e por ventura a maior parte da população, ficava privada da sua quota parte do sal da mesma; esse ficava *indemnisado* (?) com o direito illusorio de sua *vez* para o embarque, quando havia embarcações á carga. Esta *vez* era computada n'um certo numero de alqueires para o chefe da familia, e outro para cada um dos membros da sua familia, ou para *cada familia*, como lá se diz, *da sua casa*. Os que não tinham tido sal, vendiam a sua *vez* a algum negociante, os que o tinham tido vendiam-no tambem, e mais a *vez*, ora ao mesmo, ora o *genero* a um, e a *vez* a outro. É evidente que a indemnisação do primeiro era illusoria.

O embarque do sal fazia-se por meio da roda, e era para então que serviam as *vezes*; e esta roda era administrada por uma commissão eleita por todo o povo: era o suffragio universal, em que só não tomavam parte as mulheres, os escravos e os meninos. Eleita esta commissão, dividia-se desde logo toda a população em duas classes, a dos negociantes, e a do povo, cada uma das quaes nomeava um procurador junto á mesma commissão, o qual tomava o nome da classe que o tinha eleito: o procurador dos negociantes, e o procurador do povo.

Cada um dos membros da commissão, e dos procuradores, tinha em recompensa do seu trabalho um certo numero de logares em cada navio; ou o direito de embarcar um certo numero de alqueires, além do que lhe pertencia como individuo.

Tirados estes logares, dividia-se ao meio a carga do navio que se apresentava a comprar sal, metade pertencia aos negociantes, e a outra metade pertencia ao povo; mas isto sómente se fazia regularmente quando o navio comprava o sal com dinheiro á vista. Se levava letras, ou fazendas, ou se ía consignado a qualquer negociante, o consignatario, o que recebia as letras, ou tomava as fazendas, carregava só de sua conta, obrigando-se a ser-lhe descontado nos navios futuros o que de mais tivesse carregado. Como era natural appareceram abusos: forjavam-se consignações mentirosas, inventavam-se letras para pagamento de sal, quando este tinha sido feito a dinheiro, e a indemnisação não se chegava a realisar.

Em 1840 pretendeu o governador geral pôr côbro nestes abusos, prohibindo a acceitação das consignações e das letras; mas o remedio empeiorou o mal. A falta de embarques, que até alli se fazia sentir em relação á parte do povo, em consequencia da fraude, estendeu-se a toda a ilha em consequencia da prohibição: o povo já não era illudido, mas o sal accumulava-se na salina por falta de navios, por isso, que se não podiam acceitar as letras, por isso que as consignações não eram permittidas; o estado era quem mais soffria.

A commissão não se importava com o povo pobre, attendia só aos ricos, porque desejava ser reconduzida, e, lisonjeando a estes, tinha a certeza de ser reeleita sempre que lhe fizesse conta. Por esse motivo não olhava para a salina, e como ninguem era individualmente interessado nella, íam-se amontoando os residuos que as marés e as chuvas para alli arrojavam ou transportavam das alturas; por este modo ía-se obstruindo a salina, tornando o sal de qualidade mais inferior, e a sua quantidade muito menor. A producção de 1842 tinha sido de dois mil moios pouco mais ou menos, pela maior parte muito miudo e escuro, quando já tinha sido de perto de quatro mil, havia dez annos, pouco mais ou menos.

Tal era o estado das cousas nesta ilha, que levantaram nella um clamor unanime contra o modo da abertura da salina, contra a administração da roda, e contra o modo de a constituir: e não menos contra a direcção da salina, dividindo-se comtudo em tres opiniões sobre o que convinha que se lhe substituisse. Uns queriam que a salina fosse aforada a particulares; era a opinião dos ricassos: outros queriam que se tratasse de obstar a que a salina se obstruisse mais do que estava, conservando-a nesse estado para não crescer a producção do sal, que temiam embaratecesse no caso de crescer muito; era a opinião dos mais antigos da terra: e os demais, que se limpasse a salina por conta e trabalho do povo, continuando este no uso commum della; era a opinião mais numerosa.

Continúa.

J. M. de Sousa Monteiro.

Exhumação de uma mumia.

Em um dos carneiros da capella de Saint-Etienne, em Westminster, descobriu-se recentemente um caixão contendo uma mumia que despertou a curiosidade dos archeologos, tornando-se entre elles objecto de viva discussão e controversia. Reconheceram a final nesta mumia os restos mortaes de um abbade de Westminster, sepultado no reinado de Henrique VI.

Não obstante haverem passado mais de 400 annos, que o corpo se enterrára, foi achado em estado de perfeita conservação, assim como o báculo abbacial. Este foi depositado no museu britanico, e o corpo enterrado em sagrado.

parece ter as vantagens dos *rolos dentados* neste emprego, sem os seus inconvenientes; isto é, póde estorroar sem calcar, porque vae á flôr da terra, em consequencia do jogo de rodas que o sustenta; e por tanto deverá talvez por isso ser preferido a todos os mais.

Comtudo, como o não vimos trabalhar, não seremos nós que o anteponhamos aos instrumentos analogos, já melhor conhecidos e provados; além disso, em geral, todos estes instrumentos preferem uns aos outros, ou tem seu particular cabimento, conforme a natureza dos terrenos, das forças do lavrador, e mil outras circumstancias.

Theatro de S. Carlos.

O *passo a dois* intitulado — *A Styrienne* — tem captivado a sympathia publica, e merecido as honras do *bis*, pela elegancia e chiste com que a sr.ª Morticelli o executa, secundada pelo sr. Cappon.

Em 4 do corrente tivemos em scena a — *Parisina*, com a sr.ª Arrigotti (protogonista), a sr.ª Saint-Martin *(Imelda)*, e os srs. Musich *(Ugo)*, Mancusi *(Azzo)*, Goré *(Ernesto.)*

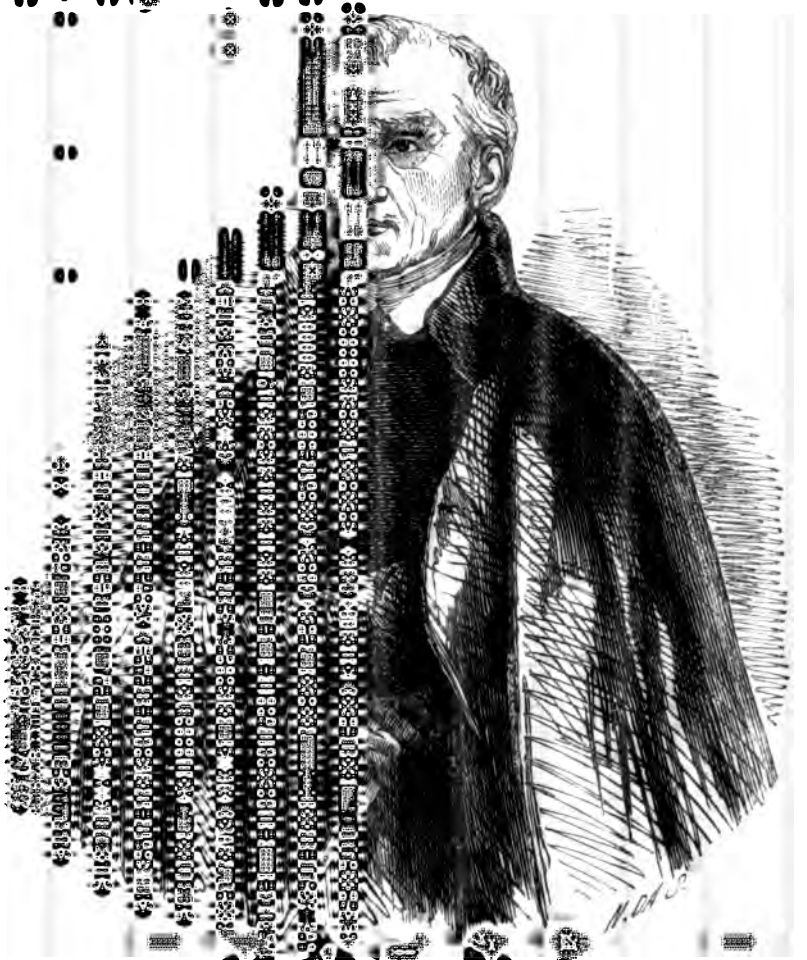
Das operas de Donizetti, é esta uma das que sempre teve menos acceitação em S. Carlos; e por isso não podemos deixar de lamentar a lembrança de a fazer reviver.

Em quanto ao desempenho, diremos que, salvas pequenas excepções, deixou muito a desejar; concorrendo para isso, além de outras causas, que por falta de tempo e de espaço não mencionâmos, o estar a opera insufficientemente estudada e ensaiada.

Noticias diversas.

Madama Stoltz. — Continúa a affirmar-se, que a celebridade (de outr'ora) partirá no dia 13 ou 14 para o Rio de Janeiro, escripturada por dez mezes para o theatro italiano, pela quantia de *cento e trin-*

lyra se compraz em suspirar tristezas; mas neste feito ha tristezas e alegrias; e sobre tudo uma grande lição, que nos mostra a presteza com que o céo esterilisa os damnados intentos dos máus. Neste quadro de regicidio vemos a mão de Merino levantando-se contra a patria, e a mão da Providencia, amparando o throno. A poesia, que segue, é de D. Carolina Coronado, distincta pelos seus escriptos, e honra das mulheres da Peninsula.



Pero mayor que su maldad horrenda
Es tu bondad, ¡ oh madre! todavia;
Cuando tu pura sangre se vertia
Tú á la piedad la dabas en ofrenda!
Tema rayos del cielo el que te ofenda;
Porque tú en la española monarquía,
Con la virtud que al cielo te levanta,
Eres aun mas que reina, eres ya santa!

D. Carolina Coronado.

Algumas linhas sobre a questão pecuaria, a proposito da proxima Exposição de gados.

(Conclusão.)

A industria e o commercio poderão a principio resentir-se desta medida; mas este sacrificio temporario não terá depois larga indemnisação no florescimento que se prepara por este meio á mais copiosa fonte que alimenta a ambos? Quanto não ha padecido a agricultura, de quanto favor, de quantas contemplações, de quantos auxilios se não ha ella privado em proveito dessas duas outras molas do movimento economico nacional?

É justo, pois, que estas se collectem tambem da sua parte, sabendo, para melhor conveniencia sua e geral, desistir de privilegios que não compensam no proveito que lhes dão, a serie interminavel de prejuizos a que arrastam aquella.

Cada época tem tido, em relação á producção e ao consumo, estes dois polos da evolução economica, suas tendencias, seus principios, suas necessidades especiaes, que, modificando mais ou menos profundamente as leis abstractas da economia politica, hão introduzido varias formulas ou systemas na applicação destas mesmas leis.

Houve tempo em que só da terra se julgou podia e devia viver uma nação. Houve outro em que as fabricas foram reputadas a seiva verdadeira e perduravel dos estados. Mais remotamente coubera ao commercio, já fraterno e amigo, já bellicoso e coercitivo, tambem o seu reinado de supremacia e exclusivismo.

Por si só nenhum destes systemas logrou uma felicidade duravel. A França de Sully, a França de Colbert, a Carthago, Veneza e Genova, são periodos de um esplendor ephemero, que se destacam da sombra dos tempos, como para advertir os vindoiros de que a parcialidade, a preeminencia exaggerada de alguma das tres espheras da vida economica das nações, importando necessariamente a atrophia, a annullação das outras duas, conduz tarde ou cedo á decadencia. Muito embora a nação assim governada apparente de força e poderio. Como o Achilles da fabula, lá deixará a descoberto um ponto vulneravel, e sentir-se-ha ferida no momento mesmo da sua maior gloria.

Uma justa harmonia nesta grandiosa tripode social deve ser, se não o alvo da época que corre, ao menos o fructo que propõe a experiencia do passado.

Sejamos industriaes, sejamos commerciantes, mas sejamos egualmente agricolas dentro dos limites prescriptos pelas condições e necessidades do paiz.

É o caso de respeitar a indivisibilidade desta trindade economica, uma das mais bellas occasiões de proclamar bem alto esta sentença, — *sisyphista* — na linguagem de Bastiat: — *chez soi et pour soi.*

Procuremos e desenvolvâmos todos os recursos de casa e só para nós. Prefiramos isto, a avassallar-nos á mercê de estranhos, mendigando delles os que tambem não podemos grangear, ainda quando venham á nossa porta esmolar dos em que lhes levamos superioridade.

Isto póde na verdade affrouxar o tracto e as relações inter-nacionaes; mas tem a grande vantagem de circumscrever estas na orbita de um mutuo respeito e boa fé, reduzindo-as á pratica singela das conveniencias dos povos, em vez da estrategia cavillosa de exploradores sobre explorados, e da soberania aspirante do forte sobre o fraco.

Se todos os povos constituissem uma só familia, governada pelas mesmas leis, sujeita aos mesmos principios e ligada por interesses communs, a divisão do trabalho economico, e a sua distribuição em harmonia com as aptidões, tanto physicas como moraes de cada povo, seria em verdade um dogma de momentoso proveito, de cuja sincera observancia, a fraternidade e a paz universaes seriam os immediatos e mais saborosos fructos.

Mas se os povos divergem uns dos outros nos costumes e na indole, nos principios e nas leis; se os interesses communs que apertam os vinculos das suas allianças, a cada momento se desattendem e pospõe aos interesses particulares; se a opposição e incompatibilidade destes os separa e os convida á independencia, não queiramos nós singularisar-nos offerecendo-nos gratuitamente como martyres de uma nova fórma de principios sociaes.

Acceitemos o mundo tal como é, e cuidemos de tirar delle o melhor partido, que é a final o *desideratum* de todas as nações, quaesquer que sejam além disso as doutrinas que nos venham prégar.

Esta digressão quasi nos ía affastando do nosso verdadeiro assumpto: desculpem-nos os leitores; tão mal a proposito como pareça, ella póde mostrar comtudo, que a discussão por vezes suscitada ácerca de primazias entre a agricultura e a industria, é quando menos ociosa e impertinente. Não póde haver distincções nem primazias, onde ha egualdade de serviços egualmente uteis e necessarios. Se as manufacturas obstam ao esgôto do numerario que se iria no valor da mão de obra dos artefactos estrangeiros.

Se ellas offerecem um mercado seguro e proximo ás materias primas da agricultura.

Se precisamente nas localidades, em que a industria floresce, prospéra vigorosamente a agricultura, porque a população se condensa, porque affluem os capitaes, porque se aprestam mais facil e commodamente as alfaias e machinas ruraes. Tambem da sua parte é a agricultura que prepara aquellas materias, cuja abundancia e barateza é o principal norte do progresso industrial. Della depende o preço dos salarios até certo ponto proporcional ao custo das subsistencias.

Os direitos protectores concedidos á ganaderia, não fazem recear o monopolio, esse phantasma aterrador que se enxerga sempre atraz de toda a protecção; porque, em virtude da divisão da nossa propriedade territorial, elles, proporcionalmente fallando, tanto vem aproveitar ao grande como ao pequeno lavrador; ambos podem portanto contrabalançar-se e exercer uma proficua repressão a essa tendencia.

Depois a propria natureza animada do genero ainda mais contraria esta tendencia. O gado não dá proveito, senão em quanto a sua utilidade de cada dia pagar pe o menos o custo da sua conservação, e deixar liquido o seu valor venal, do qual ainda ha a descontar as despezas da criação.

O gado desnecessario ao grangeio, resgatando incompletamente o seu sustento, torna a differença entre o custo da producção e o valor venal cada vez menor em proporção que fôr sendo maior a demora da extracção.

O interesse bem entendido do productor, e especialmente do intermedio, será a não attenuação daquella differença, e procurará, em consequencia, desfazer-se do genero o mais breve possivel.

Mas se a avidez lhe fizer lançar á conta do consumidor o empate da extracção, levando-o a augmentar o preço venal, então arrisca-se a perder, affluindo á offerta gado de trabalho, ou em geral o que haja saldado as custas da sua conservação.

O que nos parece que póde succeder da medida que propômos, é uma attracção geral e como que á porfia para a producção de gados, é uma conversão de especie nos productos agricolas; mas é precisamente este fenomeno economico que devemos desejar; isto não é monopolio, nem em nada se parece com o das industrias. Este, maniatando o interesse geral á cobiça de uns poucos, gerando a indolencia no esmero dos fabricos, não deixa após de si, senão uma accumulação de riqueza extorquida pela violencia de uma desegualdade tyrannica e condemnavel; elle absorve n'uma proporção mais forte o numerario que devia fecundar os outros elementos da vida economica, e é causa da sua ruina.

Aquelle, se tal nome merece, favorecendo o interesse, não de poucos, mas da classe mais numerosa, contempla de egual altura o interesse geral; porque, a par com a abundancia da producção protegida, derrama sobre as outras identica prosperidade; e, o que é sobre tudo digno de muita consideração, converte-se na mais solida garantia, contra o empobrecimento do nosso solo.

A diminuição, e mais tarde, se se entender, a suppressão dos direitos de entrada dos cereaes estrangeiros, é medida correlativa, reciproca e complementar da primeira. Ella tem além disto por fim essencialissimo obstar á alta do valor da terra, que até certo ponto póde mover a elevação nos direitos de importação dos gados.

Agora considerando a medida em si mesma não lhe divisâmos os males que se nos figura lhe vão ahi já assacar. E primeiro que tudo, de que servem os direitos protectores a uma producção que encontra no contrabando superior competencia, a mesma perseguição que se luctasse em livre concurso com a estrangeira? Aquelles direitos são uma superfluidade illusoria, nutrem uma confiança fatal, porque no fim de tudo a Hespanha mette para cá quanto trigo lhe apraz, e o lavrador ou ha de exportar ou vender na novidade por um preço infimo que lhe custa a cobrir os gastos da cultura, ou o consumidor ser gravado na escacez pela mão de ferro dos monopolistas. N'um ou n'outro caso o beneficio do genero, quando o dá, não reverte para a fonte que devêra animar.

A cultura cereal não é para nós nenhuma industria natural, que mereça pelos grandes lucros actuaes ou futuros a protecção. Só o é, e póde ser nos paizes onde se fertilisa o solo arado com muita copia de adubos, ou onde ha á discrição immensa extensão de terra virgem ao lado de uma população rara, que permitte semear-se por partes successivas, e colhêr as primeiras novidades, sempre as mais abundosas.

O nosso paiz não está em nenhum destes casos; o fabrico cereal deve saír, e sáe com effeito, caro, o genero insufficiente e ruinoso.

De que presta então a protecção, se não aproveita ao que produz, se o conduz por uma via falsa, se escravisa o que consome, difficultando-lhe a primeira das subsistencias?

Se a protecção dos cereaes causou na Inglaterra a miseria do povo e fez levantar um clamor geral prestes a degenerar em ameaçadora anarchia, alli onde o solo excellentemente enriquecido se desfazia em abundante producção de toda a especie, aviso é este salutar que nos deve pôr de precaução, porque ainda que entre nós o monopolio não seja felizmente tão monstruoso, o que em parte é devido á maior divisão da nossa propriedade territorial, tambem por outro lado a nossa lavoira está incomparavelmente mais abandonada á mercê do tempo e á imprevidencia, ciphrando todo o seu adiantamento na progressiva extensão da área cultivada, sem cuidar de a par com este augmento, augmentar tambem, e não diminuir, como faz, os elementos da fertilidade.

Tal como está a industria cereal, não enriquece o lavrador, arrisca a cada passo a subsistencia do povo, empobrece o solo e promette tristes consequencias. A protecção entretem e excita o pro-

gresso deste mal. A exportação, que sería de um poderosissimo auxilio á lavoira montada em bases mais solidas, tende ao effeito contrario, impellindo-a com nova força no máu rumo em que vae

Mas dizemos acaso isto para que Portugal se deixe de cultivar cereal? Não. Porque n'outros paizes elle se grangea mais barato e copioso, não se segue que devamos abandonar a sua cultura. É um genero de primeira necessidade, o que mais avulta na massa das subsistencias, e pelo qual de maneira nenhuma nos devemos prender ao capricho e lei do estrangeiro. — Mas é para isso mesmo; é para o termos com mais fartura; é para o seu fabrico nos saír mais barato; é para poder affrontar desafogadamente o contrabando, ou a livre concorrencia; é para que a sua exportação se torne n'uma realidade, e realidade lucrativa, que se deve tratar de proporcionar a área cultivada com a massa dos adubos; de augmentar estes pela multiplicação dos gados, introduzindo e generalisando as culturas forrajosas; emfim semeando de cereal menor superficie, mas cuja productividade seja o duplo ou triplo da actual.

É preciso pôr dique a um sestro vezeiro, cego, tradicional, imprevidente, que póde originar uma serie de calamidades. Nem quando um lucro seductor desculpasse em parte o sacrificio do futuro devêra permittir-se, muito mais não o sendo.

Os limites deste jornal, que tem de satisfazer, entre outras condições, á da variedade das materias, não comportam os desenvolvimentos que esta questão merece, e que, apesar de mingoarnos as forças e os dados, desejariamos dar-lhe. Alinhavada porém como fica, as nossas idéas ahi estão para servir de despertador aos que mais versados na sciencia economica, e possuindo dados estatisticos, que não pudemos obter, a queiram profundar.

Lapa.

Um homem indispensavel.

Conclusão.

— Ai dôr! exclamava Noisel, se não volto a París quanto antes, que ha de ser daquella pobre familia!

Stevenson tudo remediou: restabeleceu a Noisel, por meio de uma dieta mui differente da que elle tivera em casa do rajah Bessir; levou-o a Calcuttá, e esperou a partida de um navio hollandez, que havia de transportar Noisel a um porto neutral, donde facil lhe sería passar-se para París. Noisel tomou letras de cambio sobre Hamburgo, e embarcou no *Gustawson*, abençoando os negociantes inglezes, e mandando ao diabo o capitão de navios de S. M. Jorge III. O *Gustawson* não se parecia em nada com o *Joven Consul*; era muito ronceiro, e gastou cinco mezes em ír de Calcuttá a um porto de Dinamarca; porém ao menos chegou a salvamento. Noisel foi logo a Hamburgo, cobrou as letras, tomou papel sobre París, e tratou de voltar á França.

Que ia elle encontrar, bom Deus! A mulher minada de saudades e pesares, o filho entregue ás prodigalidades proprias da sua edade, a filha abandonada e talvez corrompida, os teares sem ninguem, e todos os seus haveres consideravelmente cerceados: a mão, que a tudo dera impulso, havia-se affastado; tudo tinha padecido com a sua ausencia. Por fortuna chegava Noisel ainda a tempo para remediar taes estragos, por meio da sua intelligencia, e do dinheiro recebido de Stevenson.

— Santo Deus, exclamou Noisel, quando viu o campanario da egreja de S. Diniz, se me não haveis desamparado, se me haveis sacado são e salvo do meio dos perigos em que me achei, foi sómente para mostrardes a esta gente o quanto lhes sou indispensavel...

Era já tarde quando chegou a París. É facil o suppôr que os seus passaportes não estavam muito correntes. Noisel, fabricante vindo dos montes Himalaya, de Delhi, de Calcuttá, de Hamburgo, devia inspirar desconfiança; á meia noite poude emfim entrar na cidade patria. A primeira coisa que fez foi metter-se n'uma sege e partir para a rua de Richelieu. O cavallo, cançado dos caminhos diurnos, não ia tão depressa como o desejava Noisel, o qual ía promettendo ao boleeiro uma boa gorgeta, para o levar com toda a velocidade possivel. Ao passar pela arcada dos Panoramas, reconheceu Noisel a casa do seu amigo Duverney.

— Excellente amigo, disse elle com os seus botões, excellente amigo, bom moço, bem comportado... não ha de ter faltado com os seus conselhos a minha mulher nem a meus filhos... Elle para ahi está a dormir, sem lhe passar pela idéa o alegrão que ha de ter ámanhã... Hei de convidal-o para jantar comnosco.

Quando Noisel chegou a casa, saía um criado, de sorte que lhe não foi preciso bater; sóbe e acha a porta do escriptorio meio aberta, como estivera havia tres annos, quando o fiel Azor entrava para se lhe ír deitar aos pés. Noisel faz o que Azor fizera, empurra a porta devagarinho e entra. Oh pasmo! o livro mestre está aberto como era costume, o caixeiro Lambert dorme encostado á carteira. Noisel esfrega os olhos, e persuade-se de que a viagem, e a caça aos tigres tudo foi sonho. Observa o caixeiro por todos os lados, e vê-o mui galhardamente vestido, com a sua cadêa de relogio, e muitos penduricalhos de oiro, e no dedo um annel do mesmo metal, com uma pedra fina e não pequena.

— Oh! oh! Lambert está muito em cima; isto é bom agoiro; para este não desandou a roda... é uma desgraça menos das que devo esperar.

Contente por achar um homem, que lhe póde

dar noticias frescas dos seus, Noisel bate no hombro a Lambert e acorda-o.

O caixeiro abre os olhos, e fica alguns momentos de bôcca aberta a olhar para Noisel; depois entra n'uma convulsão extraordinaria; torna-se branco como a cal da parede; quer erguer-se para fugir, e cáe na cadeira assombrado.

—Meu Deus! exclama elle, havei de mim compaixão. É a alma do senhor Noisel, meu antigo...

Não pôde dizer mais. Noisel pega-lhe na mão, tranquillisa-o, e apertando-lhe muito as mãos, da-lhe a conhecer que não é nenhuma alma do outro mundo.

—Soccega, Lambert, lhe diz elle, sou Noisel, teu amigo e patrão; sou eu, que torno emfim aos braços da minha familia.

—O senhor, respondeu Lambert, o senhor a quem ha tres annos reputâmos morto, pois se disse que havia naufragado com o *Joven Consul!*

—É verdade, amigo, que o *Joven Consul* foi ao fundo, e com elle foram passageiros e tripulação, excepto eu que fui salvo por mão poderosa, para hoje ser restituido á minha familia e aos meus operarios, que não podiam passar sem mim. N'outra occasião farei a narrativa das minhas aventuras; por agora conta-me...

—Que desgraça para a senhora! disse Lambert com semblante contristado.

—É verdade, havia de ser uma grande desgraça para minha mulher; mas em fim aqui estou.

—Aqui estou!!! repetiu Lambert afflicto.

—Quando chegou cá a noticia de eu haver morrido? perguntou Noisel.

—Dois mezes, pouco mais ou menos, depois de haverdes partido.

—Então julgaram-se todos perdidos?

—Ao senhor é que nós julgámos perdido.

—Estive bem perto disso, não ha duvida;... e minha mulher, minha mulher?

—Oh! é preciso fazer-lhe justiça! Muito chorou, coitadinha!

—Disso estava eu certo. E meus filhos, meus filhos?

—Tiveram muita pena de seu pae: são muito extremosos. Os seus operarios tambem sentiram bastante... e cá pela minha parte...

—Acredito, meu amigo, acredito. Com a minha perda ficaveis todos perdidos. Adeus trabalho, adeus salarios, adeus pão nosso de cada dia, adeus tudo...

—Então porque, senhor Noisel?

—Pois não era eu a alma desta casa, a mola real, que fazia andar tudo, o homem indispensavel n'uma palavra?

Lambert, apesar de conhecer a posição critica em que Noisel se achava, não pôde conter um sorriso.

—Sempre sou muito tolo em estar aqui a dar trela a este pobre Lambert, disse o patrão; vamos dar a minha mulher a alegria, e a felicidade, de que ha tanto tempo vive privada.

—Senhor, senhor! exclamou Lambert, agarrando-lhe a aba da casaca.

—Então que é isso, que é isso? Minha mulher adoeceu, morreu, ou que tem ella?

—Senhor, espere um poucochinho...

—Falla, homem, falla; se tens que annunciar-me alguma coisa triste...

—Olhe, sr. Noisel, eu lhe conto; nós recebemos ha tres annos a participação da sua morte.

—É possivel; mas depois?...

—O senhor lembra-se do seu amigo Duverney?

—Perfeitamente: ha um quarto de hora passei por sua casa... a proposito, has de ír convidal-o para jantar comnosco ámanhã.

—Elle tambem teve muita pena do senhor Noisel.

—Acredito, acredito.

—Elle e sua mulher passaram muitos mezes a fallar sempre no senhor, a chorar, e...

—E o que?... perguntou Noisel, que já não estava muito contente.

—E como tinham muita amizade um ao outro, a amizade converteu-se em amor, e casaram-se para poderem chorar mais á vontade.

—Pois minha mulher casou?

—Com o seu amigo Duverney.

—E eu pensando que ella havia morrido de magoa.

—Não, senhor, e...

—Mas ao menos, Lambert, ella ha de ter conhecido a differença, que ha entre mim e Duverney, porque a dizer a verdade...

—O que eu sei é que ella vive bem satisfeita. Nunca vi par mais unido... O senhor Duverney tomou conta da fabrica...

—Pois Duverney soube tirar proveito do meu privilegio de invenção, e pôr em movimento os meus teares?

—Até os augmentou; simplificou o processo; e obteve um privilegio de aperfeiçoamento.

—E os meus operarios?—perguntou Noisel, que, assentado na poltrona, já não sua, via irem desapparecendo todas as suas illusões—e os meus operarios?

—O senhor Duverney augmentou-lhes o salario, e diminuiu-lhes as horas de trabalho... Quer saber? temos hoje duzentos operarios mais que no seu tempo, e fazemos tecidos muito mais finos.

—E os coitados dos meus filhos, a quem essa mulher não teve pejo de dar padrasto, que foi feito delles?

—O senhor Duverney é muito amigo delles, e elles pagam-lhe na mesma moeda... O seu filho tem interesse na casa, e governa os operarios: hontem me disse o senhor Duverney, que elle já tinha um capital, duas vezes maior que o que herdára de seu pae.

—E a minha filha, continuou Noisel, a minha querida filha?

—Tambem chorou muito como os outros, e como os outros se consolou; o que vale neste mundo, é que o tempo tudo gasta.

—Sim; mas a quem deve ella o sêr, quem é que a poz em estado de contrahir um casamento vantajoso?

—Sua mãe, e o senhor Duverney; a menina casou tambem ha seis mezes.

—Tambem ella casou?

—Sim, senhor.

—E casou bem?

—Certamente. Não se lembra de um tal Huberto?

—Era um banqueiro rico, que ha de ter pelo menos os seus cincoenta annos.

—Pois o filho delle casou com a menina.

—Contra vontade della, aposto eu; obrigaram-na...

—Qual, qual: ella namorava-o já havia muito tempo; agora vivem como dois pombinhos.

Noisel abaixou a cabeça cheio de confusão; depois, olhando para Lambert, acrescentou:

—Mas tu, ao menos, meu bom amigo, sentiste muito a minha ausencia; e esse luxo, esses anneis, essas cadeias, são devidos por certo a alguma herança...

Não, senhor: fui com o progresso da casa. O senhor Duverney recompensou até mesmo os serviços, que eu tinha prestado ao antigo patrão; deu-me uma pequena parte nos beneficios da fabrica; e como a fabrica prospéra, essa pequena parte me rende uma quantiasinha menos má.

—Como assim? Pois nem mesmo a ti eu era indispensavel?

—Não, senhor, respondeu innocentemente o caixeiro.

Neste comenos abriu-se a porta do escriptorio, e Azor, guarda da casa, entrou farejando.

Conta Homero que o cão fiel de Ulysses morrêra de alegria, ao tornar a vêr seu dono; outro tanto não succedeu a Azor; acariciado pelos bons modos de Duverney, e persuadido de que o verdadeiro dono da casa é o que põe a mesa, começou a arreganhar os dentes a Noisel, e a rosnar.

—Azor! Azor! dizia Noisel.

Qual Azor! Olhava rosnando para Noisel, e mostrava vontade de o investir. Ora, o cão estava nedio; tinha o pello macio e lustroso, e em nada tinha padecido com a ausencia do dono da casa.

—Fóra! exclamou Noisel, irado. Lambert, vae dizer a minha mulher que voltei.

—A sua mulher! respondeu o cruel Lambert, é a mulher de Duverney que quer dizer?

—Que dizes, homem? Pois minha mulher já não é minha mulher?

—Valha-me Deos! A viuva do senhor Noisel está legitimamente casada... Que desgraça que é o não ter o senhor morrido! que vergonha! que escandalo para a visinhança, quando se disser que a patroa tem dois maridos, que um e outro teem os mesmos direitos a ella!... Olhe cá, senhor Noisel, accrescentou Lambert, animado pela tristeza em que o via—pensa que seu filho ha de estimar o seu regresso? Sem fallar de sua mulher, que ha de ir logo aos papeis publicos, que dirá sua filha e seu genro, quando tiverem que lhe restituir a herança, que ha tanto tempo desfructam? Que desgraça que é o não ter morrido!

Convencido do que lhe dizia Lambert, Noisel exclamou:

—Meu Deos, haveis-me castigado mesmo por onde pequei; julguei-me indispensavel, e vejo agora, não só que o não sou, senão que a minha presença ainda se torna para todos nociva... Lambert, eu vou-me embora, para não voltar mais. Não digas a ninguem que ainda existo.

Tendo assim fallado, saio; e Azor ficou a ladrar. Lambert guardou segredo; e como tinha sido acordado de repente, e a morte de Noisel era um facto comprovado, chegou a persuadir-se de que tudo aquillo tinha sido sonho.

Noisel saio de Paris, logo no dia seguinte. Foi viver em Harlem, onde tomou o nome do seu antigo senhor, o rajah Bessir; como tinha um vestuario sike, e fallava o indostanico, todos comeram a peta. Com o dinheiro recebido de Stevenson creou um bom rendimento. Comprou uma bonita casa, com jardim, agua, cocheiras, e accommodações para numerosa familia; poz-se a cultivar rosas do Japão, e flores de quaresma. Fez-se litterato; publicou uma curiosa collecção de recordações da India; exerceu alguns cargos na freguezia; e até lhe passou pela cabeça o ser deputado. Um dia soube que havia morrido o amigo Duverney; escreveu então á viuva, contando-lhe a historia toda; e esta boa Penelope foi immediatamente para Harlem, para a companhia de seu primeiro marido. Noisel achou a mulher muito mudada; faltavam-lhe os dentes caninos, e assobiava quando queria fallar; tinha a cabeça prateada, apesar de se dizer todos os dias nos jornaes, que se acabaram os cabellos brancos. Noisel fez ainda mil outras observações, as quaes por falta de tempo não podêmos narrar.

Ha cêrca de dôze annos leu-se em todos os jornaes: — «Acaba de morrer em Harlem um individuo notavel: o rajah Bessir, principe sike, despojado pelos inglezes dos seus vastos dominios, que occupam o territorio situado entre Delhi, e as montanhas do Himalaya. O rajah Bessir tinha casado com uma parisiense, a quem deixou um cabedal enorme e muitas saudades.»

Era Noisel que desta vez tinha morrido devéras.

Congresso da paz.

Da *Illustração* hespanhola extraímos duas sessões deste celebre congresso, que a si prometteu a improba tarefa, o trabalho ingente de endireitar e moralisar o mundo que vae tão torto e devasso, procurando a felicidade a todos os povos nos meios de acabar com as guerras fratricidas.

Empenho é este louvavel e mui christão; pena é comtudo não passar talvez de uma utopia, que

se vae tornando ridicula e caricata em presença dos pugnazes aprestos que a Europa está fazendo, e em presença mesmo dos assumptos jogrães e irrisorios que se têem ventilado por vezes, no meio de discussões serias e bem pensadas de tão sabio congresso.

E uma amostra disto, as duas seguintes sessões celebradas em Londres.

Sessão de 23 de Julho.

O congresso tratou de estabelecer uma severa vigilancia sobre os jogos e brincos juvenis. — Todos os governos accordarão entre si em moralisar os prazeres e divertimentos da juventude.

Fica pois adoptada a seguinte proposta:

1.° Inutilisar-se-hão todos os soldados de chumbo.

2.° Queimar-se-hão os de cavallaria feitos de madeira.

3.° Far-se-hão em fanicos todos os granadeiros ou caçadores de papel que inspiram a infancia idéas bellicosas.

4.° Os paes de familia entregarão as auctoridades os sabres de lata, as espingardas de pau e as cartucheiras e barretinas de papelão, com que seus filhos se divertiam.

Um membro do congresso propõe que se prohiba a mocidade a leitura destas obras:

Historia romana.
Historia greza.
Historia geral da Europa.
Victorias e Conquistas.

Estes livros cheios de relações e contos sanguinolentos de guerras e batalhas, convertem os jovens mancebos em homens estupidos, ferinos e cruentos.

Approva-se a proposta, e resolve-se dar conta della a todos os governos.

Sessão de 25

M. Cattonet pronuncia o discurso seguinte:

Senhores: em muitas povoações e aldeias ha o costume de apregoar ao som do tambor todas as disposições da auctoridade local: isto apresenta graves inconvenientes.

O som do tambor recorda idéas de luta e de sangue, e contribue a endurecer os corações e a conservar os costumes militares.

Outro membro. Proponho a supprensão do tambor, da corneta, e do zabumba.

Fica approvada a proposta.

M. Cattonet. O pífano e cumplice do tambor: que se supprima tambem.

Todos sim... sim.

Um. — Que se façam então os preços com flauta.

Outro. — Com oboe.

Outro. — Com fagote.

(Tumulto geral: os membros do Congresso da Paz não se entendem e chegam as mãos. Quadro de batalha.)

Viagem de uma libra de algodão na Inglaterra.

O algodão entra em bruto em Londres, vindo da India. De Londres vae a Manchester para ser fiado. Depois parte para Paisley na Escocia, onde passa pelas lançadeiras e e tecido. De Paisley é remettido para Airshire onde se faz a tela, e dalli para Dunbaston, onde a tela, que resulta, é cosida a mão. Feito isto volta de novo a Paisley, donde vae ao condado de Renfrew para ser branqueado. Concluido o branqueamento, volta terceira vez a Paisley, donde é remettido para Glasglow, para receber a ultima de mão. De Glasglow vae a Londres entregar-se aos consumidores.

Chegado o ultimo periodo da viagem a libra de algodão tem percorrido 1787 leguas, sendo 1430 por mar, e 307 por terra.

Entretanto terá feito trabalhar cento e cincoenta individuos, pelo menos, tanto no transporte como no fabrico; e terá augmentado dois mil por cento do seu valor, em tres annos, tempo decorrido desde a colheita até a entrega ao consumidor.

Sociedade israelita.

Os israelitas de Paris acabam de fundar uma sociedade para o estudo e propagação das sciencias sagradas. Grande numero de pessoas respeitaveis, á frente das quaes figuram M. de Rostchild, estabeleceram para este effeito salas de estudo e um oratorio onde o culto religioso se ministra aos mancebos que se destinam para o sacerdocio, e onde os israelitas de todas as condições sociaes se reunem para orar e ouvir leituras theologicas e litterarias. — Um rabbino distincto foi agregado ao estabelecimento, e um sabio orientalista, M. Alberto Cohn, lê todos os domingos um capitulo da escriptura sagrada, ou uma passagem das obras religiosas e philosophicas dos padres da synagoga. Estas leituras offerecem um elevado interesse moral e scientifico, e a multidão que se apinha em roda do professor larga da reunião, illuminada pelo enthusiasmo e edificada com as praticas do culto.

Combate de aves por odio internacional.

As guerras eternas da nação indigena na India, têem engendrado certa especie de odio recíproco entre os indigenas de ambos os territorios, odio de que breve ha pouco deu em Valencia Hespanha um terrivel exemplo, pois que até induziu ao suicidio um dos personagens do drama. Eis como um jornal hespanhol contou o caso:

«No meio de uma casa nesta cidade [illegible] um gato, se bem que contra vontade um respeitavel perú annual indigena das Indias, como é sabido que havia escapado milagrosamente ao

—Sim; mas a quem deve ella o sêr, quem é que a poz em estado de contrahir um casamento vantajoso?

—Sua mãe, e o senhor Duverney; a menina casou tambem ha seis mezes.

—Tambem ella casou?

—Sim, senhor.

—E casou bem?

—Certamente. Não se lembra de um tal Huberto?

—Era um banqueiro rico, que ha de ter pelo menos os seus cincoenta annos.

—Pois o filho delle casou com a menina.

—Contra vontade della, aposto eu; obrigaram-na...

—Qual, qual: ella namorava-o já havia muito tempo; agora vivem como dois pombinhos.

Noisel abaixou a cabeça cheio de confusão; depois, olhando para Lambert, acrescentou:

—Mas tu, ao menos, meu bom amigo, sentiste muito a minha ausencia; e esse luxo, esses anneis, essas cadeias, são devidos por certo a alguma herança...

Não, senhor: fui com o progresso da casa. O senhor Duverney recompensou até mesmo os serviços, que eu tinha prestado ao antigo patrão; deu-me uma pequena parte nos beneficios da fabrica; e como a fabrica prospéra, essa pequena parte me rende uma quantiasinha menos má.

—Como assim? Pois nem mesmo a ti eu era indispensavel?

—Não, senhor, respondeu innocentemente o caixeiro.

Neste comenos abriu-se a porta do escriptorio, e Azor, guarda da casa, entrou farejando.

Conta Homero que o cão fiel de Ulysses morrêra de alegria, ao tornar a vêr seu dono; outro tanto não succedeu a Azor; acariciado pelos bons modos de Duverney, e persuadido de que o verdadeiro dono da casa é o que põe a mesa, começou a arreganhar os dentes a Noisel, e a rosnar.

—Azor! Azor! dizia Noisel.

Qual Azor! Olhava rosnando para Noisel, e mostrava vontade de o investir. Ora, o cão estava nedio; tinha o pello macio e lustroso, e em nada tinha padecido com a ausencia do dono da casa.

—Fóra! exclamou Noisel, irado. Lambert, vae dizer a minha mulher que voltei.

—A sua mulher! respondeu o cruel Lambert, é a mulher de Duverney que quer dizer?

—Que dizes, homem? Pois minha mulher já não é minha mulher?

—Valha-me Deos! A viuva do senhor Noisel está legitimamente casada... Que desgraça que é o não ter o senhor morrido! que vergonha! que escandalo para a visinhança, quando se disser que a patroa tem dois maridos, que um e outro teem os mesmos direitos a ella!... Olhe cá, senhor Noisel, accrescentou Lambert, animado pela tristeza em que o via—pensa que seu filho ha de estimar o seu regresso? Sem fallar de sua mulher, que ha de ir logo aos papeis publicos, que dirá sua filha e seu genro, quando tiverem que lhe restituir a herança, que ha tanto tempo desfructam? Que desgraça que é o não ter morrido!

Convencido do que lhe dizia Lambert, Noisel exclamou:

—Meu Deos, haveis-me castigado mesmo por onde pequei; julguei-me indispensavel, e vejo agora, não só que o não sou, senão que a minha presença ainda se torna para todos nociva... Lambert, eu vou-me embora, para não voltar mais. Não digas a ninguem que ainda existo.

Tendo assim fallado, saio; e Azor ficou a ladrar. Lambert guardou segredo; e como tinha sido acordado de repente, e a morte de Noisel era um facto comprovado, chegou a persuadir-se de que tudo aquillo tinha sido sonho.

Noisel saio de Paris, logo no dia seguinte. Foi viver em Harlem, onde tomou o nome do seu antigo senhor, o rajah Bessir; como tinha um vestuario sike, e fallava o indostanico, todos comeram a peta. Com o dinheiro recebido de Stevenson creou um bom rendimento. Comprou uma bonita casa, com jardim, agua, cocheiras, e accommodações para numerosa familia; poz-se a cultivar rosas do Japão, e flores de quaresma. Fez-se litterato; publicou uma curiosa collecção de recordações da India; exerceu alguns cargos na freguezia; e até lhe passou pela cabeça o ser deputado. Um dia soube que havia morrido o amigo Duverney; escreveu então á viuva, contando-lhe a historia toda; e esta boa Penelope foi immediatamente para Harlem, para a companhia de seu primeiro marido. Noisel achou a mulher muito mudada; faltavam-lhe os dentes caninos, e assobiava quando queria fallar; tinha a cabeça prateada, apesar de se dizer todos os dias nos jornaes, que se acabaram os cabellos brancos. Noisel fez ainda mil outras observações, as quaes por falta de tempo não podêmos narrar.

Ha cêrca de dôze annos leu-se em todos os jornaes: —«Acaba de morrer em Harlem um individuo notavel: o rajah Bessir, principe sike, despojado pelos inglezes dos seus vastos dominios, que occupam o territorio situado entre Delhi, e as montanhas do Himalaya. O rajah Bessir tinha casado com uma parisiense, a quem deixou um cabedal enorme e muitas saudades.»

Era Noisel que desta vez tinha morrido devéras.

Congresso da paz.

Da *Illustração* hespanhola extraímos duas sessões deste celebre congresso, que a si prometteu a improba tarefa, o trabalho ingente de endireitar e moralisar o mundo que vae tão torto e devasso, procurando a felicidade a todos os povos nos meios de acabar com as guerras fratricidas.

Empenho é este louvavel e mui christão; pena é comtudo não passar talvez de uma utopia, que

se vae tornando ridicula e caricata em presença dos pugnazes aprestos que a Europa está fazendo, e em presença mesmo dos assúmptos jograes e irrisorios que se têem ventilado por vezes, no meio de discussões serias e bem pensadas de tão sabio congresso.

É uma amostra disto, as duas seguintes sessões celebradas em Londres.

Sessão de 23 de Julho.

O congresso tratou de estabelecer uma severa vigilancia sobre os jogos e brincos juvenís. — Todos os governos accordarão entre si em moralisar os prazeres e divertimentos da juventude.

Fica pois adoptada a seguinte proposta:

1.° Inutilisar-se-hão todos os soldados de chumbo.

2.° Queimar-se-hão os de cavallaria feitos de madeira.

3.° Far-se-hão em fanicos todos os granadeiros ou caçadores de papel que inspiram á infancia idéas bellicosas.

4.° Os paes de familia entregarão ás auctoridades os sabres de lata, as espingardas de pau e as cartucheiras e barretinas de papelão, com que seus filhos se divertiam.

Um membro do congresso propõe que se prohiba á mocidade a leitura destas obras:

Historia romana.
Historia grega.
Historia geral da Europa.
Victorias e Conquistas.

Estes livros cheios de relações e contos sanguinolentos de guerras e batalhas, convertem os jovens mancebos em homens estupidos, ferinos e cruentos.

Approva-se a proposta, e resolve-se dar conta della a todos os governos.

Sessão de 25

M. Cattonet pronuncia o discurso seguinte:

Senhores: em muitas povoações e aldêas ha o costume de apregoar ao som do tambor todas as disposições da auctoridade local; isto apresenta graves inconvenientes.

O som de tambor recorda idéas de lucta e de sangue, e contribue a endurecer os corações e a conservar os costumes militares.

Outro membro. Proponho a suppressão do tambor, da corneta, e do zabumba.

Fica approvada a proposta.

M. Cattonet. O pifano é cumplice do tambor: que se supprima tambem.

Todos sim... sim.

Um. — Que se façam então os pregões com flauta.

Outro. — Com oboé.

Outro. — Com fagote.

(Tumulto geral: os membros do Congresso da Paz não se entendem e chegam ás mãos. Quadro de batalha).

Viagem de uma libra de algodão na Inglaterra.

O algodão entra em bruto em Londres, vindo da India. De Londres vae a Manchester para ser fiado. Depois parte para Paisley na Escocia, onde passa pelas lançadeiras e é tecido. De Paisley é remettido para Airshire onde se faz a tela, e dalli para Danbaston, onde a tela, que resulta, é cosida á mão. Feito isto volta de novo a Paisley, donde vae ao condado de Renfren para ser branqueado. Concluido o branqueamento, volta terceira vez a Paisley, donde é remettido para Glasglow, para receber a ultima demão. De Glasglow vae a Londres entregar-se aos consumidores.

Chegado o ultimo periodo da viagem a libra de algodão tem percorrido 1757 legoas, sendo 1450 por mar, e 307 por terra.

Entretanto terá feito trabalhar cento e cincoenta individuos, pelo menos, tanto no transporte como no fabrico; e terá augmentado dois mil por cento do seu valor, em tres annos, tempo decorrido desde a colheita até á entrega ao consumidor.

Sociedade israelita.

Os israelitas de París acabam de fundar uma sociedade para o estudo e propagação das sciencias sagradas. Grande numero de pessoas respeitaveis, á frente das quaes figuram M. de Rostchild, estabeleceram para este effeito salas de estudo e um oratorio onde o ensino religioso se ministra aos mancebos que se destinam para o sacerdocio, e onde os israelitas de todas as condições sociaes se reunem para orar e ouvir leituras theologicas e litterarias. — Um rabbino distincto foi aggregado ao estabelecimento, e um sabio orientalista, M. Alberto Cohn, lê todos os domingos um capitulo da escriptura sagrada, ou uma passagem das obras religiosas e philosophicas dos padres da synagoga. Estas leituras offerecem um elevado interesse moral e scientifico, e a multidão que se apinha em roda do professor larga da reunião, illuminada pelo ensino, e edificada com as praticas do culto.

Combate de aves por odio internacional.

As guerras eternas da nação ingleza na India, têem engendrado certa especie de odio reciproco, entre os indigenas de ambos os territorios; odio de que houve ha poucos dias em Valencia (Hespanha) um terrivel exemplo, pois que até induziu ao suicidio um dos personagens do drama. Eis como um jornal hespanhol contou o caso:

«No sotão de uma casa nesta cidade, viviam juntos, se bem que contra vontade, um respeitavel perú (animal indigena das Indias, como é sabido) que havia escapado milagrosamente ao

cruento S. Bartholomeu da noite de Natal, e um gallo inglez de ruiva plumagem, olho de fogo, bico adunco, e agudissimos esporões. Logo que pela primeira vez se avistaram e appareceram frente a frente um do outro, depois de alguns olhares sobresênhos e phrases iracundas, que é de costume entre inimigos figadaes que desejam bater-se até á morte, começaram por medir forças. O perú confiava no seu enorme pêso, vigorosas pernas, e largo alcance; o gallo, esse segurava-se na sua pratica na guerra, muita agilidade, e boas armas (bico e esporões) que possuia. Da primeira lucta não saiu o perú airoso; na segunda ficou peior; porém na terceira... oh!... que á terceira, se elle não foge e se esconde debaixo de uma esteira, de certo que era uma vez perú, ficava feito um cadaver aos pés do gallo.

Desde então o coitado do perú esquivou-se, sempre medroso, a qualquer lucta; não podendo porém aturar os insolentes cantos com que o maldito islenho proclamava a sua victoria, louco de desespero, corrido de vergonha, tomou a cobarde resolução de acabar com a existencia: para isso subiu-se a uma janella, contemplou a altura a que se achava, calculou seu proprio pêso, pensou que tendo as guias cortadas não podia moderar a violencia da quéda, e depois de luctar entre o temor que o retinha, e a desesperação que o impellia, ouvindo que o gallo soltava um canto de bravura, precipitou-se de repente ao meio da rua, e ahi caiu morto.

Os donos da casa sentiram um vivo desgosto por tão deploravel successo, deram comtudo ao finado sepultura honrosa no seu bucho, pois que no dia seguinte comiam perú com arrôz, perú assado e perú guisado.

Theatro de S. Carlos.

A *Parisina* tem continuado a ir á scena; e o seu desempenho, ainda que longe de ser no complexo qual era para desejar, tem todavia melhorado consideravelmente nas ultimas representações.

A tessitura da parte de Ugo, apesar do transporte de *meio ponto* que se lhe fez, ainda em alguns trechos é bastante aguda e violenta para a voz do sr. Musich. Deve porém confessar-se, que o provecto e habil artista tem sabido tirar da referida parte o melhor partido possivel, distinguindo-se principalmente pela delicadeza com que canta a bellissima aria do 2.° acto.

O sr. Mancusi, tanto na sua cavatina, como no duetto com a sr.ª Arrigotti, tem-se mostrado digno de louvor. Lembraremos ao sr. Mancusi, que representando a parte de *Azzo*, conviria dar á sua physionomia um aspecto mais vetusto, para não parecer (como parece) filho de *Ugo* em logar de seu pae.

O sr. Goré desempenha com muito discernimento a sua pequena parte.

Quem na verdade tem continuado tão infeliz, como na primeira representação, tem sido a sr.ª Arrigotti. Com pesar o dizemos: quer seja por indisposição physica, pouco empenho na execução da sua parte, ou finalmente porque (e parece-nos isto mais provavel) a sua voz vacillante, em consequencia dos gorgeios continuos a que está habituada, não póde sustentar um canto largo e dramatico; a sr.ª Arrigotti é, a todos os respeitos, uma *Parisina* muito inferior ao que se precisa, e póde reputar-se a causa principal de não attingir a opera um exito mais favoravel.

Aproveitâmos a occasião de lembrar á banda militar, que, para não se tornar prejudicial e insupportavel, é preciso fazer as entradas a tempo, e ser mais escrupulosa na afinação.

A opera soffreu differentes córtes e transportes.

O publico espera ancioso o restabelecimento da sr.ª Sannazzari, não só pelo alto apreço em que tem esta artista; mas tambem para gozar alguma variedade nos espectaculos.

Noticias Diversas.

Concurso. — Findou o praso do concurso para a adjudicação da empreza de S. Carlos. Diz-se que appareceram quatro propostas no Conservatorio, e que os signatarios dellas são os srs. Onofrio Cambiagio, Corradini, Lombardi e Jeronymo Morazzi.

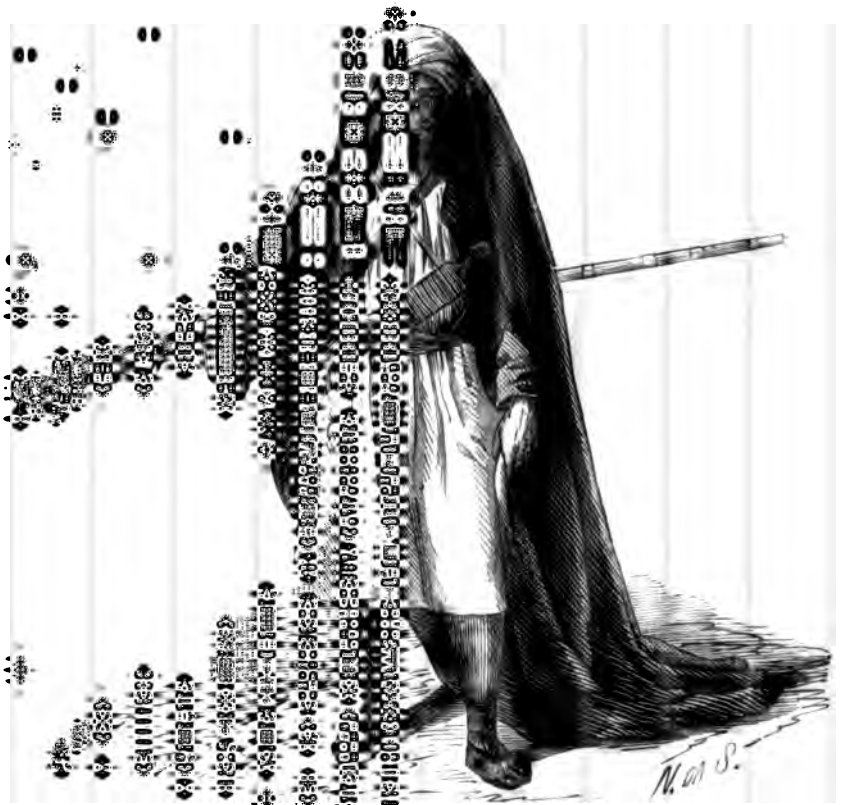
No proximo numero esperâmos poder dar maiores detalhes a este respeito.

M.me Stoltz. — Um jornal de Milão, annunciando a escriptura de m.me Stoltz para o Rio de Janeiro, congratula-se com a administração do theatro imperial de S. Januario, por ter feito a acquisição de uma artista que tem percorrido quasi todos os theatros italianos da Europa!

Provavelmente o auctor do annuncio quiz dizer, que m.me Stoltz, na qualidade de viajante, *tem visitado* quasi todos os theatros italianos da Europa: porque na qualidade de cantora, não nos consta que estivesse até agora em outro theatro italiano que não fosse o de S. Carlos.

Requerimento singular. — Alguns jornaes de Madrid dão a noticia da singular pertenção dos sapateiros desta capital, que querem pedir á soberana, não conceda aos estudantes o concluirem seus cursos um mez antes do designado, como estes haviam impetrado; por quanto vae isso a prejudical-os no valor de nada menos de 1,500 pares de botas, que a tanto se póde avaliar o que rompem 4,000 estudantes que vão diariamente ao fim da rua Ancha de S. Bernando.

vanta-se um vento impetuoso, que agita as areias e subterra caravanas inteiras; ás vezes o calor é intenso, e a agua escaça; o deserto parece um grande incendio; vêem-se ao longe miragens, que enganam o viajante; apparecem povoações, lagos, florestas, que se vão afastando, á medida que para elles se caminha; cavallos e camellos param assustados; buscam respirar, e sorvem areias finas, que os suffocam; cáem extenuados de sêde e de cansaço. O arabe in-



...e do deserto.

Djezyret-el-Arab, ou-peninsula dos arabes. Pto-

dadeiras republicas; uns vivem de roubar as caravanas, e andam sempre em guerras; outros são pacificos, pastoream rebanhos, e exercem varias industrias, cujos productos vão vender ás cidades visinhas. Alguns pachás das cidades turcas pagam tributos aos arabes guerreiros, para deixarem tranzitar livremente as caravanas.

Os arabes foram n'outro tempo celebres pela litteratura; tiveram sabios, historiadores e poetas; antes de abraçarem a religião de Mafoma, já tinham illustração. Mesmo no deserto se cultivava a poesia. Os beduínos contam com desvanecimento as procsas do seu grande poeta Antar, que era tambem guerreiro afamado; existem dos seus poemas alguns fragmentos.

Antar esteve captivo na Persia, onde fez relevantes serviços ao rei: este principe deu-lhe a liberdade, e fez-lhe presente de muitos escravos, rebanhos, cavallos e armas de todas as qualidades. No caminho encontrou Antar a um guerreiro valente, que havia raptado a formosa Abla; Antar matou-o e levou comsigo a captiva, que era sua prima, e a quem elle extremosamente amava. Chegando perto da tribu, mandou aviso aos parentes, que o julgavam morto; com a noticia da sua vinda, ficaram todos contentes, e foram saír-lhe ao encontro, acompanhados pelos maioraes da tribu, e pelo proprio rei Zoheir. Quando os viu ao longe, ficou Antar muito alegre, fe apeou-se para ir beijar o estribo ao rei, que lhe deu um abraço: todos os chefes o abraçaram tambem; só ficou descontente de o vêr Amara, seu rival.

Antar foi caminhando ao lado do rei, e confiou a guarda da sua amada a dez negros, que adormeceram á noite. Abla, que tambem havia adormecido, ficou assustada quando acordou e se viu longe da companha; os seus gritos acordaram os negros, que só então conheceram que as cavalgaduras tinham tomado outro norte. Em quanto os negros se afastaram á procura do caminho, que os mais levavam, Abla sentiu-se agarrada por um cavalleiro, que a levou comsigo de garupa; era Amara, que estava furioso de vêr o apreço em que o seu rival era tido, e queria vingar-se furtando-lhe a prima. Abla reprehende-o por uma acção tão cobarde, e tão impropria de um emir; Amara lhe responde: — «antes quero roubar-te do que morrer de inveja, vendo-te esposa de Antar.» Depois, seguindo o seu caminho, foi procurar refugio n'uma tribu inimiga de Beni-Abess. Antar, havendo acompanhado o rei até á sua barraca, voltou a encontrar-se com a sua desposada; não a vendo no haudag, e não podendo colhêr dos negros informações exactas, montou a cavallo, e partiu em seu alcance; andou muitos dias buscando Abla, queixando-se de a ter perdido, e recitando estes versos:

— Foge-me o somno dos olhos; as lagrymas cavaram-me as faces.

— A minha constancia me produz tormentos; e não me deixa descançar.

— As poucas vezes que nos temos visto, só têem servido para augmentar-me o padecer.

— Esta ausencia, estas separações repetidas, rasgam-me o coração. Beni-Abess, que saudades tenho das tuas barracas!

— Que de lagrymas inuteis, vertidas longe da minha amada!

Antar, depois de muitas pesquizas mallogradas, resolveu-se a mandar seu irmão Chaiboub, vestido ao disfarce. Chaiboub andou por lá muito tempo, até que veiu dizer que tinha dado com Abla na habitação de Mafarey-Eben-Hammarn, que a tinha tirado do poder de Amara, para com ella casar; mas Abla, que não estava por isto, fingia-se doida, e era tratada como serva pela mãe de Mafarey, que a obrigava a fazer trabalhos grosseiros. Ouvi-a chamar por ti, acrescentou Chaiboub, e repetir estes versos:

— Vinde resgatar-me, meus primos, ou íde ao menos dizer a Antar o que eu padeço.

— Estou cançada de penar; as desgraças me affligem depois que estou longe do leão.

— Um sopro da viração bastava para me tornar doente; vêde o que ora padeço no lastimoso estado a que cheguei.

— A minha paciencia esgota-se; devem estar satisfeitos os meus inimigos. Quanto não hei sido humilhada, depois que perdi o heroe do meu coração!

— Ah! se podeis, levae-me para junto de Antar; só o leão póde proteger a gazella!

— Os meus infortunios fariam chorar as pedras!

Antar não quiz ouvir mais; poz-se logo a caminho, e depois de combates crueis, remiu Abla, e trouxe-a para a tribu.

P. D.

Exposição Agricola.

Sustento dos gados. *

II.

Raizes forrajosas.

Nesta parte, digamol-o com ufania, se a exposição não foi variada e mais numerosa em especies, (como conviria que o fosse), nas amostras das que exhibiu foi comtudo portentosa e admiravel. Só ahi vimos, é verdade, tres variedades de betarraba, e alguns nabos; mas já não eram cabecinhas só com prestimo para alguma conserva; eram raizes avultosas, cujo peso mediu nunca menos de 8 arrateis cada uma; e um nabo havia que pesava 20 arrateis.

Quando por sobre uma meza contemplámos estendal de raizes tão maravilhoso, tivemos um

* Vêde os numeros 2, 3, 4.

contentamento indisivel, e á idéa nos occorreu logo, o sempre famigerado cacho de uvas da terra da *promissão*.

É que essas raizes não são de menos *promissão* para a nossa agricultura; é que já mesmo presentemente a sua exhibição tem, quanto a nós, a alta significação de exprimir talvez para esses que as apresentaram duas coisas: uma é, um melhor processo agricola, a negação do pousio, a agricultura alterna; pois é o pousio que se pode ter convertido nesta cultura, a qual, pelos amanhos e cuidados que pede, deixa a terra, se não feracissima, quiçá menos fraqueira, e sempre melhormente disposta a produzir uma boa novidade de cereal limpo e grado, do que se só de alqueive ficasse; a outra cousa é, significarem essas raizes tambem uma prova de maior interesse e cuidado pelos gados, pois que para seu sustento se cultivaram; e interesse e cuidado é esse, lavradores, que vos locupletará; pois deveis saber, que sem gados, por mais que tresueis, não ha estrume que preste, e sem estrume, toda a terra, boa que seja, se torna sumidouro de vossas forças e cabedaes.

Assim pois, os lavradores que expozeram estas raizes, fizeram, ao que nos parece, um bom serviço á nossa agricultura, e foi, o de prender, pelo vulto dellas, a attenção de outros lavradores, os quaes interrogando os fins e as condições da sua cultura, e orientados e esclarecidos a tal respeito, mais de um a si prometteria imitar tão proveitoso exemplo, e promessa seria essa tanto mais do intimo da alma, quanto sangrava ainda bem viva a ferida fatal da miseria forrajosa que nessa quadra occorria, e que impiedosa victimava o melhor de seus gados.

Póde julgar-se a importancia das raizes forrajosas no progresso da agricultura pelo facto de ser ahi onde esse progresso é bem evidente, o logar tambem onde essa cultura está em maior escala. A inglaterra faz principalmente do cultivo dos nabos ou turnepos o quicio da sua agricultura; ahi por meados do seculo passado começou a pôr um nabal onde havia um *pousio*, e assim foi acabando com esta pratica agricola, que conservava improductivos bons tractos de terra aravel. A França faz o mesmo com a beterraba, a qual, ao dizer de Gasparin, vale mais a este paiz por ir aniquilando o *pousio*, que não só pelo assucar que presta. Escusado é dizer que a Allemanha fez outro tanto; seu progresso agricola o testifica; o pousio vae succumbindo ahi ante as culturas forrajosas em que dominam bastante as raizes em questão e mais algumas outras.

Assim pois introduzir as raizes forrajosas na cultura dos campos, sobre ser um meio de dividir, limpar e até fecundar o terreno em que se cultivam dispondo-o favoravelmente a outras successivas culturas, é tambem um meio azado e vantajosissimo de substituir o *pousio*, de tornar productiva a terra que lhe era inutilmente votada, e que ora assim presta meios do sustento aos gados que devem amanhar as outras terras dos campos, e pelos mesmos gados, estrumes que copiosamente as fertilisam.

É maravilhoso de certo observar como o pousio, cousa inutil e ruinosa até que era, se torna, assim convertido em folha forrajosa, mina abundantissima de que se extrahe uma boa porção de riqueza agraria.

Não cabe aqui agora considerar detidamente o modo como funccionam as culturas forrajosas no progresso da agricultura; isso nos lançaria na importantissima e magna questão dos prados artificiaes, a que mais tarde comtudo viremos, porque ella é a questão de vida para a nossa agricultura ganadeira e cereal, para a obtenção das nossas subsistencias, pão e carne, a bom mercado.

O que nos cumpre e promettemos considerar, é sim, a analyse e qualidades alimentares dessas raizes que se apresentaram na secção sustento dos gados da exposição agricola; é saber principalmente o valôr que ellas podem ter nessa indicação: e isso melhor o não faremos, senão avaliando neste sentido e individualmente, cada uma das especies expostas. Objecto será esse dos subsequentes artigos.

Continúa.

S. B. Lima.

Origem e progresso da fazação, dos instrumentos de limpeza e das alfaias de estrebaria.

(Continuação.)

A precisão do estribo tornou-se desde então imperiosamente urgente. Julga-se que os Kataphractas foram os primeiros que se serviram delle, porque de todos os povos da idade media, com excepção dos byzantinos, parecem ter sido os mais policiados e os mais sollicitos em acceitar as invenções novas que podiam ser-lhes de alguma utilidade. Todavia ha alguem que pensa que a invenção do estribo é devida aos chinezes, e que foram os tartaros que a fizeram conhecida no Occidente, onde egualmente introduziram o uso da aveia e da grama, alimentação ordinaria do cavallo entre os povos nomades. Reforça muito esta opinião o resultado das excavações feitas por ordem do governo russo nas collinas sepulchraes da Asia, onde se encontraram ao lado de esqueletos humanos, ossadas de cavallos, assim como restos de sellas e de estribos: tambem se acharam em alguns destes vastos tumulos, pequenas figuras de bronze ou *buddhas*, idolos da China. Deve-se por tanto crêr, em vista destas descobertas, que todos os objectos supracitados tiram do mesmo modo a sua origem das relações que os tartaros entretiveram com os chinas, aos quaes são tambem devedores do uso das bandeiras. Como quer que seja, não póde negar-se que o estribo seja um invento assaz antigo, e que fôra visto pela primeira vez em todo o Occidente no

*

decimo seculo da nossa era; manuscriptos anglo-saxonios, allemães e francezes desta época encerram desenhos que figuram homens a cavallo, com e sem estribos. Parece que o primeiro povo da Europa que usou do estribo foi o allemão. A etymologia das linguas europeas prova que a palavra estribo não é de origem gauleza, e que a expressão teutonica ou allemã *reiten* (montar a cavallo), não está escripta na lingua franca. Substituiram-n'a outr'ora pelo termo *cavalgar*, ao qual depois antepozeram o montar a cavallo, expressão incompleta, porque não indica senão a primeira parte da acção do homem a cavallo. O estribo foi conhecido na Allemanha antes de o ser em França, como bem o demonstra o vocabulo allemão *steigbügel*, que deriva do proprio uso para o qual se tinha inventado o objecto. O *stirrup* inglez não vem a ser senão a legitima derivação do *stigerapa* dos anglo-saxonios, convertido mais tarde no steigbügel, palavra composta do verbo *steigen*, montar, e do substantivo *bugel*, que significa uma coisa curva. É fóra de duvida que tanto entre os gregos, como entre os romanos, o estribo substituiu o uso menos commodo de montar, pondo o pé sobre uma peça de madeira, que se ajustava para este effeito ao cabo da lança; o que fez egualmente desapparecer a pratica degradante seguida pelos orientaes, que para montar a cavallo faziam de um escravo um escabello. Não nos diz a historia que o proprio imperador romano, Valerio, prisioneiro de Sapor, rei dos parthos, fôra constrangido a prestar este humilhante serviço? Ainda não ha muito tempo que um gran'visir, foi obrigado a ajoelhar sob os pés do sultão, no momento em que este montava a cavallo para ír visitar uma mesquita. Não obstante todas estas vantagens, o estribo, do mesmo modo que um grande numero de invenções uteis, soffreu por largo tempo na Europa uma forte opposição. Muitas gerações, imbuidas por um affêrro exclusivamente feudal, repelliram-n'o com desdem, porque imaginavam comprometter a sua honra e dignidade, se por ventura renunciassem a seus *montadouros*. Os cavalleiros ainda por muitos annos preferiram a caír direitos sobre a sella ao primeiro salto, a assentarem-se nella prosaicamente e de lado, como se fossem saccos de farinha, fazendo depois do ventre uma especie de eixo, sobre o qual giravam até achar o momento favoravel de se escarrancharem, cousa bastante difficil, se se attende a que estavam encerrados na armadura em moda nesses tempos. Hoje o estribo usa-se em toda a parte, exceptuando comtudo na India, os maraths; em Timor, os malaios; na Arabia, os beduinos. Muitos guerreiros da Nubia ainda agora conservam o antigo costume, de que sempre fizeram vangloriosa ostentação, de obrigar os seus bellos cavallos a curvarem-se na sua presença para montarem com mais ligeireza e menos incommodo. Na America, os patagões e os cautmanches tambem se não servem da sella nem dos estribos.

Admira-se nas planicies d'Agra uma estatua equestre de dimensões colossaes, formada de granito vermelho, erecta a Ghisni, na qual o cavallo está munido de freio e de uma sella sem estribos, o que faz suppôr que os musulmanos ainda o não empregavam no oitavo seculo da era christã, época em que effectuaram a conquista da India. Os estribos foram adoptados em toda a Europa no decimo primeiro seculo; consistiam então n'uma simples correia afivelada: algumas tapeçarias de Bayeux no-los representam taes como eram nessa época. Por muitos annos os abyssinios usaram de um estribo em fórma de annel, que tinha tão pouca largura, que só pódia entrar nelle a ponta do pé.

(Continúa.)

Primeira dita e ultimo recurso.

Vêde essa menina: tem dezeseis annos, é bonita, e amada; acaba de receber um annel do seu amante. ¡ Quantas cousas lhe diz esse annel! Quanto lhe promette! Vae a ter vestidos riquissimos, e diamantes, e joias sem conto. Será emfim dona de casa; governará; ira passear reclinada em seu caleche; hão de invejál-a as amigas; receberá duas vezes por semana a mais escolhida companhia da côrte. Que dita! Assistirá a todas as primeiras representações; seu esposo viverá sujeito á sua vontade, escravo dos seus caprichos. Se a estima tanto! A vida para ella é um sonho esplendido; sorrí-lhe a felicidade — agora é lançar-se no futuro.

E lança-se com effeito. Verifica-se o casamento, e vão os esposos para Italia saborear a lua de mel. Decorrem seis mezes, como um só dia. O annel disse a verdade — tudo é risonho e festivo. A joven esposa chega a ser mãe; mais uma felicidade, além das suas mil felicidades. — Mas o horisonte enuvía-se; o marido, mettido em negocios, fez más especulações. A casa resente-se dellas, e a esposa é a primeira a propor o sacrificio do luxo. Que são para ella os bailes, e as festas? Não tem os seus filhos? Não são elles o seu verdadeiro orgulho, a sua alegria? — Despedem-se pois das commodidades; abandonam o palacio em que moravam, e passam a habitar em uma casa modesta. Mas a sorte continúa a ser adversa. O esposo quiz haver de novo a sua fortuna perdida, e depois de luctar desesperádamente, ficou de todo arruinado. A miseria associam-se as doenças: aquelle homem tão querido, morre, e a esposa... fica só com seus filhos no mundo! Nem póde, ao menos, morrer com aquelle, cuja falta lamenta!

O sonho, aquelle bello sonho dos dezeseis annos, desappareceu. Viu-se obrigada a vender o pouco, que lhe restava ainda do seu passado explendor; depois recolheu-se em um casebre miseravel, com os seus dois filhos, com aquelles infelizes que não sabem conhecer ainda toda a extensão da sua desgraça. Luctará contra a ad-

nos, e de espessura pouco mais de uma pollegada.

A este eixo estão unidas e soldadas tres peças de ferro, a distancia umas das outras coisa de meio palmo, tendo cada uma um buraco destinado a receber e deixar passar um espigão ou hâste de ferro que faz parte das *rêlhas*.

As *rêlhas*, ao numero de tres, de fórma triangular, como ferros de engomar, são feitas de aço, concavas pela parte de baixo, ligeiramente convexas pela de cima, donde saem as hastes já ditas, que, passando pelos buracos, de que tambem já fallámos, ahi se atarracham e fixam ao eixo á altura que se quer, por meio de um parafuso de pressão. Nestas hastes, logo por sobre as rêlhas, estão enfiadas umas pequenas orelhas ou azas de ferro a simular de *aivecas*, as quaes ahi se fixam no ponto que se deseja por meio de um parafuso.

Do mesmo eixo e do seu meio sáe o *temão*, que é de madeira; tem de comprido quatro palmos, e está amparado e especado lateralmente por duas vergas de ferro, que, partindo dos extremos do dito eixo, vem obliquamente a prender a parte dianteira do temão. Nesta parte, está posta uma *roda* que se lhe segura por uma haste que atravessa, e é atarrachada n'um buraco ahi praticado; a qual roda ao mesmo tempo que dá mais apoio e segurança ao instrumento e facilita o seu movimento, serve tambem de *regulador* da direcção, mais ou menos obliqua, com que as rêlhas devem enterrar e lavrar no solo, conforme a altura a que se atarrache a haste de ferro. O temão termina por um annel de ferro, no qual está um gancho por onde puxa convenientemente apparelhado um animal de tiro.

Tambem dos extremos do eixo partem duas rabiças de ferro terminadas por cabos de pau, tendo cada uma, no ponto fronteiro ao bordo das rodas, uma aza ou raspadeira, que váe raspando toda a terra que se fôr apegando ás ditas rodas no seu movimento.

Afóra o que hemos notado havia mais, pertencente ao mesmo instrumento, tres dentes de ferro ou especies de *segas*, destinadas a substituir as rêlhas quando se queira fazer delle um *escarificador*.

Eis-ahi pois a descripção do instrumento tal

ville (França), e da qual o sr. doutor Grande dá noticia no seu Manual do Cultivador; é instrumento, que sabendo intelligente e opportunamente empregal-o, sacha por dia geira e meia de seara, occupando um só homem e um só cavallo; está nisto todo o seu elogio.

Póde tambem, o instrumento que descrevemos, ser empregado como *extirpador*, porque tem todas as peças deste; isto é, um certo numero de *rêlhas* pequenas cortantes, que rompem e dividem a terra, misturando-a sem a revirar; e por tanto póde servir para os casos em que o *extirpador* está indicado, como são: nas lavras de alqueive e de divisão que dispõem a terra a receber a semente; na primeira lavra preparatoria logo sobre a colheita; e mesmo até póde substituir a charrua na lavoura das terras leves, etc., etc.

Para ter do instrumento em questão um *escarificador*, não ha mais que tirar as *rêlhas* e pôr em seu logar os dentes de ferro ou *segas*, como já dissemos. A extensão porém que leva já esta noticia, não nos permitte entrar em grandes considerações ácerca do trabalho dos *escarificadores*, que, em geral, sarjando e recortando a terra profundamente sem a revolver, são efficacissimos para mutilar e destruir as hervas adventicias, e daninhas que infestam e pauperisam o solo; podendo até substituir — diz-se — como muita economia o arado, nas terras bem fabricadas por lavouras e amanhos antigos.

Assim pois, uma vez que o instrumento que descrevemos, é de tal sorte construido que se presta a todas essas funcções que hêmos assignalado, julgâmos por isso que deve merecer especial attenção a nossos lavradores, ganhando estes talvez bastante em ensaial-o nos diversos casos que apontâmos. Agora mesmo nos constou, que este instrumento e mais alguns de que ainda havemos de dar noticia, foram experimentados em seu trabalho, nas terras da Tapada Real da Ajuda, pelo jury dos instrumentos e machinas da exposição agricola.

As columnas da *Revista* estão sempre promptas a receber qualquer communicado a tal respeito, como o *Centro Commercial* o está, para mandar fabricar, o mais favoravel que fôr possivel, este e outros instrumentos de lavoura, que por ventura possam interessar á nossa agricultura.

Processo para preparar as pelles sem necessidade de cortil-as.

A pelle fresca, quer dizer, tal como se apresenta depois de esfolado o animal, e que se chama então couro verde, ou se emprega como cobertura para resguardar certos productos que hão de atravessar o mar, ou se adapta sobre um corpo duro como uma caixa, uma mala, um babú, etc.; porém nunca serve sem ser previamente cortida; tambem nunca, apesar das diversas preparações que se lhe faz soffrer, quer antes, quer depois do cortimento, se conseguiu reduzil-a a um corpo resistente que podesse receber toda a especie de fórmas e accommodar-se por consequencia a toda a sorte de usos.

O processo que vai indicar-se applicado á pelle, logo que se tira ao animal, torna-a propria para uma multidão de usos que seria longo enumerar. Diremos só que quem determina o seu emprego são os moldes, fôrmas, etc. que tiverem servido para confeccionar os objectos durante o tempo da preparação.

Põe-se a pelle de môlho em agua fria, ou melhor, para accelerar o resultado, em agua quente, e deixa-se estar até que amolleça completamente.

Tira-se então da agua e colloca-se sobre um molde, uma fôrma, ou se estende sobre uma taboa ou outro qualquer corpo duro, que tenha a fórma que se pretende dar ao bocado de pelle; a sua macieza, neste estado, permitte que se aproveite a elasticidade de que é dotada naturalmente para se lhe dar mais extensão. Se são dois, tres ou mais bocados, unem-se entre si por meio de uma costura, ou com pregos, e fixam-se da mesma maneira as extremidades, que tambem podem segurar-se com fios de barbante; emfim nestas circumstancias applicam-se os processos conhecidos para impedir um corpo molhado de soffrer o effeito da contracção.

Quanto á reunião dos mesmos bocados, quando a pelle está secca, faz-se por meio do grude como se fossem peças de madeira.

Quando se queira que a pelle fique bem liza e muito egual, conseguintemente despojada do pello que a cobre, basta sujeital-a a algum dos meios usados, para se alcançar similhante fim.

Postas assim as pelles sobre as fôrmas, moldes, etc., submettem-se á desseccação, que se obterá pelo meio ordinario ou pela acção do calor concentrado, o da estufa por exemplo.

Logo que a pelle tenha perdido pela evaporação toda a sua humidade, separar-se-ha das partes a que se tiver ligado.

No caso em que se tenha, anteriormente á desseccação, privado a pelle dos pellos, póde-se, segundo o emprego para que se destina, tornal-a impermeavel por meio de alguns dos differentes indutos que costumam applicar-se sobre os pannos, couros e madeiras macias com o fim de os fazer impermeaveis. O induto póde ser o breu associado á resina e á cêra amarella em partes eguaes.

A este induto impenetravel pode-se juntar a côr que se quizer, ou applicar esta mesma côr antes do composto, segundo o uso a que se destina a pelle preparada deste modo, que fica assim menos espesso.

Em todos os casos, o processo que vimos de descrever torna a pelle mais rija do que a ma-

deira, não a queima nem a altera o cortimento, não fica fragil como os couros fervidos, por isso que conserva a homogeneidade de suas partes constitutivas; emfim a leveza extraordinaria fál-a preferivel á madeira, ao cartão e a outras muitas materias que ella substitue com grande vantagem.

Egualmente se póde envernizar sem composto e sem côr uma ou ambas as suas faces, assim como é possivel applicar-se o composto impermeavel sobre as duas faces ou só sobre uma, segundo o emprego que se deseja fazer da pelle: de resto o verniz póde ser de qualquer côr.

O merecimento deste processo consiste em empregar a pelle natural, tal como se separa do bruto, sem ser preciso cortil-a nem alteral-a, (como se pratica nos processos ordinarios que as mais das vezes modificam-lhe a essencia), tornando-a prestavel para a confecção de qualquer objecto, e para dar mais consistencia a certas materias e forrar outras, que servem para preservar da agua e da humidade muitas cousas que são de immensa utilidade ao homem.

Offerta do presidente da republica franceza a Lord Granville.

Lord Granville, o mesmo que substituiu lord Palmerston no ministerio dos negocios estrangeiros, e que agora saiu do governo com a exaltação dos torys, foi presenteado pelo presidente da republica franceza, em reconhecimento do interesse testemunhado pelo dito lord aos expositores francezes por occasião da passada exposição universal, com um magnifico cofre enriquecido de quadros primorosamente pintados em porcelana de Sevres. Estes quadros são em numero de nove, e representam as passagens mais interessantes da vida de Rubens. — Rubens, como se sabe, não foi sómente um grande pintor, mas tambem um homem de estado eminente. A Hespanha o enviou á Inglaterra na qualidade de seu embaixador para negociar e concluir a paz entre as duas nações, o que soube desempenhar com magistral diplomacia e plena satisfação de ambas as partes. O quadro da tampa, o maior de todos, representa Rubens introduzindo o retrato de Maria de Médicis no painel da apotheose de Henrique IV. A rainha em uma das sessões que dá ao artista apresenta-lhe as mais bellas damas da sua côrte, entre outras a princeza de Guénemée: «Conheceis esta senhora? lhe diz a rainha. — Não tenho essa honra, lhe responde Rubens, mas conheço a reputação da formosura da senhora de Guénemée, e não póde ser outra senão ella.»

As outras oito placas são mais pequenas, e ornam os quatros lados do cofre.

Todas são do pincel de M. T. Fragonard, e haviam sido premiadas com uma medalha de oiro de primeira classe.

NECROLOGIO.

Na flôr dos annos — na primavera da vida — no florir de uma existencia innocente, quando apenas havia contado vinte e seis annos de edade.... foi Deos servido, no dia 10 de março do corrente anno, levar para o seu seio o sr. José Severiano da Silva; artista typographico da Imprensa Nacional.

Que havemos de dizer delle?... Tudo está dito, apenas se lêr o seu nome.

Ainda com as lagrymas nos olhos... ainda soluçando, com a idéa de que deixou de existir um bom amigo, um bom collega, e um bom filho... ainda com a dôr no coração, e o sentimento na alma, falta-nos a coragem para escrever estas duas regras, em memoria daquelle infeliz e tão chorado companheiro, porque as forças nos fallecem, porque a penna nos cáe da mão!!... Serão fracas as expressões na verdade, mas são o testemunho infallivel de uma affeição nunca desmentida.

Que havemos de dizer delle?... Que foi bom amigo? Todos os que tiveram a fortuna de o conhecer, comprovarão o que deixâmos dito. Que foi bom collega? Aquelles que a seu lado trabalharam, o poderão dizer. Que foi bom filho? Que o diga a inconsolavel familia... que o diga o mais extremoso dos paes, que, enfermo tambem como elle, lhe prodigalisava os mais excessivos cuidados... Elle que, com um braço no sepulchro, lhe estendia o outro para o abraçar!... que lhe consagrava a mais profunda amizade, porque era a unica esperança que lhe restava desta vida, da qual já não fazia parte, porque Deos lhe havia roubado o que nós tanto prezâmos, a luz... Era a unica arvore de que esperava colher fructos para si, e para sua carinhosa familia — e quantos não havia já elle colhido?... que o amava, como o primeiro homem amou a primeira mulher, como Moysés amou o povo do Senhor. Era o seu paraiso, o seu céo, a sua ventura. Elle o consolava nas suas maiores afflicções, elle o abraçava na hora extrema dos seus padecimentos!!...

Bem cedo veiu a morte ceifar da terra aquella planta tão viçosa e florescente!... Bem cedo Deos o quiz chamar á sua presença, para não partilhar dos enganos e intrigas que nesta terra abundam!...

Era ainda bem joven, quando o sr. José Severiano da Silva mostrou bastante gosto pelas artes, dedicando-se, no anno de 1839, á classe de typographo. Foi desde então que o seu genio fecundo começou a desenvolver-se, e a fazer rapidos progressos, chegando a ser um dos ornamentos, que tanto acreditam a Imprensa Nacional.

Foi no anno de 1848, que o sr. Severiano principiou a soffrer bastante; e o que mais contribuiu para se aggravar o seu padecimento, foi elle ser de uma constituição mui debil, não obstante os esforços empregados pela medicina, e, com especialidade, os desvélos que lhe prodigalisou o seu facultativo assistente, o ill.mo sr. Bernardino Augusto da Silva Heitor.

Pouco tempo depois se declarou a doença em thysica pulmonar. Foi como um arbustosinho, que, apenas saído da terra, fraco e debil, a pouco e pouco foi seccando, até que o tempo o derribou!... Resignado soffreu tudo, até ao momento em que o Altissimo entendeu que devia separal-o deste mundo, para habitar um outro mais tranquillo, mais suave, e longe das illusões, [illegible] por matar o corpo, e acabam por [illegible] a alma. Aquelle caminho que todos nós de[illegible] trilhar uns a[illegible]tros, já o sr Severia[illegible]

Os seus [illegible]gos e companheiros de trabalho foram-lhe votar o ultimo adeos á sepultura, acompanhando-o ao cemiterio dos Prazeres. Ahi, debaixo da lousa, que o cobre, descança n'um somno bem profundo. Encerra a campa uma sombra do que foi: um marmore sem vida, um coração sem calor algum. Foi um acto aquelle, que ficará gravado, com caracteres indeleveis, no coração de todos aquelles que, como nós, tanto sentem a falta de um amigo—um acto de verdadeira consternação ao recordar-nos que para sempre desappareceu aquelle que tanto estimavamos.

A Imprensa Nacional, como já dissemos, ficou sem um perito artista. Á patria foi roubado um cidadão livre. Os seus collegas perderam um companheiro, sincero e leal, dotado de todas as virtudes e qualidades que tanto caracterisam o homem de bem. A sua familia, essa perdeu mais do que todos... perdeu o seu maior amparo, a sua esperança unica. E nós? perdemos um amigo que tanto amavamos, que bem sabia elle em que conta tinhamos as suas virtudes, que tantas vezes nos instigaram talvez a praticar o bem.

Nós que, votados ao trabalho, amâmos o artista não só pelo espirito da classe, a que nos honrâmos de pertencer, mas porque é no artista, sem duvida, que descança o alicerce da regeneração social, traçámos aqui estas linhas, que attestem, que a sociedade acaba de perder um operario da grande obra, um apostolo incançavel da cruzada do trabalho.

A terra lhe seja tão leve, como eterna será a saudade que sobre ella deixa.

Março 14 de 1852.

J. P. Mondon-Maryn. — Operario.

Theatro de S. Carlos.

Na quinta feira (18), vieram — *I Falsi monetari* dar tregoas á *Parisina*. A sr.ª Sannazzari, restabelecida felizmente do incommodo, que soffreu por espaço de quasi um mez, foi saudada por uma bateria de verdadeiros e sinceros applausos, logo que appareceu em scena. Esta lisongeira demonstração, prova altamente em quanto conceito e em quanta estima o publico tem a simpathica e intelligentissima artista.

Chegou já a Lisboa o sr. Antonio Rossetti, escripturado como 1.º *tenor absoluto*. Diz-se que debutará na *Gemma*.

Corre como certo, que será definitivamente adjudicada a empresa de S. Carlos ao sr. Domingos José Marques Guimarães, negociante estabelecido em Lisboa, e *signatario* de uma proposta, que se diz conter condições tão brilhantes e de tal interesse para o publico, como ninguem ousaria esperar, em vista dos lamentos e queixumes de todas as empresas passadas e pres[illegible]!

Noticias Diversas.

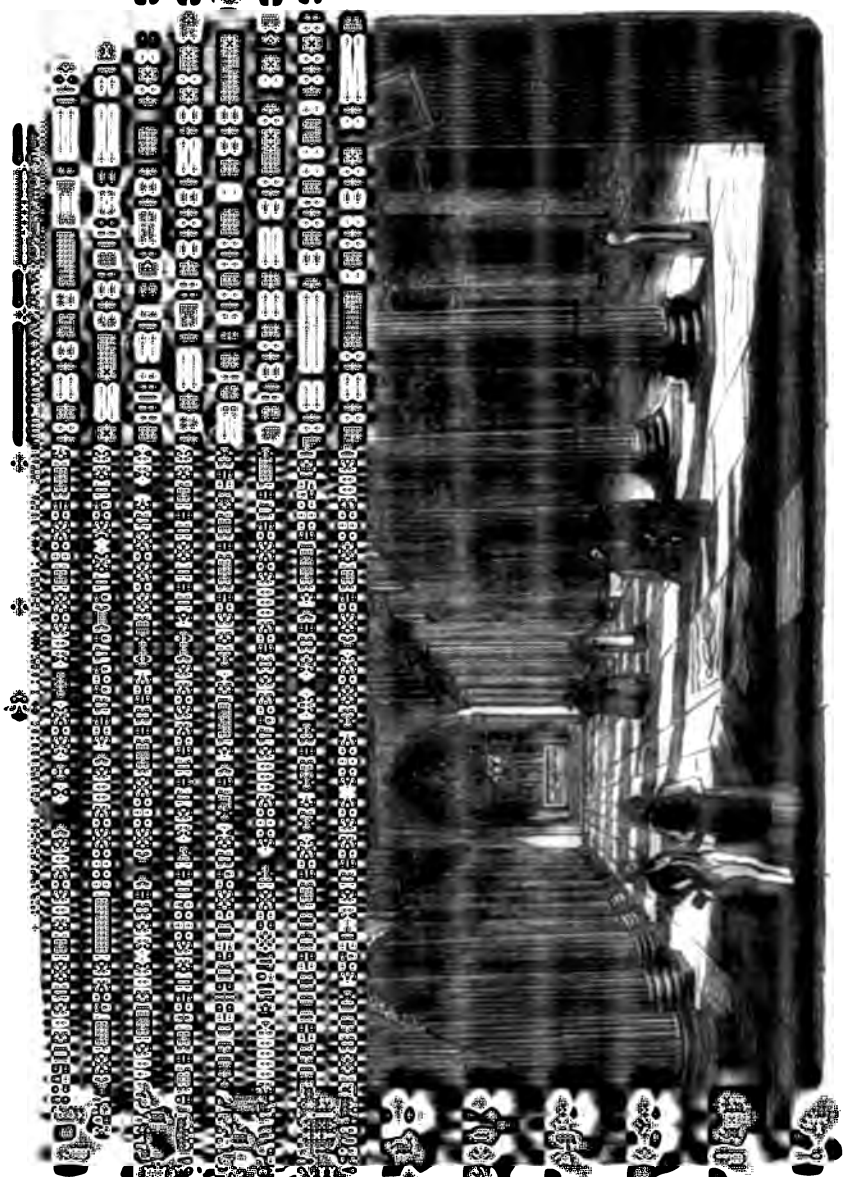
Gutta-percha. — Acaba de ser inventado por Trueman um processo para preparar a gutta-percha, de modo que possa adherir firmemente á peça metallica, que serve para suster os dentes artificiaes, e preserval-os da fricção da lingua, o que deve ser de bastante interesse para muitas pessoas. Por este methodo evita-se o volume e o pêso do apparelho metallico, de que se usa, e os desagradaveis effeitos da pressão do metal sobre as gengivas; a gutta-percha admittindo pela sua natureza elastica um contacto mais intimo com ellas, sem os inconvenientes do metal. A substancia fica, além disso, arranjada de fórma que imita completamente a côr natural das gengivas. A invenção é simples e tem satisfeito perfeitamente ao fim.

Telegraphos nos Estados-Unidos. — Segundo *Commonawealth*, ha já nos Estados-Unidos e no Canadá, mais de 12.000 milhas de fio electro-telegraphico, que involve um capital de mais de 3.000,000 de dollars. Para fazer funccionar todas estas linhas dispendem-se annualmente 720 toneladas de zinco, que custam 57.600 dollars: mais de 1.000,000 de arrateis de acido nitrico, que custam 117·800 dollars: e 27.000 dollars de mercurio, além de um consideravel valor em acido sulphurico; etc. Na linha só de Pittisburgh a Cincinnati, no anno de 1850 transmittiram-se 364.559 communicações pagas, que produziram um rendimento de 73.278 dollars.

Catalepsia. — Os jornaes de medicina francezes, referem um caso de catalepsía bem singular, succedido em uma mulher. Esteve esta em lethargia desde as cinco horas da manhãa do dia 24 de dezembro e sem movimento até ao dia 27 ás duas horas depois do meio dia; só então pôde articular alguns sons. Não perdeu o sentimento e ouviu tudo o que se dizia em todo o tempo que durou a crise.

ria
He-
nu-
ris-

tianismo. Consta de uma espaçosa basilica, dividida em cinco naves, separadas por filas de bellas columnas de marmore de ordem corinthia todas as nações christãs lhe tem feito doações.



Egreja de Santa Maria de Bethlem.

ville (França), e da qual o sr. doutor Grande dá noticia no seu Manual do Cultivador; é instrumento, que sabendo intelligente e opportunamente empregal-o, sacha por dia geira e meia de seara, occupando um só homem e um só cavallo; está nisto todo o seu elogio.

Póde tambem, o instrumento que descrevemos, ser empregado como *extirpador*, porque tem todas as peças deste; isto é, um certo numero de *rêlhas* pequenas cortantes, que rompem e dividem a terra, misturando-a sem a revirar; e por tanto póde servir para os casos em que o *extirpador* está indicado, como são: nas lavras de alqueive e de divisão que dispõem a terra a receber a semente; na primeira lavra preparatoria logo sobre a colheita; e mesmo até póde substituir a charrua na lavoura das terras leves, etc., etc.

Para ter do instrumento em questão um *escarificador*, não ha mais que tirar as *rêlhas* e pôr em seu logar os dentes de ferro ou *segas*, como já dissemos. A extensão porém que leva já esta noticia, não nos permitte entrar em grandes considerações ácerca do trabalho dos *escarificadores*, que, em geral, sarjando e recortando a terra profundamente sem a revolver, são efficacissimos para mutilar e destruir as hervas adventicias, e daninhas que infestam e pauperisam o solo; podendo até substituir — diz-se — como muita economia o arado, nas terras bem fabricadas por lavouras e amanhos antigos.

Assim pois, uma vez que o instrumento que descrevemos, é de tal sorte construido que se presta a todas essas funcções que hêmos assignalado, julgâmos por isso que deve merecer especial attenção a nossos lavradores, ganhando estes talvez bastante em ensaial-o nos diversos casos que apontâmos. Agora mesmo nos constou, que este instrumento e mais alguns de que ainda havemos de dar noticia, foram experimentados em seu trabalho, nas terras da Tapada Real da Ajuda, pelo jury dos instrumentos e machinas da exposição agricola.

As columnas da *Revista* estão sempre promptas a receber qualquer communicado a tal respeito, como o *Centro Commercial* o está, para mandar fabricar, o mais favoravel que fôr possivel, este e outros instrumentos de lavoura, que por ventura possam interessar á nossa agricultura.

Processo para preparar as pelles sem necessidade de cortil-as.

A pelle fresca, quer dizer, tal como se apresenta depois de esfolado o animal, e que se chama então couro verde, ou se emprega como cobertura para resguardar certos productos que hão de atravessar o mar, ou se adapta sobre um corpo duro como uma caixa, uma mala, um baú, etc.; porém nunca serve sem ser previamente cortida; tambem nunca, apesar das diversas preparações que se lhe faz soffrer, quer antes, quer depois do cortimento, se conseguiu reduzil-a a um corpo resistente que podesse receber toda a especie de fórmas e accommodar-se por consequencia a toda a sorte de usos.

O processo que vai indicar-se applicado á pelle, logo que se tira ao animal, torna-a propria para uma multidão de usos que seria longo enumerar. Diremos só que quem determina o seu emprego são os moldes, fórmas, etc. que tiverem servido para confeccionar os objectos durante o tempo da preparação.

Põe-se a pelle de môlho em agua fria, ou melhor, para accelerar o resultado, em agua quente, e deixa-se estar até que amolleça completamente.

Tira-se então da agua e colloca-se sobre um molde, uma fórma, ou se estende sobre uma taboa ou outro qualquer corpo duro, que tenha a fórma que se pretende dar ao bocado de pelle; a sua macieza, neste estado, permitte que se aproveite a elasticidade de que é dotada naturalmente para se lhe dar mais extensão. Se são dois, tres ou mais bocados, unem-se entre si por meio de uma costura, ou com pregos, e fixam-se da mesma maneira as extremidades, que tambem podem segurar-se com fios de barbante; emfim nestas circumstancias applicam-se os processos conhecidos para impedir um corpo molhado de soffrer o effeito da contracção.

Quanto á reunião dos mesmos bocados, quando a pelle está secca, faz-se por meio do grude como se fossem peças de madeira.

Quando se queira que a pelle fique bem liza e muito egual, conseguintemente despojada do pello que a cobre, basta sujeital-a a algum dos meios usados para se alcançar similhante fim.

Postas assim as pelles sobre as fórmas, moldes, etc., submettem-se á desseccação, que se obterá pelo meio ordinario ou pela acção do calor concentrado, o da estufa por exemplo.

Logo que a pelle tenha perdido pela evaporação toda a sua humidade, separar-se-ha das partes a que se tiver ligado.

No caso em que se tenha, anteriormente á desseccação, privado a pelle dos pellos, póde-se, segundo o emprego para que se destina, tornal-a impermeavel por meio de alguns dos differentes indutos que costumam applicar-se sobre os pannos, couros e madeiras macias com o fim de os fazer impermeaveis. O induto póde ser o breu associado á resina e á cêra amarella em partes eguaes.

A este induto impenetravel pode-se juntar a côr que se quizer, ou applicar esta mesma côr antes do composto, segundo o uso a que se destina a pelle preparada deste modo, que fica assim menos espesso.

Em todos os casos, o processo que vimos de descrever torna a pelle mais rija do que a ma-

deira, não a queima nem a altera o cortimento, não fica fragil como os couros fervidos, por isso que conserva a homogeneidade de suas partes constitutivas; emfim a leveza extraordinaria fál-a preferivel á madeira, ao cartão e a outras muitas materias que ella substitue com grande vantagem.

Egualmente se póde envernizar sem composto e sem côr uma ou ambas as suas faces, assim como é possivel applicar-se o composto impermeavel sobre as duas faces ou só sobre uma, segundo o emprego que se deseja fazer da pelle: de resto o verniz póde ser de qualquer côr.

O merecimento deste processo consiste em empregar a pelle natural, tal como se separa do bruto, sem ser preciso cortil-a nem alteral-a, (como se pratica nos processos ordinarios que as mais das vezes modificam-lhe a essencia), tornando-a prestavel para a confecção de qualquer objecto, e para dar mais consistencia a certas materias e forrar outras, que servem para preservar da agua e da humidade muitas cousas que são de immensa utilidade ao homem.

Offerta do presidente da republica franceza a Lord Granville.

Lord Granville, o mesmo que substituiu lord Palmerston no ministerio dos negocios estrangeiros, e que agora saiu do governo com a exaltação dos torys, foi presenteado pelo presidente da republica franceza, em reconhecimento do interesse testemunhado pelo dito lord aos expositores francezes por occasião da passada exposição universal, com um magnifico cofre enriquecido de quadros primorosamente pintados em porcelana de Sevres. Estes quadros são em numero de nove, e representam as passagens mais interessantes da vida de Rubens. — Rubens, como se sabe, não foi sómente um grande pintor, mas tambem um homem de estado eminente. A Hespanha o enviou á Inglaterra na qualidade de seu embaixador para negociar e concluir a paz entre as duas nações, o que soube desempenhar com magistral diplomacia e plena satisfação de ambas as partes. O quadro da tampa, o maior de todos, representa Rubens introduzindo o retrato de Maria de Médicis no painel da apotheose de Henrique IV. A rainha em uma das sessões que dá ao artista apresenta-lhe as mais bellas damas da sua côrte, entre outras a princeza de Guénemée: «Conheceis esta senhora? lhe diz a rainha. — Não tenho essa honra, lhe responde Rubens, mas conheço a reputação da formosura da senhora de Guénemée, e não póde ser outra senão ella.»

As outras oito placas são mais pequenas, e ornam os quatros lados do cofre.

Todas são do pincel de M. T. Fragonard, e haviam sido premiadas com uma medalha de oiro de primeira classe.

NECROLOGIO.

Na flôr dos annos — na primavera da vida — no florir de uma existencia innocente, quando apenas havia contado vinte e seis annos de edade.... foi Deos servido, no dia 10 de março do corrente anno, levar para o seu seio o sr. José Severiano da Silva; artista typographico da Imprensa Nacional.

Que havemos de dizer delle?... Tudo está dito, apenas se lêr o seu nome.

Ainda com as lagrymas nos olhos... ainda soluçando, com a idéa de que deixou de existir um bom amigo, um bom collega, e um bom filho... ainda com a dôr no coração, e o sentimento na alma, falta-nos a coragem para escrever estas duas regras, em memoria daquelle infeliz e tão chorado companheiro, porque as forças nos fallecem, porque a penna nos cáe da mão!!... Serão fracas as expressões na verdade, mas são o testemunho infallivel de uma affeição nunca desmentida.

Que havemos de dizer delle?... Que foi bom amigo? Todos os que tiveram a fortuna de o conhecer, comprovarão o que deixâmos dito. Que foi bom collega? Aquelles que a seu lado trabalharam, o poderão dizer. Que foi bom filho? Que o diga a inconsolavel familia... que o diga o mais extremoso dos paes, que, enfermo tambem como elle, lhe prodigalisava os mais excessivos cuidados... Elle que, com um braço no sepulchro, lhe estendia o outro para o abraçar!... que lhe consagrava a mais profunda amizade, porque era a unica esperança que lhe restava desta vida, da qual já não fazia parte, porque Deos lhe havia roubado o que nós tanto prezâmos, a luz... Era a unica arvore de que esperava colher fructos para si, e para sua carinhosa familia — e quantos não havia já elle colhido?... que o amava, como o primeiro homem amou a primeira mulher, como Moysés amou o povo do Senhor. Era o seu paraiso, o seu céo, a sua ventura. Elle o consolava nas suas maiores afflicções, elle o abraçava na hora extrema dos seus padecimentos!!...

Bem cedo veiu a morte ceifar da terra aquella planta tão viçosa e florescente!... Bem cedo Deos o quiz chamar á sua presença, para não partilhar dos enganos e intrigas que nesta terra abundam!...

Era ainda bem joven, quando o sr. José Severiano da Silva mostrou bastante gosto pelas artes, dedicando-se, no anno de 1839, á classe de typographo. Foi desde então que o seu genio fecundo começou a desenvolver-se, e a fazer rapidos progressos, chegando a ser um dos ornamentos, que tanto acreditam a Imprensa Nacional.

bert, de Voltaire e Rousseau, porque lhes não é dado reconhecerem a necessidade que o homem tinha de se elevar até á altura dos principios para os avaliar em toda a sua extensão, sem que o dogma lhe obstasse, e sem se repetirem as scenas deploraveis de que Newton fôra o protogonista.

Comtudo, se a sciencia parecia ameaçar a Divindade quando era formulada na expressão mais ou menos medida dos encyclopedistas, a mesma sciencia, solctrada no grande livro da natureza, devia dahi a pouco exalçar triumphante o principio religioso provando ao homem a existencia de Deus, que se lhe revela na harmonia de todas as partes do universo, nas leis admiraveis que o regem, e nos gozos ineffaveis que lhe estavam preparados para quando elle soubesse ou quizesse aproveital-os.

O primeiro passo estava dado pelos metaphysicos; aos naturalistas cumpria continuarem a obra. Assim aconteceu.

O desenvolvimento das sciencias naturaes é de tão recente data, as maravilhas que ellas nos patenteam tantas e tao grandes, os trabalhos dos naturalistas de uma tal transcendencia, que a geração presente, que os admira cheia de enthusiasmo, e faz delles contínua applicação, já não póde devidamente aprecial-os.

É porque a sociedade hoje transforma-se como uma chrysalida, e obedece a um impulso que se não sabe até onde a levará.

Hoje a sciencia não póde, como no tempo de Aristoteles e de Homero, de Hippocrates e de Pythagoras, resumir-se n'um individuo. Quem poderá hoje dizer: a botanica cifra-se em Linneo, em Jussieu, em Meisner, em De Candolle; a physica em Arago ou em Gay-Lussac; a astronomia em Leverrier; a zoologia em Cuvier ou em Lamarch; a chimica em Dumas ou Liebig, se as sciencias tem adquirido uma extensão assustadora, e os sabios se contam por milhares?

E qual será a nação que, á vista do grandioso espectaculo que as sciencias apresentam, em frente de um tão pasmoso movimento, cerre os olhos, incline a fronte, e se deixe ficar indifferente, sem querer ao menos partilhar os gozos a que todos os homens aspiram, devorando impassivel uma longa agonia, e soffrendo resignada que lhe chamem barbara? É Portugal.

Nós hoje, dizemol-o com pezar, antes que peze a algum *sabio in partibus infidelium*, estamos tão longe de commungar com as outras nações da Europa, como a rã de Phedro de assumir as dimensões do boi corpulento, que lhe excitou a inveja. Em Portugal, disse ha poucos dias um dos mais talentosos mancebos da época, não ha sciencia progressiva, ha estudo apenas e imitação. Mas note-se que esses que em Portugal estudam e imitam, são uma dóse infinitesimal da familia portugueza. Separai os talentos privilegiados, alguns centenares de homens lidos, alguns engenhos mais ou menos felizes, e não lobrigareis nem sequer uma cabeça que valha o que representa; e comtudo nessa immensa cohorte de gente ignorante, de mediocridades pretenciosas e de intelligencias estereis, nem Gall nem Camper veriam o rebotalho da especie humana. É porque na nossa terra não se cura de instruir o povo, de o educar, de diffundir a sciencia por todas as classes, e de a proporcionar a todas as edades e condições sociaes, como o mais poderoso meio de civilisação. É porque a mocidade inexperiente, não achando, na edade em que as paixões lhe refervem vehementes no coração, e em que se decide o futuro do homem, nem mestres nem livros, nem escólas, nem sequer estabelecimentos em que a sciencia seja uma cousa visivel, palpavel, amena, que entre pelos olhos, pelos ouvidos, por todos os póros do corpo, sem o apparato de uma technologia horripilante, e os detalhes fastidiosos de uma erudição fofa, troca os prazeres da sciencia pelos gozos materiaes, e contenta-se de tudo ignorar, ou de apascentar o espirito nas paginas de algum romance deslavado de Paulo de Kock.

Continúa.

João José de Souza Telles.

Novo achado para a archeologia.

Foram encontradas em Saint-Marcel, pequena cidade da edade media, situada no logar da antiga cidade de Argantomagus, a um kilometro de Argenton-sur-Creuse, tres pequenas moedas de bronze do tempo do imperador Galliano, e uma medalha — offerecendo pelo direito, a effigie de Salomina, sua mulher, com os cabellos artisticamente entrançados, de maneira a imitar os sulcos de um campo arado, e ornados com espigas de trigo em feição de diadema. Este achado faz recordar a curiosa anecdota que conta Trebelius Pollião, da qual se vê que, se a civilisação actual leva grande dianteira á daquellas remotas eras, aquelle monarcha sabia, nas occasiões, com tanta indulgencia como espirito, fazer triumphar os direitos imprescriptiveis da humanidade. Salomina era formosa; e quando mesmo a medalha não trouxesse a sua effigie, os nomes de *Venus Felix*, *Venus Genitrix*, *Venus Victrix*, que se lhe lêem no reverso, bastariam para confirmar este ponto da historia. Galliano adorava sua esposa. N'um dia, um lapidario ousou vender á imperatriz pedras de vidro por pedras finas. O desastrado esquecêra que o mortal, o mais velhaco, debalde procurará lograr os deuses. Assim, mal Salomina correu a vista pelas fingidas joias, para logo advinhou a fraude, e n'um momento de justa indignação, esquecendo que a clemencia é a mais bella prerogativa dos deuses, correu aos aposentos do imperador a exigir-lhe para o impostor uma vingança terrivel.

— Sim, diz-lhe o imperador, a vossa supplica vem muito a proposito, pois que acabo de receber um leão do Atlas, que ámanhã será mostrado no amphitheatro ao povo, sem se lhe haver dado de comer.

—Elle estará sem comer? interrompe Salomina fremente de raiva, fixando em Galliano seus grandes olhos muito abertos.

—Sim, continuou o imperador; e mandando vir á sua presença o official da guarda pretoriana, deu-lhe em voz baixa ordens secretas.

No outro dia de manhã, á hora marcada para o espectaculo, o amphitheatro estava apinhado de expectadores. As *caveae* estrugiam com os medonhos rugidos do leão africano. A multidão delirante gritava que um lapidario ía ser lançado á féra por haver enganado a imperatriz. Ao som pungente da trombeta, os clamores cessam; era o signal de irem principiar os martyrios.

A porta de uma *caveae* se abre, um homem pallido como um cadaver, estendendo as mãos supplicantes para a tribuna imperial *(podium)*, deixa-se arrastar para a arena. Os rugidos do leão redobram, o desgraçado lapidario cáe de joelhos, pendida a cabeça sobre o peito e as mãos diante dos olhos; momento de anxiedade terrivel.

Da *caveae* proxima salta para a praça um animal espantado.

Era um capão!! As gargalhadas de uma parte da multidão restituem pouco a pouco a esperança ao lapidario; arrisca-se a entre-abrir os olhos; respira.

Então os guardas proclamam á multidão surpresa e descontente, que o impostor havia sido punido com uma impostura similhante á que houvera intentado. Salomina já apaziguada estende a mão a Galliano e lhe agradece a lição.

Do emprego do peixe para estrumar as terras.

O peixe é um optimo estrume. Os indios d'America septentrional estrumam as terras fracas, ou as que se pauperisam pelas culturas esterilisantes, com um peixe a que dão o nome de *atole*. Este peixe aduba, aquece e fertilisa o tracto de terra no qual se semeou milho, e este rende o dobro do que é semeado em boa terra. Noutras localidades empregam-se com bastante successo a cabeça e os intestinos do badejo. Os cultivadores de Santo Isidoro, proximo a Buenos-Ayres, ha muito tempo que costumam estrumar as suas terras com o peixe que os pescadores abandonam nas margens do Rio da Prata, ou com aquelle que o mar para alli arroja nas occasiões de temporal.

Todos estes factos não tem necessidade de explicação. Sabe-se qual é a virtude fertilisante dos corpos organicos em decomposição. O que realmente custa a explicar é o vêr perder nos logares onde se prepara a sardinha, o bacalhau, o atum etc., o peixe que ordinariamente se desperdiça e inutilisa em tal amanho, como succede entre nós em muitas partes do littoral do Algarve e n'algumas das nossas costas.

Lembra-nos ouvir dizer, ainda ha bem pouco tempo, por occasião de affluir ás nossas praias uma quantidade prodigiosa de sardinha, que nas proximidades da Figueira, principalmente, se enterraram pilhas e pilhas dellas. Valia bem a pena que se aproveitasse, porque o seu valor como estrume compensaria com usura os gastos que se fizessem para a utilisar.

Extincção dos incendios pelo vapor da agua.

A proposito da infausta nova do incendio do paquete Amazona dirige M. Fourneyron uma carta á academia das sciencias de Paris, estranhando não haver lembrado ao capitão inglez, que tinha proximo do mal um remedio seguro, qual era, dirigir sobre o ponto incendiado, afim de abafar o incendio, uma corrente do mesmo vapor de agua gerado na caldeira. De feito, a combustão sendo só possivel n'um meio em que haja oxigenio, como o ar athmospherico por exemplo, basta para a extinguir circumscrevêl-a n'um meio privado deste agente. Ora o vapôr da agua preenche tanto melhor este fim, quanto é elle um fluido elastico que se insinua facilmente por qualquer parte, expulsando todo o ar que por ventura ahi exista.

O que M. Fourneyron lembra, para atalhar os incendios das barcas de vapor, póde ter applicação para eguaes sinistros nas fabricas em que haja tambem o vapor da agua por motor.

Utilidade da urtiga ordinaria.

Se se exceptua a gente pobre que utilisa a urtiga para sustento de alguma vacca ou jumento, esta planta é geralmente despresada, e até repellida com horror em razão de se lhe não poder tocar sem se sentir na pelle uma comichão ardente, produzida, segundo parece, por um licor irritante que transsuda na extremidade de cada um dos pellos que recobrem as suas folhas e caules. Afóra este inconveniente, a urtiga não deixa de ter algum merecimento: os seus caules sendo queimados fornecem uma certa quantidade de potassa, e sendo macerados e tratados á maneira do linho, produzem uma fillaça pouco inferior á do mesmo linho, se não em fortaleza ao menos na finura, na brancura, e pela facilidade em ser convertida em tela. Em Allemanha faz-se della mui bom papel, e os habitantes de Kamtschatka fabricam della tambem cordas e rêdes para pescar, assim como linhas para coser.

Todas estas propriedades da urtiga hão sido confirmadas pela sociedade agricola de Angers, que aconselha a sua cultura debaixo destes diversos pontos de vista.

Pelo que respeita ao processo e gostos para a cultura desta planta nada ha mais simples e economico: a urtiga dá-se por toda a parte, os terrenos pedregosos, onde a lavoura é impraticavel, podem ser consagrados á sua producção, seja

espalhando ahi as sementes, seja enterrando as raizes, que arreigam e propagam com a maior facilidade; em summa, a urtiga não tem inimigos, e as intemperies passam desapercebidas sobre a sua vegetação.

California.

A seguinte carta, datada do 1.° de setembro de 1851, e escripta de S. Francisco, em estylo vivo e original, annuncía, nadamenos, a descoberta ou a realisação do motu continuo pelo poder do oiro. Julgâmos que a sua leitura não deixará de interessar.

Caro amigo. — Estou em São Francisco, o setimo ou oitavo São Francisco resuscitado das entranhas da terra, do interior dos mares, do ventre das montanhas, ou do seio das florestas que avisinham as quinze ou vinte barracas que ha um ou dois annos eram o primeiro São Francisco. Deixae lá dizer os jornaes, as cartas e as descripções litterarias: quem não viu São Francisco, quem o não tem seguido com os olhos em suas bizarras transformações, não faz, não póde fazer idea nenhuma de geito do que é este paiz; porque quem viu o São Francisco de hontem, não sabe o que é o São Francisco de hoje. — Homens e habitações mudam de logar a cada hora andando n'uma roda viva desde o luzir da aurora, como formigas a quem assaltaram a tóca.

Passasteis esta manhã por um logar; não havia senão tojos; se de tarde tornardes a passar, depareireis com cinco ou seis casas edificadas de novo, ou para ahi transportadas de outro ponto da cidade que os proprietarios abandonaram. Mas isto não é nada! O dinheiro, isto é, o oiro em peças de 25, de 50 e 100 francos corre, gira, mexe-se, como a gente, passando de mão para mão com uma rapidez que confunde os europeos.

Os americanos, esses lá nada os surprehende, nada os admira, nada os impressiona. Elles vêem e praticam as coisas mais extraordinarias e gigantescas que podem lembrar a um ente racional, com uma paz d'alma e indifferença que vos levaria a acreditar em sua loucura.

E dahi a uma bella manhã, ao erguer-vos da cama, deitaes casualmente a vista para a vossa esquerda, divisareis deste lado uma montanha; até ha oito dias ainda ella lá estava. Mas agora qual montanha?! Desappareceu. Deu no faro a cinco ou seis americanos, que a compraram, que a arrasaram e lançaram ao mar. O mar naquelle sitio não era muito fundo, donde resultou ficar entulhado na extensão de um quarto de legua. Mas que importa? Oito dias depois havia alli um caes, um novo porto, 150 casas e armazens, e 20 ou 25 navios a descarregar mercadorias. E os francezes estupefactos a olhar para isto... Em quanto os americanos embolçavam 5 a 6 milhões!

Neste momento, em que vos escrevo, vejo da minha janella um oceano de chammas a quatro leguas daqui do outro lado da bahia; dura ha oito dias; terá duas ou tres leguas de comprimento e legua e meia de largura; o clarão que projecta allumia todo o mar. Era uma floresta magnifica. Um americano quiz fazer della um estabelecimento de agricultura; em oito dias no logar da floresta haverá uma herdade com 100 homens e 150 cavallos a lavrar. Eis-aqui o americano. São Francisco arde; todas as casas abatem; o que tem isso? vos diz elle. No dia seguinte á tarde 150 casas estarão reedificadas; 150 locandeiros ou taberneiros vos servirão de comer ou de beber sobre uma lage que ainda fumega; e quinze dias depois surgirá uma nova cidade com outro risco, outra disposição.

Isto sim, caro amigo, é que é actividade. Aqui não falta dinheiro a quem quer trabalho, mas trabalho como não é em França, como aqui se usa, isto é, sem esperdiçar dia nem hora. Vosso patrão retira-se, ou ardeu-lhe a fazenda, ou váe para as minas, ou muda de commercio; vós ides em continente demandar occupação. Não hajaes vergonha de installar-vos em uma casa como criado de servir, para lavar a loiça, ou o quer que fôr. Aqui o trabalho honra, e um limpa-botas que trabalha é mais estimado dos americanos que um millionario que passeia e vive do trabalho dos outros: como vêdes, é o avêsso do que acontece em França.

Agora duas palavras a meu respeito; devo inteirar-vos do que tenho feito e faço actualmente. Depois de seis mezes de viagem sem accidentes notaveis, chego a São Francisco: desembarco as mercadorias que trazia de França. Conto já vendel-as com um beneficio de 5 a 6000 francos. Era n'um domingo: havia 2 dias que estava alojado. Dão dez horas da manhã: eu tinha ido á extremidade opposta da cidade, quando ouço o rebate do sino. O que é? É fogo. Toda a gente se precipita.

O fogo acabava de pegar n'uma casa de madeira. Eu corro. Gasto dois minutos em atravessar a cidade. Tres quartos de legua em 6 minutos! Chego, o fogo pegára na casa que eu habitava. Lanço-me por entre ondas de fumo, chego ao primeiro andar, que já ardia, pego n'uma mal a e um sacco de noite, e atiro-os pela janella. Vou para salvar outros trastes e as minhas mercadorias no quarto ao lado. Tudo está em chammas, e as vigas do tecto desabam no momento em que ia a entrar.

Não tenho mais tempo que saltar pela janella de sacada; ajunto a malla e o sacco, e por entre ruas cheias de labaredas, trepo o monte com um pêzo ás costas de 150 arroteis, e cáio desfallecido ao passar além da ultima casa.

Duas horas depois metade da cidade havia desapparecido; mas no local onde ha pouco se elevavam as casas, tumultuava um verdadeiro formigueiro de homens e cavallos conduzindo taboas e estacas, tirando agua de poços e lançando-a por cima dos carvões ainda accêsos e da madeira recentemente trazida para lhe não pegar o fogo;

uns para aqui cravam estacas na terra a escaldar; outros pregam e martellam; emfim ao alvorecer do dia seguinte nov s casas de venda estavam abertas e vendiam como se nada houvesse succedido. Quanto a mim achava-me completamente arruinado. Restavam-me apenas algumas camizas, um paletot e umas piugas. Mas isto não impediu de me reconciliar com a sorte e fazer como os outros.

Ás quatro horas deste dia, eu terraplenava um pedaço de chão para armar a barraca de um dos meus amigos, salva felizmente do incendio, e que m'a offerecêra para dormir. Ás cinco horas architectava, pregando taboas em uma das casas dos americanos. Durante o fogo havia ganhado 50 francos em coisa de um quarto de hora por ajudar a mud r as mercadorias de um negociante. Pela noite adiante arranjei mais 50 francos a pregar taboas; no outro dia achava-me possuidor de 100 francos. Por tres dias seguidos exerci o mesmo mister a rasão de 30 francos diarios; mas a final a obra acabou-se. Então pego da espingarda e parto para a caça; ando por lá oito dias. Os talhos tinham sido destruidos pelo incendio, o que me facilitava vender cada coelho por 2 francos 50 cent. e 3 francos e 15 cent., ganhando assim 20 a 30 francos por dia. Á noite ia pelos *restaurants* e cafes offerecer a minha caça. Propuzeram-me de um café o logar de moço por 60 piastras (cada piastra vale pouco mais de 5 francos) por mez e comida. Acceitei.

Tomo posse do commodo, lavo loiça, cozinho, sirvo os freguezes, faço tudo. Durante um mez, roubo todas as noites algumas horas ao somno para estudar um bocado de inglez. Levanto-me ás seis horas da manhã, o que não é difficil a quem dorme vestido pelo chão, ou em cima de duas cadeiras, trabalho até á hora e meia da madrugada, e dalli a quatro horas estou outra vez a pé. Isto fatiga; mas que importa? Recebo os meus 300 francos por mez, e mais 35 ditos por um pequeno serviço extraordinario do patrão. E isto consola. Mas não de todo. O estabelecimento muda, e no fim do mez recebo 30 piastras em vez das 60 do ajuste. Tivesse eu feito escriptura, que não ficaria logrado; mas viva Deus! Não vale a pena amofinar nem perder o tempo. Acho logo outro modo de vida: servente de pedreiro, a 5 piastras por dia e comer; trabalho 10 dias; a obra acaba-se, dou em aguadeiro a 30 francos por dia e comer; ao cabo de 2 dias o proprietario do emprego que eu exercia volta, eu largo e vou trabalhar 5 dias em deitar ao mar a montanha de que já fallei. Somos 150, com ferro e polvora fazemos lascar a pedreira em pedaços do tamanho de casas. Dois homens ficam esmagados e quatro feridos. Para diante. Aqui não ha folgar nem um minuto. Doze francos por dia e comer é a recompensa. A montanha arrasada, vou durante 8 dias ajudar a descarregar um navio.

De conhecimento em conhecimento descubro que um ourives anda em busca de um operario. Recordo-me que ha 18 annos trabalhei deste officio, apresento-me e sou recebido. Ao principio 20 francos diarios, depois 25 e 30; trabalho ha 15 dias; mas infelizmente a vista debilita-se-me muito com a acção do fogo; ha sempre objectos que soldar, e padecimentos do estomago e do peito que n'outro tempo me forçaram a abandonar esta arte, assaltam-me agora com mais intensidade. Estou resolvido a largar por esta semana. Trato de obter o emprego de lavadeiro em casa de algum americano; porque, como já pude forrar uns 1200 francos em 2 mezes e meio, posso dispensar mais os jornaes grandes. Estou além disso prompto a fazer todos os sacrificios possiveis para entrar nas grandes emprezas americanas, em que não haja um só francez nem se falle este idioma. Aprenderei a lingua do paiz mais depressa, e é então que poderei ganhar bastante dinheiro.

Quem vem a este paiz póde fazer em pouco tempo um fortunão, mas é commerciando com os americanos. Os francezes nem são ricos, nem emprehendedores, nem mesmo bem estimados, por causa da sua inferioridade real ao pé dos americanos, porque não fazem senão tagarelar e beber café. Com elles não se ganha nem um centimo de mel coado.

Theatro de S. Carlos.

Representou-se, pela primeira vez, em 21 do corrente, o *baile phantastico* em 9 quadros — *Alcindor ou o orphão da aldêa* — composto e dirigido pelo sr. Valentim Cappon. A expectativa era grande; mas o exito correspondeu, porque foi sobremaneira brilhante.

O argumento está engenhosamente traçado. Os bailados, se não offerecem grande novidade, são todavia bellos; e o do oitavo quadro especialmente, executado pelas primeiras e segundas bailarinas, captiva muito a attenção dos espectadores. As oito scenas novas são todas de admiravel e magico effeito, sobresahindo como verdadeiros primores de arte, a que representa *o interior de uma granja*, e a da *gruta que faz parte dos jardins da princeza Graciosa*. Finalmente a musica, composta toda pelo sr. Pinto, excepto a que diz respeito ao passo *caracteristico* dançado pelos conjuges Cappon, ao *passo serio* executado pela sr.ª Monticelli e o sr. Cappon, e á introducção do 6.º quadro, que é a do côro de caçadores da opera *Freischütz*, tem um caracter tão brilhante, animado e coherente com o assumpto, que prova exuberantemente o talento e fino gósto do seu auctor.

A sr.ª Monticelli foi extraordinariamente applaudida no passo dos *genios*, e ainda mais no *passo serio*. A sr.ª Monticelli não parece a mesma que vimos, pela primeira vez, ainda ha pouco mais de um anno em S. Carlos. Tem feito taes progressos, está dançando com tanta graça e primor, que em nossa opinião, julgamol-a com direito a contar-se entre as melhores dançarinas da actualidade.

A sr.ª Cappon recebeu justos applausos no engraçadissimo passo que dançou com seu esposo; e este foi por differentes vezes victoriado, não só como dançarino, mas como *compositor* e director do baile.

A sr.ª Sophia Costanza foi eminentemente sympathica no desempenho da interessante parte de *orphão*.

O mais solemne e brilhante triumpho coube porém aos srs. Rambois e Cinnati. Os bravos e as palmas retumbaram por toda a sala, cada vez que uma nova scena se apresentou aos olhos dos espectadores. Chamados pelo publico enthusiasmado, os dois insignes artistas tiveram que comparecer repetidas vezes no proscenio. Foi uma ovação bem merecida; porque tanto merito reunido a tanta modestia, raras vezes se encontra como nos dois *inseparaveis* discipulos de Alexandre Sanquirico, o famoso scenographo cuja perda estamos certos que a Italia ainda deplora.

O baile foi posto em scena com tanto luxo e esplendor, que faz honra á empresa. Era já tempo com effeito que se apresentasse algum espectaculo que attrahisse a attenção publica; e este de certo está nessas circumstancias. Mais val tarde que nunca.

No sabbado 20 teve logar o beneficio do montepio philarmonico. Em um dos intervallos da opera — *I Falsi monetari* — o sr. Antonio Maria Celestino, socio do referido monte-pio, e 2.º *baixo* do theatro de S. Carlos, executou, em character, a grande scena e aria do 3.º acto do *Torquato Tasso*.

O publico applaudiu o sr. Celestino, tanto durante a aria, como depois della finda; e nisto não só mostrou louvavel cortezia, mas deu provas de querer animar o artista portuguez, que manifesta desejos de adiantar-se na difficil carreira a que se dedicou.

Modas.

Os jornaes de París continuam a trazer vestuario de bailes, o que prova que estes ainda por lá se celebravam quando os periodicos partiram. Somos entrados na primavera, e nada por em quanto podêmos dizer sobre o vestuario que demanda esta risonha estação: sabemos que o veludo, as pelles, os estofos de tecido grosso, hão de ser substituidos por fazendas leves; mas destas fazendas ha de vir uma grande variedade, e a maneira de as amoldar ha de tambem ter que estudar. Vejamos os trajos mencionados nos ultimos jornaes:

Vestido de tafetá côr de perola, com apanhados e posto sobre uma sáia de tafetá côr de cereja com folho grande da mesma fazenda — este folho é debruado com fita de veludo da côr do vestido de cima. Os laços que apanham o vestido superior, e lhe enfeitam o corpo, são tambem côr de cereja — o corpo, do tempo de Luiz XV, tem pelo meio enfeites de *blonde* branca — na cabeça flores, folhas de veludo da côr do vestido e oiro.

Vestido de tafetá de Italia côr de limão, com tres folhos eguaes, guarnecidos de fita franzida — o corpo tem cinco laços de cada lado sobre a *berthe* — o enfeite da cabeça composto de renda e rosas.

Os corpos dos vestidos continuam a fazer-se de abas, bordadas com debuxo egual ao do vestido.

Fazem-se ainda em França muitos vestidos com tres folhos, de sedas sarapintadas de verde sobre chão branco: os folhos têem um matiz de muitas especies de verde; mas esta côr não é a unica da moda; o azul, o cinzento, a côr de malva sobre chão branco, tambem têem acceitação.

Manteletes de renda de Inglaterra estão muito em uso, para quem não quer estar com os hombros descobertos; tambem se deitam sobre os vestidos afogados; mas requerem um córte engraçado.

Os manteletes e chapéos de primavera ainda não estão determinados; no fim da quaresma se verão os planetas que hão de reinar; no proximo numero diremos o que houver a tal respeito; e faremos por dar minuciosa conta de tudo quanto de París nos mandarem dizer.

Noticias diversas.

Aviso aos dilettanti. — Continua a correr nos circulos mais acreditados, que o governo adjudicara a empresa do theatro lyrico ao sr. Domingos José Marques Guimarães, negociante da praça de Lisboa e rico proprietario, por ser a sua proposta a que mais vantagens offerece ao publico e ao governo, e a que deve collocar o real theatro de S. Carlos na cathegoria que lhe pertence.

Affirma-se tambem, que o sr. Guimarães entregará, *sem reserva*, a escolha dos artistas e dos espectaculos ao sr. Antonio Porto, como director do theatro, reservando para si a administração do mesmo. Se assim fôr, louvâmos a escolha de sr. Guimarães; pois que tendo o sr. Porto dado já, em outra época, provas do seu *savoir faire*, o publico terá nelle mais uma garantia para ser bem servido. Ninguem ousará negar isto, lembrando-se, que foi no tempo em que o sr. Porto presidiu aos destinos do nosso theatro italiano, que ouvimos as Rossi, Galvi, Tavola, os Regoli, Flavio, Colleti e Botelli.

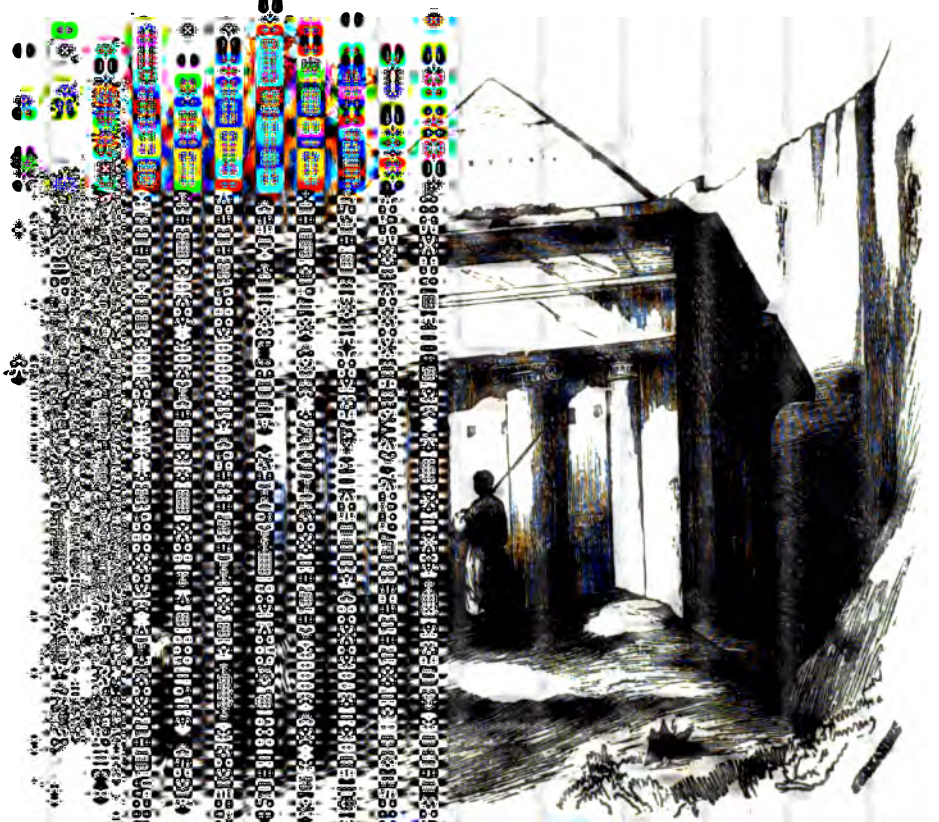
Segundo as melhores informações que temos colhido, podêmos dizer, que a proposta do sr. Guimarães, sem ser exagerada em promessas (como alguem a tem pretendido inculcar), é todavia sobremaneira vantajosa.

Temos egualmente fortes rasões para affirmar, que a dita proposta é só do sr. Guimarães, e *unicamente* do sr. Guimarães; pois não é elle homem, que se preste a servir de *testa de ferro* a pessoa alguma.

Oxalá que o governo decida este negocio de modo que a empresa possa mandar a tempo fazer a conveniente escolha de artistas.

tre materno, estremeceu de alegria, e adorou a Christo, que depois o buscou no deserto, para ser por elle baptisado. Um Anjo annunciou tambem a Zacharias que havia de ter um filho; Zacharias não o creu, e o Anjo lhe tirou o uso da falla até se obrar o prodigio; Zacharias ficou mudo até que nasceu o filho, que Gabriel lhe annunciára, e cujo nascimento causou alegria em todo o Israel. S. João foi o precursor de Christo, foi quem primeiro ministrou as aguas do baptismo: e a egreja lhe chama o maior entre os nascidos.

P. D.



occasião, que opportuna é ainda para o fazermos; observando porém, que mais alguma outra lacuna póde haver no que escrevemos, porque simples noticia foi só o que démos a respeito da cultura da beterraba, e nem era esse o nosso principal proposito: por isso quem quizer pratical-a deve soccorrer-se aos bons tratados sobre o objecto, e com muito proveito os artigos do sr. A. Herculano e o do sr. Auffdiener, do qual vamos agora dar a summula.

Omittindo as considerações bem cabidas e mui sensatas, com que, no artigo a que alludimos, o sr. Auffdiener, faz preceder o exposto de seu processo de cultura, só deste nos occuparemos; o qual muitos pontos tem de contacto com o que já dissemos em o nosso artigo.

O sr. Auffdiener prefere, como tambem nos havia parecido melhor, a sementeira no proprio campo e em regos antes do que a lanço. Tem observado que para esta cultura se não exigem extraordinarias preparações de terreno, pois ha semeado e plantado em terras lavradas para differentes destinos, com lavouras de palmo, e palmo e meio de fundas, feitas com as araveças de aivéca fixa, dando gradagem sobre gradagem. Depois do terreno assim bem preparado, abre rêgos com o arado ordinario, segundo a direcção da derrega, o que se exprime no seu districto por *acumbadulhar* ou *espigoar* a terra; os rêgos devem ter entre si a distancia de dois a tres palmos. Manda em seguida espalhar o estrume pelos rêgos, na mesma quantidade regularmente, como para a batata. Feito isto, abre os cambadulhos ou cristas dos rêgos com o mesmo arado ordinario, de maneira que a terra fique com egual apparencia á que tinha antes de estrumada, mas com o estrume coberto, ficando os novos rêgos no logar dos cambadulhos. O lavrador que vira a terra para cima do estrume deve ter o cuidado que as duas leivas que formam o novo cambadulho não unam perfeitamente afim de se formar um pequeno rêgo, no qual se deitam as sementes a distancia umas de outras pouco mais ou menos meio palmo; e outra pessoa as váe immediatamente cobrindo com a enxada ou com as costas de um ancinho. Aconselha a sementeira nas proximidades do Natal, ou, em geral, entre novembro e fevereiro, não receando as geadas, pois observou que nunca ellas lhe destruiram estas searas, talvez por ahi não gear forte. Tambem notou que as beterrabas semeadas nas primeiras aguas tendem a espigar na primavera seguinte; mas este facto é em menor escala, se ellas se semeam na época que propõe. Quanto ás sachas e mais amanhos subsequentes, quasi é o mesmo, com differença do tempo, que haviamos dito no nosso artigo; parecendo-lhe que a melhor distancia em que a final devem ficar, se tanto, é de dois e meio a tres palmos entre os rêgos, e tres a tres e meio palmos de raiz a raiz. A colheita a faz tambem á proporção que váe precisando das raizes; respondendo mui acertadamente ás pessoas que lhe objectam, que assim lhe fica a terra pejada inutilmente, com a reflexão de que no seu afolhamento, segue-se á beterraba o milho, cuja sementeira se faz em abril, época em que o apanho da beterraba tem já dado tempo para as lavouras do preparo.

Eis ahi muito em summa o processo de cultura das beterrabas seguido pelo sr. Auffdiener, cultura em campo vasto, que não em horto mesquinho, e que tem, afóra outras considerações, a grande importancia de abrir exemplo entre nós á entrada desta preciosa raiz em giro de afolhamento, que deve afugentar para bem longe os improductivos pousios, e trazer para bem perto a fartura aos gados, que é fartura para a terra e para quem a grangeia.

Agora passemos ao objecto que nos propozemos principalmente tratar, que é *a valia da beterraba no penso dos gados.*

Um *beterrabal* póde ser prestadio aos gados pela folhagem e pelas raizes.

A *folhagem*, logo que abundosa se ostente, é uma verdura menos má que particularmente aproveita ás vaccas leiteiras, que a comem com avidez.

Houve já quem, dando-lh'a quasi só por só 15 a 20 dias, obteve bom e copioso leite. Houve tambem (foi o sr. Herculano) quem prestando-lh'a de mistura com a luzerna, observou não occorrerem, em quanto tal fez, casos de meteorisação, que esta sóe ás vezes produzir em penso exclusivo, e sobre tudo quando está quente do sol. Póde isso ter sido acaso, como elle bem o pondera, mas nada se perde em consignar tal observação.

A desfolha do *beterrabal* só deve praticar-se quando esteja bem versudo, e as plantas vigorosas; deixando a cada uma destas seis a sete folhas na corôa. Fóra destes casos a desfolha é um abuso, um mal, que váe a enfezar as plantas, não compensando jámais a nutrição que as folhas prestam, aquella que se perde no menor desenvolvimento a que as raizes então attingem. Essa nutrição, de feito, é fraca; são precisos 600 arrateis de folhas para sustentar ou nutrir tanto como 100 de bom fêno.

São as *raizes* o que n'um beterrabal mais importa; são por ellas que elle se faz. Como alimento, todo e qualquer gado as aprecia; mas, em geral, preferem neste emprêgo a uns mais do que a outros; aos ruminantes e suinos, sobre todos. Seu valor altriz é computado menor que o do fêno, duas vezes e meia, isto é, 250 de raizes nutrem tanto como 100 só de bom fêno dos prados naturaes.

Em penso dos gados, a raiz de beterraba puxa-lhes leite, boas carnes, e refresca-os; é *lactigena, cevatriz e refrigerante.* Destas tres propriedades todas tira a economia rural mui util e proveitoso partido.

Como *lactigenas*, as beterrabas são prestantissimas. Amojam ás leiteiras um leite que, sobre ser copioso, é de mui grato sabor. Por isso, nos paizes de grandes emprezas de lacticinios, onde

se faz muito queijo e fabrica bastante manteiga, a beterraba é, se não inteiramente indispensavel, de uma reconhecida vantagem e proveito incontestavel. Tambem o é, pelo mesmo facto, nas cidades populosas em que o leite tenha venda certa. Em París, como em Londres, ha vaccarias onde este alimento avulta no penso das vaccas. Em Lisboa já váe apparecendo n'algumas. O sr. Herculano foi quem abriu o exemplo, que devêra porém ter maior numero de imitadores. Desenganem-se de uma vez para sempre nossos vaqueiros, que o meio de augmentar o leite ás suas vaccas é dar-lhes um penso, sobre variado, preponderante em boas frescuras.

Assim, bastantes beterrabas, alguns nabos, bons ferrêjos e hervas limpas, com bons fênos e pouca palha, fina sêmea sem muito sal, já nisto havereis, leiteiros, sufficiente variedade e bem quilatada mantença, com que, se á farta a derdes a vossas vaccas, fareis de seus uberes chafarizes inseccaveis de um bom leite.

Como *cevatrizes*, as beterrabas não têem somênos reputação. Nos Estados Unidos, Inglaterra, Allemanha, França, nos paizes, emfim, em que ha alguma *estabulação*, e onde, se não toda, boa parte da engorda das rêzes vaccuns ahi se faz, a beterraba figura como uma das raizes forrajosas mais prestante, avultando com indisputavel vantagem nos bons pensos cevadeiros. Nas nossas provincias do norte, na Beira, onde sabemos haver tal ou qual pratica de estabulação, em que se engorda o melhor gado que vem aos açougues do reino, valeria bastante fazer alguns beterrabaes, cujos productos assegurariam mais a tenrura e bom gôsto das carnes, que as excellentes hervagens dos *lameiros*, os nabaes e outros mimos alimentares lhe alcançam já. Olhae que isto assim se põe já por obra nas nossas ilhas. « O sr. Simplicio Gago — diz o Almanak Rural dos Açores — dá por mais de tres mezes uma arroba de beterrabas por dia a cada um dos bois que prepara para o açougue, e outro tanto a suas vaccas e porcos, com o que medram a olhos vistos quando é tempo de todos chorarem a falta de comida verde. » Pois bem, vós, cá do continente, não deveis ser menos que nossos islenhos; praticae como elles já praticam, que bom proveito vos irá nisso. É o conselho que vos damos.

Continúa.

S. B. Lima.

A Tutelar.

A companhia geral hespanhola de *seguros mutuos de vida*, intitulada *La Tutelar*, fundada sob a direcção do sr. D. Pedro Pascual de Uhagon, e auctorisada por ordem regia de 23 de agosto de 1850, mandou a Lisboa um agente, o sr. D. Luiz Maria Carmena e Maldonado, com o fim de estabelecer as suas delegações em Portugal. Sabemos que este cavalheiro veio recommendado a muitas das principaes casas de commercio, e publicaremos brevemente os nomes dos delegados da companhia, em Portugal, e dos banqueiros pela sua direcção nomeados.

As operações da *Tutelar* tem por objecto crear capitaes, dotes, pensões, rendas, etc., por meio de contribuições annuaes, ou por uma só vez entregues.

Os paes, que aspiram a crear capitaes para a educação de seus filhos, ou para os libertar do serviço no exercito; os que pretendem obter dotes para suas filhas; os industriaes, os militares, os empregados, etc., que desejam rendas, pensões, ou uma certa quantia em dinheiro, na velhice; os capitalistas, que querem duplicar o juro do seu dinheiro; em fim todas as classes, que por inclinação previsôra aspiram a assegurar o seu proprio futuro, e o de suas familias, encontrarão na *Tutelar* os meios de satisfazer os seus fins, com todas as garantias, que se possam humanamente exigir.

O capital da companhia ascendia já em fevereiro a 11.777$840 reales, e váe continuamente subindo, pelo augmento dos subscriptores, de maneira tal que, segundo os ultimos avisos, já é de 13.500$000 reales. Nos mezes de novembro, dezembro e janeiro, inscreveram-se 505 novos associados.

Sabemos que váe ser impresso um folheto com os estatutos da companhia. Limitar-nos-hemos, portanto, para dar idéa della, em poucas palavras, a citar alguns exemplos das vantagens que poderá colhêr quem se inscreva entre os seus subscriptores.

Supponhâmos um individuo, que deseja ter uma quantia de dinheiro de que possa dispôr, para si ou para outrem, que desde logo designe, no anno de 1862. Este individuo inscreve o seu nome nos livros da *Tutelar;* paga em cada um dos dez annos, de 1852 a 1862, uma quota, não inferior a cem reales, e acha-se por este facto associado com todos os co-subscriptores, que tiverem fixado a mesma época de 1862, para a liquidação. Supponhâmos passados os dez annos. O individuo, a que nos referimos, vive, mas dos seus co-subscriptores morreram alguns. Faz-se a liquidação, e o interessado recebe:

1.° O capital com que entrou, convertido em titulos hespanhoes de 3 por cento, porque todos os fundos da companhia se invertem nestes titulos.

2.° Os juros compostos destes titulos, durante os dez annos.

3.° Uma parte dos capitaes e juros dos co-subscriptores, que falleceram, regulada pelo risco da morte, e por outras condições indicadas nos estatutos.

4.° Uma parte nos juros que produzirem as contribuições dos subscriptores, que tiverem faltado aos pactos sociaes.

Pelo calculo das probabilidades acha-se que um individuo que subscreve na edade de 40 a 50 annos, com uma contribuição annual de 1000 reales vellon (46$000 réis) póde no fim dos dez annos receber 1:380$000 réis.

Supponhâmos, porém, que não é de dez annos o praso, mas de 25; ou que o segurado, no fim dos 10, renovou por mais 15. Então o seu capital, que no primeiro caso havia sido triplicado, augmentará por um modo espantoso, tornando-se 20 vezes maior. O individuo que contribuir, por 25 annos, com a quota de 46$000 réis, poderá receber no fim delles, 23 contos de réis, tendo desembolsado apenas 1:150$000 réis!

Eis-aqui as vantagens que se podem colher, fazendo annualmente o sacrificio de uma certa quantia, ou pagando por uma só vez a importancia de todas as quotas annuaes.

A companhia *Tutelar* não é uma dessas instituições creadas por especuladores, com o fim de abusar dos productos do trabalho e das economias dos contribuintes. Organisada, e fiscalisada sob a immediata inspecção do governo hespanhol, offerece garantias, que a tornam recommendavel. Para garantir as obrigações contrahidas com os associados, a direcção depositou *um milhão seis centos e quarenta mil reales*, de titulos de 3 por cento, no banco de S. Fernando, por uma só vez, e com todos os direitos de hypotheca especial. Para arrecadar os fundos que se recebem semanalmente, ha um cofre de tres chaves, uma das quaes está em poder do *delegado do governo*, outra em mão de um dos membros da *Junta de Vigilancia*, composta de doze dos maiores contribuintes, com residencia em Madrid, e nomeados pelos subscriptores; e outra em fim, no poder do Director geral. Quando a existencia dos fundos, nesta caixa, se aproxima ao valor effectivo do deposito, feito pela Direcção geral, procede-se á inversão dos ditos fundos em titulos de 3 por cento, com intervenção dos tres individuos, que possuem as chaves do cofre. Os titulos são competentemente averbados e depois depositados no banco de S. Fernando. O *delegado do governo* preside á *Junta de Vigilancia*.

A Direcção da *Tutelar* publica por trimestres, um *Boletim administrativo*, com o ralatorio minucioso de todas as operações feitas, com os nomes dos novos subscriptores, e em fim com quantos esclarecimentos póde desejar cada segurado, para saber o estado da companhia para que subscreveu.

Ha por tanto uma garantia metallica, e além della a garantia valiosa da publicidade, condição importante e indispensavel, nesta época em que já se não diz que o segredo é a alma de todo o negocio.

Recommendando a *Tutelar* não fazêmos uma dessas recommendações banaes, que diminuem muitas vezes o valor, e a força das opiniões, que a imprensa emitte. Como *caixa economica*, e como *companhia de seguros*, achâmos na *Tutelar* vantagens positivas, reaes, innegaveis. Temos fé no principio, que lhe serve de base, e confiamos nos meios que a *direção* adoptou, de accordo com o governo, para assegurar os capitaes dos contribuintes.

Pela tabella seguinte se póde vêr o augmento provavel dos capitaes de cada contribuinte, suppondo que os titulos produzem um juro annual de 3 por cento, e fundando os calculos nas taboas de mortalidade, que devemos a Deparcieux.

Fradesso da Silveira.

Edades		Aumento de las imposiciones				
Una imposicion en cabeza de un niño de un dia á un año producirá probablemente		En 5 años	En 10 años	En 15 años	En 20 años	En 25 años
		2 1/4 veces la imposicion	4 veces la imposicion	6 1/4 veces la imposicion	10 1/2 veces la imposicion	19 veces la imposicion
Id. de 1 año	á 2 años	1 4/5	3	5	8 1/2	15
2	3	1 3/4	2 9/10	4 3/4	8	14 1/4
3	4	1 3/4	2 4/5	4 5/8	7 3/4	13 4/5
4	15	1 3/4 á 1 5/8	2 4/5 á 2 3/4	4 1/2 á 4 3/8	7 3/4 á 7 1/2	13 1/2 á 13 3/8
15	20	1 3/4	2 3/4	4 1/2	7 1/2 á 7 5/8	13 1/4 á 13 1/2
20	25	1 3/4	2 3/4	4 1/2	7 5/8 á 7 3/4	13 1/2 á 13 3/4
25	30	1 3/4	2 3/4	4 1/2 á 4 5/8	7 3/4 á 7 7/8	13 3/4 á 14 1/3
30	35	1 3/4	2 3/4	4 1/2 á 4 5/8	7 3/4 á 8	14 1/4 á 15 1/4
35	40	1 3/4	2 3/4	4 5/8 á 4 3/4	8 á 8 1/2	15 3/4 á 17 1/8
40	45	1 3/4	2 7/8	4 3/4 á 5	8 3/4 á 9 1/2	17 3/4 á 20
45	50	1 7/8	3	5 á 5 1/2	9 3/4 á 10 1/2	20 á 24

Desde los 50 años en adelante la mortalidad empieza á crecer en proporcion bastante grande, y por consiguiente los productos de las imposiciones sobre individuos de mas de 50 años pueden prometerse resultados mucho mayores que en los que en la anterior tabla se señalan para la última edad.

Catalogo

Das plantas do horto botanico da escola Medico-Cirurgica de Lisboa, pelos srs. doutor Bernardino Antonio Gomes, e doutor Beirão.

(Conclusão.)

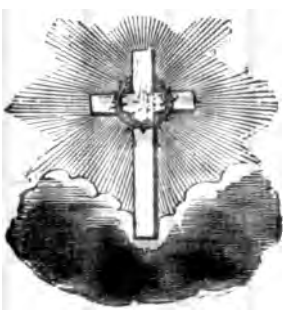
E quem ousará culpal-os, se os proprios sacerdotes da sciencia a politica vae recrutar ás cadeiras do magisterio e ás lucubrações do gabinete para arremeçal-os á tribuna do parlamento e da

pecies alli mencionadas, que chegam quasi a duas mil, mas torna-se recommendavel pela noticia que dá da habitação de um grande numero de especies da nossa Flora, e pelas correcções importantes que ácêrca de algumas dellas se tem feito ao que deixou escripto o nosso Brotero, que mencionou como especies linneanas certas que elle mesmo, posteriormente, e varios auctores, em tempos mais chegados a nós, reconheceram não lhe pertencerem.

Aproveitâmos a occasião para mui cordialmente pedir á mocidade estudiosa, e em particular aos que se dedicam á vida pharmaceutica, que não despresem o bello complexo de circumstancias que se lhes offerecem na Eschola Medico-Cirurgica para aprenderem muito a botanica practica. Seja dito sem o mais leve assomo de censura para os outros professores de Lisboa, quando se encontram homens como o Dr. Bernardino em botanica e o Dr. Costa em todas as sciencias naturaes, é criminoso desleixo e perda irreparavel o não aproveitar toda a sua cooperação, todos os seus vastos conhecimentos, para proveito proprio.

Oxalá que todos os homens sabios de Portugal comprehendessem, como elles, a missão altamente civilisadora de que estão investidos.

João José de Souza Telles.



A Corôa de Espinhos.

D. e O. á Ill.ma e Ex.ma Sr.a D. M . . .

Cypreste, amigo, da encosta,
E vós, ó candidas flôres,
Vesti de gallas viçosas
As tristes pallidas côres.

Pallidos astros da noite,
Luzí pelo firmamento:
Sumi-vos, nuvens medonhas,
Nas leves azas do vento.

Que eu canto a C'rôa d'Espinhos,
Na fronte do Homem Deus,
Que nos remiu do peccado
Abrindo as portas dos Ceos.

No Céo, no valle, e serra,
Tudo que fulge e respira,
Inspire o canto singelo
De minha singela lyra.

E tu, celeste donzella,
A quem off'reço meu hymno,
Esparge na minha mente
Esse teu fogo divino!!!

II.

Nas ruas d'Hierosolyma
Vagavam grupos armados,
Com gestos de raiva accêsos
Andavam povo e soldados;
Que a Pilatos conduzido
Jesus Christo havia sido
Por crime de alta traição!
Jesus, que sempre ensinára
A Lei de Deus tão clara,
E com tanta devoção!!

Vagando as turbas bradavam,
Á voz dos vís phariseus,
Que Jesus — o Názareno
Chamado Rei dos Judeus —
Era de Cesar imigo,
Devendo soffrer castigo
De morte, como traidor!!
Em vão Pilatos clamava,
— Que nenhum crime encontrava
Que condemnasse o Senhor!! —

— Condemna-o, que é criminoso! —
— Raivosa a turba rugia —
E sobre a face divina
Cada qual, delles, cuspia!
Todo Judá delirante
Tecendo a c'rôa brilhante,
Que a sacra fronte lá tem,
Não vê fulgir, magestosa,
A estrellinha formosa
Dos Magos de Bethelem!

Mas Jesus sabe, que a terra
Vem a remir do peccado,
E liba a lia travosa
Na taça do condemnado!
O Eterno conta-lhe os dias!
No livro das Prophecias
Restava aquella a cumprir,
Para que a terra opprimida,
Pelo seu sangue remida,
Podesse livre florir!

Que tractos que alli lhe deram
Aquelles homens cruentos!
Do puro sangue divino
Mais que as féras sedentos!
Com Barrabás off'recido
Por elles é repellido!!

Logo cravado na Cruz!!
Que na montanha, gigante,
Tem espalhado brilhante
Dezoito sec'los de luz!!...
.....

III.

E sobr'esse Golgotha sacro-santo
Não o vês, Jerusalem?!
Fulgindo glorioso, a front' erguendo,
Onde a linda estrella s'está vendo
Raiar de Bethelem?!...

Não vês, como altiva de seus labios
Refulge branda luz?
Ess' homem — Messias de Deus filho! —
Que had'um dia unir-vos com seu brilho,
Quem é?... senão Jesus?!!

Mas tu eras escrava corrompida
De torpe vil senhor!
E clamaste co'a turba enraivecida,
No fundo delirar embevecida:
— «Ave Rex!» — Impostor!! —

Agora de teu povo criminoso
Ninguem! ninguem tem dó!
Seus filhos caminham divagantes,
E do trilho celeste sempre errantes
Na terra vagam só!!!...

IV.

Mas tantas affrontas, que o povo fizera,
Com raiva de féra, no manso Jesus,
A c'rôa d'espinhos, na fronte divina,
Brilhante illumina no cimo da cruz.

A c'rôa d'espinhos, na fronte celeste,
Seu rosto reveste de fulgida luz!
A c'rôa d'espinhos, na fronte sagrada,
Faz mais adorada a imagem na cruz!

A c'rôa d'espinhos tão linda, tão bella,
É lume d'estrella, qu' ao céu nos conduz,

A c'rôa d'espinhos — se foi uma affronta! —
O céu nos aponta do cimo da cruz!!!

A c'rôa d'espinhos tem tanta pureza!
Tem tanta lindêza, que a todos seduz;
A c'rôa d'espinhos é linda e formosa,
É candida rosa, no cimo da cruz!

A c'rôa d'espinhos, na fronte cravada,
Na fronte inclinada pungindo Jesus!...
A todos pertence! — que brilho qu' encerra! —
Que a todos na terra pertence uma cruz!!!

J. G. de Barros e Cunha.

Theatro de D. Fernando.

Quand on parle des acteurs français, on doit parler comme eux, c'est-à-dire, dans leur langue, dut-on employer, comme maintenant, peut-être, un insupportable jargon.

La foule se presse *à D. Fernando*, parce qu'une compagnie française y exerce un charme irresistible; et toute la société fashionable et spirituelle de Lisbonne y accourt, pour entendre ce à quoi nos oreilles ne sont pas habituées.

Jeanne Mathieu est pour nous la plus jolie piéce du répertoire, car elle joint à une grâce tout à fait française un grand fonds de morale et de sensibilité. Jeanne est la fille d'un gros banquier; elle vit dans l'opulence; mais elle sent bien qu'il manque quelque chose à son cœur: une cohorte d'adorateurs bourdonne autour d'elle; partout des louanges, partout des hommages; sa fortune, qui marche devant elle, lui procure une foule immense de prétendants, mais pas un amoureux sincère. Quoiqu'en bas age, (car elle n'a que *ses ans)* Jeanne posséde déjà une profonde connaissance du cœur humain, et voit bien que c'est son argent, et non pas sa personne, qui lui attire cette foule empressée; elle sait bien que les hommes, devenus esclaves, se vendent au marché de l'amour; son cœur de femme y répugne; elle veut être *aimée pour elle même;* elle veut rendre le mariage une affaire de sentiment, et non pas une affaire de commerce; elle part pour les eaux; elle se déguise; elle prend un nom obscur; et son pére se présente comme un petit marchand. Dans une hôtellerie, elle fait la connaissance d'un jeune artiste, qui devient épris d'elle, sans savoir son vrai nom; elle se voit aimée pour elle même; son pére, sans s'en douter, protége ses vues, et se voit obligé de consentir à un lien, que l'amour seul a formé.

Le rôle de Jeanne est joué par M.lle Lobry, qui se tire d'affaire avec un talent au dessus de tout ce qu'on peut dire; ses mouvements sont pleins d'une grâce naïve; elle jôue le rôle d'une fille gatée; sans s'écarter du respect filial, elle domine son pére, qui se voit réduit, malgré lui, à se soumettre à toutes les petites fantaisies de son enfant; elle l'embrasse avec un air de candeur, qui attendrirait un rocher; elle gagne le cœur de son amant, la volonté de son pére, et les bonnes grâces du public, qui frappe des mains avec enthousiasme; et quand elle sourit, quelque faiseur de calembourgs croirait voir les sourires de l'aurore sur les lèvres roses de M.lle Lobry *(l'aube rit).*

P. D.

Theatro de S. Carlos.

Assistimos, em 29 do passado, ao beneficio da sr.ª Monticelli. O espectaculo compunha-se da opera *Ildegonda*, do baile *o Orfão da aldêa*, e de um passo hungaro dançado pela beneficiada.

Se a sr.ª Monticelli não tivesse já recebido sufficientes provas do bom conceito e grande estimação em que o publico a tem; as brilhantes demonstrações de que foi alvo na noite de 29, bastariam para largamente a recompensar dos esforços e fadigas, que, sem duvida, tem empregado para chegar á elevada posição que hoje occupa na sua carreira artistica.

Coroas, ramilhetes, poesias, retratos, applausos e bravos, não faltaram á excellente dançarina; mas além de todas estas manifestações lisongeiras, acresceo ainda outra, que não reputamos menos importante, nem menos significativa e honrosa para a beneficiada: o theatro teve uma enchente real.

Ensaia-se a opera do *maestro* Coppola *L'orfana Guelfa*, com a sr.ª Sannazzari, os srs. Musich, Mancusi, e Celestino: e deverá subir á scena em 12 do corrente, por ser o dia destinado a solemnisar-se o anniversario natalicio de Sua Magestade a Rainha.

Noticias diversas.

Acontecimento horroroso. — Do *Braz Tizana* extrahimos o seguinte:

Dominados pela mais dolorosa e triste impressão, vamos dar conta aos nossos leitores de uma das maiores desgraças, que tem enluctado, e aterrado esta cidade.

Ante-hontem, ás 9 horas da manhã, apesar das ameaças de mau tempo, o do estado melindroso em que se achava o vapor Porto, ha muito tempo necessitado de grandes concertos, saíu este a barra do Douro, commandado pelo piloto Antonio Pinto, porque o capitão Costa déra parte de doente, com destino á de Lisboa, conduzindo, afóra a gente da tripulação, 37 passageiros.

Poucas horas depois da saída, estalou-lhe pela prôa um desfeito vendaval tocado do sul, com o qual o vapor luctou até hontem, em que sendo obrigado pelos passageiros a arribar, appareceu ás 5 e meia á barra, que diligenciava transpôr; porém não lhe permittindo o seu máu estado arrostar com a impetuosidade do mar, encalhou e bateu nas pedras do lado do norte, chamadas da Forcada, em frente do castello.

A noite se avisinhava; o furor das ondas e dos

ventos, que por tal razão augmentavam de horror, os gritos de desesperação dos desgraçados, que se viam a braços com uma morte horrorosa, tudo contribuiu, para se suppôr o vapor n'uma desesperadissima situação, e diligenciar-se empregar os meios de salvar a gente que se achava a bordo.

Crescia o escuro da noite, augmentava-se o horror do quadro, e difficultavam-se os meios de salvação.

Os soberbos e medonhos escarceos que se quebravam nas pedras, não permittiam a saída de catraias, que por força soçobrariam.

Apesar disso, saíram duas catraias do mar, uma do piloto mór, e outra do piloto Francisco Soares Lima, que não passaram da meia laranja, por causa dos escarceos; além destas saíu outra catraia do arraes Manoel Francisco, a qual conseguiu chegar-se ao vapor, do qual lhe lançaram um cabo que a catraia agarrou; porém os passageiros do vapor, que podiam salvar-se pelo dito cabo, na ultima extremidade, o puxaram com toda a fôrça, querendo avisinhar a catraia ao vapor, e a catraia vendo-se em perigo de soçobrar, abandonou o cabo, e toda a esperança se perdeu. Esta catraia conservou-se no mar até á meia noite, a fim de ver se recolhia algum dos naufragos.

Nem os rogos, nem as offertas de grandes sommas de dinheiro poderam decidir os mais ousados maritimos a arrostar com uma morte certa.

A fatal noticia espalhou-se logo por toda a cidade, e mesmo de noite immensa gente correu á Foz, sem colhêr outro resultado que o de presenciar o espectaculo medonho de uma scena de horrores.

Empregaram-se foguetes para lançar cordas para o vapor, mas tudo foi sem fructo. O vapor luctou toda a noite com as ondas e com as pedras, andando de roda, até que arrombou; a fornalha apagou-se, as vélas caíram, e o casco fez-se em duas metades, e foi ao fundo, apparecendo apenas á superficie da agua as pontas dos mastros e vergas, em que se viam alguns passageiros agarrados, gritando por soccorro, e pedindo a Deus que lhes valesse. Ás 4 da manhã — do vapor, dos passageiros, da tripulação, e da carga, não existia mais que a lembrança!

Dis-ze que escaparam alguns marinheiros, que uns dizem ser 5, outros 9.

Esta memaravel catcstrophe lançou a dôr e a consternação por toda a cidade; e sobre a administração do vapor, que sabia o estado em que elle se achava, porque já na anterior viagem não pôde dobrar o Cabo da Roca, e retrocedeu; sobre a mestrança da intendencia da marinha, que devia proceder á rigorosa vistoria; e sobre a pilotagem da barra, pésa uma grande responsabilidade perante Deos e os homens.

Os infelizes que estavam a bordo do vapor eram os constantes da relação seguinte, que copiámos do *Ecco Popular*, a que cumpre acrescentar o nome do sr. José Augusto da Silveira Pinto, delegado da 1.ª vara da cidade do Porto; o consul francez mr. Destreé, e dizem que o abbade da Victoria.

Antonio Martins de Oliveira, Manoel José Rezende, Anna Antonia, Antonio José Placido Braga, Antonio Acacio da Silva, Manoel Fernandes Arrota, Antonio de Pinho Branco, José Maria de Oliveira, João de Pinho Albo, Antonio José dos Santos, José Gomes de Pinho, Antonio de Oliveira Fernandes, Francisco d' Oliveira Gomes, Padre Bernardo Antonio Pereira' Leite de Carvalho, Manoel de Oliveira Novo, Antonio Francisco Cançado, Custodio Maria de Oliveira, Pedro João Laforge, o mestre do cuter de guerra, João José da Costa Rezende, João Manoel Vaz, Joaquim Bernardes, José de Freitas Oliveira, Francisco Vieira de Souza Oliveira, Luiz Pinto, Bernardo Oliveira, Antonio Pinto Teixeira, Manoel Ferreira Martins, Mr. Détry, Francisco José Soares, Antonio José Ribeiro, Francisco Rodrigues Pereira, Domingos Machado, José Dias, José Alen, e duas filhas, etc.

Ernesto Cavallini. — O celebre concertista de clarinete, Ernesto Cavallini, que tão grande reputação tem adquirido nas differentes capitaes onde tem estado, e que actualmente se acha em Madrid, diz-se que visitará brevemente as margens do Téjo.

Fazemos votos para que tal noticia se realise, e para que Lisboa possa tambem pagar o seu tributo de admiração ao famoso professor de clarinete.

Fecundidade extraordinaria. — Uma sr.ª que habita na parochia de S. Gervasio, em Liege, acaba de dar á luz o 22º, 23º e 24º filho. É casada ha nove annos, tem tido 24 filhos, tres de cada parto, todos femeas e de optima constituição!

Recompensa ao merito. — Sua Magestade o imperador da Russia conferio uma medalha de honra ao cantor Taburini, com a banda da ordem de Santo André.

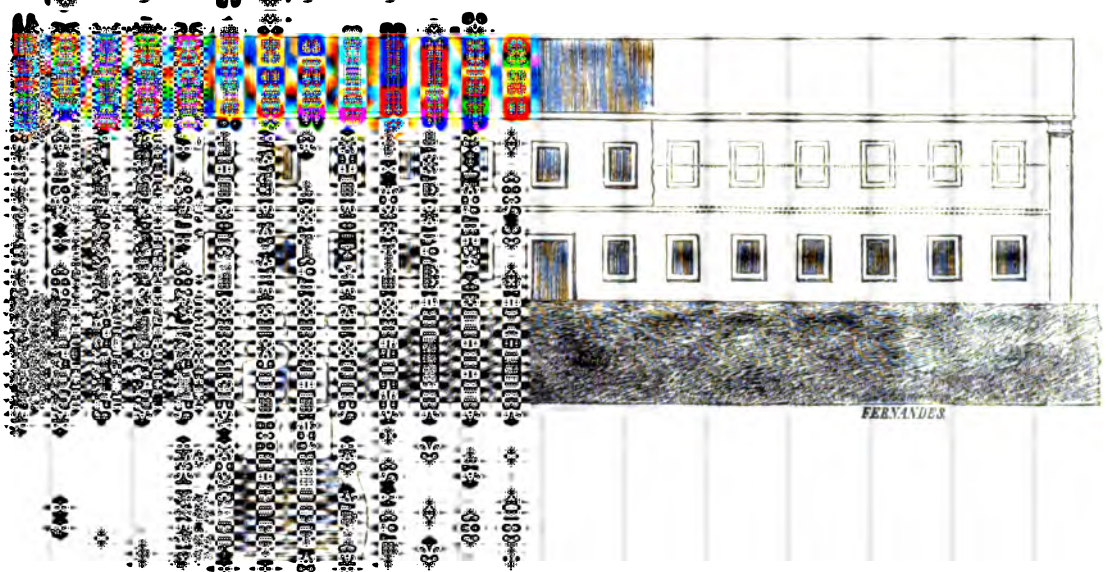
Flautista. — O distincto flautista sr. Ribas e sua discipula miss Scott, tencionam ainda, antes da sua partida para Londres, tocar em 10 do corrente na soirée da Assembléa Philarmonica.

Mineral raro. — Acaba de descobrir-se na Argelia, sobre a vertente N. do Atlas, uma mina de bismuto sulfurado, ao que parece de muita riqueza. Este metal, de precioso emprego nas artes, é raro, e só se acha no estado nativo em algumas minas da Bohemia, Saxonia e Transylvania. Acompanha frequentemente o cobalto, e algumas vezes apparece com outros metaes, com ouro, cobre e nickel. — A mina de que fallâmos, é mui preciosa; foi encontrada pelas indicações das indigenas, que lhe não davam apreço algum por ignorarem sua importancia.

em resultado apresentou um relatorio, e um orçamento, com a indicação das medidas, que julgava necessario adoptar para concluir a obra, e para tirar da fabrica a maxima vantagem.

O edificio está situado ao lado de um espaçoso valle, pelo centro do qual passa o *rio Pernes*, podendo utilisar-se de toda a agua, que naquelle logar fazia moer sete pedras, e mais dois lagares de azeite. Tem o edificio 180 palmos de vivo por 55 de largo; corre quasi de nascente a poente, e é dividido em dois pavimentos, tendo o primeiro 16, e o segundo 15 palmos de pé direito.

Este edificio, cuja construcção é solida, está ainda hoje por acabar, e calcula o sr. Batalha que seria facil terminal-o empregando tres contos de réis. Querendo ampliar o estabelecimento,



Vista geral da fabrica de fiação de linha no sitio dos Rodiados.

isto é, 25 por cento proximamente de um capital de cincoenta contos que se empregue na organisação da fabrica, e no seu costeamento durante o primeiro anno.

As vantagens da [illegible] no sitio

os machinismos mais perfeitos, está nas circumstancias de fazer ao paiz grandes serviços, deixando lucros consideraveis aos emprezarios. Não lhe fazem guerra os productos de fabricas, que usem das machinas de vapor, porque a linha nestas custa mais 30 rs. em arratel. Obtida a perfeição do producto, e sendo os jornaes tão baratos, que só a Allemanha e a Suissa os podem ter de egual preço, é possivel exportar algum dia, e levar aos grandes mercados, productos que de fóra importavamos.

Terminando o seu relatorio, que por extenso não podêmos integralmente transcrever, o sr. Batalha propõe a creação de uma companhia de 1000 acções a 50$000 rs. cada uma, em 10 prestações pagas com intervallo não menor de dois mezes.

O pensamento de chamar, para uma empreza destas, as economias e os pequenos capitaes de muita gente, póde ser fecundissimo em resultados. Quantias que isoladas apenas seriam escaço recurso para um, podem ser a origem da prosperidade de muitos. Migalhas que alguns despresam, unidas para fim de tamanha utilidade, dariam trabalho a muitos braços, e riqueza a muitas familias.

Se este pensamento chegar um dia a ser comprehendido nesta pobre terra, em que tanta gente preguiçosa espera tudo dos governos, o resultado ha de provar que temos razão em desejar que se realise o projecto do sr. Batalha, e todos os que tendem, como elle, á associação, em favor da industria, dos pequenos capitaes de muita gente.

Fradesso da Silveira.

Exposição Agricola.

II.

Raizes forrajosas.

(Continuação.)

Como *refrigerante*, a beterraba é alimento de um alto beneficio a toda a casta de gados que estejam escandecidos por effeito de um penso sêcco, ruim na maioria dos casos, por muito tempo e exclusivamente só prestado, e principalmente no verão.

Ella, pelos principios *aquo-saccharinos*, que em copia tem, humecta e relaxa suavemente a superficie gastro-enterica, e previne esses *entrefolhos*, essas constipações ou prisões de ventre ás vezes tão renitentes a ponto de fataes. E por esses mesmos principios e mais o *nitro* que pouco, mas tambem possue, ella constitue uma como limonada que refrigera e hydrata ou dilue o sangue, corta-lhe a plasticidade, e assim previne e concorre mesmo a combater essas calefacções, quenturas, escandecencias geraes, e as fogagens e exanthemas que á pelle abrolham; atalhando até esses golpes de sangue ou congestões repentinas que cáem no baço, pulmão, cabeça etc., e que tanto victimam os ruminantes.

Quantas vezes não temos nós visto o pobre singeleiro atribulado e triste, ante o *singel*, que é a sua enxada, e que estrabucha afflicto n'um *entrefolho* impertinente, a pedir-nos que salvemos a victima certa de sua imprevidente hygiene? Bem váe se o podêmos ainda conseguir; mas quando já não é possivel, pedimos-lhe então que abra o cadaver e examine suas entranhas. Não tarda que venha dizer-nos, que o *bucho menor* (folhoso) está empedernido, e que os alimentos estão ressequidos e apegados ás suas folhas. É então que ponderâmos: sirva-vos isto de exemplo, para d'ora ávante dardes a vossos bois, como meio preservativo destes nocentes successos, algumas raizes, e as de beterraba sobre tudo. Não as temos, respondem. Pois é isso um mal que tratareis de remediar, a não quererdes que frequente vos occorram casos similhantes; no entretanto as supprireis pelas *aboboradas* e abeberagens de sêmeas ou outras substancias nutritivas e relaxantes, que mais á mão houverdes.

Quantas vezes tambem não hemos observado, nos rebanhos ovelhuns apascentados nos rastolhaes de trigo em verões estuantes, esmadrigarse uma que outra rêz, dar alguns passos vacillante a offegar, e depois caír redonda perecendo immediatamente? Qual é a doença, nos perguntam? É uma *polyhemia*, uma nimiedade de sangue crasso e plastico, que congestiona o baço ou o figado, o pulmão ou o cerebro, ou todas estas visceras simultaneamente, produzindo assim apoplexias mortaes. Qual é a causa? A *predisponente* póde ser, o respigar desses rastôlhos pelas rêzes que se ensanguinham em consequencia das qualidades altamente substanciaes do grão que comem: a *occasional* ou *determinante* é, o calor que as abafa, e que ardentissimo o sol directamente lhes dardeja. Qual é o meio de prevenir a molestia, já que o remedio a tempo não chega nunca? E sangrar o rebanho já insultado, e dar ás vossas ovelhas um penso que lhes hydrate o sangue e refresque o corpo, levando-as para boas umbrias ás horas de maior calma. Esse penso muito convêm que seja em pascigos, se não de almargeal, frescos comtudo, ainda que pouco abertosos. Se assim os não tiverdes, deixae muito embora pastar nos restôlhos, mas preveni e temperae então o estado plethorico e calefaciente de vossas rêzes, pelo prestamento de algumas raizes alimentares. Póde ser a *beterraba*, que a esse tempo, se a houverdes cultivado, em copia a tereis. A beterraba é como assim vêdes, em taes casos; se não indispensavel, muito importante á saude de vossa grei.

Mais exemplos poderamos, lavradores, apresentar-vos, respectivos á conveniencia das beterrabas como penso refrigerante dos gados. Só vos diremos que aos porcos, afóra os cevar, muito lhes convêm e aproveita neste sentido; vale-lhes tanto, se não mais, que as chafurdas em que se

revolvem, pois lhes refresca o todo, que não a pelle só. Desenganae-vos que o porco é limpo, apesar do nome; apraz-lhe muito o fresco, e de verão principalmente; concedei-lh'o nas beterrabas, e elle não chafurdará muito, nem as doenças, que sôem provir do encendimento em que esteja, de frequente o assaltarão.

Aos cavallos mesmo, se as beterrabas derdes, e á farta as comerem, anafam-se com ellas, mas quebrantam-lhe a energia para os trabalhos; e por isso só lh'a prestareis como se salada fôra, mórmente no verão; que assim nella bebem uma agua assucarada que os dessedenta, sem risco das colicas e indigestões, que a muita agua ordinaria, que fria bebam, lhe sôe produzir, se escandecidos estão. Comtudo, para estes animaes, raiz melhor não ha do que a *cenoura*.

Finalmente, as beterrabas são para as crias do armentio, como para os tenros anhos, comida de duplicado valor, pois lhes prestam: indirectamente pelo bom e copioso leite que ás criadeiras amojam, e directamente puxa-lhes facil crescimento, mantendo-as bem sadias.

Tudo o que deixâmos dito, são casos que uns hemos observado, outros fé lhes juràmos; e os preceitos hygienicos que aconselhâmos, os que os têem seguido mal se não têem dado.

Mas não vades a julgar, que, por as beterrabas poderem ser, como são, uteis e prestadias aos gados nos casos que indicâmos, venham a formar só por si e aturadamente um bom penso. Não é assim. Do uso ao abuso váe grande differença. O bom uso pode que a dar bastantes beterrabas, mais se não dê nellas que metade a tres quartos do penso ou comida diaria, e ainda assim isto só quando o resto seja de forragens sêccas; senão, se algumas verduras houver, um quarto, a metade em beterrabas é quanto basta então. Abuso é se mais se dá, e abuso que póde ter graves inconvenientes; quaes são: relaxarem em demasia a ponto de produzirem diarrheas impertinentes; ou hydratarem de mais o sangue, causando hydrohemias, cachechias, ás vezes fataes, mórmente no gado ovelhum, que é victima predilecta de taes achaques.

As beterrabas podem prestar-se aos animaes cozidas ou cruas. Cozidas são incontestavelmente mais nutritivas e salubres do que cruas. Porém nem sempre é facil o cozel-as, e sáe assim mais caro o seu emprêgo pelas despezas de combustivel, apparelhos e manipulações que nisso exigem; e não está ainda bem provado, se este maior preço por que ficam é assás compensado nas melhores qualidades que pela cocção alcançam.

Dando-as cruas, que é o mais ordinario, devem ser bem lavadas e depois partidas em talhadas. Ha machinas para isto feitas. São os *lava-raizes* e *corta-raizes*. Nós já démos uma noticia delles neste jornal (n.os 7 e 8); dispensar-se-nos deve por isso aqui reproduzir o que ahi consignámos.

Resta fazer ainda uma observação, e vem a ser: que umas vezes os animaes estranhos ás beterrabas lhes não pegam bem; e preciso é então dar-lh'as de mistura com outro alimento até que lhe tomem gôsto: e outras vezes são demasiado gargantões por ellas, e se á discrição se lhes prestam, comem de mais a ponto de as enjoar logo. E por isso bom proceder, dar as beterrabas ao principio com moderação, começando por prestar nellas um quarto apenas do penso quotidiano, depois um terço, metade, e ate tres quartos, se os animaes então comerem tambem forragens sêccas, como já dito foi. Será escusado recommendar que deverá diminuir-se a dóse, e até suspender seu uso, se por ventura ellas deixam de bem nutrir, se apparece algum desarranjo do apparelho digestivo, ou prodromos de affecção cachetica, ou qualquer outro incommodo que possa attribuir-se-lhes.

Atermaremos finalmente nossas considerações sobre as beterrabas, transcrevendo uma parte do que a seu respeito dissemos no relatorio que nos incumbiram fazer ácerca da *secção sustento dos gados da exposição agricola*.

«E assim estas raizes, a que os francezes chamam *racine de disette*, que é como quem diz — raiz contra as fomes e miserias — e que de feito assim é ahi para o norte quando os gêlos do inverno impêdem o pastio aos gados, póde para nós ser o mesmo, mas no verão, que por adusto causa similhantes inconvenientes...

... Ao escrever estas linhas affigurou-se-nos que, se a Companhia das Lesirias houvesse attendido o alvitre que o sr. Pereira Brandão (*Rev. Univ. Lisb.*, t. VI) lhe aconselhou, de admittir nas suas lavouras a cultura desta raiz, affigurou-se-nos, repetimos, que veriamos retouçar de gaudio, nedias e bem fartas, essas suas manadas, quasi sempre astrosas e famintas, as quaes prestariam então, afóra carnes, manteiga com que abastecer a capital, indo assim, se não annullando, attenuando comtudo a importação da do estrangeiro, que daqui nos leva passante 500 contos de réis annuaes; e veriamos tudo isto... mórmente ahi (nas lesirias) que é terra de alluvião, onde se diz produzir a beterraba em tanta copia, que uma geira póde dar 46 toneladas de raiz, o que equivale 15 a 16 toneladas de bom fêno; fêno para que é preciso proximamente 4 geiras de bom prado nessas terras, calculando a 4 toneladas a geira, producto maximo dos melhores prados naturaes, segundo os allemães.»

Veja-se por isto e pelo mais que dissemos neste artigo, que tamanha é a importancia que a beterraba tem; e como sua cultura concorrendo á producção de mais e melhores gados, póde assim contribuir a locupletar o paiz no valor dessa producção, e no mais que desta depende, que é principalmente o prestamento das melhores subsistencias, do pão e carne, a maior numero de pessoas, por mais baratas se então haverem.

Continúa.

S. B. Lima.

Cezarina

I.

Quem viu uma vez Senlis, recordar-se-ha toda a vida de ter visto uma cidade tristonha. Edificada na cumiada de um monte, dão-lhe accesso caminhos estreitos e mal calçados. Os seus habitantes infundem no viajante uma impressão tão desagradavel como a cidade. Moradores e moradas, parece que expressamente foram talhados uns para as outras. A curiosidade, o mexerico, a pretenção e a avareza, são o caracter desta gente. Ella espreita, fallaza, suppõe, inventa por passatempo. Não é um povo, dirieis, é um ninho de pêgas e corvos.

Se alguma vez fordes viver em Senlis, não que escolhais voluntariamente esta residencia para descanço de vossos velhos dias, porque similhante idéa é impossivel que occorra a alguem, mas por força de negocios, da vossa posição social, ou de conveniencias de familia, tende toda a cautela em não seguir nesta cidade, cabeça do departamento do Oise, os usos ou etiquetas da capital. Se vossa mulher deitar por anno mais de dois vestidos de sêda, isso bastará para perder na consideração publica. Se nas suas reuniões ao serão servir outra cousa do que a classica tisana de agua com assucar, será apontada com o dedo, e se mostrar espirito, então adeus; a murmuração será geral e peçonhenta em todos os soalheiros da terra.

Ficaes pois de prevenção.

Agora passemos á narração da singela, mas mui veridica historia, de que Senlis foi o theatro.

Mas antes disso convém declarar-vos, não obstante o que acabo de dizer-vos, que houve outr'ora, e ainda hoje ha de tempos a tempos em Senlis, pessoas de bem, senhoras bem educadas, que não participam dos preconceitos estupidos de seus compatricios, e que vivem nesta terra como viveriam em qualquer outra, com mais aborrecimento é bem verdade. E é esta abstinencia de prazeres que as impelle curiosas e sofregas para a primeira distracção que apparece, e a devoram até ao ultimo resto. As corridas de Chantilly, que fica a duas leguas distante de Senlis, são as principaes compensações que a primavera e o outono offerecem á cidade sub-prefeitoral. E então é para vêr como desde a madrugada se coalha a estrada de Creil de carros com bancos e armações, de cabriolés, e outras viaturas, de viajantes de todo o genero, uns a pé, outros a cavallo. De vez em quando algum caleche, tirado por dois lindos cavallos, fende rapido esta multidão, tiroteado pelos olhares invejosos daquelle ou daquelles a quem passou a dianteira.

Mas o que ha de mais humilhante para esta cidade, é a belleza encantadora de seus arrabaldes. Em roda de Senlis, além de Chantilly, estão Ermenonville, Mortefontaine, Pontarmé, isto é, viçosas campinas, lagos e bosques magnificos, que orlam Senlis com uma faixa de perfumes, de sombras e gorgeios, que infelizmente não chegam até ella.

Comtudo, quanto ás habitações, devo fazer a mesma excepção que já fiz a respeito dos individuos.

Assim, se saírdes de Senlis pela porta Soissons, e tomardes á esquerda por um atalho ornado com duas fileiras de arvores, e defendida de uma banda por terras de trigo, da outra por um mar de alcachofras que alçam altivamente suas cabeças adentadas; se seguirdes uma pequena ribeira, ou para melhor dizer, um regato chamado a Nonette, aonde apenas os cães podem banhar-se, ireis dar a um castello delicioso, que se chama *Valgenceuse*, e que é uma miniatura do paraiso terrestre, ou do Eden promettido.

Valgenceuse tem seus peristylos, seus parques, lagos, escadarias, salgueiros e passaros, como um castello real. Valgenceuse possue bandos de perdigotos, coelhos e codornizes no mez de setembro, e todavia Valgenceuse não chega a ter vinte geiras em redondo. Valgenceuse tem tambem suas ruinas, nem mais, nem menos, como um castello da edade media, e comtudo Valgenceuse ainda não passou meio seculo de existencia.

Quem é o solitario, o artista, ou o amoroso que fez construir este castello? Eu o ignoro. O mais que sei é que elle pertence hoje á marqueza de G... que nelle exerce as honras da casa com tal amabilidade, que de todo fez passar de memoria o proprietario que a precedeu. Ninguem hoje se lembra delle, excepto eu, talvez. Vou pois aproveitar esta superioridade que tenho sobre os outros para vos contar o que se passava em Valgenceuse no mez de maio de 1838, isto é, ha justamente dez annos.

Eram oito horas da noite.

Na vasta sala de jantar do rez do chão, alguns criados levantavam a mesa, servida com profusão dos mais bellos fructos da estação. Os convivas haviam passado ao jardim, a gosar dos ultimos raios do crepusculo, e passeavam n'uma rua magnifica, alcatifada de relva, tão macia ao piso, como um tapete de felpuda lã. Na extremidade desta rua começa uma escadaria de pedra, que dando volta por toda a largura do jardim, serve de guarda ao lago de que ha pouco fallámos. Se de repente vissemos descer por esta escada, ou apparecer debaixo do arvoredo algumas dessas alterosas marquezas á Wateau, e alguns zagaes trajando sêdas, trocando amorosas confidencias em frase desenxabida ao ouvido das bellas passeantes, não nos admirariamos por certo. O logar era proprio para taes personagens. Sómente o logar houvera resistido ao tempo; os vestidos de cauda, os enfunilados e de ramagens, tinham desapparecido.

Entretanto, em troca disto, diversos grupos que não pareciam descontentes por viver nesta época, tinham-se formado na avenida principal, e praticavam quasi jovialmente. Compunham-se da dona da casa e dos convidados, todos elles visinhos de campo.

Estes convidados eram o joven barão de P...

e a baroneza sua esposa, uma das mais preciosas flores coloniaes que a civilisação transportou para o norte. A velha condessa de C... e seu marido, homemsinho enfronhado em velhas tradições, nos antigos habitos e nas maneiras assucaradas de cortezão, quasi sorvedoiro insaciavel de rapé, que o nariz partilhava fraternalmente com os bofés da camiza, quasi edição posthuma na pronuncia, no porte e nos gestos, desses velhos outonniços do reinado de Luiz xv, se em vez da casaca de panno preto, trajasse antes a casaca bordada, o calção curto, e o espadim á cinta.

Este ultimo casal fôra brindado pelo ceo logo no primeiro anno do seu casamento com uma filha que tinha os seus dezoito annos na época em que começâmos esta historia, e com a qual em breve vamos fazer conhecimento.

Um mancebo elegante passeava com os quatro personagens que acabâmos de indicar.

Tinha vinte e cinco annos, os olhos e cabellos pretos, os dentes alvissimos, a côr do rosto um pouco pallida, conversava com graça, montava admiravelmente a cavallo, e era orphão desde os dez annos.

O seguimento da historia nos explicará o que elle vinha fazer a esta casa.

O ultimo personagem deste grupo, que estamos esboçando, era madama de Beauzée, a proprietaria do castello de Valgenceuse. Possuia trinta mil libras de renda, era viuva, e tinha uma filha, encantadora menina de quasi dezesete annos, que passeava conversando com a filha do conde de C... n'outra rua do jardim.

Se approvaes, leitor, seguiremos estas duas meninas que andam da outra banda do lago, fallando uma com a outra, e ao mesmo tempo colhendo florinhas azues na beira da Nonette. Este regato costêa a propriedade no meio de immensos alamos frementes e harmoniosos, quando se levantam as brisas da noite. E para que não fiqueis com pena de deixar tão cedo o grupo ancião, dir-vos-hei que alli se trata de politica, que esta conversa não vos interessaria de nenhuma sorte, e a prova é que o mancebo a elle aggregado, apenas presencialmente toma parte no entretenimento; o seu pensamento está dalli bem distrahido, a julgar por suas vistas, que a todo o instante lança para o lado em que andam as duas meninas, e com as quaes parece querer penetrar a espessura do parque.

A mais alta das duas meninas chamava-se Cecilia. Era filha da condessa de C...

A outra tinha o nome de Julieta, e madama de Beauzée era sua mãe.

A primeira, de rosto trigueiro, mas bonito, apparentava um certo ar de abandono e jovialidade.

A segunda era loira, trazia um penteado á ingleza, que dava grande realce á delicadeza e doçura da sua physionomia; parecia um pouco mais pensativa e grave que a sua amiga. Seus olhos azues e rasgados tinham aquella expressão deslembrada propria dos olhos grandes. Sua cutis era rosada e transparente. Seus labios, levemente purpurinos, provavam que o sangue circulava já com exigencia naquelle bello corpo frouxamente contido n'um vestido de mosselina, cujo corpete mal escondia em suas numerosas pregas um peito firme como o marmore, branco de leite, e dois globos seductores que o deshabilhé da noite faria crer serem desses pommos redondos e doirados do outomno, com um dos quaes Eva tentou Adam.

Que maravilhosa coisa não é o vêr uma destas creaturas, cuja primavera ainda uma só nuvem não toldou, quando ainda nenhum soffrimento anuviou sua fronte, quando mão profana não desflorou tão formoso fructo. Tendes-vos acaso, leitor, extasiado durante horas seguidas contemplando uma destas maravilhas da creação, como o farieis diante de um quadro? Notae a differença.

O quadro, por mais bello, por mais expressivo, por mais verdadeiro, não vos fará nascer na alma as sensações e os desejos que vos inspira uma linda menina de dezeseis annos, a quem a natureza já revelou que ha no mundo outra coisa a amar além de seu pae, mãe e irmãos, que se sente dominada de sobresaltos novos, agitada de sentimentos ignorados até alli, perseguida de insomnias estranhas, cuja imaginação não póde explicar-lhe. Vêde-a como ella interroga e pede uma resposta a tudo que a cérca, e como não deparando com a fonte em que dessedentar o ardor dos pensamentos que a abrazam, se volta impetuosamente para Deus, esperando que só no amor immenso que inspira o Creador poderá saciar-se e obedecer ás ordens mysteriosas da sua alma.

É raro que uma joven menina dos quinze aos dezesete annos não sinta a tentação de abraçar a vida religiosa.

Vós, leitor, ao contemplar uma destas jovens, bella de fórmas, virgem de coração, pura de impressões, dirieis comvosco: « haverá um homem que fará bater aquelle coração, que gosará aquelle bello corpo, e que terá a ineffavel fortuna de lhe revelar o primeiro segredo desse amor terrestre, tão poderoso, que ella, não sabendo como satisfazer, julgára que só Deus lh'o podia explicar. » Feliz homem este, que terá ao menos um dia na sua vida de eterna compensação a todos os soffrimentos que o futuro lhe reserve.

Vós pensarieis isto, não é verdade, leitor? Depois passará um anno, dois annos, e tornareis a vêr a joven menina já casada. O segredo escondido na sua casta ignorancia foi-lhe descoberto, e já não é para ella mais que uma banalidade. Sua curiosidade está satisfeita, o seu amor saciado; só lhe restam agora as funcções de mulher e de mãe em todo o seu prosaismo e realidade. A primeira palavra daquella revelação fôra para ella uma dôr, a desillusão amarga de que não era mais que o instrumento de uma natureza despiedosa.

Sonhae, donzellas! sonhae! por mais attractiva que se vos pinte a verdade, nunca ella valerá o vosso sonho.

Cecilia e Julieta passeavam pois.

— Sabes tu, dizia a menina de Beauzée, quanto sou supersticiosa, ora vê! Não se me tira do pensamento que foi n'uma sexta-feira a primeira vez que o vi, e a meu pesar vejo nisto mau agouro.

— És louca. O que te disse elle hoje?

— Cousa nenhuma; olhou muito para mim, e mais nada.

E ao mesmo tempo Julieta olhava em torno de si para se assegurar que ninguem mais a ouvia, além de Cecilia.

— Então não te deu nem palavra?

— Elle fallou commigo, é verdade, mas não disse senão cousas insignificantes.

— Pobre rapaz!

— Tens dó delle?

— De certo. Ora vê que vida tão agradavel. Esse mancebo ama-te, tu tambem o amas, e não obstante, talvez tu cases com outro homem, e elle espose outra mulher.

— Quem te disse isso?

— Vós ambos, que tendes amor um ao outro sem vol-o communicardes.

— Por minha parte ainda não estou bem segura que o amo, porque ha certos dias em que elle se me risca da lembrança.

— Ora! E que dias são esses?

— São aquelles em que elle aqui não vem. Mas tambem é verdade que quando aqui o não vejo, logo indago aonde estará, o que faz, e emfim ando desasocegada, quasi que sinto ciumes.

— Pois ahi está. É porque o amas. E elle?

— Elle apparece-me ás vezes debaixo das minhas janellas, e alli fica até ás duas horas da manhã.

— E o que fazes tu em quanto elle ahi está?

— Olho para elle por entre a persiana.

— Mas elle ignora que tu o estás vendo?

— Ignora.

— Muito bem. E tua mãe?

— Minha mãe persuado-me que desconfia de alguma cousa. Ella não me diz nada, mas vigia-me e olha muito para mim, como querendo interrogar-me.

— E se ella te perguntasse as tuas intenções, o que lhe respondias tu?

— Na verdade que não sei, e desejava bem saber como haver-me em tal caso.

— Escuta, diz Cecilia baixinho, achei um meio para isso.

— O que é?

— Sabes que ha dois dias temos festa em Senlis?

— Sim, por occasião das corridas de Chantilly.

— Pois ha uma mulher que lê a sina á gente.

Julieta olhou para a sua amiga, e desatou n'uma convulsão de riso.

— Tu crês em similhante cousa?! diz ella.

— Perfeitamente.

— E queres que eu vá consultar essa mulher?

— Sim.

— Agora digo-te o que ainda agora me disseste: «estás louca!»

— Por maneira nenhuma.

— Consultaste-a acaso?

— Justamente.

— E disse-te a verdade?

— Mais do que isso, fez-m'a vêr.

— A ti mesma?

— A mim mesma.

— Ora eis-ahi o que eu não acredito.

— Pois pódes acreditar.

— E ella poderá dizer quem eu sou?

— Diz.

— O que devo fazer?

— Sim.

— Com cartas?

— Não.

— Com que então?

— Vem, e verás.

— Como queres tu que eu vá?

— Commigo, e com a minha aia.

— Mas, querida amiga, nós não podêmos em pleno dia ír ao meio de um ajuntamento assim de gente.

— Podemos ír pela manhãsinha cêdo, quando lá não está ninguem.

— E ella responderá a tudo o que eu lhe perguntar?

— Sim, sim, tres vezes sim.

— Então é alguma feiticeira?

— Assim parece.

— É velha?

— Não, é nova.

— Feia?

— Bonita.

— E o que faz ella além disto?

— Domestica animaes ferozes.

— Animaes ferozes verdadeiros?

— Tigres e pantheras.

— Ella está mesmo no terreiro da festa?

— Sim, n'uma barraca de lona pintada, com musicos, e uma especie de palhaço.

— Tu entraste lá dentro?

— Entrei.

— Pois bem, estou decidida a ír. Vou perguntar á mamã se consente.

As duas meninas partiram a juntar-se ás outras quatro pessoas que se achavam no jardim, e Julieta, dirigindo-se a sua mãe, disse-lhe:

— Tu não sabes, mamã, o que venho pedir-te?

— Não, minha filha.

— Cecilia acaba de me dizer, que appareceu na festa de Senlis uma verdadeira feiticeira, e eu queria ír consultal-a.

— Ora minha filha!

— Dás licença, mamã?

— E com quem has de tu ír?

— Com Cecilia e a sua aia.

— Permittis, cara amiga? diz madame de Beauzée á condessa.

— De boa vontade; mas a que horas ides, minhas meninas? tornou esta.

— Pela manhã, para não encontrarmos gente.

— Pois sim, disse a condessa; ámanhã, em sendo oito horas, Joanna e Cecilia virão buscar-vos para irem todas.

— Poderei saber, mademoiselle, o nome dessa feiticeira? perguntou o mancebo a Cecilia, porque eu tambem lhe queria perguntar algumas cousas, e ao mesmo tempo olhava para Julieta, que não achando arte de se esquivar a este olhar, deixou caír o lenço, e apanhou-o.

— Eu não sei o seu nome, respondeu Cecilia, mas é facil dar com ella. A sua barraca tem por divisa uma panthera, sobre a cabeça da qual está uma mulher pondo um pé.

Meia hora depois, o mancebo saía da Valgenceuse.

— Onde foi o sr. de Ermenon? perguntou madama de Beauzée.

— Vi-o agora mesmo saír, respondeu o conde.

— Não importa, elle ha de voltar, tornou a mãe de Julieta, porque fez-me a promessa de passar toda esta noite comnosco, e ainda não são mais que nove horas.

(Continúa).

O pagamento de uma divida.

Não ha muitos annos foi Lucas de Montigny a Londres, acompanhado por uma das pessoas mais distinctas de París. Um dia, indo elles visitar *Uobnru Abbei*, pararam na estação de Leighton-Buzzard, a quarenta milhas de Londres, a fim de tomarem caminho mais direito. Demoraram-se a examinar as fabricas alli estabelecidas, até anoitecer. Uma nuvem grossa desatou-se em agua sobre elles, e os trespassou, apesar da diligencia que fizeram para se abrigarem debaixo das arvores. Havia-os colhido a borrasca no meio de cinco estradas, que formavam uma estrella. Quando cada um procurou abrigo, afastaram-se um do outro, e perderam-se. Andaram dando vozes chamando um pelo outro; mas cada vez se afastaram mais, no meio daquelle fatal labyrinto que a tempestade tornava ainda mais perigoso. Por fim já se não ouviam.

Ora, isto foi n'um sabbado, á hora adiantada, quando os operarios deixam o trabalho, e se acolhem ao tecto domestico. Achou o amigo alguem que o conduzisse ao caminho que levava á estação? Talvez. Quanto a Moligny, quando parou a chuva, tomou o conselho de ír andando em frente, ao acaso, e fiando-se do acaso. Contava talvez com alguma pombinha da arca, depois daquelle diluvio!

De repente vê uma coisa branca, que vai fugindo. Adianta-se, o objecto foge mais. Corre, apanha-o: era uma bonita moça de dezeseis annos, que levava pela mão um rapaz pequeno, que parecia ser seu irmão.

— Que fazeis nesta estrada, e com este temporal? perguntou elle.

— *My good gentleman*... estou enregelado, responde o rapaz.

— Mas aonde ides?

— A Leighton-Buzzard, para casa de minha mãe...

— Ah! então vamos todos, porque tambem quero vêr se vossa mãe me dá pousada e comida por esta noite.

A rapariga não estava muito socegada á vista da singular figura do digno viajante. Todo alagado, cheio de lama, com o chapéo amarrotado, parecia mais um farropilha do que um cavalheiro capaz de pagar o agasalho. Para aumentar a desconfiança e o medo que inspirava o seu encontro, julgou ouvir a voz do amigo, poz o ouvido á escuta... e entrou a chamar com quanta força tinha! A rapariga ficou persuadida de que tinha caído em mãos de malfeitores: deitou a correr... Montigny, receando ficar sem guia e sem cêa, corre atraz della, e um fugindo, e outro correndo após, vão dar ao povoado, e caem ambos á porta da mãe da rapariga.

Alli chegados, dão-se as explicações convenientes.

A dona da casa, que não é serrana, nem escoceza, não tem nada que dar, nem cama, nem mesa, ao estrangeiro tão maltratado de Shoking bad weather! Nesta perplexidade perguntou elle onde póde ír bater, e citam-lhe os nomes de todos os ricos moradores das cercanias. Entre estes nomes, um ha que elle conhece: é o de sir Williams Watherivorth.

— Onde mora sir Williams?

— No fim da villa!

O estrangeiro sáe; o ceo está com melhor cara; acerta com a casa, de cujas janellas saía uma claridade mui grande; bate á porta como um perfeito gentleman, deitando a campainha abaixo.

Vem um criado de farda.

— Sir Williams?

— *Not at home.*

Estas palavras, tanto em França, como em Inglaterra, querem dizer, que o dono da casa saíu, ou que não quer fallar a ninguem.

— *Not at home!* pois bem. Aqui está o meu bilhete... leve-lh'o.

Isto foi dito com tal soberania, que o criado obedeceu, apesar do mal arranjado de fato, que vinha o visitador.

Pouco depois torna o criado:

— Senhor francez, meu amo diz que o não conhece!

— Não me conhece, responde Montigny, entrando sem ceremonia pela sala. Pois então, diga-lhe, para lhe espertar a memoria, que é meu devedor... e que venho aqui para ser pago.

O criado torna dentro. Depois vem o proprio Sir Williams, admirado, irado, e chegando-se ao estrangeiro:

— Com que direita dizer, senhora, que eu estar sua devedor? — Oh! *this is too bad!*

E assim dizendo, fez signal aos criados para o ajudarem a pôr no andar da rua o enlameado,

que andava áquellas horas a pedir contas por casas particulares. Montigny, que era filho de Mirabeau, tomou os modos de seu pae, e respondeu:

— *Stop a little!* vou mostrar-vos que me conheceis, e sois meu devedor. Ha cinco annos que um sujeito, que estava em París, quiz atravessar a ponte das Artes. Tem que pagar o imposto; mas não leva comsigo senão notas do banco, e não tem troco para pagar. Parece-me, mylord, que o estrangeiro não havia de gostar de tornar para traz... e ir por outra ponte... porque via vir andando uma esbelta dama... Emfim, não quero dar com a lingua nos dentes!

Sir Williams estava mansinho, e ouvia com attenção.

— Um sujeito, que passava, via a sua inquietação, e passou por elle. Da carteira, que ainda tinha aberta, tirou o estrangeiro um bilhete, deu-o a quem lhe acudíra, e disse-lhe á pressa: — muito folgarei de poder um dia, em minha casa, pagar esta divida! — Ora, neste bilhete estava escripto — *Williams Watherworth*, Leighton-Buzzard. Lembro-me bem disto, porque guardei o bilhete, por causa deste caso...

— Pois sois vós! exclama Sir Williams.

— Fui eu quem emprestei, e vós sois quem pediu. Mylord, deveis-me um soldo (dez réis)... Venho pedir o pagamento.

Nunca se viu mudança tão rapida, nem tão singular, como a que se operou no rosto de Sir Williams, que logo estendeu cordialmente a mão ao estrangeiro. Assim são os inglezes — excessivos tanto na arrogancia, como na affabilidade. *Tudo ou nada*, é a divisa de um dos seus maiores nomes. Montigny foi levado ao quarto de mylord, onde um criado o pôz em estado de apparecer diante de gente. Vão nessa occasião para a mesa. Disse-se logo de quem o estrangeiro era filho, e todos lhe acharam aquelle porte de familia, que ha meio seculo se vê pintado em tantos logares. Mylady esteve muito amavel, e a anecdota da ponte das artes foi commentada, e serviu de pratinho: porque não era a mulher de Sir Williams a tal dama que elle encontrou na ponte, quando o filho de Mirabeau o tirou do aperto, na occasião em que elle se dispunha a dar a nota do banco para pagar um soldo.

NECROLOGIO.

No dia 29 do mez passado deu-se á sepultura o cadaver do sr. Francisco de Paula, operario do Arsenal da Marinha.

Treze operarios do mesmo Arsenal, seus companheiros de trabalho, conduziram á mão o finado ate á sua ultima morada no cemiterio dos Prazeres.

Tendo apenas 34 annos de edade, o sr. Francisco de Paula succumbiu em pouco tempo a uma tisica, motivada por alguns padecimentos adquiridos na Costa d'Africa, onde esteve em serviço.

Cidadão probo, bom filho, amigo leal e sincero, o sr. Francisco de Paula tornou-se sempre digno da estima de todos que o conheciam, pelas excellentes qualidades que o adornavam.

Possuido de santa resignação, viu aproximar-se-lhe o instante supremo, que o separou para sempre de um mundo de enganos e illusões, para o transportar a outro muito mais tranquillo e real, onde certamente gosa agora esse premio sublime destinado aos justos — A BEMAVENTURANÇA ETERNA.

Nós, que o conhecemos em dias bem gratos ao nosso coração, era nosso triste dever dedicar este sincero tributo á sua memoria, envolto em uma lagrima sobre a sua sepultura.

José Joaquim de Carvalho.

Noticias Diversas.

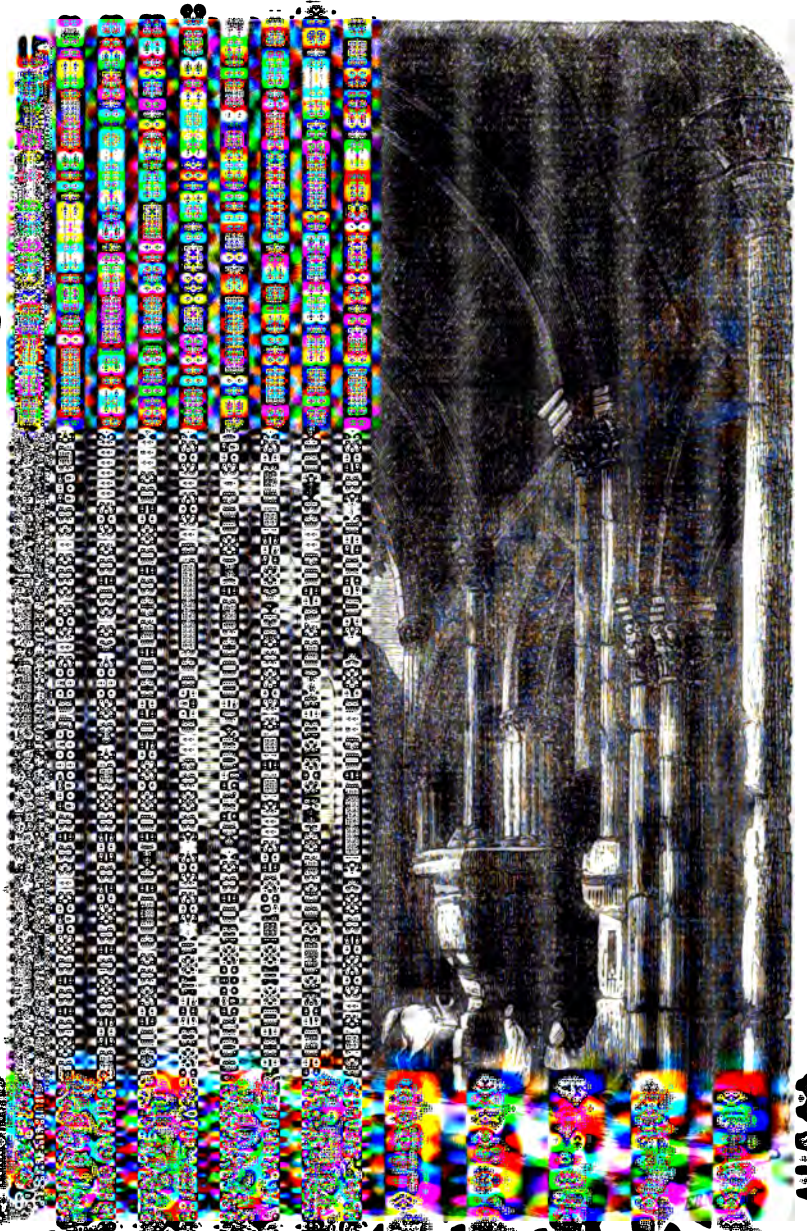
Nova companhia. — Consta-nos que um estrangeiro está tratando de promover a organisação de uma companhia que tem por objecto estabelecer uma carreira de vapores entre Lisboa e os portos do Algarve.

Noticias do naufragio. — Os jornaes do Porto continuam a trazer noticias sobre o desastroso acontecimento que encheu de lucto aquella cidade. Diz o *Periodico dos Pobres* que M. Claverie e o seu companheiro, commissionados de M. Marsóo, traziam todas as fazendas em ser e quatro contos de réis em dinheiro sem seguro — diz-se que, além dos passageiros mencionados nas folhas do Porto, morreram tambem 10 carpinteiros e 2 italianos que andavam com um realejo e um macaco. — No dia 5, ás 4 horas da tarde, appareceram dois cadaveres na praia junto do Senhor da Pedra, porém não foi possivel reconhecel-os. Diz o *Braz Tizana* que no dia 4 á noite se deu á sepultura o cadaver do sr. Antonio Francisco Cansado de Brito, segundo tenente de artilharia, um dos passageiros do vapor que, por ter pago a passagem a bordo, não estava inscripto na relação. Assistiu a officialidade dos corpos.

Tentativa de roubo. — Da quarta para quinta feira tentaram roubar a pagadoria da marinha. Foram arrombadas algumas portas, mas a da pagadoria resistiu. Os ladrões fugiram por uma janella.

Querella. — O sr. Gama, delegado da 3.ª vara, deu uma querella contra os administradores do vapor Porto. Diz o *Periodico dos Pobres* que a arguição principal do libello é terem os administradores feito saír o vapor em estado de precisar metter caldeira nova em época de vendavaes, quando a equipagem se mostrava receiosa de tripular esta embarcação, e sem que fosse nenhum dos dois commandantes.

de Hespanha, e tem um porto excellente; está situada na Catalunha, ao pé da embocadura do Ébro.



custo, a ponta do pé. Na America meridional e no Mexico, em lugar de estribos de ferro, usam de bocados de páu com grandes aberturas no meio, onde mettem os dedos do pé, que costumam trazer fóra do borzeguim de pelle de cavallo, que é o calçado nacional adoptado.

Estes estribos de madeira são ornados exteriormente com pequenas esculpturas. Existe archivado na casa da companhia das Indias, em Londres, um manuscripto indo-persa, intitulado *shak-namek*, onde se lê a descripção de duas pequenas caixas de páu, que eram evidentemente destinadas para se suspenderem á sella do cavallo, e receber os pés do cavalleiro.

Ainda não vae distante a época em que o camponez da ilha de Jersey se servia da antiga sella de seus antepassados, os celtas. Consistia n'um pedaço de esteira de junco ou de palha muito grossa; os lóros e o peitoral eram da mesma sorte formados por alguma destas materias. Este rustico jaez vê-se n'alguns baixos relevos celticos.

Os cavalleiros parthos tinham por costume, quando íam combater contra os romanos, de se armarem, não só a si, como tambem os seus cavallos. O baixo relevo colossal de Bankt-y-Bostam, na Persia, preciosa reliquia do tempo da dominação dos parthos, representa o cavalleiro munido de uma couraça que lhe cobre o corpo todo. O cavallo só tem encouraçado o quarto dianteiro, e sua couraça compõe-se de pequenas laminas de ferro sobre-postas, e intimamente unidas umas ás outras.

O uso de resguardar o cavallo dos perigos da guerra parece datar de uma época mui affastada, porque já em muitas moedas cunhadas no tempo de Seleuco Nicanor se vê a effigie do cavallo de batalha deste guerreiro enfeitada com uma mascara toda eriçada de pontas. Muitas esculpturas de marfim reproduzem do mesmo modo os heroes de Rajahtan, montados em cavallos, cada um dos quaes está coberto com uma couraça, e um delles tem uma mascara, que figura a cabeça de um elephante.

A Persia tambem mandou os seus cavallos armados ás victorias que alcançou sobre os imperadores bysantinos e sobre os arabes, depois da hegira de Yedesgeral.

No decimo terceiro seculo viram-se na Europa cavallos encouraçados. Saer de Quincy está representado no seu escudo (em 1207), na qualidade de primeiro cavalleiro inglez, montando um cavallo com couraça e adornado de um xairel.

Os xaireis, invenção mais filha do luxo, do que de sua necessidade para a jaezação, eram ás vezes tão compridos, que tocavam no solo; outros não passavam da altura dos curvilhões.

Mais tarde adornaram-n'os com o escudo e divisa do cavalleiro, com ricas bordaduras, e vieram por fim a fazer-se de estofos de alto preço.

Todavia o xairel não foi sempre um objecto de vã ostentação; muitas vezes estendia-se por baixo delle uma cota de malha, formada de chapas de ferro ou de pequenos anneis; occupava a parte inferior do pescoço e toda a extensão do peitoral. A sella usava-se então muito alta, os arções eram de aço; o coxim ficava muito desviado do dorso. Duas grandes laminas de ferro partiam da parte dianteira da sella para occultar as côxas e as pernas do cavalleiro; estas laminas prolongavam-se até ao peito do pé, depois dirigiam-se para cima, de maneira que ficavam os quadrís e uma boa parte do corpo egualmente protegidos. Dois fortes chumaços postos um de cada lado, atraz da sella, quasi que a transformavam n'uma fôfa e commoda poltrona. A sella tinha tambem, tanto anterior como posteriormente, um certo numero de pequenas argolas, que era onde o cavalleiro enfiava a espada sobrecellente, a lança, a massa, etc. A cavallaria polaca conservou por muito tempo, mesmo ainda no reinado de João Sobieski, o habito de collocar atraz da sella grandes azas de cysne; esta particularidade produziu um effeito tão bello, quanto extraordinario e imponente ao mesmo tempo, quando esta brava cavallaria marchou para a defesa de Vienna atacada pelos spahis. Outras vezes os polacos suspendiam ás sellas pequenas peças de ferro, as quaes causavam, no momento de se dar uma carga, um immenso e espantoso ruido. Em geral as sellas polacas tiveram sempre os arções muito elevados e o coxim demasiadamente macio; punham-n'as sobre mantas, que dobravam e cilhavam com o maior cuidado. Os cossacos, que, como se sabe, não usam de coldres, porque trazem as pistolas presas á cintura, ainda hoje se servem deste mesmo genero de sella. Na Persia e nas Indias, pelo contrario, são em extremo baixas, mas nem por isso os cavallos se ferem mais a miudo. No Japão são formadas simplesmente por duas pequenas taboas unidas entre si pelo lado maior, e convenientemente almofadadas.

O freio, de invenção muito antiga, veiu-nos incontestavelmente da Asia, assim como a barbella, da acção da qual abusam bastante os orientaes com reconhecido damno de seus cavallos, pois que a empregam para os fazer parar de repente quando vão marchando a grande galope.

As cambas e o bocado são provavelmente de invenção européa pela razão de terem os nossos cavallos a bocca mais sensivel, e nós a mão muito mais leve.

As rédeas, ainda que de ordinario fossem feitas de couro, tambem ás vezes as formavam de pequenas placas ou malhas de ferro, e até de estofos de consideravel valor.

Reforma ou revolução religiosa do seculo 16.°

(Continuado do 4.° volume pag. 410).

II.

Necessidade de uma reforma. Erasmo e Luthero.

Dissemos no artigo precedente, que o principio

da reforma, ou revolução religiosa do seculo XVI, podia ser collocado no anno de 1520, quando Luthero queimou publicamente a bulla de Leão X, e que a paz de Westphalia marcava o seu fim. Historiámos o estado da Europa, e diziamos finalmente:

Sentia-se pois a necessidade de uma renovação. A egreja, que immutavel no dogma, se curvou sempre, na applicação e na disciplina, ás opportunidades do tempo, em todas as suas assembléas solemnes decretava regras de melhoramento: nos dois ultimos concilios de Constança e de Baziléa, a reformação da egreja, em seus chefes, e seus membros, tinha sido reclamada em alta voz.

Se se tivesse procedido a esta reforma com franqueza e de accôrdo, ter-se-hia prevenido o flagello. Mas em vez deste accôrdo sincero, deixou-se ulcerar a ferida de tal maneira, que a corrupção se tornou mais profunda, e o espirito do seculo acabou por dominar na religião, e até em Roma, que é a séde principal della. As chaves de S. Pedro eram ambicionadas, não por abrirem as portas do paraiso, mas por serem de oiro.

É um phenomeno muito notavel na historia da humanidade, vêr a degeneração das mais bellas instituições, á medida que se afastam da sua origem. O christianismo, que não é senão a mais sublime philosophia moral revestida de uma sancção divina, não escapou a esta lei de degeneração. De feito, seis seculos depois de sua instituição, uma corrupção quasi universal havia invadido e deturpado a doutrina celeste. Por toda a parte se via a obra dos padres, e a politica dos reis, em vez da simplicidade primitiva da idéa evangelica. Pompas, ceremonias, signaes de toda a poesia do paganismo tinham substituido os ritos populares dos primeiros discipulos. N'uma palavra, a mão do homem tinha desfigurado a obra de Deus.

Na meia edade algumas vozes se tinham levantado contra a potencia excessiva dos pontifices; mas os innovadores eram pouco escutados. Todavia a opinião, base do poder papal, tinha sido abalada pelo estabelecimento da santa sé em Avinhão, por suas contendas com Philippe, o bello, e com outros reis, onde se revelára a fraqueza de uns e de outros. A unidade da egreja, destinada a manter o accôrdo entre os principes, se havia tornado, por occasião do schisma do occidente, um motivo de divisão; por quarenta annos se permaneceu na dúvida, relativamente á perpetuidade que lhe era promettida, e os papas rivaes tiveram necessidade do apoio dos reis para sustentar a verdade e o erro. Os reis, occupados em concentrar o poder em si unicamente, negaram a Roma suas antigas prerogativas. Eduardo III recusou-lhe o tributo; Fernando de Hespanha lhe fez opposição. Os concilios de Basilea e Constança proclamaram-se superiores ao pontifice. Os papas ligaram-se mais avidamente aos interesses temporaes, e quizeram conferir altas posições a suas familias, afagando os poderosos e opprimindo os fracos.

Neste tempo havia ostentação de saber e de costumes classicos, e todavia os pulpitos e as reuniões ecclesiasticas eram invadidos pela ignorancia. Prégadores se espalhavam por entre o povo, a quem elles ensinavam erros, superstições, e terminavam inevitavelmente seus sermões, pedindo dinheiro. Um delles exprimia-se assim: « Vós me perguntaes, meus caros irmãos, como se vae ao paraiso. Os sinos do mosteiro vol-o ensinam por seu som: dan-do, dan-do, dan-do. »

Cada ordem religiosa, cada aldêa, cada egreja, tinham um santo particular, cujos panegyricos eram acompanhados de absurdos sem conto; e, ou por simplicidade, ou por fraude, curava-se de multiplicar os milagres, as graças, as reliquias do bemaventurado padroeiro, e attrahir-lhe um culto, que facilmente degenerava em idolatria.

O rigor crescente do santo officio era tambem um symptoma de decadencia; porque o dominio espiritual não póde fundamentar-se senão sobre o consentimento voluntario das intelligencias, e o emprego da força material, quando a ella se recorre de proposito, revéla enfraquecimento.

O alto clero, absorvido em cuidados mundanos, não tratava de instruir-se nesta fé, que elle era obrigado a defender e a manter sem mancha; os membros inferiores, como sempre, seguiam o exemplo de seus chefes. Os mosteiros, n'outro tempo centros de actividade para o pensamento e para as artes, estavam lançados no torpor da velhice, e no relaxamento da opulencia. Os frades, em grande numero, que se occupavam em copiar manuscriptos, achando-se reduzidos á ociosidade pela imprensa, se pozeram a ventilar questões de mediocre importancia, desenvolvendo nellas pouca arte e muitas subtilezas, em quanto que a nova litteratura se compadecia das inepcias e loucuras escholasticas, que por muito tempo haviam occupado o logar da verdadeira sciencia.

Uma coisa digna de notar-se é o atrevimento, com que em toda a christandade, e na Italia mais que n'outra qualquer parte, se censuravam os vicios da côrte de Roma, e os abusos que se tinham introduzido na egreja. Dante e Petrarca se exprimiram com violencia, e não incorreram todavia em nenhuma censura; seus livros nem mesmo foram prohibidos. Poggio, que foi secretario de tres papas, descreveu o supplicio de João Huss e de Jeronimo de Praga, invocando para elles a compaixão, e invectivando contra Roma. Suas incoherentes *Facecias*, em que os costumes ecclesiasticos e a côrte pontifical são vivamente atacados, foram impressas mesmo em Roma. Pio de la Mirandole levantou-se, no concilio de Latrão, contra a ambição, avareza e desregramento do clero, com um atrevimento, que não foi excedido por nenhum protestante, e proclamou altamente o desejo geral de uma reforma.

Ás vezes mesmo a tolerancia se estendia mais longe do que á disciplina comportava. Assim Pe-

dro Pomponace, de Mantua, sustentava que as almas eram mortaes. Alguem em Roma quiz provar a Erasmo, que nenhuma differença havia entre a alma do homem e a dos irracionaes. Não parecia bom cortezão, quem não tinha nos dogmas da egreja alguma opinião erronea e heretica.

(Continúa). *João Felix Pereira.*

Cezarina

II.

Henrique d'Ermenon tomou o caminho que conduzia a Senlis.

Depois de ter andado vinte minutos, chegou ao logar, em que se fazia a festa.

Havia alli uma gritaria capaz de fazer ensurdecer, porque é sobretudo á noite que affluem os individuos ávidos desta especie de espectaculos; é quando tambem os pelotiqueiros empregam para os attrahir os meios que deveriam ao contrario afugental-os.

O ar estava infectado com o cheiro das luzes, do fogo de artificio e das differentes exhalações das barracas e baiúcas, qual dellas a mais sordida e insalubre.

Os camponezes de Senlis passeavam orgulhosos no meio desta traquinada de vozes, de instrumentos e de detonações, porque, como bem se póde julgar, os tiros de polvora sêcca misturavam a sua parte neste horripilante concerto.

Henrique procurou a divisa da panthera, e não teve grande difficuldade em a encontrar. Uma especie de musica interior, a entrada deserta, denunciavam que neste momento a representação estava tendo logar.

Henrique subiu os degraus, pagou ao bilheteiro os tres sous, que eram o preço da entrada, ergueu uma especie de panno de colxão, estendido em guiza de reposteiro, e entrou na improvisada sala dos espectadores. Uma rapariga vestida com umas roupinhas de veludo preto, vasquinha amarella com bordadura vermelha que lhe chegava até ao joelho, e deixando a descoberto os contornos de uma perna bem feita, calçada n'uma meia quasi branca, estava em acção de arrancar da garganta de uma panthera, estendida sobre o chão, um pedaço de carne crua que lhe havia offerecido; o que o bruto, para desdouro da especie e elogio da mulher, consentia com uma indifferença admiravel. — Era este o ultimo exercicio da joven farçante.

Ao acabar, foi pois victoriada com applausos enthusiasticos, e os papalvos se retiraram.

Henrique adiantou-se, e no momento em que o ultimo espectador levantava o reposteiro para saír, chegou-se á rapariga.

— Mademoiselle, lhe diz elle, queria dar-vos uma palavra.

— Fallae, meu senhor, que eu vos escuto.

— Não tereis por ahi outro logar mais reservado que esta sala?

— Então o que me quereis dizer é muito importante?

— Sim, é.

— Pois então acompanhae-me.

A pelotiqueira galgou por cima dos bancos desertos, e seguida por Henrique, dirigiu-se para uma portinha, apenas fechada na tranqueta.

Ella abriu esta portinha, que dava entrada para uma cafúa, onde se achavam em monte, malas, colxões, e um trem completo de cozinha ambulante. Um candeeiro enegrecido pelo fumo allumiava pallidamente este retiro.

Mademoiselle Cezarina, era assim que se chamava a rapariga, fez signal a Henrique para sentar-se, se quizesse, e ella ficou em pé defronte delle, encostada a uma mesa em ruim estado, e brincando com a sua varinha.

— Vós predizeis o futuro, mademoiselle? perguntou mr. d'Ermenon em tom de ironia.

— Sim, meu senhor, respondeu Cezarina em tom de convicção.

— Muito bem, uma pessoa ha de vir ámanhã consultar-vos, e é preciso que profetizeis a esta pessoa o futuro que vos vou dictar.

— Tereis um trabalho baldado, meu senhor, porque não cumprirei as vossas ordens.

— Por nenhum preço? tornou o mancebo, tirando da algibeira algumas moedas de ouro, que brilhavam á claridade do candeeiro.

Cezarina olhou para os luizes e respondeu:

— Por nenhum preço.

— E poderei saber a razão porque recusaes?

— A razão é muito simples, meu senhor. Eu creio na minha sciencia, e não quero enganar ninguem.

— Então crêdes que as vossas predicções se realisam?

— Tenho toda a segurança disso.

— Nesse caso, se possuis uma tal virtude, porque não usaes della para fazer a vossa fortuna, em vez de vos andar a dar em espectaculo com animaes ferozes?

— Porque, meu senhor? Porque o publico não crê e não paga, senão o que vê, e desta sorte eu usaria em vão de uma faculdade maravilhosa, cujo segredo e exploração só eu hoje possuo talvez.

— Emfim, falso ou verdadeiro, o vosso condão póde utilisar-me, e é para isso que aqui vim procurar-vos. Veiu hontem aqui uma menina consultar-vos, não é verdade?

— É verdade.

— Conheceis-la?

— Não, senhor.

— E não obstante contasteis-lhe o seu passado.

— O passado de uma mulher da sua edade, e na sua posição, não é difficil de adivinhar. Se fosse o meu, por exemplo, lá custaria mais.

— A verdade é, que ella saíu d'aqui maravilhada, e fallou desta visita a uma das suas ami-

gas, que ha de vir tambem ámanhã de manhã procurar-vos.

— Sósinha?

— Não, com a pessoa que já conheceis, e uma velha, sua aia.

— E então?

— E então, é que não é sómente o passado, que lhe haveis de contar, mas é sobre o futuro que lhe haveis de responder.

— Dir-lhe-hei tudo o que me perguntar.

— Naturalmente ha de questionar-vos ácêrca das suas mais secretas impressões, porque ella é supersticiosa, e assim obtereis facilmente a sua confiança.

— Revelar-lhe-hei toda a verdade.

Henrique olhou para esta cigana, tão cheia da sua infallibilidade, como a sibylla antiga.

— A menina de que vos fallo, proseguiu elle, ama alguem, que tambem a ama. Haveis de dizer-lhe que ella faz muito bem em amar esse alguem.

— Esse alguem sois vós?

— Talvez.

— Escutae, meu senhor, eu hei de responder-lhe conforme as perguntas que me fizer. Eis-aqui tudo o que vos posso prometter.

— Mas como saberei eu as vossas respostas?

— Perguntae-lh'as.

— Ella não m'as diz por certo, e além disso eu desejava observar as suas impressões na occasião em que vos interrogar a respeito do seu amor, e do que lhe convem fazer.

— Ha um meio.

— Qual é?

Neste momento abriu-se a porta, e um arlequim de estatura colossal, em costume de athleta, isto é, de saiote côr de carne, calção de veludo preto franjado de prata, disse, olhando para a sua companheira, com uma voz assomada:

— Que diabo estás tu aqui fazendo?

— Estou com negocios, vae-te embora.

— E a representação?

— Faze o annuncio, imbecil, bem vês que não ha gente.

O colosso fechou a porta e desappareceu.

— Qual é esse meio? replicou Henrique.

— É muito simples: vinde ámanhã antes da menina. Esconder-vos-hei neste quarto, e d'aqui ouvireis tudo. Podeis depois fazer do que ouvirdes o uso que vos parecer.

— Pois não falto. Ámanhã?

— Amanhã, meu senhor.

No momento em que Cezarina abriu a porta para Henrique saír, este lhe metteu duas peças de ouro na mão.

— Obrigada, meu cavalheiro, disse a rapariga, sorrindo.

E ella deitou os dois luizes para dentro de uma caixinha, que fechou e guardou *no fundo da gaveta da mesa.*

Quando Henrique saía, os curiosos íam-se ajuntando ao ouvir as magnificas promessas do Hercules das franjas de prata.

Elle atravessou pela multidão, e caminhou para Valgenceuse.

A sua ausencia durára quasi uma hora.

Quando chegou, os convivas haviam entrado para o salão, e Julieta cantava acompanhando-se ao piano. Depois da musica discordante que elle acabava de ouvir, a da joven menina devia parecer-lhe uma melodia celeste. — É verdade que tambem Julieta possuia uma voz sympathica e divina, que todavia se perturbou um pouco, quando Henrique entrou.

Este aproximou-se de madama de Beauzée e dos quatro personagens, que nós já conhecemos, os quaes formavam um grupo e conversavam em um dos angulos do salão, escutando ao mesmo tempo o romance que Julieta cantava, assentada ao lado de Cecilia, que trocára com ella um olhar confidencial, no momento em que Henrique abríra a porta.

Julieta da sua parte, correspondendo ao signal, mal acabára o romance, em vez de principiar com outro, corrêra os dedos pelo teclado com força, para que a bulha não deixasse ouvir o que ella dizia a Cecilia.

As duas meninas perguntavam uma á outra, donde viria aquelle que em toda a noite fôra o objecto do seu entretenimento.

O barão e sua esposa, o conde e a condessa continuavam a fallar em politica, adubando a conversa, de vez em quando, com algum desses chistes frieirões, de que as pessoas bem educadas tem como preceito dever rir para prova de polidez.

Henrique e madama de Beauzée conversavam á parte, e o mancebo parecia estar soffrendo um interrogatorio, ácerca das supposições a que tinha dado motivo a sua desapparição.

As perguntas da mãe de Julieta não eram senão um rodeio para chegar insensivelmente ao terreno de uma conversação mais séria.

Porque madama de Beauzée tinha com effeito percebido que Henrique não era indifferente a sua filha, e que sua filha agradava a Henrique. E como boa mãe e cautelosa, tratava de se inteirar definitivamente das intenções do mancebo. — Era para este fim que ella lhe havia pedido de ficar toda a noite, esperando surprehender um momento favoravel, em que o obrigasse á explicação que ella desejava.

Estava pois ella quasi chegando aos seus fins, quando um criado lhe veiu annunciar que mr. Heitor Grandin desejava fallar-lhe.

— Mandae entrar o senhor Heitor Grandin, disse madama de Beauzée.

Mr. Heitor Grandin era filho do tabellião da casa.

Um mancebo todo vestido de preto e de gravata branca appareceu então ao limiar da porta, trazendo na mão um rôlo de papeis.

Mr. Heitor tinha uma physionomia insinuante e affavel. — Os bons sentimentos estavam claramente traçados em suas feições. — Era de estatura mediana, e parecia de um caracter submisso, e de uma grande timidez.

Os seus ademanes, um pouco provincianos, tinham aquella apparencia atada por um certo encolhimento, consequencia da inexperiencia do mundo, e do caracter official em que quasi sempre andava enfronhado, como supplente de seu pae nos negocios de que este não tinha tempo de se occupar.

Mr. Heitor emfim não era um moço bonito, mas era um coração excellente e leal. — Não seria, á primeira vista, capaz de inspirar uma paixão; mas uma vez tractado, sentia-se por elle uma sympathia verdadeira.

Madama de Beauzée, que reconhecêra nelle todas estas boas qualidades, tratava-o com affecto.

Quando viu que madama de Beauzée não estava só, ficou embaraçado, hesitou se entraria, ou não. Córou, e não se atreveu a avançar.

— Entrae, senhor Heitor, disse-lhe a castellã, e mr. Grandin filho, um pouco mais animado, fechou a porta, comprimentou, mal ou bem, as pessoas presentes, e deitando um olhar furtivo para Julieta, que nem mesmo se tinha voltado ao ouvir o seu nome, foi assentar-se junto de madama de Beauzée. Henrique aproveitou-se disto para vir conversar com Julieta e Cecilia.

— O que é que me facilita a vossa visita tão tarde, meu caro senhor Heitor, disse madama de Beauzée com um sorriso. É para mim esse grosso rôlo de papeis?

— Sim, minha senhora, e como era absolutamente preciso que vos fossem entregues antes de ámanhã, respondeu o mancebo, encarreguei-me eu mesmo de vo-los trazer; eu sabia que daveis hoje reunião, e julguei não commetter indiscrição, vindo ás dez horas.

— Vós nunca sois indiscreto, meu caro senhor Grandin. E o que são estes papeis?

— São as escripturas relativas ás vossas ultimas collocações de fundos, e para as quaes meu pae precisa de novos poderes.

Madama de Beauzée pegou nos papeis e desenrolou-os.

— Vós examinareis tudo isto, quando tiverdes occasião, madama, ámanhã de manhã terei a honra de vir buscal-os.

— Pois sim.

— Permittis que vá apresentar os meus respeitos a mademoiselle Julieta?

— Ide, senhor Heitor, ide.

Mr. Heitor levantou-se, aproximou-se da joven menina, que com os olhos pregados n'uma pagina de musica, em ar de disfarce, conversava com Cecilia e Henrique.

— Mademoiselle, diz Mr. Grandin filho, córando e com uma voz ligeiramente abalada, a vossa saude tem passado bem desde a ultima vez que tive o prazer de vos vêr?

— Sim, senhor Grandin, respondeu Julieta, voltando-se sobre o tamborete do piano, e a vossa?

— Muito obrigado, mademoiselle; e o mancebo estacou em contemplação, diante da menina de Beauzée, sem saber o que accrescentar a esta frase.

Durante este tempo Henrique olhava para elle com um ar de môfa. Mr. Heitor viu, ou antes adivinhou este olhar, e comprehendeu que lhe era absolutamente preciso dizer o quer que fosse, porque Julieta guardava um silencio inexoravel, e balouçando-se no tamborete parecia dizer-lhe:

— É para isto que viesteis interromper a nossa conversação?

— Esteve hoje bem bonito dia, atreveu-se a dizer mr. Grandin.

— É verdade, e a noite magnifica.

— Não fosteis á festa, mademoiselle?

— Não, senhor.

— Estaveis, julgo eu, cantando quando entrei?

— Havia acabado.

— E não cantaes outra vez?

— Não, agora conversâmos.

— Dessa maneira estou incommodando-vos no meio da vossa conversa; peço-vos perdão, mademoiselle, mas eu não queria retirar-me, sem saber da vossa saude e apresentar-vos os meus comprimentos. A menina inclinou-se sem responder.

Cecilia reprimia difficilmente uma violenta convulsão de riso, causada pelo embaraço em que estava mr. Heitor.

Henrique batia o compasso sobre o piano.

Mr. Grandin filho comprehendeu que já era alli de mais, e que passaria por ridiculo, se mais tempo se demorasse. Comprimentou, pois, mademoiselle de Beauzée; aproximou-se por ultima vez da mãe desta, e saíu aos tropeções, o que fez arrebentar o riso a Cecilia, já por tanto tempo sopeado.

— Este senhor, diz Henrique, não tem mesmo nada de divertido.

— É conforme o encaram, respondeu Cecilia.

— Nada de dizer mal delle, interrompeu Julieta, porque minha mãe estima-o muito.

Em quanto isto se passava, Heitor Grandin transpunha o portão de grade do castello, e olhando para as persianas do salão, em que tinha estado, e atravez as quaes as luzes scintillavam, exclamou com as lagrimas nos olhos:

— Eu amo-a com todas as véras da minha alma, e ella nunca me amará!

E seguiu instinctivamente o caminho que conduzia ao escriptorio de seu pae.

Uma hora depois, os convivas de madama de Beauzée faziam as suas despedidas, e esta dizia a Henrique, o ultimo a comprimental-a:

— Tinha bastante vontade de vos fallar esta noite, mas não tivemos um instante de nosso. Vinde ámanhã por todo o dia.

Henrique saiu, depois de prometter que não faltaria. E Julieta lembrou uma ultima vez a Cecilia:

— Não te esqueças; ámanhã de manhã antes das nove horas!

— Fica socegada, eu estarei aqui antes de tu te levantares.

Quando mr. d'Ermenon chegou á rua, deteve-se quasi no mesmo sitio em que pouco antes parára Heitor, e olhando tambem para as janellas de Julieta:

— Decididamente é bonita rapariga, disse elle, e admirar-me-hia bastante se me não amasse.

Continúa.

Theatro de S. Carlos.

Subio á scena, em 12 do corrente, a tragedia lyrica em 3 actos — *Stefanella*, poesia de Caetano Soliti, e musica do *maestro* Pedro Antonio Coppola.

Coube o desempenho á sr.ª Sannazzari (*Stefanella*), e aos srs. Musich (*Ruperto*), Mancusi (*Ubaldo*), Celestino (*Ezzelino*).

Esta opera, originariamente escripta para o theatro *Carolino* de Palermo, com o titulo de *Orfana Guelfa*, foi agora alterada, ampliada em algumas partes e accommodada, pelo proprio author, aos artistas que a desempenharam.

O *maestro* Coppola, teve no *libretto* um fraquissimo auxiliar para a sua inspiração. O argumento é falto de boas situações dramaticas; e a poesia que o reveste, é de pouco merecimento.

Na musica da opera, encontram-se alguns trechos monotonos e outros que peccam talvez pela sua prolixidade; mas para contrabalançar estes inconvenientes, observa-se em quasi todo o *spartito* uma instrumentação bellissima, e notam-se varias peças de merecimento, que tanto mais forem ouvidas, mais deverão agradar. Citaremos, entre outras, o excellente final do 2.° acto, a *cabaletta* do duetto de *Stefanella* e *Ubaldo*, a da aria de *Ruperto*, no 3.° acto, e a brilhante marcha triumphal da introducção do mesmo acto.

A parte de *Stefanella*, que em Italia foi escripta para um soprano *sfogato*, soffreo agora as modificações indispensaveis para a tornar exequivel por um *mezzo soprano*. A sr.ª Sannazzari, no desempenho da referida parte, mostrou-se, como sempre, a intelligente artista cheia de expressão e naturalidade, que enleva e commove o auditorio, e que, com o mesmo poder com que lhe prende a attenção, lhe sabe captivar a sympathia.

O sr. Musich cantou com muito esmero, sobretudo, a aria do 3.° acto: — *Ah! dè giorni d'innocenza*.

O sr. Mancusi disse bem a sua aria — *Io la vidi*; e no dueto do 3.° acto com a sr.ª Sannazzari, quando a orfã repelle formalmente o amor de *Ubaldo*, mostrou-se cheio de sentimento e profundamente identificado com o caracter que representava.

É digno de honrosa menção o distincto professor o sr. José Gazul, pelo gosto e magistral modo com que executou o excellente solo de flauta, que precede a aria do sr. Musich no 3.° acto.

Os córos e a banda marcial.... soffrivelmente. A orchestra, muito bem.

O vestuario, é menos .. muito menos do que mediocre...

Eis quanto por ora podemos dizer da nova opera do *maestro* Coppola, debaixo das impressões causadas pela primeira representação a que assistimos. Mais tarde tornaremos a fallar sobre o mesmo assumpto; porque intendemos que a musica da *Stefanella*, além de outras qualidades que lhe dão merito e que honram o seu author, possue a de ser escripta n'um genero (hoje desgraçadamente mui raro) que os cantores podem executar, sem esforço nem fadiga, e o publico póde escutar sem ficar com os ouvidos aturdidos

No mesmo dia 12, representou-se pela primeira vez um novo *divertissement* — *As Nereides* — composto pelo sr. Cappon..... — Nada diremos sobre esta composição, porque não queremos perturbar o repouso dos mortos.....

Noticias Diversas.

Mathematico mental, sem braços nem pernas, de nascença. — Existe actualmente em París um rapaz, que nasceu em 1815, sem braços nem pernas. Este ente assim mutilado, este pedaço de corpo humano, veiu ao mundo dotado, como para compensação da sua desgraça physica, com o talento mais prodigioso, de que ha noticia, para as sciencias mathematicas. Chama-se Carlos Grandemange. Seu pae, carpinteiro de profissão, por conselho de algumas pessoas intendidas, que haviam descoberto na criança a mais rara propensão para aquellas sciencias, mandou-o, conforme lhe permittiam seus meios, educar em alguns dos collegios proximos. O pasmoso desenvolvimento das suas faculdades, a admiração que causaram os seus inimitaveis e rapidos progressos, resolveram o rapaz a vir, por morte de seu pae, para París, não só para se acabar de aperfeiçoar, mas para ganhar os meios da sua subsistencia. A academia das sciencias nomeou uma commissão para apreciar até que ponto era verdadeira a fama das faculdades intellectuaes deste rapaz, e o relatorio desta confirmou, se não augmentou ainda, os prodigios que deste mancebo se contavam. Foi sobretudo o resultado deste exame que, estabelecendo e generalisando melhor a sua reputação, o animou a abrir sessões ao publico.

« Assistimos, diz o correspondente da *Illustration*, donde extrahimos esta noticia, á primeira das suas sessões, e podêmos assegurar que o joven mathematico excedeu as promessas do seu programma e a geral espectativa. Por espaço de tres horas, uma enfiada de problemas dos mais esdruxulos, indecifraveis e complicados, lhe foram propostos, e elle todos resolveu com uma rapidez, para assim dizer, electrica. Pediram-se-lhe multiplicações de vinte algarismos por dez ou doze ditos; passada uma pequena pausa, disse o producto que, a fazer-se no papel, gastaria meia hora de calculo. Entre os que mais o atenazavam com as mais difficeis perguntas, houve um que lhe pediu o *resto* da divisão por *nove* de um compridissimo numero de sextilliões, quintilliões, quadrilliões, billiões, milhões, etc. Ainda bem o numero não fóra pronunciado, que o jo-

tro de S. Carlos, um grande concerto vocal e instrumental dado pelos jovens Fontana. É d'esperar que os *dilettanti* não deixem de alli concorrer.

Mm.e Clara Novello. — Lemos no *Pirata* do 1.° do corrente o seguinte: — «Clara Novello, a grande cantora, estava em París e partia para Londres, onde devia dar concertos no Exeter Hall. A illustre Novello está tambem escripturada para o grande festejo de Birmingham, e depois de 10 de setembro estará á disposição das empresas.»

Dois cantores. — O provecto tenor Basadona chegou a Lisboa no dia 13, e partiu no dia immediato para o Rio de Janeiro, a bordo do paquete do Brasil.

Temos á vista uma carta escripta de Cadiz, em que se nos diz, que o tenor Ceresa, escripturado para o theatro lyrico do Porto, se acha demorado naquella formosa cidade da Andaluzia por falta de meios pecuniarios para se dirigir onde o chamam os seus contractos!

ma.

PREÇOS

Edição superior com figurinos, 48 numeros 1$600 ! 54 numeros 960.
Edição superior sem figurinos, 48 nu
Edição ordinaria 48 numeros 960 ;

la S

vista de tantos restos da antiguidade, com que rivalisam as novas obras primas, e tantos espiritos da primeira ordem, de que bastaria um só para immortalisar um paiz, um seculo, reunidos á sombra do manto papal. No meio do esplendor do culto e da magnificencia dos ornamentos pontificaes, só repara no dinheiro que tudo isso custa, e nos meios empregados para obtel-o Escandalisa-se da corrupção dos costumes, do desleixo dos sacerdotes, que *diriam quinze missas no tempo que elle levava a dizer uma*, da venalidade da côrte de Roma, prompta a dizer, como Judas: *Quanto me haveis de dar? eu vol-o entregarei.*

Voltando á patria, e informado da maneira por que o dominicano Tetzel procedia na venda das indulgencias, disse: «Hei de fazer um buraco neste tambor.» Desde então, oppondo-se a estas profanações, negou absolvição aos penitentes, que tinham comprado destas indulgencias, se não promettiam corrigir-se (1517). No mais ficou submisso ao papa, o qual, dizia elle, se fosse sabedor das exacções dos vendedores de indulgencias, quereria antes vêr em cinzas a basilica de S. Pedro, do que edifical-a com a carne e com os ossos de suas ovelhas.

Em seu primeiro sermão sobre este assumpto, dizia Luthero: «Se tendes superfluo, dáe-o para a edificação da egreja de S. Pedro, dae-o por amor de Deus; mas não compreis indulgencias. Preferi vosso irmão, que é pobre, a S. Pedro e ás indulgencias. A indulgencia não é de preceito nem de conselho divino; não é um mandamento, nem uma obra que produza a salvação.

O abuso das indulgencias, que teria sido possivel supprimir, sem quebrar a unidade da egreja, não foi de feito, senão uma causa exterior e accidental; mas tudo se achava de tal modo predisposto, que bastava uma faisca para determinar um incendio inextinguivel.

A imprensa era então uma nova força social; e os escriptos de Luthero espalhavam-se ao longe com incrivel rapidez, e excitavam a discussão.

Já tudo estava desordenado, e a christandade dividida em dois campos, e Roma guardava ainda silencio. Nove mezes esteve calada pensando que era uma dessas disputas geradas na ociosidade loquaz dos mosteiros, e destinadas a expirar ahi como as outras. Leão x contentava-se em alcunhal-o de allemão bebedo *(ein voller trunker Deutscher)*, e que era preciso deixal-o cozer a bebedeira. Mas a final declarou-o por hereje.

O mal cresceu. Luthero negou a infallibilidade da egreja; e não deixando subsistir senão as verdades litteralmente expostas no Evangelho, e nos quatro primeiros concilios ecumenicos, impugnou a transubstanciação, os sacramentos, o purgatorio, os votos monasticos, a invocação dos santos.

Leão x fulminou excommunhão contra Luthero. Este publicou então a *Egreja escrava de Babylonia*, em que proclamava Roma peior que Sodoma, peior que Gomorrha, peior que os turcos, typo de todos os vicios, de todas iniquidades. Os livros de Luthero foram apprehendidos em todas as lojas de livreiro, e entregues ás chammas. Da sua parte Luthero reuniu os estudantes de Wittemberg, e queimou publicamente a bulla de excommunhão, exprimindo a pena de não poder fazer outro tanto ao papa. Isto aconteceu em 1520. É deste anno que data rigorosamente, como dissemos, o principio da reforma.

(Continúa).

João Felix Pereira.

Origem das folhas para escrever, dos livros e dos papeis de escripta e de impressão.

O emprego das folhas dos vegetaes para facilitar a communicação das idéas eleva-se á mais remota antiguidade. Ainda hoje são de um uso frequente no Oriente. Daqui vem a palavra latina *folium*, folha, e a significação de folha applicada a um livro. O uso da casca de arvores, materia que os homens tem empregado em todos os seculos, fez esquecer o das folhas. Poucas vezes se serviam da casca externa, por ser muito grossa e escabrosa, preferiam a casca interior, sobre tudo a da tilia: a esta casca davam os romanos o nome de *liber*, donde provêm o termo latino para designar um livro. Para que estes livros feitos de cascas se tornassem portateis, enrolavam-nos, e depois que tinham recebido esta fórma, chamavam-lhes *volumen*. Mais tarde deu-se este nome a rolos de papel e de pergaminho; daqui vem a origem do nome *volume* applicado aos livros modernos, ainda que de uma figura differente. Os antigos manuscriptos de casca são hoje muito raros; o uso da casca, para os livros, ainda se conserva no Levante, sobre tudo entre os birmanos. Os scandinavos e os saxonios empregavam a casca para fazer os seus livros; usavam commummente da casca da faia. A significação primitiva da palavra anglo-saxonia é *boc* (faia), donde deriva a palavra *book* (livro). Ainda existem alguns livros, e mesmo epistolas amorosas, escriptos pelos antigos scandinavos em bocados de casca. Descubriu-se recentemente uma bibliotheca muito curiosa neste genero entre os kulmoucks; os livros eram compridos e estreitos, as folhas de casca, espessas e envernizadas, a escripta branca sobre um fundo preto.

Vejâmos agora a origem do papel. A especie mais antiga era a do *papyrus*, donde deriva a palavra papel; é uma sorte de junco que os antigos colhiam exclusivamente nas margens do Nilo. Desconheceu-se por muito tempo esta especie particular de papyro, empregada antigamente em tão grande escala; assegura-se hoje que é o *cyperus papyrus* de Linneo, que cresce sobre as margens dos diversos rios do Oriente, assim como na Trindade. O termo *biblos*, originariamente applicado pelos gregos á casca interna das arvores, e que equivale ao vocabulo *liber* dos romanos, serviu depois muitas vezes para designar o papyro; mais tarde esta palavra foi empregada

para todos os livros em geral; actualmente nós applicâmol-a só á Escriptura Sagrada, como sendo o livro por excellencia.

Não se sabe precisamente a época em que o papyro foi convertido em papel; é certo porém que existiam manufacturas de papel em Memphis, pelo menos trezentos annos antes de Alexandre. Depois da conquista do Egypto pelos romanos, fabricou-se principalmente em Alexandria. Comtudo, até á conquista, o papel foi de uma inferior qualidade. Os operarios romanos trabalharam com bastante zêlo para o aperfeiçoar, e com o tempo chegaram a dar-lhe uma espessura consideravel e a tornal-o perfeitamente branco e lizo. Todavia, mesmo neste estado, a sua inconsistencia e pouca força eram taes que, se o queriam conservar muito tempo, juntavam folhas de pergaminho ás de papyro: a rijeza de uma das duas substancias compensava a fraqueza da outra; foi por este meio que um consideravel numero de livros, fabricados desta fórma, poderam resistir ás vicissitudes de doze seculos.

Afóra o papel que fornecia, o papyro era ainda muito util aos antigos egypcios. Da medula extrahiam um liquido dôce e nutritivo. Com as partes mais duras da planta fabricavam taças; com a parte superior bengalas; com a porção fibrosa pannos, vélas, cabos, cordas, sapatos e torcidas para as luzes. Plinio descreve o processo que os antigos seguiam para fazer o papel. Bruce diz que se fabricou com bastante successo, tanto na Abyssinia, como no Egypto; quanto ao modo de fabricação diverge só sobre um unico ponto de Plinio. Segundo este, punham-se sobre uma mesa duas camadas de filamentos de papyro, que ficavam atravessadas uma á outra; em seguida lavavam-nas com a agua limosa do Nilo. Bruce assegura, que a agua daquelle rio não é glutinosa, que as camadas do papyro ficam adherentes umas ás outras por meio de uma materia sacchárina de que a seiva da planta está impregnada. A agua do Nilo não devia ser empregada senão para dissolver esta materia; apisoavam as fibras assim empastadas, seccavam-n'as, batiam-n'as a martello; emfim, poliam-n'as com um dente ou com uma concha. Os operarios de Alexandria tinham o maior cuidado em lavar, bater, collar, cortar e polir o seu papel. Muitos auctores gregos e romanos fallam de escriptos preciosos traçados em um *papel* ou em uma *tela incombustivel*, que depois se suppoz ser o amianto. Uma descoberta recentemente feita na Italia dá algum pêso a esta conjectura. Madama Lena Perpenti, de Come, declarou ter achado um processo para preparar com o amianto um papel ou tela incombustivel, proprio tanto para a escripta como para a impressão.

Na opinião dos historiadores chinezes, o papel, a tinta e os pinceis já eram conhecidos no seu paiz muito tempo antes da era christã. Os japonezes fabricam, de tempo immemorial, papel com a *casca da amoreira;* servem-se della para dividir interiormente as suas habitações; para fazer capotes, lenços, cordas; e até o seu fio entra na urdidura dos estofos destinados para o vestuario do povo.

O papel de *seda* esteve em uso na Persia no anno 652. Os arabes aprenderam dos tartaros os processos de fabricação do papel de *algodão*. Em 704, existia em Samarcand, capital da Bukharia, uma fabrica de papel, montada com muita ostentação. Um arabe, José Amru, estabeleceu uma em Meca em 706. Os arabes construiram, no seculo XII, uma importante manufactura de papel, em Septa, hoje Ceuta, na Africa, depois em Valença, em Toledo. Diversas bullas dos papas, de 844 a 968, são escriptas em papel de algodão. Este papel introduzido na Europa no seculo IX, fez caír em desuso o emprego do papyro. A bibliotheca real de França possue um manuscripto em papel de algodão, do anno 1050; um outro, no mesmo papel, de 1095, existe na bibliotheca do imperador de Austria.

Quando os christãos se assenhorearam do reino de Valença, em 1238, taxaram logo o papel manufacturado neste paiz. O papel de algodão denomina-se *pergaminho de panno* nas leis de Affonso, o sabio; na mesma época se lhe chamava na Italia *pergaminho grego*.

As fabricas de papel estabeleceram-se em França no decurso do seculo XIII. Uma carta de Joinville a Luiz X, em 1315, está escripta em papel de linho; o testamento de Othão VI, conde de Borgonha, é escripto em papel identico, ainda que datado de 1302.

A Allemanha teve fabricas de papel muito tempo depois da Hespanha e da França. A primeira manufactura de papel de trapos foi estabelecida neste paiz em 1312; em Padua, em 1360; em Nuremberg, em 1390; em Basiléa, em 1470; em Inglaterra, em 1588, em Dartfort (condado de Kent). Os primeiros papeis velinos preparados em França foram fabricados em 1785, por Montgolfier, em Annonay.

Cezarina

II.

Quando madama de Beauzée ficou a sós com sua filha, chamou-a para junto de si, e pegando-lhe nas mãos, lhe disse:

— Minha filha, parece-me que descobri uma coisa.

— Qual é? perguntou a joven menina, que ao primeiro olhar de sua mãe adivinhára que se ia tratar do que tanto a preoccupava.

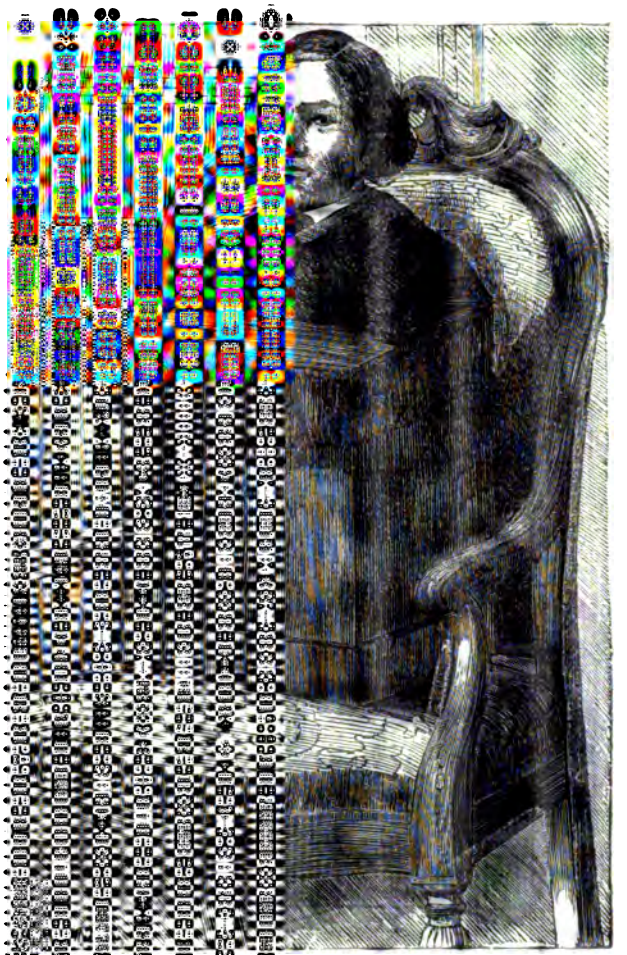
— É que desde algum tempo já não és a mesma.

— Então desagradei-te n'alguma cousa?

— Menina, não é disso que se trata, tu bem o sabes; é que tu andas preoccupada, inquieta em fim; tu tens algum segredo que me occultas.

A joven abaixou os olhos e não respondeu.

que por engano se disse, no numero anterior, que o joven mathematico, Carlos Grandemange, nascêra em 1815, tendo elle nascido no anno de 1835.



Grandemange.

cio! Não queiramos agravar os desgostos por que a sr.ª Arrigotti ultimamente tem passado; nem tornar mais pungentes os remorsos da empreza.... As manifestações severas do publico para com a dita cantora nas duas representações da *Gemma*, que tiveram logar, significam mais do que tudo quanto podessemos escrever.

A opera está muito mal posta em scena, e não lhe agourâmos longa duração.

Na segunda-feira, 19, representou-se a opera *Sapho*. N'um dos intervallos, os srs. Goré e Bonafos cantaram primorosamente, em caracter, um duetto da opera — *Regina di Golconda* — ostentando o sr. Goré tal agilidade de voz, que nos faz sentir não o termos ouvido em alguma opera do repertorio antigo.

Noticias Diversas.

París qui dort. — A comedia, vaudeville, em 5 actos, com este titulo, tem tido grande acceitação em París, no theatro *des Variétés*. Consta-nos que brevemente subirá á scena em algum dos nossos theatros. Esta comedia foi por primeira vez representada em París no dia 21 de fevereiro passado.

Concerto dado pelos jovens Fontana. — Assistimos, em 20 do corrente, ao concerto que teve logar no salão de S. Carlos, e podêmos dizer, que esteve brilhantissimo, assim pela numerosa e escolhida sociedade que assistiu, como pela optima escolha de peças, e pericia dos artistas que as executaram.

Todos os artistas de canto, bem como os professores de orchestra, se prestaram graciosamente a obsequiar os jovens Fontana, que com tanta honra e distincção proseguem na carreira a que se dedicaram. Falta-nos o espaço para indicar as peças, que mereceram mais enthusiasticos applausos.

Theatro do Oriente, em Madrid. — A nova empresa escripturou a insigne *prima donna* Clara Novello e o famoso baritono Filippe Colleti. Similhante acquisição faz honra á perspicacia e fino tacto de quem a fez.

Francisco Lucca. — Na sala do muito distincto editor de musica, proprietario do jornal — *L'Italia musicale*, — teve ultimamente logar uma esplendida *soirée* musical, em que tomaram parte muitos dos mais vantajosamente conhecidos artistas de canto, residentes em Milão.

O homem passaro. — Um quinquilheiro de Marselha, chamado Desmond, pessoa mui conhecida naquella cidade, acaba de inventar um *páraquedas*, que tem a fórma de passaro, e ao qual póde dar-se a direcção que se quizer. Fizeram-se duas provas formaes desta maquina em presença de uma commissão composta de pessoas scientificas e de engenheiros; os resultados tem sido satisfatorios. O aeronauta, com o auxilio deste páraquedas, que desce com summa lentidão, depois de chegar a certa altura póde dar-lhe a direcção por bom espaço de tempo antes de baixar á terra. Faceis são de comprehender as vantagens que podem tirar-se desta interessante descoberta.

Na livraria do *Centro Commercial*, rua larga de S. Roque n.º 90, se acham á venda as seguintes obras:

A. Dumas.	Olympe de Cléves . . .	6 vol. in 8.º br.
D.º	Ange Pitou	8 vol in 8.º br.
D.º	La Tulipe Noire . . .	3 vol. in 8.º br.
D.º	Le Drame de quatre-vingt-treize	7 vol. in 8.º br.
Gauthier.	Jean et Jeannette . . .	2 vol. in 8.º br.
D.º	Partie Carrée.	3 vol. in 8.º br.
P. Féval.	Béau Démon.	vol. in 8. br.
Méry.	André Chenier	3 vol. in 8.º br.
Landelle.	Le Toréador	2 vol. in 8.º br.
Méry.	Salons et Souterraine de París.	3 vol. in 8.º br.
Foudras et Montépin.	Les Viveurs d'autre fois	4 vol. in 8.º br.
Mallefille.	Mémoires de Don Juan. .	2 vol. in 8.º br.
Méry.	Les Confessions de Marion Delorme	8 vol. in 8.º br.
E. Gonzalés.	Le Vengeur du Mari. .	3 vol. in 8.º br.
E. Sue.	Fernand Duplessis. . . .	6 vol. in 8.º br.
H. Murger.	Scènes de la vie de Jeunesse	1 vol. in 12 br.
D.º	Scènes de la Bohême. .	1 vol. in 12 br.
D.º	Le Pays Latin. . . .	1 vol. in 12 br.
O. Feuillet.	Bellah	1 vol. in 12 br.
F. Gautier.	Italia.	1 vol. in 12 br.
D.º	Œuvres Humoristiques .	1 vol. in 12 br.
A. Villeneuve.	Rosas ou la Republique Orientale	2 vol. in 8.º br.
E. Souvestre.	Au Coin du Feu . .	1 vol. in 18 br.
A. Achard.	Un Vieux Diplomate. .	1 vol. in 18 br.
Montépin.	Le Loup Noir	2 vol. in 18 br.
Montépin.	Les Confessions d'un Bohême	4 vol. in 18 br
Musset.	Jeronimo Troppi , . . .	1 vol. in 18 br.
Karr.	Clovis Gosselin.	1 vol. in 18 br.
Marmier.	Contes d'un Voyageur . .	2 vol. in 18 br.
Lebégué.	París et la Province. . .	2 vol. in 18 br.
Garneray.	Mes Pontons.	2 vol. in 18 br.
J. Janin.	Les Gaietés Champêtres. .	3 vol. in 18 br.
Souvestre.	Les Derniers Paysans . .	2 vol. in 18 br.
Berthet.	Le Dernier Irlandais. . .	4 vol. in 18 br.

Romances illustradas.

G. Sand.	Mauprat.	1 vol. in 4.º br
J. Lecomte.	Bras de Fer.	1 vol. in 4.º br.
Madame Ancelot.	Gabrielle. . . .	1 vol. in 4.º br.
Balzac.	La Femme de trente ans . .	1 vol. in 4.º br.
V. Ducange.	Albert	1 vol. in 4.º br.

París qui dort — e outras comedias.
Dramas e vaudevilles de 1852.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DO NUMERO ANTECEDENTE.

Do alto daquellas piramides quarenta seculos vos contemplam

— Eu vou entrar francamente na questão, replicou madama de Beauzée. Tu estás em edade de casar, Julieta. Já pensaste alguma vez em casamento?

— Sim, minha mãe, respondeu a bella menina com um sorriso.

— E o que pensas tu do casamento?

— Penso que é uma cousa doce e santa, porque nunca te conheci pezares, a não ser no dia em que morreu meu pae.

— É verdade. Então se ámanhã um homem vier pedir a tua mão, acceital-a-has?

— Conforme.

— Explica-te.

— Quero dizer, que nem todo o que me apparecesse seria do meu agrado.

— Então deve haver algum que o seria?

— Póde ser.

— Tu não estás bem certa disso?

— Só se tu m'o prohibisses.

— E porque t'o havia eu de prohibir, minha filha, sendo esse homem honrado, amando-te, estando n'uma posição em relação com a tua, possuindo, emfim, todas as condições de um bom marido?

— Creio que ha de tel-as.

— E o seu nome? perguntou madama de Beauzée com um sorriso, que queria dizer, que esta pergunta vinha por formalidade, porque ella sabia tão bem este nome, como sua filha.

Julieta olhou para sua mãe e hesitou.

— Então?

— Então! É mr. Henrique. Mas, accrescentou logo a menina, eu não digo que o amo; digo sómente que de todos quantos conheço, é aquelle que me parece reunir melhor as qualidades que tu exiges.

— E tu acreditas que elle te ama?

— Acredito.

— Já t'o confessou talvez?

— Nunca, minha mãe.

— Muito bem. Mas não é elle só que te ama.

— Ha algum outro?

— Sim.

— Quem é então?

— Vê lá.

— Não sei.

— Mr. Heitor.

Julieta desatou a rir perdidamente.

— Elle! exclamou ella. Quem te disse isso, mamã?

— Vi-o eu.

— Ah! pobre moço! Mas elle é muito insipido e desastrado. — Penso que m'o não queres dar para marido.

— Não te digo similhante coisa, sómente que elle morre por ti. Tive o cuidado de o estudar esta mesma noite, e conheci que é visivelmente desgraçado.

— E que queres que lhe eu faça? E depois elle é filho do nosso tabellião.

— Isso que importa, minha filha? mr. Grandin é uma pessoa de bem. Heitor é um excellente moço, tem boa fortuna e fará a felicidade de uma mulher, tão bem ou melhor que qualquer outro. Como todas as raparigas, tu deixas-te seduzir pelos dotes exteriores. Acredita na minha experiencia, querida filha, os mancebos mais bonitos não são sempre os melhores maridos. Emfim, tu reflectirás.

— Oh! minha mãe! replicou Julieta em meio tom de amúo, não preciso reflectir mais tempo, eu não esposarei jámais mr. Heitor.

— Está bem, não fallemos mais nisso; sabe que eu prometti a teu pae, na hora da morte, de nunca te contrariar, e fazer-te as vontades, quando ellas não fossem prejudiciaes, nem ao teu futuro, nem á tua felicidade; cumprirei a minha promessa, como sempre a tenho até agora cumprido. Eu quiz fallar comtigo sobre este assumpto, porque tu, minha querida filha, já estás em edade de o comprehender. Agora aguardemos os acontecimentos; mas se te aperceberes que foste enganada na tua escolha, vem-m'o logo dizer francamente. Bastantes mulheres tem sido infelizes no casamento, por se não abrirem francamente com suas mães. Assim está convencionado?

— Sim, minha boa mãe.

— Abraça-me pois, e vae deitar-te, porque julgo que ámanhã tens de te levantar cedo para íres consultar uma feiticeira; não foi isto que me disseste? accrescentou madama de Beauzée rindo.

— Certifico-te que é uma verdadeira feiticeira.

— Louquinha! E qual é o grande segredo, a respeito do qual queres consultal-a?

— Quem sabe? póde ser que ella me aconselhe o que devo fazer a proposito do que ainda agora me dissestes.

— Como! pois levas a tua confiança até esse ponto?

— Se eu vir que ella me relata fielmente o passado, não terei duvida em lhe perguntar o futuro.

— Sê prudente.

— Está descançada.

— Boa noite, minha filha.

— Boa noite, mamã.

Madama de Beauzée abraçou sua filha, e entrou para o seu quarto.

Julieta retirou-se para o seu.

Em quanto esta scena se passava, Heitor chegára a sua casa, e ao entrar, fôra participar a seu pae, que estava ainda á mesa escrevendo, o resultado da sua ída a Valgenceuse; depois assentára-se ao pé de mr. Grandin, com a cabeça inclinada sobre a mão, e não tinha dado mais palavra.

O tabellião continuára por algum tempo o seu trabalho; depois havia maquinalmente deitado os olhos para o lado de seu filho, e vendo-o cabisbaixo, examinára-o um pedaço.

— Não tornas a ír, disse elle, outra vez a casa de madama de Beauzée.

— Porque, meu pae? respondeu o mancebo quasi intimidado.

— Porque todas as vezes que lá vaes, voltas triste.

— É verdade, balbuciou o mancebo, estendendo a mão ao tabellião, que accrescentou:

— Amas então muito essa donzella?

— Se a amo! Sim, meu pae, a não poder ser mais.

— Pois bem, eu a irei pedir para ti.

— E se sua mãe a recusar?

— Recusar, porque razão?

— Porque eu não serei o melhor partido que ella espera; e além disto, ella não me ama.

— Essa é boa! Ha de amar-te. E como partido, madama de Beauzée não póde achar outro melhor. A sua fortuna está muito mal figurada, ao passo que a nossa prospéra de dia para dia. Em ella tomando conhecimento dos papeis, que esta noite lhe levaste, verá que as cousas são mais graves do que julgava, e do que eu proprio suppunha. Tem toda a esperança, meu cáro Heitor; tu bem sabes que nenhum sacrificio me custará para assegurar o teu bem-estar.

— Bem o sei, meu bom pae, mas eu não queria dever a mão de Julieta a um calculo de conveniencia.

— Pois então faze-lhe a côrte.

— Não me atrevo; sabeis quanto sou acanhado; e depois, vae lá a casa um tal mr. d'Ermenon, que nunca se arreda de ao pé della, que é rapaz bonito, elegante, que lhe diz mil frioleiras, e que ha de conseguir captival-a; disso estou bem certo.

— Alma grande! tu te consolarás, e esposarás outra. Bonitas moças é o que não falta no departamento, e se não achares nenhuma ao teu gosto, irás a Paris procurar uma. Animo! meu cáro Heitor, nada de apaixonar assim por uma donzella, que em breve esquecerás, e que um dia, talvez, dês os parabens a ti-mesmo, em a não ter esposado. Promettes-me d'ora avante de não andares triste?

— Sim, meu pae.

— Quando deves tu voltar a Valgenceuse?

— Amanhã.

— A que hora?

— Ao meio dia.

— A essa hora não está lá de certo esse tal mr. d'Ermenon; aproveita a occasião, rapaz, ensaia algum galanteio. Se alguem dissesse a tua pobre mãe, que tu amavas uma mulher que te não correspondia, não o havia de crêr; ella que te achava tão lindo como nenhum. Ora vamos, vae descançar, e não tenhas maus sonhos. Tu és novo, são e escorreito, teu pae adora-te, possues uma bella fortuna, que diabo! estás no caso de ser mais philosopho.

O pae e o filho abraçaram-se, e Heitor subiu para o seu quarto de dormir.

Mr. Grandin arranjou os seus papeis, fechou a secretária, limpou os oculos, metteu-os no estojo, pegou no candeeiro, e dirigiu-se para o seu quarto; deitou-se pensando em seu filho, e pesquisando o meio infallivel de lhe obter a mão da menina de Beauzée, meio que ainda não tinha achado, quando pegou no somno.

Quanto a Henrique, havia voltado a Senlis, e chegando defronte de uma casa de dois andares, de modesta apparencia, com seu jardimsinho no terrasso, e situada em frente da hospedaria do *veado grande*, havia parado, tirado uma chave do bolso, aberto uma porta, entrado e empurrado depois a porta. Pegára em seguida n'um castiçal accêso, posto n'uma cantoneira á sua espera, e subíra a pequena escada que se achava no fundo do vestibulo.

Ao passar o primeiro andar, uma voz lhe gritou:

— És tu, Henrique?

— Sou, meu tio.

— Entra cá por um pouco.

Mr. d'Ermenon abriu uma porta, em que estava a chave, e entrou na camara de seu tio, mr. Gabriel d'Ermenon.

Mr. Gabriel d'Ermenon estava deitado e lia, já pela centesima vez, o *Sopha*, de mr. Crebillon filho, seu auctor favorito. Era magro como D. Quixote; sua pelle, amarella de cêra, tinha o lustre do marfim; as mãos sêccas, eram brancas e bem feitas. Mr. Gabriel tinha sido bello no tempo do imperio e da restauração. Fôra obrigado a emigrar no tempo da revolução, porque a sua grande aristocracia era muito notoria, e ter-lhe-hia sido fatal. O imperador restituíra-lhe parte de seus bens, e mr. Gabriel tinha-lhe ficado reconhecido de algum modo; assim dizia elle frequentes vezes, fallando do imperador:

— Deixae fallar, asseguro-vos que esse pequeno Bonaparte não era mau homem.

Por morte de seu irmão mais novo, mr. Gabriel ficára tutor de Henrique, quando este apenas tinha quatro annos. O nome de Gabriel fôra vontade de sua mãe, mulher pia e devota, que tendo estado muito tempo sem haver filhos, implorára por varias vezes Gabriel, o anjo da annunciação, fazendo promessa de dar ao primeiro filho que tivesse, o nome do Annunciador Divino.

Em quanto menino, o nome de Gabriel cabia-lhe a matar, porque era louro, rosado, lindo em fim; quando mancebo, este dôce nome agradára ás mulheres, porque lhe quadrava admiravelmente com o seu donaire sentimental, seu bigode louro e seus olhos azues; mas quando os cabellos lhe branquearam, quando a pelle do rosto se lhe achamboou, por effeito de toda a casta de excessos, este nome tinha-se tornado ridiculo, e não se podia ouvil-o pronunciar, sem sorrir, á vista do sêr que o representava.

Mas o tio não se havia conformado com a sua sorte. O nome de baptismo cada vez lhe era mais cáro, em proporção que mais viva sentia a saudade das boas fortunas e galantes aventuras de outro tempo; por isso dava-se elle a pêrros por parecer sempre á pessoa que o seu nome inculcava. Elle tingia os cabellos, punha dentes postiços, inundava-se de perfumarias, pastilhas e po-

Como todos os grandes escriptores do seculo 18.°, Montesquieu procurou a solidão para escrever. Voltaire retirava-se a um pequeno quarto em Rouen, escondia-se muitas vezes nas estalagens de terras por onde viajava incognito, ou escolhia para retiro a tranquilla habitação de Cirey. As obras de Buffon foram quasi todas compostas em Montbar. Rousseau escrevia longe do tumulto. Montesquieu sentia a mesma necessidade de estar só, e retirava-se ao seu castello *de la Brède*, que a nossa estampa representa.

Este castello, cercado por fossos largos e profundos, tem a figura de um polygono. As suas muralhas, cujos alicerces estão mergulhados na agua, são defendidas, pela banda d'oeste, por uma torre, da altura de trinta metros. Uma das

Castello de Montesquieu.

janellas desta torre, construida no começo do seculo 15.°, para servir de prisão, fica abaixo do nivel d'agua.

Entrava-se no castello por tres pontes levadiças, protegidas por torres e muralhas.

Montesquieu nasceu neste castello aos 18 de janeiro de 1689. O quarto, em que elle trabalhava, ainda se mostra aos viajantes, com a cadeira em que elle se sentava, e a secretária sobre a qual escrevia. Ha em todo o arranjo daquella casa uma simplicidade austera, que infunde respeito.

O *Espirito das Leis* foi escripto neste castello, se não todo, ao menos em grande parte, porque Montesquieu, depois de profundos estudos e longas viagens, passou tres annos na solidão de Brède, para ultimal-o. Para escapar á censura, a obra foi impressa em Genova; mas espalhou-se rapidamente pela França, Inglaterra, e Italia. Foi tal o enthusiasmo, que se esgotaram vinte e duas edições em dezoito mezes.

Acabada esta obra, Montesquieu sentiu exhaustas as forças, e quiz descançar. A vista começou a enfraquecer, e pouco depois formou-se-lhe uma cataracta no olho direito. Então Montesquieu, abandonando inteiramente a leitura, cuidou em melhorar consideravelmente as suas propriedades, e applicou a sua attenção, em especial, para o fabrico do vinho. Vendia, elle mesmo, o vinho de Brède, e recommendava que o não misturassem com outros!

Depois da publicação do *Espirito das Leis*, augmentaram as encommendas de vinho, feitas pelos negociantes inglezes, o que lisongeou extraordinariamente o auctor daquella obra immortal.

Escrevendo uma carta, a este respeito, em 1752, dizia Montesquieu: «Acabo de receber uma encommenda de trinta pipas. Pelo que vejo, a reputação do meu livro foi favoravel aos meus vinhos.»

Reforma ou revolução religiosa do seculo 16.°

(Continuação.)

III.

Verdadeira origem da reforma. Luthero e Melanchton.

Quando se trata de averiguar as causas da reforma, uns a attribuem a desgraças no curso da civilisação, ao ciume dos agostinhos, nascido de ter sido confiada aos dominicanos a venda das indulgencias; outros, á ambição dos soberanos, á sua rivalidade com o poder ecclesiastico, á avidez dos nobres, que pretendiam apoderar-se dos bens da egreja. Outros acham a causa da reforma na necessidade de reprimir os abusos da egreja; e a apresentam como uma tentativa concebida e executada com o unico fim de reconstruir uma egreja pura, a egreja primitiva.

A reforma foi mais alguma cousa do que tudo isto; foi um impulso da liberdade do espirito humano, uma nova necessidade de pensar, de julgar livremente dos factos e das idéas, que até então a Europa recebia das mãos da auctoridade. É uma grande tentativa de emancipação do pensamento humano; é propriamente uma rebellião do espirito humano contra o poder absoluto na ordem espiritual.

O espirito humano tinha então muito mais actividade, muito maior necessidade de desenvolvimento, do que em tempos anteriores. Esta nova actividade provinha de causas differentes, accumuladas havia seculos. O trabalho do espirito humano, já na esphera religiosa, já na esphera philosophica, accumulava-se desde o seculo 11. Emfim era chegado o tempo, em que esse trabalho devia ter um resultado. De mais, todos os meios de instrucção, creados no gremio da egreja, apresentavam seus fructos. Tinham-se instituido escólas, de que haviam saído homens instruidos. O numero destes crescia todos os dias. Estes homens queriam pensar por si mesmos, porque se sentiam mais fortes. Todas estas causas reunidas communicavam ao pensamento, no principio do seculo 16, um movimento muito energico, uma necessidade imperiosa de progresso.

Como a reforma era uma necesssidade do seculo, os reformadores não encontrávam obstaculos, que não podessem supplantar. Com os acontecimentos anteriores viá o papa Leão x., que a barca, de que elle era o piloto, se achava muito abalada; e para evitar catastrophe maior, pronunciou uma sentença definitiva contra Luthero e seus adherentes. Luthero foi citado a comparecer na dieta de Worms perante Carlos 5.°, enviando-se um salvo-conducto em nome deste. Durante a jornada, que foi um verdadeiro triumpho, conheceu elle quanto sua facção tinha engrossado. O povo se apinhava tão numeroso para o vêr, que foi preciso introduzil-o na dieta por uma porta travéssa. Luthero recusou retractar-se, em quanto lhe não mostrassem seus erros.

Depois disto, Luthero viveu um anno retirado no castello de Wartburgo, em Thuringia. Neste retiro, que elle chamava sua Pathmos, occupou-se em assentar suas proprias idéas, até então espalhadas ao acaso, e preparar o symbolo da nova fé.

Todavia o mestre, que zombava de todos os prejuizos, acreditava em sortilegios, maleficios, e outras chimeras desta ordem: em sua Pathmos viu avelans dançando n'um prato diante de si; ouviu o estrondo de tres mil barricas lançadas pelas escadas do castello por uma mão infernal; viu o Hillkroppft, criança nascida das potencias satanicas, sentada entre seus filhos; ouviu o diabo, cujo andar produzia o som de gravatos deitados no lume. Outros duendes habitavam sua casa, e se divertiam a pôr em desordem o espeto, a vassoura, os utensilios da casa. Muitas vezes o diabo lhe fazia passar más noites; e quando era muito perseguido por elle, o afugentava com tres palavras, que a decencia não permitte repetir. Pensava que se não deve accusar ninguem de suicidio, visto que é o demonio quem prepara o laço ou a faca; e que, se se deitam pedras em um poço, são despertados os espiritos malignos, que dormem no fundo da agua.

Luthero buscou o apoio dos principes, e todavia não os poupava; dizia proverbialmente: « *Principem et non latronem esse vix est possibiles.* » Um principe de bom senso — tambem elle dizia — é uma ave muito rara; mais raro ainda um principe piedoso. De ordinario elles são os maiores dóidos, e os homens mais descarados da terra. Deve-se sempre esperar delles o peior, mormente em cousas divinas, visto que são os algozes de Deus, que os emprega na punição dos máus. Sendo nosso Deus um grande senhor, deve ter nobilissimos algozes e serenissimos alguasis. Chamava a Carlos 5.° animal allemão, doido furioso, soldado do papa, meirinho do diabo.

Luthero a cada passo mudava de parecer a respeito de seus contemporaneos, segundo a paixão que o animava. Citaremos um só exemplo: a universidade de Paris, a quem elle tinha chamado a mãe das sciencias e da sã theologia, converteu-se, quando elle perdeu as esperanças de se conciliar com ella, a sentina das heresias, a grande prostituta, coberta de lepra da cabeça até aos pés: seus membros eram por elle alcunhados de *asini parisienses*.

Procedendo desta sorte, não era possivel esperar delle, nem uma resistencia conveniente, nem uma organisação boa. Mas elle fez uma acquisição de alta importancia em Filippe Melanchton (Schwartez-Erde), que parecia destinado a regular a fogosidade do reformador, de quem elle dizia: « Tem a cólera de Achilles e os furores de Hercules. » Dispoz claramente a doutrina reformada em seus *logares communs*, onde affirma,

que a fé é produzida pela graça independentemente da vontade do homem, que não tinha livre arbitrio, e não podia merecer por suas boas obras. Não se deve crer senão na santa escriptura, que cada um póde interpretar á sua vontade. A graça substituia o livre arbitrio do homem. Na práctica, os actos exteriores, as abstinencias, os votos, as preces pelos mortos, eram cousas vãs. No culto, os sacramentos dispunham á salvação, mas não a conferiam, excepto os que Christo havia instituido em termos claros, como o baptismo, a ordem, a cêa, a penitencia. Mas a penitencia não exige a confissão; a cêa, commemoração do sacrificio consummado no Calvario, não póde absolver, nem os vivos, nem os mortos; faz-se nas duas especies, em que Deus se acha presente, mas não por transubstanciação: de resto, nada de indulgencias, nada de missas particulares, nada de invocação dos santos.

Já no anno de 1524 muitos principes haviam organisado uma liga em Ratisbona para extirpar a heresia de seus estados.

Continúa.

João Felix Pereira.

Exposição Agricola.

II.

Raizes forrajosas.

(Continuação.)

Nabos. — Ha muitas especies e variedades de nabos, mas tres são as que mais commummente se cultivam para sustento dos gados, a saber: o nabo redondo ou commum (brassica napus. L.); o nabo comprido ou rapa (brassica rapa. L.); e o nabo de Succia ou rutabaga (napus-brassica-rutabaga. Decand.)

O nabo commum é especie mais conhecida pelo uso que delle fazemos como hortaliça; tem a raiz ou cabeça de ordinario branca, e n'algumas variedades arroxada no collo ou parte superior: a fórma é variavel; ha-as, que são propriamente *napiformes*, isto é, grossas e arredondadas na parte superior, e adelgaçadas em ponta na parte inferior; ha-as tambem afusadas (fusiformes); e outras apparecem de fórma orbicular.

Desta especie, e com todas estas fórmas, eram os nabos que se exhibiram na exposição, e que tanta admiração ahi causaram pela sua immensa e volumosa cabeça: vieram uns do termo de Lisboa, outros do Minho. São bastante productivos, mas não os mais nutritivos; seu valor altriz é para o do feno como 25 : 100, isto é, em pêso egual quatro vezes menor.

Soffrivelmente prestadio ao cavallo, o nabo é prestantissimo aos ruminantes e suinos, a quem comtudo deve prestar-se em dóses moderadas, peculiarmente ás vaccas leiteiras; porque, embora lhes puxe muito leite, é este d'um gosto acre e ingrato.

As rapas, que saibamos, são mui pouco vulgares no paiz. Tem raiz perpendicular, não mui grossa, de côr variavel, branca, avermelhada, amarella, negra, conforme as variedades. Dão abundosos productos. Tem todos os inconvenientes dos nabos communs, sendo-lhes comtudo em seu valor nutritivo muito inferiores, pois é cinco a seis vezes menor que o do feno, precisando-se 500 a 600 arrateis dellas para sustentar tanto como 100 de feno. Um animal para com ellas só se nutrir — o que é contrario á boa hygiene — deveria comer tanto como um terço de seu peso.

As rutabagas tem raiz napiforme ou orbicular, esbranquiçada ou amarellada, e as folhas similhantes ás de couve-nabo, de quem são uma variedade, que tem pouca constancia, pois degeneram com facilidade em presença de outras cruciferas (couves ou nabos). São menos productivas em volume que os nabos, mas mais rusticas e de um sabor doce e grato, mais nutritivas e substanciaes do que elles, e até mesmo mais do que a beterraba; pois 240 de raiz de rutabaga nutre tanto como 100 de bom feno; e diz-se que conserva bem os animaes, dando-lhes vigor, e ás vaccas um leite gratissimo e de excellente manteiga. Ha quem por isto tudo a tenha preferido não só aos nabos, senão tambem ás beterrabas, e mesmo ainda ás batatas.

Nos estamos em experiencias com esta raiz, cujas sementes devemos á patriotica munificencia do sr. Ayres de Sá; e já nos vae parecendo que muito ganharia o paiz na sua generalisação, pois que, não só para os gados, como para o homem tambem, é excellente alimento.

Com a designação commum de *turnepos* ou nabos, todas estas especies e suas variedades occupam em Inglaterra ¼ para mais do solo aravel, sendo ahi a base do sustento de seus numerosos gados, dando colheitas para mais de 50 a 60 milhões de quintaes, havendo quem as tenha estimado no valor de 14 milhões de esterlinos.

Foi talvez a alta reputação e elevado fastigio que a cultura dos nabos attingiu ahi por principios deste seculo, a que não podéra paiz algum agricola ser indifferente, quem moveu nossa academia, então mais do que nunca sollicita no desenvolvimento de nossos interesses economicos, a mandar vir da Inglaterra as sementes dos nabos ahi empregados, que gratuitamente distribuiu a nossos lavradores, com uma noticia impressa que lhes explicava o processo de seu cultivo.

Nasceu, julgâmos, desse empenho tão louvavel, quão patriotico, a mui interessante e illustrativa memoria que, ácerca da cultura dos nabos na comarca de Trancoso, escreveu o sr. S. M. dos Campos Mesquita. Della se colhe como os nabos se dão bem, não só ahi, como nas mais provincias do reino, e como elles são opima mantença, que não ha ver gafinhos os gados onde abundosos se ostentem.

Na formação d'um nabal para forragem podem

dar-se ordinariamente os dois seguintes casos: ou o nabal entra n'um giro de afolhamento, com o fim de occupar a terra que ficaria de *pousio*, affeiçoando-a á cultura de uma copiosa novidade de cereal no anno subsequente; ou então serve de cultura *intercalar*, ou melhor supplementar, entre uma colheita e uma semeada, com o fim de aproveitar a terra no pouco tempo que devoluto ou só em restolho se deixaria.—No primeiro caso, depois de bem barbechado e estrumado o solo, se deve semear assim que ameaçam as primeiras aguas, e o melhor é em regos, quasi por maneira analoga ao que ficou dito nas beterrabas, a fim de mais facilmente se poder depois subministrar os necessarios amanhos, que pedem as culturas sachadas, mormente se as sachas se fazem com a enxada de cavallo. No segundo caso, dá-se um ferro aos rastôlhos, semea-se a lanço, e cobre-se com a grade ou ancinho; e apenas a planta começa a despontar, dá-se uma outra gradage, e é quanto basta.

Na Inglaterra póde dizer-se quasi não ha afolhamento, em que os nabos não tenham cabimento, sobretudo no triennal e quadriennal, substituindo com muita vantagem o *anno de pousio*. E' bem conhecido nos fastos da historia agricola esse célebre e famoso afolhamento, que converteu quasi todo o condado de Nevfolk, de safaro e esteril que era, em um dos mais ferteis e abastados da Gran-Bretanha. Consiste: no 1.° anno, *nabos* bem estrumados e consumidos em pastio — 2.° cevada ou aveia e trevo — 3.° trevo — 4.° trigo. Ha partes ahi, diz Leclerc-Thoin, onde esta rotação, que occupa metade do terreno em cereaes, existe ha mais de um seculo, sem que a terra pareça com ella fatigar-se.

Não sabemos que verdadeiramente neste sentido, isto é, com o fim de substituir o *pousio* e em bom afolhamento, se tenham cá feito alguns nabaes. É todavia um simulacro disso, mas simulacro só, o processo seguido n'algumas partes das provincias do norte, segundo inferimos da leitura da memoria do sr. Mesquita.

Ahi, de feito, em bem fabricadas e adubadas terras, semeando-se por fins de Agosto, se formam avultados nabaes, que dão abundosa mantença até fins de maio; mas nem sempre o agro, que assim então fica em circumstancias de, sem onerosos barbeitos, prestar no anno seguinte boas messes de cereaes, é nisto aproveitado. Não ha pois rotação bem estabelecida; os nabaes, quando se fazem, é com o fim antes de simples forrajaes só, que não simultaneamente com o de bemfeitorisar as terras.

O que mais se usa entre nós, é formar os nabaes como culturas intercalares ou supplementares. Não é máu proceder, todas as vezes que se disponha de baratos e copiosos estrumes. Para isto, umas vezes se semeam nos rastolhos logo ás primeiras aguas, e deixam-se durar até á época dos barbeitos para os tremezes ou para os milhos, ou qualquer outra cultura das mais serodias; dando assim em todo o outomno e inverno bons proventos forrajosos: outras vezes os temos visto semear, e com vantagem, se o tempo ajuda, logo sobre o córte dos ferrejos temporãos — centeio ou cevada — vindo a prestar penso mui proveitoso, se bem que em menos cópia, para de verão. E' sob etudo em Lisboa e suas cercanias, que isto mais de ordinario observâmos. Não ha aqui quinta, não ha quintal, onde, se o tempo corre favoravel, sem preterição e prejuizo de outras culturas, se deixe de aproveitar boa porção para nabaes. O consumo que tem como hortaliça no grande mercado da capital, e como forragem nas suas vaccarias, e os estrumes, que bastantes e baratos se havem, explicam e asseguram sua lata e grandiosa producção.

Quasi sempre os nabaes tem esta dupla applicação, hortaliça e forragem; e entre nós mesmo esta ultima é muitas vezes secundaria. Comemolos em quanto nabiças, e já nabos feitos em quanto tenros, e não poucas vezes os proprios grelos. É só quando por qualquer causa se nos tornam malprestadios neste mister, que os deixâmos para forragem, e pouco nos importa então que venham hervas boas e ruins a invadi-los; pelo contrario, quasi isso se estima, porque tudo é herva, tudo é ferrejo — dizem os nossos vaqueiros — que ceifado e arrancado, dá, se não muito boa, soffrivel mantença ás vaccas leiteiras. Não dizemos que não, nem que absolutamente mereça severa censura tal proceder; porque mais vale isso, que perder tudo, ou nada ter de verduras para ás vaccas dar; e a mistura de hervas, se não são ruins, é convenientissima; mas ruins são muitas, ou por menos pouco prestadias, e portanto, mais valêra, em taes casos, semear por entre os nabos, mas ralo, algum centeio, cevada, balanco, ou outra boa herva, que tenra estando quando os nabos já duros e florídos são, os amacia, e mais gratos os torna ao paladar do armentio. É esta uma pratica que nas nossas provincias do norte alguem tem usado, digna de louvor e de imitar-se nas mais provincias, sempre que dos nabaes mais se queira em ferrejal que uma cultura sachada que deva limpar, fertilisar e dispor a terra á producção economica d'um bom cereal.

Não nos deteremos mais nas condições e processo do cultivo dos nabos, porque é de certo sobejidão mal cabida nisso insistirmos, visto não ser esta planta tão estranha e desconhecida aos nossos campos, como era a beterraba, que isso nos exigiu.

Passemos portanto a examinar agora o valor que os nabos tem no penso dos gados, embora n'um outro ponto deste artigo alguma cousa hajamos já consignado a tal respeito. Mas nada se perde em coordenar o que sem maior nexo por ahi lançámos. Isso faremos no seguinte artigo, que é o ultimo das raizes forrajosas.

(Continúa). *S. B. Lima.*

Analyse das aguas pluviaes.

Mr. Barral leu á Academia das Sciencias de

París um trabalho sobre a analyse das aguas das chuvas. Prova nelle: — que deve considerar-se a presença do acido nitrico nestas aguas, não como um phenomeno excepcional, e só proprio ás aguas das trovoadas, como se julgava até aqui, mas sim como um facto constante e ordinario; que além do acido nitrico, apparece tambem o ammoniaco; que assim nas aguas pluviaes, pela existencia daquellas duas substancias, são notavelmente azotadas, a ponto de, sobre uma superficie de um hectare (geira e meia) lançarem cousa de 12 a 13 kilogrammos de azote em seis mezes.

O mesmo auctor notou tambem em taes aguas, a presença de chloro, cal e magnesia.

Cezarina

IV.

O quarto de mr. Gabriel d'Ermenon condizia em tudo com o seu caracter. Quem não conhecesse o velho galan, conhecel-o-hia, entrando no seu camarim. Com effeito, tudo alli recordava os habitos de uma velha garrida. As paredes eram forradas de sêda azul, coçada já em varios sitios, não obstante os cuidados desvelados do criado do barão. Aos pés da cama estava um espelho guarnecido de sêda franzida e apanhada com placas de metal dourado. As cortinas eram do mesmo estofo da tapeçaria. Um canapé, duas pequenas poltronas e um grande folle, completavam com uma mesa de páu rosa, toda a mobilia deste quarto. Um retrato de mulher, com guarnição de veludo rôxo, pendia perto do espelho. — Prateleiras, sustentando bijotarias de Saxe e louças de Sevres, estavam pregadas á parede. Uma estante com cento e cincoenta volumes continha, Parny, Voltaire, o cavalheiro de Boufflers, Grécourt, as fabulas de Lafontaine e Crebillon filho.

Esparzí em tudo isto um cheiro de ambar e de perfumes, ponde um tapete no chão, espalhae algumas cartas, meio abertas, sobre a pedra do fogão, imaginae no resto uma certa desordem affectada, e tereis o quarto de dormir de Gabriel, onde acabava de entrar Henrique d'Ermenon.

Como já dissemos, o velho estava deitado. Tinha amarrado na cabeça um lenço de sêda de côr, e apparecia-lhe, fóra da roupa, uma camisa de cambraia com punhos de folhos.

A physionomia deste homem ainda não era repugnante. Era o typo dos restos do debochado. — Seria um velho interessante e espirituoso, se em vez de encobrir a edade, se conformasse de bom grado com as suas exigencias; porque o seu todo não carecia de elegancia, sua educação era distincta, e seu espirito original.

— Subias, sem me dar as boas noites, disse elle, quando viu entrar seu sobrinho.

— Julgava que já dormieis, meu tio.

— Tu bem sabes que não adormeço antes da uma hora da noite. O que trazes de novo?

— Nada, meu tio.

— Madama de Beauzée?

— Mostrou muita pena por vos não vêr.

— Disseste-lhe que tinha recebido um convite, ao qual não pude esquivar-me?

— Sim, meu tio.

— E sua filha?

— Sempre bella.

— E tu?

— Cada vez mais namorado.

— Assenta-te aqui sobre a minha cama, e conversemos a esse respeito.

O mancebo poz o chapeu sobre o canapé, e voltou a assentar-se na cama do barão.

— A mãe fallou-te n'alguma cousa? Perguntou este.

— Não.

— Pois ella tinha-me dito que te havia de fallar.

— Acêrca de Julieta?

— Justamente.

— É verdade que lhe ouvi dizer que desejava fallar-me no quer que era, o que hoje não podia fazer por estar lá em casa muita gente de fóra. Saberá ella que eu amo sua filha?

— Já o sabe, tornou o barão com um sorriso malicioso.

— E quem lh'o disse?

— Eu.

— E para que lh'o fostes dizer, meu tio?

— Porque, mais dia menos dia, vinha a sabel-o, e porque é tempo de te casares, tanto por ti, como por mim.

— Não comprehendo.

— Meu caro amigo, os nossos negocios correm muito mal. Como sabes, eu não tinha mais que seis mil libras de renda, e tu dez mil. — Felizmente era teu tutor, e sacrifiquei-me: as minhas seis mil libras já não existem, e as tuas dez mil estão muito desfalcadas.

— Como é isso? Eu não mexi n'um sou sequer do meu capital.

— Sim, é verdade, mas mexi eu.

— Para vós, nesse caso.

— Certamente para mim. Aquella marqueza de C... era capaz de engulir um galeão.

— Meu tio, eu ignorava que as assignaturas que me pedieis, eram para em meu nome distrahir uma parte do capital, para a dar á marqueza de C..., porque, se o soubesse, ter-vo-las-hia recusado. Porque eu não tenho obrigação nenhuma de sustentar a casa dessa senhora.

— Olha a grande cousa! sessenta mil francos...

— Sessenta mil francos são mais da quarta parte de uma fortuna de duzentas mil libras; se continuaes neste systema, não tenho para viver tres annos. — Tenho-vos declarado mil vezes que vos estimo e vos respeito; eu terei summo desgosto em me separar de vós; mas se persistis nas vossas loucuras, não terei outro remedio. Não ten-

dos meios para sustentar a vida que levaes. Resignae-vos; com a fortuna! Se madama de Beauzée soubesse o que se passa, recusava-me certamente a mão de sua filha, e eu não tenho vontade, por causa da marqueza de C... de ser desgraçado toda a minha vida.

O barão abaixou a cabeça sobre o livro, e não respondeu palavra.

—Não vos enfadeis commigo por isto que vos digo, proseguiu o mancebo, mas reflecti. A marqueza de C... tem quarenta e cinco annos; ella e seu marido vivem á vossa custa. Não sómente vos arruinaes, mas representaes um ridiculo papel. Uma mulher que tem um filho de vinte e quatro annos, alferes no exercito de Africa!

—A marqueza tem por mim uma affeição sincera, replicou Gabriel.

—Qual affeição! o que ella quer é lograr-vos.

O barão ergueu a cabeça, mas teve o bom senso de não responder a esta exprobração.

—Confesso-te que eu não esperava que me lançasses em rosto uma bagatella como essa que te tirei, disse elle; tenho gasto na minha vida um milhão; mais da quarta parte comeram-m'a os amigos, e jámais lhes disse o centesimo do que me acabas de dizer. Está descançado, que eu te pagarei os teus sessenta mil francos.

—Com que?

—Com a minha terra da Borgonha.

—Que está hypothecada, penhorada, que sei eu!

—Pois venderei tudo o que me resta.

—Bem sabeis que não vos peço isso, meu tio; se ficasseis só aqui, bem; seria um pequeno desastre, facil de reparar; mas vós não sois homem que vos corrijaes nesta edade, e por isso receio muito do futuro. O que havemos de fazer em se consumindo os cento e cincoenta mil francos que me restam?

—Reunir-nos-hemos ao ramo mais novo.

—Essa opinião, meu tio, respondeu o mancebo com um sorriso de despreso, não é vossa, é de um traficante.

—Ora adeus! meu caro, um momento de precisão...

O mancebo pegou no chapéu.

—Onde vás? lhe disse mr. d'Ermenon.

—Vou-me deitar.

—Já?

—Já, porque estaes com vontade de dormir, e não dizeis cousa com cousa.

—Pois sim, não terei razão, tornou Gabriel, dá-me a tua mão, e não fallemos mais nisto; tu bem sabes que eu não faria o que disse; mas que queres? estou apaixonado pela marqueza; mas eu te prometto de me emendar.

Henrique estendeu a mão ao velho, porque no fundo de seu coração elle adorava seu tio.

—Bem vêdes, proseguiu o mancebo, que com as sete ou oito mil libras de renda que me restam, nós não podemos manter a nossa casa e a do marquez de C...

—Estou convencido. Voltemos ao teu casamento; tu amas a pequena?

—Muito.

—E ella ama-te?

—Parece-me que sim.

—Então faz-se a cousa por si mesmo.

—Quem sabe?

—Nada o póde impedir.

—As vossas loucuras talvez.

—Deve-se dar desconto á mocidade.

—Fallaes por vosso respeito?

—Sim.

Henrique não pôde conter o riso.

—Como Julieta não estará desvanecida comtigo. Os d'Ermenons, com a breca! é uma antiga familia, é um nome de truz!

—Sim, mas uma imprudencia basta para me ser recusada; muito mais que tenho um concurrente.

—Quem é elle?

—Heitor Grandin!

—O filho do tabellião?

—Esse mesmo.

—Um béca em projecto, em concurrencia com um d'Ermenon! Isso é sonho!

—Será sonho, mas a realidade é que esse béca em projecto terá um dia as suas boas quarenta mil libras de rendimento.

—De nada importam as libras á pequena, se ella gosta de ti. E além disso, tambem ella tem as suas trinta mil libras.

—A filha não importará a fortuna do noivo, mas não será indifferente por certo á mãe, tanto mais...

—Tanto mais que?

—Tanto mais que todos os tabelliães são conhecidos e amigos, e que, se o vosso fôr linguareiro, mr. Grandin poderá facilmente abusar da sua indiscrição em proveito do filho Heitor.

—E quem te disse que Heitor ama a menina de Beauzée?

—Quem m'o disse? É boa! Vi-o eu.

—Pois bem! se a mãe t'a recusar, appella directamente para a filha.

—Que quereis dizer?

—Tu amas a herdeira, e ella tambem te ama?

—É verdade, e então?

—Recusam-t'a, tu não pódes viver sem ella, e então rouba-a, e a mãe não tem outro remedio senão dar-t'a.

—Estratagema de romance!

—Romance, ou não, foi assim que eu esposei a minha primeira mulher. E não foi por interesse; porque ella não herdou por morte de sua mãe mais de uns vinte mil escudos, se tanto.

—O melhor de tudo, meu tio, acreditae-me, é não fazer com que m'a recusem. Entendeis?

—Está entendido. Com quanto casado, continuo sempre a viver em tua casa.

—É escusado repetil-o. Por ventura posso eu viver sem a vossa companhia?

—Tens razão. Nunca te hão de faltar bons conselhos.

— Conto com elles. Boas noites, meu tio.
— Já te vás deitar?
— É meia noite.
— Demora-te mais um instante.
— Não posso, porque preciso saír de manhã cedo.
— Aonde vás?
— Isso agora é segredo!
Henrique abraçou filialmente o velho, e saíu do seu camarim, depois de lhe dizer um ultimo adeus com a vista e com a mão.
— É um louco; mas é um bom cor ção, murmurou comsigo o mancebo, subindo para o seu quarto.
— É um excellente moço, pensou o tio, logo que ficou só; mas não tem experiencia do mundo. É o mesmo; fiz muito bem em não accusar-me, senão de sessenta mil francos.
E o barão não pôde deixar de se rir, pensando na figura que faria seu sobrinho, se soubesse toda a verdade.
(Continúa).

A minha primeira viagem.

Larga — larga, marinheiro,
Brancas vélas sólta ao vento,
Dá partida é o momento!
Longe da patria ligeiro
Vôa o barco veleiro.
Que saudades!! que tormento!!

Adeus, patria — adeus, amante —
Adeus, ó meus patrios lares,
Que a prôa já corta os mares,
E eu de ti já vou distante!
Como triste o navegante
Com suspiros fende os ares!!

Tem o nauta na procella
Coração que affronta a morte,
Mas ao adeus da consorte,
Da patria — ao largar a véla —
Ao adeus d'amante bella
Baqueia a alma mais forte.

Que momentos de ventura!
Aquelles na patria passados!
Mas no mar — que de cuidados!
Que continuada amargura!!
Vendo sempre a sepultura
Sempre perigos inesperados!!

Larga — larga, marinheiro,
A pôpa ao vento vae dando,
Brancas vélas amurando,
Deixâmos a patria querida!
Inda agora é a partida!
Mas a volta — não sei quando!

Miguel Queriol.

Theatro de S. Carlos.

Corre como certo que, n'uma das proximas noites, se representará o 4.º acto da *Favorita*, em que a sr.ª Sannazzari assumirá a parte de *Eleonora*.

Estimaremos que tal noticia se realise, não só para termos ainda nova occasião de admirar aquelle trecho, por ventura o mais inspirado da sublime producção *donizettiana*; mas porque estamos intimamente convencidos de que alli achará a sr.ª Sannazzari um bello campo para dar largas ao seu talento, e colher novos louros.

Quem interpreta *Sapho* e *Ildegonda* com tanto engenho e primor, como a sr.ª Sannazzari, é impossivel que não se invista com extrema perfeição do caracter da apaixonada *Favorita*. — Quem possue, como a sr.ª Sannazzari, tão elevada intelligencia dramatica, tão delicado modo de sentir, e tanta naturalidade de expressão, assim nos gestos como no canto, não deve temer as confrontações, porque o resultado dellas forçosamente lhe ha de ser favoravel. Poderemos estar enganados; mas é esta a nossa profunda convicção.

Se se realisar a noticia, poderemos tambem ainda ouvir o sr. Musich, na mesma parte de *Fernando*, que no anno passado desempenhou por um modo superior a todo o elogio, e que tão grande copia de applausos lhe valeu.

Os boatos que annunciámos em um dos nossos numeros anteriores relativamente á empresa de S. Carlos, converteram-se em realidade. O governo adjudicou, por dois annos, a dita empresa ao sr. Domingos José Marques Guimarães, acreditado negociante da praça de Lisboa.

O encarregado pelo novo empresario da escolha dos artistas e direcção dos espectaculos, é o sr. Antonio Porto, o qual (segundo nos consta) partirá, no paquete do dia 9, para Londres, e d'alli se dirigirá a París, Vienna, e depois á Italia, a fim de dar cumprimento á sua missão.

O publico espera muito da intelligencia e bom gosto do sr. Porto; e nós acreditâmos que taes esperanças não serão illudidas.

Na proxima quarta feira, 5 de maio, espera-se que terá logar a primeira representação do melodrama jocoso em 2 actos — *Lazzarello* — do *maestro* Marliani. — A execução é confiada ás sr.as Sannazzari, Arrigotti, e aos srs. Bonafos, Celestino e Bruni.

Modas.

O inverno, que este anno se tem adiantado tanto pela primavera, ainda não deixou bem ver os fatos leves, proprios desta estação. Ainda apparecem os chales, os *paletots*, e até as pelles: só nos chapeos se vê mudança, e são elles de tantos feitios, que é preciso vêl-os para os julgar. Usaram-se tanto os chapeos brancos, que agora, por variar, vão-se fazendo de differentes côres, tendo honroso logar entre todos os de palha, e de um tecido a que os fran-

cezes chamam palha vegetal; este tecido presta-se a todos os desenhos; quando é aberto, o forro deve ser côr de rosa, azul, branco, côr de cereja, verde; os enfeites são muito variados, e constam de flores, renda preta, fita de gase, ou tafetá. Como o tecido é flexivel, accommoda-se a toda a fórma, e a mais moderna torna os chapeos pequenos, e muito abertos. Os folhos dos vestidos continuam a ser bordados de trancinha de seda — os corpos guarnecidos de *bandas* bordadas como os folhos — as mangas tem a mesma guarnição.

Noticias diversas.

Uma boa acção. — M.me Monticelli não só possue qualidades artisticas, que a tornam recommendavel; mas tem dotes d'alma, que lhe grangeam louvor e estimação. Publicando a seguinte correspondencia, provâmos o que acabâmos de dizer, e damos um testemunho do apreço em que temos o philantropico procedimento da generosa estrangeira.

Sr. Redactor. — Tendo recebido de m.me Monticelli, em favor do asylo de infancia dos Cardaes, o donativo de 48$000 réis, igual somma á que já offereceu no anno passado, para o mesmo estabelecimento, rogo a V. o favor de publicar no seu jornal a carta que acompanhou aquelle donativo, para dar por este modo, em nome de tantas crianças desvalidas, um testimunho publico de reconhecimento por uma obra tão meritoria. Sou de V. etc.

O Padre José Ilsley.

«Monsieur. — J'ai l'honneur de vous envoyer la petite somme de trois cents francs, que j'ai separée des profits de mon bénéfice pour être appliquée a l'asyle des jeunes filles etabli aux Cardaes, que j'ai eu le plaisir de visiter plusieurs fois, et dont vous êtes, monsieur, le fondateur et bon directeur. Je regrette de ne pouvoir être aussi généreuse que mon cœur le désirait, pour mieux témoigner ma vive reconnaissance envers le public de Lisbonne, qui m'a toujours donné tant de preuves de sympathie, et de bienveillance.

«Agréez, monsieur, l'assurance de ma considération la plus distinguée. — Votre très humble servante. — *Geneviéve Monticelli.* — Lisbonne le 10 avril 1852. — Monsieur le P. Joseph Ilsley.»

Rosthschild 1.º, rei de Jerusalem. — Lê-se na folha franceza, *Journal des faits*: — Um dos nossos correspondentes de Constantinopla nos escreve o seguinte:

Eis-aqui uma noticia que não póde deixar de causar grande surpresa na Europa, e em todo o mundo. O divan achou um meio bastante original para terminar a já referida questão dos *Logares Santos*, que tem sido para a Porta Ottomana uma causa continua de inquietação.

Os quatro pachalados da Siria vão ceder-se a Mr. Rosthschild por 500.000,000 de francos, que devem entrar no thesouro do sultão. Mediante uma somma de 50 milhões, paga á França, esta renunciará as pertenções que tinha segundo os antigos tractados. A Russia e a Inglaterra receberão, pelo que lhes toca, uma indemnisação de 25 milhões.

Ainda se não sabe se mr. de Rothschild tomará o titulo de rei, de emir, de pachá, ou de bey; o que é certo é que se propõe a reedificar as ruinas de Jerusalem e de Antiochia, e a reconstruir o templo de Salomão segundo os riscos indicados nos livros sagrados. Haverá na nova Jerusalem uma bolsa, sala para espectaculos, e egrejas para todos os cultos. Ainda isto não é tudo: o novo monarcha propõe-se estabelecer um serviço de paquetes entre Marselha e Beyzonth, e de unir á sua capital, por uma grande linha de caminhos de ferro, Aleppo, Damasco, Tripoli, e São-João-d'Acre. Chega-se até a dizer, que se trata nada menos que de um caminho de ferro, que unirá, em um mesmo tempo dado, Alexandria e Constantinopla.

Os novos Estados de mr. de Rothschild abundam em minas de ferro, e em bosques de pinheiros; quanto aos terrenos não agrestes, e além disso a nova posição do rei das finanças não o impedirá de achar accionistas, pelo contrario. Diz que mr. de Rothschild vae chamar com formalidade todos os seus correligionarios para os convidar a tornarem finalmente a entrar debaixo do tecto de Abraham e de Jacób, devendo apresentar-se nas casas dos melhores banqueiros israelitas de Vienna, de Londres, Madrid e Lisboa.

D. Carolina Coronado. — A illustre auctora da Jarilla casou, ha pouco, em Gibraltar, com o secretario da legação dos Estados Unidos, em Hespanha, e foi passar a *Semana Santa* a Sevilha.

Terremoto. — Consta que houve no dia 19 de abril, um terremoto na ilha de S. Miguel, do lado do norte, de que resultaram estragos consideraveis. A noticia veiu por uma escuna ingleza, que chegou de S. Miguel em 6 dias.

Poesias. — Saíram á luz as do sr. Augusto Lima; estão no prélo as dos srs. Antonio de Serpa, e Francisco Palha.

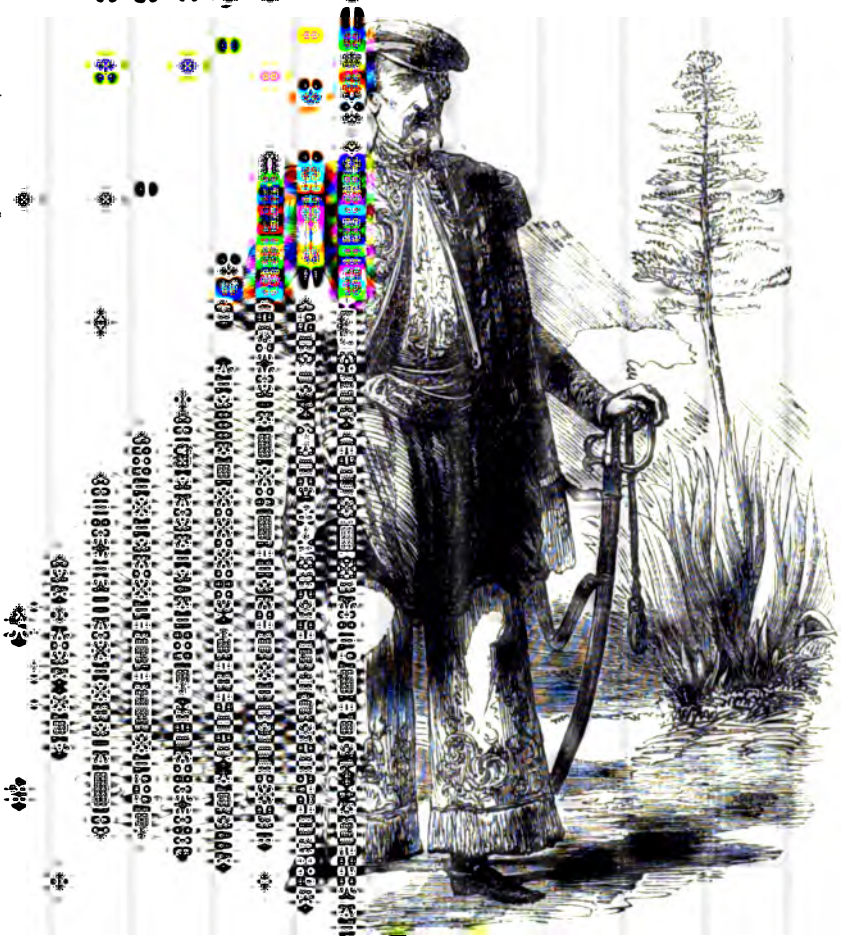
Fecundidade prodigiosa. — Um periodico de Barcelona refere o seguinte caso, de assombrosa fecundidade. Dois conjuges, que deram a mão de esposos no fim do anno de 1842, contam hoje em dia nada menos que 24 filhos, e todos vivos. Para que se comprehenda como veiu ao mundo tão fabulosa prole, e em tão curto espaço de tempo, deve saber-se que a mãe costuma dar seus filhos á luz dois a dois, e tres a tres, e que não passa um só anno, que não esteja em estado interessante.

Poucas mulheres, como esta, seriam capazes de povoar, em pouco tempo, a quinta parte do mundo.

Rectificação. — No artigo — *Desforroador* — que se publicou no n.º 9 deste jornal, deve supprimir-se a parte que diz — «em consequencia do jogo de rodas que o sustentam» — e as considerações que a isto se referem; porque nos constou agora que esse jogo serve para o simples transporte da machina, a qual tem de desmontar-se delle, para então funccionar.

Jus-
la de
s-Lo-
s, e
de-
o da
res,
pre-

tendêra nada menos que monopolisar em proveito exclusivo do estado argentino, ou melhor, em seu proprio proveito, a navegação do rio Paraná, isto é, vedar á navegação estrangeira o accesso das vastas e ricas regiões da America do Sul. Para bem apreciar a importancia desta questão, convém saber que o Paraná é um ramo principal do Rio da Prata, que tem por affluentes o Uraguay e o Paraguay, distando as origens des-



a victoria dos Santos-Logares, de dar fim a esta situação violenta da confederação. Rosas e sua filha Manuelita poderam escapar-se disfarçados em trajes de marinheiros, e partiram para Inglaterra. Cada um dos pequenos estados trata actualmente de reparar os estragos que esta guerra intestina causou nas suas finanças e administração. A fim de desviar toda a questão futura que possa interromper a boa harmonia da confederação, regulou-se a navegação dos seus rios interiores, combinaram-se as suas relações commerciaes, e traçaram-se os limites dos respectivos dominios.

E' de esperar que d'ora em diante o centro da America do Sul, ainda pouco explorado, se franqueará ás especulações mercantis dos povos activos e industriosos da costa oriental do Prata, e tambem ao commercio da Europa. Novos mercados ao trabalho da civilisação se vão abrir no vasto territorio do Paraguay. O Brasil sobretudo ahi tem agora desembaraçada uma larga via de extracção aos seus productos, e o mesmo centro americano não menos facil saída ás suas madeiras, ao seu tabaco, e materias de tinturaria. Não ha com effeito paizes mais faustosamente dotados pela natureza do que as 140, ou 150,000 legoas quadradas, regadas pelo Prata, Uraguay, Paraguay, e affluentes. O solo é de uma fecundidade maravilhosa; produz quasi sem trabalho ao lado dos generos tropicaes quasi todos os vegetaes da Europa. O clima é benigno e sadio; o ar puro, e o céo sereno. De todas as colonias hespanholas foram os estados da confederação argentina onde, graças á bondade do clima e diligencia das missões, se naturalisou com mais facilidade o viver e os costumes da civilisação europea.

Exposição Agricola.

II.

Raizes forrajosas.

(Continuação.)

Nabos. — Um nabal é prestadio aos gados pela rama e pela cabeça, servindo-lhes como a beterraba na qualidade de *lactigeno*, *cevatriz* e *refrigerante*.

Como lactigenos, os nabos não preferem ás beterrabas; são-lhes inferiores até (salvo o nabo de Suecia), não porque amogem menos leite, mas porque o principio acre que possuem, e que é commum a quasi todas as cruciferas, se communica a este liquido e á manteiga, dando-lhe sabor pouco grato, mormente se muito prepondera no penso quotidiano; sabor que se tem pertendido attenuar, misturando ao leite algum chlorureto de calcio ou nitrato de potassa, mas que jámais se tem conseguido annullar, e, como alguem diz, o que se tem feito com isto é substituir um gosto ruim por outro detestavel: mais valia, parece, ter a coção que dissipa aos nabos em grande parte esse principio acre.

Serias e bem graves queixas começam a produzir-se na imprensa agricola de Inglaterra a respeito da deterioração da manteiga pelo abuso dos nabos, que tem sido e continuam a ser ahi a cultura de predilecção, e a base do sustento de seus immensos gados. Pedem que seja o nabo muito embora collocado á testa das raizes forrajosas, a primeira entre todas, se se quizer, mas não que seu emprego seja exclusivo em penso de vaccas leiteiras, que isso é que é abuso. Dê-se-lhes em menos porção, n'um terço, se tanto, do penso quotidiano, que assim se tirará então dellas o partido lactigeno, sem os graves inconvenientes que apontâmos.

Nossos vaqueiros, entre os quaes corre tambem que não é bom o leite, se muitos nabos ás vaccas dão, devem pois ter este conselho em muita conta, que fructo é elle de aturadas e bem averiguadas observações de um povo, que melhor que nenhum outro tem sabido avaluar e bem discriminar tudo o que póde interessar ou prejudicar a boa economia rural.

Como cevatrizes, os nabos tambem não preferem ás beterrabas, mas tem neste mister melhor indicação do que em lactigenos. A Inglaterra dá-lhes muita consideração neste sentido, e todo o seu gado cevadiço, em grande parte, é com elles engordado. É cousa admiravel vêr ahi como immensos nabaes em pouco tempo se transformam nessas enormes moles de carne e gordura, que vão abastecer os mercados do paiz, tão exigentes neste genero de subsistencias.

Entre nós tambem se tira algum, bem que limitado partido dos nabos nesta indicação; e mais particularmente succede isto nas provincias do norte para algumas cabeças de armentio e gado suino. — «Observei, diz o sr. Mesquita, engordarem os porcos com as folhas e cabeças de nabos. Primeiramente lhes cozem nabiças em quanto não engrossa a raiz (e depois estas e aquellas), e as adubam em porção de farelo, ou com cevada, milho, ou centeio moidos. Assim por esta fórma, com couves, os vi cevar em terras da comarca da Feira, onde não ha bolota, lande, ou castanha.» (M. E. da Ac. T. V.)

Não se perderia nada, antes muito se ganharia, julgâmos nós, produzir em maior escala nabaes e beterrabaes, para neste mister os empregar; porque estas raizes possuem assucar, e esta substancia é uma das que, por transformações successivas na economia animal, se póde converter em gordura. Pelo menos assim o pensam os distinctos chimicos Dumas, Baussingault e Payen, os quaes, considerando o assucar formado de agua, acido carbonico, e gaz oleificante, suppõem que este ultimo principio, separando-se dos outros, toma diversos estados de condensação, oxida-se, e produz, entre outros corpos, os acidos gordos, e por fim as gorduras. Além disso, quando mesmo por si estas raizes não produzam muita gordura, é certo que juntas a outros pen-

sos mais incontestavelmente cevadeiros, como é uso praticar-se, ajudam e facilitam muito a assimilação destes, pela melhor e apropriada fórma de saude em que conservam os animaes; e assim indirectamente vem a concorrer bastante á realisação de uma boa ceva.

Como refrigerantes, os nabos vão a par das beterrabas, e o que destas dissemos a tal respeito tem aqui inteira applicação, e por isso nos dispensaremos de reproduzir o que já foi consignado. Notaremos apenas que sobre o apparelho digestivo tem os nabos um poder relaxante maior, o que prescreve tambem maior cautela em seu uso, que não deve passar, quando muito, de dois terços do penso quotidiano.

(Continúa). *S. B. Lima.*

Cezarina

V.

No outro dia, ás seis horas da manhã, já Henrique estava a pé. Da sua janella divisava o largo em que se fazia a festa; áquella hora estava completamente deserto.

Comtudo, como sabia que Julieta estava impaciente por consultar a feiticeira, vestiu-se presto e pôz-se a caminho para a barraca de Cezarina.

Quando entrou, estava esta dispondo uma mesa e cadeiras entre os bancos dos espectadores e os palanques, nos quaes assentava a especie de tablado, em que Cezarina fazia os seus exercicios.

— Bem vêdes, diz ella a Henrique, que vos esperava — e chamou:

— Bourdaloue!

O Hercules do calção de veludo appareceu, segurando em uma das mãos um pedaço de pão e outro de carne, e na outra uma faca. Estava vestido com uma especie de camisola de ganga, destinada a resguardar-lhe o saiote côr de rosa.

— Vae ahi para a estrada, e quando vires duas meninas e uma velha, é isto, não é verdade? accrescentou Cezarina, olhando para Henrique, que fez um signal affirmativo; — quando vires duas meninas e uma velha encaminharem-se para este lado, e aproximarem-se do nosso theatro, vem immediatamente avisar-nos. Comprehendeste?

— Sim, mas parece-me...

— Parte, nada de observações.

O gigante obedeceu á sua companheira, e sempre mastigando, foi postar-se de vedêta á entrada da barraca.

— Porque chamaes vós a este homem Bourdaloue? perguntou Henrique á bohemia, logo que ficou só com ella.

— É o velho que o baptisou com aquelle nome.

— E o que é, ou quem é o velho?

— Era o chefe da companhia. Já morreu.

— E porque chamava elle a este homem — Bourdaloue?

— Porque Alcides é todo doutor, e o velho dizia assim — « Tu discorres como Bourdaloue » — por fim ficou-lhe o nome. E depois ha uma razão...

— Qual é?

— É que Alcides é quem me adormece ou magnetisa, como quizerdes, quando alguem vem consultar-me; e, segundo parece, esse Bourdaloue tem a faculdade de adormecer toda a gente.

— Então o velho era algum nigromante?

— Oh! sim, é ainda hoje nomeado.

— É delle que vos vem a sciencia de adivinhar, que possuis?

— Sim, senhor.

— E como a tinha elle adquirido?

— Em grandes livros, que estava constantemente a lêr, e nos quaes eu nada pude comprehender, quando tentei consultal-os.

— Visto isso era sabio?

— Muito sabio. Acreditae-me ou não, meu senhor, mas havia dias em que quasi apostaria que era o diabo. Assim, a primeira vez que elle me fez vêr o que farei vêr agora a essa donzella, confesso-vos que estremeci, e mais não sou eu daquellas que de tudo tem mêdo.

— A menina que ha de vir correrá algum perigo? olhae que me respondeis por ella, disse Henrique.

— Não tenhaes receio.

Neste momento Bourdaloue levantou o reposteiro e annunciou para dentro com aquella voz rouquenha já nossa conhecida:

— Ellas lá vem.

— Conchega a camisola, e recebe-as com polidez, disse Cezarina.

— Quanto a vós, continuou ella voltando-se para Henrique, occulte-vos.

E dizendo isto abriu a porta da cafúa, onde na vespera recebêra a visita do mancebo, e lhe apontou para uma cadeira, na qual este logo se assentou.

— Ouvis a minha voz? perguntou Cezarina, depois que Henrique fechou a porta.

— Perfeitamente, respondeu este.

— Então silencio! que ellas chegam.

Com effeito, as duas meninas e a velha Joanna, introduzidas por Bourdaloue, entravam naquelle momento na barraca. Cezarina correu ao seu encontro.

— Que pretendeis, minhas senhoras? lhes disse ella com a voz mais branda que pôde.

Julieta olhou para Cecilia, porque não ousava declarar á commediante o que vinha fazer á sua morada.

Cecilia olhou para Cezarina.

— Não me conheceis?

— Sim, mademoiselle, viestes aqui n'outro dia.

— Pois bem, hoje é esta menina que deseja consultar-vos.

— Ficastes então contente commigo.

— Mais que contente; fiquei maravilhada.

Julieta olhava á roda de si com admiração.

— Mademoiselle, proseguiu Cezarina, depois de ter mandado assentar as tres visitas, e voltan-

do-se para Julieta, — já alguma vez consultates as ciganas?

— Nunca.

— Mas acreditaes nas videntes, acreditaes na possibilidade de predizer o destino e de lêr no futuro?

Julieta não respondeu.

— Duvidaes?

— Alguma cousa... disse a joven donzella sorrindo.

— E duvidareis de vós mesma?

— Que quereis dizer?

— Pergunto se, fazendo-vos eu vêr o futuro e o passado, persistireis em duvidar.

— Ah! não, mas receio bem que o não consigaes, replicou a menina, cobrando mais desembaraço.

— Vamos experimentar. Bourdaloue!

O artista appareceu grave e solemne como de costume.

— Traze-me uma garrafa cheia de agua e um cópo.

Alcides obedeceu, e veiu pôr em cima da mesa o que se lhe pedíra, depois esperou.

— Agora deixa-nos, disse-lhe Cezarina.

O acróbata retirou-se, e um cheiro de tabaco, que alguns instantes depois se derramou na barraca, annunciou que elle se entregava ao consolador entretenimento do cachimbo.

Cezarina pegou no cópo e encheu-o de agua.

— Vêdes, diz ella para Julieta, que é agua pura?

— Vejo.

— E de mais, mademoiselle, a quem fiz já esta mesma experiencia, vos poderá certificar que ella é de uma simplicidade perfeita.

— É verdade, respondeu Cecilia.

— Não tendes mêdo? continuou Cezarina.

— Mêdo, de que?

— Do mysterioso. Porque vós ides vêr cousas estranhas, tão estranhas, que talvez depois não queiraes crêr que as visteis.

— Não terei mêdo, respondeu Julieta com um sorriso de incredulidade.

— Talvez vos persuadaes que eu faço preceder a experiencia de todos estes detalhes para vos deitar poeira nos olhos. Pois enganaes-vos; no que vou fazer não ha charlatanismo nenhum. Faço-o, tenho a franqueza de o confessar, sem o poder explicar; é magia por ignorancia.

E dizendo isto, Cezarina aproximava de Julieta o cópo cheio de agua, e dizia-lhe:

— Olhae attentamente para este cópo, e dizeime o que vêdes. E ao mesmo tempo os olhos de Cezarina pareciam faiscar na agua do cópo.

Julieta fez esforço por conservar o serio, mas não pôde; olhando surrateiramente para Cecilia, desatou n'uma gargalhada.

— Ride, mademoiselle, pronunciou Cezarina, é sempre assim que isto começa. Quereis agora olhar?

Julieta conteve-se, e fixou a vista no meio do cópo.

— Que vêdes, perguntou Cezarina, cujos olhos, abertos e fixos, fulminavam sobre a agua um olhar singular.

— Não vejo nada.

— Olhae com mais attenção.

— Ah! exclamou a menina, passado um momento de attenção, a agua muda de côr! Parece uma opala liquida.

— Muito bem. E depois?

— Depois parece ferver.

— É isso. E que destinguís?

— É curioso! Vejo arvores e uma casa!

— Conheceis essa casa e essas arvores?

— Perfeitamente. É Valgenceuse, a casa de minha mãe. Ora olha! diz Julieta chegando o cópo para Cecilia.

— Mademoiselle. não, interrompeu Cezarina, vós só é que podeis vêr.

— É estranho! murmurou Julieta, que já não tinha vontade de rir, e cuja alma parecia ter-se-lhe toda passado para os olhos.

— O que ha agora?

— Vejo minha mãe!

— Como está ella vestida?

— Está com um roupão azul e um chapeu de palha; anda ao pé dos alegretes; em uma das mãos traz uns papeis, e com a outra colhe algumas flôres.

— Tinheis visto vossa mãe esta manhã?

— Não.

— Pois em indo para casa, vereis se este traje é exacto, e perguntae-lhe o que fez.

— Agora tudo desappareceu; não vejo nada.

— Continuae a olhar.

— Vejo um quarto, tornou a menina de Beauzée, alguns segundos depois, um quarto frouxamente allumiado; tem uma cama e dentro da cama está um homem. Uma mulher está ao pé delle e uma criança ao pé desta mulher. O homem é meu pae; a mulher é minha mãe; a creança sou eu. Sim, continuou a menina, não ha duvida! Eu choro, e minha mãe reza. Meu pae abençôa-nos a ambas, e expira!

E uma lagrima deslisou dos olhos da donzella, e foi cair no cópo. Enxugou os olhos á pressa, e fixando Cezarina, diz-lhe:

— O quadro é exacto, mademoiselle. O que acabaes de me mostrar é na verdade assombroso.

— Assim o crêdes?

— Firmemente.

— Agora vejamos o futuro.

Julieta hesitou.

— Estaes com mêdo, não é verdade, mademoiselle? diz-lhe Cezarina sorrindo.

— Confesso que estou.

— Ora pois, quereis antes que vos diga o futuro, em vez de vol-o mostrar?

— Prefiro antes isso.

— E estaes bem decidida a fazer o que vos eu disser.

— Sim.

— Bourdaloue! gritou Cezarina.

Bourdaloue appareceu.

— Dá-me o annel, disse a cigana.

O homem metteu a mão na algibeira, e tirou um annel de ferro, que apertou alguns instantes entre as mãos, e chegando-se a Cezarina, enfiou-lh'o n'um dedo no momento em que esta se assentava.

A cigana estremeceu, fechou os olhos e ficou na attitude de uma mulher adormecida.

E dormia com effeito.

Julieta via tudo isto pasmada e quasi com terror.

—Agora, diz Bourdaloue, dae a vossa mão a Cezarina, e interrogae-a, que eu retiro-me.

Julieta collocou sua mão branca e delicada sobre a mão grosseira da cigana, mas foi em vão que tentou dizer-lhe alguma cousa.

—O que pertendeis vós saber? perguntou Cezarina.

—Dizei-me em que estou eu pensando.

—Posso fallar alto diante dessas duas meninas que estão presentes?

—Sim.

—Pensaes em um mancebo, mademoiselle.

Julieta fez um movimento.

—Quereis que me calle? diz Cezarina.

—Não, fallae.

—Amaes esse mancebo, é verdade?

A menina de Beauzée balbuciou uma resposta, mas tão sumida, que apenas foi ouvida da somnambula.

Escusado é dizer que, durante todo este colloquio, Henrique applicava attento o ouvido á porta do logar em que estava escondido.

—Ha outro homem que tambem vos ama, proseguiu Cezarina.

—Como se chama?

—Heitor. É isto?

—Não ha duvida.

—Qual dos dois me ama mais?

—O ultimo.

—Estaes bem certa que assim é?

—Certissima.

Julieta estremeceu.

—Porém vós, continuou Cezarina, não o amaes.

—É verdade.

—E issó torna-o bem desgraçado.

—Então vêdes-lo?

—Perfeitamente. Hontem á noite fallou-vos vossa mãe a respeito delle.

—Sim, continuae...

—Casareis em breve.

—E quem esposarei eu? perguntou Julieta em voz baixa.

—Não vol-o posso dizer, mas sim com quem deveis casar.

—Pois dizei.

—Oh! eu leio no vosso futuro tão bem como n'um livro. Haveis de ser infeliz, minha menina, e por vossa culpa, excepto se me jurardes que acreditareis o que vos eu disser.

—E para que serve jurar?

—Porque não podeis ser feliz, senão com a condição de me obedecer.

—Pois sim, obedecer-vos-hei, proferiu Julieta, curiosa de saber o que a somnambula tinha ainda para lhe revelar.

—Quando fordes para vossa casa, ou melhor, para casa de vossa mãe, esta ha de fallar-vos no mesmo objecto de hontem á noite.

—Sabeis então o que ella me disse?

—Perfeitamente. Quereis que vol-o repita?

—É inutil.

—O primeiro homem que virdes, tomaé bem sentido, depois da conversação com vossa mãe, é o que devereis escolher para esposo, sejam quaes forem aliàs as inclinações do vosso coração para outro; se não, não respondo pelo resultado.

—Está bem, disse Julieta, abalada involuntariamente por tudo o que ouvíra; está bem. Estou satisfeita. E, deitando sobre a mesa uma peça de oiro, saíu da barraca com a sua amiga e a aia.

—Que pensas de tudo isto? perguntou Cecilia á menina de Beauzée.

—Penso em que estou mais desafogada aqui ao ar livre. Aquella mulher perscrutou no mais intimo do meu coração.

—Estás deliberada a fazer o que ella te disse?

—Não sei ainda. O que farias tu no meu logar?

—Eu obedecia.

—Obedecerias?

—Sim.

—Pois verêmos.

E toda pensativa, Julieta tomou o caminho do castello.

Logo que Bourdaloue viu saír as tres senhoras, entrou na sala, e tirando o annel de ferro do dedo de Cezarina, despertou-a.

Continúa.

O terramoto de 16 de abril de 1852 na ilha de S. Miguel.

Da *Ilha*, jornal de Ponta Delgada, extrahimos o seguinte artigo, firmado em 20 de abril pelo sr. M. J. Cabral.

Escrever de uma calamidade, quando os animos ainda se acham soçobrados por seus effeitos terriveis — pegar na penna para narrar os pormenores de um tremor que lançou na consternação os habitantes de toda uma ilha — contar as impressões que sentimos, os sustos, os receios, e os bem fundados temores — lamentar as desgraças occorridas — descrevel-as e pintal-as mesmo com as côres negras de um coração profundamente impressionado, é empresa mui superior para o meu talento mingoado, o que assaz conheço; porém a consciencia do dever é mais forte que o conhecimento da insufficiencia; por quanto, fazendo sempre ouvir-me pela imprensa já n'um, já n'outro jornal desta cidade, não devia agora calar-me no momento mesmo em que todos esperam pelas suas narrativas, a fim de melhor se apreciarem os males que a todos nos causou o violento terramoto de 16 do corrente abril.

Costumado á benevolencia do publico, ainda

a espero mais esta vez; e com tanta mais razão, quanto é cérto ir agora fallar de uma catastrophe, que todos sentimos, todos lamentâmos.

Depois de grandes chuvas e ventanias, amanheceu o dia 16 sêcco e calido; de tarde a atmosphera appresentou-se carregada, mas ninguem presentia o triste acontecimento da noite.

Cinco minutos apenas depois das dez horas começou a sentir-se um violento tremor, acompanhado no seu começo por um ruido subterraneo. A convulsão ao principio foi recta, e um momento depois tornou-se lateral, e com tal vehemencia, que desabaram edificios, outros se arruinaram, os caminhos abriram-se, os muros caíam, e as pessoas corriam aterradas de um para outro lado a procurarem segurança para as vidas nos largos e nas praças, bradando por misericordia!

Gritos, alaridos, desmaios e confusão, era o que se observava naquelle momento terrivel; mas todos, dominados por um só pensamento, e buscando um só refugio na religião do Crucificado, na omnipotencia e na misericordia divina; porque em occasiões destas, não ha philosophia, não ha argumentos, não ha dissertações — ha unicamente Deos, para quem todos os corações se voltam, e para quem se dirigem todos os votos, e todas as esperanças de salvação.

O terramoto, segundo os melhores calculistas, durou apenas cinco segundos, e ai de nós se se prolongasse por mais um apenas; porque então adeos, formosa ilha de S. Miguel!

Desde aquelle momento começaram todos a correr para o largo de S. Francisco, aonde se reuniram n'um instante cerca de duas mil pessoas de ambos os sexos, dirigindo-se todas as supplicas para a milagrosa imagem do Senhor Santo Christo, que se venera nas religiosas do convento de Nossa Senhora da Esperança ao lado do mesmo largo.

Viram-se então procissões de penitencia, uns descalços, e outros de joelhos correrem para as portas do templo: lagrimas, suspiros e soluços, tudo se via confundido nos rostos que tinham na frente estampado o terror dos seus animos.

Pelas quatro horas e vinte e cinco minutos da madrugada do dia 17, outro tremor se sentiu, muito menos violento que o primeiro, é verdade, porém mais aterrador ainda pelo receio da repetição.

S. Ex.ª Rm.ª, o bispo da diocese, mandou fazer preces por tres dias consecutivos em todas as parochias e conventos de religiosas, a que elle proprio assistiu na egreja matriz. Os templos, em todos os tres dias, foram concorridissimos, e era edificante vêr o recolhimento e devoção com que os fieis assistiam a estes actos solemnes e religiosos.

Não podêmos ainda enumerar todas as desgraças occorridas, tanto na cidade, como nas villas, aldêas, e povoações, por nos faltarem as noticias que se esperam nos correios desta semana; diremos unicamente as de que temos conhecimento, e as de maior monta; porque em geral todas as propriedades soffreram, e todas ficaram mais ou menos arruinadas.

Em Ponta Delgada seria um nunca acabar, se pretendessemos descrever todas as ruinas; mas felizmente só perdeu a vida uma menina de cinco annos, chamada Branca, filha de Manoel Botelho, pedreiro, morador ao Bom Despacho.

Os edificios publicos soffreram tambem. O gradeamento de pedra da torre da parochia de S. Pedro caiu com tal violencia, que rachou e enterrou o lageamento do adro; e muito ha que recear das casas aonde estão os paços do concelho, e a cadêa publica, pelo seu estado de ruina, sendo urgentissimo acudir-se-lhes de prompto. No momento do terror o sr. governador civil, acompanhado do sr. administrador deste concelho, percorreu as ruas e as praças, animando a todos com palavras de conforto e de esperança. Madame Casella, acompanhada de seu esposo, que conduzia varios objectos preciosos de que pôde lançar mão, e do sr. Ribas, que com elles morava juntamente, caiu com ambos, no momento de fugirem das casas da sua residencia para a de s. ex.ª o sr. Antonio Borges da Camara, em casa de quem se acham ainda, pela rasão de estar de cama e em tratamento a sr.ª Casella, que adoeceu de terror!

Continuam os povos ainda a correr descalços e em penitencia para a egreja do Santo Christo, e familias inteiras ainda ha fóra de suas casas, pelo estado de ruina em que as deixaram.

Feteiras.— O tremor sentiu-se com grande violencia; o gradeamento de pedra da torre, ainda ha pouco concluida, caiu sobre a capella-mór da egreja parochial, que ficou de todo arruinada, as imagens quebradas, as paredes fendidas, e o proprio sacrario, aonde estavam as sagradas formas, ficou todo em ruinas, nada soffrendo porém as pyxides aonde se continham. As casas ficaram todas aluidas, algumas desabaram; mas não temos aqui a lamentar desgraça alguma pessoal, de que até agora saibamos. Muitas familias estão ainda pelos campos, dormindo em cafúas de palha, tendo abandonado as habitações.

Rabo de Peixe. — Neste logar caíram quasi todos os muros das quintas e algumas casas, e entre ellas as de Jacintho do Rego, do mestre Francisco Pacheco, por alcunha o Refego, e a do mestre José Alfaiate, que ficaram sepultados nas ruinas com suas familias, sendo tirados meia hora depois pelos esforços dos srs. João Antonio Botelho, João Candido, Frazão, e Ribeiro, que, desentulhando as ruinas, tiraram dellas 12 pessoas vivas, e uma só criança morta. Estas pessoas escaparam milagrosamente; pois que algumas dellas estavam cobertas de cunhaes, pedras, terra, e telhado, em mais de 6 palmos de altura! Alguns estão feridos e em tratamento.

Calhetas. — Houve uma morte, ruinas de predios, e muros de quintas caídos.

Santo Antonio.— Ficou arrasado o caminho da Carreira; houve casas destruidas; as pessoas que estavam nos moinhos da rocha, agora inutilisados, lançaram-se ao mar, e houve duas mortes.

Bretanha. — Houve tres mortes, casas arruinadas, e a egreja soffreu, caíndo na Lomba do Carvalho a barreira, que arrasou o caminho publico.

Mosteiros. — Soffreram muito as propriedades, sendo de todo anniquilado o casal do sr. José Ignacio dos Reis.

Consta-nos que para o norte foram ainda muito maiores as desgraças occorridas, de que daremos conta a nossos leitores logo que dellas saibamos com individuação.

E' para esperar que as authoridades providenceiem de algum modo, para no possivel se soccorrer a miseria e o desvalimento. E' preciso recorrer ás almas generosas, não só desta ilha, mas de todas, de Portugal mesmo, do Brasil, e de toda a parte, para que acudam ao afflicto, que por esta fatalidade ficou sem tecto, sem pão, e sem auxilios.

Recorra-se tambem a S. M., e faça-se vêr ao governo da Rainha, que o povo d'um districto, que annualmente concorre para as despezas geraes do estado com sommas avultadas, merece neste momento toda a sua attenção, todos os seus desvelos e justiça.

Assim o esperâmos; porque temos fé nas authoridades, no governo, e mais que tudo no throno, d'onde dimanam sempre os actos beneficos em proveito dos povos.

Nova expedição em busca de sir John Francklin.

Uma nova expedição se prepara em Inglaterra por conta do almirantado, destinada a ír aos mares polares em procura de sir John Francklin e seus aventurosos companheiros.

Segundo escrevem de Woolwich, os vapores *Plantador* e *Intrepido* sairam já do estaleiro; e juntos com outros dois, completarão a esquadrilha da expedição, que vae commandada pelo capitão Belcher. Estes quatro vasos, aos quaes se deve tambem reunir o *North-Star*, demorar-se-hão alguns dias em Greenhithe, e depois seguirão a derrota, que já deve ter começado, pois se tinha marcado o mez de abril para esse effeito.

Nada se tem omittido do que possa facilitar e tornar fructuosas as indagações altamente humanitarias e patrioticas, a que se votam estes intrepidos exploradores. Levam harpeos para pescar baleias e outros avultosos peixes, cujo azeite poderá a bordo servír-lhes de grande utilidade. Levam tambem armas de fogo para caçar aves aquaticas, e augmentar assim os seus recursos alimentares.

Tem-se feito recentemente experiencias mui curiosas no Tamisa, para ensinar aos artilheiros, que formam parte da expedição, a fazer as descargas submarinas por meio de baterias galvanicas; e os sucessos provaram que se poderão produzir debaixo d'agua nos mares arcticos todas as explosões, e estabelecer as minas submarinas que se julguem necessarias ao bom exito da empresa.

Levam ainda a bordo um grande numero de balões e todos os apparelhos precisos para o fabrico do gaz, que os deve encher, os quaes são destinados a espalhar avisos, em numero de 500.000, impressos em papel corado, tendo em branco as linhas em que deve indicar-se depois, quando se lançarem ao ar, a longitude e latitude em que forem deitados. Estes balões, por nova descoberta, são construidos de maneira que possam fluctuar nas aguas, se ahi caírem, por bastante tempo sem se destruirem. Alguns dos avisos, de que são portadores, póde ser que sejam encontrados pela expedição, que já ha tempos partiu, ás ordens do capitão Collisson, para o estreito de Bhering. Eis-aqui um modêlo de alguns destes avisos:

Por um lado:

« Aviso transmittido ..... por meio d'um balão lançado do. .... Intrepido, vaso de S. M. B. .... á latitude norte. ..... e longitude a l'este. A sir John Francklin.

Por outro lado:

« Deixaram-se provisões em..... Encaminhâmo-nos para..... Tencionâmos invernar em..... ou nas immediações.....»

No momento em que a esquadrilha vae a fazer-se á vela, a casualidade quiz revelar, quasi inopinadamente, um successo maritimo dos mais interessantes, e que deve ter relação com a expedição de sir John Francklin. Se as circumstancias, que se referem, são exactas, alguma luz podem dar ácerca do logar em que pára este celebre navegante. Eis-aqui os factos de que se occupa quasi toda a imprensa ingleza:

« Um capitão do porto de Tynemouth teve occasião, no mez de março, de fallar com um dos officiaes que devem fazer parte da nova expedição, e lhe contou que o brigue *Renovação*, de Schields, dirigindo-se a Quebec no anno passado, pelo mez de abril, avistou na altura do banco da Terra Nova duas enormes montanhas de gêlo, e sobre uma dellas dois vasos encalhados, que, segundo o dito capitão, podiam mui bem pertencer á expedição de Francklin. Esta noticia official a participou a seus superiores, e apesar de indicios tão vagos, o almirantado, com a mais louvavel sollicitude e actividade, procedeu a averiguações do facto, o qual se acha quasi completamente provado.»

Theatro de S. Carlos.

A fortuna não foi propicia ao *spartito* do *maestro* Marliani, que pela primeira vez foi á scena em 5 do corrente; mas acreditâmos, que a quéda do — *Lazzarello* — menos deve attribuir-se á falta de merecimento da composição musical, do que ao pouco adaptada que esta se acha aos recursos de alguns artistas que a desempenharam.

Lazzarello foi composto primeiro em París, como farça em um acto, com o titulo — *Xacarilla* — e depois foi ampliado e arranjado para Italia com o titulo e fórma que hoje tem.

O 1.° acto está escripto no gosto francez: o 2.° aproxima-se mais do genero italiano, e não é de igual força.

Não tendo nós assistido senão ao ensaio geral, e á primeira e *unica* representação que houve da opera, não podêmos fazer mais do que citar alguns trechos, que, pela sua novidade ou merecimento, nos feriram mais a attenção.

Na aria de *Lazzarello* (sr.ª Sannazzari) no 1.° acto, é de muito effeito o movimento dos *violoncellos* no *andante*, assim como se torna notavel a progressão empregada no *allegro* seguinte. A scena, côro e duetto, que se segue, é de optima concepção: a melodia executada, com surdina, pelos primeiros rebecas, é no stylo hespanhol, e tem bastante originalidade. O andante da cavatina de *Rita* (sr.ª Arrigotti); a *cabaletta* do duetto desta com *Lazzarello*, em que apparece o canto oitavado pelos *violoncellos*; o tercetto de *Rita*, *Lazzarello*, e *Sancho* (sr. Bonafos); o canto de *Lazzarello*, com o côro no final do 1.° acto, são trechos de muito merecimento, já pela originalidade, e já pela instrumentação, que é toda rica, sem ser confusa.

No 2.° acto, o que nos pareceu mais digno de notar-se, foi o duetto de *Sancho* e *Lazzarello*, principalmente a *cabaletta, em nota e parola;* e o quartetto, que tem muito merecimento, por ser escripto de modo que não desmente o titulo, como muitos que por ahi apparecem, e que se não sabe se são cavatinas, duettos ou tercetos, executados por quatro partes.

Em summa, é nossa opinião, que a opera não teria caído tão formalmente, como caíu, se a *tessitura* da parte de *Lazzarello* não fosse tão baixa para a sr.ª Sannazzari, que não lhe permittiu brilhar como cantora, tanto quanto brilhou como actriz; se a sr.ª Arrigotti não estivesse com a voz tão vacillante, que lhe fez estragar todo o canto; se o sr. Bonafos tivesse comprehendido melhor o seu papel, e lhe não désse o caracter excessivamente caricato, que lhe deu, a ponto de reproduzir por vezes as momices e visagens do celebre *Eutichio* dos *Falsi monetari*; se finalmente, estas e outras circumstancias, que talvez ainda se poderiam citar, não tivessem prejudicado altamente os effeitos musical e scenico.

Modas.

Não tendo sido possivel, apesar dos esforços e despezas feitas pela direcção da *Revista*, melhorar os figurinos, que acompanham a edição superior, resolveu a mesma direcção contractar com um jornal de París, e mandar vir os figurinos. Os srs. assignantes da edição superior, a quem com este numero enviâmos o primeiro figurino, que recebemos de França, reconhecerão por certo que a empreza da *Revista* deseja cumprir as suas promessas, e captar a benevolencia das pessoas, que a honram com sua protecção.

O figurino, que hoje se distribue, traz as modas para maio, e foi publicado em París no 1.° do corrente.

Noticias Diversas.

Nova empresa lyrica. — O sr. Guimarães, a quem (como já dissemos no n.° anterior) foi adjudicada, por dois annos, a empresa de S. Carlos, obrigou-se a apresentar uma companhia de canto e de baile, organisada na conformidade do seguinte plano:

CANTO.

Uma *prima-donna* de *cartello*, de distincto merecimento.
Um primeiro tenor, dito.
Um primeiro baritono, dito.
Uma *prima donna* absoluta.
Um primeiro tenor, de meio caracter.
Um primeiro baixo profundo.
Uma *prima donna in genere*.
Duas segundas damas.
Dois segundos tenores.
Dois segundos baixos.
Trinta e seis coristas de ambos os sexos.
Um mestre ensaiador.

BAILE.

Uma bailarina, do genero francez.
Uma dita, do genero italiano.
Um primeiro bailarino, do genero francez, que poderá tambem ser compositor.
Quatro bailarinos mimicos.
Doze segundos bailarinos.
Doze coripheus, e doze figurantes, de ambos os sexos.
Orchestra e banda marcial, que não sejam inferiores ás que se acham actualmente escripturadas no theatro.

Eugenio Mazoni. — Foi para o Porto, a bordo do vapor *Mindello*, o excellente tocador de piano, o sr. Eugenio Mazoni, filho do insigne rebequista, o sr. Vicente Tito Mazoni.

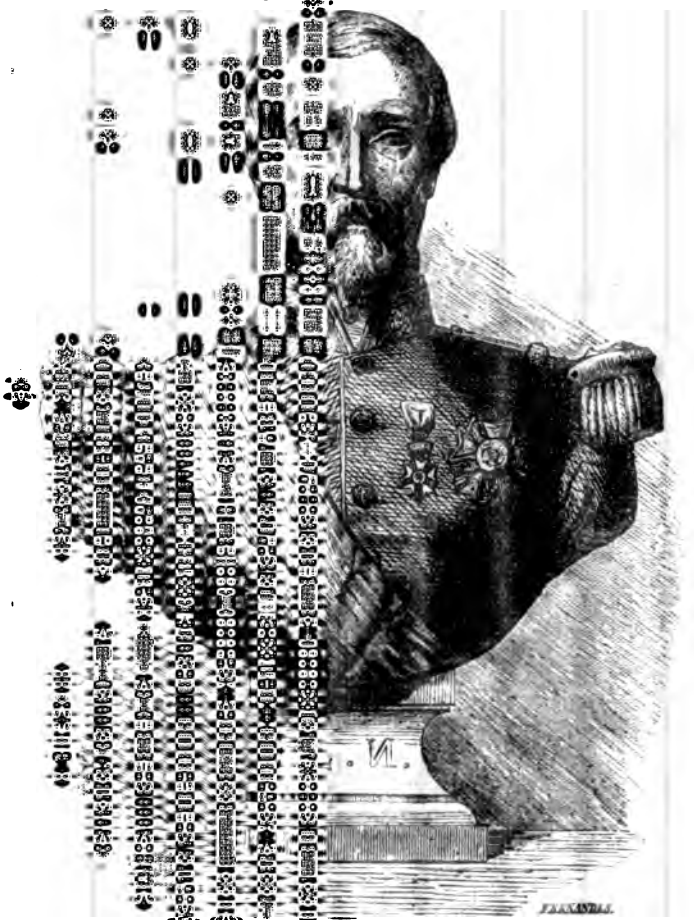
É de esperar que o talentoso mancebo, cuja carreira artistica promette ser brilhante, se faça ouvir dos portuenses, e que entre elles alcance a mesma approvação, que já obteve, com justiça, do publico de Lisboa.

O sr. Mazoni foi alumno do Conservatorio Real, e faz honra ao seu mestre, o sr. Xavier Mingoni.

Theatro lyrico do Porto. — Sabemos por boa via, que a empresa do theatro do Porto pretende escripturar alguns dos artistas de canto da companhia de S. Carlos, que terminam no corrente mez os seus contractos; temos porém fortissimas razões para acreditar, que nenhum dos referidos artistas irá fazer parte da companhia, a cuja frente se acha o sr. Alba.

O tenor Ceresa chegou a Lisboa no dia 7, e partirá para o Porto no dia 9.

este busto, o qual deve ser collocado em todas as repartições publicas, e por elle serem d'ora ávante tiradas todas as copias do retrato do presidente. É uma homenagem um pouco monarchica ao chefe do estado, e mais que tudo um expediente bem avisado de pôr termo ás caricaturas sem intenção do rosto do presidente.



Luiz Napoleão.

tido dos nabaes — rama e raizes — sem muito se enxovalhar e estragar, o que ordinariamente succede em pascigos abertos e vastos, onde o gado vagueia e salta, desperdiçando mais do que come. E ficando ahi amalhado ou de ameijoada, fertilisa o campo pelas excellentes estercadas que nelle depõe.

A memoria do sr. Mesquita, que por vezes temos já citado, dá-nos a conhecer que entre nós não é de todo alheio o emprego dos nabaes em pastio, e quasi por methodo analogo ao inglez. Ahi se lê: «O guardador lhe separa (ao gado «ovelhum) aquella porção de ferrejal, que uma «vez lhe pertende dar a comer, com cancellos «de amalho, com redes ou seves. Já presenciei «fazerem-lhe esta separação com feixes de vides. «Rapada esta leira, lhe apartam segunda, e as«sim gradualmente é pastado o campo semeado. «Retorna duas a quatro vezes, e sempre é pasta«do por este economico modo. O mesmo prati«cam com o armentio ou gado vaccum.»

Quando, não em pastio, mas em *estabulos*, se fazem consumir nabaes, usam nos paizes do norte, ou ir arrancando successivamente os nabos á medida que se precisam; ou, se é muita a porção delles que tem de arrancar-se, ceifa-se a rama primeiro, que se dá logo ao gado, e depois desenterra-se a raiz, que se conserva para mais tarde se lhe prestar. A colheita e conservação das raizes pede os mesmos cuidados que a das beterrabas. Alguns praticam assim: em logar sêcco estendem uma cama de palha no chão, e sobre ella assentam e empilham as raizes até á altura de tres pés; cobrem-nas com uma camada de palha, e por sobre esta deitam outra bem espessa de terra, a qual é coberta por uma terceira ainda de palha á feição de tecto, a fim de impedir que entre a chuva na meda das raizes. Estas, á medida que se precisam, se vão dahi tirando, e aos gados se prestam limpas e talhadas pelo *lava* e *corta raizes*, como dito foi para a beterraba; melhor é, se forem cozidas. Os inglezes costumam algumas vezes conservar estas raizes no proprio campo, enterradas como estão, tendo o cuidado comtudo, a fim de livral-as dos gelos e outras intemperies exteriores que as possam destruir, de as cobrir bem com uma camada de terra, que para cima dellas reviram por meio da charrua. Como os nabos são semeados em linha, esta operação é facil.

Entre nos, pelo geral, a pratica de consumir os nabos em estabulos reduz-se a depennar algumas folhas no nabal, se versudo e frondoso está, para se irem dando ao gado; e depois, quando já a grelar começam, e muitas vezes já bem espigados, se arrancam então, e com as costas da fouce se lhes limpa a terra da cabeça, muitas vezes já ôca, atirando-lhes dois golpes em cruz, e prêsa á ramagem se engavella e enfeixa para aos estabulos levar, e aos animaes se prestar.

Vê-se nisto que pouca importancia damos ás raizes, que todá deveram ter; fariamos melhor, julgâmos nós, tentar aclimatar a pratica estrangeira.

Não deixa de ser tambem pratica ordinaria na Inglaterra, e boa nos parece ella, o fazer consumir um nabal, parte em pastio, parte ao estabulo. Colhem metade da seara, cujas raizes se conservam e reservam para no estabulo com ellas o gado se pensar; e a outra ametade se põe em pastura pelo modo que já indicámos, amalhando e ameijoando o gado em toda a terra do nabal — embora metade esteja de nabos desprovida — para que assim toda ella goze e aproveite os beneficios de suas estercadas.

O artigo das raizes forrajosas váe já longo, e portanto pôr-lhe-hemos aqui termo. Não temos a louca pretenção de havermos feito cousa de muito geito e acabada; em mais de um ponto estará incompleto, que nos tolhia o caracter e fins deste jornal maiores desenvolvimentos. O que pretendemos foi, a proposito da exposição agricola, indicar apenas a importancia das raizes forrajosas; como nellas se firma boa parte do progresso da agricultura, já no poder que tem de contribuir á suppressão dos pousios e a melhorar a terra por seu cultivo, como no poder tambem de prodigalisar farta e prestantissima mantença aos gados, que com ellas se multiplicam e muito melhoram em seus productos, e mais livres estão dessas horripilantes fomes e negregadas laseiras, a que entre nós uma irregular quadra de tempo, como a que tem occorrido — tolhendo o bom desenvolvimento dos pastos naturaes — necessariamente conduz.

Sejam as óssadas que hoje alvejam pelos campos, e os esqueletos vivos que ainda agora por elles vagueam pastando sofregos a mesquinha herva que vae brotando, sejam, digamol-o, um protesto vehemente contra a nossa cega confiança na providencia, ou antes, contra a nossa imprevidencia no provêr de subsistencias aos nossos gados. É preciso que de uma vez para sempre isto acabe, é preciso que cuidemos tanto das subsistencias dos gados, como das nossas proprias, que isto é tornar então estas mais certas e infalliveis.

Fazemos votos que assim succeda.

Se por ventura alguma falta, alguma omissão ponderosa commettemos no decurso deste artigo, póde isso provir da restricção que nos impozemos, ou de ignorancia mesmo, e desejâmos que nol-a apontem os que, em melhores circumstancias do que nós, podem ter já avaliado muitas das cousas de que não fomos senão écco. Queremos a correcção, e estimâmos o aviso comedido; pedimos que se aventem mais na imprensa, assumptos desta ordem, assumptos de interesses economicos; porque estes são, assim o julgâmos, os que nos podem dar mais proveito, do que essas questiunculas de politica fôfa e de velleidades, que as mais das vezes nos collocam na ridicula posição da rã da fabula, que só nos movem odios e despeitos, e nunca a felicidade. Esta, para nós, só póde principalmente cifrar-se: no bem ama-

nhar o nosso torrão, no bem cuidar de nossos interesses economicos, no bem moralisar a familia pelo amor ao trabalho e respeito á lei santa e justa. O povo ocioso é devasso, e devasso torna-se afeminado, e afeminado dobra escravo a cerviz a qualquer prepotencia. A historia de todos os tempos é sobeja de factos que provam estas asserções.

Se quereis fazer de nós nação feliz, respeitavel e independente, ligae o povo á terra, que tornareis cada vez mais livre de alcavalas e onus prejudiciaes; fazei-o agricola, mas agricola na essencia, que não no nome; ensinae-o a aproveitar este bello torrão, este invejavel clima, que moveu ao mais sabio e transcendente naturalista dos tempos modernos, ao genio de Linneo, esta emphatica exclamação: — *Bone Deus! Si Lusitani noscent sua bona naturæ, quam infelices essent plerique alli qui non possident terras exoticas!!*

Só da agricultura, mas agricultura intelligente, que não rotineira, devemos esperar solida e immorredoura felicidade. A felicidade pela agricultura! Ahi corre um livro com este titulo, que nos deou o genio e a penna eloquentissima de um poeta famigerado, o sr. A. F. de Castilho. Lêde-o, e repassae-vos bem de sua doutrina, que vireis a concordar com elle, comnosco, e com essa phalange toda, que segue a bandeira hasteada pelo sr. Ayres de Sá Nogueira, que na agricultura está a ancora da nossa salvação, o cimento da nossa nacionalidade, a nossa independencia, a nossa felicidade em fim.

S. B. Lima.

Reforma ou revolução religiosa do seculo 16.º

(Continuação.)

IV.

Zwinglio e Calvino.

Os padres catholicos foram os unicos que obstaram a que o christianismo primitivo seja hoje a religião universal. Christo confiou ao sacerdocio o cordeiro sem mácula, como symbolo expressivo da sua doutrina pura, mas o sacerdocio maculou a candura de sua lã.

O que acontecia na côrte do papa, era em todo o orbe catholico. Os suissos, que sempre haviam professado profundo respeito á fé romana, á qual deviam sua civilisação, suas riquezas, seus mosteiros e cidades, sendo chamados a tomar parte nas guerras de Italia, excitaram-se contra a immoralidade que aqui reinava, assim como contra os abusos commettidos pelos prelados, que Roma enviava ao seu paiz. E desde 1516 Zwinglio de Zurich principiou uma prégação independente, e mesmo anterior á de Luthero, mas com menos reticencia e mais clareza, com mais inspiração e menos systema. Em quanto Luthero caminhava passo a passo, animado por uma victoria a desejar outra, Zwinglio, pelo contrario, combateu desde o principio, os dogmas fundamentaes.

Zwinglio ía mais longe do que Luthero, que conservou muitas práticas religiosas, como as imagens, as velas, os altares, o pão asmo, a confissão auricular. Luthero queria conservar na egreja tudo que lhe não parecia expressamente contrario á escriptura; Zwinglio derribou tudo que se não podia provar pelo seu texto. Pelo que diz respeito ás consequencias exteriores, Luthero, que prégava n'um paiz de principes, sustentava as idéas absolutas, favorecia a occupação dos bens do clero, considerando a auctoridade ecclesiastica como uma instituição humana, e um attributo da soberania; o republicano Zwinglio abatia tambem o poder das egrejas; mas, em vez de dal-o aos principes, conferia-o ao povo.

Zwinglio publicou os *commentarios da verdadeira ou falsa religião*, exposição completa da crença, que elle oppoz aos logares communs de Melanchton. D'aqui veiu o dissentimento de Zwinglio com os protestantes allemães, que deram a seus adherentes o nome de sacramentarios, origem do scisma que os divide ainda.

A guerra entre os catholicos e os hereges accendeu-se em toda a Suissa, e pelejada uma batalha em Cappel, morreu Zwinglio. Os catholicos processaram o cadaver do heresiarcha, o qual foi feito em pedaços. Seguiu-se a paz religiosa, com vantagem dos catholicos. A religião de Zurich ficou circumscripta em limites, que não ultrapassou mais. Mas uma revolução, cujas consequencias deviam ser graves, operava-se nos confins da Suissa.

Da escóla de Zwinglio saíu Calvino de Noyon, que abraçou a reforma, quando ella estava já triumphante. Mas se elle detestava a corrupção da egreja catholica, não se indignou menos contra a desordem produzida pelos reformadores: cuidou em dar-lhe o remedio, e tal foi a tarefa de toda a sua vida. Assim, depois da phase de emancipação de Luthero, veiu o periodo ordenador de Calvino, que pretendeu reconstituir a egreja.

Temendo a perseguição, refugiou-se em Basilea, a Athenas da Suissa, e tendo-se feito conhecer por alguns escriptos, foi chamado a Genebra. Guilherme Farel era o primeiro pastor da reforma em Genebra, e sentia a necessidade de que outro fosse o legislador da revolução, de que elle tinha sido o apostolo, e a edificasse, onde elle não tinha feito senão amontoar as ruinas.

Calvino tinha nascido para esta missão. Sem o genio impetuoso da rebellião e da conquista, sem a fogosidade, sem a inabalavel convicção de Zwinglio, Calvino possuia a logica do organisador. Timido por caracter, e por isso prudente, fez-se mediador entre o papismo de um e o paganismo do outro.

Taes são as doutrinas de Calvino sobre as bases da religião e da philosophia.— « Deus, tirando as creaturas do nada, tem uma dupla vontade

de salvar umas, de condemnar outras. É pois elle quem nos induz ao peccado; quem o quer, quem o prescreve. Quando elle manda um prégador da sua palavra, é para que os peccadores se tornem mais cégos, mais surdos Se Absalão mancha o leito paterno, é obra de Deus.»

Estas doutrinas, que teriam destruido a culpabilidade do homem, e feito um absurdo feroz dos tribunaes, em que o accusado é condemnado por falta que elle não podia evitar, foram depois modificadas.

(Continúa).

Cezarina

VI.

A primeira cousa que fez Cezarina logo que recuperou os sentidos, foi abrir a porta a mr. d'Ermenon, que tendo ouvido tudo quanto acabava de passar-se, não pôde deixar de considerar por algum tempo com admiração a cigana somnambula.

—Com que então, disse elle a Cezarina, ha de acontecer o que prophetizastes?

—Que! eu prophetizei alguma cousa?!

—Sim; já vos não lembra?

—Não, uma vez despertada, de nada me recordo do que disse no meu somno; mas o certo é que o que digo, realisa-se. Ouvistes o que eu disse?

—Perfeitamente.

—E é facil de acontecer?

—Facilimo. Dissestes a essa menina que amasse e esposasse o primeiro homem com que deparasse depois da conversação, que ella agora vae ter com sua mãe.

—Dessa maneira tratae de ser esse primeiro homem que ella veja.

—Então parto immediatamente. Adeus, Cezarina.

—Adeus, meu senhor.

—Eis-aqui para vós e Bourdaloue.

—Obrigado, meu cavalheiro, berrou o athleta, que entrava no mesmo instante, e que apanhára os dois luizes que mr. d'Ermenon atirára a cima da mesa.

Entretanto Julieta e Cecilia seguiam em direcção de Valgenceuse.

Julieta caminhava embevecida nas suas meditações,—a scena que tivera logar havia-a fortemente impressionado. Tardava-lhe vêr sua mãe, para lhe perguntar o que fizera na sua ausencia e certificar-se se o seu traje de manhã era effectivamente o que Cezarina lhe mostrára.

—O que te dizia eu? não cessava Cecilia de repetir.

—É maravilhoso! Respondia a menina de Beauzée. Vi meu pae, como agora te estou vendo; nem um só detalhe da sua morte faltava no quadro que tive diante de meus olhos. O que te patenteou ella a ti, quando lá foste?

—O meu passado, todo.

—Sem erro nenhum?

—Sem nenhum erro.

—E o futuro?

—Não tive animo.

—Fôra melhor que fizesse como tu.

—Póde ser.

—O primeiro homem que se me apresentar passada a conversação com minha mãe, murmurava Julieta sorrindo. Não te parece que isto é horroroso? Ora suppõe que este homem é algum corcunda, velho, ou feio!

—Que não seja em fim Henrique, que é o que mais deveis recear, disse baixinho Cecilia a Julieta.

—Tenho um medo terrivel. É verdade que isto tudo póde ser obra do simples acaso.

—Ahi começas tu já a duvidar.

—Eu não duvido; mas o caso é serio, e devo tomar algumas precauções. Olha, o que eu tenciono fazer é isto. Se minha mãe fez o que eu vi, se vestiu um roupão azul, se poz o chapéo de palha, e se andou no jardim com papeis n'uma mão e flôres na outra...

—O que fareis?

—O que faço?!—Obedecerei á predicção de Cezarina, e seja quem fôr, tomarei por marido o primeiro homem que encontrar depois de ter fallado com a mamã.

—Pois então aviemo-nos.

As duas jovens acceleraram o passo, e em breve chegaram a Valgenceuse.

—Onde está minha mãe? perguntou Julieta logo ao entrar.

—No salão do rés do chão, mademoiselle, respondeu o criado que viera abrir a porta de grade.

Julieta e Cecilia correram ao salão. Madama de Beauzée, vestida com um roupão azul, tendo ao lado de si um chapéo de palha, lia attentamente os papeis que na vespera lhe trouxera mr. Grandin, filho.

—Não ha que duvidar, o traje é o mesmo! exclamou Julieta tomada de um sobresalto verdadeiro.

—Ah! já viestes, queridas meninas, disse madama de Beauzée.

—Ó mamã, o que fizeste hoje pela manhã? perguntou a donzella, abraçando ao mesmo tempo sua mãe.

—E para que queres saber isso?

—Para saber se a feiticeira me fallou verdade.

—Ora o que fiz! levantei-me.

—E depois?

—Depois, arranjei-me, e fui ao jardim.

—Com este vestido, com que agora estás?

—Sim.

—E o que fizeste no jardim?

—Passeei.

—E o que levavas na cabeça?

—Este chapéo que tirei ha um instante; e madama de Beauzée apontava para o chapéo de palha collocado ao pé de si em cima de uma cadeira.

—Em quanto passeavas, fazias mais alguma cousa? continuou Julieta.

—Colhia algumas florzinhas.

—Nada mais?

— Não.

— Não trazias nada na mão?

— É verdade, estes papeis, a respeito dos quaes temos que conversar. Minha cara Cecilia, consentis que fiquemos a sós, eu e minha filha, alguns instantes? Daqui a um quarto de hora iremos encontrar-vos ao jardim.

— Vou-me embora, diz Cecilia, porque minha mãe está esperando por mim.

— Sim, vae prevenir tua mãe, diz Julieta, e volta. Quero que estejas ao pé de mim. Bem sabes porque.

— Em dez minutos estou de volta.

E Cecilia saiu.

— Minha querida menina, começou madama de Beauzée, temos perdido muito.

— Muito que, mamã?

— Muito dinheiro.

— É verdade?

— Tu ainda não entendes destes papeis de justiça, como eu, senão havias de lêl-os, e verias que perdemos perto de cento e cincoenta mil francos.

— E de que procede isto?

— Procede de que teu pae tinha boa fé de mais, que não duvidou emprestar esta somma sobre uma hypotheca falsa, que hoje nos é tirada.

— O que se lhe ha de fazer, minha boa mãe? Paciencia! Teremos menos vestidos, menos criados, e menos amigos.

— Se te fallo neste acontecimento, minha cara filha, é que brevemente serás interessada nesta perda.

— Como?

— O teu dote não tem remedio senão soffrer uma reducção.

— E que precisão tenho eu de dote?

— Tens razão, tu és bem bonita para precisar de dote; mas infelizmente póde ser que o teu noivo se não contente com a mesma razão.

— Oh! minha mãe, mr. Henrique estou certissima que não tem o sentido no meu dote.

— Está então decidido que seja mr. Henrique?

Julieta fez signal affirmativo

— A feiticeira approvou a tua escolha?

— Não, e até mesmo me collocou em uma grande perplexidade.

— Porque?

— Que ella é feiticeira, não ha que duvidar que o é!

E Julieta relatou a sua mãe a experiencia do copo d'agua, tão exacta em todos os seus pormenores.

— Depois, continuou a donzella, disse-me ella, tomai bem sentido, deveis amar e esposar o primeiro homem que vos apparecer, em seguida á conversação, que ides de ter com vossa mãe em chegando a casa.

Ao acabar de dizer isto ouviu-se tocar a campainha do jardim.

— É talvez elle! — gritou Julieta indo á janella.

— Elle quem? perguntou madama de Beauzée.

— Mr. Henrique.

— E que vás tu fazer?

— Vou-me certificar.

— Para que?

— Para que seja elle o primeiro homem que eu veja depois de vos haver fallado, e para que desta sorte a predicção da feiticeira esteja d'accordo com o meu coração.

— E se não for elle que tu vires?

— Tens razão, mamã.

— Além disso, nós ainda não acabámos de fallar. E demais, quando se dá credito aos successos predictos pelas feiticeiras, devem-se esperar, e não desafiar, porque assim transtorna-se a ordem em que devem apparecer.

Madama de Beauzée pronunciou esta frase com um accento que bem mostrava da sua parte não dar credito nenhum a predicções.

— Em fim, continuou ella, occorre-me um meio de nos tirar desta incerteza.

— O que é?

— É mandar saber quem entrou.

Julieta tocou uma campainha.

— Quem é que entrou? perguntou madama de Beauzée ao criado que correu ao chamado.

— É mr. Henrique d'Ermenon, respondeu este.

— Os meus presentimentos não me enganavam, murmurou Julieta.

— Está ainda ahi?

— Sim, madama.

— Rogae-lhe da nossa parte o favor de esperar um instante.

— Foi o que já lhe disse, minha senhora; mademoiselle Cecilia ao sair preveniu-me de que a senhora queria estar só com a menina.

— Muito bem; agora, quando eu tocar, a minha criada que venha cá.

— Ora ahi estás socegada! disse madama de Beauzée, elle está alli fóra, estamos seguras agora que ninguem mais entrará aqui antes delle, nem mesmo o criado.

— Sim, mas o que nos resta ainda a fallar? disse Julieta, que parecia impaciente por acabar.

— Tu crês realmente nessa predicção?

— Oh! minha querida mãe, se visses o que eu vi, havias de crer como eu.

— E se outro homem te apparecesse, antes de M. de Ermenon, esposavas-lo?

— Sim, mamã.

— Estás bem firme nisso?

— Sim, mamã, respondeu Julieta, que sabendo que alli proximo estava M. d'Ermenon, tinha a segurança de não correr já nenhum risco.

— Então abreviemos a nossa conferencia, não occorra alguma desdita, proseguiu madama de Beauzée, que, ainda que incredula, gostava de conciliar a predicção com os acontecimentos. É de mr. de Ermenon que queria fallar-te. Sabes que a sua fortuna está muito arruinada, assim como a nossa; hontem foi que me contaram isto. Casando tu com elle, apenas tereis ambos doze mil libras de renda, o que é nada para París; em quanto que, ao contrario, se...

Madama de Beauzée suspendeu-se e olhou para sua filha.

— Ao contrario o que, mamã? interrompeu esta.

— Se tu casasses com outro homem, com M. Heitor Grandin, por exemplo, que te ama, como te disse hontem, ficarias rica, muito mais rica; porque o pae de Grandin tem pelo menos quarenta mil libras de renda, e diga-se lá o que se disser, a fortuna não é cousa que se despreze.

— Continuaes a deixar-me livre na minha escolha, mamã?

— Oh! sim.

— Pois então, não fallemos mais em mr. Heitor Grandin, tenho-lhe horror.

— Está bem, querida filha. Então não percâmos tempo, tóca a campainha.

Julieta tocou.

A criada grave appareceu.

— Mr. de Ermenon ainda ahi está? perguntou madama de Beauzée.

— Está, sim, minha senhora.

— Dize-lhe que póde entrar.

— E mademoiselle Cecilia, que chegou agora mesmo, tambem póde entrar?

— Tambem.

A criada retirou-se, e Cecilia entrou.

— Elle está lá no fundo do jardim!

— Bem o sei.

— Então poupa-lhe os passos, corrâmos ao seu encontro, que será mais seguro.

— Dizes bem.

E as tres mulheres abriram a porta, Cecilia e Julieta bem alvoroçadas, madama de Beauzée rindo destas puerilidades. Julieta largou o braço da sua amiga; mas no momento em que ía a descer para o jardim soltou um grande grito. Acabava de dar cara a cara com mr. Heitor Grandin.

Quando Henrique chegou encontrou a donzella desmaiada. Estava tão pallido como ella; porque, como nos devemos lembrar, elle estava ao facto de toda a scena da feiticeira, e o estado em que via Julieta provava-lhe que havia tomado a predicção a serio.

(Continúa.)

A' perda de um amigo.

(Fragmento.)

Ce qu'on appelle nos beaux jours
N'est qu'un éclair brillant dans une nuit d'orage.
Lamartine.

Dá-me um canto de mystica saudade,
Um hymno melancolico e funereo,
Alaúde singelo;
Modula um som amargo, gemebundo,
Um som que represente lá ao longe
Ondulações bem tristes.

Bem curtos os instantes desta vida
A ventura, o prazer bem cedo apagam,
Qual pallida centelha;
Os annos correm, voam, sem deixarem
Após si, em carreira vasta, infinda,
Mais que vivo infortunio!

Uma gôtta sómente em negro calix
Das magoas bem profundas da existencia
Caiu perdida apenas:
Amizade divina! eu te saudo,
Mensageira de paz, bonança eterna
Que nos sorris alegre.

Tu brilhas, como em mar encapellado
Abandonado tronco a que se arrima
Desventurado naufrago;
Qual fonte, que em deserto sêcco, arido,
Cançado viajante encontra, attonito
De ventura tamanha!

Mas ai! se ao triste sobre as ondas foge
Submergido na vaga procellosa
O tronco a que se encosta;
Ai daquelle a que o simaúm terrivel
Seccou a pura gôtta cristallina
Com seu feroz bafejo!

Um amigo me rouba a sorte adversa
Dos mares desta vida amargurada,
Negro tum'lo de dores;
Antes nunca essa flôr do mundo a vida
Gozasse tão depressa, p'ra deixar-nos
Tão pungente saudade!...

Desprende, ó minha lyra melancholica,
Um som que repercuta lá ao longe
Ondulações bem tristes:
Da-me um canto de mystica saudade,
Um hymno gemebundo em tuas cordas,
Alaúde singelo!...

E. de Serpa.

Bibliographia.

Murmurios — por A. Lima. Typographia da Revista Popular.

O nome do sr. A. Lima é conhecido entre os recentes cultores das musas portuguezas, pela doçura e suavidade das suas composições poeticas.

A outros a critica fria, severa, implacavel. Ella é uma necessidade de todos os tempos, e da nossa época particularmente, em que o communismo pertendeu assentar as suas tendas nos arraiaes da litteratura, e onde a missão ardua do critico é estar constantemente de vara na mão a enxotar os intrusos das lettras e os descrentes do senso commum da porta do templo consagrado ao culto das filhas da memoria. Seja porém licito, quando se trata de um auctor de merecimento, que pu-

blica o seu primeiro livro, depôr a catadura do censor rigido, que evocando todas as regras, e armado de um escalpelo subtil, disseca no frio do seu gabinete a obra concebida ainda mais pelo coração, do que pela intelligencia, para lhe não deixar passar uma nodoasinha, para se irar quando o poeta dormita como o bom Homero, para aferir o pensamento e a imagem, o verso e a palavra pelas regras inviolaveis da sua critica severa. Seja licito, quando se recebe a primeira impressão de uma obra de arte, que falla a linguagem do sentimento, comprazer-se na enumeração das bellezas, e não fallar de defeitos, se é que ahi os ha.

O livro do sr. Lima é um livro de sentimento. A sua musa é sempre doce, terna, saudosa. Será esse talvez o seu principal defeito; mas é de certo a sua primeira belleza.

O pensamento do livro corresponde ao seu titulo. As poesias do sr. Lima são murmurios. Os sons da sua lyra são tristes e magoados, mas espontaneos e maviosos. Quem não tiver coração não leia esse livro; elle é consagrado em todas as suas paginas ao culto dos sentimentos dôces. O amor, a amizade, a piedade filial, a resignação ou a saudade são as paixões que inspiraram o estro do poeta.

A poesia da tristeza, contempladora e meditativa, é o seu genero preferido, mas não se segue que a paixão lhe não inspire ás vezes sons energicos e arrebatados, como na poesia que tem por titulo — *Esquecer-te*. Um modelo do primeiro genero é a pequena composição — *A noite*.

Para a expressão do pensamento simples e suave requer-se a simplicidade da fórma. Assim, o sr. Lima sem desprezar em muitas das suas composições as franjas e galas da fórma contemporanea, prima na elegancia e simplicidade das *quadras* de octosyllabas, que são mais adequadas para trajar o seu genero de poesia sentimental e conceituoso. Das composições desta fórma não citaremos nenhuma; a escolha seria embaraçosa, ou teriamos de as citar a quasi todas, se não a todas. Mas o melhor é enviar o leitor para o livro do sr. Lima. Nas obras de arte a expressão da critica é difficil; adduzir os argumentos para provar a justiça do veredicto publico, aferir a execução pelas regras do gosto para tirar a mesma conclusão que o vulgo, que julga espontaneo e não está iniciado nos canones da critica, não é cousa facil de executar-se; mas juizes de facto todos os são, e a expressão do veto da maioria é de ordinario a verdade. Não se diz, não se sabe ás vezes o porque, mas gosta-se ou não se gosta. Ora quando se lêem as poesias do sr. Lima, gosta-se, e gosta-se muito.

O feitiço contra o feiticeiro.

Um antigo coronel estando certo dia exercitando o seu regimento, notou um soldado muito negligente, e que nada aprendia do que se lhe ensinava. Dirigiu-se a elle por duas ou tres vezes, para o fazer endireitar, mas vendo que eram inuteis as suas diligencias, deu-lhe duas espaldeiradas. O soldado resentido, exclamou debaixo d'armas, dizendo:

— Nem os hereges assim castigam.

O coronel ouvindo isto, sem se alterar, começou a interrogar o soldado sobre a doutrina christã; mas vendo a sua ignorancia, lhe disse então:

— Herege é v. m., porque nada sabe da sua religião, e quem não é bom christão, não póde ser bom soldado.

Theatro de S. Carlos.

Na proxima segunda feira, 17 do corrente, deve ter logar o beneficio da sr.ª Carolina Sannazzaro, a estimavel *prima dona* que, como todos sabem, tem sido o resplandecente astro da actual companhia lyrica, o idolo do publico, e a ancora de salvação da empresa.

É de esperar que não haja um só *dilettanti* de bom gosto, uma só pessoa capaz de apreciar o bello, que perca esta opportuna e solemne occasião de ir obsequiar a cantora eminentemente sympathica, a insuperavel e intelligente actriz, que aos importantes dotes que constituem a verdadeira artista, reune a desvelada educação, a virtude austera de uma senhora, e uma modestia tão rara, que difficilmente se lhe encontrará parceira.

Não adulâmos: dizemos a verdade; repetimos o que está no pensamento e na boca de todos os que conhecem a sr.ª Sannazzaro.

Tambem não é uma recommendação; mas um simples aviso, o que tem por objecto principal quanto acabâmos de dizer.

Julgar que fosse preciso recommendar o beneficio da sr.ª Sannazzaro, seria fazer grave injustiça aos *dilettanti* de Lisboa.

Quando por todos é geralmente conhecido o merito real e incontestavel da sr.ª Carolina Sannazzaro, não póde haver recommendação mais valiosa, nem iman de maior força para o publico, do que o simples nome da joven, talentosa e inspirada *prima dona*.

Noticias Diversas.

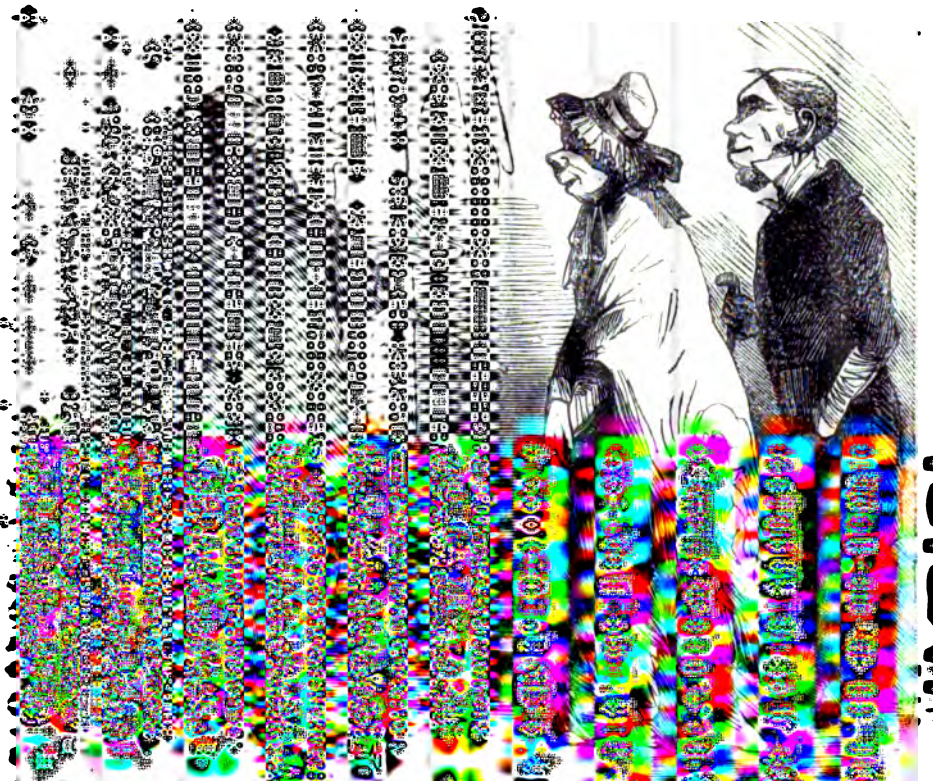
Eugenio Musich. — No domingo, 9 do corrente, foi, pela ultima vez, á scena em S. Carlos a *Ildegonda*, por terminar naquelle dia a escriptura do sr. Musich.

Foi uma das noites em que este cantor esteve mais feliz; e tambem o publico não foi avaro em lhe dar

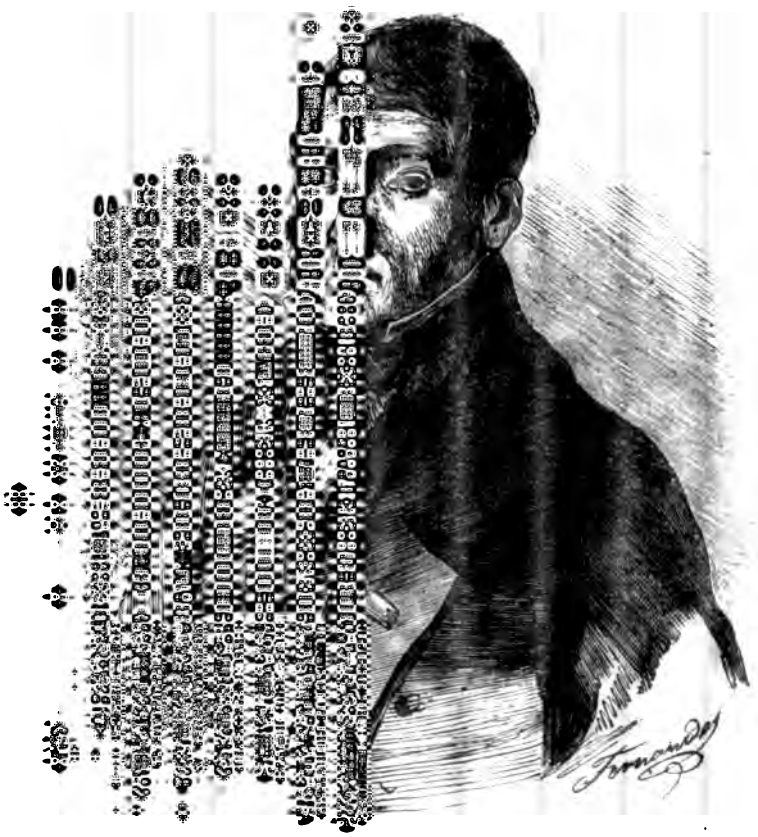
Viagem a Cadiz. — O sr. Onofrio Cambiaggio partiu no dia 13 para Cadiz, a bordo do paquete inglez *Jupiter*. Diz-se que a digressão do agonisante empresario de S. Carlos, tem por objecto fazer as disposições e combinações precisas, para poder fr com alguns artistas da actual companhia dar certo numero de representações no theatro daquella cidade.

Empreza de S. Carlos. — Foram já escripturados pela nova empreza do sr. Guimarães, os seguintes artistas: — as sr.as Genoveva Monticelli, Savina Gonzaga, Sophia Constança, Romilda Pizzala, o 1.º bailarino sr. Valentim Cappon, o 2.º baixo sr. Celestino, e o 2.º tenor o inevitavel sr. Bruni, que já de ha muito está habituado a passar, de uma para outra empreza, como qualquer traste registado no inventario do theatro.

A empreza quiz escripturar a sr.ª Sannazzaro; mas, infelizmente, as duas partes contractantes não chegaram a um accordo. Em outra occasião seremos mais explicitos sobre este assumpto; não podendo comtudo deixar de dizer desde já, que o publico sente com profunda magoa o vêr-se privado da insigne artista, cuja reputação e influencia é fundada no verdadeiro merecimento, e não sobre a intriga ou o patronato.



com o designio de salvar seu pae, a risco mesmo da sua propria vida. Depois de infructuosas diligencias, elle consegue, graças ao 9 thermidor, libertal-o. Creou-se por este tempo a escóla central; Francœur, apesar de casado, foi um dos primeiros matriculados. O seu talento e progressos mereceram-lhe em breve o grau de repetidor. Foi depois nomeado engenheiro-geographo,



jamin Francœur.

Empreza de navegação a vapor.

Dâmos publicidade ao seguinte prospecto para a formação de uma companhia. Julgâmos este assumpto digno da attenção dos leitores da *Revista.*

Tomando em consideração as grandes vantagens que podem resultar ao commercio, á navegação, á agricultura e á industria fabril de Portugal, pelo estabelecimento de uma empreza de navegação a vapor, que, tendo o seu principal assento nesta capital, e ramificações em quaesquer outras partes do reino, pozesse gradualmente n'um contacto mais intimo, primeiro de tudo os portos mais importantes do paiz, despertando-os do lethargo em que actualmente jazem, estendendo a empreza mais tarde as suas carreiras tambem até portos estrangeiros, offerecendo no mesmo tempo ao publico mais commodidade, decencia e rapidez para as suas viagens, e o transporte de mercadorias, encommendas e correspondencias — resolveram os abaixo-assignados formar uma companhia de accionistas, combinando preliminarmente e com a reserva, que na primeira reunião dos assignantes tudo aquillo que nos seguintes artigos diz respeito ao futuro regulamento interno da companhia, será submettido á discussão e final determinação da mesma reunião, nas seguintes condições primitivas:

Art. 1.° A tencionada empreza tem por fim de estabelecer gradualmente carreiras de vapores que o bem do paiz exige, e que por isso serão desejadas tanto pelo governo como pelo publico; a empreza se denominará *Lusitania*, e as suas carreiras começarão com um vapor de rodas de pouco mais ou menos trezentas toneladas de arqueação e de uma força de oitenta cavallos, percorrendo este vapor em dias determinados e com toda a regularidade que fôr possivel, os principaes portos da costa desde Lisboa até Villa-Real de Santo Antonio.

Art. 2.° Para poder estabelecer esta primeira linha, vae a nascente companhia crear acções de cem mil réis, metal sonante, cada uma, até ao importe de trinta e cinco contos de réis, pagaveis por determinação da primeira reunião ou assembléa que ha de ter logar, e em cinco prestações com intervallos não menores de trinta dias.

Art. 3.° Quando a empreza por decisão da assembléa geral tencionar emprehender novas carreiras, poder-se-ha augmentar este fundo conforme a conveniencia o exigir e permittir; observando-se porém que decisões de uma tal natureza sempre exigem uma maioria de, ao menos, duas terças partes dos votos da mesma assembléa.

Art. 4.° A assembléa geral será composta de todos os accionistas que possuem cinco acções ou mais, tendo cada accionista de cinco até nove acções inclusivè — um voto, de dez até dezenove acções inclusivè — dois votos, e de vinte acções para cima — tres votos; para não excluir inteiramente da assembléa geral os accionistas que possuem menos de cinco acções, formarão estes ultimos accionistas uma propria assembléa, que escolherá entre si tantos membros ou votos como esta assembléa parcial collectivamente possue acções, contando-se por cada oito acções um voto.

Art. 5.° Em quaesquer partes aonde se achem accionistas da empreza podem estes formar assembléas filiaes, e nomear respectivamente um ou mais representantes ou procuradores seus, que tanto na assemblea geral, como em qualquer outra occasião, hão de promover os interesses dos seus constituintes, contando-se nessas occasiões egualmente um voto por cada oito acções de que qualquer dessas respectivas assembléas fôr composta. As assembléas filiaes podem adoptar os regulamentos internos que mais lhes convier, com tanto que não contenham cousa alguma que esteja em contradicção com os estatutos geraes da empreza.

§ unico. A nascente empreza diligenciará entender-se quanto antes com a companhia que debaixo do mesmo nome — *Lusitania* — se está estabelecendo na cidade do Porto, para que estas duas emprezas não só não entrem n'uma rivalidade prejudicial para ambas as partes, mas pelo contrario trabalhem, se fôr possivel, conjuntamente, para estabelecer com toda a brevidade aquellas carreiras que o bem do paiz exige. A carreira que o governo de S. M. F., pelo decreto de 9 de dezembro ultimo, publicado no diario do dia seguinte, tentou estabelecer entre a metropole e a cidade de Loanda, tocando nos principaes portos nacionaes intermedios, será talvez aquella que primeiro de tudo se deva tomar em consideração, propondo-se ao governo em substituição desse decreto, e para a effectuação da desejada carreira, qualquer contracto que reuna o mais possivel os interesses do estado com os da empreza.

Art. 6.° A gratificação que os futuros directores ou administradores da empreza receberão como indemnisação pelo seu trabalho e responsabilidade, existirá n'uma certa parte do liquido dos lucros da empreza.

Art. 7.° Reconhecendo os abaixo-assignados as grandes difficuldades e obstaculos com que a formação da companhia em seu principio tem de luctar, julgou-se necessario encarregar uma ou mais pessoas com o trabalho de diligenciar para esta utilissima empreza certo numero de assignaturas de accionistas, até a companhia se achar constituida, fazendo ao mesmo tempo tudo o mais para que o publico se convença bem da utilidade de uma tal empreza, e se habilite a tirar della todas as vantagens que bem illucidado possa alcançar — promettem os abaixo-assignados a esses medianeiros ou agentes collectivamente pelos trabalhos, e despezas que com elles fizerem, uma commissão de um por cento do primeiro capital da companhia, a qual commissão se pagará da primeira prestação que entrar na caixa da nascente empreza.

Art. 8.° No caso que as subscripções tenham

um andamento tão favoravel, que a assembléa preliminar dos assignantes, ou posterior assembléa geral dos accionistas, decida de augmentar o fundo da companhia nascente, receberá a mencionada pessoa ou as pessoas que até então tem servido como medianeiros ou agentes, egualmente um meio por cento da somma com que o dito fundo se vae augmentar.

§ unico. Para evitar equivocos futuros, que talvez podiam estorvar gravemente o bom desenvolvimento do objecto de que se trata, julgâmos conveniente declarar que o no orçamento retro assignado, Christiano Schuster, foi por nós encarregado de agenciar as primeiras assignaturas e de fazer as mais diligencias necessarias, ao qual, juntamente com as mais pessoas, por elle designadas, se referem por isso, salvo qualquer livre renuncia da parte delle mesmo, as estipulações dos dois antecedentes artigos, tendo-se por tanto tambem até áquelle tempo que uma direcção ou administração provisoria se ache eleita, de dirigir ao mesmo as pessoas que se julguem nas circumstancias de poderem por seu trabalho e intervenção contribuir para um andamento mais rapido e favoravel do negocio principiado, entendendo-se com o já referido agente em quanto ao trabalho de que se querem encarregar, e a gratificação que para elle exigem.

Art. 9.° As pessoas que assignam estes artigos primitivos, não se obrigam desde já por certo e determinado numero de acções, ficando ao seu livre arbitrio de assignarem para quantas quizerem, depois que a primeira reunião dos assignantes tenha tido logar.

Art. 10.° Apenas estes artigos primitivos tiverem trinta assignaturas pelo menos, designará um dos primeiros assignantes o dia, a hora e o local aonde a primeira reunião delles terá logar, principiando esta reunião os seus trabalhos com a discussão dos presentes artigos e eleição de uma direcção ou administração provisoria, que cuidará na formação definitiva da companhia, e de tudo o mais que será necessario, para que o fim com que se vae estabelecer seja realisado com a maior brevidade possivel, ficando a pessoa ou pessoas que até então tem diligenciado as primeiras assignaturas, trabalhando debaixo das ordens dessa mesma direcção ou administração provisoria como fôr mais conveniente.

Lisboa, em maio de 1852.

(Seguem-se as assignaturas).

Orçamento da despeza e receita annual de uma empreza, que, tendo em Lisboa o seu principal assento, com um vapor de rodas, de proximamente 300 toneladas de arqueação, e de uma fôrça de 80 cavallos (pouco mais que a metade do lote que teve o vapor Porto), navega entre Lisboa e Villa Real de Santo Antonio, no Algarve, fazendo escala — cada vez, ou em tempos determinados, conforme a experiencia mostrará que mais conveniente seja — em Setubal, Sines, Lagos, Portimão, Faro, Tavira, ou qualquer outro porto situado nesta direcção. Para a melhor commodidade do publico deviam as saidas do vapor do porto de Lisboa ter logar nos dias 1, 10 e 20 durante os oito mezes de março até outubro inclusivè, e nos outros 4 mezes do anno nos dias 1 e 15 de cada mez. Por indagações minuciosas tem-se achado que o numero dos viajantes que actualmente transitam por mar e por terra entre Lisboa e os portos do Sul, excepto Setubal, importa annualmente em 2000 pessoas, das quaes neste orçamento só se contaram uma terça parte pelo preço das camaras; para as outras duas terças partes adoptou-se o diminuto preço de 2$000 réis por pessoa. Não haverá duvida que desses 2000 viajantes alguns, e principalmente daquelles que pertencem á classe dos pescadores e outros similhantes trabalhadores, continuarão a viajar nas embarcações de véla; mas em substituição desta falta, ha toda a probabilidade que nessa carreira o mesmo acontecerá que em todos os outros paizes, e egualmente tem acontecido na carreira entre esta capital e a cidade do Porto, isto é, que com o augmento e o melhoramento das vias de communicação tambem o numero de viajantes se augmenta, e até consideravelmente. É sabido que entre Lisboa e Setubal ha um transito bem consideravel; mas como uma grande parte destes viajantes de certo não quererão esperar para os dias da saida do vapor, tem-se no seguinte calculo para esta ultima distancia só incluido o limitado numero de 300 passageiros por anno; para o transito entre os portos das escalas acha-se adoptado o modico numero de 600 passageiros. As passagens calcularam-se em geral em 50 rs. por legua no convés, em 100 rs. na 2.ª camara, e 150 rs. na 1.ª camara: a conveniencia exige que as comidas e bebidas não se incluem no preço das passagens, mas que serão vendidas a bordo por preços razoaveis, assim como se faz nos vapores da companhia do Tejo. O preço do vapor está orçado em 30 contos de réis (a despeza para a compra do vapor, e o transporte para cá, incluida), preço porque actualmente se póde obter em Liverpool, Bristol, Glasgow, Hull, New-Castle e outras cidades de Inglaterra, um vapor deste lote, inteiramente novo e com os arranjos necessarios para os passageiros, e de uma construcção bastante forte, mas, bem entendido, sem luxo ou ornato algum. Como o vapor, logo que principia as suas carreiras, póde contar com uma receita que equilibrará ao menos as suas despezas, não parece necessario acceitar para capital da empreza uma maior quantia que a de 35 contos de réis; tudo está contado em moeda sonante.

O presente orçamento dá por tanto em resultado um lucro liquido de dez por cento do capital da companhia, apesar de que a deterioração do vapor está equilibrada com um abatimento annual de dez por cento do seu valor, e que para o seguro do mesmo se descontaram cinco por cento.

DESPEZA ANNUAL

Deterioração (10 por cento de 30:000$000		3:000$000
Seguro (5 por cento de 30:000$000)		1:500$000
Despezas dos portos, decima e despachos		600$000
Comedorias da tripulação, por dia		
1 Capitão	400	
1 Contramestre	240	
1 Engenheiro	360	
10 Homens a 160 réis	1$600	
13 Pessoas	2$600	949:000
Soldadas, por mez.		
1 Capitão	30$000	
1 Contramestre	14$000	
1 Engenheiro	30$000	
3 Fogueiros a 10$000	30$000	
1 Cozinheiro	8$000	
4 Marinheiros a 7$000	28$000	
2 Moços	8$000	
13 Pessoas de tripulação	148$000	1:776$000
Combustivel (9 arrateis de carvão por hora e força, durante uma viagem de 30 horas; e o preço de 4$000 rs. por tonelada de 2,240 arrateis) 64 viagens a 40$000 rs.		2:560$000
Administração ou direcção da empreza, agencias e despezas de embarque e desembarque		1:800$000
Despeza annual		12:185$000

RECEITA ANNUAL

2,000 Passageiros entre Lisboa e os varios portos do sul, excepto Setubal:		
700 destes nas camaras, a 6$000		4:200$000
1,300 ditos no convés a 2$000		2:600$000
300 ditos entre Lisboa e Setubal:		
100 destes na 1.ª camara a 900 rs.	90$000	
100 ditos na 2.ª camara a 600 rs.	60$000	
100 ditos no convés a 300 rs.	30$000	180$000
Fretes das encommendas e generos transportados entre Lisboa e todos os portos do sul: 64 viagens a 90$000		5:760$000
600 passageiros entre os portos das escalas:		
200 destes nas camaras a 2$000	400$000	
400 ditos no convés a 800 rs.	320$000	
Fretes entre estes ultimos portos (inclusivè Setubal) 64 viagens a 24$000	1:536$000	2:256$000
Durante o tempo que o vapôr está estacionado no Téjo (6 até 10 dias cada vez) não faltará de certo a occasião de rebocar navios pelo preço de 5 até 20 moedas por navio, e de fazer de vez em quando viagens de recreio para qualquer porto visinho, p. ex. Cascaes, Setubal, Peniche, etc. — Orçâmos por tanto esta receita em globo por anno em	1:000$000	
Abatido o gasto de carvão e despezas miudas que estes reboques e viagens extraordinarias vão causar	311$000	689$000
Receita annual		15:685$000
Despeza »		12:185$000
Lucro liquido, que se póde considerar como juro do capital de 35 contos de réis		3:500$000

N. B. No caso que o presente orçamento e o prospecto para a formação de uma companhia de navegação a vapor, com o seu principal assento nesta capital, que o abaixo assignado tem a honra de propôr, sejam tomados em séria consideração, compromette-se o mesmo a apresentar em breve o orçamento de uma carreira de vapores entre a capital (com uma linha secundaria até á cidade do Porto, principalmente para aproveitar em favor das possessões portuguezas a emigração das provincias do norte do reino) — e differentes portos das provincias ultramarinas da costa occidental de Africa, ajuntando-se tambem ao dito orçamento alguns apontamentos que talvez poderão servir de base para a celebração de um contracto que a nascente empreza, em substituição do decreto de 9 de dezembro de 1851, relativamente ao estabelecimento de uma similhante carreira, e effectuação da mesma, tenha de propôr ao governo de S. M. F.

Lisboa, em maio de 1852.

Christiano Schuster.

Cezarina

VII.

Cecilia e madame de Beauzée transportaram Julieta para a sala em que tinham estado.

Heitor e Henrique ficaram um ao pé do outro nos degraus da porta.

— Vamos, parece-me que decididamente me ama, dizia comsigo mesmo mr. d'Ermenon; mas isto não lhe applacava a irritação que se apoderára delle contra Grandin filho, que o acaso lhe antepunha, e ao qual a superstição de Julieta podia conceder a preferencia, não obstante o amor que consagrava a elle Henrique.

Por isso ardia por um ensejo de jogar algum dicterio a este pequeno tabellião, cuja presença tão grande desordem viera causar em casa. Da sua parte, Heitor, que ignorava a que attribuir o grito e o desmaio da donzella, vencêra a antipathia que lhe inspirava mr. d'Ermenon, e aproximando-se delle, disse-lhe:

— O que foi isto, senhor? mademoiselle Julieta ferir-se-hia?

— O que foi? respondeu Henrique com um tom insolente, medindo de alto a baixo mr. Grandin filho; é que a vossa presença é de tal modo odiosa a mademoiselle Julieta, que o vêr-vos agora aqui desafiou-lhe um ataque de nervos.

Heitor empallideceu a esta resposta, e fez visiveis esforços para se conter.

Neste momento, a criada grave correndo ao chamado de madama de Beauzée, atravessou o patamar da porta.

— Menina, lhe disse Heitor, tende a bondade de pedir da minha parte a madama de Beauzée os papeis que lhe trouxe hontem á noite, e ao mesmo tempo noticias sobre o estado de mademoiselle Julieta.

Durante este tempo, Henrique passeava a passos largos, e Heitor, sempre no mesmo logar, esperava a vinda da criada. Ninguem, ao vê-los assim, adivinharia o que se tinha passado entre os dois mancebos; parecia que era a primeira vez que se achavam juntos.

Julieta tornava a si, quando a criada entrou no salão.

— Então como te sentes, querida filha? perguntou carinhosamente madame de Beauzée.

— Bem, mamã, isto não é nada. Sabes como eu sou impressionavel. Estava tão longe de encontrar mr. Grandin, que dando com elle de improviso, sobresaltei-me a ponto de me sentir incommodada. Mas isto agora já passou.

E dizendo isto, Julieta passava um braço pelo pescoço de sua mãe, e estendia a mão para Cecilia.

— Tambem não sei porque te deixei ír consultar essa maldita mulher, que é a causa de tudo isto.

— Não vale a pena fallar nisto mais tempo. Onde estão esses senhores?

— Estão no jardim, respondeu a criada; e mr. Grandin encarregou-me de pedir á senhora os papeis, e de lhe levar noticias da menina.

— Agradece a mr. Grandin o seu cuidado, disse madame de Beauzée, e dá-lhe estes papeis. Dize-lhe mais, que nos desculpe de agora o não recebermos, não é assim Julieta?

— Sim, mamã; tudo o que fazes é bem feito.

— E digo o mesmo a mr. d'Ermenon? perguntou a criada.

Madame de Beauzée olhou para sua filha, como para consultal-a.

— Não, tornou ella, não lhe digas nada.

— Obrigada, balbuciou Julieta com um sorriso.

A criada saíu.

— Agora conversemos um pouco, disse madame de Beauzée a sua filha, porque te vejo tão transtornada, que começo a crêr que a predicção dessa rapariga causou em ti maior impressão do que suppunha. Vamos a saber, o que se tem passado muda n'alguma cousa o que hontem á noite assentámos?

Julieta olhou para Cecilia.

— O que farias tu no meu logar? disse ella á sua amiga.

— Eu não hesitaria.

— Mas que farias?

— Obedeceria a Cezarina.

— E vós, minha mãe?

— Eu, minha querida menina, obedeceria ao meu coração, porque, como já te disse, não dou grande credito a similhantes bruxarias.

— Que hei de eu fazer, meu Deus!

— Que hei de fazer, repetia Julieta, afflicta. Estou certa que Cezarina tem razão.

— Então casa com Heitor

— Sim, mas eu não o amo, nem nunca o poderei amar.

— Então casa com d'Ermenon, diz Cecilia.

— E se por acaso eu vier a ser infeliz com este

casamento, toda a vida me arrependeria de não ter seguido o conselho da Providencia.

—Nesse caso, reflecte.

—Mas, filha da minha alma, torna madame de Beauzée, estás torturando inutilmente tua fraca imaginação. Nem mr. Henrique, nem mr. Heitor, se explicaram ainda, e tu discorres como se ambos te tivessem pedido, e devesses impreterivelmente escolher, hoje mesmo, um delles. Póde ser que nem um, nem outro tenha o pensamento em ti.

—Oh! Henrique não ha dúvida que me ama, respondeu Julieta.

—Pois então, o melhor é esperar. Não te parece?

—Sim, mamã, como quizeres.

—E entretanto o abalo que te causou a experiencia desta manhã se dissipará, e poderás com mais socego aconselhar-te com as tuas impressões naturaes, e com os acontecimentos. Bem vês que te considero como uma menina casadoura, deixando-te senhora de ti nos negocios mais sérios da vida.

E madama de Beauzée, estreitando sua filha nos braços, accrescentou:

—Agora vem dar um passeio pelo jardim.

Julieta tomou o braço de Cecilia, e saiu do salão com sua mãe.

Henrique conservava-se ainda no patamar.

—Fui talvez indiscreto, disse elle, chegando-se para madame de Beauzée, ficando aqui, mas eu não queria retirar-me sem saber noticias da menina.

E olhava para Julieta que abaixava os olhos e córava.

—Agradeço-vos o vosso interesse, senhor, agora estou muito melhor, respondeu a donzella.

—Poderei saber, mademoiselle, o que é que vos causou este incommodo? continuou Henrique, que sabendo optimamente a que attribuir o desmaio, queria vêr a razão que lhe daria a donzella.

—Talvez fosse a mudança do tempo, respondeu Julieta sorrindo para sua mãe, sorriso que comtudo não escapou a Henrique.

—A cousa não vae mal, pensou o mancebo comsigo.

—Minha senhora, continuou em voz alta, aproximando-se de madame de Beauzée, e não cessando de perscrutar a physionomia de Julieta; meu tio tencionava vir hoje visitar-vos, para se desculpar de hontem não ter comparecido na vossa reunião, e para vos fallar, me disse elle, em um negocio de importancia. Tomei portanto a liberdade de vir perguntar-vos se esta noite vos encontraria em Valgenceuse, e se a sua visita vos não incommodaria.

—Dizei a vosso tio, meu caro senhor Henrique, que a sua presença em Valgenceuse é sempre um motivo de prazer, e que se alguma cousa tenho contra elle, é só não o vêr aqui mais amiudadas vezes.

—A proposito, mademoiselle, proseguiu mr. d'Ermenon, depois de ter agradecido com uma inclinação de cabeça esta fineza de madama de Beauzée; sempre fostes consultar a vossa feiticeira?

—Sim, senhor d'Ermenon, replicou Julieta, a quem esta pergunta de Henrique colhêra de improviso nos devaneios da sua imaginação em que desde alguns instantes se conservava absorta, apesar do que lhe dizia a sua amiga.

—E maravilhou-vos ao ponto que vos promettia a menina Cecilia?

—Por certo, senhor.

—Leu-vos o passado?

—Melhor que isso, fez-m'o vêr.

—E o futuro?

—O futuro, respondeu Julieta trocando uma vista d'olhos com sua mãe, tambem m'o disse.

—E é como o desejaveis?

—Não, respondeu a joven menina, que não suspeitando que Henrique soubesse tudo o que se havia passado na barraca de Cezarina, não imaginava que este *não* equivalia a uma confissão.

—Desse modo, como estaes prevenida, não tendes mais que anticipar-vos aos acontecimentos predictos, e forçal-os a transformarem-se.

—E o que me aconselhaes que faça?

—A pergunta é bem grave, respondeu Henrique, que não estava precavido para ella.

—Mas dizei.

E a donzella interrogava o seu interlocutor quasi tanto com os olhos, como com a bocca.

—Eu aguardaria os acontecimentos.

—É o mesmo que minha mãe ainda agora me disse; mas não é isso que eu pergunto. Repito a minha pergunta: se Cezarina, cuja sciencia é indisputavel, vos dissesse: —apresentam-se-vos duas cousas, uma que desejaes, outra que não quereis; se consentís na primeira, sereis desgraçado; se não obstante o vosso desgosto actual, escolheis a segunda, ella fará a vossa felicidade; o que resolvieis vós neste caso?

—Eu escolhia a segunda, tornou Henrique, curioso de observar a impressão que este conselho causava na donzella, e já convencido que Julieta o amava bastante para não seguir esta opinião.

—Ah! escolhieis a segunda! balbuciou Julieta, cujo rosto se cobriu de pallidez ao ouvir esta resposta.

—Sim, certamente.

—Sem pesar?

—Não direi sem pesar, mas sem hesitação.

—Se soubesseis o que me estaes aconselhando, não fallarieis desse modo, senhor Henrique.

—Enganaes-vos, mademoiselle, diria exactamente a mesma cousa.

—Que dizes, minha mãe, tu que sabes de que se trata?

—Em verdade, minha rica filha, respondeu madama de Beauzée, confesso que o conselho de mr. d'Ermenon, me parece, ao passar pelos seus labios, um aviso da Providencia, e penso como elle.

Ouvindo esta resposta, cujo sentido era bem claro para Henrique, este arrependeu-se de ha-

ver suscitado um trocadilho que podia não lhe ser muito favoravel.

Quanto a Julieta, parecia violentamente agitada.

— E tu? dirigiu-se ella para Cecilia.

— Oh! eu, respondeu esta, já não é a primeira vez que te declaro a minha opinião, obedeceria cegamente.

— Pois bem! exclamou a menina de Beauzée, meia encolerisada, sem de fórma alguma lhe vir á idéa que estavam presentes dois olhos que tudo tinham visto, e que pelo que ella ía dizer leriam na sua alma, como em um livro aberto; pois bem! não se dirá que uma cigana maldosa, amansadora de feras, me obrigou a fazer o que bem quiz, não. E contra o que o senhor me aconselha, Cecilia e minha mãe, não sómente lhe não hei de obedecer, mas praticarei o contrario de tudo aquillo a que me induziu.

Um sorriso de triumpho e de amor brilhou no rosto de Henrique, que não póde deixar de dizer á donzella:

— E quem sabe? póde ser que Deus vos recompense dessa tão firme confiança que nelle depositaes.

— Dizei a vosso tio que o espero esta noite, e que não falte, proferiu madama de Beauzée, que vira na resposta de sua filha a resolução decidida de esposar Henrique, e que estava convencida de que a visita de mr. Gabriel d'Ermenon não tinha outro fito senão pedir a mão de Julieta para seu sobrinho.

Ao mesmo tempo olhou para Henrique com um certo ar, que significava:

— Comprehendi, esperae.

— Cá por mim, repetiu Cecilia pela decima vez, obedeceria a Cezarina, e, accrescentou em voz baixa ao ouvido de Julieta, esposava o outro.

(Continúa.)

Morte.

Vox in Rama audita est ploratus et ululatus multus; Rachel plorans filios suos, et noluit consolari quia non sunt.

JEREMIAS. CAP. XXXI, v. 15.

Morreu uma filha dos Ex.mos Marquezes de Vianna. Era moça e formosa. A noticia da morte de um adulto entristece aos amigos; mas a noticia da morte de um adolescente entristece aos amigos e aos estranhos: é que a perda de um membro viçoso e novo é para a sociedade uma amputação dolorosa; e para as familias uma flôr que murcha, uma estrella que se apaga, uma esperança que foge. Donde virá o costume antigo de guardarmos os mortos na sepultura? Oh! isto não é um costume, é o pagamento de uma divida grande, é a cultivação de um commercio de trocas, entre a terra e os homens. Quando a morte nos arrebata um ente, que prezâmos, lançâmo-nos sobre o seu cadaver, e tomando-o nos braços, com elle fugimos, para que a morte nol-o não roube tambem. Mas aonde escondel-o? Onde ha ahi sacrario, em que se possam guardar as reliquias, que temos por santas? Nesta duvida a grande mãe nos acode. A Terra, que guarda os thesouros de Deus, póde tambem guardar os thesouros dos homens; a terra que nos abriu o seio, para tirarmos diamantes, exige que nesse vacuo ponhamos algumas perolas. As flores e os fructos, que são irrecusaveis testemunhos da munificencia de Deus, do seio da terra vem; a natureza, que fabrica gemmas, nas entranhas da terra as esconde; e quando o Omnipotente creou o universo, a terra lhe ministrou a materia de que foi feito o primeiro rei.

Parece que desde os principios do mundo ha sido a terra a grande thesoureira de Deus, da natureza e dos homens. A terra nos offerece thesouros intactos, e nós só lhe dâmos os restos dos que perdemos; mas ella os recebe com muito amor, porque delles é mãe; e não ha amor como o que se aninha em coração materno. Quando uma mãe perde um filho, a sua dor compunge tanto, que, se houvera lagrimas no Céo, Jeremias tambem chorára.

Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus multus; Rachel plorans filios suos, et noluit consolari quia non sunt. — «Sobre a montanha uma voz se ouviu, acompanhada de choros e de muitos gemidos; é Rachel, que por seus filhos chóra; e ella não quer allivio, porque elles já não são.»

P. D.

Theatro de S. Carlos.

Temos assistido a poucas ovações tão esplendidas e bem merecidas, como a que teve a sr.ª Carolina Sannazzaro na noite do seu beneficio, em 17 do corrente.

O espectaculo compunha-se do 1.º acto da *Nina*, da scena final do 3.º acto da opera *Il Giuramento*, de Mercadante, do 3.º acto da *Sapho*, e do baile — *O orphão da aldéa*.

O theatro estava completamente cheio. Os applausos e os bravos espontaneos e enthusiasticos, tributados á sympathica e joven cantora, começaram apenas ella disse, com a expressão mais pathetica e inspirada, o sentimental romance — *T'amo fu il primo accento — da louca por amor;* — repetiram-se, quasi a cada nota que lhe saíu dos labios no decurso da representação; e não terminaram senão muito depois daquelle pungente *addio*, que precede o tragico fim da poetica e infeliz amante de *Phaon*.

Por nove vezes foi a sr.ª Sannazzaro chamada ao proscenio, depois de terminado o espectaculo. Distribuiram-se retratos ás pessoas que estavam nos camarotes, e a muitas que se achavam na platéa. Houveram bastantes poesias, e algumas dellas excellentes, dedicadas á interessante artista; e as corôas e ramalhetes de flores, choveram em tal abundancia, que o palco similhava a um rico jardim nos formosos dias de primavera. Em summa: foi uma noite de verdadeira festa e de obsequios bem merecidos.

A empreza, da sua parte, portou-se de uma maneira que lhe faz honra, offerecendo á sr.ª Sannazzaro, em testemunho de gratidão, uma linda e valiosa pulseira, acompanhada da carta, que abaixo transcrevemos, a qual muito deve ter lisongeado o amor proprio da insigne interprete d'*Ildegonda*, *Nina* e *Sapho*.

Á saída do theatro, uma carroagem particular conduziu a estimavel cantora á sua residencia, sendo acompanhada, durante o transito, por um grande numero de pessoas, que com o maior enthusiasmo a victoriavam. A sr.ª Carolina Sannazzaro póde gloriar-se de que, não só como artista, mas como sr.ª, deixa em Lisboa uma reputação que lhe faz honra, e impressões tão bellas e vehementes, que difficilmente poderão desvanecer-se.

É de crer tambem, que para onde quer que o destino leve a joven e talentosa *prima donna*, ella não possa jámais esquecer o bom acolhimento, sympathia e devoção, que mereceu aos habitantes da capital de Portugal. As lagrimas sinceras, que vimos derramar á sr.ª Sannazzarro, corroboram altamente a nossa opinião.

Na sexta-feira, 21, foi a ultima representação da companhia lyrica. Além do 2.º acto da *Sapho* e do rondó final da mesma opera, a sr.ª Sannazzaro cantou a linda *romanza* franceza — *La mére et l'enfant* — e uma *despedida aos portuguezes*, escripta na lingoa de Camões — pelo sr. Mendes Leal, e musica do sr. Guilherme Cossoul, Junior.

A concorrencia foi immensa; porque ninguem queria perder a occasião de ouvir ainda uma vez a interessante cantora, que tão distinctamente soube captar as sympathias publicas.

Dizer que a sr.ª Sannazzaro esteve nesta noite mais inspirada, mais commovente do que nunca, é referir o que todos presenciaram. Cada gesto, cada movimento, correspondia ao sentimento intimo da sua alma. O seu canto foi sempre, como diria Petrarca — *Il cantar che nell'anima si sente*. Ao acabar de pronunciar aquelle ultimo verso:

Ai! solo das musas, mimoso dos ceus,
Adeus!
Segunda minha patria, adeus!

uma torrente de lagrimas lhe rebentou espontaneamente dos olhos: a sensibilidade da artista, acabava de passar pela ultima prova. Mas se a commoção da joven cantora era sublime e grande, a do publico não lhe foi inferior. A despedida da sr.ª Sannazzaro, póde dizer-se, que foi uma scena pathetica, em que se viu o mesmo sentimento de mágoa dominar o publico e a artista. Os obsequios tributados á mimosa cantora foram tantos e tão grandes, quanto é possivel imaginar-se.

A noite de 21 do corrente será indelevel da memoria dos lisbonenses, como esperâmos o seja igualmente da lembrança da sr.ª Carolina Sannazzaro.

A carta da empreza, a que acima nos referimos, é concebida nos seguintes termos:

MADEMOISELLE.

Le splendide triomphe que vous décerne aujourdhui un public, renommé par son excellent gout, et par ses connaissances artistiques, est le tribut merité de vos talens: qu'il nous soit permis, mademoiselle, de vous en offrir un plus modeste et non moins merité, celui d'une gratitude bien sentie. Pendant les trop courtes relations que vous avez eu avec notre Entreprise, mademoiselle, vous lui avez donné ce qui ne s'est jamais trouvé reuni dans une meme artiste; insigne merite, infatigable bon vouloir, et généreux desintéressement. Nos regrets de vous perdre, sont adoucis par l'espoir qu'un jour encore vous reviendrez parmi nous; conservez toutefois, mademoiselle, au milieu de vos futurs triomphes quelque souvenir de la bien respectueuse et vive sympathie.

De vos admirateurs et amis — *João Maria de Figueiredo.* — *Comte de Claranges Lucotte.* — *Pour O. Cambiagio, absent.* — *H. Deville.*

Lisbonne 17 Mai 1852.

Henry Deville,
Secretaire de la Direction.

Noticias Diversas.

Regalo. — Sua Magestade El-Rei D. Fernando regalou ao baritono, sr. Mancusi, dois lindos botões de brilhantes, para camisa.

A seguinte carta, dirigida pela empreza de S. Carlos ao dito artista, é um documento, que não só abona a delicadeza dos signatarios, mas igualmente o merecimento do individuo a quem foi dirigida:

MONSIEUR MANCUSI.

L'entreprise du *theatro de S. Carlos*, prevenue de votre depart pour demain, ne veut pas que vous quittiez Lisbonne sans etre remercié par elle des bons services que vous lui avez rendus pendant le cours de cette année theatrale.

Votre merite artistique vous procurera sans doute une admission distinguée dans les theatres où vous allez etre appellé a paraître; mais ce temoignage de gratitude pour le zèle et le veritable intérêt que vous avez pris aux succès de notre Entreprise, pourra peut-être vous servir au près d'autres Entrepreneurs, et c'est dans ce but que vous est adressée cette lettre dont vous pourrez faire l'usage que vous jugerez convenable.

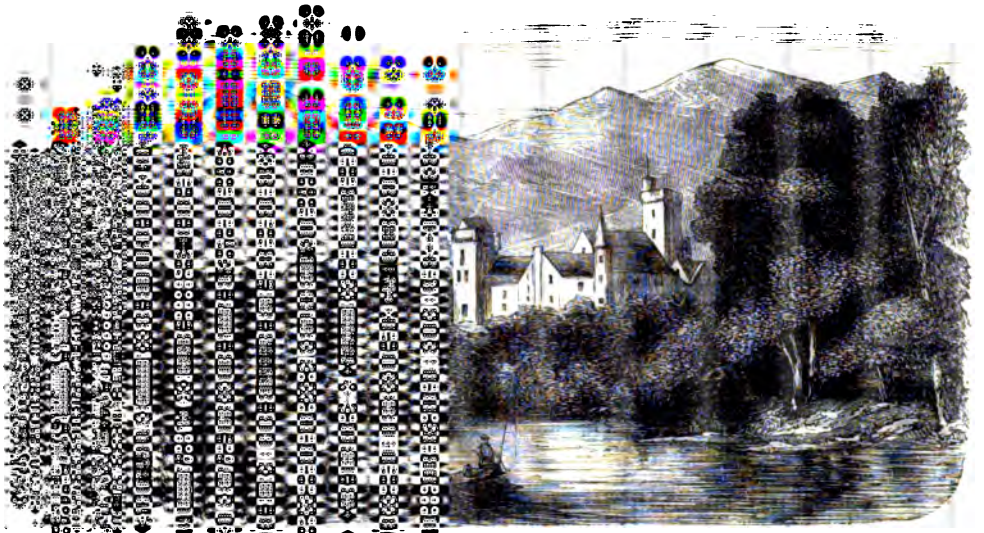
Agréez, Monsieur, l'assurance de nos sentimens distingués.

Comte de Claranges Lucotte. — *João Maria de Figueiredo.* — *P. M. Cambiagio, absent.* — *H. Deville.*

Lisbonne 21 Mai 1852.

em *clans* ou tribus; cada clan tinha um chefe hereditario ou electivo na falta de filho varão, que gosava de toda a auctoridade como senhorio, juiz e pae do seu povo. A familia do chefe e adherentes gosavam de uma certa distincção de nobreza. Todos os mais eram obrigados a servil-o na guerra, como na paz, em recompensa da subsistencia e protecção que delle recebiam.

Estes velhos costumes continuaram muito tempo depois das leis sobre a propriedade, estabelecidas na Escocia por Roberto Bruce. Cada clan tinha o nome e trajava as côres do chefe. Um bardo e um gaiteiro acompanhavam sempre a tribu, este para a guiar e excitar-lhe o enthusias-



Deer... ...cio da rainha Victoria.

É entre este povo, tão mudado do que foi, que a rainha Victoria e a familia real vão passar algum tempo durante o estio.

A estampa representa *Balmoral*, o castello da sua residencia, situado n'um valle pittoresco e correndo-lhe ao pé o *Dee* por entre rochedos e

parado, e os jogos começam. São exercicios de gymnastica e de dynamica. É vencedor o que deita mais longe uma pedra bem pesada, ou um malho de ferro, ou um tronco de pinho. O premio de corrida confere-se ao que, atravez de rios, de florestas, de matto, conseguir arrancar uma bandeira pregada no pino de uma montanha escarpada. Um immenso toldo cobre uma mesa vastissima coalhada de gigantescas peças de assado. Aqui é que os alegres convivas vem restaurar as forças exhauridas no folgar da lucta. A refeição é lauta, copiosa, animada e tumultuosa; bebe-se primeiro, á saude da rainha, depois á do amphitryão, depois é um nunca acabar; todo o nome é um pretexto para dar córte na adega do illustre chefe, em nome, de tão valorosa rapaziada.

Terminado o banquete, procede-se á distribuição dos premios.

O premio da dama é conferido por um areopago feminino, composto das mais lindas raparigas dos arredores.

Reforma ou revolução religiosa do seculo 16.º

(Continuação.)

IV.

O christianismo differe das outras religiões monotheistas, em admittir, além da crença em um só Deus, mysterios relativos ao modo por que elle se manifestou aos homens, e por que póde aproximal-os de si. Os Lutheranos não ficavam, debaixo deste ponto de vista, muito afastados dos catholicos: podia-se pois esperar entre elles uma fusão; mas Zwinglio e Calvino negam o mysterio, e subvertem assim a antiga crença. Se a fé versa em cousas incomprehensiveis á razão, uma representação material é necessaria, e por este motivo os lutheranos conservaram muitos ritos catholicos. Calvino, pelo contrario, supprime tudo que fere os sentidos. A exegese de Calvino differe extremamente da de Luthero. A deste é toda metaphysica, a daquelle philosophica. A primeira mina o edificio catholico, negando a maior parte das verdades pela tradição; a segunda considera o mais das vezes o dogma como um ponto fixo, applicando-se antes a restabelecer a economia do pensamento divino, seus differentes caracteres de graça, de sublimidade, de amor; é um movimento para o racionalismo.

Luthero tinha sustentado que as palavras de Christo: — «isto é o meu corpo» — deviam ser interpretadas litteralmente, negando, comtudo, que o pão se transubstanciasse, e não ficasse senão a apparencia delle. Zwinglio tinha pretendido que a cêa era uma simples commemoração; Calvino declarou, que o corpo do Christo, tal qual está no céo, não podia achar-se presente substancialmente sobre a terra, e que na cêa, todavia, o homem se nutria da propria substancia de Christo, que nol-a communicava do alto dos céos.

Calvino instituiu um consistorio para administrar as cousas religiosas, e corrigir os costumes. Isto foi uma verdadeira inquisição, que chegou a violar o segredo das familias. Calvino prohibia os espectaculos, as dansas, os divertimentos patrioticos. Tres individuos foram presos e postos a pão e agua, por terem comido ao almoço tres duzias de pasteis. Uma mulher, que tinha saido com o cabello penteado differentemente do que era prescripto, foi prêsa com outra mulher que a penteára. Genebra conservou por muito tempo os vestigios deste rigor intolerante, e repudiou as artes, a poesia, os espectaculos.

A mesma intolerancia, que fazia crêr a Calvino, que não devia haver senão uma só egreja, e que ella se achava unicamente entre os seus, lhe fazia proferir, com uma cólera fria e prosaica, as mais baixas injurias contra todos que brilhavam na primeira categoria entre os reformados. A Westfalius dirigiu elle estas palavras por escripto: — «Tua escóla é uma fetida possilga. Entendes-me, cão? entendes-me, louco? entendes-me, torpe animal?» — Calvino usava continuamente, no sentido do ridiculo, da palavra *tridentini*, para dizer que os padres do concilio de Trento (Tridentum em latim) estavam debaixo da protecção de Neptuno, o deus do tridente: — «*Tridenticolas, sub Neptuni auspiciis militantes, indoctos, quisquilios, asinos, porcos, pecudes, crassos boves, Antichristi legatos, blaterones, magnae meretricis filios, patres ad sesquipedem auritos.*»

Desde o momento em que Calvino fez adoptar sua profissão de fé como lei do estado, todo aquelle que a não acceitava, era tido como revolucionario. Quando o conselho da cidade lhe pediu seu parecer ácêrca dos escriptos de Gresset, exhortou o a condemnal-o e envial-o ao supplicio com seus complices e adherentes, e isto o mais depressa possivel, para que se não dissesse, que uma impiedade tão horrivel fôra dissimulada e tolerada. Ora note-se, que se fallava de papeis sem ligação, que lhe tinham sido tirados de sua carteira, dos quaes não tinha que dar contas senão a Deus. Esta monstruosidade, de que difficilmente se acharia um exemplo nos governos tyrannicos, foi decretada — em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo.

Da Suissa espalhava Calvino suas doutrinas pela Italia, pela França e pelos Paizes-Baixos. Seus sectarios se reuniam no campo, ás vezes em numero de dez mil. Um prégador punha-se a declamar de cima de um carro, ou sobre uma arvore, e na lingua vulgar se entoavam psalmos, em quanto que homens armados rondavam em torno da reunião.

Em 1540 Francisco I publicou um edicto, o primeiro publicado em França contra os protestantes, em que mandava proceder contra elles como réos de lesa-magestade divina e humana,

e como revolucionarios. Ao mesmo tempo promulgou uma profissão de fé, redigida pela universidade, assim como um catalogo de livros prohibidos. Mas o fogo lavrava surdamente, e não tardou a atear-se.

Entretanto Calvino tinha auctoridade absoluta em Genebra, onde instituiu a primeira universidade protestante, cujo reitor foi Theodoro de Beze (1559). Calvino, rico de espirito e de conhecimentos, era consultado de todas as partes e frequentemente. Prégava quasi todos os dias, e assistia a numerosos consistorios. Se rejeitou a doçura e a tolerancia dos apostolos, observou ao menos sua pobreza. Rigido sem ascetismo, religioso sem caridade nem enthusiasmo, desejoso da ordem, soube mantel-a em quanto reinou em Genova.

Os calvinistas, tendo-se por fim reunido aos sectarios de Zwinglio, constituiram os reformados ou evangelicos. Já em 1536 tinha sido publicada a primeira profissão de fé helvetica, que reconhecia o livre arbitrio, accrescentando que, para fazer escolha entre o bom e o máu, era necessaria a graça divina; os sacramentos são o symbolo da religião e da graça; na santa cêa, Deus se offerece a si mesmo, não que as especies sejam transubstanciadas em seu corpo e em seu sangue; mas debaixo destes symbolos o Senhor communica verdadeiramente o Christo para nutrir a vida espiritual. Esta profissão foi publicada em Zurich, em 1566, e adoptada na Escocia, em Hungria e Polonia.

Continúa.

Algodão e sua industria.

O algodão é uma especie de lã vegetal finissima que se cria dentro das capsulas de uma planta da familia das malvaceas, originaria das Indias orientaes e occidentaes. Suas fibras adherem por uma extremidade á periferia de pequenas sementes pretas, e pela outra entrelaçam-se e ennovelam-se umas nas outras. As capsulas abrem-se na época da sazão das sementes, e deixam soltar para fóra algumas madeixas das fibras.

Distinguem-se tres especies de algodão: o herbaceo, o arbusto, e o algodão arvore. O primeiro é o mais util e productivo: é uma planta annual que cresce até á altura de 3 a 4 palmos. O arbusto dura de 2 a 10 annos, conforme o clima; suas capsulas não criam mais felpa do que o algodão herbaceo. O algodão arvore é pouco commum e de fraco valor. Do esmero na colheita do algodão dependem em grande parte as suas qualidades. Segundo o comprimento das fibras, o algodão é ou *comprido* ou *curto*.

Os pontos donde procedem os melhores algodões compridos são: a Georgia americana; a Ilha de Bourbon, o Egypto, Porto-Rico, Pernambuco, Bahia, Guadalupe e Martynica. Os algodões curtos vem da Luisiana, Cayena, Carolina, Senegal e Surate. Os melhores de ambas as especies provém dos Estados-Unidos. Os da Georgia são superiores a todos, e faceis de reconhecer pela sua abundancia e pelo brilho da sua brancura argentina.

A historia da industria algodoeira apresenta um facto bem extraordinario, e é a pequena generalisação e desenvolvimento deste importantissimo ramo de riqueza em comparação com a antiguidade da sua descoberta. Quatrocentos annos antes de Christo, diz Herodoto, já os indios usavam de pannos e lenços de algodão; no Egypto e na Arabia o uso dos tecidos de algodão perde-se na mais remota antiguidade. Não é menos para admirar que a China, paiz tão famigerado por seu adiantamento na agricultura e por sua habilidade nas artes de imit ção, só começasse a trabalhar os algodões de 1318 em diante. Deste fenomeno não foi sómente testemunha o antigo mundo: o novo mundo nos apresenta exemplos da mesma natureza. Clavigera, fallando do descobrimento do imperio de *Montezuma*, conta que os mexicanos fabricavam pannos de algodão tão largos, tão finos e tão formosos como os da Hollanda; e entre os mimos enviados deste paiz por Cortêz a Carlos 5.°, mencionam-se capas, corpetes, e até tapetes de algodão. E não obstante isto, a cultura do algodão nas provincias meridionaes dos Estados-Unidos data do ultimo terço do seculo passado, época em que Eliwhitney inventou o — cottongin — maquina para extrahir os caroços do algodão, a qual tem enriquecido a America do Sul.

O algodão naturalisou-se em Hespanha, no sex. E no seculo XIV gosavam já de grande celebridade os tecidos das fabricas de Cordova, Sevilha e Granada. Por este tempo fundaram-se tambem as fabricas de Veneza e Milão, que se sortiam dos algodões da Syria e Asia-menor. Tanto no Brasil, como nas nossas possessões ultramarinas, a cultura do algodão em vasta escala vem dos fins do seculo passado,

Estudemos agora o desenvolvimento que na Inglaterra tem recebido esta industria.

Ao ensaiar pela primeira vez este ramo de especulação, grandes deviam ser as difficuldades que os inglezes haviam de encontrar. Como era possivel dar por baixo preço uma mercadoria, cujo elemento primordial distava 500 legoas do logar em que se havia de elaborar? Como sustentar a lucta com os mercados da China e do Indostão, que tem á mão a materia prima, que a trabalham com grande perfeição e não somenos economia? Como pensar que um navio, vindo da India ou das Americas carregado de sacas de algodão, podesse voltar a estas regiões com uma carregação de fardos de fazendas tecidas que deviam competir em qualidade e preço, e vantajosamente com as producções similares dos indios e americanos? E todavia, por mais inventiveis que parecessem estas difficuldades, por mais difficil que se considerasse o problema, a Inglaterra ahi o está resolvendo hoje diante de nossos olhos, abrindo assim vasto campo ás esperanças

e meditações de quantos se entregam á industria e ao commercio. Nas fabricas de algodão está um grande argumento em favor das maquinas, porque, a não ser com o seu auxilio, nunca a Inglaterra chegaria a trabalhar o algodão tão vantajosa e economicamente; nem a dar emprego ao grande numero de braços, nem a pagar os salarios que hoje lhe facilita esta industria, como se póde ver da seguinte estatistica official:

Salario de 800,000 fiadores, tecelões, branqueadores, etc., directamente occupados na fabricação dos productos de algodão, a 92000 rs. por anno cada um, comprehendendo as crianças —73.600:000$000 réis.

Salario de 140,000 engenheiros, constructores de maquinas, a 138$000 réis por anno cada um —19.320:000$000 réis. —Total 29.920:000$000 réis.

Resulta deste calculo que só em Inglaterra dá o algodão emprego a 940,000 pessoas, que recebem annualmente um salario de 92.920:000$000 réis.

E isto não mettendo em conta o commercio e seus infinitos empregados; nem os navios sem cessar occupados no transporte alternativo de materias brutas e generos fabricados; nem o carvão de pedra consumido pelas maquinas; nem os operarios que vivem da extracção e transporte daquelle carvão. E não se creia que é insignificante a quantidade daquelle combustivel, que empregam as maquinas de vapor das fabricas de algodão. Em 1817 estimava-a M. Hesinedy em 500,479 tonelladas. Tomando desta época para cá grande incremento o fabríco dos algodões, calcula-se que será hoje, pelo menos, 700,000 toneladas.

Para dar uma idéa da influencia que exerce esta industria nas cidades em que se estabelece, basta dizer que Manchester, cuja população era em 1774 de 41,000 habitantes, contava já em 1821, 133,780, e actualmente 180,000. Liverpool, centro do commercio e da industria do algodão, que não tinha em 1700 mais de 5,545 almas, conta hoje acima de 200,000. Tambem tem fortemente augmentado as populações de Prestons e Blockbuin.

Cezarina

VIII.

Em quanto em Valgenceuse se passava o entretenimento de que fallámos, Heitor entrava em Senlis; mas em vez de voltar á casa paterna, encaminhou-se para a de um de seus amigos, ao qual, depois de relatar o que entre elle se havia passado e mr. d'Ermenon, pedíra que fosse com outro amigo exigir aquella satisfação do insulto, e, em caso de recusa, tratar as condições de um duello.

O amigo fez tudo quanto pôde por tirar esta resolução da cabeça de Heitor, porque bem sabia, que o filho do tabellião não era muito versado neste genero de negocios, em quanto que Henrique era conhecido pela sua destreza nas armas. Mas Heitor era animoso, e sua resolução ficou inabalavel.

O amigo pois não teve remedio senão acceitar a missão que lhe confiavam; e Grandin, filho, regressou á casa de seu pae, a quem abraçou com a ternura com que um bom filho abraça sempre seus paes na proximidade de algum perigo.

Em todo o dia esteve Heitor não triste, mas meditabundo. Não era o mêdo de um encontro que assim o preoccupava; ao contrario. Visto que Julieta ia pertencer ao senhor d'Ermenon, como já não duvidava que succedesse, a vida lhe parecia penosa de supportar, porque este casamento anniquilava-lhe a sua esperança mais cara. Por isso desejava bater-se com Henrique, ficar gravemente ferido, de maneira que por algum tempo a dôr physica fizesse calar nelle o soffrimento moral.

Esta preoccupação não escapou ao pae; e como lhe attribuiu-se a causa ao amor de seu filho pela menina de Beauzée, determinou-se a naquella mesma noite ír pedil-a em casamento a sua mãe.

Eram quasi quatro horas quando chegaram as testemunhas de Heitor a dar-lhe parte do resultado da sua missão. Tinham ido a casa do senhor d'Ermenon; este respondera-lhes immediatamente, que não tinha a dar explicações nenhumas, que não era homem elle, fosse qual fosse a sua pena; de ter feito uma cousa, que preferisse confessar-se culpado, ou pedir perdão, a um recontro. Em consequencia pedira-lhes que subissem ao aposento de seu tio, que regularia com elles as condições do combate.

O tio de d'Ermenon era homem a quem estas cousas agradavam sobre-modo, porque o fortaleciam na crença de que ainda de todo não passára os bellos tempos da sua mocidade; ellas lhe avivavam saudosas lembranças de uniformes, dragonas e maus encontros.

Os padrinhos de Heitor explicaram ao tio de Henrique o negocio a que vinham, e o tio recebendo-os e fazendo-os assentar, com a mais delicada politica, disse-lhes:

—Fallastes então com meu sobrinho?

—Sim, senhor.

—E recusa dar as desculpas?

—Absolutamente.

—Sabeis que elle atira bem?

—Bem o sabemos.

—O seu adversario tambem o sabe?

—Perfeitamente, senhor.

—Essa consideração talvez o obrigue a retirar o seu cartel?

—Não, senhor, respondeu com desabrimento um dos amigos de Heitor. O senhor Grandin, filho, é corajoso, e não recúa diante de ninguem.

—Isso é proprio de um mancebo. Mas aqui para nós, vós não preferis que elle seja morto?

—Certamente que não.

— Pois então, já que o desafio é inevitavel, não seja ao menos um desafio mortal, não é assim? Escolhei pois a espada, e trataremos de que a honra seja vingada o mais ao de leve possivel. Um pequeno duello fará saír airôso o senhor Heitor Grandin, porque não vale a pena deixar matar um excellente moço, no principio da sua carreira, por uma ninharia similhante. O que vos parece isto?

— É a nossa opinião.

— Escolhemos á espada?

— Vá á espada.

— O maior segredo, não é verdade?

— Certamente.

— O marquez de C... será a outra testemunha de meu sobrinho. Tende a bondade de me indicar o local e a hora do encontro, e terminaremos este negocio com brevidade.

— Amanhã pelas seis horas da manhã á entrada do bosque de Pontarmé.

— Está dito.

E as duas testemunhas se retiraram.

Ficou pois convencionado entre ellas e Heitor que este estivesse prompto no outro dia em sendo cinco horas, e que saíria sósinho de casa, para não causar suspeitas.

O primeiro desafio é sempre tomado a sério.

Despedidos os dois amigos, Heitor fechou-se no seu quarto, e prevendo o caso de ser morto, escreveu duas cartas, uma para seu pae, outra para a menina de Beauzée. Na primeira elle consolava de antemão a dôr paterna; na segunda confessava a Julieta que a amava com todas as véras da sua alma, e que morria pensando nella.

Depois de escriptas e fechadas, guardou-as na gavêta, e a chave desta no bolso.

Desceu então para junto de seu pae, jantou com elle o mais alegremente que pôde, e deu-lhe parte de que á noite saía.

— Cáe em boa occasião a tua saída, porque tambem eu sáio esta noite.

Acabado o jantar, Heitor dirigiu-se a casa do seu amigo, com o qual havia ajustado exercitar-se um pouco no jogo de espada; porque, qualquer que fosse o seu desapêgo á vida, amava muito seu pae para se deixar matar sem defesa. Grandin pae pôz-se a caminho para Valgenceuse.

Chegando ahi, pediram-lhe que esperar-se, dizendo-se-lhe que a senhora de Beauzée estava com o senhor d'Ermenon, e tinha dado ordem para que a não incommodassem.

— Passos baldados; pensou o pae de Grandin, e esperou.

E com effeito, bem baldados eram, porque em quanto elle estava esperando, pedia o senhor d'Ermenon a menina de Beauzée para seu sobrinho.

— Senhor d'Ermenon, não ignoraes quanto é extremoso o meu amor por Julieta, dizia a senhora de Beauzée; sabei que morreria de desgosto se fosse infeliz no seu casamento. Jurae-me pois á fé de homem de bem, jurae-me que vosso sobrinho ama sinceramente minha filha para a fazer feliz, e que se alguma desgraça tiver de succeder não será por culpa delle.

— Eu não sei, e não posso dizer mais que uma cousa, minha senhora, tornou o tio de Henrique, que fallava seriamente, é que se lhe negaes a mão de vossa filha, não sei o que será do pobre Henrique, porque elle está louco, a ponto de, esta manhã, provocar o filho do senhor Grandin, pela simples desconfiança de que este mancebo amava a menina Julieta.

— Mas essa provocação não terá consequencias, assim o espero.

O tio Gabriel percebeu que tinha commettido uma asneira, e apressou-se a responder:

— Não, estae descançada, minha senhora.

— Podeis então, senhor barão, dizei a vosso sobrinho que minha filha o ama; e que eu lhe concedo a sua mão.

— Mil agradecimentos, senhora, pela felicidade de que vos seremos devedores.

— Não resta senão redigir as escripturas.

— O vosso tabellião...

— Sim, mas o meu tabellião é justamente o senhor Grandin, e seria uma magoa para elle o redigir para o senhor Henrique o contracto que elle quizera fazer para seu filho. Era até natural que elle se me recusasse. Mas vós tendes o vosso não é verdade?

— Sim, minha senhora.

— Pois então elle que se encarregue deste negocio.

A senhora de Beauzée tocou a campainha.

— Dizei a minha filha que lhe desejo fallar.

— O senhor Grandin está a ahi fóra á espera de fallar tambem á senhora.

— Dizei-lhe que lhe peço o favor de esperar mais um instante, que já o recebo.

Julieta entrou.

— Sabes a que veiu aqui esta noite o senhor barão? perguntou-lhe sua mãe.

— Suspeito-o.

— Consentes então?

— Sim, minha mãe.

— Reflectiste bem?

— Sim.

— E a feiticeira? disse-lhe baixinho a senhora de Beauzée.

— Nem já penso nella.

E dizendo isto, Julieta mentia, porque ella todo o dia não tinha conseguido fazer callar dentro de si essa voz mysteriosa, que lhe bradava: — tu fazes mal. —

— Nesse caso, minha menina, d'ora em diante, continuou a senhora de Beauzée, és a esposa promettida do senhor Henrique d'Ermenon, que virá aqui esta noite, não é assim, senhor barão? Tenho que fallar-lhe.

— Vou mandar-vol-o cá.

— Estará em casa?

— Elle está esperando impacientemente a minha volta.

O barão despediu-se da senhora de Beauzée

Quando Christo estava diante de Pilatos, disse-lhe:

— Eu sou a verdade.

— E que é a verdade? lhe replicou Pilatos.

Mas ao mesmo tempo, sem esperar pela resposta, voltou-se para o outro lado, foi dar treguas a outra freguezia, como se costuma dizer, e esqueceu-se completamente da pergunta que tinha feito. Assim, pela estupida leviandade de Pilatos, diz judiciosamente o referido author, ficou privado o genero humano de saber o que é *a verdade*. Mal haja a memoria do tal sr. governador romano, Poncio Pilatos, que pela falta e imperdoavel indiscrição que commetteu, é causa de que seja considerado como heresia em Roma o que é dogma de fé religiosa em Londres, e o que é dogma de fé politica em Paris, seja uma heresia em S. Petersburgo. Mal haja Poncio Pilatos, repetimos, porque por sua causa anda tanta gente, em Portugal, continuamente a quebrar a cabeça e a matar-se, sem poder achar o *verdadeiro* caminho da salvação da patria!

Noticias Diversas.

Trabalhos typographicos. — Dos prelos francezes saíram em 1842 — 6445 obras em todas as linguas; em 1843 — 6009; em 1844 — 6557; em 1845 — 6421; em 1846 — 5916; em 1847 — 5530; em 1848 — 7234; em 1849 — 7378; em 1850 — 7608; em 1851 — 7350. A media por anno, em dez annos, dá 6456. Numero total das obras impressas nestes annos: 64568. Dos mesmos prelos saíram em 1851, 485 obras de musica. Dos prelos lithographicos saíram 1014 estampas, gravuras, e lithographias.

Novo jornal. — Os livreiros e typographos belgas, em vista dos tratados entre a França e outras nações, resolveram associar-se, e crear um jornal, que tomará a defesa dos seus interesses. O novo jornal terá por titulo *Guttemberg*. Como é d'uso em casos taes, festejou-se a inauguração da sociedade com um banquete, que começou ás tres horas da tarde e acabou ás nove da noite.

Prensa typo-lithographica. — M. Peltier acaba d'inventar uma prensa typo-lithographica, de cujos effeitos alguns periodicos fallam com louvor.

Mademoiselle Sannazzaro. — Pela leitura das poucas linhas que abaixo transcrevemos, se vê claramente, que a estimavel e distincta *prima donna*, que tão bellas e indeleveis recordações deixou entre nós, não quiz prescindir, partindo de Lisboa, de legar aos portuguezes mais um documento honroso e irrefragavel das delicadas qualidades que a caracterisam, e da profunda gratidão de que ficou possuida para com um publico, que tanto soube apreciar-a, e de quem recebeu constantemente os mais sinceros e numerosos testemunhos de estima.

AGRADECIMENTO.

'Carolina Sannazzaro, summamente penhorada pelas provas de apreço e sympathia, que recebeu durante a sua estada em Lisboa, julga do seu dever tributar, nesta occasião da sua partida, os mais sinceros e cordiaes agradecimentos ao publico e á imprensa, pela estima e benevola protecção com que se dignaram honral-a, e de que conservará sempre as mais gratas recordações.

Novo calçado para a tropa. — No *Pirata*, de 9 de maio, lêmos o seguinte:

«Os jornaes fallam a respeito dos sapatos, que o major Zappieri propoz para serem adoptados no exercito Sardo, e que são susceptiveis de durarem dezeseis mezes ou mais. A utilidade do methodo do major Zappieri consiste em que, sem ser preciso sapateiro, se podem pôr meias solas na calçado, em menos de um quarto de hora, só com o auxilio de alguns parafusos. A economia é evidente, e muito grande a utilidade em tempo de guerra, quando se está sujeito a fazer marchas forçadas e imprevistas.

Sabemos que um illustre general do exercito sardo fará, sobre este assumpto, um relatorio favoravel ao governo. Tendo, pois, em consideração a experiencia já feita pelo proponente, quando militou em Hespanha, e a approvação de pessoa tão competente, qual é o personagem a que nos referimos, não duvidâmos que o ministro se resolva a ordenar a adopção do referido calçado.»

Parece-nos que não seria fóra de proposito, que o governo portuguez, por meio do seu respectivo representante junto ao governo sardo, tratasse de informar-se do que ha de positivo sobre este assumpto, o qual póde vir a ser de grande interesse para a fazenda e para o exercito.

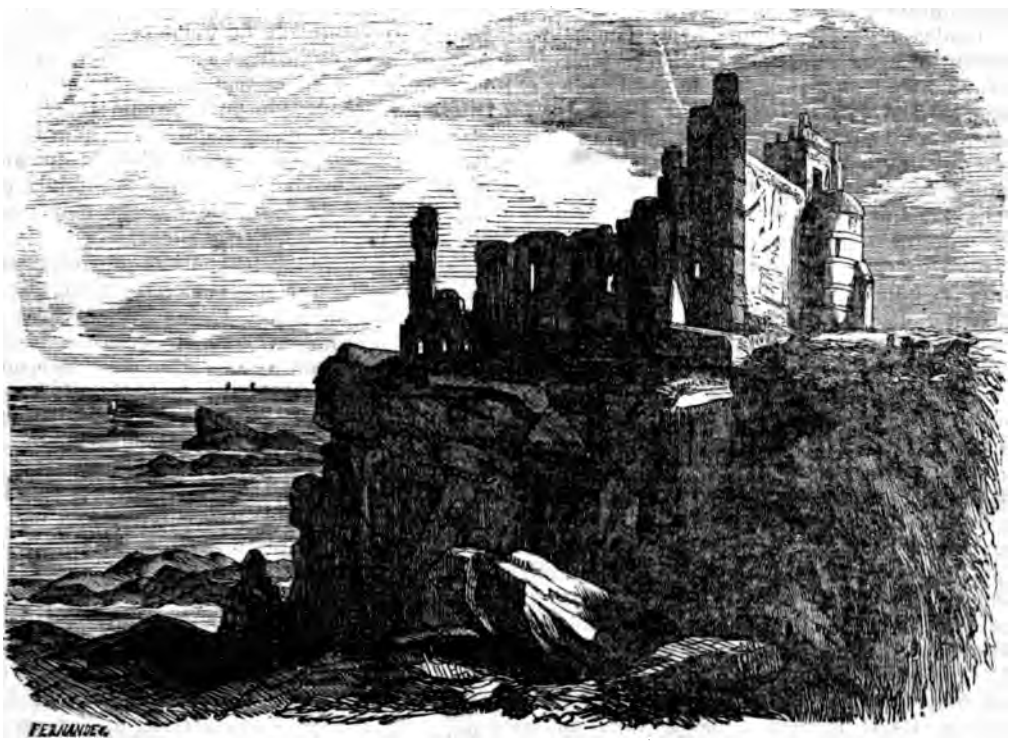
Retirada da companhia lyrica. — Partiram de Lisboa, no dia 23, a bordo do paquete inglez *Madrid*, que faz escala por Cadiz e Gibraltar, as sr.as Carolina Sannazzaro, Marietta Arrigotti, e os srs. Eugenio Musich, Luigi Guglielmini, Giuseppe Mancusi, Fortunato Goré, e Orazio Bonafos.

Á excepção dos srs. Musich e Guglielmini, que seguiram viagem para Gibraltar, todos os outros artistas ficaram em Cadiz, esperando alguns delles ser escripturados para o theatro de Sevilha.

Proposta. — Consta-nos, por bom canal, que o empresario do theatro lyrico do Porto propoz ao baritono Mancusi uma escriptura de dois mezes, com o estipendio de *duzentos mil réis mensaes*, sendo o primeiro mez pago adiantado, em Lisboa, e o outro ás quinzenas, logo que estivessem vencidas. O dito artista não julgou de sua conveniencia acceitar a proposta.

Edimburgo, capital da Escossia, é uma cidade que o viajante não se farta de admirar; parece que a natureza e a arte apostaram, entre si, qual mais a embellezaria.

Exceptuando Constantinopla, cuja perspectiva não tem rival, Edimburgo, na opinião de alguns viajantes, avantaja-se a todas as cidades da Europa, tanto no pittoresco do todo, quanto no fantastico dos pormenores. Montanhas, valles, florestas, campos, vastos tapetes de verdura, lagos como espelhos, magestosos edificios, e tudo isto orlado pelo mar, fazem de Edimburgo uma cidade superior a Napoles no fundo da sua bahia azulada, a Genova assente na sua bella cornija, a Palermo adormecida aos pés do Etna, a Athenas envolta na sua mortalha de ruinas, a Smyrna enramalhetada de flores, a Cadix e a Veneza, rainhas desthronadas do mar. Edimburgo tem tambem suas recordações historicas, legendas fabulosas, romanticas tradições, que realçam as maravilhas de que é possuidora. Sente-se-lhe por toda a parte transpirar o perfume da velha poesia, a nacionalidade conservada preciosamente palpita nos homens e nas cousas. Os arredores de Edimburgo não lhe cedem, nem em attractivo nem em curiosidade; nesta terra classica da historia escoceza estão gravadas, por toda a parte, em grossos traços, passagens de todas as épocas, que deleitam os sentidos e despertam a imaginação e as lembranças do viajante instruido. Deste numero é o *castello de Tantallan*, cujas ruinas figura a nossa estampa. Este castello foi edificado á embocadura da bahia de Edimburgo, sobre o declive escalvado de um precipicio; a rocha que o sustenta, cortada a pique do lado do mar, recebe continuamente o embate das ondas, que depois de redomoinharem na sua base, erguem-se em novêlos de espuma até uma grande altura.



Ruinas do Castello de Tantallan em Edimburgo.

Estudos sobre Cabo Verde.

(Continuação.)

Foi essa tambem a que eu seguia, e a que tive a satisfação de vêr que prevaleceu na commissão, de que fiz parte, a quem o governador geral encarregou, em 1843, de propôr as reformas no Regulamento, que eram tão alta e justamente reclamadas. Comtudo não pude conseguir

que a limpeza da salina fosse a medida preliminar, de que partissem, como consequencias, a divisão por sortes do producto da mesma, e os regulamentos para a administração e embarque do sal, assim como para a conservação da salina; e posto que dessa, que julgo falta, resultassem os inconvenientes que desde logo previ, não é menos certo que bastante melhorou este ramo de serviço. Quando mais não fosse, obteve-se a immediata cessação de todas essas desordens que ensanguentaram o dia da abertura.

Das muitas esperanças que havia, poucas se realisaram, e entre ellas não entrou certamente a de um sensivel melhoramento na qualidade do sal, nem na sua quantidade, porque nunca a salina se limpou; nem do augmento da exportação no ponto a que o levavam os calculos. Mais de tres annos consecutivos a exportação foi quasi a mesma, que tinha sido até alli; e por isso não é para admirar que o povo desta ilha estivesse já descontente com o que se tinha feito por deficiente, e que tivesse um certo rancor ao estabelecimento da ilha do Sal por a grandissima e muito feliz concurrencia que lhe fazia; e que o governo provincial mesmo entrasse em desconfiança sobre o que se tinha feito, por vêr que os rendimentos de exportação do genero não produziam as sommas que se esperavam. Já se presumia que sería necessario lançar mão de alguma outra providencia, ou modificar alguma das disposições ultimamente adoptadas; temia este acceitar os conselhos e indicações com que o obsidiavam, quer para abolir a roda, quer para aforar a salina a pessoas certas e determinadas, in perpetuum, ou por longos prasos, ou renovar o systema das consignações tal como existia antes de 1843; porque a cada uma destas cousas imputavam os projectistas, segundo os seus interesses ou as suas vistas, a pouca animação do commercio do sal, quando uma circumstancia accidental me veiu descobrir a verdadeira origem da pequena concurrencia de navios á ilha do Maio, e a muito grande que havia na ilha do Sal.

Eu sabia que na ilha do Sal dava-se um premio ao capitão do navio que alli ia carregar de sal, que era um abatimento em seu proveito, parece-me que de 5 por cento sobre o preço de cada moio de sal; e, receando lançar-me nas theorias que me propunham, e que considerava temerarias, procurava o melhor modo de introduzir na ilha do Maio esse mesmo costume, porque era a isso que eu devia naturalmente attribuir a differença que se notava no commercio deste artigo entre as duas ilhas.

Bem conhecia que era cousa difficil levar a maioria dos habitantes da ilha do Maio a prescindirem de uma parte dos lucros com que contavam na venda do sal, não obstante o exemplo que offerecia a ilha deste nome; porque aqui era uma empreza particular administrada e dirigida só por um homem, que era tambem o unico proprietario do genero, e que podia taxar-lhe o preço; e alli a administração era responsavel; e não podia dispôr, como de cousa sua, do sal para o taxar: é por isso natural que eu procurasse os melhores meios de fazer abraçar esta minha idéa, tanto pelo governador geral, como pelo povo, quando n'uma das muitas conversações que sobre isso tinha, fui informado que a medida na ilha do Maio era mais pequena 25 por cento, que na ilha do Sal.

Ambas ellas tinham o mesmo nome *bushell*, mas na ilha do Maio era o bushell antigo, ao passo que na do Sal era o bushell moderno; servindo esta identidade de nome para encobrir por mais de nove annos esta circumstancia a tres governadores; e eu mesmo não seria nunca della informado, se, levado por um genio frenetico, não direi que por outro sentimento mais honroso, não me désse de coração a este negocio, e descançasse nas informações que a junta da fazenda podia dar, para deixar de sollicitar ou de exigir quantas mais me fosse possivel obter.

Assim que soube isto, tratei de informar-me officialmente, e adquiri a certeza de que essa era, se não a unica, certamente a causa mais forte da pouca concurrencia de navios á ilha do Maio. Aqui vinha o sal a ficar mais caro do que na ilha do Sal, suppondo mesmo egual a quantidade; não era por tanto para admirar que fossem alli mais navios do que vinham aqui: foi por conseguinte o meu primeiro cuidado fazer expedir as ordens necessarias para a egualdade da medida, ou para a egualisação do preço da venda; mas não posso dizer se as ordens foram cumpridas, nem se os resultados corresponderam á minha expectativa, porque pouco tempo depois recolhi a Lisboa. Estou porém convencido que, se as mesmas se cumprissem, a ilha do Maio havia de recolher muitas vantagens, por cessar a causa principal, ao menos assim a considero ainda, da decadencia do seu commercio, apesar do regulamento de maio de 1843; e que muitas mais colheria, se podesse conseguir-se de seus habitantes que estabelecessem o premio para os capitães; bem entendido, que a salina havia de ser limpa.

Tanto na ilha do Sal, como na do Maio, cada moio de 60 bushells custa ao comprador, posto a bordo 4$800 réis; destes 4$800 réis tem o capitão, na ilha do Sal, 240 réis de premio, e na ilha do Maio nada; ao passo que nesta o moio tinha menos 15 bushells que na do Sal, o que fazia com que um capitão que podia carregar na ilha do Sal o seu navio com 400 moios pelo preço para o dono de 192$000 réis, carecia na ilha do Maio 500 moios pelo preço de 240$000 réis.

Vê-se que a differença era sensivel; e que ella é uma explicação bastante clara a essa situação dolorosa, de que tanto se queixavam os habitantes da ilha do Maio, para eu a desprezar, e ir de preferencia aconselhar a adopção de provisões, parte das quaes a experiencia já tinha condemnado, ao mesmo tempo que outra parte ia privar a população de vantagens que existiam ha mais de um seculo, e reduzir os mais pobres a

uma verdadeira escravidão dos mais dinheirosos, e finalmente reduzil-a á mendicidade. Se errei, as minhas intenções eram boas, e fiz quanto estava da minha parte para acertar.

(Continúa).

J. M. de Sousa Monteiro.

Reforma ou revolução religiosa do seculo 16.º

(Continuação.)

V.

Progresso e destino da reforma.

As consequencias politicas da reforma começaram egualmente a fazer-se sentir: uma vez que a biblia pôde ser interpretada á vontade de cada um, adaptaram-na ao interesse das paixões; e é sabido que as que tem por objecto a politica, são sempre violentas. Quando o vulgo leu no evangelho, que os homens são eguaes; quando ahi encontraram Deus e o principe, mas não a nobreza, quizeram estender com a liberdade religiosa as liberdades civis, e levantaram queixas contra os pequenos senhores, que os opprimiam á imitação dos grandes. Já precedentemente elles se haviam amotinado, formando ligas, e sublevado, tomando por insignia o socco do villão em opposição ás botas dos senhores. Desta vez a revolução foi mais violenta.

Em Zwickan, artistas e sacerdotes disseram que eram chamados por Deus para consummar a obra da reforma; e Nicoláo Storch, rodeado de doze apostolos e de setenta e dois discipulos, recusou o baptismo ás crianças, ao mesmo tempo que rebaptizava os adultos. D'ahi veiu o nome de anabaptistas dado a estes homens, que, levando ás suas ultimas consequencias o principio de Luthero, buscavam a verdade, não na letra morta da escriptura ou na tradição constante da egreja, mas nas revelações pessoaes, por meio das quaes era cada um illuminado pelo Espirito Santo, e apto a achar o aperfeiçoamento da lei. Todo o homem, pois, era propheta; qualquer inspiração febril de uma imaginação esquentada era uma manifestação superior. Ora, a influencia revolucionaria dos anabaptistas é muito notavel na historia, assim como seus progressos rapidos e sua desapparição não menos rapida.

Pfeifer excitava o povo, dizendo-lhe: 'Vi um numero infinito de ratos, que se lançavam em um celeiro para devorar o grão. Principes, sois estes ratos que nos despojaes. Mas, mesmo dormindo, precipitei-me sobre esta bicharia, e fiz nella grande carnificina. Ás armas, Israel! é hoje o dia do combate, cáiam nossos tyrannos! Rico despojo nos espera, pôl-o-hemos aos pés do propheta, que o repartirá entre nós'

Thomaz Munzer, que foi o primeiro que deu ao anabaptismo uma impulsão politica, dizia que Deus, em um de seus entretenimentos com elle, lhe pozera na mão a espada de Gedeão, para sobre a terra estabelecer o reinado do Senhor. Havendo penetrado nas minas de Mansfeld, exclamou: 'Acordae, irmãos, acordae, agarrae vossos martellos, e quebrae a cabeça dos philisteos; tomae a peito a obra de Deus: irmãos, não deixeis ociosos vossos martellos; pink! pank! redobrae os golpes sobre a bigorna de Nembrod; empregae contra os inimigos do céu o ferro de vossas minas.'

Sáem então das minas os novos crentes; toda a Franconia se revolta; as egrejas são demolidas; Munzer excita os sublevados á carnificina: 'Dran, dran, dran! Eis aqui o tempo, os máus serão expulsos como cães. Nada de piedade. Dran, dran, dran! o fogo queime; o sangue não arrefeça sobre vossas espadas; as torres cáiam debaixo de vossos golpes. Eis o dia; Deus marcha adiante de vós, segui-o.' Porém mais de cem mil destes morreram ás mãos de tropas regulares. Exemplo terrivel para os innovadores, que, mesmo com intenções magnanimas, projectam reformas, sem outro apoio mais que os calculos pessoaes ou a inspiração!

(Continúa.)

Cezarina

IX.

Tres annos eram passados depois dos acontecimentos que temos referido. Uma carruagem de jornada parou defronte da porta da casa em que morava a mãe de Cecilia. Uma criada grave desceu desta carruagem, e tocou a campainha da porta. Um criado veiu abrir.

— Mademoiselle Cecilia de C..., perguntou a criada, está em casa?

— A menina casou ha de haver dezoito mezes, respondeu o criado.

— E onde mora ella agora?

— Em París, rua da Paz n.º...

— E como se intitula?

— Madama Grandin.

A criada grave tornou a subir para a carruagem, e participou esta noticia a sua ama.

A carruagem seguiu caminho, mudou de cavallos, e tomou a estrada de París.

Tres horas depois, parava á porta de uma hospedaria da rua de Rivoli, e a senhora que ía dentro, vestida de lucto, entrava n'um fiacre, deixando á sua criada o cuidado de fazer transportar as mallas para o seu aposento.

Chegando á rua da Paz, defronte do numero indicado, ella perguntou:

— Madama Grandin?

— No segundo andar, lhe respondeu o porteiro.

E ella subiu.

A senhora Grandin estava em casa.

— Quem devo eu annunciar? perguntou o criado á visitadora, que lhe deu um bilhete.

*

Apenas o criado dera este bilhete á senhora, logo esta se levantou, e correndo á sala, lançou-se nos braços daquella que a procurava, exclamando:

— Como, és tu, minha boa Julieta?

— Eu mesma, cara amiga.

— Entra aqui para o meu camarim, para podêrmos fallar mais á nossa vontade.

As duas senhoras entraram no quarto visinho, mobilado com muito luxo e bom gosto.

— Ja pensava que tinhas morrido, continuou Cecilia, depois de desembaraçar a sua amiga do chale e do chapeu, e de a abraçar segunda vez.

— Bem pouco faltou para isso. A ti é que eu acho bem mudada, minha querida Cecilia.

— É verdade.

— Casaste?

— Sabes com quem?

— Com Heitor?

— Justamente.

— E és feliz?

— Muito feliz. Eras tu só que faltavas á minha felicidade; mas agora tenho-te ao pé de mim.

— E teu marido ama-te?

— Oh! não como te amava a ti. Mas está feito! disse Cecilia com um sorriso.

— Mas como vieste tu a casar com elle?

— A prophecia de Cezarina não se me tirava da cabeça. Sabes que ainda no dia do teu casamento eu te disse, que fazias mal em não seguir o conselho que ella te tinha dado. Eu perguntava a mim mesma, se tu só e nenhuma outra seria feliz com Heitor. Muitos pretendentes se me apresentaram, mas eu a todos recusei. Partiste de Valgenceuse. Vieram as corridas do mez de outubro, isto é, quatro mezes depois, pouco mais ou menos, do teu casamento, os ciganos do mez de maio tornaram a apparecer. Cezarina vinha na companhia delles. Fui outra vez consultal-a, e dizendo-me ella que via grandes infortunios ameaçar-te, perguntei-lhe se havia meio de os evitar. Respondeu-me que era impossivel, por quanto estes infortunios não procediam, nem de ti, nem de teu marido, mas de um parente do senhor d'Ermenon, cujos erros eram irreparaveis. É verdade?

— Ai! minha querida amiga, é verdade, mal pronunciou Julieta.

— Perguntei-lhe então, proseguiu Cecilia, se casando Heitor com outra mulher, a faria tão feliz como te teria feito a ti. Disse-me que levaria ainda muito tempo a consolar-se da perda que soffrêra, mas que se eu queria emprehender a sua cura, talvez o conseguisse, pois que não via uma unica nuvem no meu futuro.

A datar daquelle momento, assentei a minha resolução. Heitor voltou dois mezes depois da tua partida. Vinha ainda muito triste; seu pae vendêra o escriptorio, e ambos frequentavam a miudo a casa de meus paes. Encetei a minha missão de consoladora; pouco a pouco foi-se afazendo á minha companhia. Em fim, como se me encasquetára a idéa de que o havia de esposar, taes artes, taes carinhos empreguei, que acabou por subscrever aos meus sentimentos, sem que até agora me haja dado o mais ligeiro indicio de arrependimento. Aqui tens toda a minha historia.

— E tu amas-lo?

— Muito. Não será uma paixão, não será mesmo o verdadeiro amor, mas é uma fiel e terna affeição, bem cincera, verdadeira e dedicada, o que sinto por elle; o que é necessario, no fim de tudo, a um casal que tem a viver largos annos unido.

— E teu pae, e tua mãe?

— Passam bem. Ao principio, como deves suppor, puzeram as maiores difficuldades ao meu casamento com Heitor. Clamavam que era um casamento desegual! e presagiavam-me toda a casta de males. Mas eu, enfeitiçada sempre pela prophecia, não dava ouvidos a nada, até que não tiveram mais remedio, que resignar-se á minha vontade. Hoje estão encantados.

— Então és verdadeiramente muito feliz?

— Oh! felicissima.

Neste momento bateram á porta.

— Entrae, disse Cecilia.

Uma aia entrou, trazendo nos braços uma criança.

— Ah! esquecia-me a minha filha, exclamou, madama Grandin, mostrando á senhora d'Ermenon uma linda menina que lhe sorria e estendia para ella seus pequeninos bracinhos. Olha como é bonita!

E dizendo isto, Cecilia depunha entre os braços da sua amiga a pequena creatura, que esta abraçava ternamente.

— Não sabes como se chama?

— Não.

— Julieta, minha querida, o teu nome!

— Foi por acaso?

— Não, foi de proposito, para que este nome lhe désse boa fortuna.

— Pobre criancinha, oxalá que Deos te fade melhor do que a mim!

— Agora vaes-me contar todos os teus soffrimentos, sim?

— E tenho eu por ventura segredos para ti? tornou Julieta, apertando a mão da senhora Grandin.

— Annica, ide passear a menina; mas tende toda a cautela, disse Cecilia para a aia que saíu, levando a menina.

— Mas antes de mais nada; porque é que ainda andas de lucto, tua mãe não morreu ha já dois annos?

— É o lucto de meu marido.

— Do senhor d'Ermenon?!

— Ha seis semanas que morreu.

— E tu lembraste-te logo de mim! És ainda a mesma! Mas oh! meu Deos, e eu a fallar-te da minha felicidade, quando tu tanto padeces; perdoa-me, minha boa Julieta, perdoa-me.

— É para mim um linitivo achar-te venturosa, porque, se tambem tu soffresses, a minha dôr sería dobrada.

E Julieta enxugou os olhos, bem afeitos ao pranto, porque depois do seu casamento bastantes tinham sido as lagrimas que derramára.

—Mas a ventura que eu desfructo pertenciate de direito, replicou Cecilia, porque não a acceitaste tu?

—Não foi por falta de exhortações tuas.

—Isso é verdade. Ora vamos, confia-me todas as tuas mágoas.

—Já sabes que minha mãe morreu de repente; minha pobre mãe, que eu amára tanto!

E novas lagrimas afogaram a voz da senhora d'Ermenon.

Cecilia a custo dominava a sua emoção.

—Depois da morte de minha mãe, continuou Julieta, meu marido persuadiu-me que era conveniente deixarmos a França, que de continuo me avivava esta lembrança dolorosa, e viajarmos algum tempo para me distrahir. Tu sabes quanto eu amava Henrique; estive por tudo o que elle quiz. Aconselhou-me mais a que vendessemos Valgenceuse, dizendo-me que esta casa de campo, depois do que se havia passado, já nunca mais podia servir-me de distracção. Eu estava tão debilitada pelo soffrimento, que não oppuz resistencia. Vendeu-se Valgenceuse, e partimos para a Italia.

Passou-se então uma cousa, que não vim logo a saber; foi que Henrique, na occasião de partirmos, cedeu a seu tio Gabriel uma parte da somma que produziu a venda. Tu não podes imaginar o que era este tio, minha Cecilia. Mas já o vaes vêr quando te disser que foi elle o causador de todas as nossas desgraças, que minha mãe felizmente não chegou a presenciar, porque tel-a-hiam feito expirar de mágoa e desespêro, e assim ao menos morreu na fé de que me deixava venturosa. Este tio tinha levado uma vida muito dissoluta. Já quando eu me casei, e que se tratou das nossas respectivas fortunas, eu reconheci que Henrique não tinha em bens o que se dizia. Apenas lhe restavam umas seis mil libras de rendimento; quanto ao barão, não possuia absolutamente nada de seu.

Mas eu amava extremosamente o senhor d'Ermenon, para fazer caso destas ninharias. Fez-se o casamento; minha mãe ficou vivendo comnosco, cedendo-nos quinze mil libras, e reservando dez mil para si. Quanto aos seis mil francos de rendimento, que Henrique ainda possuia, deu-os este em presente a seu tio, sobre a promessa formal de se emendar e governar com estes fundos.

Por espaço de um anno vivemos satisfeitos, felizes mesmo, ainda que Henrique de tempos a tempos tivesse algumas inquietações, originadas sempre deste homem, as quaes elle fazia toda a diligencia por me occultar, mas que eu adivinhava: tu sabes que, quando uma mulher ama, lê no coração de seu marido como em um livro aberto.

De tempos a tempos o tio Gabriel vinha visitar-nos a Paris, e passavam-se então sempre entre elle e seu sobrinho violentas altercações. Em duas ou tres vezes occorreu-me a lembrança de escutar á porta, e nas admoestações que Henrique fazia a seu tio, ouvia eu proferir repetidas vezes o nome da marqueza de C....

—A marqueza de C....! interrompeu Cecilia com admiração.

—Sim, minha cara amiga, a marqueza de C.... era mantida pelo barão; e era isto que eternamente Henrique lançava em rosto a seu tio, porque tu bem sabes as despezas loucas que ella fazia.

—Ah! pobre queridinha, como não soffrerias com todas essas desordens!

—Ainda isto é nada. Idearás de certo o escandalo que me pungia, ouvindo as exprobrações que meu esposo fazia ao barão. Este homem, embrutecido por sua vida passada e por esta ultima paixão, porque elle amava aquella mulher até á loucura, inspirava-me um desgosto que te não posso definir. Este velho, que tinha tres edades de seu sobrinho, forçado a córar diante de um mancebo, causava-me vergonha e ao mesmo tempo piedade. Não te posso pintar que caracter este tão envilecido e despresivel. Quanto mais envelhecia, mais se lhe apagavam os ultimos sentimentos da honra e da probidade.

Havia dias em que Henrique me dizia:

—Este homem é capaz de commetter alguma má acção para haver dinheiro á mão, se eu não lh'o der.

—Pois dá-lh'o, meu amigo, respondia eu sempre. Póde ser que se emende.

—Emenda jámais! tornava Henrique; e ambos passavamos o dia cheios de tristeza e em confidencias dolorosas.

Ás vezes chegava eu a dizer a meu marido:

—Põe teu tio por demente, isto não será difficil.

—Não posso, me respondia elle. A sós tenho todo o valor de lhe dar as mais asperas reprehenções; mas não tenho animo de lhe fazer uma affronta publica. Foi aos seus desvelos que meu pae me confiou; foi elle que me criou, no intimo da sua alma tem-me ainda amor; faz-me desgraçado, é verdade, mas corta-se-me o coração a tal ingratidão.

Neste entretanto morreu minha mãe, e vendemos Valgenceuse.

Henrique occultara-me a verdadeira razão da nossa partida de França. O tio do senhor d'Ermenon havia dissipado os cento e vinte mil francos que meu marido lhe cedêra quando casou commigo, e achava-se novamente sem recursos.

Henrique fez um ultimo sacrificio; poz-lhe a render cincoenta mil francos inalienaveis; e, para não continuar a ser testemunha de suas extravagancias sexagenarias, partiu, dizendo a si mesmo:

—Fiz da minha parte quanto devia fazer; meu tio que se avenha agora como podér ou quizer.

Tudo isto, junto á morte de minha mãe, não era, como podes pensar, para me dar contenta-

mento. Tornei-me triste e adoentada, eu, que nunca tinha conhecido uma cousa nem outra. Henrique já não achava junto a mim aquelle enlêvo de antes. O meu caracter resentia-se com todas estas catastrophes inesperadas. Confesso-te que muitas vezes repassava em meu espirito a predicção de Cezarina.

Afim de evitar as más noticias que presentiamos, não dissemos a ninguem para onde íamos, nem mesmo a ti; quando um dia Henrique recebeu uma carta, e empallideceu logo ás primeiras linhas. Cheguei-me a elle, e perguntei-lhe o que era. Deu-me a carta. Era do barão, e eis-aqui o seu contheudo:

«Meu caro sobrinho.

«Quando receberes esta carta, já terei deixado de existir. Não tenho dinheiro. A marqueza de C...., sem o amor da qual não posso viver, despediu-me de sua casa. Perdi de todo a cabeça. Escrevo-te a mesma carta para todas as principaes cidades da Italia. Perdoa-me todos os dissabores que te tenho dado. Pobre de mim! que não tive senão um bom instante na vida, é o da minha morte! —Teu tio, que muito te amava — Gabriel d'Ermenon.»

— Lêste? disse-me meu marido.

— Li, respondi eu perturbada com esta nova.

— Ouve, me diz elle baixinho, é preciso partirmos.

— Porque?

— Porque, tornou o senhor d'Ermenon, hesitando um pouco e baixando mais a voz, porque meu tio, se o que me escreveu é verdade, não chegou a este extremo, sem ter talvez commettido alguma infamia.

— Oh! meu Deos, proferi eu, então partâmos depressa.

Partimos com effeito, e chegámos a Senlis.

— É verdade, eu soube isso, interrompeu Cecilia.

— Como o soubeste?

— Por minha mãe, que me escreveu.

— Então sabes o que se passou?

— Perfeitamente; não quiz ser a primeira a fallar nisto, com receio de causar-te desgosto. O senhor d'Ermenon, tio, arruinado pela decima vez, não pôde resignar-se á sua sorte, e sobre tudo a deixar de vêr a marqueza de C.... Fez letras falsas.

— É verdade, murmurou Julieta.

— E sabes em que mãos estas letras falsas se achavam?

— Não; meu marido nunca m'o quiz dizer.

— Nas mãos de meu sôgro. A assignatura era a de um negociante acreditado. As letras haviam passado sem difficuldade, mas alguns dias antes do termo de pagamento, o tio do senhor d'Ermenon foi lançar-se aos pés do senhor Grandin e lhe confessou tudo. O senhor Grandin estava deliberado a proseguir no negocio, porque elle nunca pôde perdoar a teu marido o ser preferido a seu filho; mas Heitor fez pagar a apresentação, e este segredo nunca transpirou, porque nem Heitor, nem o senhor Grandin, a rogos de seu filho, o disseram a ninguem. Quando teu esposo chegou a Senlis, Heitor contou-lhe tudo. Tu havias ficado em Paris, é verdade?

— Assim foi.

— Teu marido recebeu as letras, e partiu immediatamente.

— Sim, mas sem poder resistir a um movimento de cólera, que nos foi fatal, quando aliás podiamos ser ainda muito felizes depois da morte do tio. A deshonra, que esteve a ponto de manchar o seu nome, e esta ultima falta do barão, cançaram a paciencia de Henrique. Procurou o marquez de C.... e esbofeteou-o; porque este homem, que especulava com o adulterio de sua mulher, era o author de quanto tinhamos soffrido e receado.

O marquez deixou-se esbofetear sem soltar palavra; mas depois escreveu, relatando a seu filho o que se tinha passado, abstendo-se naturalmente de mencionar as razões desta scena. O filho, que era official no exercito d'Africa e espadachim, pediu licença, e veiu vingar a affronta feita a seu pae.

Uma manhã, ha de haver dois mezes, e estavamos em Nice, porque estas emoções todas tinham tão fortemente alterado a minha saude, que os ares do Meio-Dia me haviam sido recommendados; uma manhã, pois, apresenta-se em nossa casa o conde de C.... a pedir a Henrique satisfação do insulto que recebêra seu pae. Batteram-se ambos, e trouxeram-me meu marido com uma bala no peito. Tres dias depois deste duello, Henrique morreu.

Caí gravemente doente. Logo que me restabeleci, parti, e eis-me aqui. Ainda não fiz vinte annos, e olha o que já tenho soffrido. Admittindo a progressão, não sei o que será de mim.

— Não, agora, diz Cecilia, pegando nas mãos da sua amiga, agora não nos deixas mais.

— Estás louca?

— Não estou; has de viver comnosco para te distrahires; verás como Heitor é bom e te ha de amar; não tardará que te consoles. Na nossa edade não ha mágoa que não passe; depois estás nova e bella, tornar-te-has a casar.

— Nunca.

— Não digas isso; que fortuna te resta?

— Cento e cincoenta mil francos, se tanto.

— Pois bem, confiarás essa somma a Heitor, e em seis mezes terá duplicado o teu capital. Oh! Heitor é tão intelligente como seu pae, que é tão lido nestes negocios de vendas, de casamentos e outros contractos, que depois que passou o seu escriptorio, é quando não tem mãos a medir. Agora vaes vêr meu marido, ou melhor, o nosso marido, accrescentou Cecilia, sorrindo, porque se me tivesses acreditado seria teu.

— Ai de mim! ter-me-hia sido melhor.

— Agora já é tarde; se soubesse o que havia de acontecer, esperaria, e ter-to-hia deixado.

— Sempre has de ser louquinha!

—Sempre, como vês.

Cecilia tocou a campainha.

—Pedí ao senhor Grandin o favor de vir fallar-me, diz ella ao criado grave.

Poucos momentos depois, Heitor appareceu, sem lhe passar pela mente que ía vêr Julieta.

—Minha cara amiga, disse Cecilia, tenho o prazer de te apresentar o senhor Heitor Grandin, meu esposo.

Julieta levantou-se, e o filho do tabellião não pôde suster um grito ao reconhecel-a.

—Dou-te parte, continuou a senhora Grandin, voltando-se para seu marido, que Julieta está viuva, e vem viver na nossa companhia. Ah! agora, que está viuva, ahi te arrependes tu de me ter esposado. Se estivesses livre, ías depor a seus pés a tua fortuna, o teu amor, e o teu nome, não é assim? Ora pois, consola-te, meu pobre Heitor, o destino não o quiz assim.

Cecilia traduzia de uma fórma tão prazenteira a emoção bem natural que a vista de Julieta produzíra em seu marido, que este a apertou entre seus braços, estendendo depois a mão á joven viuva.

(Continúa.)

Insignias militares em 1719.

De um livro, que nos veiu ás mãos, com o titulo de—*Memorias Militares, pertencentes ao serviço da guerra, assim terrestre como maritima, etc.*—escripto por Antonio do Couto Castello Branco, e publicado no anno de 1719, em Amsterdam, pelo Capitão de Granadeiros, Antonio de Novaes Ferram, copiámos as seguintes disposições, que marcavam as insignias respectivas aos diversos postos do exercito; e que publicâmos, como simples objecto de curiosidade.

§ 1.º—*Do tambor general e do tambor mór.*—Tambor mór, um pau de tres pés de comprido, com engaste de ferro em cima, com as armas do coronel, com um cordão com borlas.

§ 2.º—*Dos sargentos.*—Os sargentos devem trazer alabarda, que terá de comprido o que baste para endireitar dois ou tres soldados na fileira; e a esse respeito se lhe deu esta qualidade de insignia, e tambem para reforçar os flancos, quando os ponham nelles.

§ 3.º—*Dos condestaveis.*—Os condestaveis toca-lhe um bota-fogo com duas serpes de prata.

§ 4.º—*Dos gentil-homens de artilheria.*—O gentil-homem da artilheria toca-lhe trazer uma canna, de quatro pés de comprido, toscanada de prégos.

§ 5.º—*Dos meirinhos.*—O meirinho toca-lhe trazer um bastão oitavado, de cinco pés de comprido, com as divisas que lhe pertencem.

§ 6.º—*Dos prebostes.*—O preboste general, um bastão ou pau delgado, de quatro pés de comprido.

§ 7.º—*Dos capitães de campanha.*—O capitão de campanha toca-lhe trazer um bastão de tres pés de comprido, e nelle as armas do mestre de campo, ou do coronel.

§ 8.º—*Dos furrieis móres.*—O furriel mór toca-lhe trazer bastão de quatro pés, e em cima uma barraca de prata.

§ 9.º—*Dos alferes.*—O alferes toca-lhe trazer venabulo (especie de dardo de montanha) com borla de fitas debaixo da choupa, que será de ferro, e só poderá trazel-a de prata, sendo da companhia do mestre de campo, ou coronel. Em Castella, na fórma nova, se lhe deu por insignia bastão de tres pés, com casquilho de marfim.

§ 10.º—*Dos ajudantes.*—O ajudante do sargento mór de infanteria, bengala de quatro pés de comprido, um dedo de grossura, e engaste de prata de cinco dedos de comprido, sem ser fechado em cima, que appareça o pau; e se fôr ajudante de cavallaria, terá differença de ser rôta (canna da india).

§ 11.º—*Dos tenentes.*—Os tenentes das companhias toca-lhes trazerem uma bengala com um gastão de côco.

§ 12.º—*Dos capitães.*—O capitão de gastadores, toca-lhe trazer bengala com um pé de prata em cima.

O capitão de artilheria, toca-lhe uma gineta (lança pequena) com gastão de prata, e nella uma forquilha.

O capitão de torre, toca-lhe trazer uma gineta com um martello de prata, e em cima uma torre.

O capitão de infanteria, toca-lhe trazer uma gineta com gastão de prata, e em cima uma bolla; e gola, quando tem guarda.

O capitão de cavallaria póde trazer uma vara delgada.

(Continúa.)

Um homem de juizo.

A rivalidade que costuma haver entre todas as nações limitrophes deu-se mais a conhecer na castelhana, depois da guerra de 1762, de maneira que toda a bondade do marquez de Camarena, general da estremadura hespanhola, nunca foi bastante para defender os portuguezes, que iam a Badajoz, dos insultos dos habitantes; e não chegou a extinguir-se, senão quando o general Velleré governou as armas da provincia do Alemtéjo e a praça d'Elvas, pela affabilidade e gracioso acolhimento com que recebia a todos os hespanhoes, de qualquer ordem e condição que fossem, já convidando-os a comer, já acompanhando-os nos passeios, já mostrando-lhes tudo que havia na praça digno de attenção e da curiosidade d'um estrangeiro; mas isto com um certo ar, que elles pouco ou nada ficavam sabendo. Quando alguns dos officiaes da guarnição increpavam o general por esta desegualdade de tratamento, elle respondia-lhes:

—Eu trato os hespanhoes assim, para os ensinar a receber gente; e as cousas que lhe mostro, são aquellas que elles não hão de gostar de vêr.

O seu a seu dono.

Havendo o sr. rei D. José ordenado, que nos regimentos de artilheria se dessem os postos aos officiaes applicados, e devendo o commandante de um dos referidos regimentos fazer uma proposta para os que se achavam vagos, o official que a estava escrevendo lembrou um dos cunhados do commandante para ser proposto em capitão, depois tornou-lh'o a lembrar para ajudante: o chefe respondeu:

— Sua magestade ordena-me, que proponha officiaes pelo merecimento, e não pelo parentesco. Posso dar a meu cunhado o que fôr meu; mas não o que pertence aos applicados.

Uma ordem bem dada.

O grande Frederico 2.°, rei da Prussia, deu uma ordem, pela qual permittia a todos os seus vassallos escrever-lhe directamente, e expôr-lhe todas as vexações que soffriam. Entretanto, a par desta benevola e judiciosa condescendencia, estabeleceu uma clausula importante, dizendo:

— Que todos podiam estar seguros de achar nelle protecção e remedio; *mas que se guardassem bem de o enganar em suas representações ou suas queixas;* porque nesse caso, em vez da reparação que pediam, achariam um castigo exemplar.

Noticias diversas.

Madame Rosina Stoltz. — A empreza do sr. Cambiagio e Comp.ª, chamou aos tribunaes a provecta *prima donna*, madame Stoltz, por falta (segundo consta) de cumprimento de certos contractos. O processo devia decidir-se no dia 21 do passado; mas não se effectuou o julgamento, em consequencia de ter o advogado da celebre *Niva* dado por suspeito o juiz encarregado de sentenciar a causa.

Máu signal!...

Orchestra monstro. — Durante a missa que o Arcebispo de Paris disse no *Campo de Marte*, em 10 do passado, antes da benção das bandeiras, as bandas de musica de todos os regimentos que compõem a guarnição da capital da França, executaram varios trechos da missa de Santa Cecilia, composta por Adolpho Adam. Esta missa, que pertence á associação dos artistas musicos, foi arranjada com muita pericia pela sr. Klosé, professor do Conservatorio, para os instrumentos de vento. A parte respectiva ao acompanhamento foi confiada ás bandas de musica da infanteria, e a parte do canto ás da cavallaria. O numero dos phylarmonicos executantes excedeu a mil. A execução foi dirigida pelo dito sr. Klosé.

Theatro lyrico do Porto. — Representou-se ultimamente o *Nuovo Mosé*, do insigne Rossini; mas a execução foi, em geral, pouco satisfatoria. Entretanto, a sr.ª Raffaeli recebeu applausos; e o novo tenor Ceresa, depois da primeira representação da referida opera, em que fez a sua estrêa, tambem tem conseguido habilitar-se no bom conceito do publico.

Consta-nos que se está ensaiando a *Lucia di Lamermoor*; e espera-se que o dito tenor alli tenha melhor occasião de dar provas da sua capacidade.

Mademoiselle Rachel e um pintor. — [illegible] *L'Émancipation* conta a seguinte anecdota: « A rainha tragica do theatro francez, encontrando-se em Paris com o pintor da *Apotheose de Homero*, aproximou-se delle e lhe dirigiu os mais delicados comprimentos. O sr. Ingres agradeceu, com a infantil modestia que possue, e fingiu acreditar que toda a benevolencia, com que acabava de ser tratado, era desinteressada.

A Rachel, quando julgou ter seduzido o artista, tratou immediatamente de chegar aos seus fins, e lhe disse: « Serei acaso tão feliz, que possa possuir um retrato feito por vós? » Então o sr. Ingres, chamando á memoria um dos maiores delictos commettidos pela Rachel sobre a scena, em 1848; um delicto mais enorme, na sua opinião, do que o d'Ermione, d'Agrippina, de Cleopatra e de Valeria, respondeu-lhe com toda a severidade: « Mademoiselle, vós cantastes a marselhesa!! »

Giralda. — Representou-se ultimamente em Milão, no theatro de *Santa Radegonda*, o melodrama comico em tres actos, *Giralda*, posto em musica pelo maestro Antonio Cagnoni (author do *D. Bucefalo.*)

O argumento é o mesmo da peça que, com egual titulo ouvimos, traduzida do francez, nos theatros do *Gymnasio* e *D. Fernando*.

O exito da nova opera do *maestro* Cagnoni, affirmam os jornaes italianos que temos á vista, não foi inferior ao que obteve em França a *Giralda*, de Adolfo Adam.

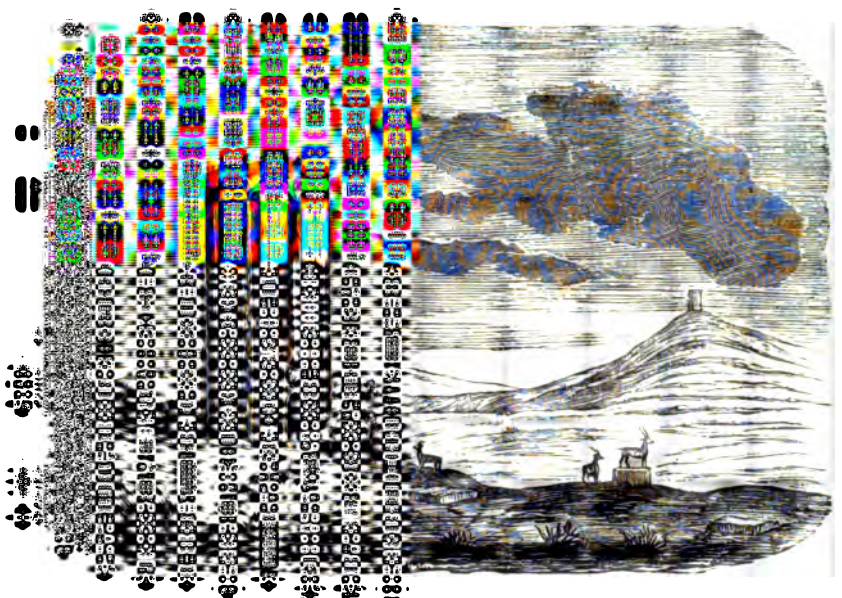
Relativamente á execução, vimos citado com muito louvor nas ditas folhas o baixo comico Luigi Rocco, o qual, no desempenho da importante parte de *Gines*, deu mais uma prova de ser, no seu genero, um dos melhores artistas da actualidade.

Tempestade. — Occorreu no Cairo, no 1.° de maio, um phenomeno, de que não havia memoria entre os viventes. O vento do deserto e o do norte chocaram-se por um modo tão espantoso, que resultou uma tempestade horrivel, a qual se converteu por fim em torrentes de chuva, e chuva de pedra d'extraordinario tamanho. As arvores foram quasi todas arrancadas pelo impeto da tormenta, e os jardins ficaram completamente destruidos.

ADVERTENCIA.

Durante a ausencia do sr. F. da Silveira fica encarregado da direcção da Revista Popular o sr. João Ignacio Ferreira da Lapa, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia sobre objectos de redacção.

formam cada um os dois lados de um triangulo, cuja base á de um metro e sessenta centimetros. A porta que dá accesso para o interior do edificio, de figura ogival, não carece de ornato, e tem por cima uma inscripção e figuras traçadas no tijolo da construcção. Esta mesma cidade possue, extra-muros, uma outra torre, inteiramente similhante, como ella tambem, em parte desmoronada, mas construida de pedra.



Ragès na Persia.

[illegible] religiosa do seculo 16.º

(Continuação.)

V.

[illegible] as de Vienna e Carlos V, desejosos de reunir [illegible]

Em Smalcalde os principes protestantes confederaram-se contra os catholicos, a cuja frente se achava Carlos v, que triumphou na batalha de Muhlberg.

O célebre heresiarcha viveu até ao anno de 1546.

Homem de grande coragem, Luthero foi arrastado á violencia por suas paixões, sua intolerancia, e seus odios pessoaes. Derrubando o papa, pretendeu para si mesmo a infallibilidade. Pois não se póde dizer, que elle ensinou o livre exame, propondo elle um symbolo com a unica differença, que anteriormente a razão humana inclinava-se diante de Deus, auctor de todas as cousas, e então ficou submettida á auctoridade de um homem.

Luthero guerreou continuamente as sciencias como inuteis, a philosophia como diabolica, as letras como corruptoras. Luthero triumphou menos pelo enthusiasmo dos povos, do que pelo egoismo dos grandes, e pela negligencia dos que deviam combatel-o.

Melanchton, o Fenelon da reforma, que esperava conciliar as seitas, empregando fórmas ambiguas e temperando o rigor do mestre, sobreviveu a este até ao anno de 1560, profundamente consternado pelas contestações sempre renascentes.

Por toda aparte em que a revolução religiosa prevaleceu, se não produziu a emancipação completa do espirito humano, deu-lhe um grande contingente de liberdade. Ella deixou o espirito, é verdade, sujeito a todos os effeitos da liberdade ou de servidão das instituições politicas; mas aboliu ou desarmou o poder espiritual, o governo systematico do pensamento. Tal foi o resultado da reforma no meio das mais differentes combinações. Em Allemanha não havia liberdade politica, e a reforma não lh'a deu: todavia suscitou e entreteve aqui plena liberdade do pensamento. Em Dinamarca, Hollanda, Inglaterra e França, o espirito humano egualmente se amancipou. Por toda a parte em que a reforma penetrou, por toda a parte em que ella representou um grande papel victoriosa ou vencida, seu resultado geral foi um immenso progresso para a emancipação do espirito humano. Pelo contrario, nos paizes, em que a reforma não penetrou, ou foi suffocada logo de principio, o espirito humano não se emancipou. Foi o que aconteceu na Hespanha e Italia.

O impulso do pensamento, a abolição do poder absoluto na ordem espiritual, tal foi o caracter essencial da reforma, o resultado mais geral de sua influencia, o facto dominante de seu destino.

(Continúa.)

João Felix Pereira.

Caudelarias.

O estado miseravel de nossa producção cavallar por todos sentido, mas por poucos avaliado, é que nos move hoje á publicação de uma serie de artigos attinentes ao estudo da importante questão das caudelarias. Não poderemos fazer aqui esse estudo tão completo como desejaramos. Tolhe-nos isso a indole e caracter deste jornal. E nisto cada vez mais sentimos a falta de um jornal agricolo-veterinario, onde estes assumptos tem incontestavel cabimento, e se podem tratar com todo o desenvolvimento historico e scientifico que sua importancia pede.

Neste nosso ensaio sobre a questão caudelica, estabeleceremos a seguinte ordem:

1.° Estado historico sobre a producção cavallar do paiz.
2.° Estado actual dessa producção.
3.° Causas que motivam este estado.
4.° Meios de remediar a nossa miseria cavallar.

Esboço historico sobre a nossa producção cavallar.

I.

Desde as épocas mais remotas até ao principio da monarchia.

A historia do cavallo é uma historia interessantissima. Tem sido mais de uma vez a historia dos exercitos, da sua gloria e seu poder; a historia das conquistas e defensão dos estados.

Com o cavallo se conquistaram e com incrivel rapidez vastos imperios na Asia. A elle deveram na antiguidade, Osimandias, Cyro, Dario, Alexandre, etc., grande parte de suas victorias; e em tempos mais modernos, Gengiskan, Tamerlão, e Bajaceto a força de suas conquistas. E de nossos dias que digam quanto elle póde no successo das batalhas, essas que se deram em Flerus, Castiglioni, Rivoli, Zurich, Marengo, Austerlitz, Jena, Wagram.

Da historia guerreira do cavallo, podiam-se compôr famosos romances.

Mas não só para a guerra é o cavallo companheiro indispensavel ao homem, é-o ainda nos trabalhos da agricultura, nos serviços de transporte, viagens, e em muitos outros tratos que lhe tornam a vida social mais grata e commoda.

A utilidade que o cavallo nos póde prestar, fez dizer a Buffon, que é elle (o cavallo) a mais nobre conquista que o homem tem feito; — a Cardini, que elle é um alliado necessario a todas as nações; — e ao Dr. Poriset, que com elle vem a opulencia, prosperidade e victoria, e sem elle, a miseria, a dèrrota e servidão.

Data de tempos immemoriaes a domesticidade do cavallo. A Escriptura falla delle no *Livro de Job* quasi da maneira como nós hoje o conhecemos. Póde ser que a sua domesticidade remonte ás primeiras épocas do mundo, que primevo com o homem, o acompanhasse na sua dispersão pela terra, e assim quasi cosmopolita, se tenha modificado pelos climas e influencia humana, ao ponto de nos dar essas raças tão differentes, que hoje observâ-

mos, desde o veloz e esvelto corsel arabe até ao pesado e massudo urco de Inglaterra.

Dêmos de mão ás considerações que ora aqui nos suggerem, e que viriam talvez já a desproposito do fim que nos propomos, e entremos de momento no objecto deste primeiro artigo.

Qual é a origem mais antiga, certa ou provavel de nossos cavallos de casta? E qual tem sido a nossa producção cavallar nos tempos mais remotos?

Responder a estas questões não é de certo cousa facil. Os dados da historia antiga, nem sempre fieis, mais fabulosos, e neste ponto principalmente envoltos n'um obscurantismo muitas vezes impenetravel, se nos não podem dar de taes quesitos uma solução clara e certa, prestam-nos todavia alguns elementos de probabilidades, com que possamos aventurar uma opinião. E esta é: que a origem de nossos bons cavallos, cavallos de casta, já dos tempos mais antigos, ou é oriental, ou por menos que dahi vieram elementos hippicos com que se melhoraram as raças indignas que cá houvessemos; e de certo que as haviamos não só domesticas, mas até selvagens, como Estrabão no-lo affirma.

Vejamos as razões que podêmos produzir em favor desta opinião.

Se o beduino, errante pelas paragens do Euphrates, jura ainda hoje na fé da tradição, que o seu corsel tão veloz como o vento, o ginete arabe, tira o brasão de sua nobreza das portentosas caudelarias de Salomão, donde este venturoso rei colhia aos cincoenta mil cavallos para as suas faustosas cavallariças, — caudelarias que, segundo a Escriptura, elle formára dos melhores cavallos do Egypto, e póde ser tambem dos que se criavam na Capadocia, Armenia, Syria e Persia, logares então, como hoje ainda alguns são, afamadissimos pela belleza de seus cavallos; — e se por outra parte é certo que os *phenicios*, ou pelo commercio, ou acossados pela guerra que soffriam do povo hebreu e outros, atravessaram essas regiões, vieram ao Egypto, e dahi para Hespanha; — será por ventura cousa fóra de razão admittir, que esses povos (os phenicios) vindo ou passando pelos paizes dos melhores cavallos, os tivessem comsigo importado para o nosso onde colonisaram?

E se foi certo, como alguns historiadores crêem, que tambem vieram a Hespanha os mesmos *hebreus*, quando conquistados e perseguidos por Nabucodonosor; — não poderiam então estes trazer para ella alguns desses descendentes das caudelarias do grande rei?

Se tambem os *gregos* na Lusitania colonisaram, nos tempos heroicos como nos historicos, e se por esses tempos não eram menos afamados os cavallos da Thessalia; — não será tambem de presumir que elles para aqui os importassem melhorando assim as nossas castas?

Se finalmente os *carthaginezes* que na Hespanha dominaram, possuiam o excellente *cavallo* numida, e além disso trato haviam com os paizes orientaes, onde sempre os mais bellos cavallos se crearam; — não será ainda hypothese de bastante peso, que seu dominio traria tambem ás nossas raças elementos de aprefeiçoamento e melhoria?

Nós assim o julgâmos. E temos como cousa probabilissima, se não certa, que phenicios, hebreus (?) gregos, carthaginezes, vindo á Hespanha nos tempos remotos onde se estabeleceram, houveram importado os bellos cavallos dessas regiões, e deram com elles um notavel impulso á producção e melhoramento das nossas raças cavallares.

Fomos assim um dos primeiros, se não o primeiro paiz da Europa talvez, que encarnou o sangue oriental em seus cavallos.

E que nós fomos tambem uma das partes da Europa famigerada pela abundancia e qualidade dos cavallos, ahi estão os historiadores romanos que no-lo asseveram, nos tempos em que Roma aqui dominou.

De feito, nós lêmos e admirâmos a facilidade com que Annibal, n'um paiz assolado então pela guerra, remontava essa numerosa e valente cavallaria com que impavido arrostava as hostes romanas. Doze mil cavallos reuniu elle na Hespanha para levar á guerra de Italia; um bom contingente destes, capitaneados por Balaro, lhes é fornecido pelos Vetões, povos que demoravam junto ao rio Téjo naquella parte onde se lança em Portugal. Sertorio, que proscripto de Roma, se tornou nosso heroe e propugnaculo de nossas liberdades, chegou a ter um exercito de nove mil cavallos, havidos, uma grande parte, quasi só da Lusitania.

Varrão achou que a Lusitania era paiz tão fadado á producção de cavallos, que não teve meios de melhor exprimir este facto, senão imaginando que nossas egoas concebiam até do vento. « *In faetura res incredibilis est in Hispania* (diz elle), *sed est vera, quod in Lusitania ad Oceanum, in ea regione ubi est oppidum Olyssipo, monte Tagro quaedam e vento certo tempore concipiunt equae.* A fabula de Varrão a acreditou Columella e Plinio; este chama a Lisboa cidade nobre pelas egoas que nos seus campos concebem do vento favonio. Salino e Silio Italico deram mais vulto a esta maravilha da natureza, de que Lactancio Fermiano se valeu para com ella persuadir aos gentios, que não havia repugnancia nenhuma, em que tenha por milagre da graça concebido uma virgem sem concurso de varão. Só foi Justino de todos os antigos, quem não acreditou tal facto, antes advertiu, que, o dizer-se que as egoas concebiam do vento, era uma fabula a que dera logar a summa fecundidade das mães, e egual ligeireza das crias.*

A boa qualidade dos cavallos peninsulares, por esta época, revela-se ainda pela estima que delles fazia J. Cesar, o qual os havia por uns dos melhores do mundo, formando com elles por muito tempo a sua guarda de honra.

Foi na Lusitania tambem que os historiadores romanos deram o nascimento desse cavallo, se

* Egoas da Lusitania, Memorias de Ac. R. das S. T. IX p. 160.

não fabuloso, monstruoso de certo, que tinha os cascos fendidos em cinco partes como as mãos do homem, o qual só consentia a J. Cesar, seu dono, estimando-o este a ponto tal que mandou collocar a sua effigie no templo de Venus; dizendo-se até, que um astrologo havia ao mesmo Cesar prognosticado, que, quem era senhor daquelle cavallo, viria a ter o imperio do mundo.

Emfim estes dados, embora incompletos, indicam-nos de algum modo, que no tempo dos romanos avultára entre nós e bem qualificada a producção cavallar. Nem podia deixar de assim ser no dominio de um povo que, respeitando e favorecendo mesmo a agricultura, estimava a cavallaria como nervo de seus exercitos, e que se ennobrecêra até pelo cavallo creando com os cavalleiros a segunda ordem da republica.

Caindo o imperio romano, pela invasão dos barbaros do norte (alanos, suevos, vandalos e godos) veiu a Lusitania, como outras provincias da Hespanha, a ser dominada por estes povos; os quaes, em muita consideração tendo o cavallo que seus aborigenes (segundo a mythologia allemã) consagravam aos simi-deuses Woclin e Feyr, tributando-lhe até o culto de uma caudelaria especial, e tendo tambem como grande honra o ser cavalleiro, haviam de certo, por força destes sentimentos, não desestimar este brioso animal, antes sim promover a sua criação. Mas por outro lado, havendo em menos conta a agricultura, que tributavam em demasia e deixavam quasi como mister ignobil aos vencidos, não poderia nunca o numero de cavallos, e bons cavallos, crescer bastante, porque esse numero cresce na proporção dos meios de seu sustento, que só bem se garantem por uma boa agricultura, quando não hajam á disposição ubertosos pastos, embora espontaneos sejam. Além disto, rompendo a cada passo sedições e guerras entre estes povos, guerras de destruição e devastação de tudo e por tudo, não era cousa mui facil assim dar grande incremento a este genero de producção.

Assim temos para nós, que, com o dominio dos godos, se a quantidade de cavallos não decresceu, tambem não augmentou.

Com a queda da monarchia gothica, vieram os arabes, os quaes, conquistadores mais cultos, estimando o cavallo como dever religioso, que lhes impunha a lei do Propheta: — «considerar o seio da egoa como um thesouro de suprema riqueza, e o dorso do corsel um logar de honra;» — não podiam, sem manifesto sacrilegio, e em tempos de fé tão fervorosa, deixar de pôr por obra, o que neste ponto o Alcorão lhes ordenava como preceito; isto é, promover tanto quanto possivel lhes fosse a producção do animal favorito do Propheta. Mas não o poderam fazer, tanto como desejariam, porque nunca conseguiram firmar solidamente sua conquista. Renhida foi por seculos a disputa da Peninsula, entre mulsumanos e christãos, e mais de uma vez aqui se levantou a mão do mouro contra o proprio mouro, a do christão contra a de outro christão; e n'um estado de cousas assim, em que a agricultura, se não era desconsiderada, existia muitas vezes á sombra dos arraiaes e acampamentos, em que o lavrador deitava á terra a semente que havia de ser regada com sangue de homens, e as searas taladas pelas hostes inimigas; não era cousa muito facil cuidar bem da criação de cavallos, embora della se cuidasse.

E com tudo as chronicas desses tempos tão bellicosos, dão uma immensa cavallaria ás partes belligerantes. Nella estava a força dos exercitos. Milhares de esquadrões seguiam o pendão da meia lua, mas affrontavam estes outros, não menores, que seguiam o da cruz. Só de Castella levanta o Cid sete mil cavallos; na Hespanha christã reune vinte mil Affonso XI; e com vinte mil marcha o rei catholico sobre Velez-Malaga, e outros tantos empenha na expugnação de Granada; e o que é mais do que isto tudo, Affonso VIII, ao marchar para as Navas de Tolosa, passou revista a seu exercito em Toledo, onde iam quarenta mil cavallos e setenta mil carros de provisões, equipagens e bagagens, que suppõem talvez cento e quarenta mil cavallos mais!

É provavel que haja exageração nestas chronicas. E, concedendo mesmo, que o *mozarabe*, ente mixto de godo e mouro, christão nos sentimentos e musulmano na fórma, agricola e laborioso, indifferente aos partidos belligerantes, e algumas vezes até por elles respeitado, concedendo, repetimos, que elle se désse com empenho á producção de cavallos, porque era genero bem procurado, apreciado, e por isso de extracção facil, o que sempre anima qualquer producção; ainda assim julgâmos que se não justifica com isto tão assombrosa cavallaria, que as chronicas dão a esses tempos. Se tal houve, sômos mais levados a crêr, que nesse numero fabuloso de cavallos, existiam considerados como nacionaes, em vez antes de naturalisados, esses, que não poucos eram, que d'além mar trazia o mouro a soccorrer o irmão da Peninsula, e que o successo dos combates fazia muitas vezes passar á fileira dos christãos.

Comtudo não queremos com isto dizer, que deixasse de ser notavel por esses tempos a producção cavallar. Foi-o de certo. E mais ainda, a par dessa producção, ia o maior aperfeiçoamento de suas raças, pelos ginetes arabes que então abundavam. O rei mouro de Granada tem em seus estados uma excellente caudelaria, e punha mais homens de cavallo em campo, que os outros reinos de Hespanha, com serem os mais delles muito maiores que os de Granada.* Hoje ainda é dahi, como do resto da Andaluzia, partes onde os arabes por mais tempo se conservaram, que a Hespanha tira os seus melhores e mais famosos cavallos.

Assim pois, é nosso sentir, que nas épocas a que nos reportâmos, podéra a Hespanha de certo, melhorar bastante as suas castas cavallares, pelo

* Severim de Faria. Nat. de Portug.

sangue oriental que o mouro importava nos seus fogosos corseis, e mesmo mais algum impulso dar á sua producção, que assim o exigiam as necessidades da guerra; mas nunca esse extraordinario desenvolvimento que as chronicas rezam. E se o houve, de certo que se não estendeu egualmente a toda a Peninsula, por quanto parece que Portugal, ao tempo de constituir-se em estado independente, não era a tal respeito dos mais favorecidos.

Veremos no segundo artigo, qual era por esta época, e qual foi dahi em diante, o estado da nossa producção cavallar.

(Continúa.) *S. B. Lima.*

Estudos sobre Cabo Verde.

(Continuação.)

O sal na ilha do Maio, na da Boa Vista e na do Sal — Sua producção, e rendimentos para o estado. — Considerações geraes.

No tempo das maresias arroja o mar as suas vagas agitadas para a salina, em dias consecutivos, e como o terreno está já convenientemente preparado com a agua doce das chuvas anteriores, estes jactos de agua salgada começam a christalisar-se, operação esta que se realisa até fins de abril, em que pela acção do sol e do vento das brisas, se congella de todo. Chegando a este estado marca-se dia para *a abertura da salina*, que é como o acto em que toda a população toma posse do producto da mesma salina.

Esta posse fazia-se antigamente por meio de um verdadeiro tumulto, em que havia sempre muita pancadaria, e quasi sempre até derramamento de sangue, sem que a auctoridade podesse cohibir essas desordens, tanto por não ter força com que impozesse respeito aos turbulentos, como talvez tambem por falta de geito; e com especialidade por falta de disposições policiaes, ordenadas pelo governador geral. Desde a vespera, todos os homens, incluindo os proprios escravos (que eram sempre os mais insolentes por contarem com a protecção de seus senhores) iam acampar-se nas visinhanças da salina, onde passavam a noute guardando-se e vigiando-se mutuamente; cada um destes homens estava armado de uma enchada, instrumento indispensavel para a posse, que se realisava como se vae vêr.

No dia designado, e á hora marcada ouvia-se o signal para a abertura, e então ésta multidão precipitava-se sobre a salina, e apenas a ella chegavam os mais velozes, começavam de abrir com a enchada um rego, com a maior extensão que podiam, e que ía terminar onde tinha começado para marcarem o que ficava sendo sua propriedade. É nesta occasião que appareciam as desordens; os mais ageis tomavam um maior quinhão, os mais vigorosos empurravam e expelliam aquelles que o eram menos, e tomavam-lhes o seu quinhão, ou pelo menos uma boa parte delle: nestas pendencias o que tinha mais escravos era quem ficava de melhor partido, visto que era uma questão de força bruta.

Não se fazia ouvir as mais das vezes a voz da auctoridade, e não se podia tambem ouvir, ainda que ella tentasse fallar a todos estes homens impellidos pela ambição, e pela raiva; mas o peior ainda é que, pela maior parte, estas desordens ficavam impunes! A auctoridade que não tinha podido preveni-las, menos podia castiga-las. Era uma scena de anarchia, de verdadeira anarchia ésta.

Ainda em 1842 tiveram logar estas desordens. Quando cheguei em junho áquella Provincia como secretario geral soube que esse anno tinha sido egual aos de 1840, e de 1841, em que eu quasi as tinha presenciado, como particular.

O sal contido nos limites da demarcação ficava sendo propriedade do que a tinha feito, ou daquelle para quem o tinha sido; e para isto não havia distincção entre livres ou escravos, entre nacionaes ou estrangeiros; todos tinham egual direito á participação da salina, porque este provinha-lhes do facto material da residencia, e não da qualidade de cidadãos. Principio que me pareceu absurdo, porque por um lado era causa permanente das desordens promovidas pelos escravos, favorecia á custa dos mais indigentes os mais poderosos, os mais ricos, os senhores dos escravos, que augmentavam os seus haveres com os haveres destes; por outro lado, porque dava tantas garantias ao estrangeiro, que não pagava os mesmos tributos que o nacional, que não estava obrigado aos encargos geraes e municipaes, que pesavam sobre o nacional, como dava a este, que supportava e não tinha por isso compensação alguma.

Por este systema, ou antes por esta falta de systema, na abertura da salina, é facil de colligir que uma grande parte, e por ventura a maior parte da população ficava privada da sua quota parte do sal da mesma; esse ficava *indemnisado* (?) com o direito illusorio de sua *vez* para o embarque, quando havia embarcações á carga. Esta *vez* era computada n'um certo numero de alqueires para o chefe da familia, e outro para cada um dos membros da sua familia, ou para *cada familia*, como lá se diz, *da sua casa*. Os que não tinham tido sal vendiam a sua *vez* a algum negociante, os que o tinham tido vendiam-no tambem, e mais a *vez*, ora ao mesmo, ora o *genero* a um, e a *vez* a outro. É evidente que a indemnisação do primeiro era illusoria.

O embarque do sal fazia-se por meio da roda, e era para então que serviam as *vezes*; e esta roda era administrada por uma commissão eleita por todo o povo: era o suffragio universal, em que só não tomavam parte as mulheres, os escravos e meninos. Eleita esta commissão, dividia-se desde logo toda a população em duas classes, a dos negociantes, e a do povo, cada uma das quaes nomeava um procurador junto á mesma commissão, o qual tomava o nome da classe que o tinha eleito:

o procurador dos negociantes, e o procurador do povo.

Cada um dos membros da commissão, e dos procuradores tinha em recompensa do seu trabalho um numero de logares em cada navio; ou o direito de embarcar um certo numero de alqueires, além do que lhe pertencia como individuo.

Tirados estes logares, dividia-se ao meio a carga do navio que se apresentava a comprar sal, metade pertencia aos negociantes e a outra metade ao povo; mas isto sómente se fazia regularmente quando o navio comprava o sal com dinheiro á vista. Se levava letras, ou fazenda, ou se fa consignado a qualquer negociante, o consignatario, o que recebia as letras, ou tomava as fazendas, carregava só de sua conta obrigando-se a ser-lhe descontado nos navios futuros o que de mais tivesse carregado. Como era natural appareceram abusos: forjavam-se consignações mentirosas, inventavam-se letras para pagamento de sal, quando este tinha sido feito a dinheiro, e a indemnisação não se chegava a realisar.

Em 1840 pretendeu o governador geral pôr cobro nestes abusos, prohibindo a acceitação das consignações e das letras; mas o remedio empeiorou o mal. A falta de embarques, que até alli se fazia sentir em relação á parte do povo, em consequencia da fraude, extendeu-se a toda a ilha em consequencia da prohibição: o povo já não era illudido, mas o sal accumulava-se na salina por falta de navios, por isso que não se podiam acceitar as letras, por isso que as consignações não eram permittidas: e o estado era quem mais soffria.

A commissão não se importava com o povo pobre, attendia só aos ricos, porque desejava ser reconduzida, lisongeando a estes, tinha a certeza de ser reeleita sempre que lhe fizesse conta. Por esse motivo não olhava para a salina, e como ninguem era individualmente interessado nella, íam-se amontoando os residuos que as marés e as chuvas para alli arrojavam, ou transportavam das alturas; por este modo ia-se obstruindo a salina, tornando o sal de qualidade mais inferior, e a sua quantidade muito menor. A producção de 1842 tinha sido de dous mil moios pouco mais ou menos, pela maior parte muito miudo e escuro, quando já tinha sido de mais de tres mil havia dez annos pouco mais ou menos.

Tal era o estado das cousas nesta ilha, que levantaram nella um clamor unanime contra o modo da abertura da salina, contra a administração da roda, e contra o modo de a constituir: e não menos contra a direcção da salina, dividindo-se comtudo em tres opiniões sobre o que convinha que se lhe substituisse. Uns queriam que a salina fosse aforada a particulares; era a opinião dos ricassos que queriam ficar mais ricos á custa do povo: outros queriam que se tratasse de obstar a que a salina se obstruisse mais do que estava, mas conservando-a nesse estado para não crescer a producção do sal, que temiam embaratecesse no caso de crescer muito; era a opinião dos mais antigos da terra: e os demais, que se limpasse a salina por conta e trabalho do povo, continuando este no uso commum della; era a opinião mais numerosa.

(Continúa.) *J. M. de Sousa Monteiro.*

Cezarina

X.

Conclusão.

A datar deste dia, a senhora d'Ermenon ficou vivendo em casa de Grandin. Tornou a vêr todos aquelles que conhecêra n'outro tempo, o pae e a mãe de Cecilia, e o pae de Heitor, que lhe tomou amor como a uma filha.

O que lhe promettêra a sua amiga realisou-se. Heitor dobrou a pequena fortuna de Julieta; mas, mau grado seu, a presença contínua da mulher que tanto havia amado, que ainda totalmente não esquecêra, mergulhava-o de vez em quando em tristezas repentinas; o que não escapava, nem a Cecilia, nem ao pae Grandin, nem a Julieta.

Esta chamou um dia a sua amiga, e annunciou-lhe a sua resolução, de se ír embora de sua casa

— Comprehendo o nobre sentimento que te dicta este procedimento, respondeu-lhe Cecilia. Percebeste o effeito que a tua presença causou em meu marido, e tu tens mêdo, permanecendo aqui mais tempo, mover-me dissabores; está socegada que não sou ciumenta. Gosto mais de vêr Heitor assim, do que indifferente; isto prova-me que tem um coração sensivel. Continúa pois a viver comnosco, minha querida, conclue a sua cura. Se te fosses embora, a saudade se lhe avivaria, e isto seria peior.

As duas amigas lançaram-se nos braços uma da outra. Julieta resolveu-se a ficar.

Da sua parte, o ex-tabellião tambem chamou seu filho.

— Sê franco commigo, lhe disse elle, tu amas ainda a senhora d'Ermenon.

— Não, meu pae, não a amo como outr'ora; mas depois que ella aqui está, sinto-me outro que não era até aqui.

— Pois é preciso dar remedio a isso, tanto para teu socego, como de tua mulher.

— Nós não havemos de despedir a senhora d'Ermenon.

— Não, mas podemol-a casar.

— É verdade, balbuciou o mancebo, um pouco enleiado a este meio. Esse expediente é superior a todos. Tivestes boa lembrança; mas com quem ha de ella casar?

— Com Julio d'Ivry.

— Elle gosta della?

— Gosta.

— E ella?

— Ella não o amará ainda, mas virá a amal-o. Elle é rico, novo, e bonito rapaz.

— Sim, sem duvida, não deixará de agradar-lhe, tornou Heitor, passando a mão pela fronte, como para afugentar um pensamento aferrado.

— Se casarem, continuou elle, hão de dar-se bem.

— Pensas isso?

— Sim.

— Que te parece então, vou dizer a Cecilia para que falle neste negocio a Julieta?

— Ide, sim, meu pae.

Heitor, depois desta conversação, encerrou-se no seu gabinete. O que elle alli fez, ninguem o soube; viu-se sómente que, quando saiu, trazia os olhos vermelhos, como de quem muito havia chorado.

Entretanto o pae de Grandin communicára á sua nora o que se havia decidido entre os dois, pedindo-lhe de averiguar a este respeito os sentimentos da senhora d'Ermenon.

— Farei o que tu quizeres, respondeu Julieta á consultante.

— Pois então não te cases ainda, atalhou Cecilia.

— Porque?

— Porque isso muito penalisaria Heitor.

— Não te comprehendo.

— Quero dizer que elle ainda te ama, e se tu agora te fosses, seria eu que padeceria. Peço-te pois ainda seis mezes para levar ao cabo a sua cura radical.

E não obrava Cecilia, nestas circumstancias, como esposa delicada e mulher de espirito?

Passaram-se os seis mezes, e durante este tempo, usou para com seu marido de tanto amor e carinhos, que insensivelmente Heitor esqueceu o que ella tinha a peito fazer-lhe esquecer.

Por outra parte Julio d'Ivry avançára tão denodadamente na conquista da senhora d'Ermenon, que esta aguardava já quasi com impaciencia a auctorisação da sua amiga.

— Tens o meu consentimento, disse-lhe um dia Cecilia, apertando-lhe a mão.

— E Heitor? tornou Julieta com um sorriso, cujo sentido só a senhora Grandin podia comprehender.

— Heitor consente, assim como eu.

O casamento realisou-se, mas o senhor d'Ivry está quasi sempre doente, em quanto que Cecilia e seu marido vivem sempre contentes, sem que nada ameace a sua felicidade.

Se passardes, n'um dia de festa, pelos Campos Elysios, entrae na barraca que tem por cima este distico:

ANIMAES FEROZES
DOMADOS POR MADEMOISELLE CEZARINA.

Fallae a esta mulher de Cecilia e Julieta, e ella vos contará, se vos demorardes, a historia que acabaes de lêr, á excepção do que é relativo ao tio Gabriel.

Em um dos anniversarios dos dias de julho, Cecilia, deparando com a barraca da cigana, não pôde resistir ao desejo de lhe noticiar até que ponto a sua predicção se havia cumprido; o que faz com que Cezarina relate este acontecimento com ufania e vangloria a quem a quer ouvir.

Se tendes confiança nella, interrogae-a sobre o futuro de Julieta, e ella vos dirá que o seu segundo casamento pouco mais feliz será que o primeiro. Que Julio d'Ivry morrerá moço, que lhe deixará comtudo um filho, que feliz será a sua consolação por tudo o que tem soffrido; mas que se lhe houvesse dado credito, e desposasse Heitor, teria sido a mulher mais venturosa do mundo. O que está sendo Cecilia.

Quanto a Bourdaloue, continúa arrazoando sempre; mas suas forças tem diminuido a ponto que já não levanta senão pesos de cincoenta libras.

Insignias militares em 1719.

Continuação.

§ 13.º—*Dos ajudantes de tenente, que hoje são ajudantes de campo.*— O ajudante de tenente de mestre de campo general, toca-lhe trazer uma bengala de quatro pés de comprido, com um gastão de prata e um—A—nelle.

§ 14.º—*Dos quarteis mestres.*— O quartel mestre general, toca-lhe trazer bastão de bengala de tres pés de comprido e um dedo de grosso, com um gastão de prata sómente, em cima.

§ 15.º—*Dos sargentos móres e capitães de mar e guerra.*— O sargento mór, toca-lhe trazer bengala de tres pés de comprido, e que seja grossa, com gastão de prata, sómente em cima, que não tenha bolla; e aos capitães de mar e guerra toca-lhes a mesma insignia.

§ 16.º—*Do védor general.*—Ao védor general toca-lhe bengala de quatro pés de comprido, que seja grossa, com gastão de prata pequeno.

§ 17.º—*Dos tenentes generaes d'artilheria.*— O tenente general d'artilheria toca-lhe bengala de tres pés e meio de comprido, com um gastãosinho de prata, em cima uma peça de artilheria.

§ 18.º—*Do commissario general, e tenente do mestre de campo general, que hoje são tenentes coroneis.*— O commissario general de cavallaria toca-lhe trazer uma róta *(canna da India)* de tres pés de comprido, com gastão prata.

O tenente de mestre de campo general bengala de tres pés de comprido, e um dedo de grosso, com gastão de prata. Hoje são tenentes coroneis, e toca-lhes a insignia conforme aonde servirem.

§ 19.º—*Dos tenentes generaes de cavallaria, hoje coroneis della.*—O tenente general da cavallaria, toca-lhe uma róta de tres pés de comprido, que seja delgada, com gastão de prata dourada. Hoje são coroneis, e toca-lhes a mesma insignia.

§ 20.º—*Dos coroneis, ou mestre de campo* — O mestre de campo, ou coronel, toca-lhe bastão delgado de tres pés de comprido, com gastão dourado; e destes postos para baixo, não o podem trazer dourado.

§ 21.º—*Dos governadores.*—Os governadores de castellos, torres, ou praças, toca-lhes bastão de tres pés de comprido, e dedo e meio de grosso, com gastão de prata, em cima com bolla.

§ 22.º—*Dos generaes.*—O general d'artilheria, bengala delgada de tres pés de comprido e gastão dourado.

O general de cavallaria, uma róta delgada de gastão dourado, de pé e meio de comprido.

O mestre de campo general, toca-lhe bengala delgada, de pé e meio de comprido, com gastão dourado.

O general sem guião, ou governador das armas, toca-lhe bastão de dois pés de comprido, e dedo e meio de grosso, gastão de bolla dourada.

O general de guião, ou generalissimo, toca-lhe bastão de pé e meio de comprido, tres dedos de grosso, com bolla dourada em cima. E que não seja o bastão negro, nem nenhuma outra insignia.

§ 23.º—*Do vice-rei.*—Ao vice-rei, que tambem é capitão general, toca-lhe um bastão curto, com dois gastões de prata, tamanho o de cima, como o de baixo; e deve pegar-lhe pelo meio.

§ 24.º—*Dos reis.*—O rei costuma usar de sceptro com uma empunhadura onde lhe pega, e virado com a ponta para cima.

F. S.

Fertilidade comparativa entre o antigo e novo mundo.

Ainda que com metade menos da extensão do antigo mundo, o novo continente comprehende, segundo o escriptor inglez *Maclaren*, egual ou maior quantidade de terreno productivo.

Procede isto de que a America, tendo a configuração de uma tira de terreno comprida e estreita, recebe até ao seu interior as fecundas emanações do Oceano; — em quanto que o antigo continente, muito mais largo, tem as partes centraes privadas da humidade sufficiente, e por isso estão desertas.

Dos 31,000,000 de milhas quadradas que occupam a Europa, a Asia e a Africa, apenas haverá uma terça parte productiva, e esta mesma pobre. Dos 13,900,000 milhas quadradas que compõe o continente americano ha sómente 3,900,000 de terras estereis, isto é, que ficam 10,000,000 de milhas quadradas de terreno util. — E não só a proporção das terras uteis para as estereis é maior no antigo continente, senão que a sua força de producção é mais intensa. O milho, por exemplo, que em França e outros paizes produz 40 ou 50 por um, na America, termo medio, dá 150. — Segundo M. *Humboldt* uma fanga de terra que semeada de trigo dá sustento quando muito a quatro pessoas, cultivada de plátanos na America daria subsistencia a cincoenta individuos.

Destas e outras muitas considerações *Maclaren* deduz, que se os recursos naturaes da America fossem desenvolvidos, poderiam prestar subsistencia a 3,000,600,000 habitantes, isto é, a quasi quatro vezes mais a população que existe em todo o globo; e que este prodigioso augmento de população realisar-se-hia dentro de tres ou quatro seculos, a julgar pela progressão actual dos Estados Unidos do Norte, a qual todavia não é uma base infallivel do que póde acontecer no futuro.

Noticias diversas.

Theatro de S. Carlos. — As portas do nosso coliseu cerraram-se temporariamente para *Euterpe*; e os espectaculos d'opera foram substituidos pelos espectaculos de *jogos physicos e de prestigio.*

A transição teve um tanto d'extravagante; mas foi recebida melhor do que geralmente se esperava.

O público já não póde ir extasiar-se, e commover-se, ouvindo os apaixonados e sublimes cantos de *Nina*, *Sapho* e *Ildegonda*; resta-lhe agora ir admirar os lindos e variados jogos e illusões, que apresentam M.me e Mr. de Saint Hippolyte. — É uma compensação mesquinha: mas que remedio senão resignar-se com ella?

O vasto recinto de S. Carlos, ainda ha pouco rebombava com os applausos tributados á sympathica e talentosa *prima donna*, m.elle Sannazzaro; hoje, retumba tambem com os signaes de approvação concedidos a M.me e Mr. de Saint Hippolyte, que na verdade mostram ser dignos da fama que adquiriram nas differentes capitaes onde teem trabalhado, e merecem todo o elogio, pelo bom gosto, delicadeza e surprehendente agilidade com que executam os diversos jogos.

Theatro lyrico do Porto.—Em 2 do corrente voltou á scena a *Lucrecia Borgia*, fazendo o tenor Luiz Ceresa a parte de *Gennaro*.

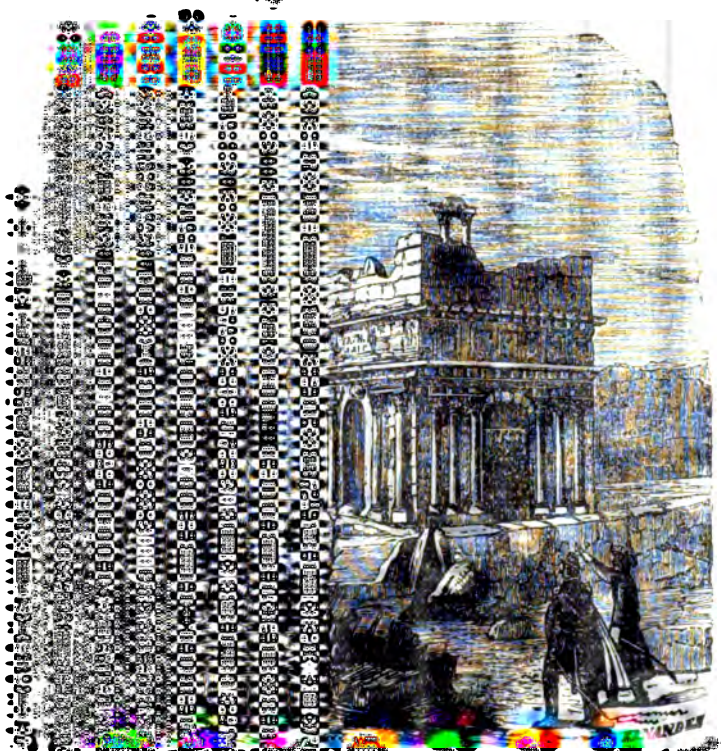
A nossa correspondencia particular, e os Jornaes do Porto, que temos á vista, affirmam que o desempenho da opera, ganhou muito com o dito tenor, o qual se distinguiu particularmente no duetto da introducção com o soprano, e no tercetto do 2.º acto.

O exito do bello spartito de Donizzetti, teria sido ainda mais satisfatorio (diz o nosso correspondente) se a parte de que se encarregou o baixo Angelo Alba, fosse apropriada aos seus recursos vocaes, e se no côro da introducção não tivesse havido tanta incerteza e desaccôrdo.

Lola Montes. — Um americano da Nova Inglaterra, M. Ware, trata actualmente da composição de um drama épico em inglez, cujo assumpto é a vida de Lola Montes. Este drama constará de cinco actos. Os dois primeiros conterão sua vida européa, e o auctor fará apparecer em scena o ex-rei Luiz de Baviera, a seu filho Maximiliano II, e o conde Pepin, secretario particular do rei Luiz; o tenente Heald e sua tia; a Eugenio Desjarnier, e a outras muitas pessoas de París dedicadas á litteratura.

A mesma Lola Montes é que encarregou este drama ao auctor, e ella propria é que deve desempenhar o principal papel.

experimentado egual profanação. Apenas se ergue intacta como desafiando os seculos, e zombando dos insultos dos homens, a elevada muralha que cinge e fecha toda a cidade. Os arabes acreditam que ella fôra construida por uma raça de gigantes, tão grande é a sua altura e desmedidas as proporções das pedras que a formam, que estão simplesmente justapostas e sem nenhum cimento que as ligue. Duas portas dão entrada em Tebessa. A de éste chamada *Bab-el-Djedid*, que conduz aos jardins; e a do norte chamada *Bab-el-Hadim*, que a nossa estampa offerece. Esta é um magnifico monumento em forma de arco de triumpho. As quatro fachadas, com uma porta cada uma, são sustentadas por vinte columnas de marmore, com capiteis primorosamente esculpidos da ordem corinthia.



cacia, se não são francamente apoiados pelo governo. — E não se diga que, por lá fóra se fazer muita cousa boa, em que o governo não é havido, nem achado, devemos desprender-nos do agasalho do nosso, e buscar em nós mesmos os meios de levar por diante muitas das idéas de interesse publico; nem que para isto baste a liga das resoluções, e a irmandade dos votos de uma duzia de cidadãos patrioticos; porque uma e outra cousa tem-as entre nós desmentido a experiencia de todos os dias.

Desenganemo-nos, neste ponto como em outros muitos, a nossa terra não se parece com nenhuma em que a civilisação progride. — Aqui ha a luctar com invenciveis obstaculos, sendo o maior de todos a inercia, nascida da mesquinha instrucção. — Quando as idéas se não comprehendem bem, não se estimam, nem se acolhem com aquella fé e amor ardente do proprio que as gerou. — Depois, esta falta de sociabilidade e tracto, tanto commercial como moral dos povos, causada pelo isolamento a que os condemna o estado physico e economico do paiz; o descostume de se vêr o interesse individual de todos favorecido proporcionalmente quando alguma vez interesses particulares se tem associado para um fim, inclinam ao individualismo, desunem as aspirações e levantam a barreira da desconfiança, diante do objecto em que todos aproveitam. — Cada um não avalia como bem, senão o que directa e promptamente póde gosar. Cada um não espera, não pensa e não vive senão de si mesmo. — Sômos um aggregado politico e administrativo, mas não nos prendem, nem os gosos materiaes liberalmente comprehendidos, nem o communismo dos sentimentos revelados pelo dedo omnipotente da sciencia. Que quereis? O apostolo mais fervoroso, a palavra mais vehemente, a doutrina mais persuasiva, a aspiração mais nobre, generosa e sublime estão fadados por um genio malfazejo a tropeçar nesta lage fria, que nada aquece, e a gravar nella com seus restos estroncados a renuncia de sonhadas illusões.

Mas o governo, que tem na sua mão os fios de todos os interesses, que os póde atar e tecer da fórma a mais vantajosa para todos, que resume a sabedoria da nação, ou que pelo menos está acima da insufficiencia do maior numero de intelligencias, esse é que nós quereriamos vêr em campo, nesta como em outras emprezas, a supprir, a vencer com os meios de que dispõe, a mudez e indifferença nacional.

Já não é airoso para um governo, que um particular esteja dando lições destas; não aproveital-as, não perfilhal-as, não ir na frente dellas, muito mais desairoso se torna. Solte-se por uma vez o governo dessa esphera vaporosa de dialectica insulsa, e venha entre nós pisar este terreno menos resvaladio, mais justo e positivo da realidade e da pratica; não lhe vae desdouro em descer das nuvens de fumo, que illudem com suas miragens bizarras, para estas verdades sem pompa, que guiariam um cégo a bom caminho.

A exposição dos gados importa immenso alcance na obra da regeneração agricola, e acerta uma preciosa pedra no edificio da prosperidade geral.

A sua maior vantagem ainda não é a publicidade do estado em que vão os nossos gados, por via da qual se assente com sciencia certa os artificios da sua producção, e a escala do seu consumo; é, segundo pensâmos, a de despertar a attenção dos lavradores para um genero que começa a ser estudado e apreciado pelo publico, é a de mover-lhe a vontade, seja por timbre de sobresahir, seja por emulação, seja pelo engôdo do interesse no premio ou na procura, a que consagrem uma maior parte dos seus cabedaes ao augmento da quantidade e ao apuro das qualidades das nossas raças, ou á introducção de outras melhores; é, em summa, de vêrmos generalisados os novos methodos da cultura, inseparaveis e sempre baseados nos gados, que ampliando e variando a productividade do sólo, augmentam e melhoram as subsistencias e as materias primas, dão incremento á população, fertilidade ás industrias, vigor ao commercio interior, origem á exportação de generos e productos em que ora sômos tributados. Os gados preparam tudo isto; primeiro e ultimo ello da producção agricola, são tambem elemento constante de toda a evolução economica; alavanca maravilhosa prestavel pela força, util pela velocidade, necessaria pela massa, confeccionada em mil fórmas proveitosas e agradaveis.

Uma exposição donde podem advir tão fructiferas consequencias, tem jús a um empenho sincero e official da parte do governo, que por certo não as ignora, até porque abandonada ás diligencias de um individuo, por mais incansaveis e atiladas que sejam, corre risco de contraproduzir, realisada, como esta vae, tão pobrissimamente. Estâmos persuadidos, que para levar a effeito uma exposição pecuaria completa e proveitosa, carece-se primeiro que tudo, de definir bem claramente o seu fim, o seu alcance, e todas as suas consequencias: errado o fito, ou não se acham ou não se aproveitam judiciosamente os meios. Nova razão para querermos que seja o governo e não o particular que use da iniciativa em negocios destes, porque o governo naturalmente não ouve, não se aconselha com um só homem, mas com um certo numero delles, em que descobre a competencia conveniente. Na exposição deviam comparecer exemplares de todas as nossas raças indigenas, aclimatadas ou mestiças, e até, sendo possivel, de todos os rebanhos e manadas de gado; e não um ou outro notavel por qualquer razão. Um juiz fiel e verdadeiro assim, é impossivel.

Para persuadir os lavradores a mandar dos diversos typos de seu gado, um exemplar ao menos, bom ou máo, ou para os aconselhar na escolha dos que eram dignos de mostrar-se, muito serviriam as sociedades agricolas dos districtos, correspondidas e instruidas com um conselho ge-

ral de agricultura, residente na capital. Já lembrámos, fallando da exposição agricola, a necessidade desta creação. Mas na falta de uma e outra cousa, uma commissão de pessoas competentes pelo estudo ou pela experiencia, com um delegado em cada districto, e nomeada com a precisa antecedencia, podia preencher estas funcções preparatorias e as de jury, terminada a exposição. — É innegavel que por esta arte não sómente havia de concorrer maior numero de exemplares á exhibição, senão que o jurado achar-se-hia munido de muitas noticias e esclarecimentos importantissimos para estabelecer em bases conscienciosas as suas conjecturas.

Para encurtar as distancias do transito, e desfazer os maiores embaraços que os lavradores sentem para acceder ao convite, quereriamos em vez de uma exposição e n'uma só localidade para todo o reino, exposições provinciaes, na época mais opportuna e commoda ás lides ruraes. Lisboa seria o local da exposição para o gado da Estremadura; o Porto para o gado do Minho; Coimbra para o da Beira; Evora para o do Alemtéjo, etc., ou outros pontos que mais adequados se julgassem.

Para facilitar o transporte, as custas de conducção e alimentação dos gados, o sustento e salario dos conductores deviam ser satisfeitos, ou pelo governo, ou pelo cofre do respectivo districto. — Desta maneira convertia-se n'uma simples velleidade do lavrador, o que, da maneira como se tentou, sobretudo para o que não é abastado, se torna um sacrificio superior ás suas possibilidades. — Como póde passar pela cabeça, que o gado raiano de Traz-os-Montes, ou do Minho, de um lavrador, já não dizemos pobre, mas mesmo abastado, atravesse todo o paiz para vir a Lisboa, fazendo em ida e volta uma despeza improductiva, enorme para as economias do campo, arriscado a mil contratempos, e isto sem que o proprietario veja um interesse immediato que o recompense? — Lá fóra praticam-se destas africas, ha coragem para estes e maiores sacrificios, porque ha a instrucção que lhes faz comprehender os resultados, porque ha a devoção ao interesse commum, porque os interesses particulares estão perfeitamente identificados, porque as vias de communicação que tem apertado os vinculos da vida moral e economica dos povos, facilitam-lhe a possibilidade de reunir ou de dispersar quasi por encanto, seja as suas proprias pessoas, seja os seus valores, ou as suas propriedades. Neste ponto, como já dissemos, o nosso paiz está muito atraz dos outros, e é um absurdo exigir sacrificios, que nem o interesse, nem a instrucção podem significar ao maior numero.

A exposição, ou exposições de gados, podiam sem inconveniente algum combinar-se com as corridas. Estas, além de promover maior concurso, tanto de espectadores como de exemplares exhibidos, abrilhantariam o facto, e revestil-o-hiam de certa pompa e attractivo que debalde se procurou dar á actual exposição. Sendo aliás as corridas, assim de cavallos, como de gado vaccúm, jungido á diversos instrumentos aratorios e maquinas agricolas, um excellente meio, talvez o unico, de bem precisar a força, a velocidade e mais qualidades dynamicas do gado de trabalho.

Eis-aqui alguma cousa do que nos occorreu, visitando a exposição dos gados. São impressões fugitivas, e não um parecer.

Julgavamos que ellas ou outras equivalentes estivessem na mente do governo, quando se annunciou o programma desta exposição; e já de antemão nos preparavamos para gosar de um espectaculo, digno pela fórma e pela essencia de um povo civilisado. — Soffremos uma decepção; vertemos o nosso fel como espectador; competenos agora toda a indulgencia, sem deixar de ser verdadeiros, na apreciação analytica dos objectos que mais nos captivaram, o que faremos no proximo numero.

Não desejâmos que a severidade da critica vá matar o pensamento, nem que o que fica escripto se tome á conta de desagradecimento, nem para com o benemerito auctor, que sômos o primeiro a elogiar por haver hasteado entre nós uma das bandeiras da religião economica, nem para com os poucos criadores que annuiram a este convite, soldados de uma milicia esperançosa, á qual está commettido grandioso papel na reparação de nossos passados erros.

(Continua.)

Lapa.

Sociedade protectora dos animaes.

Com este titulo extrahimos da *Illustração franceza* de 17 de abril deste anno, o seguinte artigo que julgamos será lido com interesse pelos assignantes da *Revista*, attenta a sua excellente doutrina.

O direito do animal domestico á compaixão, e aos cuidados do homem, é um direito que este não póde violar, sem que se revolte irada a sua consciencia, sem que sinta abafar-se-lhe no fundo de seu coração um sentimento nobre, sem que se degrade a seus proprios olhos.

É porque este direito é sagrado; porque emana da lei divina, porque está escripto no livro por excellencia, no livro que contém a revelação.

Nos grandes pactos que o Senhor se dignou fazer com os homens, não esqueceu os animaes; elles alli tem o seu artigo especial.

Deos disse ao homem quando o creou: «Eu vos dou todas as hervas que produzem a sua semente sobre a terra, e todas as arvores que encerram em si o seu germe, cada um segundo a sua especie, a fim de que vos sirvam de sustento — e a todos os *animaes* da terra, — para que tenham de que se nutrir.»

E mais tarde, quando concedeu o perdão á humanidade na pessoa de Noé e de seus filhos, exprimiu-se assim: «Eu vou fazer alliança com vós e com a vossa raça que ha de succeder-vos,

— e com todos os *animaes viventes* que são vossos companheiros, tanto as aves como os animaes, domesticos ou selvagens. — Nutri-vos de tudo o que tem vida e movimento; Eu vos dou todas estas cousas como os legumes e as hervas do campo. — Eu exceptuo sómente *a carne misturada com o sangue, que vos prohibo de comer.* »

Os doutores judeos, e depois delles Salvador, na sua *Historia das Instituições de Moisés*, provaram que aqui a palavra *sangue*, no hebreu *nephech raia*, cuja traducção litteral é a alma vivente, exprime o *principio vital* dos modernos, que não é a alma propriamente dita, a qual pertence unicamente ao homem. Cumpre não olvidar o costume dos selvagens de comerem as carnes palpitantes, para comprehender toda a extensão e valor desta expressão: « Vós não comereis a carne *misturada com o seu principio vital*, quer dizer, a carne tirada a um animal, no qual ainda se não tenha extinguido a vida. Os rabinos desenvolveram-na neste sentido, porque dizem elles que é defeso arrancar um membro a um animal em quanto vivo, e de atormental-o de qualquer modo que seja. A prohibição de *comer o sangue*, considerada como medida sanitaria, refere-se áquella subsidiariamente. É doloroso o pensar que iguaes horrores se hajam renovado mesmo nos nossos dias! Eu li no ultimo relatorio da sociedade protectora, o facto recente de um homem (e tinha fórma humana) que, para obsequiar um seu amigo, cortou de um dos porcos confiados á sua guarda, um pedaço de carne viva, de que resultou ao pobre animal uma doença cruel, que terminou por um accesso de raiva.

Um dos relatorios dos annos precedentes, mencionava um outro acto da mesma perversidade. N'um redil da aldeia de Bilhères, cantão de Laruns, perto de Páu, um ladrão cortou e levou uma perna por cada uma das poucas ovelhas que alli existiam.

O dia de sabbado entre os hebreus era para o homem o dia da oração, e dos negocios publicos; para o animal domestico era um dia de completo descanço, que se lhe não podia recusar sob nenhum pretexto. — O *Deuteronomio* prohibe o jungir á charrua o jumento ao lado do boi, por causa de sua andadura; como tambem de açaimar a bôca do boi que debulha o grão na eira, a fim de que elle participe do beneficio do trabalho. — Elle manda dar gasalho ao animal transviado, sustental-o e tomar conta delle até que o seu dono appareça; prestar soccorro a todo o animal que caír n'uma cova ou sob o peso de sua carga.

« O justo, diz Salomão, tem dó da vida que arrastam os animaes que o acompanham; mas as entranhas dos máus são crueis.»

Lê-se em José: « Nosso legislador quer que nós usemos de bondade, mesmo para com os animaes. Elle prohibe-nos de matar os animaes domesticos nascidos debaixo do nosso tecto, de fazer morrer os filhos com as mães daquelles que nos é permittido comer. Elle tambem quer que se poupem os animaes que são nossos inimigos, e veda-nos que votemos á morte aquelles que nos ajudam em nossos trabalhos.»

A jurisprudencia dos hebreus, no dizer de Salvador, não esperou o bill Martin em Inglaterra, para declarar que toda a pessoa convencida de ter exercido um acto de crueldade sobre um animal ficava sujeita a uma pena correccional.

Antes de se offerecer em holocausto para a nossa salvação, o Redemptor preparou a sua entrada solemne na cidade de Jerusalem. Designou para sua cavalgadura um jumento que homem nenhum ainda tinha montado, o qual estava preso junto de uma porta. Os discipulos foram encarregados de o ir desprender e conduzir. Longe de nós, leigo indigno, a pretenção inconveniente de commentar a narração de S. Marcos; porém não nos será permittido, sem sermos taxado de irreligioso, aventurar uma simples conjectura? Ser-nos-ha vedado o vêr nesta passagem uma intenção de lembrar de novo ao homem que o animal, obra de Deus, assim como elle, occupa um logar e possue um direito neste mundo; que a lei de Moisés, confirmada e restabelecida, no que respeita ás relações do homem em face de Deus, e do homem em frente de seu similhante, não o está menos no que se refere ou regula os deveres do homem na presença de todo o ser que tem vida e movimento?

O animal eleito entre os nossos animaes domesticos é o que reune melhores qualidades. Elle é obediente, sobrio, paciente; tem um coração de oiro, uma memoria fiel, uma intelligencia prompta e solida. Foi escolhido na edade da alegria e da innocencia, exactamente na época em que homem nenhum ainda o tinha montado; quer dizer, tal como Deus o havia feito; quando o implacavel açoite não tinha ainda alterado o seu natural delicado, forçando-o á rebeldia e á preguiça; quando o excesso de trabalho ainda não tinha enfraquecido a sua coragem, que a força da necessidade não tinha podido vencer ainda a sua probidade e induzil-o, na falta de uma ração justa que se faz desejar bastante, á acção culposa de relvar n'um prado de phariseus o que mal póde apanhar a sua lingua. Homens crueis ou simplesmente descuidosos e negligentes para com as creaturas de que aproveitaes a força para vossa commodidade, comprehendei a lição!

(Continúa.)

J. M. Teixeira.

Os velhos retratos.

Novella.

Era eu então ainda moço, e, todo entregue ás ardentes preoccupações do presente, desprezava completamente o passado. Altivo, como todas as pessoas da minha edade, dotado de forças ainda não gastas nem experimentadas pela vida, de nada duvidava, regozijava-me de ter nascido na nossa época, e admirava-me nos meus contempo-

raneos. Quando volvia os olhos para o passado, não via senão preconceitos, superstições ou servilismo: á minha geração parecia-me abrir, na realidade, a historia, e carregar com o mundo como Atlas.

Daqui se originavam os meus soberbos desdens por tudo quanto não era do nosso tempo. Escarnecia das modas antigas, as velhas usanças faziam-me alçar os hombros, e fugia das pessoas de cabellos brancos! Orphão quasi desde o berço, tinha crescido no meio de companheiros da minha edade, sem parentes e sem amigos, cujo affecto podesse reconciliar-me com a velhice: por isso ella me desagradava igualmente nas pessoas e nas cousas; quando não me fazia rir, causava-me mêdo.

A minha existencia era alegre, ainda que espinhosa. Arrebatado pela actividade febril da moderna sociedade, sentia prazer em fazer nella as minhas provas. Similhava-me ao joven viajante, que se diverte em luctar com as ondas; mas por vezes o cançasso sobrevinha, e os meus desejos eram então de encontrar um canto de praia onde me assentar, e um raio de sol para me aquecer. Encerrado nos limites de uma estreita mediocridade, desejaria possuir essas azas de ouro, que fazem vencer as distancias. Obrigado a cuidar sobre tudo de mim para viver, quereria ter vagar de pensar nos outros para os servir.

Um inesperado acontecimento veiu arrancar-me aos meus trabalhos e aos meus sonhos: soube a morte de um primo afastado, do qual nunca tinha ouvido fallar, e que me deixava uma herança. A carta do tabellião reclamava a minha presença como indispensavel para apressar a tomada de posse. Foi portanto preciso decidir-me a tomar um logar na diligencia de Borgonha, que devia conduzir-me á aldêa outr'ora habitada pelo defuncto.

A jornada fez-se felizmente: um bello sol de outomno alumiava o campo, e os bosques estavam ainda coroados pelas suas ultimas folhas. Fallando a verdade, não me desagradou a provincia, até que cheguei a ***; mas alli disseram-me que era preciso deixar a diligencia e ir a pé até á povoação onde era esperado: eram duas legoas que tinha que andar por caminhos transversaes, bastantemente estragados pelas chuvas precedentes! O dia começava a declinar; e uma fria neblina de outubro se estendia já pelo fundo do valle. Puz-me a caminho, com bastante máu humor, dando ao diabo os paizes onde não ha carruagens de aluguer, e bordejando o melhor que podia por entre as rodeiras da estrada.

Infelizmente as indicações que me deram quando deixei a diligencia, foram insufficientes; todas as veredas existentes atravez das vinhas tinham para mim o mesmo aspecto; perdi-me muitas vezes, e era já noite quando cheguei á povoação.

Um homem, que encontrei, me disse que a senhora Felicidade (era a governante) estava orando na egreja. Foi preciso pois esperar o seu regresso, passeando no pateo com as mãos mettidas nos bolsos e o nariz enterrado na golla do meu *paletot*.

Esta sentinella, que fiz á porta da minha propria casa, seria divertida, se não fosse o cançasso e a nevoa que insensivelmente se transformava em chuva fina. Estava já com a paciencia quasi esgotada, quando finalmente appareceu uma velha criada com um ar meio burguez, e que eu reconheci pelo livro das horas que trazia na mão.

Vendo um desconhecido em pé junto ao limiar da porta, parou, e perguntou-me o que pretendia.

— Senhora Felicidade, respondi todo a tremer de frio.

— Quereis dizer *menina!* replicou a velha com voz aspera; sou eu; o que deseja o senhor?

— Primeiro, que me abra esta porta, disse eu; segundo, que me forneça meios para me enxugar.

E, para prevenir qualquer outra objecção, disse o meu nome.

Logo que isto fiz, esperava que a velha criada se desfizesse em satisfações; mas, com grande espanto meu, vi que começou a olhar-me com uma especie de suspeitosa hostilidade.

— Ah! o senhor é o herdeiro! exclamou ella com voz pausada; então vou prevenir o tabellião.

— Com mil diabos! disse eu impacientado; tratemos primeiro de nos abrigar; entremos, senhora Felicidade.

— Desculpe-me; confiaram-me a guarda da casa, respondeu resolutamente a velha; quero salvar a minha responsabilidade. O senhor póde ahi ficar; porque o senhor Gaspar decidirá o que devo fazer.

E, sem esperar resposta, virou costas, e sumiu-se por uma viella.

Comecei então a andar por differentes vezes os cem passos de terreno que ha em frente da minha herança. Ao cabo de meia hora, Felicidade tornou a apparecer, acompanhada por um homem gordo, corado, com oculos dourados, que se deu á conhecer como sendo o tabellião Gaspar, e a quem entreguei a carta que me tinha escripto, assim como os documentos comprovativos da identidade da minha pessoa. Depois de ter tomado conhecimento delles á luz de uma lanterna, quiz reconhecer bem se era eu *a pessoa em questão*, e ordenou que me deixassem entrar.

Durante estas formalidades, continuei a bater com as solas no chão a fim de aquecer os pés, e a amaldiçoar, em voz baixa, os tabelliães de aldêa. Quando a porta finalmente se abriu, declarei seccamente ao senhor Gaspar, que no dia seguinte iria a sua casa para pôr as cousas todas em regra, e entrei precipitadamente para um escuro corredor, sem o convidar a que me seguisse.

A velha criada brevemente appareceu com a sua lanterna, e conduziu-me para um salão antigo, mobilado com quatro cadeiras de palha, uma velha poltrona estofada, e não tendo por adorno senão duas figuras de gesso, representando Paulo e Virginia, collocadas sobre o fogão entre quatro jarros de jaspe.

A difficuldade que tinha tido em me fazer reconhecer, reunida ao incommodo produzido pela estrada e pela neblina, poz-me de máu humor, o qual não procurei mesmo occultar. Ordenei desabridamente á governante que me accendesse lume e me preparasse a ceia, em quanto eu ia tomar conhecimento do resto da casa.

Pegando então n'um velho e negro castiçal, em que havia um côto de vela, adornado por uma arandéla de papel, comecei a percorrer a habitação do defuncto primo.

Tudo correspondia ao salão em que tinha sido recebido. As tapeçarias desbotadas eram variegadas, em algumas partes, por peças mais novas, que lhes davam o aspecto de farrapos remendados; os moveis, de fórmas antigas e toscamente trabalhados, apenas guarneciam imperfeitamente aposentos mal fechados; desvélo, elegancia, commodidade, tudo faltava nesta velha habitação: alli encontrei, segundo a minha opinião, um testemunho eloquente da rusticidade de nossos paes, e mais uma prova de que o bom senso e o bom gosto só tinham verdadeiramente começado na nossa geração.

O quarto de dormir, sobre tudo, causou-me abalo: o leito, em fórma de ataúde, estava encerrado em quatro cortinas de sarja verde, picadas pela traça; sobre uma mesa, já sem gaveta, achava-se um jarro rachado e uma bacia de mãos de differente côr; finalmente, ao longo da parede, pendiam velhos retratos de familia, capazes de causar crises nervosas a um entendedor. Pintados em diversas épocas, representavam personagens de differentes profissões, entre os quaes notei um ecclesiastico, um commerciante, um juiz, um official, e finalmente um homem gordo *semi-burguez*, *semi-villão*, que a senhora Felicidade me declarou ser o seu defuncto amo.

A discreta governante tinha vindo participar que a ceia estava prompta; segui-a pois para o salão.

A mesa estava posta, e o seu aspecto causou-me impressão. A toalha que, em meu obsequio, tinha sido tirada de um armario reservado, era matizada de riscas amarellentas; os pratos de barro pareciam illustrados por immundos arabescos, que provavam o emprego do garfo e das facas; os copos, sem base, não se assimilhavam pouco aos copinhos das nossas antigas tabernas; finalmente, dois saleiros cambaios offereciam ao commensal, para tempêro, sal de cosinha e pimenta pisada.

A senhora Felicidade serviu-me uma magra sôpa e os restos de uma galinha choca, a quem a sua maternal sollicitude apenas tinha deixado a pelle e os ossos. A governante declarou-me que era este o sustento diario de seu defuncto amo; mas, por obsequio a mim, augmentou-o com tres maçãs quasi pôdres e um pedaço de queijo em perfeito estado de putrefacção!

Quiz provar o vinho; era uma surrapa turva, fabricada com a uva do refugo.

Mais descontente do que nunca com a minha viagem, decidi-me a ir para a cama. A velha alumiou-me até ao quarto de dormir. O grande leito funebre, os velhos e denigridos retratos ainda me desagradaram mais do que da primeira vez. Voltei-me então para a minha guia, e perguntei-lhe se havia algum corretor de leilões em ***.

— Corretor de leilões! repetiu ella; não sabemos o que isso seja.

— Pois nunca ha aqui vendas publicas?

— Queira perdoar.

— E como se faz então isso?

— O porteiro da camara faz um pregão por todas as ruas da povoação.

— Pois bem! mande chamar ámanhã o porteiro, e diga-lhe, que annuncie a venda de tudo quanto aqui se acha.

— De tudo! Então o senhor não guarda para si cousa alguma?

— Não.

— Nem mesmo as pinturas?

— Nem isso.

— Ah! o senhor de certo não fará tal cousa; olhe que são retratos de familia!

— Já disse que vendo tudo. Boas noites.

Dizendo isto, tirei o castiçal da mão de Felicidade, que saiu, levantando as mãos ao céu.

— E que quer ella que eu faça desses pannos esgaratujados? Ah! sim, hei de vender-vos, grutescas imagens, ainda que não fosse senão por odio aos tempos que representaes! Este triste interior é vosso; estes costumes de parcimonia e falta d'elegancia são os que haveis legado; esta vida, despojada de todos os encantos da civilisação moderna, é a vossa vida perpetuada pela tradição! Fóra daqui, barbaros! Nós não somos da mesma raça: entre nós nada ha de commum.

Fallando assim commigo mesmo, deitei-me na cama; porém o cançasso e o máu humor afastaram o somno. Peguei no volume da historia, que tinha trazido para me entreter no caminho, e depois no inventario da herança, que o tabellião me tinha entregue.

Tive então uma surpreza mais agradavel do que as outras. A importancia total da herança montava a muito mais do que eu suppunha, e tornava-me quasi rico! Esta inesperada descoberta diminuiu consideravelmente o meu despeito, e começou a tornar mais facil a digestão da pessima ceia que tinha tido. Puz-me a examinar detalhadamente o inventario, até que as cifras começaram a ondear diante das minhas palpebras meio fechadas: por fim, perdi a consciencia do que me cercava.

D'alli a pouco pareceu-me sentir rumor de passos á minha cabeceira; abri os olhos, e vi uma

duzia de personagens grupados na proximidade do meu leito. Todos traziam trajos antigos e differentes, nos quaes reconheci, com surpreza, os dos velhos retratos que guarneciam o quarto de dormir. Procurei-os logo na parede para fazer a comparação. Os respectivos quadros alli se conservavam suspensos! O que via pois junto a mim eram os antigos retratos da familia, aos quaes um milagre acabava de dar a vida!

Á sua frente apparecia porém um velho, que eu não tinha notado na collecção. As minhas vistas se fixaram no desconhecido, com uma curiosidade particular, que elle pareceu comprehender.

— Debalde procurarias a minha imagem entre esses retratos, me disse elle: no meu tempo nenhum pincel se daria ao trabalho de reproduzir as feições de um escravo como eu! mas comprehendi as miserias da minha condição, e, á força de trabalho, consegui comprar a minha alforria. Foi então, graças a ella, que um dos meus descendentes, que aqui vês, pôde instruir-se e fazer-se ecclesiastico.

Aquelle que tinha sido designado, avançou então.

— Os pobres e os opprimidos tinham necessidade de apoio, disse elle mansamente; sustentado pelo nome de Christo, tratei de lh'o prestar; ajudei a instruir o povo, a fazer-lhe amar o bem, a fortifical-o pela probidade, a esperança, a paciencia, em quanto a nossa familia se elevava lentamente á minha sombra, e tomava posto entre os honrados commerciantes da provincia.

Um terceiro interlocutor ergueu então a voz.

— Este posto transmittido por nossos paes, tratei de o engrandecer, disse elle com certo ar de importancia; nomeado syndico da minha corporação, obtive para ella novas immunidades; reunimo-nos para defender o fructo do trabalho contra a violencia, e fui um dos fundadores dessa corporação de cidadãos, que associou os interesses geraes debaixo do nome de *communs*.

— E eu, disse o que se achava mais proximo ao antecedente interlocutor, e que pela toga e semblante austero podia reconhecer-se por magistrado, contribui para que a lei prevalecesse sobre o capricho, e a egualdade sobre o favor. Os mais poderosos tiveram que submetter-se á decisão de juizes desarmados: a força curvou-se perante o direito.

— Não fallando em que ella se declarou sua auxiliar! accrescentou um official, cuja tez se achava crestada pelo sol; os descendentes do escravo de outr'ora acabaram por cingir a espada, e tornaram-se os defensores da patria e da lei! Desde que uma e outra pertenceram á nação inteira, esta derramou o seu sangue para as defender; tornando-nos soldados, todos nós passámos á classe dos nobres!

— Sim, proseguiu um ultimo interlocutor, em quem reconheci o retrato do primo, os meus antecessores conquistaram para os nossos descendentes a justiça e a liberdade; faltava diligenciar-lhes recursos; acceitei esta tarefa de formiga. Graças aos meus esforços, e á minha parcimonia, melhorei a pouco e pouco a pequena herança legada por nossos paes; engrossei as economias, engrandeci o patrimonio; deixarei aos meus successores seis vezes mais do que aquillo que recebi, e, graças á severa probidade da senhora Felicidade, tudo chegará intacto ás mãos do meu herdeiro. Por este modo ter-lhe-hei proporcionado vagar para que cultive a sua intelligencia, e liberdade para fazer bem; finalmente a felicidade de poder dedicar a sua vida aos outros, e de não ter que se occupar unicamente de si. Se for digno deste favor, estou certo que o saberá aproveitar; que ha de conservar, no fundo do seu coração, algum reconhecimento para com o homem que lhe proporcionou esta bella empreza; que longe de o escarnecer, ha de abençoal-o, e saberá sanctificar o que o velho primo economisou sobre si mesmo para generosamente o prodigalisar com os outros.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas com um accento tão penetrante, e tão profundo sentimento, que estremeci a meu pesar, e... acordei!

A luz estava quasi a apagar-se, os velhos retratos estavam nos seus logares, o inventario e o livro de historia tinham caído aos pés da cama; a minha visão não passava de um sonho!

Um sonho, ou antes a voz do bom senso, e da consciencia. Os velhos retratos eram bem realmente os symbolos do passado; cada um delles me recordava os serviços prestados por um seculo por uma classe. Eram elles que marcavam, por assim dizer, os passos do tempo sobre a estrada do progresso. Para quem sabia comprehendel-os, encontrava alli a glorificação da obra consummada pelos antepassados.

Assaltado por uma repentina idéa, estendi a mão para as quasi escurecidas telas, como se ellas podessem vêr-me e ouvir-me.

— Ah! perdão! exclamei; perdão, velhos soldados dos tempos que já foram; agora comprehendo o respeito que vos é devido. Tudo quanto hoje possuo, e com que tanto me tornava vaidoso, foi grangeado por vossas mãos; o presente não é mais do que a consequencia do passado, e a tradição o instrumento do progresso. Perdão, ó vós que apenas conhecestes a arvore da sciencia ainda pequena, mas que a regastes com os vossos suores e o vosso sangue; agora conheço que o meu orgulho era ingratidão; mas reservar-vos-hei d'ora em diante um santo logar na minha lembrança.

E vós tambem, vestigios de um tempo que já não sabemos comprehender, rusticidade de nossos paes, velhos e esquecidos usos, de hoje em diante não excitareis, nem os meus risos, nem a minha colera, porque saberei que sois as ruinas de uma civilisação que preencheu a sua tarefa.

Noticias diversas.

Madama Stoltz. — Por noticias vindas no ultimo paquete do Rio de Janeiro, consta que madama Stoltz não tinha feito ainda o seu *debute* no theatro italiano daquella cidade, nem mesmo se sabia quando teria logar. Parece que a celebre actriz mostrava decidida intenção de regressar quanto antes á Europa... para escapar á febre amarella!..

Suicidios. — Na semana finda tiveram logar tres suicidios: o de uma menina de 16 annos; o de um mulato, servente dos officiaes da fragata franceza — *Uranie;* e o de um individuo, que era soldado de lanceiros em abril do anno passado. Lamentâmos profundamente a existencia de taes acontecimentos, que ultimamente se tem tornado frequentes, e são indicio de uma grande enfermidade moral, que oxalá seja em breve extirpada.

Theatro lyrico do Porto. — No dia 7 foi á scena a *Lucia*, a qual foi recebida friamente.

A parte da protagonista não é propria para a sr.ª Raffaeli, a qual teve por isso de cortar os trinados na bellissima cavatina do 1.º acto; e não póde interpretar o rondó com a perfeição que seria para desejar: os duetos com *Edgardo* e *Asthon* disse-os bem.

Ludovici, não é baritono para o desempenho da parte de *Asthon*. Segri, portou-se discretamente. Ceresa *(Edgardo)* mostrou-se actor intelligente, e sobresaíu como cantor no dueto com *Asthon*, e no rondó final. A opera soffreu differentes córtes.

O scenario e vestuario foi inferior a tudo quanto póde imaginar-se.

Ilha de S. Miguel. — A cidade de Ponta Delgada, além de uma companhia dramatica, tambem actualmente possue uma companhia lyrica, composta, em geral, de amadores.

Esta companhia representou pela primeira vez, em maio proximo passado, no theatro de S. Sebastião, a opera *Hayde*, poesia do sr. Leite, musica de madama Casella, esposa do distincto *violoncellista*, que ainda não ha muito ouvimos em Lisboa.

O argumento é extrahido do celebre romance de Alexandre Dumas — *O Conde de Monte-Christo.*

A parte principal foi desempenhada por madama Casella.

Temos á vista os jornaes de Ponta Delgada — *O Correio Michaelense*, *A Ilha*, e a *Revista dos Açóres*, e todos elles são unanimes em tributar os maiores elogios não só ao merito da referida producção musical; mas egualmente á maneira brilhante por que foi desempenhada, tanto por parte da protagonista, como do resto da companhia.

Dias faustos e dias nefastos. — Em 1550, Pedro Van Bruhcsen, medico flamengo, publicou em Bruges — *Um grande e perpetuo Almanak* — no qual indicava com minuciosa precisão, segundo os principios de astrologia judiciaria, quaes eram os dias em que a gente não podia purgar-se, banhar-se, sangrar-se, fazer a barba, etc. O seu livro causou grande abalo em Bruges, e fez tão poderosa impressão, que a magistratura municipal prohibiu a todos os barbeiros de Bruges de fazer a barba nos dias designados por Van Bruhcsen como nefastos. Esta ordem excitou viva polemica entre os diversos medicos da cidade, em alguns dos quaes Bruhcsen encontrou tambem defensores!

Novo espectaculo. — Teremos brevemente em S. Carlos um espectaculo inteiramente novo para os habitantes de Lisboa. Mr. John Smith proporcionar-nos-ha occasião de gosar, em pouco mais de duas horas, da vista de todas as posições mais pittorescas das formosas margens do Mississipi, bellissimo e grande rio da America septentrional.

O panno sobre que se acham desenhadas as ditas posições, tem quatorze pés de altura, quatro milhas de comprimento, e fez consumir a Mr. Smith, eximio pintor americano, quatorze annos de continuos trabalhos.

Este magnifico panorama, que tão grandes fadigas custou a Mr. Smith, tem-lhe grangeado a geral admiração nas principaes cidades da Europa, onde tem sido visto, e é provavel que lh'a grangêe egualmente, em subido grau, na nossa capital.

Uma scena quixotesca. — Um periodico de París refere o seguinte caso:

Ouviram-se pela noite gritos desaforados na rua de Deux-portes, que pareciam vir do quinto andar de uma casa. Por uma janella aberta deste andar, saíram de improviso meia duzia de gatos, alguns dos quaes caíram sobre a multidão apinhada em frente da casa, agatanhando, mordendo ou confundindo varios dos circumstantes. Subiram immediatamente algumas pessoas á habitação do inquilino do quinto andar; encontraram-no em camisa esgrimindo a espada contra uma legião de gatos, cujas unhas lhe haviam já rasgado a face que estava toda banhada em sangue.

Conseguiram, não sem custo, apoderar-se deste individuo, que julgava vêr o demonio em cada um dos que chegavam, e que intentava estocar aos que se lhe aproximavam. Suppõe-se que este sujeito de ha muito se achava privado da razão; mas deu-lhe a loucura para empregar todo o seu tempo e dinheiro, em dar educação e ensino a quantos gatos lhe vieram ás mãos, possuindo por tal motivo uma bem sortida collecção destes bichanos. — Por influencia de na nova perturbação de espirito, imaginou que havia sido percipitado no inferno, e que os gatos eram os diabos encarregados de o atromentar, e foi isto o que o impelliu a entrar com elles em tão grutesca, como descommunal batalha. Tomaram-se as medidas convenientes para que este desgraçado fosse recolhido a um hospital de alinados.

na carreira scientifica por uma — memoria capital sobre as desegualdades seculares dos movimentos dos planetas.

Nesta memoria elle cogita e estabelece com uma sagacidade admiravel, as leis destes diversos movimentos tão complicados, e demonstra que no meio das numerosas variações porque passam,

locidade do anel de Saturno. Descobriu as leis que regem os movimentos dos satellites de Jupiter, e as dos phenomenos capillares. Fez com Lavoisier experiencias de subido interesse sobre o calorico especifico e dilatação linear dos corpos. Expôz a formula da velocidade do som e as do calculo das taboas da lua. Emfim saíram da sua penna tres grandes obras — *A Exposição do systema do mundo; a Mecanica celeste;* e a *Theoria analytica das probabilidades.* Eis-aqui uma curta enumeração dos seus mais importantes trabalhos, que lhe grangearam um nome immortal. Como sabio, todos os biographos de Laplace o collocam na primeira cathegoria; não assim como individuo. Pintam-n'o como um habil cortezão, ávido de honras e dignidades, discreto até ao ridiculo no capitulo do seu nascimento, como se o filho de um humilde lavrador do Valle d'Auge não houvesse adquirido mais gloria com a sua *Mecanica celeste*, do que se a fortuna lhe houvesse sorrido desde a infancia. Como homem politico, apesar dos seus vivos desejos, e de obter durante seis semanas a pasta do interior, no tempo do consulado, não mostrou capacidade nenhuma. Eis como Napoleão o julga no memorial de Santa Helena: «Geometra da primeira ordem, «Laplace foi menos que mediocre como ministro. «Logo no seu primeiro trabalho reconhecemos «que nos haviamos enganado. Laplace não apa«nhava o verdadeiro ponto de vista dasques«tões; tudo nelle eram subtilezas: idéas proble«maticas; elle não via nos negocios publicos se«não pelo prisma dos — *infinitamente pequenos.*»

Laplace nasceu em Beaumont-en-Auge (calvados) a 23 de março de 1749, e morreu em março de 1827. As suas ultimas palavras foram: — O que sabemos é pouco; o que ignorâmos é immenso.

Exposição de gados em Belem.

Continuação.

A nossa primeira exposição de gados faz-se notar por duas cousas diversamente apreciaveis, uma é a pouquidade dos objectos, a outra é a sua quasi geral bondade. Se fosse possivel tirar daquella imperfeita amostra da nossa população ganadeira, alguma illação sobre a quantidade e belleza de nossos gados em geral, seria, e não outra, de que ao lado de um aperfeiçoamento que não se suppunha, estarmos n'uma grande penuria de gados. — Felizmente são bem conhecidas ás circumstancias desta exposição para avaliar de outro modo as deducções a que guiam as suas apparencias. — A verdade é que nem possuimos o primor das formas, que pela maior parte alli se patenteam, nem soffremos a mingoa de numero que se faz deprehender. — Esta exposição é a mais esteril, a mais infiel de quantas se hão feito para os diversos ramos de industria. Se alguem a quizer julgar conscienciosamente, não deve desviar suas vistas para além dos exemplares que contemplou; toda a generalisação, toda a doutrina, todas as conclusões hão de forçosamente ressentir-se de invesosimilhança e de falsidade, ante a observação miudamente instaurada por outras vias, á nossa producção pecuaria. — Uma exposição de qualquer genero de industria, mesmo quando exprime a maxima parte dos effeitos dos productores, não é por si só uma base sufficientemente sólida, para affiançar como verdades praticas, todos os juizos a que dê logar. É preciso que os factos se reproduzam constantes n'uma certa serie de vezes, para que desappareça a menor duvida. — Por isso nós apreciamos esta exposição em si mesma; não pelo que traduz ou denuncia, mas simplesmente pelo que mostra. Se a bemdizemos, não é pelo serviço que presta desde já ao paiz, mas pelos que póde prestar, se se tomar como ponto de partida para outras concebidas e realisadas, menos superficial, e mais seriamente. — O nosso elogio a varios dos exemplares exhibidos egualmente não significa uma recommendação; muitos delles considerâmos como tentativas felizes e louvaveis sem duvida, mas que aguardam de ulteriores successos, e especialmente de uma escala mais extensa de ensaios, o penhor da sua conveniencia, e a garantia do seu merito.

A especie que vimos na exposição melhor representada foi a cavallar; podem-se trazer a dois typos todos os cavallos alli exhibidos, o typo de cavallo fino para cella, e do cavallo para trem. — Entre os cavallos finos tem incontestavel primazia, os que pertencem á casa real, e podem-se classificar em raça oriental, raça peninsular, e raça mestiça destas duas. — A primeira resulta do cruzamento do cavallo arabe com egoa ingleza, puro sangue; compareceram tres exemplares o *Phaetonte*, o *Propheta* e a *Aspasia* — todos tres reunem as principaes bellezas do puro sangue arabe e inglez — as formas do pae são as mais bem inscriptas e dominantes, mas a estatura, a côr, a altura dos membros, o comprimento do corpo, e a forma do pescoço, são caracteres legitimos da mãe. A *Aspasia* pareceu-nos ter todas as condições de excellente corredora, e não duvidâmos que, submettida a um *entrainement* racional, podesse vantajosamente concorrer com os vencedores mais nomeados do *turf* inglez. — Entre os productos de Alter merecem especial menção o *Diamante* e o *Mindello*. São na verdade lindos cavallos de fórmas muito distinctas, e proporções harmoniosamente estabelecidas, que sem revelar a energia e ligeireza do sangue oriental, não os qualificam comtudo inferiores aos mestiços desse sangue. — A raça de Alter, faça-se justiça, apesar do abandono em que se tem deixado ir nestes ultimos tempos, é a unica raça cavallar bem caracterisada e constante que possuimos. — Entre um bello cavallo desta raça, e o andaluz mais primoroso, não atinâmos que differença haja; e é nosso intender, que se houvesse mais desvelo, e sciencia nas selecções, e se lhe infundisse de vez em quando o sangue arabe, esta nossa raça che-

garia, não sómente a avantajar-se ás melhores raças de Hespanha, mas a pouco de merecer da verdadeira raça arabe. — Não são estes exemplares os unicos, que nos inspiram esta conjectura. — Temos visto muito cavallo de Alter, observámos aquelles que a casa real tem nas suas cavallariças, e que com quanto não viessem á exposição, alguns delles são distinctissimos, e é por vermos que a generalidade destes cavallos apresenta á despeito da muita incuria, e insciencia nas cobrições que são feitas a esmo, um apuro, muito notavel em alguns individuos, que produzimos e sustentâmos esta opinião. Uma raça envilecida e deteriorada, e já sem nenhuma gota de sangue puro, é incapaz de dar de quando em quando descendentes tão nobres, e em tanta fartura.

Nós o que vemos aqui é uma excellente raça, que ainda conserva em si o germen da perfeição; que á força de muita ignorancia se tem querido fazer má, mas em que a simples natureza, quando não é desastradamente contrafeita, faz brilhar um reflexo pallido das qualidades eminentes que occulta. — Entre os mestiços de sangue oriental, pareceram-nos melhores *Attila e Queluz*, filhos de pae arabe e egoa de Alter, do que *Charuto, Villa Franca* e *Ali*, filhos de pae inglez puro sangue, e egoa tambem de Alter. — E isto mais nos confirma na opinião hoje geral em todos os paizes que tem introduzido o puro sangue inglez, para regenerar suas raças cavallares, de que a faculdade aperfeiçoadora deste sangue, só se manifésta quando as egoas do paiz tem previamente, por selecções muito desveladas, recebido um certo grão de finura necessaria á implantação das qualidades do puro sangue. Chama-se a isto preparar o terreno para a semente. — Não ha paiz como a França, que tenha gasto mais dinheiro, e com menos successo na introducção do puro sangue inglez; e isso pelo haver empregado sem o maior discernimento, tanto para as suas raças finas, quanto para as grosseiras. — Foram precisos muitos ensaios infructiferos para chegar áquella descuberta, e mais de uma vez se imputou ao sangue inglez, a incapacidade que não provinha senão da maneira como se serviam delle. — O puro sangue inglez é uma contrafacção flagrante, e violenta das leis naturaes, assim como é na nossa opinião toda a raça de qualquer outra especie aclimatada n'um paiz, cujas circumstancias são diametralmente oppostas ás do seu paiz natal; se elle se conserva e se perpetua, é que a sciencia, a pertinacia, o esmero deste novo Prometheu maniatam ou fazem actuar de um modo que se concebeu, as influencias naturaes. Mas soltae essas influencias do plano industrioso que lhes traçou o artificio humano, e vereis ellas recobrar sua acção genuina, absorver as qualidades postiças da sciencia, ou as naturaes do paiz originario da raça, e estampar, em vez dellas, as legitimas consequencias do seu livre effeito. O poder da arte para supplantar o da natureza precisa não só ser tão energico, mas tão uniforme, duravel e constante como o della. Aqui está todo o segredo de possuir uma raça naturalisada, cujas qualidades estão em permanente divorcio com as influencias naturaes do seu paiz de adopção. As qualidades oriundas do artificio, por isso que só prevaleceram depois de uma lucta com a natureza, por isso que os seus fautores não datam de uma época tão remota, nem a insistencia destes ha sido tão presente e miuda em todos os casos, não gosam da energia de implantação, ou de transmissibilidade egual á que tem as naturaes; e daqui vem que na concepção a preponderancia dos caracteres deve toda ser a favor das ultimas. No caso a que applicâmos esta doutrina, isto é, no cruzamento das raças de Alter e ingleza, é evidente que o privilegio da implantação caberá á primeira, e da segunda a transmissão realisar-se-ha a favor sobre tudo das qualidades em que domina menos a obra do artificio, que são por consequencia as de menor importancia na feição da raça ingleza. Logo os productos devem trazer uma grande parte dos caracteres da mãe, que se intentavam modificar, e os caracteres do pae em que menos empenho havia de transmittir. Foi o que vimos nos mestiços de mãe de Alter e pae inglez; mestiços onde não ha a mistura disparatada que os torna muitas vezes peiores do que a raça cruzada, onde até descobrimos fórmas muito bellas, mas que apesar de tudo não correspondem ao que se podia esperar do poder regenerador do bom cavallo inglez. Crêmos que se se egualassem as energias de transmissibilidade nas duas raças Alter e ingleza, preparando racionalmente a primeira por meio, como já dissemos, de selecções bem calculadas, os productos não viriam com a metade de um aperfeiçoamento que poderiam trazer completo.

Com o sangue arabe o cruzamento saiu mais feliz, e a razão não é senão porque as suas qualidades são muito mais fixas, e menos em opposição com as influencias naturaes da região onde teve o seu berço; o que faz que haja muito melhor harmonia nas energias de implantação das duas raças. Não queremos dizer com isto que o cavallo arabe seja um producto inteiramente natural; ao contrario, é tão artificial como o póde ser o inglez; os arabes nem tem menos tacto intelligente, nem menos desvélo, nem menos amor no fabrico cavallar do que os inglezes; mas é que estes, para fundar e conservar o seu corsel legitimamente oriental, contradisseram as leis naturaes do seu clima, arrostaram frente a frente com uma natureza adversa, sequestraram a sua joia preciosa dentro de uma muralha altissima de sciencia e de dinheiro, á conspiração incessante de um inimigo que se paralysa, mas não vence. Os arabes, longe de ser combatidos, são auxiliados na sua obra pelas proprias circumstancias naturaes: o que elles fazem é ageital-as, conchegal-as, gradual-as para um melhor resultado.

As caudelarias reaes de Mafra e Alter são o futuro das nossas raças cavallares. A primeira sobre tudo é um padrão de gloria em que Sua Magestade El-Rei com tanta intelligencia como de-

voção civica deixará abençoado o seu nome á posteridade. Honra ao primeiro cidadão que assim dispõe da fortuna em beneficio publico, gratidão ao Rei que nos faz comprehender a realeza nas phalanges dos que regam com o suor das lidas a arvore da nossa nacionalidade. Na munificencia, na generosidade e na protecção, de que El-Rei tem dado exuberantes testemunhos, tanto para com as artes, quanto para com as letras, tem-se comparado a muitos soberanos. A proposito dos esforços que faz por melhorar a nossa producção pecuaria, permitta-se-nos que o colloquemos ao lado do rei de Wurtemberg. Como este, El-Rei sente toda a importancia do aperfeiçoamento e multiplicação dos gados na prosperidade da agricultura e por consequencia do paiz em geral; como este, é grande amador de cavallos; como este, tem as melhores caudelarias do paiz; como este emfim, franquêa e até cede gratuitamente aquellas raças de que os particulares precisam para melhor apuro das suas. O rei de Wurtemberg fez subir de 1,000.000 de francos o valor do capital vivo do seu paiz; no espaço de 18 annos elevou de 600,000 a 800,000 o numero das cabeças de gado; e isto tudo occasiona um movimento interior de 24 a 26 milhões de francos, e um commercio de exportação annual de 3,200.000 francos!

Eis-aqui a differença: El-Rei está no principio de sua carreira, quanto á protecção deste ramo de industria agricola, o rei de Wurtemberg tocou o seu apogéo. Entre um e outro medeia apenas o tempo. Nós temos toda a fé nas bellas inspirações e patriotismo de El-Rei, para deixar um instante de crer que elle proseguirá na imitação deste modêlo sublime, digno de collocar-se ao lado dos de Plutarcho.

(Continúa.) *Lapa.*

Caudelarias.

Esboço historico sobre a nossa producção cavallar.

II.

Do principio da monarchia até ao reinado de D. Fernando.

Antes de entrarmos na materia deste artigo, torna-se necessaria uma explicação; e esta é: que, não nos tendo sido possivel encontrar dados, se não exactos, aproximados ao menos, sobre a quantidade total dos cavallos de toda a marca do paiz, porque não sabemos que entre nós tenha havido em tempo algum escriptor, que peculiarmente se haja de tal occupado; — tivemos, á falta disso, de tomar como regulador ou metro da maior ou menor producção cavallar, o numero maior ou menor tambem dos que se tenham empregado no exercito, ou das eguas fantis que se hajam alistado; porque sendo estes individuos os de melhor casta, suppõe sempre o seu maior numero mais cuidado e desvelo na sua producção, cuidado e desvelo que não deixa por algum modo de reflectir sobre a producção dos de menor marca, se não favorecendo-a decididamente, oppondo-se ao menos á sua maior degeneração.

Dada esta explicação entremos na materia.

— Haviamos nós dito no final do artigo antecedente, que, se as chronicas hespanholas davam na Peninsula copiosa producção de cavallos, em todo o tempo da lucta do sarraceno com o christão, parecia que esse beneficio se não estendêra egualmente a todas as provincias da mesma Peninsula; e que neste caso estava Portugal, quando se constituiu em Estado independente. — É o que pertendemos e vamos agora mostrar.

Quando o conde D. Henrique deu a mão de esposo á filha de Affonso VI, recebeu deste em dote a provincia de Portugal, e dizem alguns historiadores, obrigando-se entre outros encargos ao feudo de 300 cavallos para os casos de guerra. Ora Duarte Nunes Leão, para mostrar que o conde D. Henrique não recebêra a terra de Portugal como feudo, diz: que os 300 cavallos era um imposto sem proporção, por quanto essa terra estava ainda tão êrma e despovoada « que apenas « em toda ella se achariam 300 de cavallo. » — Isto dá pois a intender, que, no paiz que comprehendia já um bom tracto de terra, desde o rio Minho até ás abas do Téjo, não era cousa muito notavel a producção de cavallos. — Mas a estima para estes não tinha quebra, nem poderia havela nesses tempos em que o cavallo constituia uma das boas armas do cavalleiro, a sua salvação e honra até, e em que a guerra principalmente se fazia por correrias, cavalgadas, e entrepresas pelas terras inimigas. — Achâmos uma prova de estimação pelo cavallo, n'uma doação que faz D. Henrique em 1110 a Bernardo Franco, de certos casaes em Villa Boa de Satan, Bispado de Vizeu, em que declara, que elles sejam livres de todo o direito real, pelo dito Franco o haver presenteado com um excellente cavallo que trouxera de terras de mouros; « *Libra et ingenua ab one Jure* « *Regali, et non des inde Jugada* .... *quia de te* « *accepimus unum bonum cavallum, quem addu-* « *xisti de terra Maurorum* » (Elucidario). — E antes do governo de D. Henrique achâmos, que, em 1053, D. Egas Erotes, habitando entre Douro e Vouga, e expulsando os mouros d'entre Douro e Lima, comprára a seu cunhado D. Frova Osorediz, e a sua mulher Adozinda, a villa de Viariz, quasi só por um bello cavallo ruão (1).

Se pois no governo de D. Henrique, não era cousa bem notavel a producção cavallar, porque o paiz estava muito inculto e despovoado; nos principios do de seu filho e nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, tambem pouco mais avultava. Só mil cavallos — diz Leão — compunham toda a cavallaria que empenhou em 1139 na batalha de Ourique. E reduza-se muito embora essa famosa batalha ás proporções de um *fossado* (2),

(1) Vid. caval. Ruão, no Elucidario de Viterbo.

(2) *Fossado* era uma expedição militar, ou cavalgada que saía a talar ou colher as novidades que os inimigos havíam agricultado; para o que, apoderados do campo, se

de uma destemida algara, e audaciosa correria, como alguns historiadores menos prestigiosos pertendem que fosse, não fica com isso menos provado, que esse numero de cavallos seria o maximo dos melhores que se poderam então haver; porque esse fossado, essa correria foi com o chefe supremo á testa, e muito além das fronteiras; e para emprezas desta ordem, quantos mais cavallos se levassem, sôiam mais seguros e melhor sortir seus successos.

Mas este soberano, no decurso de seu reinado, muito a peito teve a producção do cavallo. E fosse insistindo nas *Revistas de Maio*, em que cada chefe de familia, que tinha certa quantidade de bens, devia apresentar um cavallo de marca, proprio para o serviço militar, pena de multa o que o não fizesse, (1) prática esta que até certo ponto era, se não a reproducção, o reflexo de uma lei que existia já no tempo dos godos, promulgada por Chindaswintho, a qual obrigava os *curiaes e privados* a apresentar cavallo (caballo ponere) para o serviço da guerra: — fosse desobrigando menos os povos do dever do fossado, para que se precisavam cavallos, sendo até um dos fins da Revista de Maio, conhecer a força que destes havia para tal encargo, a que eram mais particularmente adstrictos os cavalleiros villões (milites villani): — ou fosse talvez ainda significando-lhes, que a independencia e defensão do novo reino que haviam jurado, arriscada por mouros e christãos visinhos, só poderia firmar-se em seus animos esforçados e bellicosos, com ajuda do não menor (animo) que caracterisa o cavallo; levando assim, por este estimulo de independencia, á producção necessaria, mas voluntaria, antes que obrigatoria, deste utilissimo animal, não só aos que tinham isso como dever, mas até aos colonos rusticos, foreiros, ou peões, a quem, se se não obrigava a ter cavallos, se não excluiam com tudo de os possuir para seu uso: — ou em fim outro fosse o motivo; o que parece muito certo é, que esta producção alguma cousa cresceu, e a prova está na cavallaria que, á guerra de Sevilha em 1181, levou seu filho o infante D. Sancho, a qual se compunha de 2300 cavallos, afóra os corredores (2).

D. Sancho I não cuidou menos, se não mais do que seu pae, da criação de cavallos. Fazendo subsistir todas as leis, ou as práticas consuetudinarias que a isso se referiam, levou-se do tão util quão patriotico empenho de povoar o paiz, e animar a agricultura — o que lhe mereceu na historia o glorioso epitheto de *povoador e lavrador*; — e esse empenho o foi realisando, não só com homens, mas com animaes tambem, pois as chronicas dizem: que elle tinha porcos em Coimbra, gado em Evora, e egoas em Soure para a criação (3). E muita estima teve este monarcha pelos bons cavallos, como póde inferir-se da doação que fez do Reguengo de S. Thomé, a Miguel Gadin, na qual, entre outros motivos, aponta um cavallo que deste recebêra, que de certo seria de grande merecimento; « *et hoc faciemus. .. et pro uno caballo quem nobis dedistis* (4).

Ora o proceder deste soberano é de suppôr que tivesse imitadores nos ricos-homens e senhores das terras, dando-se assim maior impulso á producção que nos occupa; pois nós achâmos que no reinado immediato, D. Affonso II, com quanto absorvido e quebrantado por guerras civís e com Leão, ainda assim houve meio de enviar um bom contingente de tropas de cavallaria, em auxilio dos reis de Castella, Navarra e Aragão, para a róta das Navas de Tolosa.

E mais encontrâmos, que, no reinado de seu desditoso filho D. Sancho II, só a ordem de Avis deu a este rei 2000 cavallos (5), deixando-lhe este a ella por seu testamento metade dos cavallos, e á ordem de S. Thiago 3000 (6). Elle obrigou até as ordens religiosas a ter e sustentar cavallos, e foi isto um dos artigos dessa famosa queixa levada pelo clero á curia Romana contra este soberano, que deu logar á Bulla admonitoria de Gregorio IX, cuja desattenção lhe moveu essa outra de Innocencio IV, desgraçadamente assás conhécida, que o depunha de todo o governo do reino, e que de feito o desthronou (7).

Assim nestes reinados, como nos que immediatos se seguiram, a producção cavallar, ao que parece, não diminuiu, antes progrediu. Talvez, que entre outros motivos não deixasse de ser a fórma e organisação dos exercitos por estes tempos, um dos que maior influencia, e poder tivessem nestes resultados.

E de feito, não fallando na infanteria, que nada tem com o nosso caso, a cavallaria essa compunha-se: dos cavalleiros das ordens militares; — dos cavalleiros vassallos de elrei; — dos cavalleiros da ordenança dos povos, dos conselhos ou cavalleiros villões.

Ora os primeiros formavam essa especie de monachismo militante, como bem diz o sr. Herculano, que muito contribuiu á expulsão dos sarracenos da Hespanha; professavam a milicia, tinham-na como um mister, um dever; e por isso apresentavam sempre a mais disciplinada, luzida

entrincheiravam ligeiramente em fossos, ou vallos, guardando as costas aos que se occupavam na extracção dos fructos.

(1) Elucidario, caval. de Maio.

(2) D. N. Leão. Chronicas.

(3) No seu testamento se lê o seguinte: Ao mosteiro de Santa Cruz deixo minhas egoas de Soure, e meus porcos de Coimbra. O hospital de captivos que foi em Santarem hoja minhas vaccas, ovelhas e porcos que já lhe dei, e mais porcos que alli tenho. Do gado que tenho em Evora, mando se dê, etc. . . . (Faria e Sousa Europ. Portug.)

(4) Dcc. para a Hist. Portug. Manuscrit. da Acc. das Scienc.)

(5) M. Ecc. d'Acc. T. v pag. 214.

(6) O testamento a que nos referimos, é o primeiro que D. Sancho II fez, e que se acha em Brandão (Monarch. L. XIV, C. XXXIII). Diz assim: Deixo aos cavalleiros de Calatrava (estes são os de Avis) tres mil maravediz por meu anniversario e ametade dos cavallos que se acharem. Aos cavalleiros de Alcacer (são os de S. Thiago) *tres mil maravediz, e outros tantos cavallos* . . .

(7) A. C. de Amaral. M. da Acc. das Scienc. T. VI.

e valente cavallaria; o que lhes não era oneroso, por quanto rendas sobejas haviam nas immensas doações de villas, logares e terras, de que os reis lhes faziam. O dever e os recursos que tinham estas ordens, faria pois que cada uma dellas podesse ser ou fosse, se não uma excellente caudelaria, ao menos um foco de producção de bons cavallos.

Os segundos, isto é, *os cavalleiros vassallos de elrei*, comprehendiam os nobres e senhores das terras obrigados a servir na guerra, quando a isso fossem chamados, ou só por suas pessoas, ou com certo numero de homens de cavallo seus *acontiados*; para o que recebiam ou *contias*, isto é, uma pensão em dinheiro, que o rei lhes pagava cada anno de suas rendas, e cujo valor se regulava pelo numero de lanças a que estavam obrigados; ou então recebiam *cavallarias de honra*, que eram terras, casaes, quintas, etc., dadas com clausula de fornecer um numero determinado de cavallos (1). Por este modo, tambem não poderia ser gravoso para os nobres, a producção do cavallo que o rei ajudava com pensões ou doações, além de muitos privilegios; e é de crêr que elles se empenhariam nessa producção, melhorando-a até, por quanto mui bem quistos, e favorecidos eram aos olhos do monarcha, os que mais luzimento e brilhantismo ostentavam em sua cavallaria; além disso, a jactancia e sentimento de bons cavalleiros, em cuja conta se tinham, não consentiria jámais a menor quebra pelo gosto do bom cavallo; e quiçá antes as rivalidades que neste ponto entre elles (nobres) surgiriam, levassem a maior apuro esse gôsto. E o que isto mais assegurava, era a existencia de uma guarda real, que de 20 ao principio, chegou nos tempos de D. João II, a ser de 200 cavalleiros, os quaes montavam em bellissimos ginetes, e tanta honra tinham, que se aposentavam nos paços reaes, dormindo junto á camera do rei (2).

A outra gente de cavallo, a *cavallaria da ordenança ou dos concelhos*, essa fazia-se de todos os povos do reino, mandando cada logar o numero de moradores, mas homens livres, que, conforme a fazenda que tinham, estavam obrigados a ter cavallo. Encontram-se alguns foraes desses tempos, em que se prescreve do seguinte modo e em latim barbaro a quantidade de bens que deviam ter os sujeitos a tal obrigação: «*Et qui habuerit aldea, ut uno jugo de boves, et uno asino, et decem oves, et duos leitos; comparet caballo.*» (3). — Comtudo, com o andar dos tempos, pela mudança do valor das cousas e a titulo de allivio dos povos, se foi concedendo, que só com mais crescidos bens ou rendas, se impozesse a obrigação de ter cavallo; e a essa renda, considerada para este fim, tambem se chamou *contia*. Assim esta palavra se acha em documentos antigos com duas significações: ora exprimindo a *pensão* do monarcha ao fidalgo para serviço da guerra, ora significando a *renda* ou *censo*, que obrigava aos lavradores a ter cavallo para o mesmo serviço.

E eram então os *coudeis*, que na guerra capitaneavam esta gente, as pessoas que na paz tinham por encargo entender na avaliação desses bens para as *contias*, e sobretudo cuidar que os *acontiados* houvessem cavallos e armas na conta de bem servir; para o que faziam de uns tempos a outros seus *alardos*.

Já se vê pois que eram só estes, os lavradores, os homens sem nobreza, mas com bens, os que tinham obrigação de cavallo, porém sem retribuição alguma, a não ser a fugitiva esperança de passarem á honrosa classe de cavalleiros vassallos de el-rei, ou alcançar alguns privilegios, como com o correr dos tempos a muitos succedeu. Tambem por isso a producção cavallar seria de certo por estes menos facil e nunca a melhor; mas far-se-hia, apesar de tudo, e principalmente nestes tempos em que ella era um imposto lançado para a defesa nacional, e por conseguinte um penhor de segurança a todos dos seus bens, vida e liberdade, cousas, por essas épocas, tão compromettidas e arriscadas por máus visinhos.

Assim, nós temos que esta organisação do exercito podéra de algum modo ser fomentadora da industria cavallar, formando, por assim dizer, cada uma das tres classes de cavallaria que o compunham, outras tantas caudelarias, embora falhas fossem, pelo geral, de regras bem assentes e determinadas, dos bons principios que regulam uma producção qualificada; pois o fito principal, era antes produzir, que melhorar productos, salvo o caso porém em que o bom gosto da nobreza nisso interviesse.

Sendo a producção mais custosa a feita por parte dos lavradores, é obvio que, sempre que estes se favorecessem em seu mister por boas leis agricolas, essa producção se tornaria cada vez menos difficil, mais abundosa; porque cresciam os bens e recursos para isso. É o que observâmos no reinado de D. Diniz, o pae da patria, o rei lavrador, o qual, chamando aos agricultores, a quem muito protegeu, *nervos da republica*, não foi com este proceder menos feliz em todos os successos militares que emprehendeu, para os quaes nunca lhe faltou então nem gente nem cavallos; e o que mais é, sem mór difficuldade, pôde, a par de um avultado emprestimo pecuniario, que fez ao rei de Castella, enviar-lhe tambem, como auxilio para a guerra de Granada, um bello contingente de 700 cavallos. (1)

D. Affonso IV, tambem sem muito esforço, mandou pagos á sua custa, a seu genro o rei de Castella, 500 cavallos, com ordem de o servir em quanto durasse a campanha contra os mouros.

(1) Acha-se no registo de elrei D. Fernando, uma doação por este feita, a Martim Vasques da Cunha, das terras de Tarouca e Valdizem, com condição que servisse com tantas lanças de cavallo armadas de todo o ponto, ao modo da França e Inglaterra, quantas se montassem nas rendas destes logares a razão de 150 libras por lança.

(2) Severim de Faria. (Not. de Port.)

(3) Brandão. Escrit. 7. App. a V. P.

(1) Leão. Chr.

E com quanto asseverem graves historiadores, que este monarcha, na batalha do Salado, pôde mais servir com o seu conselho, pericia e valor, do que pelas forças militares que ahi conduzia; não é menos sabido, que a razão deste facto foi a summa e exigente brevidade que houve em tal jornada, que lhe não deu tempo de reunir as levas que se ficaram fazendo no reino, ás quaes deixou ordem, tão depressa se organisassem, como se fossem logo em marcha para Castella. Ainda assim só de Evora, este bravo rei, levou 100 cavalleiros, como se colhe de uma inscripção em marmore na Sé desta cidade; e d'Elvas saiu seguido de uma luzida cavallaria de 1,000 cavallos, afóra as lanças de sua conserva, com a qual obrou prodigios de valor nessa famosa batalha, que para sempre cortou ao sarraceno toda a pertenção a uma nova conquista da Hespanha. (1)

Comtudo, nisto que dizemos, não queremos asseverar que por estes tempos fosse notabilissima a producção cavallar; outros houveram antes, em que maior fôra, como quando uma só ordem militar apresentava aos 2,000 cavallos. Parece até que de algum modo começára então a decaír esta producção. E proviesse isto das já quasi nullas guerras que com o mouro haviamos, o qual de nosso territorio expulso, achava-se reduzido apenas ao reino de Granada, e quasi sempre em lucta com o rei catholico, e que isso levasse então as nossas milicias, principalmente as ordens militares, a menos cuidado pelos bons cavallos, visto tambem menos precisos serem; ou proviesse talvez antes do gosto, que então cresceu bastante, para as cavalgaduras menores, muares, hacaneas, quartaos, facas, em que, damas, cavalleiros, e o clero achavam por melhor montar, nos passeios e digressões que descançadamente pelo reino faziam: ou outro fosse o motivo, o que é certo é que, atravessando o reinado pouco militar e mais pacifico de D. Pedro I, achâmos que no bem turbulento e calamitoso de seu filho D. Fernando, estava o paiz tão quebrado de animos, tão desprovido de forças militares e principalmente de cavallos, que grande risco correu a sua independencia, e mister houve de engajar tropas inglezas, que mais o reino assolaram que defenderam. Mas por isso mesmo este soberano, sentindo os grandes males que da incuria pela producção cavallar vinha á defesa do paiz, promulgou algumas provisões concernentes a atalhar tão ruinoso estado de cousas; provisões essas, que merecem particular attenção, por serem como que a pedra angular, sobre a qual se levantou mais tarde o grande edificio das caudelarias do reino, que está hoje de todo desmoronado, ou, com mais verdade fallando, completamente destruido.

No artigo seguinte veremos quaes ellas foram.

Assim pois em todo o tempo que decorreu do principio da monarchia até ao reinado de D. Fernando, exclusivè, com quanto n'uma ou outra época avultasse mais ou menos a producção cavallar, não houve, que saibamos, promulgação de lei especial, de regimento algum caudelico em que se estatuisse por todo o reino o melhor processo de obter e attingir uma producção certa e qualificada. Essa producção, como vimos, vivia principalmente da fórma e actividade da milicia, sobresaindo sempre que houvesse nella (producção) o empenho particular de um principe guerreiro, dos grandes donatarios, das ordens militares, mas definhando e decaindo facilmente fóra destes casos. Era, além disso, uma producção so favorecida aos ricos, e portanto a estes facil, mas sem favor algum para os menos abastados, para o pobre lavrador, a quem por isso seria sempre mais custosa e de ordinario violenta. Era emfim uma producção feita mais a esmo, do que com regras e norma bem estabelecidas, á falta de regimentos caudelicos, e por isso (salvo o caso em que o bom gosto da nobreza interviesse) impossivel de dar raças bem definidas e qualificadas, embora tivessem talvez corpulencia e vigor, condições impreteriveis para servir nos exercitos desses tempos, em que a polvora não havia ainda morto o grande ginete de batalha, que sobre ser coberto de algumas placas de ferro, devia carregar com o peso de um cavalleiro tambem embocetado em sua ferrea armadura.

(Continúa.) *S. B. Lima.*

(1) Monarch. Lusit.

Estratagema de um advogado.

Em um dos bairros de París habitava em 18... uma menina, tão bella quanto rica, optimos predicados para ser por muitos appetecida.

Entre os pretendentes tinha ella escolhido um advogado, rapaz de boa figura e excellente comportamento; e que por isso era reputado pelos parentes da menina um bom partido.

Um joven official intentou tambem entrar no agrado da donzella. O brio, o garbo, o aspecto militar, e a destreza deste campeão de Marte, não deixaram de fazer impressão no animo da joven. Ainda que já tivesse dado parte do seu coração ao moço advogado, os bellos attractivos do militar a tinham seduzido quasi a ponto de a fazer faltar á sua palavra.

Apenas o advogado descobriu que o officiàlsinho se tinha tornado seu rival, fez tudo quanto pôde para desviar a sua amada de um objecto, que para elle era tão perigoso; mas o official era firme, e não pensando senão em triumphar do seu competidor, tratou de procurar um pretexto com que podesse humilhar o advogado. Um dia fingiu-se offendido por certas palavras que lhe dirigiu o advogado, e desafiou-o. O advogado aceitou o desafio, e entre ambos combinaram de ir bater-se n'um sitio fóra da capital.

O official esperava que este fosse o golpe decisivo; e confiando no proprio valor, e na destreza com que manejava as armas, reputava-se já senhor da victoria.

No dia e hora indicada, acharam-se os dois

contendores no logar aprazado. Mas vendo o militar que o advogado não levava espada, poz-se a rir e a escarnecel-o. O legista, com um aspecto grave, lhe disse então: — Amigo, eu considerei que o duello á espada entre mim e vós é muito desegual: costumado a folhear codigos e a tratar causas, não pude, como vós, adestrar-me na arte da esgrima. Como porém me julgo homem de honra e valor como vós, pensei em substituir á espada uma arma mais expedita e decisiva. Eis-aqui pois duas pistolas egualmente carregadas, escolhei a que quizerdes.

Como um de nós dois deve ir para o outro mundo, e como desejo fazer-vos sempre conhecer a minha honradez, trouxe uma sege com dois excellentes cavallos, para que aquelle de nós que ficar vivo, fuja e possa escapar-se ás mãos da justiça. O boleeiro está ao facto de tudo, e conduzirá a mim ou a vós, conforme decidir a sorte.

Convencido o official por tão rasoavel proposta, acceitou o partido, escolheu a pistola, e depois de se terem abraçado, collocou-se cada um no seu posto. O advogado deu a preferencia ao official, o qual com effeito disparou, e o legista immediatamente caiu por terra. O official, sem pensar em mais nada, julgando haver morto o seu adversario, metteu-se na sege, fez esporear os cavallos, e partiu para fóra do reino. Entretanto o advogado, que prudentemente tinha carregado as pistolas só com polvora, ergueu-se logo que o official desappareceu, e regressou a Paris. Tratou immediatammente com o maior empenho de concluir o matrimonio, o que lhe foi facil por se achar longe o objecto que empecia o seu amor.

Effectuado o casamento, levou a esposa para casa, e passou alguns mezes alegremente, deixando o seu rival ainda no engano. Por fim divulgou-se o caso, e sabendo-se onde estava o militar, escreveram-lhe para que regressasse á patria. O official, satisfeito com esta noticia, e com a certeza de que o advogado não tinha morrido ás suas mãos, não teve remedio senão confessar por experiencia, ser mais do que verdadeiro o antigo proverbio latino: *Cedunt arma togae.*

Noticias Diversas.

Teatro de S. Carlos. — Assistimos á exposição do *grande* panorama movel de Mississipi, e a nossa espectativa foi completamente satisfeita.

Graças a mr. Smith o bello e famoso rio descoberto em 1637, por Joliet de Quebec, não fica de ora em diante sendo para nós um objecto estranho. Desde a *cascata de Santo Antonio* até ao *golfo do Mexico*, isto é, n'uma extensão de mil legoas, pouco mais ou menos, não ha uma só vista importante, obra da natureza ou da arte, que o magico pincel de mr. Smith deixasse de reproduzir, e de nos fazer conhecer.

Examinando com attenção o *grande panorama movel*, não só se admira quanto ha de magnifico e bello nas formosas margens do Mississipi; mas (segundo pensamos) fica-se fazendo uma idéa sufficientemente aproximada daquella importantissima região.

Em quanto a nós, não sabemos o que mais nos deva maravilhar, se a gigantesca concepção de mr. Smith; se a constancia e resignação que lhe seriam precisas, para conseguir leval-a a effeito; se, finalmente, a minucia e o bem acabo do seu trabalho.

Recomendâmos, pois, ao publico, que ainda não gosou deste genero de espectaculo novo entre nós, que não deixe de ir por si mesmo convencer-se da verdade do que dizemos; porque estâmos intimamente convencidos de que não ha de dar por mal empregado o pouco tempo e dinheiro que gastar, para conhecer um dos mais bellos e magestosos rios do mundo, e transportar-se (como por encanto) a um paiz remoto, sem ser preciso ir ao governo civil tirar passaporte, nem ter que soffrer os incommodos de uma viagem.

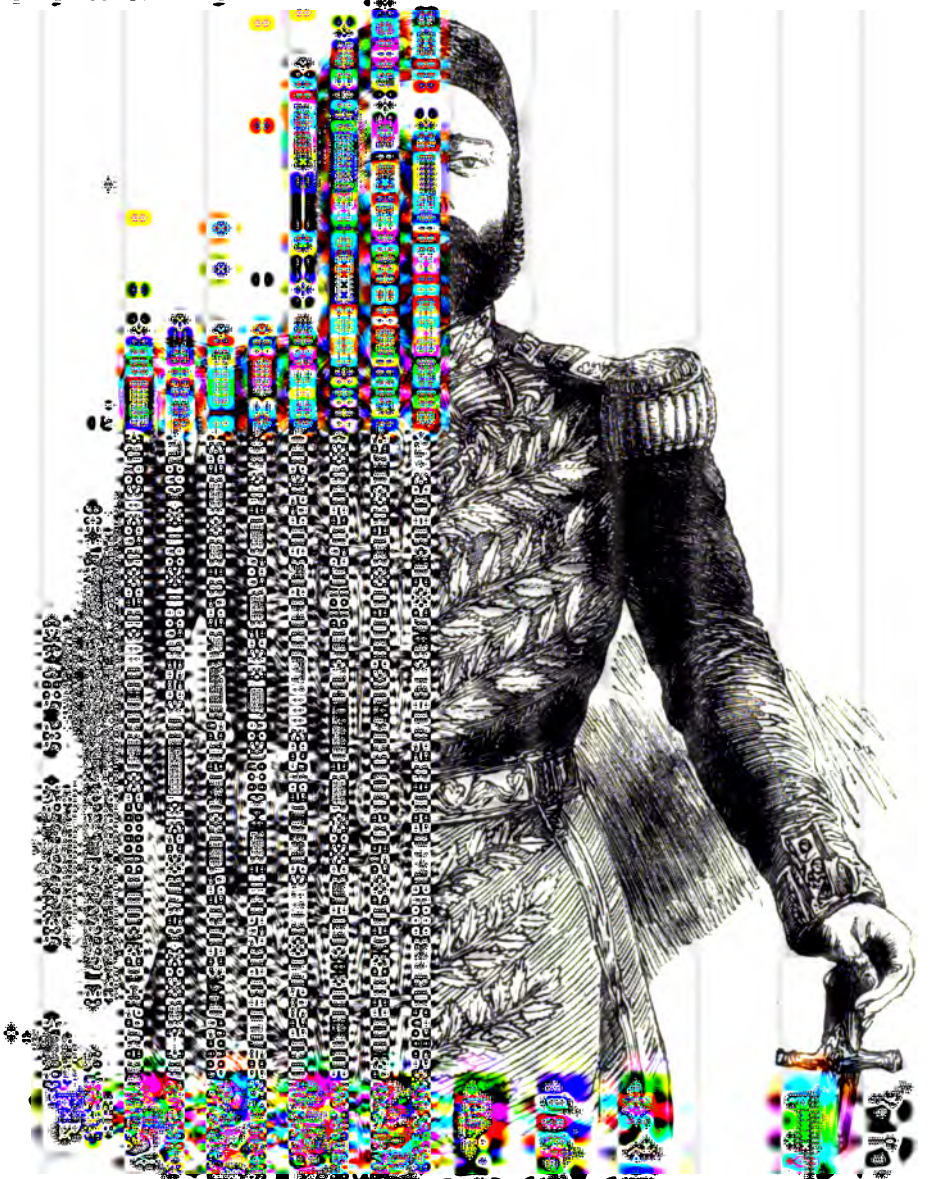
Á empresa de S. Carlos se devem justos elogios, pela feliz lembrança que teve, de offerecer ao publico da capital um espectaculo absolutamente novo, e que tanto apreço mereceu na França, Belgica, nos Estados-Unidos, etc.

Baile original. — É-o por certo em extremo o que deu ultimamente em Pariz um pintor de paizagem em sua casa, desde as duas da tarde até á meia noite. Segundo referem os periodicos francezes, o jardim daquelle artista appareceu illuminado apenas anoiteceu, como se fôra de dia; e durante o dia grandes kakatoes (papagaios do antigo continente) saltavam pelas arvores de ramo em ramo, em quanto que alguns elephantes íam passeando e levavam ás costas a varios convidados, que se atreviam a montal-os.

Jenny Lind. — Em 9 do corrente entrou em Liverpool o vapor *Atlantic*, vindo de Nova York, trazendo a seu bordo *quatro centos e cincoenta mil duros* em numerario, e cento e cincoenta passageiros, entre os quaes se achava a celebre cantora Jenny Lind, que em consequencia de haver-se casado nos Estados-Unidos, se chama actualmente madama O Goldsmith.

Egrejas ambulantes. — As egrejas ambulantes que viajam pelos caminhos de ferro e caminhos ordinarios, tornam-se de dia para dia mais da moda na America. As aldêas que carecem de egrejas, esperam-as, como se espera uma diligencia ou um trem. Em cada parada que fazem, toca o prégador uma sineta: sobe ao assento, que se acha sobre o tejadilho da carruagem ecclesiastica, á maneira de pulpito, e concluido o sermão prégado ao ar livre, deita a benção aos fieis, e continúa a sua viagem. Ha cathedraes, puxadas por quatro cavallos; paroquias, por dois; e capellas, unicamente puxadas por um cavallo. A egreja tem a sineta por cima do tejadilho da carruagem; o coro no interior; e adiante, uma sachristia com janellas gothicas.

[illegible] thematicas e engenharia militar. Concluindo os estudos collegiaes na edade de quinze annos, seu avô Mehemet-Ali o nomeou para o emprego confidencial de inspector de provincia, cujo cargo serviu distinctamente por espaço de tres annos.



[illegible]

obrigou a voltar para Alexandria. Mehemet-Ali recusou admittil-o outra vez ao serviço, nomeando-o, em vez disso, governador de Gharbiah, dois annos depois inspector geral das provincias, e no anno em que occorreu um grande incendio no Cairo, primeiro ministro e presidente do conselho. No espaço de oito annos, em que exerceu estes elevados cargos, soube grangear a estima e consideração tanto de seus concidadãos, como dos diversos representantes europeus. Com a accessão de Ibrahim Pachá, Abbas caíu em desagrado por vinganças que praticára em alguns dos membros da familia do fallecido vice-rei, em consequencia do que retirou-se para Hedjas. Um mez depois, a noticia da morte de seu tio o chamou de novo á capital a tomar posse da successão.

Os representantes das diversas nações immediatamente o reconheceram como legitimo successor. Dirigiu-se depois a Constantinopla, onde foi benignamente acolhido pelo Sultão, que o investiu com as ceremonias do estylo na dignidade de vice-rei do Egypto. De volta ao seu paiz, creou um novo corpo de policia, acabou com o antigo systema seguido pelos seus predecessores, de consumir uma grande parte da fortuna do paiz em inuteis armamentos navaes, em trabalhos sumptuosos de pouco proveito para o publico, mas de mui grande utilidade para a sustentação das manufacturas europeas. Em vez disto, chamou a attenção do povo para a industria agricola, aliviando-a de pesados impostos, e desembaraçando o commercio interno, quanto era possivel, das restricções que o vexavam.

Estas bellas concepções vão já patenteando sua benefica influencia no augmento da riqueza publica, na abundancia das producções e na existencia do espirito de associação até aqui desconhecido no Egypto. A abolição do imposto sobre as cabeças de familia diminuiu a renda publica e a do pachá, da enorme quantia annual de 530:000 £. Mas esta reducção acha-se plenamente compensada pelo accrescimo do rendimento que produz um melhor systema de administração.

Para levar ávante os seus planos, Abbas tem encontrado embaraços serios que vencer. Quando tomou as rédeas do governo, achou o alto funccionalismo hostil a todo o progresso, e organisado exclusivamente no proposito vergonhoso de engordar com toda a casta de peculato e corrupção. Abbas, que estudára praticamente todas as necessidades do paiz para guiar com sua propria mão a náu do estado, resolveu acabar de um golpe com este fóco de immoralidade e vexame. Demittiu todos os empregados, cuja fidelidade foi julgada maculada, e escolheu para o logar delles homens probos e honestos. O futuro tem perfeitamente justificado a certeza da sua escolha. Mas em quanto o seu paiz lhe é devedor de immensos beneficios, um poderoso partido, organisado em Constantinopla dos individuos que demittira, conspira activamente contra a authoridade de Abbas.

A sua influencia chegou já a apartar da obediencia e fidelidade ao pachá, varios membros da sua propria familia, e ganhou tal ascendencia e confiança na opinião do grão-visir, que este incumbiu aos influentes do partido a confecção de um systema de reforma judicial e administrativa, cujo fim occulto é subverter a auctoridade e independencia do pachá, semear a desordem entre o povo, acabar com a dynastia actual, restabelecendo outra vez o mesmo systema de delapidação, que agora vae de mãos dadas com a cupidez dos aventureiros e cortezãos de Constantinopla. Abbas tem demonstrado o maior desejo em promover os interesses do transito anglo-indiano. Perto de 70:000 £, despendeu elle na construcção de uma estrada para diligencias atravez o deserto até Suez. Maiores sommas se dispenderam em melhorar a navegação do Nylo. E mais de um milhão esterlino, custará a construcção do caminho de ferro de Alexandria ao Cairo. Na vida particular, o pachá distingue-se por uma memoria generosa, para com todos os que o serviram na época da sua adversidade, e por muitas outras bellas qualidades de coração. O trato dos negocios tem-lhe desenvolvido os recursos da intelligencia. A calumnia tem-lhe assacado faltas e vicios, que realmente não possue. Tem por sua familia uma affeição verdadeiramente paternal. Suas predilecções são decididamente inglezas, é até a um cavalheiro inglez, nomeado por suas boas qualidades de saber e virtude, que elle encarregou a educação de seus filhos.

Exposição de gados em Belem.

Continuação.

Depois dos cavallos da casa real, em que muito havia ainda que dizer, mas que nol-o veda a natureza deste jornal — proseguiremos, segundo a ordem dos nossos apontamentos, na analyse dos cavallos exhibidos por criadores particulares

1.° Cavallo hanoveriano, filho de paes hanoverianos, nascido e criado no Ribatejo, de seis annos de edade, vende-se por 80 libras. Pertence ao sr. J. M. Ribeiro. Não chega bem á altura dos verdadeiros hanoverianos, mas tem todos os caracteres desta raça, que o tornam excellente para tiro ligeiro. Posto que por este unico exemplar nada se possa ao certo colligir ácerca da aclimatação da raça hanoveriana, todavia reputâmos este experimento caudelico de summa valia, attendendo a que elle se não assegura o successo, excita pelo menos á tentativa de se ensaiar em larga escala a introducção desta utilissima raça, que está tendo grande extracção no paiz, para o apparelhamento dos trens nobres.

2.° Dois poldros alazões, um de dezesete mezes, outro de quinze, filhos do cavallo hespanhol bem conhecido pelo nome de *gigante*, e de egua hanoveriana; pertence ao sr. T. B. Chixoro Villaboas. São duas esperançosas crias, que já nesta

edade quasi egualam a marca; promettem attingir o mesmo ou superior desenvolvimento do pae, sobretudo a mais nova, cujas fórmas são já, e hão de ser muito distinctas.

Quanto ao cavallo *gigante*, não sabemos o que elle significava na exposição: se era para mostrar a possibilidade da aclimatação do cavallo hespanhol, não ha precisão disso; se era como maravilha de apuro digna de admirar e imitar, não atinâmos em que. Nós vimos e todos viram nelle unicamente uma mole de carne e osso entrouxada em guisa de cavallo. Um desses destemperos da materia indigestamente coalhada n'um espreguiçamento da natureza, como para fazer o *pendant* aos *meninos gordos*, ou de córo aos primeiros vagidos da esculptura indiana. Houve alguem que julgando por um prodigio da metempsycose vêr o cavallo *troiano*, renascido depois de 3,000 annos com uma natureza vivente, teimou em que elle era uma charada, cujo segredo havia de estar na barriga O nosso Laocoonte arremessou impavido o dardo de um olhar escrutador aos ilhaes do bruto. — O que elle descobriu não sabemos nós; vimol-o impallidecer, e com ar semi-inspirado ruminar sumidamente estas palavras: a mim não me enganas tu! Sem querermos parodiar o papel de Cassandra, aconselhâmos comtudo a que se lhe fechem os portões da Troade cavallar, para não acabar de se esbarrigar na descendencia daquelles gregos endemoninhados, cuja chiadeira já os fez conhecidos.

3.° Quatro cavallos do sr. R J. da Cunha. Este criador votado como está á cria cavallar em ponto grande, dispondo para isso de todos os recursos, liberal como se sabe em todos os sacrificios, que este genero de producção requer, era o que mais chamava na exposição a attenção dos intelligentes; mas é forçoso confessar que os seus exemplares pelo geral não agradaram. Haveria má escolha nestas amostras, ou irá a sua raça em decadencia? Não sabemos: o que é certo, é, que nós temos visto cavallos do sr. Raphael soberbos, e que estes á parte, o russo e o castanho maduro, que contra a opinião de muitos reputâmos optimos para tiro, nos pareceram muito cellulosos, empastados, e sem a maior energia e robustez muscular. Na tiragem o cavallo obra pela sua massa, e pelo seu esforço não ha duvida; mas a massa deve constar da ossamenta e da carne, que são ao mesmo tempo dois elementos mecanicos do esforço, e não de grandes pastas de gordura, e tecido cellular, materia inerte que esboça um vulto falso, e fôfo, que embaraça o livre jogo das alavancas, embrandece a fibra, e amortece a energia.

Estes defeitos de resto não lhes damos o valor que a muitos pareceu, porque os considerâmos susceptiveis de um prompto e facil remedio. Elles não procedem da raça, mas da localidade e qualidade dos pastos. Havendo algum cuidado em temperar a talvez demasiada aquosidade da alimentação e humidade dos pastios, estamos em que hão de desapparecer. Segundo o que rezavam os rotulos respectivos aos cavallos de que estamos fallando, elles são filhos de hespanhoes. Ignorâmos se as operações caudelicas deste benemerito criador se resumem apenas nesta raça; se assim é, manifestâmos o nosso desprazer por vêr quem tem tanto gosto, intelligencia, coragem em dispender e facilidades, não variar os seus ensaios sobre outras raças mais conducentes ao fim, e mais em harmonia com as circumstancias dos seus campos.

Já que o sr. Rafael quiz fundar no paiz uma boa raça cavallar para tiro, que não tinhamos, e á qual o futuro promette larga extracção logo que boas vias de communicação façam cruzar o paiz por um grande numero de diligencias, deve fazer obra completa e não ficar no meio de um pensamento feliz, que tanta gloria como proveito lhe póde valer. Para que trabalha só com raças peninsulares, cujo sangue e fórmas pendem mais para o typo esbelto e fino? Porque não ha de tentar com os hanoverianos, ou com os *hunters* por cruzamento ou aclimatação, typos já em conformidade a uma extracção mais corpulenta e de mais a mais apta por organisação hereditaria a acceitar e a fundir em massa motriz (desculpe-se-nos a expressão) toda a fartura de comidas volumosas?

4.° Exemplares pertencentes ao sr. Pinto Bastos. — Os dois russos, escuro e claro, filhos de egoa hanoveriana e cavallo hespanhol, são a melhor cousa que vimos como cavallos de tiro. Postos a par dos hanoverianos legitimos, quasi se lhes não nota differença. O castanho dourado, filho de paes de Alter, é um cavallo alindado com as proporções e fórmas de cavallo para sella. A egoa, filha de pae de Alter e mãe ingleza, tem uma cabeça, membros e pescoço tão bellos, como os mestiços de egual cruzamento, exhibidos pela casa real; o quarto posterior porém não condiz com o dianteiro. Merece o maior elogio um poldro de tres annos do mesmo criador, filho do cavallo arabe *Moghur*, das cavallariças reaes, e de *Ada*, egoa ingleza; e a não ser o defeito de se apresentar em edade tão nova já quartelludo, poderia hombrear com o *Phaetonte*, ou com o *Propheta*.

O cavallo barbo mandado, ao que nos parece, vir para padrear, julgâmol-o uma feliz acquisição com que muito aproveitará a caudellaria do sr. Pinto Bastos. É desenganar, para obter cavallos finos das nossas raças, por meio de cruzamento, não ha melhor expediente que recorrer a fonte limpa, ao sangue legitimamente oriental. Posto que os cavallos barbos sejam inferiores aos arabes na impetuosidade da carreira, e aos persas no gracioso e arredondado das fórmas, não deixam entretanto de possuir as outras bellezas das raças orientaes. Uma dellas é a de conservarem até ao fim da vida a mesma energia de força, e expedição nos movimentos. Dizem os conhecedores que os *barbos morrem, mas não envelhecem*. O cavallo barbo, abandonado a si mesmo, não inculca nada do que é, nota-se-lhe um certo des-

mancho e incuria que o faz desengraçado, parece brando e frio, mas tanta é a vulgaridade em que se encobre, quando vive só para si, quanta a superioridade das suas brilhantes qualidades nas occasiões de serviço. Esta é a razão porque para a maior parte das pessoas que visitaram a exposição, este exemplar quasi passou desapercebido.

A parelha de muares do mesmo criador, é uma das mais lindas que temos visto, e a não ser as orelhas, a raia de mulo, e a cauda, podia passar por uma parelha de cavallos.

5.° Um cavallo castanho escuro do sr. Paula Leite mereceu a approvação geral de todos os expectadores. Lia-se-lhe no rótulo, que é filho de paes portuguezes; por selecção das nossas raças difficilmente se podéra exceder este bello exemplar. Vêem-se alli perfeitamente conciliadas as fórmas do cavallo de sella e de tiro; é em verdade um producto a *dois fins*, como dizem os francezes; são as fórmas sêccas e nervosas do arabe, estampadas n'um vulto de hanoveriano.

6.° Ao sr. Miguel Julião, criador de fama, competia sem duvida fechar o cortejo desta parte da exposição de gados, porque os seus dois unicos exemplares deixam uma recordação grata que difficilmente esquecerá. São dois cavallos, um de 55 pollegadas, outro de 57, o primeiro filho de egoa portugueza e pae andaluz; o ultimo de egoa portugueza tambem, mas de pae de Hamburgo. Este ultimo não é inferior ao do sr. Paula Leite, é tambem um cavallo a dois fins; consta-nos que logo foi comprado. O primeiro é proprio para cavallaria, e com ás principaes perfeições deste destino.

(Continúa.) *Lapa.*

Primeiras noções de Physica

Para geral instrucção do publico, pelo Lente de Physica da Escóla Polytechnica o sr. Dr. Guilherme J. A. D. Pegado.

Nem só quem abre os seus thesouros para ir lançar no regaço do indigente o ouro de que elle carece, nem só quem enxuga as lagrimas do pobre, e distribue, generoso, o pão aos que tem fome, merece o titulo de bemfeitor da humanidade. Mais do que do sustento do corpo necessita o homem do alimento do espirito. Aquelle busca-se por instincto, procura-se por necessidade, pede-se, compra-se, adquire-se por todos os modos, porque nelle está a conservação do ser physico, essa lei que todos recebem, e a que todos obedecem; este só o busca quem lhe sabe o valor, quem lhe experimentou o sabor suavissimo, quem comprehendeu o que elle tem de sublime, de encantador, de divino e transcendente. O alimento do corpo pede-o a porção mais grosseira do homem, a quem a fome desfallece os membros, e da-lh'o a terra variadissimo, opiparo, gratuito, como mãe commum que de todos é, nas plantas que a revestem, nos fructos que lhe brotam do seio, nas flores que a adornam, nos animaes que a povoam; e offerece-lh'o suavissimo o mar, e chove-lh'o o céu, e ministra-lh'o saborosissimo e exquisito a atmosphera.

Ao alimento do espirito é necessario vontade, força, intelligencia, perseverança, recursos, livros, mestres, instrumentos, para se alcançar; e ainda assim é mister, para lhe saborear as doçuras, provar-lhe primeiro o amargo. O indigente, ao contemplar as pompas e as dilicias do abastado, revolta-se por só lhe ter dado miseria a natureza, que se lhe affigura madrasta, e não mãe; o cego pede ao medico que lhe restitua a vista; o faminto estende a mão e pede, sem se humilhar, o sustento que lhe falta; pede o fraco auxilio ao forte; o triste pede consolações ao que folga; só o ignorante se contenta com a sua sorte, e se julga venturoso, sendo o mais infeliz de todos os desditosos. E de que provém isto? Como se explicará este phenomeno? É porque a ignorancia, para em tudo ser fatalissima, até no parecer o que não é, concorre para tornar mais miseraveis as suas victimas.

A ignorancia, dizem os asceticos, é filha do peccado, e se este é trevas densissimas, como lhe chamou um santo bispo, cegos e bem cegos devem ser os que não cultivam o espirito para não verem o que lhes falta, nem lobrigarem o muito que poderiam gosar. E não será um grande serviço á humanidade o que lhe presta quem, descendo da alta posição em que se acha, se aproxima dos pobresinhos de sciencia, e lhes diz: parae que ides em trevas, parae que vos ides precipitar; parece-vos que vêdes, e estaes cegos; abri os olhos, que tendes muito que vêr, muitas cousas que admirar, muitos mundos novos se vão apresentar diante de vós como por encanto; detende o passo, que aqui vos dou a alampada de Alladin, para com ella fazerdes brotar da terra que pizaes, da agua que bebeis, do ar que vos entra até aos pulmões, do céu, do mar, das flores, da luz, do calor immensos prodigios grandes, admiraveis, surprehendentes, utilissimos; escutae-me, vós que sois engeitado, da fortuna, que nunca tomastes parte nos banquetes lautissimos da intelligencia; que tendes olhos e não vêdes, ouvidos e não ouvis, bôca e não fallaes; vinde a mim; vinde filhos predilectos da ventura, ricos dos bens da terra, mas pobrissimos dos da sciencia; vinde vós tambem, senhoras, a quem a sociedade exige intelligencia, espirito, amor, vitude, graças e attractivos, sem nunca vos dar os meios de exaltardes o espirito que tão proprio para tudo o que é grande e generoso vos deu o Creador. Eu que sei o que é a sciencia, eu que conheço os seus quilates, eu que sei que nella só está a vida do corpo e da alma, o allivio de todos os males, a consolação para todos os desgostos, a escada por onde se sobe para o céu, o verdadeiro brazão de nobreza, o pão do pobre, o vestido do nú, o germen de todas as industrias, o auxiliar de todos os grandes e generosos projectos da humanidade aqui vol-a dou; tomae-a sem

medo, lêde, meditae, relêde este livrinho, em vez dos romances insulsos, que vos envenenam o coração, que vos descoram as faces, que vos conduzem ao suicidio, e dizei-me depois se não sentis mais ennobrecido o vosso espirito, se não vos parece mais sublime o magestoso quadro da natureza, se não vêdes surgirem de todos os lados maravilhas que até aqui não conhecieis, recursos que ignoraveis, bellezas que vos parecem ainda sonhos, poesia, felicidade, amor por toda a parte, e em tudo.

Estas foram sem duvida as considerações que moveram o lente de physica da escóla polytechnica de Lisboa, a publicar as suas *primeiras noções de physica*. Viu elle, como optimo observador que é, que a cegueira do espirito é nesta nossa terra um mal extensissimo; que em Portugal, com os olhos do entendimento fechados, nascem, crescem, vivem longa vida, e morrem milhões de creaturas; que a sciencia aqui é toda official, aristocratica, presumida, e adereçada de modo que só poucos a podem conseguir; conheceu, pela extensa practica que tem dos homens e das cousas, que nesta nossa terra ha muitas reputações falsas, muitos talentos mentidos, muitos conhecimentos superficiaes, e sobre tudo crassissima ignorancia; ignorancia nos ricos, nos pobres, nos grandes, nos pequenos, nas capitaes, nas aldeias, por toda a parte, e quasi em tudo. Viu que os governos nada tem feito, nada fazem para derramar abundantissima a instrucção por todas as terras, por todas as classes, por todas as casas, resultando desta vergonhosa inacção, que sejamos nós hoje á face da Europa uma especie de horda de barbaros, que estacionados n'uma terra tão liberalmente dotada pela natureza, nos deixâmos ir morrendo morte vergonhosa. Viu tudo isto, e não lhe soffreu o animo deixar-se no seu posto distribuindo a poucos, o que devêra ser de todos. Da cadeira do magisterio, que com honra da patria occupa no primeiro estabelecimento de instrucção, desceu, sem rebaixar, antes exaltando o seu credito, até á officina do artista, até á choupana do pobre, até á humilde habitação do proletario, transubstanciado n'um livro, que todos devem e podem lêr, que nenhum engenho, por mais mediocre que seja, deixará de entender cabalmente.

Quando a acção do governo em objectos de educação publica é nulla, quando todas as idéas generosas nascem da mente dos que poderiam, sem crime, cruzar os braços e chorar o mal commum, um professor, que sacrifica ao bem do publico muitos annos d'estudo, e todo o prestigio de grande na sciencia para se occupar de escrever para *todo o mundo*, é digno dos maiores elogios. Pela nossa parte damos ao sr. Dr. Pegado muitos louvores por se associar a esta cruzada de verdadeira regeneração, em que já figuram honrosamente, entre outros, o nosso muito presado mestre, o sr. Dr. Costa, e os srs. José Maria Grande, Castilho, Corvo, Latino Coelho, e Fradesso.

Não basta, porém, que os leitores deste artigo saibam que o sr. Dr. Pegado escreveu; é mister que lhes digamos que devem, sob pena de indesculpavel desleixo se o não fizerem, lêr a sua obra. A physica é uma sciencia de tão numerosas applicações e tão necessaria nos usos da vida, que não póde admittir-se como boa a educação de que ella não faça parte; como muito bem diz o sr. Dr. Pegado «esta sciencia faz contrahir o habito de discorrer e obrar com exactidão e firmeza, tanto em assumptos ponderosos do estado, como nos objectos mais ordinarios da vida. Com o encanto das observações e experiencias, com o descobrimento de verdades, cada vez mais sublimes, a alma se eleva e ennobrece, forma-se o gosto para o estudo e applicação, e origina-se o amor da gloria e do saber. Em toda esta lide do espirito e dos sentidos cria-se, portanto, um thesouro de conhecimentos, os mais sólidos e uteis; a razão aperfeiçoa-se e se fortalece; e os habitos e os sentimentos, que se contrahem, honram a humanidade, e beneficiam a republica.»

Nesta exposição tão repassada de eloquencia e de verdade, disse o sr. Dr. Pegado qual era o interesse do seu livro. Agora perguntaremos nós qual será o pae, qual a mãe, o mestre, o educado que se não apresse a dar aos seus subditos conhecimento desta obra, a fazer-lh'a estudar, familiarisando-os assim com a sciencia, e acostumando-os a formarem as suas idéas por um modêlo de rigor logico e de clareza de expressão que se não póde exceder, e que é o caracter peculiar do sr. Dr. Pegado, um dos mais logicos e rigorosos pensadores que conhecemos? A falta de cursos de sciencia popular, que lá por fóra tão communs são, esta obra, cujo primeiro livrete está publicado, era indispensavel, e a sua publicação é um grande bem. O conselho superior de instrucção publica faria grande serviço á patria, se obrigasse os professores de instrucção primaria a habilitarem-se para nos seus exames de opposição responderem ás perguntas que o sr. Dr. Pegado formulou no fim de cada capitulo, bem como a outras que o mesmo conselho publicasse sobre as materias tratadas nos compendios elementares do sr. Corvo, Latino Coelho, e Fradesso; se depois impozesse aos mesmos professores o dever de explicarem aquelles compendios, ao menos uma vez por semana, aos seus discipulos; e se egual intimação fizesse aos directores dos collegios particulares.

Aqui terminâmos. Alguem fará reparo em que ajuizassemos da obra só pelo primeiro livrete, e em dizermos muitas palavras ácêrca de uma publicação que bem elogiada ficaria por quem citasse apenas o nome de seu author. Em quanto ao primeiro respondemos que quando uma obra, escripta por pessoa tão competente, se quer avaliar, basta lêr pouco para a comprehender toda; pelo que diz respeito ao segundo, pedimos se nos releve se fomos difusos, porque sempre a penna nos corre ligeira quando temos de tratar assumptos destes.

João José de Sousa Telles.

Os Talismans.

I.

Attenção! gritou Ludwig, cuja voz forte e vibrante, fazendo-se ouvir em toda a extensão da loja de bebidas, dominára o tumulto da assembléa.

— Meus amigos, disse elle, antes de nos separarmos, o nosso camarada Frederico de Neuberg pede a palavra para uma communicação importante.

A este nome, um homem que estava sentado junto de uma mesa pequena, na sombra do fundo da sala, estremeceu e voltou-se para vêr melhor o joven estudante que era assim annunciado.

Frederico de Neuberg parecia muito novo. Seu corpo alto e flexivel era gracioso e cheio de distincção. O rosto, de natural regularidade, tornava-se mais bello com a expressão de resignada melancolia, e da suave distracção, que contrastava singularmente com o tinir das copas, e as alegres cantigas que resoavam em volta delle. Quando se poz de pé, todos se calaram.

— Amigos e camaradas, disse com uma voz firme, quiz achar-me hoje aqui para lhes perguntar se durante os annos que passei na universidade teve alguem motivos de queixa contra mim, ou se me não portei sempre como um estudante nobre e leal?...

— Sempre, exclamaram muitas vozes em côro.

— Pelo que me toca, tenho uma cousa de que o reprehenda, disse Ludwig com voz grave e sonora.

— Que vem a ser?

— Deitou agua no vinho na minha presença, e nunca teve mais que um amor ao mesmo tempo.

Houve uma gargalhada geral, mas o silencio restabeleceu-se logo.

— Talvez commettesse o erro de que me accusam, disse Frederico sorrindo-se, mas espero que não diminuiria muito a estima que lhes merecia. Tenho empenho de o ouvir da vossa propria bôca, para ter a certeza de que, deixando a universidade, levava commigo a saudade dos meus camaradas, e não deixava atraz de mim falta alguma, ou offensa qualquer que fosse, de que me tivesse esquecido dar a devida reparação.

Estas ultimas palavras levantaram um viva geral, e interpellações multiplicadas.

— Então que é isso?... Despedidas?... Acaso te vaes embora?...

— Por meu mal, é verdade que sim! Deixo-vos, meu caros camaradas! Vou procurar de que viver n'outra parte... porque não tenho meios de viver aqui.

— Como? Que queres dizer?

— E muito facil de comprehender. Meu pae, o barão de Neuberg, era um bravo militar, que não tinha mais do que o seu soldo; depois da sua morte, a minha pobre mãe tinha a sua pensão de viuva... e depois da morte de minha boa mãe... e a voz de Frederico tremeu contra sua vontade... eu, continuou com voz firme.... fiquei sem cousa alguma.

Houve um instante de triste silencio, e os mancebos olharam uns para os outros; mas se os corações eram bons, as algibeiras eram leves, e ninguem fallou.

— Procurei um emprego, continuou Frederico com o mesmo tom. Pensei primeiramente que o governo poderia receber e pagar os serviços do filho, visto que tinha consumido e tirado a vida do pae. Enganei-me. O ministro despediu-me, respondendo-me ásperamente que o numero dos pertendentes era vinte vezes maior que o dos logares. Em parte nenhuma achei na cidade onde podesse utilisar o meu talento e o meu trabalho. Ora como nem quero viver a credito, nem como cavalheiro de industria, tomei a resolução de me retirar. A terra não falta, e nunca tem braços de mais. Espero poder empregar os meus de modo que viva ainda que pobre, mas sempre honrado. Por consequencia, meus amigos, meus leaes camaradas, faço-vos as minhas despedidas, e desejo-vos de todo o meu coração mais felicidade, do que a que tem tido até aqui Frederico de Neuberg.

Quando acabou estas palavras, Frederico sentou-se.

— Por minha fé, meu caro Frederico, disse Ludwig no meio do silencio geral, se tu tivesses tudo o que nós te desejâmos, nada terias que desejar. Infelizmente estamos reduzidos a desejos. A algibeira dos estudantes não é como a de Fortunatus; está mais vezes despejada do que cheia... e a minha, no momento em que te fallo... com a fortuna... está exactamente como esta garrafa... perfeitamente em sêcco.

— Meu querido Ludwig, respondeu Frederico com socego, nunca duvidaria da tua boa vontade; mas estava decidido a não me aproveitar della: não poderia resolver-me a viver quer de esmolas, quer de emprestimos, embora umas ou outros me viessem das mãos da amizade. Tomei a minha resolução... a mala está feita... Parto ámanhã.

— Ámanhã já?!... exclamaram muitas vozes ao mesmo tempo.

— É verdade; amanhã!... a não ser que.. Nem eu sei. — O homem põe, e Deus dispõe. — O futuro não nos pertence.

— É vérdade; quem sabe?! replicou um dos estudantes rindo-se. Póde ser que elle tenha uma herança, e que acorde ámanhã pela manhã millionario!

— Aposto que vae achar na rua a bolsa de Fortunatus, de que ainda agora fallámos, accrescentou outro.

— Meus bons amigos, o tempo das fadas e dos talismans já lá vae. Li, não sei aonde, que para chegar a ser rico e feliz existiam ainda dois meios; a pureza de consciencia, e a coragem do trabalho. Graças a Deus, possuo-os ambos, e possuil-os-hei sempre: de modo que estou muito menos in-

quieto ácêrca do meu futuro, do que alguem poderia pensar. Espero pouco, é verdade, mas não temo cousa alguma.

—Viva! Isso porém não nos impedirá, meu caro Frederico, de beber ainda, e pela ultima vez á tua saude... e espero que por extraordinario, sem exemplo, e sem prejuizo dos teus habitos aquaticos, tu nos farás razão. — Sabes que em quanto restar uma gota na garafa da *antiga casa* Luduvig, um bocado no seu prato, e uma fumaça no seu cachimbo, estarei sempre prompto a repartir comtigo. — Assim, figas aos cuidados, viva a alegria, e bebâmos á saude do viajante!

Dizendo estas palavras, despejou a garrafa no copo; todos o imitaram, e beberam pela ultima vez.

Depois deste derradeiro toast, todas os mancebas apertaram cada um por sua vez a mão a Frederico, pediram-lhe que se não esquecesse delles, e sairam uns depois dos outros.

Quando Frederico se viu só, a firmeza, de que até áquelle momento tinha dado provas, pareceu abandonal-o.

Caiu n'um banco ao pé da mesa, sobre que encostou os cotovelos, occultou o rôsto nas mãos, e ficou meditando profundamente.

O homem, que havia ficado occulto n'um canto da sala, ergueu-se sem fazer bulha, e veiu sentar-se em silencio ao pé delle. — Era já entrado na edade, alto, magro, embuçado n'um amplo capote. — Suas feições, fortemente caracterisadas, tinham uma expressão nobre e cheia de firmeza. Os cabellos já russos, que lhe saíam debaixo das largas abas do chapéu, e lhe fluctuavam no pescoço; as bastas sobrancelhas, debaixo das quaes reluzia um olhar simultaneamente penetrante e dôce, faziam ainda mais notavel o aspecto da sua physionomia. — Quando Frederico levantou a cabeça, os seus olhos encontraram-se com os do desconhecido, e estremeceu involuntariamente. — Ergueu-se para sair.

—Não, ficae, Frederico de Neuberg, disse o velho segurando-o pelo braço. —Tenho que vos fallar um instante.

—A mim, senhor?! Acaso me conheceis! Respondeu Frederico com surpreza.

—Sem duvida! Assentae-vos. Temos ainda tempo de conversar, visto que so deveis partir ámanhã de manhã.

Frederico olhou para o estranho com admiração.

— Ser-me-ha permittido, senhor, saber a quem tenho a honra de fallar?

— A um dos vossos amigos, Frederico, ou pelo menos a alguem que deseja sel-o. Se vos dessem o meu nome, não ficarieis mais adiantado, porque o não conhecerieis com toda a certeza. Assim isso nada importa: é de vós que se tracta. Quereis deixar esta cidade!... Pois eu aconselho-vos que fiqueis aqui.

(Continúa).

Noticias Diversas.

Theatro de S. Carlos. — A exposição do — *Grande panorama movel do Mississipi* — continuará, segundo nos consta, até ao dia 15 do corrente. As pessoas que tem concorrido a observar o excellente trabalho de mr. Smith, são geralmente conformes em o achar digno de admiração, e merecedor de grandes elogios.

Theodoro Martin. — Sabemos que o distincto coreographo Theodoro Martin, o mesmo que, ainda ha poucos annos, deu entre nós conspicuas provas da sua capacidade artistica, está escripturado para o theatro da *Scala* de Milão, e alli tenciona reproduzir, na época do carnaval, as duas excellentes danças — *Palmina*, e *Emith*; tendo mandado, com esse intuito, pedir que lhe enviassem de Lisboa os desenhos dos figurinos e mais accessorios, que serviram em S. Carlos, na época de 1846, em que foram á scena as ditas danças.

Tivemos occasião de vêr já concluidos os ditos desenhos, os quaes foram copiados primorosa e fielmente, pelo sr. Bordallo Pinheiro, da bella obra de Panckouke sobre o Egypto; e consta-nos que brevemente serão remettidos ao seu destino.

Em quanto ao coreographo Martin, acreditâmos que sustentará no grande theatro da *Scala* o bom nome que tem ganho nos differentes theatros em que tem estado.

Concertos. — No dia 17 do passado, o habil e joven pianista o sr. Eugenio Masoni deu, no Porto, um concerto vocal e instrumental em que tomaram parte os srs. Segri, Raphaeli, Ciro, e Ludovici.

O sr. Masoni attrahiu todas as attenções, e alcançou merecidos applausos, pelo primor com que executou a — *Grande phantasia* (de Dohler) sobre motivos da opera — *Guglielmo Tell*, — a *Grande phantasia de brarura* (de Thalberg) sobre a *Somnambula* — e *Dois estudos de concerto* para piano, tambem de Dohler.

No concerto que teve logar, em 30 do passado, na *Academia Melpomenense* de Lisboa, pertenceram as primeiras honras aos srs. Raphael Cronner, e Antonio José Cronner, o primeiro — tocador de clarinete, e o segundo — de flauta.

Sophia Cruvelli — Madame de la Grange — Jenny Lind. — «No theatro de S. M. (em Londres) — diz a *Revue et Gazzette Musicale* — Sophia Cruvelli e Madame de la Grange, partilham sempre as primeiras honras. Ainda ha pouco, a ultima fez realmente *furore*, cantando uma mazurka de Schulhoff; porque nunca se tinha observado uma *vocalisação* tão ousada, e de tão extraordinaria agilidade.

N'um concerto dado pela rainha em presença de toda a côrte, Sophia Cruvelli chegou uma hora mais tarde do que os outros artistas. A ordem do programma teve por conseguinte de ser transtornada. Era preciso que a artista passasse pela frente da

rainha, para ir occupar o seu posto. Sophia Cruvelli fez uma profunda venia, e a rainha apenas lhe correspondeu com um sorriso. N'outro tempo, o caso não terminaria assim.

Em 16 do passado, a rainha e o principe Alberto assistiam á representação de — *Dom Carlos* — no theatro allemão. Jenny Lind, e mr. Goldschmidt, seu marido, achavam-se n'um camarote, e attrahiam todas as attenções. O grito de *viva Jenny Lind!* acompanhado de applausos, se soltou de muitos pontos da platéa; mas foi logo reprimido, porque a etiqueta prohibe toda a manifestação de que S. M. não dê o signal.

Os directores dos dois theatros italianos de Londres, e muitos emprezarios de *concertos*, teem feito a Jenny Lind as mais brilhantes propostas; mas a celebre artista tem recusado, dizendo, que a sua saude exige descanço absoluto. Affirma-se que Jenny Lind embarcará brevemente para Gothembourg, e dalli partirá para Stockholm para o seio da sua familia.»

O sr. Eugenio Masoni. — O joven Eugenio Masoni, que ha pouco concluiu o curso do conservatorio, e cujo talento por mais de uma vez temos admirado em publico, acaba de dar um concerto na sala da assembléa philarmonica do Porto, onde, segundo os jornaes daquella cidade o annunciam, extasiou os mais entendidos, que lhe tributam os maiores elogios pelo desempenho de difficeis peças de musica, cuja execução, sendo de uma força superior, mais merecidos lhe tornam taes louvores.

É tão raro vêrmos entre nós vingar um talento qualquer em bellas artes, sem succumbir com a falta de proporções que as nossas academias offerecem aos que se propõem a tão ardua tarefa, que não podêmos deixar de considerar como dotados de um genio muito superior, e estudo muito aturado aquelles que chegam a fazer alguma cousa mais do que o limitado usual a que estamos habituados!! Ainda assim é o conservatorio, de todos os estabelecimentos desta natureza, que esta montado de melhores bases. Dirigido por pessoas intelligentes — com bem poucos meios do governo em verdade, e em um edificio que bem pouco adaptado é para tal fim, comtudo os professores que ahi instruem os alumnos são de irrecusavel merito, o que infelizmente não acontece em todas as academias de bellas artes no nosso paiz, ao que sem duvida devemos a estacionaria posição de Portugal, nestes ramos de instrucção publica, com as demais nações da Europa.

Mas já que se nos offerece opportunidade de elogiar em um dos mais distinctos discipulos do conservatorio, este estabelecimento em geral, e ao sr. Francisco Xavier Migoni em particular, como lente da aula de piano dessa academia, regosijemo-nos com as palmas que o seu distincto alumno está colhendo, e com as que no futuro terá de colher, pois que o talento do sr. Eugenio Masoni ha de desenvolver-se com a pratica que requer tão difficil carreira, e com fundamento esperâmos que o seu nome, já entre nós tão distincto, venha um dia a figurar a par daquelles, de que outros paizes tão devidamente se gloriam.

As suas composições são já hoje avaliadas em bastante consideração entre nós; e se, como esperâmos, não desanimar no futuro, na carreira que tão felizmente tem encetado, gloriar-nos-hemos em vêr que Portugal não se limitou em fornecer talentos, neste ou naquelle genero, pois que bem numerosa é a cohorte que entre nós está de continuo crescendo e despontando, apesar dos tormentos que tem a superar em um paiz, onde os productos da intelligencia são tão pouco animados!!

Morte de um aeronauta. — Mr. J. Goulston verificou, no fim do mez passado, uma ascensão aeronautica nos jardins de Cremornere em Manchester, e pereceu desgraçadamente victima do seu arrojo.

Mr. Goulston era o mesmo que, ainda não ha muito tempo, em Madrid tentou, em companhia de Mr. Cliford, fazer uma ascensão sobre um cavallo, e que depois de muitos esforços nada póde conseguir.

O infeliz aeronauta era ainda muito moço, e pereceu quando fazia a sua 51 ascensão.

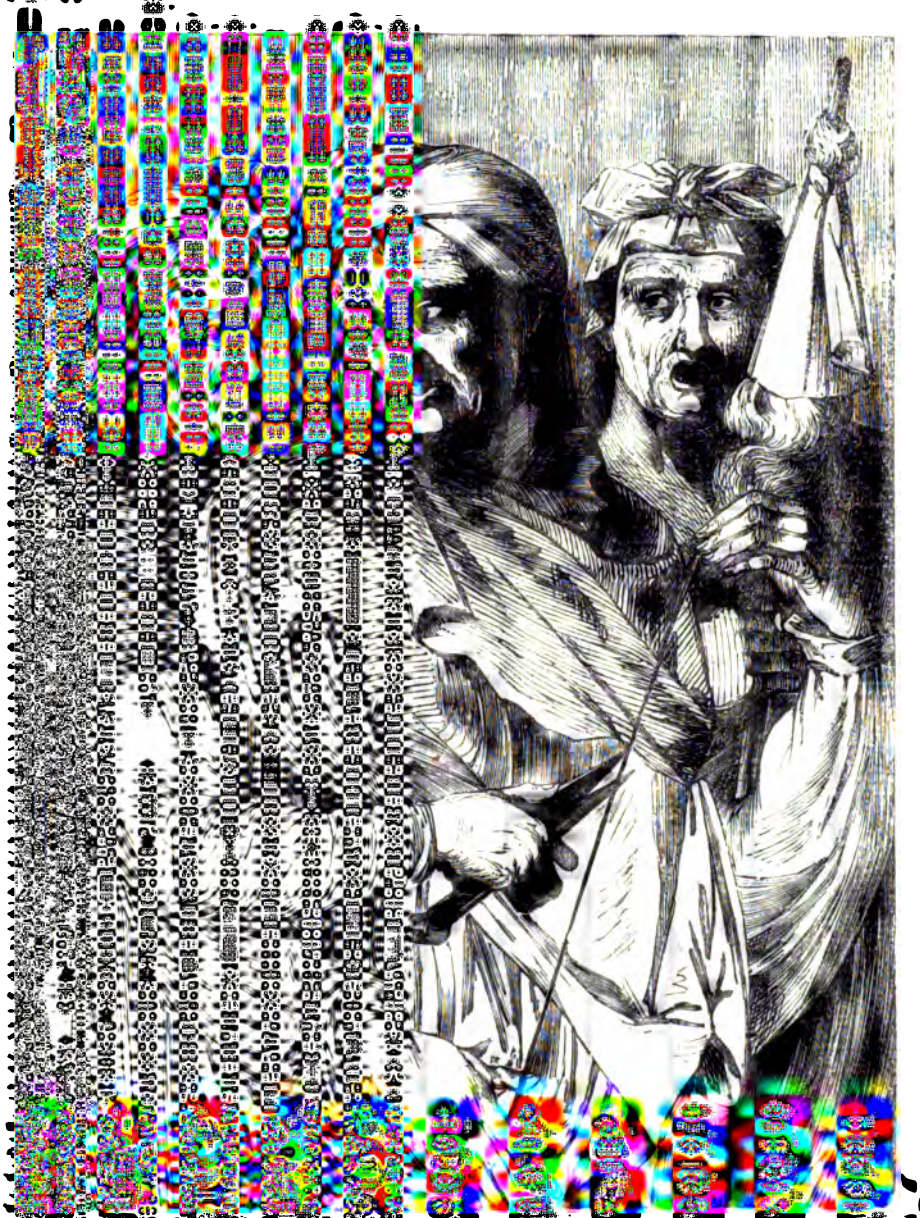
Primeiras noções de physica. — Para a geral instrucção do publico, pelo Lente de Physica da Escóla Polytechnica, Guilherme J. A. D. Pegado. Esta publicação faz-se por livretes; o 1.° acaba de sair, e acha-se á venda nas lojas — da viuva Bertrand e filhos, e de Lavado, rua Augusta n.° 8. — Contém, entre outros objectos, a descripção do — *Systema metrico*.

COLLEGIO DO PORTICO.

Este estabelecimento, dirigido por Antonio Feliciano de Castilho, acha-se hoje transferido para a rua dos Navegantes n.° 40 a 43, junto ao Largo da Estrella. Excellente casa, com todos os requisitos hygienicos, e, pela tranquilidade e silencio do sitio, inteiramente proprio para o bom estudo. As primeiras letras ahi são ensinadas pelos methodos de *leitura repentina, e escripta repentina*, sob a immediata inspecção do auctor. As classes de portuguez, latim e francez, são regidas, pessoal e assiduamente, pelo mesmo A. F. de Castilho.

Todas as pessoas que desejem conferir e julgar por si mesmas os methodos que neste collegio se empregam para o ensino das diversas disciplinas, assim como o gosto e não vulgar aproveitamento com que os alumnos as seguem, não só são admittidas, senão até convidadas, (como desde o principio até agora o tem sido), a assistirem ás prelecções e exercicios, todas as vezes, e por quanto tempo lhes agradar.

provavelmente encontrou em alguma rua de Florença, e em continente desenhou na sua pasta, que tinha de passar á posteridade, nesta terrivel representação das tres inexoraveis irmãs. Este



tre respira nesta scena severa, como o genio vigoroso de Shakspeare nas tres feiticeiras de *Macbeth*. Quando nesta galeria encantada do palacio Pitti, as vistas dos viajantes se detêem neste quadro, as mais alegres e prasenteiras, tornam-se subitamente fixas e como que terrificadas. Estas tres figuras pallidas, serenas, inflexiveis, friamente crueis, gelam o coração. Comprehende-se, lê-se o pensamento fatal escripto em seus olhos despiedados que se procuram e interrogam, e em suas mãos homicidas, que se apressam e nunca param. Cloto abre a horrivel bôca e pronuncia a irrevogavel sentença, e uma existencia mais desapparece da terra: as tres irmãs surdas, aos lamentos e ás supplicas, continuam a cumprir a vontade do destino.

Exposição de gados em Belem.

Conclusão.

Na secção do gado vaccum é ainda a casa real quem nos presta a principal materia para continuar a pequena analyse, a que nos propuzemos, da exposição de gados. E não é sem uma especie de sofreguidão que a acceitâmos, porque nos poupa ao desprazer de fechar, ou melhor diremos, de interromper o nosso trabalho no ponto talvez mais importante, pois que era o de fallarmos da especie domestica de maior valia na agricultura.

Não é uma grande variedade de raças estrangeiras accommodadas a varios misteres, que se hajam aclimatado para propagar ou cruzar com as nossas. Não são mesmo exemplares de cada uma das nossas raças vaccuns, que tanto conviria estudar, que temos diante de nós; o nosso thema é muito mais humilde; é apenas um cruzamento bem lembrado do *zebú* com vaccas do paiz, mas um cruzamento que resolve entre nós um problema zootechnico, que os outros paizes só tem conseguido resolver depois de um grande adiantamento na economia do gado.

O gado vaccum presta-se, como todos sabem, a differentes destinos mais ou menos uteis e preferiveis, conforme uma infinidade de circumstancias, tanto do criador, como da localidade e do genero e escala do consumo. Fazer com que n'uma mesma raça se reunam em avantajado gráu de perfeição as aptidões para todos os usos, tem sido o primeiro empenho dos agronomos; mas este *desideratum* não tem ainda passado da theoria. A experiencia lhes revelou que exagerando o metro de um certo fim, fallecia quasi sempre para os outros e sempre para alguns delles a energia funccional; que até mesmo entre alguns destes fins, quando elevados a maior expoente de prestimo, apparecia uma certa incompatibilidade. Pareceu mais judicioso e exequivel, assim como já se havia praticado com a especie cavallar, dividir em raças distinctas as capacidades de cada serventia, ou quando muito desenvolver apenas as condições organicas respectivas a destinos compativeis.

Tem-se, por exemplo, conseguido alliar a precocidade da raça, com a facilidade da engorda, com a boa qualidade da carne, e a abundancia do leite, como succede na raça vaccum ingleza de *Durham*; a precocidade e a engorda prompta na raça *Disheley*; a robustez para o trabalho e boa carne na raça *Devonshire* e de *Sussex*, e simplesmente refinado a bondade do leite na raça de *Alderney*. As aptidões para o trabalho e para a engorda são de mais difficil e rara conciliação na mesma raça, porque ha entre ellas condições organicas que evidentemente se contrapõem. Citaremos as principaes. Um boi cevadiço deve ter *ossos miudos*, pelle fina e macia, e o corpo com a fórma de *uma pipa*, as pernas curtas, peito bem descido e tão largo, que o tampo dianteiro da pipa seja egual ao tampo de traz, medido pelo perimeiro das abas do thorax; musculos pouco desenhados e pouco entremeados de veios tendinosos. Um boi de trabalho deve ser cheio de ossos, ter as pernas altas, enxutas e nervosas — musculação rija e bem pronunciada — as pás bem soltas do peito, etc. Como se vê estas qualidades levadas a um certo apuro, são incoexistentes no mesmo individuo. Ha ainda mais: o trabalho accelerando os movimentos da respiração, da circulação, os actos da innervação e da locomoção, precipita o giro da renovação material do corpo, queimando e expellindo n'um tempo dado, a materia organica, uma parte da qual seria empregada na reparação e accrescentamento do edificio, seja fazendo parte constitutiva do mesmo, ou armazenando-se em grandes massas de gordura. A céva precisa de um descanço geral do corpo, de grandes intermittencias nos actos da vida de relação, e de frouxidão notavel na respiração e circulação.

Nos instrumentos e na acção, ha, como se vê para estes dois fins, uma opposição manifesta. Pondo em relevo o antagonismo destes dois destinos do gado vaccum, quizemos fazer sobresahir a difficuldade do problema, e o merito do cruzamento que em grande parte o resolve.

O *zebú*, ou boi da India, ou boi *gibozo*, por causa de uma bossa de gordura que tem sobre a cernelha, é uma raça do boi domestico. Possue mais robustez, docilidade, intelligencia e agilidade que o nosso boi ordinario, e é mais proprio que elle, para trabalhos variados. Os indios servem-se delles como bestas de carga, de tiro, e mesmo para cavalgar. Trotam como um cavallo, fazem grandes jornadas, sustentam-se de qualquer cousa, e o que é sobremodo apreciavel, no meio de todas as fadigas, nunca perdem as carnes.

Os mestiços obtidos na granja real de Mafra, do *zebú* com vaccas da terra, trazem as qualidades mais importantes do pae; a sua organisação foi vasada em partes eguaes pelo molde do trabalho e da engorda. Vimo-los amafados e nedios, não obstante haverem constantemente andado nos

trabalhos da granja, como se estivessem de engorda ha dois mezes.

Estes mestiços são de estatura mais pequena do que a do nosso boi ordinario, maior comtudo do que a do *zebú*. Tem a vara do corpo direita, cernelha grossa e sem giba, costado arqueado, ancas e rins espaçosos, ilhaes cheios e nivelados perfeitamente com o ventre, pás grossas e bem destacadas do peito, barbella menos desenvolvida do que a do pae; mas a cabeça mais comprida, orelhas mais curtas, e chifres maiores, no que se parecem com as mães; as côxas muito descidas e cheias, pernas curtas, finas e nervosas; curvilhões enxutos; pelle macia, fina e unctuosa, côr do pello, a mesma do pae, café com leite, ou azebrada. Segundo nos disseram, estes productos herdaram do pae a mesma agilidade e dureza no trabalho, comparados aos dos bois do paiz, tem-se achado que fazem muito mais obra n'um dado tempo, e com superior uniformidade. Nós não podêmos deixar de preconisar este bello experimento, que se póde cada vez mais aperfeiçoar, havendo o cuidado de não copular as femeas que forem saindo, senão com o *zebú* até á perfeita fixação das qualidades do pae, e desapparição completa de alguns caracteres maternos, que não são uteis ao trabalho, e contra-indicam a engorda; taes como: o muito grande desenvolvimento dos chifres, e o comprimento da cabeça. Quanto á pequenez da raça, não julgâmos que se deva tomar como um — senão — que faça depreciar as outras qualidades boas, porque actualmente os criadores dos outros paizes, por muitas razões estão dando a preferencia ás raças de pequena, ou mediana estatura, sobre as de grande.

Além dos mestiços de *zebú*, vieram tambem á exposição algumas vaccas *torinas*, e uma vacca da *terra*. Entre as primeiras foram particularmente notadas no dia da abertura, as da propriedade do sr. Herculano. Temos pena, não as havermos podido observar; mas segundo nos disse o nosso collega e amigo o sr. Lima, são das melhores da raça torina que ha nos arredores de Lisboa. Das outras raças bovinas do paiz, taes como, a *molar* de Traz-os-Montes, *marella* do Minho, a da Beira, a *anã* do Algarve, etc., que tanto precisam ser conhecidas e estudadas, nem um só exemplar appareceu na exposição.

Vimos na exposição carneiros da raça ingleza *South Down*; mestiços destes e de ovelhas do paiz; *merinos* de Hespanha; e alguns carneiros nossos de lã branca, e finalmente um carneiro e uma ovelha da costa de Guiné, chamados vulgarmente carneiros de *tres quartos*, e que nos parecem ser o *ovis aries longipes*. O espaço nos falta para consagrar a esta parte da exposição a analyse, e as reflexões que a importancia industrial do assumpto pede.

Quando se offerecem a tratar materias deste genero, é que se sente bem a falta de um jornal especial, cujo fim fosse de divulgar as luzes da sciencia agronomica, e onde a questão das exposições agricola e pecuaria, e outras muitas poderiam ser tratadas em toda a sua luz e desenvolvimento. N'um periodico do genero da *Revista Popular*, o escriptor soffre uma violencia em amaneirar e acanhar estes assumptos dentro dos limites, e caracter de artigos ligeiros. Ha cousas que, ou se hão de expôr com o technismo, e profundidade que demandam, ou não fallar nellas. A proposito disto podêmos assegurar, que se o governo acceitar a proposta, que lhe fizeram ha pouco os lentes da escóla veterinaria, para a fundação de um jornal de agricultura, zootechnia, e medicina veterinaria, subsidiado pelo mesmo governo, nós teremos em breve uma publicação periodica, que satisfará em grande parte esta necessidade de escriptos em agricultura e seus diversos ramos, escriptos que não podem saír nos jornaes politicos, cujo espaço é pouco para as questões do dia; nem nos jornaes litterarios com o matiz e genero dos quaes se não compadecem.

Lapa.

Sociedade protectora dos animaes.

(Continuação.)

Um tocante costume existiu por largo tempo em toda a egreja, e se conservou até á nossa época, na cidade de Roma: era a benção solemne dada uma vez no anno aos animaes domesticos. Neste dia era-lhes concedida a honra de passearem processionalmente, em companhia do homem, por diante do portico da explendida basilica de S. Pedro, na presença do clero reunido. Mesmo não considerando senão debaixo do ponto de vista administrativo, esta inspecção, esta grande revista, era para elles um excellente meio de protecção. O proprietario, ainda o menos compassivo, coraria de pejo, quando mais não fosse senão por amor proprio, de apresentar o seu gado em máu estado, com as costellas descarnadas, com a cernelha ou peitoral ulcerados. Muito tempo antes do dia da festa, cada um cuidava nos meios de renovar, ou pelo menos de reparar e enxumaçar os arreios. Voltando para casa, o homem mais grosseiro, ou o mais brutal, não podia deixar de fazer comsigo mesmo este raciocinio: — « o animal que vive sob o meu chicote é alguma cousa aos olhos de Deus, pois que a egreja se digna prestar-lhe attenção. »

A religião mahometana, que teve o mesmo berço que a religião christã, tem permanecido fiel neste ponto á tradicção biblica. Todavia não é no alcorão onde se acham as provas disto, como se diz quasi sempre, mas sim no *Sunna*, collecção de leis e de preceitos, que não faz auctoridade para todas as seitas egualmente.

As outras crenças que dividem entre si o globo, todas derivadas do antigo pantheismo indiano, que admitte que a alma é a mesma em todos os sêres viventes, ou se revista por um tempo determinado do involucro humano, ou do bestial, foram levadas a falsear a verdade instincti-

va por uma interpretação exaggerada; á sua commiseração pelo animal, substituiram estas crenças, o respeito e ás vezes até a adoração, por exemplo, a do Egypto. Nos primeiros tempos do paganismo grego havia uma lei, no dizer de Varrão, que condemnava á morte todo o individuo que matasse um animal domestico, ainda mesmo que fosse o seu proprio dono. Não vae ainda longe a época em que nós vimos os chinezes n'uma capitulação concluida em 1840 com os inglezes vencedores, introduzir-lhe este paragrapho: — « os cavallos e os camelos pertencentes ao exercito, serão tratados com affeição e amor. »

O facho da revelação não é bastante por si só, direis vós; é necessario que a elle se associe o da razão humana, cuja luz está mais proxima da terra. Pois bem! lêde o que escreveu no meado do decimo segundo seculo, o mais sabio dos rabinos, o espirito mais superior e audacioso; o primeiro talvez que appellou seriamente para o livre exame na época da renascença da civilisação, bem que a sua crença fosse a lei de Moisés. O seu nome é Maimonide, viveu na côrte faustuosa do sultão do Egypto, de quem era medico: « não esqueçaes que o homem é uma das mais pequenas partes deste mundo, e não vos persuadaes de que elle seja o objecto final dos astros, dos animaes, das plantas, de quem elle tira tanto proveito. Cada sêr de grande ou de pequena importancia, existe por si mesmo, e tem o seu direito á existencia. »

O catholico Charron, que, apesar de clerigo, e clerigo piedoso, não duvidou dar ao seu *livro da sabedoria*, um sabor decididamente philosophico, exprime-se assim: « tudo o que o céu abriga está sujeito ás mesmas leis; de mais, convém não duvidar que entre nós, e os animaes, ha uma dependencia reciproca, que se traduz, quando mais não seja, por elles terem o mesmo senhor, e pertencerem como nós á mesma familia; é indigno usar de crueldade para com elles: nós devemos a justiça aos homens, graça e benignidade ás outras creaturas que são merecedoras dellas. »

Comtudo o homem tornou-se surdo á voz da religião e á da razão humana; não quererá elle tambem attender á do seu proprio interesse? Elle, que tem tódo o cuidado pelas suas machinas de madeira ou de ferro, com receio de que se deteriorem antes de tempo, desprezará as suas machinas viventes! Deixará insensatamente sumir este capital, anniquilar-se na sua mão antes da época prescripta pela sua natureza? Tomemos para exemplo o cavallo, a mais bella e a mais util destas machinas. Entregue a si e no estado selvagem, viveria *trinta* e mesmo *quarenta* annos. Sob a nossa tutella intelligente, não excede em França uma vida media de treze annos. Um cavallo, que termina o seu quarto lustro, é citado como um patriarcha da especie.

Eu supponho agora que á sua criação presidiram os preceitos da sciencia; supponho mais que, na sua edade adulta, o alojâmos n'uma cavallariça sádia, que lhe ministrâmos uma ração abundante, que o limpâmos todos os dias (a limpeza é metade do sustento ordinario), que lhe poupâmos as fadigas excessivas, a inclemencia nociva das estações, e os tratamentos brutaes. Duvidaes que não diminuam para elle consideravelmente as causas provocadoras de doença? Duvidaes que a sua vida media não possa ser desde então calculada em vinte annos, em logar de treze? Vinte annos, é a cifra da vida media deste nobre companheiro do homem na Allemanha e na Inglaterra. Desde o dia em que a sociedade protectora consiga operar nos nossos costumes uma reforma que nos eleve ao nivel da Allemanha e da Inglaterra, o cavallo francez representará então proximamente um cavallo actual, apto para o trabalho, mais $\frac{1}{10}$ do cavallo em perspectiva para o futuro. Ora, a França possue dois milhões e oitocentos mil cavallos; vem a ser o mesmo que se nós assegurassemos com antecipação, que teria daqui a treze annos conquistado outros dois milhões e oitocentos mil cavallos, afóra mais sete annos de serviço que nos prestariam.

Ainda farei outra consideração a favor do homem. A negligencia e o habito dos máus tratos para com os animaes, conduzem directamente ao desprezo e á crueldade para com os nossos similhantes. A este respeito M. Heurtier, director da agricultura e do commercio, n'um brilhante discurso, pronunciado na ultima sessão da sociedade protectora, chamou a sua attenção para essas crianças pobres que, na sua expressão energica, « começam fazendo cadaveres para a valla, e acabam fazendo-os para o cemiterio »

Hoje a maior parte dos paizes cultos, como a Inglaterra, muitos estados de Allemanha, a Suissa, a Belgica, a Prussia, etc., possuem já leis especiaes tendentes a obstar que o homem exerça sobre os animaes actos de brutalidade.

A authoridade civil, vigiando por um lado o prompto e rigoroso cumprimento da lei, applicando inexoravel as penas correccionaes que nella se estabelecem, e a sociedade protectora conferindo pelo outro, premios ao homem que inventa algum meio que evidentemente poupe os animaes a trabalhos violentos e ao que lhes dispensa cuidados assiduos e intelligentes, vão pouco a pouco conseguindo o fim phylantropico a que aspiram, isto é, que o homem respeite e proteja os animaes que o sustentam e servem. Portugal, onde os gados são objecto de tanto desprezo, e não poucas vezes victimas de atroz sevicia, precisava muito legislar sobre esta materia, e ter uma sociedade protectora. Tambem cá deviam ser perseguidas com severidade as acções barbaras, praticadas sobre os brutos; tambem deveria ser elogiado e recompensado o homem, que empregasse para com elles desvelo, doçura e moderação; só assim conseguiriamos vêr mais acatada a moral publica, saír do definhamento em que vegetam as nossas raças domesticas, criar novas

forças a nossa agricultura, elevarem-se com magestade e opulencia as nossas exposições agricolas e pecuarias!

Não era muito que importassemos estas praticas eminentemente uteis e boas para todos os povos, quando estamos ha annos assistindo constantemente ao funeral de imitações forçadas, improficuas e nocivas.

Uma nobre vingança.

SCENAS DA VIDA MILITAR.

I.

O terrasso de Frascati.

Nos principios deste seculo, via-se á esquina da rua Richelieu, no boulevard Montmartre, onde hoje estão edificados elegantes predios, um café, aberto em 1796, com o nome de *Frascati*, em memoria, certamente, da linda aldêa deste nome, situada nos arrabaldes de Roma. E comtudo o Frascati parisiense, nem pelo pittoresco da posição, nem pelos pontos de vista, se assimilhava em cousa alguma á romantica aldêa romana. Mas tal é em França o poder de um nome, so bre tudo quando nada tem de francez, que obtem logo toda a voga, e os afagos mais extremosos da moda. Em consequencia, o café Frascati não tardou em ser o ponto de reunião, se não da boa, ao menos da bella companhia da capital. Os janotas e os esturdios do directorio, isto é, a mocidade rica e ociosa daquelle tempo, as mulheres sensiveis e maravilhosas, amantes de fornecedores dos exercitos, de agiotas, ou de artistas, apinhavam-se no Frascati, onde o café, os gelados, o marasquino e o ponche, eram servidos com uma elegancia que faria honra a Veneza ou Florença.

Nesta época, os prazeres de Athenas haviam succedido ao rude folgar de Lacedemonia. A *sansculottide* fôra riscada do kalendario; a crueldade politica caíra em máu gosto; a sociedade reformava-se; os costumes faceis recuperavam o seu imperio; o passado esquecêra pelo presente; o goso abafado pela attribulação, e o medo renascia soffrego, ancioso, frenetico.

Entre os varios oasis que a reapparição do luxo, dos prazeres e do numerario fizera reviver, brilhavam na primeira ordem Tivoli e Frascati; mas o velho jardim Boutin, arredado para uma das extremidades da cidade, só era concorrido durante a primavera; em quanto que Frascati, com seu terrasso constantemente assombrado de romanzeiras e jasmins, attrahia todo o anno, e com preferencia de inverno, o publico mais decente, os estrangeiros de distincção, emfim toda a chusma de *parvenus*, que eram neste tempo o que os financeiros, mosqueteiros e abbades, haviam sido no de Luiz XV.

Frascati, que os poetas, no enthusiasmo das libações, não duvidam comparar aos jardins de Babylonia, tinha ao mesmo tempo a apparencia de um bazar, de um harem, de um divan e de um café: era um resumo das maravilhas do oriente e do occidente. As mesas de marmore branco, em volta das quaes se grupavam mulheres de todas as condições, e homens de todos os paizes, figuravam de outros tantos altares consagrados a Vesta, ou a Vulcano, graças ao ponche que sem cessar chammejava em cima dellas. Outras vezes de sobre as mesmas, elevavam-se soberbos obeliscos de gelados, tão variegados de mil côres vivas, que dissereis outros tantos cocares de plumas da ave do paraizo.

Mas não eram só os janotas e as maravilhosas que compunham a clientella de Frascati. Consumidores temporarios entravam alli de quando em quando, e o seu numero augmentava ou diminuia conforme as circumstancias politicas. Fallâmos da officialidade do exercito, que largava do acampamento á mais pequena tregoa, para visitar o estabelecimento famigerado.

Nos ultimos dias de abril de 1801, os salões e o terrasso de Frascati, estavam como de costume cheios de gente. A affluencia tinha mesmo duplicado com a presença dos officiaes do exercito de Italia, vencedores em Marengo, e dos officiaes do exercito de Allemanha, tambem vencedores em Hohenlinden, uns e outros vindos a París para destructar os primeiros dias da paz e da primavera. Ao observar os olhares de soslaio que uns e outros se lançavam, adivinhava-se que a rivalidade dos soldados de Cesar e dos soldados de Pompeo, renascia com os nomes de soldados de Bonaparte, e de Moreau; e bem que esta rivalidade se não traduzisse ainda por doestos ou provocações, apesar de que uns com os outros fraternisassem, voluntariamente com o copo na mão, transpareciam de vez em quando na historia de façanhas praticadas e escutadas com uma apparencia de concordia, sorrisos e ironias que trahiam o despeito refreado. Os officiaes do exercito de Italia, prestigiosos pelo genio do primeiro consul, aspiravam imperceptivelmente ao imperio. Os officiaes de Moreau, altivos com o seu general que elles adoravam, não como um grande capitão, mas como um Deus, mostravam-se obstinados republicanos.

Não era só pelos sentimentos politicos, que a officialidade de Bonaparte differia da de Moreau. Dava-se a mesma opposição na physionomia, no uniforme, e nas maneiras. Os soldados do exercito da Allemanha, fallavam em toda a sua rudeza a linguagem republicana; seus uniformes sem outros ornatos mais dos que prescrevia a ordenança, apenas chamavam a attenção pelo muito uso que se lhes tinha dado; pelo contrario, a linguagem, o garbo e as maneiras dos officiaes da Italia, affectavam a elegancia e o luxo, e a sua bolsa andava sempre mais bem fornecida. Mas a vaidade não attendia a esta differença; nas occasiões era quem mais gastaria, embora depois a cruel privação do necessario fizesse maldizer aos officiaes de Moreau a sua louca ostentação. Quan-

to ao publicò, o nome de Marengo andava em todas as bôcas, o de Hohenlinden apenas era pronunciado. A fama e o ouro para a gente do primeiro consul; esquecimento e miseria para os soldados de Moreau.

Certo dia achavam-se assentados a uma mesa no ângulo oriental do terrasso de Frascati, meia duzia de officiaes superiores em traje de paisano; pertenciam a ambos os exercitos de Italia e de Allemanha. Á medida que bebiam, cada um contava as campanhas em que havia entrado, antes que Bonaparte e Moreau saissem da obscuridade, para se collocarem, segundo os direitos do genio, na primeira linha dos grandes capitães. Apreciando os generaes, estes officiaes fallavam com tantas reticencias, mediam tão escrupulosamente os termos, e sobre tudo abstinham-se tão de proposito de formular opiniões francas, sobre o futuro e o presente, que bem se via o receio que a todos dominava, de que algum melindre agastado, viesse perturbar a boa sociedade.

Depois das ultimas campanhas, terminadas tão gloriosamente, uma no meio dia, outra no norte, cada um fallou do seu regimento, que como se sabe, é o grande thema das conversas entre todos os commandantes de corpos.

— E vós, coronel Rigaud, continuaes a estar satisfeito com o vosso regimento?

A pergunta era endereçada a um homem, cuja physionomia trahia um secreto descontentamento. Este official, de construcção herculea, tinha uma presença verdadeiramente militar, á qual o enorme bigode, cahido até ao labio inferior, dava uma expressão de severidade.

— Contentissimo, respondeu o interpellado em tom breve, e penso que não sou só eu que o está, porque o general Moreau me fez os mais lisongeiros elogios no dia depois da batalha de Hohenlinden, pelo bem com que a minha gente se houve; e em memoria disso fez-me presente de uma caixa de pistolas, que são na verdade magnificas.

— Pois não tem que vêr, coronel, o ministro da guerra, disse um outro official, despacha-vos agora para alguma boa guarnição proxima á capital, e desta sórte podemos sociar mais a miudo, do que até aqui temos feito.

— Boa guarnição! E proxima a Paris! Repetiu, Rigaud, accentuando cada uma destas palavras. Ora, eu vos conto, e julgae se isso é crivel.

— Estava em Strasburgo, mandei buscar minha mulher e minha filha para aquella cidade, julgando que me conservariam alli alguns mezes ao menos. Qual historia! Ainda bem não se tinham feito os primeiros arranjos de casa, ordem para partir para Tarbes, lá para os Pyrineos. Hoje mesmo de manhã, outra ordem para não demorar, nem mais um dia a minha estada em Paris, e ir juntar-me ao regimento que já vae em marcha. Ora, senhores do exercito de Italia, accrescentou Rigaud com um sorriso amargo, para vós é que são feitas as guarnições commodas. Cá para nós alguma toca nos Altos Alpes, ou no Morbihan, não merecemos mais! E cara alegre, não é assim, commandante Bucquet? Este tambem não é mais feliz com os seus dragões, do que eu com os meus caçadores.

O commandante Bucquet sorriu amargamente por seu turno.

— O exercito do Rheno, ajuntou elle, não é o exercito do primeiro consul; devemos soffrer as consequencias da nossa posição, como me disse hontem o general Moreau, com quem tive a honra de jantar.

— Meus senhores, atalhou um commandante da guarda consular, não sejamos injustos. O primeiro consul não tem preferencias para ninguem; todos os bravos officiaes, ou pertençam a um, ou a outro exercito, tem eguaes direitos á sua sollicitude.

O coronel Rigaud voltou a cabeça, olhou para o ar, e pôz-se a assoviar por entre os dentes, esta cantiga que se havia tornado o sêllo por excellencia da incredulidade: «Vai vêr se elles vêm!»

Depois, reparando para o relogio do pavilhão visinho:

— Meus senhores, disse elle tirando a sua bolsa, isto é tarde, sinto muito de vos deixar, mas...

E com voz de stentor chamou o rapaz. Este correu. Todas as mãos remecheram ao mesmo tempo nas algibeiras para pagar a despeza.

— Não, senhores. Permitti. É a mim a quem toca. Quanto se deve?

E no mesmo instante introduziu na mão do rapaz dois escudos de seis libras.

— Meu senhor, respondeu este examinando o que estava sobre a mesa, os copos de rhum já estão pagos; mas serviram-se tres copos de ponche de rack; a seis francos cada uma, faz dezoito francos: faltam ainda seis francos.

— Aqui não ha senão duas poncheiras, tornou arrebatadamente o coronel.

— Tens a conta.

— Perdoae, meu senhor, vieram tres. Levei a primeira para dentro quando trouxe a terceira, para não atravancar mais a mesa.

— Então menti eu? gritou Rigaud, tornando-se pallido.

— Não digo isso, meu senhor, mas estaes de certo enganado, replicou o moço com a maior polidez.

— E eu repito-vos que não vieram para aqui senão duas!

Os olhos do coronel faiscavam de cólera.

— Pois eu, meu senhor, estou certissimo do que digo; trouxe para esta mesa tres copos de ponche, e estes senhores que digam se é verdade ou não.

— És um patife, gritou Rigaud com uma voz de trovão.

E levantando-se da cadeira incendido em raiva, deu no rosto do rapaz uma vigorosa bofetada, o qual foi cair a alguma distancia, arrastando na quéda os copos e garrafas que estavam sobre a mesa.

— Que brutalidade! proferiu indignada toda a gente que estava a outras mesas sobre o terrasso.

— Palava de hona, é intoleavel! disse na linguagem assucarada, que então estava em moda, um janota, com penteado de senhora, e brandindo a sua chibatinha; estes militaes cuidam está sempe no quatel!

As senhoras fugiram intimidadas, e dando gritos. Em um instante um grande ajuntamento se formou á roda dos officiaes que seguravam Rigaud e faziam diligencias pelo socegar.

O rapaz comtudo, mais prompto que o raio, havia-se levantado do chão, e pallido de furor, pegára d'uma garrafa despejada, e investira para o coronel. Mas a este tempo os outros criados, correndo para o seu camarada, o seguraram. Não podendo vingar-se, o desditoso mancebo ficou pregado ao chão como petrificado. Depois grossas lagrimas alliviaram, se não a vergonha da affronta, ao menos a maior força da sua colera. O commandante da guarda consular chegou-se neste momento a elle, e introduzindo-lhe na mão um luiz, disse-lhe a meia voz:

— Meu amigo, talvez não fizesseis bem em responder ao coronel de uma maneira tão affirmativa; pagae-vos dos seis francos que restam, e guardae a demasia: socegae e ide quando vos parecer visitar-me.

— O vosso nome, meu senhor, eu vol-o supplico? respondeu este com um olhar de reconhecimento.

— Delaville, chefe de batalhão na guarda dos consules, em Coubevoie.

— Obrigado, senhor commandante. Amanhã terei a honra de vos ir procurar.

Depois aproximando-se tanto quanto era possivel, do grupo em que estava o official, que o tinha tão injustamente maltratado.

— Senhor coronel, lhe disse elle com um ar cheio de dignidade, e com uma voz firme, acabaes de sacar sobre mim uma lettra, que eu pagarei a seu tempo, em dez ou quinze annos, mais cêdo ou mais tarde ficae certo que hei de desobrigar-me.

Rigaud, como homem que despresava similhantes ameaças, contentou-se em encolher os hombros, e saiu do terrasso no meio da muda indignação dos espectadores, acompanhado por seus camaradas.

O rapaz do café, foi, como era costume todas as noites, dar contas ao patrão; cumprido este dever tirou o seu avental, e calcando-o aos pés:

— Não, exclamou tomado de desespero, não quero continuar a estar exposto a estas indignidades; dispo está libré para nunca mais! Basta de escravidão! Antes um amo, do que mil!

E não obstante as instancias do patrão, que estimava a sua probidade, o seu zêlo e polidez, qualidades preciosas para certos freguezes susceptiveis e exigentes; despediu-se do café.

Convém agora dizer que Rigaud, não era nem máu homem, nem um desses matamouros, que enxameam em todos os paizes nos tempos de grandes guerras. Estava porém descontente. O orgulho a braços com a pobreza, foi o que o impellin a este acto inqualificavel. Persuadido talvez de que a sua conta era a verdadeira, e não possuindo em todo o caso mais dos doze francos para pagar a despeza, julgou forrar-se á vergonha de confessar a sua penuria na presença de seus camaradas, recorrendo á violencia que é a ultima razão dos que a não tem.

(Continúa.)

Uma aposta original.

Sabido é que quando se trata de alguma aposta rara, os heroes della devem ser inglezes, e a que transcrevemos de um periodico de Londres não é uma excepção desta regra quasi invariavel.

Dias passados chegou áquella capital um rico proprietario, e se apeou em casa de um seu amigo, a quem tinha precisão de fallar. O compatriota que recebia a visita tinha um filho, que estava naquella occasião fazendo riscos. Depois de tratar de negocios, o bom pae fez vêr ao seu amigo os progressos calligraphicos de seu pimpolho, e o recem-chegado, depois de admirar a ligeireza da mão do anginho, disse que elle se atrevia a fazer um milhão de riscos em quinze dias. Depois de uma leve contestação entre os dois amigos, fez-se uma aposta consideravel.

O bom insular começou a sua tarefa logo no dia seguinte, e foi alinhando riscos e mais riscos, com uma pachorra digna de um allemão: o seu contrario fazia-lhe visitas de vez em quando, e sommava as quantidades, cuja somma lhe deu em poucos dias a probabilidade de ganhar a aposta.

Com effeito, no fim de oito dias, o calligrapho já não podia mais, e desde então principiou a transtornar-se o seu cerebro.

Continuou apesar disso; porém aos dez dias acreditou-se que o bom do inglez se tornava louco.

Aos doze dias o seu olhar era espantado, fallava sem saber o que dizia, não dormia, e se descançava um pouco, era assaltado por pesadellos e movimentos continuos no seu braço direito.

Havia já muito tempo que tinha que usar banhos tonicos no braço direito e que trazer ligado o pulso. Os criados mudavam-lhe de vez em quando a ligadura para que se conservasse bem apertada, apresentando-lhe novo papel e pennas aparadas. Porém no fim de quinze dias, o nosso homem declarou-se vencido, e passou ás mãos dos facultativos, tendo muito que fazer a medicina com a sua cabeça e a cirurgia com o seu braço.

Aquellas immensas phalanges de riscos custaram-lhe duas mil libras esterlinas... porém o seu vencedor não se deu, apesar disto, por satisfei-

to; ficavam ainda por fazer 238,000 riscos; e o inglez que ganhou a aposta, desejando saber quanto tempo se necessitava para traçar o milhão completo, seguiu a obra de seu predecessor, terminando a tarefa aos vinte dias.

Noticias Diversas.

Theatro lyrico do Porto. — No dia 2 representou-se a *Maria Padilla*, de Donizetti; e graças á bellesa da musica, e aos esforços dos principaes artistas, que a desempenharam, o publico não ficou descontente.

O beneficio da sr.ª Raffaeli deve ter proximamente logar.

Companhia franceza. — Mr. Bernard, director da companhia franceza, que ha pouco ésteve no theatro de *D. Fernando*, parte para París no dia 19 a fim de escripturar uma nova companhia, que se diz começará as suas representações no referido theatro no proximo mez de outubro.

No theatro de *D. Fernando* trata-se activamente de fazer certas reformas e melhoramentos materiaes, que a experiencia tem mostrado convenientes e até indispensaveis.

Gaetano Fiori. — A abertura do theatro de *Fabriano* teve logar com a opera — *I Lombardi*. A companhia que a executou mereceu as boas graças do publico; e o baritono Gaetano Fiori *(Ezio)* foi unanimemente reputado actor e cantor de mui distincto merecimento.

Fiori está escripturado para cantar em Bergamo por occasião da feira.

Boatos. — Dizia-se ultimamente em Milão, mas sem se affirmar, que no theatro *Carcano* ha de haver novamente, dentro em poucos dias, espectaculo de opera; e que a estimavel *prima donna* m.ᵉˡˡᵉ Carolina Sannazzaro fará parte da companhia cantante do mesmo theatro.

Rasgo de philantropia. — Segundo noticias recebidas de Stokholm, em data de 7 de junho, consta que Jenny Lind (madama Goldscmith) enviára ao governo sueco a quantia de 250.000 francos, pára ser empregada na creação de novas escólas primarias gratuitas, nas localidades em que o numero destes estabelecimentos não corresponda ás necessidades da povoação.

Se esta noticia, que copiámos da *Revue et Gazzette Musicale de París*, de 27 do passado, fôr veridica, estâmos persuadidos que as bençãos de um povo inteiro recaírão sobre a eximia cantora, que por um modo tão distincto sabe proteger os seus patricios, e honrar a nação a que pertence.

Um pianista. — Está na actualidade chamando a attenção do publico de Madrid, o excellente pianista Gottschalk. No fim do mez passado executou elle uma fantasia de sua composição, intitulada — *El sitio de Zaragoza*, que produziu geral enthusiasmo, e lhe grangeou immensos applausos.

Uma das maiores difficuldades da referida peça, e que bem póde qualificar-se de *tour de force*, é, segundo nos informam, a de fazer ouvir simultaneamente a *marcha real* e a *jota*; apesar de ser a primeira em compasso *binario*, e a segunda em compasso *ternario*, sem que por isso percam nem uma nem outra do seu verdadeiro colorido.

Por ultimo, o *canon* sobre a mesma *marcha real*, executado por dois grupos de cinco pianos cada um, revela grandemente os vastos conhecimentos de harmonia, que possue mr. Gottschalk.

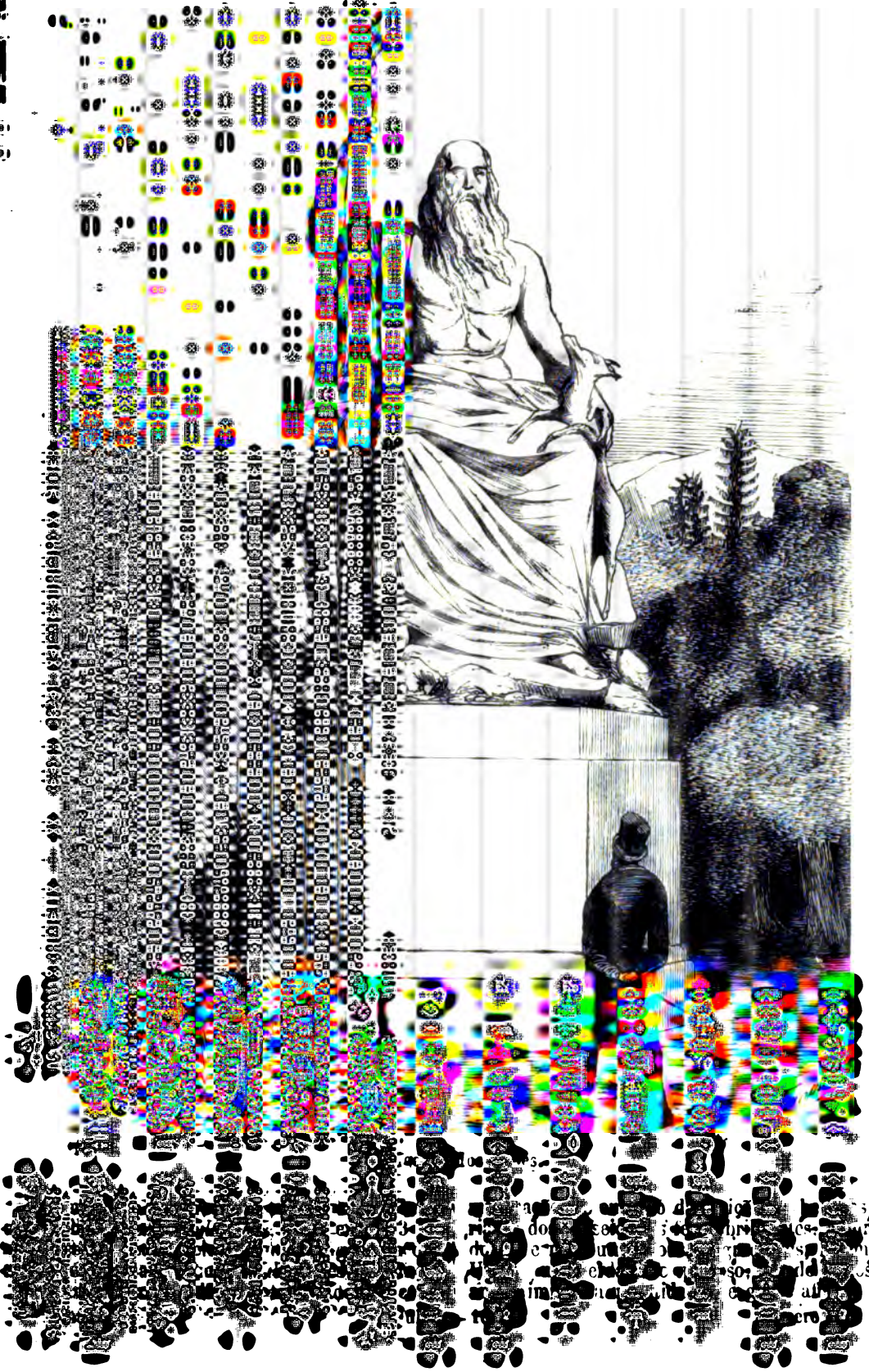
Minas de oiro na Australia. — O producto semanal de oiro na colonia Victoria, avalia-se em 20:000 onças, e este numero vae sempre em augmento. Além dos navios *Hymalaya* e *Sabah-Anne*; que saíram de Porto-Filippe com 40:550 onças, fez-se de véla ultimamente o Shamrok com 26:000. A exportação total que se fez de oiro de Victoria nos ultimos dias foi de 912:000 libras sterlinas. Os trabalhos dos mineiros avançam com incrivel rapidez, e occupam já uma extensão de 20 milhas desde o Monte Alexandre até ao rio Loddon. Os nomes das tres localidades principaes são: Forest Creek, Golden Gull, e Red Hill. Ha muita dissipação, mas o comportamento do populacho, em geral, é melhor do que se poderia esperar; e n'alguns casos em que tem havido que appellar para a justiça, todos têem contribuido para restabelecer a ordem.

Vae crescendo por tal modo a povoação, que se teme haja alguma epidemia. Até os gados ficam abandonados pelos pastores, que se dirigem para Porto-Victoria e Porto-Filippe a fim de se empregarem na exploração do oiro.

O fogo eterno. — Em Chedoz, condado de Cornoanillos, acaba de morrer na mesma casa onde tinha nascido, e que já mais havia abandonado, m fidalgo de 92 annos e 7 mezes, chamado Franci co Adans Struding, o qual deixou á sua familia o encargo de manter, como elle o tinha feito toda a sua vida, um fogo acceso em 1622, pelo seu antepassado José Struding, e sustentado durante 221 annos com uma vigilancia que as vestaes teriam invejado.

Caminhos de ferro. — Segundo dados estatisticamente colhidos, ha na actualidade 41,153 kilometros de caminhos de ferro, abertos á circulação, os quaes estão distribuidos pelos paizes, pela fórma seguinte:

Nos Estados-Unidos	16,482
Na Inglaterra...	11,200
Na Allemanha...	8,547
Na França..	5,472
Na Belgica	851
Na Russia...	320
Na Italia	272
Na Hespanha	39
	41,153



para se distrahirem, outros para usarem das aguas, cujas virtudes são na verdade prodigiosas. — Sobre uma das pittorescas collinas do valle de Vaulnaveys, em frente e por cima do estabelecimento de Uriage, eleva-se magestosa uma obra de arte primorosa: é a magnifica estatua do — *Gigante dos Alpes* — de 5 metros de altura, mandada executar pelo proprietario do estabelecimento, ao habil esculptor de Grenoble, mr. *Sapey*. A figura symbolica dos Alpes representa um velho assentado n'uma attitude contemplativa, com a cabeça calva, e uma comprida barba fluctuante. Na mão direita segura um grande sceptro de bronze, no tôpo do qual pousa a aguia, ave dos Alpes. A seus pés estão um urso, um cabrito montez, e todos os mais attributos que caracterisam as regiões alpestres. Assim collocada esta figura, parece dominar o resto da creação, de toda a altura de sua gigantesca grandeza, e de toda a magestade de sua fronte vasta e inspirada. O *Gigante* não é, nem de metal, nem de pedra, nem de gesso, mas de uma especie de cemento. O pedestal é feito de cal hydraulica de Sassenage, que entre varias propriedades gosa, a de poder receber o polido e o lustre do mais bello marmore.

Caudelarias.

Esboço historico sobre a nossa producção cavallar.

III.

Do reinado de D. Fernando até ao de D. João I.

A producção cavallar, ao começar o reinado de D. Fernando, se mesquinha de todo se não devêra considerar para tempos de boa paz e diuturno socego, era-o de certo para os casos de guerra, em que sua inconstante e leviana fé, e pouco atilado governo envolveu o paiz. Para estes casos se achou, mais de uma vez, que havia penuria de cavallos, sentiu-se a sua falta, e tão sentida foi, que este monarcha apesar de

Fraco rei que faz fraca a forte gente,

como assim o caracterisou o principe de nossos poetas (Camões), não pôde deixar de empenhar-se, tanto quanto em seu animo e forças coube, por fazer reviver todas as leis e praticas de seus maiores, criando até novas, attinentes a proteger a agricultura e fomentar a producção que nos occupa.

D. Fernando, como mui bem o advertiu o sr. Marreca, (1) representou dois papeis diametralmente oppostos: como homem seriam seus defeitos sobejos a escurecer as maiores virtudes; como legislador bastariam seus actos para illustrar qualquer reinado.

(1) A. de O. Marreca. Panorama: no 3.° vol. da 2.ª serie.

Concretando-nos aos que praticou em favor da producção cavallar, achâmos: que elle concedeu terras a varios — do que já démos um exemplo n'uma nota do segundo artigo; — e, coarctando as pensões de contia aos fidalgos, de que se havia feito abuso, dando-as a todos, qualquer que fosse a edade, pelo facto de sua nobreza, conservou-as e augmentou-as mesmo aos que já militavam e tinham cavallo; pois de 75 libras que era a contia ordinaria, elevou-a a 150. Ordenou mais: que só podessem ter officios da governança dos povos as pessoas que sustentassem cavallo; que nas cavalgadas ou prezas tomadas ao inimigo, do seu quinto real se tirasse a decima, e que esta se pozesse em deposito para se comprarem novos cavallos na falta dos acontiados ou de lista que emanquecessem ou morressem, afim de assim não se vexar tanto as pessoas que eram acontiadas nelles. (1) Ordenou ainda: que os mestres das cavallarias, o prior do hospital, os commendadores e freires destas ordens, e bem assim seus vassallos, como os d'el-rei, que deviam ter cavallo, o tivessem, pena de se lhes cassar a *contia* que recebiam, e de pagarem outro tanto para o thesouro regio; nesta mesma pena incorriam os que, sendo apurados de *guisa* e *gineta*, não tivessem o cavallo que lhe era imposto. E considerando que o gosto que havia então pelas muares fazia de alguma sorte concurrencia á producção dos cavallos — sem abertamente as prohibir — estabeleceu todavia, que não podesse ter besta muar para sella, quem não tivesse primeiro que tudo um cavallo, pena de perder a besta; só se escusavam dos effeitos desta lei os clerigos de ordens sacras. (2)

Assim pois estas disposições todas, porque convidavam ou impunham o ter cavallo, obrigavam por isso mesmo a esses a quem tal dever e onus coube, ou a produzirem-nos, ou compral-os a quem os produzisse, o que tudo vinha a redundar no fomento maior de sua criação pelo paiz.

Mas a este respeito, no que toca á criação cavallar, D. Fernando foi mais longe, avantajou-se a seus antepassados, legislando directamente para este caso. Poucos foram os artigos que decretou, mas substanciaes e promettedores de um grande successo em materia de caudelarias, se de uma vez se não houvesse sofismado ou prejudicado seu espirito nos regimentos caudelicos que para o diante se formaram. Transcreveremos aqui os artigos dessa lei, que são:

1.° Os aconthiados pera teerem cavallo e quizerem teer duaas egoas cavallares pera geeraçom dos cavallos, mandamos que sejam escusadas de teerem esses cavallos em quanto as ditas egoas tevirem; e que as nom lancem salvo a cavallo; e que se as lançarem as asnos, que as percam.

2.° Outro sy mandamos, que pera criarem e manterem estas egoas, que os nossos meirinhos,

(1) Severim de Faria. Not. de Port. M. dos Santos. Monarch. Lus.

(2) Ord. Affonsina, liv. v. tit. 119.

com os concelhos de cada huns lugares, lhe dem e assinem lugares certos e coutadas, em que andem.

3.° Outro sy mandamos que pera aver hy geeraçom dos cavallos, que sam compridoiros para nosso serviço, e para deffensom dos nossos regnos, que cada hum desses concelhos tenham ou doos cavallos, ou mais, segundo as egoas forem, e os esses concelhos poderem manter, pera cavallagem destas egoas, e geeraçom dos cavallos; e que outro sy ajam esses cavallos mantimento desses concelhos, e que os donos das egoas lhes deem suas cavallagées, segundo forem tausadas.

4.° Outro sy mandamos a aquelles que ora som veedores dos que som aconthiados pera terem cavallos, que elles vejam as ditas egoas como as cada um hade teer.

5.° Outro sy mandamos que as egoas, que teem alguns outros, que nom ham encarrego de pera teer os ditos cavallos, que fassam lançar o terço dellas a quaesquer bestas que quiserem sem nenhum outro embargo. (1)

Assim, por esta lei, que nos parece ser entre nós a primeira que explicitamente se publicou ácêrca de caudelarias, se mostra pois, que era de algum modo antes facultativo que obrigatorio o ter egoas fantis; porque se deixava aos acontiados a liberdade de opção entre o haverem cavallos e armas para servirem no exercito, ou egoas para a criação. E mui provavel é, que não poucos optariam por este ultimo caso, sobre tudo os que pela edade, indole e mister, menos capacidade tivessem para exercicios militares, e principalmente os lavradores, cujo modo de vida mais condiz e melhor se compadece com criar gados, que jogar ou medir armas com alguem: accrescendo a isto o interesse que elles nisso haviam pelos productos que vendiam aos acontiados e a outros que cavallos quizessem e os não produzissem; e ainda mais os privilegios que fruiam no coutamento de pascigos adstrictos a essa criação, os quaes lh'a tornariam menos custosa e mais segura; e tanto menos custosa e mais segura quanto eram os concelhos os que estavam obrigados a ter e manter cavallos de padreação, poupando-se assim os lavradores ás grandes taxas de cavallagem. E para em tudo ser completa a dita lei, não se excluia por ella a producção de outras bestas, comtanto que, os que a tal se dessem, produzissem tambem cavallos de marca.

Digamol-o para honrosa memoria deste monarcha, as disposições da lei que analysamos, eram tão fecundas, tão bem pensadas, tão sabias emfim, que hoje mesmo, se alguma cousa quizermos fazer de geito e com bons fundamentos em materia de caudelarias, devemos, se não reproduzil-as textualmente, accommodal-as comtudo ás circumstancias politicas e economicas da nossa época; evocar seu espirito e encarnal-o no corpo da sociedade actual; devemos persuadir e levar os lavradores a ter *egoas fantis* que não sendeiras, e isso alcançaremos, se preço, estima e vasão dermos a seus bons productos pelas *remontas* do exercito, pelas *diligencias* que se estabelecerem, e outros mais serviços a que são prestaveis; devemos, ou por premios ou outros estimulos do governo, fundar sociedades agricolas, dar incremento *ás culturas forrajosas*, e principalmente melhorar os pastos naturaes apropriadissimos a esta casta de producção; devemos finalmente facultar aos criadores por parte do governo, no que hoje se chamam *depositos de padreação do estado*, bons e adequados cavallos de lançamento, concedendo-lhes as suas cavallagens, ou gratuitamente ou por modico preço.

É n'outra parte deste nosso trabalho que estas considerações terão o devido desenvolvimento, que ora aqui seria de certo anticipação mal cabida nisso insistirmos.

Volvâmos pois á época que historiâmos.

Não podéra D. Fernando colher todos os fructos da lei que promulgára, porque não só viera já em tempos adiantados de seu reinado, mas porque as calamidades que occasionou seu pouco regrado governo, suas veleidades e paixões menos comedidas desvirtuavam em muito a força de seus decretos. Lançou todavia uma boa semente á terra, e se ella não produziu então o que devêra, promettia, em melhores circumstancias, levar ao apogéo a producção cavallar do paiz. Ainda assim, no acampamento que assentou junto ao Caia para travar batalha, que se não deu, com o exercito de Castella, reuniu elle 6,000 lanças, entre suas e de inglezes, cujos cavallos é de crêr fossem a maior parte, se não todos, portuguezes; porquanto, fôra um dos capitulos do engajamento das tropas auxiliares inglezas, que o rei lhes fornecesse as indispensaveis cavalgaduras; o que cumpriu, ordenando que os cavallos dos acontiados e quaesquer outras bestas, assim cavallares como muares, capazes do serviço militar, que houvessem no reino, se entregassem aos inglezes; promettendo elle (o rei) satisfazer ao seu pagamento, promessa que, de feito, como outras muitas, illudiu e jámais realisou. (2)

E assim chegámos ao reinado de D. João I. E dentre essa lucta gloriosa contra as pretenções do Castelhano, que assegurou ao Mestre de Aviz nos campos de Aljubarrota a corôa de rei, e ao reino uma nova e vigorosa dynastia, saiu assás reconhecida a necessidade de mais algum impulso dar á criação de cavallos, considerados, como justo é, um dos elementos da defesa do paiz. Data desta época a primeira constituição de uma milicia permanente entre nós; assentando-se que houvesse sempre no reino 3,500 homens de armas, a que se chamaram *lanças de cavallo*, repartidos pela seguinte maneira: vassallos ou cavalleiros de uma lança 2360; pelas ordens mili-

(1) Ord. Affonsina Loco citato.

(2) D. N. Leão, Chronic. Ined. de hist. port. tom. IV.

tares 300; a saber: a de Christo 100, S. Thyago 100, Aviz 80, Hospital de S. João 20; pelos capitães ou senhores do reino 500; isto afóra a gente de cavallo dos concelhos, que ficava sujeita ás leis do aconteamento. (1)

Esta organisação do exercito era a mesma que existia, apenas com a differença dessa força militar permanente, e então se pudera dizer como que em pé de guerra, a qual além do seu fim directo, que era ter no reino uma tropa sempre aguerrida, e prompta a occorrer a qualquer successo de guerra, evitando as demoras ás vezes fataes que trazia o levantamento das levas; visava tambem indirectamente a manter mais segura e certa a producção cavallar. E de feito a anterior organisação militar, como vimos, poderia e póde em muitas occasiões tornar-se fomentadora desta producção; mas tambem com a paz, em que deixava de haver exercito, o descuido ou a pouca sollicitude, as mais das vezes se seguiria como seguiu em tal producção. Ora era isto o que, com a nova organisação, de algum modo se evitava: por quanto ordenando-se uma força de cavallaria permanente, ordenava-se com isso uma permanente producção de cavallos, tanto áquelles que no commando dessas forças estavam investidos, do que percebiam boas rendas de contias ou doações de terras, como aos propriamente criadores que por este facto eram escusados do acontiamento, segundo as leis de D. Fernando.

D. João, tão zeloso como foi da nossa independencia e nacionalidade, porque nella se involvia a segurança de sua corôa, comprehendeu bem a importancia e alta valia que os cavallos nisto tinham. Haja vista, para prova desta asserção, o relatorio de uma lei por elle promulgada, (2) na qual entre outros considerandos se lê... « e vendo como estes Regnos esteverom em duvidas « grandes, e receberom grandes perdas e dapnos « pelos inimigos, e isto per *mingua de cavallos*, « que na terra nom havia... pela qual cousa as « *frontarias nom eram bem guardadas*, e aquel- « les que em ellas viviam, haviam *grandes per- « das dos corpos e dos averes*, etc... »

Tambem a titulo de fomentar o mais que ser podesse a producção cavallar, o rei chamado de *boa memoria*, manda que sejam escusados do imposto de *Jugada*, os senhores, ordens, donas, cavalleiros, e acontiados se cavallos tiverem; (3) bem como da *siza*, na compra e venda de seus cavallos, os fidalgos, vassallos e homens d'armas, e tanto o comprador como o vendedor; (4) privilegios estes que alguns reis anteriores haviam já outhorgado com o mesmo fim.

Fez tambem vigorar as leis de seu irmão, concernentes á criação de cavallos, insistindo sobre maneira na prohibição das bestas muares, haca-

(1) Severim de Faria. Not. de Port.
(2) Ord. Affons. liv. v tit. 119.
(3) Ord. Affons. liv. II tit. 29.
(4) Ord. Affons. liv. II tit. 59.

neas e sendeiros em serviço de sella, as quaes só consentia a clerigos, medicos, e judeus (5). Manda que tenham egoas de cavallagem, tanto os lavradores como os moços de soldada (6). Pediram-lhe nas côrtes de Lisboa, celebradas a 25 d'agosto de 1410, que as viuvas e menores dos acontiados, que por terem bens sufficientes, eram constrangidas a ter egoas (provavelmente porque pelo sexo e edade não podiam servir no exercito, e para isso ter cavallo) fossem isemptas desse encargo; o rei concede que não tenham egoas os menores, mas sim as viuvas. E manda nestas mesmas côrtes *coar* os pequenos rocins que se lancem a pasto, para que não acavallem egoas de criação, e façam degenerar as boas raças (7).

Mas ouvindo bastantes queixas e aggravos que os povos lhe dirigiam, de serem constrangidos demasiadamente pelos vedores e coudeis, a ter egoas de criação, quando tal cousa devêra facultativo ser, como pela lei de D. Fernando fôra concedido. O rei as attendeu, e em provisão de 17 de agosto de 1413 (8) ordena: que não sejam obrigados a ter cavallos de lançamento, nem egoas de lista, mas quem estas tiver as não possa lançar a sendeiros, nem a asnos, salvo na comarca de entre o Douro e minho, por não haver ahi egoas capazes de se acavallarem por cavallos de marca; que quem tiver cavallos de lançamento, haja os privilegios que houvesse, porém que não possa obrigar a que lhe paguem cavallagem, se não convencionado; que sejam castrados os sendeiros nas comarcas destinadas á producção de cavallos de marca, pena de seus donos os perderem, se nestas inteiros se encontrarem; que, finalmente, ninguem leve cavallos para fóra do reino.

N'um dos artigos do tratado de commercio que D. João fez com o rei de Castella, se estabelece tambem a reciproca prohibição de se levarem de um para outro reino, potros, cavallos e egoas (9).

Talvez se julgue que, a disposição desta provisão, que concedia plena liberdade de ter ou deixar de ter egoas para criação, fosse contraria á producção cavallar. Não o foi, não o é, nem nunca o será a nosso vêr, mormente se n'uma producção desta natureza, essa liberdade fôr, como esta foi, condicional; estiver nestes limites; tenha ou deixe de ter egoas quem quizer, mas os que as tiverem, se são boas, tratem de as lançar a bons cavallos; isto é, produza quem quizer produzir, com tanto que sejam bons os seus productos. A liberdade assim entendida, n'uma producção desta natureza; e demais, se auxiliada fôr, como deve, com um consumo certo, e seguro

(5) Ord. Affons. liv. v tit. 119.
(6) Elucidario, egoa de cavallagem.
(7) Trigoso, Legisl. e doc. para hist. port. vol. II.
(8) Esta provisão encontrámo-la em manuscripto na collecção de leis e documentos portuguezes, feita pelo Academico F. M Trigoso de Aragão Morato, e que pára na Bibliotheca da Academia; collecção a que por varias vezes nos havemos já reportado.
(9) D. N. Leão — leis extravagantes.

interesse nas vendas dos productos, traz a diligencia e boa vontade dos criadores, porque chama para ella o genio, a vocação e a intelligencia, com a que se contrapõe sempre o constrangimento e a coacção. Uma producção qualquer não se impõe, forma-se pela necessidade, sustenta-se pelo consumo, e aperfeiçôa-se pela intelligencia e bom gosto.

O que achâmos de menos louvavel e plausivel nestas disposições, é a prohibição absoluta de se extraírem os cavallos do paiz; porque, segundo as leis economicas, sabido é, que a exportação constitue uma poderosa fonte de consumo, e por tanto deve reverter sempre em beneficio e favor da producção, como a falta della importa muitas vezes a estagnação do genero, e com isso sua depreciação, mesquinheza e ruindade. Mas póde ser que nesses tempos justificasse esta medida, os *casus belli* quasi incessantes que se davam entre as duas côrtes rivaes; e o temor de se enfraquecerem nêstes elementos de defensão, fôsse quem authorisasse, e passasse fundamento a tão anti-economica disposição que em taes casos, sobre ser justa, não era de todo contraria a producção; por quanto substituia-se o consumo da exportação, pelo maior que internamente então se fazia nas remontas de mais numerosa cavallaria. Além disso, para o facto da producção, talvez essa prohibição reciproca, nos fôsse mais favoravel do que á Hespanha; porque não competiriamos, nem na quantidade, nem na qualidade dos productos exportados, com os que ella nos importava, como ainda hoje o estamos observando. Com tudo a despeito destas reflexões, não deixaremos de consignar o facto incontestavel, provadissimo, que o paiz que exporta hoje maior numero de cavallos, é esse que tambem os produz em maior cópia, e de melhor quilate, e que nunca faltam para seu serviço, e defeza do estado, sempre que a isso sejam chamados.

Assim pois, ainda a organisação militar, a lei sobre caudelarias, o empenho que este monarcha tomou, e todos tomaram pela producção cavallar, tanto mais necessaria então, quanto se disputava de novo a nossa independencia, tudo isto, fez com que esta producção, que houvera apoucado bastante, recebesse mais algum impulso, a ponto de prestar ao heroe de Aljubarrota meios de não só levantar sem mais difficuldade uma luzida e pujante cavallaria de 4600 cavallos, com que em hoste entrou por Castella dentro; como tambem, assentadas pazes com esta, levar bem sortidos esquadrões á conquista de Ceuta na Africa, conquista que assim foi emprehende-la, como logo conseguil-a.

(Continúa.) *S. B. Lima.*

Os Talismans.

II.

O tom affavel do estranho, as suas maneiras nobres e distinctas, faziam evidentemente viva impressão no mancebo, que respondeu logo sem hesitar:

Affianço-vos, senhor, que com muita pena minha, adoptei esta resolução; mas, desgraçadamente não me resta outra.

— Parece-me que desanimastes muito cedo. Procurastes acaso o auxilio e protecção de todos os vossos amigos?

— Dos meus amigos?... Só tenho por amigos estudantes tão pobres como eu, que em vez de me poderem proteger, precisam de protecção para si.

— Está bom... e eu?...

— Vós, senhor... Perdão, mas... parece-me que vos não conheço... e...

— Ahi estaes outra vez a confundir as cousas! Conheço-vos eu, e isso basta. Dizei-me pois aquillo de que podeis carecer.

— Mas, senhor, eu nunca escutarei...

— Escutae, Frederico; isso é uma criancice. Offerece-vos a minha protecção e o credito de que posso dispor: parece-me que nenhum motivo tendes para o recusar, porque acceitando-o, vos não obrigaes a cousa alguma. Pelo que toca ás minhas razões, são muito simples. Conheci a vossa familia, conheço-vos, pareceis-me bom moço e honrado, quero ser-vos util; é um destes acasos, destes actos da Providencia, de que ha pouco fallaveis.

A admiração de Frederico crescia cada vez mais, mas evidentemente o desconhecido exercia sobre elle grande ascendente, e o mancebo não achou que lhe responder.

— Ora vamos a vêr, disse o velho chegando-se para elle; trata-se primeiro de saber o que queremos. A dar credito a essa physionomia pensativa, temos dois grandes pesares; um na cabeça, outro no coração.

— Senhor!

— Vamos, que adivinhei. Tendes uma grande paixão, e íeis abandonar o casto objecto do vosso amor, porque não tinheis dinheiro. É serio; muito serio; e comtudo um unico meio seria sufficiente para remediar os dois males ao mesmo tempo; hastaria ter o dinheiro preciso para ficar aqui... Heim?

— Senhor!

— Pois bem! Poderemos arranjal-o. Mas antes disso, mancebo, não me esqueço de que fallo ao barão de Neuberg. Espero que elle poderá declarar o objecto do seu amor, e que este será digno do seu nome!

— Sem duvida, senhor, replicou Frederico inteiramente subjugado pelo singular incognito. O seu nascimento, a sua belleza, e a sua fortuna, não sómente a fazem digna de mim, mas tambem que não seja eu digno della!

— Bom, bom, veremos. Isso poderá talvez arranjar-se. Vamos a saber: e ella toma parte no sentimento que inspira?

— Nem me atrevo a esperal-o! Quasi mesmo que mal lhe fallei ainda.

—Como a conhecestes então?

—Foi um acaso, um dos taes encontros dispostos pela Providencia, como ainda agora dissestes, senhor. O anno passado—porque já lá vae um anno depois que a vi pela primeira vez—tinha eu entrado na cathedral por acaso, e sem destino. Estava absolutamente deserta. Andei pela nave admirando os magnificos reflexos das vidraças córadas sobre as lages, e a religiosa magestade do sanctuario. O meu coração absorvia, para assim dizer, pensamentos sublimes da eternidade, e caí pouco a pouco n'uma profunda distracção. Fui andando machinalmente pelas naves, com os olhos da imaginação elevados para o céu, quando, ao dar uma volta, me achei á entrada de uma capella lateral. Apenas dei um passo, parei cheio de surpreza e de admiração... Ella estava de joelhos, orando diante do altar. Não... nunca poderia pintar-vos tudo o que senti a similhante vista; nunca os meus olhos haviam sido testemunhas de tanta graça, de tanta belleza, e de uma candura assim. Estava de joelhos, inclinada graciosamente, e com os olhos, os lindos olhos levantados; a bôca, entreaberta, dirigia á Virgem a sua doce oração. Tudo quanto a alma póde exprimir de singela pureza, de fé, de caridade e amor, se reflectia naquellas feições celestes, naquelle rosto angelico, naquelles olhos, em que ardia um fogo tão casto e doce... Desde aquelle momento fiquei ferido no coração. Caí de joelhos; e, erguendo a minha alma a Deus e a ella, confundindo a minha oração com a sua, jurei de amar só a ella, e de a amar sempre!... Depois... tenho-a visto muitas vezes, porque a procurei sem descanço; póde mesmo fallar-lhe, ouvi o som da sua voz... Vejo-a córar quando me aproximo, sorrir algumas vezes, abaixar os olhos sempre. Oh! ella bem sabe que a amo, estou certissimo disso. Como podia deixar de o adivinhar?... Mas... era um sonho delicioso, era... e não posso perder tudo a um tempo!

Quando acabou estas palavras, Frederico deixou caír outra vez a cabeça entre as mãos. Arrebatado pelas suas recordações, tinha fallado com fogo. O desconhecido olhou para elle um instante em silencio, com uma ternura paternal.

—Muito bem, disse elle, e é isso tudo?

—Tudo, respondeu Frederico já senhor de si, mas envergonhado da confidencia que com tanta precipitação fizera a um homem que não conhecia. Tudo. Era já bastante para mim; e tanto mais me parece, por se haver tudo acabado agora!

—Acabado? Não, meu filho, não, disse o velho. Estou contente comtigo, Frederico. Sentimentos tão puros, tão singelos como os teus, encantam-me, e vejo com prazer que não me enganei.

Pronunciando estas palavras, tinha posto a mão sobre a do mancebo, e a apertava com amizade.

«Mas, vamos a vêr, arranjemos definitivamente os nossos negocios. Sabes o nome della, não é assim?

—Senhor!... O seu nome não me pertence, e...

—Ora vamos, temes agora compromettel-a por que a viste uma vez na egreja? Com effeito!... Não és o unico sem duvida, meu filho, a quem isso terá acontecido; mas deves conceber que, para te servir, devo primeiro ter a certeza de que essa menina é digna de entrar na tua familia... Como se chama ella?

—Constança de Rosenheim, disse elle córando.

—Constança! replicou vivamente o velho; mas pareceu conter-se, e apertou outra vez a mão de Frederico. Fizeste uma escôlha boa e bella, meu filho. Sómente tinhas razão quando disseste que era superior a ti... Mas... emfim... é preciso não desesperar de cousa alguma... Não foste ainda recebido em casa do conde de Rosenheim?

—Não, respondeu Frederico; não o conheço; como me admittiria elle em sua casa?

O estranho ergueu-se, e deu uma ou duas voltas na casa; depois chegou-se a Frederico, que não podia esconder a sua admiração.

—Apressemo-nos, disse elle, a hora adianta-se. Fallavas ainda agora de talismans; pois bem; posso eu dar-t'os.

—Vós?...

—Sim, toma!—Chegou-se a uma das luzes que ardiam em cima da mesa, e sellou um papel com um annel que trazia no dedo.—Toma primeiro isto. Irás mostral-o ámanhã ao dono da hospedaria do Leão de Ouro. Isso bastará para que te aloje em casa. Depois, continuou elle dando-lhe outro papel sellado, da mesma maneira levarás isto ao banqueiro Mulhberger, e pedir-lhe-has 300 florins. Ha de dar-t'os sem difficuldade!....

—Como, senhor!

—É o que te digo! Depois, toma isto, que é o mais precioso. E metteu-lhe na mão uma pequena medalha de fórma extravagante. Frederico olhava para elle com surpreza cada vez maior. Levarás isto comtigo; far-te-has annunciar em casa do conde de Rosenheim, e elle te receberá como o filho do seu melhor amigo.

—Senhor, estaes sem duvida gracejando, e...

A physionomia do velho era tão séria e tão nobre, o seu olhar a um tempo tão benevolo e altivo, que Frederico não póde acabar, e ficou estupefacto, com os seus tres talismans nas mãos. Neste momento entrou o moço da loja de bebidas.

—Os senhores querem mais alguma cousa? disse elle.

—Mais nada, porque nos vamos embora, disse o velho; e deu alguns passos para a porta.

—Mas, senhor, exclamou Frederico seguindo-o.

—Calla-te... e adeus. Tornar-nos-hemos a vêr. Guarda-te comtudo de me seguir, eu t'o prohibo!

O desconhecido acompanhou esta frase de um gesto imperioso, que fez recuar Frederico, e saíu rapidamente.

O mancebo ficou immovel, cheio de surpreza, e sem saber o que devia pensar, voltando e tornando a voltar nas mãos os talismans que o velho lhe confiára.

O sêllo tinha signaes hieroglificos, e por divisa estas tres palavras: *Mens conscia recti.*

— É incomprehensivel! murmurou Frederico. Entretanto elle não estava com ar de escarnecer de mim... Ora pois... veremos!

(Continúa.)

Uma lição.

Paganini achava-se uma vez passando o verão na sua patria, e junto de sua casa vivia um sujeito *dilettante* de realejo, que todos os dias, á hora em que a maior parte da gente dorme a sesta, se empregava em exercitar-se no realejo.

Repetidas vezes lhe mandou Paganini pedir que mudasse a hora dos seus exercicios philarmonicos; mas debalde, porque o sujeito respondia sempre que tinha nelles especial consolação, e que lhe aprazia fazel-os naquelles instantes.

Paganini sabia que defronte da janella do *dilettante*, havia uma cavallariça em que estavam alguns jumentos. N'uma noite, convidou alguns amigos, dizendo-lhes que queria divertil-os com uma serenata de novo genero; levou-os comsigo, lançou mão da rebeca, e começou junto da estrebaria a imitar com tanta naturalidade o zurrar do burro, que todos os animaes desta especie, que estavam dentro da cavallariça, uns após d'outros, e depois em fortissimo côro, levaram o seu canto até quasi ás estrellas.

O tocador de realejo inquietou-se na primeira noite; na segunda foi maior ainda o seu enfado, por não poder descançar; na terceira serenata burrical, saltou finalmente para fóra da cama, abriu a janella, e começou a injuriar e amaldiçoar o provocador daquelles cantores irracionaes, queixando-se de que o não deixavam dormir.

Então Paganini se apresentou e disse-lhe, entre as risadas dos circumstantes, que assim como elle *se aprazia e tinha especial consolação* em se exercitar no realejo á hora que todo o homem de bem escolhe para dormir a sesta; assim tambem devia ter paciencia, se a elle Paganini lhe aprazia exercitar-se, e exercitar naquelle momento os canoros corceis de Balaam.

A lição foi excellente e aproveitou, porque o tal sujeito nunca mais tornou a tocar realejo depois do jantar.

Noticias Diversas.

Theatro de S. Carlos. — A empreza do sr. Onofrio Cambiagio e comp.ª, terminou finalmente o seu reinado; pagou a todos os seus credores com uma promptidão e pontualidade, que lhe faz honra; e despediu-se em 15 do corrente, fazendo-nos vêr o pittoresco *panorama do Mississipi*, e os surprehendentes jogos de *prestidigitação* de mr. de S.t Hyppolite.

Não é nosso objecto recapitular aqui os defeitos e virtudes da empreza decaída; diremos sómente, que se ella, em muitos pontos ficou bastante áquem da expectação publica; se muitas vezes se mostrou mesmo mesquinha e negligente; somos todavia de parecer, que se lhe devem relevar muitos desses peccados, *ainda que não seja senão* em attenção a que foi a ella, que o publico deveu, o ter visto na scena de S. Carlos, m.me Stoltz, ouvido m.me Novello, e admirado a joven m.elle Sannazzaro, que em alma e inspiração artistica não cede a palma, não é segunda a nenhuma das outras duas, já provectas e acreditadas artistas.

Se a empreza, cujas funcções terminaram, voltar um dia, tarde ou cêdo, a occupar o posto que acaba de deixar, estimaremos sinceramente, que as severas lições que recebeu da experiencia, sirvam ao menos para que nessa época, saiba conhecer e empregar melhor os meios de conciliar os seus interesses com os do publico, que frequenta, estima, e poderosamente deseja e concorre para que se sustente o nosso theatro lyrico.

Theatro de S. João. — Apesar dos annuncios que tem havido para a nova empreza do theatro lyrico do Porto, na proxima estação invernosa, ainda até hoje não appareceu quem a queira; e em consequencia disto, o publico receia seriamente, que o emprezario Angelo Alba continue (por desgraça) a presidir aos destinos do referido theatro.

Lola Montes. — O periodico de Londres, *Morning Advertisser* de 26 do passado, assegura que o imperador negro, Faustino 1.º do Haiti, enviára do seu imperio uma solemne embaixada, com o fim de pedir a mão da famosa Lola Montes para o principe Bobo, um dos mais distinctos personagens de Soulouque.

M.me Stoltz. — Pelo paquete inglez *Tay*, chegado do Rio de Janeiro, soubemos que m.me Stoltz restabelecida completamente da febre amarella, debutou no dia 12 do passado, no theatro italiano daquella cidade, e obteve um brilhante triunfo, na opera *Favorita*; a qual não foi mais cêdo á scena, em consequencia de haverem perecido, victimas da febre, o tenor Bassadona, e o baixo profundo Bianchi, recentemente chegados ao Rio; e ter por conseguinte sido preciso confiar os papeis, que lhes eram destinados, ao tenor Labocceta e ao baritono Ribas.

Sabemos, por via segura, que m.me Stoltz chegou a impressionar-se tanto com o perigo pessoal a que esteve exposta, e com a desgraçada sorte dos seus dois collegas, que esteve resolvida a regressar á Europa no mesmo vapôr pelo qual recebemos estas noticias.

to; ficavam ainda por fazer 238,000 riscos; e o inglez que ganhou a aposta, desejando saber quanto tempo se necessitava para traçar o milhão completo, seguiu a obra de seu predecessor, terminando a tarefa aos vinte dias.

Noticias Diversas.

Theatro lyrico do Porto. — No dia 2 representou-se a *Maria Padilla*, de Donizetti; e graças á bellesa da musica, e aos esforços dos principaes artistas, que a desempenharam, o publico não ficou descontente.

O beneficio da sr.ª Raffaeli deve ter proximamente logar.

Companhia franceza. — Mr. Bernard, director da companhia franceza, que ha pouco ésteve no theatro de *D. Fernando*, parte para París no dia 19 a fim de escripturar uma nova companhia, que se diz começará as suas representações no referido theatro no proximo mez de outubro.

No theatro de *D. Fernando* trata-se activamente de fazer certas reformas e melhoramentos materiaes, que a experiencia tem mostrado convenientes e até indispensaveis.

Gaetano Fiori. — A abertura do theatro de *Fabriano* teve logar com a opera — *I Lombardi*. A companhia que a executou mereceu as boas graças do publico; e o baritono Gaetano Fiori *(Ezio)* foi unanimemente reputado actor e cantor de mui distincto merecimento.

Fiori está escripturado para cantar em Bergamo por occasião da feira.

Boatos. — Dizia-se ultimamente em Milão, mas sem se affirmar, que no theatro *Carcano* ha de haver novamente, dentro em poucos dias, espectaculo de opera; e que a estimavel *prima donna* m.elle Carolina Sannazzaro fará parte da companhia cantante do mesmo theatro.

Rasgo de philantropia. — Segundo noticias recebidas de Stokholm, em data de 7 de junho, consta que Jenny Lind (madama Goldsemith) enviára ao governo sueco a quantia de 250.000 francos, pára ser empregada na creação de novas escólas primarias gratuitas, nas localidades em que o numero destes estabelecimentos não corresponda ás necessidades da povoação.

Se esta noticia, que copiámos da *Revue et Gazette Musicale de París*, de 27 do passado, fôr veridica, estâmos persuadidos que as bençãos de um povo inteiro recaírão sobre a eximia cantora, que por um modo tão distincto sabe proteger os seus patricios, e honrar a nação a que pertence.

Um pianista. — Está na actualidade chamando a attenção do publico de Madrid, o excellente pianista Gottschalk. No fim do mez passado executou elle uma fantasia de sua composição, intitulada — *El sitio de Zaragoza*, que produziu geral enthusiasmo, e lhe grangeou immensos applausos.

Uma das maiores difficuldades da referida peça, e que bem póde qualificar-se de *tour de force*, é, segundo nos informam, a de fazer ouvir simultaneamente a *marcha real* e a *jota*; apesar de ser a primeira em compasso *binario*, e a segunda em compasso *ternario*, sem que por isso percam nem uma nem outra do seu verdadeiro colorido.

Por ultimo, o *canon* sobre a mesma *marcha real*, executado por dois grupos de cinco pianos cada um, revela grandemente os vastos conhecimentos de harmonia, que possue mr. Gottschalk.

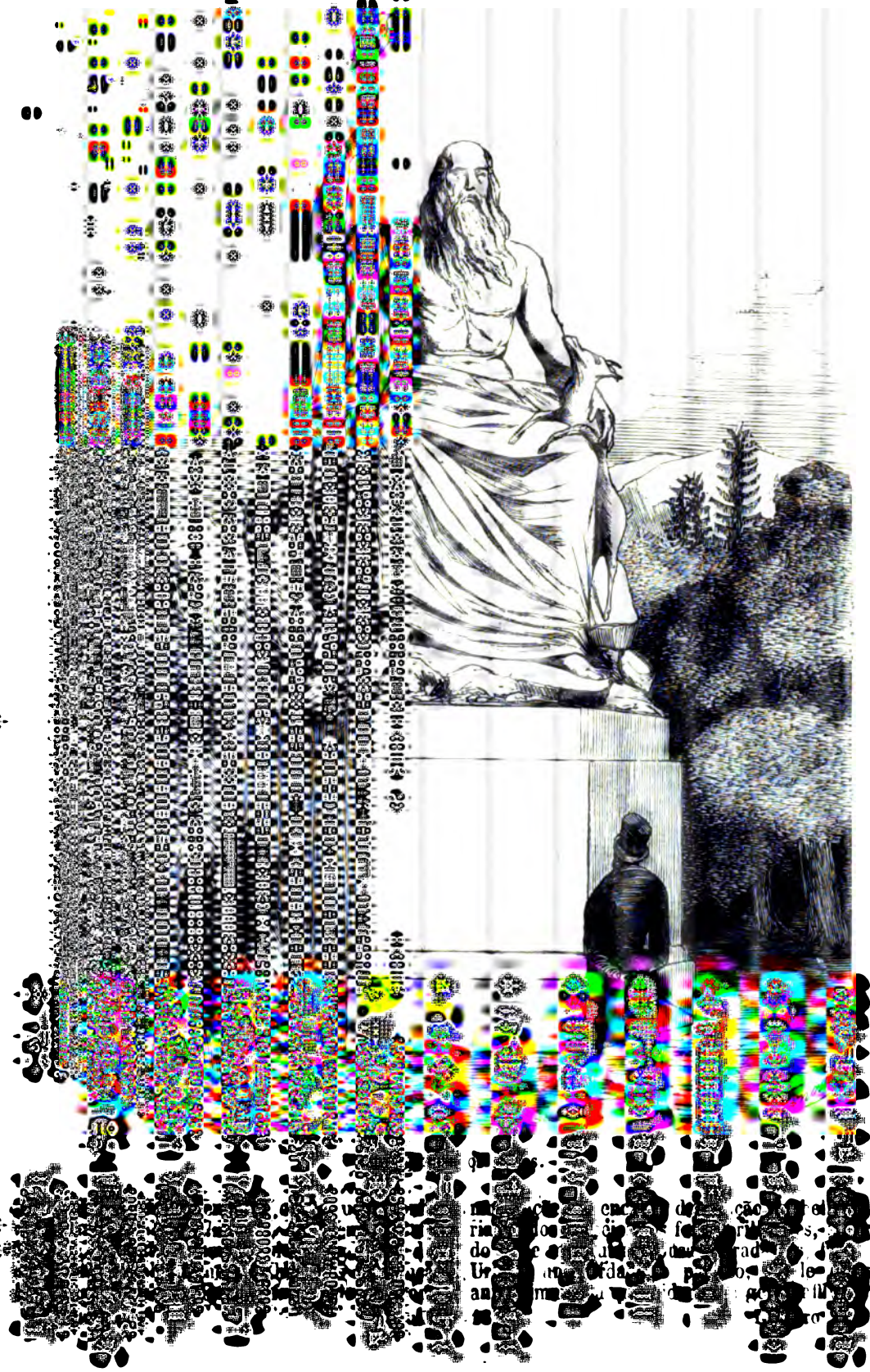
Minas de oiro na Australia. — O producto semanal de oiro na colonia Victoria, avalia-se em 20:000 onças, e este numero vae sempre em augmento. Além dos navios *Hymalaya* e *Sabah-Anne*; que saíram de Porto-Filippe com 40:550 onças, fez-se de véla ultimamente o Shamrok com 26:000. A exportação total que se fez de oiro de Victoria nos ultimos dias foi de 912:000 libras sterlinas. Os trabalhos dos mineiros avançam com incrivel rapidez, e occupam já uma extensão de 20 milhas desde o Monte Alexandre até ao rio Loddon. Os nomes das tres localidades principaes são: Forest Creek, Golden Gull, e Red Hill. Ha muita dissipação, mas o comportamento do populacho, em geral, é melhor do que se poderia esperar; e n'alguns casos em que tem havido que appellar para a justiça, todos têem contribuido para restabelecer a ordem.

Vae crescendo por tal modo a povoação, que se teme haja alguma epidemia. Até os gados ficam abandonados pelos pastores, que se dirigem para Porto-Victoria e Porto-Filippe a fim de se empregarem na exploração do oiro.

O fogo eterno. — Em Chedoz, condado de Cornoanillos, acaba de morrer na mesma casa onde tinha nascido, e que já mais havia abandonado, m fidalgo de 92 annos e 7 mezes, chamado Franci co Adans Struding, o qual deixou á sua familia o encargo de manter, como elle o tinha feito toda a sua vida, um fogo acceso em 1622, pelo seu antepassado José Struding, e sustentado durante 221 annos com uma vigilancia que as vestaes teriam invejado.

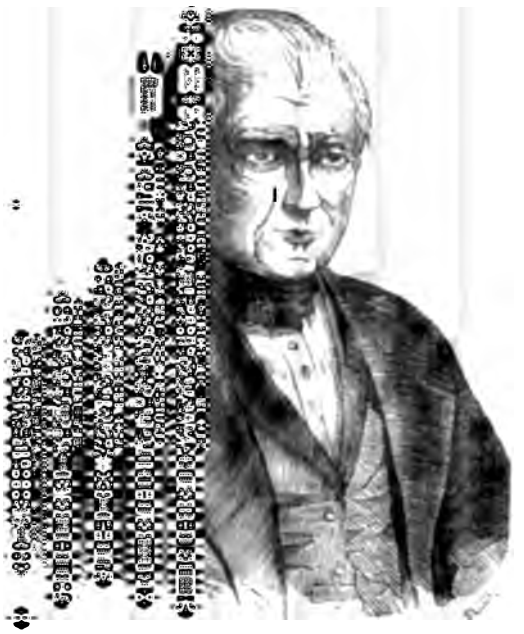
Caminhos de ferro. — Segundo dados estatisticamente colhidos, ha na actualidade 41,153 kilometros de caminhos de ferro, abertos á circulação, os quaes estão distribuidos pelos paizes, pela fórma seguinte:

Nos Estados-Unidos	16,482
Na Inglaterra...	11,200
Na Allemanha...	8,547
Na França..	5,472
Na Belgica	851
Na Russia...	320
Na Italia	272
Na Hespanha	39
	41,153



que effectivamente seguiu por espaço de vinte annos.

Poucos profesores tem sabido dar ao ensino oral caracter mais substancioso e deleitavel; dotado de uma palavra facil e abundante, que se prestava admiravelmente á exposição de suas idéas. Blainville ajuntava a este condão, o dote preciosissimo da arte do desenho que elle manejava com extrema habilidade, e ao qual recorria para tornar mais perceptiveis, e para assim dizer, palpaveis, as suas explicações. Era por isto que as suas lições tinham constantemente a assistencia de um numeroso auditorio, cuja atten-

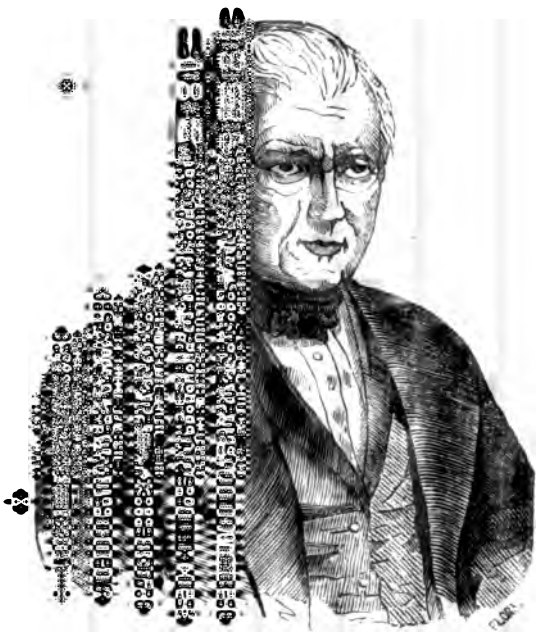


Blainville.

ção elle captivava e sabia encantar. Blainville

que effectivamente seguiu por espaço de vinte annos.

Poucos professores tem sabido dar ao ensino oral caracter mais substancioso e deleitavel; dotado de uma palavra facil e abundante, que se prestava admiravelmente á exposição de suas idéas, Blainville ajuntava a este condão, o dote preciosissimo da arte do desenho que elle manejava com extrema habilidade, e ao qual recorria para tornar mais perceptiveis, e para assim dizer, palpaveis, as suas explicações. Era por isto que as suas lições tinham constantemente a assistencia de um numeroso auditorio, cuja atten-



Blainville.

ção elle captivava e sabia encantar. Blainville era do pequeno numero de sabios em que a scien-

Estudos sobre Cabo Verde.

(Continuação.)

Por engano repetiu-se no n.º 23 deste Semanario a publicação de uma parte dos *Estudos sobre Cabo Verde*, que já se havia publicado em o n.º 9; devendo ser a que segue.

Passo agora ao sal da Boa Vista. Ha aqui duas grandes salinas, uma natural, e a outra artificial, mas distantes uma da outra cousa de sete leguas, e collocadas em pontos oppostos: porque a salina artificial está situada proximo da povoação do Porto de Sal-Rei ao oeste, e a natural está situada junto ao porto e povoação da salina a leste, que lá chamam norte. Esta salina produz sem soccorro algum da arte, pelo mesmo processo que a de Maio, uns quantos moios de sal, em pedaços cristallisados, que adherem por successivas camadas a ramos de tarefa (que alli cáem das bordas, ou que de proposito lançam os habitantes) e que apresentam por isso figuras bisarras, pela maior parte representando fragmentos de ornatos architectonicos, feitos de jaspe. Vi alguns, e possuí por muito tempo um destes pedaços, e em todos admirei a regularidade das linhas, o bem acabado da obra, e a perfeição do polido.

Mas este sal, que tão agradavel é á vista, não póde ser mais repugnante ao paladar em consequencia do sabor amargoso dos ramos de arbustos a que adhere, e que pela sua quantidade tornam a agua tambem amargosa: isto, a pequena quantidade de sal que produz, talvez 200 moios por anno, e os riscos do porto, que é perigoso assim como toda aquella costa por causa dos muitos recifes e cachopos, e pela violencia da corrente que encosta para a terra, faz com que este porto não seja demandado senão de longe a longe por alguns navios que, a pretexto de comprar sal, vão alli contrabandear.

Houve tempo em que por um abuso muito reprehensivel, pois era opposto a todos os principios economicos, e mesmo de direito publico, e tambem contrario a ordens mui expressas e terminantes do Governo, a que já tive occasião de referir-me n'outra parte destes *Estudos*; toleravase que os navios estrangeiros fossem traficar a todos os portos, e áquelles mesmos em que não só não havia Alfandega, mas nem ao menos um só empregado fiscal: e esse tempo durou até que cheguei áquella provincia na qualidade de Secretario Geral. Pois bem, nesse tempo estive eu na referida provincia, como particular, perto de 17 mezes, dos quaes 14 nas ilhas do Sal e da Boa-Vista, e em todo este longo periodo apenas foi a este porto um Brigue-escuna americano, que não tinha podido baldear, no canal para a chalupa!!! uma porção de aguaardente estrangeira, que se queria introduzir fraudolosamente na ilha da Boa-Vista, e que se foi deixar naquelle porto, suppondo que se illudia a vigilancia de um certo individuo, que se me dispensará de nomear, e que era membro de uma commissão de Estatistica e economia publica.

Assim que se ordenou a execução rigorosa das ordens que vedavam aos estrangeiros este trafico, ninguem reclamou em favor deste sal que tanto se prestava a encubrir fraudes) por espaço de quasi tres annos, em que appareceu uma celebre representação fundada em razões tão miseraveis, que não achou no Conselho de Governo uma só voz a seu favor; e foi pelo contrario unanimemente despresada. Não era por certo na occasião em que o proprio sal artificial, não achava compradores por causa da sua côr escura, que se havia de conceder mais uma facilidade ás fraudes acobertadas com um sal, que não póde ter serventia para salgas de carnes pelo amargor, nem para outras quaesquer por ser excessivamente brando, e perigosa a sua acquisição.

Consta-me que depois da minha demissão, e alguns mezes mais tarde, foram mais felizes uns dois individuos que se empenharam para conseguir a faculdade para os navios estrangeiros irem alli buscar sal; ao mesmo tempo que, por uma circumstancia certamente fortuita, mas que a mim me tem dado muito que pensar, os rendimentos da alfandega da ilha da Boa Vista começaram a diminuir. Não digo que a causa esteja na concessão e no abuso della, que era facil de prevêr; mas não admitte questão que, pelo menos, ha motivos para se presumir que não seja outra essa causa.

A salina artificial está situada a L. da povoação de Sal-Rei, e a mui pequena distancia. Conhece-se ainda que foi um estabelecimento muito importante; hoje, porém, está reduzido a menos da terça parte do que foi. Causa dó vêr os vestigios deste estabelecimento, que foi destruido pelas continuas invasões de arêa, que, desprendendo-se do banco, que sáe do mar a leste para tornar a entrar nelle a oeste, depois de ter cortado a ilha naquella direcção, vae submergindo tudo, e já ameaça a propria provoção, cujas ultimas casas quasi tocam nas primeiras arêas.

Além deste prejuiso, que já é gravissimo, e além do perigo, ainda estas arêas causam outro não menor damno de que aquella ilha se ressente pela pobreza em que tem caido, e pela decadencia do seu commercio; esse damno bem grave e a adulteração do sal pela introducção da arêa durante o seu fabrico, em que se conserva humido, e que lhe faz tomar uma côr escura, e feia; a do saibro misturado com a cal; o que faz com que a maior parte dos navios o rejeitem, de sorte que actualmente quasi mais ninguem o compra senão alguns navios inglezes de Gambia, a trôco de lenha, e do milhinho. Eu lamentaria muito este acontecimento se viesse causado por algum daquelles phenomenos da natureza contra os quaes o homem conhece que é fraco, e não ousa por isso combatel-os. Mas não é assim: ao seu desleixo e preguiça devem aquelles insulanos attribuir esta desgraça que os afflige.

Se os proprietarios das salinas quizessem, nem perderiam os seus estabelecimentos, nem o seu sal ficaria amontoado nos *patamaes* por falta de comprador, e em consequencia da sua má qualidade, toda procedida unicamente da mistura das arêas; e não correriam principalmente o risco de ficarem seus filhos um dia sem as casas em que agora habitam. E para isso não eram necessarias grandes despezas, esforços superiores aos seus recursos: bastava que semeassem nos limites do banco, onde as arêas já estão sedentarias, algodoeiros, murraçaes, e plantassem tarafes, do lado de dentro dos quaes podiam lançar o *bardo* que extráem dos taboleiros e dos poços: estas plantas e arbustos opporiam uma barreira invencivel ás arêas, e ao mesmo tempo lhes forneceriam recursos que agora não tem. Os algodoeiros lhes dariam duas colheitas de optimo algodão; os tarafes haviam de dar-lhes combustivel, que agora lhes falta, e que precisam comprar por alto preço (7 e 8$000 réis a corda), ou que tem de substituir por excremento de animaes; e as murraças dar-lhes-iam lixivia muito boa para as lavagens da roupa.

Mas não ha tiral-os da sua natural indolencia; só a força podia obrigal-os a isso, e eis a razão porque até 1833 o sal desta ilha não desmerecia do nome que ao principio se lhe deu, e que se estendeu á povoação e ao porto. A installação do governo constitucional fez caír as medidas coercitivas, que para bem dos habitantes havia estabelecido o capitão mór Aniceto Ferreira Martins, brigadeiro de milicias, e que depois da sua morte continuaram a subsistir, auxiliadas pela natureza do governo que então regia o reino e suas possessões.

Em nome do governo constitucional queimaram-se as murraças, e os tarafes, metteram-se as cabras nos algodoeiros; destruiu-se tudo, e chamou-se a isto liberdade! A miseria veiu logo depois, e ha de continuar sempre mais medonha.

O governo da prefeitura, e os que se lhe seguiram immediatamente, não só não souberam achar um meio indirecto para fazer voltar as cousas ao estado antigo, mas pelo contrario, deram-lhe um premio; favoreceram a preguiça que deviam extirpar. Acharam que o sal estava mais ordinario do que o das outras ilhas, e sem curarem do motivo, diminuiram os direitos que pagava; sem se lembrarem de que o resultado forçoso havia de ser a creação de dois prejuisos, e a continuação do mal a que elles deviam a existencia.

Eu procurei convencer esta gente, as auctoridades municipaes e administrativas de que era necessario fazer alguma cousa: indiquei-lhes mesmo o que me parecia necessario que fizessem, promettendo-lhes todo o apoio e protecção do governo provincial, para tudo o que se contivesse nos limites, que assignalava: todos os meus esforços foram baldados, e tive de ceder diante de uma tão decidida má vontade!

(Continúa.) *J. M. de Sousa Monteiro.*

Signaes para reconhecer a gravidez das principaes femeas domesticas.

Se no nosso paiz houvesse já um numero sufficiente de veterinarios que, espalhados por toda a sua superficie, prestassem aos lavradores e proprietarios o valioso auxilio de suas luzes, ou se pelo menos figurasse na imprensa scientifica um periodico exclusivamente votado á discussão grave das questões uteis e positivas de economia agricola, rural e veterinaria, de certo que as considerações que naquelle titulo se envolvem, por demasiadamente particulares, nunca viriam pejar as columnas da *Revista*.

Como, porém, se esteja lentamente provendo de remedio á primeira daquellas duas urgentissimas necessidades, e seja improvavel, para não dizermos impossivel, a satisfação da segunda, pareceu-nos que este jornal podia, uma que outra vez, em quanto alguma dellas não é definitivamente preenchida, sem todavia faltar ás condições do seu programma, entreter-se no exame de alguns pontos praticos de incontestavel interesse para certas classes.

É por isso que nós não esquecemos ser do stricto dever de quem escreve sob o influxo de taes circumstancias em assumptos especiaes de um determinado ramo de conhecimentos, tratal-os, não nas altas e nebulosas regiões da sciencia privilegiada, mas discutil-os no razo e descoberto campo da intelligencia commum, desde já promettemos reverenciar submissos tão fructifera como prudente obrigação.

O homem precisa muitas vezes, no commercio dos animaes, verificar se existe ou não a gestação das primeiras femeas domesticas: um proprietario compra para criadeira uma egua, ou uma vacca, que lhe asseguram estarem prenhes; foi, ou não, enganado? Um outro compra uma egua de cavallaria ou de trem para uma jornada prolongada, na esperança de que lhe servirá sem interrupção durante todo o tempo que nella gastar; a egua está gravida, será obrigado a passar alguns mezes sem os seus serviços. Nas localidades onde não houver veterinario o ferrador póde ser judicialmente constrangido a dar o seu voto sobre o estado de plenitude ou de vacuidade de uma femea qualquer; como o dará elle?

Eis-aqui alguns dos muitos casos deste genero que não podem ser convenientemente resolvidos, sem a intervenção decisiva e luminosa da medicina dos brutos, sem que esta assigne e esclareça o valor e importancia de cada um dos signaes distinctivos da prenhez. Com estes formam os parteiros duas ordens: uns a que chamam racionaes, ou physiologicos, que derivam das alterações occorridas em toda a economia; outros a que dão o nome de sensiveis, provenientes de mudanças sobrevindas no utero.

Signaes racionaes. — Dos numerosos signaes comprehendidos nesta cathegoria, fallaremos uni-

camente daquelles que são mais constantes e de uma evidencia menos equivoca.

1.° *Cessação dos signaes do cio.* — São bem conhecidos os signaes do cio. Acredita-se que a femea concebeu quando, depois de um, dois, tres ou mais coitos, entre os quaes medeia sempre um certo intervallo, têem desapparecido todos estes signaes; isto é, quando recusa receber o macho e busca maltratal-o, se della se aproxima.

2.° *Disposição á ceva.* — É de observação constante e de experiencia certa, que logo depois de ter logar a concepção a femea começa a engordar, a encher-se de carnes; este facto é tão conhecido das pessoas que criam gado para o açougue, que muitas vezes mandam cobrir as vaccas, as ovelhas, etc., unicamente com o fim especulativo de se aproveitarem delle para terem maior certeza de uma venda prompta e vantajosa.

3.° *Molleza da femea prenhe.* — A vivacidade desta diminue quasi sempre; torna-se insensivel aos diversos estimulos, as suas andaduras são bastante lentas, e apresenta uma tendencia manifesta para o repouso.

4.° *Augmento de volume do ventre.* — Este não só se engrandece, como descáe tambem; os ilhaes retrahem-se superiormente; as partes lateraes da garupa deprimem-se, o que faz que as ancas e a origem da cauda pareçam muito proeminentes. Todos estes signaes se pronunciam cada vez mais, á proporção que a gravidez se adianta.

5.° Finalmente, *turgencia das mammas.* — Estes orgãos principiam a engrossar pouco tempo depois da fecundação nas femeas novas e primiparas (que parem pela primeira vez), nas velhas e parideiras a apparição deste signal é mais tardia. Tanto este, como o signal precedente, têem muito pouca importancia na egua criadeira, na vacca de leite, e nas femeas que são cobertas logo depois do parto.

(Continúa.) *J. M. Teixeira.*

As Ostras.

Considerâmos bastante curiosas, especialmente para os gastronomos, as seguintes noticias sobre a voga que tem tido este molusco nas differentes épocas.

Os romanos, que eram excellentes gastronomos, apreciavam as ostras como um manjar mui delicado e saboroso; porém foi só no principio do seculo passado que se comprehenderam e reconheceram bem as suas qualidades higienicas, e só ha alguns annos que a chymica medica mostrou todo o merito de suas qualidades alimenticias.

Tres escriptores celebres por mui diversos conceitos, Plinio, Cicero e Horacio, fallam das ostras com um verdadeiro enthusiasmo. Plinio diz, que em certas estações se pagavam por um preço mui subido, e que Apienis, mui conhecido pela sua glotoneria, tinha encontrado, depois de reiterados ensaios, um processo especial para conserval-as e fazel-as melhores. Aristoteles, pela sua parte, affirma que no seu tempo se havia descoberto um meio para alimental-as e engordal-as.

A imperatriz Popea tinha uma affeição decidida a este manjar: possuia junto do lago Lucrino um viveiro de agua salgada, no qual mantinha doze especies de ostras; e a historia ensina-nos que, sendo ainda esposa de Othon, deu um jantar que constou exclusivamente de ostras, o que deu a este alimento muita voga.

Esta imperatriz lhes deu tambem um emprego mui distincto. Em certas épocas do anno ia tomar banhos de mar á costa da Calabria, e tinha o costume de fazer esfregar pelas suas criadas a sua pelle com ostras.

Se temos de dar credito ao seu historiador, a isto devia ella a frescura e conservação de sua belleza, que depois captivou o feroz Nero, que casou com ella.

O enthusiasmo pelas ostras renasceu no seculo decimo setimo. Fagon mandou-as tomar a Luiz XIV, a quem fizeram muito bem, e a côrte usou dellas em seguida. O regente imitou o seu exemplo, e mais tarde M.me de Chateauroux, durante uma doença bastante grave, alimentou-se exclusivamente com caldo de ostras pelo espaço de vinte dias. O bom Lapeyronie, cirurgião de Luiz XV, que tantos serviços fez á medicina militar, tinha o costume, durante a convalescença de seus enfermos, de mandal-os tomar banhos de mar, e de prescrever o uso das outras.

Desde esta época o consumo das ostras tem ído sempre em augmento, e hoje em dia é um manjar universalmente admittido.

Este marisco, que fórma parte o quadro numeroso dos moluscos, e da divisão das conchas bivalves, tem orgãos especiaes. Quando se abre uma ostra, vê-se primeiramente o seu manto dividido em dois lobulos, que forram as paredes interiores da concha, e depois quatro laminas membranosas, sulcadas por estrias ou pequenos tubos capillares, abertos na sua extremidade posterior; estes tubos fazem o officio de tracheas e equivalem aos pulmões, formando um apparelho, por meio do qual o animal extrahe da agua que o cerca, o ar necessario para a existencia. A bôca é formada por uma abertura bastante grande, guarnecida de quatro labios. Por detrás das branchias vê-se uma parte carnosa, esbranquiçada e cylindrica, que envolve um musculo abductor-central, a qual contém os estomagos e os intestinos. Emfim, sobre a parte superior do musculo vê-se o canal intestinal.

As ostras constituem um alimento agradavel e muito sadio, porque é ligeiramente analeptico, isto é, tonico e de uma digestão summamente facil. Por estas propriedades se recommendam muito aos anciãos, aos convalescentes, ás pessoas

debeis, ás meninas chloroticas, aos enfermos, e sobre tudo áquelles que padecem affecções agudas e chronicas dos intestinos. Com este marisco se preparam caldos que contém principios nutritivos em abundancia. Nas ostras acham-se, entre outras substancias, o iodo, o ferro, a albumina, e os outros componentes mais importantes do sangue. Passam do estomago ao duodeno no estado latente, separam-se facilmente do chimo, e são absorvidas pelos vasos chiliferos que as depositam na massa do sangue. Este trabalho faz-se sem difficuldade para o organismo.

As ostras contém, além disso, uma agoa salgada, que não tem o sabor desagradavel da agua do mar e que é eminentemente tonica. Prescreve-se algumas vezes como meio curativo na dose de muitas colheres ao dia, nas doenças chronicas do tubo digestivo.

Os viveiros em Granville não são mais que depositos. Nelles a ostra não cresce nem se multiplica, porém quando se arranca de seus bancos nativos, encerra uma agua salobra amarga, misturada com lôdo e com excreções do animal, desagradaveis ao paladar, e ao olfato, muitas vezes purgativas, ainda que sem ser venenosas.

Collocam-se as ostras nos depositos para purifical-as por um espaço de tempo mais ou menos longo um ou dois mezes, em cujo tempo as ostras expellem esta agua e adquirem as suas boas qualidades.

Uma nobre vingança.

SCENAS DA VIDA MILITAR.

II.

A bom filho, terna mãe.

O rapaz do botequim franqueou rapidamente a distancia que separava o boulevard Montemartre da rua d'Argenteuil, onde morava sua mãe, excellente mulher que gastára todas as forças do corpo e do espirito em educar seu filho, e em o fazer um moço honrado. Miguel vinha em um estado de superexcitação impossivel de exprimir. Ainda que noite, figurava-se-lhe que cada um que passava a seu lado, lia em seu rosto o stigma da affronta que soffrêra. Alagado em suor, pallido, tremendo como se o atacasse uma sezão, chegou á porta da rua da morada de sua mãe, bateu violentamente, subiu tropeçando a escada, procurou a chave na porta do quarto, e com os olhos espantados, o fato em desordem, deixou-se cahir sobre uma cadeira, como um homem que precisa calmar uma profunda agitação.

Madama Albert, mãe de Miguel, era uma senhora virtuosa que a infelicidade se não cançára de perseguir. Educada n'um convento de Ursulinas, casada e dotada vantajosamente, bella e rica na primavera da vida, com o tempo, marido, fortuna e belleza tinham seguidamente desapparecido. Seu marido, antigo mercador de pannos, adquerira no commercio grossos cabedaes com probidade e honradez; mas a revolução de 1789 cortara-lhe subitamente o fio da prosperidade. A maior parte dos seus freguezes pertenciam ás classes privilegiadas; e no conflicto da emigração, uns esqueceram, outros não poderam saldar seus creditos. O honrado mercador ficou pois arruinado; mas fiel ás tradições de lealdade do velho commercio de Paris, nada quiz salvar do naufragio: tudo vendeu para satisfazer aos seus credores. Este sacrificio acabou de o desgraçar; elle não pôde sobreviver á catastrofe que precipitava sua familia tão repentinamente na indigencia; morreu recommendando a sua mulher seu filho Miguel.

Madama Albert viu-se, depois da morte de seu marido, obrigada a retirar Miguel do modesto collegio em que seguia a sua educação, para o metter de aprendiz na loja de um ourives. Mas no tempo da republica os ourives pouco tinham que fazer, e o aprendiz quasi para logo foi despedido. Foi então que Miguel, já dos seus dezoito annos, achou meio de se arrumar como moço de botequim. Sua mãe para o ajudar, trabalhava noite e dia em obras de tapeçaria para os armazens do *pae de familia*, cujo proprietario fôra n'outro tempo amigo de seu marido. O recrutamento que chamava ao serviço militar todos os mancebos, respeitou Miguel como filho unico de viuva. Madama Albert não amava, idolatrava seu filho: era o seu unico bem sobre a terra. Com que anciedade todas as noutes, não esperava ella o regresso de Miguel! Nesta noute, como de costume, estava assentada, trabalhando diante de uma pequena mesa, em cima da qual ardia um candieiro afumado. De quando em quando deitava os olhos para um gothico relogio de parede, cujo ruido cadenciado mais fazia sobresahir o silencio do aposento. Deu meia hora depois da meia noute na egreja de Saint-Roch, e no mesmo instante a pancada violentamente dada na porta da rua lhe annunciou a chegada de seu filho.

— Elle ahi vem emfim! Mas parece-me que volta hoje mais tarde.

Mal depunha para o lado a obra em que trabalhava, entrava Miguel no estado que já descrevemos.

— Jesus, como tu vens, querido filho! O que te succedeu? perguntou madama Albert involvendo seu filho com um olhar afflicto. Como estás transtornado, parece que choraste!

— Não tenho nada, minha mãe, venho como sempre.

— Como sempre, não. Quando chegas sempre me abraças, e esta noute esqueceu-te.

— Ah! perdão, bôa mãe, é verdade. E com um passo tremulo o mancebo ergueu-se e foi abraçar sua mãe, que o apertou mais ternamente que nunca.

— Ora, meu filho, para que dizes que não, eu bem vejo que estás desasocegado! Tremes como se estivesses com febre! Serias tu atacado no caminho? Dizem que andam agora muitos ladrões.

Depois continuando a examina-lo. Ou estarás tu doente?

— Ninguem me atacou, nem estou doente, respondeu Miguel fazendo visivel esforço, sobre si mesmo, e se tremo é porque...

— Anda, explica-te. Estou n'um tormento.

— Aqui está, minha mãe, o meu ganho de hoje; trinta sus do ordenado e dezoito francos de gorgetta. Não tenho razão de queixa, a noute não foi má, não é verdade? Accrescentou elle sorrindo contra vontade.

— Sim, respondeu madama Albert, abrindo grandes olhos. E para isto vens tão agitado e a tremer! Um homem de bem só treme quando pratica alguma má acção, e tu não és capaz de o fazer. Ora vamos! Tranquillisa-te. Este dinheiro vae já ser empregado; precisas de um chapéu e de roupa; ámanhã vou fazer-te estas compras.

— É inutil, minha mãe, guardae-o antes para vós que mais precisaes delle.

— Que dizes tu? Pois eu havia de empregar em mim o que a ti, coitadinho, tanto te custa a ganhar! Nesta edade já de nada preciso. Agora tu és outra cousa, precisas andar limpo e aceiado.

— Já nada disso me importa; d'ora em diante não terei mais que um trajo, com o qual sempre hei de parecer bem, e, ajuntou baixando a voz, que não custa nada

Madama Albert não comprehendendo a significação destas estranhas palavras, exclamou com o accento da surpreza e da angustia:

— Teus discursos assustam-me! Em nome do céu, meu filho, confessa-me a tua magoa!

— Sim, minha mae, sinto o meu coração tão cheio que me pésa no peito, preciso desafogar; sois o unico sêr no mundo que amo e que tanto me tem amado!

— E amar-te-hei sempre, atalhou madama Albert, cingindo seu filho entre os braços para mais o chegar a si; o amor que te tenho, nem o eu posso explicar; falla, falla.

— Estimaes a minha honra, não é assim? Proseguiu Miguel com um gesto altivo de cabeça.

— E pódes duvidar? A tua honra é o meu unico thesouro, e faz o meu orgulho. — Foi para te transmittir intacto este precioso deposito que teu infeliz pae consummou a sua e nossa ruina. Ainda na vespera da sua morte me disse estas palavras: «lego ao menos a meu filho um nome sem mancha.» Quantas vezes depois, te as tenho eu repetido!

— É verdade, respondeu Miguel com emoção. Esta predicção um dia virá em que se realize. Mas escutae-me, pois ides vêr que executando um projecto que concebi, cumpro as ultimas vontades de meu pae.

E sem mais preambulo, Miguel contou a sua mãe toda a scena que horas antes se havia passado no terrasso de Frascati.

— Bem vêdes, concluiu elle, que preciso absolutamente de uma reparação, e hei de obtel-a.

— Como? O que pertendes tu fazer? Um duello com esse militar é impossivel. E em todo o caso o resultado para quem era funesto, era para ti, que em toda a tua vida ainda não manejaste uma arma.

— Isso lá não tira, replicou Miguel, o homem de sentimentos quando empunha uma espada, ou uma pistóla para vingar uma injuria, sabe sempre servir-se dellas.

— Sim, mas serve-se mal e matam-no. Ouve; neste acto de brutalidade o que mais importa é o alcance moral. Para as pessoas de bem a conducta desse militar é o facto de um homem embriagado, ou de um selvagem, e eu não vejo em que isto te possa deshonrar

— Não me deshonra! gritou o mancebo erguendo-se arrebatadamente da cadeira. Pois que! um individuo bate-me ignominiosamente na cara na presença de toda a gente que estava no terrasso do botequim, e aconselhaes-me que me esqueça! A vossa ternura de mãe cega-vos; não, minha mãe, não, heide vingar-me. Madama Albert não respondeu, mas receiando com o seu silencio approvar os designios de seu filho, continuou:

— Ha insultos em que ha mais coragem esquecer do que vingar. E demais, persuades-te que um coronel acceitará o desafio de um moço de botequim?

— Oh! quanto a isso, sei de um meio que ha-de constrangel-o a acceitar.

— Então que meio é, perguntou madama Albert com ar de incredulidade, mas começando já a adivinhar o projecto de seu filho.

— Assento praça de soldado, respondeu tranquillamente Miguel.

— E depois?

— Depois? Lá veremos.

— Em que tu pensas! Abandonar tua pobre mãe que não tem outro amparo no mundo senão a ti!

— Chegarei ao que outros tem chegado; estou novo, sinto-me com coragem e com paciencia, e com estas qualidades alcança-se o que se quer.

— Ah! meu Deus, supplicou madama Albert levantando para o céu seus olhos arrasados em pranto.

— Assim é precisó, minha querida mãe, continuou Miguel com energia. Eu bem sei que toda a profissão que sustenta aquelle que a exerce, é honrosa, mas confesso-vol-o agora, a de moço de botequim já de ha muito tempo que repugnava aos meus sentimentos. Não me resolvia a abandonal-a, porque antes de tudo é preciso viver; mas a scena desta noute acabou de decidir-me de todo.

Depois pegando nas mãos de sua mãe apertou-as com effusão entre as suas, e accrescentou com tom de dedicada sensibilidade:

— Por assentar praça eu não renuncio ao santo dever de vos amparar. Se os meus presentimentos não mentem, não tardarei em saír official, e então farei do meu soldo dois quinhões, um para vós, outro para mim. Madama Albert só respondia com lagrymas, porque as promessas de seu filho não compensavam a perda que ia experi-

mentar. Comtudo, enxugando os olhos, tentou ainda uma ultima objecção.

— Mas, filho da minha alma, tu não reparas que para subir postos, não basta só ser bom soldado, mas ter protectores.

— Pois não me faltam, minha mãe. Um dos officiaes que acompanhavam o coronel, o commandante Delaville, da guarda dos consules, prometteu-me a sua protecção, convidando-me a ir visital-o. Vou ámanhã a sua casa e estou certo que ha de facilitar o meu alistamento.

— Meu Deus, compadecei-vos de uma triste mãe! foram as ultimas palavras de madama Albert. E já desanimada de mudar a resolução de seu filho, a pobre mãe não teve remedio senão resignar-se com ella. Quanto a Miguel, satisfeito por obter emfim o consentimento que desejava, abraçou por ultima vez sua mãe e foi descançar; mas a sua alma estava vivamente agitada para conciliar o somno. A idéa de chegar um dia á gerarchia do seu aggressor, e de lhe fazer pagar cara a affronta, imperou nelle todo o resto da noute.

Mal amanheceu, vestiu-se, passou de mansinho pelo quarto de sua mãe para a não despertar, e aproveitando a saída matinal de um inquilino, desceu rapido a escada, passou o liminar da porta da rua e se encaminhou a passo largo para Courbevoie, onde estavam aquartelados os granadeiros infantes da guarda consular.

(Continúa.)

Projecto para a fundação de um Instituto Agronomico Lusitano.

Acaba de ser apresentado na Camara dos srs. Deputados pelo sr. Passos (Manoel) um projecto de lei do sr. Ayres de Sá Nogueira, para a fundação de um instituto agronomico lusitano.

O ensino agricola está merecendo actualmente em todas-as nações cultas, um tal gráu de consideração, que já nos não é permittido delongar por mais tempo a sua introducção, sem nos expôrmos desairosamente á irrisão daquellas mesmas nações.

E não é só por emitação que o devemos fazer, é por necessidade reconhecida, provada pela discussão, pelos factos, pela opinião, pelo sentir de todos.

Apontem-nos ahi paiz mais favorecido de bellas condições, porém mais desaproveitado. E porque é isto? É por falta de saber.

Aqui o veso e a tradição campeam em guisa da sciencia reflectida; aqui o capital agricola corre á mercê de um sem numero de riscos.

É preciso fazer cessar por uma vez este estado em que perdemos credito e fazenda.

Varias tem sido as tentativas para installar entre nós este ensino, e sempre as difficuldades da despeza tem vindo pôr-se de permeio.

Desta vez porém, talvez alguma cousa se consiga, se, como nos dizem, o sr. Ayres de Sá, arranjar uma empresa em que figuram alguns ricos brasileiros que lhes prestará os capitaes necessarios para as primeiras despezas. Entretanto as Camaras e o Governo, por honra nacional, devem secundar efficazmente os esforços do sr. Ayres de Sá e de seus associados n'um empenho altamente patrtotico e da maior trascendencia para a nossa vida economica. Este auxilio deve, pelo menos, consistir em o Governo pagar o corpo ensinuante.

Quanto ao detalhe do projecto julgâmos que elle deve completar-se em muitos pontos e modificar-se em outros; o todo, entretanto, não nos pareceu mal concebido. A commissão nomeada para o julgar offerece todas as garantias, de que das suas mãos sairá uma obra perfeita e em harmonia com o estado actual da sciencia agricola. Por este lado podemos estar descançados. Agora o que está ainda para vêr, é se o Governo contribue, e se não contribuindo, o sr. Ayres tem arte de levar por diante a sua obra meritoria. Os factos das exposições agricola e pecuaria grangearam reputação e louvôr ao sr. Ayres de Sá, mas se acerta de nos dar um instituto agricola, então cobre-se de gloria e não atinâmos como o paiz poderá recompensar de uma maneira condigna este benemerito e já por antonomasia, infatigavel lidador da agricultura.

Veremos se o sr. Ayres de Sá singra ávante por entre os baixios financeiros, onde tão habeis pilotos tem nanfragado, e consegue arribar a terra de salvação em estado de não poder dizer, como certo juiz de fóra, ahi de um nosso povito: — « moura te achei, moura te deixei. »

Lapa.

Anecdota.

Um alfayate, que tinha roubado muito no seu officio, sonhou uma noite que era conduzido ao juizo de Deus, onde, como peça de corpo de delicto, se lhe apresentou uma formidavel taboleta, feita de todos os retalhos que havia sonegado a seus freguezes.

Confuso e arrependido, o alfayate pediu misericordia, promettendo nunca mais caír em similhante peccado.

Pela manhã, quando veiu para a loja, contou o sonho a seus aprendizes, participando-lhes a firme resolução que tinha tomado de alli em diante respeitar a fazenda dos freguezes; « mas, acrescentou elle, como o homem é fragil, e o diabo tenta, peço-vos, meus amigos, que se alguma vez me virdes pôr de parte algum pedaço de fazenda, me griteis logo: — Mestre, a taboleta! »

Passado algum tempo, dissipou-se o terror que se apoderára do alfayate, e este insensivelmente esqueceu o sonho e o seu proposito de emenda. Um dia, estando a talhar uma obra de um rico panno, o alfayate, obedecendo instinctivamente a seus antigos habitos, pegou em um bom retalho, que sobrava, e escondeu-o na gaveta: os rapazes, que não perdiam de vista seus menores

movimentos, berraram todos á uma: «Mestre, a taboleta!» O alfayate, sem se desconcertar, virou-se para elles: «Leva de rumor! A taboleta não me passa do sentido; mas lembra-me perfeitamente que desta qualidade não tinha ella lá nenhum boccado.»

Noticias Diversas.

Theatro lyrico do Porto. — A sr.ª Bertolini Raffaeli fez o seu beneficio, na noite de 15 do corrente, com a opera *Ernani*. O theatro esteve bastante concorrido, e á beneficiada não faltaram applausos nem corôas.

Gaetano Fiori. — Lê-se na *Gazzetta del Teatri* «que o beneficio do distincto baritono Gaetano Fiori, que teve logar em 26 do passado no theatro de Fabriano, foi uma verdadeira festa, que aquelle publico recordará sempre com prazer.»

Registâmos com satisfação mais este triumpho do artista, que tão bellas recordações deixou em Portugal.

M.me Castellan e M.elle Alboni. — No theatro *Covent Garden* de Londres tem-se ultimamente representado o *Propheta*; e M.me Castellan (que brevemente ouviremos em S. Carlos) tem colhido immensos applausos na parte de *Bertha*, que para ella foi escripta em París.

M.elle Alboni já deu o seu primeiro concerto em Nova-York. Diz *The Musical Times*, que o publico, em consequencia do annuncio de um contralto, esperava ouvir uma voz que tivesse alguma cousa de viril e rude; mas que ficou maravilhado ouvindo um canto mimoso, uma voz suave e que vence com tanta delicadeza como agilidade os passos ainda os mais difficeis.

Grande illuminação. — No principio do proximo mez de agosto terá logar, no *Passeio Publico*, a grande illuminação (similhante á que se verificou no anno passado), a beneficio do Asylo de Mendicidade.

Cedro colossal. — No parque do palacio campestre de Montigny-Lencoup, que vae demolir-se, existe um cedro do Libano, irmão do que ha no jardim de plantas de París; porém muito superior a este. Para confirmar o que avançâmos, basta dizer-se, que o cedro do jardim de plantas, na altura de seis pés acima da terra, apresenta *dez pés* de circumferencia, e o de Montigny *vinte e um*. Além disto, o desenvolvimento do que figura no jardim paralisou-se por um accidente que troncou a haste principal, ao passo que o de Montigny desenvolvendo todo o impulso da vegetação, tem brotado por todos os lados tantos ramos e de tal dimensão, que a sua cópa seria bastante para formar por si só um bosque.

O celebre botanico Jussieu, comprou estas duas arvores, n'uma viagem que fez a Inglaterra em 1735, a um capitão que tinha chegado do Oriente.

O de Montigny, historico por sua origem, e colossal pelo seu desenvolvimento, inspira naquella comarca grande respeito ao povo, que o mostra com orgulho aos estrangeiros. A noticia de que, apesar dos seus cento e vinte annos de existencia, não será poupado pelo machado que ha de cortar todas as outras arvores do parque, tem produzido mui triste impressão; e para evitar que tal noticia se realise, varias pessoas abastadas dos arredores abriram uma subscripção, a fim de comprarem o cedro de Montigny e o terreno adjacente, que baste para assegurar a sua conservação e desenvolvimento, e permittir que os que vão vêl-o disfructem do seu grandioso aspecto e da sua sombra.

Imprensa franceza. — Publicâmos em seguida o numero de assignantes, que tinham os principaes jornaes de París, no mez de maio ultimo:

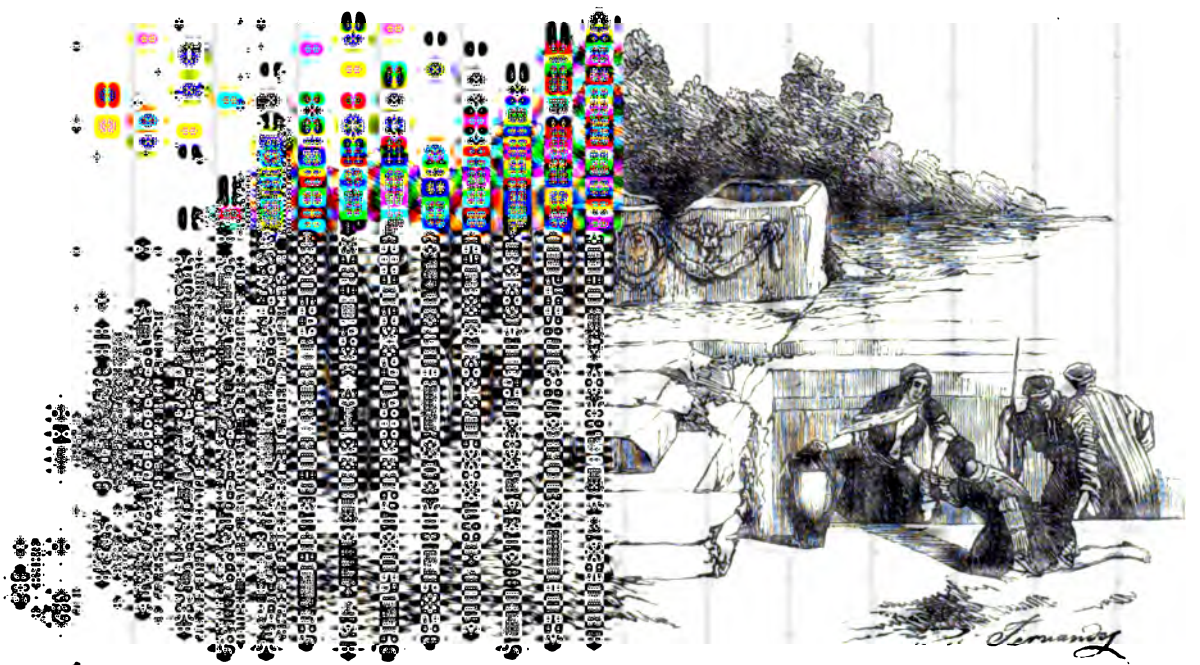
Constitutionnel	29:000
Siècle	25:000
Patrie	23:500
Presse	18:000
Journal des Débats	14:000
Pays	10:000
Estaffette	9:500
Assemblée	8:200
Journal des Faits	8:000
Univers	7:250
Union	4:000
Gazzette de France	3:000
Journal des Villes et campagnes	2:000
Public	1:650

Fez-se uma tiragem, durante o mez de maio, de quatro milhões oitocentos e trinta e quatro mil numeros, ou cento e sessenta mil diarios, cujo direito de timbre produzio 209:400 francos.

Movimento maritimo no porto de Londres. — O numero de navios inglezes occupados no commercio estrangeiro, que entraram no porto de Londres em 1841 (diz a *Revista Semanal de Agricultura de Madrid*) foi 4:016 de véla, e 626 de vapôr; de outras nações 1:927 de véla, e 72 de vapôr. Em 1851, isto é, dez annos depois, os navios inglezes que entraram foram 8:190 de véla, e 1:403 de vapôr, todos exclusivamente empregados no commercio estrangeiro. Os de outras nações foram no mesmo anno, 5:474 de véla, e 274 de vapôr.

Estes algarismos bastam para dar uma idéa da grandeza do poder da Grã-Bretanha, e da rapidez com que se augmenta o seu commercio. Em vista disto, podem accreditar-se os periodicos inglezes, quando dizem que, em caso de guerra, o seu governo poderia reunir em poucos dias mil navios de vapôr de grande porte, além dos da marinha militar, para o transporte de tropas e petrechos para onde fosse necessario, com uma rapidez e commodidade desconhecidas inteiramente nas operações militares de outros seculos.

escadas, no fim das quaes se acham dois tanques de fórma quadrada e muito profundos. A agua é purissima e abundante; e como nas immediações não existe outra fonte, o numero de mulheres e homens que a ella vem encher as suas jarras é sempre consideravel. Estas jarras tem ainda hoje a mesma configuração, e são feitas da mesma materia como no-las descreve o Novo Testamento.



...na na Palestina.

...gelarias.

dar em mulas, pôsto não tenham outros tantos cavallos (1).

Fez um regimento sobre o serviço dos *coudeis* (2) que ainda então mais eram capitães de cavallaria, que inspectores da criação cavallar, por que tambem as *caudelarias* não eram o que hoje são, estabelecimentos, e praticas exclusivamente adstrictas á producção dos cavallos e apuro de suas raças; constavam antes do recenseamento dos acontiados que tinham obrigação de cavallo para servir na guerra. Mais tarde é que, acabando esta milicia (dos acontiados), passou de algum modo o onus de ter cavallo proprio ao serviço militar, para o de ter egoas e cavallos de criação, especialmente na classe dos lavradores; e, com pouca differença, o censo que prescrevia aquella obrigação, prescreveu para esta, e o nome de *caudelarias* que significava uma, significou depois a outra. Já no tempo de D. Fernando deparâmos nós com o germen desta futura transmutação, quando se concedeu que os acontiados, que o quizessem, podessem ser antes criadores.

O regimento dos coudeis, que D. Duarte promulgou, não curava pois da criação cavallar, e talvez por isso o não devêramos aqui adduzir; mas, se o fazemos, é porque nelle se encontram disposições, que de algum modo nos revelam até certo ponto, a força de producção que deste gado então havia, ou deveria haver. Assim, no regimento a que alludimos, encontrâmos:

Que toda a pessoa que em bens tivesse a renda (censo ou contia) de 32 a 40 marcos de prata na Extremadura, entre Douro e Minho, e Trasos-Montes, fosse constrangida a ter cavallo de marca; prescrevendo metade desta contia a mesma obrigação no Alemtejo, Algarve e Beira.

Que aquelles a quem se lançasse cavallo, o podessem vender, se lhes approuvesse, com tanto que depois, outro houvessem.

Que os coudeis não impozessem cavallo a alguem pela primeira vez, senão de dois a tres annos de edade; e todo o que se exhibisse nos alardos, tivesse nunca menos de «doos covados e «quarta de medir pano em alto, e fosse saão de «toda a door e manqueira» mas havendo pessoa que mostrasse ter «cavallo de cavallagem que «seja fremoso e bem pensado, e seu dono fizer «certo que em cada um anno cavalgua, e segura «vinte egoas, tal como este, posto que seja man«co, mandâmos que lh'o recebam em alardo.»

Que os acontiados em cavallos fruissem certas liberdades e privilegios, como: não serem constrangidos para *aduas* ou quaesquer outras serventias que não fossem obras e encargos dos concelhos a que pertencessem, nem se dessem suas casas de morada a pessoa alguma, fosse qual fosse a cathegoria; nem se lhe *filhasse* ou tomasse roupas, palha, cevada, cabritos, gallinhas, e outras cousas de seu contra sua vontade, salvo por mandado especial de el-rei.

(1) Trigoso. Legisl. manuscrit. vol. 2.º
(2) Ord. Affons. liv. 1.º tit. 71.

Ora é de crêr que estas disposições abrissem um vasto mercado, uma extensa escala ao consumo interno dos bons cavallos; porque não poucas pessoas seriam as que por seus bens houvessem o censo da lei, e, quem sabe, talvez não poucas desejariam habilitar-se ao gôso desses fracos privilegios, que muito eram nos tempos de então para gente sem nobreza. E dado o consumo, certa estava a producção por esses que, fruindo a consideração e privilegio dos acontiados, preferissem occupar-se disso a servir no exercito, o que lhe era tolerado pela lei de D. Fernando, ainda não derogada; e essa producção, se não fosse primorosa, não seria de todo ruim em seus productos, visto as condições de admissibilidade que nos alardos se lhes exigiam.

O empenho que D. Duarte tomou pela producção dos bons cavallos revela-se ainda na carta de privilegio que deu aos habitantes de Evora e seu termo, onde então se fazia a mais apurada criação, a qual (carta) lhe permittia não só poderem vender seus cavallos, sem direito ao comprador de redhibir o contracto sob pretexto algum, mas tambem de os venderem aos estrangeiros sem embargo das leis do reino, que a tal se oppunham. (1)

Não sabemos todavia até que ponto crescêra a producção, porque não havia successo militar ingente, que movesse um levantamento geral de forças, ou pozesse em pé de guerra toda a cavallaria do paiz. A infausta expedição de Tanger, se alguma cousa a este respeito provasse, seria em desabono de todo o accrescimo de producção; por quanto havendo-se deliberado formal-a de 14.000 homens, 4.000 de cavallo, e 10.000 de pé; a custo se conseguiu 2.000 dos primeiros e 4.000 dos segundos. (1) Mas sabe-se tambem quamanha foi a reluctancia e opposição dos povos a esta expedição, preferindo serem multados a fazer parte della. Ainda assim, proporcionalmente ao pedido, accudiram mais cavallos do que homens.

Julgâmos pois, que se a producção cavallar não sobresahiu, se não primou no reinado de D.

(1) Eis quaes foram, em parte, os motivos desta carta... D. Duarte... etc. Considerando em como nesta nossa cidade de Evora os cidadãos e moradores della e de seu termo, se trabalham per uverem e criarom cavallos, e grande parte de seus trabalhos e cuidados pooem ácerca delles, meis que em outras partes dos nossos regnos, assy pera se prestarem delles e nos servirem quando nos mister fôr, como pera os venderem, e depois que os assy teem feitos e criados pera averem proveito; e se trabalharião ainda mais de assy o fazer se por algũa boa hordenaçã ouvessem segurança de lhes nom serem movidas demandas per alguns compradores que lhos comprão, e se prestão delles em montes e em caças e em outros trabalhos, e lhos dapnificão, dizendo que som maaos e fracos e doentes e maliciosos e outras tachas muitas que lhes pooem, do que lhes recreum demandas, e trabalhos e occupações em ellas mais que em suas lavoiras e em aproveitamento de seus bens... etc. (Ord. Aff. liv. IV, tit. 22.)

(1) Ined. chron. de D. Duarte per Ruy de Pina, T. 1.º, pag. 116 e 140.

Duarte, fôra isso pela pouca diuturnidade deste; podera-se, quando muito, sentir o impulso que ella recebêra de D. João I, impulso que bemos por indubitavel não afrouxaria, como já o dissemos, no governo de um monarcha, que tinha a mais desvelada estima, e póde dizer-se, paixão até pelos bons cavallos.

Veiu depois o reinado de D. Affonso V, monarcha não menos sabido em letras que seu pae, porém mais insoffrido e bellicoso, que bem alto clamam, seus feitos de Africa, o epitheto de africano, que a historia lhe deu. Estas qualidades, e a de guerreiro peculiarmente, é de crêr que, inclinando sua attenção para os casos de guerra (ácêrca dos quaes escreveu com proficiencia e fez até regimento especial) o levasse por isso mesmo a curar dos instrumentos desta, em cuja conta eram tidos os cavallos, como hoje ainda o são. Não deveria pois ser em seu reinado que a producção cavallar se desconsiderasse. E se ácêrca della não deu provisão especial, foi talvez porque bastante fé havia no valor das que existiam, as quaes pela maior parte se confirmaram na ordenação, que em sua menoridade mandou compilar seu tio (o regente D. Pedro) e que por isso corre com o nome de Affonsina.

Comtudo, nesta ordenação se modifica a lei de repressão do gado muar, promulgada por D. João I, e quasi no sentido e modo como o determinára D. Duarte; e nella se manda tambem que qualquer *possa livremente montar* em *facas* e *sendeiros*, derogando-se assim outra lei de D. João. (1)

Ora esta liberdade, concedida depois de uma restricção mais ou menos vigorosa, havia de romper, como é natural ou quasi sempre succede, em excessos e abusos fataes; isto é, a criação do gado muar e dos sendeiros far-se-hia então n'uma escala maior, quiçá desproporcionadissima, preterindo-se de algum modo a dos bons cavallos. Não se diminuiria com isto, é verdade, a producção cavallar em geral, pois que para fazer mulas como sendeiros, precisa é essa producção; mas corria-se o risco, no abuso, de vir a degeneração ás boas castas. E de feito, n'um que n'outro ponto da historia desse tempo, revelam-se indicios dessa degeneração, sem comtudo se manifestar mesquinhez na producção. Assim é que, apesar da injusta guerra civil, que empenhou com seu tio e sogro o infante D. Pedro, e pela qual debutou seu governo bellicoso; e das guerras da Africa, que o fizeram um heroe; e dos grandes desvarios economicos e politicos, em que foi saliente todo o seu reinado: apesar de tudo isto, que exhauriu muitas forças ao paiz, Affonso V póde ainda apurar, já quasi para o termo de seu reinado, uma cavallaria de 5.700 cavallos, com que transpoz a fronteira em defesa dos direitos da princeza Joanna de Castella sua desposada, contra o rei de Aragão; dando-se a indecisa batalha de Toro, na qual se achou tambem o principe D. João, que do reino levára ahi novos contingentes em reforço de seu pae, é de crêr que nelles se incluisse mais alguns cavallos.

(1) Ord. Affons. liv. v. tit. 119.

(Continúa.) *S. B. Lima.*

Meio de destruir as sanguesugas que infestam os bebedoiros dos animaes.

Em Portugal, assim como na Hespanha, Italia, em todos os paizes quentes emfim, é agora mesmo o tempo em que se manifestam mais frequentes os casos de implantação de sanguesugas na bôca e ventas dos cavallos e outros grandes animaes que as beberam nos tanques e quaesquer outros bebedoiros, tanto naturaes, como artificiaes, cuja agua esteja infestada por aquelles vermes. E com quanto se tenha, e tenhamos observado bastantes casos destes, e notado que se na pluralidadde delles não ha gravidade, n'um que n'outro se póde todavia esta dar e sobrevir então accidentes fatalissimos, a ponto mesmo de mortaes; lembrou-nos por isso, que não seria sem fructo, mas de muita utilidade, vulgarisarmos um meio bem simples quanto facil de obviar a taes accidentes; meio proposto e empregado com os melhores resultados por M. Lemichel, veterinario francez no exercito de Algeria.

Tendo este veterinario posto em pratica differentes processos attinentes a livrar as aguas dos bebedoiros da guarnição de cavallaria de Mustapha, das immensas sanguesugas que as infestavam, tapando até com ralos miudos e feltros de panno as bôcas das torneiras que vasavam a agua nesses bebedoiros, só pôde conseguir com isto, quando muito, que não passassem os mais grossos destes vermes, passando todavia outros tenuissimos e rudimentares atravez os orificios, os quaes neste mesmo estado iam apegar-se á superficie mucosa da bôca, laringe e esophago, incommodando sobremaneira os animaes. Occorreu-lhe então a idéa, e feliz foi ella, de lançar nessas aguas *meia duzia de enguias;* estas foram devorando as *anelides* de todos os tamanhos que ahi se produziam, e conservaram assim a agua inteiramente limpa e espurgada dellas, não se dando desde então o mais leve accidente deste genero. Outros peixes, que não só as enguias, devoram e se sustentam destes vermes, mas preferem-se estas, porque escapam melhor a qualquer apprehensão ou pesca inconsiderada, á que o engodo e prespectiva de uma excellente caldeirada possa tentar os damninhos.

Como o meio é facil o pouco dispendioso, pedimos, a quem isso competir, que em proveito do gado da capital, ordene que por este modo se depurem os tanques dos chafarizes, ou outros bebedoiros publicos, infestados como estão por estas anelides, pois não vão ainda muitos dias, que observamos um caso dos accidentes de que fallàmos, e sabemos de muitos outros, que nossos collegas tem tambem observado.

Uma nobre vingança.

SCENAS DA VIDA MILITAR.

III.

O quartel de Courbevoie.

Na margem esquerda do Sena, e no alto de uma cidadella, cujo nome designa claramente a sua tortuosa situação, eleva-se um magnifico quartel, mandado edificar por Luiz XIV, para os regimentos suissos que faziam parte da sua casa militar. O primeiro cuidado do primeiro consul, tomando as rédeas do poder, foi de fazer desapparecer de todos os monumentos consagrados á utilidade publica, os vestigios da anarchia revolucionaria. Courbevoie, assim como quasi todos os edificios militares, havia soffrido estrago com a presença dos corpos indisciplinados do terror. A um signal de Bonaparte, todos estes monumentos se restauraram, e Courbevoie surgiu de suas ruinas. Limparam-se da erva e calçaram-se os seus largos interiores; tudo recebeu nova face, e para remate desta especie de purificação, vieram os valentes soldados do Egypto e da Italia tomar posse deste esplendido quartel, no frontão do qual se lia em letras de ouro, esta inscripção: — » quartel dos granadeiros infantes da guarda consular. »

Ao penetrar na praça d'armas, Miguel experimentou uma viva emoção.

Aquelles uniformes, aquellas armas enfeixadas, aquelles rostos cicatrizados pela metralha, ou tostados pelo sol do oriente, deslumbraram seus olhos! Era a miragem da gloria no que ella tem de mais seductor. Comtudo o mancebo não tardou em tornar a si, e avistando em um dos angulos da praça alguns soldados conversando tranquillamente assentados nos degráus da entrada de um pavilhão, caminhou para elles e lhes disse com uma voz cheia de timidez:

— Os camaradas tem a bondade de me ensinar a morada do commandante Delaville?

Os soldados velhos, em vez de intrataveis e zombeteiros, são ao contrario polidos e indulgentes; estes pois, longe de se divertirem com o acanhamento que Miguel manifestára ao chegar-se a elles, receberam-no com bonhomia, e o mais velho d'entre elles, que era cabo de esquadra, pondo-se de pé, respondeu-lhe com urbanidade:

— O senhor Delaville é o nosso commandante; mora no pavilhão Lambesc que estaes vendo lá em baixo; subi ao segundo andar pela escada da direita; voltae depois á vossa esquerda, e quando chegardes ao fim do corredor, a porta que vos ficar em frente é a do commandante.

Miguel agradeceu, e dirigindo-se para o sitio indicado, tinha já dado alguns passos, quando o cabo de esquadra o tornou a chamar:

— Éh lá! Ó senhor! Póde ser que não acerteis facilmente com a porta do commandante; aqui vem o nosso vago mestre, que vae talvez a casa delle, acompanhae-o, poupar-vos-ha trabalho.

Miguel seguiu o vago mestre, que devia ser a sua Ariadne neste labyrintho militar, porque com effeito taes eram os rodeios das escadas e corredores, o dedalo em summa dos quartos dos officiaes e officiaes inferiores, que o mancebo, sem o soccorro do seu cicerone, a custo daria com o quarto de Delaville. Chegando ao aposento do commandante o vago mestre bateu; um criado vestido meio á paisana, meio á militar, se apresentou.

— Duas cartas para o commandante, disse o vago mestre; uma de Bordeos, outra de Paris. Está aqui mais este senhor que lhe deseja fallar. Está visivel?

— Isso é que eu não sei! respondeu o criado, examinando curiosamente Miguel. O commandante chegou hontem muito tarde, de Paris; e hoje de manhã foi muito cedo ao exercicio.

— Não faz nada ao caso. Objectou distrahidamente o vago mestre.

— Faz tal, porque o commandante deitou-se outra vez, está dormindo, e não gosta que o vão acordar.

— Asseguro-vos que vos não ha de ralhar, atalhou Miguel; fazei o favor de lhe dizer em acordando, que o individuo que lhe quer fallar é o rapaz do café Frascati: bastarão estas palavras.

— Nesse caso, esperae um instante que eu vou vêr se é boa occasião. Depois voltando-se para o vago mestre que ía descendo a escada:

— Ó la, meu sargento, esperae um pouco que vou buscar o porte das cartas.

— Não ha pressa, respondeu este, hoje é dia de pret, quando trouxer o vosso, farei o desconto: não vos esqueça entregar as cartas.

— Como quizerdes, tornou o camarada; depois olhando para Miguel: será sempre bom que entreis.

Miguel obedeceu, e entrou n'uma ante-camara simplesmente ornada, mas do maior aceio. Uma mesa redonda de nogueira, algumas cadeiras do mesmo páu, uma poltrona de braços com o coiro já usado, e um pequeno bofete de pedra de marmore, que servia ao mesmo tempo de armario e aparador, compunham toda a mobilia deste quarto. Pendiam da parede duas gravuras mettidas em molduras simples; uma representava o primeiro consul passeando nos jardins de Malmaison, por Izabey; a outra mostrava Bonaparte a cavallo assistindo ao desfilamento da guarda consular na praça das Tulherias, por Carlos Vernet.

A espera de Miguel não foi longa. O camarada voltou dalli a pouco e o guiou á camarata do commandante, que estava com effeito deitado na cama, segurando n'uma mão uma das cartas, aberta, que o soldado lhe havia entregado. Ao ruido que fez Miguel, o commandante ergueu os olhos, encostou-se ao cotovello e acompanhou com um signal affectuoso de cabeça estas palavras:

— Tende a bondade de assentar-vos e de desculpar a minha semceremonia. Concedei-me egualmente licença de concluir a leitura desta carta, e depois sou todo vosso.

Miguel inclinou-se e se assentou pensando comsigo: — elle tem uma mãe a quem ama, é bom agouro; mais se interessará por mim.

Durante este tempo Miguel teve occasião de examinar a camara do commandante. O luxo aqui não era maior do que na casa da entrada; via-se porém, além de uma espada e do sabre de serviço, brilhar, pendurado ao pé da cama, um comprido yatagan arabe de bainha de prata macissa, conquistado na tomada de Alexandria. Era um presente com que Bonaparte brindára no Cairo a Delaville, que era então capitão. Mais abaixo, e seguro por dois ganchos, distinguia-se um bacamarte veneziano, que indicava pela coronha ricamente incrustada de marfim, de coral e de topazios brancos, ter pertencido a algum chefe. Um collar, um chapéu armado esplendidamente agaloado como o dos officiaes superiores, um bonet de pelles roçado em alguns pontos, completavam esta panoplia propria a captivar a curiosidade de um mancebo já fascinado pela gloria militar.

Acabando a sua leitura, Delaville dobrou cuidadosamente a carta, e voltando-se para Miguel:

— Deveis desculpar-me, meu amigo, lhe disse elle com uma voz affectuosa, não vos prestar logo attenção; mas nesta carta, minha mãe annuncia-me a sua proxima chegada a Paris, e eu que a não abraço ha bem seis annos, podeis idear da minha alegria, se tendes a felicidade de possuir uma mãe que vos ama.

— Tenho com effeito essa fortuna, senhor commandante, respondeu o mancebo, mas com uma differença: é que vós ides brevemente tornar a vêr vossa mãe, em quanto eu vou separar-me da minha.

— E porque é isso?

— Porque vou assentar praça: e esta é a razão porque hoje tomei a liberdade de vir importunar-vos, aproveitando a honra do vosso offerecimento de hontem á noute.

Aqui o commandante fez um gesto affirmativo, e Miguel proseguiu:

— Sim, senhor commandante, como filho unico de viuva, o recrutamento não me obriga; mas eu sinto-me com vocação para a vida militar, não nasci para moço de botequim, a aventura que presenciasteis fixou todas as minhas irresoluções; quero ser soldado, e venho sollicitar a vossa honrosa protecção para me facilitar os meios, persuadido de que sob os vossos auspicios hei de infallivelmente ser feliz.

A esta confissão, Delaville meneando a cabeça respondeu:

— Reflectisteis maduramente na vossa resolução? Reparae que o ultrage que soffresteis bem injustamente por certo, (e a este respeito todos os que o presenciaram são do vosso lado), reparae, repito, que não é motivo bastante para captivar a vossa liberdade. Olhae que depois podeis arrepender-vos amargamente Sois talvez o amparo de vossa mãe, não anniquileis por um imprudente capricho a esperança daquella que talvez tenha sacrificado tudo por vós. Fazei por esquecer aquelle insulto, e segui o meu conselho; continuae a exercer com probidade o vosso ministerio, que não tem nada de humilhante nem de custoso.

Miguel fez um signal negativo, e Dellaville proseguiu:

— Ora, escutae-me, senhor Miguel, não é este o vosso nome?

— Miguel Albert, senhor commandante.

— Muito bem! meu caro senhor Miguel. Vamos a vêr se podêmos reparar a... má acção de um dos meus companheiros d'armas; tenho a propôr-vos uma cousa com a melhor bôa vontade, porque me interesso sinceramente por vós. Aqui Miguel abaixou os olhos sem interromper o commandante, que continuou nestes termos:

— Minha mãe possue alguma fortuna, é generosa, e imagina que um militar tem a todo o momento precisão de dinheiro; nesta que me escreve, participa-me que constando-lhe a minha proxima promoção de coronel, me traz não sei quantos mil francos. Eu espero com effeito ser promovido; mas não preciso de dinheiro: o primeiro consul e a republica provêem sufficientemente ás despezas que exige uma patente elevada em um novo corpo. Vêde pois se achaes em Paris, ou em outra parte algum botequim para vender, e se o preço não fôr muito exorbitante, ponho á vossa disposição a somma necessaria para que o compreis, e dou-me por feliz por contribuir para a felicidade de um moço estimavel. Não exijo da vossa parte nenhuma obrigação escripta; o papel sellado inventou-se para as pessoas de má fé. Se fizerdes fortuna com o vosso estabelecimento, restituireis esta somma quando poderdes, ou a mim ou aos meus herdeiros, se morrer de alguma balla. Mas se a fortuna vos não fôr favoravel, ficaes desde logo desobrigado de toda a divida. Estaes por este contracto?

— Ah! senhor commandante, prorompeu Miguel, tocado profundamente por tanta generosidade, estou vivamente penetrado pelos benevolos offerecimentos que vos dignaes fazer-me; mas, perdoae-me, senhor commandante... não os posso acceitar.

— Não podeis acceitar! Então porque?

— Porque fui indignamente injuriado por um homem, e quero vingar-me delle a todo o preço!

— Assentando praça de soldado? perguntou Delaville sorrindo.

— Sim, respondeu friamente Miguel.

— Estaes louco! Ignoraes então que a subordinação levanta uma barreira invencivel entre o inferior e o superior? Como simples cidadão, poderieis sem duvida pedir uma explicação a Rigaud, apesar de ser um coronel; mas em vestindo a farda, é impossivel!

— Mas sendo eu official, capitão ou mais? objectou Miguel.

— Ah! já nós lá vamos! É o mesmo sonho de todos! Meu pobre rapaz, bem vos comprehendo; mas se soubesseis!...

E o commandante guardou silencio, fixando um olhar profundo em Miguel, cujo rosto afogueado e os olhos ardentes revelavam a sua viva emoção; passado um instante, continuou com uma voz cheia de sympathia:

— Primeiro que lá chegueis, tem de decorrer muitos annos, e suppondo mesmo que subaes os póstos com rapidez, entretanto Rigaud sairá general; de maneira que sempre vos achareis, em relação a elle, n'uma inferioridade identica á actual; e além disto, accrescentou Delaville com uma intoação de affabilidade, é preciso que se vos proporcionem occasiões de accesso.

— Eu as buscarei, tornou Miguel.

— Outra illusão! objectou Delaville, batendo com a mão na testa; primeiro que tudo, deveis seguir a vossa bandeira, não podeis separar-vos della; não é dado nem aos mais ardentes, nem aos mais frios avançar a seu belprazer os destinos militares.

— Comprehendo tudo isso, senhor commandante, mas a minha determinação é irrevogavel.

— Nesse caso é uma vocação. Muito bem, segui-a; da minha parte farei o que puder em vosso abono. Em que arma preferís servir, na infanteria, ou na cavallaria?

— Na infanteria, senhor commandante; parece-me que ahi poderei adiantar-me mais cedo.

— É possivel. Com a instrucção que pareceis ter, não duvido que em breve sejaes feito official inferior. Os coroneis do 7.° e do 11.° de infanteria são meus amigos, escolhei alguns destes regimentos.

— Eu prefiro o 7.°, respondeu Miguel como movido por uma inspiração repentina.

— Nesse caso, tornou Delaville, talvez nos tornemos a vêr mais cedo do que pensaes. Berlier, coronel do 7.°, está para saír brigadeiro; e eu sei que o primeiro consul se dignou lançar sobre mim suas vistas para tomar o commando deste corpo. Quando é o que ninguem sabe, excepto elle. Mas póde ser...

— Ah! ainda bem, senhor commandante! exclamou Miguel, que no excesso do seu contentamento não reparou que interrompia bruscamente Delaville, bem dizia eu ainda agora que vós havieis de ser o anjo bom do meu destino.

— Quer sáia coronel para o 7.°, quer não, proseguiu Delaville interiormente lisongeado mais pela expansão que pela exclamação simples do mancebo, não podieis escolher melhor regimento. Vou dar-vos uma carta de recommendação para Berlier, que está actualmente em Tolosa; entregar-lh'a-heis pessoalmente quando chegardes ao corpo; e outra para o capitão dos recrutas, que está em Paris, no estado maior da praça, afim de abreviar a vosso respeito as formalidades prescriptas pela lei.

Fallando assim, Delaville levantou-se, cobriu-se com o capote de uniforme, e escreveu as duas cartas. Depois de as fechar, entregou-as a Miguel, dizendo-lhe com um tom repassado de affecto:

— Aqui tendes, meu amigo, e contae sempre comigo; tratae sobre tudo de ser bom soldado; não basta só ser intrepido no campo de batalha; convém tambem distinguir-vos na obediencia aos preceitos e exigencias da disciplina.

Miguel inclinou-se, e depois de renovar uma ultima vez a Delaville a expressão da sua gratidão, preparava-se para a despedida, quando este, estendendo-lhe familiarmente a mão:

— Senhor Albert, lhe disse commovido, tocae! Hoje ainda posso apertar a vossa mão; ámanhã já me não será permittido, sem faltar ás conveniencias da minha posição.

Miguel agarrou com ancia na mão de Delaville, e antes deste poder adivinhar a sua intenção, chegou-a a seus beiços e beijou-a, exclamando:

— Ah! senhor commandante! vós me cumulaes de beneficios! O que vos dignaes fazer por meu respeito, rehabilita-me a meus proprios olhos!

Arfando de alegria e de esperança, Miguel saíu de Courbevoie com o sentimento de um homem que concluiu um pacto com a fortuna, e se encaminhou para a residencia do capitão de recrutas, que o accolheu perfeitamente em virtude da recommendação de Delaville. O capitão, a quem o mancebo apresentou a sua certidão de edade, lavrou alli mesmo o auto de assentamento de praça para o 7.° de infanteria, dizendo-lhe em seguida:

— Já sabeis que o vosso regimento se acha em Tolosa?

— Sim, meu capitão.

— Pois então dae-vos pressa em ir juntar-vos a elle, continuou entregando a Miguel a sua guia; porque de um dia para outro o 7.° póde mudar de guarnição, e um recruta adquire mais experiencia em alguns dias de marcha, do que em muito tempo de quartel.

— A minha intenção é partir o mais cedo possivel, meu capitão; ámanhã, a esta hora, já irei longe de Paris.

— Daqui a Tolosa a jornada é alguma cousa longa, mas é agradavel. São contadas vinte e uma etapas; vós forrareis algumas, e isto vos desentorpecerá as pernas. Adeus, boa viagem.

Miguel agradeceu ao official a promptidão com que o despachára; e no outro dia, ao despontar da aurora, já elle caminhava, com um bordão na mão e uma mochila aos hombros, pela estrada que conduz á capital do Languedoc.

As despedidas a sua mãe tinham sido penosas. A pobre senhora esgotára todas as supplicas, todas as recommendações, que lhe suggeriam sua ternura e suas apprehensões de mãe. Pedira por ultimo a seu filho que lhe escrevesse a meudo, e este tudo prometteu, afim de abreviar uma scena de enternecimento e dôr, que lhe cortava o coração. A intervenção de uma boa visinha facilitou a separação: Miguel conseguiu a final soltar-se dos braços de madama Albert e saír de Paris. A alguma distancia da barreira, e sobre

um alto que dominava a capital, o ex-moço de botequim não póde deixar de lançar uma ultima vista para esta cidade, que, como verdadeiro parisiense, elle idolatrava, e um grande suspiro se escapou de seu peito opprimido. Mas bem depressa a variedade dos objectos que se desenrolavam a seus olhos, e mais que tudo uma phylosophia descuidosa e sua confiança no futuro, lhe inspiraram aquelle ar prazenteiro, que tão eminentemente distingue os naturaes de Paris.

Passada a primeira etapa, Miguel era já um soldado ás direitas.

(Continúa.)

As duas divisas.

Dois mancebos acabavam de tomar bilhetes na estação das diligencias de Cernay para Kaysesberg. Ambos pareciam ter a mesma edade, pouco mais ou menos vinte e quatro annos; porem as suas physionomias diversificavam notavelmente.

O mais baixo era trigueiro, pallido, desembaraçado e de uma impaciencia que deixava á primeira vista reconhecer a sua origem meridional; o outro mais alto, louro e córado, offerecia o typo completo dessa raça misturada da Alsacia, na qual se encontra a expansão franceza temperada pela bonhomia allemã. Ambos tinham ao pé de si duas pequenas málas de viagem com sobreescriptos pregados com cera; n'um delles lia-se: *Henrique Fortin*, de *Marselha*, e nos quatro angulos sobre o sinete estampado na cera esta divisa: *O meu direito*. No outro estava escripto: *José* de *Mulzen*, de *Strasbourg*, e por legenda no sinete: *caritas*.

O escripturario inscrevia os seus nomes no registo dos passageiros, accrescentando-lhes a designação sacramental: *com duas malas*, quando Henrique pediu a pesagem destas. O escripturario declarou que a pesagem era feita em Kaysesberg; mas o mancebo allegou o incommodo de uma similhante formalidade no momento da chegada, ajuntando a isto que elle estava *no seu direito* em querer que ella se fizesse alli mesmo. O escripturario, instado tão altivamente, manteve obstinadamente a sua recusa; José quiz intervir, fazendo observar a Henrique que apenas lhes restava o tempo preciso para jantar: foi em vão. Em virtude da sua divisa, o marselhez não cedia um palmo, quando entendia ter razão, e esta, persuadia-se elle, estar sempre do seu lado. A altercação continuou portanto, até que o escripturario, já fatigado, tomou a prudente resolução de se retirar, deixando este furioso berrar á sua vontade. Henrique quiz continuar com o factor, mas por felicidade este só fallava allemão. Não teve pois mais remedio do que resignar-se a seguir o seu companheiro á estalagem, sobre o qual descarregou todo o seu máu humor.

— Deus me perdoe! Mas tu és capaz de fazer damnar um santo! gritou Henrique, logo que se achou só com o seu companheiro. Pois que! não tomas o meu partido contra aquelle cabeçudo!

— Parece-me, replicou José rindo, que era antes elle que necessitava de auxilio: tu amontoavas argumento sobre argumento, como se defendesses uma causa em que estivesse empenhada a tua fortuna, ou a tua honra.

— No teu modo de pensar não deve então a gente defender o seu direito?

— Quando o direito não vale a pena de ser defendido...

— Ora ahi está! interrompeu Henrique com calor: tu estás sempre prompto a ceder; creio que nem que te pozessem um pé no pescoço tratarias de defender-te.

Tu consideras o mundo como um salão em que se trocam civilidades, pois eu não; o mundo para mim é um campo de batalha.

— Não, diz José, eu tenho o mundo como um grande navio, no qual os passageiros se devem uns aos outros amizade e tolerancia. Todo o homem é meu amigo até ao momento em que se declara meu inimigo.

— Pois eu sigo a opinião contraria: todo o homem é para mim inimigo, em quanto se não declara meu amigo. É uma prudencia com que sempre me tenho dado bem, e que eu te aconselho a adoptar em Kaysersberg. Lembra-te que vamos tratar com os outros herdeiros de nosso tio, que hão de empregar todas as trapaças para nos defraudar a nossa parte. Cá por mim tenho o partido tomado; estou decidido a não fazer concessão nenhuma.

Fallando assim, os dois primos tinham chegado á pousada do *cavallo branco*. A sala de jantar para onde entraram estava deserta; mas uma grande mesa estava posta em uma das extremidades, e a estalajadeira collocava em cima della tres talheres. Henrique mandou-lhe que puzesse mais dois, para José e para si.

— Desculpareis, meu senhor, mas aqui não podeis ser servido.

— Então porque? interrogou o mancebo.

— Porque as pessoas, ás quaes estes talheres são destinados, desejam jantar a sós.

— Pois que jantem no seu quarto, tornou Henrique com arrebatamento, aqui é a sala e a mesa de todos; todo o viajante tem direito de aqui entrar e mandar-se servir.

— E o que nos importa a nós jantar aqui ou n'outra sala? atalhou José.

— E o que importa a essas pessoas que nós aqui estejamos? replicou Henrique.

— Ellas chegaram aqui antes do senhor, objectou a estalajadeira.

— Então, os que chegam mais cêdo, são os que dão a lei na vossa estalagem? gritou Henrique.

— Além disso, são pessoas nossas conhecidas.

— E por serem vossas conhecidas, o seu dinheiro é melhor que o nosso?

— O senhor ha de comprehender que com os freguezes...

— Todos os mais passageiros devem submetter-se a seus caprichos?

— Ha outro quarto tão bom como este, onde podeis ser servido.

— Com os restos dos vossos tres privilegiados, não é verdade?

— Se o senhor, respondeu a estalajadeira offendida, receia não jantar bem no *cavallo branco*, ha mais hospedarias em Cernay.

— Era o mesmo em que eu já pensava, replicou immediatamente Henrique; e pegando no chapeu saíu assomado, não obstante o que lhe dizia José que diligenciava aquieta-lo.

Mulzen sabia por experiencia que o mais assisado era deixar seu primo seguir livremente os seus repentes, pois que nestas occasiões todo o esforço tentado para o fazer mudar ainda mais exaltava suas disposições militantes. Decidiu-se portanto a deixa-lo ir, e da sua parte a jantar quanto antes na sala proxima. Mas no momento em que elle ía a entrar para ella, as tres pessoas esperadas appareceram no salão. Eram uma senhora de edade com sua sobrinha e um homem dos seus cincoenta annos, que parecia servir-lhes de protector.

(Continúa.)

Um author recompensado, como muitos, com um privilegio de mendigo.

O celebre Stow, que falleceu em 1695, empregou toda a sua vida e patrimonio em explorar as antiguidades de Inglaterra, viajando a pé por quasi toda a sua extensão. No fim de seus dias caíu na maior miseria, e viu-se obrigado a sollicitar algum soccorro do governo.

Mas tudo o que pôde obter foi um diploma sellado com o sêllo real, pelo qual: «considerando que o dito Stow gastou quarenta e cinco annos em colligir os materiaes das suas chronicas de Inglaterra, e doze em escrever a historia das cidades de Londres e de Westminster, e consagrou toda a sua vida ao serviço do seu paiz, nós lhe concedemos nossa graciosa e real permissão para sollicitar esmolas dos nossos vassallos, e applicar em seú proveito pessoal o que puder obter da sua caridade. E isto tão sómente por espaço de um anno.

A gallinha de Honorio.

Em 410 Alarico, rei dos gôdos, invadiu a Italia; e Roma, que n'outra invasão havia comprado a sua liberdade a trôco de um enorme resgate, foi desta vez, com todas as suas riquezas, entregue aos inimigos pelos escravos revoltados. Quando o escravo encarregado do viveiro veiu participar a Honorio, imperador do Occidente, que se achava então em Ravena defendido pelas lagôas do Adriatico, a perda da sua capital, este exclamou consternado: Como! Roma perdeu-se, e ainda ha pouco a tive aqui comendo na minha mão! Era por uma gallinha sua favorita que o principe manifestava as suas inquietações. Mas dizendo-lhe o escravo que não se tratava da sua ave querida, mas da capital do seu imperio, ficou tranquillisado, dizendo: Ah! julguei que tinha sido a minha gallinha. Tal era, diz Procopio, que refere esta anecdota, a estupidez e embrutecimento deste principe. Honorio é digno de figurar ao lado de um certo pachá, que em quanto era levada de assalto a cidade de que era governador, se occupava em achar dois canarios que afinassem pela mesma nota.

Noticias diversas.

Curso de leitura popular e gratuito — ás 8 horas da noite em casa de A. F, de Castilho, rua dos Navegantes n.° 41, 2.° andar.— Annuncia-se que se não dará entrada neste curso senão aos alumnos doceis ás providencias e medidas que se adoptam para a boa policia da aula, e ás pessoas que vierem munidas de senhas, que lhes serão entregues com a condição de assignarem o seu nome e morada n'um livro proprio, e de se portarem com toda a decencia e urbanidade. As senhas serão procuradas do meio dia ás 4 horas da tarde em casa de A. F. de Castilho; e serão numeradas e renovadas todas as semanas — aos domingos.

Cantores escripturados para o theatro de Marselha. — Lê-se no *Pirata* de 15 de Julho, que foram escripturados para o theatro lyrico de Marselha o tenor Musich, o baixo profundo Goré, e uma *prima donna*, que esteve com estes dois artistas em Lisboa, e que suppomos ser a sr.ª Annetta Marco, de *fria recordação*.

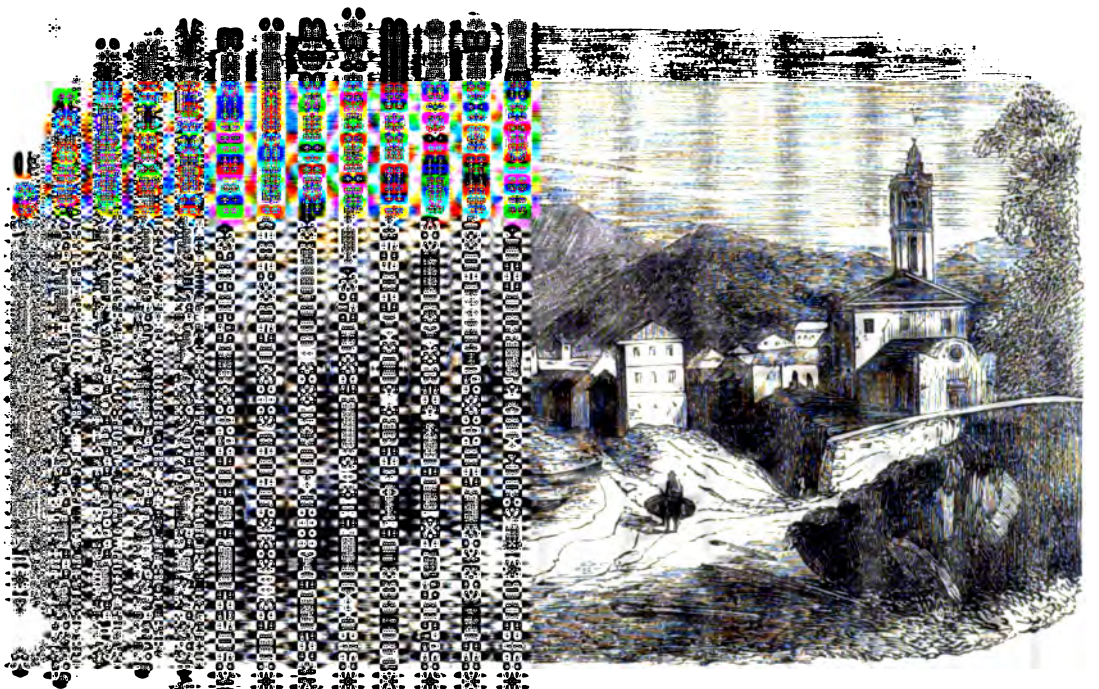
Util descoberta. — Diz a *Presse*, que mr. Baudelocque, o mesmo que em 1833 e 1836 foi premiado pela Academia das Sciencias de París, em consequencia dos seus importantes trabalhos e inventos na arte obstetricia, descobriu ultimamente o meio de communicar aos surdos-mudos de nascença, por um tratamento puramente medico, o uso da palavra e o sentido da audição, habilitando-os a responder verbalmente, e a poderem receber a conveniente educação.

Companhia lyrica. — Consta que a companhia escripturada, para S. Carlos, pelo sr. Porto, embarcará no paquete que deve saír de Southampton para Lisboa, em 7 do proximo setembro.

Cantoras em disponibilidade. — *Il Pirata* de 15 de Julho, dá disponiveis para a época do carnaval (que principia em 26 de Dezembro) as primeiras damas Angiola Bosio, Costanza Rovelli, Adele Rebussini, Eugenia d'Alberti, Carolina Sannazzaro, Marietta Marinangeli, a Evers, Marianna Barbieri Nini, e... Anaide Castellan!!!

fastiada das controversias theologicas, para a sciencia exhumada, ou para as descobertas contemporaneas Os sabios da Arabia reuniam-se em Senaar para medir os gráus de latitude, e calculavam a circumferencia da terra nas planicies da Mesopotamia; lia-se com avidez Plinio, Pomponio-Mella, e Strabão; traduzia-se Ptolomeu.

Nesta mesma época, os portuguezes emprehendiam maravilhosas descobertas nas costas de Africa. Um novo espirito parecia percorrer e animar todo o mundo; os povos sentiam-se inspirados para alguma grande missão. A sciencia, os acon-



[illegible] suppõe nasceu Christovão Colombo.

tecimentos, a tradicção popular, tudo se juntava para fazer crêr na existencia de grandes paizes desconhecidos. Todos os olhos pareciam vêr a Atlantida surgir e desenhar-se ao longe dentre a [illegible]

Declara o proprio Colombo que elle começára a navegar desde a idade de quatorze annos, e que vezitára a ilha de Scio navegando muito tempo no Mediterraneo, e tomando parte na lucta sustentada pelo duque de Anjou sobre a corôa de Napoles. Chaufepié affirma que em 1474, commandava Colombo muitos navios genovezes ao serviço de Luiz XI, que aprezára dois navios hespanhoes, o que déra lugar a uma reclamação energica da parte de Fernando. Bossi menciona uma carta achada nos archivos de Milão, na qual contam dois lombardos, que defendendo com os venezianos a ilha de Chypre, viram passar um navio commandado por um certo Colombo, que os saudou com o grito de guerra dos genovezes. Fernando porém menciona no seu livro o velho almirante Colombo, sob as ordens do qual seu pai servira, e é provavel que estes dois factos se lhe devam attribuir. Como quer que seja, as expedições maritimas tinham já dado a Colombo a experiencia da navegação, a qual lhe facilitou summamente a execução do seu projecto. As suas primeiras tentativas teriam desanimado um espirito menos convencido. Repellido por seus compatriotas que o taxàram de visionario e pelo nosso rei D. João II, que igualmente recusou os seus serviços, Colombo foi offerecer-se á côrte de Hespanha, onde a principio encontrou o mesmo desfavor e repulsa; a final, por intervenção de alguns fidalgos, conseguiu que a rainha Isabel lhe fornecesse uma parte dos fundos para a expedição, concedendo-lhe além disso, em caso de fortuna, os titulos e privilegios que deviam ser a sua recompensa; e a pequena flotilha fez-se de vella sem inspirar grande esperança áquelles mesmos que a enviavam á descuberta. Só Colombo possuia o sentimento da sua missão e se sentia com força para a cumprir!

Caudelaria.

Esboço historico sobre a producção cavallar do paiz.

No reinado de D. João II.

V.

Chegou o reinado de D. João II, e com elle uma épocha de alto impulso á producção cavallar, que, se se não amesquinhava em demazia, soffrêra perdas bastantes e degenerára mesmo pelas guerras que houveram, medidas inconsideradas ou menos aconselhadas que sobre este ponto se deram no reinado anterior. D. João veiu talhado pela Providencia para remediar os desconcertos, cortar os abusos que occasionára o imprevidente governo de seu pae, de quem elle mesmo dizia não ter recebido mais do que o titulo de rei, e as estradas do reino.

A producção cavallar fôra d'alguma sorte uma das victimas desses desconcertos e desses abusos. A plena permissão de qualquer andar em facas e sendeiros, e a maior liberdade no uso e emprego do gado muar, não se contivera, como o dissemos já, em justos limites; ultrapassára delles a tocar n'um abuso ruinoso, a ponto de se produzirem mais rocins e mulas do que cavallos de marca qualificados.

D. João viu, sentiu todos estes males; e conhecendo sua origem, impoz-se o dever de lhes pôr cobro e dar remedio, decretando e facultando aos criadores bons typos de criação e regeneração hippica, e prohibindo com um rigor de certo desmesurado e ultramontano a producção do gado muar.

Assim logo no começo de seu reinado (1481) nas primeiras côrtes que em Evora celebrou, prescreve elle que as eguas de criação, que desde então se denominaram *infantis* ou *fantis*, tivessem de altura entre 6 a 7 palmos, e nunca menos fossem desta marca. (1) Depois, achando talvez que não havia no paiz cavallos dignos de padreação, ou por menos capazes de atalhar de prompto a degeneração em que corriam as nossas castas, entendeu que bom e aguisado proceder seria, retemperar-lhes seu sangue impuro e conspurcado, no sangue altamente regenerador do cavallo oriental, de que em parte descendiam, mas que fracos e mal sentidos resquicios se lhe divisavam então. « Para isso houve de mandar vir dos estabelecimentos que já existiam em Africa, cavallos arabes capazes de renovar as raças degeneradas de Portugal. Vasconcellos diz, que com este intento se introduziram cavallos do reino de Fez, e que houve ordem de os distribuir por toda a extensão do paiz. » (2)

Já não corriam á Peninsula esses cerrados esquadrões de cavallaria sarracêna, que nos importavam com os flagellos de uma guerra cruentissima, boas sementes de regeneração hippica. Neste tempo feneceu, acabou de todo nella (Peninsula) o poder musulmano, com a conquista de Granada pelos reis catholicos Fernando e Isabel; conquista, que, se encontrou boa opportunidade nas desordens civis que retalhavam e dilaceravam esse reino, propicia e facilima se antolhou pelo abandono sacrilego e miseravel em que o mouro deixára abysmar seus fogosos defensores, esses valentes corceis em que tanto houvera primado. Quem diria que Granada, a rainha e senhora dos mais bellos e copiosos ginetes *hispano-arabes*, fructo das excellentes caudelarias que possuia, chegaria a um tempo em que mais não tivesse que 300 cavallos ordinarios e improprios da sua celebridade d'outr'ora! (3)

Pois que já não affluiam á Peninsula cavallos orientaes, força era procura-los ás suas origens, se amor se tinha ás boas castas do paiz. Atilado conselho foi o de nosso rei D. João II em assim obrar. A importação de cavallos *arabes e barberos* que fez, e destes mais do que daquelles, veiu limpar, pela aristocracia e nobreza de seu san-

(1) Elucidario. Egoa infantil.
(2) Ferdinand Diniz. Portug. Pitoresco 1.° vol.
(3) Severin de Faria. Not de Port. v. 1.° pg. 117.

gue, a muita villanagem que cá havia. As nossas conquistas d'alem mar abriam-nos assim um manancial uberrimo de regeneração cavallar, o qual, se se houvera depois aproveitado e com intelligencia applicado, faria deste paiz prestantissimo a tal producção, o emporio dos melhores corceis da Europa.

Portanto, D. João esmerando-se na selecção e escolha dos progenitores hippicos, estabelecendo as condições dos que deviam empregar-se nesta importantissima funcção, encarregando a inspecção destes actos a um alto delegado seu, que foi chamado *caudel-mor*, (4) e pondo a criação cavallar mais definitivamente em casa do lavrador, como gente mais ordenada a este mister. — D. João repetimos, praticando isto tudo, oppoz assim uma forte barreira ao abysmo de degeneração, em que declinava e pendia bastante a producção cavallar do reino. — E para assegurar mais a dita producção, fez maior o seu consumo, ordenando que não só os acontiados tivessem cavallo de marca proprio ao serviço do exercito, como por lei lhes era imposto, mas que toda e qualquer pessoa que cavallo montasse, este fosse tambem de marca e proprio ao dito serviço.

Era empenho deste monarcha ter bastante cavallaria no reino, para com ella o defender de toda a iniquidade e guerra injusta, que por ventura lhe movessem os reis catholicos, então fascinados pela gloria de suas armas e no auge de seu poder bellicoso, os quaes elle muito receava, e não queria soffrer lhe fizessem, nem por assomos, o mesmo que a Granada acontecêra

Foi talvez este receio por um lado, e por outro o desejo de cortar o abuso immenso a que se havia levado a producção muar com preterimento manifesto da cavallar, quem conduziu este monarcha á prohibição absoluta, rigorosissima, de se cavalgar em tal gado. — A ninguem, fosse qual fosse sua condição, edade e cathegoria, se consentiu que podesse montar em besta muar.

Assim á supplica que nas côrtes d'Evora (1490) lhe dirigem os povos d'Entre Douro e Minho, de se lhes permittir que tivessem egoas gallegas (menores de marca), e as podessem lançar a asnos para obter *mulatos*, (macho asneiro ou filho de cavallo e burra) « porque é terra muito pobre e « fraca de mantimentos e nem se póde manter « gados grandes nem eguas cavallares... e por « que é minguada de mulatos passando para com- « pra delles mais de 58000 justos (5) cada anno » ... responde el-rei que não pedem bem, porque onde se criam pequenos se pódem criar os grandes, e que haverá por muito conceder que quem tiver tres eguas infantis possa lançar uma dellas ao asno (6) E nestas mesmas côrtes ao requerimento que lhe fazem os cavalleiros, cidadãos e nobres homens, de poderem andar em mulas, os que por valetudinarios ou de edade maior de 50 annos com custo toleravam e mal soffriam a andadura menos cómmoda do cavallo, — o rei responde que por lhe parecer contra o bem commum, não ha por bem de dar tal licença. (7)

O clero que até aqui gosára sempre o alto favor de cavalgar em mulas, foi o que de maior sanha se encheu e mais offendido se julgou pelo edicto da prohibição deste gado, que o não escusou de seus effeitos. Reputou-o por isso como impio e altamente attentatorio contra a dignidade e jurisdicção da Igreja; e neste sentido requereu ao rei « que lhe guardasse os privilegios da Igreja e que « não lhe defendesse mulas, senão que appellariam « para o Papa e mandariam sobre isso a Roma » (8); o rei respondeu que não queria de modo algum entender na jurisdicção da Igreja, que tivessem mulas muito embora, mas que elle faria o que por sua jurisdicção e poder podia fazer. Então mandou que se *comminasse pena de morte a qualquer ferrador ou homem que ferrasse mula de sella.* (9) E assim por esta subtil quão comica tergiversação, sustentou a equidade de seu decreto, e deu despacho formal e sem réplica ás impertinentes e audaciosas pertenções, e apostolicas bravatas do clero, que outro remedio não teve senão apear-se, ou em cavallos montar.

A prohibição da cria muar com pretexto de incremento da cavallar já se fizera, como vimos, nos reinados anteriores, mas nunca com tanto rigor como no tempo de D. João II. Depois deste, ainda houveram prohibições desta ordem e attinentes ao mesmo escopo, mas apesar dellas, affrontando todo o risco de contravenção ás leis, sempre o gado (muar) em todos os tempos e em maior ou menor escala se produziu; o que prova que esta producção em conta era de util, indispensavel, necessaria, e lucrativa.

A justiça ou injustiça destas prohibições e o valor que ellas pódem ter na producção cavallar, mostra-lo-hemos em artigo especial, que no fim deste esboço historico faremos. Por agora basta consignar, que, pela força do empenho que D. João II tomou na criação dos cavallos, sua producção cresceu e suas qualidades melhoraram. Não era difficil remontar então no paiz sete a oito mil cavallos de marca optimos para servir no exercito. (10) Póde dizer-se até, que fôra esta, uma das épocas de elevação e apogeo da nossa producção cavallar.

(Continúa) *S. B. Lima.*

(4) O Caudel-Mór, pelo regimento de guerra de D. Affonso V. era um capitão superior de cavallaria, depois é que passou deste emprego a ser o encarregado da execução das leis que se fizeram para conservar as boas raças dos cavallos do reino; e vemol-o já com este officio no presente reinado.

(5) O Justo era uma moeda de ouro, que fez lavrar D. João II com pezo, toque e firmeza de *dois cruzados e valor de 600 rs. (Elucidario)*

(6) — (7) Trigoso — Legisl. 2 v. manuscrit.

(8) — (9) Garcia de Resende Chron. de D. João II.

(10) Severim de Faria Not. de Port. T. 1.º pg. 99 — D. N. Leão — Descrip. de Porto, a folh. 129.

Signaes para reconhecer a gravidez das principaes femeas domesticas.

(Continuação.)

Não se fique porém entendendo que a manifestação dos quatro ultimos signaes e o desapparecimento do primeiro estão absolutamente ligados a um coito fecundo; d'ordinario assim é, mas algumas vezes subsiste a excitação venerea, apesar d'uma gravidez real, e outras mostram-se os demais indicios racionaes, sem que seja possivel de modo nenhum prende-los com o phenomeno da geração.

Effectivamente a cessação do cio póde ser só temporaria, e o desejo de reproducção reapparecer depois d'um certo espaço de tempo, assim como a femea póde continuar a ter *calores* não obstante estar prenhe; e não faltam os exemplos de muitos proprietarios, illudidos por este estado, sujeitarem a egua ou vacca a uma segunda ou a uma terceira copulação, que, irritando-lhes nimiamente o collo da matriz, determina o aborto. Conta-se que uma egua da caudelaria de St-Leger, já gravida de muitos mezes, ainda procurava o cavallo de padreação; Luiz 14.º attendendo antes ao appetite da femea do que a Garsault, que lhe affiançava a prenhez, mandou que lhe lançassem aquelle; foi coberta, mas logo abortou. São tambem muito frequentes os casos de vaccas fecundadas quererem ainda receber o macho; porém se estão gravidas, diz Parmentier, elle refusa cobri-las, ainda que conserve algum orgasmo gerador. « Muitas mais vezes que a egua e a ovelha, a vacca patenteia, se bem que prenhe, signaes de cio, muito melhor que o cavallo e o carneiro; o touro conhece a gravidez, e recusa a cobrição neste estado; lambe-as, acaricia-as, e consola-as d'alguma maneira e acalma assim o seu ardor. » (Grognier.) Parece que o mesmo instincto o adverte de que deve primeiro que tudo conservar e respeitar a sua progenie.

Nota-se que as eguas destinadas á propagação da especie, que se mantêem e alimentam livremente nas proprias pastagens, gravidam com facilidade; nellas a suppressão da vontade reproductora e a repulsa do macho são um indicio seguro de concepção. Pelo contrario as que se obrigam a trabalhar todos os dias, deixam de estar aluadas por effeito do cancaço, das fadigas excessivas e penosas, ás quaes se submettem, sem que isto annuncie a fecundação, e é preciso que a presença do macho as excite por muito tempo para que os seus desejos se desenvolvam e para que ellas entrem novamente em cio. Accrescentam agora alguns criadores que a egua, depois de fecundada, procura sempre affastar-se das outras com quem anda, caminhando na frente da manada com o focinho erguido para o ar, como que a farejar, e que por isso deve esta circumstancia ser igualmente considerada como um signal da gestação de não menor valia que os outros.

Nós ainda não vimos este signal seguir a gravidação, precedel-a, sim, e apresenta-se então não só na egua, como em quasi todas as outras femeas domesticas; no entretanto não queremos dizer com isto que por nós o não havermos observado elle se não descubra passado o cio, mas o que podemos assegurar, sem receio de sermos desmentidos, é que a revelação de similhante indicio, depois de uma fecundação evidente e inquestionavel, não é certa, nem geral.

A engorda, a indolencia, e a propensão para o descanço são circumstancias, que tambem podem depender de condições organicas e hygienicas, muito variadas. Quando depois da copula principiam a cevar-se as eguas que trabalham, sem que se tenha augmentado o seu penso ordinario, póde acreditar-se que a concepção teve logar. Isto não se applica, já se vê, senão ás femeas primiparas e ás que não são cobertas logo dias depois da parturição; a razão disto é simples e clara.

As mudanças que constituem o terceiro signal são em muitas femeas pouco sensiveis, sobretudo nos primeiros tempos da prenhez; n'outras não se manifestam em nenhuma época. O principal motivo da sua irregular apparição procede de estarem taes mudanças essencialmente subordinadas ao temperamento e indole particular do animal.

A mesma elevação do ventre não é um signal mais constante, e em todo o caso só apparece muito tarde. Ha eguas de raça, ás quaes o abdomen se dilata muito pouco, e sómente no ultimo periodo da gestação. O marquez d'Epinay de Laye, rico proprietario e criador de gados, mandou fazer a infibulação a uma egua fina de sella, que havia sido cuberta seis mezes antes, a qual apresentava o ventre com o seu volume normal, o que fazia crêr ao marquez que a egua não tinha concebido; levada para o prado depois de infibulada, a femea que estava realmente gravida, pariu no tempo competente, porém rasgaram-se-lhe os labios do orificio exterior da geração em muitos pontos.

N'algumas poldreiras o abdomen diminue de volume muito pouco depois do parto; parecem sempre gravidas, de maneira que depois das primeiras parturições este signal não tem nenhum valor, assim como nas que teem o ventre habitualmente grande. Tambem é elle pouco apparente na ovelha em consequencia da camada de lã que encobre o vasio; comtudo póde apreciar-se, comparando as ovelhas fecundadas com as que o não estão, e mesmo com os carneiros. De resto, o engorgitamento das têtas faz-se ás vezes depois da copulação, ainda que a femea não tenha concebido. Observa-se até, particulamente na cadella que se priva do macho, a tumefacção das mamas depois da passagem do cio, e mesmo a secreção do leite.

(Continúa.) *J. M. Teixeira.*

Uma nobre vingança.

SCENAS DA VIDA MILITAR.

IV.

Militarmente fallando.

Contam-se mais de setenta legoas de París a Tolosa; Miguel levava a bolsa soffrivelmente fornida para tomar um logar na diligencia, mas elle estava disposto a não se esquivar a nenhuma das difficuldades da sua nova carreira, e em consequencia fez a jornada toda a pé.

Chegou a Tolosa depois de um mez de marcha, descançou um dia, e no dia immediato dirigiu-se ao quartel occupado pelo 7.° de infanteria. O seu primeiro cuidado, apresentando-se ao sargento da guarda, foi exhibir a sua guia, devidamente regularisada.

— Ah! Ah! fez o velho tropeano, esforçando-se por soletrar o papel; chamaes-vos, militarmente fallando, Miguel Alberto, natural de París?

— Sim, meu sargento, para vos servir, assim como á republica, respondeu azougadamente Miguel.

— Pois que assim é, tornou o official inferior, ha uma ordem, militarmente fallando, que vos diz respeito: é a de vos enviar a casa do coronel immediatamente. E uma vez que aqui estaes, não vos demoreis, conformaes-vos com a ordem?

— E onde mora o coronel? perguntou Miguel, a quem uma ordem tão imprevista parecia enredar.

— A tres passos daqui, á esquina da rua larga que vae ter ao Capitolio. A porta hão de estar, militarmente fallando, a sentinella e um soldado de plantão. Ha de ser o Loupia. Logo lá vêdes.

— Mas, eu não sei onde fica a rua larga que conduz ao Capitolio.

— Quem tem bôca vae a Roma, interrompeu o sargento retorcendo o bigode; aqui estou eu que já fui a Milão, sem mais nada do que as minhas pernas.

— O proverbio assim o diz, replicou Miguel, que tinha saidas promptas; mas elle não declara que se ache o Capitolio, sobre tudo, quando, como vós, meu sargento, se não tem a honra de ter ido a Roma, nem mesmo a Milão.

— Sim! Bem vos reconheço, sois dos taes parisienses! gritou o sargento, cujo aspecto se pôz de repente carrancudo. É isto! resposta para tudo na ponta da lingua; chocarreiros, brincalhões e tagarellas de mil diabos! Quero-me antes com um batalhão de esquilos, que com uma companhia de parisienses. Elles não têem nada de fracos, lá isso é a pura verdade; mas tambem aquelles amigos não se batem, senão quando muito lhes dá na cabeça.

— Segundo parece, meu sargento, não fazeis muito boa opinião dos meus patricios.

— Oh! os parisienses! tornou ainda o veterano, detesto-os. Nós eramos quatro sargentos na companhia; quiz o diabo que houvesse no batalhão quatro parisienses, sargentos tambem como nós. Pois bem! quereis saber? Na ultima promoção de alferes, aquelles quatro fedelhos foram, militarmente fallando, preferidos a mim, a Roupelet, a Margolier, e a Landrin; apesar de nós todos quatro sermos sargentos antigos, e termos oito ou nove annos de posto mais do que elles. Elles hoje trazem sobre os hombros as dragonas de official, e nós continuâmos com as correias nos nossos! Ora isto é duro! deveis confessar, recruta.

— Concordo, diz Miguel, desarmado pelo mau humor do sargento, que não é nada agradavel para um bravo como vós, ver assim desattendidos os seus serviços.

— Ah! não! bagatellas! eu não me queixo! apressou-se em dizer o sargento, que comprehendeu haver badalado mais do que convinha em materia de injustiças; nada, eu não digo que os sargentos parisienses não tivessem prestimo; quero sómente dizer que a doutorice, militarmente fallando, serve melhor ao adiantamento do que o tempo e a observancia do serviço.

Tendo assim reparado um excesso de franqueza que o sargento julgou perigoso, porque o recruta lhe parecia particular conhecido do coronel, elle continuou:

— Recruta! Temos conversado; não esqueçais a senha; e tomai sentido: segui esta rua toda fóra até á segunda travéssa da esquerda, lá, vêdes logo a guarita da sentinella que está á porta do coronel; fallai a Loupia, que irá participar a vossa chegada. E nada mais.

Agora rompei a marcha com o pé esquerdo, militarmente fallando.

— Mil vezes obrigado, meu sargento, agradeceu Miguel; se não fosse indiscrição, desejava saber o vosso nome.

— O meu nome?! replicou o sargento coçando na orelha, como quem se arrepende de algum rasgo indiscreto; e para que quereis saber o meu nome, militarmente fallando? Pareceis-me muito bom rapaz, para quererdes contar ao coronel a nossa conversa.

— Ora esta! fez Miguel endireitando-se, por quem me tomais vós? Eu não tenho a honra de conhecer o coronel, nunca o vi, nem sei o que me elle quer. Se vos perguntei o vosso nome, é porque eu desejava entrar antes na vossa companhia, do que em outra; este é que é o motivo e não o que suspeitaes; empenho a minha palavra de honra.

— Pois sim! eu tambem o estimaria, retrucou o sargento, subjugado pelo ar de franqueza e de polidez do galucho parisiense; mas infelizmente isso não é possivel, porque o regulamento não o permitte, militarmente fallando. Eu sou da companhia de atiradores, a flôr do 1.° batalhão, onde não entra a menor recruta, nem que fosse parente do primeiro consul ou de sua esposa.

Quanto ao meu nome, chamo-me Limouzineau, para vos servir.

—Então, até mais vêr, senhor Limouzineau, levava muito em gosto servir debaixo das vossas ordens; mas como não póde ser já, esperarei mais tarde fazer-me digno desta honra.

E Miguel affastou-se. O velho sargento seguiu-o alguns instantes com a vista resmungando:

—Ahi vem mais outro bonifrate de Paris! Aposto que se eu lhe ensinasse o exercicio havia de ser o 14.° a passar-me adiante em alferes?! Mas tento com o negocio! elle é amigo do coronel, por mais que me digam; olho vivo com o meiro!

Depois deste pequeno monologo, Limouzineau assentou-se tranquillamente no banco de pedra, que servia de divan aos soldados da guarnição; accendeu o seu cachimbo, cruzou as pernas, e poz-se a fumar gravemente com os olhos no chão, como um pachá que estivesse meditando nessa famosa questão do Oriente, que nunca ninguem póde comprehender.

Miguel deu facilmente com a morada do coronel. Além da sentinella, que passeava com passo mesurado diante da porta, um porta-machado, cuja espessa barba apenas deixava a descoberto um nariz adunco de milhafre e dois olhinhos redondos de coruja, estava encostado á guarita. Miguel perguntou-lhe com ar desembaraçado se o coronel estava em casa.

—Está e não está; é conforme o motivo que aqui vos traz, respondeu altaneiro o barbudo ferrabraz sem mudar de posição, mas medindo de alto a baixo aquelle que o interrogava.

—Chego de Paris, proseguiu Miguel, venho com praça assente para o 7.° No quartel disse-me o sargento da guarda que o coronel me queria fallar; é pois por sua ordem que aqui venho.

—Isso então é differente, tornou o porta-machado, mais amenisado com o ar franco do recruta e a recommendação do sargento da guarda; dizei-me o vosso nome, que eu vou saber se o coronel vos póde receber.

Miguel declarou o seu nome, e a prevenção entrou para casa do commandante. Breve tornou a apparecer, e, levando a mão ao bonet em signal de deferencia, disse a Miguel:

—Cidadão, o coronel espera por vós, trago ordem para vos conduzir.

Miguel acompanhou o soldado; ambos subiram ao primeiro andar, entraram n'uma espaçosa ante-camara, atravessaram uma bella sala, n'um dos cantos da qual se elevava a haste de uma bandeira, reduzida apenas a um farrapo de seda desbotada, e chegaram á porta de um gabinete, onde o soldado bateu duas pancadas, retirando-se depois. Um criado de libré veiu abrir, e introduziu Miguel no quarto visinho O coração batia-lhe com violencia. Um individuo fardado, com dragonas de cacho, deu alguns passos ao encontro do mancebo; este ergueu os olhos, depois de o haver reverenciado, e estacou de pasmo.

(Continúa.)

As duas divisas.

II.

Continuação.

A locandeira vinha contando aos recem-chegados o que acabava de acontecer, mas á vista de José detêve-se. Este fez-lhes um cumprimento, e ia para se retirar, quando o conductor das duas senhoras lhe pediu de se demorar.

—Estou na verdade consternado, meu caro senhor, lhe disse elle com urbanidade, pelo que aqui acaba de se passar. Eu pedi para jantar a sós, para evitar a companhia de certos commensaes, cujas maneiras e conversação podessem desagradar a estas senhoras. Longe porém de mim a intenção de expellir ou desarranjar os outros viajantes, como o vosso amigo acreditou, e para prova supplico-vos de nos obsequiardes com a vossa companhia, jantando comnosco. José quiz esquivar-se ao offerecimento, affirmando que da sua parte não sentia a minima offensa por uma precaução, que elle entendia ser a mais natural do mundo. Mas o senhor Rosman (tal era o nome do conductor das senhoras) insistiu com um modo tão franco e benevolo, que não teve remedio senão acceitar.

A mais velha das duas senhoras, que parecia pouco afeita a viagens, assentou-se defronte de José com sua sobrinha ao lado, e deixou escapar um gemido.

—Estaes cançada, Carlota? perguntou Rosman.

—Se vos parece! Andar um dia inteiro n'uma diligencia aos salavancos como um balouço! Comer fóra de horas! Correr toda a sorte de perigos! Eu não sei como não cahimos mais de cem vezes; a diligencia ia sempre a tombar. Ah! dava de bôa vontade um anno de vida por vêr já o fim desta jornada.

—Felizmente o contracto é impossivel, observou risonhamente a menina, passando um braço em volta de sua tia.

—Pois sim! vós outros cassoaes, tornou madama Carlota em tom de amúo semi-affectuoso. Hoje em dia as raparigas não têem mêdo de nada! Viajam por caminhos de ferro, em barcos a vapôr, e até não duvidariam em ballões, se estes já estivessem estabelecidos! É um louvar a Deus! A revolução é que as fez assim tão ousadas; fosse lá antes da revolução, a vêr, se uma menina, por mais animosa, viajava senão n'um carro ou em burros, o mais avançar! E ainda isto era em casos de muita gravidade. Ouvia dizer a minha defunta mãe, que nunca tinha querido viajar, senão a pé.

—Por isso ella nunca sahiu da terra do seu nascimento, objectou Rosman.

—Mas entretanto não deixou de ser uma senhora virtuosa e feliz, tornou madama Carlota. O passaro onde faz o ninho ahi é que fica. Hoje quem não anda pelos caminhos de ferro, não é gente, todos se acostumam a andar por fóra de

casa e achar o conchego domestico em qualquer parte; isto hão de confessar, afrouxa o amor do proprio lar, e o amor de familia. A sociedade poderá lucrar com isto, mas individualmente cada um vae sentindo menos as doçuras caseiras, e a felicidade de que ellas são origem.

—Ora! vamos, Carlota, vós não quereis mal ás viagens, senão por causa dos salavancos, tornou alegremente Rosman. Mas á vista desta bella sôpa espero que haveis de desterrar todas as vossas prevenções. Em Fontaine por certo não a fazem melhor; appello para a vossa imparcialidade. Heim?

O entretenimento continuou assim em tom de cordial familiaridade. José tinha-se a principio conservado n'um silencio discreto; mas dirigindo-lhe Rosman varias vezes a palavra, a conversação tornou-se geral, quando foram advertidos que a diligencia estava prompta. Todos se deram pressa em pagar á estalajadeira e em partir para a estação.

Ao chegar ahi, viu José seu primo correndo esbaforido tambem para a diligencia. O tempo que Mulzen aproveitára em jantar com todo o descanço, tinha-o aquelle gasto em percorrer todas as hospedarias de Cernay, sem que n'alguma achasse comida feita; em fim como o tempo instava vira-se forçado a comprar alguma fructa e um pão pequeno que ainda vinha mastigando.

Esta refeição de anachoreta, não era, como se póde pensar, muito propria a adoçar o mau humôr de Henrique. José assim o percebeu e não lhe fez a menor pergunta; estava começando, além disso, a chamada dos passageiros, e cada um se preparava a tomar o seu logar. Mas o escripturario, acabando a chamada, deu pelo erro de haver inscripto os dois primos, quando a diligencia já estava cheia.

—Estava cheia! repetio Henrique, mas vós acceitasteis o nosso dinheiro!

—Vou restituir-vo-lo já, respondeu o empregado.

—Nada, isso é que não! gritou o mancebo, uma vez que o recebesteis, está o contracto feito; tenho o direito de partir e hei de partir. E proferindo estas palavras, agarrou na correia e trepou lesto ao tejadilho onde um logar estava vago. O viajante, a quem elle pertencia quiz reclamar; mas Henrique persistiu, declarando que nenhuma authoridade tinha o direito de dalli o desalojar, e que se o obrigassem a isso, elle repelliria a violencia com a violencia. José ensaiou uma transacção, mas de balde; o marselhez a quem o jantar frugal acabava de azedar, declarou formalmente que não cedia da sua resolução.

—Cada qual com o seu direito, gritou elle; é cá a minha divisa; a tua é *caridade;* pois bem sê caridôso com quem quizeres; eu não pretendo senão ser justo; paguei este lugar, é meu, daqui não salto.

O viajante a quem o lugar pertencia, objectou com a prioridade da posse; mas Henrique, que era advogado, respondeu com varios textos de leis. Estiveram assim algum tempo, trocando explicações violentas, recriminações e ameaças. Madama Carlota, que ouvia tudo de dentro da diligencia, arrancava suspiros de terror e recomeçava com as suas amplificações contra as viagens em geral e as diligencias publicas em particular. José, vendo que a disputa cada vez mais se acalorava, propôz ao empregado mandar apparelhar uma sege para elle e para o viajante desapossado. O expediente foi acceite pelas partes interessadas e a diligencia partiu.

Estava-se no mez de novembro; o ar já humido e frio no momento da partida tornou-se ainda mais glacial ao descahir da tarde. Henrique acostumado ao seu bello sol da Provença, abotoára até á barba o seu paletót de viagem, mas não obstante tremia como varas verdes, repassado pelo nevoeiro da noite. Seu rosto estava livido, os queixos tiritavam-lhe. Em breve uma chuva finissima, puxada pelo vento, ensopou-lhe o fato. Bem podêra o seu visinho do lado fornecer-lhe abrigo no amplo capote em que se involvia. Mas este visinho era um gordo negociante, muito terno com a sua pessôa, e muito indifferente com as dos outros. Quando Henrique recusára ceder o logar de que se havia apoderado, o roliço passageiro approvára a sua resolução dizendo que —«cada um cuidava de si.»—Deste principio que então o mancebo achára perfeitamente razoavel, soffria agora a severa applicação. Comtudo no meio do caminho, o negociante deitou a cabeça fóra do capote, olhou para o seu visinho e disse-lhe:

—Pareceis estar com frio?

—Estou molhado até aos ossos, respondeu Henrique que mal podia fallar.

O rotundo viajante conchegou-se melhor no capote, como para se regalar na quentura que gosava, e rosnou lá de dentro philosophicamente:

—Não é nada bom estar a gente molhada; para outra vez aconselho-vos que compreis um capote como este; não é caro e faz um serviço!

E dizendo isto enterrou mais profundamente a cabeça, resfolgando voluptuosamente, e adormeceu ao balanço da diligencia.

Quando esta chegou a Kaysersberg, havia já tempo que tinha anoitecido. Henrique desceu meio morto de frio, e alcançou a cosinha da estalagem, onde viu brilhar um grande fogo. Mas ao entrar, deu com a lareira tomada por um circulo de viajantes, entre os quaes se achavam José Mulzen e o estrangeiro, a quem tirára o logar na diligencia. A sege fornecida pelo escripturario, havia-os conduzido por um atalho mais curto, e ambos tinham chegado havia bem uma hora.

Á vista do triste estado em que se achava seu primo, Mulzen deu-se pressa em lhe ceder a sua cadeira; o viajante desapossado em Cernay não pôde conter uma gargalhada.

—Por minha vida! Tenho a agradecer ao senhor a usurpação do meu logar no tejadilho da diligencia. A não ser ella estava agora gelado em seu logar, em vez de quente e animado como me sinto.

Henrique estava em muito má posição para res-

ponder; assentou-se diante do fogo, procurando reanimar-se e enxugar o seu fato.

(Continúa.)

Ir por lã e vir tosquiado.

Passando Porpora por uma abbadia de Allemanha, os monges pediram-lhe que assistisse a um dos seus officios para ouvir o organista, cujo talento muito exaltavam. Porpora annuiu, foi á egreja, e escutou com attenção. Acabado o officio, o prior perguntou-lhe que tal achára o organista. Porpora respondeu com difficuldade e balbuciando; mas o prior, que não se contentava com um meio elogio, interrompeu-o, e para melhor o dispor para a admiração, disse-lhe que o organista era homem de bem, muito caritativo, e muito simples.

—Oh! respondeu immediatamente Porpora, em quanto á sua simplicidade, bem a vi; porque a sua mão direita nunca percebe nem sabe o que faz a esquerda.

Um adulador bem castigado.

Um pintor, que presumia muito de si e gostava que o elogiassem, disse um dia a Cimarosa, que o considerava egual a Mozart; mas Cimarosa, conhecendo a intenção com que lhe era dirigido este comprimento, respondeu com enfado: «Senhor, isso é o mesmo que se eu quizesse fazer-vos acreditar, que sois superior a Raphael.»

Expediente engenhoso.

Dois irmãos irlandezes, ambos officiaes de ferreiro, mas muito pobres, resolveram-se a procurar melhor fortuna, indo estabelecer-se na Jamaica. Chegando a esta terra, e precisando de setenta libras, pelo menos, para dar principio á sua industria, tomaram o seguinte expediente. Um delles despiu-se nú, e o outro tingiu-o de preto da cabeça até aos pés. Feito isto, o irmão branco foi offerecel-o a um negreiro, que á vista da boa presença e athletica estatura do negro, não duvidou dar oitenta libras por elle.

Na primeira occasião o negro manufacturado e o irmão escaparam-se; aquelle lavou-se, desencarapinhou-se, emfim restituiu-se ao seu primitivo estado; e foram ambos para d'alli distante fundar o seu estabelecimento.

O negreiro affixou annuncios, prometteu alviçaras, poz em campo a policia, mas toda a pesquisa foi baldada.

A fortuna correu tão favoravelmente aos dois irmãos, que alguns annos depois se acharam possuidores de muitas mil libras, e voltaram para a Inglaterra. Mas antes de partirem, foram procurar o negreiro, recordaram-lhe a historia do negro, e restituiram-lhe tanto o principal como o juro de todo o tempo em que se haviam servido do seu dinheiro.

Noticias diversas.

Um toureador e um pianista. — Depois do segundo concerto dado ha pouco em Madrid, por Gottschalk, este recebeu do toureador Don José Redondo a seguinte carta: «Meu charo Gottschalk — Fiquei penhoradissimo pelo convite que me fizestes para o vosso concerto; porque se me proporcionou occasião de admirar um artista proclamado por todos os intelligentes dos dois mundos, como um dos primeiros pianistas da nossa época. Querendo darvos um testemunho indelevel da minha admiração, rogo-vos que acceiteis uma das espadas com que tenho conseguido sustentar a gloria da tauromachia hespanhola, na altura a que foi elevada pelo tanto chorado Francisco Montes. Em recompensa, peço-vos, como prova da vossa estima, um autografo escripto por vossa mão, que conservarei como uma das mais preciosas memorias da minha vida.»

Mulher fecunda. — Lê-se n'um jornal de Liege (Belgica), que ha naquella cidade uma senhora de trinta e tres annos de edade, casada ha nove annos, que em Junho proximo passado deu á luz tres meninas, e que, com estas tres, conta 24 filhas, todas robustas e sadias!

Furor dançante. — Um periodico estrangeiro assegura que no proximo passado inverno uma senhora de Veneza assistiu a 225 bailes e saráos; durante os quaes bailou 1,700 danças, entre polkas, mazurcas, valsas, etc.; que teve naquelles bailes 763 pares, os quaes qualifica do modo seguinte: 18 de estouvados, 11 de insolentes, 57 de amaveis, 659 de insignificantes, e 78 de fastidiosos.

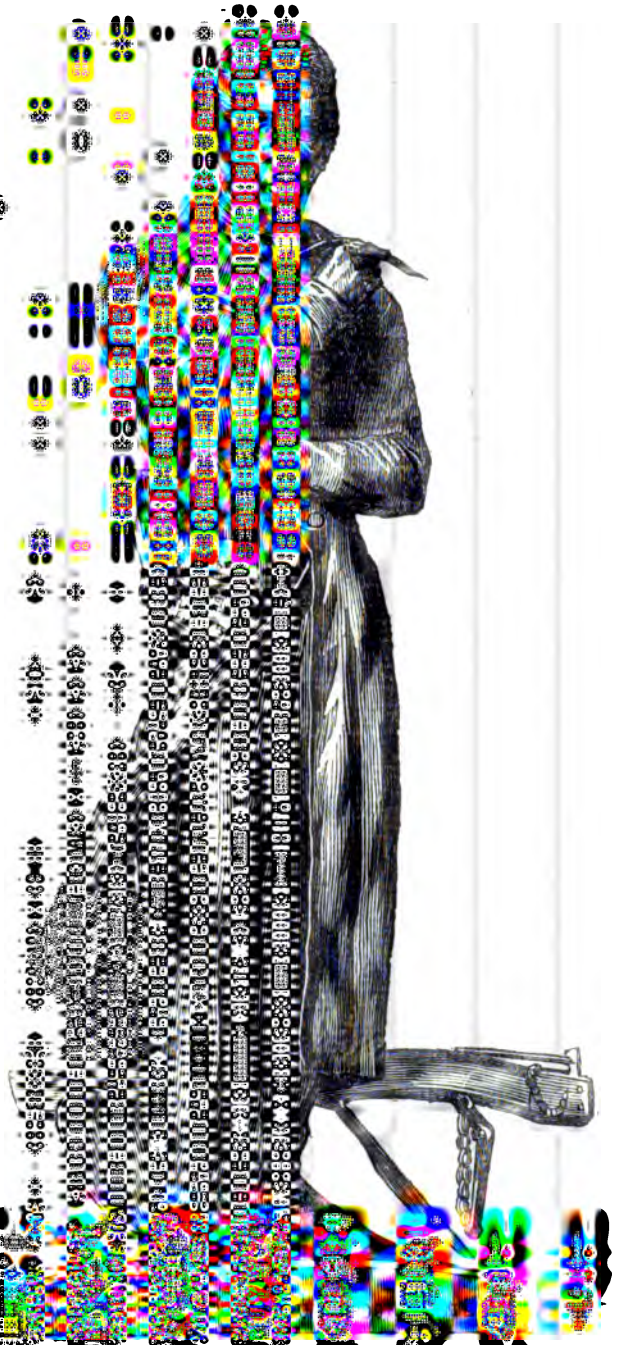
Descobrimento de ouro na Nova Escocia. — Copiâmos do *Jornal dos Debates*, de 24 de Julho proximo passado, o seguinte:

«O *Halifax North Americain* annuncia como certo o descobrimento de ouro na Nova Escocia, em grande quantidade e de uma pureza perfeita. Têem-se enviado varios exemplares aos intelligentes de Halifax, com recommendação expressa de guardar o segredo. Todos acodem em massa de S. João a Annopolis, ponto em que se fez o descobrimento; e a affluencia é tão grande, que se não encontram marinheiros para tripular os navios no rio Annopolis.

Os mineiros querem conservar as escavações occultas, porque a companhia geral de minas pretende apropriar-se de todos os mineraes de Nova Escocia.

O ouro descoberto ultimamente em Annopolis foi reconhecido pelos homens scientificos como sendo de uma qualidade superior.»

Errata. — Pag. 233, 2.ª col. — Onde se lê — doutores e menores — lêa-se — doutores e mulheres.



deria tirar desta privilegiada intelligencia, lhe confiou a direcção da quinta modêlo de Roville. Foi aqui que possuindo todos os meios, querendo corresponder á confiança que nelle se depunha, e confundir a ignorancia presumpçosa que Dombasle desenvolveu de uma maneira verdadeiramente prodigiosa, os recursos de sua intelligencia, menos então amestrada pela experiencia, que enriquecida das inspirações da sciencia. Roville tornou-se o farol de guia para todos os cultivadores de éste e nordeste. Os seus *annaes agricolas*, redigidos durante seis annos, populisaram as vantagens dos seus methodos por todo o resto da França. Dombasle introduziu a cultura em grande do linho; melhorou as lãs nacionaes, generalisou o emprego dos marnes, e para complemento das suas lições praticas, fundou uma fabrica de instrumentos aratorios, muitos delles da sua invenção, e publicou excellentes obras, cujas principaes são: *Ensaio sobre a analyse das aguas naturaes; Descripção de novos instrumentos aratorios*, traducção do allemão; *Theoria da charrua*, e a traducção da *Agricultura pratica e racional de John Sinclair*.

Falleceu de edade de 70 annos, sendo membro correspondente do instituto, official da legião de honra, presidente honorario da sociedade agricola de Nancy.

Caudelaria.

Esboço historico sobre a producção cavallar do paiz.

VI.

No reinado de D. Manoel.

O impulso dado á producção cavallar por D. João II, se não teve muita quebra, não progrediu com a mesma força no de seu successor, el-rei D. Manoel. Este monarcha — que tão desvelado foi pela felicidade de seus povos, a quem deu leis sabias, tão zeloso da gloria do nome portuguez, que elevou até á admiração do mundo inteiro, venturoso por todos os titulos; — mais de uma vez se absorveu nesses successos gigantes que nos promettiam e deram o dominio do oriente, se deslumbrou pelas especiarias e riquezas da India, não curando por isso melhor de alguns negocios interiores, e principalmente do que respeita á producção de que tratâmos.

E de feito, na ordenação que mandou fazer — dita por isso Manoelina — em que se refundiu, accrescentou e modificou a Affonsina, não vêmos lei alguma nova sobre o caso de *caudelarias*, e as que antigamente haviam e estavam neste codigo (Affonsino) foram alli calladas; silencio este, que se não equivalia a uma explicita revogação, importava todavia o maior desfavor para as leis que calava. Deixavam assim de ter o necessario vigor as bem pensadas provisões caudelicas de D. Fernando e D. João, e as disposições que restringiam a producção do gado muar. E se por ventura em alguma parte do reino se fazia ainda obra por ellas, era mais por poder consuetudinario que não por força da ordenação vigente; antes esta mandava que nem mesmo se dispensasse da *jugada* e *oitavo* — em terras jugadeiras — os que cavallos tivessem, embora nelles acontiados fossem, do que ficaram tambem dispensados ainda que o censo houvessem para isso; (1) escusando-se tambem de ter *egoas* e *cavallos* os lavradores que lavrassem ou estivessem em herdades pertencentes a regedores, governadores, e desembargadores da casa da supplicação, como privilegio concedido a taes dignidades. (2) Isto devia conduzir, senão necessariamente, com muita facilidade o apoucamento da producção que tratâmos.

A este desfavor da ordenação, deve accrescentar-se ainda o do exercito de então, que já não tinha o poder fomentador que outr'ora possuira.

Com effeito, a ordem da milicia antiga haviase insensivelmente modificado e muito decaido do que era. Tirando os *senhores das terras*, que ainda accudiam aos chamamentos de guerra com seus homens de armas, cujo numero era regulado então mais por seu arbitrio que por obrigação imposta; essa outra nobre cavallaria, dita dos *vassallos de el-rei*, a quem os monarchas pagavam contias, e que ainda em tempo de D. João II constava de 2,000 lanças, (3) quasi que já não existia; nem tambem as *ordens militares* tinham neste ponto a importancia e valia que antigamente haviam, embora se estatuisse a seus cavalleiros o ter tantos ou quantos cavallos, conforme as commendas que percebiam. (4) E assim a influencia que dissemos ter uma e outra desta classe de gente de guerra sobre a producção cavallar, e producção mais aprimorada, deveria decair e anullar-se, como decaia e se annullava essa milicia. Só ficava então a *milicia dos conselhos*, a *ordenança*, acontiada em cavallos, a supprir sua deficiencia; e nesta classe de gente, quasi toda proprietaria e lavradora, pesaram pois aquelles encargos sem os seus favores. Quer isto dizer, que da agricultura é que saía principalmente a producção dos cavallos. Era consequente, porque só ella os póde bem produzir; mas impunha-se-lhes e não se facilitava essa producção, que é o mesmo que pouco conseguir que geito tenha. Além disso, a Africa, India, Brasil, em quanto se conquistavam e colonisavam, iam pondo nossos campos em despovoação, reduzindo a êrmo muitas terras, e portanto amesquinhando a agricultura do paiz, e conseguintemente a producção cavallar que della procedia.

Toda esta conjunctura, este complexo de circumstancias que hemos apontado, como desfavorecedor da producção cavallar, teria de certo manifestado suas ruins consequencias, se D. Manoel lhe não houvera em parte attenuado o poder, na confirmação e concessão de foraes e cartas de

(1) Ordem. Manuel liv. 2.° tit. 16, § 16.
(2) Ibidem. liv. 2.° tit. 43.
(3) Elucidario. — Vassallo.
(4) Severim de Faria Not de Port.

privilegios que passou a varias terras; e que a ordenação respeitava; e em provisões mesmo geraes, que sem embargo desta (ordenação) tiveram força e effeito de leis extravagantes.

Assim é que vêmos por lei de 22 de março de 1499, dar vigor, declarar e accrescentar, este monarcha, as provisões anteriores, *que mandaram capar os sendeiros*, para que não prejudicassem as boas castas cavallares. (5) No foral que deu á villa de Fonte Arcada (1514), é escusado de todo e qualquer imposto a pessoa que no 1.° de maio *apresentar cavallo* de *marca*. (6) No de Thomar, em que os *piões* eram obrigados a pagar á ordem de Christo o *oitavo* de vinho e linho, havendo duvidas sobre este pagamento, acêrca das pessoas que deviam ser consideradas como *piões;* D. Manoel declara em carta, que a este respeito passou « que aquelles que fossem escudeiros feitos por quem os podia fazer, e *tivessem continuadamente cavallos*, esses sómente não seriam *piões* para serem escusos da paga do dito oitavo. » (7) No foral de Torres Vedras (1510) estatue, que pessoa alguma, por privilegiada que seja, não se escuse de pagar vinte reaes por bestas que trouxer a ganho, *salvo se tiver cavallo de marca*. (8) Em carta de privilegio, concedido a Coimbra (1510), permitte que seus cidadãos fruam todas as graças e liberdades dos de Lisboa « reservando *que não possam andar em bestas muares*, porque não havemos por nosso serviço nem bem do reino andarem nellas. » (9) Generalisou depois esta restricção pelo reino, com a promulgação da lei de 10 de dezembro de 1520, na qual se prohibem novamente as *mulas* e *facas*, declarando porém muitas isempções e privilegios a tal respeito. (10)

Na ordenação, mesmo a par das disposições menos estimulantes e fomentadoras da producção que nos occupa, uma que outra se encontra que de todo a não esquece. Não se concede aos cavalleiros o goso de seus respectivos privilegios, *se não tiverem cavallo*. (11) E aos escrivães da casa da supplicação, do civel, correições; e aos tabelliães de quasi todas as cidades e villas do reino, se *manda ter continuadamente cavallos*, sob pena de perderem o officio os que os não tiverem. (12) Emfim *cavallo de estada na estrebaria* escusa o *pião* de pena vil. (13)

Assim pois, a duas forças oppostas esteve sujeita a producção cavallar neste reinado: uma *desfavorecedora*, procedente do silencio sobre leis caudelicas na nova ordenação, e da decadencia em que corria a milicia nobre e a agricultura do paiz; outra *fomentadora*, proveniente de cartas de foraes e privilegios em que vinham disposições com este fim, e de provisões geraes, promulgadas na mesma intenção.

Qual seria a resultante destas forças contrarias? Foi nulla, ou penderia para alguma dellas?

As chronicas deste reinado respondem-nos pela existencia de uma resultante activa, e esta em favor de uma producção, se não aprimorada, copiosa comtudo.

De feito, 6,000 cavallos e 800 acobertados apurou D. Manoel n'um alardo geral que passou á gente da ordenança; e teve prestes, para com elles passar á Africa; (14) isto afóra os que tinha nos logares da fronteira daquella provincia, que eram 2,000, promettendo, além disso, sustentar em Arzila a el-rei de Belle com outros 2,000. (15)

Devemos todavia ponderar que para esta subida producção, entrava em muito o effeito do grande impulso que recebêra do reinado anterior; e talvez fosse este a causa principal da situação florescente e prospera em que ella se achava.

Calcule-se por isto, por este numero de cavallos, que de marca eram todos, porque para o o exercito estavam alistados, o ponto subidissimo a que chegaria a sua producção, melhoria e apuro, se D. Manoel houvera secundado ou continuado no empenho de seu antecessor, não na absoluta prohibição do gado muar, que condemnâmos, mas no mais que fez, e muito bem, em favor da dita producção.

(Continúa) *S. B. Lima.*

Terremoto de Lisboa.

Um dos mais terriveis acontecimentos dos tempos modernos, é o terremoto, que no 1.° de novembro de 1755 precipitou a capital de Portugal, de subito e sem se presentir, no abysmo da destruição. Para apreciar a grandeza e extensão da desgraça, que os habitantes de Lisboa soffreram, é necessario lançar alguns golpes de vista sobre a cidade, antes daquelle dia terrivel.

Todos sabem, que Lisboa, como Londres, Amsterdam e Hamburgo, é uma das principaes praças do commercio da Europa. Alguns annos antes do terremoto era o commercio ainda muito mais activo do que agora. A cidade estava situada na margem septentrional do Téjo sobre sete oiteiros, e offerecia da parte do rio um aspecto magnifico. Os edificios estavam na direcção do Téjo, e deste se elevavam pouco a pouco para os oiteiros. Quem se achava na cidade, tinha diante de si um dos bellos rios do mundo; pois de uma á outra margem havia boa meia legua allemã, e esta espelhada agua trazia á superficie a riqueza de na-

(5) Figueiredo. Synop. Chron. T. 1.° pag. 147.
(6) Elucidario. Cavallo de Maio.
(7) Pegas. Commentarium ad ordinati. Tit. IX. pag. 435.
(8) Mem. da Ac. das Sienc. T. 6, pag. 129.
(9) Pegas, ad ord. pg. 378.
(10) Figueredo. Synop. chr. T. 1.° pg. 249.
(11) Orden. Manoel. Liv. 2.° tit. 38.
(12) Ibidem. liv. 5.° tit. 105.
(13) Ibidem, tit. 40.

(14) Damião de Goes. Chron. de D. Manoel. 1.ª part cap. 47.
(15) Severin de Faria Not. de Port.

*

vios da maior parte das nações maritimas. A cima desta espessa floresta de mastros, havia uma romantica paizagem, ricamente dotada pela natureza, e accupada por abastadas cidades e aldêas. Lisboa d'então tinha de comprimento, quasi legua e meia allemã. Tinha um muro com setenta e sete torres antigas, que na verdade não serviam para repellir inimigo nenhum, mas davam á cidade um aspecto respeitavel. Para a parte do rio o muro tinha vinte e seis portas, e dezasete para o lado da terra.

A cidade tinha um castello, edificio forte e antigo; situado sobre um dos montes mais altos, que se distinguia, em parte por sua grandeza, em parte pelo gôsto arabico, com que era construido. A nobreza possuia excellentes casas de pedra de cantaria com bellos jardins, que serviam do maior ornato á cidade; em quanto á generalidade das casas, não fazia senão uma figura má. Dentro da cidade contavam-se quarenta egrejas, além da cathedral, que estava sobre um dos mais bellos oiteiros, e por isso offerecia a certa distancia um aspecto pomposo; era um edificio gothico, mas interiormente ornado de grandes preciosidades. A cidade não tinha menos de vinte e cinco conventos de frades, dezoito de freiras, e talvez cento e trinta de leigos, occupados por capellas e padres. Para os pobres tinham sido levantados alguns hospitaes grandes. O palacio real offerecia da parte do rio uma vista magnifica; tinha uma posição muito vantajosa, podendo-se vêr das janellas, grandes frotas ancoradas, e todos os navios que entravam e sahiam do grande porto. Este palacio formava o lado de um quadrilatero; a alfandega, o mercado das carnes, o terreiro, etc., os outros lados. Nesta praça tinham logar as corridas de touros; tambem a inquisição, que tinha seu sanguinario tribunal na praça do Rocio, queimava alli as infelizes victimas de sua furiosa perseguição.

As ruas eram extraordinariamente estreitas, e algumas muito ingremes. No excellente porto cabiam dez mil navios, e era tão fundo, que os maiores navios podiam estar ancorados com a maior segurança, em dezoito braças de agua mesmo diante do palacio. Dois fortes defendiam a entrada, S. Julião, levantado na costa, e a Torre, situada sobre um baluarte, cercado de agua. Mas a maior defeza do porto era, e é ainda hoje, a barrra, ou o banco de areia, que se atravessa adiante della, e é muitissimo perigoso para todos os navios que não tem piloto experimentado.

Tal era Lisboa até ao 1.° de novembro de 1755. Ainda de manhã, uma das mais bellas, ricas e populosas cidades, e de tarde um montão de ruinas, um terreno queimado fumegando ainda, um immenso campo de cadaveres. Nesta malfadada manhã o céu estava sereno e risonho, como quasi sempre está nas felizes regiões do sul da Europa. Não havia viração nenhuma; mas ás nove horas e cincoenta e sete minutos, ouviu-se nas ruas um ruido, como o rodar de carruagens; ao mesmo tempo a terra tremeu com violento movimento, similhante ao das ondas. Era justamente dia de todos os santos, e os habitantes se tinham reunido em grande numero nas egrejas, quando a catastrophe principiou. O curto espaço de tempo de dez minutos foi bastante, para transformar em deploraveis ruinas os mais bellos palacios, as mais magnificas egrejas e edificios particulares, entre os quaes acharam mil a morte. Logo no primeiro abalo cahiu a *casa santa*, a casa da inquisição. O palacio real não ficou em melhor estado; foi devorado pela terra com todas as preciosidades que continha, prejuizo, que só por si foi calculado em quatro milhões de escudos. Felizmente achava-se a familia real em Belem, rico convento á embocadura do Téjo, ao occidente de Lisboa. O soberbo collegio dos jesuitas sepultou em suas ruinas todos os membros da companhia, que alli se achavam. Desgraça maior e um prejuizo incalculavel tiveram logar perto da alfandega, onde havia um grande caes. As frotas ricamente carregadas do Brasil, India oriental e Africa, tinham aqui accumulado para consumo do mundo septentrional fardos, caixas e sacos, cheios de producções raras. Aqui haviam milhões em fazendas. Aqui se via assucar, anil, marfim, ouro em pó, algodão, sêda, café, canela, noz muscada, drogas, porcelana chineza e japoneza, madeiras finas, joias, fructas, tintas preciosas, ao que se juntavam egualmente grandes cargas de productos de industria europea, de Lyon, Birmingham, Nuremberg, Greslau, Chemnitz, Solingen, Elberfeld e outras cidades manufactoras. Em roda destas mercadarias, desde o romper do dia até á noite, andavam uns seiscentos individuos, entre fretadores, maritimos, caixeiros, empregados, marujos, mariolas, enfardadores, pretos, turcos, armenios, judeus e christãos de todas as nações. A terra treme, e no espaço de um minuto se afunda o caes, sem escapar uma só alma; a agua vem occupar o logar delle, e todos os vestigios da grande praça desapparecêram.

(Continúa.)

Kirschfeld. — Traducção do allemão por

João Felix Pereira.

As duas divisas.

III.

Continuação.

Quando se sentiu mais reanimado, Henrique pediu um quarto e uma cama; mas a feira de Kaysersberg tinha acabado naquelle mesmo dia, e a estalagem estava ainda atulhada de gente que partia no dia seguinte. O mesmo Mulzen e seu companheiro, apesar de terem chegado mais cêdo, apenas tinham achado de voluto um colxão ao qual o primeiro generosamente renunciára em favor do segundo. Com tudo depois de muitas rebuscas e questões, conseguiu-se descobrir em

um dos quartos da estalagem uma cama sem dono; mas este quarto estava occupado por quatro feirantes, que recusavam admittir mais ninguem.

— Alugaram o quarto para elles sós? perguntou Henrique.

— Não, senhor, respondeu o dono da estalagem.

— Nesse caso tendes o direito de dispôr da cama vaga.

— Não ha dúvida, meu senhor.

— Então que razão tem elles para recusar o seu quarto a um outro companheiro de pousada?

— Elles não tem nenhuma; mas todos quatro tem tão má cara, que ninguem tem para lá querido ir com receio de ter alguma desavença com elles.

Henrique levantou-se iradamente.

— Isso é uma covardia! gritou elle, da minha parte estou resolvido a não passar uma noite em claro, só porque agrada a quatro desconhecidos monopolisar uma cama da vossa pousada; conduzi-me aonde elles estão; hão de ouvir por força á razão.

— Toma sentido, Henrique, observou Mulzen, olha que é gente brutal e grosseira.

— E estes vicios dão-lhes por ventura direito de nos fazer passar uma noite de vella? Não por certo. Hei de lá dormir, ainda que elles não queiram. E dizendo isto pôz o seu barrete, e ia a sair com o estalajadeiro, quando o sr. Rosman, que vinha de chamar um moço para lhe conduzir a bagagem, ouvindo as ultimas palavras trocadas entre os dois primos, se chegou a elles, e lhes disse com um modo affavel e risonho.

— Vejo-vos em embaraço por não achardes pousada para esta noite, meus senhores.

— Cá por mim não o hei de estar por muito tempo, interrompeu Henrique, querendo passar adiante.

— Um momento, tornou o sr. Rosman; esses individuos vão talvez responder com injurias aos vossos raciocinios; difficultosamente lhe fareis reconhecer o vosso direito, acceitae antes uma cama em minha casa, meus senhores; móro a alguns passos daqui, e teria summo prazer em vos hospedar.

Henrique e José inclinaram-se agradecendo, mas com maneiras visivelmente distinctas: Mulzen com reconhecimento e satisfação; Henrique com civilidade, mas constrangido. Elle não havia ainda esquecido que Rosman era a causa primordial do magro jantar que tinha tido em Cernay.

— O senhor é muitissimo officioso, disse elle adoçando o melhor que pôde a sua voz; mas eu não consinto que tenha um tal incommodo. E depois é preciso dar uma lição áquelles tractantes, e ensinar-lhes a respeitar os direitos dos outros viajantes.

Dizendo estas palavras, cumprimentou-o, e se encaminhou para o quarto occupado pelos feirantes. José, temendo alguma rixa, seguiu seu primo; mas ou fôsse que as intenções dos bufarinheiros se tivessem abrandado, ou que o ar resoluto do marselhez lhes infundisse respeito, elles se limitaram a pequenos murmurios, a despeito dos quaes Henrique se foi deitando na cama muito pacificamente.

Mulzen socegado de que nada havia a receiar por seu primo, tornou a descer e acompanhou o sr. Rosman que tinha tido a bondade de ficar á sua espera.

Chegando á casa deste ultimo, encontrou madama Carlota e sua sobrinha Luiza preparando o chá diante de um lume de pinhas. O conductor tendo dito em meia voz algumas palavras ás duas senhoras, estas acolheram o mancebo com toda a cortezia. Fizeram-no assentar á mesa, e Luiza serviu o chá. Quanto a madama Carlota, ainda não estava restabelecida do incommodo da viagem, figurava-se-lhe sentir ainda na sua poltrona os balanços da diligencia, e ouvir o estrondo das rodas na fervura da chaleira. Perguntou com tudo pelo mancebo que em Cernay tinha levado tejadilho de assalto, e o sr. Rosman contou o que era succedido na estalagem.

— Pelo que vejo é um homem que não procura por toda a parte, senão guerra e contestações; é um homem de quem se deve fugir como do fogo, disse madama Carlota.

— E com tudo não ha um coração, mais leal que o seu: tem apenas aquella balda de querer a trancos e barrancos levar ávante a sua divisa: *cada um com o seu direito*, observou Mulzen.

— Em quanto que a vossa é: *caridade*, tornou com amabilidade madama Carlota. Oh! eu tudo ouvi em Cernay!

— Viajaes juntos? perguntou Rosman.

— Somos primos, respondeu José, e vimos a Kaysersberg, por causa de um testamento, cuja abertura ha de ter logar ámanhã.

— Um testamento! repetiu madama Carlota.

— Sim, minha senhora, de um nosso tio, do doutor Harver.

As duas senhoras e Rosman fizeram um movimento de surpreza.

— Ah! então sois os parentes do doutor, exclamou este, olhando muito para o mancebo. O acaso não vos podia guiar melhor, meu caro senhor, pois estaes em casa do seu antigo companheiro e melhor amigo! Esta especie de reconhecimento serviu de introducção para se discorrer ácêrca do defunto. Mulzen nunca o tinha visto, mas sentia por elle aquella affeição respeitosa que o instincto estabelece entre os membros desconhecidos de uma mesma familia. Conversou longo tempo ácêrca do doutor, escutou com vivo interesse tudo o que lhe contaram da sua vida, e de seus ultimos instantes; em fim depois de um desses entretenimentos intimos, nos quaes as almas se esquecem, e se deixam vêr uma a outra sem disfarce, elle subiu ao quarto que lhe destinaram, encantado com os seus hospedes, que egualmente se retiraram satisfeitos.

A fadiga prolongou-lhe o somno de sorte, que quando despertou, era já tarde. Vestiu-se á pressa a fim de ir ter com seu primo para se dirigi-

rem a casa do tabellião. Mas quando desceu á sala, encontrou la este ultimo em companhia do sr. Rosman e de Henrique, a quem tinham mandado chamar. Dahi a pouco compareceram madama Carlota e Luiza. Quando todos estavam reunidos, Rosman virou-se para os dois jovens, e disse com ar de riso.

—Nenhum dos que aqui estão, é estranho ao negocio que vos conduz a Kaysersberg: por quanto minha cunhada a sr.ª Carlota Revel e sua sobrinha a sr.ª Luiza Armand, de quem sou tutor, vem como vós assistir á abertura do testamento de seu irmão e tio, o doutor Harver.

Os dois primos comprimentaram amavelmente as duas senhoras que lhe retribuiram da mesma maneira.

—Em consequencia disto, pareceu-me, continuou Rosman, mais conveniente que a leitura das ultimas disposições do doutor, se fizesse em minha casa, uma vez que o acaso nos fez reunir aqui todos.

Henrique respondeu com um signal de assentimento. Todos se assentaram, e o tabellião ia a quebrar o sêllo do testamento, mas deteve-se.

—Este testamento é de data mui antiga, disse elle, e o sr. Harver, nos ultimos mezes da sua vida, várias vezes me exprimiu a intenção de o annullar, a fim de deixar a cada um de seus herdeiros a parte regulada pelas leis. Se o não fez, deve-se attribuir o motivo á rapidez da sua morte. Era do meu dever para descargo da minha consciencia fazer esta declaração; agora as partes interessadas decidirão, se querem ou não, cumprir a vontade do doutor, annullando de commum accôrdo este testamento, antes que cada um saiba como nelle é contemplado

Esta próposta inesperada foi seguida de uma pausa de alguns instantes. Mulzen foi o primeiro a tomar a palavra.

—Da minha parte, disse elle com um tom modesto, não tendo nenhum direito particular á benevolencia do defunto, não posso olhar como um sacrificio, acceitar a egualdade nas partilhas, e por tanto accêdo de boa vontade.

—Pelo que me diz respeito, tambem não ponho obstaculo, declarou madama Carlota.

—Eu consinto egualmente em nome da minha pupilla, accrescentou Rosman.

—Então, diz o tabellião, falta só o senhor, e voltou-se para Henrique.

Este ficou alguma cousa embaraçado, mas respondeu:

—Assim como meu primo, eu não tenho a esperar uma disposição testamentaria favoravel; mas por isso mesmo quero ser mais reservado. Quaesquer que fossem as intenções do doutor, só o seu testamento póde hoje fazer fé; annullar as suas disposições, é attentar ao mesmo tempo contra o direito do testador, e contra o do legatario.

—Não fallemos mais nisto, interrompeu o tabellião; só a unanimidade podia legitimar a minha proposta; cada um fique com o seu direito, como quer alli o senhor, e peço attenção:

A estas palavras rasgou a capa, abriu o testamento, e leu o que se segue:

«Dos quatro herdeiros que podem pretender aos meus bens, não conheço senão dois, minha irmã Carlota Revel, e minha sobrinha Luiza Armand; mas estas de ha muito que não tem senão o mesmo interesse, assim como o mesmo coração, e não formam mais que uma pessoa; de sorte que deste lado não tenho senão Luiza por herdeira A minha primeira intenção foi deixar a Luiza tudo quanto possuo. Mas lembrou-me que entre os meus dois outros sobrinhos, podia haver um que merecesse o meu affecto. Qual delles, é o que é preciso distinguir. Como não possa eu mesmo estabelecer esta preferencia, e conhecendo a intelligencia, e o tacto de minha sobrinha Luiza, louvo-me em seu julgamento, e declaro instituir por legatario universal dos meus bens, aquelle dos dois primos que ella escolher por marido.»

Harver.

Houve depois desta leitura um longo silencio. Os dois primos pareciam enleiados; Luiza perturbada tinha abaixado a cabeça.

—Deus me perdôe! exclamou madama Carlota, mas o doutor impôz a minha sobrinha uma tarefa bem difficil!

—Menos do que pensaes, minha irmã, disse Rosman. Eu conhecia de ha tempos o testamento de Harver, e tirei por consequencia as minhas informações; do que pude colher, concluí que, fosse qual fosse a escolha de Luiza, nada tinha que receiar.

—Então decida a menina, tornou o tabellião; uma vez que ha segurança para qualquer dos lados, a escolha é apenas um negocio de inspiração.

—Eu confio a escolha a minha tia, murmurou a menina envergonhada, lançando-se nos braços de madama Carlota.

—A mim, respondeu esta... o caso é muito serio, e eu não sei na verdade...

E pronunciando estas palavras com voz titubiante, suas vistas fixaram-se em Mulzen; Henrique percebeu o que isto significava.

—Ah! está feita a vossa escolha, minha senhora, accrescentou elle vivamente, e ainda que eu sinta os meus pezares, declaro francamente que a approvo de todo o coração.

—Minha menina, continuou elle, tomando José pela mão, e conduzindo-o para junto de Luiza: vossa tia não podia acertar melhor: meu primo vale com effeito mais do que eu.

—A vossa acção prova o contrario, atalhou madama Carlota internecida; mas o sr. Mulzen era já mais nosso conhecido; e depois... daes licença? vós mereceis que se vos diga toda a verdade...

—Dizei, dizei! interrompeu Fortim.

—Pois bem! a divisa do sr. Mulzen tranquillisa-me; em quanto que a vossa incute-me mêdo; elle promette indulgencia, e vós justiça. Ah!

meu caro senhor, a justiça póde satisfazer os anjos; mas para com os humanos é preciso caridade!

— Quasi que vos dou razão, minha senhora, disse Henrique pensativo; sim, desde hontem que os factos parecem apostados em me dar uma lição. A rigorosa defeza do meu direito, tem sempre desandado contra mim; em quanto que a benevolencia de meu primo lhe ha sido sempre proveitosa. José tinha razão, o seu móte vale mais que o meu, porque elle deriva mais de perto da lei de Deus: Christo não disse *A cada um o seu direito;* mas sim: *Amae o vosso proximo, como a vós mesmos.*

O ensino gratuito no collegio do Portico.

Leitor, a lyra harmonica,
Tão filha de outras eras,
E que de agrestes feras,
Prendêra os corações;

A lyra anacreontica,
Que celebrar sabia
Amor, Melancolia,
Em magicas canções;

Nos braços Apollineos
Descança muda agora,
Depois de haver sonora
Cantado o bom Camões:

Findando taes prestigios
Castilho abriu escóla,
No qual dá, por esmola,
Altissimas lições.

Mas a esta escóla angelica,
Não vão filhos de nobres;
Acodem só os pobres
Que cumpre proteger.

P'ara bemfazer aos simples
Seguindo o Eterno trilho,
Com letras, vae Castilho
De novo a luz fazer.
Chamando a meiga infancia,
Que o bom Jesus amava,
Thesouros mil lhe excava,
Doando-lhe o saber;

Na mão tomando um *Methodo*
Á infancia diz; «Victoria!
« Sem dôr, sem palmatoria,
« Aprendereis a lêr.

« Eu mesmo acho delicias
« Se ensino os innocentes,
« E, para os vêr contentes,
« Trabalho com fervor.

« Reparto o páo do espirito:
« E, em rápidos instantes,
« Dou luz aos ignorantes,
« E aos pobres dou calor;

« A alguns doutos dou odios;
« Aos indoutos, leitura;
« Aos tristes dou ventura;
« E dou á Patria amor.

« Mas tudo vem do Altissimo!
« Por tanto, innocentinhos,
« Erguei vossos bracinhos,
« E ao Céu cantae lonvor.

Pedro Diniz.

Cura de um poeta.

Um poeta que presumia muito dos seus talentos, andava atraz de todos para que lhe ouvissem recitar as suas composições. Algum que o não conhecia bem, ainda lhe prestava attenção; mas a maior porte fugia a sete pés deste insupportavel *seringador*.

O poeta percebeu a repugnancia que inspirava, e ferido nas suas mais queridas illusões, apaixonou-se, e adoeceu gravemente. Mandou chamar um medico; mas este que conhecia a origem da doença, em vez de lhe prescrever boticadas, perguntou-lhe se tinha ultimamente composto alguns versos que ainda a ninguem houvesse lido.

— Ah! sim, tenho doutor, tenho ahi um poêmeto, a melhor producção do meu estro, que hade dar brado e fazer estallar de inveja esses que até agora me tem julgado por uma mediocridade.

— Pois bem, tornou o doutor, se não passo por indiscreto, desejava que m'o lesseis.

— Essa é bôa! indiscreto, um espirito tão amante da poesia! Com o maior gosto, doutor. E saltando fóra da cama, pegou n'um cartapacio, e cheio de vigor e alegria, começou a recitar com emphase a sua composição. O doutor apesar de toda a sua paciencia, arripiava-se, ao furioso esbravejar deste profano do Parnazo; mais de uma vez as contorsões do rosto testemunharam a dolorosa impressão de que eram victimas os seus ouvidos. Terminou a leitura; o poeta estava radiante de felicidade.

— Outra vez, se não estaes cançado, prerompeu o medico no meio de um enthusiasmo fingido.

O poeta não se fez rogar, parecia-lhe um sonho encontrar uma alma tão identificada com a sua. A segunda declamação foi pois muito mais animada, chegou mais a sua cadeira da do doutor para que este não perdesse uma só syllaba, e para dar mais força á consonancia da rima, começou a bater a pausa do verso no joelho do esculapio. Os applausos do doutor redobraram ao findar a segunda leitura, declarando que se não fartava de ouvir um primor, como este, da arte divina, e que agora não desejava, supplicava que lh'o lêsse terceira vez. O poeta não cabia em si de gaudio, pôz-se de pé, saltou pela casa, abraçou o doutor,

declarando que já não sentia nada, e deu principio á terceira declamação, agora sussurrante, estrepitosa, vehemente; havia-se aproximado ainda mais do doutor, arregalava-lhe grandes olhos e fincava-lhe uma formidavel palmada nas costas para acentuar a pausa da cezura! Quando acabou ambos suavam em bica!

— *Basta!* diz o Doutor, vossê está curado, agora sou eu que adoeci, empansinado das costas e empansinado dos ouvidos!

Noticias Diversas.

Estado das principaes marinhas militares em janeiro de 1852. — Lê-se na *Illustration:* N'um excellente escripto do sr. conde Bouët-Willaumez, capitão de mar e guerra, achámos o documento que abaixo transcrevemos, recommendando ao mesmo tempo aos leitores especiaes, a broxura de que foi extrahido, e que tem por titulo · *La flotte francaise em* 1852.

Nações.	Náus No mar	Náus No estal.	Frag. No mar	Frag. No estal.	Navios movidos a vapôr.
Inglaterra	70	13	63	8	150
França	25	21	38	18	108
Russia (*)	43	»	48	»	24
Estados Unidos	11	»	15	»	10
Suecia	10	»	8	»	2
Hollanda	7	»	17	»	26
Dinamarca	7	»	8	»	»
Hespanha	3	»	6	»	14
Sardenha	1	»	8	»	3

Eis como se compunha a esquadra armada em França e na Inglatarra, no 1.° de janeiro de 1852.

Em França duas náus de tres pontes, na Inglaterra sete; em França quatro náus de dois pontes; na Inglaterra treze; em França uma náu mixta de duas pontes; em Inglaterra tres. Total sete náus francezas, vintre e tres inglezas, isto é um numero mais que triplice. As fragatas armadas de cincoenta a sessenta peças, eram em França em numero de quatro; na Inglaterra de seis, O numero de pequenas fragatas ou corvetas de primeira ordem armadas, era de nove em França, e onze em Inglaterra. A França tinha além disto uma fragata mixta armada, em quanto a Inglaterra tinha quatro. Eis quanto diz respeito á marinha de véla. Passemos agora á de vapôr. A França contava oito fragatas movidas por vapôr *armadas* (sendo metade paquetes chamados *transatlanticos*); a Inglaterra tinha dez. Em França, trinta e sete corvetas ou avisos a vapôr tinham o seu armamento completo; na Inglaterra quarenta e sete, estavam nas mesmas, ou ainda em melhores circumstancias.

A situação relativa das forças em navios a vapôr armados ou promptos para o serem nas duas costas da Mancha, em janeiro de 1852, é representada pelas seguintes cifras: nos portos de Inglaterra achavam-se treze fragatas e corvetas de rodas, de seis a doze peças, e da força de trezentos a trezentos e cincoenta cavallos; nos portos do Oceano ou da Mancha, sobre as costas de França, havia oito. A Inglaterra tinha além disto nos seus portos da Mancha quatro grandes fragatas de rodas, que montam para cima de doze peças, e ás quaes a França não poderia oppôr senão quatro paquetes transatlanticos mediocremente armados.

Finalmente, nos portos inglezes achavam-se quatro náus de parafuso em armamento, ou promptas a armar-se, cinco fragatas de parafuso de trinta a cincoenta peças, e mais seis corvetas de parafuso de oito a dez peças. Em França, havia só tres náus de parafuso, as quaes estavam no mediterraneo, e, nos portos do Oceano, unicamente uma fragata e duas corvetas de parafuso.

(*) Não foi porsivel obter dados certos relativamente aos navios que se acham nos estaleiros, e á frota a vapôr de algumas marinhas estrangeiras.

Theatro de S. João. — Parece que Angelo Alba continuará a ser emprezario do theatro lyrico do Porto, em consequencia de não ter apparecido quem lhe disputasse o posto.

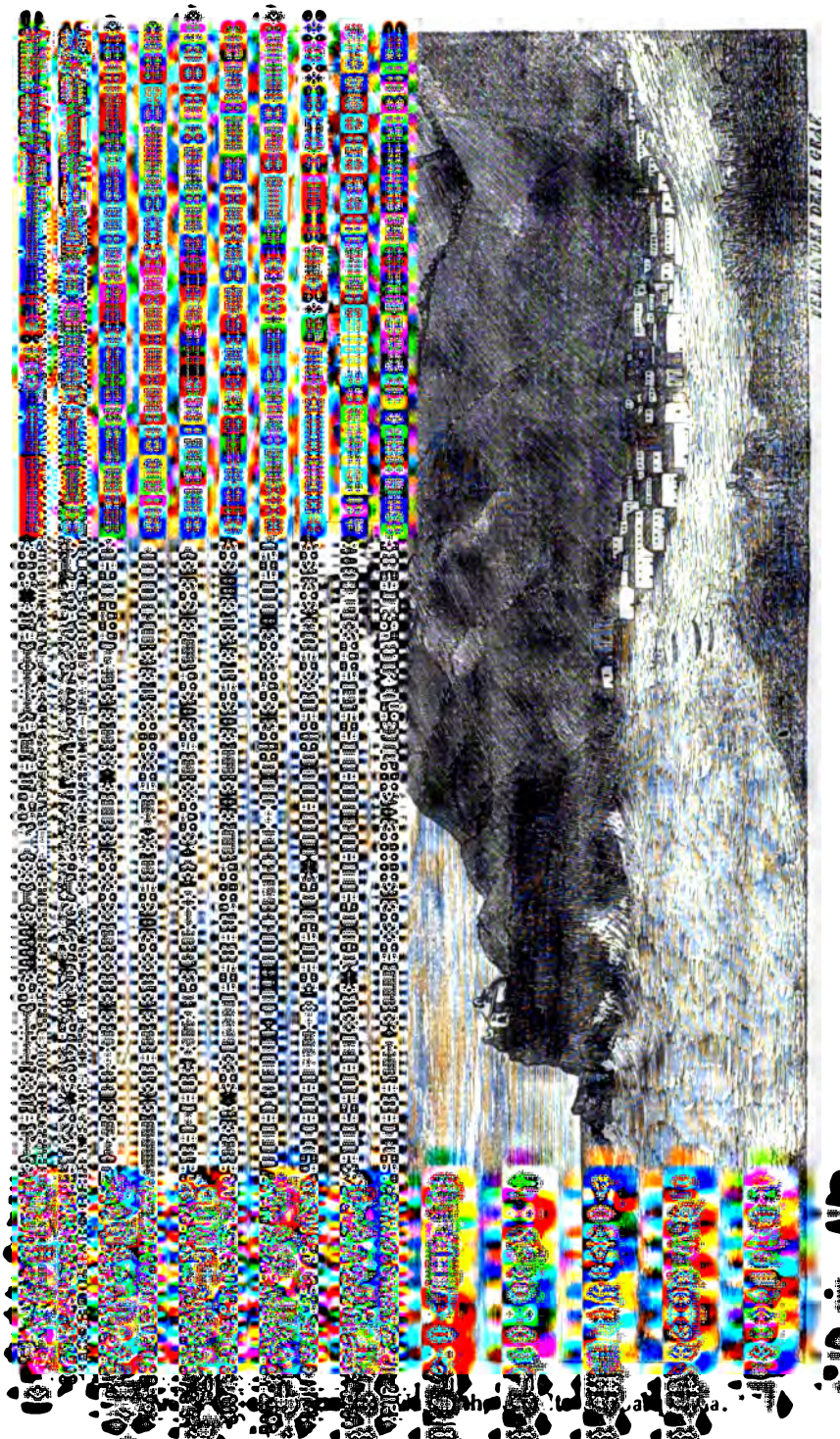
Os jornaes italianos dão já escripturados para o dito theatro a *prima-dona* Giordano, e o baritono Carlos Bartolucci, que actualmente se acha no theatro de *Santa Radegonda* de Milão. — No jornal do Porto — O *Braz Tizana* — se anuuncía tambem a escriptura do primeiro tenor Luiz Cereza, e do baixo profundo Segri, que fiseram parte da companhia que ha pouco terminou as suas funcções.

Caminhos de ferro. — No dia 10 abriram-se as propostas para a adjudicação da empreza do caminho de ferro de Lisboa a Badajoz. O Governo deu a preferencia á proposta feita por uma companhia ingleza, a qual deve dar principio aos trabalhos no proximo setembro, e se compremette (segundo se diz) a promptificar a obra em pouco mais de dois annos.

Já não é cêdo para que se nos proporcione uma vantagem de que outras nações ha tanto tempo gosam; porém mais val tarde que nunca.

Rio de Janeiro. — Por noticias vindas do Brasil no paquete chegado no dia 8, consta-nos que foi á scena a *Semiramis*, em 13 do passado, no theatro italiano do Rio de Janeiro, e que m.me Stoltz ainda agradou e foi mais applaudida na parte de *Arsace*, do que tinha agradado no papel de *Leonora* da Favorita.

Um grande numero de senhoras, das mais distinctas da capital do Imperio, se tinha quotisado e mandado fazer (segundo diz o nosso correspondente) uma bellissima corôa de ouro e brilhantes para offerecer a m.me Stoltz na noite do seu beneficio.


FERNANDEZ DEL Y GRAF.

[illegible]

Te cœlum, te terra colit, te pontus adorat,
Te celebrant tardi que senes, juvenes que decori.
Cardeal Bona, Metro XXVI.

Veneram-te os céus e a terra,
Dos mares a immensidade,
Os tardos, cançados velhos,
E a decora mocidade.

Que magestoso painel!...
Quanto és linda, o Nazareth!...
Tua vista graciosa
Retempera, alenta a fé,
Simpatica, viva acção
Exerce no coração.

Folga romeiro, estás pago
Das fadigas da jornada:
Eis da Virgem veneranda
A romantica morada:
Ao passado corre um véu,
Estás ás portas do céu.

Que variedade de scenas,
Todas d'encanto, e prazer!...
Ou mais olhos, ou mais tempo
Precisava agora ter:
Resumiu toda a belleza
N'um só quadro a natureza.

Lá se agita o vasto mar,
Sombra do poder de Deus,
E vae render homenagens
A Soberana dos céus:
Lá dobra o cóllo encrespado,
Lá se recurva humilhado.

Com sua agreste linguagem,
E rouca voz de trovão,
Como genio sem cultura,
Sussurra a sua canção;
Canção sem arte e preceito,
Mas sublime no conceito.

Cada vaga junto ao monte,
Pedestal do templo, espira,
Desfeita em flocos de neve,
Respeitosa se retira,
Acatando em seus altares
A clara Estrella dos mares.

Sobre as praias arenosas,
Lá impendem debruçados,
Meio suspensos nos ares,
Rochedos alcantilados,
Sobre um dos quaes, já perdido,
Foi Roupinho soccorrido.

Como das gentes que sobem,
E descem pelas arêas,
As multiplicadas trilhas,
Sem intervallo, vão cheias!...
Uns sobem, outros retiram,
Uns vão vêr, outros já viram.

Do Patriarcha Jacob
Imagino vêr a escada,
D'Anjos do céu, que subiam,
E desciam, povoada,
Em cujo tope elevado
Estava Deus collocado.

Lá se agrupam os romeiros
Sobre a crista da montanha,
Contemplando o vasto pêgo,
Que a raiz dos serros banha,
E o dilatado horisonte,
Que se descobre do monte.

Lá se levantam as nuvens,
Sobre rasteiros telhados,
Da casa da Mãe de Deus
Os zimborios torreados,
E o santo emblema da fé
No cimo delles se vê.

Quanto enléa o coração
O som dos bronzes saudosos,
Percebido entre os estalos
Dos fogos estripitosos,
Que muitas vezes aos ares
Sobem da terra a milhares!...

Que magestoso painel!...
Quanto és linda, o Nazareth!...
Tua vista graciosa
Retempera, alenta a fé,
Simpatica, viva acção
Exerce no coração.

E que memorias d'outr'ora
Me trazes ao pensamento,
De que foram testemunha
Esse movel elemento,
Essas broncas penedias
No volver d'antigos dias!...

Larga materia apresentas
Ao historico escriptor,
Ao cultor das bellas artes,
Ao genio do trovador,
Entretens o sabio, o artista,
O poeta, o romancista.

És um padrão carregado
De legendas d'outra edade,
Envoltas no pó do tempo,
Nas sombras da antiguidade:
Umas de fé, e de gloria,
Outras d'ingrata memoria.

Offereces-me á lembrança
Funesto caso de amor,
Seguido d'atroz vingança,
Urdida em peito traidor;
Caso de amor desgraçado
Em tuas cryptas chorado.

Recordas do sceptro Godo
A triste, funesta sorte,
De Rodrigo a penitencia,
De Romano a santa morte,
E a mercê que a Virgem fez
Ao guerreiro portuguez.

Maravilha portentosa,
Cára aos lusos corações,
Celebrada em nossa terra,
Divulgada entre as nações,
Que onde chega a luz da fé,
Chega a lusa Nazareth!...

Salve, salve, Virgem santa,
Terna Mãe dos portuguezes,
Nos trabalhos invocada
Por elles milhões de vezes,
E sempre attenta aos gemidos
De todos os desvalidos.

Formosa Estrella do mar,
Estrella viva, e radiante.
De cima dessa atalaia
Acodes ao navegante,
Que teu nome gracioso
Invoca do pêgo undoso.

Celeste, divina Alcião,
Emigrada lá do oriente,
Vieste fazer teu ninho
Nas praias da lusa gente,
Que, d'ha seculos, sincera,
Nesse alcaçar te venera.

Fortaleza de David,
De mil escudos cercada,
És castello inexpugnavel
Nessa rocha alcantilada,
De maior elevação,
Que a montanha de Sião.

Tudo acaba, tudo o tempo,
Trifauce horrivel, devora,
A tudo esmaga debaixo
Da planta devastadora:
Mas quando tudo fenece,
O teu culto reverdece.

Salve, salve, Virgem santa,
Formosa Estrella do mar,
Que de remota distancia,
Venho vêr, venho adorar;
Abençôa o peregrino,
Ouve propicia o seu hymno.

F. R. S. Malhão.

Terramoto de Lisboa.

O terror, a dor, e os queixumes, que de todas as partes soavam, excedem qualquer descripção. A gente corria pelas ruas, e estendia os braços para o céu, implorando misericordia. Muitos procuravam alguma das praças abertas, ou as estradas reaes, e corriam, alguns meios nus, por cima das ruinas. Velhos, mulheres, crianças, doentes, que estavam ainda em suas camas, foram suffocados, sem se lhes poder prestar soccorro, ou foram esmagados, cobertos de ruinas, e assim condemnados á mais dolorosa e horrivel morte, morte de fome. Não era possivel conter os cavallos, os bois, e o de mais gado; rompiam as prisões, e em vão procuravam fugir com seus cavalleiros á destruição, que parecia inevitavel. Ranchos inteiros de gente, que íam fugindo, eram alcançados pela saraiva de tijolos e de pedras de cantaria, ou esmagados pela quéda dos edificios abalados. Um rancho corria para o Terreiro do Paço, praça contigua ao palacio real, para daqui ir depressa para os navios, mas estes recuaram velozmente porque o téjo se elevou derepente á prodigiosa altura de vinte a trinta pés. Pertence aos horrorosos acontecimentos deste dia, ter este rio engrossado assim com a velocidade do raio, e ter-se com egual velocidade retirado, Navios, que tinham estado com agua de seis braças de altura, ficaram a sêcco. Este fluxo e refluxo, horroroso, acima de toda a expressão. teve logar quatro vezes neste dia. Alguns botes foram logo tragados; este diluvio arrastou do estaleiro real toda a madeira de construcção, com mastros, toneis, e todas as immensas provisões de navios Na barra anteriormente mencionada, á entrada do porto, via-se o mar quebrar, fazendo-se branco, como no temporal; aspecto, que até amedrontava o mais rude marinheiro. O castello esteve mui arriscado com a elevação do rio, e fez fogo em signal de perigo.

Monstruosas columnas de poeira se elevavam das ruas, cujos edificios desabavam. A tradicção diz, que o sol se escureceu por isso alguns momentos, e que o tempo se fez tão negro, como n'uma noite escura; novo terror no meio de tantas scenas medonhas. Ella adverte além disso, o que facilmente se póde conjecturar aqui, que por toda a parte soavam continuamente pungentes gritos, e que todos sentiram a dôr da morte, cujas numerosas figuras viam diante de si. As scenas de destruição, que rodiavam os infelizes habitantes, seguiu-se uma pausa terrivel. As nuvens de poeira dissiparam-se, os que se haviam salvado, davam-se os parabens, lamentando alguns a perda de seus parentes: filhos, esposos, amigos, torciam as mãos; paes ajoelhavam ao pé de seus filhos mortos. Muitos, que tinham escapado á destruição, como por milagre, saíam de rojo d'entre as ruinas, e se achavam no meio dos vivos. Alguns estavam n'uma altura medonha ao pé das vigas das casas arruinadas, e imploravam soccorro. Grande numero de desgraçados, estropiados, cobertos de sangue e moribundos, enchia o ar de ais, de dolorosos gritos, e de deprecações.

Depois de poucos minutos se seguiu segundo abalo. As poucas casas, que ainda estavam em

pé, se agitavam horrorosamente, como o mastro de um navio n'uma tempestade. Aquelles, que folgavam de se terem salvado, agora outra vez gritavam para o céu por misericordia, e tratavam de vir, com a possivel brevidade, para cima das ruinas. Chegando ás egrejas, achavam novo motivo de agradecer a Deus sua mysteriosa salvação, ao vêrem com horror, que a multidão de povo, que se tinha refugiado aqui, achára, quasi toda, a sepultura debaixo das torres caídas, dos tectos, e das pedras de cantaria destes grandes edificios.

Não passou muito tempo sem se sentir terceiro abalo violento. Os que fugiam não podiam suster-se nas pernas; tinham de deitar-se ou ajoelhar. O susto, a confusão, os gritos, a imploração de soccorro e salvação, augmentavam ainda o horror desta scena e a grandeza do mal.

A tragedia estava ainda longe do seu desfecho, porque tambem o fogo havia de augmentar a destruição e a revolução da natureza. Algumas horas depois estavam já todas as passagens impedidas pelo fogo, que se ateou em muitas partes, distantes umas das outras, da cidade em ruinas, e á bôca da noite todas estas estavam em chammas. Como ninguem havia para apagal-as, o furor do fogo se estendeu em quanto achou combustivel, acabou de anniquilar, e reduziu o resto dos habitantes a verdadeiros mendigos, porque o terror se apoderou de todos a tal ponto, que ninguem tratava de salvar cousa nenhuma. O vento soprava com muita força, e levava o fogo de uma para outra parte. Oito dias lavrou furiosamente o fogo, e foi nos bairros principaes e mais estreitos da cidade. A gente viu-se obrigada a fugir, meia nua, para os campos visinhos. Fazendas, moveis, vestidos, tudo ardeu; a sorte tinha egualado a todos. Cortezãos, povo, freiras, frades, todos tiveram de se accommodar sem distincção no campo descoberto, para soffrer a inclemencia do tempo, e supportavam não só o frio, mas tambem a fome.

Desta maneira uma grande cidade florescente foi em poucas horas transformada n'um monte de entulho. Numerosas familias ricas e abastadas caíram em pobreza e miseria, os filhos ficaram privados de seus paes, os paes de seus filhos, as mais bellas relações quebradas, as mais doces esperanças anniquiladas, as mais intimas alegrias convertidas em dôr e pesar.

Ao principio pensava-se que o fogo vinha da terra; mas depois de mais exacta averiguação, verificou-se que não. Provinha, parte, do lume das casas, parte, das grandes vellas accesas das egrejas, parte, tinha talvez sido deitado por incendiarios. Dezeseis dias depois de ter o fogo começado, estava o entulho ainda tão quente, que queimava os cestos em que o acarretavam. A familia real teve de passar a noite ao relento no campo em carruagens. O embaixador hespanhol morreu quando sua casa caiu, ao ir saindo da porta. Aquelles, que tinham seu dinheiro de contado em burras, receberam-n'o outra vez sem prejuizo; o resto do dinheiro salvo estava todo preto, e nos pagamentos que se fizeram immediatamente depois do terremoto, costumava-se determinar se se haviam de fazer em dinheiro branco ou preto. A completa destruição da cidade pelo fogo foi attribuida sómente á grande estreitesa das ruas. As noticias contemporaneas não acham palavras sufficientes para pintar o aspecto horroroso das ruinas depois do fogo. Olhando-se de cima, viam-se medonhas pyramides de series de casas consumidas pelo fogo, que se inclinavam, ora para aqui, ora para acolá. Em muitos logares ficava-se horrorisado á vista dos cadaveres, que muitas vezes estavam postos por camadas de seis e sete, umas sobre outras, e que estavam, metade enterrados no entulho, metade queimados.

De todos os edificios publicos, só ficou depois do terremoto, a casa da moeda e o thesouro. Os abalos continuaram algum tempo com frequencia, ainda que proporcionalmente eram de nenhuma significação. Uma chuva continuada perseguiu os desgraçados, mesmo nos altos, onde se haviam refugiado contra o furor do terremoto, das chammas e das aguas. A humidade, o frio, as doenças, a fome, apesar de todo o cuidado empregado, mataram aqui grande numero de individuos, que ainda até alli tinham salvado uma vida miseravel contra a furia do terremoto. O numero dos mortos subiu a trinta ou quarenta mil; a perda em predios foi immensa, e calculou-se em mais de quinhentos e setenta milhões de escudos. Como o roubo entrasse a exercitar-se nos bens dos que tinham sobrevivido, alguns regimentos foram mandados para a cidade, para restabelecer a segurança, e n'um só dia trinta e seis salteadores foram enforcados. Tres mil homens, pouco mais ou menos, trabalharam diariamente no desentulho, e a arruinada Lisboa pouco a pouco se foi levantando mais pomposamente do que fôra

Kirschfeld. — Traducção do allemão por

João Felix Pereira.

Signaes para reconhecer a gravidez das principaes femeas domesticas.

Conclusão.

Signaes sensiveis. — São dados especialmente pela tacteação.

Tacteação. — Exerce-se: 1.° sobre as paredes abdominaes; 2.° dentro do recto; 3.° no interior da vagina.

1.° *Tacteação abdominal.* — Na egua, jumenta e vacca só do sexto mez em diante é que os movimentos do feto podem ser reconhecidos pela mão applicada sobre os lados do ventre. Ou a femea esteja de pé ou deitada, é sempre na parte inferior do ilhal direito que melhor se sentem

os saltos da nova cria. Para os apreciar, colloca-se uma das mãos sobre o dorso, e carrega-se com a outra naquella região; se a pressão é bastante forte, o feto comprimido executa de ordinario movimentos que se tornam bem sensiveis. Estes ainda se percebem mais facilmente, quando a exploração se pratica durante que a femea come ou bebe, ou immediatamente depois.

Do setimo ao oitavo mez, diz Bourgelat, basta só ter olhos para distinguir as agitações fetaes, e obter um signal certo da gravidez; a mão é, apesar de tudo, muito mais segura. «Fazei trotar por alguns minutos a egua, levae-a em continente para a cavallariça, apresentae-lhe de comer, e vós sentireis e reconhecereis o feto se ella estiver prenhe.» (Exterior do cavallo. p. 467.)

A introducção dos alimentos no estomago, fazendo augmentar o volume desta viscera, obriga-a, ella que no estado de vacuidade occupa a linha media do corpo, a apertar ou a impellir o claustro materno e o feto encarcerado no seu interior para o flanco direito; daqui os movimentos que se notam nesta parte do tronco.

As bebidas frias ingeridas no orgão estomacal em grande quantidade obram da mesma maneira, mas sobre tudo pela sua frescura, que contraria e causa ao feto uma sensação dolorosa, a que elle procura instinctivamente fugir, deslocando-se. A mesma applicação da mão, quando tem havido previamente o cuidado de a refrigerar, mergulhando-a em agua bem fresca, a de um corpo muito frio sobre as paredes ventraes, produzem o mesmo effeito que a introducção dos alimentos e das bebidas.

Sempre que a gravidação esteja muito adiantada, póde prescindir-se do uso destes meios para provocar os sobresaltos do filho nas grandes femeas e nos carnivoros; por isso que então a simples vista é bastante para fazer enxergar as saliencias, que apresenta o ventre da mãe em um ou muitos pontos, sua desapparição, e deslocações preguiçosas ou apressadas. Estas saliencias são produzidas pelos movimentos do feto, cujos membros vem apoiar-se contra differentes partes da região abdominal. Emfim, nesta época avançada da prenhez, os indicios racionaes, que podem ser ambiguos nos primeiros tempos, têem adquirido um tal gráu de certeza, que já não é possivel a duvida, nem o erro.

2.° *Tacteação rectal.* — Este methodo de exploração, o unico que faz distinguir a gestação de tres mezes, e que por isso mesmo se prefere a todos, e é reputado o mais fiel, certeiro e decisivo, não póde applicar-se senão á egua, jumenta e vacca, e deve exercer-se com precaução, e em casos de urgencia unicamente, para não ser fatal ao sêr procreado, maxime nas femeas irritaveis e excessivamente nervosas. Consiste em introduzir a mão, e successivamente o braço no ultimo intestino, tendo-o antes limpado das fezes que contenha, e em abaixar-lhe com toda a cautela o plano inferior, afim de que se ponha em contacto mediato com o feto. Por uma pressão graduada e continua a mão chega a deprimir este plano de uma maneira sufficiente para se assegurar com a possivel exactidão do actual estado do utero.

É util, e mesmo indispensavel, que a pessoa que houver de se servir deste meio explorador, córte e desfaça as asperezas das unhas da mão empregada no *toque* rectal, e unte o braço com uma substancia gordurosa, para evitar a dôr e não ferir o intestino.

Se a femea fôr corpulenta e tiver o ventre muito baixo, é preciso levantar a parede inferior do abdomen, afim de aproximar a madre da columna vertebral e do intestino recto; tambem é necessario empuxar para a bacia o orgão uterino, no caso que o ventre esteja muito descaído. Dois individuos postos um de cada lado do abdomen, e dando-se as mãos por debaixo deste, que elles devem erguer e dirigir para traz, effectuam promptamente aquelle acto preliminar. Podem substituir-se as mãos por uma bandagem, uma cilha, uma manta dobrada, etc., que cingindo o ventre, será suspendida superiormente e de cada lado por um homem.

Por meio do toque rectal a mão consegue apreciar da maneira a mais completa, as saliencias ou nodosidades, que acima dissemos, serem formadas pelos membros do feto. É verdade que estas saliencias podem algumas vezes confundir-se com as massas duras constituidas por as fezes, que estão depositadas no tubo intestinal; mas esta confusão deixa de existir, uma vez que a pessoa encarregada da exploração saiba, que aquellas saliencias apparecem e desapparecem com uma notavel rapidez, em consequencia dos movimentos precipitados do novo sêr; em quanto que as fezes só vagarosamente se movem, e já mais se subtráem á palpação, que póde attingil-as.

3.° *Tacteação vaginal.* — Este meio explorador a que se soccorre sempre com muita vantagem o medico, não proporciona ao veterinario se não noções falsas e obscuras, que longe de o esclarecerem, o perturbam e enredam.

A causa desta desigualdade nos resultados de uma observação identica, provém de circumstancias organicas, que só as póde bem avaliar, quem conhece principalmente a anatomia dos orgãos geradores, tanto no seu estado de apparente inercia, como no de activa procreação.

Deve-se portanto, dispensar o duvidoso e insignificante auxilio, que ao diagnostico da gestação das primeiras femeas domesticas possa prestar o toque vaginal, mesmo porque a efficacia dos outros caracteres sensiveis o suppre perfeitamente.

Agora para que não falte a esta noticia o esclarecimento que mais segura, prompta e facil torna a sua applicação no commercio dos animaes, aconselhâmos o leitor a que lêa um pequeno artigo, que foi publicado no 4.° volume da *Revista*, pag. 234, onde vem indicada a du-

ração da gravidez e a edade da puberdade nas differentes especies domesticas.

J. M. Teixeira.

Uma nobre vingança.

SCENAS DA VIDA MILITAR.

V.

Surpreza.

— Será possivel! exclamou Miguel, é o senhor Delaville?!

— Eu mesmo, respondeu este com agrado; já vos esperava.

O commandante da guarda consular havia sido, segundo as suas previsões, nomeado coronel do 7.° de infanteria.

— Meu coronel, disse Miguel, commovido, se ainda duvidasse da minha vocação, a vossa presença no regimento em que vou ter a honra de servir a republica, dissiparia toda a incerteza do meu espirito; agora já me não é permittido receiar do meu futuro: meu coronel, espero respeitosamente as vossas ordens. Estou convencido que vos dignareis fazer pelo pobre rapaz de Frascati, o que vosso predecessor faria, em virtude da vossa recommendação.

— Estae descançado. Mas primeiro que tudo devo informar-vos do que se passou em Paris depois da vossa partida. Assentae-vos e escutae, ou melhor, lêde isto.

E Delaville abriu uma gaveta da sua secretária, e tirou uma carta, que entregou a Miguel.

Ao pôr-lhe os olhos em cima, o mancebo exclamou, arrebatado de alegria:

— É de minha mãe! oh! obrigado, meu coronel, obrigado!

E lagrimas de reconhecimento affogaram seus olhos; mas como o respeito o fizesse hesitar em abrir immediatamente a carta, Delaville, que comprehendeu este escrupulo, apressou-se em repetir a ordem, e Miguel lêu então o que se segue:

« Paris 30 de abril de 1801.

Se alguma cousa, meu querido filho, podia consolar-me da tua ausencia é saber que vaes servir debaixo das ordens do honrado official, que tantas provas de sympathia te deu já; mas não é só esta a unica fortuna; aprouve ao céu, apiedando-se da tua pobre mãe, socegal-a sobre a tua sorte, e melhorar ao mesmo tempo a sua. Tu não atinas com o que ha acontecido; é uma verdadeira aventura que te vou contar.

Imagina que dois dias depois da tua partida, o senhor Delaville, que eu não tinha a honra de conhecer, veiu á nossa modesta casa, dando o braço a uma senhora um pouco mais idosa do que eu: era sua mãe.

— Minha senhora, me disse elle com o modo o mais affavel, vosso filho fallou-me a vosso respeito em termos taes, que não poude resistir ao desejo de vos conhecer antes de partir para Tolosa, a tomar o commando do mesmo regimento em que elle assentou praça. Minha mãe, a senhora Delaville, sente por vós o mesmo interesse, e deseja suavisar-vos a saudade daquelle que muito devois ter chorado.

— Pois será o senhor! lhe disse eu, o commandante da guarda dos consules a quem meu filho se confessa tão penhorado?!

— O mesmo, minha senhora, e dou-vos a minha palavra que o hei de tomar debaixo da minha protecção.

E pronunciou estas palavras com uma inflexão de voz tão sincera, que sem saber porque, comecei a chorar.

— Minha senhora, balbuciei eu voltando-me para a senhora Delaville, sois mãe, deveis comprehender e desculpar a minha fraqueza...

— Minha senhora, respondeu-me ella, meu filho começou como o vosso, foi a sua bravura que o elevou ao posto que hoje tem. O general Bonaparte, na batalha de Marengo, glorificou meu filho com o epitheto de *columna de granito!*

— Não é tanto assim, atalhou sorrindo o senhor Delaville; não desfigureis a historia; foi a toda a guarda consular em geral, que o general Bonaparte deu esta qualificação; eu por mim fórmo uma bem insignificante parcella desse glorioso granito.

Entretanto que assim discorriam, a senhora Delaville não despregava os olhos de mim, examinando-me cada vez com maior attenção.

— Quer-me parecer que não é esta a primeira vez que nos vêmos! Não vos lembraes?

— Tambem já fiz o mesmo reparo; mas foi certamente ha muito tempo, porque não me occorre nem a occasião, nem o logar, respondi eu.

— Não estivestes no convento das Ursulinas de Versailles?

— Sim, minha senhora.

— Sois Henriqueta Dulac?

— E vós, Athenais de Mirecourt! exclamei eu recordando-me subitamente daquellas feições angelicas, que o tempo apenas tinha alterado. Estas perguntas e respostas foram rapidamente trocadas, e por um sentimento irresistivel lançámo-nos nos braços uma da outra.

— Tua mãe, meu caro filho, reconhecia em Athenais de Mirecourt, aquella amiga do convento, de que, apesar de muito menino, deves estar lembrado, eu fallava tantas vezes a teu infeliz pae!

— Não te posso exprimir os transportes da nossa alegria! O senhor Delaville, testemunha das nossas effusões, estava enternecido.

— Minha mãe, disse elle por fim, parece-me que adivinho as vossas intenções: este não é o logar da senhora Albert.

— É verdade, meu amigo, respondeu ella, lêstes no meu coração. Sim, minha querida Henri-

queta, continuou ella, d'ora em diante não mais nos separaremos.

Que mais te direi? O senhor Delaville e sua mãe levaram-me quasi á força para uma hospedaria, onde esta ultima residia, entretanto que se mobilava a sua casa. Actualmente estou vivendo com a minha antiga amiga, mas eu quiz conservar a nossa mobiliasinha, e a primeira condição da nossa associação foi, que eu havia de continuar com os meus trabalhos de tapeçaria, porque não me quero fazer pesada a ninguem.

O senhor Delaville, agora teu coronel, parte ámanhã para o seu regimento. Elle mesmo se offereceu para te levar esta carta. Tem pois coragem, meu filho, sou eu agora que t'a quero inspirar. Nunca duvidei da Providencia, mas agora mais que nunca, porque vejo o dedo de Deus em tudo o que nos succede a mim e a ti. Adeus, meu rico filho; abraço-te com toda a força da minha alma. Tua mãe

Albert Dulac.

P. S. — Esquecia-me dizer-te que no mesmo dia da tua partida de Paris veiu procurar-te um homem. Pelo que lhe ouvi, julguei ser pessoa enviada pelo proprietario do botequim para te resolver a voltar para o estabelecimento. Disse-lhe que estavas ausente, e elle pareceu ficar contrariado. Não tornou mais. Talvez o conheças: é um homem alto, bem apessoado, vestido simplesmente; pelas suas maneiras e por uns grandes bigodes que tinha, nada engracei com elle. Adeus. »

Só um bom filho, como era Miguel, podera comprehender o regosijo que esta carta devia causar-lhe. Mais de uma vez as lagrimas lhe fizeram interromper a leitura. Quanto ao *post-scriptum*, nenhuma importancia lhe mereceu, porque o dono do Frascati tinha um irmão, que servia no trem das bagagens do exercito, e que se parecia bastante com o retrato, que sua mãe fazia daquelle desconhecido.

— Como vêdes, disse então Delaville, estaes em terra de amigos; portai-vos bem, e sereis em breve feito official inferior.

— Ah! meu coronel, quanto vos sou devedor por minha mãe e por mim! O meu reconhecimento...

— Não fallemos nisso, interrompeu Delaville; quando chegasteis a Tolosa?

— Hontem, meu coronel.

E Miguel contou a Delaville a sua entrevista com o sargento Limousineau, passando em silencio, tudo o que podia prejudicar o velho militar.

— Vamos a saber: quereis que vos nomeie para a secretaria? O regimento tem falta de gente que saiba bem escrever. A vossa instrucção de recruta não padecêra com isso; dar-vos-hei um sargento intelligente para vos ensinar o exercicio nas horas vagas, e sem grande incommodo chegareis á escóla de batalhão; deste modo cumpro a obrigação que contrahi com vossa mãe de vos tratar como... um filho.

— Meu coronel, as vossas bondades cada vez me confundem mais; mas eu coraria de vergonha se d'aqui a tempos puzesse as divisas ganhadas á quentura de um fogão, em quanto os meus camaradas tiritam de frio dentro de uma guarita! Não, meu coronel, perdoae-me se recuso os vossos offerecimentos, sem duvida apreciareis o melindre das minhas intenções.

Delaville era uma dessas naturezas generosas, que sabem avaliar todas as delicadezas.

— Muito bem, disse elle a Miguel; não só vos não levo a mal, senão que louvo esses vossos sentimentos, que vos fazem muita honra. Pois sim; será como desejaes. Hoje quero que janteis comigo, á noite entrareis no regimento; por hoje pão alvo e distracções; ámanhã pão de munição, exercicio e mais serviço de rigor. Assim é que um homem se faz gente. Mas por em quanto estaes livre, Miguel, íde percorrer a cidade e estae aqui ás seis horas em ponto, hora militar, accrescentou elle sorrindo.

O joven soldado, jantou com o seu coronel, depois á hora do recolher, fez a sua entrada definitiva no quartel, acompanhado do porta-machado Loupia, que não se esqueceu de segredar ao sargento Limousineau a honra insigne que o recruta tinha recebido em comer á mesa do coronel.

Por isso ao entrar nos corredores do quartel, Miguel viu encaminhar-se para elle o sargento que o cortejou com um semblante muito mais risonho, dizendo-lhe:

— Com que então, senhor parisiense, estaes, militarmente fallando, entre nós outros?

— É verdade, meu sargento.

— E a que companhia pertenceis?

— Á vossa.

Esta resposta fez desconcertar o sargento.

— Venha mais esta! disse elle comsigo. Isto nunca se viu; mas é afilhado do coronel! Quanto não vale ser parisiense! Depois em voz alta: com effeito! Sabeis vós que é o maior favoraço que vos podia fazer o coronel!

— Qual, o jantar com elle? perguntou Miguel com um ar ladino.

— Não, senhor preferido, mas de vos introduzir surrateiramente na companhia dos atiradores. Ámanhã depois da alvorada julgaremos das vossas capacidades intellectuaes.

— Está tratado, respondeu Miguel. Mas antes disso, meus senhores, continuou elle voltando-se para alguns officiaes inferiores que o rodeavam curiosamente, o nosso coronel, de quem tenho a honra de ser um pouco conhecido...

— Tirae lá o pouco! interrompeu um joven furriel em tom chocarreiro.

— Concedeu-me vos pague esta noite a minha patente, dando-vos a todos licença até ás dez horas. Em consequencia do que, meu sargento e mais senhores presentes, peço-vos que me indiqueis a melhor casa que ahi houver, e

que vos digneis acceitar um cópo de ponche á saude do nosso coronel e da republica. É escusado dizer que o offerecimento foi immediatamente acceito; e que nesta pequena reunião, a que Miguel presidiu. Limosineau e o furriel se distinguiram pela excentricidade de seus conceitos philosophicos ácêrca da carreira das armas. As libações succederam-se; e estas palavras magicas, pronunciadas ao ouvido dos convivas: — «é o afilhado do coronel que paga;» — não contribuiram pouco a desafiar a alegria e os ditos jocosos da companhia.

Ás dez horas todos se separaram, e cada um entrou para o seu quarto. Limousineau conduziu Miguel para junto de uma tarimba em que ressonava com acompanhamento de assobio um velho soldado.

— Eis-aqui a vossa ottomana, lhe disse elle com um modo grave. O camarada que ahi vêdes estendido, chilrando o seu romance favorito, como uma casta donzella, é um velho rijo como ferro; onde o vêdes já entrou em onze campanhas; e está proposto para cabo de esquadra para o anno que vem; está adiantado, heim?

— Desejo-vos boa noite e melhor fortuna que a delle.

E dizendo isto, Limousineau foi para o seu posto da guarda. Miguel deitou-se ao lado do cabo de esquadra em espectativa, que continuou a assobiar ainda mais forte a sua canção. Limousineau sonhou que o primeiro consul o nomeava capitão no campo de batalha; Miguel, que tinha chegado ao posto de coronel, e que matava com uma estocada o coronel Rigaud; ambos deviam no outro dia acordar satisfeitos.

(Continúa.)

Uma errata.

Um certo typographo da Allemanha, compunha uma nova edição da Biblia. Quando chegou aquella sentença proferida contra Eva no Genesis, cap. 3.°, vers. 16.°, em que Deus declara, que o marido será o senhor da mulher, o typographo que era casado e que andava sempre em guerra aberta com sua espôsa, ácêrca de primazias e direitos no governo domestico, foi a correr ao quarto della, e trouxe-a á officina para que se visse em tão bello espelho, e aprendesse a viver dalli em diante mais docil e submissa. A mulher mordeu comsigo a sua derrota, e muito mais se enfureceu, quando o marido apontando para o versiculo já composto lhe disse:

— Bem vês que os direitos do homem são tão antigos como o mundo, e em quanto isto aqui estiver escripto, quem governa a casa sou eu, porque eu sou o senhor.

A mulher tomou ao pé da letra o commentario do marido, e pela noite adiante, quando elle dormia veiu pé ante pé á officina, e mudou a palavra allemã — *herr* que significa senhor, na de *narr* que quer dizer, *maluco, doido;* ficando a sentença — *elle será o teu senhor*, trocada em: — *elle será o teu maluco.* — O typographo no outro dia a primeira cousa que fez, foi tirar provas das fôrmas compostas para as emendar, e dando pela alteração, logo se lembrou que teria sido sua mulher a auctora da peça. Sem demora péga de um páu, e desgrenhando os cabellos, e espantando os olhos, entra no aposento de sua mulher, atirando para a direita e para a esquerda, bordoada de todo o calibre. A mulher salta por cima dos trastes espavorida, quer-se abraçar a elle, quer fugir, mas o typographo desanda-lhe a todo o instante um tal vendaval de pauladas, gritando — «arreda! que estou *maluco*» — que a pobre mulher já confundida em várias partes, não tem remedio senão acolher-se debaixo de um canapé. O typographo abrandou a furia.

— Podes sair, lhe diz elle, passou-me já o accesso, mas daqui a nada tenho outro.

— Ah! não meu amiguinho, não, eu vou já fazer a emenda, antes te quero, senhor, que maluco!

Noticias Diversas.

Isto sim é que é descoberta! — Um tal João Mazo, arrancando uma arvore em Chilliggans Bluff, a duas leguas do rio Altamanha (Estados da Georgia) encontrou tres pesos, e escavando mais, achou a somma de *quarenta e cinco mil pesos*, em boa moeda hespanhola, que estava alli enterrada. Este descobrimento é que deu resultados positivos; ao menos para o inventor.

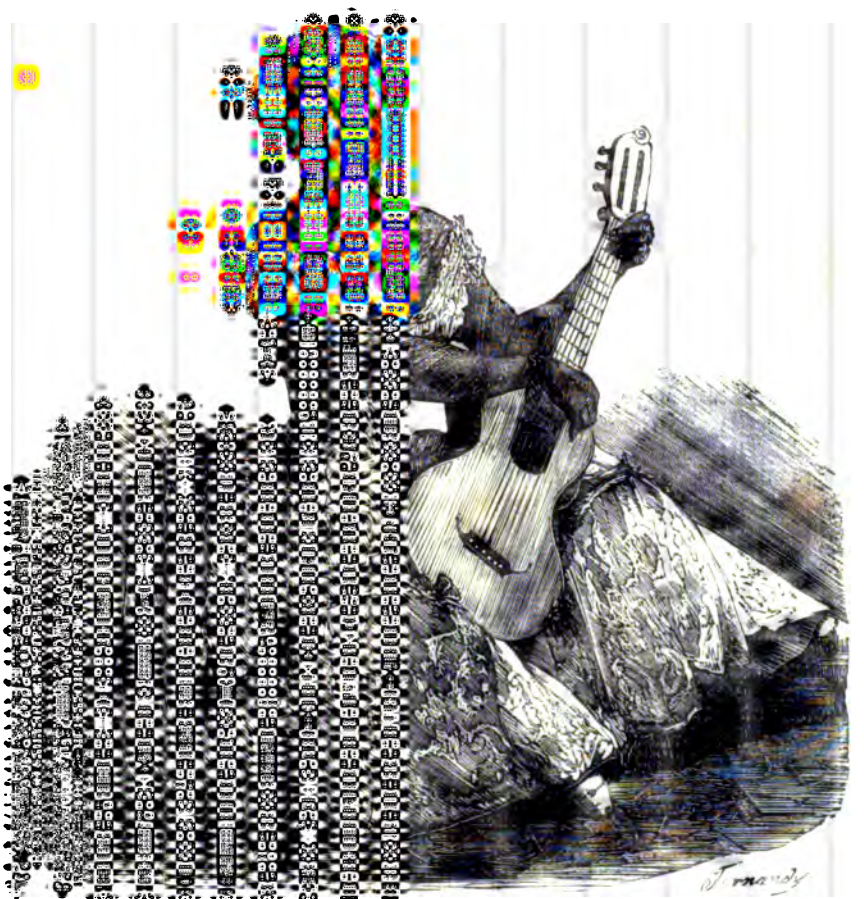
Le-se na Independencia belga: — «O governo mandou construir um navio *Galilée* provido de duas machinas da força de 60 cavallos, para fazer a experiencia de um novo motor, que consiste na substituição do cloroformi, combinado com o vapor. O almirantado já tinha mandado fazer alguns ensaios com o ether, segundo o principio descoberto por M. Tremblai, inventor deste novo methodo. Os perigos, que offerece o caracter inflammavel deste agente, fizeram com que o substituissem pelo cloroformio, segundo o parecer de M. Lafon, official de marinha. O systema em questão recommenda-se a si mesmo pela economia de combustivel.

Ouro na California. — O *Golden Gate*, portador da correspondencia para Panamá, e que saíu de S. Francisco no dito dia, traz um milhão e quatrocentos mil pesos de ouro em pó, cuja somma, unida á que exportaram de S. Francisco os vapores de 18 e 26 de junho, fazem um total de pesos 5.343,754, que é a maior quantidade exportada no periodo de um mez desde o descobrimento das minas, sem incluir as partidas que ao mesmo tempo e por os mesmos vapores têem trazido os passageiros. Assim se póde calcular em seis milhões de pesos a total exportação do mez de junho!

harpa de David; o pulso de D. Josepha tinha-se reanimado, e o lethargo cessára como por encantamento.

Grande contentamento reinou pela casa do intendente, que tomou logo para sua companhia a pretinha, promettendo aos paes o educal-a.

Era singular a impressão, que em D. Josepha produzia o canto da preta Maria Martinez; quan-



Malibran preta.

de ser acompanhados de triumphos, que a preta nunca fantasiára no seu pobre casebre da Habana.

A rainha mãe, Maria Christina, ouviu a voz da negra, e logo lhe deu logar na musica da sua camara. Foi por este degrau, que Maria Martinez, a Malibran preta, subiu á posição, que hoje occupa na côrte de Isabel.

Esta cantora d'ébano, estudou no conservatorio de Madrid, sob a direcção de D. Francisco de Valdemosa, que passa por ser o primeiro professor de canto na Peninsula; e no inverno passado, em annuencia a um convite, cantou em París, onde os applausos lhe foram dados com profusão.

Entre a gente de côr, encontram-se excellentes musicos, e dançarinos; parece que a natureza lhes deu talentos brilhantes, para compensar de algum modo o rotulo da taboleta.

Quantas brancas não dariam as suas carinhas de neve, em troca da garganta de Maria Martinez, a quem poderamos chamar a tutinegra das salas?

Um grande genio faz esquecer a côr de quem o possue. Os amadores de musica, os que em S. Carlos atiram flores ás mãos cheias, e armam finos anzoes aos sorrisos das cantarinas, esses, se aqui viesse Maria Martinez, fariam mil loucuras, para terem a dita de tocar aquella tecla preta.

Pedro Diniz.

Cavallaria.

Esboço historico sobre a producção cavallar do paiz.

VI.

No reinado de D. Manoel.

Se D. João II, só com ser rei de Portugal, e senhor d'Africa, tirára partido deste senhorío para nos importar o sangue regenerador dos cavallos barbaros e alguns arabes, afim de assim atalhar á degeneração em que corriam as nossas raças — que beneficio immenso, que elementos de regeneração mais seguros e prestantissimos lhe não podera conduzir D. Manoel, elle que a esses titulos ajuntára com mór ventura o de *senhor do commercio d'Arabia e Persia*, regiões possuidoras dos mais bellos e famigerados cavallos do mundo?

Ignorar-se-hia porventura a efficacia do seu poder regenerador sobre as nossas raças?

Julgâmos que não: pois já vimos como D. João II empregára nesta funcção alguns que póde haver em Africa, e é de crêr que mal não provassem, antes sim muito bem, porque hoje ainda elles são uns dos mais prestantes e efficazes para rehabilitar uma raça em degeneração, mórmente se esta tem por sua ascendencia uma tal ou qual afinidade e concatenação com o typo regenerador. E então, mais do que hoje, deveria produzir effeitos sensiveis e seguros, porque não ia ainda mui distante o dominio dos arabes na Hespanha, e por conseguinte maior afinidade haveria entre a raça a regenerar e o typo regenerador.

Se pois não era ignorancia, seria menos estima e consideração por esses famosos corseis do oriente?

Tambem o não crêmos: porque factos ha na historia desses tempos, que provam a muita estima e apreço em que eram tidos. Com effeito, D. Manoel recebe do rei de Ormus, como dadiva primorosissima, um excellente *cavallo persa*, que, á similhança de um grande heróe da antiguidade, Alexandre Magno, elle teve em mui alta valia e consideração, como o testemunha o facto de o fazer entrar nos presentes da faustosa embaixada que em 1514 enviou por Tristão da Cunha ao Papa Leão X. O xeque Ismael, senhor e rei de toda a Persia, manda embaixadores ao grande Affonso de Albuquerque com cartas de amisade para elle e para el-rei D. Manoel, e um presente, no qual figuram *cinco cavallos* formosissimos, ricamente ajaesados.

Os governadores, capitães e feitores das nossas possessões da India, não mostraram menos consideração e apreço por tão bellos cavallos, tanto neste reinado como no que se seguiu. Assim é que vêmos Antonio Corrêa receber do xeque Hamet, como penhor da entrega da ilha de Beharem e fortaleza de Catifa dois excellentes cavallos arabes; e notâmos o grande empenho de Belchior de Sousa em contratar com o senhor de Richet na costa da Persia (1527), que seus cavallos, em vez de passarem por Bassorá, os fizesse conduzir directamante a Ormus, que se tornou o emporio dos melhores cavallos persas, e centro do commercio destes com as outras regiões da India, e provavelmente com Portugal, pois que haviamos com aquelle reino, que era nosso tributario, estreitas relações de commercio e amisade.

Da Africa nos poderiam vir, e vieram talvez bons ginetes barbaros e arabes, tanto dos que ficavam por prêsa nas excursões que faziamos em seu territorio, como mesmo do tributo que varias povoações d'ahi nos pagavam, no qual se contavam, além de trigo, cevada, etc., um certo numero de cavallos.

Portanto, nem podia ser a ignorancia do poder regenerador desses ginetes orientaes, nem foi a sua menos estima e consideração, o que os fez desaproveitar na rehabilitação de nossas raças cavallares; era antes, suppômos nós, a incuria que para estas havia, proveniente da attenção derivada e absorvida nos successos de conquista, reputados de maior monta e valia, o que póde explicar este proceder tão altamente condemnavel e indigno então do altisono nome portuguez.

Quasi se póde asseverar que os ginetes que ao reino vieram, vinham antes para ostentação, que para padreação; vinham mostrar como a nossa ousadia devassára regiões as mais longiquas que avassalára, como nos era justo e bem merecido o epitheto de *senhores d'Africa, conquista, navegação, commercio d'Arabia e Persia;* embora se enfeudasse não poucas vezes a nossa riqueza interna e o nosso sangue, á gloria desses titulos pomposos.

Comtudo não queremos ser tão pessimistas, neste ponto, que não concedâmos que algum beneficio podessemos haver com esse nosso senhorio; mas se o houve não foi official, foi officioso; houvemol-o talvez por via das *caudelarias privadas*, pertencentes aos grandes senhores, de cujas casas saíam muitos capitães e governadores para os nossos estados de além-mar; porque em todos os tempos, no meio de um cataclismo de degeneração de nossas raças, eram essas caudelarias como a barca de salvação, em que se acolhiam e acoutavam os seus restos aprimorados, e que de futuro vinham a ser origem de sua nova regeneração. O que dizemos sim, é que podéra esse beneficio ser geral, grande e gigantesco, como os outros nossos successos de então; e foi, senão mesquinho, insignificante, muito inferior emfim ao que devia e podia ser.

Assim pois, no reinado de D. Manoel, a producção cavallar não se ostenta deficiente; o que deve attribuir-se a alguns de seus actos, e mais do que isto á influencia da sollicitude e desvelo que recebêra no reinado anterior; sendo todavia a dita producção desfavorecida em mais de um ponto, senão tanto nos meios de a fomentar, principalmente nos de a aperfeiçoar; esquecendo-se para o primeiro caso algumas das boas provisões caudelicas que até alli tinham vigorado; e despresando-se para o segundo a excellente opportunidade que nos abria o commercio da Arabia e Persia, partes onde haviam os melhores typos regeneradores.

(Continúa)

S. B. Lima.

Uma nobre vingança.

SCENAS DA VIDA MILITAR.

VI.

Odyssea de um soldado.

Durante os poucos annos de paz que o consulado valeu á França, o regimento 7.° de infanteria duas vezes mudou de guarnição; uma de Tolosa para Poitiers; outra de Poitiers para Verdun. Achava-se o corpo nesta ultima praça quando Bonaparte formou o acampamento de Bolonha para tentar uma sortida na Inglaterra. O regimento de Delaville que fazia parte do exercito da costa do Oceano, veiu abarracar nas dunas de Montreuil. Nesta época, Miguel que havia passado pelos mais infimos postos, estava já sargento-brigada da mesma companhia de Limonsineau, que continuava no mesmo posto de sargento. Este adiantamento a ninguem tinha parecido extraordinario ou immerecido, porque o joven soldado devia-o unicamente á sua conducta exemplar, á sua instrucção, e á sua aptidão.

Miguel era respeitado dos seus superiores, e querido dos seus camaradas. O serviço rude das armas tinha desenvolvido nelle os dons naturaes. Ninguem ao vêr a presença varonil, e o desembaraço do elegante official-inferior, reconheceria o aprendiz de ourives, ou o inoffensivo moço do café Frascati.

Entretanto a Inglaterra, intimidada com os aprestos formidaveis do primeiro consul, havia suscitado a Austria contra elle. Á noticia deste rompimento, Bonaparte voltou todas as suas forças para as fronteiras da Allemanha, e as hostilidades começaram immediatamente.

Passaremos em silencio os combates brilhantes que assignalaram a abertura da campanha de 1805, e que terminou com o raio de Austerlitz; bastará dizer, que todos os corpos deste exercito, que Napoleão tinha baptisado com o nome de — *grande* — obraram prodigios de valor, e que o 7.° de infanteria apellidado o — *terrivel* — pelo proprio imperador, mostrou-se digno desta ambiciosa qualificação. A liça estava franca a todos os generos de coragem; Miguel precipitou-se nella com ardor, e logo no combate de Witgensten ganhou as dragonas de alferes. Nas batalhas seguintes foi por duas vezes mencionado com louvor nas ordens do exercito, e na batalha de Austerlitz recebeu das mãos do imperador a cruz da Legião de Honra, por tomar uma bandeira no centro de um quadrado russo. Na carta em que elle annunciava a sua mãe este insigne favor, porque naquella época esta condecoração só era concedida aos bravos mais distinctos, o que realçava eminentemente o seu valor, lia-se este paragrapho «Assim, minha querida mãe, eis-me aqui aos vinte e dois annos membro da Legião de Honra, e official em um dos mais bellos regimentos do grande exercito. Guardo para mim a cruz, mas consigno-vos a tença que acompanha esta distincção. É uma rendasinha de 250 francos, que vos fará esperar mais pacientemente tudo quanto o meu coração deseja fazer pela melhor das mães.»

A campanha da Prussia não foi menos favoravel a Miguel. Evlau lhe valeu o posto de capitão. O de major lhe foi concedido mais tarde em Hespanha, assim como a dignidade de official da Legião de Honra.

Em 1809 recolheram da peninsula alguns velhos regimentos para entrarem na segunda campanha contra a Austria, que desta vez se concluiu ainda mais gloriosamente que da primeira. O commandante Miguel fez parte desta campa-

nha. Era assim que o tratavam no exercito á similhança do marechal Victor. Miguel, subiu todos os seus postos no regimento de Delaville, mas depois da batalha de Eylau passou este a brigadeiro, e desde então os dois amigos ficaram separados, e não se tornaram a vêr senão no campo da batalha de Wagram, como para se dizerem o eterno e ultimo adeus. Este dia tão glorioso para a França, custou á patria bom numero de seus mais valiosos filhos: um marechal, tres generaes de divisão, nove coroneis e cinco brigadeiros. O generoso Delaville entrou no numero destes ultimos. O proprio Miguel foi ferido na refrega operada no centro do exercito austriaco por Macdonald; mas assim mesmo continuou até ao fim da peleja, á frente do seu batalhão com tal denodo, que Macdonald o elogiou no seu relatorio ao imperador.

No dia immediato ao da batalha de Wagram, Napoleão passando revista ao seu victorioso exercito na planicie de Sesseldoff, parou na frente do 7.° de infanteria, e felicitou o commandante Miguel.

—Commandante! ajuntou elle, faço-vos coronel do 7.° Não poderia confiar a melhores mãos este bravo regimento. Agora apresentai-me o official do vosso batalhão que melhor se distinguiu no combate.

—Sire! respondeu Miguel abalado por um sentimento de generosidade; eu agradeço a vossa magestade a honra que se digna conceder-me; mas tomarei a respeitosa liberdade de observar a vossa magestade, que no meu batalhão, ha mais de um official que merece...

—Isso não vos compete, interrompeu o imperador com vivacidade, bem sei o que faço.

—Perdão, Sire, eu pensava... Napoleão não o deixou acabar.

—Aviemo-nos! proseguiu elle, mando-vos que me apresenteis o official do vosso batalhão que melhor se conduziu no dia 7: eis o que eu quero; e nada de commentarios. A estas palavras que não permittiam réplica, Miguel inclinou-se, e voltando-se para a sua gente:

—Tenente Limousineau, gritou elle, sai da fileira e avançae!

O antigo sargento havia em fim chegado, graças á protecção de Miguel, ao posto de tenente. Muito ignorante, como se sabe, porém dos mais valentes, Limousineau, portára-se com tamanha bravura á frente da sua companhia, que Miguel podia, sem receio de que o taxassem de parcialidade, conceder-lhe esta gloriosa preferencia. O velho soldado que não esperava por similhante incidente, avançou assaz perturbado, porque em taes occasiões os mais ousados na frente do inimigo, eram os mais timidos em presença do imperador. Ao primeiro aspecto daquella indigesta figura, Napoleão não pôde suster o riso, mas logo impressionado por aquelle rôsto, retalhado de cicatrizes, e pelos cabellos que a edade e as fadigas tinham encanecido, Napoleão examinou-o com um desses olhares, que eram ao mesmo tempo um elogio e uma recompensa. Em seguida dirigindo-lhe a palavra em tom breve:

—O vosso nome, tenente?

—Limousineau, meu imperador, respondeu este com uma carantonha horrivel, julgando tornar-se mais interessante.

—Ha quanto tempo servis?

—Desde o nascimento, militarmente fallando.

—Isso não é resposta. Pergunto-vos o numero das vossas campanhas.

Ha no coração de todo o homem, uma corda que vibra mais que todas as outras. Napoleão tocára nesta corda de Limousineau, pois perfilando-se mais e cobrando desembaraço, respondeu com volubilidade:

—Meu imperador, eu tenho seguido vossa magestade por toda a parte; á Italia, Allemanha, Polonia, Prussia e Austria, onde actualmente nos achâmos.

—Mas nós não estivemos juntos no Egypto?

—Nem visto, nem conhecido, militarmente fallando.

—Estaes pouco adiantado para a vossa edade?

—É a pura verdade, meu imperador, proseguiu Limousineau lançando para Miguel um olhar de gratidão, e a não ser a protecção do meu commandante aqui presente, talvez ainda hoje fosse sargento; porque a fallar a verdade, fálta-me alguma cousa do que hoje é preciso para ser, militarmente fallando, um official de instrucção.

E fallando assim, Limousineau indicava com o gesto que elle não escrevia facilmente, e como para ajuntar um commentario ao texto figurado:

—Sei melhor servir-me de uma espada, do que da penna.

—Acredito! Pois bem, tenente Limousineau, vista a proposta do vosso commandante, do vosso coronel, quero dizer, nomeio-vos capitão. Voltae para a fileira.

Desta vez o velho soldado embaçou, quiz murmurar um agradecimento, mas embargou-se-lhe a falla; rodou então sobre a esquerda, e com as mãos á costura da calça, o pé inclinado para o terreno, marchou a passo ordinario para o seu logar na fileira. O sonho, que nove annos antes tivera em Tolosa, acabava emfim de se realisar em Schœnbrunn.

O imperador, depois de annunciar a Miguel que concedia duas cruzes ao seu regimento, afastou-se a galope. Mas apenas elle se achava á distancia de fusil, que Limousineau, a quem a emoção e a alegria haviam tolhido a falla, rompeu de repente n'um —*viva o imperador*— que aturdiu toda a fileira, e foi de um pulo caír nos braços de Miguel, dizendo-lhe com voz trémula de felicidade:

—É a vós, meu coronel, que, militarmente fallando, devo o posto de capitão!

—É ao imperador, ou antes á vossa intrepidez, meu velho camarada, lhe respondeu Miguel abraçando-o. Agora vêdes que eu tinha razão, quando ultimamente vos queixaveis do vosso pouco adiantamento, e eu vos disse que o impera-

dor não era ingrato, e que cedo ou tarde elle recompensava sempre os serviços que se lhe faziam.

— É verdade! disse uma voz do grupo dos officiaes, mas tambem é o unico da sua familia!

— Ora vamos, meus senhores, diz Miguel enrugando o sobr'olho, deveis reparar que a occasião é, pelo menos, mal escolhida para similhantes reflexões.

— Sou da opinião do nosso coronel, militarmente fallando, interrompeu Limousineau. Viva o imperador! gritou elle outra vez.

— Viva o imperador! repetiu todo o regimento, sem mesmo suspeitar o de que se tratava.

Uma outra scena bem differente desta esperava Miguel. Delaville, ferido mortalmente, como já dissemos, mandou chamar Miguel para junto de si. Este á vista do seu protector, daquelle a quem tudo devia, precipitou-se chorando sobre o leito de dôr em que jazia o desventuroso general, procurando com palavras de consolo reanimar a esperança no coração do seu amigo.

— Não, Miguel, não: estou condemnado, lhe disse Delaville com voz extincta; eu não lamento a vida, porque a perco depois de uma victoria; mas tu bem sabes que deixo neste mundo uma terna mãe, que muito me queria e que eu receio que succumba á noticia da minha morte. Recommendo-t'a, meu caro Miguel; escreve-lhe, vae consolal-a logo que possas, sê para ella um outro filho, e diz-lhe, não te esqueças, que o seu nome foi a ultima palavra que eu proferi.

Miguel prometteu por entre os soluços da sua angustia cumprir religiosamente as ultimas vontades do seu bemfeitor; e logo o general, como se não esperasse mais do que por esta promessa, rendeu sua alma ao Criador.

Assim se realisou tambem para Delaville o presentimento que tivera de morrer no campo da batalha.

Miguel escreveu a sua mãe para a socegar a seu respeito, e para lhe participar a dolorosa perda que acabavam de experimentar. «Não ha remedio, minha boa mãe, dizia elle no fim da carta, a vós toca a triste missão de annunciar á senhora Delaville o irreparavel golpe que a fere. O vosso coração achará as consolações necessarias a tão grande infortunio. Dizei bastantes vezes á senhora Delaville que agora tenho duas mães em vez de uma, etc.»

Assignada a paz de Vienna, o valoroso exercito de Napoleão entrou pouco a pouco em França, magestoso como o oceano em seus terriveis refluxos. O regimento 7 demorou-se na Allemanha, e foi dos ultimos a recolher. Foi no começo de 1811 que elle recebeu ordem de deixar as margens do Oder e voltar a Paris. No dia em que o canhão dos invalidos annunciava o nascimento do rei de Roma, fazia este regimento a sua entrada na capital.

(Continúa.)

A filha da rainha.

Em 1845 quasi todos os jornaes de Madrid annunciaram a seguinte noticia:

«A joven rainha de Hespanha, Isabel II, passando com o seu sequito, pela rua de Alcalá, encontrou o sagrado viatico, que um padre levava a um doente. Conformando-se ao uso immemorial dos hespanhoes, sua magestade apeou-se do carrinho, e ajoelhou na rua; o padre subiu para este, e sua magestade acompanhou-o a pé até á morada do enfermo.

«Era uma casa de modesta apparencia, situada na estreita rua da Zarza. A rainha entrou nella com o sacerdote. No fundo de uma humilde camara, caiada de branco, mobilada com algumas cadeiras de palha e uma arca de pinho, em cima da qual se viam objectos que revelavam uma antiga riqueza, jazia n'um leito de cortinas de chita, uma menina de dezeseis annos, de uma bellesa admiravel, agonisante de uma molestia de languidez. Um homem de cincoenta annos, de figura nobre e marcial, velava junto della. Á vista desta menina, a surpresa de Isabel foi tão grande, como a da propria doente; todos os assistentes presenciaram que ambas se consideraram com emoção, e que sua magestade, ajoelhada diante do leito de dôr, não despregou os olhos da paciente, nem cessou de derramar lagrimas, durante todo o tempo que durou a ceremonia. No acto da saída, sua magestade deixou a sua bolsa, e disse á doente:

— Até outra vez.

«Chegando a palacio, mandou-lhe immediatamente os dois primeiros medicos da camara, e assegura-se que varias vezes a tem ido visitar, *incognito*. Repentinamente porém, a donzella, e o seu guarda desappareceram como por encanto.

«Nada se sabe, nem a respeito do seu nome, nem do seu nascimento, nem dos seus antecedentes. O mais profundo segredo involve este negocio, ácêrca do qual todos se perdem em conjecturas.»

Este mysterio occultava com effeito uma historia das mais tocantes e extraordinarias. Esta historia vae ser reproduzida tal como foi contada por um antigo official da côrte de Hespanha; ella offerece um episodio caracteristico, e por assim dizer, um resumo das sanguinolentas discordias que por tanto tempo agitaram Madrid.

Era no dia 12 de agosto de 1836, dia da famosa revolta da *Granja*, que deitou por terra os absolutistas, ou moderados, triumphando os ultra-liberaes. Sabe-se que os primeiros tinham por chefes os ministros Galliacio, Rivas, Isturitz e o general Quezada. O instrumento dos segundos, foi esse terrivel sargento Garcia, que ousou luctar corpo a corpo com a regente.

A *Granja* é uma residencia real, edificada pelo neto de Luiz XIV, no centro de um vasto pinheiral, a dez ou doze leguas de Madrid, e para além dos montes do Guadarrama. Christina esperava achar neste retiro o seu socego e o de

sua filha, que a este tempo tinha seis annos, quando na noite do dia 12 se sublevou a guarda do paço, cantando o hymno de *Riego*, arrombou as portas, e invadiu os aposentos da regente, a qual fechou n'um circulo de espadas e bayonetas, intimando-lhe que demittisse o ministerio e jurasse a constituição de 1812.

A intrepida regente não perdeu o animo em presença da força armada.

— Sabeis ao menos, meus amigos, disse ella aos rebeldes, o que é a constituição de 1812?

— A fé que não! respondeu Garcia. Dizemnos porém, que ella é excellente, que nos dobra o pret, e baixa os direitos ao sal! *Carracho!* nós não pretendemos mais.

E o sargento preparava-se a juntar a esta razão a da polvora, se a rainha mãe não se apressasse em assignar a promessa formal que se lhe exigia; o que entretanto não impediu de ser guardada á vista pela soldadesca até ao outro dia, e postos fóra das portas da *Granja* os embaixadores de França e de Inglaterra.

Uma scena de menos barulho, porém mais terrivel, passava-se ao mesmo tempo n'outra camara do palacio.

Esta camara que dava para os jardins, era a da rainha Isabel. Ignorando o que se passava d'alli a alguns passos, a joven rainha achava-se sem defeza com duas das suas aias, que a estavam despindo para a deitar. De quando em quando, uma das aias, pé ante pé, e tremendo de susto, ia atravez as galerias escutar o que succedia nos aposentos da regente. Como já dissemos, Isabel tinha apenas seis annos; o sceptro para ella era então um brinco infantil. Tinha por companheira de prazeres uma rapariguinha da sua edade, de negros cabellos andaluzes, linda a matar, com o seu elegante traje nacional, chamava-se Filippa, mas todos a conheciam melhor pelo nome de *filha da rainha*.

Quem era esta criança? Donde tinha ella vindo? Ninguem o sabia na Granja.

A senhora Montemoro, viuva de um official das guardas, que vivia naquella época na rua de Santo Ildifonso, recolhendo uma noite para casa, havia-a achado á sua porta com uma bolsa de ouro, e uma carta assim concebida:

«Vêdes ahi uma criança proscripta desde o nascimento, que já não tem pae, e que ámanhã, já tambem não terá mãe. Segundo o antigo uso nacional, a rainha de Hespanha é a mãe dos orfãosinhos, intercedei para que haja piedade desta innocente. Eu vou no céu implorar a Deus por ella e por vós. — *Uma mãe.*»

P. S. Se algum dia, o que não tenho esperança, um homem vos apresentasse uma medalinha de ouro, como a que Filippa traz ao pescoço, podeis entregar a criança a este homem, porque elle é seu pae.

A medalha representava de um lado umas armas safadas de proposito; e do outro uma ancora de almirante de Hespanha, com as letras *C. V.* Por mais perigosa que parecesse esta firma identica á de D. Carlos (Carlos V) a sr.ª Montemoro tomou conta da menina que Deus lhe mandava, e a educou com maternal affecto debaixo dos auspicios de Isabel, que nomeou a sr.ª Montemoro sua camareira. Desde então, anjo familiar do palacio, a orphãosinha fez-se amar extremosamente pela sua mãe adoptiva, tanto pela conformidade das edades, quanto por uma graciosa similhança de feições; não era conhecida por outro nome senão o de — *filha da rainha.* — Eis aqui como Filippa se achava na noite do dia 12 de agosto no camarim de sua magestade Isabel II. Quando esta se achou despojada das sêdas e rendas que constituiam o seu real costume, veiu-lhe á fantasia ataviar-se com os fatos de Filippa, e vêr como esta ficava vestida de rainha. Não ha nada de mais divertido para as crianças do que estas transformações. Isabel queria fazer de Filippa uma augusta boneca...

Foi em vão que as aias se oppozeram a este capricho; não tiveram remedio senão consentir, e ajudar. A scena entretanto não podia ser mais deliciosa. Em quanto se operava a troca, do vestido pela vasquina, do bonet á franceza, pelo pente nacional, da pelerina pela mantilha, dos coturnos bordados pelos sapatinhos andaluzes, as duas meninas apenas involvidas em brancas mosselinas, offereciam os corpinhos semi-nús, ainda mais brancos, aos raios da lua que atravez as cortinas das janellas, vinham acariciar o grupo infantil nas suas mais encantadoras attitudes. Que do folgança, risadas, monices, saltos e toda a sorte de familiaridades sobre a cama, onde inteiramente se esqueceu a magestade real!

Em fim o duplicado disfarce completou-se, e a rainha fez de aia, e a aia de rainha por bem um quarto de hora.

E em quanto as duas meninas brincavam assim com a corôa de Hespanha, a regente prisioneira disputava-a aos rebeldes, cujos furiosos gritos abalavam toda a Granja.

— Que barulho é este? perguntou de repente Isabel interrompendo-se no seu alegre folgar.

— São as sentinellas que se sublevaram, e estão cantando o hymno de Riego, balbuciaram as aias.

Mas este contraste intimidou de tal sorte sua magestade, que as aias lhe supplicaram de se metter na cama sem demora. Filippa ficou sobresaltada como de um presentimento terrivel, e pozse de joelhos em quanto Isabel fazia a sua oração da noite. Nem uma, nem outra haviam ainda deixado o seu disfarce.

A joven rainha pedia a Deus que perdoasse a seus inimigos, que conservasse os dias de sua mãe, e velasse sobre o reino de Hespanha...

As aias voltavam as cabeças para occultar as suas lagrimas.

Neste momento um novo estrondo as fez estremecer. Eram vozes que fallavam no jardim debaixo das janellas da camara... Eis-aqui o dialogo que estas vozes trocavam e que infelizmente não pôde ser ouvido pelas aias.

— Vêdes estas janellas com luz, conde Terrido?

Terrido de los Valles y Montes era um dos mais nobres e esforçados capitães de D. Carlos, desde muito tempo executado em estatua.

— Ides escalar esta janella com dois homens. Podeis abril-a quebrando o segundo vidro da esquerda; a aldrava corre da esquerda para a direita; encontrareis dentro uma criança de seis annos com duas criadas. A menina tem um vestido de brocado branco, um bonet de rendas, e coturnos bordados de ouro.

— Mas esta menina, senhor... é a rainha?!

— Calluda!

— Arrebatareis essa menina; tapar-lhe-heis a bôca se fôr preciso, e nol-a conduzireis ao fim do jardim.

Terrido apertou convulso o braço daquelle que lhe fallava.

— Quereis assassinal-a... senhor?

— Que vos importa!

Terrido olhou para a janella, tapou os olhos com as mãos, e gritou resolutamente:

— É impossivel!

— Senhor, continuou elle, brandindo a sua espada, eu estou debaixo das vossas ordens, mas conto sete gerações de nobreza. Dae-me um exercito para bater, uma fortaleza para assaltar, vereis se eu sei vencer ou morrer! Mas investir com duas mulheres! roubar uma criança! metter-lhe uma mordaça!... Dirigi-vos ao carrasco!

E fallando assim, Terrido ia para se retirar, quando o seu interlocutor, travando-lhe do braço, lhe disse tres palavras ao ouvido e encostou a escada á parede. O capitão, vencido, trepou por ella, seguido pelos dois sicarios, pedindo interiormente perdão a Deus.

Chegando acima ouviu a prece da rainha, e viu atravez os vidros a beatitude daquelle rostinho angelico; parou desfallecido, e voltando-se para baixo, repetiu com voz suffocada:

— Jurae-me, senhor, que lhe não haveis de fazer mal nenhum!?

Um gesto imperioso foi a unica resposta. O vidro voou em estilhas. Um grito se ouviu no quarto; a janella abriu-se, e os tres homens entraram.

(Continúa.)

Versos a um gato.

Se aos gatos venturas gosar fosse dado,
Com mil regalias, e cousas que eu sei,
A um gato eu dissera: — «gatinho adorado,
«Transforma-te em homem, que eu gato serei.

«No colo dormindo, dormindo no estrado,
«De certas mãosinhas, que affagos terei!
«Gatinho invejavel, invejo o teu fado,
«Transforma-te em homem, que eu gato serei.

«N'um quarto recondito, em fofo tapete,
«Com somno fingido, mysterios verei;
«Verei (e quem sabe?) despir-se o colete;
«Oh! muda-te em homem, que eu gato serei.

«De certa deidade, gatinho estimado,
«Ao vêr-te ditoso, teu fado invejei;
«Eu quero ser gato, oh! invejo o teu fado,
«Transforma-te em homem, que eu gato serei.

Pedro Diniz.

As mulheres podem fallar sem lingua.

A opinião de que as mulheres podem fallar sem ter lingua, está fundada em factos, que nada têem de milagrosos nem de impostura. No anno de 1742 Maria Cuting, que então tinha vinte e quatro annos, e vivia na provincia de Suffolck em Inglaterra, fallava com agilidade e claresa, apesar de ter ficado sem lingua, em consequencia de um cancro que teve aos quatro annos de edade. Maria Cuting nasceu em Turnstoll no anno de 1718. O facto que acabâmos de narrar, e as provas, que o confirmam, acham-se nas transações philosophicas da *Real Sociedade de Londres* do anno de 1742, n.º 464, art. 2.º Assim que mr. Schomore, cirurgião de Saxmundham, recebeu a lingua no prato, a rapariga disse muito clara e distinctamente:

— Não se assuste mamã, que logo torna a crescer.

Quando em 1742 a examinaram, viram que não só não tinha lingua, mas nem mesmo campainhas. Muitas testemunhas illustradas, intelligentes e irrecusaveis em anatomia, attestam este facto e as suas circumstancias, assim como, que Maria Cutting pronunciava e articulava todas as palavras possiveis.

O medico Drenlincour, no tratado que escreveu a respeito das bexigas, diz que uma menina de oito annos, que tinha perdido a lingua em consequencia da referida molestia, fallava tão bem como antes de a perder. Para confirmar esta verdade, cita todos os professores de medicina de Saumur. O mesmo facto é tambem attestado nas *efemérides germanicæ*, como se póde vêr no seu artigo de aglostomographia, ou descripção da axtracção da lingua.

N'uma obra de mr. Jussieu, que se acha nas *Memorias da Academia das Sciencias de Paris*, do anno de 1718, se dá noticia de uma menina que fallava, tendo nascido sem lingua.

Justiça.

Um negociante do Oriente estando para fazer uma jornada, confiou a um derviche, que julgava seu amigo, uma bolsa de dinheiro. Certo da sua probidade, não lhe exigiu recibo. Na volta foi reclamar o seu dinheiro, mas o perfido derviche negou haver recebido delle cousa nenhuma. O negociante desesperado foi queixar-se ao cadi

de Bagdad, o qual, vendo, que a falta de testemunhas e de recibo tornava a decisão extremamente difficultosa, o mandou voltar no dia seguinte, fazendo entretanto chamar o derviche. O cadi recebeu a este com civilidade e agrado, dizendo-lhe depois de uma pequena conversação:

— Um negocio de consequencia obriga-me a saír da terra por algum tempo; possuo uma considerabilissima somma de dinheiro, que não posso levar comigo; escolhi-vos para meu depositario, porque não conheço nesta cidade pessoa nenhuma mais honesta e honrada do que a vossa. Guardae segredo, e ámanhã á noite mandarei o dinheiro a vossa casa.

O derviche, interiormente sobresaltado de cobiça, assegurou ao cadi da sua inviolavel fidelidade, e voltou a casa firmemente determinado a violar o deposito. O negociante não faltou em vir no outro dia, e o cadi lhe disse:

— Ide outra vez ter com o derviche e se ainda recusar entregar-vos o deposito, ameaçae-o que vindes queixar-vos a mim.

O negociante fez o que lhe aconselhou o cadi; e o derviche temendo perder a confiança do cadi, que muito desejava conservar para o fim que se sabe, entregou o dinheiro. O negociante informou o cadi do resultado, expressando-lhe o seu reconhecimento. Entretanto o derviche esperava impacientemente pela somma que o cadi havia ficado de lhe mandar, e como passasse mais do tempo, correu a casa delle; mas qual não foi o seu pasmo, quando o cadi tomado de indignação lhe exprobrou a sua falta de fé! Elle se retirou confuso e desesperado, victima bem castigada por sua propria credulidade.

Poder dos poetas.

Para formar uma idéa da grande influencia que os poetas tem tido no destino dos povos desde a antiguidade até aos nossos dias, bastam as seguintes noticias, que lerão com prazer nossos leitores.

Os Mesenianos em guerra com os Lacedemonios pediram a Athenas auxilios para continuar a guerra. Athenas enviou-lhes um poeta, e este poeta foi Tirteo, o qual animando os desalentados Mesenianos com seus hymnos guerreiros, os conduziu de novo ao campo de batalha, fazendo-lhes conquistar os louros da victoria tintos em sangue. Naquella época um poeta valia um exercito.

Na edade media Machiaveli, o poeta mais distincto do seu tempo e o primeiro politico da sua época, influiu sobre a Europa e sobre a sorte da Italia como ministro da republica de Florencia; e o Dante, o Homero daquella edade, acaudilhou o grande partido gibelino, representante da democracia florentina.

Em tempos posteriores o Camões concorre á conquista da India; Garcilaso acompanha a Carlos v em suas campanhas; Ercilla conquista a Araucana; e Milton, o publicista da grande revolução ingleza, apresenta-se ante a Europa como um grande politico, na qualidade de ministro de Cromwel.

Nos nossos dias os poetas não capitaneam exercitos, mas a sua missão não ha sido menos elevada, dirigindo os negocios e o leme de muitas nações.

Canning, o primeiro ministro da Inglaterra, foi um poeta que mudou a face dos destinos europeus.

Chateaubriand, o fundador das liberdades de imprensa em França, foi o primeiro poeta francez.

Lamartine, o fundador da republica e o pacificador da Europa, é um poeta que soube reduzir a inspiração á pratica.

E por ultimo, lord Byron, morreu bem joven no presente seculo, defendendo a independencia dos gregos.

Noticias diversas.

Hospitaes de Londres. — Diz o seguinte uma *Folha lithographica*: «Londres, com a sua população de tres milhões de almas, possue 13 hospitaes geraes, servidos por 140 a 150 medicos e cirurgiões. Todos os annos entram nestes hospitaes 600.000 pessoas.»

Vaccina. — Na Suécia onde a vaccina é obrigatoria, teem-se obtido os seguintes resultados:

Em 1779	morreram de bexigas	15.000	pessoas.
— 1784	idem	12,000	idem.
— 1800	idem	12,800	idem.
— 1801	idem	1,000	idem.
— 1822	idem	11	idem.
— 1832	idem	37	idem.

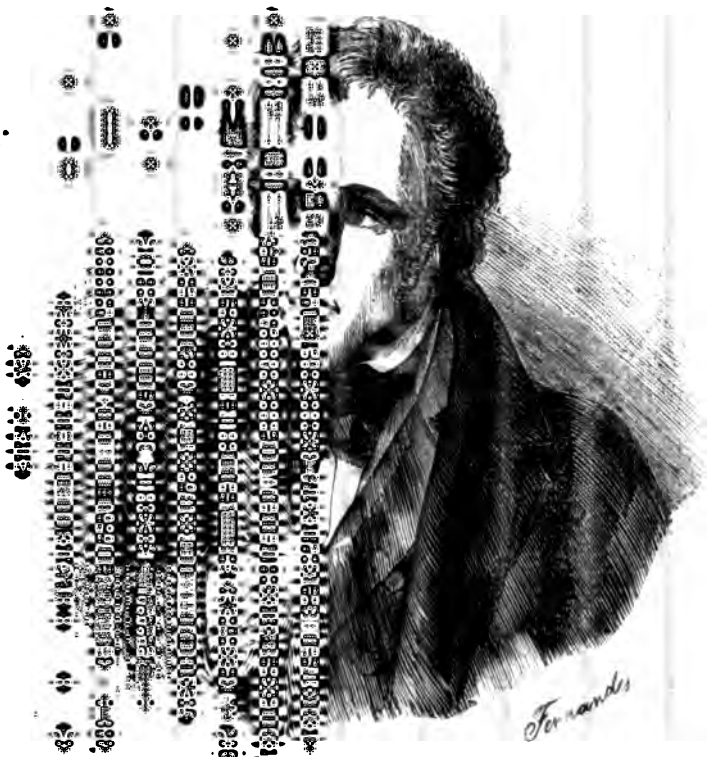
Koh-y-Noor. — O famoso diamante deste nome, tambem conhecido pelo nome de Montanha de luz, foi apresentado ao publico na exposição universal de Londres, onde a sua vista não produziu o maior effeito. Resolveu-se desde então fazerem-se-lhe novos facetas ou superficies. Esta operação grandiosa e delicada que requer tanta intelligencia como cuidado em seus executores, foi encarregada a dois artistas allemães, e durará muitos mezes. Empregou-se para ella uma machina a vapôr da força de dois cavallos. O diamante está collocado sobre um leito de chumbo, assente n'uma roda horisontal, que volta com grandissima velocidade. Concluida a operação ficará muito mais bello e mais precioso.

Jenny Lind. — Esta famosa cantora acabá de depositar a quantia de 259,000 francos para a instituição de novas escólas de ensino primario gratuito em Stokolmo. Este sim, é que é um verdadeiro coração de artista! De certo que não ha muitos que lhe igualem.

Em 1792 accendeu-se de novo a guerra em França; e Chateaubriand foi alistar-se nas tropas realistas. No cêrco de Thionville foi ferido pelo estilhaço de uma bomba.

Em consequencia deste ferimento, e de varios outros motivos, resolveu-se Chateaubriand á ir para Inglaterra.

Por este tempo curtiu o cantor da America fundas magoas. Sua mãe, septagenaria, morreu n'um carcere, depois de ter perdido quasi todos os seus filhos. Seu irmão primogenito, o conde



Chateaubriand.

de Chateaubriand, morreu no cadafalso, deixando

Quando em 1804 Napoleão se cerôou imperador, o cardeal Fesch foi enviado a Roma, em qualidade de embaixador. Chateaubriand foi o secretario da embaixada.

No mesmo anno, passou de secretario a ministro plenipotenciario em Valais; mas pediu a demissão deste cargo, quando protestou contra um acto, que achou odioso, a execução do infeliz duque d'Enghien.

Separado da vida publica, foi viajar. Embarcou em Trieste, visitou a Grecia e o Egypto; foi á Judéa; e depois, desembarcando nas costas da Africa, procurou, e descobriu os vestigios da antiga Carthago; e tornou á França em 1807. Os *Martyres* appareceram dois annos depois; e dois annos depois dos *Martyres*, publicou-se o *Itinerario de Paris a Jerusalem*.

Em 1814 teve Chateaubriand occasião de manifestar com liberdade a sua adherencia á causa dos Bourbons.

Desse tempo a diante vêmos o poeta transformado em publicista, e homem de estado. Em 1815 é nomeado embaixador na Suecia, e achando-se em París quando Napoleão desembarcou nas costas da Provença, acompanha o rei á Belgica, e exerce em Gand o cargo de ministro de gabinete. Torna para França com Luiz XVIII que o nomeia ministro de estado e par. A 21 de março de 1816 é eleito membro da Academia. Depois foi collaborador do *Conservador*, e de outros periodicos; exerceu altos cargos diplomaticos; foi embaixador em Roma, e duas vezes ministro; em 1830 retirou-se para Genebra, e voltou pouco depois a França, onde se fez defensor de Henrique V.

Morreu ha poucos annos, e descança no jazigo, que em vida tinha demarcado, á borda do mar, e perto do sitio onde nascêra. Tem sobre a campa uma cruz, unico signal que elle recommendou, para mostrar que alli repousa um christão.

Chateaubriand é grande em muitos generos de litteratura.

A sua prosa é uma poesia suavissima; ainda ninguem cantou como elle as excellencias da Biblia, e as maravilhas do Creador. A philosophia christã foi por elle tratada com um tino admiravel. Como philosopho e moralista, achâmol-o superior a todos os seus predecessores; pois reune as bellezas de todos, e adorna essas mesmas bellezas com as flores da Religião. Lêr o *Genio do Christianismo*, é entrar n'um templo augusto, em que recende o incenso, e em que se escutam melodiosos canticos de louvor a Deus.

Pedro Diniz.

Estudos sobre Cabo Verde.

Continuação.

A producção das salinas artificiaes desta ilha, regulará por uns 3000 moios annuaes; esta medida corresponde ao triplo da medida de Lisboa, o que me parece que tenho dito mais de uma vez. O preço da venda é quasi sempre o mesmo que nas outras ilhas, com a differença de que nessas é fixo, e nesta varia segundo a maior ou menor abundancia, e a maior ou menor concurrencia de navios: comtudo nunca excede ao das outras ilhas.

Tambem na ilha do Sal ha salinas artificiaes, e uma natural, que o sr. Lopes de Lima confundiu nos seus *Ensaios Estatisticos*, tomando aquellas por esta, êrro que devem evitar os que se guiarem por esses ensaios. As salinas artificiaes estão situadas a cousa de uma milha pouco mais ou menos da povoação principal, a que os habitantes pozeram o nome de Santa Maria, e onde está o porto a que se dá vulgarmente a denominação de *Portinho*, e que em linguagem official se chama Porto Martins, ou Porto Madama, onde fundeiam os navios que veem carregar de sal.

Parece que estas salinas já eram trabalhadas nos fins do seculo XVII, e principios do XVIII, mas não consta que houvesse aqui uma povoação permanente, como pertende o sr. Chelmichi na sua Chorograghia; pelo contrario, consta que pelos fins do XVII seculo (estou citando de memoria, e por isso não deve admirar que não póssa dizer positivamente o anno) foi á ilha da Boa Vista um capitão francez para comprar uma porção de sal, e como ia endinheirado, levaram-no á ilha do Sal n'uma lancha, e lá, valendo-se da solidão, o mataram e roubaram. Nos livros da secretaria ainda encontrei alguma cousa que dizia respeito ás reclamações, que por esse motivo se fizeram ao governo portuguez; e ordens que se expediram para devassar do caso, cujo resultado ignoro.

É mais que muito de presumir que estas salinas eram trabalhadas por individuos da ilha da Boa Vista, que iam todos os annos á ilha do Sal para aquelle fim, e que depois do trabalho recolhiam ao seio das suas familias, deixando aqui alguns guardas, qualquer que fosse o nome que lhes dessem, para se poder realisar a venda. É tambem certo que estes trabalhadores haviam de ter construido os seus funcos (choças) em que dormissem, e que os guardas tambem os tivessem; mas por isso não se póde mais dizer, que havia na ilha do Sal povoação, do que se póde dizer que hoje ha povação na ilha de Santa Luzia, onde vão todos os annos os urzelleiros (ao menos iam no meu tempo) colher urzella, e seccal-a; e onde moram tambem alguns pastores.

Mas como ía dizendo, parece que essas salinas eram já conhecidas e trabalhadas naquelle tempo; comtudo não é possivel affirmar que estivessem situadas no mesmo local em que estão as de agora. Tudo quanto a este respeito se disser, não passa de conjecturas, com mais probabilidade para os que são da opinião affirmativa, que é a que sigo. O que é incontestavel, é, que já pelos annos de 1796 não existiam vestigios alguns dessas salinas, ao passo que as d'agora estão mui florescentes, e que ainda promettem maiores desenvol-

vimentos; e não só não havia vestigios alguns na terra, mas até na ilha da Boa Vista não havia quem podesse assignar o local, em que 70 e tantos annos antes se trabalhava sal.

Tornemos porém a estas salinas do Portinho, que são aquellas que offerecem mais vantagens, tanto para os seus proprietarios, como para o governo, com tanto que haja um bom systema de administração, que não consiste em dar poucos empregados com mesquinhos ordenados, e consentir que se erga alli um feudalismo de nova especie, que eu sempre guerreei, mas que depois foi animado, protegido, e tão largamente recompensado, como se a elle se devesse, por meio do contrabando, a prosperidade da provincia.

É um bello estabelecimento este, que até encanta os olhos pela sua regularidade; pela boa distribuição das maretas e taboleiros, onde se fabrica o sal, e dos poços que lhes fornecem a agua necessaria, por meio de bombas de vento; pela distribuição das ruas que facilitam o transito e dividem as maretas; e pela actividade incessante das pessoas occupadas nestes trabalhos.

O sal, depois de feito e rodado, ajunta-se em pequenas mêdas em largosinhos, que se encontram em cada mareta (1) e ahi se demora algum tempo a escoar, depois do que é transportado para os *patamaes*, que são dois grandes terraços collocados nos dois lados do caminho ferreo, que deste sitio vae ter á praia, e por onde se conduz o sal até o ponto do embarque em carros do feitio de um caixão, que levam um moio de sal cada um, e que são puxados por mulas.

Calculo a producção annual desta salina em dez mil moios, pouco mais ou menos, que todo se exporta para fóra da provincia; porque, ainda que n'um anno acontece algumas vezes não se vender todo, no segundo vende-se não só a producção desse anno, mas ainda o que restou do anterior; e se me não enganam as informações que obtive em quanto estive na provincia, já tem acontecido saírem navios sem carga por não haver sal (2) que levarem.

Antes de 1832 não deixava de haver sal nesta ilha; e o que havia, posto que muito pouco, era de tão boa qualidade, que pagava dez tostões por moio, de saida, como se collige de uma ordem que em 1822 a junta provisoria da Villa da Praia mandou ao feitor da alfandega da ilha da Boa Vista para que recebesse de Manoel Antonio Martins a quantia de 148$000 réis, importancia dos direitos de 148 moios de sal, que exportou da ilha do Sal no anno antecedente. Esta ordem lê-se no livro de registo da alfandega da Boa Vista.

Esta elevação de direitos sobre os que pagava o sal de todas as outras ilhas, que era de oito tostões por moio, mostra quanto era superior a sua qualidade (3), é ao menos o que parece mais natural, a não se suppôr um desejo estupido de causar embaraços á nascente industria. Este sal colhia-se na salina natural de Pedra de Lume, que dista umas tres legoas da salina artificial, e do porto do mesmo nome, Pedra de Lume, cêrca de um quarto de legoa, pouco mais ou menos, ainda que o trajecto fosse nesse tempo de perto de uma legua por ser necessario subir a encosta do monte, e descel-a depois pelo outro lado.

Isto, e a circumstancia de ser este porto de máu fundo, de entrada perigosa, e de mais a mais de travessia de leste a sueste, e por isso muito arriscado em ambas as estações, que alli se conhecem, a das brisas e a das chuvas, fazia com que poucos navios se atrevessem a demandal-o para ir carregar de sal; e por isso não é para admirar que n'um anno se exportassem apenas 150 moios, pouco mais ou menos. Devendo accrescentar, para esclarecimento, que a conducção deste sal da salina para o embarque se fazia em saccos ás costas de cavalgaduras, o que não só o tornava muito moroso para os navios, mas tambem custoso para o vendedor, porque, passado pouco tempo, estragava completamente os animaes.

O sal aqui fabrica-o a natureza n'uma grande mareta ou salina de fórma quasi circular, e que é uma achada situada a 100 e tantos pés acima do nivel do mar, sendo comtudo dominada por alguns cabeços que terão umas seis braças de altura acima desta mareta, para onde escorrem as aguas das chuvas, que depois de inundarem toda a mareta, alli cristallisam pela acção dos raios do sol. Querem alguns que haja aqui um olho-marinho: é possivel, nem eu me considero pessoa competente para contradictar esta opinião; apenas direi mui timidamente que não sigo essa opinião, que tambem não adoptam aquellas pessoas que tem razão para o saberem, pela sua longa pratica.

Aqui fez o conselheiro Martins uma obra collossal, que se por um lado mostra o seu genio emprehendedor que, se o governo tivesse sabido encaminhar, e animar, podia ser de mui grande utilidade para a provincia e para o mesmo governo; mostra por outro lado que lhe faltava uma qualidade essencial, a *perseverança*; defeito este de que, quanto a mim, era ainda o governo o principal culpado por a sua falta de

(1) Dou este nome á parte das salinas que pertence a cada um dos proprietarios, sem me importar se é *technico*.

(2) Ha poucas semanas fui informado que assim succedeu com a colheita do anno passado (1851), que toda se vendeu, a não ficar um grão de sal; e até algumas cargas do da Pedra de Lume; e se mais não saiu deste devese ao zêlo do commandante militar, o sr. Gregorio Medina, que substituiu o sr. tenente coronel Joaquim P. da Silva, pois não consentiu que alli fosse um navio americano, que levava para reexportação uma porção de vinhos e licores estrangeiros de um naufragio, e que allegava querer completar o seu carregamento com sal. O capitão desta embarcação é o mesmo de quem já falei a respeito da aguardente introduzida por contrabando na Boa Vista.

(3) Esta razão não me parece que seja sem importancia para os que não viram este sal; mas não é necessaria para os que o viram. Sei que umas amostras delle que foram para os Estados Unidos da America foram objecto de uma verdadeira admiração.

*

pensamento administrativo, pela sua incuria a respeito do que pertencia a todo o reino, e principalmente por um despreso muito pronunciado para tudo o que respeitava a Cabo Verde.

(Continúa.)

J. M. de Sousa Monteiro.

Uma nobre vingança.

SCENAE DA VIDA MILITAR.

VIII.

O amor junto ao convento de Notre-Dame.

Ha um bairro em Paris, onde tudo são recordações historicas; é o da *Cité*. Solitario e silencioso, como uma subprefeitura, erguem-se comtudo de dentro dos seus acanhados limites os monumentos os mais magnificos. Aqui se acha *Notre-Dame*, a antiga cathedral; para alli a *Capella-Santa*, o especimen mais casquilho da architectura sarracena; n'outra parte o palacio da *Justiça*, tres vezes arruinado pelo fogo, e tres vezes reedificado, etc. As senhoras Dalaville e Albert tinham vindo morar para esta especie de Thebaida. Foi n'uma casa pegada á egreja de Notre-Dame, que o coronel abraçou sua mãe, depois de tanto tempo de ausencia. Passados os primeiros momentos de effusão:

—Espero, disse madame Albert a seu filho, que nos darás o gôsto de viver ao pé de nós por algum tempo. Vamos preparar-te aqui um bonito quarto, onde ficarás á tua vontade; poderás saír e entrar quando te aprouver, e com tanto que te tenhamos todos os dias ao jantar, as tuas duas mães dão-se por satisfeitas.

—Minha querida mãe, admiro o socego em que aqui passaes vossos dias; de boa vontade para o partilhar me associaria ás doçuras desta vida pacifica; mas devo resignar-me ás exigencias do meu posto. Não é licito a um commandante de corpo abandonar a sua aguia, seja em presença do inimigo, seja na capital. Preciso ter a minha residencia o mais perto possivel da escóla militar; ora de vossa casa ao Campo de Marte, é bem um dia de marcha. Além disto, vós jantaes ás duas horas, e a esta hora é quando eu almoço. Virei vêr-vos todos os dias, acabado o serviço, das tres ás cinco horas da tarde, e depois permittir-me-heis que me retire.

O coronel, com effeito, veiu dahi em diante todos os dias passar uma ou duas horas com sua mãe. Dirigia-se depois ao Palais-Royal, onde jantava com os seus companheiros de armas.

O pessoal da casa das duas viuvas compunha-se de uma cosinheira, uma criada grave e uma costureira, que cuidava da roupa da casa, e das obras de enfeite para as duas senhoras, que podiam dispensar de ír á modista. Era uma rapariguinha bella e candida, de dezeseis annos, cujas maneiras distinctas e a elegancia de linguagem contrastavam singularmente com a simplicidade do seu traje e a humildade da sua posição. Ao vêr as lagrimas que por vezes regavam as assetinadas faces de mademoiselle Paulina (era este o seu nome) adivinhava-se que ella não era feliz. As duas senhoras que avaliavam quanto havia de nobre e digno nesta alma pura, tratavam-na como amiga; comia á sua mesa, associavam-na aos seus pios exercicios, e a tinham sempre junto de si. A senhora Delaville, sempre generosa, tinha por muitas vezes querido brindal-a com alguns enfeites, que realçam o toilette de uma donzella, ou fazer-lhe acceitar dinheiro para melhor auxilio de sua familia, que, segundo parecia, ella sustentava com o tenue producto do seu trabalho; mas Paulina recusava constantemente acceitar cousa alguma além do seu legitimo salario.

—Sois a excepção de todas as raparigas! dizia ás vezes a senhora Delaville; achaes prazer em viver com duas senhoras velhas; gostaes do silencio e da meditação. Nascestes, em verdade, para freira e não para o mundo. Nova e bonita, como sois, minha filha, é realmente para louvar e admirar a vossa pureza de anjo, quando o diabo tem mil meios de tentar uma fraca creatura como vós.

—Ai de mim! respondia Paulina, que merecimento posso eu ter em procurar imitar o modêlo das pessoas virtuosas que tenho diante dos olhos? E depois, eu tenho desde criança recebido as lições de um grande mestre que ensina a buscar a obscuridade e a solidão; este mestre, minha senhora, é o infortunio.

E dando esta resposta com o ar o mais ingenuo, a infeliz menina deixava escapar algumas lagrimas.

Logo nos primeiros dias da sua chegada, Miguel fizera reparo em Paulina. Indagára de sua mãe varios esclarecimentos a respeito da familia da joven costureira.

—O destino de Paulina, respondeu a senhora Albert, é um mysterio que nem eu, nem a minha amiga, por respeito á desgraça, temos querido penetrar. Paulina foi-nos recommendada pelo abbade Rabourdin, conego de Notre-Dame, nosso director e amigo. O que sabemos é, que ella é filha de gente de bem, que tem ainda pae, mas nós ignorâmos o seu nome e onde assiste. Não temos querido, por delicadeza com uma menina tão bem educada, levar mais longe a indagação, nem a seu respeito, nem de sua familia, cujo estado ella deseja occultar, pois seria fazer pagar bem caro a esta boa creatura o pouco que por ella fazemos.

A conversação entre a mãe e o filho, ficou neste ponto. Mas a datar deste dia, Miguel desfez-se em attenções com Paulina. Esta, confusa ao principio com as delicadezas do coronel, acostumou-se pouco a pouco ás suas maneiras, e por fim já se tratavam com aquella terna familiaridade que não offende o pudor, mas que se transforma facilmente em amor no coração de uma donzella. Estas relações deliciosas entre duas al-

mas feitas para se amarem, criaram tão fortes raizes nos dois jovens, que, quando por acaso Paulina era obrigada a faltar, o coronel, não a vendo quando chegava a casa, ficava aborrecido; da sua parte, se Miguel tardava mais da hora em vir visitar as senhoras, o que era raro, Paulina logo se punha triste. Havia então amúos; Miguel não lhe dava palavra, e Paulina não despregava os olhos de cima do seu trabalho. Succediam-se depois as explicações e recriminações ternas; perdoavam-se de parte a parte, e a paz restabelecia-se entre as duas partes belligerantes.

As duas senhoras, apesar da severidade dos seus principios, divertiam-se com estes arrufos, que a ninguem escapavam. Tanto uma como a outra tinham bastante confiança na lealdade do coronel, para pensar que elle abusasse das suas vantagens; mas não obstante, madame Albert julgou dever advertir seu filho dos inconvenientes de uma similhante intimidade; e para isso esperou a occasião favoravel para a este respeito lhe fallar muito seriamente.

(Continúa)

A filha da rainha.

Figure-se a surpreza de Terrido encontrando duas meninas em vez de uma. Em quanto os dois outros homens seguravam as aias, elle corria como doido de uma a outra pequena, e perguntando-lhes os nomes sem as escutar, deu um grito intraduzivel ao apoderar-se de Filippa. Balbuciou mil outras perguntas, a que não esperou resposta, quiz matar um de seus companheiros que tentava pôr uma mordaça na bôca de Filippa; ora dava ordem que levassem esta, ora a outra; exhalou todas as expressões entrecortadas de alegria, de dôr e de raiva; esteve assim alguns minutos n'uma perplexidade que transtornou a sua razão; emfim, tomando uma resolução desesperada, agarrou em Filippa e precipitou-se pela janella fóra, como um tigre que arrebata a sua presa. Um quarto de hora depois, a pequenina do vestido de sêda e dos coturnos bordados de ouro, estava em poder dos chefes de Terrido; mas em breve elles reconheceram porque estranho acaso o rapto se verificára n'uma simples orfã disfarçada com os fatos da rainha Isabel.

A conservação de sua filha, consolou a regente da pérda da sua auctoridade. Não foi possivel descobrir os auctores deste attentado, tão felizmente malogrado pela Providencia. Reconheceu-se comtudo, que este golpe não partira da revolta dos liberaes, e suspeitou-se que algum bando de carlistas, informado da revolta, emprehendêra pescar nas aguas turvas. Julgou-se prudente conservar a aventura em segredo, e só a policia e o governo della tiveram conhecimento. Quanto á filha da rainha, baldadas foram todas as diligencias para saber onde parava; ninguem mais ouviu fallar della.

Sabe-se como da Granja a insurreicção se propagou a Madrid. No dia seguinte o povo todo em armas gritava á Puerta del sol: — « *Viva a Constituição! — morram os ministros! viva a rainha Isabel!* » — Em vão o general Quezada, luctando só com a multidão, que elle atropellava debaixo do seu cavallo de batalha, conteve a revolução até á noite; foi por fim arrastado na derrota de seus collegas, e despedaçado pela populaça.

No dia 13 de agosto á noite, um cavalleiro abatido pela fadiga, coberto de poeira e com o rosto occulto por um largo *sombrero*, tomava alguns refrescos na pousada da *Cruz verde*, nos suburbios de Madrid. Sustinha sobre os joelhos um objecto preciosamente envolvido na sua capa, cujas dobras elle entre-abria com dolorosa precaução... quando na mesma estalagem entrou um bando de milicianos nacionaes, que voltavam do motim. Estes furiosos, cantavam e dançavam, proferindo estas horriveis palavras:

Que es lo que abaja, por a quel cerro?
Ta, ra, ra.
Son los huesos de Quezada, que los trae un perro.
Ta, ra, ra.

Elles dispozeram-se á roda de uma grande cópa de café, e um delles gritou:

— *El panuelo! El panuelo!* (o lenço! o lenço!)

Appareceu um lenço azul que elle abriu, e tirou de dentro uma mão ensanguentada e alguns bocados de dêdos, que cada um entrou a molhar na sua chavana, continuando com o estribilho:

Son los huesos de Quezada...
Ta, ra, ra.

O chefe do bando deu então pelo homem do sombrero, e lhe offereceu uma das chavanas sujas de sangue.

— Festeje comnosco, *caballero*, a victoria nacional.

O cavalleiro porém, partiu em mil pedaços a chavana, e respondeu que elle não era cannibal. A esta palavra, toda a matilha ía caír sobre o *espion de Quezada*, quando o desconhecido, descobrindo as nobres feições do seu rosto atravessado por uma cicatriz, e desembainhando uma enorme espada de Toledo:

— Para traz! traficantes de constituições, gritou elle; esta feriu cinco vezes Quezada pela frente, e não teme os vossos sabres ferrugentos.

Os mais insolentes recuaram diante do sarilho descripto pela arma terrivel, e o cavalleiro pôde tornar a pegar tranquillamente no seu fardo e escapar-se.

— Que levaes ahi? exclamaram os milicianos, a cujo terror succedeu a surpresa.

— Uma victima de vossos similhantes, respondeu o desconhecido, deixando vêr uma criança, cujo rico vestido estava cheio de nodoas de sangue. Os absolutistas e os constitucionaes engolem-se uns aos outros, proseguiu elle com som-

brio furor; uns bebem o sangue dos homens, os outros o sangue das crianças. Vergonha para sempre á Hespanha e aos hespanhoes! Aos homens de bem não resta mais que quebrar a sua espada.

E ao mesmo tempo o cavalleiro fez voar em bocados a sua comprida espada; deitou por terra a beberagem dos milicianos, sacudiu á entrada da porta o pó de suas botas, lançou-se acima do cavallo e desappareceu para o lado das montanhas.

Os nacionaes olharam-se longo tempo em silencio; depois o chefe levantando do chão os cópos da espada, exclamou:

— Eu conheço esta arma e esta firma! Este homem é o conde Terrido, o famoso guerrilheiro de D. Carlos!

Tinham decorrido perto de dez annos depois destes acontecimentos; esquecêra-se Terrido, a filha da rainha, e o mesmo D. Carlos; a senhora Montemoro já não existia; a Hespanha havia mudado tres ou quatro vezes de constituição, e quinze ou vinte vezes de ministros; ella tinha elevado e derribado o regente Espartero, banido e chamado do desterro a regente Christina, quando succedeu o encontro, noticiado pelos jornaes, e que levou a rainha de Hespanha á rua da Zarza.

Poucas palavras explicarão agora a surpresa e emoção de Isabel. Esta julgára, ainda que vagamente, mas com o olhar da recordação, que remonta tão longe na vida, vêr na donzella moribunda, a orphãsinha da Granja!

Seria um aviso do coração, ou uma similhança enganadora? A rainha quiz certificar-se, antes de fallar sobre isto a alguem. Explicando as suas diligencias por um generoso capricho, ella se informou dos nomes da doente e do seu companheiro. Aquella chamava-se Dolores, e este Antonio. Segundo diziam, não eram parentes; mas Dolores fôra confiada por sua familia aos cuidados de Antonio, que passava por um antigo medico do exercito. A sua doença era a reacção tardia de um grave accidente da sua infancia. A seu respeito nada mais se sabia. Havia mais de um anno que ambos habitavam na rua de Zarza; a donzella nunca saia de casa; e o doutor apenas era visto de manhã muito cêdo a fazer as compras da casa, ou nos domingos á missa. Uma crise violenta se havia operado na doença, e a enferma pediu os soccorros da religião; seus visinhos e a rainha tinham penetrado pela primeira vez no interior da sua habitação, acompanhando os Santos Sacramentos. Todavia, accrescentava-se em voz baixa, que um mancebo de bigode louro, entrava muitas vezes em casa do senhor Antonio. Era o bacharel Leão Diego, secretario da alcaidaria mór, o mais bello cavalheiro do bairo, mas tambem o mais desafortunado, como decimo terceiro filho que era de um fidalgo vagabundo, D. Balthazar Diegò de la Sagra, que mendigava de noite ás portas das egrejas, rebuçado como um grande de Hespanha, na sua capa esfarrapada. Quanto aos motivos das assiduidades de Leão, adivinhava-se que elle não cortejava Antonio pelos bellos olhos de sua senhoria. Eis tudo quanto a rainha pôde colhêr dos moradores da rua da Zarza. Estes promenores desconcertavam os seus presentimentos, mas não lhe faziam perder toda a esperança. Ella imaginou um meio decisivo de alcançar uma certeza.

(Continúa.)

Versos recitados aos alumnos gratuitos no Collegio do Portico.

Ao bom Christo, que amou os pobres, e os meninos,
Ao Christo, meus irmãos, com santo ardor louvae;
Elle todo era amor; chamava os pequeninos;
E sobre elles chamava a benção de seu pae.

Castilho, tambem quer os bons fazer contentes;
E para lhes doar brando calor e luz,
Chama o bando infantil, convoca os indigentes,
Como outr'ora os chamava o que expirou na Cruz.

Vendo Deus lá do Céu estes extremos nobres,
Despacha um cherubim, que o chama, e que lhe diz:
«Castilho tu serás na terra o pae dos pobres;
«Ensina o povo eleito, e o tornarás feliz.

«Ao pobre, e ao innocente abrindo nova estrada,
«Da caridade erguendo o candido pendão,
«Irás a combater n'uma santa cruzada;
«Mas com luz e clarim, como ia Gedeão.

«De os pobres illustrar tomando a doce lida,
«Chamando-os a ti, com paternal amor,
«Em sua frente irás, á terra promettida,
«Guiar, novo Moysés, o povo do Senhor.

Com sorriso d'amor, com expressões singelas,
A Castilho d'est'arte o cherubim fallou;
Depois, subindo ao ar, abriu as azas bellas,
E batendo-as ligeiro, ao Céu se remontou.

Castilho respondeu: «Marchae, filhos do povo,
«D'arvore da sciencia as c'roas valem mais;
«Columna d'alta luz vos leve a mundo novo,
«Terra de Promissão, que invejam vossos paes.

Por tanto, meus irmãos, se o mestre vos ensina,
Se, com paterno amor, vos chama filhos seus,
Não faz mais que cumprir uma ordem divina,
Que este ensino, este amor, é tudo obra de Deus.

Quanto Castilho faz é por ordem do Altissimo,
São decretos do Céu todos os actos seus;
Quando para vós solta um cantico bellissimo,
Canta sempre inspirado, e em nome do bom Deus,

No templo do saber se já não sois prophanos,
É que do templo a porta o mestre descerrou;
Mas esse mestre, irmãos, só executa os planos,
Que o bom Deus, lá no Céu, para os filhos riscou.

Ajudado por Deus, Castilho acha um thesouro,
Que em diligentes mãos, nunca se ha de exhaurir;
Crendo um livro fazer, faz uma chave d'oiro,
Que da sciencia a porta ante vós ha de abrir.

As folhas desse livro eternas, e viçosas,
Vos deixarão rasgado da ignorancia o véu;
Essas folhas d'amor, converte-as Deus em rosas,
Que espalham, como o incenso, aroma grato ao Céu.

Mas, bem vêdes, irmãos, se o mestre vos ensina,
Se, com paterno amor vos chama filhos seus,
Não faz mais que cumprir uma ordem divina,
Que este ensino, este amor é tudo obra de Deus.

Quanto Castilho faz é por ordem do Altissimo,
São riscados no Céu todos os planos seus,
Quando para vós sólta um cantico bellissimo,
Canta sempre inspirado, e em nome do bom Deus.

O mespre pois, irmãos, o mestre, que vos chama,
O mestre trovador nos braços apertae;
Se elle os pobres convoca é porque os pobrés ama,
Porque ama dá o ensino, e dando o ensino é pae.

Pedro Diniz.

Sagacidade de um peruviano.

Um hespanhol roubou um cavallo de estimação a certo peruviano. Este foi immediatamente queixar-se ao magistrado do logar, o qual mandou citar o hespanhol para que viesse á sua presença. Este compareceu muito senhor de si, e jurou que o cavallo era seu, dando além disso signaes, e apresentando testemunhas que certificaram a legitimidade da sua propriedade. O peruviano, que outro tanto não podia produzir, julgou por momentos perder o seu cavallo. Mas de repente teve uma inspiração, corre ao cavallo e cobre-lhe a cabeça com a sua capa:

— Se é realmente vosso, diz elle voltando-se para o hespanhol, podeis seguramente dizer de qual dos olhos é cégo.

O hespanhol, depois de alguma hesitação, atirou-se a adivinhar, e respondeu:

— Do esquerdo.

— Obrigado a vossa senhoria! diz o peruviano, descobrindo a cabeça do cavallo, elle não é cégo de nenhum dos olhos! O juiz reconhecendo a velhacaria do hespanhol, e a finura do peruviano, mandou este embora com o seu cavallo condemnando aquelle nas custas e á prisão.

Noticias Diversas.

Grande illuminação do passeio publico. — Verificou-se finalmente nas noites de 1, 3 e 5 do corrente a grande illuminação em beneficio do *Asylo de Mendicidade*. Uma girandola de foguetes annunciou ás 8 horas e meia, de cada uma das noites, o principio da funcção; e outra ás 11 e meia, o seu termo.

Á entrada do passeio achava-se um grande quadro, de sessenta palmos de altura, adornado de lindissimos transparentes, com diversos ornatos e figuras. A rua principal estava adornada com um grande numero de candelabros, lustres, estrellas, vasos etruscos, e outros accessorios de lindo e variado gosto, que produziam excellente effeito; e que, em nossa opinião, ainda o fariam mais completo, especialmente para o espectador collocado em qualquer das extremidades do passeio, se se tivesse prescindido (como sem inconveniente se podia) do obelisco, com seus visos de monumento sepulchral, que obstruia o centro da rua.

Sobre o terrasso, da banda do norte do passeio estava armado um pavilhão para receber Suas Magestades e Altezas, que se dignaram vir expressamente da sua real residencia de Mafra, para, na primeira noite, tornarem mais solemne com a sua presença esta festa de beneficencia.

Os dois pavilhões que serviam de bazares, assim como os outros dois em que se vendiam os refrescos, estavam elegantemente adornados com festões e cestos de flores, grandes medalhas, e transparentes.

A cascata estava toda illuminada com vidros de côres.

Nos bazares havia grande numero de prendas, e algumas de subido valor, offerecidas para a rifa por Suas Magestades e Altezas, e por outras pessoas caridosas. Algumas senhoras das mais illustres e distinctas da capital, eram as encarregadas da venda dos bilhetes para a dita rifa.

Quatro bandas marciaes, convenientemente collocadas, executavam alternadamente, durante a illuminação, escolhidas peças de musica.

A festa esteve, indubitavelmente, mais completa e brilhante do que no anno preterito; e muitos louvores merecem todas as pessoas que a dirigiram, todas as que tomaram parte nos principaes trabalhos para a levar a cabo, bem como aquellas que generosamente concorreram com o seu auxilio para beneficiar um estabelecimento, cuja sustentação está inteiramente dependente da caridade publica.

Estamos convencidos de que o *Asylo de Mendicidade* colheu valiosos resultados desta funcção, para a qual vimos contribuir gostosamente individuos de todos os sexos e de todas as gerarchias.

Theatro do Gymnasio. — A reconstrucção do theatro do Gymnasio dramatico, vae muito adiantada, e espera-se que no fim de outubro ou principio de novembro, o mais tardar, se possa verificar a abertura do dito theatro.

A sr.ª Emilia Letroublon acha-se novamente escripturada, como actriz da companhia do Gymnasio.

Meyerbeer. — Até ao dia 23 do passado as tres operas de Meyerbeer — *Roberto o Diabo*, *Huguenotes*, e *Propheta*, contavam 682 representações, em Paris, a saber: — *Roberto* 333; *Huguenotes* 222; *Propheta* 127.

Distincções honorificas. — O *maestro* Verdi,

por occasião da festa de 15 de Agosto, foi nomeado cavalleiro da Legião de Honra, pelo Presidente da republica franceza. O pianista Gottschalk foi feito cavalleiro da real ordem de Isabel Catholica, por sua magestade a rainha de Hespanha.

Saxophono. — Lê-se na *Gazette Musicale de Paris*, de 22 de agosto, o seguinte: «O *saxophono* faz progressos tão brilhantes como rapidos. Jullien acaba de escripturar, para os seus concertos de Londres, os dois mais habeis tocadores deste novo instrumento: Soualle, de París, e Wuille, de Bruxellas. Os hespanhoes, que apreciam e procuram a novidade de effeitos em musica, teem-se affeiçoado por tal modo a esta bella invenção, devida ao talento de Sax, que a maior parte das suas musicas estão já munidas de tres ou quatro *saxophonos* em differentes tons, cujo timbre suave, expressivo e vibrante sobresáe admiravelmente nos solos habilmente executados.

Mauro Assoni. — No dia 1 do corrente chegou a Lisboa, no paquete *Iberia*, o baritono Mauro Assoni, o qual partiu no dia 2, a bordo do mesmo paquete, para Cadiz, e dalli se dirigia para Sevilha, a fim de satisfazer á escriptura que tem para o theatro italiano daquella cidade.

Liszt. — Por occasião da solemnidade de 15 de agosto, Liszt fez executar em Weimar, na capella catholica, e debaixo da sua direcção, uma missa novamente escripta por elle, e cujo estilo se distingue, segundo se diz por um caracter de grandeza e de animação dramatica. Dois trechos principalmente, o *Gloria* e o *Sanctus*, impressionaram vivamente a assembléa, que se compunha da flor da sociedade.

Lola Montes. — Esta intrepida amazona, depois de um grande triumpho alcançado no theatro de Broadway de Nova-Orleãs, partiu para o Oeste dos Estados Unidos. Está escrevendo agora as suas memorias, das quaes varias paginas são consagradas á scena semi-seria do Howard Hotel, com a biographia dos personagens. Segundo diz um periodico inglez, a celebre aventureira tenciona terminar brevemente as suas excursões pela America e dirigir-se logo a Hespanha com o intuito de permanecer algum tempo neste paiz.

Partida. — O *maestro* Vicente Schira foi escripturado para o theatro de Sevilha, e partio para a dita cidade no dia 2.

O sr. José Domingos Lombardi, honrado ex-emprezario do theatro lyrico do Porto, deixou Lisboa no dia 29 do passado, e foi a Milão para arranjo de negocios domesticos.

Bibliographia. — O sr. Carlos José Caldeira vae publicar os — *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China, e da China a Lisboa.*

Formará esta publicação um volume regular em 8.º francez, que se irá imprimindo ás folhas, e saírão duas, pelo menos, em cada semana, pelo preço de 40 réis cada folha para os assignantes. Só se recebem assignaturas em Lisboa na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, adiantadas por cada 12 folhas, e não se venderão avulsas.

Quaesquer assignantes do reino, ou do Ultramar, que só queiram receber o volume completo, segurarão a sua assignatura com 480 réis, pagando a differença á entrega do volume aos seus correspondentes em Lisboa.

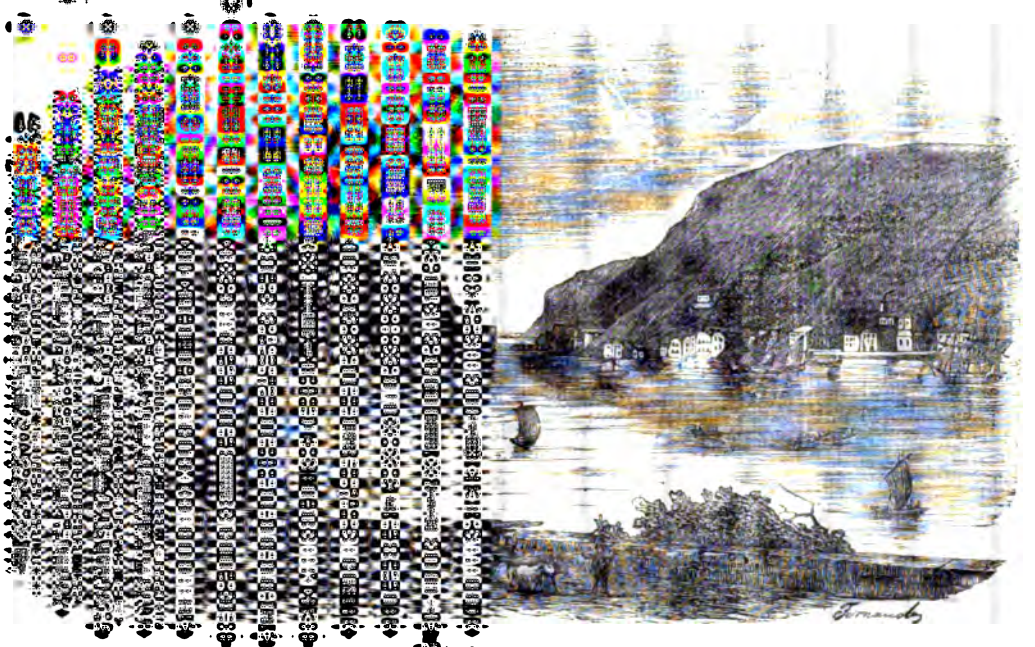
Phenomeno extraordinario. — Acaba de chegar a Valencia a famosa menina Maria do Rosario Peres, de nove annos de edade, natural da cidade de Ecija, a qual se encontra prodigiosamente adornada de todo o genero de perfeições e completo desenvolvimento da natureza. A Academia de medicina e cirurgia de Sevilha, a de Madrid e de outras capitaes, a examinaram quando ella tinha ainda de tres annos, de que se conservam os certificados. Este maravilhoso phenomeno, que o Creador dotou com forças extraordinarias, levanta sentada no chão um grande pêso nas mãos, sem apoiar os pés nem os joelhos: proeza que não tem podido executar os mais forçosos e dextros alcides: afóra isto ergue com os seus cabellos pêsos de tres a quatro quintaes, e prova ainda de outros varios modos as suas forças herculeas.

A Morgue em París. — Diz o *Escholiaste Medico*, que de uma estatistica que os jornaes francezes costumam publicar sobre o numero de cadaveres expostos em a *Morgue* (local onde se collocam os mortos que se encontram nas ruas e em outros sitios, para serem reconhecidos) resulta que, durante o mez de julho ultimo, se elevou o numero delles a 60. Dentre estes havia 50 adultos, sendo 41 homens e 9 mulheres, 3 crianças e 7 fetos. Dos 50 adultos, 44 foram reconhecidos, e 6 não. Contavam-se entre o numero dos adultos 21 suicidios, 15 mortes accidentaes, 11 mortes repentinas, e 3 asphyxias por submersão, cuja causa não póde ser descoberta. O numero de pessoas afogadas accidentalmente, na occasião de tomarem banhos, foi de 10.

Aviso aos bebedores da cidra. — Tem-se observado ultimamente em París varios casos de colica, acompanhados de grande prostração, cuja causa parece ser o uso de cidra adulterada. Conheceu-se que alguns fabricantes usam de vinho muito tinto, vindo do sul de França, para fazer cidra, tirando-lhe primeiro a materia córante com o acetato de chumbo, e fazendo-o depois fermentar por meio de maçãs podres. É com este vinho que elles alcançam, ajuntando-lhe uma grande quantidade de agua, uma bebida clara, picante e espumosa, que é igualmente agradavel á vista e ao paladar, e tem a maior similhança com a boa cidra. Como o novo composto tem sido muito procurado, todos os jornaes se têem occupado deste envenenamento, cujos symptomas são principalmente, vomitos, prisão de ventre rebeldissima, colica, pelle de uma côr tirante á de chumbo, movimentos convulsivos, paralysia imminente e o azul caracteristico das gengives. O governo mandou proceder, por meio da commissão de hygiene, ás mais miudas investigações sobre este objecto.

de S. Sebastião de Biscaya, requisitando uma duzia daquellas marinheiras, de tranças caídas, e chapeus de pastora, para o Buen Retiro, onde então residia Filippe IV.

O golpe de vista, que se gosa do adro da velha capella de Sant'Anna, é admirado por todos os que visitam a povoação de Passages, que não captiva por outros motivos a attenção, reduzida, como é, a uma rua, cujas casas de um lado se encostam á montanha, e do outro, são banhadas pelo mar. Os habitantes de Passages vivem quasi



Porto de Passages.

todos da pesca. Quando, depois de um dia de fadigas, o pescador dá por terminada a sua tarefa, entrega ás mulheres o peixe, e trata de limpar o seu barco, donde não sáe, sem haver feito uma escrupulosa baldeação.

Saíndo de Passages, e deixando á esquerda o seu porto, sóbe-se uma encosta, e de *Virgen*,

sar do pomposo titulo de engenheiro que tomava sem nenhum escrupulo, não soube concluir a obra de maneira a tornal-a perfeita; o piso ficou irregular, exigindo ainda bastante despeza para poder servir ao fim a que se queria destinal-o.

Além disto, por não ter havido bastante cautela, a mareta ficou atulhada, em muitas partes, de cascalho, para remover o qual, e limpal-a convenientemente, ainda se lhe exigiam novas e não pequenas despezas; e por ultimo parecia necessario levantar um paredão em torno da mareta, onde as correntes dos montes fossem obrigadas a parar, dando-se-lhes desaguamento lateral para assentar a terra que traziam comsigo, e não caírem com ella no chão salifero (salão), a qual lhe dava até então uma côr atirando para vermelho terra. Além disso havia quem impugnasse esta obra por inutil, pois que a força da agua destruiria o paredão; e comtudo, para tudo isto exigia-se-lhe quasi tanto, como o que já tinha dispendido — uns oito ou nove contos de réis mais.

Neste meio tempo, começaram-se as experiencias na salina do Portinho, que como tiveram feliz exito, nunca mais aquelle conselheiro deu seguimento áquella obra, que ficou abandonada; e nunca mais tambem se ouviu fallar no sal de Pedra de Lume, nem em navio que alli fosse buscal-o. Assim se passaram bons dezoito annos, até que em 1849 se fez extensiva a este porto a concessão que se fizera aos do norte da ilha da Boa Vista, como disse n'outra parte deste artigo. Nem de outro modo se podia fazer; as razões e os fins porque se requereu para alli, eram as mesmas razões e os mesmos fins porque se requereu para aqui. Por isso tambem se o contrabando na ilha do Sal já era grande, tornou-se desde então immenso; mas sal, não me consta que tenha daqui saído em tal quantidade que valesse a pena de ter-se feito a concessão, nem que compensasse os prejuisos do contrabando.

Seria curioso saber-se que numero de moios de sal tem saído dos portos do norte da Boa Vista, e do de Pedra de Lume da ilha do Sal, por effeitos da concessão; quantos navios têem lá carregado, e que porção de fezendas (se fosse possivel saber-se) tem mettido em terra por alto, para se poderem comparar *os lucros e as perdas* para a provincia.

Não quero dizer que o contrabando, ou descaminho de direitos, se tenha realisado por aquelles portos; não quero, porque falho como estou de informações, não sei se lá tem ído muitas embarcações estrangeiras, e estou por isso bem persuadido, que apenas terão ído mui poucas, o que não quer dizer, que n'um dia não tenham saído algumas do porto principal, dando parte de que vão ao porto de tal carregar de sal; e que no outro dia, ou dahi a dois dias, não tenham regressado *sem carga*, allegando que receiaram ir por os perigos da entrada; mas já se sabe *tendo desovado* no intervallo.

Estes ardis sabe-os quem alli esteve mezes, simples particular, como eu esti vindo hoje as queixas de um que foi er por um contrabando que fez um seu c ouvindo no outro dia as queixas do ou *desforra* que se tirou delle, e que foi maior do que devia ser; e assim succ mente.

Longe da minha idéa está o querer prive o povo e o thesouro dos lucros q dem obter pela exportação deste sal, qu sei que é necessario que o vão buscar: ma ria, e quero, que a pretexto de favorecer c mercio licito, se não proteja o contraband prejuiso do thesouro, dos negociantes hon e da propria moralidade: e é favorecer o trabando, consentir que vão navios estran a portos onde não ha alfandegas; a portos pletamente desertos, onde não ha, nem póde ver fiscalisação; e quando a alfandega fica tante umas poucas de leguas, e só tem doi tres guardas com o ordenado de 3$000 réis mez. O que é isto senão permittir o contra do, se se conhece bem o paiz; ou docum de grande imprudencia se se não conhece? não pósso suppôr que haja um governador ral que se atreva a mentir ao throno, da uma falsa informação; mas vejo a concessão conheço os perigos della. Nada mais sei.

Tenho dito bastante para que se faça uma i aproximada do que é este commercio de como se elle faz, e do que conviria que se zesse.

Resta-me agora dizer qual é o rendimento a nual para o cofre da provincia, por termo m dio:

Ilha de Maio... ...	3,000	mois... ...	1:500$0
Ilha da Boa Vista...	2,500	»	900$0
Ilha do Sal	9,000	»	2:880$0
			5:280$00

Para completar este quadro, vou juntar um nota da despeza que se faz, na ilha do Maio com o sal até o pôr a bordo do navio, que é con poucas alterações, o mesmo que nas outras ilhas essas alterações vão adiante notadas.

Para que possam embarcar 40 moios n'um dia, é necessario que o mar não esteja muito agitado, e além disso:

2 lanchas	4$000	
Aluguel de saccos (240 vezes)...	2$400	(1)
Direitos e emolumentos na alfandega	20$800	(2)

(1) Não me consta que na ilha da Boa Vista figure esta verba, que é peculiar da ilha do Maio; na do Sal não figura de certo. É uma esperteza para tirar ao povo alguns vintens dos magros tostões que recebe do seu sal.

(2) Estes direitos variam, como já fiz notar, quanto á ilha da Boa Vista, onde são menores (360 réis por moio). Na ilha do Sal tambem o estão sendo pela isempção do

25 Jornaleiros para conducção e embarque...	7$000	
Custo do sal (3$000 réis o moio)	144$000	(3)
	178$200	
Importancia dos 40 moios vendidos para a exportação (4$800 réis por moio...	192$000	
Lucro...	13$800	

Ou 345 réis por moio: será crivel? eu cuido que não.

(Continúa.)

J. M. de Sousa Monteiro.

Uma nobre vingança.

SCENAS DA VIDA MILITAR.

IX.

Uma idéa fixa.

No meio das distracções que lhe offereciam Paris, e mais ainda as assiduas visitas a casa de sua mãe, Miguel não tinha esquecido um instante o insulto, que outr'ora recebêra em Frascati do coronel Rigaud. Agora, que tambem era coronel, o desejo de se vingar, tendo-se tornado uma possibilidade, operava nelle como uma necessidade imperiosa, invencivel; como uma especie de caso de consciencia.

A residencia do seu regimento em Paris, dava-lhe lazer para proceder ás necessarias pesquizas. De outra parte, Limousineau, a quem Miguel confiára o seu segredo, arrogante com a idéa de servir de primeiro padrinho em similhante negocio, não esquecêra meio algum de acirrar os designios de Miguel.

— Meu caro collega, meu tenente, meu capitão, meu major, meu coronel emfim, não cessára elle de repetir, conforme as phases da carreira que Miguel havia precorrido; deveis, militarmente fallando, abrir com a ponta da vossa espada um furo na çamarra desse coronel do antigo regimen, e matal-o estrictamente, para o ensinar a viver com mais civilidade. Se não quereis encarregar-vos desta tarefa, deixae-a a meu cuidado, que eu a cumprirei gratis, por procuração e delegação especial.

— Não, meu bom Limousineau, este negocio é só commigo. Paciencia! esperemos; a occasião não ha de faltar.

Entretanto todas as averiguações a respeito do coronel Rigaud, nada tinham até então conseguido. Este official nunca mais fôra visto por Miguel, nem nas guarnições em que tinha estado, nem nas batalhas a que havia assistido; ninguem mesmo dava relação delle. Comtudo, logo que chegou a Paris, Limousineau foi procurar um obscuro empregado do ministerio da guerra, amigo velho de outros tempos, e levando-o para o botiquim da praça dos invalidos, entrou a tirar delle quanto sabia do coronel Rigaud, fingindo-se, para occultar o verdadeiro motivo deste interesse, seu parente e encarregado pela familia do coronel, que ha dez annos o não via, de saber onde parava.

— Talvez, accrescentou elle com ar de confidencia, que elle esteja a estas horas feito por ahi, sem a familia o suspeitar, marechal do Imperio, ou mesmo rei, que sei eu, de algum desses paizes mais afastados da confederação do Rheno; porque elle é *passaro* muito fino que não gosta de fazer ninho, senão onde ninguem veja. Emfim veremos agora o que é feito delle; não vos custa nada vêr lá nos livros dos assentos, o que rezam a seu respeito.

O amanuense apressou-se de folhear na primeira occasião os assentos relativos ao coronel, e trouxe em resposta a Limousineau, que o coronel Rigaud, segundo parecia, tinha sido implicado na conspiração de Moreau; que para escapar ao resentimento do imperador, fugira, segundo toda a probabilidade, para a America, para onde emigrára o seu antigo general. O que porém era certo, era que desde a instrucção do processo, este official superior desamparára o seu corpo, renunciára ao seu posto e desapparecêra.

— E, continuou o empregado da secretaria, tem sido bem feliz em o não terem descoberto, porque se o chegassem a agarrar...

— Eu nunca me tinha enganado, interrompeu Limousineau, que este meu primo nunca havia de passar de um espadachim tonto, um bisborria, um pessimo official em summa.

— Nada, não, ao contrario! tornou o escrevente, se bem me lembro das notas que lá tem, o coronel Rigaud era um bravo militar, probo como um velho romano, muito melindroso em pontos de honra, e republicano da gemma.

— Póde ser que assim seja, respondeu Limousineau, sem dissimular o seu despeito; mas o que é certo, é que só um grosseirão, um conspirador, um agarrador de recrutas, tem a covardia de se esconder, quando sabe que alguem ha que deseja dar-lhe duas palavras, seja debaixo de uma arvore, em campo lavrado, ou em qualquer outro sitio.

O escrevente, como não comprehendia o sentido destas palavras, olhava embasbacado para Limousineau, o qual não julgando conveniente levar mais adiante as suas revelações, deu-se pressa em ir participar a Miguel o máu exito da sua negociação *bureaucratica*.

— Mas não tem duvida, meu coronel, ajuntou

disimo, que acaba em Maio de 1853; e por isso apenas é actualmente de 320 réis por moio.

(3) Custa-me a crêr que seja este realmente o preço em primeira mão, porque na ilha do Sal é este de 1$800 réis, e no da Boa Vista de 2$400 réis, e não vejo uma razão plausivel para que na ilha do Maio seja mais caro; comtudo assim o dizem as informações que recebi, e que não posso alterar por não ter outras mais veridicas em que me funde.

elle, vós por um lado, eu por outro, havemos por força de fazer sair este porco montez da sua tóca.

Alguns dias depois, madama Albert vendo entrar seu filho com o parecer carrancudo, suspeitou que algum desgosto lhe houvesse succedido.

—Que tens tu hoje, meu filho, lhe perguntou ella acariciando-o, vens tão triste?!

—Trato de me rehabilitar, disse Miguel em tom de azedume.

As mães são dotadas para com seus filhos de um instincto inquisidor, que raras vezes engana. Madama Albert persuadiu-se pois, que Miguel recobraria o seu bom humor em lhe fallando de Paulina, e em consequencia pareceu-lhe a occasião propicia para encetar o famoso capitulo que tinha de reserva. Começou por tanto em termos carinhosos a observar a Miguel, que as suas assiduidades podiam, cêdo ou tarde, comprometter a reputação da joven costureira.

—Em quanto, proseguiu ella, as tuas cortezias não eram senão a expressão de um frivolo galanteio, nem eu, nem a senhora Delaville concebemos receio pela virtude da nossa protegida. Mas parece-nos que, ha cousa de uma semana, as tuas attenções tem redobrado e tomado um caracter muito significativo; ora confesso-te que esta descoberta assusta-nos por respeito a Paulina, que póde a final tomar a sério as tuas homenagens. Tu não a queres para mulher? Não é assim? Pois então trata de mudar de conducta, senão arriscas-te a desgraçar a pobre criança. Estou certa que, como homem de bem, não has de querer manchar a tua reputação com um crime abominavel.

—Minha mãe, respondeu Miguel, restituido inteiramente aos seus bons modos, eu nunca esqueci os principios de honra que me ensinastes. Estae descançada, que eu sou incapaz de commetter uma acção indigna.

—Pois sim, não digo menos; mas é que os senhores militares não consideram de si para si, como acção feia, a de seduzir as raparigas sem experiencia.

A estas palavras Miguel levantou-se e mostrou-se indignado.

—Ora anda cá, proseguiu a mãe, entendâmonos, terás tu a intenção de casar com Paulina?

—E que duvida, se, como creio, ella fôr verdadeiramente digna do affecto de um homem de bem?

—Mas ella é pobre, e quanto á sua familia...

—Que me importa a mim tudo isso! atalhou Miguel; eu não me caso com a familia. É pobre? Razão de mais. O que eu vejo é que Paulina ama-vos com a ternura de uma filha, e que tem excellentes qualidades. E no fim de tudo, ella é bonita, nova, bem educada, e eu gósto della. Eu unirei de boa vontade a minha sorte á della, mas ha de ser depois de concluir certo negocio que trago entre mãos.

—Ora vamos! exclamou a senhora Albert, que comprehendeu perfeitamente o que significavam estas palavras; sempre essa idéa de vingança! Ainda não basta tanto tempo para se extinguir em ti esse odio! A religião impõe-nos como preceito de...

—A religião! A religião! é uma cousa respeitavel, não contesto; mas um militar tambem tem uma outra religião, e deve-a praticar segundo as leis da honra. E já que tanto insistís sempre neste objecto, quero dar-vos uma boa nova. Creio que a final dei com o homem que procurava: jantando hontem com um official do meu regimento, este me descobriu onde assiste o coronel Rigaud; queira Deus que elle se não enganasse. Se é como me disse, não mora muito longe daqui: rua *des Ursins!*

—Elle já de certo estará esquecido do mal que te fez.

—Eu terei o cuidado de lh'o lembrar.

—E não tens piedade delle?

—E teve-a elle de mim? gritou Miguel affogueando-se-lhe de repente o rosto, quando abusando da sua força e da sua qualidade, me enxovalhou diante de quem quiz vêr, a mim, inoffensivo e pequeno? Não! Nada de piedade com os covardes!

A cólera do coronel era extrema. A devota senhora não julgando a occasião favoravel de chamar seu filho a sentimentos mais caridosos, limitou-se a erguer os olhos para o céu, murmurando em voz baixa:

—Ó meu Deus! O que são os homens!

—Lembrae-vos daquella noite terrivel, continuou Miguel, em que me visteis entrar com a pallidez no rosto e a raiva no coração. Já esquecesteis o meu desespêro... e o vosso, minha mãe, quando vos deixei no outro dia?

Madama Albert tinha abaixado a cabeça e soluçava.

—Adeus, ajuntou Miguel pegando nas mãos de sua mãe, que apertou e beijou. Ámanhã pela manhã estou resolvido a ír á rua *des Ursins*. Ninguem me acompanhará. Um presentimento me diz que me haveis de tornar a vêr. Entretanto nem uma palavra de tudo isto á senhora Delaville e a Paulina, eu vol-o supplico; inquietar-se-hiam inutilmente, e não vale a pena. Adeus!

Madama Albert conhecendo que a sua fraca eloquencia de christã não podia mover a indomavel vontade de seu filho, lançou-se-lhe nos braços, apertou-o mais ternamente que nunca, e o deixou partir, sem ter força para articular mais nenhuma supplica.

(Continúa.)

A filha da rainha.

Já muitas vezes os medicos da real camara tinham visitado Dolores, e as suas prescripções começavam a operar o seu restabelecimento.

Em uma manhã tinha-se sentado n'uma grande cadeira de braços a receber o sol que dou-

rava o seu quarto. Era a primeira vez que o fazia depois de seis mezes de enfermidade.

Sentia-se ainda muito fraca, com quanto, á pallidez da doença, começasse a succeder o rosado das faces, a vivacidade dos olhos e um certo donaire, infallivel prenuncio de uma proxima cura. Neste dia, mais de uma hora tinha ella levado diante do espelho, em se apurar no penteado, e em compôr com mais arte os seus enfeites. Antonio e Leão estavam a seu lado contemplando-a com diversos sentimentos: o mancebo com ineffavel alegria, reflexo da que brilhava no rosto da donzella; o doutor com secreta anciedade, que os beneficios da rainha pareciam augmentar cada vez mais. N'um primeiro repente, a sua idéa foi de repulsal-os; dir-se-hia que elle assistia á sua propria desgraça, assistindo á salvação da sua pupilla; e comtudo nunca os seus extremos para com ella haviam sido mais ternos, nem mais dedicados.

— Até que em fim vão acabar os nossos soffrimentos! rompeu Dolores com uma expansão de indisivel esperança... Meu Deus! quanto são felizes as rainhas por poderem com um seu olhar sómente, causar tanto bem! O que sua magestade me deitou foi bastante para me resuscitar do tumulo... elle penetrou em meu corpo como um balsamo milagroso, e em minha alma como um raio de luz divina. Eu tambem já tinha tido em sonho o aviso de que isto me havia de succeder. Lembrais-vos, Antonio, e vós tambem, Leão, daquelle anjo, em que vos tenho fallado, que ha tantos annos me apparece sob a figura de uma menina com uma corôa na cabeça, que me enche de affagos e beijos, que me sorri, como uma amiga, que eu ha muito tempo perdi, mas de cujo nome me não posso recordar? Pois bem, este anjo visitou-me a noite passada, e disse-me: — «venho emfim consolar-te e curar-te, e não mais nos separaremos:» — depois pegou em mim ao collo e levou-me para um palacio rodeado de jardins magnificos, onde recobrei as minhas forças, começando a brincar e a correr com elle debaixo de grandes arvores... Era a Providencia que me annunciava a chegada da rainha. Agora quero dizer-vos uma cousa, e não haveis de zombar, não? Quando olhei para sua magestade, pareceu-me que era o anjo dos meus sonhos que me apparecia acordada! Tinha a sua figura, as suas mesmas feições, e até aquelle sorriso angelico, quando me arrebatava para o seu paraiso!... Vós ambos entraveis tambem no meu sonho, ieis commigo, e vós, Leão, chamaveis-me vossa esposa!...

Dolores interrompeu-se córando, poz uma das suas mãos diante dos olhos como para esconder a sua fraqueza, em quanto Leão beijava a outra com transporte.

Quando a donzella levantou a cabeça, ficou surprehendida vendo o pavôr estampado no rosto do doutor, e o bacharel debulhado em pranto.

— Santa Virgem! que tendes vós ambos, meus amiguinhos?... Estarei eu ainda sonhando? Por que choraes, quando eu estou salva? Occultaes-me algum pesar. Vejâmos, partilhemos em commum os vossos desgostos e a minha alegria!

Antonio balbuciou uma desculpa vaga; Leão, porém, não pôde conservar o seu segredo.

— Já que o dia das graças raiou para vós, respondeu elle com voz supplicante, impetrae mais uma de sua magestade.

— Porque, os vossos desejos não são tambem os meus?

— Ah! continuou Leão, as vossas palavras abrem-me as portas do céu; não devo ainda desesperar! Escutae-me, Dolores: depois que me destes licença de cantar á noite debaixo da vossa janella, e de orar todas as manhãs á cabeceira do vosso leito; depois que, emfim, nos amâmos, e que o senhor Antonio consentiu no nosso casamento, bem tendes visto que nada hei desprezado por merecer esta fortuna. Eu não tinha outro patrimonio além da capa e espada; e para vivermos com decencia, fui obrigado a tirar um emprego a cem pretendentes que o disputavam. Pedistes-me que esperasse pela vossa cura. Quanto não fiz eu com meus extremos e minha ternura pela accelerar! O doutor fez-me jurar que nunca procuraria saber quem era a vossa familia, diga elle se tenho ou não respeitado o meu juramento, contente me dou em saber que me amaes. Quando hontem recaístes, pouco faltou para eu enlouquecer. Corri a beijar as lages de todas as egrejas, e fiz promessa de ir descalço a S. Thiago de Compostella. E é quando a Providencia envia aqui a rainha de Hespanha, quando um milagre vos salva a vida e me restitue a felicidade... quando, no delirio da minha alegria, vou abrir-me com meu pae e confiar-lhe os meus projectos, que elle me expulsa de sua casa... declarando-me que jámais consentirá no nosso casamento!...

E Leão deixou-se caír de joelhos aos pés de Dolores, derramando uma torrente de lagrimas e supplicando:

— Perdão! perdão!

A donzella empallideceu e não teve força para responder, mas Antonio voltou-se para elle como um leão ferido:

— O que quer isto dizer, senhor? Eu julgava que o senhor Diego não estava em circumstancias de levar os seus escrupulos a este ponto. Elle, que não tem meios para sustentar a sua familia, que arrasta uma vida miseravel na mais ociosa mendicidade! Não é por vos faltar ao respeito, mas de mim proprio já elle recebeu esmola á porta da egreja de Santo Isidoro!

— É a pura verdade! murmurou Leão, fazendo-se vermelho como a purpura; meu pae vive dos meus soccorros e da caridade publica... Mas, segundo elle, isto não é desdouro. Um gentil-homem não deve trabalhar, tal é o velho preconceito castelhano, e bem sabeis que mais de cem fidalgos mendigam como elle. O pão da caridade, diz elle, não mancha o sangue de nossos avós que circula em nossas veias; o que o mancha-

ria, sería mistural-o com um sangue... menos nobre... Depois, elle enumera os nossos ascendentes de onze gerações, todos almirantes, grandes de Hespanha etc... e pouco se lhe dá que minha mulher não tenha um maravedi de seu, mas exige que, pelo menos, prove tres quartos de nobreza... Perdão ainda uma vez para similhante loucura!... Eu detesto-a e piso-a aos pés, mas não sei como convencer meu pae do contrario.

— Pelo corpo de Christo! gritou o doutor fóra de si, dizei a vosso pae que a senhorita Dolores...

Mas logo se conteve, torceu os braços, suspirando, e occultou o rosto entre as mãos.

— Vosso pae tem razão, continuou com sombrio desespêro. No seu logar fallaria como elle. Vós quereis um nome e uma familia, e Dolores, nem uma cousa, nem outra tem!

Os dois jovens olhavam um para o outro na maior agitação... nisto bateram á porta... Era o mordomo do palacio, que vinha da parte da rainha. Os medicos prescreviam á doente os ares do campo, sob pena de segunda recaida, que então sería fatal, e sua magestade punha o palacio da Granja á disposição de Dolores... Dentro de uma hora duas carruagens viriam buscal-a; Antonio e Leão podiam, querendo, acompanhal-a.

Á vista desta bondade nova e incrivel, as lagrimas dos dois jovens tomaram maior curso, mas foi de reconhecimento... O doutor ficou extatico e confuso. Leão cobrou novo alento e esperança da fronte reanimada de Dolores, que murmurava n'uma especie de extasis:

— Sempre o meu sonho e o meu anjo! Os grandes jardins em que ambos corriamos! É a realisação do meu sonho! Bem vêdes, Leão, que vamos gosar da felicidade; vosso pae não ha de ter mais força que a rainha!

Em seguida, sem consultar ninguem, respondeu que partiria á hora convencionada. Antonio deu ao principio um passo para a impedir, mas suspendeu-se, e afastando-se para um canto com a cabeça escondida entre as mãos, começou a soluçar.

Naquella mesma noite estava Dolores installada no palacio da Granja. Antonio, allegando negocios a concluir, não a acompanhou, promettendo que em breve iria para o pé della. A despedida, entretanto, foi terna e repassada de angustia. Leão empregou os maiores esforços para arrancar Antonio de Madrid, mas foi em vão.

— Vós não quereis a minha morte!? Então não me obrigueis a partir, porque não voltaria vivo da Granja! O vosso amor enganará Dolores ácêrca da minha ausencia, e a vossa piedade me dará noticias della... Se algum dia desapparecer... esquecei-me... e sêde feliz!...

(Continúa.)

A Creação da Mulher.

MOTE.

O grão poder d'um gesto suave e brando.
Camões, Cant. 3, Arg.

Sendo Adão a dormir mui descançado,
E talvez a sonhar já com amor,
Por traz d'elle subtil, e disfarçado,
Chega pé ante pé o Creador;
Arranca-lhe a costella, com cuidado,
Para fazer das artes um primor;
Em novo molde a vasa, e com tal geito,
Que a transforma em mimoso amor perfeito.

Humana a flor nascida da costella,
E os cabellos lhe ondeia em caracoes;
Depois, para adornar-lhe a fronte bella,
De muitas mil estrellas faz dois soes;
Põe-lhe no andar a graça da gazella,
Põe-lhe na bôcca a voz dos rouxinoes,
Nas faces duas rosas inconstantes,
Nos dentes o marfim dos elephantes.

O Eterno, a quem nenhum prodigio espanta,
Ao vêr este, de espanto fica cheio;
E querendo augmentar belleza tanta,
Toma o mundo nas mãos, e o parte ao meio;
Pendura-lhe as metades á garganta;
Com os dois hemispherios fórma um seio;
E entre as neves dos pólos vergonhosos,
Brotam de rosa dois botões mimosos.

Deus então chama Adão, já acordado,
E diz-lhe, com semblante prasenteiro:
«Aqui tens este objecto delicado,
«Do teu bom Creador mimo primeiro;
«Recolhe-o em logar puro e sagrado,
«Pois serás d'elle o nobre thesoureiro;
«Dá-lhe desvelos, dá-lhe idolatria;
«E em troca te dará doce alegria.»

«Por tão cáro penhor, para mim feito,
«Oh! bem hajas, meu Deus» — responde Adão;
«Será posto no templo do meu peito,
«E terá por sacrario o coração;
«Vou fazer-lhe de pérolas um leito;
«Quando a elle subir dar-lhe-hei a mão...»
Isto dizia Adão, inda ignorando,
O grão poder d'um gesto suave e brando.

Pedro Diniz.

Uma mulher sem lingua.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Quando vi em o n.º 34 da *Revista Popular* o artigo — *As mulheres podem fallar sem lingua* — lembrei-me de ter lido no *Journal Economique*, publicado em Dezembro de 1752, que em Por-

tugal existiu uma mulher, natural de Monsaraz, que fallava sem ter lingua, e effectivamente alli se acha o seguinte extracto de uma carta escripta pelo Dr. Wilcock, bispo de Rochester, então residente em Lisboa, aos redactores do referido *Journal Economique*.

«O conde da Ericeira, homem sabio e muito curioso, fez conduzir da fronteira deste reino para aqui, uma certa rapariga sem lingua, e que não obstante, falla distinctamente. Tem 17 annos, mas a sua estatura não indica ter mais de 7 ou 8. Eu achei-me com ella em casa do conde, e fiz com que pronunciasse todas as letras do alphabeto, o que executou muito bem, á excepção da letra *Q*. Não se lhe percebe o menor vestigio de lingua, e tem os dentes dos dois lados da maxila inferior, inclinados para dentro. Quando come, é que deixa vêr bem o inconveniente da falta da lingua, porque é obrigada a servir-se dos dedos para conduzir á garganta o bolo alimentar: no entanto diz, que distingue bem os gôstos das differentes iguarias, mas eu julgo que será mui imperfeitamente.

«A sua voz, apesar de ser bem distincta, é um pouco profunda, e similhante á das pessoas idosas, que têem perdido metade dos dentes. O conde, que ama as Musas, tem feito sobre este objecto o seguinte epigramma:

Non mirum elinguis mulier quod verba loquatur,
Mirum est cum lingua quod taceat mulier.

F. A. Pereira Leite.

A camisa do homem feliz.

Conta-se que vivia na Russia, na época do famoso Pedro-o-Grande, um rico Boyardo que padecia uma terrivel melancholia, de que nenhum de seus medicos podia libertal-o. Não diz precisamente o historiador, de que procedia a doença; inclinâmo-nos a crêr que, proviria do severo édito fulminado pelo inexoravel imperador, contra as barbas dos grandes da antiga Krimlin, aos quaes se propoz civilisar, e dar uma phisionomia européa. O caso é, que o poderoso Boyardo, peiorava de dia para dia. Um dos curas gregos, homem de prodigiosa sciencia e digno herdeiro da doutrina daquelles antigos padres que converteram o grande Uladimiro, fazendo-lhe arrastar pelas margens do Volga, os idolos atados á cauda de seu cavallo, lhe disse, depois de o observar com profunda meditação:— «que não se curaria da sua enfermidade, *senão quando vestisse a camisa de um homem feliz.*»—No mesmo instante, enviou o Boyardo, mensageiros em todas as direcções, em procura de tão inapreciavel prenda; deu-lhes grossas sommas para as suas peregrinações, e intimou-lhes que se voltassem a Moscow sem a camisa, immediatamente seriam esquartejados.

É impossivel determo-nos em descrever as nações e climas, que os enviados percorreram. Muitas vezes julgaram haver encontrado a desejada prenda, porém as pessoas em quem a suppunham, só eram felizes na apparencia, e estudada a fundo a sua vida, eram dignos da maior compaixão Em vão buscaram o homem feliz nos grandes palacios da Italia, Hespanha, França e Inglaterra; as côrtes deslumbradoras occultavam debaixo do seu magnifico aspecto exterior, e da felicidade ficticia de seus moradores, as mais repugnantes miserias, os mais feios delictos. Não só os cortezãos eram infelizes; tambem eram os homens dedicados ao estudo; os scientificos, os artistas: todos tinham em seus dias, horas de desgraça, de profundo desalento, de lagrimas abrasadoras!

Por fim, discorrendo um dia pelos floridos campos da Betica, chegaram a seus ouvidos os dôces acentos de uma rustica gaita de folles: partia aquelle silvestre som. de ao pe de uma frondosa oliveira, a cujo tronco estava encostado um velho pastor, tocando o seu favorito instrumento, em quanto bailavam sobre a fresca relva seus filhos e filhas, formosos como os pastorinhos dos idylios de um poeta classico. Perguntaram áquelle ancião, se se julgava inteiramente feliz; respondeu-lhes que sim, que elle não cobiçava as riquezas; que suas necessidades eram mui diminutas: repetiu n'uma palavra, com diversas frases aquelle magnifico soneto de Quezedo:

« Quitar codicia, no anadirdinero
« Haes ricos los hombres, Casimiro. »

e concluiu dizendo, que em quanto lhe concedesse o céu, viver em companhia de seus queridos filhos e netos, não invejava sobre a terra pessoa alguma, e que se reputava *completamente feliz*. Ainda bem não tinha acabado de pronunciar estas palavras, que se precipitaram á uma sobre elle, todos os mensageiros do Boyardo, e apesar de suas supplicas, gritos e lagrimas, e da vigorosa defeza, que seus bons filhos oppunham a incomprehensivel rapacidade daquelles homens, começaram a despojal-o de seu pobre vestido... porém; oh! desgraça inconsolavel...; *o homem feliz não tinha camiza!...*

Noticias Diversas.

Real Theatro de S. Carlos. — Chegou a Lisboa, a bordo do paquete vindo de Southampton, o sr. Antonio Porto.

Os novos artistas escripturados, pelo dito cavalheiro para a época theatral, que deve ter principio no 1.° do proximo mez de outubro, e acabar em 31 de maio de 1853, são os seguintes:

Anaide Castellan — 1.ª Dama de *absoluta*, escripturada desde o começo de outubro, até 16 de fevereiro de 1853.

Giovannina Rossi Caccia — Dita, desde o 1.° de março até 31 de maio de 1853.
Rachel Agostini — 1.ª Dama absoluta.
Ercilia Agostini — Dita, *meio soprano*.
Denovani — Comprimaria.
Sophia Roscelli — 2.ª Dama.
Antonio Prudenza — 1.° Tenor absoluto.
Joseph Swift — Dito, de meio carácter.
Ottavio Bartolini — 1.° Baritono absoluto.
Del Hast — 1.° Baixo profundo absoluto.
Macaferri — Tenor, *in genere*.
Domingos Segarelli — Compositor e 1.° mimico.
Augusta Domenichettis — 1.ª Bailarina, de genero francez.
Marietta Vicentini — 1.ª Bailarina, de genero italiano.

Ensaia-se a opera *Nabucco*, de Verdi, para inaugurar a nova estação theatral.

O tenor Guglielmo Fedor deixou de vir para S. Carlos, por não ter conseguido annullar o contracto que tinha com a empreza Provini, do theatro italiano de Marselha.

A escriptura do tenor Geremia Bettini, annunciada pela *Gazzetta Musicale* de Milão, e a da *prima-donna* Giuseppina Mora, annunciada pela *Italia Musicale*, não se verificaram.

Sophia Cruvelli. — A famosa cantora Sophia Cruvelli, que ha pouco fugiu do theatro da rainha, em Londres, e que alguem suppoz perdida de todo para o mundo musical, deu, no dia 16 do passado, um concerto em *Kursaal*, em Wiesbade.

Illuminação do Passeio Publico. — Além das tres noites de illuminação, de que demos noticia no nosso numero anterior, ainda teve depois logar uma quarta, em 7 do corrente, differençando-se unicamente das anteriores em apresentar a illuminação da rua principal um effeito mais completo e brilhante, em consequencia de terem feito desapparecer o obeliseo que obstruia o centro da referida rua.

A receita total nas quatro noites subiu a . . . . . 8:978$035
sendo na 1.ª noite . . . . . 1:803$670
na 2.ª . . . . . 3:023$770
na 3.ª . . . . . 2:818$870
na 4.ª . . . . . 1:331$725

Não podemos dizer qual fosse o saldo o favor do — *Asylo de Mendicidade*, — por ignorarmos ainda as verbas que se dispenderam, e quanto produziu tambem a rifa dos objectos que ficaram nos bazares, por não terem sahido em premios nas quatro noites da illuminação.

Sax-tubas. — Mr. Sax, o celebre innovador e fabricante de instrumentos de metal, inventou ultimamente uma nova especie, que, debaixo da denominação de *Sax-tubas*, foi vista pela primeira vez figurar na opera de Havely. — *O Judeu Errante*.

Os novos instrumentos teem dimensões gigantescas, e produzem um effeito proporcional á sua grandeza; como facilmente se deprehende do seguinte artigo, que extrahimos da *Revue et Gazette Musicale* de Paris:

« Entre os divertimentos que tiveram logar por occasião do festejo de 15 de agosto, notou-se geralmente o concerto de harmonia da praça da *Concordia*, dirigido por Mr. Landelle. Mr. Schlottmann foi coberto de applausos na bella fantasia sobre motivos do *Chalet*, que executou sobre o trombone; mas o trecho que produziu maior impressão, e arrancou bravos mais energicos, foi, indubitavelmente, uma fantasia sobre os *Huguenottes*, executada pelos dezeseis artistas do *Judeu Errante*, armados com as suas energicas *Sax-tubas*, e que produziram por si sós mais effeito do que uma legião de instrumentistas. Os *Sax-tubas* não alcançaram menor triumpho no combate naval, em que as suas poderosas fanfarras luctaram sem desvantagem com o estrondo da artilheria e da fusilaria; finalmente, dois dias depois, haviam-se transformado em instrumentos de dança, e enchiam com as suas notas brilhantes o vasto recinto da sala de baile construida sobre o mercado dos *Innocentes*. »

Novo invento. — Mr. Perina, professor de Physica da Universidade de Praga, inventou um instrumento cujas vibrações são produzidas por uma corrente electro-galvanica. O mais maravilhoso desta invenção é que, a aria que se toca n'um instrumento, se reproduz immediatamente n'um segundo instrumento posto em relação com o primeiro.

Estados-Unidos. — Desde o 1.° de janeiro até ao 1.° de agosto de 1852 (isto é, no espaço de sete mezes) incendiaram-se ou foram pelos ares vinte barcos de vapôr americanos; perecendo nestes desastres quinhentas e quatro pessoas queimadas, afogadas ou em resultado de ferimentos. O ultimo vapôr que se incendiou foi o *Henry-Clay*. O numero de cadaveres encontrados na bahia de Hudson sobe a 75, e ainda se não tinham encontrado todas as victimas desta catastrophe.

Apesar do respeito que se professa hoje nos Estados-Unidos á liberdade da industria, de toda a parte se pede uma lei, que, debaixo de severas penas, regule a construcção e proceder dos barcos de vapôr, e prohiba as luctas de velocidade tão frequentes nos grandes rios, e tão fecundas em accidentes desastrosos.

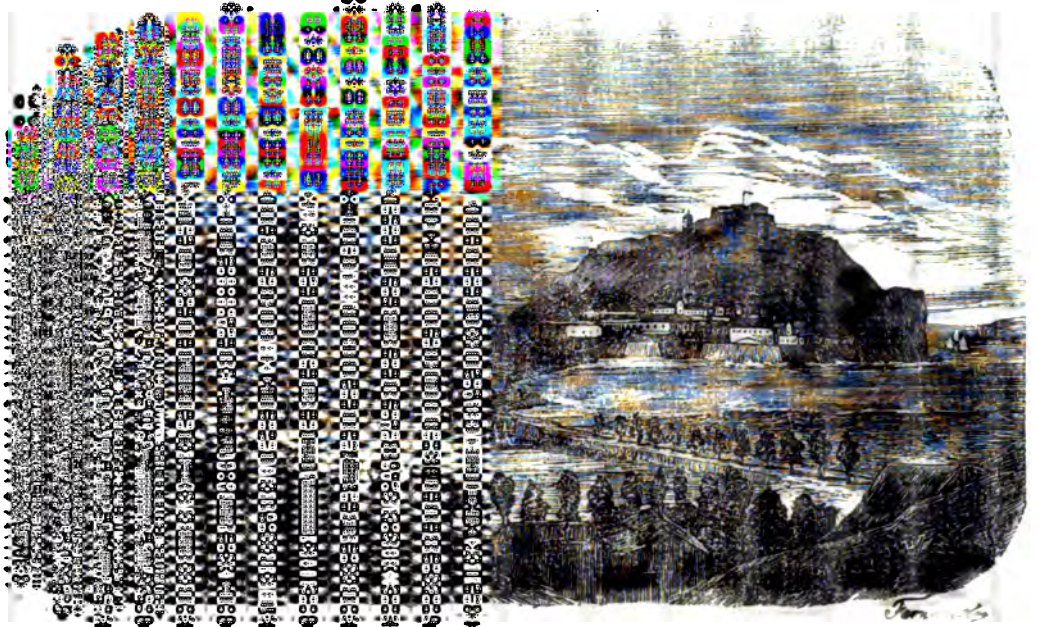
Obras posthumas de Caetano Donizetti. — O insigne compositor de Bergamo, deixou por sua morte tres operas que ainda até hoje não foram representadas. Estas operas são: *O Duque d'Alba*, melodrama tragico escripto sobre *libretto* francez de Eugenio Scribe, e que por um capricho de M.me Stoltz, deixou de representar-se em 1845 no theatro da *Grande Opera* de Paris; — *Rita, ou dois homens e uma senhora*, farça tambem franceza; — e *Gabriella de Vergy*, drama lyrico italiano.

annos, no caso de haver no paiz alguma revolução.

Em 1475 Ausan de Labrit põe a cidade em sitio, na época em que S. Sebastião, como todos os portos da costa de Cantabria, mandava grandes expedições á pesca da balea.

Em 1512 o duque de Bourbon entra em Guipuscoa, e cerca a praça de S. Sebastião; mas é forçado a retirar-se pela vigorosa resistencia dos seus habitantes.

Em 1521 rebenta no reino a revolta. S. Sebastião não adhere ao pronunciamento de outros



Sebastião.

povos; os habitantes reunem-se, e juram, na igreja de Santa Maria, diante do altar do Sacramento, que ficarão fieis a S. M. o Imperador Carlos V, a quem protestam consagrar até a ultima gôta de sangue.

pelos seus antecessores, e deu a S. Sebastião o titulo de cidade. No mesmo anno teve logar a inauguração do pharol sobre o monte Igneido.

Carlos II, em 1669, concedeu á cidade, os titulos de — *Muito nobre e muito leal.* —

Em 1779, a guerra com a Gram-Bretanha offendeu gravemente o commercio de S. Sebastião. O comboy, que saiu de Passages a 1 de janeiro de 1780, com o navio *l'Ascencion* e outros da companhia de Caracas, foi aprisionado pelo almirante Rodney oito dias depois da saída.

Em 1813 a praça de S. Sebastião é occupada pelas tropas de Napoleão. Os alliados cercam a cidade, que resiste vigorosamente, até que uma bomba incendeia parte da cidade, e produz desordem, da qual os alliados se aproveitam para invadir a praça, que tão porfiadamente se defendêra. A guarnição recolheu-se á cidadella, e não se rendeu em quanto houve uma peça em estado de fazer fogo. Aos oito de setembro o general Manoel Rey capitulou. E era tempo — de setecentas casas, que compunham a cidade, apenas trinta e seis se erguiam ainda sobre as ruinas da povoação! Os archivos riquissimos, de S. Sebastião, foram consumidos pelas chammas.

A cidade foi ainda, depois, duas vezes sitiada: em 1823 pelo exercito francez, e em 1836 pelos Carlistas. Desde esta ultima época, o povo de S. Sebastião não se tem poupado a sacrificios para edificar, sobre as ruinas, essa elegante cidade, que todo o viajante admira.

Linha de vapores entre Portugal e o Brasil.

Pedem-nos a publicação do seguinte artigo do *Diario de Pernambuco*, que transcrevêmos com satisfação, por se referir a uma empreza para Portugal e para o Brasil incontestavelmente util. Tratarêmos mais detidamente deste assumpto. Em seguida ao artigo publicâmos os estatutos.

«O projecto de uma linha de vapores que naveguem entre Portugal e este imperio, é empreza tão ardentemente desejada no Brasil, suas vantagens são tão evidentes, e sua necessidade tão palpitante, que julgâmos escusado repetir aqui verdades geralmente conhecidas e sentidas.

O genio emprehendedor dos habitantes da cidade eterna, não foi indifferente a tão pronunciados desejos, e o Porto, essa segunda cidade de Portugal, que em nada é inferior á côrte na extensão de suas relações mercantis, ainda por mais uma vez foi a primeira a dar prova exuberante e manifestar de seus progessivos anhelos, e da actividade e tendencias industriaes de seus filhos.

O prospecto da companhia para o estabelecimento dessa linha, e as bases para os estatutos porque aquella se deve regular, foram ha dias publicadas neste *Diario*. Saudâmos como um facto esperançoso a apparição desta empreza.

As pessoas distinctas que se acham á sua testa, representando ficlmente o pensamento dos installadores, em cujo numero se encerram negociantes e proprietarios notaveis daquella cidade, são sufficiente garantia para o seu prompto e bom exito.

A digna direcção não podia esquecer-se na sua tentativa, de convidar as tres primeiras praças do Brasil para a coadjuvarem neste seu empenho, e instrucções foram enviadas para esse fim ao Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

Incumbido o Sr. Manoel Duarte Rodrigues da obtenção aqui de um numero limitado de apolices, cada uma das quaes, por bem entendido calculo, é do valor de 100$000 réis, moeda portugueza, fez elle no sentido indicado os seus convites nos mesmos *Diarios* em que foi publicado o prospecto

A este appêllo, responderam prompta e bisarramente, muitas pessoas. Como irmãos e como amigos, com um só pensar e querer, Brasileiros e Portuguezes prestaram sua espontanea assignatura, e em breves dias sem o mais pequeno esforço ou trabalho, se acharam inscriptas não 250 acções, numero que se havia marcado para a acquisição nesta cidade, mas 600 como póde ser verificado em casa do mesmo Sr. Rodrigues.

Esta boa recepção era esperada, motivos ponderosos no-la affiançavam, e temos firme crença que os habitantes do Rio de Janeiro e da Bahia, abundando nas mesmas razões, corresponderão á merecida expectativa, concorrendo pela sua parte com 2,000 acções. Temos como certo este resultado, e assim ficará a nova companhia sómente pelos seus accionistas neste imperio com um capital de 270 contos fortes, podendo elevar o seu fundo a 400 contos ou mais e dar á empreza maior amplitude, como tanto se deseja.

É opinião geral e bem assentada, que dois vapores de 600 a 800 toneladas, como se indica no prospecto, não podem satisfazer ás necessidades do serviço da linha, cuja regularidade e exactidão se deve ter muito em vista. Qualquer demora ou transtorno nas viagens, alteraria essa indispensavel regularidade, e d'ahi não proviria senão descredito á companhia, e por consequencia diminuição nos seus interesses, senão o seu anniquilamento mais cedo ou tarde.

Com o capital presumivel de 400 contos, fica a companhia habilitada para a compra de tres barcos de mil toneladas, pelo menos, cada um, com a força sufficiente para dez milhas de velocidade por hora, de segura e elegante construcção, com todas as commodidades necessarias e confortaveis para grande numero de passageiros, e muito espaço para carga e combustivel; pois em vista do orçamento apresentado, se dois vapores daquella primeira lotação não custam mais de 20,000 libras, os tres indicados não podem ir além de 65,000 libras, ou 293 contos de réis, moeda portugueza. E ainda assim, restarão mais de 100 contos de réis, que podem ser applicados á compra de dois vapores mais pequenos para a navegação entre o Porto e Lisboa por conta só da companhia, ou fazendo juncção com a que

existe naquella primeira praça para a communicação entre ambos os portos, e que hoje tem unicamente o vapor *Vesuvio*.

Lembraremos daqui aos senhores directores da companhia a conveniencia da entrada dos vapores neste porto, porque da commodidade do embarque e desembarque de passageiros e de alguns pequenos volumes, resultarão maiores vantagens á companhia. Fóra da barra, ainda na mais pequena distancia do porto, o fundeadouro é sempre incommodo, e muitas vezes perigoso para as pessoas que tenham de demandar o vapor ou a terra. Julgâmos este nosso pedido tão exequivel, quanto não ha o menor obstaculo ao accesso de barcos de tal lote neste porto, pois o vapor de guerra brasileiro *Amazonas*, construido ultimamente em Inglaterra, de mais de 1,400 toneladas, não demanda carregado com o carvão necessario para uma viagem de 12 dias, mais de 13 pés e meio d'agua, e entrou em marés de aguas mortas neste porto, cuja barra e banco ainda nos preamares destas aguas, nunca tem menos de 12 pés e meio. A companhia apenas terá com isso um pequeno acrescimo de despeza com a praticagem nas entradas e saídas, e a demora nestas, uma ou outra vez, de algumas horas; o que nada é em relação ao conhecido proveito que dahi se deduz.

O calculo apresentado da receita e despeza dos vapores póde ter suas lacunas. Não entraremos porém nesse exame, e observaremos apenas que a receita está alli calculada pelo *mais baixo*, e que ainda augmentada a despeza orçada com 10 por cento, os lucros annuaes desta empreza não descerão de 12 por cento sobre o capital empregado. As conveniencias para o commercio, para a troca das noticias, das malas, e para o bom tratamento dos passageiros, hão de ser attendidas pelas pessoas encarregadas da companhia.

A este respeito julgâmos desnecessaria qualquer observação, porque o bom agasalho a todos os respeitos usualmente seguido nos navios portuguezes que conduzem passageiros de certa ordem dos portos deste imperio, falla mais alto que as nossas palavras a favor da preferencia que elles tão justamente tem adquirido. Ficaremos aqui: temos muita confiança nos Srs. directores, e não desejâmos passar por menos polidos ou impertinentes, lembrando cousas que estes senhores devem ter muito a peito. Se todavia o julgarmos preciso, voltaremos a pedir aos Srs. redactores, um pouco de espaço mais no seu acreditado jornal, para nelle fazermos as observações que nos suggerir a nossa achanhada intelligencia, ou nos forem lembradas por pessoas mais competentes e experimentadas. A materia, interessante como é, offerece campo para mais amplo desenvolvimento, e ha ainda occasião para o fazer, pois, apesar dos bons desejos de tanta gente, não será possivel que o primeiro dos vasos desta linha possa fazer a sua primeira visita ao porto do Recife antes de maio futuro.»

Bases do estatuto da companhia Lusitana.

1.° Seu fundo póde elevar-se a 400 contos, em acções de 100$000 réis cada uma.

2.° Seu fim qualquer navegação a vapôr auctorisada por decisão da assembléa geral.

3.° O interesse dos accionistas é limitado ao numero das suas acções.

4.° Os accionistas de fóra do porto serão, querendo elles, representados por seus procuradores, e deverão ter correspondente que por elles responda.

5.° Os fundos da companhia serão depositados na caixa do banco commercial.

6.° A assembléa geral será composta dos 21 maiores accionistas por cada 50 contos de fundo effectivo.

7.° A direcção é eleita pela assembléa geral.

8.° O conselho fiscal é tirado á sorte.

9.° A direcção só recebe uma modica porcentagem dos lucros conhecidos.

10.° A direcção não tem voto na approvação das suas contas.

11.° Formar-se-ha um fundo de reserva, do que exceder a 15 por cento de lucro, em quanto isso fôr necessario para emancipar a companhia de pagar premios de seguro; e tornar-se sua propria seguradora.

12.° A duração da companhia é indefinida, em quanto a assembléa geral não a determinar.

13.° Os estatutos approvados pelo governo, são: — directores, Izidoro Marques Rodrigues, Eduardo Moser — Presidente da assembléa geral, visconde de Castro Silva — Vice-presidente, Gonçalo Lobo Pereira Caldas de Barros — Secretario, R. G. Woodhouse, Antonio Julio de Abreu Guimarães — Conselho fiscal, Roberto Woodhouse, Joaquim Pinto Ribeiro, Gonçalo Lobo Pereira Caldas de Barros.

PROSPECTO.

A importancia do nosso commercio com o Brasil, e a necessidade de cobrir com a bandeira portugueza, e de estreitar as nossas interessantes relações com aquelle vasto imperio, identificado comnosco pelos habitos, e pelo idioma, eis os principaes motivos que suggeriram a idéa que se tracta agora de desenvolver, e que offerece decididas vantagens para ambos os paizes, que ella mais pertende ligar entre si; proporcionando a cargas e a passageiros meios de transportes commodos e rapidos.

Para isso ser exequivel é indispensavel a acquisição de dois barcos helices, de lote de 600 a 800 toneladas, e com a velocidade de 10 milhas por hora, de sorte que effectuassem o trajecto do Porto para o Rio, com as competentes escalas, na ida e volta por Lisboa, Madeira, S. Vicente de Cabo Verde, Pernambuco e Bahia, dentro do praso de 58 dias, habilitando a empreza a fazer sair um barco do Rio e outro do Porto, uma vez cada mez, demorando-se de 8 a 9 dias em ambos estes portos, e nos outros só o tempo preciso para receber refrescos e carvão.

*

Já é immenso o numero de passageiros que annualmente vão do Porto ao Rio, e accrescentando-lhe os que embarcam em Lisboa, ninguem taxará de immoderado o calculo de 150 a 180 passageiros, por viagem ao Rio, e 60 no regresso, quando continuamente só do Porto estão saindo muitas embarcações que levam de 300 a 500 passageiros cada uma, por preços eguaes, e talvez com menos commodos do que esta empreza se propõe a fazel-o.

De certo sempre haverá carga tanto na ida como no regresso, por isso que o premio de seguro mais favoravel por embarcações movidas a vapôr, e a maior rapidez dos retornos, mui conveniente a transacções mercantis, compensará qualquer pequena maioria de frete que se exija.

Fiados nestas bases, fizeram-se os seguintes calculos:

Custo de dois vapôres, com capacidade para 15 dias de carvão, 300 toneladas de carga; 500 passageiros chamados de convez e 100 passeiros de 1.ª e 2.ª classe: lb 30,000 . . réis 135:000$000

Velocidade de 10 milhas por hora. Computo da receita e despeza.

RECEITA.

Ida do porto do Rio de Janeiro.

150 passageiros de convez a 24:000 réis	3:600$000
25 ditos de ré e 2.ª camara a 60$ réis	1:500$000
300 toneladas de carga a 6:000 réis	1:800$000
Passageiros do Porto a Lisboa, de Lisboa á Madeira, e todos os outros portos intermedios, réis	500$000
Excessos de bagagens e encommendas, réis	300$000
Cartas a 150 réis a onça	300$000
Réis	8:000$000

Encommendas e miudezas na viagem	300$000
40 passageiros de 3.ª classe a réis 30$000	1:200$000
25 ditos de 2.ª classe a 65$000 réis	1:625$000
25 ditos de 1.ª classe a 120$000 réis	3:000$000
300 toneladas de carga a 12$000 réis	3:600$000
Réis	17:725$000

DESPEZA CORRENTE.

Soldadas a 639$000 réis por mez	1:278$000
Comedorias	3:960$000
Gastos de portos, ida e volta	1:200$000
Combustivel	3:826$000
Agencias	400$000
Miudezas imprevistas, azeite, cebo, etc.	200$000
Réis	10:864$000

Portanto, fazendo cada barco 6 viagens, são 12, que produzem réis	85:922$000
Do que se deve abater:	
Deterioração annual a 8 por cento	10:800$000
Premio de seguro a 6 por cento	8:100$000
Moeda forte Réis	67:022$000

OBSERVAÇÕES.

O preço do carvão foi calculado por toda a viagem, sem attenção ás occasiões em que o barco podesse empregar o velame, (pelo que se deveria abater uma terça parte pelo menos), e a razão de 27$000 réis fortes, a tonelada, quando seu custo regular é de 15 a 18$000 réis.

As comedorias dos passageiros são calculadas

	classe 3.ª	1.ª e 2.ª	
Na ida	6$400 réis	24$000 réis	por 40 dias.
	3.ª	2.ª	1.ª
Na volta	10$000 réis	24$000 réis	40$000 rs.

As embarcações terão a bordo um facultativo.

Principios geraes de um bom systema de credito.

D. Pio Pita Pizarro, antigo ministro de Hespanha, publicou em 1840 um obra sobre finanças, da qual extrahimos os seguintes principios, que o auctor apresenta como fundamentos de um bom systema de credito. Não pense alguem que lh'os estampâmos aqui como epigramma; mas estimariamos que os tomasse como conselhos.

1.° A base do credito é a firmeza dos contractos publicos. A sua essencia está na boa fé do governo. O credito publico facilita os emprestimos com razoaveis condições, e tambem facilita a sua amortisação: vivifica a agricultura, a industria, e o commercio; augmenta a circulação e multiplica os cambios; dá movimento aos capitaes ociosos, e attrahe os capitaes estrangeiros.

2.° Quem sabe contrair dividas possue a arte de enriquecer. Contrair bem um emprestimo, é fazer bom uso do credito. Em administração não ha habilidade, sem verdade e franqueza; onde o artificio começa acaba a intelligencia.

3.° Um emprestimo empregado em obras de utilidade publica, é para a nação, como para as terras, o adubo que as fertilisa.

4.° Na ordem economica, como na politica, não ha situações medias, ou estado e caminho

de *ordem*, ou estado e caminho de *desordem*; ou *credito* ou *descredito*; ou *prosperidade*, ou *ruina*; a inacção, ou a indifferença é um estado de desordem, de ruina, e descredito.

5.° A situação economica e politica de um paiz gira em torno de um eixo, cujos polos são a *amortisação* e o *credito*.

6.° Para que o systema de *credito* prevaleça e prospere, é mister que delle se faça uso productivo. Se usarem delle improductivamente, a sua vida será curta, e acabará por banca-rôta.

A filha da rainha.

O irresistivel encanto que attrahia Dolores para a Granja, não lhe deu logar a reparar na sombria dôr de Antonio, nem a estranhar a sua separação; não se esqueceu comtudo, do seu baúsinho forrado de marroquim, onde se occultavam as preciosas reliquias da sua meninice, e das quaes nunca se apartava. Todo o caminho foi para ella uma enfiada de impressões confusas e deliciosas. Ao chegar ao palacio, estas impressões tornaram-se mais claras e mais vivas. Percorrendo os jardins, seu coração parecia querer-lhe saltar do peito. Uma nuvem de lagrimas lhe obscureceu a vista, passando pelas diversas galerias do palacio; e ao entrar no quarto que lhe estava reservado, caíu desmaiada. Donde provinham estas estranhas emoções?... Nem a mesma donzella o poderia dizer. Ella via tomar corpo todas as creações phantasticas da sua imaginação; o passado da sua vida parecia-lhe um sonho, de que lentamente despertava agora.

Á medida que ía entrando em si, sentia suas forças restauradas, como succede depois de um longo repouso. Todo o seu sêr experimentava uma quietação e bem estar indisiveis. As aias e os medicos haviam-se retirado, e ella julgando-se só, não se fartava de olhar, fascinada, para a janella aberta ao perfume das flores, para os ricos moveis dourados e de velludo, para dois bellos retratos da regente Christina e da rainha Isabel, e particularmente para uma caminha côr de rosa, rodeada de bonitos, para crianças. De repente deu um grito vendo ao pé de si uma senhora, e reconhecendo nella a rainha de Hespanha.

— Minha senhora, exclamou ella, dizei-me se estou sonhando, ou acordada; se estou no céu, ou na terra; e dizendo isto ía para se deitar aos pés de sua magestade, que a suspendeu pegando-lhe na mão.

— Estaes em casa de Isabel, que Deus encarregou da vossa cura e da vossa ventura...

— Ah! sim, já me recordo, atalhou a convalescente, vindo-lhe ao espirito a lembrança dos ultimos acontecimentos, e cobrindo de beijos as reaes mãos.

— A rainha de Hespanha, continuou Isabel, é a mãe de todos os orfãos. Devo pois cuidar de vós como de uma filha. Este dever é para mim um grande prazer, porque as rainhas de agora nem sempre são venturosas, e tem precisão de amigas. Tive n'outro tempo uma que perdi, e para o logar da qual vos quero admittir. Ha muito tempo que vivo privada della. Quereis que vos confie esta minha mágoa?

— Eu vo-lo supplico, minha senhora! respondeu a joven que escutava absorta, e sentia renascer as suas visões.

A rainha assentou-se diante della, travou-lhe das mãos, e lendo-lhe no intimo d'alma, contou-lhe toda a historia de Filippa. Esta historia tinha desde dez annos sido tantas vezes repetida a Isabel, que esta não ignorava o menor detalhe della. A scena da troca dos fatos e do rapto foi especialmente reproduzida com tal verdade, que Dolores lançou um grito de terror, como se ella mesma houvesse sido a victima. Em seguida, como que allucinada, interdicta e agitada:

— E o que foi feito, perguntou ella, depois desse dia fatal da filha da rainha?

— Coitadinha! nunca mais ouvi fallar della; mas eu ainda hoje a choro, e guardo preciosamente esta lembrança della.

E ao mesmo tempo Isabel correu as cortinas da caminha côr de rosa, e mostrou a sainha, e os çapatinhos andaluzes, o pente de tartaruga e a mantilha de tafetá, n'uma palavra, o elegante vestuario de Filippa, na sua novidade primitiva.

— Grande Deus! exclamou Dolores ao correr a vista por estes objectos; e que fatos lhe destes em troca destes?

— Um vestido de brocado branco, um bonét á ingleza, e uns coturnos bordados de oiro. A minha *bonne* Montemoro mil vezes me repetiu isto antes de morrer.

Dolores caíu desfallecida sobre a cama, e apenas teve força para tirar do seio uma chavinha que estendeu para a rainha, apontando-lhe depois para o bahusinho de marroquim.

Isabel, não menos commovida, abriu-o apressadamente, e encontrou dentro o seu *toilette* de menina...

A rainha e a orfã deram um mesmo grito, e precipitaram-se nos braços uma da outra, e assim ficaram muito tempo inundando-se de lagrimas, e devorando-se com beijos...

— És tu, é a minha Filippa que a Providencia me restitue!

— E vós, minha senhora, sois o anjo que me apparecia nos meus sonhos!

O reconhecimento completou-se com o exame da medalha que Dolores trazia ao pescoço com a chavinha do seu cofre, e na qual, como já sabemos, estavam gravadas as iniciaes — *C. V.*

Foram depois confrontados os vestidos das duas amigas; mas a rainha, vendo as manchas de sangue no vestido real, empallideceu de repente.

Dolores, ou melhor Filippa, ignorava completamente as scenas da sua infancia, tanto cuidado houvera em as recordar a Isabel, quanto a ella de as occultar. Ella não conhecia o seu verdadeiro nome, nem a terra do seu nascimento, nem qual fosse a sua familia. Apenas sabia que por

um grande milagre escapára de ser morta em uma revolta; que sempre ficára padecendo deste acidente; que na sua meninice vestira em certo dia os ricos fatinhos que ella guardava como thesouro precioso; que finalmente recolhida pelo doutor Antonio, errára por toda a Hespanha, antes de vir para Madrid, onde gravemente adoecêra, e succumbiria, se Deus lhe não enviasse a rainha em seu soccorro. Ella contou todas as suas surprezas, seus presentimentos, suas esperanças e suas emoções, desde esta primeira entrevista até ao momento em que reconhecêra a sua real protectora.

As duas amigas abraçaram-se outra vez com effusão, e pozeram-se de joelhos, como haviam feito dez annos antes, para agradecer ao céu a sua reunião, e jurar que nunca mais se haviam de separar. Depois disto a rainha fez subir sua filha á carruagem para visitarem os vestigios da sua infancia nos jardins e bosques da Granja. Cada objecto avivava uma recordação no espirito, agora desassombrado de Dolores; e toda a sua vida passada desenrolava-se a seus olhos, como por encanto.

Para cumulo de felicidade encontrou, no regresso do passeio, Leão que lhe assegurou a proxima vinda de Antonio. Antes de partir para Madrid, a rainha deu as mais minuciosas ordens aos medicos, ás aias, aos criados, ás guardas, e até aos aldeãos encarregados de preparar duas vezes por dia um banho de leite mórno á convalescente. Em fim a rainha deixou esta com a sua aia e o seu desposado, dizendo-lhe que se ía occupar da sua fortuna e da do doutor Antonio.

Estavam as cousas assim, e tudo promettia a boa sorte de Dolores, quando uma manhã Leão chegou correndo á Granja, pállido, arquejante, com o annuncio da mais imprevista desgraça. Antonio tinha sido agarrado e mettido em custodia naquelle mesmo dia; fôra a propria rainha que, sem o saber, o havia denunciado. O bacharel soubera tudo isto como secretario que era da alcaidaria.

Ao chegar na vespera ao Escurial, Isabel referira ingenuamente a seus ministros a descuberta de Filippa, e recommendára-lhes com maior empenho o doutor. Os ministros recordando-se que em outro tempo não fôra possivel descobrir os conjurados, que intentaram e quasi realisarem o rapto da rainha, e importando-se pouco com inodoar o bello romance de sua magestade, asseguraram-se da pessoa do doutor, cujo mysterioso recato lhes inspirava aliás graves suspeitas, para por via delle obterem esclarecimentos ácêrca dos culpados. Mal Antonio comparecêra diante dos chefes da policia, um delles que estava iniciado de fresco na questão, o reconheceu:

— Eis-aqui o roubador da rainha! Este fingido medico não é outro, senão o conde Terrido, capitão carlista executado em estatua, e supposto morto ha muito tempo. Conheci-o muito bem em Sevilha no tempo da minha infancia; e a ultima vez que o vi foi justamente ás portas de Madrid no dia seguinte ao da revolta da Granja. Era eu então sargento da guarda nacional; vinha com meus camaradas de exterminar Quezada, e estavamos na estalagem da *Cruz verde* tomando café. O conde trazia envolvida no capote uma menina desmaiada, vestida de sêda branca, que elle provavelmente julgava ser a rainha, e que felizmente não era senão Filippa. Elle recusou beber comnosco á saude da constituição, e afastou-se de nós partindo em pedaços a sua espada, cujos cópos, eu guardei e estão ornados com o seu brazão que elle não poderá desconhecer. Ignorando, como toda a gente, o rapto da Granja, eu nada podia suspeitar então; mas hoje o negocio é bem claro, e desafio o senhor Terrido a que me desminta.

Antonio com effeito confessou ser tudo verdade, resignando-se a morrer, e não pedindo mais de que uma audiencia da rainha.

(Continúa.)

Pedem-nos de Aveiro que publiquêmos a seguinte poesia:

O poeta.

AO CYSNE DO VOUGA.

Miserere mei, quia unicus et pauper sum ego.
Psalm.

« Dae uma esmola ao poeta,
Uma esmola ao trovador;
É infeliz — soccorrei-o,
Bem podeis — calmae-lhe a dôr.

Não é muito o que vos peço,
Não é muito — ó meu irmão:
Matae-me sómente a fome,
Dae-me um bocado de pão.

Attentae-me nestas rugas,
Cavadas pelo soffrer...
Dae-me, christão uma esmola...
— Perdoae! — Não póde ser!

— « Não póde ser! — Phrase eterna,
Que me esmaga o coração!
Não póde ser! — Crueldade!
Não póde ser! — Irrisão!...

Ai meu Deus! — Os teus caminhos
São bem occultos, Senhor!
Tu dás aos teus escolhidos
N'um calix o genio e a dor!

Que me vale o ser poeta,
Guardar no peito um vulcão,
Sentir pousar-me na fronte
Do Deus vivo a inspiração?!....

Augustas sombras dos Vates,
Vossas campas levantae:

Oh! vinde vêr se esta raça
Não é a mesma — escutae:

Sentia escaldar-me o peito
Da patria no santo amor;
Cantei-lhe hymnos como os cantam
Anjos no céu ao Senhor:

Era o povo escravisado,
Sel-o mais tempo não quiz:
Bradei-lhe: — « sacode os ferros,
Martyr! Eleva a cerviz! »

Cantei Almeidas e Castros
Do meu solo portuguez;
Cantei-lhe os feitos d'espanto
Sua bellica rudez:

Em troca, ingratos, em troca
De vos dar nome immortal,
Por banquete daes-me o pranto,
Por palacio um hospital! »

J. A. Botelho Andrade.

Castigo merecido.

Todos sabem que Alexandre Dumas pagou as attenções, com que os hespanhoes o honraram, escrevendo um livro — *De Paris à Cadix* — em que o povo de Hespanha é tratado como um povo de barbaros. A injustiça de Dumas, e a sua revoltante ingratidão, inspiraram a seguinte quadra:

En un album donde habia escrito Dumas:

« Dios me ayude para encontrar
en España la palabra que busco. »

La palavra que Dumas no encontraba
Es el nombre de *ingrato*, que merece;
España á Dumas de favor colmaba
Y él en pago la insulta y la escarnece.

Carolina Coronado.

Bibliographia.

Biographia ecclesiastica — Barcelona 1848 a 1852.

Acabam de chegar ao Escriptorio do *Centro Commercial*, rua larga de S. Roque n.º 90, os quatro primeiros volumes da *Biographia Universal*, nos quaes se comprehende a biographia universal ecclesiastica até á letra E. Nos quatro volumes publicados acham-se os retratos de Abrahão, Santo Agostinho, D. Antonio Agostinho, S. Pedro d'Alcantara, S. Ambrozio, P. Andrés, D. Nicoláo Antonio, Fr. Francisco Armañá, Bernardo Balbuena, Santa Barbara, S. Bartholomeu, S. Basilio, D. Francisco Peres Bayer, Benedicto XIV, Bossuet, Bordaloue, S. Boaventura, S. José de Calazans, Melchior Cano, Bartholomeu Carranza, Fr. Bartholomeu de las Casas, Santa Catharina, Antonio José Cavanilles, Pedro Chacon, Clemente XIV, José Clement, Consalvi, D. Diego Covarrubias, S João Chrysostomo, Santa Christina, S. Damaso (papa), Daniel (propheta), David, S. Domingos de Gusman. Cada volume, desta obra importante, com os respectivos *appendices*, que se publica regularmente em Barcelona, sob a protecção do governo hespanhol, custa em Madrid *seis duros*, e em Lisboa vende-se por 5600 réis, devendo o comprador pagar sempre adiantado um volume. Os appendices ás letras *A* e *B* contém diversas biographias, e o retrato de Jayme Balmés.

No mesmo estabelecimento se acaba de receber um grande sortimento de outras obras hespanholas e francezas, de que se publicará um catalogo, e que podem desde já ser examinadas.

Noticias diversas.

Theatro de S. Carlos. — Ensaia-se o *Nabucco* com a sr.ª Ercilia Agostini, e com os srs. Bartolini, Del Hast, Macaferri, Celestino e Bruni.

Tambem se prepara um *divertissement* composto pelo sr. Segarelli, para debute da sr.ª Domenichettis.

Improvisador italiano. — Acha-se actualmente em Lisboa o advogado e distincto poeta, o sr. Antonio Bindocci, natural de Siena (na Toscana).

O sr. Bindocci depois de ter percorrido toda a Italia, e improvisado nas diversas côrtes daquella peninsula, viajou por muitos annos na Allemanha, Prussia, Saxonia e Baviera, dando egualmente varias academias nas capitaes dos ditos estados.

Quando rebentou em 1848 a guerra da independencia italiana, o sr. Bindocci regressou para Italia, e o rei Carlos Alberto, de quem parece que o distincto poeta foi sempre protegido, encarregou-o de escrever um poema sobre a *guerra italiana*.

O sr. Bindocci poz mãos á obra, e chegou a publicar seis cantos de um poema que, com o titulo *La Guerra Santa italiana*, dedicou a Carlos Alberto; mas não pôde proseguir o seu trabalho, em consequencia das funestas occorrencias que inesperadamente terminaram aquella guerra.

Consta-nos que o sr. Bindocci, está preparando actualmente uma nova composição poetica, intitulada — *Carlo Alberto in Oporto*, para a qual devem subministrar assumpto os feitos mais gloriosos antigos e modernos de Portugal.

O sr. Bindocci é auctor de varias obras poeticas, e entre estas de um jornal politico, escripto em verso, intitulado — *Il Tagliacode*, que se publicou no anno passado em Turim.

Tendo feito ultimamente um giro por quasi toda

a Hespanha, e dado provas do seu bello talento poetico em diversas cidades, taes como Barcellona, Valencia, Madrid, e Malaga, o sr. Bindocci dirigiu-se finalmente a esta capital, onde parece estar resolvido a dar algumas academias de poesia *extemporanea*.

O sr. Bindocci, segundo nos informam, e lêmos tambem em varios jornaes estrangeiros, tem o dom de se fazer comprehender, ainda mesmo pelos profanos no idioma do Tasso e Dante, expressando na phisionomia e nas acções, as idéas que brotam do pensamento principal da sua poesia.

Estimariamos ter quanto antes occasião de observar em uma prova publica, a espontaneidade e força de inspiração do illustre improvisador italiano.

Conservatorio Real de Lisboa. — Tiveram logar, na noite de 15 do corrente, os exercicios publicos dos alumnos das escólas de musica e dança.

O programma era dividido em tres partes, sendo as duas primeiras consagradas á musica, e a terceira á dança. — Notámos a escaces dos concorrentes ás provas; pois apenas vimos um como tocador de trompa, outro de corneta, e dois de rebeca. Um cantor e duas cantoras foram os unicos que se julgaram em estado de poder sujeitar-se aos exames publicos.

Compensarão acaso estes resultados a verba que se dispende com o Conservatorio? — Não precisará por ventura este estabelecimento uma reforma, que o ponha em estado de ser mais proficuo ao paiz que o sustenta, fornecendo-lhe annualmente um certo numero de artistas capazes, creados nas suas escólas? — Não é de certo para lamentar, que depois já de tantos annos de existencia do Conservatorio, o unico fructo que se tenha tirado deste estabelecimento, seja meia duzia de raparigas que figuram modestamente no corpo de baile em S. Carlos, e um ou outro artista cuja existencia apenas se conhece? — Mas deixemos a solução destas questões a quem de direito melhor competir, e passemos a dar a lista dos individuos que foram premiados.

1.° Premio pecuniario (25:000 réis) Antonio Maria Gamboa *(Trompa)*.

2.os Ditos (20:000 réis) Gertrudes Magna de Sousa e Oliveira *(Piano)*

— Emilia Adelaide Pereira Lisboa *(Canto)*.

3.os Premios pecuniarios — Eugenio Ricardo Monteiro de Almeida *(Rebeca)* — Maria José de Almeida *(Canto)*.

4.os Ditos, Alfredo Fontana *(Rebeca)* — Francisco Bibiano Pereira Lisboa *(Canto)* — Luiz Antonio Ferreira *(Corneta)*.

Por falta de espaço não publicâmos os premiados na classe de dança.

Publicação Musical. — Acaba de se publicar, e vende-se no armazem de musica do sr. Sasseti, na rua nova do Carmo n.° 39 *F*, uma linda *valsa brilhante* com o titulo — *Sannazzaro*, arranjada pelo sr. Lami sobre motivos da opera *Ildegonda*.

Recommendâmos ás *dilettanti* a dita valsa, por ser uma composição em que se acham delicadamente entrelaçados alguns dos mais bellos trechos da opera de Emilio Arrieta; e que ao mesmo tempo reputâmos como um novo tributo de grata recordação, pago ao incontestavel merito da insigne interpetre da *Ildegonda*.

Mozart. — No *Mozarteum*, em Salzbourg, achamse ainda numerosos manuscriptos de W. A. Mozart, cuja publicação parece dever proximamente ter logar. Estes preciosos documentos são: 1.° — 160 cartas formando toda a correspondencia com seu irmão Leopoldo; 2.° — Estudos de Mozart sobre o contraponto; 3.° — 60 trechos autografos, sendo a maior parte, esboços de obras que o author não acabou; 4.° — um *Kirié* em *mi* bemol em partitura, e completamente concluido. Além disto, poz-se em venda, em Salzbourg, um clavicordio construido em Milão em 1775, que tinha pertencido a Mozart, cuja viuva o legou por testamento ao seu actual proprietario.

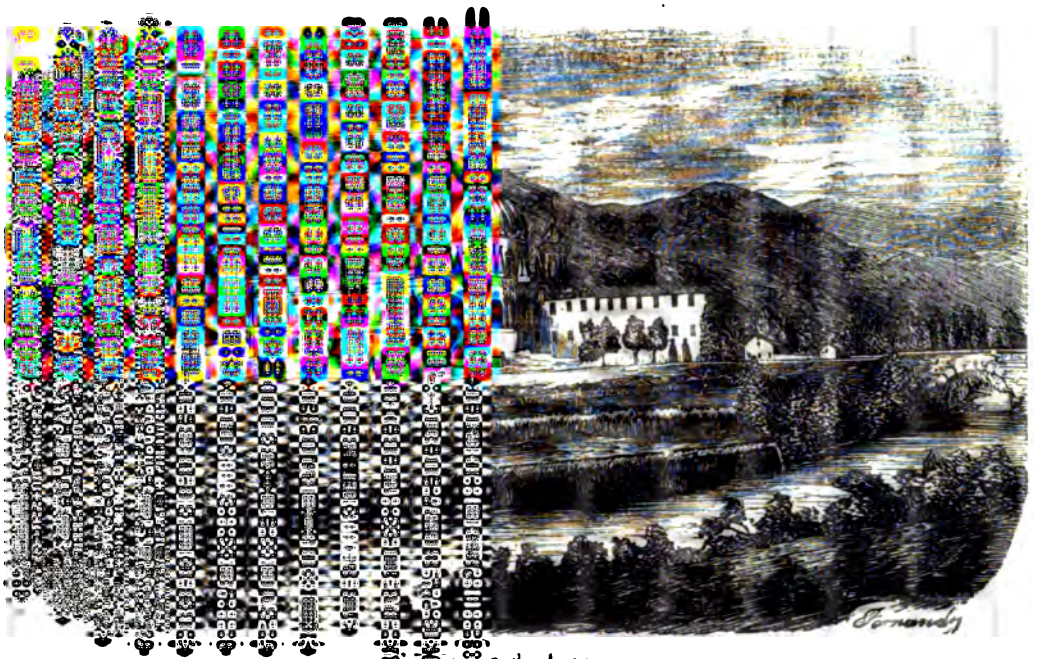
O vapor applicado á litteratura. — Mr. Arsenio Honssaye, machina litteraria da força de cincoenta cavallos, compoz uma comedia intitulada — *A comedia á janella*; porém, ¡admirem-se os nossos leitores! ideou-a e compol-a n'uma manhã. Nesta mesma manhã chegou ás mãos dos actores do theatro francez, ensaiou-se de tarde, e representou-se á noite com applauso do publico!

Novo planeta. — Sir Huid annunciou que acaba de descobrir um novo planeta, o qual apparece actualmente na constellação de *Aquario*, e se vê perfeitamente com o auxilio de um telescopio mediano. O seu brilho é o de uma estrella grande, e se distingue por uma côr prateada que se nota em Palas, Melpomene e outros planetas do mesmo grupo. A 22 de Agosto ás 11 horas, 35 minutos, 38 segundos, tempo medio de Greenwich, a sua ascensão recta era de 22 horas, 22 minutos, 29 segundos e 1 terço, e sua distancia ao polo do Norte 97°, 32', 14'' O seu movimento diurno em ascensão recta, é 533 para o Oeste.

Ouro e prata. — Resumindo todas as noticias e calculos sobre a somma dos metaes preciosos do mundo, apparecem as seguintes proporções na producção entre o ouro e a prata por libras. No seculo 17.°, 1 por 60: no seculo 18.°, 1 por 30: no principio do seculo 19.° 1 por 50: em 1847 1 por 20. Com o descobrimento das minas d'ouro da Australia, esta proporção baixou alguma cousa mais.

Circo equestre. — Parece que a companhia equestre do sr. Paulo Laribeau, dirigida pelos srs. Lustre e Bon-Temps, que tanta acceitação teve ainda ha pouco, nas tres funcções que deu na *Praça do Campo de Santa Anna*, voltará a Lisboa no proximo mez de Outubro, e dará uma serie de representações no *Circo de Madrid*.

Santo Ignacio, o fundador da Companhia de Jesus, ha um convento, que pertenceu aos frades franciscanos. A nossa estampa representa este edificio, no estado actual, e os seus pittorescos arredores.



[illegible]o de Loyola.

[illegible]delarias.

[illegible] a producção cavallar do paiz.

VII.

[illegible] de D. João III.

reino andava então muito pervertida » (1). Pendia outra vez para um abysmo de miseria e de-

maior parte dessas medidas se sollicitaram, saindo convertidas em lei no anno de 1538. O theor das petições que ahi se fizeram a tal respeito, accusa bem o estado pouco lisongeiro em que existia a producção cavallar. Deve-se-nos por isso relevar que aqui consignemos algumas na sua integra, outras na substancia só (1).

O capitulo 60.º das ditas côrtes exprime-se assim:

«*Item*, senhor, pedem a V. A. que da compra e venda dos cavallos de selu, se não pague sisa; porque será azo de aver mais cavallos no reino pera vosso serviço. E assim o tem Olivença e Elvas, e outros logares concedido por El-rei vosso pae.» O rei responde, que bem lhe parece o que apontam, e acêrca disso fará lei. E de feito assim o cumpriu com a promulgação da lei 13 das côrtes, inteiramente concebida nesse sentido (2).

No capitulo 179 pede-se que se modere a ordenação acêrca da prohibição das *mulas* e *fucas*, em quanto ao tempo que se exige para seu cumprimento, e a algumas isempções mais; isto «porque a muita criação de cavallos que sohia haver neste reino agora não ha, e *por que não vem nenhuns cavallos d'Africa*, etc. . .» O rei responde com a lei 27 das côrtes, concebida nestes termos: — «Tendo eu respeito a quam necessaria cousa he aver em meus reynos muitos cavalos e que meus vassalos e naturaes sejam acostumados a andar nelles para me milhor poderem servir quando cumprir ao bem do reino e a meu serviço: e vendo que ser o uso de andar em mulas tam geral a toda a pessoa, *é causa de não aver nos ditos reinos tantos cavalos nem tantas criações delles como podéra aver dando-se a isso remedio*. Ei por bem e mando que passado um anno desta minha ley, nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja em meus reynos e senhorios possa andar nem ande em mulas nem machos com sela nem freio, etc... nem em nenhuma besta cavalar, salvo naquellas que forem de seis palmos de vara de medir de meus reinos e dahi pera sima; a qual medida se fará da reigada do casco da mão pera cima até á cernelha. Nem isso mesmo possa andar em facas de Ingraterra nem de Irlanda, posto que sejam da dita marca. E quem o contrario fizer, sendo achado andar em qualquer das ditas bestas, seja preso e pela primeira vez perca a tal besta em que assim andar pera quem o accusar, ou a valia della não sendo sua; e pagará dez crusados metade pera quem o accusar e metade pera minha camera. E pela segunda vez será isso mesmo preso e perderá besta e pagará trinta crusados, e será degradado por dous annos pera um dos logares d'alem. Esta lei não haverá logar nas pessoas que em meus livros estiverem assentadas por fidalgos, ou posto que não estejam nos meus livros, sendo de qualidade que vivendo comigo andariam neles por fidalgos, que forem de idade de sessenta annos, nem em todas as molheres e filhas dos sobreditos fidalgos, nem nas molheres da casa da rainha ou infantes, em quanto em suas casas andarem; nem desembragadores da casa da suplicação e civel, nem nos cathedraticos da universidade do estudo de Coimbra que nella residem, nem nas molheres dos sobreditos; nem nos clerigos e beneficiados» (1).

Esta lei, como se vê, soberanamente tyrannica para os nossos tempos, mas conforme com as de então, era uma nova edição mais ou menos correcta e augmentada das que desde o tempo de D. Fernando, sobre o mesmo thema se promulgaram. E sempre era em casos de mesquinheza da producção cavallar que se sentia maior necessidade em dar-lhes vigôr, como se nisso estivera principalmente o remedio mais efficaz a atalhar um mal de tanta gravidade. No entanto se despresava, ou se havia por menos importante procurar e facultar bons typos de regeneração hippica, aos criadores que nobilitassem as raças degeneradas que então havism. Na petição que demoveu a publicação da lei que transcrevemos, bem claro se nota alli, que nem sequer já ao reino vinham, como d'antes tinham vindo, *cavallos africanos*, dos quaes nossas raças alguns beneficios colheram em tempo de D. João II.

(Continúa.)

S. B. Lima.

1 Encontrámos os cap. geraes destas côrtes, bem como as leis que se lhes referem, n'um impresso appenso á collecção das leis e apontamentos da Historia Portugueza por Trigoso, v. 3.º

2 D. N. Leão. Leis estravagantes, Figueredo, Synop. Chron. 1.º v.

1 Collecções de leis por Trigoso, 3.º v., D. N. Leão, leis estravagantes, Figueiredo. Synop. Chron. 1.º v., F. de Andrade. chron. de D. João III.

Molestia das uvas.

Depois que a doença das uvas lançou em consternação, e antolhou talvez a miseria a nossos irmãos da Madeira, tractou-se de investigar, se tal praga nos viria tambem victimar no continente.

A gravidade do flagello, e o facto de sua existencia em alguns pontos do districto de Lisboa, moveu a nossa academia das sciencias, e a sociedade pharmaceutica a nomearem commissões scientificas *ad hoc*, a fim de estudar o mal, e os meios de o remediar.

Estas corporações publicaram já os relatorios de seus trabalhos, que ellas mesmas não têem por completos, attenta a pequena escala em que suas observações foram feitas; e tambem por isso o relatorio da primeira formúla alguns quesitos, que deixa aos lavradores e a todas as mais pessoas, que tenham observado a molestia, o dever de os satisfazer, para então, em presença de todos os dados colhidos, se poder assentar opinião

mais segura ácerca de um flagello tão eminentemente assustador.

Por nossa parte apressàmo-nos em comprazer aos desejos da commissão, por agora noticiando simplesmente, que a molestia vae já grassando por alguns pontos do districto de Santarem.

Nós a observámos em Alpiaça; e se bem que *esporadica* ainda, causa a todos serios receios, e exaggeradas apprehensões talvez, porque temem que assuma o caracter de *epidryade*, e que uma boa parte da riqueza desta terra, cujos vinhedos produzem annos por outros cinco mil pipas de vinho, venha a desfalcar-se, com prejuizo certo na fortuna e subsistencia de muitas familas d'ahi.

Começou o mal a manifestar-se, ou antes a observar-se por meado de agosto, primeiro nas parreiras do povoado, e peculiarmente nas castas brancas, como *boal*, *alicante*, *dedo de dama*, etc., sendo mais atacadas as que estavam em sitios onde pelo pé lhe passava alguma agua de rega: depois appareceu nas vinhas, sendo nas bacelladas do campo em terras fortes que mais se notou, e pouco nos arneiros, que são terras mais fraqueiras; e tambem era nas castas brancas mais do que nas pretas; e preferivelmente nas serodias, onde com maior força grassava; a *thalia* era uma das castas mais victimada.

Os cachos ostentavam-se á simples vista, ao principio como empoeirados, mas depois percebiam-se menos facilmente, é verdade, os filamentos da cryptoganica que os invade; manifestando-se mesmo manchas pardacentas, atirando para ferruginosas, nos sarmentos das cepas mais atacadas. A uva depois progredia, mas a custo, na maturescencia, estalando muita, e alguma se esfarelava deitando um cheiro singular e bastante desagradavel. Como não possuiamos instrumentos de amplificação da vista, limitou-se a isto só a nossa observação.

Alguns lavradores, notando que era nas cepas novas, viçosas e nos sarmentos virentes mais do que em vinhas velhas, onde se deparava com o mal em maiores progressos, tiveram por opinião mais provavel a dos *AA* que julgam que, além da influencia da irregularidade do tempo, como a que este anno occorreu, uma das causas predisponentes da molestia é o viço e estado plethorico da planta. E por isso tambem entre a serie de meios therapeuticos propostos para atalhar a doença, se offereceu logo como mais indicado, economico, e facil, o praticar sangrias nas cepas affectadas. Um dos maiores vinhateiros de Alpiaça, o sr. João de Sousa Falcão, as mandou já fazer, mas por ora nada sabemos de seus resultados, que de certo pouco ou nada influirão já na presente colheita.

Como nosso fim foi notar simplesmente a existencia da molestia neste logar, e as circumstancias em que ella apparecia, temos por nimiedade e sobejidão inutil, produzirmos quaesquer considerações scientificas, mórmente quando os seus pontos capitaes vem sabiamente tractados nos relatorios já referidos, e que todos podem com proveito consultar, lendo os Diarios do Governo n.os 204 e 222.

S. B. Lima.

A filha da rainha.

Imagine-se o espanto e o desespêro de Dolores, recebendo esta fatal nova. Passada uma hora de attribulação, que de novo fez receiar por seus dias, sua coragem reanimou-se, e fez-se conduzir ao Escurial ao galope dos melhores cavallos da rainha. Chegou justamente no momento em que Antonio estava em presença da rainha com o alcaide e os ministros. Filippa lançou-se de joelhos supplicando: — «graça, graça;» — e banhando com suas lagrimas as mãos algemadas do seu protector. Isabel levantou-a com os olhos humedecidos em pranto; todos que presenciavam esta scena não poderam disfarçar a sua emoção.

— Meus senhores, interrompeu Terrido com ar sombrio, abreviemos uma scena que póde ser fatal a esta menina. Sou vosso inimigo politico, e por espaço de doze annos fiz-vos guerra sem quartel. Vencido, como meu amo, e duas vezes condemnado, não espero de vós, senão a morte de um gentil-homem. Mas antes disso é preciso que a vossa rainha saiba o que me deve, para pagar a sua divida a Filippa. Eu não sou o roubador da rainha, mas o seu salvador!

E voltando-se com nobreza para sua magestade:

— Sim, minha senhora, é a mim que deveis o throno e a vida, proseguiu elle; e para vos conservar uma e outra cousa, fiz o maior sacrificio de que um homem é capaz. Conduzido na noite de 32 de agosto de 1836, defronte das janellas da Granja, por um chefe a quem tinha jurado obediencia absoluta, eu ignorava que uma empreza indigna de mim me estava reservada. Foi depois de uma lucta terrivel, e para não violar o meu juramento, que consenti em arrebatar uma criança, cujo traje me assignalaram, occultando-me comtudo o nome. Eu sabia entretanto que esta criança ereis vós, e que uma morte immediata vos esperava... Tal era então o furor dos partidos em Hespanha, furor que eu maldizia de todo o coração, e que o mesmo D. Carlos altamente desapprovava. Eu penetro, atormentado de remorsos, no vosso aposento, com dois homens resolutos... Ainda agora as faces se me aquecem de vergonha a esta lembrança; o caminho do supplicio não me ha de ser tão custoso... Julgue porém do meu embaraço, quando, em vez de uma, encontro duas meninas. Impaciente por acabar com tanta infamia, apodero-me da que trajava os fatos indicados; mas, apesar de perturbado, reconheço que não sois vós, e adivinho o disfarce. Ides saber porque signal... e Deus me levará em conta na eternidade as torturas deste momento!

A estas palavras a voz do accusado enfraqueceu; a fronte cobriu-se-lhe de suor frio, e continuou com doloroso esforço:

— Não vos direi o combate que se deu na minha alma... São passados dez annos, e a cabeça me estala ainda de angustia. A consciencia gritava-me: — « leva esta criança, que passará pela rainha, e em vez de entregar a victima, salval-a-has sem faltar ao teu horrivel juramento. » — « Mas se matam esta por desprezo ou vingança! » — gritava-me outra voz, e que vós, justo céu!... Eu julguei que enlouquecia... Parece que tenho esta scena ainda diante de mim, continuou o conde fóra de si e olhando desvairado ora para Isabel, ora para Filippa. Vós estaveis alli ambas como agora aqui estaes! Eu andava desorientado de uma para a outra... Os gritos que eu arrancava, não sei como me não denunciaram por todo o palacio... Quereria livrar-vos a ambas a preço de todo o meu sangue. Emfim, instado pelos dois homens que me acompanhavam, e que se dispunham a obrar em meu logar, reflecti, e disse comigo: — «salvemos sempre a minha honra e a rainha; salvarei depois, se poder, esta creatura. » — Deixei-vos a vossa feliz mãe, e levei Filippa aos vossos inimigos, que recebeu por vós tres punhaladas!.. tres feridas que eu banho ha dez annos com minhas lagrimas, antes de eu poder gritar aos carrascos: — *é minha filha!!!* — Terrido pronunciou estas palavras com voz succumbida, e caiu desfallecido nos braços dos guardas.

— Vossa filha! exclamaram a um tempo a rainha, o alcaide e os ministros, em quanto Filippa se deitava ao pescoço de Antonio, e procurava com lagrimas e afagos chamal-o á existencia.

— Sim, minha filha! proseguiu elle soluçando... Reconheci-a logo pela sua medalha de familia que minhas mãos tremulas encontraram; assim como pelo mesmo signal podeis reconhecer seu pae...

E tirou do peito uma medalha exactamente similhante á de Filippa, que tinha tambem gravada a firma — *C. V.* (conde de Valles).

— Sua mãe, julgando-me morto, e vendo avisinhar-se o seu fim, entregou-a, como sabeis, á conta de Deus e da senhora Montemoro; esta a confiou á rainha... e a Providencia fez o resto. Comprehendereis agora, minha senhora, o meu delirio, achando minha filha comvosco na Granja, minha filha que eu tinha por perdida!.. Avaliae a extensão do meu sacrificio levando-a em vosso logar aos assassinos!.. E longe de vingar sobre vós esta desgraça, eu quebrei no dia seguinte a minha espada, para não mais combater contra aquella que minha filha chamára mãe. Suspeito desde então ao meu partido, e condemnado pelo vosso, errei durante dez annos sem asylo nem recursos, cuidando de Dolores debaixo do supposto nome de Antonio, occultando a todos e a ella mesma, o nobre nome de Terrido, que teria sido a sua gloria n'outros tempos, e que nestes dias nefastos seria a sua ruina. O dedo de Deus andou porém em tudo isto; elle vos restitue Filippa e me separa della para sempre! Paciencia! Dai-lhe a felicidade em troca do sangue com que ella resgatou a vossa corôa e vida, e morrerei satisfeito. Criada como filha do senhor Terrido, e não de Terrido o proscripto, não a castigueis do segredo que ha dez annos me opprime, e que agora me escapa!...

— Não sereis castigados, nem um nem outro! exclamou sua magestade enxugando os olhos. Conde de Terrido, restituo-vos todos os vossos titulos, honras e terras da Andaluzia. Partilharemos sómente Filippa, que se continuará a chamar sempre a filha da rainha.

Antonio deitou-se aos pés de Isabel, Dolores em seus braços; e desta vez, contra o uso, os ministros foram de accôrdo com sua magestade.

Uma hora depois, o bacharel Leão entrava de cabeça entonada em casa de seu pae. O illustre senhor Diego de la Sagra, de capa ao hombro, bigodes retorcidos, catana á cinta e *sombrero* á banda, passeava diante de vinte retratos de familia, minados de carunchо, fazendo recitar a seus doze filhos a lista de seus avós desde a conquista romana até aos Abencerrages, e desde os Abencerrages até elle, chefe da trigesima geração dos Diegos.

— Muito bem, diz o fidalgo ao bacharel, uma vez que tornas a apparecer na minha presença, é, supponho eu, porque renunciaste ao teu casamento com uma rapariga sem nome?

— É verdade, meu pae, e a prova é que venho pedir o vosso consentimento para me receber com a filha unica do senhor conde de Terrido de los Valles, y Montes y Burgos, etc., antigo estribeiro-mór de Fernando VII, antigo capitão de D. Carlos, e ao qual sua magestade acaba de restituir as honras da côrte e os seus dominios da Andaluzia.

D. Diego ficou aturdido. Depois retorcendo o bigode:

— O conde Terrido tem grandeza na sua familia?

— Não sei, mas teve o almirantado.

— Uma cousa quasi vale a outra. Consinto no teu casamento, meu filho, e deito-te a minha benção.

Depois de completar a sua convalescença na Granja, a filha da rainha é hoje a senhora Diego. Leão, governador da residencia real, onde se preparou a sua ventura, acompanha sua joven esposa da côrte de Isabel aos dominios do conde Terrido. E todos esquecem no regaço da amisade as sanguinolentas discordias que agitaram sua existencia.

Quanto ao senhor de la Sagra, foram baldadas todas as diligencias para o impedir de ir morar com seus quadros de familia restaurados, e seus doze filhos, que jantam agora todos os dias, para a humilde casa da rua da Zarza, onde a rainha visitou a sua nóra, agora privilegiada com o fôro de *cadeia*, fôro que faltava á dynastia dos Diegos, e invejado pelas mais ricas casas.

Chama-se *cadeia* em Madrid, ás grossas argolas de ferro chumbadas em fórma de grinalda nos umbraes das portas de muito poucas casas

que tem tido a antiga honra de receber o rei ou a rainha. Nenhum official de justiça póde entrar n'uma habitação defendida por esta real egide. O velho fidalgo já tinha razões particulares para querer esta inviolabilidade de asylo.

Real Theatro de S. Carlos.

Emprezario — *Domingos José Marques Guimarães.*

Elenco dos artistas de canto e baile, escripturados para o serviço do mesmo theatro, na 1.ª época theatral de oito mezes, que deve principiar em outubro proximo futuro, e acabar em 31 de maio de 1853.

Mestres compositores e ensaiadores — Os senhores Antonio Coppola, e Francisco Xavier Migoni.

Primeiras damas absolutas de Cartello.

A sr.ª Anaide Castellan, do 1.º de outubro de 1852 a 16 de fevereiro de 1853.
A sr.ª Giovanna Rossi Caccia, do 1.º de março a 31 de maio de 1853.

Artistas para toda a época.

Primeiras damas absolutas.

As sr.as Rachelle de Agostini *(soprano)* e Ercilia de Agostini *(meio soprano)*.
Comprimaria, a sr.ª Elizia Denovani.
Segunda dama, a sr.ª Sophia Roscelli.
Primeiro tenor absoluto de *Cartello*, o sr. Antonio Prudenza.
Primeiro tenor absoluto de *meio caracter*, o sr. Joseph Swift.
Primeiro tenor absoluto *generico*, o sr. Alexandre Maccaferri.
Primeiro baritono absoluto de *Cartello*, o sr. Ottavio Bartolini.
Primeiro baixo profundo absoluto, o sr. Francisco Maria dell'Aste.
Primeiro baixo e supplemento, o sr. Antonio Maria Celestino.
Dois segundos tenores, os srs. Antonio Bruni, e Manoel Subtil de Abranches, alumno do Conservatorio Real de Lisboa.
Dois segundos baixos, o sr. João Manoel de Figueiredo, e Bebiano da Silva Lisboa, alumno do Conservatorio Real de Lisboa.
Mestre de córos, o sr. Jorge Augusto Cezar.
Quarenta coristas de ambos os sexos.
Ponto, o sr. Caetano Fontana.
Professor de declamação, e director da scena, o sr. A. Galleano Ravara.

A orchestra é composta dos professores da associação musica — 24 *de Junho.*

Companhia de baile.

Compositor e primeiro mimico absoluto, o sr. Domingos Segarelli.
Primeiras bailarinas absolutas da escóla franceza, as sr.as Genevieffa Monticelli, Augusta Domenichettis, e Savina Gonzaga Cappon.
Primeira bailarina absoluta *dançante*, a sr.ª Marietta Vicentini.
Primeira bailarina mimica absoluta, a sr.ª Sophia Costanza.
Primeiro bailarino absoluto da escóla franceza, o sr. Valentino Cappon.
Quatro bailarinos mimicos de ambos os sexos.
Primeiras bailarinas italianas de *merito e supplemento*, as sr.as Romilda Pizzala, e Michelina Devechi.
Seis copias de segundas bailarinas, seis copias de coripheos, e seis copias de figurantes.

Em tempo opportuno a empreza terá a honra de propôr aos amadores do theatro lyrico, e ao respeitavel publico desta capital, uma serie de cem representações no decurso de oito mezes, nas quaes a empreza dará dez espectaculos novos, sendo cinco operas absolutamente novas, para esta capital, e cinco bailes ou *divertissiments*. As operas serão as seguintes — *L'Anima della tradita*, do *maestro* Flotow — *Maria Rainha de Inglaterra*, do *maestro* e cavalheiro Paccini — *Sampiero*, do *maestro* e cavalheiro Francisco Xavier Migoni, director do Conservatorio Real de Lisboa — Os *Huguenotes* do *maestro* Meyerbeer — Mallek-Adel, do *maestro* D. Ventura La Madriel. — No numero dos cinco bailes propostos, a empreza dará dois grandes bailes, que serão — *La Bella-Figlia de Gand*, e o *Kardinuto*. Repetir-se-hão das operas já conhecidas, aquellas que mais têem merecido a approvação publica, entrando no numero dellas duas do célebre *maestro* e Cavalheiro — Gioachino Rossini — *A Pêga ladra*, e o velho *Mosé in Egypto*.

O director geral,
Antonio Porto.

Sic ars deluditur arte.

Um usurario avarento intimou para comparecer na presença do juiz, a um estudante seu visinho, ao qual tinha sustentado durante um anno, com a condição de lhe pagar dez vezes a despeza do sustento, quando o estudante herdasse a fortuna de um tio velho e enfermo de quem era unico herdeiro. Succedeu porém que este tio que todos julgavam rico, quando morreu não deixou senão um pequeno espolio, cuja venda mal chegou para as despezas do enterro. O agiota demandou pois o estudante por perdas e damnos. Foi em vão que este lhe pediu espera, promettendo-lhe um completo desempenho da sua obrigação, logo que terminasse a carreira dos seus estudos. O agiota enfurecido pela sua mallograda especulação, exigia, ou o prompto pagamento, ou a prisão.

— Dizeis então, rompeu o juiz voltando-se para o auctor, que este senhor vos deve o sustento de um anno?

— Saberá v. s.ª, que ha um anno elle não vive *senão do cheiro da minha cosinha.*

— Note, senhor escrivão, continuou o juiz.

— E que promettendo-me dez vezes a importancia da somma que adiantei, nem esta mesma me póde pagar.

— Que abominação! exclamou o juiz.

O pobre estudante, confuso, tremia de vergonha e mêdo O agiota esfregava as mãos, não duvidando já de uma sentença favoravel.

— Chegae cá acima, disse o juiz ao agiota. Vejam se o réu traz ahi nos bolços algum dinheiro.

Um official de diligencias aproximou-se do mancebo, que com a cabeça baixa, derramava abundantes lagrimas, e dando-lhe volta ao fato, encontrou duas moedas de cobre que foi depositar na mão do juiz.

— Muito bem, proseguiu este, voltando-se para o avarento, abaixae cá a cabeça; e tinindo-lhe com os dois cobres ao ouvido, ouvís?

— Perfeitamente.

— Estaes então pago, podeis ir em paz.

— Como, senhor? Não comprehendo...

— Declarastes que o réu *viveu durante um anno do cheiro da vossa cosinha*, e elle paga-vos esta divida com *o som dos seus cobres;* o som vale bem o cheiro.

O agiota retirou-se, mordendo raivoso as unhas, e o estudante bem dizendo a sagacidade do juiz.

Segredo guardado sem a ameaça do pimentão.

Papírius, quando ainda rapazinho, foi uma occasião com seu pae, que era senador romano, presenciar uma das sessões do senado. Deliberava-se naquelle dia sobre objectos de summa importancia. De volta a casa, sua mãe interrogou-o sobre o que tinha visto; mas o moço Papirius, a quem se havia recommendado o mais inviolavel segredo, respondeu que tinha prohibição expressa de fallar. Esta resposta, como é facil de crêr, mais aguçou a curiosidade da mãe, que redobrou em sollicitações, em mimos, caricias e promessas, para saber o que desejava. Para se furtar a mais longas instancias, e querendo contentar sua mãe, Papirius disse a final, que a questão que occupava o senado era — qual seria melhor para a republica, se permittir que um homem tivesse duas mulheres, ou uma mulher dois maridos.

Afflicta com a deliberação que o senado tomaria, a esposa do senador correu a participar esta singular nova a todas as suas amigas.

Divulga-se a noticia; vae um borborinho por toda a cidade; toca-se a rebate em todas as fileiras feminis: velhas e moças, donzellas e casadas, fallazam, gritam, correm a concertar nos meios de resistir ao tresloucado projecto. No outro dia pela manhã, uma legião de matronas apresenta-se ameaçadora ás portas do senado. Ellas estranham aos senadores que em materia que tão de perto lhes dizia respeito se esquecessem de consultar a sua opinião: e declaram a uma voz, que o que mais convém á republica, é que cada mulher tenha dois maridos.

Os senadores olham-se attonitos uns para os outros, a hilaridade não tem limites. Papirius levanta-se então e refere a mentira com que, para guardar a inviolabilidade do segredo que lhe confiaram, elle fôra obrigado a enganar sua mãe. Os senadores applaudiram a sua prudencia; mas resolveram que d'alli em diante nenhum outro mancebo, á excepção de Papirius, assistiria ás deliberações do senado.

Impertinencia bem punida.

O cantor Jéliotte, passando por Carcassona, parou n'uma hospedaria onde se achavam alguns viajantes, e em quanto esperava pelo jantar, retirou-se para um canto da casa com um livro na mão. Na mesma sala appareceu logo depois um mancebo elegantemente vestido, e que se tinha apeado da diligencia de Paris. Entra sem saudar, faz duas ou tres piruêtas, caminha sobre as pontas dos pés, vê-se ao espelho, arranja a gravata, e garganteia uma aria, medindo ao mesmo tempo com a vista desde a cabeça até aos pés a cada um dos circumstantes. Todos olham para elle admirados; mas o artista que lia, pareceu não lhe dar attenção. O elegante, picado por esta indifferença, aproxima-se dizendo-lhe:

— O senhor está lendo?

— Como queira, senhor.

— Seria indiscripção perguntar-lhe que livro é que lê..

— São comedias.

— E qual é a que nos priva assim da sua conversação?

— *O curioso impertinente.*

O provocador resente-se, e diz com voz trémula:

— Desejaria saber o nome da pessoa que me responde por este modo.

— É o do cantor Jéliotte. O senhor deve conhecer perfeitamente este nome. Seu pae veiu muitas vezes a minha casa para trazer-me annois e outras galanterias.

Julgue-se da confusão do tal casquilho ao receber tão terrivel golpe em suas pretenções aristocraticas. Todos os circumstantes deram uma gargalhada, e o imprudente mancebo contentou-se de bater em retirada, sem se atrever a tornar a abrir a bôca.

Testamento de um musico ambulante.

Ao longo das ruas dos Campos Elyseos, existiam tres ou quatro cégos, que ha trinta ou quarenta annos tocavam a mesma céga-réga com

os seus derrenocados clarinetes. O mais antigo d'entre elles, collocava-se na porta dos passeios, tanto no verão como no inverno, sem faltar um unico dia, e sempre acompanhado de uma formosa menina de quinze annos, que tinha adoptado, e de um cão branco, muito bem penteado e de tal modo ensinado, que ao ouvir algum dos estribilhos nacionaes, com seus latidos chamava a attenção do publico.

Este cégo chamava-se Crigne-Touche. Tinha um amigo de infancia, que como elle era cégo e tambem tocava clarinete, porém este havia escolhido a ponte das *Tournelles* para theatro dos seus concertos. Durante quarenta e tres annos, o cégo Galimand não faltou um só dia na ponte das *Tournelles*, e viu passar quatro revoluções, sem que já mais pensasse em abandonar aquelle ponto. Fazia-se sempre acompanhar por um menino de dez annos, porém logo que conhecia que a creatura começava a raccicionar, despedia-a, e procurava outro. Galimand retirava-se todas as noites para o seu casebre de madeira, escuro palheiro de uma casa da rua de S. Jaime. Porém a morte, que a ninguem perdôa, chegou á sua porta; vendo-se á borda do sepulcro, mandou chamar um escrivão para fazer o seu testamento, e dois dias depois, marchou deste para melhor mundo.

Uma noite achando-se o cégo Crigne-Touche no seu posto dos Campos Elyseos, apresentou-se um individuo vestido de preto, e interrompendo-o no meio das suas harmonias, travou o seguinte dialogo:

— Sois mendigo?

— Sim, senhor.

— Tendes uma filha adoptiva?

— Sim, senhor.

— E um cão branco?

— Sim, senhór.

— Vós tinheis um amigo na ponte das *Tournelles*?

— Que se chama Galimand.

— Chamava-se!... Respondeu o que ía de preto. Ha tres dias que o seu corpo descança no cemiterio. O cego deu um grito de dôr, e principiou a chorar.

— A final, vós sois Crigue-Touche, lhe disse o escrivão. Galimand nomeou-vos seu herdeiro universal; aqui trago o seu testamento. Deixa-vos uma caixa que está enterrada a alguns pés a baixo da terra, a sua sanfona, o seu clarinete; em fim tudo o que possuia. Porém a caixa contém 80:000 francos.

Ao ouvir isto, Crigue-Touche experimentou tal sensação que as suas palpebras coladas abriram-se, deixando vêr uns formosos olhos pretos. O cégo chamou sua filha adoptiva e o cão, e subindo a uma sege dirigiu-se para casa de defunto. Encontrou tudo como lh'o havia dito o escrivão. Achou 80:000 francos no logar que indicava o testador, e sobre a caixa estava este escripto: «Meu velho Crigue-Touche, se Deus fechar os meus olhos antes que os teus, deixo-te este dinheiro para que possas dotar a Mariana. Não quero levar deste mundo mais que o clarinete, que enterrarás a meu lado. Se tú morreres antes de mim, tudo o que tenho deixo-o a Mariana, tua filha adoptiva. Pensa algumas vezes no cégo da ponte das *Tournelles*.

Os dois tocadores de clarinete, nunca tinham sido cégos!

Durante oito dias, esta occurrencia foi o thema das conversações. O que não padece duvida, é que a filha adoptiva de Galimand terá muitos pertendentes... ao menos aos seus 80:000 francos.

Juizo imparcial sobre a — Prophecia.

Dois bolonios da provincia, chegando ha dias a Lisboa, conduzidos por um parente muito rico que os levava comsigo para a America, onde ajuntou consideravel fortuna, foram vêr a — *Prophecia* — ao theatro de D. Maria. Entre as numerosas baboseiras que o seu espanto e rustica simplicidade lhes trouxe á bôcca, durante a representação, conta-se que ao vêrem desfilar por diante de Tito os palanquins das princezas, um delles disse para o companheiro, apontando para aquelle em fórma de concha bivalve:

— Ó Lourenço, olha, parece-te decente que aquella moçoila venha á presença do *Titulo* dentro de uma casca de *mexilhão!!*

— Não, respondeu o outro, aquillo é talvez castigo que elle lhe deu. O que a mim me admira não é isso. É como todas ellas veem em *padiolas* ás costas dos homens! Não tinham lá antes um carrão com duas *parelhas de machos!*

Noticias Diversas.

Emigração ingleza. — A emigração ingleza para a Australia, Estados-Unidos, Indias Orientaes e Occidentaes, augmenta, segundo os documentos officiaes, diariamente de tal maneira, que, segundo todas as probabilidades, durante o anno actual mais de 500,000 pessoas haviam saído de Inglaterra, para ir colonisar differentes pontos do globo. Antes do fim de agosto proximo passado, 400 navios de 500 a 2,000 toneladas, tinham saído dos portos de Londres, Liverpool e Plymouth para Australia. Pelo termo medio está calculado, que semanalmente sáem umas 40,000 pessoas de todos os portos do reino unido. Só a Australia absorve 200,000 por anno.

Luz do céu. — Está-se construindo em Glascow, para o pachá do Egypto, um dos mais bellos barcos de vapôr, que até hoje se tenha visto. A machina é da força de trezentos cavallos. O barco é de ferro, e em razão de ser exclusivamente destinado para passear no Nilo, póde navegar em quatro pés de agua de profundidade. Os ornatos, as armações, as tapeçarias do interior, são de brocado, avaliado tudo em mais de *duzentos contos de réis*

fracos. O tecto da sala é de sêda branca com ornatos de ouro; os canapés são de sêda misturada com fio de vidro. A barraca para ser posta em cima do toldo é de damasco, e toda bordada com figuras emblematicas; far-se-ha uma idéa da sua belleza e riqueza dizendo, que só a fazenda para ella custou dezesete contos de réis pouco mais ou menos. O elegante barco chamar-se-ha — *Luz do céu*.

Estatua de Peel. — No dia 8 do corrente, foi colocada a estatua de bronze de sir Roberto Peel, na praça do mercado de Bury, em Lancashire. Esta estatua tem dez pés de altura. O escultor, M. E. H. Bally, recebeu por ella 2,500 libras sterlinas. Sobre a frente do pedestal estão gravadas em relevo, as quatro letras que compõem o nome *Peel*, debaixo das armas da familia do illustre ministro. Sobre um dos lados está gravada a palavra *commercio*, e sobre o outro a, *navegação*. Finalmente, no lado posterior lêem-se estas memoraveis palavras, pronunciadas por sir Roberto Peel, quando se estava discutindo a sua reforma economica. « É possivel que deixe um nome que se recorde com benevolencia nas habitações daquelles, cujo destino é o trabalho, e que ganham o pão de cada dia com o suor de seu rosto, quando restaurem as suas forças exhaustas com um alimento abundante, e não gravado com impostos, que lhes será tanto mais suave, quanto que não será amargurado pelo sentimento da injustiça. »

Café monstro. — Segundo dizem os periodicos estrangeiros, acaba de abrir-se em Vienna, o maior café da Europa. Está situado no mesmo ponto onde existiu o primeiro estabelecimento deste genero importado do Oriente, donde tiram sua origem os cafés. O titulo do que motiva estas linhas, é summamente modesto: *Leandro Prasch*, botiquineiro. Tem quatorze bilhares, está illuminado por quatrocentas e cincoenta luzes de gaz, e em cada salão ha fontes d'agua excellente, onde os freguezes podem beber por si mesmos. Os assentos são poltronas de rodizios, cujo respaldo toma a posição horisontal, e serve de cama, quando se quer.

Ouro. — Acaba de concluir-se com incontestavel esmero, um trabalho summamente curioso, sobre a quantidade e o consumo do ouro em todas as partes do mundo, e eis aqui os resultados que se tem obtido. A totalidade de oiro em circulação, eleva-se a 1:200 milhões de francos. A perda e o uso deste metal produz uma diminuição de $2\frac{1}{2}$ por cento ao anno, ou 42 milhões de francos.

O ouro empregado em obras de luxo, de arte e em manufacturas, acha-se repartido deste modo:

Inglaterra, 62:500:000 de francos; França, 25:000:000 de francos; Suissa, 11:250:000. Os demais estados da Europa, 40:000:000; os Estados Unidos, 12:500:000 de francos.

Em Londres a fabricação do ouro em folha sobe a 4:000 onças por semana. Em Paris a 2:000. Para o dourado da porcelana consomem-se em Inglaterra 850:000 francos de ouro.

Telegraphos electricos. — Escrevem do Mexico: — « Desde os ultimos dias de maio proximo findo, Veracruz communica com o Mexico por os telegraphos electricos. O trajecto de 80 leguas entre ambos os logares, percorrem-no as communicações em dois minutos, de fórma que em quatro ou cinco se alcança uma resposta. Isto é admiravel, e excita em todos o enthusiasmo, pois que os antigos telegraphos, sobre serem muito mais dispendiosos, o seu serviço não admitte comparação com dos electricos. »

Desastre maritimo. — Os periodicos dos Estados Unidos annunciam a explosão do vapôr *Franklin*, cujas machinas rebentaram a seis milhas de distancia de Nova-York, tendo perecido quinze pessoas das que se achavam no navio. Em menos de um mez tem occorrido no dito paiz quatro accidentes deste genero, que hão causado a morte de centenares de individuos.

Moeda falsa. — *O Correio dos Alpes* diz: — « Descobriu-se um destes dias, no banco nacional de Turim, um grande numero de moedas de cinco francos, cuja inscripção *Deus protege a França*, foi arrasada e substituida por est'outra: *Deus castigará a França*. Esta substituição está executada com tal perfeição, que os culpados authores desta falsificação deviam necessitar de grande paciencia, e até um longo trabalho artistico.

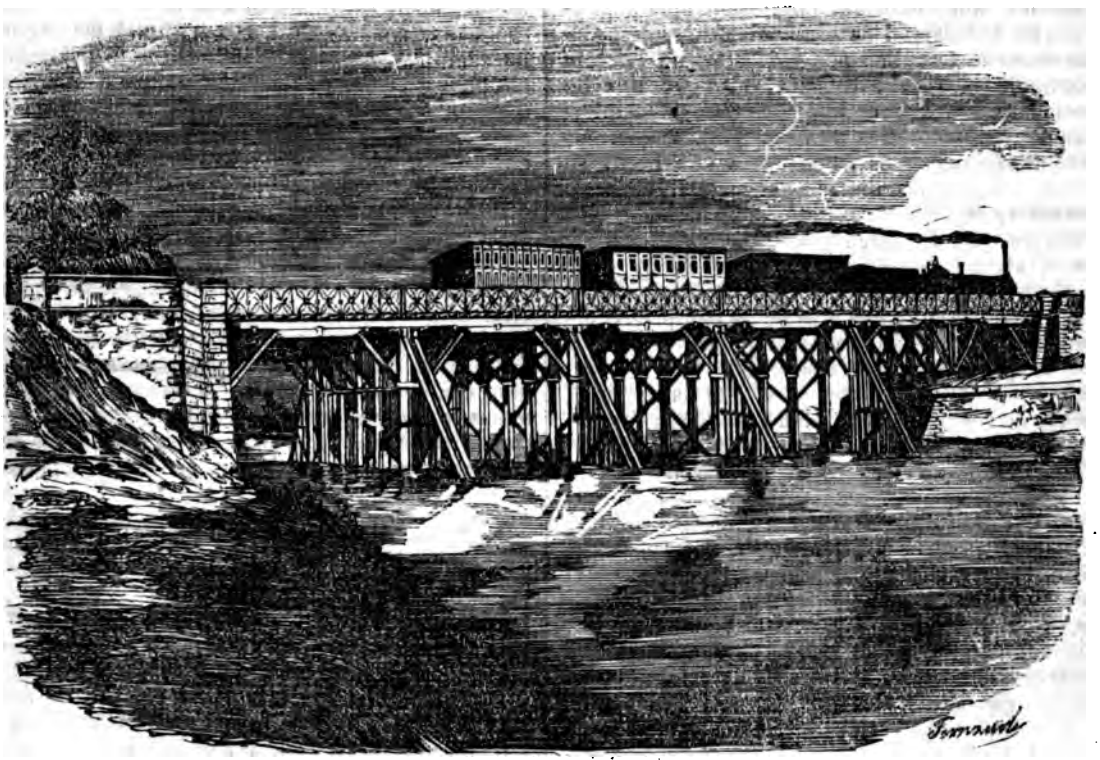
Belgica. O grande festejo que deve ter logar em Bruxellas no corrente mez de setembro, deve ser notavel pelo extraordinario numero de artistas, que nelle hão de tomar parte. Cincoenta e seis sociedades philarmonicas da Belgica, França, Allemanha, Suissa e Hollanda, prometteram concorrer: e só cantores apresentarão, aproximadamente, o *total* de tres mil.

M.me Sontag. — Partiu para Nova-York a bordo do vapôr *Arctic* a célebre cantora Sontag (condessa Rossi) levando em sua companhia o pianista Carl Eckert, e o joven tenor Pozzolini, que ha pouco figurou com fortuna em S. Petersburgo ao lado de Mario e de Tamberlik.

Chegada. — No dia 22 chegou a Lisboa, a bordo do vapôr *Madrid*, a *prima donna*, sr.a Anaide Castellan, a qual debutará, segundo nos consta, no dia 6 ou 7 do proximo outubro na opera *Somnambula* de Bellini.

A abertura do theatro de S. Carlos, parece que se verificará no dia 2 de outubro.

Hydrophobia. — Escrevem da Haya (Hollanda) que acabam de curar-se dois casos de hydrophobia por meio do sulfato de quinino, combinado com o extracto d'opio. A sociedade medica de Amsterdam, mandou que se publicassem as observações officiaes obtidas nestas duas curas.



Ponte sobre o Téjo, no caminho de ferro de Madrid a Aranjuez.

Quando em Portugal se falla tanto de caminhos de ferro, não será cousa inutil dizer duas palavras ácêrca dos caminhos de Hespanha, visinha nossa, que tem aproveitado alguns annos de paz, para se adiantar, em quanto nós ficámos por aqui a discutir bagatelas, e a perder o nosso tempo nas intrigas nojentas de uma politica sédiça.

O primeiro caminho de ferro que a Hespanha teve, foi o de Barcelona a Mataró. Já a Havana possuia um caminho de ferro, quando, em 1844, se creou em Barcelona uma sociedade anonyma, á qual José Maria Rosa, negociante da praça de Londres, cedeu o privilegio, que obtivera em 1843, para a construcção do *ferro-carril* de Barcelona a Mataró. Este caminho, terminado em 1849, tem de extensão cinco leguas. A sua obra mais importante, é um *tunnel*, aberto na montanha de Mongat, o qual, com quanto não tenha mais de 500 pés de comprimento, 27 de largura, e 24 de altura, exigiu todavia penosissimos trabalhos, por ser dura a rocha, e abundante a agua em alguns pontos do subterraneo. As pontes, que se construiram para estabelecimento do *ferro-carril*, são em numero de vinte e uma, numero assaz consideravel em tão curta extensão.

Para se fazer idéa do custo destes caminhos, sem os quaes é impossivel o desenvolvimento da industria e do commercio de um paiz, indicaremos as despezas feitas com o caminho de Barcelona a Mataró, construido sob a direcção de Mr. Joseph Locke.

Valor da expropriação de terrenos e edificios, 90:000 pesos fortes.

Construcção do caminho, incluindo carris, etc., segundo a contracta celebrada com MMr. Mackensia e Brafsey, 560:000 pesos fortes.

Estações (excluindo os tectos e columnas de ferro) paradouros, officinas, casas de guarda, etc., 50:000 pesos fortes.

Tectos e columnas de ferro para as estações, plata-fórma, cruzeiros, coke, e outros artigos, postos em Barcelona, 35:000 pesos fortes.

Locomotivas, carruagens, wagons, etc., tudo posto em Barcelona, 170:000 pesos fortes.

Engenheiros, soldos, commissões, e despezas imprevistas, 45:000 pesos fortes.

Ao todo uma somma de 950:000 pesos fortes.

O capital social é formado por 1.000:000 de duros, dividido em 10,000 acções de 2:000 reales (920:000 réis) cada uma, das quaes 5,000 se repartiram entre accionistas inglezes, e 5,000 ficaram na Hespanha.

O caminho de Madrid a Aranjuez, que hoje se continúa na direcção de Aranjuez a Almansa, foi o segundo de Hespanha, apesar de haver sido objecto de um plano que apresentou em 1829 o marquez de Pontejos. Em 22 de novembro de

1845, foi obtida a concessão por D. José de Salamanca, que constituiu uma companhia anonyma com um capital de 45.000:000 de reales. Começaram os trabalhos aos 4 de maio de 1846, e continuaram com actividade, até que a crise monetaria europea os interrompeu, como interrompeu muitos outros de egual importancia. Os trabalhos, suspensos na primavera de 1848, só foram continuados quando Salamanca, no anno seguinte, regressou a Hespanha, e reorganisou a empresa. Desde então proseguiram com actividade, até á conclusão, no anno de 1851.

O caminho de ferro de Aranjuez tem nove leguas menos um quarto, das de 20,000 pés. O orçamento era de 45.000:000 de reales, repartidos em 32,500 acções de 2:000 reales; a interrupção, porém, augmentou 5.000:000 na despeza; donde se segue que importou cada legua em cinco milhões e meio de reales, ou proximamente, duzentos cincoenta e tres contos de réis.

A via é uma só, mas estão feitas as obras para duas.

A ponte, sobre o Téjo, que a nossa estampa representa, está situada quasi no fim do caminho, cêrca de Aranjuez. Tem 210 pés de comprimento, e 28 de largura. Além desta ha nove pontes, viaductos, pontões, e outras obras d'arte, que mereceram os elogios honrosos do celebre engenheiro Flachat.

As *estações* são excellentes, e offerecem ao viajante todas as commodidades. Em Madrid, á esquerda da *estação*, ha officina de carruagens, e á direita cocheira para 48, sobre seis vias. Em Aranjuez ha outra officina, em que se preparam as madeiras pelo processo de Pagne, misturando o sulfato de ferro ao chlorureto de cal, em caldeiras com 50 pés de comprimento e 6 e meio de largura, providas de carrís interiores.

A linha de Madrid a Aranjuez, corre-se em hora e quarto, parando nas estações secundarias. Paga-se nos logares de 1.ª classe um duro, nos de 2.ª 650 réis, nos de 3.ª 360, nos de 4.ª 200, isto é, pouco mais de 20 réis por legua, podendo levar bagagem, que não pése mais de tres arrobas. Querendo levar excesso de bagagem, paga-se 100 réis por arroba, qualquer que seja o logar que se occupe, o que corresponde a 10 réis por legua.

O movimento dos passageiros, no caminho de Madrid a Aranjuez, e o das mercadorias, não pagam ainda o juro do capital; nem o poderão pagar, sem que esteja prompto o caminho de Almansa. Não acontece o mesmo ao caminho de Barcelona a Mataró, que produz interesses consideraveis para a companhia.

Fradesso da Silveira.

Caudelarias.

Esboço historico sobre a producção cavallar do paiz.

VIII.

No reinado de D. João III.

No capitulo 186 das côrtes a que nos referimos, pede-se que na comarca de Entre-Douro e Minho, *não haja criação de mulatos:* — « porque sohia aver criaçam de bois em abundancia, que he uma das cousas mais necessarias e proveitosas pera o reino, e isto por que todo o lavrador que tinha onde poder criar se ia ás feiras de Trancoso e a outras onde vinham bezerros e traziam em cada um anno de lá muita somà, de maneira que havia ahi grande copia dellas por onde o reino era abastecido, e ora os lavradores se lançam a criar *mulatos* e os vam buscar onde sohiam ir buscar os bezerros. E os galegos sabendo já como os ditos lavradores, se lançam a criar os ditos mulatos, trazem grande soma delles da galiza e andam com elles pelas casas dos ditos lavradores e lhos vendem e dam fiados, pera que os ditos lavradores se demovam milhor a lhos comprar, donde se seguem grandes inconvinientes, a saber: que sae grande soma de dinheiro pera Galiza e Castela por cousa tão pouco necessaria ao reino, e mais que os lavradores não curam de criar bois nem vacas senão os ditos mulatos de maneira que não ha já na dita comarca o dizimo dos bois que sohiam haver. Pelo que V. A. deve defender que nenhum lavrador possa criar mulatos nem outra besta, sómente bezerros, ou *potros de casta por que he cousa muito necessaria pera o reino, e somente possa criar cada hum lavrador hum mulato pera seu trabalho*, e assim o pedem seus povos a V. A. E que as *egoas castiças e que forem de marca, se não lancem aos asnos*, e se lancem a cavalos de marca; e que as egoas de criação possam comer com outras bestas do concelho sem pagar coima.» — Responde o rei, que lhe parece bem o que apontam e promulga a lei 28 das côrtes na qual se ordena: — « que nenhuma pessoa podesse criar na comarca d'Entre-Douro e Minho mais do que um mulato para seu serviço, sob pena d'um anno de degrêdo para um couto fóra da comarca, e perdimento dos mais mulatos que criasse (1).

Em quanto porém ao que lhe sollicitavam, de se não dever consentir o lançamento de egoas castiças aos asnos; responde que isso está provido *pelo regimento dos coudeis das egoas* (2).

1 Trigoso. Col de leis 3.º vol. D. N. Leão leis estravag Figueiredo Synop. Chron. 1 v

1 Este regimento a não ser o primitivo de D. Fernando, e que mais por poder consuetudinario, que outra cousa se conservára, ora em vigôr, ora em despreso, conforme o muito ou pouco empenho dos monarchas subsequentes; sendo D. João II, que mais a peito tivera radical-o no paiz, se bem que já antes, então, e desde então, modificado fosse em mais de um ponto por varias leis e disposições avulsamente promulgadas, e algumas das quaes hemos já apontado neste esboço historico. sendo uma das que não citámos, impôr como preceptivo de ter egoa fantil quem houvesse 30,000 r. de fazenda, cousa d'antes facultativa; a não ser, repetimos, isto o que se reporta D. João III, em sua resposta, não sabemos que outra cousa seja, pois não tivemos a ventura de deparar, se de facto existe, com regimento caudelico, ordenado em tempos posteriores áquelles que nos referimos, senão no reinado de D. Sebastião, do qual fallaremos no artigo seguinte,

Comtudo, muito que podesse esse regimento, parece que para o ponto sujeito, não teve força bastante para satisfazer ao pedido do povo em côrtes, pois vêmos este monarcha (D. João III) promulgar a lei de 7 de agosto de 1549, na qual dá mais plena satisfação a esse pedido, ordenando: — «que no reino do Algarve, e nas comarcas d'entre Tejo e Odiana e nas de Tras os montes e Estremadura, pessoa alguma *não lançasse egoa a asno*, nem desse a isso consentimento sob pena de perder a egoa e o asno. E não sendo seus ambos ou alguns delles, pagasse a valia e mais dez cruzados» (1).

Em quanto ao que lhe supplicavam *ácêrca das egoas pascerem nos coutos*, responde: que se não póde provêr a isso geralmente — «porque em muitos logares não se poderá bem fazer, mas se em alguns em particular parecer que lhes convem provir em alguma maneira ácêrca disto para boa governança da terra, poderão fazer suas *posturas*, segundo forem da ordenação, declarando nellas as causas e razões porque lhe parecem bem fazer as taes posturas, e antes de as pubricarem mas enviarão para as confirmar parecendo-me proveitosas ao povo.»

Desta passagem se infere que não tinha já vigôr a disposição do regimento caudelico de D. Fernando na parte que mandava se coutassem pascigos para as egoas de criação; mas tambem se vê que D. João III, na sua resposta deixava todavia essa liberdade, se bem que com o caracter excepcional, aos concelhos que isso houvessem por possivel e conveniente; o que tudo revela os bons desejos que elle tinha de rehabilitar a producção cavallar do paiz, desejos que adquirem maior significação com a prohibição que fez dos sendeiros agarranados em funcção de padrear, por esta maneira ordenada na lei de 7 de agosto de 1549, — «que todos os *sendeiros* que não fossem de seis palmos de vara de medir para cima, se capassem, sobpena de os perderem seus donos, mandando-os depois a authoridade vender e capar» (2).

Nas proprias leis sumptuarias, que este monarcha teve de promulgar, afim de atalhar ás demasias de um luxo ruinoso, lembrou-se de ligar a concessão de certas galas e paramentos vistosos, á condição de possuirem cavallos. Assim, os artigos 2.° e 3.° desta lei, dizem — que as pessoas que *tivessem cavallos*, essas poderiam trazer quaesquer armas douradas ou prateadas, gibões, barretes de sêda, etc., não se entendenda o mesmo com seus filhos que estivessem sob seu poder e governança, *por não terem cavallos seus proprios*. Mas suas mulheres e filhas, essas poderiam trajar sêdas e outras galas, na fórma que na dita lei vem prescripto (3).

Ahi ficam pois todas as disposições, todas as leis que podémos encontrar promulgadas no reinado de D. João III, consoantes á producção cavallar. Agora conviria saber-se qual era a situação em que se achava essa producção, tanto em quantidade como em qualidade. As chronicas e documentos historicos que compulsámos, não nos solvem cabalmente, como o desejáramos, este ponto. Não houve, que nos conste, como houvera no reinado antecedente, alardo algum geral, por onde essa quantidade se conhecesse e avaliasse.

Seria ella por ventura inferior á dos tempos de D. Manoel? Tudo o parece indicar, tanto a difficuldade em que nos achámos de sustentar as nossas possessões de Africa, que algumas se houveram por bem abandonar ante o poder e ambição crescentes do Xarife Muley-Hamet, e a falencia de meios e tropa, principalmente de cavallaria, mui precisa para o systema de guerra por correrias, ainda então muito em uso, embora se promettesse comtudo da nossa parte, auxiliar com 2,000 lanças de cavallo a el-rei de Belez em Arzila, (1) que lhe cediamos, afim de emprehender a guerra contra aquelle Xarife, promessa que de feito se não realisou; tanto isto, como o theor das petições que em côrtes se fizeram, e algumas passagens da chronica de Andrade, de sobejo em mais de um ponto accusam uma inferioridade notavel nesta producção; inferioridade a que, pelos males que conduzia, pertendeu provêr de remedio D. João III, com a promulgação das leis que hemos citado. Estas leis de feito, tendiam a dois fins: um, era ao fomento da producção pelo consumo, em quanto se ordenava, que se montassem bons cavallos, e cavallos nacionaes, em vez de mulas e facas de Inglaterra; que se prohibisse a cria de mais de um mulato, e se dispensasse a siza na compra e venda de cavallos de marca, concedendo-se o direito de usar certos artigos de luxo aos que os houvessem; outro era o sequestro á padreação de ruins progenitores que a prejudicassem, como em parte se conseguia pela capação dos sendeiros.

Neste ponto é que desejáramos vêr o emprego de medidas mais efficazes e de mais alta transcendencia, como temos que seriam, principalmente o prestamento aos lavradores de typos selectos e apurados de regeneração hippica, havidos, fosse de Africa, ou do commercio da Persia e Arabia. Mas póde muito bem ser que o desaranjo e pouca feição, em que corriam alguns de nossos negocios do ultramar, tivessem a fatalissima influencia de empecer o seu uso, antes do que a insciencia de seu poder regenerador, ou a tibia vontade do monarcha, que em pontos desta natureza jámais se fez sentir, como bem a flux o revela tudo o que emprehendeu a favor da producção que nos occupa.

Assim pois, do que temos escripto ácêrca da producção cavallar no reinado de D. João III, bem claramente se infere: 1.°, que o estado desta

1 D. N. Leão, leis extravag.
2 Idem.
3 Idem.

1 Por equivoco, no artigo VI, referimos esta promessa como feita por D. Manoel. Foi D. João III que a fez (vide chron. de D. João III por Andrade, 4.ª pag., cap. 51).

producção por esse tempo, nem na quantidade, nem na qualidade era o mais satisfatorio: 2.°, que, apesar disso, este monarcha póde ser todavia contado no numero dos que manifestaram bons desejos, e pozeram toda a diligencia que lhes foi possivel para melhorar uma tão degragante e perigosa situação. Se o não conseguiu plenamente, nem por isso deixa de ser credor a este conceito.

(Continúa.) *S. B. Lima.*

Uma nobre vingança.

SCENAS DA VIDA MILITAR.

X.

Rua des Ursins.

Esta rua, que já hoje não existe, e foi substituida por um magnifico caes baptizado com o nome de *Napoleão*, era então uma das ruas mais sombrias de Paris. Os raios do sól jámais penetravam neste sepulcro anticipado. Miguel tinha recebido indicações tão exactas da morada do antigo partidario de Moreau, que facilmente a encontrou. Era uma dessas casas de pateo estreito e lamacento, cujo peristylo servia de loja, ou melhor de estendal a um adélo. Miguel interrogou uma velha, que descia da escada cavada pelos pés de muitas gerações, sobre o andar em que estava alojado o coronel Rigaud. A velha, tão decrepita como a casa, respondeu com hesitação:

— O coronel Rigaud! Ha-de ser o senhor Rigaud.

— Ou o senhor Rigaud; é o mesmo.

— É a elle proprio que quereis fallar?

E os olhares inquisidores desta mulher, coberta de andrajos, procuravam descobrir no exterior de Miguel, que estava vestido de paisano, qual podia ser o motivo da sua visita.

— A elle mesmo, respondeu este em tom breve para pôr termo ás perguntas indiscretas da velha; e é preciso que lhe falle no mesmo instante.

A velha um pouco perturbada cambeteou uma reverencia.

— Perdoae, meu senhor, tornou ella, mas este pobre senhor Rigaud, vae para um anno que está entrevado e não falla a ninguem. Ha já muito tempo que o não tendes visto? perguntou ella ainda por curiosidade.

— Sim, ha muito tempo; mas acabemos com isto. Em que andar mora o coronel?

— No quarto andar do lado esquerdo, n'uma porta que tem um pé de cabra.

Miguel subiu lestamente a escada, chegou ao andar indicado, e reconheceu a porta do pé de cabra. Ao lado estava pregada á parede uma pedra de escrever, com um pedaço de giz suspenso de um cordel, a qual servia de registo para as visitas, quando o locatario estava, ou queria estar ausente.

Miguel bateu com o coração transbordando-lhe de emoção, e sem precisamente conhecer a natureza do sentimento que o agitava. É que para as almas generosas, é pungente o aspecto da indigencia, mesmo de um inimigo

Abriu-se a porta, e á fraca claridade que allumiava o primeiro quarto, Miguel reconheceu... a costureira da casa de sua mãe.

— Paulina! exclamou elle surpreso, recuando dois passos.

— Vós aqui, senhor Miguel! exclamou tambem a joven menina prestes a desmaiar.

— Eu mesmo, menina, balbuciou Miguel. Mas é aqui com effeito a morada do coronel Rigaud?

— Ah! sim, senhor Miguel: é meu pae.

— Vosso pae!... o meu mais cruel inimigo! O homem que odiosamente me ultrajou!...

— Meu Deus! era então elle que vós procuraveis com tanta persistencia! disse com voz mal articulada a pobre menina, empallidecendo cada vez mais. Ella ouvira varias vezes o coronel fallar de uma maneira vaga de projectos de vingança a respeito de um antigo official; como nunca o nome deste official foi pronunciado na sua presença, ella mal cuidava que seria seu pae; mas agora tudo lhe era explicado.

— Dizeis que o coronel Rigaud é vosso pae, tornou Miguel stupefacto. Não importa! Deixae-me entrar; quero forçosamente fallar-lhe.

— Oh! senhor, por piedade, bradou ella. Tende piedade delle e de mim, de mim ao menos, que nunca vos fiz mal! Em nome da senhora vossa mãe, minha bem feitora, não persevereis no vosso projecto! Senhor Miguel, olhae que eu não tenho no mundo outro apoio senão o de meu pobre pae... não o mateis... deixae-mo... eu vo-lo rogo de joelhos! E por um movimento, rapido, a joven menina se lhe lançou aos pés. O coronel na sua allucinação ergueu-a em seus braços, e não teve forças para dizer senão:

— Paulina... minha querida menina, o que fazeis?!...

— Imploro o perdão de meu pae; de meu pae que jaz ha um anno entrevado, e que a vossa presença conduziria á sepultura. Ah! senhor Miguel, escutae as supplicas de uma filha; não fecheis o vosso coração terno e generoso, aos sentimentos piedosos e compassivos que inspira a desgraça.

— Minha menina, disse em fim o coronel profundamente abalado, é absolutamente necessario que eu veja o senhor vosso pae. Prometto-vos, por minha honra, que a minha visita não terá o resultado fatal, que tanto receiaes.

— Oh! obrigada, senhor! Deposito em vós toda a confiança. Vós sois muito bom filho e muito generoso, para zombar de uma pobre rapariga que vos... estima mais que a ninguem no mundo!

E enxugando os formosos olhos:

— Vinde, senhor Miguel, entrae!

Paulina encaminhou-se para uma porta de vidraças, que cautelosamente abriu. Miguel a seguiu e penetrou n'um quarto onde estava deita-

do o coronel Rigaud. Ainda que tudo alli estivesse no melhor asseio, a indigencia, comtudo, não podia ser representada com côres mais lugubres! Um leito velho sem cortinas, quatro cadeiras desirmanadas, uma mesa carunchosa, aqui e alli algum fato em mau uso, e por unicos ornatos, um sabre ferrugento do tempo da republica, um cachimbo ennegrecido pelo uso, pendurados na parede desguarnecida de papel. A chaminé do fogão atravancada de vidros e medicamentos, em fim um magnifico estojo de pistolas, o mesmo com que Moreau brindára o coronel depois da batalha de Hohenlinden: tal era a modesta mobilia que guarnecia este recinto de dôr. Rigaud padecia de um violento ataque de gôtta; suas faces cavadas mais pelos pezares, que pelas privações; a mágoa silenciosa que embaciava seus olhos, provavam que o soffrimento moral era nelle superior ao soffrimento physico. Profundamente mergulhado em suas dolorosas reflexões, despertára-o, como de um pesadêlo atroz, o som da pancada na porta. Quem seria o importuno? A voz de um desconhecido trocada com a de sua filha, inquietou-o; e bem que elle não podesse perceber palavra da pequena prática, travada á entrada da porta, ao aspecto de Miguel, que elle não reconheceu, julgou imminente algum novo infortunio. Este presentimento reanimou um pouco seus olhos amortecidos; procurou em vão erguer-se na cama, e tendo cortejado com um ligeiro signal de cabeça o visitador matinal, que logo o reconheceu, não obstante a espantosa mudança, que a miseria e a doença lhe haviam operado, perguntou-lhe com voz cava:

—Em que vos posso ser prestavel, senhor, a quem tenho a honra de fallar?

—Ao coronel do setimo regimento de linha, senhor, respondeu Miguel.

—Não tenho a honra de conhecer; sois muito joven ainda para terdes servido debaixo das minhas ordens.

—É verdade, coronel. Não obstante, nós conhecemo-nos n'outro tempo, ha de haver dez annos. Era eu então servente no café de Frascati, onde algumas vezes ieis á noite em companhia de mais alguns officiaes superiores. Recordaes-vos?

—E dizendo isto, as feições de Miguel tomavam uma expressão terrivel. Paulina, muda e trémula, olhava para elle com um ar supplicante.

—Senhor, respondeu Rigaud, cujo rosto se fez mais pallido ainda, trazeis-me á memoria um deploravel incidente que nunca pude esquecer. Comprehendo-vos. Comtudo, accrescentou elle, fazendo diligencia por se assentar na cama, antes que as cousas vão mais longe, devo declarar-vos aqui, em presença de minha filha, na falta de outras testemunhas, que eu me arrependi amargamente da violencia de um procedimento, que eu não posso justificar, ou melhor explicar, senão pelo estado de aberração, exaspero, loucura, que sei eu? a que me compellia a falta de meios que pesava sobre mim e sobre os meus camaradas. Apesar disto, acreditae, que eu não recusaria ao humilde mancebo do café Frascati, se o exigisse, o mesmo direito a uma reparação immediata que hoje assiste ao honrado coronel do 7.° E para prova dois dias depois deste desagradavel acontecimento fui de proposito a vossa casa, onde vos não achei, e vos procurei por toda a parte, com a firme tenção, dou-vos a minha palavra de velho soldado, de vos dar todas as satisfações, que um militar que se reconhece culpado, póde dar, sem deshonrar as suas dragonas, a um homem de bem, a quem offendeu. Vós me precedestes. Embora! Em poucos momentos estarei ás vossas ordens.

E desta vez Rigaud ía a erguer-se de todo, quando Paulina, que adivinhára pelas ultimas palavras, a intenção de seu pae, se lhe lançou nos braços, apertando-o e contendo-o ternamente, e dizendo-lhe com uma voz em que vibravam todos os sentimentos que agitavam seu coração:

—Oh! meu pae! Estaes enganado! Não é para esse fim que o senhor Miguel aqui veiu.

Este, enternecido e desarmado pela declaração tão franca e tão digna que acabava de fazer o coronel Rigaud, apressou-se em confirmar as palavras de Paulina.

—Coronel! vossa filha tem razão. O que acabastes de proferir, basta á minha honra; e desde já me dou por completamente satisfeito. Além disso, a vossa offensa reverteu para mim em grande bem: é a ella que eu devo o meu posto de coronel. Devo ser franco; se não fosse a vossa injuria, eu não me resolveria a assentar praça, e ainda hoje seria moço de botiquim, ou cousa equivalente. Estamos por tanto quites. De mais, se quereis reparar a vossa sem-razão de uma maneira mais efficaz, não tendes mais que dar uma palavra.

—Fallae, coronel; o que quereis de mim?

—A mão de Paulina, que amo e adoro, respondeu vivamente Miguel deitando a Paulina um olhar cheio de ternura.

—Que dizeis?! exclamou Rigaud lançando á roda de si um olhar de profunda tristeza, pois pensaes em tal cousa!.. oh! bom Deus, minha filha não possue nada de seu; ella vive e sustenta-me com o trabalho de suas mãos!

—Bem o sei, mas soldados como nós, não regateiam com a riqueza. E de mais, Paulina traz-me em dote os vossos passados serviços, e as suas preciosas qualidades. Que melhor dote quero eu? Se eu merecer o seu amor, considerar-me-hei o mais feliz dos homens.

Por unica resposta, Rigaud abriu os braços a Miguel, este lançou-se nelles, e o velho mal póde articular estas palavras entre-cortadas pelas lagrimas.

—Bom e generoso mancebo!

Paulina estendeu depois graciosamente a sua mão a Miguel, dizendo-lhe com a voz embargada de suspiros:

— Quem vos não ha de amar, senhor Miguel! Mas bastarão o amor estremecido, e o eterno reconhecimento de uma pobre rapariga para pagar toda a aventura que nos trazeis a meu pae e a mim?

— Por esse lado, querida Paulina, respondeu Miguel sorrindo, serei eu vosso perpetuo devedor.

As fortes emoções produzem ás vezes curas maravilhosas. A mudança inesperada que se operava na sorte do velho soldado, teve mais poder que as medicinas do mais habil facultativo. Logo no dia seguinte se achou em estado de ir visitar a Notre-Dame a familia do seu futuro genro. Miguel encontrou Limousineau, e deu-lhe parte de haver descoberto a residencia do coronel Rigaud.

— Ora ainda bem! bradou Limousineau esfregando as mãos. Até que em fim démos com essa velha rapôsa, e vamos, militarmente fallando, fazer-lhe montaria! Que bella bôda não vamos ter, e em partida dobrada! Porque está assentado, meu coronel, em caso de desastre, a mim toca fazer as vossas vezes, e deixae-o commigo.

— Meu velho amigo, respondeu Miguel, o negocio já está arranjado; mas haverá bôda, como dissestes, bem que de outra natureza.

— Então como é isso?! replicou Limousineau em tom queixoso, repudiaes-me, já me não quereis, militarmente fallando, para vossa testemunha?!

— Ao contrario, meu amigo, conto mais que nunca comvosco; ainda mais, se fôr do vosso agrado, servir-me-heis de pae e padrinho.

— Que diabo de enigma estaes ahi a tecer, militarmente fallando? A fé de antigo trovador do campo da Lua, meu coronel, não adivinho a vossa charada.

Miguel referiu então ao seu amigo a entrevista que havia tido com o coronel Rigaud, e o ajuste do seu casamento.

— Basta! gritou Limousineau, a quem esta historia havia enternecido bastante, e mudado em compaixão o asco que votava ao coronel Rigaud; eu não sou letrado... nunca para ahi tive queda, mas diz-me o coração que tirastes do coronel Rigaud uma desforra soberba. Deixae-me abraçar-vos, esta acção, meu coronel, cobre-vos, militarmente fallando, de maior gloria, do que quanta tendes adquirido no campo da honra! Agora que vos alistastes no terceiro batalhão do amôr, não me resta senão fazer votos para que o meu afilhado se não faça esperar. Eu me encarrego da sua instrucção e adiantamento, militarmente fallando.

Quinze dias depois destes acontecimentos, celebrava-se em uma das capellas de Notre-Dame, o casamento do coronel Miguel Albert com a menina Paulina Rigaud. Assistiam á ceremonia muitos convidados, entre os quaes se notava o capitão Limousineau, agora inseparavel braceiro de Rigaud, e que, em qualidade de celibatario, preenchia em grande uniforme as difficeis funcções de pagem de honra.

Graças á intervenção de seu genro, Rigaud foi restituido á graça de Napoleão, que esqueceu nelle o amigo dedicado de Moreau, para só se lembrar de um dos valentes que sem pão e sem calçado haviam conquistado a Europa e salvado a França. Rigaud, re-integrado ao seu posto, foi collocado no estado maior de praças, e morreu tempos depois de um accesso de gôtta. Depois de ter feito com distincção as campanhas da Russia e de Saxe, Miguel foi nomeado brigadeiro.

Reformado durante a restauração, com a reapparição da bandeira tricolor em 1830, Miguel sentiu renascer seus instinctos guerreiros, e entrou de novo no serviço.

Limousineau chegou a ser tenente coronel, e terminou a sua carreira nos invalidos, carregado de honrosas enfermidades que o cravaram na cama nos ultimos dias da sua vida.

As senhoras Delaville e Albert tinham já, ha muito tempo, pago o seu tributo á lei commum, quando o general Miguel, que commandava uma divisão militar, foi definitivamente reformado. Voltou então para Paris e foi occupar, com sua mulher, a bonita casa que faz esquina para a rua de Richelieu e Boulevard Montmartre, a mesma que se levantou no logar onde, quarenta annos antes, brilhava todas as noites o café Frascati.

Real Theatro de S. Carlos.

O *Nabuchodonosor*, de Verdi, foi a opera escolhida para inaugurar, hontem 2 do corrente, a nova época theatral, e para estrêa de parte da companhia lyrica, de certo a parte menos importante, se exceptuarmos os srs. Bartolini e Dell'Aste.

Sem querermos assentar desde já um juiso definitivo a respeito dos novos artistas; o que sería imprudente, attendendo ás difficuldades com que têem a luctar n'uma primeira representação, perante um publico numeroso e desconhecido, diremos todavia, com franquesa, a idéa que delles formámos, assistindo á sua estrêa.

A sr.ª Ercilia Agostini (*Abigaile*) não é uma artista de primeira ordem; mas é uma *prima donna* de muito regular merecimento. A sua voz de *meio soprano* é excellente, tanto nos graves como nos agudos, porém as notas centraes ressentem-se de certa fraquesa e desigualdade. O seu methodo de canto parece-nos bom; e a maneira por que cantou o adagio da cavatina do 2.º acto, grangeou-lhe bastantes applausos.

O sr. Ottavio Bartolini (*Nabucco*) confirmou a boa opinião que o havia precedido em Lisboa. É um artista educado em boa escóla; que possue uma voz baritonal bastante extensa, vigorosa e flexivel; que pronuncía e accentúa perfeitamente, e que sabe dar ao seu canto aquelle *claro escuro*, tão util á pintura como á musica. A superioridade com que cantou *a cabaleta* — *Deh perdona, ah! deh perdona!* — do duetto com *Abigaile*, fez com que o publico pedisse calorosamente a repetição deste magnifico trecho.

O sr. Dell'Aste (*Zacharias*), apesar de estar um

pouco constipado, ostentou uma das mais bellas vozes de baixo profundo, que temos ouvido em S. Carlos. Na *preghiera* do 2.° acto, que cantou com muito mimo, surprehendeu o publico, com a perfeita execução de um trilo nitidamente sustentado, se não nos enganâmos, sobre o *fá* diesis grave, dando assim uma prova de grande agilidade de voz, qualidade pouco vulgar n'um baixo profundo. O sr. Dell'Aste foi applaudido, não só nesta occasião, mas egualmente na cavatina do 1.° acto.

A sr.ª Denovani *(Fenena)*, é a primeira vez que pisa o palco. Quando adquira maior habito da scena, e *italianise* mais a sua pronuncia ingleza, estâmos certos, que hade occupar um distincto posto no theatro lyrico, pois canta, com bom methodo, e possue uma voz fresquissima, e de um timbre, de uma força e agilidade, como muitas *prime donne* desejariam possuir. O publico deu á sr.ª Denovani um testemunho de merecido apreço, applaudindo-a espontanea e unanimente no fim da *preghiera* do 4.° acto.

O sr. Maccafarri *(Ismael)* contribuiu, como pôde, para o bom exito do espectaculo. As partes secundarias, os córos e orchestra, bem.

O *divertissement* phantastico — *A discipula d'Amor* — composição do sr. Segarelli, não encontrou muitas simpathias. Esperâmos que o joven compositor nos dará brevemente occasião de melhor podermos avaliar o seu merecimento. O passo a dois da sr.ª Domenichettis e sr. Cappon, e o passo a tres destes dois artistas com a sr.ª Marietta Vicentini, obtiveram com tudo muitos applausos. A sr.ª Domenichettis não surprehende nem faz grandes cousas; mas o que executa no seu genero de dança, é com perfeição. A sr.ª Vicentini... julgal-a-hemos em melhor occasião.

Falta ainda estrear-se a parte mais importante da companhia: entretanto, tudo parece prometter que a presente estação theatral será uma das melhores e mais brilhantes que se tenham gosado em S. Carlos.

Noticias Diversas.

Lord Wellington. — O general duque de Wellington, que falleceu no dia 17 de setembro, era, das pessoas nossas contemporaneas, a que reunia maior numero de titulos e condecorações militares. Sem fallarmos dos cargos de menor importancia que exercia, mencionaremos sómente as honras e os empregos que lhe foram conferidos successivamente, como galardão dos seus mais importantes serviços; devendo notar-se, que além da parte honorifica lhe foram tambem votadas grandes dotações, estatuas, baixelas, etc

O general Arthur Wellesley, era duque e marquez de Wellington, no condado de Somerset; marquez do Douro; conde de Wellington; visconde de Wellington e de Talavera; barão do Douro e de Wellesley; par do reino-unido; cavalleiro da Liga; grão cruz da ordem do Banho; principe de Waterloo; duque de Ciudad-Rodrigo; grande de Hespanha, de 1.ª classe: duque de Victoria; marquez de Torres-Vedras; conde do Vimeiro; grão cruz das ordens de Santo André e de S. Jorge, na Russia; da Aguia Preta, na Prussia; de Carlos III e do Tosão d'Ouro, em Hespanha; do Elephante, na Dinamarca; das de S. Fernando e do Merito, de Napoles; de Maximiliano José, na Baviera; de Maria Theresa, na Austria; da Espada, na Suecia: da do Espirito Santo, S. Miguel, S. Luiz e Legião de Honra, em França; da Torre-Espada, em Portugal; e da de Guilherme, nos Paizes-Baixos; feld-marechal do exercito inglez; coronel dos granadeiros da guarda; coronel em chefe da brigada dos Rifles; condestavel da torre e castello de Dower; guarda, chanceller e almirante dos cinco portos; lord-tenente do Hamshire e da torre de Hamlet; commissario do real collegio militar e do real asylo militar; governador da *House of the Chart*, e D. C. L.; marechal de França; capitão general em Hespanha; marechal general em Portugal; feld-marechal na Russia e na Austria, etc., etc.

Dizem que o governo hespanhol resolveu, que á excepção das ceremonias religiosas, que não podem fazer-se em Hespanha por ser protestante o duque de Wellington, se lhe tributem todas as mais honras que competem aos capitães generaes de exercito.

O *Braz Tisana*, dando a noticia do fallecimento de Lord Wellington, publica os seguintes curiosos apontamentos biographicos.

Descendente de uma antiga familia, estabelecida na Irlanda, desde o tempo de Henrique VIII, mas que só se tornou conhecida no fim do seculo passado, o duque de Wellington, nasceu no 1.° de maio de 1769, e tendo de edade, no dia da sua morte, mais de 83 annos. Educado para a profissão das armas, tendo seguido o curso da escóla militar, que existia em Angers antes da revolução franceza, appareceu pela vez primeira nos campos da batalha em 1794, á testa de uma brigada da expedição, que o duque de York, filho do rei Jorge III, conduziu nesse anno á Hollanda. De lá passou á India, onde um de seus irmãos mais velhos, o marquez de Wellesley, a primeira illustração da familia, era governador geral. Tomando o commando das forças que successivamente destruiram o poder de Tippo-Saib, e o dos Mahrattes, o duque de Wellington, então conhecido com o nome de Sir Arthur Wellesley, tornou-se, em 1807, o mais distincto general de Inglaterra.

Regressando á Europa, e posto á frente do exercito que o governo britannico tinha enviado a Portugal, para defender o paiz contra a França, Sir Arthur Wellesley conquistou os seus mais bellos titulos militares na peninsula hespanhola, por uma serie de campanhas, que foram terminar nos muros de Tolouse em 1814. Em 1815 commandava em chefe o exercito inglez na batalha de Waterloo.

Desde essa época, o duque de Wellington não tomou parte em nenhuma operação militar activa; porém por espaço de muitos annos até ao dia da

sua morte, exerceu as funcções de general em chefe do exercito inglez.

Fez parte de muitos ministerios, incluindo o que em 1827 apresentou no parlamento o acto de emancipação politica dos catholicos irlandezes.

Dos seus quatro irmãos, um, o conde de Maryborough, morreu sem se tornar notavel; o segundo, o conde de Mornington, deixou distincta demora na historia litteraria do seu paiz; o terceiro, o marquez de Wellesley, foi duas vezes governador da India ingleza; e o quarto, lord Cowley, foi embaixador em París, deixando um filho que hoje occupa a mesma posição.

O duque de Wellington casou a 6 de abril de 1806, com miss Catharina Packenham, terceira filha de lord Longford, que morreu a 25 de abril de 1831. Teve della dois filhos; o marquez do Douro, actualmente membro da camara dos communs, a quem passa o titulo e pariato de seu pae, e que não tem filhos, e M. Charles Wellesley, tenente coronel do exercito, nascido em 1808, e casado em 1844 com a filha unica do distincto H. Mamers Pierrepoint, da qual tem tido cinco filhos, tendo quatro vivos.

O duque de Baylen. — O general Castaños, duque de Baylen, falleceu em Madrid aos 24 do passado. Companheiro d'armas de lord Wellington, não resistiu á noticia de sua morte. O duque de Baylen tinha 95 annos de edade, e era um dos nove capitães generaes do exercito hespanhol. O seu cadaver foi exposto ao publico na igreja de Santo Isidro, logo depois de embalsamado. A rainha e a côrte recolheram da Granja para assistir ás exequias. Um decreto de 24 contém, entre outras, as seguintes disposições: — ao duque de Baylen se tributem as honras funebres de capitão general do exercito, em exercicio de commando, celebrando-se exequias, com eguaes honras funebres, nas capitaes de todas as capitanias geraes da monarchia: que as despezas do enterro e das exequias, correrão por conta do estado: que se lhe dará sepultura, como excepção honrosa e merecida, no templo de N. S. d'Atocha, erigindo-se-lhe mausoleu condigno: este monumento será construido á custa da casa real: que por tres dias haja lucto nacional rigoroso para todas as classes, a contar em Madrid desde o dia 25, e nas provincias desde aquelle em que se celebrarem as exequias na capital do districto militar; finalmente, que a espada do duque de Baylen, como recordação de gloria nacional, seja depositada no museu do real corpo de artilheria.

O rebequista Eller. — Chegou ultimamente a esta capital um distincto rebequista, o Sr. José Eller, que tenciona dar alguns concertos publicos. Este insigne professor tomou parte no concerto que teve logar na Academia Melpomenense, na noite de 27 de Setembro ultimo, tocando tres peças de sua composição: 1.° *Fantazia sobre os Huguenotes*; 2.° *Estudo em arpejos*; 3.° *Walsa diabolica*, que causaram, um verdadeiro enthusiasmo, e bem merecido, por quanto, affoitamente podemos dizer, que o Sr Eller é um dos melhores rebequistas que têem vindo a Portugal. É necessario ouvil-o para se poder dignamente formar um juizo da *bravura* e bom gosto com que toca; das difficuldades que executa, notando-se mui distinctamente entre ellas o tocar um arpejo ou uma variação, com o competente baixo ao mesmo tempo; e finalmente do esmero com que move o seu arco, extrahindo, com a maior limpeza e mimo, os sons mais suaves, quer nos arpejos e trilos, quer nas escalas e mordentes, quer nos armonicos que tão nitidamente tira. O merecimento do habil concertista foi devidamente apreciado por todos os professores que compunham a orchestra da referida Academia, que o victoriaram com repetidos bravos, indo todos comprimental-o logo que acabou de tocar.

Gratuito. — *Curso de leitura e de escripta repentina pelo methodo Castilho, exclusivamente para o sexo feminino.* — A 15 de Outubro de 1852 se vae abrir pela associação fraternal das senhoras o primeiro curso gratuito de leitura e de escripta para quaesquer pessoas do mesmo sexo sem distincção de edade. O ensino será dado unicamente por senhoras; ás lições não poderão assistir hômens. As pessoas que desejem aproveitar-se desta instrucção, tão rapida como aprazivel, deverão dar com antecedencia o seu nome á matricula, em casa da sr.ª D. Catharina d'Andrade, presidente da mesma associação, e uma das professoras, rua da Flôr da Murta n.° 31.

Passado o dia 14 de Outubro, ninguem mais será admittido a matricular-se.

Mais um theatro. — Diz-se que a sr.ª Emilia das Neves se acha á testa de uma companhia dramatica, que deve começar brevemente a funccionar no theatro do Salitre. Se assim é, teremos neste inverno na capital, quatro theatros portuguezes em effectivo serviço; o de *D. Maria*, do *Gymnasio*, do *Salitre*, e o da *Rua dos Condes*.

Parece-nos que Lisboa não poderá com tanta gloria. Oxalá que nos enganemos.

Heitor Berlioz. — Vae publicar-se em París uma obra, n'um volume, intitulada: — *Les soirées de l'orchestre* — na qual, debaixo de uma fórma, ora séria, ora comica ou romanesca, se tratarão varias questões importantes para a arte musical. Heitor Berlioz é o auctor desta obra, que, segundo as ultimas noticias, já estava no prelo.

California. — De um documento official, publicado em S. Francisco, resulta que a extracção do ouro desde 1848, época do descobrimento das minas, ascende a 174.780:877 duros. A emigração ía em augmento; só no mez de julho, chegaram 10,794 pessoas, entre ellas 5,404 chinos. Isto sem contar com as caravanas dos anglo-americanos, que fazem a viagem por terra, atravessando os desertos, as montanhas berroqueñas e serra Nevada. O numero dos que hão escolhido este caminho sóbe a 30,000.

Irún.

A 85 leguas de Madrid está situada a cidade de Irún, entre os montes Jaizquibel e Aya. Percorrem esta distancia, em pouco menos de cinco dias, as diligencias ordinarias, e em tres a quatro as *sillas-correos*, ou carruagens de posta. As *sillas-correos* transportam a correspondencia, e apenas se demoram nas diversas estações o tempo necessario para as refeições, ou para entregar e receber as malas. As diligencias demoram-se mais. As companhias empresarias, de umas e outras, estabeleceram regulamentos para os *paradores*, ou pousadas, em que os trens estacionam. Em virtude destes regulamentos, os donos dos paradores são obrigados a ter promptos, a determinadas horas, as ceias, jantares e almoços, de maneira que o viajante não espere, e seja servido conforme indicam as tabellas, que se acham affixadas nos *comedores* (casas de jantar) de todas as pousadas. (*)

Este serviço, que é rapido e commodo, comparado com o nosso — por máus caminhos, em más calessas, e tendo, por pousadas, estalagens immundas — vae ser brevemente substituido por outro mais rapido e mais commodo. O governo hespanhol cuida activamente no estabelecimento de uma linha ferrea de Madrid a Irún, como o governo francez cuida na continuação da linha de Poitiers ao Bidassoa. Unidas estas linhas, a Hespanha terá dado mais um passo gigantesco, em que nós poderiamos acompanhal-a, se fosse realidade aquelle sonho, que deu origem ás demarcações, e que provavelmente, por nossa desgraça, só demarcações produzirá.

Irún é uma cidade pequena, que tem apenas 3,226 habitantes. A sua origem é desconhecida, porque os archivos arderam em um dos muitos incendios de que esta cidade foi victima. Todavia acredita-se na sua antiguidade, porque em 1790 se descobriram algumas pedras de grande valor, e diversas medalhas romanas, sendo uma de *Cesar Augusto*, e outra do imperador *Adrianno*.

Em 1813 teve logar, junto a Irún, nas cordilheiras do Aya, a celebre batalha de *San Marcial*, em que os hespanhoes derrotaram 18,000 francezes commandados por Soult. Em 1837 foi

(*) A tabella que hoje está em vigor, e que publicâmos, por ser curiosa, estabelece o seguinte:

Desayuno. — Torradas, e uma chicara de chocolate, ou de caffé com leite, ou um copo de leite com assucar. Tambem se póde servir um par de ovos, com pão e vinho — 100 réis.

Almoço. — Sopa, prato de presunto com ovos, assado, menestra, salada, dois pratos de sobremesa, um copo de vinho de Jerez, ou aguardente; pão e vinho á descripção — 360 réis.

Jantar. — Duas sopas, cosido com gallinha, grãos, toucinho, chouriço, presunto, e hortaliça; um guisado; uma menestra, um assado, uma salada, tres pratos de sobremesa, um copo de vinho de Jerez ou aguardente, e pão e vinho á discripção — 460 réis.

Ceia. — Sopa, prato de ovos passados por agua quente, menestra, guisado, assado, salada ou gaspacho, dois pratos de sobremesa, um copo de vinho do Jerez ou aguardente, pão e vinho á discripção — 360 réis.

Um dos pratos de almoço e ceia é substituido, sempre que ha occasião, por outro de peixe fresco.

Para o arranjo da cama, o regulamento estabelece tambem providencias minuciosas.

a cidade tomada de assalto pelos inglezes, sob o commando do general Evans. Os carlistas defendiam-se corajosamente, e cederam ao numero, depois de um renhido combate.

A ponte sobre o Bidassoa, estabelece a communicação entre Hespanha e França. Em um extremo da ponte, a alfandega e a policia de Irún: no outro extremo a alfandega franceza e a sua policia. A despedida e os primeiros cumprimentos não são ternos, mas são fastidiosamente longos.

Navegação portugueza a vapôr para a Brasil.

Em um dos numeros da *Revista Popular*, transcrevêmos do *Diario de Pernambuco*, documentos interessantes ácêrca da navegação a vapôr entre Portugal e o Brasil. Nesta empresa importante não tomou a iniciativa o commercio acanhado e timido de Lisboa; os negociantes do Porto, mais arrojados, metteram hombros a essa obra grandiosa, que não será sem interesse para elles e para o paiz. As praças do Rio e Pernambuco coadjuvaram efficazmente os esforços do commercio portuense. Folgâmos com este grande acontecimento, de que vão resultar novas relações entre nós e o imperio; e desejâmos que o commercio de Lisboa dê algum signal de vida, coadjuvando empresas uteis, e entrando em fim nessa larga estrada de melhoramentos, de que lhe dão exemplo todas as praças do mundo.

Da *Imprensa* transcrevêmos o seguinte artigo:

«Na cidade do Porto formou-se a companhia *Lusitania*, para a navegação a vapôr em geral, mas especialmente para a costeira. Suas acções foram passadas rapidamente, porque inspiravam confiança as pessoas que se achavam á testa da empresa, e o resultado que ella daria; estando effectivamente a construir-se em Inglaterra o primeiro vapôr, por nome *Duque do Porto*, que em breves tempos se apresentará a correr os portos do nosso litoral, desde o Guadiana até ao Minho; mas parece-nos que um só vaso será pouco para esse effeito, e que depois da companhia sondar a extensão da concurrencia aos vapôres, terá de augmentar o seu numero.

Se grande foi a nossa satisfação com este melhoramento, muito maior se tornou depois de sabermos que a mesma companhia está prestes a levar a effeito a navegação transatlantica para o Brasil!

Ha mezes que a direcção trabalha nisto com o maior segredo, de modo que em Portugal nada transpirou do projecto, até que de Pernambuco nos foi denunciado. Parece que esse mysterio se tornou preciso para que a intriga, ou inveja dos egoistas não tolhesse a venda das acções no Brasil, no todo, ou em parte, porque é evidente, que independentemente de utilidade dos capitaes, convinha muito á especulação interessar nella o commercio brasileiro, que se tornaria seu mais efficaz procurador.

A companhia tem por isso decididas vantagens sobre a concurrencia ingleza. A maioria dos passageiros falla portuguez, e estimará viajar sem ter de alterar seus habitos e costumes, mórmente se os preços do transporte forem proporcionaes ás fortunas da grande maioria delles.

É certo que a companhia britannica tem do governo um forte subsidio; mas tambem é certo, que tal tem sido o transito, que poderia dispensal-o; e por outro lado é palpavel, que augmentando a rapidez das communicações, ha de augmentar a concurrencia, e portanto duas carreiras de vapôres para Portugal, ou tres que fossem, sempre hão de ter que fazer, sem precisarem guerrear-se, ou hostilisar-se.

Foi esta a opinião que no Brasil se formou desta importante empresa, passando-se lá maior numero de acções, do que a direcção para lá havia destinado, e ficando o resto logo subscripto em Portugal.

Esta carreira será da maior importancia para o nosso commercio pela facilidade e commodo de transporte para as suas fazendas e generos; de modo que uma especulação para o Brasil, ou vice-versa, não levará mais tempo a liquidar-se que uma remessa qualquer para um porto da Europa! Os beneficios que isto lhe deve trazer são palpaveis.

Parece que a companhia mudará de titulo, e se denominará — *Luso brasileira* — e que os primeiros dois vapôres, um se chamará — *Rainha* — e outro — *Imperador*.

Á testa da direcção acham-se os srs. Eduardo Moser, e Isidoro Marques Rodrigues, sendo substituidos os srs. José Mendes de Carvalho, e Bernardo José Machado; os outros cargos da companhia são preenchidos da fórma seguinte:

Presidente, o exm.º visconde de Castro Silva; vice-presidente, o exm.º Gonçalo de Barros; secretarios, os illm.ºs R. G. Woodhouse, e Antonio Julio d'Abreu Guimarães.

Conselho fiscal, os illm.ºs R. Woodhouse, Joaquim Pinto Ribeiro; G. Lobo de Barros.

Fazemos votos pela prosperidade de tão util empresa, e que o governo trate de lhe dar a possivel protecção.»

Em seguida publicâmos o seguinte extracto do relatorio apresentado á assembléa geral da companhia *Lusitania* em 29 de setembro.

«Quando se organisou a companhia *Lusitana* sempre houve idéas de lhe dar maior extensão, e por isso se habilitou ella a elevar o seu fundo a uma somma, com que podesse desenvolver convenientemente a sua navegação a vapôr.

Desde o começo da sua gerencia, a direcção tratou de cogitar o que poderia fazer-se em proveito da companhia, e não lhe podiam escapar as extensisssimas relações que temos com o imperio do Brazil, cuja importancia é demonstrada pelos extravagantes lucros que ha colhido a companhia britannica, independente do subsidio, aliàs superfluo, que lhe concede o seu governo pelo transporte das malas.

A direcção tratou por isso, como era do seu dever, de aprofundar este negocio, e desde logo lhe saltou á vista, que o Porto, que envia milhares de passageiros para o Rio de Janeiro, para Pernambuco para a Bahia, e outros portos daquelle imperio, não deveria ser excluido do beneficio de mais rápida navegação.

Demais, considerou a direcção, que, se houvesse uma carreira portugueza, teria mais sympathias, tanto no Brazil como em Portugal, tendo um grande numero de procuradores nos seus accionistas, e podendo os passageiros entender-se na sua propria lingua, mesmo despresando esse apregoado máu tractamento, que talvez tenha sido muito exaggerado.

Depois de se fazer forte em minuciosas informações, julgou a direcção opportuno o momento de fazer caír a cortina, e de se arrojar a concorrer para o Brazil; porém motivos teve para andar com toda a circumspecção e segredo: primeiro, para não accordar a intriga, e inimisade, que se nos movesse; segundo, para não fazer a companhia uma figura indecorosa, no caso de o plano não poder ser levado por diante.

Nesta conformidade, e sem obrigar ou comprometter a companhia, os seus directores confeccionaram um pequeno prospecto, que enviaram ao Rio de Janeiro, e a Pernambuco para apalpar os sentimentos dos nossos amigos brasileiros, dando strictas ordens no dia 10 de julho ultimo, que nada fosse publicado, senão depois da partida do ultimo paquete (o *Teviot)*, por julgarem ainda então necessaria toda a diplomacia neste negocio.

Porém, senhores, os nossos mais ardentes desejos não podiam anticipar o que occorreu. Em Pernambuco o nosso correspondente communicou o prospecto a alguns dos seus íntimos, que o abraçaram com tanto regosijo e enthusiasmo, que não houve possibilidade de os contêr, e no *Diario de Pernambuco* appareceu tudo publicado, em quanto que se estabeleceu uma perfeita corrida para a casa do nosso agente, a pedir acções: de modo que, tendo arbitrado a disposição de 200 a 300 acções para aquelle porto, foram tomadas 600, o agente não pôde ficar com nenhumas, e nesta cidade ha requisições para mais umas 200 ou 300 tambem para lá.

No Rio de Janeiro correu a cousa de outro modo. Os nossos correspondentes observaram á risca as nossas instrucções, e só no dia 14 de agosto, quando tinha partido o *Teviot*, é que dariam começo aos seus trabalhos; porém devemos esperar o mesmo resultado que em Pernambuco, porque particularmente nos dizem que nenhuma difficuldade haveria em se passarem as 500 acções, que para lá destinámos.

Da Bahia nenhuma noticia directa temos, porque para lá tambem só indirectamente escrevêmos. —Na Madeira poucas se poderam passar, em attenção ao estado de penuria a que está reduzida aquella desgraçada ilha; porém em Lisboa mandaram dizer os nossos accionistas que para elles queriam a reserva de 160 acções, e ainda todos não haviam sido fallados. No Porto ha pedidos para mais 70, apesar de nenhum esforço ou diligencia se ter feito para isso, sendo notorio que só a premio se encontram acções á venda na praça, em mui limitada quantidade.

Senhores, convencidos de que vós convireis com os vossos propostos, que além das vantagens que nos devem resultar da navegação a vapor para o Brasil, do impulso que isso dará ao nosso commercio, ha na sua realisação um pensamento de gloria nacional, que vós bem sabereis encarecer; permitti agora o desenvolvimento do pequeno calculo que junto vos apresentâmos.

É de esperar que com os tempos viriam a ser precisos 3 vapores para se fazer a carreira mensalmente; porém devendo a prudencia guiar todos os nossos passos, a direcção só propõe que sejam dois os da nossa estreia, combinando a sua construcção de fórma que no estio facilmente possam entrar neste porto. Seriam portanto vasos entre 700 a 800 toneladas; com força motriz de 10 a 11 milhas por hora, sobre o plano helice, pelas decididas vantagens que offerecem esses engenhos, cujo custo, sendo elles feitos com toda a segurança e riqueza, não chegará á quantia calculada de 35.000 libras.

Tem-se feito observações que os barcos deveriam ser de mais de 1.000 toneladas; porém ainda que a theoria favoreça essa maior capacidade, precisâmos de olhar para a extensão do nosso commercio, e não tendo ás nossas ordens os bem suppridos mercados de Manchester, Londres e Liverpool, que entretem um trafico espantoso com todo o mundo, é evidente que se tivessemos embarcações desse lote, aconteceria muitas vezes parte do porão ir vasio, offerecendo mais o inconveniente de não poderem taes navios vir ao Porto, salvo se a sua barra melhorar muito. Portanto aqui a prática destroe a theoria, e eis a razão por que a direcção recommenda a menor tonelagem mencionada.

Se não fossem as quarentenas, e outras demoras inevitaveis, talvez fosse possivel fazerem-se 10 ou mais viagens cada anno, só com dois barcos; porém para em tudo ir segura, a direcção orçou o movimento em 8 viagens. Agora consideremos a receita provavel:

Os fretes regulares do Porto para o Brasil são de 9.000 a 10.000 réis fracos cada pipa, de que duas fazem uma tonelada, e vereis que esta se acha calculada a razão de 10.000 réis fortes ou 20.000 réis fracos; e o mesmo no regresso, quando os fretes de retorno são sempre mais subidos, accrescentando que na ida e na volta só se aproveitarão copulativamente 500 toneladas, quando os navios offerecem porão para 700 a 800.

Se nos lembrarmos quantos parentes e amigos temos em toda a Costa até á Madeira, na Africa occidental, e no imperio do Brasil, conviremos que a verba para *malas*, dinheiro e encommendas de ida e volta, só calculada em 2:000$ réis é diminutissima, considerando que muitas vezes aqui aportam navios do Rio, que trazem malas no valor de 1:500$000 réis.

Incluindo os passageiros de convez, ao baixo preço

*

sua morte, exerceu as funcções de general em chefe do exercito inglez.

Fez parte de muitos ministerios, incluindo o que em 1827 apresentou no parlamento o acto de emancipação politica dos catholicos irlandezes.

Dos seus quatro irmãos, um, o conde de Maryborough, morreu sem se tornar notavel; o segundo, o conde de Mornington, deixou distincta demora na historia litteraria do seu paiz; o terceiro, o marquez de Wellesley, foi duas vezes governador da India ingleza; e o quarto, lord Cowley, foi embaixador em Paris, deixando um filho que hoje occupa a mesma posição.

O duque de Wellington casou a 6 de abril de 1806, com miss Catharina Packenham, terceira filha de lord Longford, que morreu a 25 de abril de 1831. Teve della dois filhos; o marquez do Douro, actualmente membro da camara dos communs, a quem passa o titulo e pariato de seu pae, e que não tem filhos, e M. Charles Wellesley, tenente coronel do exercito, nascido em 1808, e casado em 1844 com a filha unica do distincto H. Mamers Pierrepoint, da qual tem tido cinco filhos, tendo quatro vivos.

O duque de Baylen. — O general Castaños, duque de Baylen, falleceu em Madrid aos 24 do passado. Companheiro d'armas de lord Wellington, não resistiu á noticia de sua morte. O duque de Baylen tinha 95 annos de edade, e era um dos nove capitães generaes do exercito hespanhol. O seu cadaver foi exposto ao publico na igreja de Santo Isidro, logo depois de embalsamado. A rainha e a côrte recolheram da Granja para assistir ás exequias. Um decreto de 24 contém, entre outras, as seguintes disposições: — ao duque de Baylen se tributem as honras funebres de capitão general do exercito, em exercicio de commando, celebrando-se exequias, com eguaes honras funebres, nas capitaes de todas as capitanias geraes da monarchia: que as despezas do enterro e das exequias, correrão por conta do estado: que se lhe dará sepultura, como excepção honrosa e merecida, no templo de N. S. d'Atocha, erigindo-se-lhe mausoleu condigno: este monumento será construido á custa da casa real: que por tres dias haja lucto nacional rigoroso para todas as classes, a contar em Madrid desde o dia 25, e nas provincias desde aquelle em que se celebrarem as exequias na capital do districto militar; finalmente, que a espada do duque de Baylen, como recordação de gloria nacional, seja depositada no museu do real corpo de artilheria.

O rebequista Eller. — Chegou ultimamente a esta capital um distincto rebequista, o Sr. José Eller, que tenciona dar alguns concertos publicos. Este insigne professor tomou parte no concerto que teve logar na Academia Melpomenense, na noite de 27 de Setembro ultimo, tocando tres peças de sua composição; 1.° *Fantazia sobre os Huguenotes;* 2.° *Estudo em arpejos;* 3.° *Walsa diabolica*, que causaram, um verdadeiro enthusiasmo, e bem merecido, por quanto, affoitamente podemos dizer, que Eller é um dos melhores rebequistas que têem do a Portugal. É necessario ouvil-o para se dignamente formar um juizo da *bravura* e gosto com que toca; das difficuldades que e ta, notando-se mui distinctamente entre ellas car um arpejo ou uma variação, com o compe baixo ao mesmo tempo; e finalmente do es com que move o seu arco, extrahindo, com a r limpeza e mimo, os sons mais suaves, quer arpejos e trilos, quer nas escalas e mordes quer nos armonicos que tão nitidamente tira merecimento do habil concertista foi devidam apreciado por todos os professores que compun a orchestra da referida Academia, que o victo ram com repetidos bravos, indo todos comprim tal-o logo que acabou de tocar.

Gratuito. — *Curso de leitura e de escripta rep tina pelo methodo Castilho, exclusivamente para sexo feminino.* — A 15 de Outubro de 1858 se abrir pela associação fraternal das senhoras o p meiro curso gratuito de leitura e de escripta pa quaesquer pessoas do mesmo sexo sem distincç de edade. O ensino será dado unicamente por s nhoras; ás lições não poderão assistir homens. A pessoas que desejem aproveitar-se desta instrucção tão rapida como aprazivel, deverão dar com ante cedencia o seu nome á matricula, em casa da sr. D. Catharina d'Andrade, presidente da mesma asso ciação, e uma das professoras, rua da Flór d Murta n.° 31.

Passado o dia 14 de Outubro, ninguem mais será admittido a matricular-se.

Mais um theatro. — Diz-se que a sr.ª Emilia das Neves se acha á testa de uma companhia dramatica, que deve começar brevemente a funccionar no theatro do Salitre. Se assim é, teremos neste inverno na capital, quatro theatros portuguezes em effectivo serviço; o de *D. Maria*, do *Gymnasio*, do *Salitre*, e o da *Rua dos Condes*.

Parece-nos que Lisboa não poderá com tanta gloria. Oxalá que nos enganemos.

Heitor Berlioz. — Vae publicar-se em Paris uma obra, n'um volume, intitulada: — *Les soirées de l'orchestre* — na qual, debaixo de uma fórma, ora séria, ora comica ou romanesca, se tratarão varias questões importantes para a arte musical. Heitor Berlioz é o auctor desta obra, que, segundo as ultimas noticias, já estava no prelo.

California. — De um documento official, publicado em S. Francisco, resulta que a extracção do ouro desde 1848, época do descobrimento das minas, ascende a 174.780:877 duros. A emigração ía em augmento; só no mez de julho, chegaram 10,794 pessoas, entre ellas 5,404 chinos. Isto sem contar com as caravanas dos anglo-americanos, que fazem a viagem por terra, atravessando os desertos, as montanhas berroqueñas e serra Nevada. O numero dos que hão escolhido este caminho sóbe a 30,000.

—Penalisa-me vêr-vos ainda sem tomar estado, accrescentou o conde de Lemos. Na vossa edade não é muito conveniente. Hei de fazer todo o possivel para achar uma mulher que vos convenha.

—Sendo mulher, nenhuma me convem, senhor conde. Eu casado! *vade retro!* exclamou Quevedo, levando tragicamente as mãos á cabeça.

—Ao vêr o ademan do auctor das *Cartas del Caballero de la Tenaza*, os seus dois amigos deram uma gargalhada; mas os rostos promptamente tornaram a adquirir a sua gravidade habitual.

—Muito estranho a demora de Villamediana, disse o conde de Lemos. Hoje nada tem que fazer em palacio.

—No estado de desordem em que o vimos hontem, tudo é para temer... Mas graças a Deus... ei-lo que chega.

Effectivamente ouviram-se na ante sala os passos do conde, que entrou precipitadamente na habitação.

Á primeira vista nada tinha de formosa a physionomia de Villamediana, que só se fazia notavel por sua extraordinaria animação: tinha os olhos pequenos e côr de castanha; o bigode era da mesma côr, a mais vulgar de todas as côres possiveis; a tez moreno-claro, e mais viva do que pallida: era em fim de estatura alta e garboso de corpo. O rico trage de veludo, que trazia vestido, estava então inteiramente occulto por uma grande capa com que vinha coberto, e por baixo da extremidade da qual se via uma espada de grandes dimensões.

Ao vêr a agitação que se manifestava no semblante do recem-chegado, Quevedo levantou-se, e pegando-lhe affectuosamente na mão lhe disse:

—Que tendes, amigo conde? trazeis o rosto transtornado.

—Venho buscar-vos, D. Francisco, respondeu aquelle em voz baixa. Esta noite preciso do vosso auxilio.

—Estou ás vossas ordens, disse immediatamente Quevedo, dispondo-se para partir.

Villamediana aproximou-se de Calderon e do conde de Lemos, que o estavam contemplando tristemente, e estendeu-lhes a mão, que elles apertaram.

—Esta noite, disse, vejo-me na necessidade de privar-me da vossa companhia, e de roubar-vos a do bom Quevedo, que é o que mais sinto. Desculpae-me.

—O primeiro é o primeiro.

—Se vos achaes em algum compromisso, em que possa ser-vos util a minha presença, accrescentou o conde de Lemos, farieis uma injustiça á amizade não contando commigo.

—Muito obrigado: é um assumpto para o qual bastâmos Quevedo e eu. Vamos pois.

E despedindo-se dos dois companheiros, que os viram partir com inquietação, bem depressa se acharam fóra da opulenta morada do conde de Lemos.

(Continúa.)

Real Theatro de S. Carlos.

O apparecimento de M.me Anaide Castellan em S. Carlos, é um facto que honra sobremaneira a actual empresa, e que marca nos annaes do nosso theatro lyrico uma época daquellas que difficilmente se podem esquecer.

A *Somnambula* do inspirado e sentimental Bellini, do *maestro* que em todas as suas producções tão soberanamente soube sempre fallar ao coração, foi a opera preferida pela famosa *prima donna*, para fazer a sua estrêa em a noite de 10 do corrente. M.me Castellan, na parte de *Amina*, não só justificou, mas excedeu as grandes esperanças que a sua optima reputação haviam feito conceber. A sua voz é de uma frescura e egualdade, como raras vezes se encontra; de uma afinação tão rigorosa, como só nos lembrâmos ter observado em M.me Novello; e d'extrema e notavel belleza, especialmente no registro grave. O canto de M.me Castellan, sem ser do genero daquelle, que vae direito ao coração, e subitamente o subjuga; surprehende todavia e maravilha a quem o ouve, pelos arrojos de uma agilidade constantemente irreprehensivel, pela correcção do estylo, pela claresa e nitidez dos trillos, e finalmente pela variedade, bom gosto e criterio com que são revestidos os differentes passos. Aos dotes de cantora eminente, M.me Castellan reune os de boa actriz, e a vantagem de possuir uma figura garbosa e uma excellente fisionomia. M.me Castellan cantou sublimemente todas as peças do seu interessante papel; foi estrondosamente applaudida em todas ellas, e chamada tres vezes ao proscenio, depois de terminar a opera; tendo a delicadesa, em uma das referidas vezes, de se apresentar trazendo pela mão, para partilhar dos applausos, o sr. Antonio Porto, a quem o publico lisbonense deve a fortuna de poder ouvir e admirar uma artista de tanto merito.

O novo tenor, o sr. José Swift *(Elvino)* foi excellentemente recebido pelo publico. A sua voz é a de um tenor *contraltino*, meliflua, muito afinada, bastante extensa, e que nos parece ha de ser sempre ouvida com agrado, quando tenha que interpretar partes analogas á que desempenha na *Somnambula*. O sr. Swift, apesar de ser a primeira vez que se apresentou perante um publico para elle completamente novo, soube vencer a commoção que de ordinario se experimenta em taes occasiões, cantou bem, e até ás vezes com bastante expressão a sua parte, e se alguma cousa deixou a desejar (não por culpa sua) foi na cabaletta do bello final do 1.° acto, e na da cavatina do 2.°; porque, para a execução destes trechos sortir mais completo e brilhante effeito, requer-se uma voz de maior força e volume do que a do sr. Swift. Como actor, carece daquella desenvoltura e animação, que só se adquire com a prática e experiencia da scena, que o sr. Swift ainda não tem; pois, segundo nos consta, começa agora o seu tirocinio artistico.

Lisa, a sr.a Denovani, vae fazendo progressos, e justificando o bom conceito que della formou o publico, quando pela primeira vez a viu na parte de

Fenena. Estimaremos porém, para seu proprio proveito, que a não deslumbrem os applausos até hoje recebidos; e que os considere, não como tributados exclusivamente ao seu merito, mas principalmente como um estimulo, para obrigal-a a estudar, a fim de poder tirar o melhor partido possivel dos bellos dotes que lhe concedeu a natureza. A sr.ª *Denovani* introduziu e cantou no 2.º acto a *cabaletta* do final da *Betly* de Donizetti. Não approvamos, em geral, esta especie de remendos, ou intrusões no dominio musical; entretanto não podemos deixar de dizer, que a sr.ª Denovani disse mui discretamente o referido trecho.

O sr. Dell'Aste, o cantor da voz magestosa e potente, desempenhou com muito acerto a parte de *Rodolfo*. Tanto na sua aria —*Vi rawiso oh luoghi ameni*, como em todas as peças concertantes, portou-se com bastante mestria, e alcançou justissimos applausos. Em summa, a opera teve, no complexo, um exito satisfatorio; e parece-nos, que nada teria deixado absolutamente a desejar, se tivesse tido mais algum ensaio, a fim de evitar certa incerteza ou desaccôrdo, que por vezes se tornou sensivel, nas peças *d'ensemble*.

Ensaiam *I due Foscari* para estrêa da *prima donna* absoluta a sr.ª Rachel Agostini, e do 1.º tenor absoluto o sr. Antonio Prudenza. Senão estamos mal informados, a opera deve ír á scena na proximo domingo.

Guerra aos botequins.

Da *Revolução de Setembro* extrahimos o seguinte artigo, unindo os nossos votos aos do articulista, para que uma nova pauta nos livre do pesadissimo imposto a que nos obrigam os botequins de Lisboa.

« Unam-se todos os tafues e declarem guerra, mas guerra civilisadora, a todas as lojas de bebidas.

« Como é que nestes dias de progresso, em que o proprio Mata leva só um pinto por um jantar de oito pratos (requentados, salvas honrosas excepções) hão de os botiquins levar-nos os mesmos preços d'antes do terramoto? Não são hoje os proprios remedios das boticas mais baratos que os desse tempo, apesar de estar ainda em vigôr o alvará de 1666? Todo o mundo faz hoje capilé: o distincto pharmaceutico Barral vende capilé genuino a 30 réis, e as lojas de bebidas sempre a 40 réis o seu mascavado capilé sem a beneficente avenca. O chá desceu de preço, graças ao ministro janota, e os botequins ainda nos levam os mesmos 120 réis do tempo do Marrare 1.º O antiquario e sophistico pão de *mellecias* custa um vintem: como é que importam um patáco a rançosa manteiga e a mão d'obra das torradas deste pão? Venha o orçamento: discuta-se: abaixo a taxa dos janotas. Uma carapinhada custa meio tostão: porque ha de custar tres vintens uma laranjada, que não exige o mesmo mechanismo, nem carece de misturas frigorificas? Todos fabricam licôres, depois que um conde ou marquez tem leccionado sobre este ramo de chimica applicada, e os preços dos dolosos licôres continuam estacionarios! Abaixo a contribuição dos botequins, prima-co-irmã das cautelas do Pão Quente. Unam-se todos os tafues: chamem em seu auxilio o banco e a junta do credito publico, e dirijam um requerimento ao principe dos janotas, para que decrete já já nova pauta para os botequins. Venha quanto antes o caminho de ferro, e não frequentaremos senão os botequins de París, se os nossos não emendarem a mão, aliàs exclamaremos: —*já é tarde*. »

Tanto teus, quanto vales.

Um velho negociante, que havia ajuntado grossos cabedaes, achando-se em avançada edade, e desejando largar a vida afanosa do commercio, e gozar em socego o resto de seus dias, passou toda a sua fortuna e negocio ás mãos de um filho, casado de ha pouco, e ao qual já havia entregado a sua legitima. O filho e a nora exprimiram-lhe, por mil fórmas, a sua gratidão por tamanha bondade, promettendo-lhe que não se poupariam a cuidados e desvélos pelo trazer sempre satisfeito, e que o seu affecto e respeito seriam inalteraveis.

Durante os primeiros tempos, o velho não teve senão que felicitar-se da sua lembrança. O negocio corria perfeitamente nas mãos de seu filho; era amimado com toda a especie de afagos; faziam-lhe as menores vontades; era tratado com consideração e amor; em fim traziam-no nas palminhas. Mas isto foi uma *lua de mel*. Em breve as attenções principiaram a afrouxar; os affectuosos cuidados a esquecer; o amor filial a esfriar. Estas faltas deram em negligencia, está em abandono; o velho por fim era já olhado como um estranho, pesado como um empecilho!

Magoado de tão vil ingratidão, o velho negociante communicou as suas queixas a um de seus antigos amigos, que o consolou e lhe prometteu restituil-o á boa graça e ternos extremos de seus filhos, se quizesse seguir um seu conselho.

—Que hei de então fazer para isso?

—Haveis de emprestar-me umas quinhentas libras na presença de vosso filho.

—Quinhentas libras! Eu que apenas tenho alguns schelings!

—Não importa, eu vol-as fornecerei; vinde commigo.

O amigo entregou ao velho a indicada somma, e ajustaram o dia seguinte para o ensaio do seu estratagema.

No outro dia, com effeito, apresentou-se o amigo em casa do negociante, á hora do almoço; filho e nora estavam presentes. Aquelle, depois de fallar em varios assumptos commerciaes, declarou offerecer-se-lhe a occasião para uma excellente especulação, mas que a deixava escapar,

por não haver á mão toda a somma em especie que lhe era necessaria.

— Não seja esse o obstaculo, respondeu o velho, quanto vos falta para a somma?

— Cousa de quinhentas libras.

— Se é só isso, estão ás vossas ordens; e outro tanto, se vos fôr necessario.

O velho foi á sua carteira e contou ao seu amigo quinhentas libras, sem lhe fixar praso algum de pagamento.

O filho e a mulher que julgavam o pae inteiramente despojado da sua fortuna, ficaram admirados; e por este emprestimo feito sem juros e sem praso, acreditaram que elle conservára para si ainda muita riqueza. A cobiça mudou logo a sua conducta, voltaram outra vez as attenções e o bom tratamento; a datar daquelle dia até á sua morte, o velho viveu á regalada, sem um unico motivo de queixa. Dias antes de morrer fez o seu testamento, que depositou nas mãos do seu amigo.

É costume na Inglaterra, onde foi passado este caso, no dia mesmo do enterro, ser aberto e lido o testamento do defunto em presença da familia. O filho e a mulher, na sua cobiçosa fantazia, esperavam que algum thesouro occulto viria engrossar os seus não pouco avultados bens.

Julgue-se como ficariam, achando por unico legado, um papel que declarava o estratagema do velho, e em que este lhes exprobava a sua ingratidão e sordida avareza!

Noticias Diversas.

Emprestimo de dez milhões de crusados. — O governo brasileiro contractou com a casa Rotschild & C.ª de Londres, um emprestimo de 1.000:000 de libras sterlinas para pagamento do emprestimo portuguez, que o Brasil garantiu, quando foi reconhecida a sua independencia. O praso do emprestimo expiraria em 1853; mas tendo o governo a faculdade de o pagar quando quizesse, aproveitou-se do estado vantajoso do mercado monetario de Londres, e do credito, que alli gosa o imperio, para saldar já essa conta com favoraveis condições.

Giacomo Meyerbeer. — As principaes producções, que se conhecem, do famoso compositor allemão, são as seguintes: — *Il Voto di Jefte* — *Abimelech* — *Gli amori di Tevelinda* — *Romilda e Costanza* — *Semiramide* — *Emma di Resburgo* — *Margherita d'Anjou* — *l'Esiliato di Granata* — *Almanzor* — *il Crociato* — *Roberto il Diavolo* — *Sette canti religiosi di Klopstock* — *gli Ugonotti* — *la Festa alla corte di Ferrara* — *Campo di Slesia* — *Struensée* — e *Profeta*.

Meyerbeer trabalha, ha muito, em uma nova opera intitulada — *L'Africana* — que provavelmente será representada pela primeira vez em Paris.

Roubo engenhoso. — Lê-se no *Correio dos Estados Unidos*: — Ha dias que um estrangeiro veio hospedar-se n'um dos estabelecimentos de aguas thermaes, situado sobre as montanhas do sul de Naymales (Pensilvania). Apenas installado, caiu enfermo, e pareceu atacado durante alguns dias de alienação mental. Quando se restabeleceu da doença, declarou ao seu hospedeiro, que tinha sonhado tres noites seguidas, que descobria a certa distancia da montanha, occulta n'uma rocha, uma panella que continha uma somma consideravel de dinheiro. O dono do estabelecimento era amigo do maravilhoso, e abriu muito os olhos ao ouvir a noticia do descobrimento. Alguns dias depois, os dois, dirigiram-se ao sitio indicado, e depois de terem encontrado a rocha e cavado, nella acharam, oh prodigio! a ditosa panella cheia de moedas de prata. Transportada para o estabelecimento, viu-se que continha 400 dollars (um dollar equivale a um duro da moeda hespanhola) que o hospedeiro e o viajante repartiram como bons amigos.

No seguinte dia de manhã, o viajante que se dispunha a abandonar as aguas, queixou-se ao dono do estabelecimento do pêso do dinheiro que tinha que levar, e este propoz-lhe então trocar-lh'o por bilhetes do banco. Havia ainda pouco tempo que tinha partido o viajante, quando o demasiado credulo hospedeiro fez uma nova descoberta, tão inesperada para elle, como a outra: os seus 400 dollars de prata eram falsos, e que por consequencia lhe haviam roubado 200 com o auxilio de um estratagema de que tinha sido victima.

Pombo correio. — No *Morning-Advertizer* — de Londres, lê-se o seguinte: — quarta-feira, ás 11 horas da manhã, appareceu um pombo no capitel de uma columna do banco de Inglaterra, que tinha atado ao pescoço um rolo de papel.

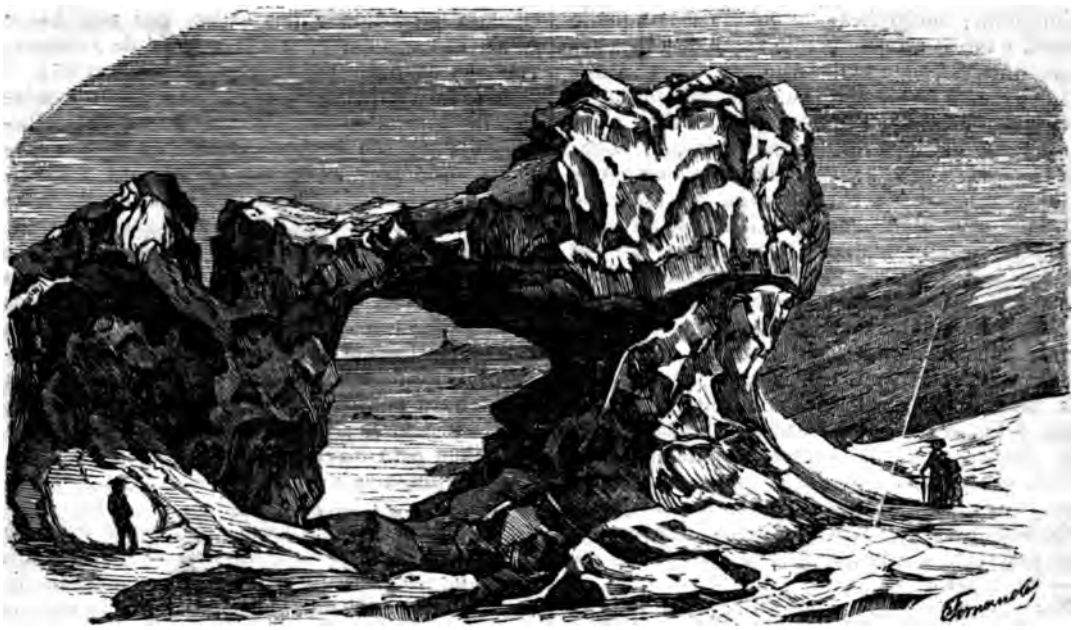
O pobre animal estava muito cançado, e em quanto tomava folego, a extremidade do cordão que prendia a mensagem, enleiou-se n'um baixo relevo.

Um dos moços do banco que o viu, conseguiu subir, com o auxilio de uma escada até onde elle estava, com o fim de soccorrel-o, e apoderar-se da mensagem, na qual leu, com grande admiração, as seguintes palavras, escriptas em caractéres sanguinolentos: — «Adorada Sachaviha; quando lêrdes este bilhete, terei deixado de existir, como o prova o presente escripto feito com o meu sangue.»

A letra era redonda, grossa e mal formada. A carta foi immediatamente remettida a todas as estações municipaes de Londres, porém ainda não foi possivel descobrir o mysterio.

Theatro de D. Fernando. — A companhia dramatica franceza, dirigida por Mr. Bernard, deve embarcar em Southampton no dia 18 do corrente, para se transportar a Lisboa; e no dia 3 do proximo novembro dará a sua primeira recita no theatro de D. Fernando.

Escripturas. — Foram escripturados para o theatro lyrico do Porto a *prima donna* Petrettini, e o baixo comico Finetti.



Rocha de Biarritz.

Entre Bayonna e Biarritz, na estação dos banhos, ha uma circulação continua de omnibus, carros, cabriolets, diligencias, que vão, que voltam, que tornam a sair, desde que o dia rompe, até á tarde, sem interrupção, sem descanço, rodando sempre, transportando uma povoação inteira, que vae banhar-se por necessidade ou por simples divertimento.

Biarritz está situada a duas leguas de Bayonna. Em outros tempos, quando não existia ainda a estrada real, reinava em todo o seu esplendor o *cacolet*, e a *cacoletière*, quasi sempre bonita e moça; com os tempos, os costumes mudaram; veio primeiramente o carro que se arrastava difficilmente sobre a areia; veio depois a estrada real, e com ella essa multidão innumeravel de vehiculos, puxados pelas victimas diaphanas das diligencias, que trilham o caminho de Hespanha.

Desde o seculo XI tem passado Biarritz por muitas phases. Nesse tempo viviam alli os pescadores da baléa, cuja principal riqueza, naquelle torrão esteril, eram os despojos do gigantesco cetaceo. No seculo XIV a baléa tornou-se rara, e Biarritz decaiu, soffreu largo tempo, até que lhe deram vida nova os viajantes. Hoje, graças á affluencia delles, Biarritz tem uma reputação feita, e offerece aos forasteiros commodidades e conforto, que lhe asseguram uma numerosa concorrencia.

A nossa estampa representa a *rocha aberta*, capricho singular da natureza, que nenhum viajante deixa de visitar. Lá ao longe avista-se o pharol, construido sobre uma rocha. O pharol é de eclypses; a torre tem 47 metros de elevação. Da galeria superior do pharol, desfructa-se um horisonte magnifico. A léste do pharol, está a *gruta d'amor*. Desta gruta ha no paiz uma lenda, que o *pescador ciceroni* repete a quantos guia; conta-se que dois amantes se juntavam alli, e passavam as noites fallando de amor. Como o somno é necessidade da vida, parece que os dois adormeceram, depois de um desses agradaveis colloquios, e que só despertaram, cercados pelas aguas, quando as ondas embravecidas rugiam em torno delles. No dia seguinte as companhas, que passavam para a pesca, encontraram dois cadaveres!

Alvitre de grande interesse para a agricultura.

Necessidade de crear veterinarios de districto.

O capital agricola vivo é a maior riqueza que póde possuir uma nação, que escóra sobre a agricultura o pedestal da sua prosperidade e grandeza. A nossa sorte futura dependente como está de um forte impulso, que exigem para desabrochar os nossos elementos industriaes, prende tanto directa, como indirectamente, com o pé em que se puzer o trabalho da terra. Este que fórma a primeira funcção da vida economica das sociedades, tem não só a precedencia, que lhe dá a sua prioridade na prática, mas a importancia da sua acção hereditaria nos trabalhos industriaes e commerciaes, que trazem inscriptos com uma

constancia nunca desmentida as feições, e dotes do seu gerador.

Conservar, multiplicar, e aperfeiçoar aquelle capital, é tarefa altamente interessante, e enraizada nos interesses mais vitaes do paiz, para se não deixar á mercê da natureza, ou aos cuidados, nem sempre potentes, nem sempre esclarecidos, e racionaes dos productores. A industria ganadeira, não deve ser imposta, nem regulada, nem violentada, mas deve ser favorecida, guiada e esguardada pela interferencia do Governo, ahi aonde os esforços individuaes não chegam, ou por falta de associação, ou por falta de saber.

Não ha genero agricola, que, como os gados, exija mais sciencia: sciencia para se produzirem; sciencia para se conservarem; e tão complicada é ella, tão util e necessaria, que constituiu um ramo á parte dos conhecimentos agricolas, e um mister, ou profissão distincta e especial. Homens educados exclusivamente para este mister, offerecem aos productores de gados os resultados praticos daquelles conhecimentos, dispensando-lhes o trabalho, e o tempo que precisariam empregar em os adquirir. Estes homens são os — Veterinarios. —

Nos paizes, em que o ensino agricola se acha estabelecido, e em que a profissão de agricultor não é um destino filho do simples acaso, mas de uma educação, de uma carreira, á qual se chega mediante um noviciado academico, durante o qual se amestram, e exercitam parallelamente a intelligencia e os braços, estes homens especiaes não são dispensados, com quanto o lavrador receba sobre a producção animal, quasi tão vasta instrucção, como sobre a producção vegetal.

É precisamente o contrario que se vê. Nestes paizes, Allemanha, França, Inglaterra, etc., onde a generalidade dos agricultores é instruida, é tambem onde se acha maior numero de veterinarios, e escólas veterinarias, mais numerosas e frequentadas. Sem duvida aquella instrucção, aliàs bastante para os casos mais simples, não tem outro fim, senão abrir os olhos ao lavrador para o muito que a este respeito fica ignorando, obrigando-o assim a recorrer com mais confiança e frequencia ás luzes do homem especial, que nella fez officio.

Quanta pois não deve ser a necessidade destes homens n'uma nação, que, como a nossa, carece totalmente de instrucção agricola?

Nós não temos estatisticas, por onde viesse a conhecimento certo a nossa população ganadeira, o seu estado de perfeição, e a mortandade que nella ha todos os annos; mas se escutâmos o clamor universal dos lavradores, que todos são unanimes na queixa, de que não têem ninguem que lhes saiba curar os gados; se attendemos á anciosa busca de livros, que ensinam a tractar as enfermidades dos gados, e á sofreguidão, com que é acolhida e experimentada toda a noticia, ou publicação a este respeito; se dâmos credito aos escriptores corographos de todos os tempos, que na parte relativa á agricultura de diversas terras e provincias do reino, dão como uma causa de decadencia agricola, a grande, e ás vezes espantosa mortandade dos gados, por não haver quem os saiba curar, a necessidade de veterinarios não póde ser maior, nem mais urgente.

Foi sem dúvida para acudir a esta necessidade, foi para attenuar este mal, que a agricultura soffre no seu melhor capital, da mesma maneira, que para assegurar em bom pé a cavallaria do exercito, que se fundou a escóla veterinaria. Ambas as leis, tanto a da sua fundação, quanto a da sua reforma, assim o prescrevem e comprovam. O facto porém é, que ha vinte e dois annos que esta escóla foi estabelecida, e apenas se tem formado veterinarios para o exercito, que ainda não bastam só para elle, porque cada corpo de cavallaria não tem mais que um; e a agricultura padece ainda hoje a mesma falta em toda a sua força; falta que tão immediatamente contribue para o seu atrazo.

Este infezamento da escóla veterinaria reconhece muitas causas, mas a principal é a limitadissima concorrencia de alumnos, porque é evidente que assim como se formaram já os veterenarios que a lei pedia para o exercito, um maior numero se poderia egualmente haver formado com os mesmos meios, e ao mesmo tempo, que occorresse em parte ás necessidades dos campos.

Qual será então a razão desta mingoa de estudantes?

Escacêam os estudantes á escóla veterinaria, porque entre os sacrificios que exige o noviciado da arte, e a recompensa, ou o fructo que dá a profissão della, ha uma desproporção capaz de afugentar as vocações as mais determinadas. Para se formar um veterinario, exigem-se quatro annos de estudos, cuja difficuldade intellectual, vastidão e transcendencia, os egualam com pequena differença aos que essencialmente constituem os cursos de medicina e cirurgia humanas, como se póde vêr do seguinte programma.

ESTUDOS ESSENCIAES.

1.ª cadeira — Anatomia e physiologia veterinarias e comparadas.
2.ª cadeira — Pathologia geral e especial, terapeutica, clinica, policia sanitaria.
3.ª cadeira — Cirurgia, obstetricia, castrações, arte de ferrar, exterior dos animaes.
4.ª cadeira — Pharmacia, materia medica, comprehendendo a toxicologia e medicina legal; hygiene geral e economia do gado.

ESTUDOS ACCESSORIOS.

1.ª parte de chimica
1.ª parte de physica
Botanica. . . . . .
} cursados na Escóla Polytechnica.

O individuo que sáe approvado em todas estas disciplinas, recebe um titulo que o habilita a exercer livremente a arte veterinaria, isto é,

confere-lhe o mesmo direito que tem qualquer charlatão, depois de martellar tres ou quatro annos debaixo do alpendre de um mestre analphabeto!

Nas localidades onde houver facultativo veterinario, diz a lei da Escola Veterinaria (carta de lei de 28 de abril de 1845, art. 21) *só elle poderá exercer a arte veterinaria*. É a garantia do direito escripto, insustentavel diante do principio da não retroactividade das leis, impossivel ante o direito da propriedade, difficil de manter ante o direito consuetudinario, sanccionado pelo tempo, e legitimado pelo mesmo direito da propriedade. O mister veterinario não póde constituir privilegio; aquella disposição é, e ha de sempre ser letra morta; o governo nunca tentou executal-a, e se o quizer fazer, ha de achar taes embaraços, que não terá remedio senão desistir do seu intento.

Aqui temos pois o veterinario em parallelo de direito com o charlatão, pela força das cousas; irmanado com elle na cathegoria profissional; e por elle prejudicado em seus interesses pela liberrima concorrencia na prática. Offerecendo-se dois caminhos para chegar ao mesmo ponto, um longo e espinhoso, outro breve, plano e suave, é claro que ninguem prefere o primeiro. Para se ser prático em veterinaria, ninguem vae sacrificar o tempo de quatro annos, e o enormissimo cabedal de intelligencia que exige o tyrocinio academico, não; porque com este capital compra-se o direito profissional de outra qualquer carreira incomparavelmente mais lucrativa e considerada na sociedade. O individuo que se sente com vocação para este genero de vida, dá tres annos ao officio no telheiro, em que melhor se bate á cadencia da ferradura, e ao som desta solfa, vae soletrando, se póde, o seu Rego, surripiando algumas receitas ao mestre, e depois uma pouca de ladinice faz o resto; bem lhe importa os mysterios da alta sciencia; a elle que arrematou apenas as grossarias, e não tenciona negociar, senão com o cantochão da arte.

Mas o veterinario tem sobre o empirico a primazia do saber, a superioridade do merito, o irresistivel argumento dos factos; este é o seu melhor privilegio, porque tem por base o valor real do seu prestimo, cujo contraste com o do charlatão, sendo, como deve ser, frizante e peremptorio, lhe adquirirá a confiança publica, e a preferencia dos clientes.

Isto em these é verdade, não assim na hypothese. Por isso mesmo que ha mui poucos veterinarios, ou a bem dizer os não ha para a classe que delles mais necessita, não se sabe ainda differençar o curandeiro inepto do medico entendido. Os ferradores são uma classe numerosa, antiga, adaptada aos usos e viver dos povos, gosando de um direito constituido, acceito pelas circumstancias, e roborado pela necessidade. Os veterinarios são uma creação nova, que procura enxertar-se no corpo social, armados de um direito constituendo, a que não basta a simples definição, mas que carece da unção da opinião publica, captivada pela virtude das provas, cuja evidencia pende do tempo e do numero, e não de um que outro facto singular.

Mas a grande razão que não deixa apreciar a differença do practico racional, ao practico empirico, que equilibra, e mesmo faz prevalecer a offerta deste á daquelle, é o desamor, a incuria, o despreso, que se nota no nosso paiz, para com a propriedade animal; é o habito, a indifferença, a especie de resignação que lavra nos possuidores desta propriedade, quer sobre o risco que corre no meio de tantos desregramentos, abusos e excessos, quer mesmo nas perdas causadas por estes, e infinitas vezes por falta de soccorro; é em fim a teima, que redunda em prejuizo proprio, e de que não são isemptos os mesmos que sabem o que é veterinaria, de recorrer primeiro ao curandeiro, antes do que ao veterinario, o qual tem então que haver-se com dois males, o da enfermidade, e o que causou o curandeiro, quasi sempre mais difficil de remediar. Vezo, desconfiança, ou mesquinhez de animo nada justifica este procedimento, contradictorio com a razão, incoherente comsigo mesmo, infundado no receio.

Porque se entende que a arte de curar tem egual, senão superior difficuldade no homem, e nos animaes; que esta difficuldade só o muito estudo theorico e practico a póde vencer; se se sabe estremar o medico consciencioso e intelligente, que obra guiado pelo facho da razão educada, do desalmado que assassina a torto e a direito com um quarto de papel, em que escreveu a esmo a boticada mais graúda do seu catalogo, deve-se egualmente convir, que o veterinario, como homem que estudou a fundo os animaes na sua organisação, nas suas enfermidades, e nos remedios que lhes convém, tem muito mais probabilidade de acertar, quando não tenha a mesma certeza physica, do que o empirico que joga litteralmente um jôgo de azar, vendendo em almoeda as suas borundangas.

(Continúa.) *Lapa.*

Sceptro e punhal.

I.

A surpresa.

(Continuação)

Apenas entraram nas tortuosas e escuras ruas da cidade, Quevedo, que desejava com impaciencia saber a causa do estranho comportamento do seu amigo, rompeu o silencio nestes termos:

— Para onde vamos?

Villamediana apressou o passo sem responder; mas o nosso poeta não se deu por vencido.

— Forçoso é que vos tenha acontecido alguma cousa fóra da ordem natural, pois desconheço-vos de certo tempo a esta parte. Satisfazei ás minhas perguntas se podeis: dizei-me o que é

que causa a vossa agitação, aonde nos dirigimos, o que vamos fazer...

—Sei que a ninguem melhor do que a vós podéra confiar este segredo; mas não me pertence a mim só... e guardae-vos de averigual-o.

—Diabo! agora vejo que o assumpto é mais sério do que parece. Mas julgo que não precisaes dizer-mol-o. Adivinhei-o.

—Vós! adivinhastel-o! exclamou Villamediana parando repentinamente e cravando com espanto os seus olhos no poeta:

—Vêde que é implacavel, e que não vos perdoaria, accrescentou este em voz baixa e com mysterio.

—É verdade! não me perdoaria! Mas como sabeis?

—Acautelae-vos delle!

—Mas... de quem?...

—Acabaremos de entender-nos?... Do conde duque.

Esta resposta pareceu tranquillisar completamente a Villamediana, cuja physionomia tornou a recobrar a sua triste immobilidade, continuando a marcha, que por um momento tinha interrompido.

—Sim, proseguiu Quevedo, vós fostes amigo de D. Rodrigo Calderon, e não ignoraes o seu desgraçado fim. Guardae-vos de imital-o: conspiraes para derribar um favorito, a quem Deus confunda! disse Quevedo á maneira de apostrophe; mas se chega a descobrir os vosso manejos, já sabeis que tudo sacrifica á sua ambição.

—Enganaes-vos, Quevedo: eu não conspiro.

—Devéras? Pois estimo, balbuciou Quevedo n'um tom que não fazia grande honra á sua sinceridade. Mas então, que diabo de mal é o que vos apoquenta?

Neste momento entravam os dois amigos na larga rua de Alcalá.

—Vamos ao Palacio? insistiu Quevedo.

—Vamos aos jardins do Retiro, respondeu o conde, que se felicitava por ter podido illudir a primeira pergunta.

—Ainda agora sais com essa?

—Com que então é negocio de amores? Para que precisaes pois cá de mim?

—Escutae-me, D. Francisco. A dama a quem devo vêr nos jardins, achar-se-hia gravemente compromettida, se algum importuno podesse aproximar-se e a visse...

—Quereis dizer, que precisaes de mim para vos guardar as costas?

—Exactamente. Vali-me de vós, por que conheço o vosso valor e prudencia. Sei que na vossa dextra é tão terrivel a espada como a penna, e eu preciso segredo e resolução.

—Creio possuir ambas as qualidades.

Neste momento passavam pelo Prado, que naquella época era um sitio inculto e coberto com algumas arvores, irregularmente collocadas. Este era o sitio onde tinham ordinariamente logar as entrevistas noturnas de damas e cavalheiros; e não teriam certamente menos encanto aquellas revelações mysteriosas n'um sitio como o Prado tão descuidadamente poetico, do que as animadas reuniões de agora em noites de verão, no magnifico e tão brilhantemente porsaico passeio, construido por Carlos III.

Villamediana e Quevedo passaram sem fazer caso dos vultos que se destacavam na sombra, até que um delles separando-se do outro com quem ía acompanhado, e aproximando-se do conde trocou com elle algumas palavras, que não poderam ser comprehendidas por Quevedo; ainda que por debaixo do cristal de seus oculos, observou que o vulto pertencia ao sexo feminino.

—Por San Thiago, disse por entre os dentes, Villamediana pregou-me uma boa peça: agora vê-se que é tão facil de se enamorar como uma donzella... e eu que o julgava invulneravel ás flechas do deusinho! Caspite! Agora me recordo tambem das palavras do maldito conde de Lemos. Que trata de procurar uma mulher que me convenha! Eis-ahi um excesso de amisade, de que o dispensaria com muito gosto.

Apenas acabava de fazer esta especie de soliloquio mental, o seu amigo tornou a aproximar-se-lhe, e proseguiram a marcha precedidos pela desconhecida, que, segundo Quevedo viu depois, não era o objecto das ancias do conde, pois só desempenhava na intriga o papel de confidente.

Proximo já da porta que conduzia aos jardins, viram saír por ella, e encontraram-se quasi com os nossos heroes, quatro embuçados, a quem Quevedo examinou com escrupulosa attenção.

—Não sabeis quem é o primeiro desses Tenorios? perguntou ao conde.

—Não, respondeu este com indifferença.

—Pois eu distingui perfeitamente o seu resto á claridade da lua. É sua magestade el-rei Filippe IV.

Villamediana estremeceu, e a desconhecida voltou a cabeça quando ouviu este nome.

—Sáe á caça de aves sem penna, accrescentou Quevedo em voz baixa, e deixa no seu ninho uma formosissima pomba exposta a ser arrebatada pelo primeiro gavião que se aproxime.

—Silencio, por piedade! esclamou Villamediana apertando-lhe o braço com força.

Nisto chegaram á frente do palacio do Retiro, do lado dos jardins. A desconhecida parou, e fazendo um signal a Villamediana para que se aproximasse, lhe disse em voz baixa:

—O vosso amigo que espere aqui.

O sitio em que pararam, era um caramanchão inteiramente coberto de ramagem, e donde partia uma vereda que conduzia a outro de egual fórma, em que apenas penetravam os pallidos raios da lua. Este caramanchão, que era o logar escolhido para a entrevista, pois a elle se dirigiram o enamorado cavalheiro e a sua silenciosa guia, tinha tambem outro caminho coberto, que terminava junto a uma das portas do palacio. No fim deste caminho, e em frente da dita porta, collocou-se a desconhecida, deixando Villamediana no caramanchão, ao abrigo de toda a surpresa.

O bom Quevedo, logo que se viu só, dava-se aos diabos com a melhor vontade, pois o frio penetrante que alli sentia, começava a fazer-lhe alguma impressão, não menos do que a ignorancia em que se achava ácêrca da aventura em que estava representando um papel.

—O que se diria de mim na côrte se se soubesse o que estou fazendo? É preciso que seja muito amigo desse mancebo perdido, para que me resigne a estar de sentinella em quanto elle... Mas, quem será essa linda senhora que assim conseguiu transtornar a boa cabeça do conde? Deve pertencer necessariamente a uma gerarchia elevada. As precauções que...

Uma repentina idéa lhe atravessou naquelle momento a imaginação, e fez empallidecer o seu animado semblante. Combinando certas circumstancias em que antes não tinha fixado a attenção, e que allumiavam com um raio de luz o cahos das suas conjecturas:

—É impossivel! disse elle comsigo mesmo. De outro modo o lance em que me metteu o conde poderia prejudicar-me a garganta. Com mil demonios! não aprecio tão pouco a minha vida, que assim a comprometta pelas loucuras de um mancebo enamorado. Mas dei-lhe a minha palavra, e homens como eu não a quebrantam nunca. Por outra parte, é muito possivel que me engane: seja como fôr, estejâmos alerta, e se alguem quizer forçar a passagem, terá primeiro que entender-se commigo.

Mais socegado, depois de ter tomado tão nobre resolução, embuçou-se até aos olhos, e com a mão no punho da espada, começou a passeiar no estreito recinto do caramanchão, lançando receiosas vistas para todos os lados, e com o ouvido attento ao mais leve ruido que agitava a ramagem.

Deixemol-o maldizendo a sua má estrella, e penetremos no sanctuario onde Villamediana esperava com a maior impaciencia a sua incognita beldade. Estava recostado sobre um dos bancos do caramanchão: pelo ligeiro estremecimento dos seus musculos e repentinas transformações da sua physionomia, poderia conhecer-se o estado de agitação do seu espirito. Esperava immovel e silencioso, com uma das mãos posta sobre o coração, como se quizesse abafar-lhe as violentas pulsações.

O ligeiro roçar de um vestido de sêda, cujo brando som foi tornando-se cada vez mais perceptivel, arrancou do estado de contemplação ao immovel galan, cujo coração parecia querer naquelle momento saltar-lhe do peito.

—É ella... balbuciou Villamediana com voz rouca e sumida.

Com effeito; tapado o rosto com um manto, que descia em airosas prégas até abaixo da cintura, com passos lentos e cautelosos, entrou no caramanchão o vulto de uma mulher.

—Estaes ahi, senhor conde? balbuciou uma voz suave e vibrante, em que se notava um ligeiro estremecimento. Perdoae se vos fiz esperar.

Voltou-se depois disto para a pessoa que tinha conduzido o conde, e que então a seguia, e disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

—Está bem, senhora, respondeu aquella; mas poupae a minha inquietação, e não prolongueis a vossa demora neste sitio. Estarei de vigia á entrada do caminho, e virei avisar a vossa magestade...

—O menor ruido que sintas, o menor vulto que distingas. Ide, duqueza, e Deus nos proteja.

Dito isto, sentou-se a dama ao lado do conde, e deitou para traz o manto que encobria as suas feições. Era formosa; grandes pestanas lhe abrigavam dois olhos azues, cheios de doçura e paixão: os seus labios, ainda que alguma cousa grossos, eram de um bello carmin, e a sua tez transparente e alvissima; os louros e encaracolados cabellos caíam languidamente sobre a branca pelle de arminho que cobria então a sua garganta: era finalmente uma dessas poeticas figuras a que só póde dar vida o magico pincel do divino Raphael.

O conde a contemplava extasiado e sem se atrever a romper o silencio, temendo desfazer o encanto da sua muda contemplação. Foi ella quem primeiro fallou.

—Lêstes bem o bilhete desta manhã?

—Desde que o recebi, senhora, respondeu Villamediana saíndo do seu extasi, tenho sentido todos os tormentos que é capaz de sentir um coração despedaçado, e ao mesmo tempo um prazer que não tornarei a desfructar no decurso da minha vida. Tormentos, porque no bilhete me noticiaes as suspeitas de vosso esposo; e prazer, porque, graças a elle, adquiri a certeza de que me amaes. É preciso que m'o torneis a repetir, senhora, ainda que expire de gosto a vossos pés.

Quando acabou de pronunciar estas palavras, caíu effectivamente aos pes da dama, que o escutava com uma agitação facil de conceber: as suas rosadas faces empallideceram um pouco.

—Sim, amo-vos, respondeu, e duas grossas lagrimas se deslisaram por suas faces, indo caír sobre as mãos do conde; mas observando a attitude em que este se achava, levantou-se sobresaltada.

—Erguei-vos, Villamediana, ou senão terei que fugir de vós; lhe disse com voz firme, mas suavisada por um olhar supplicante.

—Senhora, perdoae a um pobre louco, a quem acabaes de embriagar com uma felicidade, que não póde comprar com todo o resto da sua existencia.

—Pois então assentae-vos, e escutae-me com socego, se desejaes que esta entrevista não seja a ultima que vos conceda. E teria que fazel-o... accrescentou em voz baixa, por mais doloroso que fosse privar-me para sempre da vossa vista.

—Oh! nunca! nunca, se me amaes.

—Já vos disse. O meu coração não póde resistir á violencia desta paixão, que talvez seja funesta a nós ambos. Cercada por todos os lados de pessoas estranhas, cuja indifferença me tem

custado, e me custa tantas lagrimas, não vi em torno de mim pessoa alguma que me protegesse contra mim mesma. E eis-me-aqui esposa criminosa, entregando a outro mortal um amor, que devêra guardar todo para aquelle a quem o jurei ao pé dos altares.

—E a culpa é vossa? exclamou impetuosamente Villamediana. Isabel, permitti-me dar-vos tão doce nome: se a sorte tivesse posto em minhas mãos o inapreciavel thesouro do vosso puro coração, quanto avaro seria em o conservar para mim só! Tendes por ventura culpa de que a razão de estado vos tenha destinado a um homem, que não conhece o que valeis?

—Mas nem por isso sou menos culpada. O meu dever era chorar e soffrer.

—E era vosso dever atormentar os que soffriam por vós?

—Villamediana, por piedade, não me torneis mais desgraçada. Demasiado sabeis quão fraca tenho sido. Ao menos, proseguiu com debil accento, já que enganei a confiança de meu esposo, não accrescentemos ao engano a deshonra.

—Vejo que não comprehendeis, senhora, de quanto é capaz a paixão que me devora. Não comprehendeis que este amor ha de acabar com a vida que vos consagrei desde o momento em que vos vi. Oh! não, Isabel; o vosso amor não é como o meu.

Villamediana tinha razão. O amor nelle era uma chamma violenta e activa, que se lhe tinha apoderado do coração e dos sentidos com uma força inexplicavel; era uma lava que circulava por suas veias, e ía consumindo pouco a pouco a sua energia vital, e estampando-lhe na fronte um sêllo de fatalidade e amargura. O amor de Isabel, ainda que não menos firme, era suave e melancolico ao mesmo tempo; os impetos do conde assustavam-n'a, causando-lhe uma commoção dolorosa.

—Não estaes disposta, senhora, proseguiu Villamediana, a sacrificar tudo por mim?

—Tudo... menos a honra.

O mancebo pareceu vacillar um instante, e uma queixa lhe expirou nos labios.

Ambos ficaram em silencio. A lua penetrando pela parte superior do caramanchão, illuminava a pallida e nobre fronte do conde, que contemplava extasiado a candida formosura de Isabel: achavam-se ambos dominados por um encanto indefinivel, contemplando-se com amorosa ternura. Foi ella porém, que, no meio da sua commoção, comprehendeu pelo ligeiro carmin que córava as faces do seu amante, e as ligeiras palpitações do seu peito, ser preciso quebrar aquelle encanto em que ella mesma não poderia responder pela sua virtude.

—Já é tempo de separar-nos, disse, levantando-se, com um tom resoluto.

—Tão depressa!

—Sim: a minha ausencia poderá causar suspeitas. Tomae cuidado em rasgar as minhas cartas logo que as tenhaes lido. Já vos disse, que meu esposo suspeitava, e que agora, pela primeira vez da sua vida, deu em ser cioso. Por todas as razões, Villamediana, é preciso prudencia.

—E quando vos tornarei a vêr? perguntou este, levantando-se e aproximando o seu rosto ao de Isabel.

—Não sei... deixae-me!

Os labios do conde roçaram as faces da sua amada, que retirou a cabeça precipitadamente.

Uma gargalhada aguda e penetrante soou então por detraz dos dois amantes.

A rainha fugiu dando um grito de terror.

Villamediana, sobresaltado, apartou a ramagem, e distinguiu um vulto quasi imperceptivel, que se deslisava ao longo dos taboleiros do jardim, que mediavam entre os dois oppostos caminhos.

(Continúa.)

A partida.

Parte, parte, desgraçado,
Não queiras vencer teu fado,
Que p'ra ti não é o bem!
Parte, sim, lá nos retiros
Vae soltar teus vãos suspiros
Que não ouça, ou saiba alguem!

Esse amor que te arde n'alma,
Terá do martyrio a palma,
Mas um riso della, não!
Pobre amor tão dedicado,
Já de lagrimas regado
Morrer-me-has no coração!

Mas não! tu és a vida
Da minha alma amortecida
Do penar, e do soffrer:
Serás o affecto constante,
Serás o prazer delirante
Da minha alma até morrer!

Viverás! serás o guia
Que de noite e que de dia
Em meu peito velarás;
Serás um facho de Deus
Que na terra e que nos céus,
Sempre, sempre existirás!

Mas vive sempre escondido,
Porque não seja sabido,
Por aquella a quem és dado!
Tu nasceste n'um delirio
Viverás sempre em martyrio,
Morrerás sempre engeitado!

Parte, parte, desgraçado,
Não queiras vencer teu fado
Que p'ra ti não é o bem!
Parte, sim, lá nos retiros
Vae soltar teus vãos suspiros,
Que não ouça, ou saiba alguem!...

Agora dá-lhe um adeus,
Que talvez lá só nos céus
Poderá ser traduzido!
Um adeus indifferente
Bem fingido, e reverente...
Mas lá n'alma, bem sentido!

Finge no rosto o prazer,
Finge, sim, nada soffrer,
No coração compungido!
E leva n'alma o soffrimento,
Leva no peito o tormento,
Leva o futuro perdido...

Lá dos mares na soidão
Quando entregue ao furacão
Estiver lançada a sorte;
Quando não houver esp'rança
De salvação, de bonança,
Vendo já bem perto a morte:

Oh! então com devoção,
Cheio de fé, de inspiração,
Fita os olhos lá no céu!
E de amor embriagado
Exclama apaixonado:
Constança!... agora... sou teu!...

João Maria Xavier de Sampaio.

Um caçador de coelhos.

Indo pela primeira vez um estudante á caça dos coelhos, avisaram-no os seus companheiros, já práticos na dita caça, que não fallasse assim que os visse, por que se assustariam. Tinha o mancebo apenas dado algumas duzias de passos, quando descubriu n'um pequeno prado, grande numero de coelhos, e exclamou:

—*Ecce cuniculi tiu.*

Os coelhos fugiram immediatamente, apenas sentiram a voz; e sendo arguido o novo caçador pelos companheiros, por ter fallado depois de ter sido prevenido, respondeu:

—*Pois quem havia de pensar que os coelhos entendessem tão bem o latim?*

Real Theatro de S. Carlos.

I due Foscari, umas das mais sublimes e filosophicas producções de Verdi, voltou á scena em 17 do corrente, para debute da sr.ª Rachel Agostini e do sr. Antonio Prudenza. Daremos a historia desta representação. —*Acto* 1.º Cavatina de *Jacopo*, sr. Prudenza, applaudida, com uma chamada ao proscenio. —Cavatina de *Lucrezia*, a sr.ª Rachele Agostini, silencio profundo. *Ramanza* do Doge, o sr. Bartolini, silencio. Duetto que segue entre a sr.ª Agostini e o sr. Bartolini, alguns applausos. —*Acto* 2.º Scena e *romanza* de *Jacopo*, silencio. Duettino entre *Jacopo* e *Lucrezia*, ligeiros signaes de approvação na *cabaletta*. Tercetto entre a sr.ª Agostini, os srs. Prudenza e Bartolini, silencio. No fim do quarteto alguns applausos. —*Acto* 3.º Todas as peças foram ouvidas fria e silenciosamente á excepção da aria final do Doge, que pela maneira com que foi executada grangeou applausos e uma chamada ao proscenio ao sr. Bartolini.

Pelo que fica dito, isto é, pelos factos que fielmente deixâmos consignados, facilmente se vê que *I due Foscari* não tiveram acolhimento tão favoravel como o *Nabucco* e a *Sonnambula*; e não obstante, não póde attribuir-se a defeito do *spartito* a frieza com que agora foi recebido, por que a todos deve estar bem presente ainda o enthusiasmo que elle produzio quando foi executado, não ha muitos annos, pela triade Gresti — Baldanza — e Fiori.

A sr.ª Rachele Agostini, além de ser uma mediocridade, como muitas que temos tido em S. Carlos, teve o infortunio de estrear-se depois de M.me Castellan; e parece-nos que ninguem dirá ser este o caso de exclamar — *Post nubila, phebus.* — A sr.ª Agostini tem uma figura colossal; canta regularmente; mas a sua voz ainda que dotada de extensão e egualdade, revela já claramente que a artista entrou, de ha muito, no outomno da sua carreira, que, seja dito sem offensa, julgâmos nunca poderá ter sido das mais brilhantes.

O novo tenor sr. Antonio Prudenza, tem uma voz de peito, vibrante, pouco volumosa, porém afinada e agradavel. Sóbe com facilidade, chegando a dar o *dó* sobre-agudo, claro e sem esforço visivel. Canta com sentimento; mas deve corrigir-se de cerrar ás vezes demasiadamente a bôca, para que a emissão da voz possa produzir todo o effeito devido, e os sons não pareçam coar-se por entre os dentes. Como actor, está bem em scena.

O sr. Bartolini desempenhou muito bem a sua parte, e sustentou sempre com fidelidade o caracter do octogenario Foscari: entretanto, pede a verdade que o digamos, o sr. Bartolini apesar do seu talento e dos seus esforços, não póde apagar as bellas impressões que deixou Fiori, nem arrancar os applausos enthusiasticos e espontaneos, que aquelle artista arrancou, desempenhando a parte do Doge, e especialmente quando cantava a famosa aria: — *Questa é dunque l'iniqua mercede.*

As partes secundarias, os coros, e a orchestra, portaram-se com toda a discripção.

Agora que já teem sido ouvidas todas as partes da actual companhia, póde dizer-se com franqueza, que, *no complexo* é uma das companhias mais egnaes e melhores que de ha muito teem vindo a Lisboa.

A empreza continúa desenvolvendo uma actividade immensa em variar os espectaculos. No domingo (24) irá novamente á scena a *Lucia*, com a sr.ª Castellan, os srs. Prudenza, Bartolini e Celestino; e no dia 29, anniversario natalicio de Sua Magestade El-Rei, representar-se-ha pela primeira vez a opera de Flontow — *L'anima della tradita*, com a sr.ª Castellan, Bartolini.

Antonio Bindocci.

Assistimos a uma academia de poesia improvisada, que em 14 do corrente deu o illustre poeta o sr. Antonio Bindocci, na sala do *Gremio Litterario*; e as expressões faltam-nos para podermos devidamente descrever a admiração que nos causou o brilhantismo, franqueza e espontaneidade do estro do celebre improvisador.

Diversos foram os assumptos que deram ao sr. Bindocci, e todos elle soube desenvolver com immensa fortuna. Servindo-se com egual facilidade das differentes metrificações, as rimas acodem-lhe sempre ao pensamento, e este campêa constantemente sobre ellas. O sr. Bindocci, ou trate um argumento serio, ou desenvolva um thema faceto, é sempre inspirado, sublime e possue o segredo de se assenhoriar do auditorio, transmittindo-lhe uma faisca do seu enthusiasmo, ou despertando-lhe aquelle riso franco e sincero, que nasce da alma, e que verdadeiramente revela achar-se ella satisfeita.

Interrompido quasi continuamente nos seus improvisos, pelos applausos de um auditorio pouco numeroso, mas escolhido, o sr. Bindocci terminou o serão poetico de quinta feira, reepilogando admiravelmente em bellissimos versos os differentes, assumptos que lhe tinham sido propostos. Esta ultima peça, bastaria por si só, em nosso entender, para justificar plenamente quanto se tinha já escripto e annunciado a respeito do distincto improvisador de Siena.

Sabemos que o sr. Bindocci tenciona brevemente dar no salão de S. Carlos, ou no do theatro de D. Maria uma sessão publica de poesia improvisada. É de suppôr que todos os que presam as musas, concorram a admirar um dos seus filhos mais predilectos.

Noticias Diversas.

Lord Wellington. — O cadaver do duque de Wellington, diz o *Observer*, é hoje considerado propriedade publica. A sua familia nada tem que fazer a respeito delle. O capitão Walts, que commanda o destacamento de serviço em Walmer Castle, visita de manhã e de tarde a sala aonde o cadaver se acha depositado; e á excepção desta visita de inspecção, que dura alguns minutos, conserva-se o corpo do velho guerreiro só e entregue á sua gloria.

Mr. Kendal, guarda-roupa do fallecido duque, vê-se perseguido com pedidos de bocados de cabello do duque, ou de qualquer outra cousa que lhe tenha pertencido. Ha uma pessoa que offereceu 100 guinéos pelo leito em que o duque dormia no campo; outro individuo quer dar pela cadeira de braços em que elle exhalou o ultimo suspiro, o que a mesma cadeira pesar a ouro. O cabelleireiro da aldêa Deal, que cortava o cabello a Sua Graça, tem tido numerosos pedidos, e se tiver habilidade póde contentar muita gente. É provavel que a referida cadeira venha a formar um excellente par com a que se acha na sala dos guardas de Windsor-Castle, a qual é feita com uma parte da madeira do ulmeiro que havia no centro das linhas inglezas em Waterloo, e junto ao qual o duque passou algumas horas no dia desta memoravel batalha.

O actual duque de Wellington e seu irmão são ricos, tanto por si, como por suas mulheres; de sorte que a não ser para as despezas do funeral, nada se pedirá á nação para esta familia, a não ser talvez a perpetuidade nella do titulo do duque.

Além da renda annual de 17:000 libras que anda annexa ao titulo de duque, e da immensa riqueza da mobilia de Apsley-House, comprehendendo a baixela portugueza, avaliada em 100:000 libras esterlinas, herda o duque actual Strathfieldsaye, sem nenhum encargo. Este duque, muito similhante a seu pae, até mesmo na voz, é assaz reservado; e quando foi membro da camara dos communs nunca fallou.

Lord Carlos Wellesley é mais dado. Era a elle que seu pae encarregava os seus negocios.

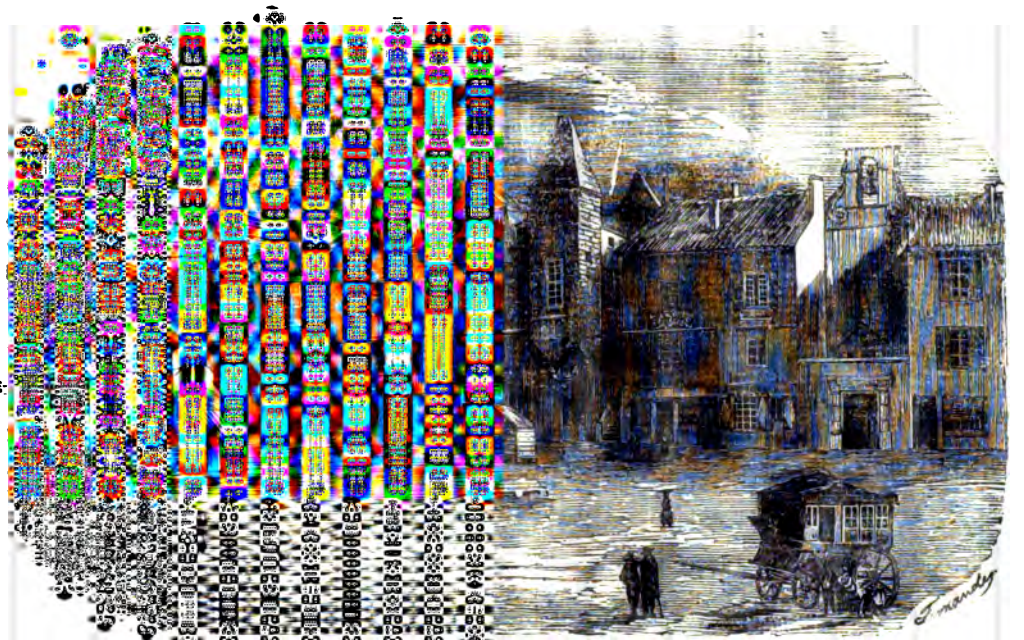
Macrobita. — No dia 21 de setembro ultimo, diz o *Campeão do Vouga*, falleceu Anna Marques Figueira, do logar d'Azurba, contando 105 annos de edade. Nunca teve doença grave. Sempre foi muito sobria na comida, que ordinariamente era simples, e frugal. Não se conheceu outra molestia que a matasse, senão a velhice. Morreu a rir, dizendo que se lhe iam acabando as forças, até que a vida se lhe finou de todo. Foi como a luz da alampada que á mingua d'oleo se extinguiu. Eis-aqui um venturoso morrer.

Beneficencia. — Giorgio Ronconi, o principe dos baritonos, deu ultimamente em Granada uma representação da — *Maria di Rohan* — de Donizetti, a beneficio do asylo de mendicidade. Depois do espectaculo, o *primeiro alcaide*, presidente da municipalidade, foi procurar o celebre artista ao seu camarim, e lhe fez entrega de uma carta de agradecimento official. No dia immediato, a municipalidade offereceu a Ronconi uma corôa de louro, feita de prata, em que se acha gravado o brasão d'armas de Granada, e um distico analogo á circumstancia.

Nova descoberta. — Lê-se no *Pirata* o seguinte: — O padre G. B. Cavalleri, professor de physica no Instituto philosophico annexo ao collegio de Monza, imaginou um instrumento, que munido de um oculo e de um apparelho illuminativo, torna visivel de noite os objectos a grande distancia. — Com este instrumento poder-se-ha lêr um jornal a distancia de quatro milhas geographicas de 60 ao gráu.

Descoberta. — Lê-se no *Pirata*:

«O director da *Correspondencia scientifica de Roma* communica ao *Giornale di Roma* uma carta, participando-lhe a descoberta de um novo planeta feita no Real Observatorio de Napoles pelo illustre astronomo o professor De Gasparis, na noite de 19 de setembro.



João da Luz.

cer toda a circumspecção da parte de um governo sabio e providente.

Os caminhos de ferro são hoje indisputavelmente, como elementos poderosos de prosperidade e riqueza, a maior necessidade da época, e por isso por *fas ou nefas* tambem nós os havemos de ter, quando e como, não o sei, nem o posso por agora aventurar: tal e tão vária é a sorte das cousas uteis neste malfadado paiz; entretanto como os melhoramentos que como este recebem impulso das idéas, e cujas vantagens são de mais a mais asselladas pelo exemplo e experiencia, tarde ou cêdo vem a realisar-se a despeito dos maiores obstaculos; quero crêr que dentro em pouco havemos de ter, se não uma réde de caminhos de ferro, pelo menos um, e este o mais principal — o de Hespanha — que dizemos de

guem, animado deste sentimento, será licito imputar a toda ella, tão grande somma de males, em rigor só devidos á incapacidade governativa de uma fracção de homens, cujos erros e decepções a tem levado ao estado de atraso em que se acha, e se contra tantos abusos as leis não tem tido imperio nem força, a historia imparcial será enexoravel para com os auctores delles.

Prasa ao céu que alfim o nosso máu fado nos deixe, e que hoje bem compenetrados dos proprios erros, e condoidos da desgraça e miseria geral, cuidemos com efficacia em verdadeiramente nos regenerarmos, respeitando a moral e a justiça, dando força ás leis, e um bem regrado impulso aos melhoramentos uteis, isto sem paixão nem acinte, tendo em mira o maior bem de todos, cumprindo-nos por nossa parte que se lamentâmos o mal, a ninguem dirigimos censura; e se pedimos a emenda do passado, a ninguem individualmente condemnâmos.

Seguindo pois o fio das nossas observações, crêmos ainda hoje, que a margem direita do rio de Alcantara, como ponto de partida do caminho de ferro de Lisboa a Santarem, comporta maior somma de vantagens, que os pontos que ora se andam explorando, e são, entre outros, os fundamentos da nossa asserção os seguintes:

1.° Porque a praia de Alcantara póde, com pequeno dispendio, converter-se em uma excellente dóca, onde as baldeações se farão com segurança, economia e facil fiscalisação, condições essenciaes para podêrmos abstrahir um grande commercio.

2.° Porque nas proximidades do ponto de partida ha sufficiente capacidade para armazens, onde os generos e mais objectos de exportação e importação, e mesmo material da linha, podem com toda a commodidade alojar-se.

3.° Porque desde Alcantara até á margem do Téjo, ha abundancia de pedra para todas as obras de construcção e atêrros, offerecendo o terreno solidez na base, e menos despeza nas expropriações.

4.° Porque os transportes dos generos, sendo mais commodos, extra-muros da cidade, tornará o seu custo mais accessivel e a sua exportação mais facil.

5.° Porque designado o ponto da partida na quinta do Fiusa (principio da calçada da Tapada) póde estabelecer-se a communicação delle com o Téjo, por meio de arcadas, obra grandiosa no seu genero, e de resultados immensos para o commercio em geral.

6.° Porque a linha, segundo aquella direcção, irá crear novas riquezas, dando valor a terrenos que ora o não tem, podendo além disso aproveitar-se para os caminhos de macadam a grande quantidade de pedra que alli existe apta para esse effeito, e cujo transporte será facil.

Depois disto havermos publicado, e deparando agora n'um jornal da capital, a proposito trabalhos de engenharia com o seguinte communicado — que na linha de Lisboa a Santarem se acham perfeitos e acabados seis estudos ou planos, afim de que pela comparação de todos elles se possa obter o mais conveniente e menos dispendioso — donde é facil deprehender que a linha ha de ser construida na direcção a que se referem aquelles estudos ou planos, sômos obrigados a insistir em que essa comparação se não faça, nem tal negocio se resolva sem que primeiro se estude o terreno na direcção que indicâmos, afim de que entre estes e aquelles ensaios a preferencia se instaure e o governo com a devida circumspecção e necessario conhecimento de causa possa depois decidir.

Entregando este objecto á publicidade, não dâmos por agora mais desenvolvimento ás razões expendidas, reservando para mais de espaço algumas outras vantagens que em nossa opinião resultariam dos ensaios emprehendidos na direcção que deixâmos indicada; rematando por dizer com a nossa costumada franqueza proverbial, que todos os motivos de preferencia que nos moveram áquella escassa publicação a que já alludimos, não só subsistem, mas que a respeito delles cada dia a nossa convicção se torna mais robusta e profunda, asseverando egualmente com a maior ingenuidade e candura, que daqui não esperâmos louvor nem vituperio, e que, quando tenhamos errado, esse mesmo erro terá sido proficuo, por ter secundado o espirito no exacto conhecimento da verdade.

A. R. B.

Marinha macaense.

Farei um extracto, para ser conhecido em Portugal, de um escripto bem curioso, e que só chegou ao meu conhecimento ha poucos dias, não obstante haver sido publicado, em janeiro de 1851, no nosso estabelecimento da China. É obra de um compatriota meu, segundo sou informado, o benemerito cidadão *Francisco Antonio Pereira da Silveira*, a cujas escrupulosas averiguações se deve, e que o leitor póde por isso tomar como um documento historico. Receba o auctor esta minha publicação como um testemunho authentico do justo apreço, em que tive o seu valioso trabalho.

«Ainda em 1835 contava a praça de Macáu 18 navios de navegação do alto mar: hoje (janeiro de 1851) tem apenas 2 barcas, 2 brigues, e 3 escunas, medindo ao todo 1.310 toneladas.

As *lorchas* em serviço activo são 60, prefazendo 4.054 toneladas: 8 de 100 toneladas para cima, contando a maior 146, trinta e quatro de 50 a 100, e as restantes de menos de 50, sendo a menor de 38.

Montam estas 60 lorchas 557 peças de differentes calibres, de 1 até 24: a maior leva 20 peças; as menores 4 até 6.

O total medio da tripulação está calculado em 380 a 420 portuguezes, e 480 a 525 chinas.

Todas foram feitas em Macáu, a maior parte em 1847 e 48, e algumas posteriormente. Esta cidade offerece muita facilidade para as construcções navaes similhantes. Em dezembro de 47 um tufão destruiu umas 12, e no seguinte abril achavam-se acabadas 20, todas dos particulares. O governo não possue uma só: quando precisa, afreta-as para o seu serviço.

O cavername das lorchas é geralmente de canfora, e as mais peças principaes de páu téca e outras boas madeiras. São de fundo achatado, demandando muito pouca agua, e susceptiveis de se aproximar das praias, a ponto de poderem desembarcar gente. Tem uma coberta e boas camaras e accommodações para passageiros. São geralmente de dois mastros com vélas latinas e redondas. A fórma da pôpa e do leme não é facil descreve-la: bastará dizer, que é do systema chinez, e dá summa rapidez aos movimentos, principalmente na difficil manobra de virar de repente de bordo.

Estas embarcações percorrem todos os mares alterosos da China: vão aos estreitos e aos archipelagos visinhos, e até á California, atravessando o Oceano Pacifico.

Antes de 1837 era diminuto o seu numero, e empregavam-se no commercio costeiro proximo, e nas cargas e descargas dos navios na roda. Foi em 1843, que começaram a saír para os comboios e serviço do norte, e em maior quantidade — depois da guerra anglo-sinica. Os grandes interesses, que então fizeram, ganhando cada uma 1.200 a 1.500 patacas por mez, e o incremento que este trato tomou, estendendo-se em 1846 até *Shanghae*, convidaram á construcção do avultado numero de lorchas, que a praça de Macáu possue actualmente.

Das 60 foram recentemente duas para os estreitos; outras estão no commercio costeiro e outros serviços; e 36 andam ao norte distribuidas proximamente deste modo: 12 nos comboios de *Fucháo* a *Ningpó;* 6 ou 7 nos comboios de *Hunchio-fu* a *Ningpó;* 12 guardando os pescadores de *Ningpó* nas ilhas ao norte e sul de *Chusan;* 6 nos comboios de *Chincheu* e viagens de *Amoi*.

Amoi, *Fucháo*, *Singpó*, e *Shanghae* são os 4 portos do norte, que pelo tractado imposto aos chinas depois da guerra, foram abertos ao commercio de todas as nações do mundo. Em que consistem os comboios e vigias dados pelas nossas lorchas vai vêr já o leitor.

Os afretamentos mensaes regulam actualmente pela força e lote das lorchas: para os comboios das *somas* de 180 a 450 patacas; para vigia dos pescadores de 250 a 450; e para proteger a marinha imperial de 400 a 450.

As *somas* são embarcações chinas mercantes, correspondentes na capacidade ás nossas escunas, brigues, e ainda a grandes barcas ou galeras: as grandes *somas* conduzem muitas vezes riquissimos carregamentos.

As lorchas para comboio das sommas são pagas pelos negociantes nellas interessados. Os afretamentos nos portos, em que ha estação naval china, quasi sempre se fazem por intervenção dos mandarins da marinha de guerra, aos quaes os negociantes representam a necessidade, que tem de tomar uma lorcha portugueza para a sua protecção, e esses officiaes, passando a examinal-a, quasi sempre por formalidade, sobre a sua informação se faz o ajuste. Nisto tira o mandarim frequentes vezes interesses illicitos, deixando-se peitar pelos patrões das lorchas, para bem informar dellas.

Outras são directamente afretadas pelos negociantes, ou mais commummente pelos corretores chinas, que se comportam com uma fidelidade similhante á dos mandarins.

As lorchas, empregadas em vigiar pela segurança dos barcos de pesca, são pagas de ordinario pelos regatões, que fazem o commercio em grande do peixe salgado.

Já o leitor vê, que o serviço da bandeira portugueza em prol dos nossos amigos chinas é contra os piratas, que ahi são tão communs e habituaes como aqui os agiotas.

Ha tambem lorchas afretadas para guardar as ilhas e os portos chinas das devastações dos piratas, ás quaes pagam os habitantes ou o mandarim do districto.

Os almirantes da marinha imperial tem-nas tomado ao seu serviço, para guardar os portos e embocaduras dos rios, ou para sahirem com as suas esquadras em perseguição dos piratas. Neste caso o mandarim almirante ou o seu immediato passa para bordo da lorcha portugueza, onde se arvora o pavilhão correspondente ao seu gráu; e só assim se atrevem a atacar os destemidos piratas, pelos quaes são ordinariamente batidos, bloqueados, ou destruidos nos proprios portos, se não tem o auxilio dos lusitanos, mas com o qual sempre os desbaratam e vencem, dando comtudo participações pomposas ao imperador da victoria, que a si attribuem, e com o que obtem recompensas e elevação!

São tão descarados e audazes esses piratas, que desafiam os mandarins por pasquins, e ás vezes por *chapas* (officios), ou por enviados, uma vez que (recommendam elles aos seus enviados) não encontrem os mandarins acompanhados dos portuguezes.

É mui ordinario, apresentarem-se emissarios dos piratas, a propôrem resgate dos prisioneiros ou dos navios cahidos em seu poder, negociando-o a dinheiro ou generos, com os habitantes ou com os mandarins.

Ha, ao que parece, em *Sanghae* uma especie de companhia, a que os chinas dão o nome de *santau* ou *satau*, com um fundo destinado a esses resgates, e que actualmente preferem applicar ao afretamento das nossas lorchas.

É incalculavel o numero dos *lanchaes* (piratas), que infestam as costas da china: é quasi uma raça, que se propaga e perpetúa, recrutando-se nas classes desmoralisadas e miseraveis. Possuem vastas esquadras, e dominam ás vezes ilhas inteiras.

*

Em maio de 1848, as esquadras imperiaes das duas estações navaes de *Shanghae* e *Sihakepú*, constando de 60 vélas, comboiadas por 5 lorchas macaenses, foram atacar os piratas da ilha de *Hiansan*, defronte de *Sihakepú*, onde por muitos annos tinham o seu retiro e habitações, e expulsaram-nos da ilha, que devastaram, o que nunca tinham podido conseguir até então em todos os ataques, quantos tinham emprehendido.

No anno precedente, 7 lorchas haviam-se reunido em *Ningpó*, e foram por sua conta bater os piratas dessa mesma ilha, e recolheram um despojo, que vendido e repartido, couberam a cada lorcha 2.000 patacas.

Os *lanchaes* batem-se ás vezes com bravura contra as nossas lorchas, mesmo na abordagem. Quando se consideram perdidos, lançam ao mar as crianças e as mulheres amarradas, e os objectos preciosos, fructos dos seus roubos, preferindo affogar-se a entregarem-se prisioneiros.

Os seus *juncos (somas de guerra)* tem o costado feito com grossas madeiras e bem travadas, onde difficilmente penetram as ballas de pequeno calibre. Quando soffrem rombo ao lume d'agua, nem por isso vão a pique, porque são construidos com repartimentos de madeira, parallelos entre si, e perpendiculares á quilha, e que dividem o porão em 7 a 10 espaços até á altura superior á linha d'agua, de modo que se póde encher d'agua um ou mais intervallos, sem que a embarcação soçobre. Esta construcção tem sido adoptada em alguns navios inglezes.

Trazem os piratas constantemente rêdes de pesca, com que disfarçam o seu viver criminoso, e que, sobrepostas em 8 a 16 dobras, envoltas em couro, lhes servem de trincheira ou amurada.

Destas rêdes tambem usam os nossos nos combates, e, além disso, quando são poucos os portuguezes a bordo das lorchas, vestem os chinas á europêa, o que muitas vezes basta para acobardar os piratas.

Vê-se da historia da China, que mais de uma vez os chefes dos piratas tem posto o imperio em graves perturbações, chegando até a assenhorear-se de provincias inteiras.

Fallando só dos casos, em que intervieram os portuguezes a favor dos imperiaes, citaremos o acontecimento havido no seculo 16.°, em que ficou completamente destruida a esquadra do famigerado *Cham-gui-silau*, e o de 1805. Nesta segunda época, *Cam-pu-sai*, outro famoso chefe de piratas tinha uma vasta esquadra com uma forte e poderosa artilheria, e uma guarnição de 40.000 homens: seu intento era expulsar a dynastia tartara, e coroar-se imperador. Assignou-se um tractado, a rogos dos chinas, entre estes e os macaenses em 1809, para aniquilar *Cam-pu-sai*, o que se conseguiu no cabo de 5 mezes, depois de muitos combates navaes, capitulando o seu chefe com os restos da sua esquadra e 17.000 praças. *Cam-pu-sai* tinha offerecido á nossa cidade algumas provincias do imperio, se ella se conservasse neutral! E nós o que fizemos depois dessa assignalada victoria? O que pedimos? Nada!

Além dos afretamentos já referidos, se as nossas lorchas, nas suas passagens de uns para outros portos, comboiando as embarcações, que as ajustaram, encontram outras, tambem lhes dão protecção, mediante novas offertas. Algumas vezes, mas muito raras, recebem tambem alguma carga.

A lorcha, que em algum comboio mercante tomou um *junco* pirata, tem metade do producto da presa, e todos os armamentos e petrechos de guerra: por cada prisioneiro vivo, que apresenta aos mandarins de *Shanghae*, recebe 100 patacas, e por cada cabeça 30.

As lorchas, que combatem por sua conta, são senhoras de todos os despojos dos vencidos: se apparecem os donos dos objectos roubados pelo pirata, que se tomou, podem resgatal-os.

Os patrões e a tripulação das lorchas, que mais se distinguem pelo seu valor, recebem dos mandarins chapas de prata com legendas em chinez; outras vezes flammulas de differentes graduações, ás quaes correspondem as honras das salvas e da *bátega* (grande disco de bronze para repercutir os sons).

Em logar destas insignias e distincções, recebem outras vezes dos mesmos mandarins avultados *saguates* (presentes). A lorcha que soffreu muita avaria em algum combate, recebe das mesmas auctoridades indemnisações correspondentes.

É muito de notar, que esta nossa singular marinha entra não sómente nos quatro portos do norte abertos aos estrangeiros, mas frequentam e penetram em todos os portos e rios intermedios, porque os mandarins locaes o toleram a instancias dos negociantes e pescadores, e pela sua propria segurança.

Não é menos digno de notar-se, que ella comboia muitas vezes até á *Coréa*, *Japão e ilha Formosa;* mas á vista da terra, despede-se, por serem paizes vedados aos europeus.

Por estes comboios longinquos pagam-se ainda hoje 800 a 1,200 patacas.

Não erraremos muito no nosso calculo, se dissermos, que nos primeiros annos, em que esta especulação maritima começou, o producto total dos interesses das lorchas, empregadas no serviço dos chinas em suas viagens do norte, subiu a 200 mil patacas. No anno de 1850 teria sido de 100 a 120 mil.

No actual estado da decadencia commercial de Macáu, esta navegação é da maior importancia politica e economica para ella.

Tambem pelo lado militar se tem tirado muitas vantagens. Os proprios naturaes da cidade se tem tornado mais aguerridos: correm sempre confiados a combater contra forças as mais desproporcionadas: manejam a espingarda, e a artilheria, ainda no meio das velozes manobras do panno. Até aos chinas se tem communicado o valor e pericia dos christãos: já são mui destros no manejo das nossas armas: servem mui bem

nas peças, que ordinariamente occupam dois homens, e ás vezes um só.

Tem havido, comtudo, da parte de alguns patrões e tripulação das lorchas, abusos gravissimos, e acontecimentos de differentes generos, que, repetindo-se, podem vir a ser os mais prejudiciaes possivel á honra e interesses da nossa querida possessão.

Como parte desagradavel de um interessante esboço historico, onde o leitor acha tanta cousa honrosa e grata ao coração portuguez, quero, *por agora*, ommittil-a completamente.

Guilherme José Antonio Dias Pegado.

Sceptro e punhal.

II.

Nicolasico.

(Continuação)

A côrte de Hespanha, durante o reinado de Filippe IV, era a mais esplendida da Europa.

Não faltará porém quem diga, que era ao mesmo tempo a mais corrupta de todas as côrtes. Certamente; mas a corrupção é companheira inseparavel do luxo e da riqueza, e não só tem sido, mas é um vicio inherente a quasi todas as côrtes que existiram e existem.

Dir-se-hia que a fortuna, cançada de tantas victorias, se entretinha embriagando-nos dentro da peninsula com os attractivos de prazer, em quanto fóra della nos arrebatava o ultimo resto da grandeza, que com tanta sollicitude tinha sustentado a poderosa mão do segundo Filippe.

Abandonadas as rédeas do governo ás mãos de um favorito, que só pensava em adular o voluptuoso ocio do monarcha para manter-se no poder, apenas passava um dia em que não chegasse a noticia de alguma desgraça para as sempre victoriosas armas de Hespanha.

E em quanto assim se desmoronava o grandioso edificio levantado pelos antepassados d'el-rei, dormia este descuidado, contando os seus dias pelos gosos que lhe proporcionava a estupida ambição do conde-duque de Olivares.

Os bailes e festins succediam-se com rapidez na côrte do Retiro; Filippe e os seus cortezãos, ostentavam nelles opulencia e luxo, levados ao auge, e nisto eram imitados com avidez pelas outras côrtes da Europa. A Hespanha era a rainha da moda. O airoso traje que trouxeram os nossos soldados de Flandres, e que ainda admirâmos nos quadros do illustre Velazquez, era, na época a que nos referimos, um traje verdadeiramente europeu.

Os galanteios de gelosia, tão bem descriptos pelos nossos poetas daquelle tempo, tinham além disso um caracter que foi desapparecendo com a vinda dos Bourbons. O amor, essa paixão romantica, que se alimenta com o mysterio e as difficuldades, tinha naquelles tempos encanto irresistivel para o coração de um galan, que só conseguia vêr a sua bella pelos claros de uma espessa rotula, ou se contentava em adivinhar os seus attractivos occultos entre as prégas de um manto importuno e tentador.

A litteratura tinha chegado a um gráu de esplendor invejado pelos outros povos, e os nomes de Cervantes, de Lopes da Vega e Calderon, eram acatados em toda a parte com admiração e enthusiasmo.

A preponderancia hespanhola estava então na derradeira agonia; mas uma agonia pomposa e brilhante: dir-se-hia que entoava um hymno de triumpho sobre o desmoronado edificio da sua opulencia, como outr'ora Nero sobre o incendio de Roma.

Vamos introduzir os nossos leitores no palacio do Bom Retiro, habitação do monarcha hespanhol, que, apesar de acanhada e mesquinha no exterior, se julgarmos pelas ruinas que ainda hoje existem, não era indigna, no interior, do poder e grandesa de seus senhores.

Atravessemos rapidamente os seus magnificos salões e galerias, com ricos tapetes e dourados relevos, e paremos n'um gabinete profusamente adornado, e onde naquelle momento descançava brandamente recostado n'uma grande poltrona, forrada de velludo, sua magestade o rei Filippe IV.

Achava-se este em frente de uma pequena mesa de ébano, delicadamente trabalhada, sobre a qual se via uma escrevaninha de oiro e alguns papeis desordenadamente espalhados: el-rei tinha aberto na mão um livro, cujas paginas recorria machinalmente.

Estava mais pallido do que costumava: o seu semblante, fatigado ordinariamente por excessivo abuso de prazeres, tinha tomado naquella occasião uma expressão de sombrio desassocego. Alguma idéa fixa e importuna se apoderára delle naquelles momentos que destinava aos seus ocios litterarios. Os cabellos, que com tanto esmero e cuidado trazia sempre perfumados, caiam-lhe desordenadamente sobre os hombros; e os seus amortecidos e languidos olhos azues, lançavam de quando em quando com sinistro brilho, uma olhada fria e odienta. O rosto transtornava-se-lhe então de um modo terrivel.

Por muito tempo permaneceu immovel na mesma postura, até que, não podendo já dominar a sua agitação, arrojou para longe de si com enfado, o livro que tinha nas mãos, e reparou pela primeira vez n'um objecto que estava a seus pés estendido sobre uma almofada vermelha.

Um sorriso fugitivo animou os seus cerrados labios, sem duvida ao contemplar um sêr humano, sobre quem descarregar a sua cólera; e dando-lhe um pontapé, proferiu ao mesmo tempo uma imprecação amarga, como talvez nunca fosse ouvida naquella regia mansão.

O objecto de tanto despreso deu um salto, como se tivesse sentido a mordedura de uma vi-

bora, e ficou em pé com os braços cruzados, fixando uma olhada diabolica no contrahido rosto do monarcha.

Effectivamente era um sêr humano. Era um homunculo que parecia uma criança, pois tinha dois pés e meio de altura: o seu rosto, de infantil apparencia, mostrava sempre um sorriso maligno e astuto, realçado ainda mais pelo brilho de uns olhinhos verdes e encovados. Não se observava neste anão a irregularidade que geralmente se observa nos da sua classe: a cabeça, ainda que um tanto avultada, não era disforme, e as outras partes do corpo eram proporcionadas á sua estatura, posto que de um vigor e de uma flexibilidade incomprehensiveis. Não trajava os ricos atavios com que os reis de França costumavam enfeitar os seus bobos: o vestido que trazia correspondia á sua figura, e era o que usavam os adolescentes naquella época.

— Maltrasta-me, Filippe, exclamou com aguda voz. És um ingrato. Não consideras que sou o personagem mais importante da tua côrte, e tratas-me como se fosse o mais vil dos teus criados.

— Vae-te, respondeu o rei com impaciencia. Não estou hoje disposto para ouvir as tuas chocarrices.

— Pois terás de ouvil-as, ainda que te custe, replicou o bobo com insolencia. Déste-me um pontapé, rei de Castella, e ignoras que o miseravel anão tem nas suas mãos os meios de vingar-se de ti.

Um sorriso de compaixão e despreso assomou aos labios do monarcha. Longe de enfadar-se com as atrevidas palavras de Nicolasico, pois era este o nome do bobo, fixou o seu errante olhar em um retrato da rainha, que se achava pendurado em uma das paredes, e que tinha saido ha pouco da officina do pintor da camara Velazquez. O retrato era de corpo inteiro, e vestido com o traje de boda: a similhança era tão perfeita, que parecia destacar-se do fundo da tela a interessante figura da rainha cheia de vida e belleza.

Os olhos do anão seguiram o movimento dos do monarcha, e brilhou nelles um fugitivo raio de infernal alegria. Observou tambem que Filippe, ao cravar os olhos na pintura, estremecêra, como se tivera sentido a ponta de um punhal sobre o peito.

— Eis-ahi o caso, proseguiu o anão, que fazes do teu bobo, do unico ente que faz assomar o riso a teus labios quando vens cansado pelos excessos de alguma orgia, ou te encontras, como agora, triste e meditabundo: em logar de escutal-o, fixas a tua vista na imagem da pessoa que te é mais indifferente neste mundo. Conheço, amo ingrato, que decahi da tua graça... pois preferes a tua esposa ao teu bobo. Preferes a tua esposa, que não amas, apesar de toda a sua formosura...

— Com effeito, é formosa! balbuciou el-rei, continuando abysmado em muda contemplação.

— Não o sabias até agora? Oh, é celestial! Ao menos é esta a apinião de todos os grandes da tua côrte; e se não, pergunta-o a certo galan que no ultimo baile parecia querer devoral-a com os olhos.

— Quem era esse galan? gritou Filippe com violencia, saindo repentinamente da distracção em que se achava. Responde, miseravel truão!

— Miseravel truão! Eis-ahi as finezas que ordinariamente me diriges! Trata-me com mais cortezia, aliàs...

— Falla, ou mando-te açoutar!

— Como? ajuntas o ameaço ao insulto? pois não saberás nem uma palavra.

El-rei fez um ademan para levantar-se; mas Nicolasico, que observou a expressão de furor que brilhava em seu rosto, gritou, dando um passo para traz:

— Espera, já que fazes tanto empenho, chama-se...

— Devagar, velhaco.

— O conde de Villamediana

— O conde? e tu vistel-o?

— Poderias, Filippe, dar graças ao céu se os meus olhos nada mais tivessem descoberto.

— Miseravel! esqueces que estás fallando ao teu rei?

O monarcha pronunciou estas palavras levantando-se pallido de cólera. O anão, espantado, conheceu que tinha ido demasiadamente longe, e que lhe convinha baixar o tom.

(Continúa)

Orçamento da Turquia.

É curiosa a seguinte noticia do orçamento da Porta Ottomana. A receita do thesouro sóbe a 750 milhões de piastras, e a despeza chega, pouco mais ou menos, á mesma cifra.

Os impostos repartem-se do modo seguinte:

Contribuição territorial, 220 milhões de piastras.
Contribuições sobre a renda, 220 milhões.
Impostos individuaes sobre os subditos não musulmanos, 40 milhões.
Alfandega, 83 milhões.
Tributo do Egypto, 30 milhões.
Tributo dos principados do Danubio (Valaquia, Moldavia e Servia), 5 milhões.
Contribuição indirecta (patentes, timbres, portagens, bebidas, correios e minas), 150 milhões.
Total aproximado, 750 milhões.

A despeza reparte-se deste modo:

Lista civil do Sultão, 75 milhões de piastras.
Lista civil da mãe e dos irmãos do Sultão, 8.400:000.
Exercito, 300 milhões.
Marinha, 37.500:000.
Material de guerra, 30 milhões.
Administração, 195 milhões.
Diplomacia, 10 milhões.
Obras publicas e agricultura, 10 milhões.

Despezas diversas, mesquitas, instrucção publica, 84 milhões.
Total 750 milhões.
Por um tratado recente, elevou-se a 40 milhões o tributo do Egypto.

Mr. de Talleyrand.

Diz-se que quando este celebre varão se achava nas agonias do passamento, foi visital-o el-rei Luiz Filippe.

— Como estaes? disse o rei.

— Mal, muito mal! respondeu Talleyrand. Parece que estou no inferno!

— Já? perguntou singelamente o rei dos francezes.

Real Theatro de S. Carlos.

A *Lucia* é a opera mais cheia de ternura de todas as que escreveu o malfadado Donizetti. Desde o preludio que annuncia a primeira scena, até á ultima nota do rondó final, não só se interessa o ouvido do espectador escutando aquella collecção de melodias tão perfeitamente adequadas ás differentes situações dramaticas; mas tambem o coração, porque sem pronunciar as palavras, as frazes musicaes expressam por um modo maravilhoso as penas e pensamentos, ora ternos e supplicantes da enamorada e infeliz *Lucia*, ora rudes e ameaçadôres do rancoroso e exigente *Asthon*, ora finalmente os arrebatamentos de amor, ciume e desesperança do mallogrado *Edgardo*. — A *Lucia* é uma opera, que, apesar de muito conhecida, nunca o publico se cança de a ouvir, e principalmente sendo tão satisfatoriamente desempenhada, como desta vez foi em S. Carlos, em 24 do corrente.

M.me Castellan *cantou* maravilhosamente a parte da protagonista. Para a sua flexivel garganta está evidentemente provado não haver difficuldade que não desappareça. Ainda mais: m.me Castellan parece cobrar novo animo no meio dos passos difficeis, e regosijar-se, manifestando a que ponto póde chegar, que prodigios póde fazer aquelle, que attinge á perfeição e sublimidade da arte.

E na verdade: quem poderá exceder a m.me Castellan no mechanismo do canto? Quem será capaz de levar-lhe a palma na perfeição e valentia com que vence todas as difficuldades, não só que o *spartito* lhe apresenta, mas que o seu proprio capricho sabe crear com profusão? — Mas esta mesma pompa e superabundancia de recursos, que m.me Castellan tão maravilhosa e frequentemente ostenta, e que sem duvida tem contribuido para lhe fundar a bella reputação artistica de que desfructa, chegará, segundo a nossa humilde opinião, a degenerar em monotonia e perder grande parte do seu effeito sobre o publico, se a insigne cantôra, com a intelligencia que a distingue, não se abstiver de prodigalisal-a com excessiva liberalidade. M.me Castellan foi applaudida em todas as peças, que cantou, e especialmente nos dois duettos, o 1.° com *Edgardo* (o sr. Prudenza), e o 2.° com *Asthon* (o sr. Bartolini). No rondó final, m.me Castellan revestiu por tal modo o canto, introduziu tantos e tão variados passos d'agilidade, executou taes *tours de force*, que ninguem diria ser aquella a musica singela, o canto melancolico e apaixonado que escreveu Donizetti. O publico porém escutou-a extasiado; e a mestria da cantora, obrigou-o, não só a perdoar, mas até mesmo a applaudir com enthusiasmo o arrojo commettido pela habil *prima dona*.

Para classificarmos o sr. Bartolini no desempenho da parte do cruel *Asthon*, não achamos senão uma palavra: — *sublime*. A sua bella voz, o maravilhoso colorido que dá ao canto declamado, a propriedade com que se investe do caracter do altivo e exigente irmão de *Lucia*, constituem um novo titulo á estima que o publico lisbonense já professava pelo distincto baritono. Em todas as peças o sr. Bortolini foi victoriado; mas onde elle se distinguiu mais, em nosso entender, foi no duetto com *Lucia*, no magestoso final do 2.° acto, e no duetto com *Edgardo* no 3.°, onde a par de cantor se mostrou sempre actor intelligentissimo.

O sr. Prudenza, cantou bem e com muita afinação, foi applaudido, e cremos que ainda o será mais quando se apresente em scena com maior desembaraço. Na *maldição*, do 2.° acto, o sr. Prudenza esteve alguma cousa frio, e dirigiu as suas imprecações para a platéa, em vez de as dirigir a *Lucia*. É este um defeito que se torna sensivel, mas que é facil de remediar. E não só no sr. Prudenza o notamos: em muitos artistas dos que têem vindo a S. Carlos, temos conhecido a balda de se voltarem para os espectadores, esquecendo-se dos personagens com quem estão dialogando em scena; o que prejudica muito a verosimilhança e regularidade da acção dramatica.

O sr. Celestino desempenha muito bem o pequeno papel de *Bidebent*. Em summa a execução da opera foi em geral digna de elogio; e o publico mostrou-se satisfeito applaudindo repetidas vezes os artistas.

Relativamente a dança, não ha outra novidade senão um passo a 4 composto pelo sr. Cappon, e por elle executado com as sr. Domenichettis, Romilda e Vicentini. Tanto o passo como o bailado, que o acompanha, é mais uma prova do bom gosto e habilidade, que distinguem o sr. Cappon neste genero de composições. Em quanto á execução, achamol-a muito regular, mesmo da parte da sr.a Vicentini — *primeira bailarina de genero italiano*, quand même...

Noticias diversas.

John Bull. — O doutor John Bull, diz a *Revue et Gazzette Musicale* de Paris, organista da rainha Isabel, e reconhecido como verdadeiro author do famoso hymno *God save the King*, deixou a Inglaterra no anno de 1614. Os musicografos tem ignorado até hoje o paiz em que elle passou o resto da sua

vida, e a época em que morreu. O cavalheiro Léon de Burbure, a quem a historia da musica deve tantas descobertas de grande interesse, acaba porém de preencher as lamentaveis lacunas que havia na biographia de John Bull: as suas indagações fizeram-lhe descobrir, que este *doutor em musica* foi a Anvers, em 1617, sollicitar o logar d'organista dos tres orgãos da cathedral, vago naquella occasião por morte de Rombout Waelrant. O *Capitulo* de *Nossa Senhora* concedeu-lh'o, e o doutor prestou juramento a 29 de dezembro do mesmo anno. No mez d'abril de 1620, John Bull habitava a pequena casa proxima do portal do Sul, a mesma em que reside actualmente o porteiro da cathedral. Morreu em Anvers a 12 de março de 1628, e foi sepultado a 15 do dito mez. Outras particularidades colhidas a respeito deste sabio musico por mr. Léon de Burbure, provam a grande consideração de que elle gosou na Belgica. O governo inglez está disposto, segundo parece, a fazer erigir, na cathedral d'Anvers, um monumento sumptuoso ao author do seu immortal hymno nacional.

Nova York. — Segundo as ultimas noticias, m.elle Alboni estava dando uma serie de concertos com um exito maravilhoso. — M.me Sontag ainda não se tinha feito ouvir, e, contra toda a espectativa, parece que terá de combater uma opposição e malquerença organisada não se sabe por quem. Duas serenatas que lhe quizeram dar debaixo das janellas da sua habitação, foram perturbadas por alguns bandos que pareciam obedecer a uma senha. Na segunda destas manifestações simpathicas, não póde mesmo concluir-se a primeira peça, que era a abertura de *Freischutz*.

Luigi Rocco, o *basso buffo*, que ainda ha pouco ouvimos em S. Carlos, partiu de Milão para ir unir-se aos *virtuosi* que acompanham m.me Sontag na sua excursão artistica.

Juncção dos dois oceanos. — O novo projecto, que agora se apresenta para a juncção dos dois oceanos, consiste no córte do isthmo entre o golpho de Dario, e a bahia de S. Miguel. Uma companhia ingleza, á testa da qual se acham MM. Fox e Henderson, architecto do palacio de cristal, mandou fazer estudos nesta parte do isthmo. Mr. Gisborne, o engenheiro encarregado dos ditos estudos, reconheceu que a configuração physica do paiz, se presta á construcção de um canal, que permittirá a passagem dos navios de um oceano para o outro. Este canal partirá de S. Miguel, no Pacifico, indo ter a um ponto, ainda não designado, no golpho de Dario. A distancia total não excede 50 milhas, e acha-se diminuida por um braço navegavel de 20 milhas. Resta por tanto a construcção de um canal de 30 milhas. Em virtude do achatamento dos Andes, a secção maior, que ha a fazer, não excede a altura de 125 pés. Orça-se a obra em sete milhões de piastras.

Novo banco em París. — Este banco, que empresta dinheiro a 4 ½ por cento, estabeleceu que os capitaes emprestados se reembolsem por annuidades, que comprehendem o juro, amortisação, e despezas de administração, sendo o valor de cada uma dependente do capital emprestado, e do numero de annos do contracto, que não póde ser menor de 20 annos, nem maior de 50.

O novo banco foi auctorisado, pelo governo, a crear obrigações hypothecarias, que emitte e negoceia, por sua conta, com a sua responsabilidade, e sob a fiscalisação do governo.

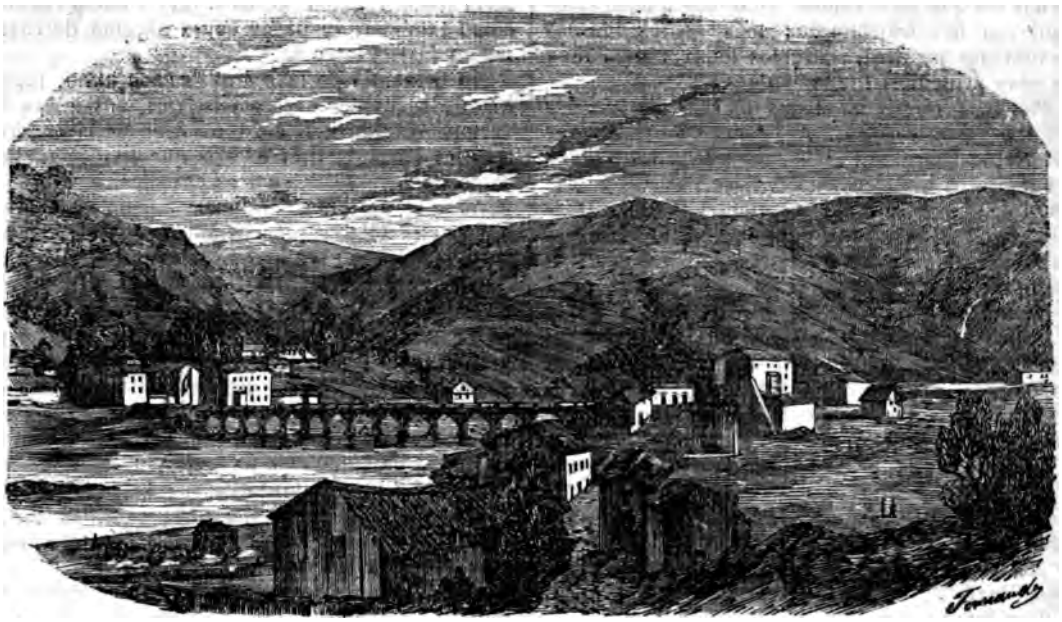
Correspondencia particular pelo telegrapho electrico. — Em França começa a facilitar-se esta correspondencia. De París a Augoulême (110 legoas), por 1:600 réis, transmitte-se um despacho de vinte palavras. Da fronteira belga para Florença, um despacho de vinte palavras custa sete mil réis proximamente. Ha diversos pontos para onde já se transmittem despachos particulares. É facil entrever os importantes resultados que o commercio póde tirar deste meio rapido e seguro para transmittir ordens de uma para outra praça.

Producção de tabaco na Europa. — Um sabio allemão, M. de Reden, colligiu ha pouco diversos documentos, dos quaes se conclue que se consomem annualmente na Europa tres milhões de quintaes de tabaco, dos quaes metade é importada da America, e a outra metade colhida na Europa. A Austria produz 400,000 quintaes; o resto da Allemanha 400,000; a França 260,000; a Russia 260,000; a Hollanda 60,000; a Belgica, o reino de Napoles, os Estados Pontificios, a Polonia, e a Valachia produzem de um a dois milhões d'arrateis.

Uma vida teimosa. — Morreu, ha pouco, em Caudenac, ao pé de Bordeaux, uma mulher, chamada Douvion, de 120 annos. Nascêra m.me Douvion, na Guadaloupe, em 1732, enviuvou no anno 2.º da republica; tornou a casar-se depois, e enviuvou segunda vez. Na edade de 100 annos fez um contracto: cedeu todos os seus bens em troco de uma pensão vitalicia. Os que tomaram posse dos bens, acreditando que haviam feito um bom negocio, tiveram de pagar a pensão por espaço de vinte annos.

Aviso importante. — Na segunda feira, 1.º de novembro, ás 8 horas da noite, terá logar no salão do theatro de D. Maria II, uma *academia de poesia extemporanea*, dada pelo sr. advogado Antonio Bindocci, de Siena.

A excellente reputação que, como poeta e improvisador, o sr. Bindocci tem conquistado em todos os paizes que tem percorrido, e as provas que do seu brilhante talento deu já mesmo em Lisboa na sala do *Gremio Litterario*, e em casa do nosso illustre poeta e distincto patriota, o sr. Castilho, fazem-nos crêr, que será numerosa a concorrencia; tanto mais sabendo-se, que o sr. Bindocci possue o dom de se fazer comprehender ainda mesmo daquelles, que são pouco conhecedores, ou quasi alheios do bello idioma do Tasso.



Entre Hespanha e França — A ponte de Behobia.

O Bidassoa, que separa a França da Hespanha, tem sua origem na cadêa dos Pyreneos, e acaba no oceano, entre Hundaye e Fuentarabia. Nas margens do rio, em frente uma da outra, estão as ultimas povoações de Hespanha, e França, Irun, de que já fallámos, e Behobia. Entre Irun e Behobia vê-se a ponte construida em 1823 pelos francezes; desta ponte, metade pertence á França, e á Hespanha outra metade.

Os arredores de Behobia são cheios de recordações para ambos os povos. Aqui, nesta planicie magnifica, ao pé de Urrugne, aos 23 de abril de 1793, foi derrotado pelos soldados francezes o exercito hespanhol, commandado por D. Caro; nesta mesma planicie, aos 7 de outubro de 1813, teve logar uma das acções notaveis da guerra peninsular. Além, na encosta, vê-se o velho castello d'Urtúbia, onde residiu Luiz XI em 1462, com os reis d'Aragão e de Castella. Perto da ponte está a ilha, a que chamam da conferencia, onde Luiz XI se reuniu com Henrique IV de Castella. Na mesma ilha se estabeleceram as condições do casamento de Luiz XIV com a familia de Filippe. Além, em frente, está a pequena ermida que os hespanhoes erigiram para commemorar a batalha, em que os francezes ficaram derrotados, no anno de 1522.

Caudelarias.

Esboço historico sobre a producção cavallar do paiz.

VIII.

No reinado de D. Sebastião.

Os bons desejos manifestados por D. João III, ácêrca da rehabilitação hyppica, não tiveram quebra no animo mais bellicoso e cavalleiro de seu neto, el-rei D. Sebastião. E embora as circumstancias dos tempos não se apostassem mais favorecedoras ao triumpho desses desejos, este monarcha, premeditando quasi do berço o dominio e conquista da Africa, e provavelmente conhecendo que o não podia bem fazer, sem uma pujante cavallaria que afrontasse a da mourisma africana, deu-se pressa a ordenar os meios de a realisar no paiz, confirmando e dando novo vigôr ás leis que nesse proposito promulgára seu avô. — Assim é que pela lei de 12 de agosto de 1570 se prohibe novamente as mulas, facas, quartaus, de França, Flandres, Allemanha e Inglaterra, Escocia e Irlanda; (1) e que em sua minoridade (1566) se confirma e accrescenta a lei de 7 de agosto de 1549, ácêrca dos que lançam egoa ao asno, e se tem por vigentes as outras leis de D. João III, referidas á producção cavallar. (2)

Por esta occasião (22 de outubro de 1566), sendo regente o cardeal D. Henrique, fez-se um *regimento sobre caudelarias*, regimento a que D. Sebastião, logo nos primeiros tempos de seu proprio governo (14 de fevereiro de 1569) dá pleno assentimento, fazendo-o imprimir, com as outras leis extravagantes que ordenou ao licenciado D. N. Leão colligisse e publicasse, para haver o publico melhor conhecimento delle, e mais fé e credito ter.

Este regimento, que foi modêlo de todos os mais que para o diante se publicaram, consta de

(1) Figueredo. Synop. Chr 2.° v.
(2) D. N. Leão. Coll. de leis extravg.

68 artigos. Sua grande extensão e o caracter do jornal em que escrevêmos, tolhe-nos que façâmos aqui seu fiel transumpto; mas coarctando-nos quanto fôr possivel, daremos todavia uma idéa de seus principios fundamentaes.

Podêmos classificar todas as suas disposições em tres partes capitaes. A 1.ª mais ou menos vexatoria, é consoante ás pessoas obrigadas a ter os progenitores hyppicos — a 2.ª diz respeito á maneira de pensar, e condições que devem ter aquelles progenitores para se empregarem nos misteres da padreação — a 3.ª é relativa ás regalias e privilegios que devem fruir os criadores.

No que respeita á 1.ª parte, estatuia-se: — Que todos os lavradores e criadores dos logares em que houvesse disposição de pastos, e que tivessem 80$000 réis de fazenda e dahi para cima em bens de raiz ou moveis, não entrando as casas de morada, cama e vestidos, esses fossem constrangidos a ter uma egoa fantil. E o que não tivesse aquelle censo, mas houvesse alguma besta em seu serviço, era por este facto obrigado a dentro de um anno provêr-se d'egoa fantil, salvo se a terra fosse tão esteril, que não podesse haver criação de egoas (art. 2.º)

Se o lavrador tivesse uma egoa sómente, essa deveria ser fantil, e se mais houvesse, uma se obrigaria a sêl-o, podendo então das mais escolher uma sómente para lançar ao asno, querendo, com tanto que para isso impetrasse licença do védor das egoas, que valia só por um anno, sem a qual não poderia ter logar o dito lançamento, sob pena de se comminar aos reveis o disposto na lei de 7 de agosto de 1549 (art. 3.º e 4.º).

As pessoas, mesmo que lavradores ou criadores não fossem, e que por isso não podiam ser constrangidos a ter egoa, se todavia alguma tivessem, essa deveria ser fantil, e a lançariam ao cavallo que lhe fosse ordenado pelo védor (art. 5.º).

Havendo pessoa que em algum logar por sua vontade, quizesse ter cavallo de lançamento para as egoas de caudelaria dahi, se o védor o approvasse, esse ficaria sendo o cavallo legal; mas não se dando este caso, então se obrigaria o mais rico lavrador ou criador do dito logar, que possuisse 100$000 réis de fazenda e dahi para cima, a ter o dito cavallo, sob pena de ser multado em dez cruzados. O cavalleiro, isto é, o senhorio do cavallo, poderia então ter ou deixar de ter egoas, conforme fosse sua vontade; mas nunca lançaria o dito cavallo, senão ás egoas da caudelaria a que estivesse adjectivado, indicadas pelo védor, sob pena de pagar 1:000 réis por cada egoa a que o lançasse, fóra das ordenadas (art. 11.º, 12.º, 16.º).

Pagar-se-hia de cavallagem ao cavallo, por cada egoa, 10 alqueires de cevada ou 5 de trigo, qual mais o senhorio da egoa quizesse; e isto, ficasse ou não segura a egoa. E, se se não lançasse a egoa ao cavallo que lhe estava ordenado, pagaria o lavrador a dita cavallagem de vazio e mais 2:000 réis de multa. Mas, se algum tivesse de seis egoas para cima, e quizesse ter para ellas cavallo seu, sendo este approvado pelo védor, seria escuso então de as levar a outro cavallo, como tambem de pagar cousa alguma de cavallagem (art. 21.º e 22.º).

No principio de fevereiro de cada anno, far-se-hiam alardos por diversos logares, aos quaes deveriam comparecer ante o védor os lavradores, com as egoas de lista e crias que tivessem, bem como os cavalleiros com os cavallos, e não comparecendo, se lhes comminaria a pena de 500 réis, e á sua revelia se repartiriam as egoas, pagando ao cavalleiro a cavallagem dellas. — Nestes alardos o védor examinaria se as pessoas que estavam no caso de ter egoas as tinham, e tendo-as, se eram boas, e de receber, conforme o que no regimento se prescrevia. Achando pessoas que, nestes pontos, não satisfizessem ao exigido pelo regimento, as avisaria que, no alardo do anno seguinte, não commettessem falta similhante, sob pena de 2:000 réis de multa, e até de se lhes penhorar e vender tanto da sua fazenda, quanto bastasse para pagar a dita pena de 2:000 réis, e comprar-se uma egoa, que lhes sería logo entregue (art. 7.º, 9.º e 10.º).

Os lavradores, cujos potros promettessem ser bons, e alindados cavallos, os não poderiam vender até fazerem tres annos, sob pena do perdimento delles ou de sua valia; mas passado este tempo, não se lh'os comprando por ordem regia, então poderiam os lavradores vendel-os livremente (art. 46.º).

Acêrca do lançamento das egoas a asnos, nos casos concedidos pelo regimento, deveria haver a mesma maneira de proceder que para os cacallos; prescreviam-se os mesmos deveres, as mesmas penas; só o preço das cavallagens seria por concerto entre os donos dos respectivos progenitores, não excedendo todavia o numero de seis alqueires de cevada, salvo se pela bondade do asno o senhorio da egoa nisso conviesse (art. 23.º, 24.º).

As disposições que mui summariamente deixâmos apontadas, manifestam-nos bem claramente o plano de proceder que então se entendia mais presentaneo e efficaz, para atalhar ao apoucamento e mesquinheza em que caia a producção cavallar do paiz. Era elle muito simples, reduzia-se a isto principalmente: não ha cavallos no reino, pois então façam-se; e para se isso conseguir, obriguem-se que tenham egoas fantis todos os lavradores de um determinado rendimento, em logares onde brotem alguns pastos, e que outros hajam cavallos de padreação. Não importa que ressumbre, que vá nisso algum despotismo para com os ditos lavradores, tanto na imperiosa obrigação de terem progenitores hyppicos, como na de comparecerem aos alardos, e ainda mais na impossibilidade de vender livremente as suas boas crias, e sobre tudo isto nos vexames que conduziam as parcialidades, injustiças e caprichos dos védores encarregados de fazer cumprir as sobreditas disposições.

Confrontem-se estas disposições com as que D.

Fernando ordenára ácêrca do mesmo objecto, e veja-se a differença; a antithese mesmo que entre ellas lavra. Lá era mais facultativo que preceptivo aos lavradores, o ter ou deixar de ter egoas para criação: aqui vigora sobre tudo o despotico constrangimento. Lá deixava-se aos concelhos o dever de possuir e sustentar cavallos de lançamento, afim de os prestarem por modica cavallagem aos criadores; aqui são nestes mesmos em que pésa este encargo. Lá, em fim, mandava-se coutar pascigos a beneficio da criação cavallar; aqui, quando muito, concede-se que ella tenha principalmente logar, nos sitios onde haja producção de pastos.

Assim, todas as bases da provisão caudelica de D. Fernando, eram mais sabias, fomentadoras e menos vexatorias do que as do regimento de D. Sebastião. Mas talvez por aquellas já não terem força alguma, ou se não conseguir já, só por força dellas, o desejado effeito, a necessidade obrigasse a lançar mão destas, e a necessidade era grande, que em grande miseria parecia haver declinado a producção cavallar do paiz. E o que se nos antolha agora como proceder soberanamente despotico, era cousa ordinaria para a organisação politica daquelles tempos. É preciso elevar-nos até elles, para conceituarmos estas medidas, mais como expressão de um desejo de beneficiar o paiz no fomento de uma industria tão necessaria á sua defensão, do que para alardear mais um acto de inutil despotismo.

(Continúa.)

S. B. Lima.

Estudos sobre Cabo Verde.

Ainda o commercio; sua historia. — Causas de sua estagnação em diversas épocas. — A falta de systema. — O commercio interno. — As alfandegas e a tarifa dos direitos. — Notas.

Devia-me parecer desnecessario dizer que não pretendo impôr as minhas opiniões como verdades incontestaveis, e comtudo é necessario que o diga. As minhas opiniões são como as de qualquer outra pessoa, apenas pódem ter por si a auctoridade de um estudo consciencioso e aturado, por espaço de quasi sete annos em Cabo Verde, já como simples cidadão a quem não eram indifferentes as cousas publicas, já como alto funccionario, que se não limitava a redigir Portarias, nem distribuia o seu tempo entre os bailes e o voltarete, nem occupava o seu espirito com os calculos de suas especulações mercantís.

Repito; as minhas opiniões apenas tem por si o predicado de serem proprias, de serem independentes, e de serem conscienciosas. Os factos porém que lhes servem de base, esses são exactos; não pódem ser contestados porque teem por si documentos officiaes, que ou li registados, ou vi citados em outros que examinei; para os pôr em duvida é necessario, que primeiro se neguem esses diplomas, e isso não é possivel. Peço pois, que se estudem os factos, embora se desprezem as opiniões que delles deduzo.

As ilhas de Cabo Verde, tão vantajosamente situadas para escalla de commercio, não tem tirado dessa situação os proveitos que haviam direito a esperar. Se se houvesse seguido um principio qualquer, mas sem sophismas, com perseverança e com patriotismo, não estariam ellas como se acham: o monopolio metropolitano, bem entendido e lealmente executado, poderia ter sido proficuo; a livre concurrencia francamente reconhecida, e habilmente desenvolvida; uma combinação destes dois systemas feita com intelligencia e verdadeiro conhecimento das necessidades e interesses do territorio que constituia a capitania de Cabo Verde e dependencias, teriam dado os mesmos, ou por ventura melhores resultados. Mas o que é que se via em 1833? miseria e desgraça, a anniquillação da raça europea, a perda dos melhores pontos commerciaes, agricolas e militares, finalmente, uma tal decadencia a todos os respeitos, que só de per si attestam a incapacidade e desatino governamental, não só de muitos dos que geriam immediatamente os seus negocios, como geralmente daquelles a quem incumbia a direcção dos da monarchia.

Terrivel sentença é esta; mas justa, mas desapaixonada, porque não é a boca dos homens quem a profere, porque assenta em documentos inconcussos, cuja auctoridade não ha artificios que a encubram, nem manejos que a desvirtuem.

Nenhum dos systemas que ahi ficam expostos foi applicado e executado sob as condições de justiça e de patriotismo esclarecido a esta desgraçada porção da monarchia. Começou-se por a livre concurrencia; e sem querer, ou poder mesmo, submetter a uma rigorosa analyse as condições em que se realisava, já por falta de informações sufficientes, já por a grande distancia dos tempos, e ignorancia consequente dos meios de administrar então empregados; limitar-me-hei a dizer, que por muito viciosas que fossem, querendo mesmo suppor que o tivessem sido, foi durante o imperio desses meios que as ilhas de Santiago e a do Fogo, e o continente de Guiné, chegaram a um grau de prosperidade a que nunca mais poderam attingir. Seguiu-se o monopolio, que caiu como um raio em dia sereno, sem que ninguem o esperasse, e que por isso não admira que causasse tantos estragos. Foi um acto de orgulhosa ignorancia, ou de brutal perfidia? não sei; o que sei é que as suas consequencias desastrosas não tardaram a fazer-se sentir.

Por vezes se ensaiou. A primeira foi em 10 de maio de 1676, como por incidente. No art. 2.° das instrucções dadas ao governador e capitão general João Cardoso Pizarro, se lhe impunha a obrigação de não consentir que os estrangeiros alli negociassem, allegando, com menos verdade, que lhes não era permittido commerciarem naquella parte dos dominios portuguezes.

E digo com menos verdade, porque, ainda que

o alvará de 18 de março de 1605, e outras disposições de 1606 prohibissem o commercio daquellas ilhas com o estrangeiro, eram ellas o acto de um poder inimigo e intruso, que caíram com elle para ficar subsistindo o direito; e este era o da liberdade do commercio, como sufficientemente demonstrei n'outra parte destes estudos, accrescentando agora, que existem antigos documentos, dos quaes consta que a corôa tinha reservado unicamente o exclusivo do ambar, do sangue de drago, e da tartaruga, artigos que somente se obtinham de Guiné, e que pela maior parte dalli saiam directamente (1).

Esta ordem arbitraria e desatinadamente passada devia trazer comsigo uma compensação que lhe minorasse inconvenientes; era uma consequencia logica e moral do principio do monopolio metropolitano, que se acabava de estabelecer, que a metropole abastecesse os mercados desta colonia de todos os artigos necessarios para o consumo de seus habitantes, e que d'antes costumavam levar-lhes os estrangeiros; e que se constituisse o corretor, ou consumidor dos productos desta mesma colonia, que d'antes lhe compravam os referidos estrangeiros; e finalmente que adoptasse providencias efficazes para fazer respeitar a sua vontade, e obrigar os pavilhões estrangeiros a obedecer-lhe, principalmente em Guiné. Era isto o que faria qualquer governo que se respeitasse bastante, e que attendesse um pouco á conveniencia dos habitantes do paiz metropolitano, e á dos moradores da sua colonia; mas o nosso bom governo nada disto fez. O monopolio que elle decretou não foi monopolio, foi a destruição da colonia, foi a sua propria ignominia, foi a depredação mais descarada dos mercadores de Portugal, que taxavam os seus generos pelo preço que queriam, que só os levavam de longe a longe, e da peior qualidade, e que não queriam receber os da colonia, ou sómente por um preço tão baixo, que equivalia a tomal-os por força.

Os clamores deste pobre povo eram incessantes. Os governadores e o senado da cidade mandavam representações, expondo as tropelias a que estavam sujeitos, a miseria, sua consequencia, em que estavam lançados; e finalmente os roubos e assassinatos a que davam logar essas partidas de individuos, forros e escravos, que não achando no trabalho as vantagens que o commercio lhes proporcionaria, abandonavam os campos para formarem bandos, que andavam roubando para se alimentarem, e que matavam os que se oppunham ás suas incursões: o nosso governo paternal deixava-se dormir ao som dos gemidos deste povo, e das reclamações do seu preposto; e o conselho ultramarino, que parece ter sido creado para assistir ás exequias do nosso poderio no ultramar, procurava quanto podia a prolongação desse somno, como que para não faltar aos fins para que fôra instituido. (2)

Assim se passaram vinte e quatro annos. E foi necessario que durante esse longo espaço de tempo continuassem os estrangeiros a expellir-nos dos pontos mais importantes de Guiné, para commerciarem exclusivamente, já que os não deixavamos fazel-o concurrentemente, e já que não tinhamos força para sustentar a nova determinação; para que o governo recuasse um pouco. Quando o damno era já de tal natureza que nem se podia occultar, nem remediar senão com muito trabalho, estudo e prudencia, é que se publicou a carta regia de 13 de março de 1700, dirigida ao governador D. Antonio Salgado, permittindo o commercio com os estrangeiros na ilha de Cabo Verde *(Santiago)*, e em Bissáu e Cacheu, exceptuando o da *pannaria*, que continuava sendo exclusivo dos mercadores portuguezes; e arbitrando os direitos de 10 por cento de entrada aos productos estrangeiros nas alfandegas dos referidos pontos. Esta concessão foi, tres annos depois (10 de janeiro de 1703), ampliada a todas as ilhas do archipelago de Cabo Verde em carta regia dirigida ao governador Gonçalo de

(1) Ponho a primeira época do monopolio em 1676, e não em 1605, apesar do alvará deste anno, e da provisão de 16 de junho, e carta regia de 28 de novembro de 1606, que prohibem aos estrangeiros irem ás colonias portuguezas (com unica excepção das ilhas da Madeira e Açôres) sob pena de perderem os seus navios com todas as mercadorias; e que demais ordenavam (o primeiro destes diplomas) que fossem expulsos das ilhas de Cabo Verde todos os estrangeiros alli residentes, fossem ou não mercadores, a que já me referi n'outra parte dos meus *Estudos* (Rev. Popular de 1851, pag. 180); porque, sendo essas medidas promulgadas durante a usurpação hespanhola, cujo maior empenho era empobrecer-nos, não era de admirar, e pelo contrario estava em perfeita harmonia com a sua politica oppressora, abater-nos, e expoliar-nos em seu proveito proprio: e como nada era mais adequado para isso do que uma disposição que não só nos privava do concurso amigavel dos estrangeiros, mas que havia forçosamente de irrital-os, e de impellil-os a obterem pela força, e em nosso prejuiso, as vantagens que se lhes negavam com damnadas intenções. Não me admiro portanto daquellas provisões; o que é para admirar, o que é de um absurdo que chega a rematada loucura, é que um governo de portuguezes e para portuguezes, acceitasse e fizesse obra por taes actos, cuja origem, e cuja indole deviam fazer-lh'os tão aborreciveis, como as consequencias que já então se deviam ter feito sentir, os tornavam altamente condemnaveis: se é que não ignorava quaes ellas fossem, unica razão que se póde allegar em seu abono, posto que seja um eloquentissimo da mais vergonhosa incapacidade.

Além disso; historio unicamente os actos do governo portugues. A gloria e honra desses actos, ou a deshoura e ignominia delles é que discuto e examino neste meu trabalho; e por isso pareceu-me que não podia attribuir a este as faltas do governo intruso de Castella, senão depois que, tendo-as feito suas (e então mesmo só dessa data em dianie), se tornou accredor da condemnação ou do louvor que a ellas deva pertencer.

(2) Quando me queixo do conselho ultramarino não pretendo negar que uma, ou outra vez, tivesse feito alguns serviços (não comtudo a Cabo Verde); mas unicamente fazer sentir que essas raras excepções eram antes o resultado de boas nomeações por casualidade, do que uma consequencia da instituição.

Lemos Mascarenhas; declarando-se então que todas as mercadorias, quer fossem importadas por nacionaes, quer por estrangeiros, pagariam na entrada 10 por cento; e que as exportadas, tanto por uns como por outros, pagariam 5 por cento na sahida.

Tardias concessões, que bem se conhecia que não provinham de um desejo sincero e esclarecido de remediar passados erros; e que não podiam attribuir-se senão ás pessoaes affeições a favor de quem as solicitava! mas o conselho ultramarino achou que tinham sido muito temporaes. Que plano seria o seu? talvez nem elle o soubesse; mas tivesse ou não tivesse plano, e fosse elle qual fosse, o que é certo, posto que ninguem o acreditaria se o não visse, é que elle se atreveu a querer inutilisar o effeito, pelo menos, da ultima concessão, advertindo, em provisão de 12 de julho de 1719, dirigida ao governador general seraphim Teixeira Sarmento de Sá, *que sem extrema e urgente necessidade, justificada com documentos legaes, se não permitta aos estrangeiros virem com seus navios negociar ás ilhas.*

O rei ordenava uma cousa, e o *seu* conselho ultramarino, enfronhado na sua *sciencia infusa*, entendia que tal não se devia mandar, e procurava por meios indirectos destruir a ordem que não podia revogar directamente: e esta pobre colonia a soffrer estes senhores! mas que tivesse paciencia; estava condemnada a soffrer, devia armar-se de resignação. É verdade que as suas ilhas estavam cada vez mais miseraveis, sem edificios publicos, sem defeza, e até estariam sem egrejas, se o povo não tirasse á bôca um punhado de milho para o applicar ás reparações: é verdade que em Guiné já não possuiamos senão o terreno que pisavamos, e isso mesmo porque os naturaes achavam interesse em nos terem ao pé de si, e os inglezes e francezes ainda não queriam mais do que já tinham: mas a paciencia era cousa muito commoda para quem governava; porque não haviam de ter paciencia os governados?

E de certo que só com muita paciencia se podia tolerar um governo tão sem systema, tão desnorteado, que ao passo que para favorecer os agiotas desse tempo decretava no alvará de lei de 23 de janeiro de 1687, que aos habitantes de Cabo Verde era prohibido venderem aos estrangeiros *os pannos e roupas feitas na terra, com pena de morte no caso de contravenção*, como se tivessem commettido algum homicidio; ouvia a sangue frio as lastimosas e repetidas queixas das suas victimas: só com muita paciencia se podia tolerar um governo que, mesmo depois de ter visto que longos annos de tormento e de miseria tinham tornado quasi um deserto esta ilha, e que não bastavam para levantal-a da prostação em que se achava as suas tardias medidas de 13 de março de 1700, e 10 de janeiro de 1703; não se atreveu a derogar aquella lei absurda e tyranica, que pelo contrario reforçou quanto podia, e contentou-se em decretar (C. R. de 10 de dezembro de 1710) que era permittido aos habitantes de Cabo Verde carregarem para Guiné, ou para Portugal a quarta parte da lotação da carga dos navios portuguezes; que não supponho serem outros que os da companhia, a quem assim extorquia uma parte do privilegio de opprimir e avexar este povo, que ella tinha comprado com o seu dinheiro.

Conhecia o governo os inconvenientes do monopolio, já por a natureza do mesmo, já principalmente pela torpe avidez dos monopolistas? era então do seu dever abolir esse monopolio, e castigar os que o faziam, com o mesmo direito com que o cerceava tão sem ceremonia? Era pelo contrario vantajoso, e a companhia não fazia mais do que usar licita e moderadamente do seu direito? Nesse caso para que despojal-a de uma parte delle, que era seu por um contracto, e porque tinha dado por elle o preço ajustado? Mas o governo não póde ter imputação porque não era tal governo: isso é cousa que ha seculos Portugal não conhece, e por isso elle e as suas colonias estão como as vêmos.

(Continúa.)

J. M. de Sousa Monteiro.

Sceptro e punhal.

II.

Nicolasico.

(Continuação)

Estes sêres destinados exclusivamente para divertimento dos reis, e que além disso eram a irrisão de toda a côrte, da qual costumavam porém vingar-se sempre que se lhes offerecia occasião, atreviam-se a tratar aos seus senhores com familiaridade, e até com insolencia, escudados pelo seu titulo e pela confiança que lhes davam. Nicolasico, que conhecia muito a fundo o caracter do rei, e que levava o atrevimento ao excesso de lhe dirigir reprehensões, que o monarcha não teria tolerado a sua propria esposa, mas que na bôca do bobo lhe causavam riso, não ignorava que havia momentos em que era imprudencia provocar a sua ira; e quando isto succedia, o atrevido e insolente anão convertia-se em subdito humilde e submisso. Este momento era um dos taes.

— Vejo, disse hypocritamente, que vossa magestade não se acha hoje disposto a deixar-se divertir, e que são inuteis os esforços do bobo para arrancal-o da sua tristesa. Apesar disto, o que ía contando a vossa magestade...

— Basta! exclamou Filippe em tom imperativo. Se não queres que te faça moer os ossos a páu, esquece, bregeiro, que ousaste intrometterte nos assumptos do teu senhor.

O anão foi acocorar-se, resmungando, a um canto da casa.

— Não o irritemos, dizia elle com os seus botões. Nestes momentos é capaz de cumprir a ameaça. Déste-me um pontapé, rei de Castella, e eu em paga cravei-te no coração um espinho de que ha de custar a veres-te livre.

Filippe balbuciou algumas palavras incoherentes, e parecia assaltado por mil oppóstas idéas.

— Sim! não ha duvida, enganam-me, dizia elle. Mas que provas tenho? O afastamento de Isabel desde algum tempo, a sua inquietação!... Oh! sim, sem duvida o ama! E elle!... que trema, se se atreveu a attentar contra a honra do seu monarcha. Mas... essas olhadelas que julguei surprehender, não poderia guial-as outro sentimento que não fosse o amor? Não auctorisei eu mesmo o seu afastamento com a minha indifferença? O que quereria porém contar esse bobo? É preciso que eu o saiba... mas, hei de tratar assumptos de honra com o mais vil dos meus vassallos? Não importa, preciso sabel-o, hei de sabel-o. Oh! daria metade do meu reino para não ter que lh'o perguntar.

Ficou por largo espaço n'uma postura contemplativa, dirigindo de quando em quando um olhar de impaciencia ao astuto Nicolasico, o qual continuava a deixar-se estar acocorado no seu canto, esperando que se lhe dirigisse a palavra. El-rei vacilava, ou pelo menos assim o cria o bobo, que o estava observando com maligna curiosidade: não podia prolongar-se por mais tempo a violenta posição do monarcha: foi elle o primeiro que rompeu tão incommodo silencio.

— Aproxima-te, vil creatura, lhe disse, e toma cuidado nas tuas respostas, porque podem custar-te a vida.

— Vossa magestade, respondeu Nicolasico em tom compungido, póde dispôr quando quizer da vida que pertence ao mais fiel dos seus criados.

— Advirto-te, primeiro do que tudo, que não reveles a pessoa alguma, nem mesmo ao teu confessor, entendes? o que vae passar-se aqui. Se commetteres a mais ligeira indiscrição, se deres a mais pequena palavra, encarrego-me de mandar-te para os infernos, que te esperam por todos os modos ou mais tarde ou mais cedo.

— Juro a vossa magestade...

— Silencio, velhaco, e responde ás minhas perguntas. Viste fallar o conde com a rainha?

— Mais alguma cousa, ouvi a sua conversação...

— Em que sitio?

— Nos jardins.

— Quando?

— Hontem á noite. Sempre que me deixaes algum tempo em liberdade, retiro-me a passeiar ao ar livre para me poupar ao continuo zumbido dos vossos cortezãos, que sempre estão atormentando-me. Tratam-me como um miseravel manequim, e julgam que devo divertil-os assim como faço comvosco. Oh! não podeis comprehender, que insupportavel martyrio é o vêr-se objecto do riso e despreso de todos! Riso e despreso; porque o miseravel bobo não é um homem como os outros!

Aqui se deteve Nicolasico visivelmente commovido, os seus olhinhos verdes haviam adquirido um brilho extraordinario, as suas palavras tinham um cunho de verdade, que gelava o coração. El-rei, apesar da sua impaciencia e agitação, dirigiu-lhe uma olhadela compassiva.

— Por isso, proseguiu o bobo com um accento que se ia tornando cada vez mais agudo; por isso procuro vingar-me delles. Sinto palpitar em meu peito um coração de homem, e antes quero inspirar odio, do que riso e desprêso.

— Queres fazer-me perder a paciencia?

— Seriam onze horas da noite quando estava entretendo-me em percorrer os formosos quadros do jardim: a noite, ainda que fria, estava serena, e reinava profundo silencio, pois a ligeira brisa apenas fazia movêr as folhas das arvores: passava eu pelo lado exterior do caminho coberto, e proximo a um dos caramanchões que mandastes levantar, e no qual tendes vós mesmo tido algumas entrevistas com D. Isabel de Gusmão...

— Continúa.

— Apenas cheguei defronte do tal caramanchão, foi dispertada a minha attenção pela voz de duas pessoas que lá dentro estavam fallando em voz baixa.

— Eram elles?

— Para que não me sentissem, separei com cautela alguns ramos, e poude vêr no interior, e assentados, exactamente defronte do sitio em que eu estava, um cavalheiro e uma senhora.

— Acaba, truão, que me assassinas, gritou Filippe enxugando o suor que corria por sua pallida fronte.

— A lua penetrando pela enramada cupula do caramanchão, dava em cheio no rosto do galan. Era o conde.

— E ella, quem era?

— Por mais esforços que fiz, não poude distinguir as suas feições, pois estava protegida pela sombra; mas depois quando se levantou, julguei conhecel-a, tanto pelo talhe, como pela figura. Além de que, a dama levava sobre os hombros uma pelle de arminho, cuja brancura sobresahia na obscuridade, e que poucos momentos antes tinha sido vista por mim em vossa esposa.

— Mas não tens mais provas? não conheceste a sua voz?

— Não, senhor, porque fallava tão baixo, que só o conde por estar muito proximo podia ouvir as suas palavras. Ouvi porém algumas ao cavalheiro, e entre ellas o nome de Isabel repetido muitas vezes.

— Isabel! oh! era ella! E que lhe dizia o conde?

— Senhor, o conde fazia o que fazem todos os amantes. Pedia...

— Mas, minha esposa?...

— Negava. Ao menos assim o colligi do seu ademan e do descontentamento que mostrava o semblante de Villamediana.

Seguiu-se a isto um momento de silencio. El-rei estava visivelmente perplexo: alguma cousa

mais tinha de perguntar, que repugnava ao seu orgulho e á sua dignidade; mas tinha dado o primeiro passo, e já não era tempo de retroceder: tinha-se deixado escorregar por uma descida, no fim da qual temia encontrar a deshonra.

O bobo adivinhou-lhe sem duvida o pensamento, pois tambem pareceu entrar em contas comsigo mesmo. Passado algum tempo, subdito e senhor tornaram a olhar um para o outro. Ambos tinham tomado a sua resolução.

— Não tens mais que dizer-me? disse Filippe, talvez com a esperança de que o anão lhe poupasse metade do caminho.

— Não, senhor.

Esta resposta pareceu satisfazer o monarcha.

— Observaste na sua entrevista, proseguiu o rei com maior perturbação, alguma particularidade que deixasses de me revelar?

O bobo, por unica resposta, encolheu os hombros, fingindo não comprehender.

— Por Satanaz! exclamou o rei sem poder dominar a sua impaciencia; viste alguma cousa que podesse comprometter a honra do teu senhor?

— Não, respondeu o bobo sem vacillar.

— Nem sequer um beijo?

Um raio de indecisão brilhou no rosto de Nicolasico.

— Não, senhor, disse finalmente.

O monarcha respirou mais livremente; mas o seu rosto permaneceu sombrio.

— Está bem, disse com voz firme. A esposa de Filippe IV não póde faltar aos seus deveres. Já ouviste a minha resolução: silencio eterno a respeito do que se passou entre os dois, e o que tiveste a imprudencia de vêr e ouvir. Sê mudo como o sepulchro, se não queres que te faça morrer como um cão: e d'ora em diante, livra-te de espiar as acções daquelles a quem só deves obedecer e respeitar cégamente.

Nicolasico ouviu estas palavras sem que o seu rosto se alterasse, e tornou a estender-se sobre o coxim donde pouco antes tinha sido tão asperamente expulso por seu senhor. Este, por sua parte, voltou tambem á primeira postura em que o vimos, ainda que mais meditabundo: já não duvidava, como ao principio, e a tempestade que rugia surdamente em seu peito, ameaçava estalar de uma maneira inesperada. Aquella organisação debil e fria, mostrava agora uma virilidade desconhecida para todos, e de que brevemente ia dar uma prova terrivel.

... ...

Ao mesmo tempo que se passava esta scena na camara real, a casa do conde-duque d'Olivares era theatro de outra não menos curiosa.

(Continúa.)

Risco a que nem todos se sujeitariam.

Ha poucos annos um inglez, acompanhado de um criado, desembarcou em Calais, para viajar no continente. Demorou-se alguns dias em visitar esta cidade; tomou mais outro criado, e deu ordens para partir certa manhã. Estando na vespera a jantar no seu quarto privado, um moço do *hotel* veiu participar-lhe que um cavalheiro desejava fallar-lhe para lhe revelar importantes communicações. O inglez não conhecia ninguem no porto, e ficou um pouco surpreso da visita; comtudo mandou ao moço que fizesse entrar o cavalheiro.

Um sujeito bem vestido e de maneiras delicadas, foi introduzido, desculpando-se do incommodo que tinha vindo causar-lhe.

— Mas, continuou elle, não era possivel demorar para outra occasião as communicações importantes que tenho a fazer-vos, e que vos dizem immediato respeito. Estou ao facto, senhor, das vossas secretas intenções relativas á vossa viagem. Sei o dinheiro, joias e papeis que trazeis comvosco, e varias outras circumstancias, cujos pormenores vos haviam de admirar por certo; mas isto pouco vem para o caso. Sois homem de coragem?

— O que me dizeis, respondeu o inglez, é na verdade bem extraordinario, e não posso conceber o fim que vos levou a penetrar os meus segredos. Quanto á coragem, lisongeio-me que me não fallecêra em caso de necessidade. Mas por favor, sêde mais explicito no que me quereis communicar, por em quanto estou longe...

— Muito bem, atalhou o desconhecido, venho informar-vos que esta noite sereis roubado e assassinado na vossa cama.

O inglez deu um pulo na cadeira.

— Sou o prefeito da policia; e estou inteirado de todo o plano dos assassinos. Se sois bastante animoso para seguir á risca as minhas instrucções, os ladrões serão pilhados em flagrante, e não vos acontecerá mal nenhum; mas se não vos sentis com o valor preciso, declarae-o francamente, porque a justiça saberá tolher a execução do plano.

— Que quereis então que eu faça? perguntou o inglez.

— Saireis depois de jantar, como costumaes, ao vosso passeio pela cidade; recolhereis na fórma ordinaria; sem examinar por motivo algum, nem estes armarios, nem debaixo da cama. Deitae-vos á hora usual, fingi que dormís, e deixae o resto a meu cuidado.

O viajante reflectiu; o caso não era para menos. Em fim decidiu-se pelo primeiro meio; agradeceu ao prefeito, e saiu a dar o seu passeio, informando-se primeiramente se o individuo que o visitára era com effeito o prefeito. Voltou á hora habitual ao seu alojamento para assistir e fazer parte da mysteriosa e nada agradavel scena que ía ter logar.

Depois de ceiar ligeiramente, deitou-se seguindo em tudo as instrucções que tinha recebido. Fingiu dormír, e dormir profundamente. Passado algum tempo sentiu movêr-se alguma cousa, entre-abriu os olhos, e percebeu dois homens que

saíam de um armario e vinham de mansinho para ao pé da sua cama; um delles trazia uma lanterna de furta-fôgo. O nosso inglez teve bastante presença de espirito neste momento de imminente perigo, porque não se buliu, e continuou resonando. Os homens aproximaram-se; um delles segurou-lhe os braços, o outro apontou-lhe um punhal ao peito: o inglez sentia já a lancinante frialdade da ponta do ferro, quando instantaneamente sáem de outro armario e cáem sobre os assassinos quatro officiaes de policia. Trouxeram logo luzes, e figure-se a surpresa do inglez, reconhecendo n'um dos assassinos o seu criado de confiança, ainda com o punhal na mão!

Casamento desfeito.

Estava um sugeito para se casar com a viuva de um boticario; mas no dia da bôda apresentou-se a noiva na egreja com a cara tão cheia de carmim e alvaiade, e o corpo exhalando tantos arômas, que no momento em que o cura perguntou ao noivo se queria D. Fullana para sua mulher, o noivo respondeu qne não.

—Pois então o que viémos aqui fazer? retorquiu o cura. Não tinha v. s.ª dito antes que se queria casar com ella?

O noivo respondeu:

—É verdade isso; mas eu quero casar-me com a boticaria, e não com a botica.

Real Theatro de S. Carlos.

Para solemnisar o anniversario natalicio de S. M. El-rei D. Fernando, foi á scena em 29 de outubro a opera fantastica de Flotow — *L'ame en peine* — a que o traductor houve por bem chamar — *Paula, ou a orfã traída.*

Musica e *maestro* eram novos para o nosso publico; mas nem esta circumstancia, nem a da *solemnidade do dia*, aliaz muito attendivel, pôde salval-os d'uma queda desastrosa.

Não nos sentimos dispostos a fazer um longo artigo necrologico, como talvez demandasse o assumpto; e por isso limitar-nos-hemos a dizer, que a opera de Flotow, nem por belleza da musica, nem por merito da execução, nem por excellencia do machinismo empregado na *mise en scéne* desta peça fantastica, obteve captar as sympathias publicas, ou deixar a minima recordação de saudade.

«L'anima errante
«Fugge tremante,
«Senza speranza
«Di conseguir
«Una sincera
«Calda preghiera,
«Un sowenir.

Assim se expressava o Senescal na ballada do 2.º acto da malfadada opera; e as suas palavras, desgraçadamente, foram prophetica.s.

Havendo, como certamente ha, tantas operas boas e que ainda não foram ouvidas entre nós, pedimos encarecidamente á empresa, que não sacrifique nem cance os artistas, fazendo-lhes estudar peças de merecimento tão duvidoso, como a que ultimamente se representou.

O sr. Porto é muito habil e intelligente para deixar de conhecer, que só a escolha de bons espectaculos póde salvar a empresa da triste alternativa de ter o theatro deserto, ou de ver trocar por estrepitosas manifestações de desaprovação, as provas de sympathia e generosidade, que até aqui tem recebido do publico.

Noticias diversas.

Quadros para as escólas de leitura e escripta pelo methodo do sr. Castilho. — Estão-se imprimindo em formato grande para se venderem com colorido ou sem elle, como agradar aos compradores, todos os quadros indispensaveis para uma escóla regular de leitura e escripta pelo methodo do sr. Castilho.

Previne-se que a edição pertence, em virtude de escriptura authentica, ao auctor o sr. A. F. de Castilho e ao editor J. J. Canongia com lithographia e armazem de musica na rua nova do Almada n.º 66 e 67, em cuja casa se venderão; e que será perseguido por todos os meios legaes, qualquer contrafactor ou vendedor de exemplares.

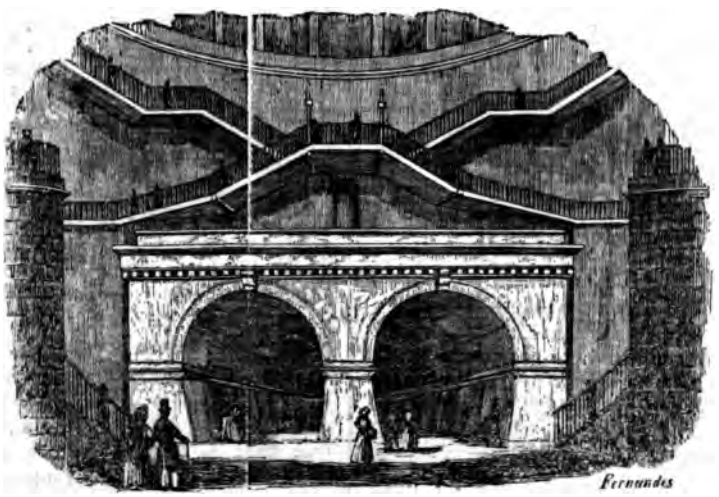
Stenographia. — O sr. Bacemgartner, um dos membros do congresso dos stenographos allemães, que se reuniu ultimamente em Munich, expoz um systema de stenographia musical, inventado por elle, mediante o qual se pódem escrever as mais complicadas composições musicaes durante a sua execução.

Os ensaios deste systema, que se fizeram em presença dos membros do congresso, tiveram exito satisfatorio.

Bibliografia. — Deve ter a estas horas apparecido em Madrid um novo periodico de medicina intitulado *El Heraldo Medico*, do qual são redactores principaes, o sr. Chinchilla auctor dos *Annaes historicos de medicina*, e o distincto escriptor Gutierres de la Vega.

Palacio de cristal. — Os trabalhos do novo palacio de cristal, continúam em Londres com a maior actividade. O novo edificio parece que poderá inaugurar-se no 1.º de Maio de 1853.

Madame Novello. — A insigne cantora m.me Novello, fez a sua estrêa no theatro real de Madrid com a opera *Semiramis*. O jornal *Correo de Teatros*, que se publica naquella capital, diz que, m.me *Novello mostra ser aquella artista que mereceu a particular protecção de um Rossini.*



Londres — O Tunnel.

O *Tunnel*, que une as duas margens do Tamisa, Rotherhite e Wapping, é uma das obras mais atrevidas e gigantescas, que o arrôjo dos homens tem emprehendido. Esta obra, hoje inutil, foi começada em 1821 pelo engenheiro francez Brunel, e concluida vinte annos depois. Compõe-se a ponte de dois grandes corredores de abobada, constantemente illuminados pelo gaz, medindo na altura 35 palmos, na largura 30, e 200 no comprimento. Nos intervallos das pilastras, que separam as galerias, ha pequenas lojas, em que se vendem bebidas, dôces, quincalharias, etc. No principio e no fim da ponte, ha escadarias immensas em spiral, por onde se entra para o *Tunnel*. Os omnibus de Piccadilly, Charing Cross, etc., e os barcos de vapôr de Greenwich e de Woolwich, conduzem os viajantes á entrada do *Tunnel*.

Estudos sobre Cabo Verde.

E como estavam então estas ilhas? póde suppôr-se pelo estado em que se achava a mais rica, populosa e productiva dellas. Vinte e um annos depois da cessação do commercio com os estrangeiros era raro encontrar-se no mercado alguma moeda de ouro ou de prata, que toda traziam os mercadores para Portugal, onde tinha um valor maior do que alli tinha: então o povo requereu á camara da cidade « que levantasse o preço do ouro a uma taxa certa de 20 por cento sobre seu verdadeiro valor (o que estava tendo), e que abolisse o *peso da prata*. » A camara assim o fez por uma ordem de — de julho de 1687 (estando o governo vago pela morte de Antonio Gomes Mena, acontecida em junho antecedente), e deu immediatamente conta a el-rei, que em carta re-

gia de 30 de janeiro de 1698» *lhe extranhou muito este procedimento*, ordenando que *fosse desde logo abolido* por o damno que de sua continuação resultaria ao reino, *donde todo o dinheiro viria a saír para esta ilha* (Santiago) se aquella disposição subsistisse; e isto com a pena de mandar castigar os vereadores da camara que tal fizeram, se logo, logo, o não desfizessem. Em cumprimento desta carta regia, a camara revogou a ordem que havia dado; mas foi tal o descontentamento e a grita do Povo, *cujas fortunas ficavam vacillantes*, que a camara viu-se na necessidade de suspender os effeitos da carta regia, suspensão que foi confirmada pelo governador D. Antonio Salgado apenas tomou posse do governo; mas que não o foi por el-rei, que em carta regia de 27 de Novembro desse mesmo anno, respondendo á conta da camara de 20 de julho, mandou se cumprisse a sua primeira determinação, approvando comtudo *os negocios e contractos feitos durante o illegal augmento da moeda*, para que os animos se tranquilisassem. Pediu então a camara em representação de 15 d'agosto de 1689, ao dar á execução a regia determinação, que se cunhassem uns 15 ou 20 mil crusados de moeda provincial com maior valor que o intrinseco *para não saír das ilhas*, tal era a exportação que faziam do dinheiro os mercadores portuguezes! mas não se fez caso deste pedido (1).

Isto era já depois do estabelecimento da companhia de Cacheu e Cabo Verde (1690), a quem se havia entregado o monopolio do commercio do archipelago, e de Guiné, que ella geria com tamanha discripção, e o governo fiscalisava com tanto interesse, que ella enriquecia a olhos vistos em quanto estes dois pontos iam sensivel e rapidamente declinando. A permissão concedida para se poder commerciar com os estrangeiros póde ser que procedesse da esperança de obter mais algum dinheiro para a companhia poder levar para Portugal (2); ao menos eu não acho uma razão plausivel, que me habilite a combinar a creação de uma companhia, para gosar do monopolio commercial, com a promulgação das disposições legislativas, de que devia resultar grande québra nesse mesmo monopolio. S isto para mostrar como já então se tratavam negocios das nossas colonias, que não merec mais attenção do que agora.

Os damnos causados por 24 annos de um nopolio brutalmente estabelecido, e immoralm te effeituado, eram já de tal gravidade, que concessões parciaes a que me tenho referido podiam remediál-os, nem ainda minorál-os: p vejo que a camara da cidade, já em 16 de Fe reiro de 1706, expunha a el-rei que as alfan gas nos annos de 1703 e 1704 *não tinham ren do nem para pagar aos empregados das divers classes a metade dos seus vencimentos* 3); *e q no de* 1706 *nada tinham rendido absolutament*

Foi por isso que se publicou o alvará de d'outubro de 1721; mas não se tomou essa res lução senão depois que se conheceu que não h via outro remedio, qualquer que estivesse send a opposição dos da companhia; porque eu encon trei uma provisão do conselho ultramarino de de julho de 1715, na qual se encarregava o *ge neral* das ilhas de Cabo Verde *de convidar o habitantes a formarem uma companhia de nave gação e commercio de Guiné*; insinuando-se-lh *se seria proficuo para o estabelecimento da dita companhia de uma maneira perduravel, o meio de prometter a capitania de Cacheu a um habitante destas ilhas*. Mas como esperar algum resultado de tal engodo e convite n'um paiz empobrecido pelas exacções dos monopolistas, e que

(1) O governador José Pinheiro da Camara repetiu este pedido treze annos depois. Em carta de 28 de janeiro de 1712 sollicitava elle a remessa de 10 ou 12 mil crusados para metter em circulação, recolhendo-se todo o dinheiro que corria, o *que era todo estrangeiro, e pela maior parte hespanhol*: e teve em resposta (c. r. de 23 de julho do mesmo anno) que a *sua proposta fôra julgada impraticavel*.

(2) Por mais que procurei algumas noticias a respeito desta companhia, confesso que as não achei, e sómente queixumes contra a sua gerencia. As remessas de generos eram demoradas, raras vezes apparecia um navio da companhia, e os poucos que appareciam empregavam-se mais na escravaria que no commercio de generos com as ilhas! accrescendo que mesmo a respeito de escravos não fornecia todos aquelles que se necessitavam, e só trazia os peiores, que vendia por altos preços, avexando os compradores com os pagamentos. Tambem não pude nunca saber quando ella deixou de existir, não tendo encontrado nos livros que examinei cousa alguma que lhe dissesse respeito; e estou convencido que aqui em Portugal não se está mais adiantado do que eu. Que tal era esta associação de que apenas se póde saber a existencia pelos males que causou, e cuja morte sentiu-se tão pouco que ninguem cuidou de a mencionar! É que o prazer de a ver finada fez esquecer outro qualquer sentimento, que não fosse o de gosar da esperança de um melhor futuro.

Tambem não pude verificar se esta companhia era a mesma que em 1676 se havia creado com a denominação de companhia de Cacheu, Rios, e commercio de Guiné, á qual se tinha concedido o exclusivo do resgate naquellas paragens, e que por isso parece que sómente se dirigia ao commercio de escravos, sem ingerencia nenhuma no de fazendas e mercadorias. Suppônho que sim, e que apenas mudou de nome algum tempo depois que tambem obteve o exclusivo do commercio de mercadorias em Cabo Verde. E fundo-me para assim o suppôr, em que não só ainda existia em 1698, tendo sido renovada no anno anterior, mas egualmente, em que o alvará de lei de 23 de janeiro de 1687, que prohibiu a venda aos estrangeiros dos *pannos e roupas feitas nas ilhas de Cabo Verde*, com pena de morte aos contraventores, foi promulgado sob consulta da junta de Cacheu, que era a denominação que tomavam os seus administradores. Esta não é a opinião do sr. Lopes de Lima nos seus *Ensaios*, mas isso não me serve de obstaculo, porque este sr. é daquelles que escreve sobre o que não sabe.

(3) Os vencimentos destes eram tão escassos, que o do proprio governador era apenas de 1:200$ réis, com obrigação de pagar á sua guarda; e o do fisico de 15$ réis annuaes tambem. Apesar disto, cumpre saber que o clero percebia pelo rendimento dos dizimos, e que o numero dos empregados era mui diminuto. Isto póde servir para se avaliar que taes seriam as despezas, que as alfandegas não renderam para as satisfazer.

havia ainda apenas dous annos soffrido as desastrosas consequencias de uma fome reunida á falta de commercio?

São estas considerações que tornam mais estravagante o documento a que já me referi, e sobre o qual não devo deixar de ajuntar algumas breves reflexões, porque não posso entender como uma corporação que tinha a seu cargo estudar os negocios do ultramar, se mostre tão pouco sciente delles, que se permitte restringir a concesssão de 1703 em 1719, ao passo que o governo vai dois annos depois alargal-a.

O conselho ultramarino parecia não estar ainda contente, e expediu aquella sua *advertencia* que não podia deixar de ser bem e lealmente entendida entendida pelo governador que a recebeu e pelos seus successores; pois vê-se que não obstante a reparação do alvará de 18 d'outubro de 1721 (4) a camara da cidade escrevia em representação de 20 de janeiro de 1743 a el-rei que por falta de commercio com os estrangeiros se via o povo na impossibilidade de fabricar os pannos de algodão que era de costume vender-lhes; pelo que tanto a cultura do algodão, como a industria dos pannos estava abandonada, não corria dinheiro no paiz; a cidade estava deserta e os edificios arruinados, tanto por falta de moradores que os conservassem, como de capitaes que se empregassem na sua reparação. A camara pedia por isso que se concedesse aos habitantes «*a licença de fazerem os pagamentos de todas as suas dividas com os pannos da terra por um preço taxado a cada um delles, sem poderem regeitar uns aos outros aquelle modo de pagamento;* o que se lhes tornava de muita necessidade para darem saída aos mesmos pannos.»

Tal era a miseria em que se achava a principal, a mais rica de todas as ilhas! E não deve isso admirar, porque o governo, como se se tivesse arrependido do pequeno bem que fez depois de muito mal, publicou um outro alvará, com a data de 29 d'outubro de 1721, dez dias sómente depois do que extinguiu o monopolio, em que prohibia a exportação do algodão de producção destas ilhas! Se o governo cuidou que com esta prohibição prejudicava o commercio estrangeiro, enganou-se redondamente; a quem prejudicou foi a esta infeliz provincia, que tem sido a victima de quantos desacertos é possivel fazer um governo.

Por effeitos della, a grande *exportação* (5) *de cem mil pedras de algodão*, ou 12,500 arrobas, que se consumiam na industria dos pannos, tanto nesta ilha como na do Fogo, ou que saíam em caroço, deixou de ter logar, e com ella se estancou uma grande fonte de riqueza (6): a cultura do algodão foi abandonada, e por fórma tal, que hoje compram estas ilhas algodão ao estrangeiro, em logar de lh'o venderem; ou ao menos fornecerem deste artigo a metropole, que, em castigo dos desvarios dos seus governantes, se vê forçada a compral-o ao estrangeiro, para as necessidades de sua actual industria de tecidos.

(Continúa.)

J. M. de Sousa Monteiro.

(4) Por este alvará tardiamente se declarava que a lei que prohibiu o commercio com os estrangeiros nas conquistas, não comprehendeu os moradores de Cabo Verde (ilhas do), de S. Thomé, Praça de Cacheu, Costa de Guiné.

(5) Não me parece que se deva tomar esta exportação de 400$ arrateis, pouco mais ou menos, de algodão, como se saísse toda para fóra do archipelago. Nestas ilhas tambem se chama exportação ao que sae d'umas ilhas para outras ou para Guiné; e como só nas duas ilhas de Santiago e Fogo é que havia a industria dos pannos, ao passo que em todas produzia o algodão, é muito de crer que nas taes *cem mil pedras* vá incluida a quantidade de algodão que das demais saía para as duas que vão nomeadas. Mas nem por isso entendo que os estrangeiros não comprassem algum, mesmo em caroço, do contrario a prohibição de o exportarem seria perfeitamente inutil, e uma disposição risivel: que necessidade havia de ordenar que ninguem podesse exportar um artigo que se não exportasse? Approveito a occasião que me offerece esta nota para tornar bem evidente o gráu de credito que merece a memoria do dr. Castilho, quando diz que a primeira vez que em Cabo Verde se semeou e cultivou algodão foi no tempo do governador José da Silva Maldonado d'Eça, isto é, pelos annos de 1793 até 1796; e para isso combinem-se os documentos officiaes que tenho citado com esta asserção. É assim que fazem todos os *memorialistas*; e são elles a quem o governo mais attende, talvez porque fallam mais desembaraçadamente como quem menos sabe.

(6) Foi tal a miseria a que estas ilhas ficáram redusidas que encontrei nos livros da secretaria (o de n.º 34 do archivo antigo, pag. 81) um documento das receitas do anno de 1735, que mostra que então apenas chegaram a 1:235$770 réis, por esta forma:

Alfandega de Santiago. . . . . 280$735
Ditas de Barlavento . . . . . 955$017

*

Alvitre de grande interesse para a agricultura.

Necessidade de crear veterinarios de districto.

(Continuado do n.º 41)

N'outro qualquer paiz em que se não dessem as circumstancias ponderadas nos tres ultimos periodos que precedem, e em que a instrucção do povo fosse bem generalisada, nós deixariamos ao tempo, á conveniencia bem entendida dos interesses particulares, e ao valor intrinseco da boa doutrina, o effectuarem a passagem da profissão veterinaria da velha classe rotineira, para a classe nova racional e competente. Mas nós estâmos n'um paiz que a civilisação não compenetrou ainda a ponto de o fazer hospitaleiro e acceitador espontaneo das boas idéas, logo que estas se lhe offerecem e recommendam. Como povo meio convertido, temos a duvida em tudo o que não traz o sêllo das gerações passadas, e ás vezes mais que a duvida, temos o affêrro da familiaridade com as antigas convivencias. Temos peior do que isto, a cegueira e a presumpção da meia instrucção, e por conse-

quencia não só o erro na escolha do bom, mas a obstinação no máu por indocilidade e amor proprio.

É por esta razão que a maior parte das praticas uteis que lá fóra se vêem acolhidas e medradas pela simples virtude de si mesmas, mendigam entre nós da mão paternal do governo, ou precisam rebuçar-se na auctoridade de reputações influentes. A introducção da arte veterinaria e a sua propagação por meio de um ensino regular, foi realmente uma bella pratica que ha de sempre honrar o seu auctor; mas o governo que lhe assistiu ao nascimento, negou-lhe depois a paternidade.

Criar uma escóla veterinaria para derramar a sciencia da producção animal, não era mais que um dado do problema. Para o resolver cumpria ir mais longe: plantar a profissão; ou, quando menos, deitar-lhe os alicerces. Sem isto, foi mutilar a idéa, e protrahir eternamente a insolubilidade da questão.

E é o que tem succedido, porque em 1852 estâmos quasi como em 1830. Temos uma escóla veterinaria como tinhamos naquella época, mais 22 veterinarios, isto é, $\frac{1}{100}$ de profissão veterinaria, concedendo que haja no reino 2,000 curandeiros que devem ser substituidos por 2,000 praticos racionaes.

A questão existe hoje portanto no mesmo estado de ha 22 annos, e o que agora aconselhâmos era, o que já naquelle tempo se devia ter posto por obra O titulo deste artigo tira ao nosso conselho toda a pretenção a mysterio. O leitor sabe já desde o principio, o fim a que nos propômos. Resta saber, como, depois do que fica expendido, a creação dos veterinarios de districto póde accelerar a diffusão dos veterinarios, que é o fim da escóla, e o principal beneficio que a agricultura lhe requer.

Nós já dissemos que o veterinario não deve triumphar do charlatão pela força da lei, mas pela persuasão; pela ostentação singela e pacifica da sua superioridade. Accrescentaremos agora, que elle a não precisa, se realmente merece o titulo que o condecora, e que até além de desairoso, o procedimento de perseguir judicialmente o charlatão, não podia senão depôr contra o seu merito, que todo o mundo julgaria desde então, incapaz de se medir lealmente com o daquelle. Nós quilatâmos em subido gráu o valor scientifico do maior numero de nossos collegas, e os distinctos sentimentos de todos para suppor que algum quizesse dever a este meio, aliaz legal e até justo, a fortuna de uma numerosa clientela.

Mas para o veterinario alcançar este triumpho, operar esta cathequesis da opinião publica, precisa ser perfeito na arte e produzir-se na pratica. A questão da perfeição, é a questão da educação veterinaria, do progresso ou atraso da escóla. Está na mão do governo, e só nelle, promovêr um, ou consentir o outro.

Ninguem ignora que a escóla veterinaria é de todos os estabelecimentos de instrucção do paiz, o mais minguado de elementos, o mais despresivelmente contemplado no orçamento, aquelle em fim, a quem a ignorancia umas vezes, outras um despreso injusto, ou uma aversão de instincto, tem sempre maltratado como a um filho bastardo, disforme e aborrecido na familia das outras sciencias. E apesar disso, vêde. Atropellada, escorraçada, miseravel e até asquerosa, lá se estorce e lucta, e lá surge da abjecção moral e physica em que o seu máu fado a precipitou. Estranhaes que um ou outro dos filhos desta escóla vos não satisfaçam sempre, e tiraes daqui motivo de accusação contra a mesquinha, que vos dá mais do que póde. É uma villania. Sabeis o que ha naquella escóla para estranhar, o que é muito para admirar, o que seria para louvar e patrocinar n'outro paiz, melhor avaliador dos seus interesses? É a maioria dos seus filhos, que arrostando com innumeros embaraços, completaram a si proprios, com um zêlo e successo pouco vulgares, a sua educação artistica e scientifica; tendo a coragem, a abnegação diremos, de se dedicarem a uma arte votada ao ostracismo e ao escarneo, quando a intelligencia que assim arriscavam, lhes franqueava carreiras mais honrosas e tambem mais remuneradas. Alguns destes filhos são já hoje, e continuam a ser distinctissimos na doutrina e na pratica, e levam grande primazia de merito aos primeiros veterinarios portuguezes que se formaram em França. Julgae o que seria, o que ainda póde ser a escóla veterinaria, se o governo houvesse secundado os seus esforços, se um dia arrependido de uma severidade immerecida, lhe volver vistas de protecção e agasalho. A apologia da escóla moderna, não sômos nós que a fazemos, são os factos. Comparae o ensino de 1830 a 1845, com o de 1845 para cá. Ide assistir ás lições. Examinae os escriptos por onde quasi todas as disciplinas são já ensinadas e que não correm impressos por falta de meios. Lêde em diversos jornaes os artigos dos lentes sobre varios assumptos da sua especialidade. Observae a habilidade da maior parte dos veterinarios, tanto civis como militares, alguns dos quaes tem já uma reputação feita e serviços que os honram, posto, não escurecemos, que hajam tambem outros menos felizes ou mais fraqueiros, o que não deve admirar; porque do crivo mais fino escorrega sempre algum joio; e dizei se esta escóla não tem bem merecido da consideração publica e do governo, se não affiança valiosos resultados, em proporção que esta consideração lhe infundir vida, lhe accender os brios, lhe conceder os meios.

Fica pois assentado, que pelo lado da educação, o veterinario importa comsigo os recursos e força sufficientes para se avantajar aos empiricos. O governo puxando ao conveniente pé de perfeição a actual escóla, dotando-a com as fórmas experimentaes e de applicação, que, por em quanto, só na lei tem figurado, tornará esta vantagem effectiva, logo nos primeiros ensaios da

vida profissional, e poupará ao joven veterinario as faltas inevitaveis da sua pouca experiencia, e de que tanto depois lhe custa a rehabilitar.

(Continúa.)

Lapa.

Sceptro e punhal.

III.

Trespasso de um pontapé.

(Continuação)

Para o que tenha visto as ante-salas de um *ministro constitucional*, é completamente inutil fazermos a descripção das do conde-duque de Olivares, *ministro universal* de sua magestade o rei Filippe IV. É verdade, que apesar de serem eguaes no fundo, divergiam alguma cousa em quanto á fórma. Os sumptuosos e magnificos salões do favórito de um dos monarchas mais poderosos da terra, nada podiam ter de commum com a modesta ante-camara de qualquer dos nossos governantes, a quem a maior parte das vezes tão invejavel fortuna costuma surprehender cavalheiros a pé em alguma excursão parlamentar, ou, quando muito, em algum modesto 2.° andar da rua de Alcalá ou da Montera. É certo porém, que logo depois já andam de carruagem, porque seria inconstitucional vêr um ministro com callos nos pés, embora não os tenha na consciencia.

De pretendentes estão cheias actualmente as ante-camaras ministeriaes, e abundava o mesmo genero, ainda que em maior quantidade, nas do *ministro universal de Hespanha*. Em maior quantidade, porque então não havia mais do que aquella fabrica do delicioso dôce a que hoje chamâmos *torrão*, e actualmente ha mais seis, que, graças aos adiantamentos da época, cada uma dellas trabalha mais em um mez do que aquella em um anno. Então bastava um só piloto para dirigir a náu do Estado, e agora, graças aos mesmos adiantamentos, são precisos sete, sem contar com um exercito de auxiliares, pilotos em embrião, que aturdem com os seus gritos aos infelizes marinheiros, que, se muito ganham, bom trabalho lhes custa.

Com tanto orgulho e dignidade exercia as suas funcções naquelle sanctuario dos projectos frustrados, e dos planos illusorios o bom Ramires, porteiro-mór de s. ex.ª, que todos se mostravam sollicitos em comprimental-o, involvendo-o em uma atmosphera de incenso, que contribuia e não pouco para augmentar a sua natural vaidade. Por causa do santo se adora a peanha, diz um rifão que justifica em certo modo o motivo daquelles comprimentos; mas o caso é, que então a peanha suppunha que o santo se achava no gabinete do despacho, e por isso não se arredava nem um passo da porta do referido gabinete. Enganava-se porém redondamente; e se fosse visivel para todos aquelle miseravel engano, grande golpe teria soffrido o credito do bom Ramires.

Em um quarto ricamente odornado, e onde havia uma porta secreta, que communicava com o tão reservado gabinete de despacho, estavam o conde-duque e sua esposa, que não era outra senão a dama que vimos, coberta com um manto, em uma das noites anteriores conduzir Villamediana e Quevedo pelos laberinthos do jardim do Retiro.

A conversação que entre ambos tinha logar devia ser de grande interesse, pois o ministro estava inquieto e agitado, como se acabasse de saber alguma noticia desagradavel.

Tivemos a desgraça de penetrar neste recinto quando já estava para finalisar o dialogo dos dois esposos.

— Mas, é possivel? dizia o conde-duque, que aquella doidinha se atrevesse a provocar a cólera do rei, dando ouvidos ao amor de outro galan?

— O que quereis, meu amigo: Villamediana é um mancebo formoso e apaixonado; mas ou o seja ou não, o caso é que el-rei foi sabedor da sua entrevista nocturna, e que a sua cólera recairá sobre ella e sobre vós.

— Sobre mim!

— Não duvideis. Fostes vós que o enredastes nesse amor, com designios particulares que não quero indagar: fostes vós que haveis tirado vossa sobrinha Isabel do convento, donde nunca devêra ter saido, expressamente para a fazer querida d'el-rei.

— Os meus rivaes avançavam demasiadamente, e era preciso ganhar-lhes a partida.

— Tratae pois de não vos descuidardes, porque agora não a tendes mui ganha, caro esposo.

— É certo: mas o que devo fazer?

— Em quanto a isso, ninguem melhor do que vós o deve saber.

— Eu? certamente que não.

— Se me atrevesse a conselhar-vos...

— Dizei-me, por Deus, o vosso parecer, exclamou o conde-duque com a anciedade do naufrago a quem se offerece uma taboa de salvação.

— Se estivesse no vosso logar, iria immediatamente a palacio...

— Vamos... e que mais?

— E referiria singelamente o caso de hontem á noite.

— Estaes louca! e com isso o que adianto?

— O que adiantaes! Em primeiro logar, que os vossos emulos não explorem o acontecimento em seu proveito; e em segundo, mostrar ao monarcha o interesse que tomaes por tudo o que lhe pertence. Logo depois procurae os meios de reconcilial-os; e para esse fim entender-me-hei com a vossa sobrinha.

— Tendes razão. Perez! chamou o conde-duque em voz alta. O seu criado de quarto apresentou-se immediatamente.

— Manda apromptar a carruagem. Adeus, duqueza, disse beijando a mão de sua esposa e en-

trando no gabinete de despacho por a porta secreta que deixámos indicada.

A duqueza o viu partir com mal dissimulada alegria, e saíu tambem por outra porta, dizendo comsigo:

— Queira Deus que com isto logremos salval-a!

— Logar a s. ex.ª o conde-duque! gritou Ramires com voz forte, e curvando ante o favorito o magro corpo quasi reduzido a esqueleto.

Atravessou o conde-duque por entre aquella turba de supplicantes, recebendo memoriaes, e prodigalisando sorrisos; mas sem se deter nem um momento.

— A palacio depressa, disse ao cocheiro na occasião de entrar para a carruagem.

Poucos momentos depois, transpunha o ministro os umbraes da camara real, francos para elle a todas as horas; na physionomia lia-se-lhe porém estampado o temor que secretamente o agitava.

(Continúa.)

Ao nosso amigo o sr. Thomaz Oom Junior, sômos devedores do interessante artigo biografico, que abaixo transcrevêmos, e que julgâmos será devidamente apreciado pelos nossos leitores, por isso mesmo que diz respeito a essa notabilidade artistica, a esse portento musical que actualmente está maravilhando o publico *dillettante* de Lisboa, e que se chama

Anaïde Castellan.

Anaïde Castellan nasceu na antiga provincia de Lyonnais, ao sul da França, em 1822. Como tem succedido a quasi todas as pessoas eminentes em qualquer ramo de bellas artes, Anaïde Castellan começou desde mui tenra edade a manifestar a sua propensão natural, mostrando as mais notaveis disposições para a musica. Contava apenas 8 annos de edade (1830), quando os parentes da joven Anaïde confiaram a sua educação musical á celebre Cinti-Damoreau, uma das melhores cantôras daquella época; e dentro em pouco tempo, começou a desenvolver um extraordinario estro musical, merecendo ser classificada pela Damoreau, como a sua melhor discipula. Passou depois a tomar lições do eximio professor de canto Bordogni, e em 1837 obteve o primeiro premio no Conservatorio de Paris, merecendo por essa occasião os maiores elogios de todos os professores que estavam presentes.

No outomno de 1838, fez a joven Anaïde o seu *debute* no theatro de Varese, na Italia, contando apenas 16 annos de edade. A extraordinaria agilidade e doçura da sua voz, o seu bello estylo de canto, e a muita intelligencia dramatica, que se lhe notou, fizeram-lhe adquirir desde logo uma brilhante reputação artistica, que em breve se espalhou por toda a Italia. No carnaval do seguinte anno cantou no theatro de Turim, e na primavera no de *San Benedetto*, em Veneza.

Anaïde Castellan teve depois de tornar á França para arranjar alguns negocios de familia; mas não se demorou ahi muito tempo, e voltou novamente á Italia. Na primavera de 1840 cantou no theatro novo de Florença, por occasião da sua abertura; no outomno fez parte da companhia do theatro de Roma; e no carnaval seguinte cantou em Milão; sendo em todas estas cidades recebida com geral enthusiasmo, e adquirindo os encomios de toda a imprensa e dos maestros italianos.

Pouco mais ou menos por essa época teve logar o seu casamento com o tenor Emilio Giampetro, e pouco depois os dois esposos partiram para a America. Estiveram algum tempo na Havana, aonde cantaram em alguns concertos particulares, partindo depois para o Mexico.

Anaïde Castellan appareceu na capital do Novo-Mundo, qual outro conquistador europeu, a quem os descendentes do valente Montezuma não poderam resistir. Demorou-se ahi dois annos cantando em muitos concertos. A belleza do seu estylo de canto, cousa até então desconhecida naquelles climas, junto ao prestigio de suas graciosas maneiras, acabaram de consolidar a admiração, que o seu genio raro tinha excitado. A insigne cantôra partiu depois para a Nova Orleans, onde obteve um successo d'enthusiasmo como alí nunca se víra; estes triumphos todos, porém, alcançados em cidades aonde não era ainda conhecido um tal grau de perfeição na arte do canto, podiam-se olhar por dois lados, ou pela falta de conhecimentos musicaes nessas cidades, ou pelo merito transcendente da celebre cantora: pertenceu por tanto aos habitantes de Nova-Yorck estabelecerem definitivamente a reputação de m.me Castellan, e applaudirem freneticamente esse talento raro, que se esperdiçava nos desertos da America. Até os proprios quakers, de ordinario tão calculadores e positivos, e tão contrarios a tudo que é divertimento, foram por esta occasião susceptiveis de um grau d'enthusiasmo, que quasi se aproximou de loucura, e que perturbou de um modo estranho a sua tranquilidade habitual. No Velho-Mundo já m.me Castellan tinha adquirido muitas e repetidas ovações; porém todos os seus triumphos anteriores são nada, comparados ao delirio, fanatismo e phrenesi, que causou logo na sua chegada a Nova-Yorck. O primeiro concerto que deu no salão d'Apollo foi concorrido por um auditorio composto todo da sociedade mais escolhida. Os outros executantes, que tomáram parte no dito concerto, entre os quaes estavam o sr. Poggi, famoso e distincto tocador de oboé, e o sr. Giampetro, foram totalmente eclypsados pelo canto arrebatador, pela magica execução da bella franceza. Na noite seguinte deu um concerto na maior sala que havia em Nova-Yorck, e apesar de ser um edificio immenso, estava cheio de povo a não poder mais. Nem só os *dilettanti* de Nova-Yorck, mas até os mais serios negociantes, os proprios bispos e outros sabios ministros da religião participavam do geral enthusiasmo, e tributavam todas

as homenagens possiveis á bella artista. Assistiram a este concerto perto de 3:000 pessoas, e os jornaes americanos daquella época déram á celebre cantóra o nome de *Nova Malibran* e de rainha do canto.

Por isto se póde formar idéa do seu immenso triumpho.

Depois de dar uma serie de concertos, todos extraordinariamente concorridos, e nos quaes sempre causou um *fanatismo* impossivel de descrever, m.me Castellan partiu para dar concertos em Philadelphia, e depois em Saharatoga, passando por Montreal, onde o enthusiasmo que produziu foi tal, que até os proprios jornaes o classificáram quasi como loucura. Boston, Philadelphia, Baltimore, etc. presenciaram successivamente os seus triumphos.

A 20 de dezembro de 1843 m.me Castellan voltou á Nova-Yorck, aonde deu alguns concertos com a sua primeira mestra, a Cinti-Damoreau.

Estas duas *estrellas*, como bem se póde imaginar, electrisaram completamente os americanos, e receberam as mais brilhantes homenagens.

M.me Castellan, porém, demorou-se pouco tempo em Nova-Yorck, deixando ahi uma viva recordação que ainda hoje se conserva; e regressou á França onde sustentou a grande reputação, que tinha precedido a sua viagem atravez do Atlantico. Cantou em muitos concertos tanto publicos como particulares, e obteve as sympathias e os applausos de todo o mundo musical.

Na primavera de 1844, passou á Inglaterra onde appareceu pela primeira vez, cantando na Sociedade Philarmonica de Londres. M.me Castellan teve depois a honra de cantar na presença de S. M. a rainha Victoria e do principe Alberto, e tomou parte nos concertos da sociedade denominada *Ancient concert's society*. A sua reputação em Londres, como cantora de concertos, estava já sem duvida estabelecida, mas o genio dramatico que esta artista possuia em alto grau, era ainda alli desconhecido.

O barão de Brunow, que possuia um grande instincto da arte, bem depressa conheceu o occulto genio dramatico da bella cantóra, e a escripturou para o theatro imperial de S. Petersburgo, ao mesmo tempo que Lumley, o empresario do theatro da rainha em Londres, tinha já fixado sobre ella a sua attenção, considerando-a como um astro digno de fulgurar no referido theatro.

Em S. Petersburgo a bella franceza foi coberta de applausos, flores, ouro e diamantes, e segundo lemos no *Allgemein Zeitung* (gazeta de Leipzik) foi reputada como uma das mais distinctas cantóras até alli ouvidas na capital da Russia.

M.me Castellan fez o seu debute no theatro da rainha em Londres no mez de março de 1845, com a bella opera de Donizetti *Lucia de Lamermoor*, acompanhada pelo tenor Moriani e o baixo Fornasari. O successo que obteve a eximia debutante foi estrondoso, e toda a imprensa de Londres a encheu de elogios. Nesta mesma estação cantou na *Sonambula*, com Mario e F. Lablache; na *Linda de Chamounix*, no *Barbeiro de Sevilha*, no *Elexir d'amor*, no *D. João de Mozart*, no *Cosi fan tutti*, etc. causando em todas as operas um grande enthusiasmo.

Desde esta época a reputação artistica de M.me Castellan augmentou consideravelmente, ficando classificada como uma das melhores *prima-donne* da Europa, e a sua carreira tornou-se o mais brilhante possivel. Cantou por espaço de sete estações nos theatros de Londres; duas em S. Petersburgo; tres no theatro italiano de París; e uma na *grand' Opera* onde desempenhou a parte de Bertha no *Propheta*, escripta expressamente por Meyerbeer para a illustre cantora. Além destes theatros M.me Castellan tem cantado em Berlim, Milão, Hanover, Leipzik e em grande numero das principaes cidades da Allemanha, Belgica, Inglaterra etc. merecendo sempre a honra de ser escolhida para tomar parte no grande *Festival* de Birmingham, uma das maiores solemnidades artisticas da Gram-Bretanha.

Actualmente M.me Castellan acha-se no nosso theatro de S. Carlos; e a maneira porque tem desempenhado os difficeis papeis da *Sonambula* e *Lucia* confirmou de certo entre nós a reputação de eximia cantora por ella alcançada no decurso de sua longa carreira theatral. Eis o juizo artistico formado a respeito da insigne *prima donna*, por um dos nossos mais distinctos professores e compositores de musica o sr. F. A. N. dos Santos Pinto. — « M.me Castellan possue uma perfeita voz de soprano, de um timbre cheio e sonoro, sendo as notas medias e graves admiraveis pela firmeza e volume de som, principalmente a 5.ª, desde o *fá* do 2.º espaço até ao *do* do 4.º espaço. Desce com franqueza até *sol* abaixo das linhas, e sobe a *mi* da 5.ª linha accidental superior com firmeza e muita egualdade.

« Os meios da arte são póstos em pratica pela eximia cantora com muita perfeição. Escallas diatonicas tanto ascendentes como descendentes, grupetos de tres e quatro notas, emissão de voz, *portamento* e *slancio*, tudo é bello; porém sobre tudo o que se torna mais saliente, é a maneira admiravel por que faz os trillos e as escallas chromaticas descendentes; fazendo perfeitamente naquelles o movimento successivo das duas notas, e nestas a successão perfeita dos semitonos distinctamente; tornando-se ainda notavel a maneira como faz perceber as diversas articulações, seja ligando, picando ou destacando.

« M.me Castellan dá um colorido excellente ao seu canto, respirando convenientemente, sem jámais cortar a phrase melodica, e revestindo-o com pureza, em relação á harmonia. Os *crescendos* e *diminuendos* emprega-os com muita discripção. Em summa é uma cantora da primeira ordem. »

M.me Castellan está escripturada para a proxima estação lyrica do theatro de Covent-Garden, em Londres, onde deverá representar no 1.º de março de 1853.

Academia de poesia contemporanea.

Mereceriamos sem duvida ser taxados de omissos, e faltariamos mesmo ao que exige a nossa consciencia, se deixassemos de fazer côro com a imprensa de Lisboa, pagando um justo tributo de respeito e

admiração ao eximio poeta italiano, o sr. Antonio Bindocci, pela nova e exuberante prova, que do brilhantismo do seu estro nos deu em 2 do corrente na sala do theatro de D. Maria 2.ª

Foi esta a terceira vez que ouvimos improvisar o sr. Bindocci, e nesta, bem como nas outras, tivemos occasião de convencermo-nos, de que a subida reputação que acompanha o distincto poeta, não é uma reputação balófa e usurpada, como tantas que correm por esse mundo; mas sim uma daquellas que se fundam no merito real e incontestavel, e que passam á posteridade, sem que a intriga ou a inveja consigam jámais escurecel-as.

O estro do sr. Bindocci não conhece obstaculos; corre, vôa, vaguêa desafrontado e triumphante, qualquer que seja o assumpto que se lhe apresenta. O illustre vate de Siena sabe tirar com egual mestria das cordas da sua lyra, canticos de amor, de enthusiasmo, de desesperação, de dôr ou de alegria; mas onde elle se mostra superiormente inspirado e magestoso, é quando o assumpto que lhe cumpre tratar, involve ou lhe recorda por qualquer modo a sua malfadada e querida Italia. Nestas occasiões, repetimos, o sr. Bindocci é sublime; porque os sentimentos do homem verdadeiramente liberal e patriota, se ostentam vigorosos, e excitam por um modo admiravel a magica veia do poeta.

Entre os numerosos assumptos offerecidos ao sr. Bindocci, citaremos alguns que mais nos impressionaram pela sublimidade com que foram tratados. — *A alliança dos povos* — *Kossuth* — *Amor faz passar o tempo, e o tempo faz passar o amor* — *Commemoração dos fieis que pereceram na ultima guerra da Italia.*

Depois de duas horas de brilhante improvisação, o illustre poeta pôz termo ás elucubrações da sua fecunda musa, fazendo um excellente epilogo de todos os argumentos que lhe foram apresentados; epilogo admiravel, tanto pela belleza da poesia, como pelo primor e facilidade alli manifestados na transição dos assumptos de uns para os outros. O auditorio, com vergonha o dizemos, foi pouco numeroso; mas em compensação mostrou-se intelligente, acolhendo e applaudindo com enthusiasmo as diversas producções poeticas do famoso improvisador.

Consta-nos que o sr. Bindocci tenciona dar ainda outra academia de poesia antes de deixar esta capital. Estimaremos, por dois motivos, que isto se verifique: o primeiro, para termos ainda mais uma occasião de admirar o raro talento do excellente poeta toscano; e o segundo, para que o publico de Lisboa, isto é, a parte do publico *que se considera illustrada*, possa lavar-se da justa censura que sobre si attrahiu, deixando de concorrer ao serão poetico do sr. Bindocci, homem respeitavel pelo duplo titulo de expatriado e de poeta insigne.

Um grande massador.

Começou um cura a prégar na sua aldêa ás tres horas da tarde, e era sol posto, ainda não tinha concluido o exordio. Cançado de tanta prolixidade um dos ouvintes, foi-se esgueirando, pouco a pouco, até á porta da egreja: observou-o o cura, e levantando a voz, disse:

— Aonde vae esse máu christão?

— *Padre cura*, respondeu o homem com muita submissão, vou dizer a minha mulher, que não espere por mim para a cêa, e que me mande a cama para a egreja.

Noticias diversas.

Reys contemporaneos. — *Compendio historico-filosofico de todas las monarquias del mundo, con las biografias de todos los reys y principes reynantes, hasta el dia, obra ilustrada con los retratos de cuerpo entero de todos los reys, reinas y principes reynantes.*

Esta obra redigida pelos srs. Marqués de Miraflores, Duque de Rivas, D. Antonio Canóvas del Castillo, D. Adolfo de Castro, D. Francisco de Paula Madrazo, D. Antonio Segovia, etc., é uma das melhores publicações da Hespanha. A edição é luxuosa.

Assigna-se no *Centro Commercial*, rua de S. Roque n.º 90. Cada entrega custa 360 réis, franca de porte, em Lisboa. Publicou-se a entrega n.º 43, contendo o retrato e biographia do imperador do Brasil.

Theatro de S. Carlos. — M.me Castellan e o sr. Bartolini continuam alcançando numerosos applausos.

A sr.ª Denovani deixou de fazer parte da companhia de S. Carlos, em consequencia de desintelligencias que teve com a empresa relativamente a augmento do salario. Para substituir a sr.ª Denovani foi escripturada a sr.ª Maria José d'Almeida, discipula do conservatorio.

Ensaia-se um novo *divertissement* composto pelo sr. Segarelli e intitulado — *Saída ou Os dois Genios.* — M.me Monticelli fará a parte de *Saída*, e mll.e Sofia Costanza e o sr. Segarelli serão os dois Genios (segundo consta).

O beneficio do sr. Antonio Porto, director do theatro, terá logar na segunda feira 15 do corrente com a opera — *I Puritani* de Bellini, desempenhada por m.me Castellan, e pelos srs. Swift, Bartolini e Dall'Aste.

Londres. — A cathedral de S. Paulo em Londres será illuminada a gaz, por occasião do funeral do duque de Wellington. O numero de bicos de gaz que haverá no corpo da egreja será entre cinco mil e sete mil.

Theatro de S. João. — O theatro lyrico do Porto abrir-se-ha com a opera de Donizetti — *Maria di Rohan.*

Londres — O Museu britannico.

O *Museu Britannico*, o mais bello e mais completo estabelecimento, que Londres possue, neste genero, occupa em Great Russell Street, Bloomsbury, um edificio sumptuoso edificado ha vinte e seis annos. Este *Museu* é, ao mesmo tempo, uma exposição de objectos de arte e de antiguidades, um gabinete de historia natural, e um deposito de livros, manuscriptos, e gravuras. Deve a sua fundação ao generoso patriotismo de Sir Hons Sloane, que doôu ao estado uma preciosa galeria de historia natural, a muito custo, e com disvelo creada. O seu valor orçou-se em mais de 200 contos de réis. Esta collecção foi depois augmentada, e aggregaram-se a ella os livros e outros objectos offerecidos por sabios e capitalistas, entre os quaes figuraram os tres monarchas Jorge II, Jorge III, e Jorge IV. Actualmente a bibliotheca já conta mais de 300,000 volumes, entre impressos e manuscriptos. A statistica do estabelecimento dá um termo medio de sete a oito mil visitadores por anno.

Alvitre de grande interesse para a agricultura.

Necessidade de crear veterinarios de districto.

(Continuado do n.° 44)

A segunda questão, a do veterinario se produzir, que se resolveria pela primeira, se a profissão veterinaria estivesse já estabelecida, ou o paiz em um estado mais avançado de luzes, demanda em circumstancias oppostas uma solução especialissima.

O veterinario não é sollicitado, pois é preciso que seja offerecido. Os interesses particulares não se movem directa e espontaneamente para elle, pois é preciso que o governo como representante do interesse geral o leve pela mão a contacto com elles. Já que o governo dispendeu um certo capital em abrir uma fonte de producção, deve, para resgate e lucro deste capital, fazel-a produzir, e para a fazer produzir, preparar-lhe, assegurar-lhe o consummo do genero, sendo elle em nome e utilidade do interesse que vigia o primeiro consumidor. Que parallelo póde haver entre o capital e o interesse da cavallaria do exercito, e os gados do paiz inteiro, o primeiro valor, o primeiro instrumento, o primeiro producto da agricultura, a nossa primeira riqueza mobiliaria? E comtudo entendeu-se, e por certo que muito bem, que a cavallaria merecia e exigia para sua salvaguarda e conservação, ter veterinarios subsidiados pelo governo. Porque se não ha de entender outro tanto para com a ganaderia do reino?

A cavallaria militar é o mais sólido baluarte da defensão do paiz, e indispensavel é tel-o sempre artilhado. De accôrdo. Mas não se reflecte que por este mesmo lado a cavallaria não tem mais direito á solicitude governativa, do que a ganaderia de que aquella não é senão um extracto, ou uma applicação? Que se as doenças e a má hygiene infestam e devastam as manadas

do lavrador, as remontas têem de se ír fazer ao estrangeiro? E que a perda é egual, ou o cavallo pereça no regimento, ou em casa do criador? Mas de certo, ninguem, lido na sciencia da producção, ignora a perniciosa influencia que a devastação e degeneração das outras especies domesticas, a vaccum e lanigera especialmente, tem sobre a exequibilidade, promptidão e perfeição dos trabalhos ruraes, a subsistencia publica, a industria e commercio, para se não reconhecer por este outro lado, a attenção que a ganaderia deve merecer aos que gerem os destinos da nação. Um pequeno calculo vae mostrar-nos que esta influencia é mais séria do que parece, e que a brexa que faz no corpo social não é tão insignificante, que não valha a pena de o governo lhe dar reparo.

Temos á vista uma statistica official da ganaderia do districto de Coimbra, remettida ao governo, e publicada no *Observador* n.º 471 de 13 de janeiro deste anno.

Ahi se acham as seguintes cifras do gado das differentes especies existentes naquelle districto:

Gado cavallar	3,461	cabeças
,, muar	832	,,
,, azinino	4,434	,,
,, vaccum	19,253	,,
,, lanigero	108,267	,,
,, caprino	52,030	,,
,, suino	41,543	,,

Como nos vinte districtos do continente e ilhas umas destas especies são mais numerosas que outras, podêmos suppôr que o maior numero das primeiras cubra o menor das segundas, e que esta statistica relativa ao districto de Coimbra represente aproximadamente a media dos gados de cada um dos districtos. Sendo assim, demos que em cada 100 cabeças de todo o gado haja 2 que pereçam annualmente por falta de auxilio, por erro de cura, por abuso de hygiene, n'uma palavra, por falta de quem intelligentemente as soubesse tratar, viremos a ter em todo o reino as seguintes perdas de gados:

Gado cavallar...	3461×20:100×2=1344	cabeças.
,, muar.....	832×20:100×2=332	,,
,, azinino...	4434×20:100×2=1772	,,
,, lanigero	108257×20:100×2=43306	,,
,, caprino ...	52030×20:100×2=20812	,,
,, vaccum ...	19253×20:100×2=7700	,,
,, suino.....	41543×20:100×2=16616	,,

Estas perdas avaliadas pelo preço venal, mais baixo de cada especie, a saber:

Cavallo 19:200 réis, muar 12:000, asno 4800, ovelha 500, cabra 700, porco 3:000, boi 12:000, dão annualmente um valor de 196:000,000 de réis, ou perto de 10:000,000 por cada districto. As hypotheses que figurâmos neste calculo, tanto a da perda de 2 por 100, quanto a das avaliações são as menores que é possivel fazer, de sorte que se são inexactas, a sua mesma inexactidão produz a favor da argumentação e não contra.

A perda de 2 por 100 é muito inferior á que infelizmente succede nos annos mais clementes e benignos; nos annos climatericos, nos annos de grandes epizootias, a perda, termo medio, póde tomar-se de 10 a 15 por 100.

Mas nós já nos contentâmos com o resultado do primeiro calculo, e perguntâmos aos que se empenham devéras pelos interesses materiaes do paiz, se uma perda annual de perto de meio milhão, não merece ser acudida de remedio, de remedio que importará, quando muito em $\frac{1}{10}$ do valor perdido, que tal vem a ser estabelecendo 20 veterinarios districtaes a 200$000 cada um.

Nós presentimos já uma objecção. Um veterinario em cada districto, dir-nos-hão, é insufficientissimo para acudir a todos os lavradores do mesmo, e desta sorte o remedio que aventaes não possue a efficacia preconisada. É verdade; e nesse caso sabeis o que devieis fazer, era augmentar a dóse do remedio; estabelecei 10, 20, 30 veterinarios em cada districto por aquelle subsidio e ainda ganharieis. Mas não se trata de dar remedio no rigor da expressão, trata-se de o aconselhar, fazendo presenciar aos lavradores com o grande e irrespondivel argumento dos factos, a differença que vae do homem intelligente ao homem rutineiro; a isto é que nós chamâmos plantar os alicerces da profissão; depois lá está o interesse dos lavradores que virão á porfia levantar o edificio.

Quereis saber qual é na actualidade, a maior utilidade da creação dos veterinarios de districto? Não é aquillo que elles hão-de fazer, não são os seus immediatos serviços, mas aquelles que deixarão de prestar por não poderem. Os lavradores e proprietarios de gados mais distantes da residencia do veterinario, observando o proveito que delle colhem os mais proximos, hão-de convencer-se por seus proprios olhos da necessidade de se associarem para fazer partidos a outros veterinarios e attrail-os junto a si. Elles raciocinarão então que o que lhes leva o bensilhão do logar em mystificações e amuletos, é menos ainda da quota parte de uma somma por meio da qual podem ter a toda a hora um homem intelligente, consciencioso e dedicado á salvação da sua melhor propriedade. Eis-aqui como se eleva a dóse do remedio.

Como o governo sendo o primeiro consumidor, abrirá uma larga via de consummo. Como sendo os veterinarios procurados, affluirão estudantes á escóla, e esta reviverá. Mas para que estâmos nós a cançarmo-nos? Nesta terra, em questões, que por ahi alcunham de *raia-miuda*, nem que se tivesse a eloquencia de um Demosthenes e os pulmões de um Nevio, se conseguiria ser attendido. Nós que nada temos edificado, que embrenhados nas regiões nebulosas da politica especulativa, estâmos dando á Europa o espectaculo divertido daquelle sabio que enlevado na contem-

plação dos astros, se deixou cahir n'um fôsso; nós que respondemos ás necessidades publicas, trovejando uma tirada mais ou menos bombastica, mais ou menos arrebicada, e tambem mais ou menos insipida e somnifera de Cicero ou de Quintilliano; nós que aos arrancos deste agonisante, que chamam paiz, fazemos uma evocação sacramental e profana aos manes dos Bias, e dos Cleobulos, e soltâmos as represas e quantos textos e sentenças pôde entrouxar a fôfa sabença de um esquadrinhador de *in folios;* nós pulverisadores de Catilinas, homens de diatribes e verrinas, de nicas e tricas oratorias, só não temos erudição para as questões de pão, não, que estas rastejam andrajosas e humildes nos ultimos degráus do magestoso solio do genio, e este que todo é vôo, idealismo, chimera, degradar-se-hia se descesse até ellas.

Pois bem, deixemo-nos assim ír; até que ponto os ouvidos chiando de dilicias, poderão dominar as exigencias prosaicas, mas soberanas, do estomago, é que o futuro não tardará em revelar-nos.

J. I. Ferreira Lapa — Lente da Escóla Veterinaria.

A Gutta-percha.

Um negociante de Singapura, expedindo para a Europa, em 1844, 200 libras de *gutta-percha*, por amostra, deu conhecimento ao commercio da existencia deste producto. Não aconteceu com a *gutta-percha* o que acontece, não poucas vezes, com outros productos, que só tarde são devidamente avaliados. Ao contrario, no anno de 1845 expediram-se 700 arrobas; em 1846, 5,570 quintaes; em 1847, 9,000 quintaes; e desde então, a exportação tem augmentado prodigiosamente, sendo Inglaterra a maior, e quasi unica, importadora.

Um periodico contemporaneo, dando conta do rapido desenvolvimento deste ramo de commercio, diz que o desenvolvimento, com quanto seja espantoso, é todavia muito inferior ao movimento, que produziu entre os indigenas do archipelago indico. Foi em Johore que por primeira vez se aproveitou a *gutta-percha;* e apenas a substancia teve procura, apenas as requisições da Europa começaram, malaios e chins invadiram o terreno, e começaram a exploral-o com ardor tal, que por pouco não acabaram com a arvore, de que se extráe esta util substancia. Em tres annos e meio, perto de trezentos mil pés de arvores foram sacrificados á sofrega ambição dos exploradores! Felizmente, ao systema barbaro do córte, substituiu-se um systema racional, e novas explorações fizeram tambem descobrir a *gutta-percha* de Singapura para o norte até Pinang; para o sul, ao longo da costa, de Sumatra a Java; para léste, em Bornéo, etc.

A extraordinaria procura da *gutta-percha* proveio das suas numerosas applicações na industria e na economia domestica. Ninguem as conheceu tão bem como a Inglaterra. Uma grande companhia, de Londres, tem o exclusivo das manufacturas de *gutta-percha*, e usa do seu privilegio com reconhecidas e incalculaveis vantagens para si e para o publico.

Para que se faça idéa das applicações, que tem a *gutta-percha*, basta dizer que se fabricam, com ella, tubos para conduzir gaz; canos para agua, acidos, oleos, e outros liquidos; chapas para forrar cisternas; apparelhos acusticos; instrumentos para conducção do som; sólas impermeaveis para o calçado; forros para paredes e solhos humidos; jarros, bacias, tinteiros, garrafas, bilhas, jarros para flôres, e mil objectos de ornato elegantissimos.

A duração dos tubos de *gutta-percha* está verificada por experiencias rigorosas. Por ordem da *companhia britannica dos telegraphos electricos*, esteve um destes tubos mergulhado no mar, por mais de um anno, e reconheceu-se, no fim deste periodo, que nenhuma alteração tinha soffrido a *gutta-percha*. O mesmo se tem verificado, deixando os tubos, por largo espaço, enterrados no solo.

A applicação dos tubos da *gutta-percha*, nas bombas de apagar incendios, foi realisada pela companhia intitulada *Yorkshire fire, & life assurance* de York, que reconheceu as vantagens da referida applicação.

Alguns fabricantes de Birminghan empregam os tubos de *gutta-percha* para a conducção do acido chlorhydrico (muriatico) concentrado, e attestam que este acido não tem acção sobre a *gutta*. O mesmo attestam ácêrca dos alcalis, e de outros acidos, exceptuando unicamente o acido sulfurico muito concentrado.

A companhia denominada *Glasgow Gas light Company*, e outras, attestam que os tubos não são deteriorados pelo gaz, nem pela pressão. A applicação dos tubos para bicos de gaz portateis, como convém nas officinas em que se pintam carruagens, etc., está tambem auctorisada por numerosas experiencias.

Os apparelhos acusticos para salas e templos; os telegraphos domesticos para escriptorios, officinas e fabricas; os tubos acusticos para minas; os porta-voz para bordo; os pavilhões para surdos; e outros muitos apparelhos e instrumentos, para conduzir e reforçar o som, são procurados no commercio, dando os consumidores, á companhia, provas de satisfação. (1)

As solas de *gutta-percha*, para que as considerem todos como util applicação desta substancia, não dependem já daquella officiosa recommendação de Sir John Ross, que aconselhava o uso dellas, por ser a *gutta-percha*, dizia o illustre capitão, *a warm friend*. Além desta, e de outras

(1) O primeiro estabelecimento onde nos consta que appareceu um fornecimento regular de amostras de artigos de *gutta-percha*, é o *Deposito do Centro Commercial*, ao pé do largo das duas igrejas, onde se recebem encommendas.

muitas recommendações, apparece hoje em favor dellas o testemunho das escólas inglezas. Na escóla de Londres, que tem o titulo de *Central London District school*, oitocentos alumnos usam, no calçado, das solas de *gutta-percha*, e os directores do estabelecimento attestam que ellas não só preservam da humidade e do frio, mas reunem tambem as condicções de economia e duração, no que nenhuma outra substancia as excede.

O direito de *quatro mil réis*, por arroba, sobre a *gutta-percha*, é excessivo, e injustificavel.

Que industria se protege, qual classe de artistas ou de operarios se favorece — admittido o systema da protecção — com este pesadissimo direito de 40 por cento? Levantam-se obstaculos ao commercio, impede-se a importação de um genero util, sem ao menos uma sombra de pretexto, que desculpe o excessivo direito. Acontece neste caso, o que nos acontece em outros muitos, o que nos acontecerá sempre que os governos deixem as pautas sem reforma, ou as reformem precipitadamente. Uma reforma de pautas não se improvisa, faz-se lentamente, mas faz-se sempre, artigo por artigo, á medida que as forças da industria crescem, e que se desenvolvem as necessidades do commercio.

Com empregados intelligentes, nas alfandegas, classificados segundo as suas habilitações; com uma commissão permanente de pautas, que saiba comprehender a sua missão; com o voto prudente dos homens de larga experiencia, que não se convidam por meio de annuncios, no *Diario;* é possivel uma reforma gradual, que mantenha a protecção á industria debil, sem offender os interesses do commercio, que procura alargar a esphera das suas operações. Sem estas condições, qualquer reforma sairá imperfeita.

Fradesso da Silveira

Origem da descoberta das pedras lythographicas da serra d'Arrabida.

Quasi todas as descobertas são devidas á casualidade. As pedras lythographicas, por sua applicação vieram neste seculo a fazer um papel brilhante no theatro das invenções humanas, tanto para as bellas artes, como para a industria economica dos povos. O nosso solo tão fertil, tão rico e variado no reino mineral, especialmente no genero de pedreiras, não tem sido ainda explorado competentemente no que respeita ás pedras lythographicas, em que certamente abunda, como se prova com a seguinte observação.

Em 1838 fui a Setubal no mez de janeiro a negociar a compra de vinho moscatel, e como a estação estivesse aprazivel, e os dias serenos, veio-me á lembrança fazer uma excursão á villa de Palmella. Na minha descida do castello á villa observei que as umbreiras das portas e janellas eram de uma pedra liza, *compacta e uniforme, ligeiramente amarellada* como as pedras de amolar navalhas de barba, o que me causou bastante admiração, pois tinha já feito todas as diligencias possiveis, mas inutilmente, para achar a pedreira donde fôra tirado um pedaço de pedra lythographica, que achei em Alcantara.

D'alli a dois annos, em 1840, querendo estabelecer o sr. Guimarães e C.ª a sua casa de negocio, lembrei-lhe que podia fazer estampar lenços por meio de lythographia, que representassem a fachada principal de sua nova casa, e serviriam como annuncio; elle adoptou a minha idéa, e mandou vir de Londres, para o effeito, duas pedras das de maior dimensão, que não excedendo a 26 pollegadas, não serviam para o nosso projecto, por não darem um quadrado perfeito no tamanho exigido. Lembrei-me então das pedras que vira com tanta profusão em Palmella, e tratei de procurar uma de maior tamanho, para o que me munida concessão competente do sr. Duque de Palmella, que com zêlo verdadeiramente patriotico me facilitou todos os meios necessarios para obter o que desejava.

Não tardou em achar uma perto do palacio do Calhariz, de 36 pollegadas em quadrado, que preenchia todos os nossos desejos, a qual vindo em tosco, foi trazida a Lisboa com bastantes obstaculos, preparou-se, e na Rua Nova dos Martyres, onde se fez expressamente uma prensa de grande dimensão, se obteve o resultado exigido, que se não continuou, por não estar ainda descoberto o meio de tornar fixas as côres, como exige a estamparia dos tecidos.

A qualidade destas pedras não se póde considerar superior, mesmo porque os veios brancos com que são em parte cortadas, as torna mui susceptiveis de se quebrar, pelo aperto, na prensa; todavia já não era pouco obter estampas em pedra nacional de grandeza superior á das pedras que então se extrahiam na Inglaterra e em França.

Pelo exposto já se deixa vêr quem seria talvez o seu descobridor, que ao fim de vencer tantas difficuldades, já em 1840 pôde vêr os primeiros trabalhos lythographicos obtidos com as pedras de Calhariz (na serra d'Arrabida) eguaes ás pedras que na exposição de Londres em 1851 foram premiadas, attribuindo-se aos exponentes a sua descoberta, quando havia já 12 annos, que eu as tinha feito extrahir e vêr os seus resultados.

A. R. B.

Sceptro e punhal.

III.

(Continuação)

O rei estava na mesma posição em que o deixámos no capitulo anterior; e Nicolasico conservava-se estendido sobre a almofada de que fallámos, e apparentemente adormecido.

O conde-duque entrou, pronunciando um dos comprimentos mais em uso naquella época, mas em tom tão sumido, que Filippe, o qual ainda não o tinha visto, continuou a permanecer abysmado em sombria meditação.

Olivares observando a actitude do seu amo, não duvidava já das noticias que lhe déra sua esposa, e não sabia como advertil-o da sua chegada, pois temia despertar-lhe a cólera. Aproveitemo-nos do seu momentaneo embaraço para dizermos alguma cousa a nossos leitores a respeito da sua pessoa.

O conde-duque estava naquella edade em que, abandonando a tempestuosa influencia dos prazeres amorosos, a alma se sente tyrannisada por outra paixão não menos fogosa e ardente: a ambição. Na sua phisionomia, que não era desagradavel, não se notava, apesar disso, nenhuma dessas feições sympathicas, que nos fazem propender para as pessoas a quem vêmos por primeira vez. Tinha olhos castanhos e pequenos: nariz comprido e bem feito: bigode grande e retorcido, que lhe sombreava a bôca, na qual se divisava uma pronunciada expressão de vaidoso desdém: membros robustos e vigorosos, e estatura mais alta do que baixa. O rosto, sem ser magro, tinha a côr livida tão commum nos ambiciosos. Trajava ricamente, fazendo o seu vestuario notavel contraste com o modesto atavio do monarcha, o qual, apesar de ser amigo do luxo, e dado aos prazeres, vestia-se quasi sempre de preto e sem adornos.

Vencendo por fim o temor que o dominava, Olivares adiantou-se dois passos, e com voz mais forte, mas ainda alguma cousa tremula, disse:

— Aos pés de vossa magestade está o seu mais fiel subdito.

— És tu, Olivares? disse em voz baixa o monarcha, despertando do seu lethargo.

Aquelle, que esperava uma explosão de furor, cobrou animo quando viu o acolhimento que lhe fazia Filippe.

— Se vossa magestade se dignasse escutar-me por um momento. Assumptos graves...

— Não estou agora para tratar negocios de estado. Retira-te e deixa-me em paz.

— Noticias importantes que recebi...

— Talvez alguma derrota; alguma nova desgraça. Eis a unica cousa, que todos os dias me communicaes. Senhor conde-duque! é preciso pôr termo a tantos males... que vós talvez occasionaes com a vossa impericia e descuido: vós, que não sabeis sustentar dignamente o sceptro que abandonei ás vossas mãos, e que sois responsavel por o bem estar dos meus subditos.

— Mas, senhor, balbuciou o conde-duque cheio de confusão.

— Por Satanaz! julgaes que não chegam diariamente aos meus ouvidos queixas a vosso respeito? Esqueceis sem duvida que sou vosso rei, e que posso despojar-vos de todas as honras e riquezas de que gosaes? Pois não duvideis que Filippe sabe castigar os traidores, e que ainda não se embotou o fio do cutelo que cortou o pescoço a D. Rodrigo Calderon!

El-rei tinha-se levantado da poltrona no calor do discurso, e passeava a passos largos pelo gabinete. O conde-duque estava atterrado: a explosão fôra mais terrivel do que presumíra, e por muito tempo permaneceu mudo e quedo no logar em que se achava: as ultimas palavras do monarcha gelaram-lhe o sangue nas veias. Por felicidade conhecia bem o caracter de Filippe para não se deixar succumbir ao primeiro ataque.

— Vejo, senhor, disse com voz pouco firme, que os meus eternos inimigos, calumniando a puresa de minhas intenções, conseguiram desterrar de vosso peito o carinho com que me distinguieis. Vossa magestade é tão senhor da minha vida, como da de Calderon, que a perdeu por traidor. Acreditaes por ventura, que o meu peito seja capaz de abrigar tanta perfidia, que engane vilmente a quem me enche de beneficios, aquelle cuja tencia me esforço por fazer a mais ditosa da terra?

— A mais ditosa!... Sabes o que disseste? Ignoras que o teu rei trocaria neste momento a sua sorte pela do mais infimo dos seus vassallos?

— Se o meu sangue podesse dar-vos a felicidade, promptamente o derramaria para vos servir. Mas neste momento o leal subdito, arrostando a cólera do seu senhor, vem dar-lhe uma noticia que talvez augmente as suas penas.

— Falla sem receio. Depois do que soube, nada póde haver capaz de commover-me.

— Talvez ignoreis, que uma pessoa a quem amaveis apaixonadamente, e a quem haveis enchido de beneficios, abusando indignamente da vossa confiança...

— Prosegue, o que te detem?

— Uma mulher emfim... que vos fingia um carinho perjuro... foi hontem á noite surprehendida n'uma entrevista que teve com outro galan.

— Aonde?

— Nos jardins.

— Como! exclamou o monarcha fóra de si, e batendo com o pé fortemente no chão. Com que então sou eu o ultimo sabedor da sua deshonra? Sou eu o alvo da irrisão da côrte? Pois tremam da minha vingança, aquelles que assim jogam com a honra do seu rei!

O assombro e receio do conde-duque cresciam cada vez mais. Nunca tinha visto a Filippe naquelle estado: os seus olhos animados por sombrio ardor lançavam chammas de indignação: o semblante pallido tinha assumido a viva côr da purpura. Olivares já não pensava em recobrar o favor que julgava perdido; em seus ouvidos resoavam como triste presagio as sinistras palavras, que tinha escutado um momento antes. «Ainda não se embotou o fio do cutelo que cortou o pescoço a D. Rodrigo Calderon.»

— Senhor, balbuciou, aproximando-se do monarcha. Tratarei de castigar a culpada com todo o rigor que o seu crime reclama.

Ouvindo estas palavras, el-rei ficou mudo de assombro e surpresa.

— Tu, castigar a culpada! exclamou olhando fixamente para o conde-duque.

— Se me daes licença, voltará para o convento donde nunca devêra ter saido.

— Queres-me endoudecer? De que mulher estás fallando?

— De minha sobrinha.

— De Isabel?

— Sim, senhor.

Um raio de esperança illuminou os olhos do rei.

— Dize-me, quem é o seu amante?

— O conde de Villamediana.

— O conde! E a que hora teve logar a entrevista?

— Ás onze da noite.

— Disseste que nos jardins?

— Sim, senhor.

— Viste hontem a tua sobrinha?

— Vi-a.

— Lembras-te se levava a pelle de arminho que lhe offereceste em meu nome?

— Deixae que me recorde...

— Pensa bem.

— Positivamente. Sim, senhor, levava-a.

— Estás bem certo?

— Não tenho duvida alguma.

— Pois então fui victima de um engano. Nicolasico!

O bobo levantou-se com presteza. Tinha ouvido toda a conversação com o favorito; mas ainda que persuadido da certeza das suas suspeitas, resolveu não contradizer a seu amo.

— Estavas dormindo? perguntou-lhe o rei.

— Não, senhor.

— Então ouviste?

— Sem perder uma syllaba.

— Está bem. Acreditas que a dama do jardim fosse Isabel de Gusmão?

— Julgo que me equivoquei, e depois do que disse o conde-duque, não vacillo em affirmar que era a mesma.

— E quem poderia duvidal-o? Pobre esposa minha! disse o rei em voz baixa. E eu que a julgava culpada! Em quanto a Villamediana trataremos de castigal-o por um modo mais suave: ousou namorar uma dama do rei, e se eu tolerasse similhante atrevimento, perderia a minha reputação de galanteador.

Olivares caminhava de surpresa em surpresa. Quando menos julgava, sentiu estalar a cólera de seu amo, sem motivo apparente para isso; e quando esperava vêl-o mais furioso, quando pensou que a noticia que lhe ía communicar, era a causa da sua irritação, viu com assombro que o monarcha estava ignorante della, e que longe de encolerisal-o, o tinha enchido de alegria. Isto era incomprehensivel para o privado, que por todos os modos deu a si mesmo os parabens, não obstante achar em tudo quanto via um mysterio, que em vão procurava adivinhar.

Entre tanto Filippe, descomedido em todos os seus sentimentos, tinha passado da extrema cólera a um regosijo pueril. Ha sensações, que ainda mesmo nos espiritos mais superficiaes deixam uma impressão profunda; e a honra era naquella época um sanctuario que poucos se atreviam a profanar. Se o monarcha tivesse sabido isoladamente a infidelidade da sua querida, talvez Olivares não tivesse saido muito contente daquella conferencia.

— Meu querido conde-duque, disse o rei pondo-lhe familiarmente a mão sobre o hombro. Fui muito injusto comtigo. Esquece o que te disse, pois não quero que te separes de mim desgostoso. Deste-me uma noticia, que aprecio mais do que podes imaginar, e desejo por isso mesmo divertir-me. Dentro em poucos dias, é preciso que dêmos um baile em palacio; e incumbo-te que o disponhas do melhor modo que te pareça.

— Diligenciarei satisfazer-vos. Em quanto á culpada...

— Culpada! De quem estás fallando?

— De minha sobrinha, senhor.

— Diabo! é verdade! Mas não quero lembrar-me disso, porque me poderia incommodar.

O bobo vendo o regosijo do monarcha, julgou que deveria entrar no exercicio de suas funcções.

— Farias muito mal nisso, Filippe.

— Porque?

— Porque se nunca houvesse entre os amantes alguma nuvemzinha, maldito gosto se tiraria dos amores. Queres perder as doçuras de uma reconciliação? Não córeis, senhor conde-duque, pois ainda que é vossa sobrinha, que diabos! de certo não a tirastes do convento para que continue a ser freira.

— Estás hoje philosopho, Nicolasico.

— Não obstante, Filippe, os meus philosophicos argumentos não são tão convincentes como os teus.

— De que argumentos fallas?

— De um que empregaste para commigo, e cuja efficacia sinto ainda neste momento.

— Ainda o sentes, heim? disse Filippe, comprehendendo o sentido das palavras do bobo, e rindo ás gargalhadas.

— Sim, por certo. Muito estimaria que fizesses sentir ao senhor conde-duque um argumento desta classe.

— De que se trata? perguntou este, sómente para dizer alguma cousa, ainda que temendo alguma das diabolicas zombarias do bobo.

— De quasi nada: de um emprestimo que me fez vosso amo ha poucos instantes, e que tenho tentações de devolvel-o a vós.

— Ao meu pobre Olivares? Pois é elle por ventura teu crédor? exclamou o monarcha sem deixar de se rir.

— Não; mas devolvel-o a ti, seria fazer uma injustiça a tanta liberalidade. Estou muito longe de querer tal. Julgo por conseguinte que não te offenderás se o trespasso á pessoa que mais aprecias; e o senhor conde-duque acha-se neste caso.

— Haverá bicho mais travesso?

— Não me explicareis, senhor?... tornou a repetir o ministro, assustado com o aspecto que tomava a conversação, e volvendo com espanto os olhos para todas as partes.

— Váes sabel-o, respondeu o anão: e descrevendo rapidamente uma curva, collocou-se por detraz de Olivares, e assentou-lhe um ponta-pé, exclamando em tom de mofa:

— Estamos pagos, Filippe.

Corrido de vergonha, o favorito quiz lançar-se sobre o insolente bobo; mas quando ía executar o seu proposito, reparou que o rei se tinha estendido sobre um sophá, quasi suffocado de riso. Ficou então confundido, como se tivesse querido commetter um crime; e occorreu-lhe provavelmente naquelle momento esta reflexão:

— El-rei ri-se: logo não devo enfadar-me.

Outro cavalheiro que estivesse em seu logar, teria feito em pedaços o anão em presença do monarcha; mas Olivares, que devia a sua elevação, não á grandeza do seu animo, nem aos seus talentos; mas a essa flexibilidade palaciana que arrosta com todas as humilhações para conseguir o seu fim, não teve por conveniente fazel-o. A sua voz, não obstante, tremia de cólera e de vergonha quando se dirigiu ao rei.

— Deixará vossa magestade impune este desacato?

O monarcha continuava porém dando gargalhadas, que augmentavam a confusão do mal tratado ministro; mas finalmente, depois de desafogar aquella torrente de jovialidade:

— Não te zangues, Olivares, disse com certo ar de severidade, que contribuia para augmentar o ridiculo daquella scena. Eu castigarei esse atrevido, e te darei completa satisfação. Vem cá, bobinho!

O maligno anão aproximou-se do monarcha com humilde apparencia, mas deixando entrever nos labios um sorriso de triumpho.

— De joelhos! lhe disse o rei.

O bobo não se deu por entendido, e voltando-se para o conde-duque com ademan theatral, e acompanhando as suas palavras com gesticulações grutescas, lhe disse:

— Sim, de joelhos, senhor ministro, pois tivestes o atrevimento de irritar-vos quando o vosso amo se ria.

— Senhor, disse em tom baixo a victima, não querendo prolongar por mais tempo o ridiculo da sua posição; rogo a vossa magestade que nos esqueçâmos e não fallemos mais disto.

— Como! replicou Filippe sorrindo-se: não queres que implore o teu perdão?

— Concedo-lh'o por minha parte, com tanto que não se torne a repetir...

— Ouves, Nicolasico? Ora agora toma conta comtigo.

— Senhor, o que importa um ponta-pé mais ou menos, a troco de ser ministro universal do reino? Por algum modo se ha de alcançar esta honra. Quantos quereriam conquistal-a com tão pouco custo! (Continúa.)

Real Theatro de S. Carlos.

Na segunda feira (15), voltaram novamente á scena — *Os Puritanos*, de Bellini, desempenhados por M.me Castellan e pelos srs. Swift, Bartolini e Dall'Aste.

É impossivel enumerar detalhadamente os raros prodigios feitos por M.me Castellan na execução da interessante parte de *Elvira*. Baste pois dizer-se que, a sua bella e elegante figura, a sua natural e conscienciosa acção, o magnifico estilo do seu canto, a constante puresa e afinação da sua magica voz, não só nas peças a *solo*, como tambem nas *concertantes* e em todos os passos, ainda os mais difficeis; em summa, a ostentação que fez constantemente do brilhante complexo de qualidades que possue — tudo lhe grangeou infinidade de applausos, e um novo e bem merecido triumpho. Das tres operas em que temos visto M.me Castellan, é a dos *Puritanos*, em nossa opinião, aquella em que mais sobresáe o talento da grande artista.

Os srs. Bartolini e Dall'Aste foram dignos companheiros de M.me Castellan; desempenharam com extrema pericia os seus respectivos papeis; e no famoso duetto do final do 2.º acto cantaram com tanto primor e desenvolveram tal energia, que mereceram a honra de lhes fazerem repetir a *cabaletta*.

As partes secundarias, os coros e a orchestra fizeram os seus deveres; e para que o desempenho da opera nada deixasse a desejar, só faltou que o papel de *Arthur* fosse confiado a um artista superior ao sr. Swift. E não dizemos isto porque este sr. deixe de possuir uma voz melodiosa e extensa; mas porque, como cantor, além de se mostrar ainda demasiadamente noviço apressando ou retardando indevidamente os *andamentos*, faltando ao compasso, não sustentando constante afinação, e deixando de dar o competente colorido ao canto, produziu sempre desagradavel effeito nas frequentes vezes que teve de passar ao *falsête*; e como actor, foi de uma frieza e semsaboria superiores a toda a expressão.

O sr. Swift tem, indubitavelmente, recursos para poder ser bom artista; mas precisa estudar muito.

Por esta occasião não podemos tambem deixar de lamentar a excessiva severidade exercida contra este artista por uma pequena parte do publico, na noite de segunda feira; pois com um actor que principia a sua carreira, e não carece de disposições para poder progredir, é justo que haja alguma contemplação. Desfeiteal-o e atemorisal-o, em vez de ser com elle benevolo, e de animal-o, é mostrar uma falta de generosidade, que nenhum resultado vantajoso póde produzir. A intolerancia póde ser tão prejudicial á arte como a extrema benevolencia.

Intendami chi può, che m'intend'io.

Theatro do Gymnasio.

Teve logar no dia 16 do corrente, a abertura deste theatro. Nada podêmos dizer a respeito do que se tem passado no *Gymnasio*, porque não assistimos ás representações. Os leitores da *Revista* sabem quanta consideração tivemos sempre pelos artistas do *Gymnasio*, e em vista do auxilio que lhes temos prestado, e continuaremos a prestar neste jornal, devem perceber que só por absoluta impossibilidade deixámos de ser contemplados com um bilhete para o dia d'abertura. Neste dia os bilhetes foram vendidos ás pessoas que a companhia escolheu — infelizmente não fômos dignos de entrar no numero dos seus escolhidos.

Noticias diversas.

Theatro lyrico do Porto. — Abriu-se, em 12 do corrente, o theatro de S. João com a opera de Donizetti — *Maria di Rohan* — em que fizeram a sua estrêa a *prima donna* sr.ª Laura Giordano e o baritono sr. Bartolucci. Relativamente a estes dois artistas lê-se no jornal do Porto — *Braz Tisana* — o seguinte:

« A primeira dama Giordano revelou bastante maestria; tem bello estilo, sentimento, e uma voz se não muito extensa, sonora e pura.

O sr. Bartolucci (baritono) brilhou mais no ensaio geral; não obstante, mostrou bastante merito como cantor e actor; pronuncia bem, e a sua voz é bastante volumosa, e de effeito nas peças concertantes. »

California. — Continúa a descoberta de novas minas, e a agricultura desenvolve-se ao mesmo tempo que os trabalhos de mineração. Tem affluido nestes ultimos tempos uma grande quantidade de colonos.

Caminho de ferro de París a Bordeaux. — Os trabalhos de Poitiers a Angoulême continúam com actividade; no mez de maio proximo deve começar o serviço completo da linha de París a Bordeaux.

Communicações entre Oran e París por meio de Hespanha. — As communicações entre Oran e París, por via de Marselha, suppondo o serviço muito regular, exigem ao menos *cinco dias*, e não se póde assegurar que neste espaço de tempo sempre se effectuem.

A *Semaine* publíca um projecto, do qual resultaria fazer-se a viagem em *quatro dias*, por Carthagena, Madrid, e Bayonna. O caminho de Carthagena a Madrid, e de Madrid a Bayonna, terá de extensão 170 leguas. De Bayonna a París, a linha ferrea terá 230 leguas; o que dá a totalidade de 400 leguas. Admittindo que a velocidade media seja apenas de 5 leguas por hora, serão necessarias 80 horas para ir de Carthagena a París, e como a viagem de Oran a Carthagena se faz em 12 horas, quando muito, a viagem completa não exigirá mais de 92 horas. Um calculo mais aproximado reduzirá consideravelmente o tempo. Admittámos para perda de tempo em Carthagena 2 horas, em Madrid outras 2, e em Bayonna outras 2: total 6 horas. Com a velocidade de oito leguas por hora, a viagem de 400 leguas de Carthagena a París se fará em 56 horas; com as 12 de Oran a Carthagena, será o total 74, isto é, menos do que a viagem d'Oran a Marselha.

Londres. — Os jornaes de Londres trazem longas descripções dos preparativos feitos para os funeraes do duque de Wellington. O credito que se abriu por este motivo sobe a 2.500,000 francos.

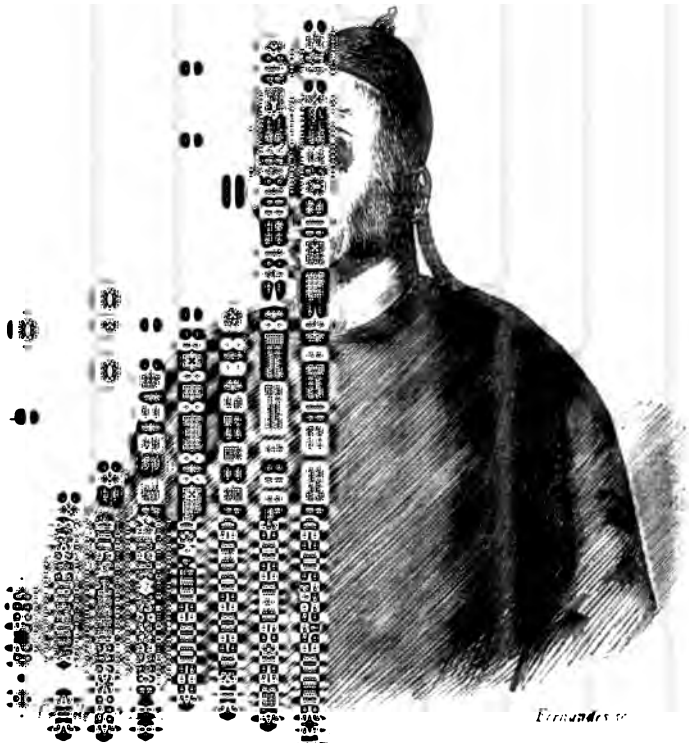
Telegrapho electrico submarino. — No dia 2 de novembro teve logar a abertura, com toda a solemnidade, do novo telegrapho submarino, que põe a Inglaterra em communicação com o continente. Depois de varias perguntas, transmitiu-se de Londres para París, ás 2 horas e 10 minutos da tarde, o seguinte despacho: *Que horas são?* A resposta foi: *São duas horas e dez minutos.* Depois deste seguiu-se o seguinte despacho de Londres para París: « Os directores da companhia do telegrapho submarino tem a honra de apresentar ao principe presidente os seus sinceros agradecimentos pelo apoio, que tem prestado constantemente, para o estabelecimento do meio instantaneo de communicação entre a França e a Gram-Bretanha.

As estampilhas para serviço dos telegraphos. — A companhia do telegrapho electrico vae pôr em execução uma medida de grande vantagem para o commercio. Trata-se de crear *estampilhas* telegraphicas, bilhetes carimbados, que se venderão em Londres, em París, e nas outras terras sob a fiscalisação da companhia. Cada uma destas estampilhas representará um despacho do valor de 5 schillings; de maneira que a pessoa que quizer transmittir um despacho, não tem a fazer mais do que escrevel-o, franquear por meio da estampilha, e remetter para o telegrapho.

Exposição universal de 1853. — A 7 do passado começaram em New-Yorck os trabalhos de construcção do edificio em que ha de ter logar a *exposição universal de industria* no anno proximo.

Publicações. — Acabam de publicar-se os seguintes opusculos de João Felix Pereira.

Compendio de Geographia	600 réis.
Rudimentos de Geometria, destinados principalmente ao uso das aulas de geographia...	240 »
Compendio de Historia Sagrada, para uso das aulas de instrucção primaria... ...	200 »
Compendio de Historia Sagrada, para uso das aulas de instrucção secundaria...	360 »
Compendio de Chorographia portugueza, terceira edição	240 »



Acon *

pedi ao guarda-marinha Capêllo, da guarnição do *Mondego*, para lhe tirar o retrato; o que elle executou da melhor vontade, e em poucos minutos, mas com tal perfeição, que a todos surprehendeu, e até ao proprio Acon, que mal podia crêr na possibilidade de vêr outro Acon defronte de si.

-São Acon, são! exclamou elle com alegria, mostrando o papel a toda a gente.

É este retrato que envio para apparecer nas columnas da *Revista*, se não houver alguma aristocratica objecção.

Agora mais duas palavras ácêrca do homem retratado.

É [illegible] onra[illegible] velho [illegible] meu [illegible] com[illegible]

conserva muito lisongeiros attestados; traz de renda a ilha Verde, que os padres do collegio de S. José desfructam; é muito respeitado pelos demais chins de Macáu, e é o subdito do celestial imperador mais leal á gente portugueza. Tem dado avisos muito salutares ao governo desta cidade, e é quasi impossivel que os chins formassem alguma conspiração contra nós, sem que elle o soubesse, e prevenisse, por consequencia, o governo. É geralmente estimado como o patriarcha dos mordomos de Macáu, e a sua intelligencia e actividade, nada têem perdido com a edade, e a borracheira. É casado com duas mulheres, e já lhe morreu uma outra. Tem uma filha casada, e um filho, ainda rapaz, que tambem está ao meu serviço, mas cuja estupidez contrasta com a espertesa do páe.

Eis-ahi o que sei do meu Acon, que é mais um amigo do que um creado, e que pela sua fidelidade aos portuguezes merece mais vêr estampada a sua rochunchada veronica, do que muitos medalhões, que por ahi fazem gemer as lithographias e os prélos.

Macáu, 12 de abril de 1852.

Francisco Maria Bordalo.

Caudelarias.

Esboço historico sobre a producção cavallar do paiz.

VIII.

No reinado de D. Sebastião.

Pelo que respeita á segunda parte, isto é, ao penso e condições dos progenitores hippicos, prescrevem-se ahi no regimento caudelico, e por entre um acervo de nonadas, alguns bons preceitos e accuradas regras. Assim: ordena-se menos mal a natureza da comida, e a maneira de arraçoar aos cavallos de lançamento no tempo da cobrição. Manda-se que cada um delles sómente acavalle 32 egoas, numero assàz modesto e prudente, pois que mais, poderia acavallar em todo o decurso de tempo que se marcava do 1.° de março ao dia de S. João Baptista, isto mesmo que cada egoa se lançasse por tres vezes ao cavallo. Era tambem demasiada prudencia, o ordenar-se não trabalhar com egoas seguras pelo cavallo os primeiros quarenta dias, e depois os ultimos quatro mezes, isto afim dellas não moverem ou deitarem crias fracas e rachiticas, pois hoje é provado que um trabalho regular, não excessivo, quasi em todo o tempo da gravidez, é summamente proveitoso á saude das gravidas, como aos interesses do criador.

É mui aguizadamente que se prescreve por entre algumas das insignificancias e puerilidades dos artigos 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38, certas condições de exterioridade e saude exigidas aos progenitores. Requere-se, e muito bem, que sejam: castiços, crescidos, de boas manhas e bom corpo, bom cabello e bem assignalados, de pelle fina e vascular, espaduas, costas e peitos largos, cascos bons, negros, lizos, membros enxutos, nervosos, não zambros, cabeça pequena e sêcca, olhos grandes, espertos, resplandecentes, limpos, negros, ventas grandes, abertas, etc., etc.; em fim que os cavallos tenham de seis a doze annos, as egoas de tres a doze; e todos livres estejam de qualquer achaque, e nomeadamente quartos, sobrecanas, sobreosso, esparvões, alifafes, agriões, polmoeira, e que não sejam revellões e máus comedores.

Dá-se comtudo ahi uma exaggerada importancia ás côres e signaes dos progenitores, e é isto até um dos pontos mais desenvolvidos no regimento. Com quanto não sejamos daquelles que duvidam e negam absolutamente essa importancia, concedendo mesmo que as côres deslavadas accusam pelo ordinario uma compleição fraca, que não é bom conjugar individuos de côres inteiramente oppostas (branco e preto, por exemplo) com o receio de virem productos malhados, e de alto calçado, que nem sempre são os mais apreciados, e têem pelo commum temperamento fraco e fracos cascos; concordando até, que as principaes côres, designadas ahi no regimento como melhores, o sejam de feito; não vêmos comtudo razão maior para que se faça da cromatographica e semeographia hippicas, um dos mais importantes assumptos, que péjam o dito regimento.

Ha bons cavallos em todas as côres, embora umas pelo geral melhor próvem que outras. Quizeramos antes vêr anteposta principalmente a qualidade da raça á qualidade da côr e dos signaes; valêra mais isso do que discutir o merecimento da posição dos redemoinhos, da estrella simples ou sobresaltada, de mais branco por diante do que por detraz, etc , etc.

Em todo o caso a selecção esmerada que se prescrevia sobre as qualidades individuaes dos progenitores, e peculiarmente do cavallo, até certo ponto, compensariam esta falta. No bello ginete andaluz, o typo mais perfeito das raças peninsulares, se encontravam em maior somma as qualidades exigidas; a elle se recorria talvez, já que não estava nas forças de simples lavradores, o fazerem-se dos typos mais selectos e genuinos do sangue oriental, que só o estado e alta nobreza, poderia haver, e talvez houvesse em suas privadas caudelarias.

No que respeita á terceira parte, isto é, as regalias e privilegios, que se concediam aos criadores, limitam-se tão sómente a permittir: que ao lavrador que tivesse tres egoas de ventre, e dahi para cima, se lhe não penhorasse por qualquer divida as egoas e potros que houvesse (art. 48); que nenhuma pessoa, qualquer que fosse sua cathegoria e condição, podesse tomar ao criador a egoa ou cavallo de padreação (art. 56), assim como não tomariam ao senhorio do dito cavallo a palha e cevada que para elle houvesse,

nem o obrigariam a servir de quadrilheiro em quanto durasse o tempo da cobrição (art. 58).

Vê-se por isto, que eram bem mesquinhos, que eram nenhuns, se póde dizer, os favores que os criadores recebiam, em comparação dos sacrificios que se lhes exigiam; e por tanto, não seria pela só força delles, que grande impulso e incremento se levaria á producção cavallar do paiz.

Ahi ficam pois muito em summa apontadas e analysadas as disposições fundamentaes do regimento candelico de D. Sebastião. Olhadas, a maioria dellas, pelo prisma da constituição politica de nossos tempos, não é muito que se classifiquem de altamente vexatorias e despoticas, e mesmo nos tempos de então pouco mais favoravel foi seu conceito. Comtudo, releva que ponderemos que a maior parte das medidas attinentes á producção cavallar até alli promulgadas, e que estavam em vigôr, não tinham outro caracter; e além disso achavam-se avulsas sem maior nexo e uniformidade alguma, e não attingiam por esse facto mesmo o escopo a que se propunham. O regimento chamando a ordem a este cahos, foi uma providencia salutar, uma medida mais em via então de alcançar esse escopo.

Mas conseguiu-o elle por ventura?

Dos preciosos documentos de archeologia portugueza, com que o nosso sabio e eloquentissimo historiador, o sr. A. Herculano, abrilhantou as columnas do *Panorama*. se póde até certo ponto inferir que alguma cousa, e em parte talvez por esse regimento, se houvera conseguido em beneficio da producção cavallar. Pois ahi se lê: — «que quando o cardeal Alexandrino foi enviado por Pio V, como legado ao nosso joven monarcha em 1571, entrando em Portugal pelo lado do Alemtejo, a seu encontro viera logo D. Constantino tio do duque de Bragança...,, — com 300 cavalleiros montados em *formosos ginetes*,,... depois veiu o bispo d'Elvas e corregedor do civel...,, os cavalleiros que vinham com elles seriam 300,,... A caminho d'Evora veio ao encontro D. Diogo, pessoa principal entre os visinhos da cidade, cavalgava um *formoso e bem arreado ginete* acompanhado de...,, 400 soldados bem postos e montados *em fermosos cavallos*,,... D. João duque de Bragança appareceu...,, com 200 cavalleiros gentis-homens montados á gineta em *bellissimos cavallos*...,, Affirma-se que este duque póde levantar 60,000 homens de peleja... afóra 6,000 cavallos...,, Entrando a embaixada em Lisboa, grande cometiva se lhe reuniu, e muitos cavalleiros, que seriam 1,000, quasi todos montados em *formosos ginetes* bem arreados,,... Visitaram-se as cavallariças reaes que estavam junto a S. Domingos, havia nellas 200 *ginetes*, todos excellentes e tratados em grande estima.»

Ora estes apontamentos archeologicos, que o sr. Herculano colheu de um relatorio que fizera sobre esta viagem o italiano João Baptista Venturino, pessoa que fazia parte da comitiva do legado apostolico, relatorio que se não deve talvez conceituar de exaggerado em nosso favor, porque os estrangeiros raras vezes costumam ser lisongeiros na historia de nossas cousas; estes apontamentos, repetimos, revelam-nos que a producção cavallar então se ostentava com algum primor sem muita deficiencia.

É verdade que eram pessoas de qualidade as que ahi se apontam, e póde ser então que seus cavallos, sendo alguns fructo dos bons potros das *caudelarias geraes do reino*, a maior parte o fossem antes das *caudelarias privadas* dos grandes senhores, que em seus estados ou terras privilegiadas, tinham muito a peito fomentar, por que era honra entre fidalgos bons cavalleiros serem, e bons cavallos ter.

As caudelarias geraes não tinham o favor nem os recursos daquellas; lavradores desajudados, e n'uma agricultura então mal aventurada, só por constrangimento fariam o que n'outras circumstancias, por via de interesse proprio, com mais vontade obrariam. Violentados a fazer parte da milicia geral do reino, a que o espirito bellicoso do monarcha obrigou tudo, ia-se-lhes no improductivo manejo das armas o tempo precioso que deviam empregar no manejar a charrua, e pensar seus gados. Para a malfadada expedição de Africa em 1578, os vexames os não pouparam; arrancados ás suas lides ruraes, lá foram nos campos de Alcacer-quebir, com o sacrificio de suas vidas e da independencia da patria, pagar cara a ousadia de seu tão aventuroso quão irreflectido e infeliz monarcha.

Para esta desastrosa jornada ao exercito pujantissimo de Moley-Maluco, constante de 44,000 infantes, e 64,000 cavallos, só se pôde oppôr 15,600 infantes, e unicamente 3,000 cavallos!

Custa a conciliar tão escassa cavallaria com os dados supra-expostos, que asseguravam uma soffrivel, se não copiosa, producção cavallar no paiz. Mas póde ser que a reluctancia e extremada opposição que se experimentou no povo para tão nefasta expedição, explique essa deficiencia de cavallos no exercito expedicionario; embora tenhamos que não fosse assaz lisongeiro o estado da dita producção, pelo facto mesmo de o não ser o estado da agricultura.

Em todo o caso, D. Sebastião, pelas leis que fez a respeito da criação cavallar, não é de certo somenos credor do conceito que a este proposito tributámos a seu avô D. João III. Se tivera o espirito conservador e pacifico deste, em vez do de cavalleiro bellicoso, melhores successos em tudo e por tudo nos correriam, porque no dizer dos historiadores, suas qualidades eram magnanimas, as de um principe perfeito, tinham um fundo de moralidade e patriotismo, que pena foi prejudical-o a ambição da gloria estulta e vã que tão cara nos custou: custou-nos o jugo de sessenta annos de escravidão, o despreso do temido nome portuguez, a ruina da patria, em fim, toda a sorte de calamidades e amargas desventuras.

(Continúa.)

S. B. Lima.

Estudos sobre Cabo Verde.

Ainda outra vez se applicou o monopolio, e foi no anno de 1757, em que foi creada a companhia chamada do Grão Pará e do Maranhão, á qual se entregou o commercio exclusivo destas ilhas, e de Guiné, como o tinha tido a que anteriormente existiu com o nome de companhia de Cacheu e Cabo Verde. Os erros d'então, a desgraça que elles causaram á colonia, não foram lição sufficiente para o governo, que parecia querer conhecer, por experiencia, quanto tempo podiam estas ilhas resistir ás suas medidas.

Como se ainda fossem pequenos os muitos favores que se fizeram á tal companhia, dos quaes faço abaixo menção, ainda por aviso de 1760 (13 de março) se lhe concedeu o de não pagar imposto nenhum pelas fazendas que exportasse de Portugal com destino para o consumo destas ilhas: favor este de que só a companhia tirava recursos, e que veiu a desfalcar os rendimentos da capitania, já tão diminutos. Era um verdadeiro engôdo que havia pelas companhias, que provinha da ignorancia das cousas do Ultramar, e da nenhuma vontade que havia de a vencer; achaque de que nunca mais ficámos livres, pois que ainda hoje delle adoecemos gravemente: e por isso tão sem ceremonia se lhes entregava o presente e o futuro desta colonia, como tenho feito vêr.

Desta vez, porém, deu-se mais um passo. Assim como se entregou a esta companhia o commercio todo, tambem se lhe entregou a administração e gerencia da receita publica. Todas as despezas de Cabo Verde eram pagas pela companhia, que se desembaraçava desse encargo, impingindo aos empregados, por bom preço, as fazendas que não achavam saída. Não sei em que anno recebeu esta incumbencia, apenas sei que no aviso de . . . . . de 1774 se ordenava que se lhe não consentissem estes pagamentos assim feitos; não obstante o que vi queixas de diversas auctoridades em 1777, accusando a companhia de que havia sete annos que não fazia um só pagamento em dinheiro; e por até a tropa só em fazendas de rebutalho, e por *preços muito exorbitantes*, podia receber os seus soldos; em virtude do que se ordenou ao governador, em provisão de 9 de novembro de 1778, que obrigasse a companhia a realisar estes pagamentos em dinheiro. Mas como havia elle de fazer cumprir esta ordem, e realisar a indemnisação devida pelo roubo, se a companhia já tinha sido extincta ha tres mezes, pois que o foi por decreto de 11 de agosto do dito anno? A ordem portanto nunca se cumpriu, e a indemnisação não teve logar, porque o governo não quiz.

Extinguiu-se esta companhia, mas para logo se erguer outra: ainda a colonia não era cadaver, as sanguesugas portanto não caíam, porque achavam ainda sangue que chupar. Em 18 de setembro de 1781 foi creada uma outra companhia «com os mesmos exclusivos da urzella e pannos de Cabo Verde, commercio da Costa d'Africa desde Cabo Branco até Cabo das Palmas, e introducção de escravos no Pará e no Maranhão, assim e da mesma fórma que o teve a companhia do Grão Pará e Maranhão.» A esta companhia deu o povo o nome de companhia do exclusivo.

Entre as diversas condições da sua creação lia-se uma, pela qual esta companhia se obrigava a entrar no erario com a quantia de 26 contos de réis, pagos aos quarteis vencidos, por indemnisação de ficar pertencendo á corôa a conservação e despezas de todas as praças que antes tinha a companhia do Grão Pará, prets, soldos, ordenados e congruas. Assim é claro que toda a despeza com Cabo Verde e Guiné cifrava-se apenas em 26 contos de réis annuaes.

E por decreto de 21 de janeiro de 1783 foram-lhe arrematados por espaço de quatro annos, e pela quantia de *cinco contos de reis* annuaes (condição 5.ª) todos os rendimentos reaes, ou fossem das alfandegas, dizimos, e foros (condição 2.ª), ou de outros quaesquer contractos e rendas que devessem, ou houvessem de pertencer á real fazenda na ilha de Cabo Verde e suas annexas (1), e nas praças de Bissau e Cacheu, e mais presidios subalternos.

Ainda hoje se ouvem os clamores deste povo pelas tropelias que lhe fez esta companhia, digna herdeira e successora da do Grão Pará, porque n'ella se encarnou o mesmo espirito de oppressão e de rapina, que tinha animado aquella. Felizmente para elle a sua duração foi mais curta, e menos duradouros por conseguinte os males que causou! Em 1786 deixou de existir, porém ainda por muitos annos duraram as liquidações de suas contas, e por conseguinte os effeitos de sua má gerencia. (2)

Parece que a maxima parte de seus caixeiros

(1) Na antiga fraseologia official a expressão: ilha de Cabo Verde e annexas, queria dizer a ilha de Santiago e Maio: assim como ilha do Fogo e annexas referia-se a esta e á ilha Brava: as outras ilhas chamavam-se ilhas de Valravento. Agora porém parece-me que esta expressão designa todas as ilhas do Archipelago, com quanto entenda que, referindo-se a todas, é tão mesquinha a quantia de 5:000$000 réis, como é exorbitante se unicamente se refere ás duas ilhas primeiro nomeadas.

(2) Ainda em 1792 durava essa liquidação, e por effeito della soffria o commercio muitos estorvos, não em relação com a metropole, que então se póde dizer que não existiam, mas nas transacções de pequena cabotagem, ou de umas ilhas para outras; comtudo houve logo uma notavel melhoria no tratamento dos urzelleiros, assim que a compra da urzella passou para a fazenda, o que teve logar em 1794, em que por provisão de 1 de março se mandou comprar um armazem que a extincta companhia tinha na Villa da Praia, a fim de nelle se armazenar a urzella; devendo o dito armazem pagar-se pela avaliação com o abatimento de 10 por cento.

Nunca os urzelleiros foram melhor tratados, e mais bem pagos do que nas occasiões em que a fazenda administrava este contracto. Faz-me lembrar o que aconteceu em 1841 na Villa da Praia, onde os urzelleiros cuidaram que o recebedor se tinha enganado, pois lhes dava mais dinheiro por uma menor quantidade de urzella, cujo preço se havia tambem diminuido. Isto honra muito o sr. José Gabriel Cordeiro, que era recebedor naquelle tempo.

e administradores tomaram tão bem as lições dos directores, que lhe fizeram a ella parte do que ella fez ao povo, guardando comsigo dinheiro e outros objectos confiados á sua guarda, e inutilisando os documentos e livros que lhes poderiam fazer carga. Com a extincção desta companhia, entrou-se de facto no commercio livre; e com quanto a Europa andasse por esse tempo em agitação, e logo depois em guerra, as vantagens da liberdade foram taes, que em pouco tempo apresentavam estas ilhas outra face, dando assim provas da sua vitalidade; e mostrando o que poderiam ter sido se lhes houvesse cabido em sorte outro governo. Profundissimos foram os golpes, sem remedio eram já os males que haviam soffrido; mas se a guerra as não tivesse estorvado, e Portugal as deixasse entregues a si mesmas, se tivesse havido um bom governo, estas ilhas mostrariam-hoje uma face bem differente da que apresentam.

Duas vezes lhes applicou Portugal o regimen do monopolio metropolitano, mas como não soube, ou despresou fazel-o acompanhar de suas consequencias genuinas, só conseguiu enriquecer alguns individuos, empobrecer uma provincia digna de melhor sorte, e perder em consideração e dignidade, assim como em poder e em interesses. Uma vez que teve a velleidade de lhe restituir o regimen do commercio livre, adulterou-o logo ao principio com um sofisma inqualificavel, e por isso não tirou della senão a pobreza e a vergonha: pobreza e vergonha que ainda nos affligem.

(Continúa.) *J. M. de Sousa Monteiro.*

Edital assignado com o nome de Philadelphia.

A todos os amantes da physica sobrenatural se annuncia, que, ha dois dias, chegou aqui na diligencia ordinaria, se bem que lhe seria facil vir pelo ar, o celeberrimo magico Philadelphus Philadelphia, de quem já Cardano faz menção em seu livro *de natura supernaturali*, chamando-lhe o abençoado do céo e do inferno. É aquelle mesmo que, no anno de 1482, estando no mercado publico de Veneza, atirou para as nuvens uma meada de barbante, e por ella trepou ao ar até que se não viu mais.

A nove de janeiro deste anno principiará elle a expôr aos olhos do povo publica e secretamente ao mesmo tempo, na praça do commercio, suas habilidades a um escudo, e continuará a melhoral-as todas as semanas, até finalmente obter seus quinhentos luizes de ouro. Entre ellas acham-se algumas, que, sem bazofia, excedem mesmo o maravilhoso, são, para assim dizer, absolutamente impossiveis.

O mesmo tem feito a graça de mostrar suas habilidades com o maior applauso diante de todos os potentados altos e baixos, de todas as quatro partes do mundo, e ainda na semana passada até na quinta parte do mundo perante sua magestade a rainha Oberea em Otahiti.

Elle se deixará vêr aqui todos os dias e a todas as horas do dia, excepto segundas e quintas-feiras, quando acalma o mau humor do congresso da sua gente em Philadelphia, nem das onze para as doze horas do dia, quando está occupado em Constantinopla, nem do meio dia até uma hora quando janta.

Das peças diarias de um escudo queremos expôr algumas; não talvez as melhores, antes as que se podem apresentar em poucas palavras.

1.° Elle tira, sem sair do quarto, o gallo da torre da egreja de S. Jacob, e o colloca sobre a egreja de S. João, e outra vez põe a bandeira da torre da egreja de S. João sobre a torre de S. Jacob. Depois de estar alli uns dois minutos, elle de novo a traz ao seu logar.

N. B. Tudo sem magnete, só por meio de sua ligeireza.

2.° Elle péga em dois dos individuos presentes, põe-nos com as cabeças sobre a mesa, e as pernas voltadas para o ar; depois empurra-os de maneira que elles se voltam com incrivel ligeireza, como peões, sem offensa de ser penteado ou da decencia em quanto á attitude, com a maior satisfação dos espectadores.

3.° Péga n'uma onça do melhor arsenico, pulverisa-o, ferve-o em duas canadas de leite, e o offerece ás damas. Logo que ellas sentem o effeito do veneno, fal-as beber duas até tres colheres de chumbo fundido, e a companhia se separa de bom humor, e rindo-se.

4.° Manda trazer um machado, e com elle dá uma pancada na cabeça de um sujeito, de maneira que o tal sujeito cáe por terra como morto. Aqui mesmo dá-lhe segunda pancada, e então o sujeito levanta-se immediatamente, e pergunta com um tom ordinario, que musica seja esta; ficando finalmente tão são como antes.

5.° Tira brandamente os dentes a tres ou quatro damas, fal-os misturar cuidadosamente uns com os outros n'um sacco diante da companhia, depois carrega com elles uma pequena peça, e lhe dá fogo sobre as cabeças das sobreditas damas; e então cada uma dellas torna a receber seus dentes puros e brancos.

6.° Uma peça metaphysica, outr'ora chamada ordinariamente *pan meta physica*, em que elle mostra, que uma cousa póde ao mesmo tempo, effectivamente ser e não ser, exige muitos preparativos e despezas, e elle a apresenta sómente para honra da universidade por um escudo.

7.° Toma todos os relogios, anneis e joias dos circumstantes, tambem dinheiro de contado, se o exige, e entrega um recibo a cada um; depois lança tudo n'um cofre, e parte com elle para Cassel. Oito dias depois cada pessoa rasga o seu recibo, e apenas este está rasgado, reapparecem alli relogios, anneis e joias. Com esta peça tem elle ganhado muito dinheiro.

N. B. Nesta semana será ainda no quarto superior da casa de commercio; mas para o futuro

lá em cima ao ar livre sobre o chafariz da praça. Pois quem nada paga, nada vê.

Göttingen 7 de janeiro de 1777.

Lichtenberg: traducção do allemão por

João Felix Pereira

Sceptro e punhal.

IV.

A alcôva da rainha.

(Continuação)

Seriam nove horas da noite quando o conde de Villamediana entrou em sua casa, que estava situada n'uma das extremidades da rua das Hortas.

— Fernando, disse o conde dirigindo-se ao seu criado grave, veiu alguem procurar-me?

— Não, senhor; mas deixaram este papel.

E dizendo isto, depositou-lhe nas mãos um bilhete fechado com todas as formalidades. O bilhete não trazia assignatura; mas o conde conheceu sem duvida a letra, pois, ao vêl-a, todo o sangue lhe affluiu ao coração, que começava a palpitar com violencia. O papel apenas continha estas palavras: — «Vinde immediatamente a palacio, pois ha uma pessoa que deseja fallar-vos esta noite. Para vossa segurança tomae cautela de vir bem armado. Na primeira galeria encontrareis quem vos guie.»

— Fernando, dá-me a minha cóta de malha, disse Villamediana depois de ter lido novamente o bilhete, e applicando-o a uma luz até que o viu reduzido a cinzas.

Obedeceu immediatamente o criado, e o conde, depois de vestir uma cóta de malha finissima por baixo do seu gibão, e de pôr no cinto um punhal de boa tempera, saiu do seu aposento carregando as abas do chapeu, e puxando até aos olhos a gola do seu capote.

No transito que fez até chegar ao palacio do Retiro, foi sempre olhando com cuidado para todos os lados, disposto a vender cara a vida, no caso de lhe haverem preparado alguma emboscada. Chegou porém a palacio sem inconveniente algum, e entrou na galeria que lhe designava o mysterioso bilhete.

— Muito haveis tardado, senhor conde, disse por detraz deste em tom baixinho uma voz feminil.

Voltou-se o mancebo surprehendido, e encontrou-se face a face com a duqueza de Olivares, camareira-mór da rainha, e, segundo se dizia, unica depositaria de todos os seus segredos.

— Não percâmos tempo, exclamou a dama, vendo que Villamediana ía responder. Seguì-me, e tomae conta de caminhar em silencio. Dizendo isto, abriu uma porta que dava para um corredor escuro, entrou para elle conduzindo o conde pela mão, e tornou a fechar a porta.

— Aonde me levaes? perguntou Villamediana não podendo dominar a sua impaciencia.

— Callae-vos! respondeu a duqueza com accento quasi imperceptivel. Caminharam por alguns instantes ás escuras por aquelle corredor, até que se ouviu o ruido causado pela mola de uma porta que se abria, e o ligeiro passo de uma pessoa que se aproximava.

— É o conde? perguntou uma voz que fez estremecer este.

— Elle mesmo, senhora, respondeu a dama.

— Está bem, duqueza. Só meu esposo tem a chave da porta deste corredor, e ha tempo que não faz uso della; mas ainda que seja excesso de precaução, deixae-vos ficar aqui, e tomae sentido que ninguem entre sem que nos aviseis.

Ouvindo esta ordem, a mão da duqueza abandonou a do galan, que immediatamente foi agarrada por outra não menos formosa e macia. Um fogo desconhecido circulou por as veias do conde logo que sentiu o contacto daquella mão, que apaixonadamente levou a seus labios.

— Sois vós, Isabel? disse com a voz quasi afogada por a commoção.

A dama apressou o passo sem responder; mas o conde sentiu tremer a mão que apertava a sua.

A portinha, cuja mola se tinha sentido ainda ha pouco, abriu-se, produzindo o mesmo ruido, e uma viva claridade deslumbrou os olhos do mancebo, que se encontrou, como por encanto, no gabinete da rainha onde refulgiam com profusão o ouro e o velludo.

— Villamediana, disse a rainha aproveitando o primeiro momento de surpresa do conde, tenho que communicar-vos uma noticia de grande importancia para ambos, e por isso me decidi a receber-vos na minha camara. Espero que o vosso comportamento não me fará arrepender desta falta, que commetti, contando com a vossa prudencia e com os nobres sentimentos que vos animam.

— Ah! senhora! respondeu aquelle lançando-se-lhe aos pés. Para que me fallaes de prudencia e de nobres sentimentos estando a vosso lado, onde não sinto senão amor?

— Levantae-vos Villamediana; a rainha vol-o ordena.

O olhar com que foram acompanhadas estas palavras era tão terno e supplicante, que o conde apressou-se em obedecer.

— Sois bem cruel, senhora, ainda que talvez tenhaes razão: dignae-vos perdoar a um insensato, que vos perderá por fim com a sua louca paixão. Se é vossa vontade, retirar-me-hei.

— Não, meu amigo: sentae-vos e escutae-me. Dizendo isto, designou ao conde uma cadeira e ella tomou assento em um canapé junto daquelle.

Isabel estava mais pallida do que costumava; mas isto fazia sobresahir ainda mais a sua formosura. Villamediana parecia devoral-a com a vista; e quando se encontrava o seu ardente olhar com o da rainha, um ligeiro rubor corava as faces desta, que baixava as assetinadas palpebras sobre os seus formosos olhos.

— Poderei saber, senhora, perguntou o conde, a que devo a fortuna de fallar-vos neste instante?

— Não adivinhaes? Não pensaes no perigo que corre a vossa vida?

— Eu não penso nem tenho pensado em outra cousa senão em vós, Isabel. A vida! e que me importa esse funesto dom que não posso gosar a vosso lado?

— Não obstante, deveis viver para as pessoas que vos amam.

— Ah! será certo que me amaes?

— Creio que já vol-o disse.

— É verdade; mas eu preciso que m'o repitaes a cada instante; quando estou longe de vós, mil tormentos despedaçam o meu coração. A vida, senhora! proseguiu com accento apaixonado; esse caminho semeado de flôres para os outros, e onde eu só encontro espinhos... a vida! o que encerra para mim essa palavra? Um presente funesto e um futuro sombrio! Apesar disto, neste momento em que posso vêr-vos sem testemunhas, em que ouço a vossa voz que me encanta, em que sinto o perfume do vosso alento, quão sensivel me seria perdel-a!

— Pois se a prezaes ainda, disse a rainha com profunda melancolia, não me torneis a vêr. Por piedade! esquecei-me para sempre: o meu amor é a vossa morte!

— Esse amor é a minha vida: a morte, seria o vosso esquecimento.

— Não obstante; é preciso que me esqueçaes.

— Isso não, nunca! Fazei-o vós, senhora, se sois capaz de tanta crueldade.

— Pois bem; já que o temor de perder a vossa existencia não vos affasta, pensae ao menos na minha, que se acha ameaçada por tantos perigos.

— E quem seria capaz de attentar contra ella?

— Quem tem direito para isso: meu esposo.

— Vosso esposo! e quem lhe deu esse direito?

— O juramento que fiz ao pé dos altares.

— E como tem elle cumprido o seu? Porque elle tambem jurou amar-vos e proteger-vos, e commetteu um perjurio: abandonou o vosso coração á mercê do primeiro cobiçoso, que quizesse conquistal-o, e eu que tive essa fortuna, só eu tenho direito sobre elle. A vossa vida! Desgraçado daquelle que não a respeitar!

— Villamediana, estaes-me martyrisando. Se não quereis perder-me, se não quereis abrir o vosso sepulchro e o meu, affastae-vos para sempre desta infeliz, cujo alento é um veneno para quem se lhe aproxima.

— E ainda dizeis que me amaes, Isabel! mentira! E eu que confiava em vossas palavras! Amaes-me, e quereis que me affaste! Desejaes de certo a minha morte, pois não poderia partir sem desprender-me deste coração que é todo vosso. Mas não importa, senhora... se assim o desejaes, affastar-me-hei... para sempre! E dizendo isto, levantou-se com desesperado ademan, dirigindo-se para a porta; deteve-se porém ao escutar os afogados soluços que suffocavam o peito da rainha.

— Dae-me forças, meu Deus, murmurou esta deixando-se caír quasi expirante sobre o canapé.

Villamediana horrorosamente pallido, e tendo já uma das mãos no fecho da porta, contemplou por um momento com angustia aquella scena: o amor e a compaixão triumpharam do seu espirito; ía lançar-se aos pés da sua amada, quando tres palmadas que soaram por detraz da porta secreta o deixaram como cravado no sitio em que se achava.

— Abri por piedade, disse uma voz que vinha do lado da referida porta.

— É a duqueza, exclamou a rainha levantando-se com rapidez, e correndo a abrir a porta á sua amiga.

— El-rei, senhora! disse a duqueza de Olivares entrando na alcôva com o rosto transtornado, e fechando atraz de si a porta. Isabel deu um grito de terror.

— Estou perdida; fugi, Villamediana.

— Por onde, senhora? respondeu aquelle olhando para todos os lados, e mais assustado pelo perigo que corria a rainha, do que pelo que elle mesmo corria. Abri essa porta.

— É impossivel! as minhas damas estão nesse gabinete.

— Já sinto os seus passos... disse a duqueza, a qual permanecia com o ouvido applicado á fechadura da porta.

O conde, fóra de si, dirigiu-se para a janella.

— Que ides fazer? exclamou a rainha adivinhando as intenções do seu amante.

— Evitar-vos a deshonra.

— Não, nunca: vinde cá... e abrindo as grandes cortinas do seu leito, mostrou ao conde um pequeno espaço onde apenas cabia de pé. Tomae cautela em não deixar sentir nem a vossa respiração, continuou a rainha em voz baixa e aproximando o seu rosto do rosto de Villamediana.

— Isabel, abri-me, disse uma voz por detraz da porta secreta.

A rainha fechou com precipitação as cortinas do leito, e foi collocar-se em uma cadeira, na qual se projectava a sombra da lampada.

— Podeis abrir, duqueza, disse a rainha em voz alta, em quanto mentalmente dirigia a Deus uma oração.

A duqueza de Olivares obedeceu, e dahi a pouco viu-se apparecer o rosto pallido e expressivo de Filippe de Austria.

(Continua).

Resposta a tempo.

O general... chegou de simples soldado a commandante de uma forte divisão. Passando um dia revista ás suas tropas, notou um soldado que levava as calças sujas, e aproximando-se delle, lhe disse com altivez:

— Como te atreves a apresentar-te nesse estado

diante de mim? Viste-me alguma vez tão porco como tu, quando era simples soldado?

—Não, meu general, respondeu o soldado todo confuso; mas por isso, a mãe de v. ex.ª era lavadeira.

Real Theatro de S. Carlos.

Tem continuado a representar-se a excellente producção de Bellini — *Os Puritanos*, conquistando sempre immensos applausos no seu desempenho — m.me Castellan, e os srs. Bartolini e Dall'Aste.

O sr. Swift vai progredindo na maneira de interpretar a parte de *Arthur*; e as manifestações lisongeiras que ultimamente o publico lhe tem feito, devem ter-lhe mostrado, que os esforços que faz por se adiantar, são devidamente apreciados e tidos em conta. Não desanime o sr. Swift; estude, evite quanto possa o uso do falsete, *que não está no gosto do nosso publico*; ou, pelo menos, procure arte de modificar o mais possivel a passagem dos sons de peito para os sobrelaryngeos, e a destes para aquelles, de modo que faça pouco sensivel a differença dos timbres; trate finalmente de adquirir conhecimento da scena, e fique certo que os applausos e merecidos louvores nunca lhe hão de faltar.

Na quarta feira (24) representou-se — *A Filha do Regimento* — fazendo a sr.ª Ercilia Agostini a parte da protagonista. — A opeça cahiu por um modo tão solemne, que esperamos se não torne a levantar. A falta do necessario numero de ensaios, foi uma das principaes causas da triste catastrofe, que estimaremos não tenha de repetir-se com outras peças.

A beneficio do advogado e distincto poeta o sr. Antonio Bindocci, representou-se na quinta feira a *Somnambula*. M.me Castellan cantou com uma perfeição e delicadeza superiores a todo o elogio, e não poupou nenhum dos maravilhosos recursos do seu talento para tornar o mais brilhante possivel o espectaculo dado em beneficio do insigne vate de Siena. O publico applaudio-a com enthusiasmo durante a representação; e no fim da peça chamou-a uma infinidade de vezes ao proscenio.

No intervallo do 1.º ao 2.º acto o beneficiado improvisou sobre os seguintes assumptos, escolhidos pelos espectadores entre os muitos, que tinham sido offerecidos.

O progresso das nações — Á morte de Gioberti — Annibal e Napoleão — O coração e a lingua das mulheres — Affonso Henriques na batalha de Campo de Ourique.

Em todos estes argumentos sobre que discorreu, o sr. Bindocci esteve felicissimo, e foi vivamente applaudido; mas a peça poetica, que maior impressão nos fez, e em que nos pareceu vêr o eminente vate mais profundamente inspirado e commovido, foi o magnifico soneto com *rimas obrigadas* — *Á morte de Gioberti*.

Suas Magestades a Rainha e El-Rei, e Sua Alteza o Principe Real, assistiram ao beneficio do sr. Bindocci. Nos camarotes e logares da platéa a concorrencia foi numerosa; o que nos parece deve ter contribuido para desfazer as desagradaveis impressões que no sr. Bindocci podesse ter deixado a pequena concorrencia, que teve ás duas academias de poesia extemporanea, que anteriormente deu na sala do *Gremio Litterario*, e na do *theatro de D. Maria 2.ª*

Ensaia-se a *Norma* com a sr.ª Castellan e o sr. Maccaferri.

Annuncia-se tambem, que vão começar os ensaios da opera *I Capuleti e Montecchi* com a sr.ª Ercilia Agostini *(Romeo)* e Rachele Agostini *(Julieta!!)* Será possivel?

Noticias Diversas.

Aria da Marinetta. — Tem ultimamente tido grande acceitação no theatro — *Carlos Felix* — de Genova, a opera do conde Giulio Litta, intitulada — *Maria Giovanna*. Um dos trechos de que sempre se pede o *bis*, é a aria da *Marinetta*, que agrada não só pelo espirito e graça com que está escripta a letra e a musica; mas pelo excellente modo porque a desempenha o baixo jocoso Carlos Cambiaggio, artista que, segundo nos consta, gosa de bem merecida reputação.

A letra da aria é a que em seguida publicâmos, e que devemos á condescendencia do illustre poeta o sr. Antonio Bindocci, auctor do *libretto* da opera a que nos referimos.

Era un dì fra ogni donzella
Marinetta la piu bella.
Un piùdin si vago avea
Cui l'ugual non si videa.
Vi calzava una scarpetta
Stretta stretta — Marinetta.

Stava un giorno a lei vicino
Tutto amante Calandrino.
Su quel piè le luci affisse,
Lo toccò, poi così disse:
Io vorrei la tua scarpetta,
Mia diletta — Marinetta.

Ma egli invan la richiedeva,
Essa il piede nascondeva;
Alla fin pensò di darla,
Calandrin volle provarla:
Cacciò il piè nella scarpetta
Della bella Marinetta.

Ma era il piè che vi cacciava
Troppo grosso e non vi entrava.
Marinetta, benchè invano,
Gli gridava di far piano;
Ma egli ruppe la scarpetta
Della bella Marinetta.

Ragazzette, che vicini
Spesso avete i Calandrini,
Se vi piace d'aver cura
Della vostra calzatura,
Rammentate la scarpetta
Della bella Marinetta.

Tivoli (Heinse).

Depois de uma jornada de cinco leguas sobre planicies, está Roma para a parte do nordéste, cercada por uma serie de montes, que se vão sempre estendendo para o longe, se apresentam orgulhosamente para o céo, formando abobadas, e são filhos do pae Apenino. Da parte do sul, a menor distancia, cercam-na meia duzia de altos vulcões, que ainda ha pouco ardiam. Desta maneira alli está assentada a rainha do mundo, sobre seus sete oiteiros, nas margens do Tibre, a quatro leguas do mar.

Ao oriente da cordilheira apparece Tivoli sobre o centro da primeira eminencia. Toda a agua, que se ajunta de longe nos cumes do Apenino, fórma o Teverone, corre furiosamente por alli atravez de um valle estreito, e se precipita agora immediatamente na cidade, na profundidade de uns duzentos palmos; os outros regatos, que ainda antes da cascata principal, correm atravez da mesma, para uso de alguns moinhos, fazem outras pequenas cataractas. Em tempos anteriores, talvez ha muitos milhares de annos, estava a cascata na planicie logo no começo da eminencia, como claramente se vê dos rochedos de Tartan, que a corrente leva ricamente comsigo, e que ficam atraz. Pouco a pouco, porém, esta corrente tem formado um estreito valle, que, tendo agora meia legua circularmente, se dirige junto da montanha em roda de Tivoli. O céo puro, a frialdade da agua dos montes, que em suas quédas refrescam incessantemente o ar com uma chuva muito miuda; as saudaveis veias de agua das proximidades, os muitos pontos bellos de vista para os montes e largas planicies desde Roma até ao mar, attrahiram tanto os antigos senhores do mundo, que ainda hoje tudo em roda está cheio das ruinas de suas quintas.

Ninguem cantou mais Tibur do que Horacio, e suas poesias mostram, quanto elle sentiu sua frescura e encanto. Por isso são ainda estes logares seu mais vivo commentario, e aqui entende-se Horacio, como se fôra a linguagem de um amigo, com quem se reparte o prazer. A situação de sua pequena quinta alli mesmo parece tão bem escolhida para um observatorio de todas as scenas da natureza, que alli se passam. Um rochedo com ferteis campos atraz e aos lados entra no comprido valle; defronte, na distancia de um tiro de caravina, estava a antiga cascata do Anio (hoje Teverone), a cidade com o magestoso templo de Hercules, e em roda o pequeno amphitheatro exterior de montanhas; á mão esquerda, o terreno em que estava o bosque de Tiburno, e á direita, por entre os alegres valles, cheios de casas de campo, se ia alargando o valle até se converter na planicie com suas arvores fructiferas e oliveiras, humedecido e refrescado pelas correntes e refrigerantes vapores, e ao longe estava a soberba Roma, e brilhavam as claras profundidades do mar.

Muito recentemente causaram aqui surpresa muitas odes de Horacio, que pozeram o mundo antigo mais vivamente diante dos olhos. Aqui existe ainda uma boa porção do *moles, propinqua nubilus arduis*, de Mecenas; e já alguns architectos, sem terem diante de si este logar, e sem se referirem a elle, sustentaram, fundados nos magnificos restos, que este edificio devia em altura exceder a igreja de S. Pedro.

A quinta de Mecenas estava logo na primeira

vertente do oiteiro de Tivoli, e gozava illimitadamente dos maiores pontos de vista; os vulcões de Albano com suas varias alturas e profundidades davam uma especial perspectiva, que a mesma Tibur e outras differentes quintas não tinham.

Atravez das grandes abobadas inferiores do palacio vae a *via valeria;* e as duas monstruosas paredes de triplices arcadas, dobradas umas sobre outras, que ainda existem, offerecem um aspecto de antiga pompa e dignidade, magestade e repouso, tão estranho e particular, que raras vezes se encontra dentro um francez.

No pateo está o edificio, agora entulhado até á metade do arco superior com a terra de uma vinha, cujas cepas occupam todo o espaço, e se estendem mesmo sobre as ruinas, e ornam a escura antiguidade com um manto juvenil e alegre. As abobadas estão cobertas de mil arbustos, hervas e musgo, e por baixo corre mugindo a agua atravez de um canal, como uma seta, sobre um moinho, e se precipita na profundidade sobre a verde vertente de um rochedo.

As quédas de agua dão a Tivoli o mais attrahente encanto. A quéda do Teverone é logo que elle apparece diante da cidade por detraz dos montes, junto do templo da Sibylla, que tão celebre se tornou pelas paizagens de Claudio de Lothringen, de Poussin, de Bernet e Dieterich.

Este pequeno templo redondo de ordem corinthia, bello resto da antiguidade, é considerado pelos antiquarios como um templo de Vesta, porque Serlio e Palladio o consideram como tal, principalmente por causa de sua redondeza. Mas outras deusas tambem tinham templos redondos; e porque ha de o templo da Sibylla ser anguloso? E em que tempo se lembraram de repente os habitantes de Tivoli, de chamar templo da Sibylla ao seu templo de Vesta? E o logar de Varrão em Lactancio é talvez bastante claro: — «A decima Sibylla é Albunea, quae Tiburi colitur, ut Dea, *juxta ripas Aniensis.*» — Das quinze columnas travertinas, que cercam seu interior, afastadas umas das outras com a maior elegancia, ainda existem dez direitas com suas vigas, e do interior do mesmo modo existem dois terços com uma porta e uma janella. A porta fronteira é ainda o arco de um largo altar, onde sem duvida esteve a imagem da Sibylla, porque nos tempos antigos nenhum se levantou a Vesta.

A poucos passos dalli se precipita na profundidade o Teverone, espumando e mugindo em cavernas subterraneas, que pouco a pouco em seculos elle tem aberto atravez de rochedos, onde se não vê de cima por certo espaço. Mas descendo de lado, desfructa-se o mais admiravel espectaculo. Sáe de uma gruta monstruosa, de muitas abobadas de certa especie de alabastro, dos lados de um vapor humido como de poeira, faz bulha, e se enfureoe como um verdadeiro deus marinho, moço e irritado, que, á maneira de um Rinald de Armiden, se arrasta atravez de todas as cadêas e prisões encantadas da terra para ír ter com seus irmãos, e outra vez quer arremessar os navios com seus pequenos homens nas tormentas do oceano até aos astros. Á roda estão todas as paredes cobertas de grandes plantas aquaticas e mato, e logo que apparece, uma corrente se precipita nelle por outro canal de uma altura de cem pés, e é tal a violencia, e tão fresca e serena a vida de qualquer, que de alegria se perdem os sentidos.

Todavia a chamada grande Cascatella, que se deriva de um grande regato, que pela parte de cima da cidade é levada do rio antes da quéda para differentes moinhos, excede muito no pittoresco esta cascata principal do Teverone; a qual fica a um quarto de legua de distancia. É a mais encantadora que tenho visto desta especie, e a cousa mais agradavel de todo o romantico valle, que desde a cascata principal se estende graciosamente em roda de Tivoli por entre as cordilheiras. Um duplo theatro de verdura, ficando uma parte sobreposta á outra, saindo do meio de rochedos cobertos de musgo, revestido de alcatifas de plantas succulentas, e de largas folhas, rodeado de delgados freixos e choupos, de paredes de hera e de mato rasteiro de mil especies, feito como pelo encanto de uma fada omnipotente, sobre o qual a agua em muitas quédas se lança das alturas espumando, e em delicadas e crespas perolas paira e se precipita na profundidade, effervesse, e n'um fresco redemoinho de pó volteja em brilhante illuminação, que tudo mantém em encantadora pompa, imprime na alma uma viva imagem da belleza fresca e juvenil.

A verdadeira illuminação faz muito effeito, e termina a magia. É como se todo o enfeite e encanto da vida acabasse, e a propria belleza se desfizesse, quando os raios do sol já não mantém o todo. A melhor luz é precisamente a pleno meio-dia; assim como cada terra tem seu tempo proprio, em que existe no mais alto gráu o que é. Pela manhã e á tarde tudo está simplificado.

Depois desta grande cascatella continuam a seguir-se atravez do valle outras mais pequenas, assim como pela parte de cima seguem os moinhos de polvora, azeite e trigo; a da quinta de Mecenas fórma um pomposo remate.

É pena, que os pintores não possam dar ás suas representações nem o tom do agradavel ruido, nem o movimento, nem a rapida quéda, que tem sempre uma vida nova, e que seja tão difficultoso representar de côres a agua e espuma em sua quéda, donde resulta a pintura da cataracta. Quem sómente copia desenhos, e não alcança da propria natureza em felizes horas de pastor o encanto das côres nos differentes matizes do ar, as distancias, arvores, aguas, plantas, musgo e rochedos, pelo gosto que tudo excede muitas vezes no proprio logar, nunca attingirá o elevado fim; póde não fazer esquecer sua arte, e nunca fascinar perfeitamente.

Traduzido do allemão por

João Felix Perira.

Estudos sobre Cabo Verde.

Durante o regimen da liberdade, o commercio destas ilhas (Fogo e Santiago) era feito com Guiné principalmente, e com os estrangeiros por accessorio. De Guiné recebia-se o ouro, a cêra, e os escravos, e poucos artigos mais em que se mercadejava livremente, e os artigos de exclusivo da corôa, que só por sua conta se vendiam; em retorno de pannos, agua ardente e quinquilherias, e fazendas diversas, que ou se produziam em Cabo Verde, ou alli se recebiam de Portugal e dos estrangeiros. Esta liberdade e franqueza tinha por certo seus inconvenientes, mesmo em Guiné, mas tinha tambem suas utilidades que, se não compensavam aquelles, e bem longe estou de o dizer, podiam facilmente ser desenvolvidas por fórma, e os males reduzidos a ponto, que a compensação fosse evidente, e mais ainda em vantagem nossa; mas não se fez assim.

Nos meus primeiros artigos já disse bastante sobre as causas que me parece levaram o governo a dar o errado passo que deu, e as consequencias que esse passo produziu com relação á população, para que agora julgue desnecessario repetir-me; comtudo sempre direi que o modo por que as transacções se effeituavam, e tambem a posição da ilha de Santiago a tornava um entreposto, aonde vinham despachar por saída os navios e as mercadorias de Guiné, e aonde por isso accudiam os navios, e mercadores europeus, que íam buscar e conduzir para a Europa os productos africanos, ou abastecer-se de gados, e victualhas; assim como era na alfandega da referida ilha que se fazia o despacho das embarcações que íam mercadejar a Guiné, ou ás outras ilhas; o que, se por um lado fazia com que alli affluissem muitos cabedaes, por outro dava margem a fraudes escandalosas. Este systema do despacho geral na ilha de Santiago continuou de direito até 1818. (1)

Bem sei que o erario recolhia poucos interesses com os rendimentos das alfandegas, que já mostrei quanto era mesquinho; mas o que obtinha pelo exclusivo dos artigos que havia reservado para si, assegurava-lhe o necessario para pagar ao mui diminuto numero dos seus empregados os mesquinhos ordenados que percebiam, se houvesse fiscalisação, e limpeza de mãos nos chamados védores da fazenda (os ouvidores) a quem estava confiado tudo o que respeitava á fazenda publica. Eu disse que os ordenados eram mesquinhos, e assim havia de ser, entre outras razões, porque todos estes empregados eram estabelecidos, ou brevemente se estabeleciam no paiz, e como podiam entregar-se ao commercio, e delle tiravam abundantissimos recursos, pagavam-se com a honra de servirem o estado pela influencia que lhes assegurava a qualidade de empregados publicos, quasi sempre acompanhada de uma patente militar que os nobilitava aos olhos da população.

Foi durante este regimen da liberdade do commercio que se fizeram as grandes casas desta ilha e da do Fogo, que se levantaram os sumptuosos edificios que adornavam a cidade da Ribeira Grande, que na mesma se multiplicaram os templos, e de que ainda hoje os raros restos de cantaria e de marmore de seus destruidos edificios attestam o antigo luxo e a passada grandeza. O enfezamento da villa da Praia, elevada á cathegoria de capital da provincia durante o regimen do monopolio, e ainda agora de mesquinha apparencia, comparado com o esplendor da cidade, mostra bem que a riqueza de então alli e a miseria de hoje aqui, procedem esta do monopolio, e aquella da liberdade commercial; porque a villa da Praia conta vantagens que não possuia a cidade da Ribeira Grande, já na maior salubridade, já na sua melhor posição maritima.

Chegou depois a vez do systema mixto, que começou pelo anno de 1790 pouco mais ou menos; mas que logo degenerou no monopolio de facto a favor dos estrangeiros. Diversas causas concorreram para isso: a indifferença desdenhosa do governo da metropole, que lhe não consentia demorar suas vistas para esta pobre terra; o descostume em que já estavam os navios portuguezes de abordarem a estas praias; a avidez de alguns especuladores que, por não attenderem á differença dos tempos, queriam vender por altos preços e com dinheiro á vista os peiores generos, quando os estrangeiros vendiam melhores, por preços mais commodos, a prasos razoaveis, e recebiam de preferencia outros generos de producção das ilhas em pagamento; e finalmente a protecção que a estes davam os governadores, porque produziam mais receita para as alfandegas.

(1) Depois que se estabeleceu o monopolio das companhias, e que por effeito delle foram cerrados aos estrangeiros os portos do Archipelago e de Guiné, caducou necessariamente a legislação que os obrigava, como aos portuguezes, a irem abrir e fechar os seus despachos á alfandega de Santiago, e pagarem alli os direitos devidos por entrada e por saída. Quando em 1703 essa exclusão aos estrangeiros foi modificada, não parece que se tivesse restabelecido a antiga legislação pelo menos com relação a elles; mas com relação aos portuguezes encontrei o alvará de lei de 7 de julho de 1714, que se apressou a restabelecer as antigas disposições, prohibindo que qualquer navio portuguez podesse ir a Cacheu, ou a outro algum ponto da jurisdicção de Cabo Verde, sem primeiro ir á ilha de Santiago; o que seria tambem obrigado a fazer no fim do seu negocio para despachar e pagar na alfandega da referida ilha os direitos que devesse. Esta ordem torna-se tanto mais notavel por ser de um governo que inculcava querer que só os seus nacionaes gosassem das vantagens do commercio com a Africa, mas que apesar disso não escrupulisava de os avexar com exigencias absurdas.

Esta ordem cumpriu-se com mais ou menos rigor até 1818, em que o fallecido Martins mandou da ilha da Boa Vista á Costa d'Africa um navio seu, que não foi á ida, nem na volta á alfandega de Santiago; o governador mostrou velleidades de o punir por essa infracção, mas cedeu do seu proposito, e desde então nenhum navio mais foi a Santiago para poder ir a Guiné, ou ás outras ilhas do Archipelago; e assim por uma desobediencia acintosa caiu de todo uma disposição insensata.

Por todas estas razões, foram rareando cada vez mais as embarcações portuguezas, de sorte que no fim da guerra póde dizer-se que o commercio destas ilhas estava todo nas mãos dos estrangeiros, principalmente dos americanos.

Aqui está como a falta de perseverança no primeiro, a falta de lealdade no segundo, e a culposa ignorancia das cousas no terceiro meio, foram causa de que a provincia não recolhesse de nenhum delles os proveitos que podia, e devia recolher.

(Continúa.) *J. M. de Sousa Monteiro.*

Sceptro e punhal.

IV.

(Continuação)

— Perdoae, senhora, se contra o meu costume venho incommodar-vos a uma hora, que talvez destinasseis a occupações mais gratas do que a de conversar commigo, disse o rei aproximando-se de Isabel com galanteria, pegando-lhe na mão e levando-a aos labios.

— Com effeito, senhor, balbuciou esta, a vossa presença neste sitio e a tal hora não deixa de causar-me admiração.

— Se vos incommodo retirar-me-hei.

— Oh! não, senhor: concedeis-me tão poucas vezes o prazer que agora desfructo, que não obstante ser tardia, nem por isso devo apreciar menos a vossa inesperada visita.

— Duqueza, deixae-nos sós.

— A de Olivares inclinou-se e saíu da alcova, não sem dirigir um furtivo e inquieto olhar á sua senhora.

O espanto e a angustia da rainha tornavam-se cada vez mais terriveis, e se não estivesse favorecida pela sombra da lampada, não deixaria seu esposo de notar as continuas alterações do seu rosto. Filippe assentou-se ao lado de Isabel com algum embaraço, como se tivesse vergonha do que ía dizer, e finalmente rompeu o silencio nestes termos:

— Não ignoraes, amada esposa, que apesar da conformidade de edades e das notaveis prendas que vos adornam, verificou-se o nosso enlace, sem que os nossos corações interviessem nelle em cousa alguma.

A rainha inclinou a cabeça em signal de assentimento: Filippe continuou:

— Previno-vos primeiro que tudo, que decidindo-me a dar o passo que agora dou, resolvi descobrir-vos sem rebuço os sentimentos que me animam, e apresentar-me ante vós como perante um juiz que deve julgar severamente as minhas acções.

— Eu, senhor! disse a rainha, assustada com aquelle exordio, cujo fim ignorava.

— Sim, vós, Isabel; é inutil que vos queiraes fazer ignorante, pois sei que em muitas occasiões vos tendes queixado do meu comportamento, cujas faltas espero que perdoareis quando acabardes de me ouvir.

— Enganaram-vos, Filippe, respondeu a rainha tratando de cortar a conversação, que ia tomando um aspecto assustador. Eu nunca me queixei do vosso comportamento; e ainda que é certo não ter nunca encontrado em vós um esposo enamorado, tenho porém visto em compensação que me prodigalisaes todas as considerações, que o meu estado e posição exigem.

O rei, ouvindo estas palavras, fitou os olhos com desconfiança nos da rainha.

— Segundo vejo, parece que o meu comportamento não vos desagradava, cara esposa, disse com forçada ironia, e que não se vos daria que continuasse a proceder do mesmo modo.

Isabel apressou-se a emendar o máu effeito de suas palavras.

— Inepto sois, Filippe, se não haveis conhecido que as minhas razões são filhas do resentimento.

— Talvez assim seja, respondeu o rei, não completamente satisfeito, mas o resentimento em uma esposa que ama seu marido não deve existir no momento em que este se arrepende da sua indifferença.

— ¿E acreditaes, senhor, que a vossa indifferença não me tem custado bastantes lagrimas?

Esta exclamação involuntaria da rainha pareceu socegar completamente a Filippe, que lhe pegou na mão com ternura.

As cortinas do leito agitaram-se quasi imperceptivelmente: Isabel estremeceu.

— Que tendes, minha amiga? disse o rei. Estaes tremula e agitada. Vejo que luctaes debalde contra os sentimentos do vosso coração, e que brevemente alcançarei o vosso perdão; ainda que antes de exigil-o espero merecel-o.

A rainha fez um esforço sobre si mesma. A sua posição era terrivel.

— Como vos ía dizendo, senhora, continuou Filippe, as faltas que tenho commettido para comvosco teem sido filhas unicamente da minha inexperiencia e da estranha posição em que me achava. Meu pae, occupado só em suas piedosas tarefas, descuidou-se da minha educação, e deixou-me em curta edade senhor absoluto das minhas acções. Com uma imaginação ardente e um coração sequioso de prazeres, lancei-me com avidez no caminho das emprezas amorosas... Perdoae a minha franqueza... E em breve tempo não se fallava na côrte senão das minhas loucuras e dissipações. Começou então a tratar-se do meu casamento. Na posição em que se achava o meu espirito, não considerei o matrimonio senão como um laço armado á minha liberdade; mas a conveniencia do estado assim o exigia, e vi-me obrigado a ceder. Repito novamente, que sentiria que a minha franqueza vos offendesse.

— Não por certo; continuae, disse a desditosa Isabel, opprimida por mortal inquietação.

— O que depois se passou sabeis-lo tão bem como eu. Nas primeiras entrevistas parecestes-me

formosa; mas olhei-vos por um prisma pouco favoravel, e propuz-me adoptar um comportamento indifferente, frio, e de que na verdade a vossa belleza não era credora. O meu affastamento de vós durou até hoje, e se, como acredito, vos causei algum pesar, peço-vos perdão uma e mil vezes... Concedeis-m'o, Isabel?

— É inutil que me suppliqueis uma graça, que ha muito tempo vos concedi, senhor, disse a rainha com debil accento.

— Rogo-vos, minha esposa, que não me acabrunheis com esse tom ceremonioso que desmente completamente as vossas palavras. Imitae o meu comportamento, e dizei-me sem rebuço o que devo esperar do vosso indulgente coração.

— Mas não adivinho aonde conduzem esses preliminares...

— Que vos desagradam; não é verdade, senhora? disse Filippe interrompendo sua esposa, e tornando a dar entrada em seu peito á desconfiança.

A rainha estava em torturas: temia por um lado excitar as suspeitas de Filippe, e por outro irritar os zelos do escondido galan, testemunha terrivel daquella conferencia, que em outro tempo teria inundado de jubilo a sua alma. Mil vezes teve tentações de arrojar-se aos pés de seu esposo e confessar-lhe a sua fraqueza; mas sabia tambem aonde podia conduzir o excesso da paixão ao imprudente amante occulto detrás das cortinas.

O rei percebia sem duvida a lucta de que sua esposa estava sendo victima, e continuava lançando-lhe aquelle olhar penetrante e perscrutador a que poucos podiam resistir: o seu espirito era extremamente perspicaz, e a vacillação da rainha despertava em seu coração mil recordações, que quizéra esquecer para sempre.

Isabel fez o ultimo esforço sobre si mesma, esforço que devia esgotar completamente a sua energia, e procurando revestir-se de um ar de resentimento e até de galanteio, que não teria enganado a seu esposo, se este podesse observar as contracções do seu rosto, disse:

— Julgo, senhor, segundo posso colligir das vossas palavras, que o que me vindes propôr, é uma reconciliação.

— Adivinhastes, Isabel. A minha visita não foi com outra intenção.

— Ainda que não deixo de apreciar no devido valor a ingenua confissão de vossas faltas para commigo, deveis convir, esposo, que o vosso arrependimento é alguma cousa tardio.

— Nunca é tarde, exclamou o monarcha enganado pelo tom com que foram pronunciadas estas palavras, para o que se arrepende tão sinceramente como eu. Espero que não sairei d'aqui, querida amiga, proseguiu levando aos labios a mão que apertava entre as suas, sem que a vossa bôca pronuncie o desejado perdão.

— Oh! senhor, ainda não vos impuz a penitencia, e já quereis que vos dê a minha absolvição?

— Amada Isabel, sêde compassiva como sois formosa, disse com voz branda o rei cingindo com os braços a esbelta cintura de sua esposa.

— Filippe, deixae-me por piedade, disse a infeliz procurando soltar-se suavemente, e fitando o seu olhar errante nas cortinas que occultavam o conde. Estas agitavam-se com um movimento bastante visivel: a rainha exhalou um debil gemido: a sua energia tinha-se esgotado completamente, e quando o rei pousou seus ardentes labios sobre aquella fronte pura e celestial, achou-a pallida e fria como a de uma estatua.

— Soccorro!... soccorro! gritou o monarcha dirigindo-se para a porta que communicava com o gabinete contiguo.

Abriu-se esta precipitadamente, e appareceu a duqueza seguida por algumas damas: outro personagem, que os nossos leitores já conhecem, vinha na rectaguarda: era o bôbo.

— Amparae a rainha, exclamou Filippe aproximando-se outra vez inquieto ao sitio em que estava sua esposa.

— Senhor, disse a duqueza depois de a ter examinado, e lançando um olhar receioso por todo o aposento; é um pequeno incommodo que passará logo que respire o ar livre. É preciso tiral-a d'aqui.

— Immediatamente, disse o rei. A duqueza respirou com liberdade, porque temia que o rei, como era natural, quizesse deitar Isabel no leito e abrir as janellas da alcôva. Felizmente não aconteceu assim, e o mesmo Filippe ajudou a levar sua esposa para o gabinete contiguo, para o qual se dirigiram todos, excepto Nicolasico.

As damas desaportaram o vestido da rainha, que foi collocada em frente de uma janella aberta: o ar fresco da noite pareceu reanimar-lhe os sentidos, ainda que não lhe dissipasse a mortal pallidez. A duqueza fez-lhe aspirar um frasquinho de essencias: Isabel ergueu então a formosa cabeça; mas os seus olhos permaneciam immoveis, e as côres não voltavam áquelle rosto desfigurado.

— É preciso leval-a para a cama, disse Filippe observando com inquietação o estado da rainha.

— Esperae, senhor, exclamou vivamente a duqueza. Deixae que o ar livre a reanime.

O rei fixou então a vista em uma das damas, que tratava de occultar-se entre as outras para illudir os seus olhares.

— Vós aqui, Isabel! disse-lhe o rei com uma inflexão de voz que parecia severa.

Um vivo rubor assomou ás faces de Isabel de Gusmão: ía responder, quando um ruido estranho, que se ouviu na alcôva visinha acompanhado de um guincho agudo e penetrante, afogou a voz em sua garganta.

Todos ficaram mudos de espanto, menos o rei.

— O que é isso, Nicolasico? gritou entrando precipitadamente na alcôva. Mas esta estava deserta: o rei esquadrinhou todos os cantos, abriu as cortinas do leito: não havia ninguem.

Um segundo gemido menos perceptivel do que

o anterior, e seguido de um rumor confuso de passos que se iam affastando gradualmente, tornou a ferir seus ouvidos: o rumor tinha soado por detráz da porta secreta.

Filippe tocou na mola e empurrou a porta com violencia; mas ella abriu-se lentamente impellindo adiante de si uma massa inerte: o rei baixou-se para reconhecer o que era: achou o corpo do bobo.

Uma idéa repentina cruzou então por a mente do monarcha, o qual desembainhando a espada se lançou ás apalpadelas no escuro corredor. Já não se ouvia o ruido de passos que ha pouco tinha chamado a sua attenção, e chegou á galeria sem encontrar obstaculo algum. A galeria tambem estava deserta.

— Escapou-se, disse então com voz rouca; e embainhando a espada poz-se a caminho outra vez por o mesmo sitio.

Quando entrou na alcôva, as damas cercavam Nicolasico, a quem haviam collocado em uma cadeira: não tinha ferida alguma, porém só algumas nodoas roxas na garganta: ainda respirava; mas debilmente.

As damas retrocederam assustadas quando viram entrar o rei pallido e desgrenhado: o seu rosto tinha soffrido completa transformação: á animada agitação de suas feições succedêra uma fria immobilidade: aquelle soccego era mais terrivel do que a cólera que tinha mostrado poucos momentos antes.

— Vive? perguntou no momento de entrar na alcova.

— Ainda respira, senhor.

— Pois chamem immediatamente o meu medico, e prestem-se-lhe todos os auxilios necessarios. Neste momento a vida desse bôbo é para mim mais preciosa do que todas as dos meus vassallos.

(Continua).

Le Retour.

CHANSONNETTE.

Musique de A.

Tu dois venir; mon cœur palpite,
Car tu apportes le bonheur.
Oh! mon amour, retourne vite,
Ne fais souffrir ce pauvre cœur.

Oh! la voilà! Au bord du Tage,
Je vais attendre la vapeur;
Et quand le Ciel m'envoie ce gage,
Le Ciel aussi vient dans mon cœur.

Mon ame triste, est si contente,
De retrouver l'aimable fleur!
Elle ne fut jamais absente;
Son beau portrait remplit mon cœur.

Oh! la voilà! Au bord du Tage,
Je vais attendre la vapeur;
Et quand le Ciel m'envoie ce gage,
Le Ciel aussi vient dans mon cœur.

Pedro Dinix.

Statistica theatral.

Copiámos de um periodico de Paris a seguinte curiosa noticia:

De um exame especial, feito ultimamente, resulta que cada anno tomam parte em Paris, proximamente, na representação das obras theatraes, 2,043 pessoas; 1,142 homens, e 901 mulheres; 793 são artistas, 552 coristas e discipulos, e 698 comparsas.

Os ordenados destas 2,043 pessoas, montam a uma somma de 3.534:990 francos.

Em 1849, os ordenados maiores não passavam de 4:350 francos mensaes, e os menores de 25 francos, ainda mesmo nos theatros mais insignificantes.

Os ordenados dos primeiros papeis são actualmente duplos do que eram ha trinta annos.

Os primeiros cantores da opera recebiam em 1713, 1:500 libras por anno (pouco mais ou menos 1:500 francos); de 1782 a 1786, de 5:000 a 15:000 libras; durante o imperio, de 18 a 20:000. Nestes ultimos annos, os nossos primeiros cantores tem sido contractados, proximamente, por 50, 60 e 80:000 francos.

O theatro francez tinha, em 1810, 17 pensionistas, que recebiam, entre todos, 45:200 francos. Em 1840, 28 pensionistas custavam 118:617 francos; e em 1815, 38 receberam 130:242 francos.

A opera e a comedia franceza contam, além disso, com um pessoal de artistas, fóra do seu quadro activo, com ordenado. A opera tem na actualidade 17, que custam 22:000 francos, e no theatro francez ha 22 socios e pensionistas reformados, que receberam este anno 126:625 francos.

Os 552 coristas e discipulos recebem 377:450 francos por anno, e os 698 comparsas 155:206 francos.

Os comparsas dividem-se em duas cathegorias: para uns é uma verdadeira profissão, e ganham até 80 e 90 francos por mez: estes podem chamar-se os coripheus do officio. Em quanto aos outros, são geralmente obreiros que vencem ordinariamente de 25 centimos até dois francos, os homens, de 50 centimos a dois francos, as mulheres, e de 20 a 30 centimos, os rapazes. Antes da revolução, os comparsas da opera eram escolhidos d'entre os guardas francezes; agora unicamente o Circo está auctorisado para fazer uso dos soldados nas peças militares.

As orchestras dos theatros de Paris compõem-

se, incluindo os directores, de 999 musicos, cujos ordenados annuaes sobem a 601:850 francos.

O valor bem avaliado.

Demonstrava um dia certo official hespanhol o valor de seus soldados por esta maneira:

«Ha tanta differença de um soldado castelhano a um portuguez, como do vivo ao pintado; e se não veja-se: vem uma bala, derriba a barretina ao hespanhol, e elle apesar disso fica firme. Vem outra bala, atravessa-lhe a patrona, e o soldado conserva-se cada vez mais firme. Vem uma bala, atravessa o coração ao portuguez, ou fura-lhe a testa, e elle o que faz?... deixa-se cair morto! Está portanto provado, que o soldado castelhano é mais valente do que o portuguez.»

Noticias diversas.

Um livro de poesia. — O sr. Galleano Ravara, distincto poeta e professor de declamação addido actualmente á companhia lyrica de S. Carlos, vae publicar no principio do proximo anno e com o titulo — *Album Italo-Portuguez* — um livro de poesia italiana, a par da qual se achará a competente versão portugueza, feita por alguns dos nossos mais recommendaveis escriptores da actualidade.

A opinião, que abaixo transcrevemos, do nosso insigne poeta e benemerito compatriota o sr. Antonio Feliciano de Castilho sobre o merito da publicação que o sr. Ravara vae fazer, é por si só uma recommendação valiosissima, e dispensa-nos de dizermos, por em quanto, mais cousa alguma sobre o assumpto.

«A publicação de um livro é sempre em nossa terra uma novidade; a de um livro de poesia duas novidades; a de um livro de poesia italiana, e excellente poesia, tres novidades, ou antes um acontecimento sem precedente. O *Album* do sr. Ravara, de que eu me ufano de ser apresentador ao nosso público illustrado, não deve ser de modo algum confundido com os outros individuos da familia mais numerosa e mais fatal, que é a de Agamemnon, a familia dos albuns.

Os outros, que de toda a parte nos perseguem, nos toucadores, nas jardineiras das salas, nos indispensaveis das mamans officiosas, no bolso dos servidores de damas; que nos assaltam no meio dos trabalhos mais serios, pedindo-nos a contribuição forçada de um louvor insipido, ou n'um passeio ocioso, impondo-nos a mais afflictiva, a mais ingloria, e a mais inutil de todas as tarefas; os outros, escandalo dos poetas, e descredito dos prosadores, mereceriam perfeitamente o seu titulo de livro em branco, se o lapis, o pincel e a penna se não tivessem encarregado de o desmentir materialmente.

Não assim este que ides folhear talvez por descanado e distracção, ao principio, mas que logo vos convidará a segui-lo da primeira linha até á ultima, e, depois de lida ella, a recomeça-lo.

O *Album italo-portuguez* é uma obra do coração para o coração. Dizer que é poesia não é dar idéa delle; é o sentimento melancholico, são os affectos mais delicados, revestidos da mais luxuosa fórma lyrica. É impossivel não amar a alma que vem do fundo do labyrintho das suas penas reaes ou imaginarias, mas, ainda quando imaginarias, sempre reaes para quem as ceva, lançar-se, coberta do seu lucto, no seio ás almas compassivas que não conhece, muitas das quaes estão ainda por nascer, e, com a confiança de irmã para com irmãs, as inunda, as repassa das suas lagrimas, e, logo que um suspiro alheio lhe esvoaçou sobre ellas, gosa toda a voluptuosidade do martyrio.

Tal é o caracter deste opusculo, e o do auctor, porque aqui o auctor e o livro são um só. Os seus versos não são inventados por elle, são por elle vividos; concebe o mundo assim; não crê em prazeres que não contenham em germen desenganos; antevê no baile o cançaço, na infancia as cãs, na flôr o pó, na formosura o esqueleto. Que de mallogros de desejos, que de mentiras da fortuna não foi necessario haver passado, para que aos trinta annos se chegasse com um soberbo talento e uma lyra magnifica a não cantar senão magoas, a não acreditar senão na dôr! Mas esses segredos são os seus; não pensemos em sonda-los.

Que importa uma biographia? O que importa, o que interessa é o estado de um espirito e de um coração. Saudades da patria, sobre tudo quando a patria é a Italia; saudades de mãe, sobre tudo quando o amor filial arde em poeta; saudades dos sitios em que voou a infancia; saudades tambem, por certo, de algum objecto destes que se adoram com a alma de joelhos e sem ousar proferir-lhe o nome. Saudades, sempre saudades; eis, debaixo de mil fórmas, o assumpto perenne do seu canto, como a melancholia e a doçura constituem, por entre as amenidades da noite, todas as meditações religiosas e namoradas do rouxinol.

Festa de Santa Cecilia. — No dia 22 de novembro proximo passado, teve logar na egreja dos Martyres a festa de Santa Cecilia, feita, segundo o costume, pela irmandade dos artistas musicos.

O numero de cantores e instrumentistas, que se acharam no côro, foi aproximadamente de cento e cincoenta. Executou-se uma missa nova do sr. Francisco Antonio Norberto dos Santos Pinto; e todas as pessoas entendidas são conformes em dizer, que esta musical e religiosa composição é mais uma perola para a brilhante corôa artistica, que já adorna a fronte do habil *maestro* nosso compatriota.

Os srs. Swift, Prudenza, Bartolini, e Dall'Aste concorreram para abrilhantar a festividade, cantando os primeiros um duetto — *Domine Deus* — e os dois segundos outro — *Quoniam* — havendo-se tanto uns como outros com grande mestria. Houve um solo de meio soprano — *Laudamus* — cantado pela sr.ª Lisboa, alumna do nosso Conservatorio, que satisfez; e outro de soprano — *Qui sedes* — desem-

penhado pela sr.ª Cossoul, por um modo superior a todo o elogio.

Sua Magestade El-Rei assistiu á festividade, como sempre costuma, e fez a honra de dirigir expressões assás lisongeiras tanto ao orador o sr. padre Carvalho, como ao compositor da missa, o sr. Santos Pinto. O concurso, especialmente de senhoras, esteve pouco numeroso em consequencia do pessimo tempo.

No dia 2 do corrente teve logar o officio de defunctos, cantando-se as *Matinas* de Perez, missa de *Requiem*, de Mozart, e *Libera me*, de Jomelli; sendo maravilhosamente executados os solos de baixo profundo — *Qui Lazarum* — *De profundis* das *Matinas*, e o *Tuba mirum* (do quartetto) da missa pelo estimavel e distincto cantor o sr. Dall'Aste, cuja voz magestosa e potente chegou a descer clara e francamente até ao *ré* do segundo espaço inferior.

A *Associação dos Artistas Musicos* é digna de todos os elogios, por a boa escolha que fez de peças para as duas solemnidades de que acabamos de fallar.

Theatro lyrico do Porto. — Tem continuado a ir á scena a *Maria di Rohan*, de Donizetti, e o *Attila*, de Verdi, alcançando sempre os maiores applausos, tanto em uma, como em outra opera, a sr.ª Laura Giordano, e depois della os srs. Ceresa, e Bartolucci. A joven *prima donna* sr.ª Angelica Pettretini deve ter *debutado* a estas horas com o *Zampa*, de Herold.

Partida. — O sr. Antonio Porto partiu no dia 1 do corrente para París, a fim de escripturar (segundo se affirma) uma *prima donna*, que venha substituir as sr.as Agostini. Ficou interinamente encarregado da direcção do theatro o sr. *maestro* Francisco Xavier Migoni.

Deposito do Centro Commercial. — *Rua das Portas de Santa Catharina n.º 53 e 54, junto ao largo das duas igrejas.* — O *Centro Commercial* acaba de abrir um Deposito na rua das Portas de Santa Catharina n.º 53 e 54, junto ao largo das duas igrejas. Neste Deposito, *além da livraria*, ha para vender os seguintes objectos, e outros que serão successivamente annunciados:

Abotoaduras para coletes — Alfinetes — Agulhas — Alfinetes de peito para senhora — Braceletes — Oculos de theatro — Oculos de vêr ao longe — Pulseiras elasticas — Pulseiras de froco — Objectos para lucto — Navalhas de barba — Estojos mathematicos — Estojos de viagem para homem — Indispensaveis de costura — Caixas ricas de costura — Cabasinhos para crochet — Agulhas para meia — Pennas d'aço francezas e inglezas — Tinteiros de mola para viagem — Solas de gutta-percha para o calçado em tempo de inverno — Tinteiros de gutta-percha, de vidro, de porcelana, de folha, etc. — Charuteiras de móla (novo systema) — Ditas com carteira para dinheiro, e livrinho de lembrança — Carteirinhas para dinheiro — Pendulas — Cadeias para relogio — Molduras de gutta-percha — Collecção de guarda-luz de diversas qualidades e gostos — Estampas finissimas para tampas de caixas e para quaesquer cartonagens — Ditas em relevo — Escovas para cabeça, para pente, para unhas, para fato, para dentes, etc. — Pinceis para barba — Bengalas d'oculo para viagem — Bengalas de diversos gostos — Cachimbos — Jarros e bacias de gutta-percha — Açafates de gutta-percha para biscoutos e para pão — Ditos de casquinha, e de electro-prata — Objectos de grés: leiteiras, mostardeiras, jarros, etc. — Objectos de vidro — Porta conservas — Porta licores — Galheteiros — Tubos de gutta-percha para encanamento de gaz ou de liquidos — Copiador electro-chimico para cartas — Apparelhos para fazer agua gazósa — Alfinetes d'aço — Ditos com corrente para pregar chailes — Sinetes com cabos de marfim, de vidro, de páu, etc. grandes para escriptorio, e pequenos para firma — Tubos de moldar cigarrilhas — Quinquilharia franceza para creanças — Phosphoreiras, castiçaes, cinzeiros, objectos diversos, imitações de bronze — Espatulas e facas de buxo, marfim, e madre-perola, para cortar papel — Estojos com sinete, caneta e faca de cortar papel, para escrevaninha de senhoras — Fechos e cantos para livros de missa — Livros de missa encadernados em veludo — Camaras obscuras — Thermometros — Globos geographicos — Jogos historicos e instructivos — Collecção de estampas para os que aprendem a desenhar — Papel-panno inglez para encadernações — e *muitos outros objectos*.

O *Centro Commercial* encarrega-se de mandar vir quaesquer objectos de Madrid, París, Londres, mediante as seguintes commissões: 6 % para todas as encommendas até o valor de 100$000 réis; e 4 % para as encommendas que excederem este valor, sendo de conta das pessoas que encommendam as despezas de compra, frete, etc., e em seu favor os abatimentos feitos pelos vendedores. Nas commissões comprehendem-se as despezas de correspondencia, transferencia de fundos, e agencia no reino e fóra.

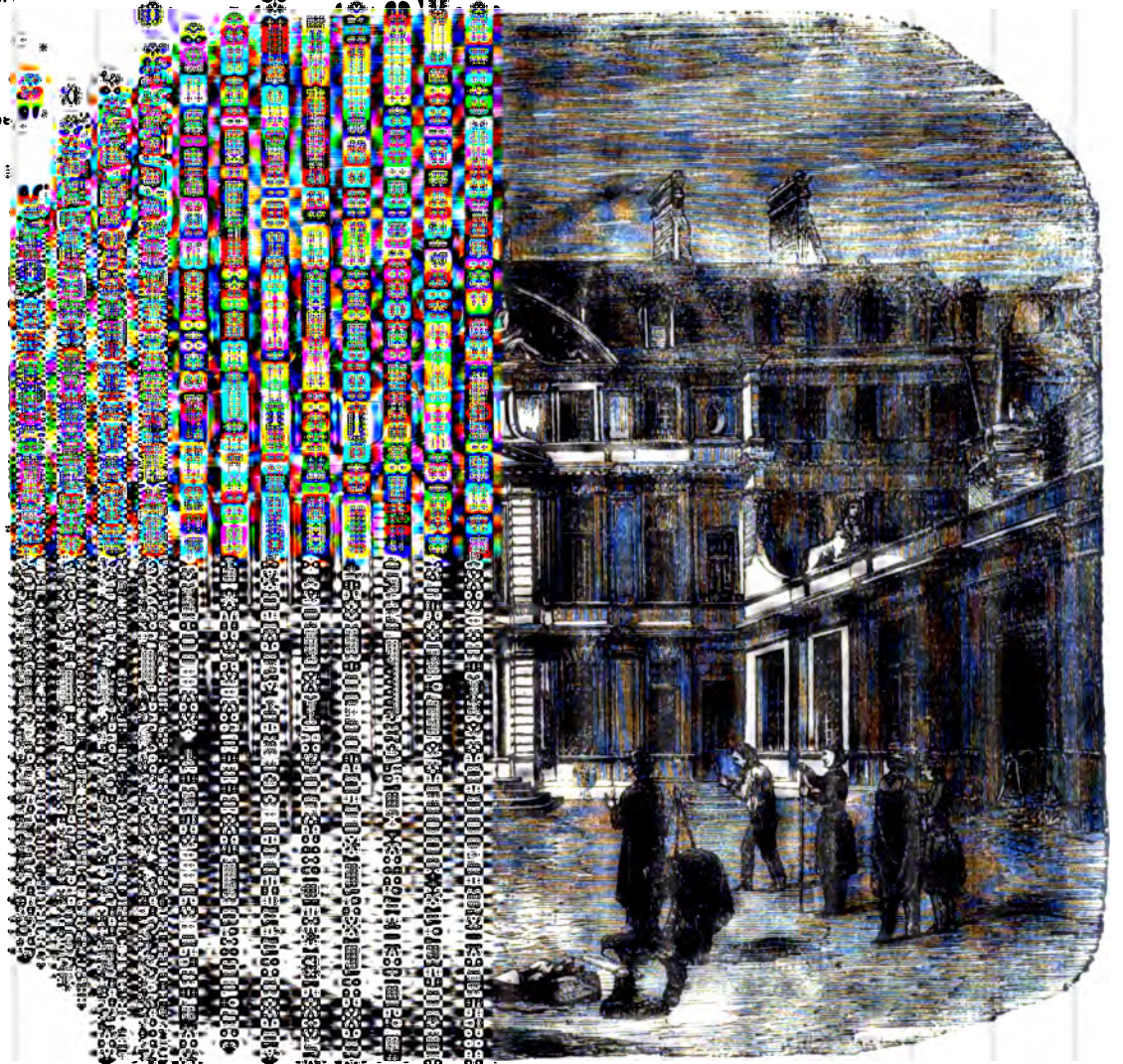
Não se dá seguimento a qualquer encommenda sem que tenha dado entrada na caixa a importancia provavel do objecto encommendado, liquidando-se a conta no acto da entrega.

Para as encommendas de livros estrangeiros regulam os principios estabelecidos desde a fundação da livraria do *Centro Commercial*.

Recebem-se assignaturas para os jornaes estrangeiros, e encommendam-se livros para Hespanha, França, Inglaterra e Estados-Unidos.

Junto ao Deposito do *Centro Commercial*, a cima annunciado, acha-se estabelecido outro Deposito de vinhos engarrafados e licôres, no qual está á venda o vinho da Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, por conta da mesma Companhia, vinho da Madeira, vinho Moscatel de Setubal, etc.

N. B. O Deposito da Companhia do Alto Douro, é o unico por ella authorisado em Lisboa.



Incêndio do museu das artes e manufacturas em Paris.

[illegible] foi [illegible] civis, [illegible] em

polynomios algebricos; a resolução dos problemas determinados do primeiro gráu a uma ou mais incognitas; as proporções; a extracção das [illegible]

egualdade dos triangulos e das figuras rectilineas; linhas proporcionaes; propriedade do triangulo rectangulo; traçado da circumferencia por tres pontos; tangentes; media proporcional entre duas rectas; propriedades principaes de perallelogrammo, do losango, do trapesio, dos polygonos regulares; calculo da relação do diametro á circumferencia; calculo das áreas das figuras planas e rectilineas, do circulo, de um sector; propriedades dos planos; noções geraes sobre a similhança; propriedades pricipaes dos polyedros mais simplices, do cylindro, do cone de revolução, da sphera; area e volume dos polyedros e dos corpos redondos; relações destes corpos.

Para a *geometria curvilinea* preferem-se as demonstrações pelos infinitamente pequenos ou pelos limites.

Composição geometrica. Os candidatos obrigados a construir, em uma escala dada, com regoa e compasso alguns problemas de geometria elementar.

Apontamentos de uma Viagem de Lisboa á China.

A obra do sr. Caldeira é importante pelas noticias, que dá de Macáu, e dos portos da China. O sr. Caldeira, foi á sua custa, expondo-se a todos os incommodos de uma dilatada viagem, e até aos perigos de navegações temerosas, para trazer a Portugal noticias de utilidade e honra, para a decrepita monarchia Lusitana.

Em uma das duas vezes em que, por temeridade, dois dos nossos Officiaes de Marinha foram victimas dos piratas, escapou o sr. Caldeira, como por milagre, ficando todavia gravemente ferido.

Com a obra do sr. Caldeira é possivel, e mesmo provavel, que aconteça o mesmo que tem acontecido com outras obras similhantes de portuguezes benemeritos, que escreveram sobre as nossas colonias, isto é, passará desapercebida dos nossos *homens d'Estado*, dessa collecção de capacidades tacanhas, de que tem dependido, e depende a sorte do paiz. Na obra do sr. Caldeira não só se encontram noticias circumstanciadas de Macáu, mas ainda dos cinco portos da China, que europeos e americanos frequentam hoje.

Muito se tem escripto delles em diversas linguas, mesmo em hespanhol: os que não têem lido essas obras, jornaes, e periodicos, acharão bom supprimento na obra do sr. Caldeira: para o geral dos portuguezes será sem duvida essa parte da sua obra novidade completa.

E o leitor acompanhará a cada pagina o escriptor em suas máguas pelo incrivel abatimento, em que a posse de Portugal na China se acha. Ahi só se reconhece o que fômos, e não o que sômos.

Para se conservar, ainda que muito mal, a nossa cidade na China, diz o patriota escriptor — economia, e mais economia nas despezas publicas: acabe-se com as despezas inuteis, e reduzam-se as necessarias. — Esta sentença é egualmente applicavel a todo o reino de Portugal: sem a sua realisação, não é possivel a moralidade publica, e sem a moralidade não ha nacionalidade. E a nossa ir-se-ha por este andar.

Não nos permitte o animo deixar de aqui transcrever os seguintes trêchos da obra do sr. Caldeira.—« Se a nação está pobre, vivam pobremente os seus empregados. Que verdadeira necessidade ha de darem bailes e jantares? Estas cousas lá para fóra, só servem para sermos escarnecidos pelos estrangeiros, que dizem, com muita razão, que no meio de todos os nossos desarranjos, e miserias governativas, só sômos fortes em ridiculas ostentações e pataratices. Façam-se, os nossos Governadores das colonias; e em geral todos os empregados, distinguir pela probidade, pelo zêlo no bem estar dos seus governados, e embora vivam com a maior simplicidade, hão de sempre adquirir o amor, e respeito dos nacionaes, e a veneração dos estrangeiros. Os Albuquerques, e os Castros viveram pobremente; mas foram os heróes da sua época, e tem sido, e serão a admiração da posteridade. »

O sr. Caldeira aconselha tambem que sejam dotados de um direito protector razoavel os generos e artefactos chinas, que vierem de Macáu, em vasos portuguezes, porque disso póde resultar-lhe algum bem, e maior ainda para a moribunda navegação portugueza para a China.

Sceptro e punhal.

V.

As damas de honor.

(Continuação.)

Os leitores terão a condescendencia de retroceder commigo ao principio do capitulo anterior: talvez todos ou a maior parte desejam saber o que acontecia no gabinete da rainha, em quanto na alcova se passavam coisas tão extraordinarias. Nada mais justo: dar-lhes-hei entrada nesse agradavel recinto, onde naquelle momento se achavam algumas damas, todas jovens, e por conseguinte todas formosas, pois geralmente o romance não rende culto á fealdade senão quando esta chega a um gráu de monstruosidade sublime.

Estas damas, eram escolhidas entre as familias mais nobres do reino, e entravam no numero das pessoas empregadas no serviço particular da rainha. Como os reis quasi sempre intervinham na escolha, claro está, que esta sempre recaia nas mais lindas, e ainda com maior razão se, como Filippe IV, queriam ter por este modo um viveiro de amantes nada inferior a um harem dos orientaes.

Eram quatro as que naquelle instante se achavam assentadas ao redor de uma pequena mesa, no gabinete da rainha, occupando-se em bordarem um finissimo tapete. Ainda que todas quatro fossem bellas, distinguia-se todavia entre el-

las uma de rosto delicadissimo e elegante figura com a qual já é tempo que os meus leitores fáçam conhecimento.

Teria apenas dezoito annos, e apesar disso as suas fórmas apresentavam um desenvolvimento proprio das que já passam dos vinte: a tez era alvissima, e os olhos e cabellos negros como o ébano. O seu traje simples e elegante, como era peculiar das senhoras hespanholas daquella época, consistia em um vestido comprido de mangas perdidas, terminando por uma romeira de preguinhas que lhe circumdava o pescoço. Esta joven era a sobrinha do conde-duque de Olivares, D. Isabel de Gusmão.

Toda a côrte sabia que o conde-duque em uma época em que o seu poder vacillava, tirára do convento a sua sobrinha orfã, no firme proposito de tirar partido da sua maravilhosa formosura fazendo-a querida do rei. Havia um anno que este gemia captivo dos encantos de Isabel de Gusmão, a qual como orfã e enexperiente tinha succumbido, depois da valorosa lucta, ás continuas seducções do monarcha. A pobre menina immolada por seu perfido tio nas aras da ambição, soffria interiormente um combate implacavel e surdo entre o amor que sentia para com o rei, que tinha colhido as primicias do seu nobre e puro coração, e a deshonra que cobria o seu nome.

Achava-se collocada Isabel no meio de duas lindas morenas de talhe delicado e mediana estatura: chamavam-se Mathilde e Luiza Giron.

A quarta era a estouvada e travessa Leonor de Haro, sobrinha tambem do conde-duque e irmã do futuro ministro D. Luiz.

— Não vês? dizia esta em voz baixa a Luiza, Isabel faz-se hoje séria comnosco: aposto que não sabes a razão?

— Sabel-a tu?

— Sem duvida.

Isabel ergueu a cabeça que tinha inclinada sobre o bordado.

— É possivel Leonor? disse com doçura, sempre has-de estar murmurando!

— Sim, murmurando, respondeu esta fazendo um engraçado gesto de agastamento. Peior é representar entre nós o papel de grande senhora.

— Mas Leonor... exclamou Luiza, não queres dizer-me a causa?...

— Ah! sim: a causa da seriedade de Isabel: vou a isso. Está entendido, como não a viste esta manhã em conversação secreta com a camareira mór! Com a sr.ª duqueza, que é tão rigida! Apesar de ser minha tia, tenho-lhe um respeito!

— Sempre está chamando-nos meninas! accrescentou Mathilde. E isto é tendo eu já completado os meus dezoito annos...

— E eu.

— E eu, exclamaram ao mesmo tempo Luisa e Leonor.

Quasi se póde assegurar que das tres, ao menos duas mentiam; mas na ditosa edade em que se achavam, havia prazer em augmentar os annos, assim como é provavel que passados alguns o teriam em diminuil-os.

— Pois não julgueis que é só isto, proseguiu Leonor. Não é só com minha tia que Isabel tem segredos, mas tambem com a rainha.

— Com a rainha!

— Sim, com ella mesma! Já se vê, como nós sómos mais môças!... Perto de uma hora estiveram dando á taramela em voz baixa e com mysterio.

— Que tu haverás tido cuidado de averiguar, não é verdade, Leonor? perguntou Isabel com alguma inquietação.

— Nada disso. Boa vontade não me faltou; mas como a rainha ordenou que não me movesse deste sitio... e fallaveis tão devagar não poude pescar nem uma palavra. Só ouvi pronunciar um nome.

— Talvez o de meu tio o conde-duque, disse Isabel com affectada indifferença.

— Não, querida Isabel: esse nome não teria chamado a minha attenção como o de Villamediana.

— O do conde? exclamaram Luisa e Mathilde ao mesmo tempo e com certo ar de interesse.

— Não façaes caso do que diz Leonor. Não sabeis que é visionaria?

— Mas ouço perfeitamente, minha querida. Ora vamos, não te perturbes por isso Isabel: desagradou-te talvez que eu pronunciasse esse nome?

— Não por certo, respondeu esta procurando conservar serenidade; mas asseguro-te...

— É acaso um crime fallar de um cavalheiro tão galan como o conde?

— Se te ouvisse a camareira mór!... disse Mathilde.

— A camareira mór! sempre estaes com a mesma cousa!

— Por amor de Deus, lembra-te que te póde ouvir, exclamaram as duas irmãs Giron olhando inquietas para a porta da alcova da rainha.

— Não façaes caso... Se não tiver o ouvido applicado á fechadura, podemos fallar sem receio. Minha tia antes de casar-se mais gostaria de fallar de rapazes do que de resar. Por isso tenho eu tambem tanto gosto de fazl-o.

— O que estás dizendo Leonor?

— Ora pois! fazei-vos agora innocentes! Vós todas tendes tantos desejos de casar como eu. Ao menos se estivessemos casadas, já a duqueza não poderia ralhar comnosco como faz agora.

— É verdade.

— Tens razão.

— E tu não desejas Isabel?

— Eu? respondeu esta dando um suspiro. Não sei.

— Sempre te has de fazer mysteriosa comnosco. Quererias antes continuar a estar no convento?

— Não sei, tornou a repetir a joven a quem as perguntas de Leonor tinham abysmado em triste meditação.

— Pois tornando a Villamediana, sabeis o que meu irmão Luiz dizia delle ha dias?

— O que dizia?

— Que era victima de uma paixão profunda. E sabeis o que é uma paixão profunda?

— Já se vê que sim, disse Luisa com ingenuidade, isso quer dizer que está enamorado.

— Enamorado! exclamou Isabel erguendo a cabeça.

— Mas de quem? perguntaram as duas irmãs.

— Nem meu irmão o sabia; entretanto affirmava que esse amor envolvia algum segredo...

— Teu irmão dizia isso? perguntou Isabel.

— Tal e qual: mas parece-me que este negocio te interessa?

— Não creias: a curiosidade...

— Não tendes observado a tristesa do conde de algum tempo a esta parte?

— Não se falla de outra cousa na côrte.

Neste momento ouviram-se gritos confusos á porta do gabinete.

— Deixae-me, gritava uma voz aguda, que as jovens reconheceram immediatamente, deixae-me imprudentes. Sabeis o que fazeis? Negar-me a entrada no aposento da rainha! A mim, a quem deveis respeitar como a vosso unico legitimo senhor! Tomae conta, velhas do demonio não cáia sobre vós a vingança de Nicolasico I.

— É o bôbo, exclamou Leonor levantando-se e correndo para a porta da ante-camara. Deixae-o entrar, Maria Perez.

— Mas Leonorsinha, disse a aia assomando á padieira da porta o descarnado e comprido nariz, não sabeis que sua magestade deu ordem...

— A ordem não se entende com Nicolasico.

— Ouviste, carantonha octogenaria? gritou aquelle entrando no gabinete com ar triumphante, para mim não ha portas fechadas em palacio.

— Em boa hora chegas, exclamaram as irmãs Giron vendo o anão, vem divertir-nos um pouco, por que Isabel contagiou-nos a todas com a sua tristesa.

— Com que então quereis que vos divirta, heim? disse o bôbo cravando nellas com malicia os olhinhos verdes. Quereis que vos divirta como no outro dia?

— Não Nicolasico, por amor de Deus, exclamaram assustadas as duas irmãs.

— Então o que aconteceu? perguntou Leonor.

— Que um dia dos passados tendo-lhe dito que nos divertisse, nos fez por fim chorar.

— De riso, minha querida. Vêde lá se se divirtiram.

— Mas o que lhes disseste diabrêta? Ora vamos, contae-m'o vós, disse Leonor dirigindo-se ás duas irmãs.

Luisa e Mathilde coraram.

— Não nos lembrâmos agora...

— Devéras? Pois eu lembro-me, exclamou o bôbo. Quizestes que vos divertisse, e como cada qual tem a sua maneira de divertir, eu fiz-lo referindo-vos algumas particularidades... por exemplo, os nomes dos vossos amantes...

— Olá, olá! Com que então as innocentes já têem amantes. E quem são?

— Não creias Leonor. Eu por minha parte não tenho nenhum, disse Mathilde.

— Nem eu, accrescentou Luiza.

— Não importa, quero que Nicolasico me diga os seus nomes.

— Estás disposto a dizer-lh'os? perguntaram as duas irmãs com um tom supplicante.

— E por que não? respondeu o bôbo. Só acho um leve inconveniente.

— Qual é? perguntou a travêssa Leonor.

— Que ao tempo de pronunciar os nomes desses galans, póde tambem escapar-me o do vosso, Leonor.

— O do meu? Julgas que me assusto tão facilmente como Luiza e Mathilde.

— Quereis que vos diga o seu nome?

— Sim, mas ao ouvido.

O bôbo aproximou-se a Leonor e disse-lhe ao ouvido algumas palavras.

— Como sabeis isso? disse esta.

— Revelou-m'o a minha sciencia.

— A tua sciencia!

— Sim, a minha sciencia. Não sabeis que sou astrologo?

— Astrologo, tu? disseram as tres, rindo-se ás gargalhadas.

— Ah! sois incredulas! exclamou o bôbo, pois vou dizer em alta voz todos os vossos segredos...

— Não, não Nicolasico, acreditamos-te, exclamaram as jovens com viveza.

Isabel permanecia triste e pensativa com a cabeça inclinada sobre o trabalho que tinha entre mãos; o ruido das gargalhadas das suas amigas não tinha podido distrahil-a da sua profunda meditação. O bôbo fixou os olhos nella, e como se uma recordação se despertasse em sua memoria, vagou-lhe por os grossos labios um fugitivo sorriso.

No intervallo de silencio a que deu logar esta ligeira contemplação, chamou tambem a attenção das tres jovens a melancolia da sua amiga. Leonor, que apesar da sua natural vivesa, e travessura, tinha excellente coração, e amava ternamente a Isabel, commoveu-se ao reparar na extrema pallidez que lhe cobria as faces, e que fazia similhar a sua formosa cabeça á de uma estatua de marmore branco.

— Querida Isabel, disse aproximando-se a ella. O que é, que te intristece por fórma tal, que, permaneces estranha aos divertimentos das tuas amigas?

A formosa joven ergueu e abanou então a cabeça, como se tratasse de lançar fóra de si um pensamento importuno: depois lançou-se nos braços de Leonor, e estampou-lhe um beijo nas rosadas faces obtendo outros muitos em retribuição. Era o desafogo de um coração opprimido por um pesar amargo e continuo; era a dôr mitigada por um terno carinho. Os cabellos louros e annelados de Leonor confundiram-se por momentos com os negros e lustrosos cabellos de Isabel.

Se Velasquez, fechando a alma á commoção

que deveria causar-lhe esta scena, tivesse podido contemplar aquelles dois lindos modêlos com os olhos do artista, o seu talento talvez tivesse legado mais um titulo á nossa admiração e enthusiasmo.

O proprio Nicolasico subjugado por aquelle terno espetaculo, fez um esforço para suffocar o sentimento de compaixão que esta scena tinha feito nascer em sua alma pervertida e diabolica.

— Com o amor de um desses anjos, disse elle surdamente, ainda seria possivel a minha salvação!

Mas o bôbo não póde inspirar amor . . . Só inspira riso e despreso! E um amargo sorriso lhe contrahiu os labios: o seu rosto retomou a expressão de implacavel maldade que lhe era habitual.

As duas amigas permaneceram por algum tempo abraçadas, até que Isabel envergonhada de sua fraqueza, separou suavemente os braços dos da sensivel Leonor: um ligeiro carmim substituiu a pallidez de suas faces: Isabel tratou de occultar o rosto entre as pregas do seu alvo lenço.

Luisa e Mathilde aproximaram-se a ella com interesse, e aquellas quatro cabeças juvenis, bem depressa formaram um grupo encantador, impellidas por um sentimento de ternura e de attracção. Eram tão môças! Ainda não tinham dado abrigo em seu peito ás mil pequenas paixões, que formam depois a parte essencial do coração da mulher.

(Continua).

A Academia de improvisação do sr. Bindocci. *

Na quinta feira, 28 de dezembro teve effectivamente logar a ultima academia de improvisação do distincto poeta italiano.

Foi talvez esta, de todas as academias que tem dado o sr. Bindocci, a mais brilhante e escolhida na concorrencia, a mais variada e completa para a critica do espectador intelligente.

As nossas letras e poesia, representadas pelo sr. Castilho e visconde de Almeida Garret, o jornalismo, delegado em muitos dos seus mais illustrados membros, a aristrocracia e mais escolhidas classes da sociedade da capital, tudo fazia parte do auditorio, que escutou os momentos, por vezes sublimes, e sempre arrojados, do copioso cantor de Carlos Alberto.

O inspirado vate, vendo-se circumdado de tão intelligente concurso, ergueu-se ás mais privilegiadas regiões da poesia e do talento. Em vôos de feliz inspiração a sua phantasia, como ateada de um fogo communicativo, electrico, vestiu de gallas de estylo os mais aridos assumptos. derramando-se esplendida de imagens e opulenta de conceitos sobre todos os argumentos apresentados pelos concorrentes.

* Esperança.

È realmente vendo o sr. Bindocci, nos momentos felizes de uma improvisação fluente, impetuosa e arrebatadora, que se comprehende o que é o verdadeiro poeta. Naquella physionomia que reflecte as mil sensações de uma alma abrazada pelo estro devorador, naquelles olhos que se dilatam ou contrahem, scintilando ateados de uma chamma sublime, naquella gesticulação phrenetica e ardente, como excitada por um poder superior, é que se manifesta em todo o esplendor da sua evidencia soberana a virtude dessa ligação intima que caracterisa o poeta, elevando-o acima das turbas e aproximando-o da divindade. Por mais de uma vez o auditorio arrebatado, e como compellido da força magica que incendiava a imaginação do admiravel improvisador, rompeu em salvas de applausos sinceros e vehementes.

Os assumptos propostos ao sr. Bindocci foram infinitos; porém os principaes sobre que, com uma promptidão e facilidade pasmosas discorreu, foram *I futuri destini dell'Italia, La morte del tribuno romano Cola da Rienzo, La felicità di chi possiede un buon cuoco. La caduta di Venezia, Se i cani potessero parlare, cosa dicebbero a loro padroni.*

Sobre todos estes themas discorreu com felecidade incrivel. Quando improvisava sobre os destinos da Italia, levado por um daquelles impetos de fogoso patriotismo, feição predominante do seu caracter poetico, proferiu estas bellas strophes, em que, por uma imagem arrojada, Victor Manuel, symbolisado n'um astro, solta a energica e sublime apostrophe que se segue:

Pàr che dica: Sgombrate, o comete,
Che più Italia vorreste depressa.
La mia luce fia sempre l'istessa,
La mia fede giurata, l'onor.

Io non sprezzo l'altare di Roma;
Ma non cangio le regie parole.
Son scintilla d'un italo Sole
Ch'in me infuse il suo puro fulgor.

Além destes assumptos, o sr. Viale, bem conhecido entre nós pelos seus profundos conhecimentos sobre as linguas cultas, apresentou um bello soneto, sobre o qual, adstricto ás mesmas rimas, o poeta italiano improvisou immediatamente outro soneto, em que resumbra todo o fogo da sua alma energica e patriotica.

Transcrevemos os dois sonetos: primeiro o do vate portuguez, depois o do sr. Bindocci.

Ebbero in Roma già di gloria e onore
Nobil gara fra lor la toga e il sago:
Tullio di a quella si mostrò più vago;
Preferì l'altro il magno Dittatore.

E in pace, e in guerra illustre e vincitore,
Nou fù mai di trofei contento e pago
L'antico popol re, di cui l'immago
Ha in fronte raggio d'immortal splendore.

Itala gente, abbenchè rio destino
Or nell' armi ti nieghi il primo vanto,
Pur sei prole di Numa e di Quirino. . .

Vedràllo Europa un dì. . . Tu sciogli intanto,
Bindocci, caldo il cor d'estro divino,
Augurio dì vittoria, un lieto canto!

—

Roma fù specchio di virtù, *d'onore*
Quando i suoi figli al par vestiano il *sago*,
Ma perdè libertà quando sol *vago*
Fù d'imperio il primier suo *Dittatore*.

Il popolo, ora vinto or *vincitore*,
Dei Cesari, e dei Rè non fù mai *pago*.
Roma alfin di mollezza offrì l'*immago*,
Ed apparve eclissato il suo *splendore*.

Pur fra i sudditi e i Rè siede un *destino*
Che or toglie a questi, a quelli or dona il *vanto*;
Che non distrusse il germe di *Quirino*.

E se l'Italia giace oppressa *intanto*,
Un di riadorna di fulgor *divino*
Potrà intuonar della vittoria il *canto*.

O sr. Bindocci antes de partir para Italia dispõe-se a dar algumas prelecções de declamação italiana. Convidâmos os nossos jovens poetas e amadores do formoso idioma de Petrarca e Dante a aproveitarem-se desta especie de curso de poesia italiana. Uns e outros aproveitarão muitissimo com a pratica e convivencia de um tal mestre. As bellezas e sublimidades de Tasso, Ariosto, Alfieri e Manzoni, explicadas por um seu confrade, ganharão novo fulgor para com a nossa mocidade talentosa; e a opulenta lingua da Italia, tão rica de sons, tão altiva de gallas e arrojo poetico, na bocca do sr. Bindocci, concitará talvez as nossas intelligencias mais illustradas á acceitação de uma escóla de declamação, em que a par da energia, fogo e verdade de expressão se encontra a harmonia do gosto como complemento da idéa.

Andrade Ferreira.

Instrumentos de Sax.

Hoje que se vae generalisando o uso dos instrumentos de Sax, julgâmos a proprosito fazer sobre elles algumas observações. Appareceram estes instrumentos, e pela analogia que têem (por causa dos cylindros) com os cornetins á piston, não foi estranha a escala para alguns artistas; porém as alterações que o auctor lhe fez, e sobre tudo a maneira mais conveniente de escrever para elles, eis o que nos parece estar ainda entre nós assás desconhecidas. Afim de esclarecer estes pontos, julgâmos convenientes as seguintes breves explicações. — O Sax horn divide-se em 11 especies: tres sobre agudos, sendo uma em fá, outra em mi *bemol*, e outra em ré, duas contraltos, uma em dó, outra em si *bemol*; duas tenores, uma em fá, outra em mi *bemol*; duas Barytonos, uma em dó, outra em si *bemol*; duas contrabaixos, uma em fá, e outra em mi *bemol*; abrangendo no todo uma extenção de cinco oitavas. Fazer uma analyse dos recursos destes bellos instrumentos, sería longo, e improprio deste jornal, por não ser especial da arte de musica; sómente diremos, pois que apesar de não concordarmos com o auctor em querer as bandas de musica sómente compostas destes instrumentos; por que de tal causa o effeito deve por força resultar monotono, como muito bem já notou Mr. Fetis; com tudo lastimâmos, que não estejam mais aproveitados nas bandas, principalmente os sobre agudos, contraltos, e tenores; e nas orchestras os contrabaixos em substituição aos ophicleides, instrumentos imperfeitissimos, principalmente na primeira oitava. Tratando porém das bandas de musica militar, onde elles vão progressivamente sendo introduzidos, diremos que attendendo mesmo ás alterações, que a miudo soffrem os tocadores, mudando de instrumento, segundo as necessidades que existem, deveria escrever-se para todos os sax-horn, na clave de sol na 2.ª linha, e fazer-lhe o transporte conveniente, afim de que diapasão do instrumento fosse sempre o do dó maior como se usa para os clarinetes, trompas etc.; resultando por conseguinte uma vantagem para o tocador, pois que ainda que mudasse de especie, a escala era sempre a mesma, e a clave tambem. Convem advertir, que nos sax-horn contrabaixos, o 3.° cilindro não baixa as notas do diaposão natural uma 3.ª menor, como os das outras especies, porém, sim uma 3.ª maior; sendo necessario, que as notas que nos outros se dão com o 3.° cylindro, nestes se dêem com o 1.° e 2.°, e aquellas que se dão nas outras com o 3.° e 2.°, nestes só com o 3.°

No *Deposito do Centro Commercial* se encontra algum sortimento destes instrumentos; e qualquer comprador que exija alguns esclarecimentos sobre o que fica dito, indicar-se-lhe-ha no referido Estabelecimento, na rua das Portas de Santa Catherina n.° 53 e 54, a quem se deve dirigir.

S. P.

Real Theatro de S. Carlos.

A demora involuntaria, que tem havido na publicação deste numero da *Revista*, não nos tem permittido apresentar em tempo competente a analise dos espectaculos dados ultimamente em o nosso theatro lyrico. Trataremos pois de preencher hoje esta lacuna, fazendo uma resenha de todos elles, e emittindo o nosso juiso a respeito de cada um, com a concisão a que somos forçados por a natureza e estreitos limites d'esta folha.

Zaide ou os dois Genios, baile fantastico em tres quadros, é uma composição coreographica, que faz honra ao sr. Segarelli como compositor, e que lhe tem dado occasião para estabelecer entre nós a reputação de excellente mimico, que alcançou e disfructa em Italia.

O baile do sr. Segarelli não é longo nem sobrecarregado de mimica enfadonha e ridicula, como outros muitos que temos visto em S. Carlos; mas é uma composição, que apesar da simplicidade do enredo e do seu rapido desenvolvimento, apresenta algumas situações interessantes, merecendo citar-se entre todas a do passo *fantastico-mimico-dançante* executado por as sr.as Monticelli e Costanza, e por os srs. Cappon e Segarelli, não só pela novidade que apresenta, e por ser a chave do argumento do baile; como tambem pelo gosto e criterio, que presidiram ao seu delineamento.

M.me Monticelli estreou-se na presente época theatral desempenhando a parte de *Zaide;* e o publico a recebeu com os applausos e as distincções de que é credora pelo elevado merito artistico que possue. O discernimento com que M.me Monticelli desempenha a parte mimica; a perfeição com que executa o solo do 2.° quadro e o grande passo a dois do 3.°, com o sr. Cappon, tem contribuido para engrandecer o conceito de insigne artista em que é tida, com justiça, por os frequentadores de S. Carlos. M.me Monticelli tem sabido profundar tanto os mysterios de Terpsichore, que, como dançarina, estamos convencidos deverá temer na actualidade a confrontação de bem poucas.

M.elle Costanza encarregou-se de exercer as funcções de *Genio do Bem*, e parece-nos que ninguem seria capaz de as desempenhar com mais graça, mais propriedade, nem de modo que mais podesse captivar as simpathias. Na scena do quarteto mimico, e sobretudo naquella em que obriga o *Genio do mal* (o snr. Segarelli) a voltar para os abysmos, M.elle Costanza é digna de todos os elogios, bem como o sr. Segarelli, o qual tem sido sempre immensamente applaudido pelo relevo que dá ao seu trabalhoso papel, gesticulando e procedendo em todas as occasiões, por um modo que perfeitamente satisfaz e esclarece o espectador.

O grande passo a dois é composto por o sr. Cappon, artista estimado pelo publico, e a quem este continua fazendo sempre muito lisongeiro acolhimento. A musica do baile, excepto a do passo a dois, é muito boa e composta pelo sr. Santos Pinto. O scenario e vestuario são bons. Em summa o nosso publico, que não é dos mais faceis de contentar, continua applaudindo sempre a composição do sr. Segarelli, apesar do grande numero de vezes que já tem sido representada; e neste simples facto está o maior elogio e o melhor titulo de gloria para o habil compositor e mimico.

O sr. Bartolini escolheu para espectaculo em seu beneficio o 1.° e 2.° acto dos *Puritanos*, o baile — *Os dois Genios* — e o 3.° acto da — *Maria de Rohan.* — Quem não conhecesse ainda o sr. Bartolini; quem não tivesse podido aprecial-o no *Nabucco*, *Foscari*, *Lucia* e nos *Puritanos*, bastar-lhe-ia vêl-o desempenhar a parte de *Chevreuse* no 3.° acto acima indicado, para o classificar distincto cantor e intelligentissimo actor. — Que sentimento e delicadeza de canto com que disse a aria — *Bella, e di sol vestita!* Que tremenda explosão de ira no pronunciar aquella sinistra frase do duetto com *Maria* — *E quando noto sia l'oltraggio, è d'uopo cancellarlo col sangue!* — Como lhe transluzia no rosto, nos gestos e no canto a infernal alegria, que lhe abrazava o coração ao proferir aquellas palavras:

È troppa la gioja
Mi toglie... il respir!

Applausos, bravos, poesias, e duas elegantes corôas, que cahiram aos pés do sr. Bartolini no momento em que acabava de cantar a sua aria, eis com que o publico testemunhou ao artista a simpathia e consideração que lhe merece.

M.me Castellan na parte de *Maria*, mostrou-se, como sempre, sublime cantora e enthusiasmou os espectadores com a maravilhosa execução da cavatina

Avvi un Dio che in sua clemenza.

O sr. Prudenza *(Chalais)* disse bem a sua parte, assim como o sr. Celestino *(Fiesque)*, que assumiu este papel por obsequio ao beneficiado.

A *Norma* tem sido campo de brilhantissimos triumphos para M.me Castellan. Desde a grande aria do 1.° acto até ao final do duetto com *Pollione* no 2.°, a insigne cantora desenvolve continuamente os seus recursos artisticos por um modo tal, que arrebata e surprehende. Em poucas palavras: M.me Castellan é, em nossa opinião, não só a primeira de todas as grandes sacerdotisas do templo d'*Irmensul* que temos visto, mas tambem a mais sublime cantora que temos ouvido em S. Carlos.

A parte de *Pollione*, que nas duas primeiras representações foi desempenhada pelo senhor Maccaferri, é agora, por circumstancias que occorreram, e a rogos da empresa, executada pelo sr. Prudenza, o qual apesar de ter de cantar uma parte cuja *tessitura* é bastante baixa para a sua voz, consegue fazel-o de maneira que lhe vale o ser applaudido na aria do 1.° acto, no duetto com *Adalgisa*, e no tercetto com esta e *Norma*.

Adalgisa (a snr.a Denovani) tem uma linda voz, desempenha discretamente a sua parte, e tem mesmo sido applaudida e obrigada a repetir com M.me Castellan a *cabaletta* do magnifico duetto do 2.° acto. Quizeramos porém, que os applausos não a fascinassem a ponto de a fazerem emprehender a execução de certas cadencias fóra de proposito, ou para que ainda não está sufficientemente habilitada. Lembre-se a sr.a Denovani que

« *A voli troppo alti e repentini*
« *Soglino i precipizi esser vicini.*

O sr. Dall'Aste é indubitavelmente um excellente *Oroveso;* e na *Norma*, bem como nas outras operas em que o temos ouvido, todas as vezes que a musica o obriga a conservar-se nos dominios do magnifico registro grave da sua voz, sabe tirar della um effeito pomposo e brilhante.

Bartolini desempenha a parte do protogonista no